

OSTENSOR BRAZILEIRO

Jornal Literario e Pictorial

PUBLICADO POR

VICENTE PERª DE CARVº GUIMARAENS

E

JOAO JOSÉ MOREIRA.

RIO DE JANEIRO.



TOM. I

1845

1846.

Lith: Ludwig & Briggs.

INDICE ALPHABETICO

DO PRIMEIRO VOLUME

DO

OSTENSOR BRASILEIRO.

Albuquerque (Resposta de hum). 168
Aldeiamento dos indios Uaicurús e Guanás. 262, 270
Alexandre de Gusmão (Vida e feitos de): vide — Biographias.
Amazonas (O). 194
America (Povoação primitiva da) e seus antigos monumentos. 130
Amor (Como se gera, e como entra, etc.). 90
« (Donde se derivou o vocabulo, como se pinta, e as razões de suas pinturas). 122
« (O que he o — ?). 412
« (Qual seja o fim do homem em amar, e como se não póde amar mais que só a huma coisa). 82
« (Quando teve seus principios, que pais teve, e muitos appetites seus). 106
« (Que coisa seja etc). 73
Amor do Vate (O): vide — Poesias.
Amphigouri: vide — Poesias.
Anchieta (Padre José d'): vide — Biographias.
Angra dos Reis. 251, 259, 267, 334
Antigo e novo chafariz da Carioca. 275
Antonio Pereira de Sousa Caldas: vide — Biographias.
Apiacás (Indios). 234, 252
Armas. *Manus. da Bib. Pub.* 98
Bahia. —
Fortificação da cidade. 162, 189
Rio da Cochoeira (O). 399
Bailes (Os). 295, 300, 308
Barbacena (Cidade de): vide — Minas Geraes.
Bibliographia. (Memorias Historicas de Pernambuco). 207
Biographias. —
Alexandre de Gusmão. 326, 329
Antonio Pereira de Sousa Caldas (Dr.). 186
Bartholomeu Lourenço de Gusmão (Vida e feitos de). 337
José d'Anchieta (Padre). 345
D. José de Barros de Alarcão, Bispo. 225
D. José Joaquim da Cunha d'Azeredo Coutinho, Bispo de Pernambuco. 169, 177
D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello-Branco, Bispo. 137
Evaristo Ferreira da Veiga. 291
Fr. Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio. 121
Gomes Freire de Andrade (Noticia historica de). 97
José da Silva Lisboa, visconde de Cayrú. 42
Luiz de Vasconcellos e Sousa. 217
Maria Rosa de Siqueira. 386
Maria Ursula de Abreu Lencastre. 387
Martim Affonso de Sousa. 11
Salvador Corrêa de Sá e Benavides. 17, 25
Bondade. *Manus. da Bib. Pub.* 140
Bota-Fogo. 381
Botocudos: vide — Nações Brasilio-Guaranis.
Brado (Pequeno). 280
Cabo-Frio. —
A serra e boqueirão do Sul. 81
A entrada da barra e forte de S. Matheus. 82
O convento de N. S. dos Anjos, pelo Sr. Teixeira e Sousa. 89
Cahetés (Escravidão legal dos). 160
Calculo sobre a perda do dinheiro do Reino, offerecido a D. João V, por Alexandre de Gusmão. 220
Campos de Goitacazes (A cidade de). 114
Cantico a huma menina: vide — Poesias.
Carta do padre Nobrega mandada da capitania de Pernambuco em 1551. 228
« que Salvador Corrêa de Sá escreveo a Sua Magestade. 269
Chafariz da Carioca (Antigo e novo). 275
Chafariz do largo do Paço. 10
Cidade de Angra dos Reis. 251, 259, 267, 334
« de Barbacena: vide — Minas Geraes.
« de Pelotas: vide — Rio Grande do Sul.
« do Ouro Preto (Imperial): vide — Minas Geraes.
Colombo, ballada de Luiza Brachman. 195
Conde de Bobadella: vide — Gomes Freire de Andrade.
Congresso geral americano: vide — Memoria sobre a conveniencia etc.
Conselho. *Manus da Bib. Pub.* 156
Convento de N. S. dos Anjos: vide — Cabo-Frio.
« de Santo Antonio: vide — Igreja dos Terceiros de S. Francisco da Penitencia.
Cruz de Pedra (A): vide — Romances.
Cunhaú (Povoação de). 285
Dadivoso, ou Liberal. *Manus. da Bib. Pub.* 124
Descripção da Gruta do Inferno. 154
« de hum monstro de especie humana existente na cidade de S. Paulo. 303
Destruição das Florestas (A): vide — Poesias.
Educação primaria. — Art. 1.º 33
« « Art. 2.º 41
« « Art. 3.º 57
« « Art. 4.º 65
« « Art. 5.º 113
Ella (A'): vide — Poesias.
Elvandro a Sylphides: vide — Poesias.
Encontro (O): vide — Poesias.
Escola Militar. 145
Escravidão legal dos Cahetés. 160
Esperança (A): vide — Poesias.
Evaristo Ferreira da Veiga: vide — Biographias.
Exemplo. *Manus. da Bib. Pub.* 133
Exemplos de longevidade. 48, 256
Fastos brasileiros. —
Francisco de Padilha. 72
Gaspar do Salvador (Fr.). 56
Maria de Sousa. 16
Simão Soares (Jagoarari). 40
Festa de Santo Amaro, em Campos. 299
Flor do Poeta (A): vide — Poesias.

INDICE ALPHABETICO

Fortaleza de Villegagnon. 73
Fortificação da cidade: vide—Bahia. 162, 189
Fragmento da minha carteira de viagem. 193, 210, 218
Francisco de Padilha: vide—Fastos Brasileiros.

Gaspar do Salvador (Fr.): vide—Fastos Brasileiros.
Gomes Freire de Andrade: vide — Biographias.
Gosto e Genio. 192
Gruta do Inferno. 134
Guaranis. 201
Guerra dos Embuabas (A): vide — Romances.

Harpa do Trovador (A). 399
Henrique Hus (Prisão de). 277
Historia curiosa. 171
Homem de letras em Paris (Por onde se conhece hum) e o que ahi se entende pela palavra—hum livro —. 312
Hymno á Lua: vide — Poesias.

Igreja da Cruz. 241
« de N. S. da Penha. 209
« de S. Fidelis em Campos. 27, 34
« de S. Francisco de Paula. 105
« dos Terceiros de S. Francisco da Penitencia. 354
« dos Terceiros de N. S. do Carmo. 2
Impressões de hum pai (Primeiras). 208
Incendio da Igreja e Recolhimento de N. S. do Parto. 307
Incognita (A): vide — Poesias.
Independencia politica e social das mulheres (Da). 249 257, 265, 273, 281
Indios Apiacás (Memoria sobre os). 234, 252
Indios Uaicurús e Guanás. 262, 370
Informação mandada do Brasil pelo padre Nobrega. 226
Introducção. 1
Ira. *Manus. da Bib. Pub.* 149
Itaborahy (S. João de). 179

Jagoarari: vide — Fastos Brasileiros.
Jeronimo Barbalho Bezerra: vide — Romances.
Jesuitas na America (Os): vide — Romances.
José da Silva Lisboa: vide—Biographias
José d'Anchieta (Padre): vide — Biographias.
José de Barros d'Alarcão (D.): vide—Biographias.
José Joaquim da Cunha d'Azeredo Coutinho (D.): vide — Biographias.
José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello-Branco (D.): vide — Biographias.
Juventude progressista do Rio de Janeiro. 351. 355 365, 370. 382

Largo de S. Francisco de Paula. 105
« do Paço. 2
Leitores (Aos). 414
Liberal (Dadivoso ou). 124
Lisonja. *Manus. da Bib. Pub.* 141
Longevidade (Exemplos de). 48, 256
Lua (Hymno á): vide—Poesias.
Luiz de Vasconcellos e Sousa: vide—Biographias.

Macbeth, tragedia em 5 actos. 389, 393 401 409
Magé ou Magepe (Villa de). 233
Magnanimidade. *Manus. da Bib. Pub.* 172
Mangaratiba (Villa de). 342
Maria de Sousa: vide—Fastos brasileiros.
Maria Rosa de Siqueira (D.): vide—Biographias.
Maria Ursula de Abreo Lencastre (D).: vide—Biographias.
Martim Affonso de Sousa: vide — Biographias.
Matrimonio (A poesia e o). 210
Maximas e pensamentos. 120, 192, 224, 248, 264 272, 288, 304, 323, 336, 360, 368, 400
Meditação. 357
Memoria sobre a conveniencia e objectos de hum congresso geral americano. 289, 297, 305 313, 321.
« sobre os usos e costumes dos indios Appiacás. 234, 252
Memorias historicas de Pernambuco: vide — Bibliographia.
Metamorphose: vide — Poesias.
Minas Geraes. —
Cidade de Barbarcena. 369
Imperial Cidade do Ouro-Preto. 361
Monstro de especie humana (Descripção de hum) existente na cidade de S. Paulo. 303
Monumento geographico e historico á provincia de Minas Geraes. 361
Monumentos em ruinas (Os). 129
Mulheres: vide — Independencia politica e social das mulheres.
Nações Brasilio-Guaranis, ou tribus orientaes da America do Sul. 201
Noticia historica de Gomes Freire de Andrade: vide — Biographias.
« « de D. José de Barros d'Alarcão: vide — Biographias.
« « de Fr. Sampaio: vide — Biographias.
« « de Luiz de Vasconcellos e Sousa: vide — Biographias.
Noticias sobre a povoação primitiva da America, e os seus antigos monumentos. 130
Novidades. *Manus. da Bib. Pub.* 163

Oração recitada pelo Professor de Philosophia na abertura das aulas do Seminario de S. José. 378
Ouaiassú (Resposta do indio). 176
Ouro Preto (Imperial cidade do): vide — Minas Geraes.
Padilha (Francisco de): vide — Fastos Brasileiros.
Parecer sobre o aldeiamento dos indios Uaicurús e Guanás, com a descripção de seus usos, religião, estabilidade e costumes. 262, 270
Passeio Publico. 161
Pelotas: vide—Rio Grande do Sul.
Penha (Igreja de N. S. da). 209
Pensamentos: vide—Maximas.
Pequeno brado. 280
Poesia (A) e o Matrimonio. 210
Poesias. —
Amor do Vate (O), pelo Sr. Dr. Macedo. 190
Amphigouri. 108
Cantico a huma menina fazendo onze annos de idade, pelo Sr. Teixeira e Sousa. 115
Destruição das Florestas (A), brasiliana em 3 cantos, pelo Sr. M. de A. Porto-alegre. 315, 324 349.
Ella (A'), por Osas Itaborahyense. 414
Elvandro a Sylphides, pelo Sr. R. de Sampaio. 207
Encontro (O), pelo Sr. J. A. de Lemos Magalhães. 283
Epicedio á morte do major Carlos Miguel de Lima, pelo Sr. M. de A. Porto-alegre. 358
Esperança (A), por Osas Itaborahyense. 392
Flor do Poeta (A), pelo Sr. Teixeira e Sousa. 205
Hum Trovador a sua amada no dia dos annos d'ella, pelo Sr. Teixeira e Sousa. 245
Hymno á Lua, pelo Sr. J. A. de Lemos Magalhães. 149
Incognita (A), cantico, pelo Sr. Dr. J. M. de Macedo. 293
Metamorphose. 50
Ode ao Exm.º visconde de Cayrú, pelo Exm.º marquez de Paranaguá. 52
Saudade (A), por Osas Itaborahyense. 406
Sepultura de Carolina (A), pelo Sr. J. A. de Lemos Magalhães. 239
Supplica (A), pelo Sr. J. A. de Lemos Magalhães. 88
Supplica da Natureza (A), pelo Sr. Castro Lopes. 405
Vida e a Morte (A), pelo Sr. J. A. de Lemos Magalhães. 406
Pororoca (A). 28
Povoação de Cunhaú. 285
Povoação primitiva da America e os seus antigos monumentos (Algumas noticias sobre a). 130
Primeiras impressões de hum pai. 208
Prisão de Henrique Hus. 277

DO PRIMEIRO VOLUME DO OSTENSOR BRASILEIRO.

Provas (Novas) de relações da Europa com a America antes de Christovão Colombo. 64
Reflexões philosophicas. 377
Relações da Europa com a America antes de Christovão Colombo (Novas provas de). 64
Relatorio dirigido ao ministro da instrucção publica, pelo Sr. Castelnau. 313, 322
Religião. *Manus. da Bib. Pub.* 92
Resposta de hum Albuquerque. 168
Resposta do indio Quaiassú ao Francez Carlos de Veaux. 176
Rio Amazonas (O). 194
« da Cachoeira (O): vide--Bahia.
« Doce (O). 385
Rio de Janeiro.
Antigo e novo chafariz da Carioca. 273
Bota-Fogo. 381
Capella Imperial. 4
Cidade de Angra dos Reis. 251, 259, 267, 334
« de Campos de Goitacazes. 114
Convento de N. S. dos Anjos na cidade de Cabo-Frio. 89
Escola Militar. 145
Fortaleza de Villegagnon. 73
Fundação da cidade. — Art. 1.º 20
« « Art. 2.º 49
« « Art. 3.º 147, 341
« « Art. 4.º 353
Igreja de N. S. da Penha. 209
« de Santa Cruz dos Militares. 241
« dos Terceiros de N. S. do Carmo. 9
« e Recolhimento de N. S. do Parto. 307
Largo de S. Francisco de Paula. 105
« do Paço. 1
Passeio publico. 161
Serra e boqueirão do sul, de Cabo-Frio. 81
S. João de Itaborahy. 179
Theatro de S. Pedro d'Alcantara. 58
Villa de Magé ou Magepe. 233
« de Mangaratiba. 342
Rio Grande do Sul. —
Cidade de Pelotas. 133
Theatro de Pelotas. 66
Romances. —
Cruz de Pedra (A). 163, 173, 181, 196, 212
Guerra dos Embuabas (A). 93, 101, 109, 117, 125
134, 141, 151, 157
Jeronimo Barbalho Bezerra. 5, 13, 22, 30, 36
45, 52, 60, 67, 76, 84
Jesuitas na America (Os). 223, 229, 239, 254
278, 286, 343, 407
Ruinas (Os monumentos em). 129
Salvador Corrêa de Sá e Benavides: vide — Biographias.
Santa Cruz dos Militares. 241
Santo Amaro em Campos (Festa de). 299
Saudade (A): vide—Poesias.
Sepultura de Carolina (A): vide — Poesias.
Simão Soares (Jagoarari): vide—Fastos Brasileiros.
Supplica (A): vide — Poesias.
Supplica da Natureza (A): vide — Poesias.
Templo dos Jesuitas no Castello: vide — Monumentos em ruinas.
Theatro de S. Pedro d'Alcantara. 58
Tribus orientaes da America do Sul. 201
Trovador (Hum) á sua amada no dia de annos d'ella: vide — Poesias.
Uaicurús e Guanás (Parecer sobre o aldeiamento dos indios) com a descripção de seus usos, religião, estabilidade e costumes. 262, 270
Usos e costumes dos Indios Apiacás. 234, 252
Vida e a Morte (A): vide—Poesias.
Vida e feitos de Alexandre de Gusmão: vide—Biographias.
« « de Bartholomeu Lourenço de Gusmão: vide--Biographias.
Villa de Magé ou Magepe. 233
« de Mangaratiba. 342
« de S. João de Itaborahy. 179
Villegagnon: vide--Fortaleza.
Visconde de Cayrú: vide—Biographias.

FIM.

Typ. do *Ostensor Brasileiro*, Rua de Santa Thereza, 86.

N. 1.

OSTENSOR BRASILEIRO.

1845.

JORNAL

LITTERARIO PICTOREAL.

INTRODUCÇÃO.

O Jornal litterario—*Ostensor Brasileiro*—cuja introducção escreveremos em mui poucas palavras, he huma destas emprezas atrevidas, que os indifferentes julgam loucas, e os amigos impossiveis; o plano circumscripto, que nos impuzemos de tratar exclusivamente de objectos relativos, ou pertencentes ao Brasil constitue a primeira parte do nosso programma, e a maior das difficuldades a vencer, segundo querem aquelles que de trabalhos mentaes só esperam como unico premio hum pouco de oiro vil: a segunda, e ultima parte, que de bem seguro pensamento tomamos, reduz-se a fallar aos olhos e ouvidos juntamente, segunda e mui grave difficuldade, por que não havendo em nosso jornal lugar para traducções de artigos, que não tenham immediata relação com o Brasil, não podemos utilisar gravuras feitas em França ou Inglaterra, e grandioso dispendio, e trabalho insano nos custará o empenho. Agora justificaremos huma e outra parte do nosso programma, ou antes justificaremos a primeira, que a segunda não o ha mister.

Todos quantos jornaes litterarios se publicam trazem no infallivel artigo de introducção o moto: *A bem da civilisação e recreio do povo!* palavras magicas, com que pretendem ser lidos, e o são com effeito; porem quantas vezes não temos sido illudidos em nossas esperanças?! Ou que hum erro grave domine o pensamento desses homens, que ao menos por palavras tão boas intenções manifestam, ou que logo em principio reneguem sua missão por pesada, o fructo esperado de suas locubrações não chega a sazonar, nem mesmo apparece. He preciso civilisar o povo, dizem todos, e o jornal litterario he huma poderosa alavanca da civilisação; porem, ignora-se que para o povo no Brasil, e em muitas partes ainda não he a leitura huma necessidade? enfastiam-no scientificamente e depois gritam que as empresas litterarias no Brasil são impossiveis de manter, que o povo não lê vinte e trinta paginas, que de huma só vez lhe atiram: ainda mais, para que esta civilisação estrangeirada, que não cria raizes no coração do povo?! Muito deve folgar o coração daquelle que ama as coisas da patria, ouvindo apregoar nossa prosperidade, a proxima exaltação do Brasil á cathegoria de primeira nação; mas desespera-nos ver que tantos homens, que com mui pequenos esforços poderiam encurtar esse praso, esperem que a successão dos tempos complete a obra.

Atrevido he pois o nosso intento em mais de hum ponto; louco, ou impossivel, não: se alguem julgar mui grave o peso para forças tão poucas como as nossas, aqui as palavras de Santo Agostinho—Em nós só cabe o plantar as coisas, de Deos virá o fazer com que medrem.

RIO DE JANEIRO.

Quando depois de huma dilatada ausencia lançamos nossas vistas para qualquer ponto do lugar que nos vio nascer, nossa alma se inflamma de hum prazer extremamente vivo, que nos leva a extasis quasi divinos, e só vemos bellezas, embora não existam, pois he o coração quem nol-as mostra; he que estes lugares presidiram á nossa infancia, e em nós despertam mil seductores quadros della, nos quaes fulguramos prazenteiros; he que nos recordam as primeiras impressões de nossa vida, impressões que tanto nos agradaram e que já mais despresamos. Porem quando sem nos affastarmos da chara Patria fitamos olhos philosophicos, não só nesses lugares, mas ainda nos sêres que os guarnecem, nós nos inflammamos, he verdade, porem de hum outro modo, e por outra causa: não são então as lembranças dos gosos infantis que nos de-

leitam, mas as idéas historicas da sociedade a que pertencemos; assim pois esse orgulho que sentimos ao lembrarmo-nos de nossa Patria e de seus monumentos, he huma consequencia necessaria que nos torna diguos a nossos proprios olhos e do mundo inteiro, quando contido em seus justos limites.

O Brasil apesar de novo na ordem das nações não deixa de merecer a attenção geral, não só por sua posição geographica, como tambem pelas bellezas naturaes que lhe adornam o seio; para qualquer parte que nos voltemos vemos somente quadros pittorescos debuxados pela mão do Omnipotente com todo o primor; e nelles, em mais de hum ponto, o imparcial meditador reconhecerá maravilhas, que são, por magestosas, verdadeiros monumentos da sabedoria e bondade Divina. A vegetação vigorosa, a primavera continua e bella, os grandes e arrogantes rios, as altas e verdejantes serras, as vastas bahias defendidas naturalmente dos impetuosos ventos, a incomprehensivel variedade dos climas, e mil outras maravilhas enchem o peito brasileiro de nobre orgulho e convidam o estrangeiro á admiração e ao respeito.

E tem o Brasil somente bellezas naturaes, ou possue tambem artefactos de menção e lembrança eterna?! Não: dirá o estrangeiro vaidoso de seus monumentos; aqui não ha edificio que mereça a honra de ser apontado como digno filho das regras architectonicas; he na Europa com especialidade onde a architectura tem firmado o seu throno..... Porem o nosso illustre poeta, o Sr. Magalhães, que tem percorrido diversos portos da Europa e do Brasil dirá « Nós os possuimos em mais de huma cidade, e podemos dizer que a Bahia he a Italia brasileira, não só pela magestade de seus edificios, como tambem pelo grande numero delles. » Diremos como elle, e para vos convencermos, amigo leitor, pouco e pouco vos iremos levando aos lugares onde a mão do constructor os ergueo, segundo os preceitos de sua arte e a influencia da época; faremos que noteis as bellezas architectonicas de modo que percebais, e as estampas que juntarmos suprirão o que embalde buscarmos descrever.

Se a Europa nos vence na perfeição de suas obras; se ella he com justa razão o modelo do mundo, assim como he o termometro da civilisação e da politica; se ella emfim he o grande fóco em que se concentram todas as vistas, e donde, á similhança do sol, partem as luzes que vão na mesma razão luminosa exclarecer os diversos pontos da terra; a America, a outros respeitos lhe he independente, e merece ser estudada.

Volney recostado sobre os restos da antiga Palmira retrogradou na ordem dos tempos, e dando, por assim dizer, falla a esses corpos inanimados colheo preciosas doutrinas; Lamartine, essa estrella de ouro, como lhe chama o nosso amigo, Dutra e Mello, do alto do Libano ouvio a vóz secular desses cedros mudos até ali, e pôde erguer os sons de sua harpa muito acima da altura delles; Napoleão em frente das pyramides egypcias sentio se apoderar do respeito que ellas infundem, e tambem ouvio essa vóz que parte de tao grande distancia, que tem por unidade o seculo: não he pois novo, que ao descrevermos os monumentos de nossa Patria ouçamos tambem essa intima vóz que nos marque os tempos, nos indique os factos, nem tambem se nos criminará se os vôos de nosso espirito subirem hum pouco mais ao penetrarmos pelo centro de nossas florestas, onde se vê estampada a mesma pureza que lhe imprimio o Creador.

O LARGO DO PAÇO.

O Rio de Janeiro he huma das mais bellas cidades brasileiras, já pela vastidão de sua bahia, que a banha por quasi todos os lados, já pelo grande numero de edificios, e com especialidade religiosos, já enfim por sua geral planura, interrompida somente por formosas montanhas, que lhe servem de balisa, e cujo numero nos faz lembrar a Niobe das nações, a grandiosa Roma. O espectaculo que ella offerece a quem demanda nossas praias, he magestoso e unico; á entrada da barra ha duas montanhas pontegudas, que a mais de hum escriptor tem dispertado bellas ficções: O Padre Fr Francisco de Santa Maria descrevendo esta cidade diz: « Na entrada da barra se levantam de huma e outra parte dois monstruosos corpos de solido rochedo, a que chamam *pães d'assucar*, de tão desmedida altura que dando com a cabeça nas nuvens lavam os pés no mar e ambos abrem huma boca da largura de hum tiro de peça. »

A vista que se descobre apenas se tem sulcado as aguas de nossa bahia he bella, e dispõe no espirito do sincero observador a convicção de nossas crenças e civilisação, pois entre as innumeras casas particulares de diversos gostos que constituem a cidade, erguem se torres co-



LARGO DO PAÇO.

lissaes de muitos pontos, e essas torres pertencem aos Templos em que se adora o verdadeiro Deos, e esses Templos são construidos com arte e profusão.

Entre as principaes Praças do Rio de Janeiro, de certo merece o primeiro lugar a que se acha ao lado oriental desta cidade, e á borda do mar; suas dimensões, e mais que tudo os edificios que a guarnecem nos inclinam a esta preferencia. Quiseramos ter a penna de hum nosso escriptor para com ella descrever esses monumentos, e como elle dar lhe o caracter e vida que lhe são particulares; porem a tanto não podemos chegar, que apoucados são nossos conhecimentos, e pobre o estilo.

O *Largo do Paço* outr'ora denominado de *Carmo* he hum quadrilongo de 74 braças de comprimento e 40 de largo, está situado ao norte do Palacio Imperial; a frente deste edificio continua até a praia, onde por ordem do Vice-Rei Luiz de Vasconcellos e Souza se construio hum bello cáes de cantaria granitica, á semelhança de outro feito em Lisboa pela marinha real: este cáes tinha de certos em certos intervallos pares de assentos nascidos da cortina, e defronte do centro do Palacio havia huma rampa destinada a facilitar os desembarques. Entre os annos de 1841 a 42 a Camara Municipal mandou-o desmanchar com o fim de construir outro mais ao mar, que tornasse a Praça mais extensa, porem até esta data não se tem dado começo a tal obra alias requerida para belleza da cidade, e commodidade de seus habitantes.

No largo do Paço existem, e se fazem notaveis o Palacio Imperial, a Capella Imperial, a Igreja dos Terceiros de N. Sr.ª do Carmo e o Chafariz; e nós os iremos discrevendo nesta mesma ordem. Antes de passarmos adiante he justo que digamos que esta praça foi calçada com solidez e gosto, por ordem do Vice-Rei Luiz de Vasconcellos, tendo no seu centro o ponto culminante, do qual partem raios de cantaria que terminam symetricamente nas linhas de seu perimetro; he nella que se fazem as paradas nos dias de grande gala.

O *Palacio Imperial* occupa o primeiro lugar da praça (como bem se vê da estampa) não só por sua posição e dimensões, como tambem por ter sido a morada dos Governos desde Gomes Freire de Andrade até esta data: elle pois merece huma especial menção. Perdoenos o leitor se vamos entrar agora no arido da descripção pois assim julgamos necessario.

O reinado do Sr. D. João V com justa razão chamado o magnanimo foi fertil em construcção para Portugal: foi neste tempo construido o sumptuoso Convento de Mafra, e quasi tambem os arcos das agoas livres. Nessa epoca veio governar o Brasil Gomes Freire de Andrade (depois conde de Bobadella) e aqui manifestou o grande pensamento de tão illustre Monarcha, pensamento percursor da illustração e gosto artistico, que de então se tem desenvolvido, e que tanto nos ennobrece hoje. Foi por determinação deste Governador que se edificou o Palacio (hoje Imperial), os arcos da Carioca e seu chafariz, o antigo chafariz do largo do Carmo etc. dos quaes iremos tratando em conveniente lugar.

Consta o Palacio Imperial de quatro faces orthogonaes porem de diversos aspectos divididos ás diversas epocas em que foram reparadas por conveniencia e commodidade. A face principal era antigamente de hum só andar, e não tinha o attico que hoje a guarnece; as faces do norte e do sul tambem tinham somente hum andar; e o passadiço que hoje existe, não existia no tempo do Bobadella: o que existe hoje he devido como dissemos a diversas epocas, e antes que delle tratemos, vamos dar a conhecer que foi creado por seu principal constructor, e depois iremos ordenadamente fixando as modificações até chegarmos ao estado actual.

A face principal, que he voltada para o mar, consta de trez corpos separados por pilastras (como hoje) e com trez janellas em cada hum dos corpos, e inferiormente trez porticos de pedra marmore branca; sendo o do corpo do centro formado por duas columnas rematadas superiormente por graciosas cambotas, e os dos corpos lateraes mais estreitos, e de forma vulgar; de hum e outro lado destes abriram-se janellas de peitoril e fixaram-se grades. Cada hum destes porticos descança sobre huma escadaria propria, de marmore da mesma côr, e sobre a verga principal lê-se a inscripção seguinte: « *Reinando El-Rei D. João V Nosso Senhor, sendo Governador destas Capitanias e de Minas Geraes, Gomes Freire de Andrade, do seu Conselho, Sargento Mor da Batalha de seus exercitos. Anno* 1743. »

A face do Norte tem junto ao canto que faz com a face ha pouco descripta, hum portico fronteiro a outra igual da face do Sul, que dá entrada para o saguão; ha ainda dois outros porticos para serventia particular, e entre elles

duas cocheiras, e desanove janellas de peitoril. No pavimento superior construiram-se vinte e quatro janellas como as da faxada principal.

Na face do Sul vê-se outro portico por onde outr'ora entravam grandes coches da Casa, e ao correr delle vinte e trez janellas de peitoril entre as quaes ha huma pequena porta para entrada particular. No superior pavimento abriram-se vinte e trez janellas, das quaes sete são de peitoril e colocadas quasi a meio da faxada.

A face do fundo tinha nove janellas de sacada, e inferiormente hum portico ladeado por quatro janellas de peitoril

A entrada do Palacio como vimos he nobre; e sua escada o he tambem; esta consta de dois lanços no mesmo sentido, e outros dois no sentido opposto, A escada tal como hoje existe, e acabamos de pintar he huma modificação da que já havia.

Vamos agora modificar o edificio exteriormente na ordem chronologica.

O Vice-Rei Conde de Rezende querendo augmentar as commodides do edificio, mandou construir o segundo andar que consta de doze janellas de sacada ao meio do da face do Norte.

Com a chegada da Familia Real fez-se mister mais accommodações e por isso construio-se o passadiço que hoje ainda existe, com o fim de communicar o Palacio com o antigo convento dos Carmelitas dando-se para estes hum outro edificio como adiante diremos: o passadiço tem de cada lado trez janellas de sacada, e he apoiado sobre dois arcos de madeira. Tambem consta que na mesma occasião fez-se outro passadiço para communicar o Palacio com o actual edificio da Camara dos Deputados, (então casa da Camara Municipal) porem delle já não restam vestigios.

Consta que para commodo da Familia Real se levantára pouco tempo depois o pequeno corpo de janellas de peitoris, na face do sul, bem distincto na estampa.

Por ordem do Sr D. Pedro I. levantou-se o segundo andar da face principal com trez janellas guarnecidas por huma varanda de ferro.

Por ordem do Sr. D. Pedro II reformaram-se os dois corpos lateraes da faxada principal, e seu constructor os coroou por hum attico parecendo por isso haverem dois terraços em lugar de telhados. A salla do throno domina a praça pelo lado do mar e pelo lado da praça outr'ora chamada do Carmo.

Todas as sallas que actualmente existem são quasi as mesmas que outr'ora existiam porem modificadas a muitos respeitos.

Eis quanto por ora diremos sobre o Palacio Imperial.

A *Capella Imperial* he hum pequeno Templo se attendermos ás suas dimensoes porem digno de menção por ser a actual Catedral. Fôra longo descrever miudamente neste lugar as bellezas que guarnecem o interior deste templo, onde a par da grande copia de dourados erguem as frontes mimosas talhas capazes de eternizar o artista, e convidar seus emulos a maiores vôos.

Tem a Capella trez altares de cada lado de seu corpo, e entre o altar mór e estes huma capellinha de cada lado, na capellinha da esquerda he onde se expoem o S. S. e onde a Familia Real vinha ouvir Missa para o que ha duas tribunas.

Na Capella mor, e do lado direito ha huma rica tribuna para a Familia Imperial, á qual se vai atravessando o interior do antigo convento.

Hum rico e magestoso orgão está collocado ao meio do coro.

Passemos agora a dizer alguma cousa sobre a frente.

Este edificio que foi construido pelos carmelitas calçados. segundo nos consta em 1590 não pertence a huma ordem regular de architetura, he antes filha do capricho do constructor; porem nem por isso deixa de ser de aspecto agradavel. Trez portas dão entrada para o templo; sobre o pavimento desta ha hum outro com pilastras. entre as quaes ha trez janellas de peitoril; a cima deste pavimento ha outro, sobre o qual está montada a empena que remata em seu apice pela cruz, e lateralmente por vasos de pedra, os quaes corôam as pilastras extremas: entre as pilastras que sustentam a empena estam as armas imperiaes.

A torre da Capella Imperial existe parte, ella he quadrangular e terminada superiormente por huma abóbada ponteaguda, em cujo cimo ha hum globo brilhante, onde se apoia o symbolo da redempção; hum gallo metalico girando horisontalmente pela acção do vento indica as direcções deste. A entrada para a torre e sacristia he por huma porta que faz parte do corpo da torre, e he precedida por alpendre sustentado por columnas de pedra: esta entrada quando pertencia ao Convento chamavam-na *portaria*.

Entre a torre e a Capella está a Capellinha consagrada ao Senhor dos Passos.

(*Continua.*)

J. A. Cordeiro.

JERONIMO BARBALHO BEZERRA

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO I.

Quasi no fim d'aquella ladeira do Collegio, que vem acabar no largo da Misericordia havia em 1633 huma mui formosa casa, distincta entre todas, não só por sua apparencia, como por pertencer a huma das primeiras familias; em huma das sallas desta casa, e que ficava ao rêz da calçada, entre as 6 e 7 horas da noite de 9 de septembro do anno supra dito, viam-se tres mancebos, que por seus trajes mostravam pertencer á classe nobre: bem no meio desta salla; cujas paredes cobriam diversos paineis representando feros guerreiros ascendentes talvez do dono da casa, avultava comprida mesa de grosseiro lavôr coberta de iguarias, á roda da qual estavam sentados os tres mancebos. Por largo tempo só se ouvio o tenir da baixella, mas logo que de sobre os pratos começaram a desapparecer os cheirosos guisados, ruidosa conversa substituio o pesado silencio.

— Sandeu como nunca vi outro!! disse o que estava sentado na cabeceira da mesa, batendo com o pichel vasio; ora vede vós outros se havia mister esse parvo de Lucas da Silva de ir metter-se na bocca do lobo?! tomar mulher aos dezoito annos, e o que mais he tomal-a em camisa!....

— Grossos lhe sahiram os dáres e tomares que teve com a filha de Pero de Froes; e aposto 300 dobras valedias, que mala gratia foi elle hoje á Igreja apesar das louçainhas com que o viste, Jorge Ferreira.

— Assim me quer parecer, e não serei eu quem tope contra as tresentas valedias; porem não cuêas tu, Jeronimo Barbalho, que fosse elle metter-se na bocca do lobo, ao viéz te conteram o caso: os escarceos de Pero de Fróes tinham perplexo o governador Rodrigo de Miranda Henriques, mas o grave e reverendo doutor Lourenço de Mendonça, que hoje tomou posse da Prelatura como nós todos sabemos, e cuja lingua quer pôr côbro nos desmanchos alheios, sem que seus olhos reparem nos proprios e crescidos, o reverendo douctor disse por Lucas da Silva o que pharisêos não disseram por Jesus Christo; e em sala publica ouvi eu da propria bocca do Governador a entença de condemnação do nosso amigo.

— Não sei eu como elle se reteve.

— He por que o tiveram em guarda té hoje que devia celebrar-se o Sacramento.

— Pelo que vejo, foi o nosso bom prelado quem obrigou Lucas da Silva a contrahir matrimonio com a manceba Susana de Fróes?

— Nem mais, nem menos; ahi está Diogo Lobo que o sabe tão bem como eu.

— He verdade; porem ainda não attendestes a huma coisa, e vem ella a ser que demorassem para noite o acto; medo de nós outros talvez, que dizeis?

— Não; essa demora pedio-a Lucas da Silva envergonhado por certo....

— O'lá! quem bate? interrompeo Jeronimo Barbalho, porque com effeito duas punhadas formidaveis acabavam de soar na porta da rua.

— Nós, por S. Sebastião! disse huma voz forte:

— He dos nossos abra-se a porta.

E hum mancebo com os vestidos em desordem, sem chapeo, e com huma espada desembainhada entrou na sala.

— Lucas da Silva! clamaram os tres.

— Se vos parece ide dizel-o ahi no meio da rua em vóz mais alta para que elles tenham conhecimento do lugar de meu refugio!

— Pois que, alguem se atreveo a por-te mãos?! disse Jeronimo Barbalho adiantando-se.

— Não, como tu pensas; mas como elles queriam bem pouco faltou: dai-me huma vez de vinho, e vos direi tudo isso depois. Ah! que tem pé ligeiro os taes roupetas, e não sei se foi satanaz quem pôz azas nos meus, que se algum me poe mão escalado o deixára eu em meio da ladeira, sem lhe valer seu patrono Ignacio

E segurando hum largo pichel de prata, que o vinho trasbordava, levava-o á bocca a tempo que batiam segunda vez.

— São esses cães, que encontraram ten chapeo, e vem trazer-to, disse rindo-se Diogo Lobo; mas, por minh'alma que lhe daremos bôas alviçaras do achado! falla tu que és de casa, continuou, voltando-se para hum dos outros.

— Quem sois, e que quereis? disse em tom azedo Jeronimo Barbalho.

— Abri, em nome d'El-Rei! responderam de fóra.

— O'lé! quando foi que o senhor vosso rei Felippe IV vos commetteo tal ordenança? se chegou fróta do Reino, a manhãa saberemos noticias; ide-vos a dormir em paz, bôa gente.

— Abri vossa porta, se não quereis vel-a saltar lá para dentro!

— Guai de vós! que só ella vos ampára!! a caminho, perros; e para outra vêz lembrai-vos de perguntar primeiro quem mora, antes de baterdes.....

E fóra por diante com seu fallar soberbo e atrevido, se a porta violentamente arrancada nos gonzes não viéra cortar-lhe as palavras com o espantoso estrondo que produsio sobre o assoalho. Huma multidão de homens, entre os quaes appareciam alguns ecclesiasticos, penetrou na salla; porem a mesma violencia, com que haviam entrado, os fez retrahir até a rua: he que lá dentro quatro boas e luzentes espadas, que vigorosos punhos sostinham, não davam tempo a questões de lingua, e hum argumento sólido convence promptamente o maior incredulo. Per a ladeira entre alguns creados, que seguravam tochas acesas, vinha descendo hum clerigo já maduro em annos, porem de aspecto varonil; e subia-a açodadamente hum padre da Companhio de Jesus, segurando levantada a negra e estreita roupeta para poder galgar mais livre.

— Encontraram-no? disse parando o que descia.

— Aqui bem perto; porém creio que fôra o mesmo não o havermos encontrado.

— Como assim?

— Se V.ª S.ª quer descer mais algumas passadas, verá o porque; tres outros mancebos de familias poderosas, os maiores libertinos...

— Guia me, padre; quero vel-os!

E o acompanhamento chegou á porta, onde se traçavam já planos de escalada.

— Quem será tão insolente, que se opponha ás minhas determinações?! disse o clerigo entrando a sala, e olhando com severidade os quatros mancebos; Lucas da Silva, o que fizeste assenta mal em hum mancebo de brio!

— E o que vós fazeis, D. Prelado, peior vos assenta! disse Diogo Lobo enterrando duas polegadas pelo chão a ponta da espada; dais-me ares de beleguinaço com esta vossa deligencia e apparato; não fôra melhor que estivesseis rezando vosso latim por vós e por nós outros, que como podereis vêr por estes picheis vasios não curamos de al? Se o conheceis mancebo de brio, como lhe fazeis a affronta de o querer casar com huma manceba?!

— E quem a tornou manceba, senhor cavalleiro?! e quem cubrio de infamia as cans de hum pobre velho, roubando-lhe de suas barbas a innocente filha?!! nós queremos, e o Governador manda; nolens volens casará com ella!

— Então ide a buscal-a, a trazei-a cá; porque Lucas da Silva não vos ha de acompanhar! stá em minha casa, em casa de hum Bezerra, e só de sua vontade sahirá elle; á força vos fico em que não!

O reverendo doutor Lourenço de Mendonça deixou a sala, e os que o acompanhavam foram-se traz elle per a ladeira acima; o som de suas passadas e vozes foi deminuindo gradualmente, e depois que já se não ouviam:

— Eis ahi como se falla com estes senhores coroados no pello! disse Jorge Ferreira largando a espada como fizeram todos os outros; vinho nos picheis, e á ultima por esta noite, que por minha vida elles tornarão.

— E tu estás com medo? disse Diogo Lobo estendendo o braço para tomar o cangirão, que lhe apresentava Jeronimo Barbalho; de tempos a cá hei notado que és tu o primeiro a abrir caminho quando se trata de perigos, sendo que dantes eras quem com mais bizarria votava em lances arriscados; ora bebe, e deixa-os, que se vão elles com mais temor, que ousadia: o padre vi eu que em tremuras...

— Talvez de raiva, replicou Jorge Ferreira! tenho medo sim, tenho-o desses da Companhia habeis em manhas e artificios, que muitas vezes valem bem nossas espadas e audacia.

— Pobre mancebo, disse Jeronimo Barbalho em modo escarnecedor; acabe-se o vinho, ou morra eu, se tu não findarás por vestir a roupeta!

— Porem se tens essa tenção, foi-te de má recommendação esta noite, disse Diogo Lobo rindo ás gargalhadas; por que enxerguei eu hum dos Irmãos que te olhava por cima do hombro com hum gesto..... ó Jorge Ferreira, tens tu lá na Companhia algum amigo e conhecido?

— Deos me guarde de tão bôa gente! disse o interpellado.

— Então inda huma vêz do summo das uvas .....

— Senhores cavalleiros interrompeo huma velha sahindo lá do interior da casa, peães armados sobem por a outra ladeira apressados; Paulo os vio, que a descobrir novidades o mandára eu.

— Pois deixa-os subir, e se lhes aprouver que desçam por esta.

— Mas isso he huma loucura, Jeronimo! para que travarmos contendas com mais familias, do que as com quem as temos? cada hum desses homens tem amigos, e será em pouco toda a cidade contra nós, que bem poucos somos!

— Jorge Ferreira tem razão, disse Diogo Lobo em ar de zombaria; todos esses peães tem filhas, e algumas bem bonitas; ora para que havemos de pôr hum namorado no aperto de cortar as orelhas ao aborrecido pai de sua belleza? vamos, fóra tudo! não me cabia hoje a honra de dar-vos gazalhado; porem como nós em commum podemos esvasiar ainda alguns cangiões, seria a maior das loucuras se o não fizeramos por causa de meia duzia de viloes ruins; fóra, fóra tudo.

E sahiram; não por a ladeira, mas por dentro de casa para o lado da rua da Misericordia; foram caminhando ao longo desta até a segunda travessa que encontraram á direita e por esta desceram, sumindo se no escuro e comprido corredor de huma das casas, que formava o canto, olhando tambem para a praia. Agora os deixaremos entre o vinho á sua vontade, por acompanharmos o reverendo Lourenço de Mendonca, que em verdade bem tarde nos lembra tal coisa.

Deixára elle a casa de Jeronimo Barbalho com mais indignação, que temor; tambem não era estupida e cega raiva de ver-se desacatado quem lhe accelerava as passadas, mas sim o nobre empenho de atalhar tantos males como os que affligiam a capitania; era mister oppôr huma barreira forte á torrente de escandalos, com que a desemfreada mocidade abalava a nascente cidade: entre todos, destinguiam-se no requinte das maldades, e no descaramento com que as praticavam aquelles que por sua nobreza, ou sua fortuna contavam com a impunidade; começar pos estes era melhor e mais seguro caminho, porem mais perigoso e até quasi impossivel. Todavia como as grandes empresas são para grandes homens o virtuoso e sabedor Prelado sem esmorecer á vista das difficuldades metteo mãos á grande obra começando por Lucas da Silva, hum dos mais ricos, orgulhosos e devassos mancebos dessa epoca; seus pais sem pertencer á nobreza, mas acatados por sua opulencia, haviam negligenciado a educação do filho deixando-o a si mesmo entre os mancebos nobres de sua idade, que soberbos, ignorantes e libertinos depravaram o coração do jovem Lucas da Silva. Inferior a todos aquelles que já haviam assignado seu nome com huma e muitas maldades, ultimo entre seus companheiros, que o não esqueciam peão, via se o mancebo corrido e apupado por que tremia na presença de huma mulher, por que enrubecia ao som de sua vóz; no furor das orgias inflammados pelo vinho, taes motes lhe davam os outros, que mais de huma vez sahira elle com a raiva no coração jurando que na volta traria larga somma de escandalosos factos com que gloriar-se; e hum dia o demonio lhe guiou os passos, e a desgraça trouxe para a rotula de huma pequena casa a mais bonita de todas as moças da cidade. Travaram-se de amores, que não relatarei a Vs. Ms. por que sou fraco em taes materias, e só expressamos bem o que já sentimos; travaram se, e em pouco a moça Susana deixou o fuso e a roca, o pai e os deveres domesticos, até hum cãosinho predilecto, deixou tudo pela rótula, melhor digo pela rua, onde a certas e determinadas horas passava o namorado Lucas da Silva. Muitas e repetidas vezes esquecera este que seus companheiros o esperavam, e isto só por ouvir as doces palavras de sua amada, ou para procurar alguma mimosa flôr de seu agrado, ou dixes, que lhe offertava; e tantas foram as vezes, que desconfiados, huns com más tenções, outros por simples curiosidade andaram lhe nos passos, e vieram a descobrir o que elle não quizera que ninguem soubesse. Correo logo pelas orelhas de todos a causa do seu desapparecimento, e de tão damnadas boccas correo pela cidade a commentada nova dos amores de Lucas da Silva, e com ella a infamia da pobre Susana de Froes, que teve de soffrer os mais duros e terriveis tratamentos de seu pai; — louco e ineficaz modo de chamar á razão huma môça desvairada; prompto e infalivel meio de atiral a na desgraça! De hum lado via a desventurada môça o juiz, que a condemnava sem ouvil a; o homem, que deixava de ser pai para ser carrasco: o mundo que infamava nella, o que desculpava em outras, que por mais astuciosas e precatadas sabiam dar côr de virtude a grande crimes

via tudo quanto ha de mais negro e terrivel: do outro, os extremos de hum homem, que amava; as grandezas, que lhe offereciam; a ventura, que ella se fazia vêr em tudo isso: e sem ter huma mãi, que a guiasse, ah! quanto, quanto vale huma mãi!... sem a ter, a pobre môça fechou os olhos, e atirou-se no abysmo.

Feliz com a posse d'aquella que adorava, festejado por seus companheiros de libertinagem, que engrandeciam seu primeiro desvio, e que por este caminho levavam-no a segundo, Lucas da Silva cerrara os ouvidos ás admoestações de seus pais e de seus verdadeiros amigos, tendo e mantendo a manceba, sem dar-lhe das lagrimas do arrependido Pero de Froes, que tarde enxergára o torto caminho por que fôra em sua ira contra a pobre, e ainda innocente filha. Nesta conjunctura chegou do Reino o reverendo douctor Lourenço de Mendonça Presbytero do Habito de S. Pedro, que vinha nomeado por Felippe IV de Espanha, Rei intruso de Portugal, como Prelado de S. Sebastião do Rio de Janeiro; não foi elle o primeiro. nem o unico que veio encontrar o rebanho desgarrado, as immoralidades e desenvolturas vinham de muito longe, continuaram em seu tempo, e ainda depois; porem sua ardente caridade não lhe soffreo ver tantos desmanchos, e seu zelo deslembrou-lhe a sorte de seus antecessores, cerrando-lhe os olhos ao perigo e difficuldade da ardua tarefa: metteo mãos a ella, como já o disse a Vs. Ms., e por Lucas da Silva. não que elle fosse o mais perverso, mais porque era o autor da mais proxima perversidade, d'aquella de que todos fallavam. Coadjuvado pelo Governador Rodrigo de Miranda Henriques, requereo o raptor de Susana de Fróes para que reparasse o mal que havia feito; porem o mancebo, ou enfadado já da desgraçada victima, ou instigado por seus devassos amigos oppôz huma resistencia tenaz ás rogativas da môça, não quiz attender ao que seus pais lhe ponderaram, e desacatou publicamente o Prelado; foi mister recorrer á força, e retido em huma prizão, só della sahio para a igreja; chegando-lhe á porta, que ha muito tempo não cruzava, como hum endemoninhado, que assim o creram muitos, arremetteo com os que o cercavam, e espada em punho abrio caminho por meio delles. Os padres não quizeram tocar-lhe porque o julgaram presa de algum espirito mão, e não estejam Vs. Ms. fungando, que a razão he muito plausivel; os padrinhos não estavam com disposição de amarrotar seus vestidos de festa; os outros convidados tiveram em conta os fios da espada, de sorte que Lucas da Silva aproveitando-se do medo de huns, e da condescendencia medrosa dos outros foi andando he verdade que hum pouco apressado, e de forma que em caminho deixou o chapeo, que denunciou seu coito. Tornados a si os assistentes, e vendo-se cada hum delles com a cara tão larga como o arco cruzeiro da igreja, quizeram lavar a primeira nodoa de fracos, e deram a correr atraz do mancebo, seguindo-os de longe, e vagarosamente o Prelado; até que vieram a encontral-o, como já fica dito, e que foi o mesmo que o não tivessem encontrado, conforme ponderou o assisado jesuita, sem valer ao ancião a authoridade do cargo para arrancal-o das mãos dos companheiros. Deixára o reverendo Lourenço de Mendonça a casa de Jeronimo Barbalho, e subindo a ladeira, mandou por hum dos seus domesticos avisar o Governador do que acontecera, pedindo-lhe que o ajudasse com alguns homens d'armas, que de sua parte viessem prender os criminczos; e em breve espaço bom numero de arcabuzeiros cercava a casa; como não era preciso vaivem para lançar dentro a já arrombada porta, leve impulso a desconjuntou segunda vez, e entrando a casa, correram-na de cima abaixo sem que encontrassem o que pretendiam: tornados á rua, tiveram ordem de caminhar para a Varsea, onde moravam os pais de Lucas da Silva; porem hum dos peões lembrou que seria acertado mandar alguns soldados a pôr cerco na casa da manceba, que talvez para lá tivesse elle ido.

Partiram, e não os seguirei eu, porque sei que vão mal em sua deligencia; se a Vs. Ms. apraz, ficaremos por aqui perto, esperando occasião de saber o que vai lá dentro dessa casa, onde de espaço a espaço huma gargalhada estrondosa annuncia a continuação da orgia.

(*Continua.*)

Este primeiro n.º deveria ter sahido á luz sabbado p. p.; porêm diversas circumstancias o impediram: continuará nossa publicação regularmenle todos os sabbados, e promettemos vencer em breve o atrazo de hum n.º em que ficamos.]

RIO DE JANEIRO.

(*Continuado do n.º antecedente.*)

A Igreja dos Terceiros de Nossa Senhora do Carmo he hum dos mais bellos Templos desta Cidade, já pela elegancia e magestade de suas formas externas; já pelo *bem acabado* dos ornatos internos; já emfim pelo *gosto* que em geral respira: e nós faltariamos a nosso dever se deixasemos de consagrar-lhe a nossa attenção, embora não fossemos impellidos pelo plano que nos proposemos seguir; pois naturalmente nossas vistas se detem em sua contemplação, quasi diariamente, e nos sentimos compenetrar d'hum sagrado respeito, que nos convida a voar com o pensamento á morada dos justos. Sua decoração interna, e mais ainda seu sombrio aspecto de certo attrahe a todos; mas o filosopho alem das vulgares ideas, concebe outras não menos importantes: he nella que elle vê o argumento mais convincente de nossas crenças; o testemunho mais autentico de nossa civilisação; e alem disso a fonte sagrada onde o historiador patrio deve beber o nectar delicioso das tradições, que são por sua vez o elemento da historia do povo que a ergueo.

Entremos no grande archivo dos passados tempos: consultemol-o sobre este monumento erguido pelo christianismo, para perpertuo padrão de gloria de seus fundadores; e em geral para seguro pharol, que aponte ao peccador a estrada do respeito e da virtude.... Ouçámos a voz da tradicção com a mais escropulosa cautella, para não nos precipitarmos no abysmo insondavel do erro.

. . . . . .

A Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo teve pridcipio em Julho de 1648, sendo seu principal fundador o Dr. Barthazar Castilho de Andrade, porem não he desa epocha que data a Igreja de que tractamos: esta teve principio muitos annos depois. Não he fóra de proposito que indiquemos algumas curiosidades historicas antes de chegarmos ao nosso fim

Segundo consta dos registros da secretaria da Ordem, as primeiras funcções tiveram lugar na Igreja dos Religiosos (hoje Capella Imperial) sendo Commissario o Padre Fr. Ignacio da Purificação; e em 1669 fizeram se as eleições em huma Capellinha situada por detraz da Capella, no mesmo logar em que se achão hoje as catacumbas: em 1752 deliberou se edificar a nova Igreja (a de que tractamos) e, por causa de letigios sobre desapropriações, não se pode lançar a primeira pedra senão em 1754; porem em 1773 ficou concluida, faltando lhe as torres, por lhe ser vedado então pelos frades. Em 1814 deo-se começo á construcção da torre do Norte, e desde então está no estado que se vê na estampa; diz-se porem que breve será concluida, e a outra tambem se erguerá.

Isto posto passemos a diante.

A fexada deste edificio, que he de cantaria granitica, he primorosa; apesar de não ser senão o reflexo dos grandes templos da mesma epocha, ninguem se atreverá a negar-lhe a sumptuosidade. Consta ella de trez corpos: as duas torres, e a Igreja propriamente dita. Quatro pilastras de ordem jonica, porem de capiteis caprichosos, fazem sensiveis os tres corpos citados: sobre ellas se apoia bem delicado intablamento.

O corpo central (unico que está concluido) he coroado por hum frontão curvelineo, no vertice do qual está firmada mimosa cruz metalica. Hum portico de delicado trabalho, e que sobresae por sua esbranquiçada cor, dá entrada para o Templo, e he, por assim dizer, o preludio artisco, que prepara o espirito para conceber a grande idea de seus interiores ornatos. Sobre o portico ha trez janellas de marmore da mesma côr que pertencem ao côro.

Assim como na Capella, nesta Igreja ha trez altares de cada lado, e o altar mór.

Alli não se vê profusamente espalhado o ouro, porem nem por isso deixa de ser rica em ornatos: rica he, na verdade pela bellesa da talha, que guarnece os altares, e com especialidade o altar mór; e o magestoso orgão situado a meio do côro remata a sua decoração.

Ah! quem póde esquivar-se ao sacro respeito quando o sacerdote ergue suas preces para o ceo do pé do Altar, e o Orgão difunde suas melodias..... Dir-se-hia que a voz do Eterno se faz ouvir logo apoz da suplica... He que o Eterno ahi se faz bem sentir.

Ao lado esquerdo da Igreja ha hum longo corredor descuberto, que communica o Largo do Paço com a rua Detraz-do-Carmo.

Seguindo por esse corredor, quasi no fim tem-se á esquerda as Catacumbas, e á direita a Biblioteca Publica

Ao lado direito da Igreja ha huma Capel-

linha, e nellas dois altares, hum lateral e outro em frente; o lateral he consagrado a N. S. das dores, e o principal a N. S. do Amor divino: he neste altar que se acha o sacrario.

Dizer que esta Capellinha he bella e rica, a muitos respeitos, he dizer pouco; tentar mesmo descreve-la mais, he fatigar o leitor sem vantagem: diremos pois para terminar este artigo que as artes se abraçaram amigas nessa construcção, e os piedosos cofres fraquearam-lhe os recursos.

O chafariz do Largo do Paço he hum dos primeiros monumentos, de eterna memoria, que se nos affirma á vista quando abicamos á praia: sua forma pouco vulgar, suas dimensões e ornatos captivão nossa attenção, e faz por assim dizer, que marchemos na ordem inversa dos tempos, para bem dizer o Governo que o fez erguer, com tanta solidez, que pôde até nós lembrar seu nome, e que talvez o lembrará por muitos seculos. Nelle reina hum gosto particular, porem proprio da epocha; e pode-se sem temer de errar diser que alli está reunido o *util e o agradavel.*

Se não fosse desrespeitoso, ao tratarmos da materia que nos occupa, colocar esta construção em primeiro lugar, nós o fariamos; porem em compensação lhe assignaremos hum lugar distincto, que o não fará desmerecer da alta missão que lhe foi confiada.

Sua forma he bella e respeitosa, e se assemelha algum tanto ás torres de nossos Templos: em outras palavras, elle he formado de hum prisma e huma piramide, ambos quadrangulares, porem de bases disiguaes, sendo aquella montada sobre este. As arestas verticaes não são visiveis, pois sobre ellas correm longitudinalmente pilastras circulares, que depois de soffrerem as modificações do entablamento terminão no ultimo filete da cornija, e vão ainda servir de base a bem delicados vasos. As faces delle não são planas, e talvez se nos crimine por ter-lhe dado o nome de prisma; porem estamos certos que nos disculparão attentos ás leis de semelhança.

Na base superior do prisma descança a piramide, e quasi á face d'aquelle corre mimosa balaustrada interrompida por pilastras da mesma altura, e rematadas por singelo ornato.

A piramide não descança imediatamente sobre o prisma á pouco descripto, porem sim sobre hum prisma intermediario de base igual. No vertice existem hoje as armas brasileiras, feitas em metal, e ha bem pouco tempo ainda existiam as armas portuguezas.

Das trez faces de terra nascem conchas de pedra, porem de forma particular, e he dellas que por quatro bicas a agoa se precipita nos tanques, depois de ter-se purificado no ar com graciosos movimentos.

Huma pequena porta do lado do mar, dá entrada para a varanda.

O chafariz descança sobre bella escadaria.

. . . . . .

Este chafariz está (como se vê da estampa) no extremo da Praça, e quasi á borda do mar; dissemos *quasi* por que os continuos despejos defronte delle tem-lhe tornado o mar arredio; e talvez bem cedo esteja no centro, embora a Camara Municipal não realise seu plano.

A historia deste chafariz he alguma coisa curiosa; nós vamos esboçal a, mas seremos breves para não fatigarmos.

O nunca assas chorado Conde de Bobadella, esse vehiculo nobre pelo qual o Sr. D. João V. transmittio seu pensamento ao Brasil, algumas vezes tomando sobre si a iniciativa de certas obras, era menos por gloria sua que para bem de nossa Patria. «Construir,» dizia o grande Monarcha, e quasi instantaneamente erguião-se magestosos edificios onde nem a imaginação os julgára possiveis: «construir,» dizia Andrada, e com prestesa incrivel, seu braço arrancava do seio da terra, não primores da arte, porem monumentos de sua bondade, por serem dados á utilidade publica.

O povo crescia, e se fazia sensivel por isso a falta de chafarizes: os que então haviam não bastavam. A principio o Senado da Camara apregoava a necessidade de hum chafariz nas proximidades da marinha; e neste sentido fez subir huma petição a S. M., á qual favoreceu Andrada, unindo-lhe seus esforços perante o throno (em 1734): porem depois de obtida a regia faculdade, o Senado, talvez em attenção ao governo, julgou melhor o chafariz no centro da praça do Carmo; e de novo requereu ao Monarcha; e Andrada prestou-lhe seu valimento, com intima convicção do bem do paiz. S. M. acolheu benignamente a escolha do novo lugar (em 1743) e destinou fundos para esse fim (em 1747), approvando o soberbo risco que lhe foi presente.

Ignoramos completamente qual fosse a forma desse chafariz, e nada por isso avançamos, apesar de nos afiançar hum amigo que seu pai fôra o constructor do segundo



MARTIM AFFONSO DE SOUZA.

chafariz, que (diz elle) foi feito com a mesma pedra do antigo; pois o Monsenhor Pizarro, em suas memorias historicas do Rio de Janeiro, apenas diz, que o chafariz era de alta elevação e singular constructura, e feito com marmores trabalhados em Portugal. Não sabemos tambem quem foi seu constructor; só sabemos que elle foi terminado em 1750.

O Conde de Lavradio succedeo a Bobadella porem não alterou suas obras; mas Luiz de Vasconcellos, que succedeu a este, com o fim de desempedir a Praça e favorecer as evoluções militares, o removeu, e fez apparecer (como diz Pizarro) com differente architectura á face do mar, fabricado de pedras do paiz, e mais duraveis, em 1779.

. . . . . .

Eis terminado o nosso artigo.

J. A. Cordeiro.

BIOGRAPHIA

DE

MARTIM AFFONSO DE SOUZA.

«Tanto em armas illustre em toda a parte,
Quanto em conselho sabio, e bem cuidado.»

CAMÕES; *Lus.* X., 67.

Martim Affonso de Sousa, primeiro donatario da capitania de S. Vicente no Brasil, foi o primogenito do alcaide mór de Bragança Lopo de Sousa, de mui nobre e alta linhagem, e de sua mulher D. Brites de Albuquerque. Era ainda moço quando deu huma prova de desinteresse e propenção ás armas. Tendo seu pai feito hospedagem ao castelhano Gonçalo Fernandes de Cordova ordenou, á saida deste grande capitão, que seu filho, para lhe fazer honra e cortejo, o fosse acompanhar por algumas jornadas: á despedida, querendo este fidalgo deixar-lhe hum penhor do seu reconhecimento, o joven Martim Affonso preferiu a hum precioso colar, de muito mais valia que lhe offerecêra, huma espada, que toda a vida estimou e usou.

Passou a mocidade na côrte do duque de Bragança D. Theodosio, e querendo este dar-lhe a alcaidaria de Bragança, por morte de seu pai, engeitou-a, indo para pagem do principe D. João; e daqui « por certo motivo de pondonor » se ausentou e se foi a Salamanca, donde, enamorado de huma nobre castelhana (com quem veio a casar) por nome D. Anna Pimentel, que como dama acompanhou a rainha D. Catharina em 1525, voltou a Lisboa quando já reinava o seu antigo amo. Talvez esta alliança, junta á estima que tinha do seu primo D. Antonio de Ataide, conde da Castanheira, e valido de El-Rei, e mais que tudo as suas boas e eminentes qualidades, motivaram o ser tratado com grande estimação na corte de El-Rei D. João III, que o fez do seu conselho.

Bem sabido he como até estes tempos as cousas do Oriente tinham attrahido todo o cuidado; e a *Terra* por Cabral chamada *de Vera-Cruz*, depois de reconhecida e demarcada, apenas servia de ser frequentada pelos contractadores de páu brasil, o que já a fizera conhecida por *Terra do brasil*. Os castelhanos aportavam ali indevidamente, e, para o mesmo fim, os francezes faziam temiveis piratarias e hostilidades. — Foi então que, havida a noticia das explorações de Gaboto e Diogo Garcia no Rio da Prata, El-Rei D. João III, resolvido a tomar inteira posse deste, a colonizar a terra, e a fazer respeitar o seu pendão por aquelles mares, aprestou huma armada de cinco velas, levando 400 homens, e nomeou Martim Affonso com grandes poderes para commandar no mar e depois em terra.

Partiu na armada de Lisboa a 3 de Dezembro de 1530, e com prospera navegação foi aportar ás Canarias e Ilhas de Cabo-Verde; e chegado á altura do Cabo de S Agostinho, onde foram aprisionadas tres náos francezas, entrou em Pernambuco com a sua esquadra, já de oito navios. Daqui enviou João de Sousa a Portugal em huma das náos aprezadas dar parte do acontecido; fez queimar outra, e mandou Diogo Leite com duas caravelas a explorar o rio de Maranhão, e tomar delle inteira posse.

Proseguindo ao sul com as náos restantes chegou á Bahia de todos os Santos, e encontrando a caravela Santa Maria-do-Cabo, persuadido que lhe era necessaria a tomou e levou na armada, que já constava outra vez de cinco velas. — Entrou no Rio de Janeiro, fez sahir a gente em terra, e construir huma casa forte com cerca em roda, visto que ainda então não havia huma feitoria, onde hoje existem duas cidades florecentes. (*) E mandou quatro homens pelo interior, os quaes voltaram dahi a dois mezes acompanhados do senhor da terra, a quem Martim Affonso encheu de presentes. Tres mezes completos se demorou aqui a gente, durante os quaes houve tempo de construirem dous bergantins; e refeito de provisões por hum anno, para os 400 homens que levava, fez-se de vela no caminho do Sul. Entrando no porto de Cananéa encontrou dentro hum bacharel portuguez, que ali estava degradado desde os principios de 1502, e tambem hum tal Francisco de Chaves e meia duzia de castelhanos. Daqui enviou a Pero Lobo com 80 homens d'armas a descobrir pela terra dentro. Tal foi a primeira *bandeira* (**), que se entranhou pelo sertão do Brasil.

Depois de 44 dias de demora continuou ao Sul, e quando era tanto avante como o cabo de Santa Maria soffreu a armada tal tormenta que, desarvorando e desgarrando-se as embarcações, foi naufragar hum ber-

(*) *Rio de Janeiro e Nictheroy.*

(**) *Dá-se no Brasil o nome de bandeira a hum indeterminado numero de homens, que providos d'armas, munições e mantimentos necessarios para sua defeza e subsistencia, entram nas terras possuidas pelos indios com algum intuito, p. ex. de descobrir minas, reconhecer o paiz, ou castigar hostilidades. Veja-se a Corogr. Brasilica e o Dicc. de Moraes.*

gantim perto da ilha de Santa Catharina, e o capitão mór deu á costa com a sua capitaina na entrada do Rio da Prata, perdendo-se a melhor porção dos mantimentos, porem salvando-se com a maior parte da tripulação. A sua armada ficou de novo reduzida a cinco velas.

Aqui o veio soccorrer seu irmão Pero Lopes, e, juntando-se hum conselho, foi decedido que o capitão mór não fosse, mas mandasse pelo Rio da Prata acima, a fim de o examinar e pôr padrões, do que elle incumbiu a seu irmão; e depois de reparado se embarcou, sendo talvez nesta occasião que examinou o rio Mampituba, ainda em muitas cartas designado com o seu nome, e foi esperar na pequena ilha das Palmas, ao Norte do cabo de Santa Maria, pelo dito seu irmão, que só chegou passados trinta e tantos dias.

Daqui partiu com a armada para o porto de S. Vicente, onde surgiu a 20 de Janeiro de 1532; e na conformidade das instrucções que levava deu terras, creou officiaes de justiça em duas villas que fez, huma em S. Vicente, e outra pelo sertão, em Piratininga, pouco arredado donde hoje está assentada a cidade de S. Paulo. Estas foram as primeiras colonias regulares de portuguezes no novo-mundo.

Conhecendo o prejuizo que causava a demora das náos e sua tripulação, assentou em conselho de a enviar a Portugal, e a seu irmão encarregou do commando. Emprehendeu então huma jornada a Piratininga onde se achava a 10 de Outubro de 1532. Pouco depois de voltar a S. Vicente aportou ali com duas caravelas o João de Sousa, trazendo resposta d'El-Rei datada de 23 de Setembro do dito anno. Nesta carta lhe fazia saber entre outras cousas, que lhe doava cem leguas de costa nos melhores sitios daquelle territorio, e lhe declarava que se podia tornar, se lhe parecesse não ser preciso ter lá mais demora. Por esta recommendação se resolveu M. Affonso de voltar á Europa, e se dispoz a fazer de vela na primeira monção de 1533, quando pouco antes da partida, recebeu noticia de haver sido sacrificada aos barbaros Carijós a expedição que de Cananéa mandára pela terra dentro.

Chegado a Lisboa foi nomeado capitão mór do mar da India, — prova do quanto El-Rei se dera por bem servido delle nesta incumbencia. Emquanto não partiu para o novo destino occupou-se da sua capitania enviando-lhe casaes, plantas e sementes — incluindo a canna de assucar; e celebrando contractos para a factura deste.

Aos 12 de Março de 1534 saiu do Tejo com cinco velas, e no fim do anno já estava em Gôa. O governador D. Nuno da Cunha lhe fez entrega da capitania mór do mar, e lhe deu huma armada de 40 navios para ir sobre Damão. Esta fortaleza foi entrada e toda destruida.

Achava-se em Chaul quando o célebre e infeliz sultão Badur, arreceando-se dos mogores, lhe mandou dizer, que cedia lugar em Diu para levantar huma fortaleza, obra desejada pelos portuguezes e muito recommendada d'El-Rei. A fim de prevenir as inconstancias do Badur, este grande capitão se vai logo a Diu donde só dá parte ao governador. Foi o dar esta nova que serviu de pretexto á temeraria viagem do distincto Diogo Botelho Pereira, que se arrostou com o Adamastor em huma pequena fusta, e chegou a Lisboa a salvamento.

O Badur ficou por tal modo affeiçoado a Martim Affonço, que o pedio em soccorro, com gente portugueza: e propondo o governador este pedido em conselho foi o capitão mór o primeiro a sustentar a concessão; e o Bardur deveu ao valor e ardil de guerra deste grande chefe o não ser destruido e preso pelos mogores.

Passou daqui a desbaratar os principes malabares na ilha de Repelim, que foi saqueada; e havendo destruido e assolado todos os lugares maritimos do Samorim, recebeu em Cochim noticias de que o rei de Cota, vassalo do de Portugal, se achava em apertos. Partiu logo para Ceilão, e sendo a sua presença bastante soccorro, aproveitou as intenções contra a frota auxiliar do Samorim, que foi destroçada depois de hum duro combate.

Guardava de novo a costa de Malabar, quando, saindo de Panane, o seu inimigo Pachi-Marcá o perseguiu até Beadalá onde alcançou tão grande victoria e tantos despojos, que armou por esta occasião muitos cavaleiros. Indo-se a Ceilão chega a tempo de soccorrer o rei de Columbo, que soube recompensar este auxilio com generosidade. Captivou e punio muitos piratas; e tinha ido de Canonor para Cochim, quando, recebendo aviso de Nuno da Cunha da proximação dos turcos, se apressou de ir a Gôa. Na occasião que chegou já lá estava o velho D. Garcia de Noronha, nomeado vice-rei, com grande sentimento do valente e infeliz D. Nuno. Martim Affonso vendo que o novo vice-rei não atacava, nem lhe deferia o seu pedido de ir em seguimento dos turcos, pediu para voltar ao reino o que lhe foi concedido.

Largou de Cochim na companhia de D. Nuno, e tendo aportado aos Açores, chegou a Lisboa, onde foi tão bem recebido de El-Rei, que antes de saber da morte de D. Garcia, logo o destinou para lhe succeder no governo, que demais lhe pertencia pela primeira via de successão; e só depois foi informado da morte do vice-rei.

Martim Affonço, nomeado governador, não se esquecendo da sua capitania, deu varias providencias, e se fez de vela 7 de Abril de 1541 em huma armada de cinco náos, levanda comsigo os primeiros jesuitas, que vieram a Portugal e foram á India, incluindo o Mestre Francisco Xavier.

Depois de alguma demora em Moçambique largou deste porto a 13 de Março de 1542; e, tendo recebido visita do Rei de Melinde e feito aguada em Socotorá, ferrou na barra de Goa a 6 de Maio.

Tomando posse do governo, que tinha D. Estevam da Gama, por lhe ter tocado a segunda successão, se embarcou em Outubro para Batecalá, e expugnando esta fortaleza por mar e terra a fez arrazar, depois

de soffrer grande resistencia; e exposta ao saque, foi incendiada. Tendo aprestado huma grande armada para ir ao pagode de Tremel, encaminhou-se por más informações ao de Tebilicaré, cuja jornada bem cara lhe custou.

Havendo governado tres annos e quatro mezes, entregou o governo em prospero estado ao seu grande successor D. João de Castro, chegado no primeiro de Setembro de 1545; — deixando a armada preparada; pagos 13 contos de réis de dividas velhas, afóra 50 mil cruzados em cofre.

Recolheu-se á Europa, e surgiu em Lisboa a 13 de Junho de 1546, aonde, passados tempos, deu novas provas de sua resolução. Correndo boato de que vinham turcos saquear as costas do Algarve, Martim Affonso, estando em conselho quando isto se tratou, offereceu-se de ir contra elles no caso que tal se verificasse, o que não teve effeito. A 8 de Março de 1552 se achava em Alcoentre, donde nesta data expediu huma provisão a fim de concorrer para a fabrica da fortaleza da Bertioga.

Subindo D. Sebastião ao throno, e antevendo este prudente conselheiro que a tão joven e incauto Rei não deviam de convir conselheiros experimentados, como se verificou, lançou-se de fóra antes que o mandassem; e segundo deduzimos do *Soldado Pratico* (cap. 13) El-Rei veio a estar «pouco contente delle no obrar dos seus negocios.»

Retirado da corte não se esqueceu das terras de S. Vicente, as quaes, pelo contrario, «favoreceu de navios e gente, que a ella mandava, e deu ordem com que mercadores poderosos fossem e mandassem a ella fazer engenhos de assucar e grandes fazendas.» E de todo affastado dos negocios se occupou de escrever a sua vida, que deixou MS.; e que foi vista pelo incansavel conde da Ericeira, na Bib. do conde de Vimieiro, — o qual declara tambem insigne em letras como nos feitos illustres — Tratou com a melhor gente do seu tempo, incluindo o grande Pedro Nunes, a quem propoz questões astronomicas, de que este distincto mathematico portuguez faz menção no seu Tratado em 1537.

Falleceu a 21 de Julho de 1564, e foi sepultado no convento de S. Francisco da Cidade, na capella de Jesus, que edificára.

Foi commendador de Mascarenhas na ordem de Christo, alcaide mór de Rio Maior, e senhor do Prado, e tambem de Alcoentre, onde instituiu hum morgado.

Foi nos conselhos docil e prudente, firme na resolução, intrepido na execução e forte nos revezes: e, para nos expressarmos com Diogo de Couto, foi de grandes pensamentos, e muito determinado. Era bem apessoado, lhano nos gestos, de aspeito agradavel e de aprazivel conversação. Só lhe tem faltado na posteridade, para ser eterno o seu nome e a sua memoria hum Jacintho Freire ou hum Corte-Real — já que o seu manuscripto não viu a luz. — E quão interessante não seria se apparecesse!

O retrato que apresentamos he feito pelo da Asia de Faria e Sousa, de combinação com a descripção que do de Gôa faz Diogo de Couto; do que fomos obrigados a lançar mão por nos não ter chegado ainda huma copia que esperamos daquella capital dos estados portuguezes na India. As armas são as competentes da casa do Prado.

F. A. de Varnhagen.

(Diario de Pero Lopes de Sousa.)

JERONIMO BARBALHO BEZERRA

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO II.

Meia noite havia dado ha muito, quando huma sombra rapida como o pensamento, tendo-se mostrado no canto da rua veio parar em frente da porta; abaixou-se, como quem procurava alguma coisa no chão, e depois duas pancadas foram lá por dentro estrugindo, e abrio-se huma janella:

— Quem he que a taes des horas vem encommodar-me?!

— Jorge Ferreira Bulhão está aqui? perguntou huma voz argentina.

— E quem sois vós, que o procurais?

— Clara de Estevaes, tornou a mesma voz, depois de breve hesitação.

A janella fechou-se; correram-se os ferrolhos da porta, e hum indio segurando huma bugia encaminhou a recemchegada a huma grande sala, onde o mais vergonhoso espectaculo se offerecia aos olhos; Hogarth, Hogarth! falta-me o teu admiravel pincel para descrevel-o: seria atrevimento imperdoavel, se minha mãos tentassem depois de ti pintar o homem no mais abjecto estado a que pode conduzil-o a intemperança! não, minhas mãos não farão a caricatura de teus quadros, e já que me fallecem forças para pintar o meu, fique-se em sombras na imaginação de Vs. Ms.

Clara de Estevaes caminhou com visivel repugnancia até o meio da sala, procurando com tristes olhos entre os quatro mancebos sujos de vinho e descompostos aquelle que ali a trouxera:

— Jorge! disse ella, vendo que nenhum levantava a pesada cabeça.

— Que vóz he esta? disse Jeronimo Barbalho, esfregando os olhos empanados, e fazendo esforços para levantar-se; que vóz tão suave, que parece huma musica do ceo! ó maldito Diogo Lobo, tu me atraiçoaste com teus cangirões descompassados!

— Jorge!! bradou segunda vêz a moça agarrando por hum braço o mancebo que despertára; com o fallar do outro, foge daqui, vem commigo; Jorge Ferreira levantou a cabeça, e ficou bom pedaço olhando o alterado semblante da moça, como que juntando as confusas ideas, e depois estendendo-lhe os braços:

— Ès tu, Clara! porem, onde estou eu?! disse, olhando admirado á roda de si.

— Em meio de hum grande perigo, meu querido, sobre hum volcão quasi a arrebentar! foge daqui, Jorge Ferreira; em pouco esta casa ficará cheia de soldados, que o Governador em pessoa vem prender-te, prender-

vos todos, ah! vem commigo, Jorge, vem commigo!?

— Quem falla ahi em soldados!? disse com voz tremula Lucas da Silva; que he da minha espada! cortarei as orelhas do..... E cahio sobre a mesa opprimido pelo vinho, como Jorge Ferreira, tinha feito, sem poder hum e outro dar hum passo.

Clara, vendo que o mancebo não se levantava para seguil-a, agarrou-o por hum braço, e conseguio levantal-o:

— Jorge, meu querido Jorge, o tempo corre, e os soldados não tardam! vamos, encosta-te sobre o meu hombro, que te ajudarei, vamos!

E foi conduzindo-o de vagar para a porta da sala; porem antes de chegar a ella cem archotes illuminaram a rua, e ouvio-se o pizar compassado dos soldados.

— Tudo está perdido! disse Clara de Estevaes com desalento, porque Jorge Ferreira faltando-lhe o amparo da moça, que involuntario terror affastára delle, cahio redondo no assoalho; porem sem demorar-se hum instante, corre a trancar portas e janellas, armada de forças sobre-naturaes, arrasta para hum proximo gabinete o somnolento mancebo, e á primeira pancada que soou na porta da rua, sahio ella para a sala vestida com as roupas de Jorge, e encontrando hum chapeo enterrou-o nos olhos, e foi tomar o lugar que o mancebo havia occupado; porem ao assentar-se deu com os pés na espada de hum delles, e baixando-se tomou-a bem como os outros tres: acabava de o fazer quando o ruido das passadas se fez sentir em huma sala proxima.

— Não he mister que entreis todos, disse ella contrafazendo o som da vóz; basta que o Governador entre, que não pretendemos resistir ás suas determinações.

E tendo elle entrado:

— Se quereis prender-nos, senhor, aqui estamos, aqui estão nossas espadas; porem fazei que se vão vossos soldados, ficando apenas alguns para conduzir-nos á prisão sem este aparato, que porá em alarma todas as ruas por onde passarmos.

— Foi preciso que o vinho vos pusesse mansos!? disse o Governador com severidade; ha quanto tempo fecho eu os olhos sobre vossos desvarios?!

— Senhor, nós estamos presos; atalhou a môça que via com desassocego começar huma reprehensão justamente merecida.

— Sim, estais presos, e eu serei tão rigoroso com vosco agora, quanto tenho sido indulgente: olá, Alvaro de Estevaes.....

— Senhor, por quem sois, não façais vir esse homem para prender-nos!! he meu inimigo, e não me entregarei á prisão em suas mãos!

— Eu sou quem mando, disse o Governador atirando com as espadas ao meio da outra sala: Alvaro de Estevaes, seis homens d'armas, e tu para conduzirdes estes senhores a melhor poisada!

— Meu Deos, salvai-me!! disse baixinho a môça, levantando para o céo as mãos.

No mesmo instante entrou na sala hum homem agigantado, cujo rosto coberto por espessas barbas e bigodes tinha tão fera apparencia, que faria gelar de susto qualquer dos nossos meninos de hoje apologistas dos barbudos e *bigodeados* donzeis; era tal gigante hum desses homens como hoje não se encontram, hum desses que seguravam montantes e vestiam saios de malha, homens de ferro como as armas que os cobriam, Alvaro de Estevaes, que assim se chamava, o qual segurando por hum braço Jeronimo Barbalho, levantou-o de sobre a mesa, e fallando para os companheiros:

— Vós outros, Paulo e George Bayão segurai aquelle que ali está inda atracado ao pichel; vós, irmãos Frisões, aquelle outro, e vós, meus filhos, tereis conta neste: para mim quero o que está vivo, quero aquelle vergonhoso, com o seu chapeo enterrado até os dentes. Ah! senhores filhos-d'algo, que bem pouca vergonha tendes quando se trata de furtar, ou seduzir huma pobre rapariga!

— Que diabo queres tu?! disse Lucas da Silva dando hum encontrão no soldado que o segurava.

— Levar-vos a descançar em bôa cama, senhor cavalleiro, respondeo Alvaro de Estevaes, que as tem preparadas o compadre Gonçalo Tachóx vosso hospede, que será; vamos rapazes!

E sahiram, sendo a ultima Clara Estevaes, que como Vs. Ms. hão de ter reparado parece ter parentesco com o commandante da escolta? eu creio que sim; porem não he tempo de investigar isso agora, mais a diante o saberemos.

Foram caminhando vagarosamente, por que os tres mancebos não davam lugar a mais, e já tinham percorrido a travessa e rua, quando ao chegar ao largo da Mizericordia hum alabardeiro do Governador se chegou a elles, entregando a Alvaro de Estevaes hum papel lacrado.

— Valha-me S. Braz! como he que hei de ler essas palavras com este escuro? adiante, na prisão o faremos.

— E se fôr huma ordem de soltura, para que chegar lá? disse Clara de Estevaes com a esperança no coração.

— Ordem de soltura?! estais a gracejar, senhor Cavalleiro; o Governador não desfaz com os pés o que fez com as mãos; demais eu não tenho vista de gato.

— Porem vosso compadre Braz Fialho mora ali.....

— Olé! como conheceis vós os meus? e o mais he que jurára eu por a salvação de minh'alma, que não he esta a primeira vez que vos oiço fallar; desenterrai esse maldito chapeo.....

— Lede a ordem! disse Clara affastando-se, por que Alvaro de Estevaes acompanhára as palavras com certo movimento que quasi a descobrio.

— Ora vá! acordemos o compadre, para fazer a vontade ao senhor cavalheiro; porem se a ordem fôr contra vós?

— Haveis de comprila, qualquer que ella seja.

E dando mais alguns passos pararam junto de huma pequena casa.

— Quem bate lá de fóra? perguntou rouca vóz de mulher.

— Eu, Alvaro, senhora Brigida dos Santos; abri, e tende paciencia, que poucos instantes vos furtarei de somno.

Abrio-se a porta, e hum como phantasma embrulhado em roto lençol de estôpa com hum barrete de dormir que talvez por ser de noite não parecia branco, apresentou-se a receber as visitas:

— Roldais por aqui esta noite, senhor compadre?!

— Não; vou levar a bôa cama estes amigos: porem recebi este papel em caminho, e quizera saber o que elle me diz; ó senhora comadre, chegai para cá essa bngia.

E leo:

— « Mando-vos, que dexeis ir livremente os reteúdos Jeronimo Barbalho Bezerra, Jorge Ferreira Bulhão, e Diogo Lobo; tendo em bôa guarda o que he nome Lucas da Silva.....

— Lucas da Silva! repetiram a huma vóz os dois velhos compradres de Alvaro de Estevaes.

— Vós o conheceis? perguntou este.

— Se o conhecemos!? he o Creado da nossa filha Eufemia; pobre môça! e que fez elle, senhor Alvaro, para que seja reteúdo em bôa guarda pelo Governador?

— Eu não sei; mas estou bem contente polo conhecerdes, quo por vida minha, nenhum quererá ser Lucas da Silva; vinde cá fóra mostrar-m'o. E sahio.

— O' Braz, salvemos o pobre moço?! disse a velha, puchando pelo lençol em que estava embrulhado o marido, e que quasi, quasi fica como hum S. Sebastião sem flechas.

— Mulher, isso não he possivel! seria preciso enganar o compadre.....

— Pois fica-te ahi, e deixa correr isso por minha conta..

E sahio atraz de Alvaro de Estevaes.

— Ora olhai a cara deste, senhora Brigida; será o tal?

— Eu..... parece-me que não..... ah! não he este, senhor compadre; vêde que sou eu quem o digo, não he meu marido!

— E este, será?

— Não, este não; por Santo Antonio vol-o asseguro.

— Ora vêde este, deve de ser por certo?!

— Não, não! este não he Lucas da Silva, o filho de Mathias da Silva, o Creado de minha filha!

— Então, já eu sei qual elle he.

— Que dizeis, senhor Alvaro!? exclamou a velha aterrada, julgando que tinha sido descoberta a fraudolenta mentira.

— Digo-vos que o conheço agora; he aquelle magano, que ali está com o chapeo enterrado até os queixos: bem me queria parecer que tanta vergonha era fingida e que se escondia para o deixarem mais á larga, e poder escarpar-se: segurai-o bem rapazes!

— Porem, eu não digo que seja elle replicou a velha tremendo; e póde ser que vos enganeis....

— Diabo! elles são quatro; entre elles está Lucas da Silva, que vós conheceis muito bem como acabais de dizer; daquelles tres não he nenhum; quem póde ser, senão este?! Porem vamos sempre ver-lhe a cara.....

— Não vos chegueis para cá! disse Clara arrebatando a espada de hum dos soldados; eu mostrarei meu rosto, porem ali dentro, e só a vós, senhora Brigida, ou a vosso marido.

— O que elle pede he justo, senhor compadre; deixai-o entrar, que nós vos responderemos por elle.

— Pois que entre; desconheço-me hoje com tantas indulgencias.

E a môça entrou; o que lá passaram não sei, porem Braz Fialho chegoua á porta e disse para o compadre, que altercava com hum dos presos:

— Senhor Alvaro hum desses tres mancebos he Lucas da Silva; eu vou mostrar-vol-o.

— Não he preciso, meu compadre; aqui o tenho, que disse por sua bocca o que eu pretendia saber: o relento poz-lhe fim á borracheira, já temos homem com nosco, ficai-vos com Deos, que me vou eu a leval-o.

E partiram; Alvaro Estevaes continuava por a rua adiante, levando em meio de dois soldados Lucas da Silva, os outros retrocederam, carregando ás costas Diogo Lobo e Jeronimo Barbalho, depois de lhes haverem despejado as algibeiras para não hirem tão carregados. A porta da casa de Braz Fialho, que se havia fechado logo que Alvaro partira, abrio-se novamente, e a tia Brigida dos Santos lançou o delgado pescoço cá para fóra observando se ficára alguem por perto.

— Nada vejo, Clara, disse ella voltando-se para dentro; pódes sahir, e que o Senhor te guarde até que chegues a casa, e sempre! porem espera; Braz, por que não vais tu acompanhal-a?

— Não, eu irei só; disse Clara de Estevais sahindo.

— Vê as consequencias de huma mentira no que tu ias fazendo! disse Braz Fialho para sua mulher logo que esta fechou a a porta; mentindo, não salvavas o mancebo, por que ámanhã se conheceria o erro, e elle seria novamente preso, e perdias sem remedio essa pobre moça; que se meu compadre sabe que sua filha anda por estas horas da' noite fóra de casa mata-a certamente, eu o conheço bem. Tresloucada, rapariga! deixar-se perder de amores por hum mancebo que não casará com ella, e que ha de fazer sua desgraça mais tarde, ou mais cedo....

— Que dizes tu!? pois não he ella bem bonita?

— Ai, he hum dóte bem pequeno para soberbo filho-d'algo, e bem funesto para ella!

— Ora deixa-te de prophecias, que bem poucas mulheres ha tão loucas, que como eu se queiram casar com ninguens.

— Ah! eu sou de teu parecer, e ainda vou mais longe; porem a desgraça he não haverem muitos alguens, que se casem com mulheres do povo só por seus olhos bonitos; Brigida, eu sempre ouvi dizer: — Lé com lé, e cré com cré! vamos a dormir, que he melhor.

— Vai tu, que eu não tenho somno.

— E se vou; fica-te ahi lamentando a sorte das mulheres loucas, que se casam com peões como eu.

Clara de Estevaes, que em huma só noite vira tantas vezes o abysmo prestes a devoral-a, chegou a casa sem fôlego; e como não bastassem tantos avisos e mortificações, ainda a esperavam ahi novos perigos: seus dois irmãos, que haviam conduzido Jeronimo Barbalho, chegaram primeiro, e altercaram á porta. A moça retrocedeo sem parar, e foi por longe buscar o muro de hum pequeno jardim, que partia com a horta de sua casa, que galgou com extrema difficuldade: alguns minutos depois, veio abrir a porta a seus irmãos, que sem reparar na vermelhidão de suas faces, e arfar do peito, foram deitar-se depois de lhe haverem dirigido virulenta apóstrophe por que os fizera esperar tanto tempo. Clara sentou-se; seus olhos procuraram diversão ás reprehenções, que a consiencia lhe murmurava, e foram encontrar hum painel de Santa Margarida de Cortôna, donde ella os desviou logo, dizendo tristemente:

— Criminosa, como tu foste, sou eu! porem quando chegará para mim a hora do arrependimento?!....

Mas por debaixo do painel, e em cima de huma mesa encontram elles aberto hum Amadiz de Gaula, livro em que ella estava lendo, quando vieram chamar seu pai da parte do Governador para ir prender os quatros mancebos; sua mão foi vagarosa até elle, e trouxe-o aos labios:

— Oh! tu me deste coragem para salval-o! disse ella apertando o livro contra o peito.

Vejam Vs. Ms. como hum livro pôde tanto! e aquelles que tivererem em sua guarda môças bonitas, por que as fêas guardam-se a si mesmas, aquelles que as tiverem bonitas, tenham conta em arredar-lhes das mãos, não aquelle, porque he innocente (e ainda assim fez mal!), porem outros, que por hí ha modernos, os quaes não só dão coragem para commetter loucuras, e praticar crimes, mas até o ensinam detalhadamente.

(Continua)

FASTOS BRASILEIROS.

MARIA DE SOUZA.

Quando o inimigo batavo pisava arrogante o sacro e amado solo do patrio Pernambuco, foram tantos e tão gloriosos os feitos obrados em obsequio da Patria, que para consignal-os mister fôra crescido numero de volumes; nosso jornal fará mensão d'aquelles que, ou por mais ignorados, ou por grandiosos o merecem.

A revolução portugueza de 1640, fertil em acontecimentos espantosos, deu lugar, entre outros, a dois heroicos factos, que a mão do homem mal pôde representar aos olhos das futuras idades; faremos menção delles, não só por que realçam o que mais extensamente pretendemos relatar aos leitores, mais ainda porque contemporaneos parecem todos filhos de huma só vontade, e são fructo de hum só pensamento. D. Filippa de Vilhena, condessa d'Atouguia, armando cavaleiros seus dous filhos D. Jeronimo d'Attaide e D. Francisco Coutinho, para que fossem morrer pelo rei, que o esforço e patriotismo de João Pinto Ribeiro assentou no solio portuguez; D. Marianna de Lencaster, verdadeira filha de Sparta, repetindo a Fernão Telles e Antonio Telles da Silva, que só encontrariam sua mãi, se voltassem victoriosos e vingados do oppressor castelhano; essas duas mulheres não fazem por certo córar as nações modernas quando leem o que a soberba Grecia e Roma apregoam de suas matronas illustres! A Europa, Africa e Asia tem mostrado quanto pode esse sexo fragil em lances arriscados; coragem, lealdade, devoção, patriotismo, tudo cabe nessas almas que nos parecem fracas, tão fracas; a America, o Brasil tem dado tambem muitos nomes para o catalogo das mulheres illustres.

Maria de Souza, mulher nobre e natural de Pernambuco, desde que os Hollandezes entraram a Provincia destinguio-se sempre pelo atrevido de seu dizer contra as perfidias e crueldades praticadas por os que se diziam protectores dos indios, por os inimigos que Castella escolheu para reduzir o Imperio Luso á condição de Provincia hespanhola; manifestou sempre seu acrisolado pairiotismo, e por todas as maneiras; porem o maior, aquelle que a levantou acima do heroismo de Filippa de Velhena, e de Marianna de Lencaster foi que dando-se-lhe parte da morte de hum filho em batalha com hollandezes, de tal sorte soube vencer a dôr, e desterrar do peito a fraqueza femenil, e o natural sentimento de mãi, que chamando por outros filhos que lhe restavam de 14 e 15 annos lhes disse com espiritos mais que de mulher: « Hoje, filhos meus, cahio vosso irmão Es- « tevão Velho aos golpes do traidor hollandez; e « ainda que perdido tenha tres filhos e hum genro, « antes vos quero persuadir, que desviar da obri- « gação precisa aos homens honrados n'huma guerra, « onde tanto servem a Deos, como a El-Rei, e « não menos á Patria: pelo que cingi logo a es- « pada; e a triste memoria do dia em que a pondes « na cinta, esquecendo-vos para a dôr, vos lem- « bre para a vingança, matando, ou sendo mortos « tão esforçadamente, que não degenereis desta « mãi, e daquelles irmãos!! (*) » Que não saibamos o nome dos outros filhos de tão illustre matrona!.... Levem estas duas linhas este pequeno brado á eternidade a memoria de tão illustre feito!

Os Srs. assignantes poderão dirigir suas reclamações á esta Typographia, ou a qualquer das casas annunciadas, para receber as assignaturas.

(*) *Brito Freire, Nova Lusitania,* § 644 *pag.* 339.



Sr
Salvador Corredera
y Serrano

BIOGRAPHIA

DE

SALVADOR CORREA DE SA' E BENAVIDES.

Viu a luz em 1594, e recebeu o baptismo na freguezia de S. Sebastião (hoje Sé Velha) do Rio de Janeiro (*). Seus pais contavam-se entre as familias distinctas d'aquella época: Martim de Sá, filho do primeiro Capitão Mór d'esta cidade Salvador Corrêa de Sá (**) e de sua terceira mulher D. Victoria da Costa, além de pertencer á familia mais nobre das que então povoavam as terras d'esta bahia de Nictheroy, sempre se avantajou em dignidades e honrosos encargos: – D. Maria de Mendonza e Benavides, filha de D. Manoel Benavides, Governador de Cadiz, tanto não carecia de nobreza, que o primogenito herdou tambem para si o nome e as armas da familia na terra.

Os primeiros annos da biographia de Salvador acham-se, como acontece á de quasi todos os guerreiros, envoltos em mysterios e incertezas: só apparece o heróe desde que elle começa a grangear este titulo. He natural que passasse a infancia em companhia de seu pai, o qual concluiu em 1608 os seis annos do seu primeiro governo do Rio de Janeiro. Sabemos que entrou no serviço publico em 1612, e que o primeiro feito relevante que praticou foi a conducção de hum comboy de trinta navios, que a salvamento das piratarias hollandezas passaram de Pernambuco á Europa. Voltando depois ao Rio de Janeiro, deu traça a fazer levantar trezentos homens na Capitania de S. Vicente, com os quaes e com tres canôas de guerra e duas caravelas, partiu em principios de 1625 para coadjuvar a armada que de Lisboa sahira em 24 de Novembro do anno antecedente para effectuar a expulsão dos Hollandezes da cidade da Bahia.

Seguindo Salvador Corrêa viagem para a dita cidade, e aportando no Espirito Santo, succedeu irem alli encontral-o seis náos hollandezas, que andavam a corso, e se destinavam a saquear a terra. Taes intenções foram frustradas pela intrepidez de Salvador Corrêa, que emboscando-se com os seus, e cahindo no inimigo, o obrigou a embarcar-se, soffrendo este a perda de huma lancha com duas rouqueiras, afóra muitos mortos e feridos. Continuando no seu destino chegou á Bahia no meado de Abril, e em tão boa hora que muito concorreu para o feliz exito da recuperação d'esta cidade, que se levou a effeito no 1.º de Maio seguinte, antes de completar hum anno que possuiam os Hollandezes. Retirando-se depois a maior parte da frota para o Reino, parece-nos que n'esta occasião para lá foi tambem Salvador Corrêa, o que julgamos confirmar pelo testemunho de hum escriptor contemporaneo, que a severa haver-se este fidalgo embarcado na náu da expedição — N. Senhora da Penha de França — o que só na volta poderia ter logar. Esta conjectura confere com a circumstancia de se achar Salvador em Lisboa em 1630, aonde depois recebera a infausta noticia de ter ficado orphão de pai, fallecido segundo Pizarro (II, 249) a 10 de Agosto de 1632, no fim de mais de tres lustros de viuveza.

Em 1634 foi Salvador Corrêa nomeado Almirante do mar do Sul, com ordem de ir combater os rebeldes que se apresentavam ameaçando a provincia de Paraguay. Esta nomeação lhe proporcionou o favoravel ensejo para reforçar as provas do seu valor e talentos militares. Dentro em pouco desbaratou os Calequis, fazendo prisioneiro o seu caudilho D. Pedro Chamcoy, que mais de trinta annos resistira em guerra. A provincia de Tucuman ficou tambem perfeitamente pacificada com o ganho da batalha de Palingarta em 1635. A gloria d'estas victorias foi alcançada por Salvador Corrêa á custa de doze feridas de flecha. Tão distinctas acções, juntas a muitas virtudes e boas qualidades, lhe grangeavam a amisade e affeição do Governador do Chile D. Pedro Ramires de Velasco, que lhe concedeu para espoza sua filha D. Catharina Velasco, de cuja familia os descendentes por este entroncamento, tomaram tambem as armas em vez das da casa de Mendonza, de que usa Salvador Corrêa em o terceiro quartel. Seus serviços por todos reconhecidos não podiam ficar no olvido e sem alguma recompensa.

(*) *Monsenhor Pizarro (Mem. Hist. Tom. 3.º pag. 204) accusa o assento do baptismo Rocha Pita o dá como nascido no Brasil e o proprio Salvador o confirmou em o P. S feito de proprio punho, no fim de huma carta de 10 de Janeiro de 1641 á Camara de S. Vicente.*

(**) *Natural da Quinta de Peneboa, termo de Barcellos; filho de Gonçalo Corrêa e Filippa de Sá, e neto de Rui Vaz Corrêa, e de Martim de Sá das inhdgens dos Corrêas e dos fidalgos de cotas d'armas, diz a sua Carta de foro de 30 de Agosto de 1574. Era Cavalleiro do habito de Santiago.*

A carta patente de 21 de Fevereiro de 1637, pela qual Salvador Corrêa foi nomeado Capitão Mór e Governador do Rio de Janeiro, he hum documento honroso tanto para o interessado, como para o governo que lhe fez justiça, e por isso dignissimo de toda a publicidade. Menos honrosa não é talvez a provisão do Conde da Torre, Governador General do Brasil, passada a 8 de Junho de 1639 em virtude da qual o nosso heróe foi revestido de amplos poderes, afim de levar a effeito o reforço e melhor organisação da milicia. Pouco depois, aos 6 de Setembro do mesmo anno, teve a satisfação de ver nascer n'esta cidade o seu primogenito Martim Corrêa de Sá, que veio a ser o primeiro Visconde da Asseca.

No meado de 1640, quasi simultaneamente com a noticia de haver tomado posse do governo d'este Estado o 1.º Vice-Rei Marquez de Montalvão, chegaram a seu conhecimento os motins e tumultos que em S. Paulo haviam occasionado as providencias que tentaram pôr em execução os Padres da Companhia, para reprimir ou terminar o captiveiro e trafico dos indigenas; fundando-se em muitas leis e instrucções do Governo de Portugal, e n'uma bulla por elles obtida do Papa Urbano VIII, em que lhes concedia ou lhes permittia arrogar-se para este fim de poderes temporaes. Salvador Corrêa julgou com razão do seu dever cumprir as leis conforme os Jesuitas reclamavam; se bem que não podia deixar de conhecer que dava um passo contrario, não só talvez aos seus interesses, como aos da maior parte dos habitantes do Brasil, dos quaes alguns com a realisação da liberdade dos Indios ficariam reduzidos a mediocridade ou a indigencia, como se viu succeder a muitos quando o Marquez de Pombal fez pôr em execução as leis a tal respeito promulgadas. Porêm toda a opposição que no tempo de Salvador Corrêa se experimentava existia só na provincia de S. Paulo. Para evitar que esta cidade do Rio de Janeiro se levantasse com as mesmas exigencias d'aquella provincia, convocou o prudente Governador procuradores para huma concordata do povo com os Padres da Companhia, que se celebrou no dia 22 de Junho Outro tanto quiz promover na provincia de S. Paulo. Em datas de 6 e 23 de Setembro escreveu aos habitantes de S. Vicente, estranhando-lhes o terem-se em tal assumpto conduzido com superioridade absoluta, e convidando-os a imitar o procedimento dos d'esta capital. Estas instancias foram baldadas, que os habitantes da dita provincia estavam de todo decididos contra as novas providencias que iam de frente á seus interesses. Assim o caracter independente da provincia de S Paulo a fez precursora do banimento da seita jesuitica, que, se acazo tinha alguma vez em vista o interesse espiritual e corporal dos neophitos, quazi sempre fazia reverter o resultado em exclusiva utilidade da Companhia.

Salvador Corrêa vendo frustradas as ameaças, procurava em Janeiro do anno seguinte captivar pelo brio os animos revoltados, recommendando lhes que fugissem de obscurecer os seus muitos serviços á Corôa Portugueza, com a pertinaz persistencia na recalcitração ás ordens superiores. E tes altivos Brasileiros foram surdos a taes reclamações, e hum novo acontecimento, grande em si e em seus resultados, lhes alimentou esperanças novas em suas pretenções.

No primeiro dia de Dezembro de 1640 rebentara na metropole lusitana a revolução que motivou não exceder a 20 annos o periodo da sujeição a Castella dos territorios em que a lingua portugueza fora cultivada, polida e propagada á custa de trabalhos, despezas, e sangue. — D. João IV foi tambem acclamado rei em todas as capitanias da Bahia para o Sul, medeando só o tempo necessario para echoarem tão longe os brados metropolitano: no Rio de Janeiro soaram tres mezes depois. Salvador Corrêa julgou dever tirar partido do alvoroço e expectação deixada por esta rapida mudança, a fim de apaziguar os animos. Em Maio e Junho escreveu de novo para as villas da mencionada provincia, convocando com a maior destreza procuradores do povo que levassem a cabo huma boa composição com os Jesuitas. Porem as suas esperanças de bom exito se desvaneceram. Os Paulistas com o espirito ainda alborotado, e desvanecidos pelo heroismo praticado na sua revolução, foram surdos a todas as propostas; protestaram contra tudo que fosse libertar os Indios, e tira-los do seu serviço de captiveiro. Argumentavam estes outros Brasileiros d'então, para manterem e apoiarem a escravatura indigena com as mesmas razões que ainda obrigam os Brasileiros de hoje a permittir e tolerar no seu livre territorio a con-

servação da escravatura africana. — Por tanto, se tal pretenção não pudera deixar de ser ao presente indeferida pelas idéas luminosas da philosophia moderna, não he justo que seja vituperada e condemnada cruelmente pelos que no meado do seculo 19 conservam a escravidão africana, por em quanto julgada indispensavel para o progresso da industria. Cuspir em taes casos infamias contra as gerações passadas por seus actos, vale o mesmo que amaldiçoarmos os nossos com opprobrio e ignominia.

Porém, como diziamos, vendo Salvador Corrêa frustradas as diligencias que por escripto fazia para socegar por alguma forma os povos de S. Paulo, formava planos de ir pessoalmente terminar estas questões á mesma provincia, quando despachos e instrucções que recebeu o fizeram resolver definitivamente. Chegou lhe datada de 15 de Agosto a confirmação da carta patente de 21 de Fevereiro de 1637, e demais o titulo de Governador Geral e Administrador da Repartição do Sul (do Brasil), que passava a comprehender o Espirito Santo; vindo igualmente disposições para o nosso Governador confirmado inspecionar e lavrar as minas descobertas pelos Paulistas, e para abalar as desordens promovidas pelas exigencias imprudentes dos Jesuitas. A 19 de Março entregou Salvador Corrêa o governo a seu tio Duarte Corrêa Vasqueanes, e partio para Santos, onde se viu obrigado a ter maior delonga do que talvez esperava Por quanto a villa de S. Paulo, temendo ser forçada á adopção de algumas medidas, que lhe causasse irremediavel prejuizo, fez-se incommunicavel com as villas maritimas, trancando os caminhos, e mostrando-se rebelde as insinuações do Governador Geral. Salvador Corrêa escreveu-lhe em Setembro huma carta declarando que lançaria hum véo no passado, e se recolheria a esta capital se elles viessem no que convinha ao regio serviço. Proveu que se elegessem a maior numero de votos 48 procuradores, os quaes se obrigariam com os officiaes da Camara a prestar obediencia ás ordens superiores; a permittir que fossem as minas administradas por trez empregados nomeados por elle Governador; a fazer desempedir os caminhos, e terminar as disenções com os povos de serra abaixo. Reuniram se os procuradores, e as condições foram satisfeitas, de forma que Salvador Corrêa em breve voltou ao Rio de Janeiro deixando tudo em paz. Pelo alvará e regimento de 26 de Março de 1644 foi nomeado General da frota então ordenada para escoltar e proteger os navios de commercio do Brasil. Em data de 8 de Junho do mesmo anno foi encarregado com amplos poderes de dirigir a exploração das minas, em cumprimento do regimento de 7 do mesmo mez. Lemos que n'esta occasião lhe foram feitas promessas mui lucrativas e honrosas para quando levasse a cabo as ditas explorações, e com vantagem decidida. Tambem recebeu o despacho para hum lugar de deputado do Conselho Ultramarino. E como de todas as suas obrigações julgasse então de mais transcendencia a de General da frota, delegou os poderes das outras, e no desempenho d'esta, tendo por capitania o galeão por elle concluido n'este Estado, fez trez viagens a Portugal, em a primeira das quaes chegando com trinta e sete velas, amanhecendo defronte do Arrecife em 12 de Agosto de 1645, deixou por esta occasião grande socorro em Tamandaré, que muito concorreu aos bons successos deJoão Fernandes Vieira.

Foi ao depois lembrado pelos seus admiradores ou pelos seus emulos para soccorrer o reino de Angola, estabelecendo alli um presidio que protegesse o commercio portuguez, anciado depois da morte do governador Souto Maior. Conjuntamente com esta nomeação recebeu ordem de vir tomar as redeas do governo das trez capitanias pertencentes á Repartição do Sul, para que aqui, em quanto esperasse as forças que lhe deviam ser enviadas, promovesse a sua defensão e a agencia dos bastimentos para a armada da Bahia e para a jornada de Angola; enviando-se-lhe para isto melhor conseguir huma amnistia geral a todos os comprometidos. Aconteceu que chegando a barra d'esta bahia a 23 de Janeiro já aqui encontrou os cinco galeões, com que não contava tao breve, de todo prestes. Apezar de ser pouco o tempo de que podia dispôr, não deixou de apregoar por todos os modos o damno que resultaria ao Brasil, se ficasse Angola em mãos inimigas, ponderando igualmente as vantagens que viriam a este Estado da occupaçao d'aquelle reino. Estas zelosas deligencias produziram a somma de cincenta mil cruzados, donativo avultado exhorbitante por certo, e por ventura

ruinoso para esta praça, como ao depois se viu. Esta somma permittiu apparelharem-se mais dez vasos com a competente guarnição e munições, alêm de 900 homens de tropa de desembarque. D'estes ultimos vasos foram quatro arranjados a expensas do Governador. N'este tempo cuidou tambem de alguns negocios domesticos acêrca de certas terras nos Campos de Goitacazes.

Sahiu do porto do Rio de Janeiro a 12 de Maio, e, conforme ordenava o seu regimento, dirigiu-se ao de Quicombo. Saltou em terra, e depois de examinar o lugar em que se lhe mandava fazer huma feitoria, convocou em conselho todos os officiaes, e lhes expoz que tinha instrucções para não quebrar as pazes com os Hollandezes; porem que não existindo estas já de facto, pois que os Portuguezes alli residentes viviam debaixo da oppressão e de vexames, julgava achar no mesmo regimento sufficiente pretexto para se fazer a guerra. Este parecer foi por todos approvado, e se decidiu que se diligenciasse começar por tomar posse da capital. Embarcada de novo toda a gente, foi com a frota demandar a barra d'Angola. D'ahi enviou hum parlamentario, intimando aos Hollandezes que capitulassem. Para responder pediram estes ultimos oito dias, talvez com tenções de entretanto cuidarem de preparativos. Salvador as previu, e concedeu só quarenta e oito horas, passadas as quaes, como o inimigos e decidisse a resistir, fez desembarcar a hum tempo toda a infantaria. Saltaram os expedicionarios em terra sem resistencia, e marcharam sobre a cidade com o general á sua frente. De noite aproveitou-se para levantar duas baterias contra o inimigo, e depois de se bater em brecha a fortaleza de S. Miguel, em que este se achava, mandou dar o as alto.

As tropas de Salvador houveram-se com inexplicavel bravura; ficaram mortos sessenta e trez combatentes, afóra muitos mais feridos. Porem a resistencia foi tambem vigorosa, e os atacantes se viram obrigados a retirar. Os sitiados, tendo presenciado o vigor e audacia dos atacantes e o valor do general imaginaram que tal retirada só tinha por fim dar folego ás tropas para emprehenderem novo assalto, vendo-se já com a fortaleza arruinada, e receando-se de não poderem resistir a segundo assalto, propuzeram as condições psra a capitulação. Salvador Corrêa assintiu em todos, e abertas as portas da praça sahiram d'ella mil e cem soldados, entre Hollandezes, Francezes e Allemães, e quasi outros tantos negros, que so vexavam ao ver o pequeno numero a que se tinham rendido. Passou-se esta celebre capitulação, memoravel nos annaes angolenses, a 15 de Agosto de 1648. D'ahi a 60 dias estava toda a costa d'Angola evacuada dos Hollandezes. El-Rei o remunerou d'esta acção dando lhe por supportes das suas armas dois Africanos. Acommetteu depois o Rei do Congo, fazendo assalto ás terras de mais quatorze sovas, que tinham sido inimigos dos Portuguezes. A Rainha Ginga só a poder de reiteradas e humildes supplicas conseguiu o perdão. Depois de governar este reino por tres annos, voltou ao Rio de Janeiro, trazendo muita escravaria africana, com cujos braços suppriu em suas terras os dos indigenas. Em 1652 se achava em Campos, e ahi fundou o templo de S. Salvador, cuja administração ficou aos Benedictinos. (*Continua.*)

RIO DE JANEIRO.

ARTIGO 1.º

Não hum dos cabeços, como diz Pizarro, porem o monte, que hoje chamamos Castello, teve n'outras eras nome de S Januario; e as duas ladeiras, huma das quaes vem morrer no largo da Misericordia, a outra no becco do Cotovello foram chamadas do Collegio: foi no alto deste monte, e na baixa pelo lado do mar fronteira ao Oriente, correndo mais para o Norte, do que para o Sul, que teve começo a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, lançando lhe os fundamentos seu primeiro capitão mór e governador Estacio de Sá pelos fins do anno do Senhor 1565, regendo o reino de Portugal a Senhora D. Catharina d'Austria na menoridade de seu augusto neto o Senhor Rei D Sebastião. Sendo tão encontrados os escriptores que consultei a respeito do anno da fundação desta cidade, e mesmo do nome de seu fundador, razão he e necessidade dizer porque motivo segui a opinião deste, ou daquelle em prejuizo da de outros; serei talvez mais extenso do que permittem as paginas de hum jornal, porem a negligencia, a este respeito, de quantos tem tratado a historia do Brasil, e o interesse da materia me desculparão por certo para com os leitores.

Lê-se em Vasconcellos, Chronica da Companhia de Jesus, que Estacio de Sá, sobrinho de Mendo de Sá, 3.º governador geral, partira

de Lisboa no principio de Janeiro de 1564 com expressa ordem de assentar povoação na enseiada do Rio de Janeiro chamada pelos indigenas Nicterohy; he facil de provar-se que Estacio de Sá aportou á Bahia neste mesmo mez e anno, e que por tanto sahio de Lisboa em fins de 1563, ou que, se com effeito deixou o Reino em principios de 1564, tendo aportado á Bahia, recebido as instrucções e soccorros de seu tio, não chegou ao Rio de Janeiro a 6 de Fevereiro deste mesmo anno, como se vê nos Annaes do Rio de Janeiro manuscripto existente na Bioliotheca publica desta côrte (capitulo 8.º) cujo autor segue a opinião do mesmo Padre Vasconcellos: porem, fos e qual fosse o mez e dia, em que Estacio de Sá chegou á barra da enseiada do Rio de Janeiro esta primeira vez, o certo he que nada fez de notavel, ou porque lhe faltassem embarcações ligeiras para desembarque, como asseveram huns, ou porque julgasse pequenas as forças que trazia para bater os Francezes confederados com os Tamoyos, como outros querem, partindo para S. Vicente, ou Espirito Santo, que em todos dous lugares tocou elle Preparada e bastecida a armada, que se compunha de 6 náos de linha, alguns barcos ligeiros, e 9 canôas de indios partio segunda vez para o Rio de Janeiro, onde entrou, não em principios de Março de 1566 como quer Pizarro, mas em Março de 1565, como se lê em diversos autores, e logo mostraremos; saltando em terra, começou de fortificar-se junto ao rochedo pyramidal, que de sua forma tomou o nome de Pão d'Assucar, e o primitivo nome que tiveram estas fortificações e primeira povoação não o encontramos, que só depois de muito se lhe chamou Villa Velha, como bem se vê de seu nome: mas era o lugar, não só por falta d'agua, como por ser apertado e pouco seguro, por isso Estacio de Sá abandonando-o poucos mezes depois veio assentar melhor e mais crescida povoação no lugar chamado muito tempo Porto da Piassába distante huma legua da primeira fortificação. O Padre Luiz Gonçalves dos Santos no 1.º tom das Memorias para servir á historia do Reino do Brasil pag IX da introdução diz que Mendo de Sá tem a gloria de ser o fundador da cidade de S Sebastião do Rio de Janeiro; Laet, na descripçao das Indias Occidentaes livro 15, capitulo 18, e outros escriptores estrangeiros asseveram ter sido igualmente Mendo de Sa, quem não só a fundara, mas até traçara por sua mão o plano da nova cidade; Antonio Duarte Nunes, autor da Memoria do descobrimento e fundação da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, inserta a pag. 119 do 1.º volume do jornal do Instituto Historico, assegura gravemente que os fundamentos da cidade foram lançados por o Governador geral Mendo de Sá e depois da morte de Estacio de Sá; emfim Pizarro, pag 22 do 1.º tomo das Memorias historicas do Rio de Janeiro, erra com todos estes e com outros muitos, que nao repetirei para nao ser prolixo, Pizarro, que a pag. 65, *in fine*, e pag. 66 do tomo 7.º destroe sua mesma obra: poucas palavras bastam para mostrar clara e evidentemente que a fundação da cidade de S Sebastião começada na ponta, ou Porto da Piassába, onde existe hoje o Arsenal de Guerra, antigo Forte de Sant'Yago, foi em fins de 1565, e que seu fundador foi Estacio de Sá. Ninguem haverá que assevere, e impossivel será provar-se que a primeira povoação junto do rochedo—Pão d'Assucar—teve nome de Cidade de S Sebastião, e serve de argumento, inda que leve, o titulo de *Villa*, com o designativo de *Velha* que depois lhe foi imposto; que a Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro foi começada a fundar antes de 1567 prova-o a provisão passada pelo Governador geral e não por Estacio de Sá a Francisco Dias Pinto, na qual se lê:—Provido na Alcaidaria mór por serviços feitos a S. Alteza na povoação da Cidade de S Sebastião, e no edificamento della; esta provisão, dizem huns, passada a 18 de Novembro de 1565, e outros, com Pizarro, que em 1566; quer fosse em hum, quer em outro anno passada sem lhante provisão, mostra ella, e o auto de posse, registrados no 1.º livro da Camera, que havia hum Alcaide da Cidade de S. Sebastião em 1566, concedo: ora bem, Mendo de Sá, depois da derrota de Villegaignon, não voltou ao Rio de Janeiro senão em 18 de Janeiro de 1567 a soccorrer seu sobrinho; Estacio de Sá foi quem deo posse ao Alcaide mór, Francisco Dias Pinto, e Pizarro vai inda mais longe, asseverando que por elle foi provido na Alcaidaria; como he pois que a Cidade de S Sebastiao começou de se edificar depois da morte de Estacio de Sá, e alem de 1567?

Estacio de Sá, o illustre, primeiro capitão mór e governador da Cidade de S Sebastião, foi incontestavelmente seu fundador, ninguem tente roubar-lhe sua gloria

(*Continua*)

JERONYMO BARBALHO BEZERRA

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO III.

Na manhãa do seguinte dia não se fallava em outra coisa, que senão nos acontecimentos da vespera á noite, relatando-os cada qual a seu geito, adulterando-os huns por conveniencia, outros por costume; entre os chronistas de mais fé contava-se a tia Brigida dos Santos, que levára toda a noite a concertar seu romance, apresentando-o logo bem cedinho á sua visinha Engracia, quando esta, como sohia todos os dias, viera á sua porta para pedir fogo: só havia sido respeitado hum nome, o de Clara de Estevaes, porem seus desatinos relataram-se por que eram mui curiosos para que se lhes perdoasse, mas esta circumstancia necessaria, foi de terriveis consequencias por que abrio largo campo á maledicencia. Descahia o sol por detraz das montanhas, que ao poente fecham o formoso valle, por onde em todas as direcções se estende hoje esta Cidade, quando trez cavalleiros pararam no alto do monte do Desterro, pouco mais ou menos ali por o lugar, onde vemos hoje o Convento das freiras de Santa Thereza, e o que ia na dianteira porque o caminho não dava para que fossem dois emparelhados, voltando o rosto sobre o hombro esquerdo ficou immovel hum instante, e depois exclamou, estendendo o braço:

— Lá o vejo, senhores, a tremular com a viração da tarde! Diogo Lobo tiveste huma feliz lembrança!

E os dois companheiros voltaram-se para o mesmo lado.

— Sim, sim! disseram ambos; hum galhardete vermelho cahido pela muralha, e tão comprido que quando o vento o deixa quasi vem beijar as ondas. Mas, continuou o que primeiro fallára, se d'aqui até ás onze da noite o tiverem removido para a Cidadella?

— Nesse caso não servirá o galhardete por que o não enxergaremos com o escuro da noite; porem teremos na praia de Santa Luzia, tres fogueiras, que nos verificarão esse teu pensamento; duas, se o Governador o tiver mandado para onde primeiro esteve, e huma, se o lugar para onde o levarem fôr tão occulto, que o não possam descobrir seis penetrantes olhos, que vigiam os passos de Rodrigo de Miranda, e de Lourenço de Mendonça.

— Bravo! exclamaram os outros dois; e continuaram a andar.

Depois de haverem caminhado bom espaço, encontraram-se com alguns homens de pé, que pareciam aguardal-os; e deixando a vereda da chapada começaram a descer o monte pelo lado do sul, caminhando adiante delles os peães que com fouces cortavam aqui e ali algum ramo, que embaraçava a estreita, tortuosa e ingreme picada: quando chegaram á fralda do monte, já a lua se havia levantado no ceo, e sua luz pallida atravessando por entre os ramos das arvores vinha quebrar-se sobre as armaduras pulidas dos cavalleiros, que caminhavam vagarosos, levando os peões os cavallos á brida para que não se desviassem do carreiro perigoso e unico caminho entre o tremedal, que foi esse Campo do Machado e Larangeiras. Depois que chegaram á Praia do Sapateiro que nós hoje chamamos do Flamengo, homens de pé e cavalleiros apertaram o passo, e em pouco alcançaram o extremo, onde sobre as pedras ardia huma vastissima fogueira; hum assôbio perlongado fez sahir dos matos, que cobriam o monte da Gloria, vinte homens, metade dos quaes estavam armados de espadas e rodelas, os outros traziam remos.

— Que tendes para contar-nos? disse hum dos cavalleiros para os homens d'armas.

— Nada, senhor cavalleiro, respondeu hum d'entre elles.

— E a praia?

— Até agora, que são nove da noite, tem-se conservado cega; ninguem olha de lá para nós.

— Então canôas ao mar, e Deos com nosco; mãos á obra rapazes.

Os cavalleiros apearam-se, e os pões puzeram a nado tres compridas canôas, onde se embarcaram todos ficando apenas dois dos que haviam acompanhado os cavalleiros segurando os tres cavallos, e hum mais que já ahi estava arreado e prompto.

Tendo as canoas largado a praia, fizeram-se ao largo por hum pouco; porem como se huma resolução subita tivesse mudado o pensamento d'aquelles que as guiavam voltaram-se rapidamente todas tres para a esquerda e dando a pôpa á barra partiram como flechas em direitura ao Forte de Sant'Yago, a cujas muralhas em breve se atracou huma com temeroso recato ficando as outras duas largas, mas em pequena distancia do Forte.

Ainda hum dos remadores da prôa buscava com as mãos na muralha huma fenda em que pudesse encastalhar o gancho de hum cabo para amarrar a canôa, quando do alto se desenrolou huma escada de corda, cuja extremidade veio cahir no mar junto delle, e a pouco espaço hum homem desceo por ella:

— Cia! disse em vóz baixa hum dos cavalleiros, que vinha dentro da canoa, a qual perlongando-se com a muralha recebeu dentro o que descia, e que não era outro que senão Lucas da Silva.

Fizeram-se ao largo outra vez; e depois emproando com a terra desembarcaram no mesmo lugar, onde haviam ficado os cavallos, e pelo mesmo caminho voltaram ao monte do Desterro, que desceram, e em vez de tomar o caminho da Cidade, endireitaram por huma senda que havia na raiz do monte, e que se chamou Mata-cavallos por ser de difficil transito.

Caminharam apressados quanto era possivel, por que o que deixavam feito devia ter feias consequecias, e o dia aproximando-se faria com que os reconhecessem, apesar de que dentro de tão cerrados matos mais depressa se encontrariam animaes ferozes, que criaturas humanas; caminharam, e com a primeira luz do dia

chegaram a huma soberba lagôa, que deixaram á direita subindo pela encosta de hum monte, torneando-o sempre em ziguezague já com o sol fóra; pela volta do meio dia fizeram alta em huma clareira, e depois de breve refeição tornaram a caminho: era noite fechada, quando pela segunda vez pararam, tendo caminhado mais de seis leguas em todo o dia para chegar á fralda do Andrahy-Grande. Aqui os deixarei, para voltar com Vs. Mcs. á Cidade, onde a fugida de Lucas da Silva, presentida logo de manhãa cedo, havia inflammado todos os espiritos. Muitas casas foram cercadas, dando-se-lhe rigorosa busca; o Governador e Lourenço de Mendonça fizeram meudas indagações; porem como o murmurio poupular nascia de affectos differentes, a deligencia das authoridades calou huns, e satisfez a outros, de sorte que dentro em hum mez todos se haviam esquecido das scenas da noite de 19 de Setembro, da fugida de Lucas da Silva, a do desapparecimento dos outros tres mancebos, que não deixavam saudades a pais e maridos: só huma pessôa não pudera varrer da memoria a lembrança de hum delles, Clara de Estevaes, pobre môça!! Com desassocego vira ella seu pai sahir huma e muitas vezes nas deligencias que o Governador mandára fazer, e terriveis horas d'angustia passou té que elle chegasse, trazendo-lhe noticia alegre e consoladora; este estado de continuo receio era huma diversão para sua alma cheia de amôr; porem depois que decorreram alguns mezes, e que ella vio seu amante fóra de perigo, a saudade veio assaltal-a, a saudade espinho do coração, que secca a existencia. Assim como no principio desejára ardentemente que fosse tão occulto o escondrijo dos cavalleiros, que ninguem désse com elle, assim se desesperava agora por descubril-o, interrogando todo o mundo em sua desesperação e inadevertencia:

— Não se me dava de apostar, disse hum dia seu pai, a tempo que ella pedia aos irmãos novas dos cavalleiros, não se me dava de apostar que Susana de Froes sabe onde elles se alaparam!!

Clara fez que não tinha ouvido a exclamação de seu pai, e logo que poude correu a casa da manceba de Lucas da Silva.

— Ainda ha neste mundo hum ente, que me procure?! hum ente que não se envergonhe de ouvir minhas fallas, de olhar para meu rosto?! disse a desgraçada Susana, levantando meio corpo de sobre a miseravel cama, onde a retinha huma febre lenta, que a minava.

Clara tapou com ambas as mãos o rosto; tapou-o, por que lhe vieram ao pensamento mil coisas, taes como a infamia que morava dentro dessas paredes, e que parecia enterrar-lhe suas compridas e recurvadas garras; os desvarios, e agora a miseria dessa victima da desgraça, e até os seus proprios.

— Quem és tu e que me queres? continuou Susana de Froes.

— Consolar-te, já que ninguem se chega para ti; acompanhar-te em tuas lagrimas, por que sou tão desgraçada como tu mesma!

Susana abanou com a cabeça, apontando para hum banco meio quebrado:

— Sentai-vos, e dizei-me como he que a compaixão, que por mim mostrais ter, penetrou em vossa alma; porem não gasteis palavras em consolar-me, por que hão chagas, onde o remedio não aproveita.

Clara de Estevaes sentou-se, e contou-lhe como amava Jorge Ferreira; pintou seu desespero com exaltação, e acabou rogando-lhe que se sabia onde se occultavam os cavalleiros lh'o descobrisse.

— Desgraçada! como he que tendo em mim tão terrivel exemplo não abres os olhos ao perigo, não enxergas que igual sorte te aguarda?! Eu não sei onde essas feras se acoitam, porem se o soubera, não seria a ti, enexperta moça, que eu o diria; seria ao Governador....

— Que! pois entregarias Lucas da Silva ao carcereiro?!

— Ao carrasco o entregaria eu!

— Por que nunca o amaste, disse Clara de Estevaes levantando-se para sahir.

— Nunca o amei!? O' que tu não sabes como fere no intimo d'alma o despreso de hum homem, que amamos, e que nos abandona! Ouve-me, não te vás, sem que eu tenha arrancado de tua alma essa paixão, que te fará desgraçada toda a vida! não corras á tua perdição, ouve-me!

Porem Clara já tinha sahido, e não lhe ouvia as palavras. Susana ficou muito tempo immovel com os olhos pregados na porta, como que esperando que ella voltasse; depois deixou cahir a cabeça para o peito.

— Assim fui eu, disse por fim desprendendo hum profundo gemido; assim fui insensata e amante: porem esta não chorará, como eu choro hoje! não que a salvarei, apesar seu das unhas desses monstros. A morte, que tantas vezes tenho chamado, não me tocará antes de salval-a.

E atirou-se fóra da cama, revestida de forças sobre naturaes; vestio seus andrajos apressada, e sahio sem saber para onde fosse, por que essa, que queria salvar, encobrira-lhe o nome, e tão pouco lhe dissera onde morava. Cançada de correr ao acaso, sentou-se na soleira de huma casa, e ou por que o exercicio violento que havia feito agravasse a enfermidade que a matava, ou por que sendo o enthusiasmo que lhe dava forças, e destruindo-o a inutilidade de sua busca prevalecesse o corpo molesto sobre a alma enfraquecida, como quer que fosse, Susana ia perder os sentidos, quando hum braço vigoroso a sosteve:

— Estás doente, pobre mulher? disse o que a segurava; he talvez fraqueza, por que estás tão magra.... ó Clara, dá-me hum copinho he vinho para esta pobre! Entrai cá para dentro; não se diga que Alvaro de Estevaes deixa morrer na soleira de sua porta os desgraçados, e que seu coração condiz com a ferocidade do semblante. Porem Susana recusou a segunda offerta, embrulhando a cabeça no esfarrapado manto para não ser reconhecida por Clara de Estevaes, que

lhe apresentava o copo com vinho, que aceitou, e bebeu; o licôr e a alegria de haver encontrado o que procurava deram-lhe novamente forças, e partio, apesar das rogativas de Alvaro e de sua filha, que a queriam reter por mais alguns instantes: sua miseravel casa tomou hum novo aspecto, foi varrida e arejada, os moveis apesar de quebrados foram postos em ordem, e ella procurou em que occupar-se para ganhar o pão de cada dia, que as ideas de infamia e de morte haviam sido substituidas por outras mais nobres; ella queria viver para salvar essa pobre moça, e o Senhor as tinha feito encontrarem-se para que mutuamente se socorressem. Passaram-se muitos dias e mezes: Susana, que havia recuperado completamente a saude do corpo, e á força de trabalho affastado a miseria, mudára-se para huma pequenina casa fronteira á de Clara de Estevaes sem comtudo dar-se a conhecer, por que conselhos não venceriam a obstinação da moça, por tanto eram desnecessarios e perdidos, e Alvaro, se lhe soubesse o verdadeiro nome sem remissão lhe fecharia sua porta.

Hum anno ia findar-se depois dos acontecimentos que havemos referido, e Clara, que em todo elle procurára saber novas de seu amante, sem que a mais pequena lhe chegasse, desesperou de encontral-o, e deixou-se cahir em profunda melancolia, molestia, que deu que fazer aos mais abalisados discipulos de Hepocrates d'aquelles tempos; a viuva Martha, que este nome havia tomado Susana de Froes, muitas e repetidas vezes lhe perguntára a causa, sabendo-a; porem a triste moça sem esperança guardou com sigo seu segredo, pretendendo leval-o á sepultura:

— Não sei mais que hei de fazer, minha bôa visinha! dizia o velho Alvaro com as lagrimas nos olhos; sabedores mestres tenho chamado, mas nenhum lhe atina com a molestia, e minha pobre filha vai-se para a cova a passos desmarcados!!

— Eu o vejo, senhor, e como vós sinto-o dentro d'alma.....

— Já me quiz lembrar senhora Martha, que algum rapaz lhe tivesse desandado o juizo; porem errei, que não póde ella ouvir fallar de homens diante de si.

— Pois se fosse eu diria que tinha acertado, attendendo a essa circumstancia.

— Que dizeis?!

— He huma lembrança minha.

— Porem ides enganada; não passa de bruxaria que lhe fizeram: hei de mandal-a ao Hospicio....

— Olhai, ahi vem ella.

— Triste sempre, não, minha visinha? eu nem quero olhar-lhe para o rosto, que me corta o coração.

— Não, não! alegre, com o rizo nos labios; não ouvis sua voz?

— Pois he ella, quem canta?!

No mesmo instante Clara de Estevaes entrou pela porta dentro trazendo em huma mão hum ramalhete de flores, e na outra hum pequeno embrulho; e sem reparar em seu pai, e na visinha Martha que a observava com desinquietação, ia fechar-se no seu quarto, quando Alvaro a chamou abrindo-lhe os braços, ella voltou-se e correu para abraçal-o; porem como se huma mão de ferro a segurasse em meio do caminho, parou, seus joelhos dobraram-se, e cahio com as mãos tapando o rosto.

— Meu Deos! que tens tu, Clara?! disse o velho correndo a segural-a.

E a moça não podia responder-lhe, tantas eram as lagrimas que lhe rolavam pelas faces, tantos os soluços, que lhe embargavam a falla.

— Ai, senhora Martha! disse o velho logo que a filha deixou a sala, cudei que a minha Clara já estava bôa, porem minha alegria só durou hum instante!!

Porem a fingida viuva não dava attenção ao que dizia Alvaro de Estevaes; em sua cabeça rolava hum triste pensamento, ella julgava ter advinhado a causa da subita mudança de Clara de Estevaes, e desgraçadamente acertára: o coito dos cavalleiros havia sido descuberto por a moça, e perigosa e estranha tenção lhe entrára na cabeça; a posição supplicante que tomára, ouvindo a vóz de seu pai, era já motivada pelo remorso do engano que maquinava, e aos olhos penetrantes de Susana, a confissão circumstanciada de seus desenhos criminosos e loucos.

— Adeos, senhor Alvaro, disse ella levantando-se; tende conta em vossa filha, que me parece em mais perigo, do que nunca!

— Sim, sim, minha bôa visinha! eu vou a correr ao Hospicio fallar com o P***

E no outro dia Clara de Estevaes foi ao exorcismo; porem a bruxaria, que levara no corpo, tornou com ella, sem que as palavras hebraicas do Reverendo tivessem poder contra as de hum pagem de Diogo Lobo, que fôra quem instruira a moça do lugar de refugio, onde estavam os cavalleiros: Alvaro de Estevaes applaudia sua lembrança, por que a dissimulação de sua filha cegava-o. Correu vagarosa huma semana, vagarosa para Clara de Estevaes, que esperava o domingo com impaciencia; porem o desejado dia, chegou, o dia, em que Alvaro de Estevaes costumava ir á fortaleza de Santa Cruz da Barra visitar hum amigo, que ahi fazia continua assistencia: partio de sua casa no quarto d'alva alegre e satisfeito, sem pensar na desgraça, que o aguardava na volta.

A viuva Martha, que de ha muitos dias se levantava a iguaes horas, vio-o sahir, e sentio hum aperto no coração, que não poude explicar; seus olhos acompanharam-no até o fim da rua, e depois voltando-os para defronte, vio hum vulto, que se estendia pela janella da casa de Alvaro, como que vigiando o que passava: recolhendo-se, a pouco espaço segunda vez se abrio a porta, e hum homem com trajos militares sahio por ella: fechando-a sobre-si, atirou a chave por debaixo, e caminhou em sentido opposto áquelle, por onde se fôra o velho de Estevaes. Susana, que vira tudo isto, lançando mão de seu manteo pôz-se na rua, e foi seguindo o incognito em seu caminhar apressado.

(Continua)

BIOGRAFIA

DE

SALVADOR CORREA DE SÁ E BENAVIDES.

(*Continuado do n.º antecedente.*)

Voltando a Lisboa lhe foi novamente, por carta patente de 17 de Setembro de 1658, confiado o governo da Repartição do Sul, independente em tudo do da Bahia, o que foi ordenado por clausula expressa pela Rainha D. Luiza, regente durante a menoridade de seu filho D. Affonso VI. Na dita carta declarou a Rainha fazer tal graça pela particular satisfação e zelo com que o agraciado servira, havia tantos annos, em cargos e postos de muita confiança, assim na paz como na guerra, nos quaes todos procedera satisfatoriamente, etc.

Partiu o nomeado Governador para este principado em 1659, e chegando á Bahia em principios de Setembro, levantou em Francisco Barreto a homenagem, que d'antes era de usança prestar ao Vice-Rei do Estado. Logo depois se fez de vela para este Porto, a cujas alturas chegou ainda no dito mez, e tomou posse do governo.

A escacez de numerario era então extrema n'esta praça, e o commercio se achava paralisado, o que provinha não só da avultada somma que tinha sahido para a restauração d'Angola, como ainda mais do abandono e desleixo, com que os navios da companhia do commercio frequentavam este porto, para elles mais distantes do que os do Norte. Os habitantes da cidade conhecendo a sua situação desesperada, haviam feito reclamações ao Vice-Rei, e a é mandado á sua custa hum cidadão como procurador á Côrte, para representar o seu estado, e pedir a regia approvação a varias providencias salutares do que se lembravam; porém em vão.

O desespero dos habitantes crescia de dia em dia, e a explosão parece que estava guardada para o governo de Salvador Corrêa. Este General, achando á sua chegada os cofres exhaustos, as tropas poucas e atrazadas em pagamento, e algumas obras de utilidade publica por fazer, propoz á Camara em 21 de Janeiro o expediente de fintas e tributos. A Camara, depois de consultar as differentes ordens religiosas sobre este negocio, seguiu o parecer de porpôr ao Governador contribuições indirectas, no que este se conformou, com applauso do povo que o victoriou pela adopção do meio com que julgava remediar os males que soffria. Porem não resultando bem algum d'esta medida propôz o Governador, e a Camara com outros membros da nobreza resolveu por escrutinio secreto novas providencias. Com esta resolução se exacerbaram os habitantes de modo que talvez não imaginara Salvador Corrêa, o qual poderá acazo ser por alguem censurado de imprudencia esta unica vez da sua vida Porem qual será o heróe por tal qualificado universalmente á quem se não poderá apontar algum erro?!...

Entretanto o povo se descontentava: todavia a presença de Salvador Corrêa os seus serviços e passado zelo pelo bem publico, as suas qualidades sociaes, e por ventura as suas cans, o contiveram obediente e respeitoso. Porem devendo cumprir as ordens regias que lhe mandavam informar e fiscalisar as minas de S. Paulo, viu-se obrigado a partir para esta provincia, deixando o governo interino a seu primo Thomé Corrêa d'Alvarenga, que o recebeu a 11 de Outubro de 1660.

No dia 30 do mesmo mez passaram muitos habitantes d'esta cidade além da bahia, e ao pé de S Gonçalo se collocaram; e rebellando-se voltaram á cidade proclamando com vertiginosa furia a deposição do Governador, que, diziam elles, os avexava e opprimia. Aos 8 de Novembro lavraram hum auto declarando o General Salvador Corrêa, excluido do governo, e deposto Thomé Corrêa a quem em breve prenderam. Para os governar elegeram Agostinho Barbalho Bezerra, violentando-o por ameaças a acceitar o novo cargo, no qual não deixou de ser, como he costume, dentro em pouco insultado. A Camara d'esta cidade escreveu logo á de S Paulo incitando-a á rebellião, o que esta procedendo com honra e decoro despresou; antes pelo contrario com o mais povo escreveu ao Governador uma carta tão honrosa para elle, que a soube apreciar com nobre agradecimento, como para os signatarios d'ella. N'essa carta se deduzem os muitos serviços materiaes que o Governador fizera a aquella provincia, cujos moradores se offereciam com pessoas, vidas e fazendas para o acompanhar "assim (disseram) em razão do serviço de S M., como da obrigação em que os tinha posto com a sua affabilidade e bom governo de justiça.„

O povo do Rio de Janeiro alborotado intimou a varias pessoas contra elle influentes que sahissem, prenderam outras, e pediram que se tomassem prevenções para hostilisar Salvador Corrêa, quando trouxesse comsigo gente armada. A seus bens fizeram sequestro, não sem grandes perdas do proprietario. Por outro lado este Governador tendo ido a Santos, e passando d'esta villa á de S. Paulo, (*) lançára como meio mais politico e conciliatorio hum bando, em que concedendo amnistia aos amotinados que se mostrassem arrependidos, ameaçava igualmente os que perseverassem rebeldes. Ordenou tambem que continuasse Agostinho Barbalho no governo, com a condição de exercer este por delegação sua. Tal clausula não foi acceita pela Camara d'esta cidade, que teve por melhor que o governo continuasse illegitimo do que ceder de seus caprichos. Por hum bando publicado a 8 de Fevereiro declarou tomar a si o geverno, e continuaria em suas medidas revolucionarias se não fosse tudo suffocado á simples chegada do Desembargador Antonio Nabo Pessanha, que veio da Bahia como syndicante. A sua presença só estabeleceu o socego e dirigiu o povo aos meios legaes. Eram presos os culpados, quando chegando Salvador Corrêa, em Abril, susteve o governo por hum anno até o fim do mesmo mez do anno seguinte, em que tomou posse o seu successor, que fora nomeado no 1.º de Junho de 1661.

Quem diria porêm depois do succedido, que quando este General contava ir gozar do descanço, he que lhe estavam guardados os maiores amargores e desgostos! A sua prudencia consummada, o seu valor intrepido muita affabilidade no trato, e tantos serviços distinctos deviam ter o pago que de ordinario dá Portugal. Chegado Salvador Corrêa á Lisboa, depois de ter tomado as redeas do governo D. Affonso VI, começou a soffrer a opposição de muitos grandes que succumbiam ás intrigas dos emulos e oppostos ao grande General. Em 1666 deu o Conde de Castello-melhor o titulo de Visconde a seu filho pelos serviços seus e de seu pai, sem se lembrarem de gratificar primeiro estes em seu auctor, á quem lançaram em rosto a revolta do Rio de Janeiro!

Antes da deposição de Affonso VI em 23 de Setembro de 1667, consta que este monarcha mal aventurado mandára chamar Salvador Corrêa para o ouvir e consultar ácerca do partido e providencias que deveria tomar. A avançada idade do General não o fez dar conselho de frouxidao, pelo contrario aconselhou medidas energicas, e se offereceu a pol as em execução. Esta offerta, e a privança que tivera na côrte d'este rei infeliz o seo filho Visconde, foram causa de ser insultado, preso e processado. Huma sentença chegou a premiar seus serviços com dez annos de degredo para as plagas, ou sertões africanos, que outr'ora libertara !! A' custa de enormes despezas conseguio recolher-se n'um convento da Companhia de Jezus, meio decidido já a acabar ahi seus dias como outr'ora praticára o grande condestavel Porem a pedido de seu filho Visconde, que se achava gravemente enfermo da ferida que recebera em Badajoz, se resolveu Salvador a requerer moradia com homenagem no seu palacio (de Santos o velho), o que lhe foi concedido, talvez por empenhos dos mesmos Jesuitas, a quem elle outr'ora patrocinára.

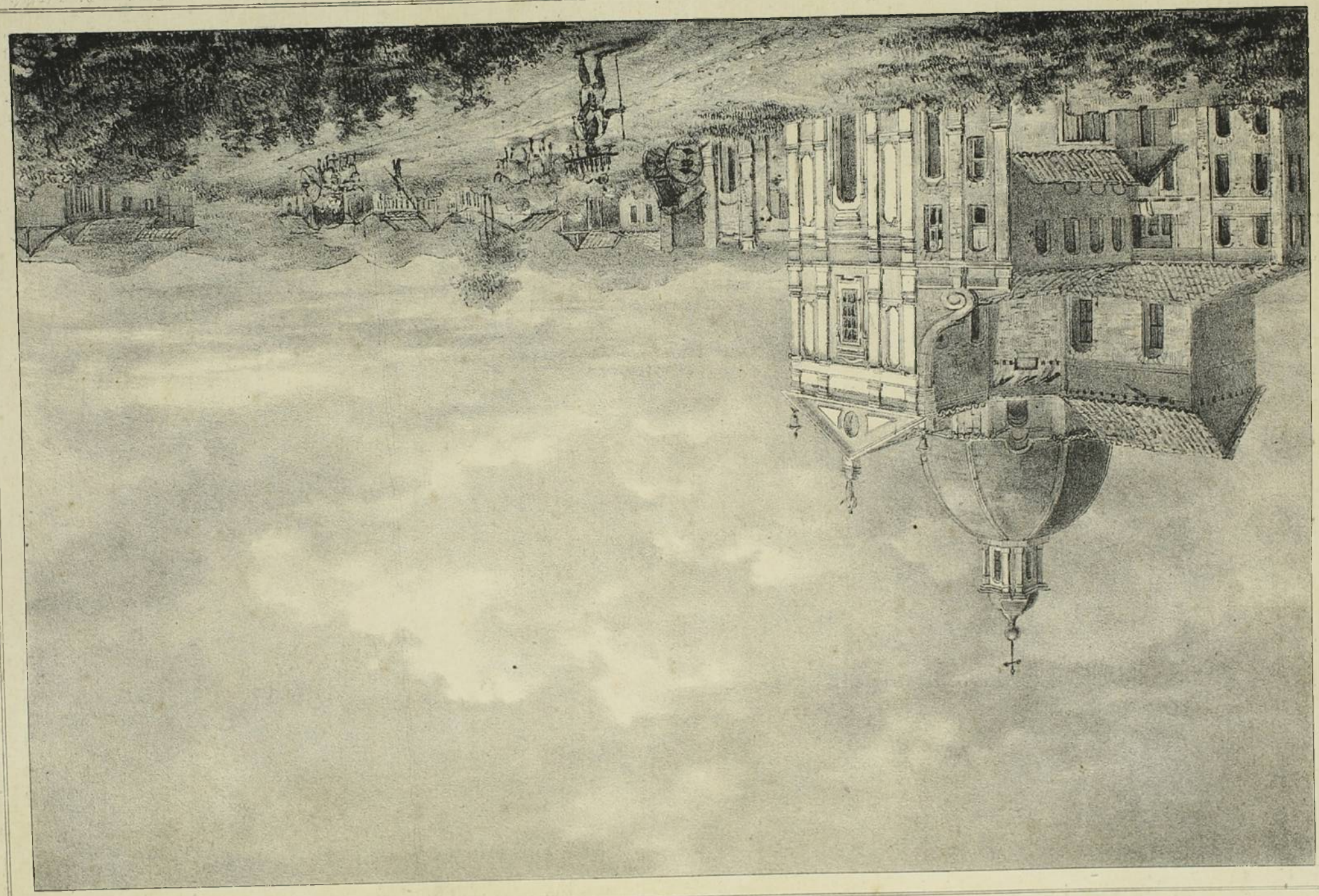
Depois foi permittido ao mesmo Visconde ir a Setubal, onde estava o seu regimento, e ahi, como dissemos, falleceu em Outubro de 1678

O estado de orphandade em que esta morte deixou o neto de Salvador Corrêa, sensibilisou o Principe, e foram motivo bastante para não só lhe ser dada a liberdade afim de tratar de negocios domesticos a bem de seus herdeiros, como até para ser despachado novamente a ter assento nos Conselhos de guerra e ultramar, de que fôra membro

A alma grande e genio elevado de Salvador Corrêa não se apoucara com a passada ingratidão a seus serviços. Conheceu que tudo provinha das circumstancias melindrosas do paiz, dividido em partido ; e logo que sereneu a tormenta e entrou na graça do Principe Regente D. Pedro (depois II), se offereceu para prestar serviços militares em territorio longinquo, analogo áquelles em que ganhara

(*) *Tem se enganado os historiadores em supporem que d'esta vez encontrára Salvador Corrêa resistencias a vencer dos Paulistas. Confundiam o succedido da outra vez que foi á Provincia de S. Paulo, com o succedido d'esta outra perto de vinte annos depois.*

EXTERIOR DA IGREJA DE S. PEDRO EM CAMPOS.



Lith. de Heaton & Rensburg, Rio de Janeiro

sua maior reputação. Constando que na costa oriental d'Africa se levantara o Regulo de Prata contra os Portuguezes, offereceu se para o ir sujeitar; e emprehender seguidamente levar a effeito a ainda hoje decantada communicação por terra d'essa banda oriental com a contra costa d'aquem no Reino d'Angola. Diz se que sendo advertido por seus amigos de fazer estes offerecimentos em tão avançada idade, replicava: " Que desejaria muito ter a consolação de ouvir tiros na hora da morte. "

Finalmente, depois de huma vida activa, vigorosa e longa, sem as fraquezas da decrepitude, finou-se no dia 1.º de Janeiro de 1688 aos 94 annos de idade, e foi sepultado na sachristia do convento (hoje extincto) fronteiro a seu palacio de N. Senhora dos Remedios dos Carmelitas descalços, onde os seus ossos jazem acompanhados dos de outro Brasileiro não menos distincto — o celebre Alexandre de Gusmão — tambem pouco afortunado no ultimo quartel da vida.

Consta que escrevera memorias de sua vida, porem não ha quem assevere ter visto tal MS; e pela nossa parte podemos affirmar que não existe entre os papeis de seus herdeiros, cujo cartorio examinamos. Foi 1.º Alcaide Mór do Rio de Janeiro, Fidalgo da Casa Real, Commendador de S. Salvador da Alagôa e de S. João de Cassia (Bispado de Coimbra) na ordem de Christo; além dos cargos que mencionamos n'esta biographia, foi tambem fundador, entre outras villas, das de Ubatuba e Paranaguá Creou hum morgado que ficou aos seus descendentes, e quer comprehende no Brasil muitas terras, propriedades e engenhos.

F A. de Varnhagen.

(*Ext da Rev. do Inst. Hist. Geog Bras. T* 3.)

A IGREJA DE S. FIDELIS.

Nos dois primeiros n.º deste *Jornal* occupamo-nos dos monumentos respeitaveis, por sua antiguidade, que, adornando huma das primeiras praças do Rio de Janeiro, marca-lhe a orbita que a limita; nossa penna prestou se á grandesa da materia, não por gosarmos penetrante intelligencia, mas por elles nos serem familiares. Então o leitor teve a bondade de seguir-nos de perto, e pôde comparar a discripção com seu objecto, foi hum exame por que passamos do qual esperamos colher felizes resultados; tambem para nós as difficuldades cedêram á inspecção ocular, e á leitura de Memorias, e só em hum caso recorremos á outra fonte, não menos pura e fecunda. Agora a nessa posição he mais difficil, e ao leitor a inspecção mais incommoda pois vamos tratar de hum Templo que dista desta Cidade cerca de oitenta legoas: mas não desanimemos, que se não temos hombros para tanto peso talvez achemos algum ponto de apoio que lhe equilibre parte.

Deixemos por alguns momentos esta Cidade embora a saudade nos punja, e subamos pelo Parahyba, apesar de sua veloz corrente; subamos muito acima da Villa de S João da Barra, e só paremos quando tivermos transposto dez legoas posteriores á Cidade de Campos de Goytacazes; paremos ahi e volvamos os olhos para a margem meridional, que por sua forma he chamada Gamboa: e eis-nos transportados a bem formoso lugar. Notai agora, amigo leitor, a bella alléa que neste lugar existe, bella, não por sua vastidão nem tão pouco pela regularidade de seus predios em geral, mas por seus pontos de vista, pela pureza do ar, fertilidade do solo, amenidade do clima; reparai agora que entre esses modestos abrigos se faz sentir hum magestoso Templo alquebrado pelos annos e pelo cruel abandono.... eis a *Igreja de S Fidelis* ...

Esta aldêa, este Templo que seductoras lembranças nos não offerecem! Nella existio outr'ora hum povo docil de indios, chamados coroados, que tendo se aldeado a principio em Santo Antonio dos Garulhos, vieram residir aqui ha perto de hum seculo; suas vontades maldadas ás crenças religiosas os levava ora huma, ora a outra aldêa em busca de hum espiritual conforto: o magnanimo Luiz de Vasconcellos vio a necessidade que elles manifestavam de sacerdotes e lhes enviou dois Barbadinhos, Fr. Victorio de Cambiasca e Fr. Angelo de Luca... Assim pois esta aldêa foi occupada em seu berço por indios propensos ao christianismo, e não era justo que os enviados do Vice-Rei, desmentissem a confiança deste, e a predisposição daquelles.

Se consultarmos as Memorias que correm impressas, sobre a fundaçao deste Templo somente poderemos dizer que os dois Barbadinhos derão-lhe o plano e o dirigiram auxiliados com os dinheiros publicos, durante o Vice reinado de Luiz de Vasconcellos; po-

rem segundo nos parece n'o diremos com pleta verdade. A tradicçao do lugar nos falla de res Missionarios Barbadinhos, dos quaes dois são os já citados, e o terceiro Fr. Thomaz de Civit Castello; e hum dos nossos mais habeis Engenheiros, que dirigio parte das obras do interior desta Provincia, he desta opinião, e mais alguma coisa avança.

Eis como elle se exprime no Relatorio apresentado á Directoria das obras publicas em 1837: « Fr. Victorio de Cambiasca, fallecido « no 1.º de Setembro de 1815, Fr. Angelo de « de Luca, fallecido em 26 de Maio de 1811, « Fr. Thomaz do Civit Castello, fallecido em « 16 do Abril de 1818, Missionarios Apostoli- « cos Barbadinhos Italianos projectaram e *com* « *suas proprias mãos* executaram este elegante « edificio (o Templo), em cuja architectura « respira o gosto Toscano.... »

He assim que falla o fallecido Sr H. Belleguarde, e nós lhe damos todo o peso pois sabemos que elle jamais foi inclinado a avançar proposições contrarias ás de outros, sem ter huma convicção bem formada

. . . . . .

Agora corramos os olhos pela estampa que a este artigo acompanha, e digamos alguma coisa sobre o exterior do Templo, guardando para mais detalhes o n.º seguinte.

A face principal, que se acha á borda da estrada, he bella apesar de simples: segundo parece outr'ora constou de tres corpos subordinados á elegancia e magestade que ainda hoje o caracterisam porem hum delles cedeu mais facilmente á mão do tempo, e existe em ruinas

O corpo central consta de duas ordens de columnas, huma jonica e outra toscana, coroadas por huma empena triangular, remattada superiormente por huma estatua; do intablamento da columnata superior sahe huma espira que vem descançar molemente sobre o attico que corôa o corpo da esquerda, que tambem está caminhando á passos largos para a destruição,

O timpano he singelamente ornado e tem no centro hum oculo.

Ha no pavimento superior huma janella algum tanto bella, e no pavimento inferior hum simples porem airoso portico que dá entrada para o Templo: mas não entremos por ora; será melhor que o fassamos no n.º seguinte

Para completar este artigo copiamos aqui huma passagem do Relatorio citado.

« O Templo tem de altura tomada de seu « ponto culminante 126 palmos he terminado « pela parte superior por huma rotunda octo- « gonal, tendo 4 lados de 38 palmos cada hum, « que descançam sobre os cumes do corpo do « edificio, e os outros 4, com 22 palmos cada « hum, que intervalam os braços da cruz que « forma seu perimetro. O espaço compreen- « dido entre o magistral da rotunda, e os es- « gotos do telhado, he occupado por 4 grandes « oculos de figura elytica, cujo semi-eixo maior « tem 6 palmos, e o menor 4 1/2.

« No cume da rotunda ergue-se á hum zimborio « elevado 38 palmos acima do magistral, o « qual he tambem hum octogono da mesma « forma disposto que a rotunda; os lados « maiores são occupados por vidraças e os « outros por molduras proprias de similhante « systema de architectura, cujas regras com « tanta precisão, e elegancia se acham exe- « tadas que a mesma dóze de luz ha fora, que « dentro do edificio. »

A' vista disto, quem acreditará que hum Templo erguido pelas proprias mãos de trez sacerdotes, e sendo reconhecidamente magestoso esteja sepultado no esquecimento, e entregue á voragem do tempo! E com tudo he verdade: bem cedo talvez ter-se ha sumido debaixo de suas ruinas. (*Continua*)

J. A. Cardoso.

A POROROCA.

Nesta grande enseada do Maranhão observa-se o admiravel phenomeno da *pororoca*, que consiste em hum movimento irregular das aguas na occasião da enchente das marés, entrando pelos rios e lagos acima com impeto inexplicavel. O jesuita, auctor de huns fragmentos ms, que vimos, pertencentes a mais extensa obra, que devêra ter por titulo — *Maranhão conquistado a Jesu-Christo e a corôa de Portugal pelos religiosos da Companhia de Jesus* —, obra que reputamos perdida, diz que « parece que o peso das aguas do rio pugna « com a força da maré do mar, e com effeito « a demora mais de tres horas até que final- « mente (continua elle) rebenta contra o rio « com tal furia, que parece cousa viva e es- « pirituosa Levanta-se primeiro hum monte « ou promontorio de aguas de altura de seis « ou sete varas; a este se segue outro, e a este « outro, e algumas vezes quatro: e daqui corre « com tal velocidade por aquellas costas e

« baixios como hum cavallo desenfreado; ar-
« rasta e despedaça tudo quanto encontra e
« se lhe oppõe; arranca arvores, e bailam os
« troncos da maior grandeza com ella como se
« fossem huma boia. Segue-se a estes tres ou
« quatro mares grandissimos huma correnteza
« tao arrebatada como se fôra huma mannada
« de cavallos huns sobre outros correndo des-
« enfreados, mordendo huns nos outros, de
« sorte que os navegantes pelos rios acima
« despedem cousa de hum quarto de legua
« depois da *pororoca*, e não só não he neces-
« sario remar a embarcação rio acima, mas
« he preciso muitas vezes encontrar os remos
« para a embarcação não ir cahir nos mares
« da *pororoca* e fazer-se neiles em pedaços.
« De sorte que dá este phenomeno huma facil
« navegação pelos rios acima, por onde entra.
« O modo que usam os navegantes para livra-
« rem as embarcações do estrago, que lhes
« faria a *pororoca*, he esperarem-na em hum
« logar muito fundo, porque nas partes fun-
« das abatem aquelles promontorios de agua,
« e só se sente huma intumescencia ou altura
« de agua instantanea, e huma grande cor-
« renteza de aguas, para que ou tem dado
« fundo a fortes amarras, e as vao largando
« por mão por não quebrarem nos primeiros
« impulsos da agua; ou estão em terra com
« cordas, tendo mao por ellas ás embarcações,
« em quanto passa a maior furia da corrente
« das aguas; passada a qual vão seguindo a
« mesma *pororoca* com summa velocidade e
« facilidade. Enche a maré em menos de
« hum minuto primeiro, e quem a observa
« da terra em hum abrir e cerrar dos olhos
« a vê subir do profundo do rio na vasante
« até a sua maior altura ainda nas margens
« fundas. Nos rios onde ha *pororocas* gasta
« a enchente pouco mais de duas horas, e
« vasa perto de dez horas. »—

O Padre João Tavares na carta já allegada da deste phenomeno da *pororoca* huma tão poetica descripção, que nos pareceu que sem ella não ficaria bem acabado este maravilhoso quadro. « Em quanto a maré vasa (diz elle)
« tudo vai em paz; em a maré enchendo co-
« meçam a pelejar em hum lugar a enchen-
« te, que vem do oceano com a vasante que
« vem dos ditos rios (Meary e Pinaré) O lo-
« gar desta peleja dista da barra dos dois
« rios como vinte leguas. Brigam alli a en-
« chente com a vasante, sem a maré passar
« daquelle lugar para diante por espaço de
« tres horas. Nestas tres horas toma a en-
« chente força, e nas aguas vivas toma maior
« força; fórma grande pé atraz, altêa sobre
« a vasante á maneira de dois homens, que
« estivessem forcejando peito com peito,
« e hum delles vencendo levasse o outro
« abaixo de costas; assim vence a enchente,
« que naquelle lugar só altera por tres ho-
« ras, e no instante que cavalga sobre a va-
« sante dá tal estouro, e continua com tal
« urrar, e corre com tal violencia com tres
« marés, ou tres serras d'agua, lançando para
« traz a modo de gadelha branca desgrenha-
« da huns fios d'agua, accommettendo a tu-
« do quanto he baixo com tal furia, que pa-
« rece vai a offender a seus contrarios, ou
« a acudir a algum descuido da natureza,
« arrancando arvores, derribando ribanceiras,
« e cobre em tres horas tudo quanto havia
« cubrir nas seis ordinarias de huma maré.
« Daqui vem vasar a maré até onde se fórma
« a *pororoca* 9 horas, e dahi para cima en-
« che em tres horas. » —

—« Restava agora (continua o allegado A. dos
« fragmentos do *Maranhão Conquistado*) exa-
« minar a causa desta extravagancia das aguas,
« a qual vi, e repetidas vezes tornei a ver,
« sem nunca chegar a perceber a sua verda-
« deira causa. Occorria-me que o pêso das
« aguas doces pugnando com as salgadas, de-
« pois de grande pugna vinha a vencer a força
« das aguas do mar, e com a força do refluo
« que tinha tido naquella pugna rompia
« naquelle extraordinario impeto. Por me con-
« tar isto essa que em muitos, ou em todos
« os mais rios não faz estes effeitos, e só são
« particulares no Estado do Maranhão, onde
« os ha só aqui, e no rios do Meary e Pinaré
« perto da cidade de S. Luiz do Maranhão;
« e tambem se dizia huma pequena *po-*
« *roroca* no rio Guamá perto da cidade do
« Pará, e nos mais rios nada, nem nos da Eu-
« ropa e outras partes; e só se conta a mesma
« maravilha do rio Ganges na India. Alem de
« que observa-se no curso da dita *pororoca*
« que em muitas partes e rios largos succede
« correr primeiro huma margem e depois
« de cer pela outra por modo de redemoinho,
« correndo ao reder quantos corôas e contra,
« e acabado isto vai surgir mais acima, conti-
« nuando o mesmo impeto com que princi-
« piara; de que se convence ser outra e usa
« maior este movimento tão extravagante. Faz
« hum grande estrondo o mar da *pororoca* e
« se ouve em huma legua de distancia; e mo-
« ve tambem os ares em fórma que sempre
« a precede hum grande vento commovido
« dos mares della. Isto he o que observei:
« deixo a outros o discurso das suas verdadei-
« ras causas. » — *J. H. da C. R.*

FASTOS BRASILEIROS.

D MARIA URSULA D'ABEEU E ALENCASTRO

D Maria Ursula d'Abreu e Lencastro, natural do Rio de Janeiro, filha de D. João d'Abreu d'Oliveira, havendo deixado a casa de seus pais em idade de desoito annos, foi a Lisboa, e sentando praça de soldado com o nome de Balthasar do Couto Cardoso, passou ao Estado da India, onde serviu por espaço de dose annos, oito mezes e treze dias, desde o 1.º de Setembro de 1700 até 12 de Maio de 1714 na praça de soldado, em varias fortalezas e na cidade de Gôa, achando-se na tomada de Ambona, que se levou á escala com muita mortandade, sendo das primeiras pessoas que entraram naquella fortaleza com evidente risco de vida, e depois em varias campanhas e baterias, sendo nomeado cabo do baluarte da Madre de Deos na fortaleza de Chaul, se houve com assignalado valor em todas as occasiões que o inimigo accommetteu e em todas as outras em que se achou no decurso dos ditos annos procedeu como bom soldado, fazendo-se attender sempre pelo seu exforço. El-rei D. João V. Nosso Senhor, em satisfação destes serviços, a despachou no dia 8 de Março de 1718, fazendo lhe mercê do Paço de Pangim, dando-lhe faculdade para a nomear em seus filhos, e na falta delles em quem lhe parecer, mandando-lhe logo dar hum xaefim por dia pago na alfandega de Gôa, em quanto não entrasse na referida mercê.

JERONIMO BARBALHO BEZERRA

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO IV.

Deixamos em silencio hum anno inteiro os quatro cavalleiros por que sua vida de hum dia foi a de todos; a montaria occupava-os todas as horas de sol, e as noites passavam-nas a dormir por que o vinho era escasso entre os matos, e não haviam por perto moças bellas e innocentes, que se deixassem seduzir: de tempos a tempos vinha hum á Cidade a saber novas, porem levava-as sempre tão más, que se resolveram a esperar outro Governador, por que Rodrigo de Miranda mostrava-se inflexivel a todos quantos iam pedir o perdão dos quatro desterrados voluntaria, ou forçadamente, como a Vs. Ms. aprouver. Contavam-se 8 dias do mez de Setembro do anno 1631, e seriam 5 para 6 horas da tarde, quando huma matinada de caens e pizar de cavallos se sentio no terreiro espaçoso, que ficava em frente da casa, que habitavam os cavalleiros; chegaram elles de huma caçada: duas antas, huma queixada, e differentes outros animaes escorrendo sangue ás costas dos peões bem mostravam que o dia tinha sido feliz, e as ruidosas risadas dos quatro mancebos annunciavam sua alegria.

— Juro-vos pelas barbas de meu tresavô, que comeria metade desse queixada, que Lucas da Silva matou, se bem assado estivera elle!

— Que valem juramentos por as barbas do velho que morreu lá em Africa ás lançadas com agarenos?! tu não comerias hum quarto, Jorge Ferreira, apesar de tua fome, que bem sei he grandissima.

— E se o comera, que perderias tu?

— Tudo quanto me vier hoje da Cidade, e vede que não apósto bagatellas, por que Braz Fernandes deve trazer-me hum almude de vinho entre outras coisas.

— Aceito! disse Jorge Ferreira rindo-se a rebentar; e como o meu pagem tambem para lá foi, tudo o que vier para mim te pertence, se ganhares.

— E eu, mais Diogo Lobo apostamos em como tu perderás, Jorge Ferreira, devendo ser dividido entre nós tres o que topares.

— Vá feito.

— Mas tambem apostamos que Lucas da Silva ha de perder.....

— Como diabo he isso?!

— Sim, he huma apósta, em que sempre ganharemos, quer perca hum, quer outro.

— E sem arriscares nada!? disseram os dois.

— Está bem visto.

— Porem eu he que não estou muito conforme com vossas apóstas, disse Diogo Lobo, por que não esperarei que se aprompte o quarto do queixada com esta dôr no estamago.

— E o mais he que tens razão; Jorge Ferreira, darás tua prova de comedor no quarto de veado, que nos sobrou de hontem, que dizes?

— A elle!

E sentaram-se de redor da mesa, e todos comeram, como se todos houvessem apostado; Jorge Ferreira especialmente movia os queixos com tanta ligeireza, que a todos pareceu pouca coisa a formidavel perna de veado para tão largo estomago; porem a fome diminuindo-lhe a cada bocado, fazia-o esmorecer na liça. As risadas dos companheiros animaram-no largo tempo, mas o estamago prevaleceu contra a soberba e estulticia do mancebo, arrojando-lhe pela boca fóra o que não podia conter:

— Perdeste! disse Lucas da Silva; será meu quanto te mandarem hoje da Cidade.

— Alto com isso! será de nós tres.

E em lugar de acodirem ao companheiro, disputavam entre si o incerto e mal-ganhado premio. Porem suas rizadas e diterios foram interrompidos subita e temerosamente pela apparição de hum arcabuseiro, que encostado no hombral da porta olhava para elles, sem dizer palavra; foi tal o susto, que se derramou entre

os quatro, que nem repararam no abatimento do recem-chegado, e que para ter-se nas pernas mister lhe fôra o hombral da porta; sô viam seus olhos brilhantes como duas brazas em meio do afogueado rosto, sua boca descerrada mostrando dupla ordem de alvos dentes, e huma das mãos estendida sobre a catana, em quanto que a outra sobre o peito buscava talvez hum punhal.

— Não me conhecesses, Jorge? disse o arcabuseiro, ou Clara de Estevaes, que hum e outra fazem hum só e mesmo individuo; são estes vestidos, que me desfiguram, e não o teu esquecimento e indifferença quem te retem nesse banco, não he assim meu querido?!

Porem se com difficuldade ella podia expressar-se Clara de Estevaes, oppressa pelo cançaço e alegria, tambem o espanto dos cavalleiros lhe amarrára a vóz na garganta; porem depois que o formoso granadeiro se aproximou da mesa, e que tirando a barretina seus compridos cabellos lhe cahiram em ondas pelo rosto e hombros, huma rizada geral pôz fim ao terror que no primeiro introito lhes inspirara a aborrecida farda.

— E como pudeste saber que aqui estavamos?! disse Jorge Ferreira com azedume para a moça, que se havia sentado junto delle.

O meu amor te buscou hum anno, porem venceu, e sou feliz.

— Porem fizeste mal em vir; por que poderiam seguir-te, e descubrir-nos.

— Ah! ah! ah! vede vós Jorge Ferreira arrepelando-se por que perdeu a aposta! confessai que não terias dito tal coisa, se a tiveras ganho?!

— Havia de disel-o, por que tenho muito respeito ás casamatas de Santa Cruz da Barra e Sant'Yago! e se tu lá passas bem, Lucas da Silva, eu que nunca lá dormi huma noite, não quero experimentar.

— Vêde que prudencia! mas, por felicidade nossa chega-lhe sempre depois de fazer as loucuras; vámos, Jorge Ferreira, suppõe que perdi, recebe o que me trouxer Braz Fernandes: porem o premio de minha aposta não o largo das mãos.

E lançou hum braço ao redor do pescoço de Clara de Estevaes, que repelindo-o indignada, olhou com espanto para Jorge Ferreira.

— Não vieras cá onde te não chamaram, disse este com indifferença levantando-se.

— Jorge!! clamou a moça, enxergando o espantoso abysmo oberto debaixo de seus pés.

— Não o accuseis, disse Jeronimo Barbalho chegando-se para perto de Clara; não vêdes sua desesperação? elle he victima de sua palavra, tende paciencia, minha bella.

— Não vos chegueis, senhor!! vêde que seria vil e infame.....

— Dar hum beijo em huma moça bonita como vós?! estais gracejando.

E Clara de Estevaes ia levantar-se, mas os tres mancebos a seguraram.

— Pois já vos querieis ir? disse Diogo Lobo sorrindo-se; já me fizesteis huma visita, porem estava eu tal nessa noite, que vos não pude receber dignamente...

E não acabou seu aranzel, por que huma formidavel bordoada no alto da cabeça o atirou sem sentidos sobre a mesa, rolando esta pelo chão com tudo quanto tinha em cima. Lucas da Silva e Jeronino Barbalho largaram assustados os dois braços da moça, que retinham, a qual vendo-se livre correu para a porta.

— Segue-me, Clara! disse huma vóz ao ouvido da moça, que em sua perturbação não atinava com a sahida da casa; no terreiro estavam dois cavallos arreados:

— Monta! disse o anjo da guarda de Clara de Estevaes.

E esta sem querer saber quem tão generosa e opportunadamente viera em seu auxilio, montou, e partio. Seu cavallo açoitado sem piedade voava sobre o terreno desigual, que muitas vezes a pôz em risco de cahir; porem ella sentia atraz de si o pizar de algum que a seguia, e chamava, e só depois que suas forças começaram a abandonal-a he que deixou o cavallo a passo, encommendando-se a Deos.

— Estamos fôra de perigo! disse o cavalleiro, que seguia Clara de Estevaes; não he preciso corrermos á redea solta, por que as pernas desses miseraveis não valerão as de nossos cavallos, e os animaes, que lhes lá ficam tarde os hão de encontrar para apanhar-nos.

Clara voltou-se, e apesar do escuro da noite reconheceu que quem a seguia, e salvara fôra huma mulher.

— E quem sois vós?!

— Martha, vossa irmãa, vossa mãi em amor e devoção!

— Martha! oh! minha irmãa, e minha mãi, sim!! disse a moça cahindo sobre o arção da sella banhada em lagrimas; e eu que não quiz ouvir o que me dicesteis huma vez, louca e imprudente!

— Vamos, toca o teu cavallo para que o dia não nos apanhe ao entrar na Cidade; apressemo-nos para que, se ainda he possivel, teu pai não soffra a crua dôr, que lhe causará tua criminosa imprudencia.

E continuaram a caminhar, entrando a Cidade com o primeiro alvôr da manhãa; porem Clara não poude passar tão livremente, que não suspeitassem della os curiosos visinhos; por que seus irmãos, que estavam de serviço ao Governador, vindo bater á porta no domingo por tarde não a encontraram, e se não fôra a viuva Martha, que asseverou a Alvaro de Estevaes ter sua filha passado o dia todo com ella, a pobre Clara ficaria perdida.

— Minha bôa visinha, disse Alvaro, eu vol-a entrego d'aqui por diante; irei descançado para onde me mandarem, sabendo que fica em vossa guarda: tenho reparado em que cada dia remoçais, por que quando vos vi pela primeira vêz de minha vida parecestes-me huma velha; porem tenho reparado tambem que se vosso rosto remoça emmadurece-vos o juiso. Olhai, que não são lisongerias isto que vos digo, e a prova he que ponho em vossas mãos o que tenho de mais precioso.

— E eu o guardarei bem, senhor.

— Não tenho desconfianças de minha filha; porem ella he moça.... O' senhora Martha, não vos parece o Governador aquelle homem, que para aqui se dirige?

— He elle mesmo, senhor Alvaro; adeos, que póde ser que venha a fallar-vos.

— Ah! não he possivel, disse o velho acompanhando até a porta a viuva, que sahia.

E Rodrigo de Miranda apeando-se entrou com effeito em sua casa.

— Alvaro de Estevaes, tenho que commetter-vos huma deligencia de importancia, para a qual he preciso tento e força; ámanhãa ireis a minha casa, e sabereis o que de vós quero.

— Irei, senhor, irei.

E o Governador sahio.

— Então, que vos dizia eu, senhor Alvaro? disse Martha entrando novamente.

— Adivinhastes, senhora Martha; e o mais he que, aqui em segredo, d'algo importante se trata: porem como o Governador precisa tanto de meu siso, como de meu braço, deixai-me ir pôr a minha boa espada, que se está concertando; ahi vem Clara, ficai-vos com ella, senhora visinha.

— Clara, tu foste a casa do Governador?! disse Martha, logo que esta entrou.

— Fui, e então?!

— A vingança he indigna.....

— Oh! quando recebemos despreso e affrontas em troca de amor....

— Cala-te! dize antes que nunca o amaste.

— O' Martha, quem amaria, como eu amei esse miseravel!?

— E quem amaria, como eu amei hum delles?

— Tu, Martha!

— Eu, Susana de Froes, a quem tu condemnaste em teu desvario de amor, sem quereres ouvir a deshonra, a desesperação, a desgraça, que te fallavam por minha boca! Eu, que do fundo do abysmo he que pude conhecer a differença que vai entre huma villãa pobre, e a soberba altura dos ricos e poderosos.

— Martha, perdoa-me!

— Oh! tu eras innocente e credula, amante e cega, e disse-m'o aquella palavra, que n'outra occasião me traspassaria o peito, porem que a razão ouvio em teu beneficio; meus crimes, que levaram a sepultura meu desgraçado pai, ralavam-me a alma, e eu queria morrer, porem tu appareceste, e jurei salvar-te, por que huma boa acção junta ao arrependimento poderá alcançar-me o perdão de Deos e de meus pais, que me veem lá do ceo, se não me alcançar o dos homens: não te crimino pelo que fizeste, por que n'aquella epoca eu faria outro tanto; hoje pois que reconheço ser quando menos tão culpada como elle foi em minha desventura. Porem o que fizeste está feito, e será huma fortuna, que o Governador os mande para huma fortaleza, que só estando elles debaixo de ferros terá alivio esta Cidade; se tu souberas, Clara, quantas desgraçadas por ahi gemem no silencio!

E continuaram a conversar por muito tempo, relatando Clara de Estevaes em como se offerecera ao Governador para guiar os soldados, que deviam prender os quatro mancebos, consentindo-se-lhe ir mascarada e vestida de homem; Susana quiz tirar-lhe da cabeça semelhante intento offerecendo-se para ir em seu lugar, mas só poude conseguir que a acompanharia. No seguinte dia Alvaro de Estevaes esperava na entrada de Mata-cavallos pelo guia, que devia conduzil-os atravez dos matos; eram oito horas da manhãa quando appareceram dois cavalleiros mascarados, que deram signal para marchar, depois de se haverem collocado hum na frente, outro na retaguarda. Pelas seis horas da tarde, o cavalleiro, que caminhava na frente, voltou-se, e fez signal com a mão para que parassem; desmontou, e perdeu-se n'huma volta aos olhos de todos, voltando logo depois.

— Então? disse o outro cavalleiro, que sabendo a causa por que haviam parado, se passára adiante dos homens d'armas.

— Tudo está fechado; temeram que os denunciassemos, e fugiram!

— Talvez que não; a caça occupa-os todos os dias, esperemos.

— Clara, já não tens desculpa, que me dares! temos guiado os soldados até aqui, pouco mais falta.....

— Pois então esperemos, Susana; deixa-me ver esses miseraveis amarrados, caminhando a pé para a Cidade!

E estavam nesta discussão quando se ouviram latidos de caens, que denunciaram a chegada dos quatros mancebos.

— Senhores cavalleiros, que he preciso fazer-se? disse Alvaro de Estevaes, adiantando-se.

— Fazei entrar no mato por hum e outro lado parte de vossos homens d'armas, e o resto caminhará para diante com nosco.

A ordem foi executada; pouco depois ouvio-se hum tiro de arcabuz, e os soldados envestiram com a casa: Clara de Estevaes atirando-se do cavallo ia entrar tambem, mas Susana retendo-a:

— Onde vais tu, louca?! queres expor-te a ser reconhecida!...

Acabava de fallar quando huma porta, que ficava fronteira, se abrio, e Jeronimo Barbalho sahio por ella correndo.

— Pára, miseravel! disse Clara apresentando-lhe a ponta de huma espada.

O mancebo, sem perder o acordo na presença do perigo, affastou-se e correu para o mato, seguindo-o de tão perto Clara de Estevaes, que duas vezes o alcançou com a espada ferindo-o na cabeça e hombro.

— Fugiram-nos!! disse Alvaro ardendo em raiva; porem não irei hoje para a Cidade sem fazer bater estes matos.

Clara de Estevaes olhou para Susana, que voltando-se para o velho disse-lhe:

— Pois ficai, que nós iremos, por que he desnecessaria aqui nossa presença.

E partiram ambas.

(Continua.)

Sobre a Educação Primaria.

ARTIGO 1.°

Les fonctions du maître d'école doivent être rangées parmi les plus importantes de l'état, car elles ont pour but l'éducation morale et religieuse du peuple, à laquelle se rattache étroitement son éducation politique.

Celui qui se charge de pareilles fonctions doit se vouer entièrement au service de Dieu, de la patrie et de l'humanité. On doit supposer qu'il est lui-même un homme religieux et moral et qu'il a la ferme volonté de travailler toute sa vie à son perfectionnement.

Allgemeine Dient-instruction fur die Landschullehrer(*).

Nossas ideas sobre a educação primaria no Brasil, inseridas já em dois jornaes litterarios desta Corte soffreram taes modificações da redacção desses jornaes que nos vemos na necessidade de as re-imprimir hoje neste nosso filho sem pretenções e soberba, sem attenções particulares em prejuizo das artes e sciencias; nosso dizer livre desagrada a muitos, e como hoje nao temos necessidade de curvar a cabeça, aqui verão V. Ms. nossos pensamentos, aqui os deixamos á critica dos que sabem, dos que sabem! For every kind of labour there are men; *but there are species of labour that do not suit everyman!!*

Ha hum homem no Brasil, muitos haverão que não conhecemos, porem hum ha que comprehendeo e por muitas vezes manifestou do alto da tribuna parlamentar o segredo de tornar o povo feliz; seus discursos cheios de saber tem por fim huma só idea, por principio huma só idea! e o Sr. Paula Candido nao tem sido ouvido, e será ineficaz a boa vontade das camaras e do governo, se continuar o principio absurdo de castigar o crime, e não de impedil-o: nossas ideas servirão de apontamento para a discussão dos mestres, e mil vezes feliz seremos, se tão pequeno brado achar echo.

Sem entrarmos na analyse das sublimes theorias de Spurzheim relativas ao melhoramento physico da especie humana, tomamos o homem como no-lo apresenta esta geração descuidada para lhe darmos a educação. Seria huma impertinencia o pretender-se demonstrar hoje que a educação accommodada a todas as classes da sociedade he huma necessidade absoluta; as vezes de tantos homens illustres poderam emfim calar os silvos dessas viboras destruidoras da humanidade; porêm, se ella he huma necessidade absoluta, qual a razao porque vemos entre nós em completo abandono a das classes inferiores, ao mesmo passo que se multiplicam os meios de educar mal as classes elevadas da sociedade? Qual a origem de cegueira tão completa ou de abandono tao degradante para aquelles que deviam olhar por objectos de tanta magnitude? E como pretendemos educar, se não ha abi pedagogos sufficientemente habilitados? Eis o primeiro dos males: em hum seguado artigo provaremos com evidencia que a educação da maneira que se ministra hoje entre nós he sem proveito real.

A unidade de pensamentos he necessaria á tranquillidade de hum estado; esta unidade de pensamentos póde obter-se de todas as condiçoes da sociedade, se aquelles que tem a seu cargo o instruil-as fôrem todos filhos de huma mesma escola, porque esta unidade de pensamentos não he senão o resultado da identidade de habitos intellectuaes e moraes, como sabiamente pondera M. V. Cousin (*); portanto, he o primeiro passo a dar a creação de huma escola normal completa Mas nas circumstancias actuaes do estado, como será possivel a creação de huma escola normal semelhante ás melhores da França, Allemanha, Prussia e da Hollanda? Eis hum problema que será proposto, e que julgamos de facil solução: a escola normal existe creada, he o collegio de Pedro II; falta-lhe simplesmente huma cadeira, a de pedagogia. Não queremos dizer com isto que sejam recrutados os alumnos desse collegio para preencherem tão nobre, tão melindroso e tão difficil emprego; mas sim que os professores de educação primaria, quer publicos, quer particulares, devem sahir d'ali, ou de outra qualquer parte, onde possam encontrar-se homens com as habilitações que possuem os filhos desta escola ao receberem o grão de Bachareis em bellas letras.

M. Prosper Dumont (**), fallando de escolas

(*) *Instrucção geral para regular os deveres dos professores do campo.*

(*) *De l'instruction publique dans quelques pays de l'Allemagne, et particulièrement en Prusse, par M. V. Cousin.*

(**) *De l'éducation populaire et des écoles normales primaires considerés dans leurs rapports avec la philosophie du christianisme, par M. Prosper Dumont.*

normaes, diz, em relação á de Strasbourg: « Se ella tem obtido hum lugar distincto entre as escolas normaes primarias de França, deve esta superioridade: 1.º ao grande desenvolvimento dado á instrucção religiosa e moral; 2.º ao ensino pedagogico. « Ora, creada que seja huma cadeira de pedagogia no collegio de Pedro II, dando-se maior desenvolvimento á instrucção religiosa e moral dos alumnos que se destinarem ao magisterio, infelizmente tão desprezado entre nós teremos em pouco pedagogos habilitados, não para huma reforma, mas para coadjuvarem a creação de hum systema. Quanto á reclusão, que, no sentir de Dumont, devem exprimentar os educandos-mestres, dá-se ella nos alumnos internos desse collegio. Todavia, não nos cegam nossas idéas a ponto de enxergarmos no collegio de Pedro II hum completo modelo de escollas normaes para o Brasil: seu crescido numero de alumnos he hum dos motivos que o impedem de sê-lo. « Quando a influencia moral do director, diz « o já citado Dumont, tem de estender-se « a mais de quarenta alumnos, he bem dif- « ficil que não se enfraqueça. A escola tende « então a perder o caracter de huma familia « para tomar o de hum pensionato; ainda « ha lugar para huma severa e boa disci- « plina, mas este estudo delicado dos sen- « timentos intimos que a educação exige tor- « na-se bem difficil, senão impossivel. »

Tantos estabelecimentos florescentes de educação primaria, escrevia de Leipzig Cousin ao conde de Montalivet, ministro da instrucção publica em França, tantos estabelecimentos florescentes de educação primaria suppõe boas escolas normaes primarias. E nós dizemos parodiando: tantos estabelecimentos de simples instrucção primaria decadentes, miseraveis em sua organisação e alma, suppoe falta de escolas normaes primarias; e sem boas escolas normaes primarias não teremos bons professores, e sem bons professores não teremos educação.

Seria hum erro o acreditar-se que homens muito habilitados mesmo; porém filhos de differentes escolas, podessem realisar a grande idéa, ajudar a resolver o problema que chamamos educação; seria hum erro! O progresso real está na moralisação do povo, diz Silva Leal (*), E que he a moralidade do povo senão a generalidade de habitos que determinam os costumes e modificam o carater? E como generalisar esses habitos senao por meio da educaçao? E como ha de ella generalisa-los se fôr cada professor o apostolo de huma nova doutrina? O progresso real está na moralisação do povo, e a moralisação do povo he consequencia proxima da educação; e nós não temos hum systema de educaçao! Todos os dias fere nossos melindrosos ouvidos essa palavra — progresso — que parece ninguem comprehende; e applicamos attentamente o ouvido para receber est'outra — educação — julgando que impropria figura a collocou depois, devendo estar antes della; porém qual! ellypse completa, ellypse infernal. Já vem de loge este mal, e nao he só entre nós que elle se faz sentir; porém os outros fallam, e obra-se; e entre nós, nem se falla, nem se obra. Já vem de longe o mal; que o sentia Helvecio (*) quando disse: « Ha ahi muitas escolas, muitos livros; porém falta quem possa reger dignamente humas e nos ensine a tirar proveito dos outros. « Nao he só entre nós que elle se faz sentir; que por esse mundo de Christo ha ainda crescido numero de dormentes; porém será razao para nós deixarmos ficar atraz, o ficarem alguns? Cremos que não; e todavia nós ficamos.

(*Continua*)

(*) *A moral e o seculo; pag.* 211 *do Par.*

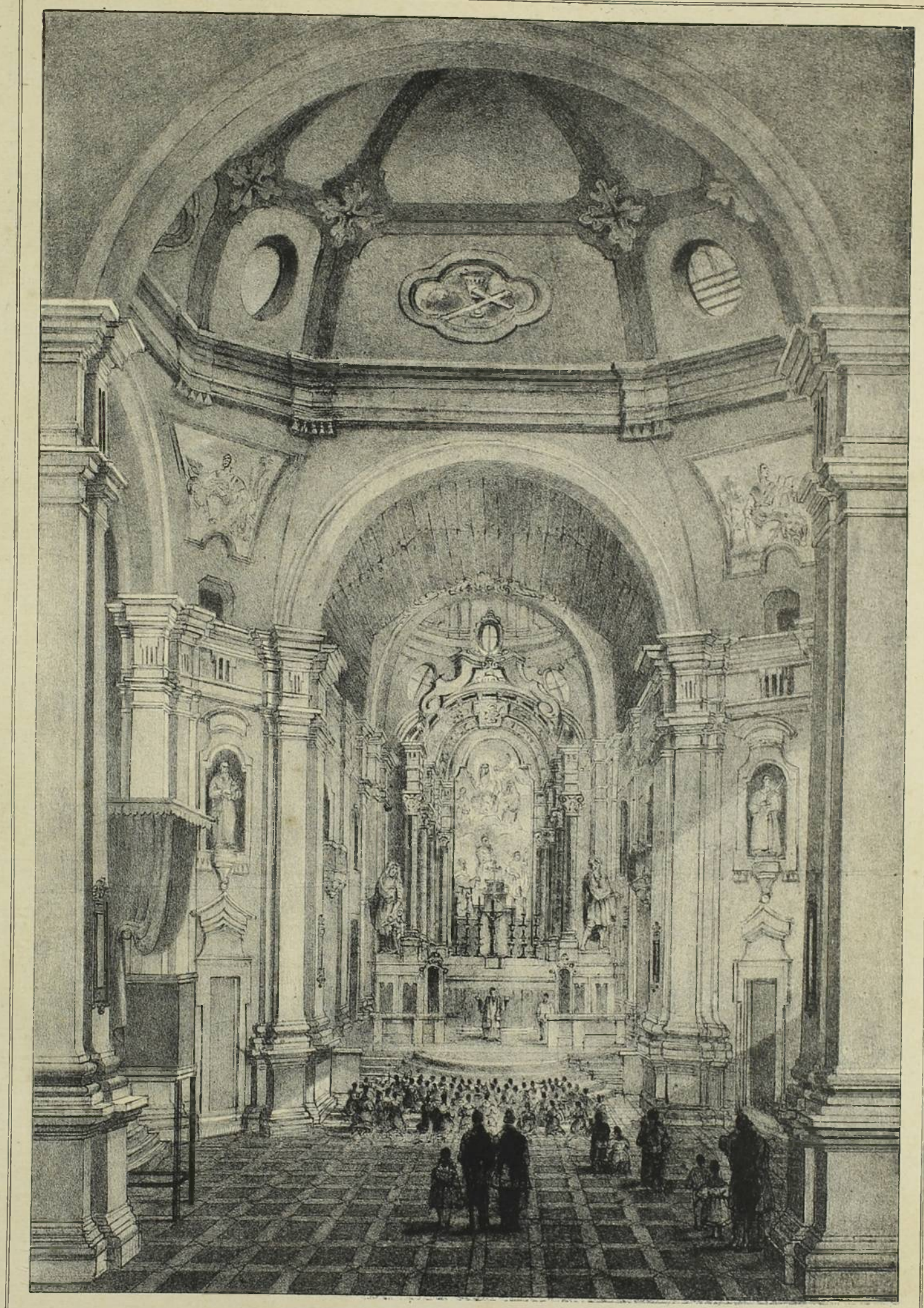
(*) *De l'homme.*

A IGREJA DE S. FIDELIS.**

He nobre a posição do escriptor quando tem por fim discrever monumentos de sua Patria, embora soffra contrarios embates, por que então deve desdobrar aos olhos do leitor, o quadro historico em todas as suas phases; porem quantas vezes não exita elle em lançar ao papel seus sentimentos! quantas vezes tambem a mao perra se não esquiva de seguir a marcha veloz do pensamento!!... Tal he o nosso estado: o pensamento se não detem, nem cança, ao considerar o magestoso Templo de S. Fidelis, porem a mão rebelde a tardos passos caminha.

Quanto mais elevamos nosso espirito, impellidos por intimas convicções, quanto mais nos esforçamos por nivellar nesses escriptos á grandeza do seus objectos; mais acanhados nos

** *Continuado do n.º antecedente.*



Lith. de Heaton e Rensburg, R.ª de Janeiro.

INTERIOR DA IGREJA DE S. FIDELIS EM CAMPOS.

parecem aquelles, e estes menos expressivos, menos exactos. Assim pois não nos atrevemos a erguer a voz isolado: algumas autoridades traremos em nosso auxilio.

. . . . . .

Entremos por alguns momentos na Igreja de S. Fidelis, para podermos admirar de perto sua belleza e perfeição, e nos convencermos de sua verdadeira grandeza; demoremos nossas vistas sobre os diversos pontos de seu interior, e assim melhor conceberemos o grão de seu merecimento artistico.

Sente-se ao entrar o coração oppresso pelo respeito que domina em geral os Templos dessa mesma epocha, e huma doce melancolia atravessa molemente o espirito; apoz succede hum vago e incerto prazer, que em balde tentariamos pintar. Reina a magestade por toda a parte, a par da unidade do pensamento; brilha a perfeição e a naturalidade em suas formas, logo apoz da simples inspecção; e o observador he levado, por desconhecida causa, ao respeito e admiração.

Affecta sua planta a forma de huma cruz, em cujos braços estão erguidos bellos altares de forma particular, e singular contextura, e á frente da qual domina magestoso o altar-mór. São os altares dignos de especial menção, não só por sua analogia com o todo mas tambem por serem formados de materia particular: sim, elles não são como no geral de nossos Templos, formados de madeira, mas sim de hum barro, conhecido dos habitantes desse lugar debaixo do nome de saibro; e este saibro he tão tenaz como resistente.

Quatro grandes arcos, solidos porem delgados, se attendermos a que são feitos de tijolos, separados apenas por pequenos intercolumnios, e apoiados sobre formosas pilastras (que julgamos pertencer á ordem dorica romana) sustentam orgulhosos a grande rotunda que o leitor já bem conhece; estes arcos tambem são por sua vez os divisores das naves. Entre os arcos, e hum pouco acima do entablamento ha bellos quadros religiosos, creados pelo pincel dos immortaes Barbadinhos, com tintas proprias do paiz; e nos intercolumnios veem-se nichos aonde existem imagens da altura natural, feitas da mesma materia dos altares: pouco abaixo destes ha bellas mas pequenas portas.

A rotunda, que he formada de saibro, tem apenas 3 palmos de espessura, talvez por seus constructores confiarem na tenacidade do material; dos diversos angulos de sua base sobem raios que vão terminar symetricamente na base do zimborio, e são intervalados por oculos e quadros, mais pequenos que os citados, porem nem por isso inferiores

A capella-mór, segue o gosto geral, e consta de dois corpos distintos: hum dos quaes he coroado por nobre zimborio, porem mais pequeno que o primeiro. O altar-mór he lindo: nelle ressumbrão delgadas columnas, e aos lados do altar, colossaes imagens existem, bem acabadas, e por isso dignas de especial menção. O retabulo não he inferior aos demais quadros, e nós sentimos não podel-o discrever miudamente.

A Pia baptismal, assim como os altares, existe como nova, apesar de ser formada da mesma materia; ella he de hum trabalho admiravel. O saibro de que he formada he tão compacto e resistente que zomba da acção das agoas, apesar de obsorver grande parte dellas.

As naves foram ladrilhadas com gosto e primor.

. . . . . .

Este Templo magnifico, não foi ultimado apesar dos esforços de seus dignos constructores: e como o poderiam fazer com tão fracos recursos?!... « A 8 de Setembro de 1799 (diz « o Sr. H. Bellegarde) se lançou a pedra fun- « damental deste edificio, e a 23 de Abril de « 1809 foi benzido, e ahi pela primeira vez foi « celebrado o Santo Sacrificio da Missa. » Porem, ainda no tempo em que este Sr. falla (1837) estava por concluir e em ruinas.

O zimborio foi a primeira victima do tempo, a despeito do revestimento espesso e formado com a necessaria dose de pozzolana, que o deffendia da acção das agoas; pois que circumstancias quaesquer produsiram huma fenda que chegou a ter 18 linhas de largura, e ameaça sua destruição: as chuvas tem dilatado esta fenda, e penetrado o interior do Templo. Este mal he aggravado pelo abandono em que elle se acha, embora elevado á categoria de Matriz.

A elypse que olha para S O estava partida pelos terços, no tempo em que o Sr. Galdino Pimentel dirigia a *Secção*: elle depois de ter tecido os dignos encomios a tão sumptuoso edificio, conclue o seu relatorio (1841) nesta parte, da maneira seguinte: « Se não for con- « signada ao menos a quantia de 4:000$ rs., « para desde logo ser empregada nos reparos « daquellas ruinas, talvez em menos de hum « anno tenhamos o dissabor de ver por terra

« esse Templo tão magestoso, e singular em « architectura. »

O Sr. Henrique Bellegarde em epocha mais anterior fallando sobre os estragos que o Templo tem soffrido, se exprime deste modo: « A « cheia do rio Parahyba no anno de 1833 « entrou pela parte dos jazigos com mais de 3 « palmos de altura, e fez abater todo o alterr « artificial do corpo da Igreja, em consequen- « cia do que todas as obras accessorias gemeram « e em parte desmoronaram. » E conclue pedindo com instancia a necessaria autorisação para incetar os concertos.

Consta-nos que a autoridade competente attendeu emfim á vez desses dois habeis Engenheiros, e que d'entre as ruinas hão-de hoje erguendo os diversos corpos, com novo aspecto, se bem que morosamente.

Oxalá não seja isto hum sonho....

. . . . . .

O leitor nos desculpe se achar que ficamos áquem da posição que deveriamos occupar, pois, como já dissemos, não nos consideramos com a necessaria intelligencia para poder preencher tão grande missão.

J. A. Cardeiro.

JERONIMO BARBALHO BEZERRA

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO V.

Terão Vs. Ms. ouvido dizer muitas vezes — que o diabo guarda os que o servem, e he huma verdade; porem eu entendo que só os guarda elle emquanto que os não tem seguros no caminho do inferno, depois deixa-os correr livremente por que cada hum de seus passos leva-os á perdição eterna: era bem, como vimos no capitulo antecedente, veio o diabo em soccorro dos quatro mancebos, pois que só elle poderia tira-los de tão apertado lance, e nem o rancôr das duas moças, nem as deligencias de Alvaro de Estevaes e de seus arcabuzeiros valeram contra o poder do anjo das trevas, que levantou altissimas montanhas entre os soldados e os quatro cavalleiros, abrio profundos abysmos, soprou nuvens de poeira, e até tomou fórmas de animaes horrendos para protege-los, não podendo todavia ter mão na espada de Clara de Estevaes, que arranhou solemnemente hum de seus quatro protegidos; são coisas estas, que se não podem explicar, e Vs. Ms. hão de acredital-os por fé, se quizerem. Porem Lourenço de Mendonça, ou por que tivesse suas razões para não acreditar nas maravilhosas narrações dos espedicionarios, ou por que tivesse pouco que fazer, começou de espalhar que o Governador protegia abertamente os mancebos, mandando para prendel-os soldados imbecis, ou comprados, o que revoltou Rodrigo de Miranda, e ainda Alvaro de Estevaes e seus companheiros, alguns dos quaes tinham ficado bem escalavrados das espadas dos cavalleiros, e das pesquizas no mato feitas por ordem de seu commandante em toda a noite de 8 para 9 de Setembro: os jesuitas, a quem o Prelado protegia escandalosamente, tomaram a peito a defeza do que este dizia, e o povo, que os aborrecia do fundo do coração não sei por que causas, levantou-se contra Lourenço de Mendonça e contra elles, não perdoando huns e outros maneiras e modos de se offenderem, e defenderem. Muitos mezes se volveram nestas encarniçadas e perigosas lutas, esquecendo-se por huma nova rixa os motivos de antigos odios, de sorte que os quatro cavalleiros, se não passeavam ainda pelas ruas da Cidade não era por que lho estorvassem, mas por que ignoravam o estado dos animos a seu respeito: Susana de Froes, que todos asseveravam ter embarcado para o Reino, não podia mais authorizar as reclamações justissimas do Prelado, que desde muito as deixára, reflectindo que o povo insolente não deixaria passar tão seguro motivo para vingar-se dos jesuitas e delle mesmo; o Governador offendido pela injusta arguição de Lourenço de Mendonça, tinha assignado o perdão dos mancebos, attendendo primeiro ao seu amor-proprio, depois as instancias das familias dos desterrados, e em terceiro lugar ao desapparecimento da manceba; ora, sabendo tudo isto Clara de Estevaes e a viuva Martha, quebravam a cabeça em conjecturas, suppondo huma em sua raiva, que as féras haviam devorado os cavalleiros, a outra que fugindo para o sertão os indios os haviam apresionado; sem que huma e outra acertassem. Os leitores que desapaixonados terão feito a coisa por menos, desejarão saber o que foi feito delles depois do formidavel susto, por que passaram, e eu vou relatar quanto me chegou á noticia.

Desde a fatal noite das apóstas, em que Diogo Lobo pagou por todos, Jorge Ferreira insistia com os companheiros para que se entranhassem no sertão, desconfiado, não tanto do que mais havia de temer, senão do que mais temerosa se fizera, por que Susana de Froes havia sido reconhecida:

— Olhai que essa mulher nos ha de ir denunciar!! dizia elle em tom prophetico; sua raiva, ahi tendes huma boa amostra na cabeça de Diogo Lobo, sua raiva não deve contentar-se com tão pouco, os soldados virão, e os calaboiços de Santa Cruz da Barra nos esperam!

Porem os companheiros incredulos e destemidos respondiam com chascos aos prudentes avisos e advertencias de Jorge, e hum dia chegou, em que se verificaram, sem valerem os feros e roncarias, com que nesse mesmo dia haviam sido respondidos. Acossados ainda nos matos pelos arcabuzeiros de Alvaro de Estevaes, só depois de tres dias tiveram leve descanço, e poderam reunir-se; hum rancho de palha, que no centro da floresta lhes servia para ponto de reunião nas caçadas, servio-o tambem agora que eram elles, não montezes, porem montados, e depois de passar [illegible]

quarto e quinto conhecendo quanto valia hum pedaço de pão secco, que hum servo por acaso deixára, desesperados com fome voltaram a casa resolutos a trocar pela vida a liberdade; eu digo — trocar pela vida a liberdade,— por que sua inaptidão cegava-os a ponto de não verem, e aproveitarem os mil recursos que lhes offerecia a prodiga natureza, chorando os mimos, que mesmo no desterro lhes chegavam da Cidade, e tendo que levar de má passadio muitos dias a cito era mais insupportavel, do que o mais escuro e fetido calaboiço: depois, as feridas de Jeronimo Barbalho, e ja gravidade não podia ser apreciada por elles, davam-lhes serios receios, e por isso voltaram. Tudo ahi se achava no mesmo estado, em que o haviam deixado, menos a ceia, que os soldados haviam capturado para que se não perdesse de todo a deligencia; tambem haviam desapparecido algumas moedas de oiro e prata, que naturalmente levaram as gambás e tatús, por que se tinham esquecido de fechar as portas; o mais tudo estava no seu lugar quando os cavalleiros chegaram, hum dos quaes foi com repugnancia servir de cosinheiro emquanto escolhiam d'entre os dois, que ficavam, hum que partisse para a Cidade, e a todo o riseo trouxesse hum esculapio, que remendasse a cabeça do infaventurado Jeronimo Barbalho, que febricitante fazia rir os companheiros com os mais engraçados disparates.

Pensadas as feridas de Jeronimo, sabendo os companheiros pela boca do Mestre Fernão Egas Feiteiro, que de pouca monta eram, sem detença se puseram a caminho para o sertão contra a vontade do ferido, que ardia em desejos de vingança; e o mais que puderam acabar com elle foi que ficasse differida para d'ahi a alguns mezes, consentindo na partida: seguiram em direcção a Jacarépaguá, que apesar de occupado por huma tribu, verdade é que de pacificos selvagens, escolheram para assento, convidados pela amenidade do lugar, e grossura da terra e abundancia de caça, que fazia no desterro suas delicias. Aqui passaram muitos mezes a mesma vida que dantes ensinada agora por seus hospedes, se he que não eram elles mestres no officio de vadios; ahi passaram muitos mezes e tantos que se escoou todo o anno de 1635 e já corriam dias de Março de 1636:

— Nossa caçada de amanhã será formidavel! dizia Jeronimo Barbalho entrando pela porta de sua abandonada casa de Andrahy; amanhãa não temos necessidade das pernas de nossos corredores, nem a bésta e os galgos nos servirão de muito; outros mastins, e outras armas carecemos, e tenho-os eu de bom faro, e tenho-as bem formosas!!

— Mas não te acompanharei eu na caçada, por aqui me ficarei.

— Fica-te Jorge Ferreira, ficai-vos todos, que vos não hei mister! eu recebi a affronta, corri o perigo, corti as dores, assanhei o desespêro, e dirigirei a vingança; eu que tomei sobre mim o odio de Rodrigo de Miranda e desse vil padre por salvar-te Lucas da Silva!!

— E já te disse eu que não iria á Cidade hoje?!

— Pensei-o bem, por que sempre tens sido dos primeiros em contrariar minhas tenções.....

— Por que são loucas, attendendo á causa que lhes dás; ouve-me pela ultima vez, que fallarei a tal respeito: aborreço, como tu, Lourenço de Mendonça: não o defendo por conveniencia, pois que de nós todos sou eu o que elle mais odeia; porem não posso acreditar comtigo que fosse elle hum dos cavalleiros mascarados, que acompanharam os soldados, e muito menos, que fosse quem te ferio com sua espada: o Prelado he altivo e colerico, mas não chegaria a tal ponto sua ira.

— E quem, a não ser elle, poderia esconder-nos o rosto?!

— E quem pensas tu, que seria o companheiro de Lourenço de Mendonça? disse Jorge Ferreira.

— Hum dos da Companhia, hum desses que tanto temes, e que o povo commigo despresa e aborrece!

— Pois olha, eu juraria por minha salvação que os dois mascarados foram Clara de Estevaes e Susana de Froes.....

E huma risada geral acolheu a lembrança de Jorge Ferreira.

— Podeis rir quanto quizerdes; porem eu que conheço bem Clara de Estevaes, que tenho mesmo hum exemplo de sua entrepidez.....

— Ora cala-te, que toda essa historia que nos contaste, foi o vinho de Diogo Lobo quem lhe deu origem; conheces muito pouco as mulheres, ellas só sabem chorar e arrepelar-se quando as deixamos.

— Póde ser; porem eu não irei.

— Melhor, que teremos hum cosinheiro deligente ás nossas ordens; fica-te, e prepara-nos hum bom almoço para amanhãa.

E os tres outros mancebos depois de descançarem breve espaço montaram outra vez e partiram na direcção da Cidade, chegando ao extremo da asinhaga de Mata-cavallos ao pôr do sol, onde esperaram que escurecesse para entrar nas ruas da Cidade. Seriam 7 para 8 horas da noite, quando, hum pagem de libré foi bater á portaria do Collegio dos Jesuitas, onde o doutor Lourenço de Mendonça poisava:

— Que o façam entrar, disse o reverendo Prelado a hum noviço, que lhe trouxera a noticia de que alguem o procurava.

E o pagem entrando, apresentou-lhe respeitosamente hum papel dobrado, que Lourenço de Mendonça leu com grande attenção.

— Ide, pagem; disse elle acabada a leitura; ide, que dentro em hum credo estarei onde me chamam.

— Porem, senhor, eu tenho ordem de ficar para acompanhar-vos; pode ser que com o escuro não acheis a casa, e minha illustre senhora talvez não possa esperar-vos duas horas neste mundo: não vol-o diz ahi nessa escriptura seu capellão?

— Sim, sim; pois vamos.

E sahio, acompanhado de hum só de seus domesticos, e do mensageiro pagem; desceram pela ladeira que vem acabar no becco do Cotovêllo, e apenas lhe tinham chegado á raiz, quando hum homem tendo adeante

huma mula arreada, lhes sahio ao encodtro convidando-o para que montasse, o que elle fez promptamente. Algumas gotas de chuva, e hum vento impetuoso de sudoeste annunciavam proxima tormenta:

— Bastarão dez minutos para tornar impraticaveis os caminhos, reverendissimo senhor, disse o pagem que caminhava na dianteira já em meio da rua, que se estendia em frente da ladeira; eu creio que será melhor descermos para a praia, que mais seguro terreno pisaremos.

— Por qualquer delles o Senhor nos acompanha; vamos por aquelle que julgais melhor.

— Não, meu padre! disse o pagem baixinho comsigo; o Senhor se esqueceu de ti esta noite. e he o diabo quem te acompanhará por este.

E havendo chegado ao largo que hoje se chama do Paço emfrente do Hospicio, ou antiga capella de Nossa Senhora do O', tomando as redêas da mula o pagem atravessou-o escontra o mar:

— Por onde vais tu, pagem? disse o Prelado sofreando a besta, que continuou a caminhar deixando-lhe nas mãos as redeas partidas.

— Vamos buscar a arêa molhada, que he mais solido caminho; não vêdes que está prestes huma tormenta d'agua, e se caminharmos affastados da praia.....

— Não! deixai vossos mêdos, e voltemos; eu o quero.

— Porem vós não tendes querer agora, meu padre.

— Que dizeis!?

— Bem pouco, que deveis caminhar para onde vos levam, sem replicar por que isso apressaria vosso fim.

— Antonio! disse Lourenço de Miranda voltando-se para traz.

— Foi buscar-vos hum sombreiro e huma capa, que o mandei eu, descauçai.

O Prelado olhou para o ceo carregado de nuvens borrascosas; nem huma estrella que deixasse passar até Deos sua supplica, se vislumbrava; carregado e temeroso estava elle como para annunciar ao pobre enganado a sorte que o esperava na terra. Caminharam para o mar ainda hum pouco; depois voltaram sobre a esquerda, e tão rente d'agua que muitas vezes huma onda mais forte vinha alagar os pés do pagem, que parecia nem sentil-a: teriam caminhado pela praia fóra cerca de hum tiro de de bésta distante do lugár, onde está hoje a fonte, quando o pagem parou, entregando o Prelado a quatro homens que pareciam aguardal-o neste lugar:

— Ahi o tendes; fazei o que vos ordenou meu amo, e sempre será bom que vos lembre que pagareis com a cabeça qualquer indiscreção, ou negligencia.

E o Prelado conheceu, que não valeriam rogativas, que não haveria piedade para com elle; por isso deixou-se do corpo e cuidou na alma: como o tivessem feito descavalgar, ajoelhou-se na arêa e rezou, em quanto o pagem montando atemorizava os miseraveis que deviam tirar-lhe a vida,

Depois que desappareceu o pagem, e emquanto Lourenço de Mendonça se preparava para o terrivel momento, descutiam os quatro scelerados a forma por que dariam cumprimento ás ordens sanguinarias de Jeronimo Barbalho, votando hum, que estrangulassem a triste victima, verdadeiro martyr lhe pudera eu chamar; outro, que o apunhalassem, deixando o cadaver enterrado na praia; hum terceiro, que fosse levado no barco até meio da bahia, e ahi lançado ao mar amarrado a huma pedra, emfim o quarto, mais piedoso e compassivo lembrou, que com effeito fosse mettido no barco, porem que tirando os remos e furando-o, affastado para o mar, deixassem que a tempestade proxima a rebentar acabasse a obra que lhes fora encommendada: o alvitre foi aceito e o desgraçado entrou no barco, que devia servir-lhe de tumulo, e com os olhos no ceo e as mãos postas nem se quer reparava na distante praia, no raio, que atravessava o espaço, e no ribombo do trovão que abalava os montanhas! de mãos postas e com os olhos no ceo esperava a morte com a calma do justo, e o tempo que o barco correu á vontade da furiosa tormenta passou-o elle como se estivera em lugar seguro, e livre das garras da horrorosa morte, que em cada vaga lhe mostrava a fouce. Porem o Senhor havia determinado que elle vivesse para confusão de seus inimigos, destinando-lhe tambem novas provas, que purificassem de todo sua alma; e já sobre a madrugada o esquife de huma embarcação fundeada no Poço salvou-o, enchendo-se d'agua o barco, em que elle tinha vagado toda a noite secco e enxuto, querendo Deos mostrar que não tinha sido leve accidente e acaso tão grandioso milagre. Recolhido na embarcação, que em breve dias ia dar á vela para Portugal, todos lhe rogaram que deixasse entregue a seus crimes e desvarios o perdido rebanho: porem o virtuoso varão com hum zelo verdadeiramente apostolico, levantando hum braço para o ceo disse:

— Acolá he que se descança sem soffrer; aqui embaixo deve trabalhar o homem sempre, e quanto mais suado fôr o trabalho tanto maior será seu premio!

Os marinheiros o trouxeram a terra passados alguns dias, e este horroroso attentado olhou-se com tal indifferença, que mais parecia fôra commettido por todo o povo, que por hum, ou dois desalmados; o Governador sobre tudo mereceu as mais justas reprehensões, que hum, ou outro no silencio de sua casa lhe fez, pois que em vez de devassar do facto, e castigar severamente os culpados, voltou-se sanhudamente contra o Prelado, dando ouvidos a enredos e aleives, que o mortificaram, e com tal arte arranjados, que o levaram d'aqui preso a Lisboa para responder ao Tribunal do Santo Officio, que o julgou livre de culpa e pena, apesar da bôa vontade, que lhe tinham seus numeros inimigos. Deixando em principios de 1637 esta Cidade, onde tão rudes tratamentos soffrera, começaram os libertinos mancebos sua antiga vida, que pouco tempo fruiram por que logo a 3 de Abril deste mesmo anno, tomando conta do governo da Capitania Salvador Corrêa de Sá e Benavides, bem viram elles que não seria tão indulgente como o havia sido Rodrigo de Miranda Henriques:

— Que vos parece do novo Governador? dizia Jorge

Ferreira Bulhão aos mancebos reunidos em casa de Diogo Lobo para seus costumados exercicios.

— Parece-me, disse Jeronimo Barbalho, parece-me que será hum despota, basta-lhe o sobre-nome de Sá, que o não fará desmerecer de seus antigos; a soberba aninha-se debaixo desse appellido dos Sás, e de tal forma, que teve o atrevimento de dizer publicamente o pai desse arrevesado, que o Senhor Rei só encontrou para nos mandar cá, attendendo talvez á costella estrangeira que lhe dá o *Benavides*, Martim de Sá, pai do nosso muito amado actual Governador, disse bem alto que esta Cidade era dos Sás por que a ganharam, edificaram, fortaleceram, e governaram sempre, não sei como se não lembrou de dizer o estonteado velho que a governarão até o fim dos seculos: vêde agora de que raiz vem este rebentão, tendo em conta que he de encherto hespanhol.

— Eu só tenho em conta as boas ausencias que nos farão aquelles que quizerem entrar com o Governador, disse Jorge Ferreira.

— E eu, que és hum pultrão! replicou Jeronimo Barbalho encolerisado; que te importam as ausencias?! queres algum posto?

— Quero que me deixem socegadamente.....

— Furtar as moças, semear a desordem entre os casados, não? Ah! ah! ah! não se apanham trutas a barbas enxutas, meu jesuita sem roupeta! Só te lembras d' Santa Barbara, quando ha trovoada?

— E tu, nem quando te cahe o raio aos pes!

— De certo; chorar he para as velhas e meninos.

— E tambem para os Bulhões, disse Jeronimo Barbalho, que não perdia occasião de instigar o animo de Jorge Ferreira.

— Vamos! disse Lucas da Silva; trata-se de saber quem temos em casa, de conhecer o galo, e vós estais mordendo-vos huns aos outros?!

— O galo he de raça dos da India, altivo e brigador.

— E por que não dirás antes, valoroso e nobre? replicou Jorge Ferreira; o comboy que de Pernambuco levou á Europa tendo pouco mais de 20 annos passando atravez das naos hollandezas a salvamento.....

— Mostra que foi feliz huma vez.

— E o recontro do Espirito Santo? e a restauração da Bahia, que elle ajudou com seu braço, e com soldados, que sua actividade levantou em S. Vicente?

— São bagatellas.

— Tambem o serão o desbarate dos Cálequins, e a batalha de Palingarta, onde recebeu doze feridas?

— E que lhe valeram por corôa de triumpho huma castelhana bem bonita, bem nobre.....

— E bem soberba, como o pai e o marido, meu Lucas da Silva! tambem te encarregas de sua apologia?

— Eu respeito a virtude.

— E eu aborreço a altivez, detesto a tyrania! já me tarda ver hum Bezerra no poder.....

— Para te chegar tambem a tua vez de ser altivo e tyrano?! Ora não enfames nos outros tuas proprias acções; vamos amanhãa fazer nossas saudações ao sol, que se levanta, que nos chegará a occasião de o apedrejarmos no ocaso.

— Ide vós, eu não irei; disse Jeronimo Barbalho com arrogancia.

— He huma asneira sem necessidade, e perigosa.

— Perigosa, como?

— Porque Salvador Corrêa julgará que o temes, que o saber elle nossas cavallarias he infalivel.

— Temel-o eu?! pois bem, irei.

E foram; o Governador recebeo-os cortezmente, e com capa de mercê enviou-os fóra da Cidade em differentes empregos, que elles desempenharam melhor do que podia esperar-se de tão pessimas antecedencias; as familias respiraram socegadas 4 annos, que tantos estiveram elles longe desta Cidade.

Jeronimo Barbalho, cançado e aborrecido da especie de testerro, a que o condenava Salvador Corrêa de S., foi o primeiro que voltou, deixando sem authorisação o lugar que occupava; o Governador instruido de tal coisa, mandou chamal-o a sua presença reprehendendo-o asperamente, ao que elle respondeu em termos menos proprios, seguindo o castigo á insolencia, o odio ao soffrimento, odio que devia rebentar hum dia temeroso, violento e encarniçado. Já não eram desvarios de mancebo, que até lhe pesaram elles; era a ambição, quem o movia, huma paixão substituira a outra, ambas, o amôr e a ambição, capazes de grandes virtudes e de grandes crimes. A mesma revolução se operára no animo de seus antigos companheiros, que mais prudentes, ou mais soffridos esperaram do tempo a realisação de seus desejos, e quando em 1643 Luiz Barbalho Bezerra tomou posse do governo da Capitania das mãos de Duarte Corrêa Vasqueanes, que governou em ausencia de Salvador Corrêa, julgaram todos que seria occasião opportuna para satisfazer ambições; porem a probidade e regidez do Governador, e pouco depois sua morte em 1644 lançou-os outra vez em esperanças.

Enviado para o Reino em 1637 o veneravel Lourenço de Mendonça entre affrontosas cadêas, succedeu-lhe no pesado e perigoso encargo o Doutor Pedro Homem Albernaz, que já antes deste seu antecessor havia servido por nomeação do Clero, na vacancia de Frei Maximo Pereira, soffrendo antes e agora tão duros tratamentos, que bem se pode dizer que o demonio se havia mettido no corpo da gente vil desse tempo, pois que nem hum só dos Prelados que administraram a Igreja de S. Sebastião desde 1569 até 1682 deixou o cargo sem ter passado os maiores vexames, e acerbissimos desgostos; soffreu Pedro Homem Abernaz até que teve successor no Reverendo Antonio de Marins Lourenço, que tomou posse a 28 de Junho de 1644, e foi o mais infeliz de quantos administraram esta Prelazia como vamos vêr.

Clara de Estevaes, que por morte de seu pai fôra morar com Susana de Froes para subtrahir-se ás cruas perseguições de seus irmãos, vivia em huma pequenina casa no alto de S. Januario, onde com fama de santas huma e outra eram consultadas pelo povo em suas necessidades e revezes; a viuva Martha e sua irmãa

Clara respeitadas por nobres e pi̇̃es viviam em reclusão completa, deixando de sahir mesmo para buscar alimentos, se bem que lh'os levava a devoção de algumas almas caritativas; mas como ninguem tinha necessidade de andar pregoando seus beneficios, a gente simples acreditou que ellas se sustentavam na graça de Deos, e d'ahi, e de muitas outras coisas nasceu a veneração, em que eram tidas: e todavia, as maravilhas, que lhes attribuiam seus credulos visinhos, seriam o menos que nellas se devia venerar; seu despreso para com as coisas deste mundo, sua penitencia continua, sua beneficencia desinteressada e occulta fugia dos olhos do povo, que só via nas duas irmãas duas santas por seus milagres phantasticos. Quanto a ellas, ju'garam-se felizes em seu recolhimento; os dias passavam-nos a trabalhar para si e para os pobres como ellas, as noites em exercicios de piedade; só de tempos a tempos vinha assaltal-as huma nuvem negra, era alguma terribilissima noticia de assassinios, de roubos, de maldades de toda a casta praticadas pelos irmãos de Clara de Estevaes, que se haviam depravado depois que o velho Alvaro se finára. Assim viviam ha 8 annos, quando huma noite tormentosa e por deshoras se ouviram gritos lamentosos lá dentro da casa das santas mulheres; acodiram os visinhos á porta, porem como ninguem se movia lá de dentro para abril-a, embaraçavam-se com o dizerem alguns que as duas beatas se desciplinavam, e que por isso seria hum sacrilegio estorvar-lhes suas devoções; diziam outros mais ajuizadamente que se estivessem em disciplina não dariam tao altos gritos por que o soffrimento sem queixume constitue o merito do sacrificio, e que tão pouco pediriam soccorro: venceu o dizer destes, e a porta cahio arrombada para deixar vêr em lastimoso e impio quadro a mais moça das duas irmãas quasi nua por que seus vestidos haviam sido rasgados, bem como suas carnes, pelo açoite, que empunhava hum desmesurado e feio demonio, que só cessou seu mister de carrasco no instante em que o povo entrou de roldão pela porta; a mais velha amarrada de pés e mãos com huma mordaça na boca aguardava talvez a mesma sorte. A primeira coisa, que fizeram, os que haviam entrado, foi o signal da cruz huma e muitas vezes; mas como o demonio ficava sempre em meio da casa sem se desfazer em labaredas de pestifero cheiro, alguns dos mais animosos foram pondo-lhe a mão com receio, e talvez disto procedeu lançal-os elle de si como se fossem leves palhas, amarrotando-os contra a parede da casa, e tambem disto nasceu a furia com que segunda vez foram sobre elle amarrando-o bem seguro, em quanto outros soccorriam as duas santas, martyres agora. Como ellas pertenciam mais a Deos, que ao mundo assentaram os visinhos que o malvado não devia apparecer diante do Governador e justiças seculares, e levaram-no perante o Administrador Ecclesiastico, que arbitrariamente o mandou castigar com tanta crueldade e rigor como em verdade merecia o crime; porem, alguns que menos enthusiasmados pelas coisas da Igreja, de má vontade contra o Prelado só haviam embargado seu despotico arbitrio, clamaram altamente contra o Reverendo Antonio de Marins Lourenço, não só por isto, mas por que com os jesuitas queria estorvar certo negocio pouco licito e de muito interesse, qual era o trafico de escravos negros e indios: o Governador, que então era por segunda nomeação Duarte Corrêa Vasquanes, instruido de tudo, e vendo quão apertado era o lance, reclamou o criminoso, a quem deu a liberdade para contentar o povo amotinado, e por ter já soffrido castigo; porem os Padres, que tinham talvez suas tenções de sumil-o nos carceres da Inquesição de Lisboa, enfureceram-se com a determinação do Governador, e o Prelado acompanhou-os em seus desatinos, sahindo da Cidade em visitação a S. Paulo e ao Spirito Santo.

(Continua.)

FASTOS BRASILEIROS.

Simão Soares (Jagoarari).

Os primitivos filhos d'America, chamados por nós outros selvagens, palavra que traz comsigo a idea de ferocidade, de ignorancia, deram muitas vezes lições de humanidade a esses que os chamavam barbaros; e se não fizeram córar as juntas que descutiam como coisa duvidosa se elles seriam homens, he por que a ignorancia e a ferocidade competia, e era partilha menos do filho das florestas d'America, que dos homens civilisados das nossas Eras, cruenta e estupida Europa. Quantos brados de indignação resoaram ouvindo-se a narração das crueldades dos selvagens para com seus presioneiros de guerra? e não sabe todo o mundo o que fazia a Europa feodal?! não sabem todos o que fazia a Europa christãa nesses tempos de horrorosa recordação?!! Os costumes dos selvagens eram relativamente mais brandos e suaves, que os de muitas nações da Europa, em que huma religião benefica, e a influencia do commercio das nações tivesse adoçado o caracter livre dos selvagens do Novo Mundo.

Simão Soares, chamado pelos seus Jagoarari, tio do heroe Felippe Camarão, servia os Portuguezes com fedelidade nas guerras contra os hollandezes senhores de quasi todo Pernambuco; em huma sortida fizeram estes presioneira a mulher de Jagoarari, que desesperado e irreflectido deixou a sua aldea, e correu a procural-a entre os inimigos: em sua volta hum escuro carcere mostrou-lhe que os Portuguezes em seus regulamentos de guerra não tinham contado com o amor conjugal de hum indio, e crescido numero de mezes os ferros o tiveram sem que hum só gemido, huma só queixa sahisse de seus labios!

Foram os hollandezes que lhe deram a liberdade; mas os hollandezes eram inimigos, e Simão Soares aproveitou-a para correr as aldeas, levantar guerreiros, e voar em soccorro d'aquelles, que o haviam julgado capaz de huma traição, e tão severamente punido. E se algum indio lhe lembrava a iniusta prisão e a vingança, o *selvagem!* como se houvera lido no Poeta:

Fraquesa he dar ajuda ao mais potente —

exclamava com nobre indignação: «Quereis tu que digam me aproveito eu de sua desgraça? agora os ajudarei contra seus inimigos». Talvez que a vingança lhe lembrasse então, porem a virtude h'a apagou do peito, e elle morreu estimado dos Portuguezes, e estimando-os.

Sobre a Educação Primaria.

ARTIGO 2.º

> Quand un être parfait en aura élevé un autre, on saura quelles sont les limites du pouvoir de l'éducation.
>
> (KANT.)

A palavra—educação,—segundo Spurzheim, comprehende tudo quanto póde contribuir para o aperfeiçoamento e cultura da especie humana; e—educar, —diz Kant, he desenvolver em qualquer individuo toda a perfeição de que fôr susceptivel. Porém, como estas definiçõ s, por sua extensão, comprehendem a educação desde o momento da concepção até á morte, e nós tratamos exclusivamente da educação primaria, diremos com Mme. Necker de Saussure: « O fim da educação he enraizar no individuo a vontade, e proporcionar-lhe os meios de chegar á perfeição de que elle será hum dia susceptivel. » Querem outros porém que a palavra—educação—se applique particularmente ao desenvolvimento das faculdades moraes, e que se chame —instrucção— aos meios de enriquecer as faculdades intellectuaes, bem como a sciencia que ensina a conservar as faculdades physicas em bom estado se chama—hygiene,—e—gymnastica—a arte de dar a estas mesmas faculdades, por exercicios proporcionados, o mais conveniente grão de força e agilidade (*). Se fosse huma questão de palavras a que pretendemos tratar, diriamos a Spurzheim que, se chama educação ao todo, fica sem huma palavra com que exprima o particular desenvolvimento das faculdades moraes; e a M. Matter que não terá hum termo que expresse o exercicio simultaneo das faculdades physicas, intellectuaes e moraes, ou huma mesma palavra denominará o todo e huma de suas partes.

Admittido como principio que a educação deve ser ao mesmo tempo physica, intellectual e moral, o primeiro ponto será: determinar o numero e natureza das faculdades fundamentaes do homem, e conhecer as modificações dessas faculdades nos individuos que se pretendem educar (**). O segundo: pôr em acção simultanea as faculdades que devem ser desenvolvidas, e desenvolvel as conforme seu estado; porem (cabe aqui mui a proposito o dizel-o), assignar-se ao educador este ou aquelle methodo, queremos dizer os meios que deve empregar para pôr em acção essas faculdades, e mesmo, como vêmos, forçal-o a seguir hum he no nosso entender gravissimo erro: he tal imprudencia quem crea a cega rotina, quem impede a observação, quem entorpece o melhoramento, quem anniquila a educação! Acontece-nos muitas vezes empregar tantos methodos quantos são os alumnos que dirigimos (porque não mettemos mão em seara alheia), fallamos com experiencia, e escrevemos depois de ter lido e meditado. Não se acredite que hum methodo vantajoso na Europa deve sêl-o por força no Brazil, e que hum systema de educação pode ser traduzido! —Methodos, —que se conheçam todos, e que todos se empreguem se mister fôr; —systema,—he preciso creal-o.

Dissemos em nosso primeiro artigo que a educação da maneira que se ministra hoje entre nos he sem proveito real; e facil cousa nos será proval-o. Estamos que ninguem se lembrará de contestar-nos que o terrivel passamento e sepultura do *ignorantia fons vitæ* gerou, ou ao menos favoreceu o progresso da civilisação, e que esta resolveu, empunhando o facho da verdade, mostrar-nos as cousas taes quaes são, taes quaes as devemos enxergar: offerecia-se huma tenuissima difficuldade, quasi tudo estava cego, e a educação encarregou-se de abrir os olhos aos cegos do mundo; mas, vendo que de seu mister podia ir mais longe, quiz, coadjuvada pelos sectarios perpetuos daquella, tornar felizes esses a quem prestára como operadora de cataratas; ainda trabalha em seu proposito, e temos que ha de ver coroado de successo seu arduo lidar. Porem, como a educação, que por certo he hum pensamento de Deos, e não filha deste valle de miserias e mesquinhas cousas, teve a imprudencia de associar-se com homens, assentaram estes em que a felicidade não era huma e só; e daqui os tropeços, os desmanchos, o atrazo, a opposição mesmo que em seu bem querer tem ella encontrado; todavia esses estouvados sectarios, forçados de consequencia em consequencia, quer desçam da synthese para a analyse, quer subam da analyse para a synthese, acham sempre em ultimo resultado: que, para ser feliz o mundo, o sejão os estados; que, para serem felizes os estados, o sejam as classes,

(*) *Nouveau manuel des écoles primaires, moyennes et normales etc, par un membre de l'université, et revu par M. Matter* (*Paris*, 1836.)

(**) *Essai sur les principes élémentaires de l'éducation, par G Spurzheim.* (*Paris*, 1822)

e que felizes sejam os homens para que estas o sejam. Acham mais que, sendo o homem hum composto de faculdades, humas que tendem para o bem, outras para o mal, he possivel prejudicar o desenvolvimento de humas pelo exercicio de outras; porem que, se he possivel prejudicar o desenvolvimento das faculdades tendentes ao mal pelo exercicio das que tendem para o bem, não se deve negligenciar alguma destas ultimas, pena de que, negligenciando se, será cada educador hum verdadeiro Sisypho. Agora, deixando o faceto, perguntamos: Abandonando-se o desenvolvimento das faculdades moraes e physicas aos pais, que, huns por ignorantes, outros por negligentes, desprezam; dando-se nas escolas simples exercicio ás faculdades intellectuaes, educaremos? será real o proveito de huma educação ministrada por differentes mães, mesmo que peritas sejam? Semelha-se ella com o ajustar das differentes peças de hum relogio feitas por mãos diversas. E mesmo que todos os pais, por sua vigilancia, bons costumes e saber, fossem capazes de dar ás faculdades moraes e physicas de seus filhos o desenvolvimento que reclamam, prescindindo de nós as idéas de unidade, podem fazel-o os empregados publicos, os commerciantes, os artistas, emfim os pobres mendigos?

Quando fallamos em unidade de educação, não creia alguem que he nossa intenção povoar o Brasil de sabios, ou que queremos sopear os genios; a individualidade he huma consequencia necessaria, ha de manifestar-se sempre: só queremos que todas as classes recebam huma mesma educação primaria, para que o general e o soldado, o supremo magistrado e o simples official de policia, o rico e o pobre, sintam, pensem e obrem, a certos respeitos, uniforme.

Mas quem és tu, obscuro e desconhecido? dirá o praguento; conheces o peso da carga que parece tomares sobre teus hombros? o caminho que deves percorrer? os tropeços que has de derrubar? Ouvi-nos.

Quando o lavrador quer plantar de novo em mata brava, diz o Padre Vieira (*), mette primeiro o machado, corta, derruba, queima, arranca, alimpa, cava, e depois planta e semêa, Quando o architecto quer fabricar de novo sobre edificio velho e arruinado, tambem começa derrubando, desfazendo, arrazando e arrancando até os fundamentos, e depois sobre o novo alicerce levanta nova traça e novo edificio. E que he preciso fazer, apezar de nao termos de plantar e semear em mata brava, mas em chão aspero e esteril? Cortar abusos, derrubar opiniões erradas, queimar livros inuteis ou perniciosos, arrancar vicios arraigados, alimpar almas impuras, e cavar esses terrenos virgens onde cardos e espinhos nao brotaram ainda. E que he preciso fazer, apezar de não termos de fabricar de novo sobre edificio velho e arruinado, mas em chão limpo, em deserto? Tambem havemos de começar derrumbando a má vontade de alguns, desfazendo duvidas e incertezas, arrazando o pedestal da negligencia, e arrancando (he este o nosso proposito) do centro emmaranhado de especulaçoes e egoismos braços fortes, que os temos.

(*Continua.*)

(*) *Historia do futuro. pag.* 54.

BIOGRAPHIA

DE

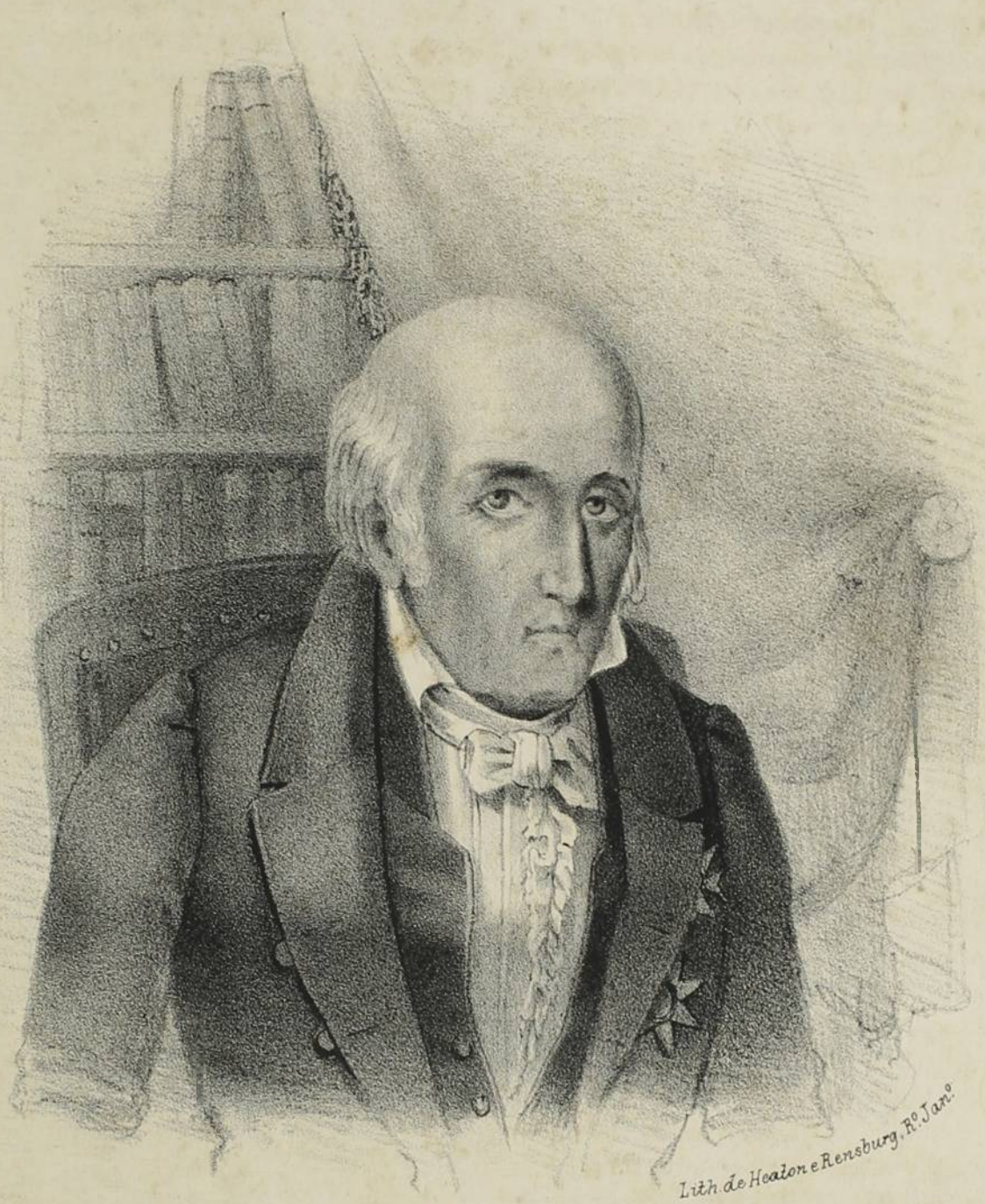
JOSE' DA SILVA LISBOA, VISCONDE DE CAYRU'.

MEMORIA ESCRIPTA POR SEU FILHO O CONSELHEIRO BENTO DA SILVA LISBOA, E LIDA NA SESSÃO DO INSTITUTO HISTORICO, EM 24 DE AGOSTO DE 1839.

Bonum Virum facile credetes, magnum libenter.
Tacit. de vita Agricolæ.

O Grande Historiador Tacito, para mitigar a dor, que lhe causára a morte de seu genro Agricola, escreveu a vida deste celebre Romano. Julgo que não me terá extranhado que eu imite o exemplo de hum escriptor, que tem excitado a admiração dos seculos, procurando que não fiquem em esquecimento alguns factos notaveis da vida de hum distincto Brasileiro, que todo se dedicou ao serviço da Patria, e a quem devi os maiores beneficios.

José da Silva Lisboa, Visconde de Cayrú, Commendador da Ordem de Christo, e Official da do Cruzeiro, Desembargador Aposentado no Supremo Tribunal de Justiça, e Senador do Imperio, nasceu na cidade da Bahia em 16 de Julho de 1756. Seu Pai foi Henrique da Silva Lisboa, natural da cidade de Lisboa, de profissao Architecto; e sua Mai, Helena Nunes de Jesus, natural da Bahia. Desde os seus mais tenros annos destinguiu-se pelo seu ardente amor ás lettras, de maneira que entrou aos oito annos de



Lith. de Heaton e Rensburg, Rº Janº

JOSÉ DA SILVA LISBOA

Visconde de Cayrú

idade para a Grammatica Latina, estudando depois Philosophia Racional e Moral no Convento dos Frades Carmelitanos da mencionada cidade, tendo aprendido Musica, e a tocar piano.

Concluido estes estudos, seu Pai o enviou para Lisboa, onde se applicou à Rhetorica na aula do insigne professor Pedro José da Fonseca, partindo em 1774 para a Universidade de Coimbra, a fim de matricular-se nos cursos Juridico e Philosophico.

Tendo-se dado ao estudo das Sagradas Letras, e ancioso de as ler nos originaes Hebraico e Grego, applicou-se à estas Lingoas com tal afinco, que em 1778, por opposição publica, e concurso dos Candidatos, fazendo exame perante o Presidente que era o Reitor e Reformador da Universidade, o Sr. D. Francisco de Lemos, Bispo de Coimbra, foi nomeado, por Carta Academica, substituto das cadeiras d'aquellas lingoas. Em 1779 tomou os gráos de Bacharel formado em Direito Canonico e Philosophico.

Voltando a Lisboa procurou entrar no serviço da Magistratura; mas sendo-lhe necessario tornar para sua Patria, obteve, em Resolução de Consulta da Real Mesa Censoria, sêr provido na Cadeira de Philosophia Racional e Moral da mencionada cidade da Bahia, aonde creou tambem a Cadeira da Lingoa Grega, que exerceu por cinco annos com o titulo de substituto até chegar o proprietario Nesse tempo casou-se com D. Anna Benedicta de Figueiredo, senhora virtuosa, e dotada de grande penetração, de quem teve 14 filhos, dos quaes ainda vivem cinco.

Depois de ter ensinado, por vinte annos, com geral applauso, as materias proprias da sua Cadeira, dirigio-se novamente à Lisboa em 1797, obtendo ser jubilado, e fazendo-lhe então o principe Regente, depois o Senhor D. João VI, a mercê de Deputado e Secretario da Meza da Inspecção da cidade da Bahia, lugar que creou, e onde prestou os mais valiosos serviços á agricultura, e commercio da provincia.

Desde esse tempo começou a trabalhar na sua obra « Principios de Direito mercantil » que publicou em Lisboa no anno de 1801 em oito Tratados Elementares. Esta obra, a primeira que se deu á luz na Lingoa Portugueza sobre semelhante materia, e que fez conhecer os profundos conhecimentos do seu Author no Direito civil, maritimo, e das gentes, adquirio tanto credito e celebridade, que teve reimpressões em Lisboa, e até huma em Londres, sendo citada com louvor no Foro pelos mais habeis Advogados.

Encantado com a leitura da obra, que o celebrado Adam Smith publicou em 1775, intitulada « Inquirição sobre a riqueza das Nações » esforçou-se em propagar os principios por elles empregados sobre a franqueza da industria, abolição de monopolios, e especialmente sobre a liberdade de commercio. Para este fim deu á luz em Lisboa em 1804 os seus « Principios d'Economia Politica » que teve geral acceitação, e serviu de estimular aos estudiosos á applicarem se á huma sciencia, que tanto contribue para a prosperidade e grandeza dos Povos.

Os grilhões coloniaes, que pesavam sobre o Brasil, e embaraçavam o commercio estrangeiro, retardaram por longo tempo as esperanças, que Silva Lisboa nutria de ver em breve o seu paiz engrandecer-se, podendo livremente vender os seus variados productos à todas a Nações.

A invasão de Portugal feita pelos francezes na anno de 1807, que obrigou ao Principe Regente á passar para o Brasil, proporcionou huma occasião favoravel á Silva Lisboa, para fazer executar-se o que o seu ardente patriotismo e luzes aconselhavam á bem da sua Patria. Aportando aquelle Soberano á Bahia, Silva Lisboa aproveitou-se da amizade, que tinha com D. Fernando Jozé de Portugal, depois Marquez de Aguiar, para lhe indicar a necessidade de abrir os portos á todas as Nações amigas da Corôa de Portugal; e apezar da forte opposição, que então se fez, tal foi a força dos seus argumentos, que aquelle fidalgo cedeu ás suas persuações, e fez com que o Principe Regente publicasse a Carta Regia de 24 de Janeiro de 1808, que liberalisou aquelle maximo beneficio á Nação.

Tão salutar medida, que ainda hoje nos salva no meio das crises politicas, que atormentam o Imperio, longe de ser apreciada no seu justo valor mereceu pelo contrario a maior desapprovação da parte dos negociantes portuguezes; pois que acostumados a terem unicamente communicação com as praças de Lisboa e Porto, não podiam soffrer idéa alguma de concorrencia; e por isso não se pouparam á esforços e diligencias, para que se revogasse a Carta Regia, que, se-

gundo proclamavam, augmentava os males. que a Nação soffria, e privava ao Estado das suas rendas; e não faltaram pessoas influentes, e até Estadistas, que esposassem a cauza dos ditos negociante, os quaes seguramente haveriam alcançado o que desejavam, se Silva Lisboa, que havia acompanhado a El-Rei, sendo nomeado Professor de Economia Politica, não lançasse mao da penna, e em huma phrase cheia de fogo, e em que se mostrava vastissima erudição, não pulverisasse os argumentos dos seus adversarios, dando á luz em 1808 as suas « Observações sobre o commercio franco » parte 1.ª e 2.ª, em que provou com o exemplo dos Estados Unidos d'America quanto aquelle commercio contribuira para curar os males, que a guerra da Independencia por sete annos havia produzido. - E aqui seja-me permettido narrar hum facto, que demonstra, quanto hum homem illustrado, que procura destruir prejuizos populares, he exposto ás setas da calumnia e intriga. Certo censor tendo lido a citada obra, pôz á margem de exemplar as seguintes notas: - He réo de Estado, merece pena capital - e outros termos desta natureza!

A creação do Tribunal da Junta do Commercio, Agricultura Fabricas, e Navegação deste Imperio, deu lugar a que Silva Lisboa fosse nomeado Deputado, sendo encarregado das mais difficeis commissões, e entre ellas a de apresentar hum projecto do Codigo do Commercio, trabalho em que assiduamente se empregou, mas que não pode completar por causa do seu fallecimento. Tambem organisou o Regimento para os nossos Consules, que muito serviu para se concluir aquelle que se acha hoje em execução.

Quando rebentou a revolução do Porto em 1820, e que o seu echo repercutio em todo o Brasil, tendo-se visto o Senhor D João VI. na necessidade de jurar em 21 de Fevereiro de 1821 a Constituição, que as Cortes Constituintes em Portugal fizessem, era tal o credito, de que gozava Silva Lisboa, que foi nomeado Inspector dos Estabelecimentos Litterarios, emprego summamente espinhoso, pois que tinha de censurar todas as obras, que se publicassem; mas que elle satisfactoriamente desempenhou, não se esquecendo, no meio das suas graves occupaçoes, de aconselhar a concordia e harmonia entre os cidadãos, publicando o Jornal "Conciliador do Reino Unido."

Resolvendo o Senhor D. João VI. voltar para Portugal em Abril de 1821 deixou com sabedoria politica, como Regente, a seu filho, o Principe D. Pedro, pois que era claro a todas as luzes, que o Brasil só se poderia conservar unido áquelle Reino, não perdendo nenhuma das vantagens, de que já estava de posse. Logo porem, que pelo Decreto das Côrtes Constituintes se determinou a retirada do Principe Regente, a abolição dos Tribunaes, e remessa de tropas para o Brasil, Silva Lisboa foi com os seus escriptos, principalmente com as suas « Reclamações » hum dos mais estremosos antagonistas dos refalsados constitucionaes e facciosos da cabala anti-Brasilica, procurando encaminhar o espirito publico, para resistir á arrogada supremacia metropolitana, e se defenderem os direitos do Principe Regente, conforme aos principios do verdadeiro liberalismo, sempre em justo meio entre os extremos do poder despotico, e furor popular; expondo as vantagens da Monarchia Constitucional segundo os actuaes modelos de Inglaterra, França, e Hollanda, que tinhão por si a experiencia dos seculos.

Estes principios foram por Silva Lisboa sempre energicamente sustentados, tanto na Assembléa Constituinte do Brasil, aonde foi Deputado pela provincia da Bahia, como depois na qualidade de Senador do Imperio.

Os seus emulos, apezar de se opporem ás suas opinioes politicas, nunca deixaram de reconhecer o seu profundo saber, e de admirar a independencia, e firmesa de caracter, com que Silva Lisboa sustentava a sua doutrina, como se manifestou em todas as circustancias criticas, em que se tem achado a Nação; especialmente quando na primeira Sessão das Camaras em 1830, elle, á semelhança do Varão constante descrito por Horacio, despresando todas as contemplaçoes humanas, e só firme em cumprir com seus deveres, entrou com toda a coragem na discussão, sem que lhe incutisse o menor susto o aspecto aterrador, que apresentavam então os partidos. Existem impressos os seus Discursos, em que se conhecem a eloquencia e energia com que sustentou os seus argumentos, sendo em verdade espantoso, que, em huma iddade quasi octogenaria, apparecesse tanto calor e valentia de phrase.

Votado inteiramente ao bem da patria procurou illustral-a com as continuadas obras,

que foi dando successivamente á luz, á expensas proprias, sobre Economia Politica, Religião, e Moral, como consta da lista, que acompanha esta memoria. Estes escriptos mereceram o apreço e estimaçao das Sociedades nacionaes, e estrangeiras, que não duvidaram inscrevel-o no numero dos eus socios; a saber: — A Sociedade Promotora da Industria Nacional do Rio de Janeiro; da Agricultura da Bahia; a Philosophica de Philadelphia; d'Agricultura de Munich; da Propagação das Sciencias industriaes; e do Instituto Historico de França; e do Instituto Real para a propagação das Sciencias naturaes de Napoles.

A pezar de ser dotado de huma constituição robusta, com tudo, continuado estudo e trabalho principiaram á debelitar as suas forças, e depois de huma prolongada molestia de trez mezes, falleceu aos 20 de Agosto de 1835, deixando á seus filhos o exemplo de hum homem justo, e religoso, e aos seus concidadãos, o de hum Magistrado probo, e patriota genuino.

« A estampa que damos hoje aos nossos leitores, he copia do retrato a oleo que possue o Exm. Sr. Barão de Cayrú. »

JERONIMO BARBALHO BEZERRA

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO VI.

Esquecco-me dizer a Vs. Ms. no capitulo antecedente quem era o malvado, que tão desapiedada e inhumanamente tratára as duas irmãas Martha e Clara, e bem me pesa ter agora de dizel-o, por que se os crimes são aborrecidos e as virtudes amadas independentes de pessoa, certos crimes porem augmentam de gravidade quando praticados por certos sujeitos; chamava-se o execrando algoz e vil carraseo Fausto de Estevaes, irmão mais velho da triste victima! Nós voltaremos alguns annos atraz para tocar ligeiramente em algumas circumstancias, pelas quaes passamos com mais rapidez, do que promettia o interesse e clareza desta minha historia.

Terão Vs. Ms. em lembrança o estranho e terrivel successo, acontecido com o Reverendo Doutor Lourenço de Mendonça, e de como hum pagem o trouxe com artificiosa maldade até a praia, que ficava no fim do largo em frente do Hospicio, pouco mais, pouco menos ali por onde fica hoje a Praça do Mercado; e de como ahi o deixou entregue a quatro assalariados monstros, que tinham por commissão tirar-lhe a vida · ora bem, este pagem improvisado tinha nome Alonso de Estevaes o Comprido, e o homem que trouxera a besta, que o Prelado montára, e que os seguio de longe até a praia, era seu irmao Fausto de Estevaes o Quebra-espadas. A força e coragem que lhes herdára a Natureza começaram elles a empregar desde tenra idade em maldades, de sorte que nas desordens e assuadas eram sempre procurados como primeiros e importantes; estragados e perdulários, pois que hum só vicio gera infinitos, mal lhes chegava o soldo para extravagancias, que para as necessidades atinham-se ao do pobre pai, indulgente para com elles, por que em seu errado ajuizar certas virtudes taes como a castidade, a vergonha, a bondade do coração, a temperança e a modestia só pertenciam ás mulheres, e nisto ia de acordo com o pensar de muitos pais de hoje em dia, louvando como elle a audacia, descaramento e soberba, que nos filhos sobram. Affeitos a gastar sem peso, conta e medida, quando o dinheiro lhes faltava, haviam-no por qualquer forma, preferindo sempre a mais prompta e facil, ainda que não fosse a mais licita; por isso despejaram elles as bolsas dos cavalleiros n'aquella certa noite, e achando-as bem recheadas absolveram-nos em sua consciencia de tudo a desculpa presente e passada, futura mesmo, se continuassem a ser ricos; aqui tem Vs. Ms. o diabo que levantou altissimas montanhas, cavou fundos precipicios soprou nuvens de poeira, tomou a forma de certos animaes horrendos, redondinhos, de côr amarella, ou branca, animaes, que não era muito assustassem pobres soldados, quando poem muitas vezes em tremuras bem bôa gente. Este segundo encontro votou os dois de Estevaes ao serviço dos quatro cavalleiros, e particularmente ao de Jeronimo Barbalho Bezerra, que em pouco tempo lhes commetteu a façaõ diabolica, que executaram contentes não só pelo oiro de que careciam como em vingança da incredulidade de Lourenço de Mendonça para com suas fabulosas narrações. A morte de seu pai acontecida pouco depois d'aquelle successo deixou-os livres em sua carreira de crimes; porem a chegada do Governador Salvador Corrêa de Sá e Benavides atirou-os para S. Paulo, onde continuaram a mesma vida, cuja relação estranha á nossa historia ficará em silencio até seu tempo: não sei que motivo, mas devia ser poderoso, trouxera Fausto de Estevaes a esta Cidade, onde alem de sua irmãa não tinha mais parentes; o acaso, ou deligencia fez-lhe descobrir o retiro de Clara, e apresentando-se foi recebido com os braços abertos, por que hum irmão, ou hum filho mesmo que máo seja sempre he filho, ou irmão, e a paga do affectuoso gasalhado, que recebera, nós a vimos no capitulo antecedente, sendo a causa de tal maldade não terem as duas pobres mulheres dinheiro para lhe dar, desnaturado e infame!!

Não he possivel ser máo impunemente, e Vs. Ms. viram como foi castigado com severidade Fausto de Estevaes, sem que eu tome o trabalho de acusar, ou defender a competencia do juiz confessando todavia a justiça da imposição da pena; solto a requerimento de alguns, que tão bons deviam de ser como elle, o Quebra-espadas jurou por suas façanhas antigas, que

Antonio de Marins teria peior sorte que a de Lourenço de Mendonça; livre como a ave de rapina, que onde encontra caça ahi faz seu assento em quanto a devora, não tendo negocios que dispôr para partida, sem leira, nem beira como se costuma dizer, correu a S. Paulo sobre os passos do Prelado, e de tal sorte se houve, que alvoratou a gentalha com a relação dos recentes acontecimentos do Rio de Janeiro, alterando a verdade a seu geito, fazendo com que o povo negasse a obediencia ao Administrador Ecclesiastico dispondo-se a prendel-o, para o que cercaram com sentinellas o Convento de Santo Antonio d'aquella Cidade onde elle residia: com infinito trabalho e perigo se livrou o Prelado da furia dos amotinados, recolhendo-se a esta Cidade de S. Sebastião, para onde o seguio o implacavel Fausto de Estevaes. Passados alguns mezes, partio Antonio de Marins Lourenço para o Espirito Santo, e seu inimigo presa de terrivel enfermidade, quasi nas mãos da morte, não esqueceu sua vingança e juramento; hum servo do Prelado encarregou-se de huma carta para Alonso, o Comprido, que vivia n'aquella Capitania, de sorte que na mesma mala de Antonio de Marins ia sua sentença de morte:

— « Lá vai o meu bemfeitor muito querido, dizia a carta, cheio de virtudes, que lhe valeram em S. Paulo tão caridoso gasalhado como o que lhe fizeram lá o anno que passou; vai agora vêr o Espirito Santo, e creio eu que errou no caminho, por que só no ceo poderá encontral-o: eu te encommendo, irmão meu, que o ponhas de pés para diante no caminho dos sette palmos, que, se esta febre me deixar com vida, irei agradecer-t'o, ou ajudar-te. »

No mesmo dia em que Alonso recebeu a carta devia partir para esta Cidade em companhia de Diogo Lobo, que o tinha a seu serviço; ella veio portanto destruir suas tenções de viagem, mettendo-lhe entre mãos o infernal projecto de seu irmão Fausto, que sem maior exame começou logo a pôr em pratica: como ficava sem abrigo, e por que era mais seguro para seus intentos deu traça a entrar no serviço de Antonio de Marins Lourenço, que sabendo que o cavalleiro o deixava polo não querer acompanhar ao Rio, recebeu-o em sua casa com a vantajada paga. Mais de hum anno gastou esta vibora em meditar e dispôr seu horrendissimo attentado, e o trato que tivera com os indios por muito tempo no sertão do Rio de Janeiro, tendo-o feito conhecedor de finissimos venenos, auxiliou-o na execranda empreza; mas hum escravo negro, de quem o Prelado se fiava inteiramente, impedio muitas vezes, sem o saber, os desenhos do assassino, até que victima elle mesmo por causa de sua fidelidade, com a morte abrio caminho sem tropeços à maligna tenção de Alonso.

— « Tens andado muito devagar com a minha encommenda, dizia Fausto a seu irmão em huma outra carta; por esta terra falla-se na proxima vinda do fugitivo de S. Paulo, e eu quizera bem que elle por ahi ficasse: apressa-te, ainda que seja preciso usares do ferro, em vez de herva: e manda-me para o ceo esse anjo, que não póde viver entre os demonios deste mundo. »

Foi desnecessaria esta segunda recommendação, por que, quando chegou, a maldade estava já executada; Antonio de Marins Lourenço havia sido envenenado, perdendo em lugar da vida, o juizo, e assim arrostou muitos annos huma existencia de tormentos, até que se embarcou para o Reino, onde foi acabar no mais compassivo e lastimoso estado, que pode imaginar-se.

Não foi, porem, o crime tão occulto, que não houvessem vehementes suspeitas de quem fôra seu autor; o inopinado desapparecimento de Alonso, o Comprido, e o encontro das duas cartas acabavam de confirmal-as, e o Quebra-espadas esteve por hum cabello dançando na corda, valendo-lhe suas bôas pernas, e a protecção de Diogo Lobo e Jeronimo Barbalho, aquelle em attenção aos bons serviços que do irmão havia recebido, este ao pacto, que entre os dois haviam: foi elle encontrar-se com Alonso de Estevaes na Capitania de S. Paulo levando cartas para Lucas da Silva e Jorge Ferreira Bulhão, em que os de cá do Rio o recommendavam particularmente, promptos sempre em ajudar os máos, que com elles iam, e os serviam.

A noticia destes acontecimentos ia obscurecer e mortificar a compassiva alma de Clara, a quem Martha com suas exortações piedosas difficilmente consolava; ambas com jejuns e disciplinas sacrificavam ao Senhor pelos crimes de tantos monstros, que aceitando-lhes o holocausto em proprio beneficio, preparava-lhes mais rudes experimentos: nova tempestade se levantava sobre suas cabeças, tempestade terrivel, que lhes devia valer a corôa do martyrio, e a entrada triumphante da gloria eterna, premio de tantas dôres e amarguras, que a terra lhes havia dado.

Morava proximo da humilde casa das duas irmãas o Mestre Fernão Egas Feiteiro, aquelle mesmo que ha bastantes annos remendou em Andrahy a cabeça de hum dos nossos conhecidos, de Jeronimo Barbalho Bezerra; sabedor em sua arte, segundo rezam as chronicas do tempo, não tinha mãos para tantos como os que o procuravam, a fortuna o bafejára; porem a fortuna tem os pés sobre huma roda, que não só anda, como desanda, e huma vez chegou, em que ella desandasse para o Mestre Fernão, que pouco paciente e endagador de causas por officio e costume, não se contentou com o — *paciencia!* de sua velha creada: começou de endagar para onde lhe fugiam os freguezes, e veio no conhecimento de que as rezas das duas beatas, e a credulidade do povo curavam todas as enfermidades. A reputação das irmãas Martha e Clara crescia espantosamente em prejuizo da do Mestre Feiteiro, que só por amor da Sciencia e philantropia resolveu acabar com as curandeiras desacreditando-as na opinião cega do vulgo ignorante; cada vez que se offerecia occasião as duas pobres eram victimas de sua lingua ferina, e o Governador, com quem o Mestre privava, ajudou-o até com ordenanças, tolhendo as irmãas Clara e Martha empregarem hervas, ou quaes

quer substancias para curar aquelles que a sua casa fossem: porem as determinações do Governador não tiveram effeito por que só empregavam ellas na cura de seus doentes remedios espirituaes, e as declamações, insultos e calumnias do Mestre Fernão Egas vieram sobre elle mesmo arredando-lhe da porta esses poucos, muito poucos, que ainda o procuravam. Porem sua desesperação e violento odio cresceu, se era possivel, com o facto, que passamos a narrar: A mulher de hum dos mais ricos e nobres moradores da Cidade, depois do feliz nascimento de huma filha, cahira n'huma molestia, que ninguem podia reconhecer e classificar; de joven e refeita, que dantes era, tornava-se de dia para dia hum esqueleto, cobrindo-se-lhe a cabeça de brancas, e alterando-se-lhe por tal forma o semblante, que a primeira vista todos lhe davam cem annos, quando apenas teria huma quarta parte; e o mais espantoso era que não havia modo de fazel-a entrar em curativo, por que se lhe fallavam em remedios, e em Mestres, respondia dolorosamente, que para ella só havia remedio na sepultura: seu marido, que a amava em extremo, não poupava deligencia e oiro para cural-a; todos os abalisados na arte de curar foram consultados, mas desesperaram de vencer não só a molestia, que não conheciam, como a rebeldia da doente, que de nada se queixava, por que Vs. Ms. sabem que se não disserem ao medico onde lhes doe, estão bem livres de que elle o advinhe; mas vamos adiante, seu marido o capitão Jeronimo Barbalho Bezerra particular amigo do Mestre Feiteiro não se esquecera de consultal-o na molestia de sua mulher, porem debalde por que tanto aproveitou a sciencia de Fernão Egas, como tinha aproveitado a de muitos outros, e vendo este pelo estado da doente que poucos dias teria de vida, lembrou ao seu amigo as bruxarias das santas mulheres, segundo elle dizia, asseverando-lhe que só ellas poderiam curar a doente, e que quando o não fizessem seria ou por que o não queriam, ou por que talvez fossem ellas mesmas quem a havia posto em tão piedoso estado, valendo-se o malvado deste infernal dilema, que perderia irremessivelmente as irmãas Clara e Martha, por que bem certo tinha elle para si que não curariam a mulher de Jeronimo Barbalho. Sendo chamadas as duas santas mulheres com promessas e bôas palavras, huma dellas, Martha, chegou a ver a doente, asseverando antes, muitas e repetidas vezes que só com orações podia valer-lhe, e que por isso desnecessario era que a visse; porem o damnado Feiteiro fazia destas escusas argumento contra as pobres mulheres, e Jeronimo Barbalho insistia, e Martha veio; por fortuna para a doente não estava em casa seu marido, nem domestico, ou servo acerca della, e este isolamento casual, ou, o que mais verdadeiro parece, a vontade do Senhor abrio a boca e alma da enferma:

— Então, que vos parece da enfermidade de minha mulher? perguntava Jeronimo Barbalho para Martha que ia sahindo; tendes algum remedio que a salve?! eu vos darei em troca quanto me pedirdes!!

— Já vos disse que só Deos pode muito; pedirei por vossa mulher em minhas orações, e o Senhor me ouvirá, tende confiança n'elle.

E Jeronimo Barbalho julgou o receituario muito simples para a enfermidade de sua mulher; mas sua admiração foi extrema quando ao entrar-lhe o quarto de dormir, donde havia muitas semanas que ella não sahia, achou-o vasio de sua pessoa, as janellas abertas, e ella passeando no jardim tendo pela mão a filha, que de espaço a espaço apertava ternamente nos braços: correu ao seu encontro cheio de alegria, mas na frieza, com que costumavam recebel-o as duas, se havia mudança, era tão pequena que mal se destinguia, e Jeronimo estava contente apesar disso por que sua mulher fallára-lhe, mandára mesmo a filha que abraçasse seu pai, certo que mudança havia, pequena que fosse. Porem a noite veio destruir as melhoras da pobre senhora, por que provindo ellas de huma consolação momentanea, de huma esperança incerta, de huma certeza abalada, sosinha por que Jeronimo Barbalho sahia todas as noites, recolhendo-se sobre a madrugada, por que sua filha dormia o somno da innocencia, longe de Martha, que lhe dera socego todo aquelle dia, a desgraçada vergou outra vez sob o peso de sua imaginação escandecida, de sua phantasia exaltada, sob o peso da enfermidade, que lhe seccava a existencia, a melancolia:

Martha, deixando a casa de Jeronimo Barbalho, correu a encontrar-se com sua irmãa Clara, que desde muito a esperava inquieta:

— A tua demora fez-me soffrer terriveis angustias, Susana! pesava-me no coração haver-te deixado ir só, e se soubera onde mora essa pobre que foste soccorrer, eu teria ido em tua procura: ha tantos annos que não nos separamos, que esta manhãa toda me pareceu hum seculo.

E ellas se abraçavam, chorando, como se depois de largos annos de ausencia se encontrassem; santa amisade, tu és na terra o consolo do homem afflicto! tuas palavras são as dilicias de oppressa alma — amici consiliis anima dulcoratur; — são ellas como o perfume suavissimo que dilata o coração! Como seria pesada a existencia, principalmente para aquelles, que longe dos seus pela eternidade, ou espaço arrastam o tormento, que chamamos vida, se a voz de hum amigo não viesse em seu auxilio?! ó bemdita sejas tu entre todas as virtudes, amaldiçoado o que te atraiçoa, despresado e aborrecido quem te não busca, ou nega!!

E ellas abraçavam-se chorando de contentamento por que eram duas amigas, e sua amisade devia ser doradoira, eterna por que havia começado na desgraça, pedra de toque onde se lhe conhece o verdadeiro quilate — amicus certus in re incerta cernitur!

— Todavia, disse Martha, a minha demora, alem de precisa, ha de trazer-nos muita satisfação, minha irmaa; ella nos poem no empenho de soccorrer huma pobre mulher, que soffre como nós soffremos, huma mulher que ama com toda a sua alma, vendo-se, ao que ella diz, despresada e esquecida; a minha demora trouxe-nos mais huma irmãa, que assim como esses quatro mise-

veis se ligaram entre si para desgraçar quantas enexperias lhes cahirem nas garras, assim nos devemos nós as victimas unir e abraçar para nos consolarmos mutuamente: he a mulher de Jeronimo Barbalho Bezerra, quem venho de consolar; a desgraçada soffre muito, e caminha a largos passos para a sepultura, mas a causa de seu tormento creio eu que nasce mui longe do lugar, que ella lhe assigna; Jeronimo Barbalho mudou como todos, e não são novos amores quem o affasta da esposa, he a ambição.

E ella contou a Clara de Estevaes, com essa minuciosidade que as do sexo empregam quando narram, os tormentos da triste que acabava de consolar, e de como lhe havia promettido vigiar os passos do infiel marido:

— Perigoso empenho he este que nos commettemos, porem grande prazer nos dará, se o vencermos, pondo em calma o coração de nossa terceira irmãa; hoje mesmo darei principio á obra, e tu, Clara, has de ajudar-me com vontade, não? sempre te acho prompta em dar auxilio aos que o precisam.

E consultaram entre si os meios de levar ao fim seu empenho, sahindo ambas ao sol posto a encontrar a casa de Jeronimo Barbalho Bezerra, que bem pouco as fez esperar sahindo tambem como era seu costume quotidiano; seguiram-no de longe as duas irmãas, e a poucos passos chegaram ás praias da Cidade, onde n'hum barco, que ahi o aguardava, se embarcou elle.

— Meu Deos, aqui findou tudo! disse Martha com tristeza.

— Que dizes, minha irmãa?! pois terás medo do mar? vamos caminhando ao longo da praja, que encontraremos tambem hum barco.

— Não, minha irmãa! tu és mais corajosa, que prudente; quem sabe para onde vai esse homem.....

— He isso o que nós queremos saber,

— Eu o sei; porem talvez que o lugar para onde elle vai não possam nossos pés tocal-o sem grave perigo.

Estavam assim fallando, eis que huma canôa ligeira como a flecha veio atracar a praia, não longe dellas; e Clara antes que sua irmãa lhe puzesse impedimento, correu para ella.

— Vós por aqúi?! disse hum dos homens, que dentro na canôa vinham.

— E com tenção de embarcar-me com vosco, se o quizerdes.

— Eu vos pediria que a tocasseis só com a ponta de hum dedo, tornou o homem apontando para a canôa, quanto mais impedir-vos que lhe entreis dentro minha santa; vinde, vinde, que o Senhor vos traz para me fazerdes este madeiro, que sustenta minha mulher e meus filhos.

— Olhai, Anselmo, nós queremos ir no caminho daquelle barco, que lá vai ao longe, vede-o?

E o canoeiro deu hum passo atraz, largando o chapeo.

— Que dizeis!? disse elle com os olhos arregalados de medo; vós tambem quereis ir lá, senhora Martha?

— Pois corremos perigo? disseram as duas irmãas.

— Ai, eu não vos posso dizer nada por que minha mulher ficaria sem marido, e os filhos sem pai, sè o soubessem; porem posso dizer-vos huma coisa, e he que não vades alá: vinde para aqui, disse elle affastando-se da canôa, onde estava outro canoeiro, lá em S. Gonçalo juntam-se muitos homens todos armados, e o que elles fazem, e dizem não sei eu, juro-o pela Virgem Santissima; ora quereis vós ir a S. Gonçalo?!

— Não, meu amigo, disse promptamente Martha, não, por que isso vos comprometteria sem necessidade; ficai-vos com Deos.

— E que elle vos acompanhe, replicou o canoeiro, rogai-lhe por mim, que vos attenderá

Martha foi no outro dia ver sua doente, e achou-a desfalecida na constancia, desesperada no remedio; porem sua presença reanimou-a, e, eu não sei o que ella lhe disse, mas a doente a contar desse dia foi cada vez a melhor, recuperando senão inteiramente a saude da alma, ao menos a do corpo, com grande espanto de todos, especialmente do Mestre Fernão Egas Feiteiro, que até preparára seus vestidos de dó para assistir-lhe no sahimento. Cura tão maravilhosa e rapida deu novo lustre á crescida reputação das duas irmãas, que os Mestres apregoavam como feiticeiras, ou bruxas, importando-se bem pouco, o que havia sido curado por ellas, da qualidade do remedio, que o livrára das dores; porem affrontar os que podem foi perigosa coisa em todos os tempos, e assim as duas santas mulheres tiveram que soffrer a furia de Fernão Egas, cabeça de todos os offendidos em sua reputação decahida: hum dia foram encontral-as todas duas mortas como duas santas que eram, e martyres por que as haviam estrangulado! Alguns dias depois tendo-se espalhado pela Cidade certos boatos, a velha ama do Mestre Feiteiro foi dar com elle morto negro como hum carvão estendido no meio do quarto, asseverando os vesinhos que os demonios o tinham assado em hum grandissimo espeto servindo de lareira o assoalho da casa, que edificára á custa dos pobres, de brasas bom numero de dobras, que lhe valera sua philantropia,

(Continua.)

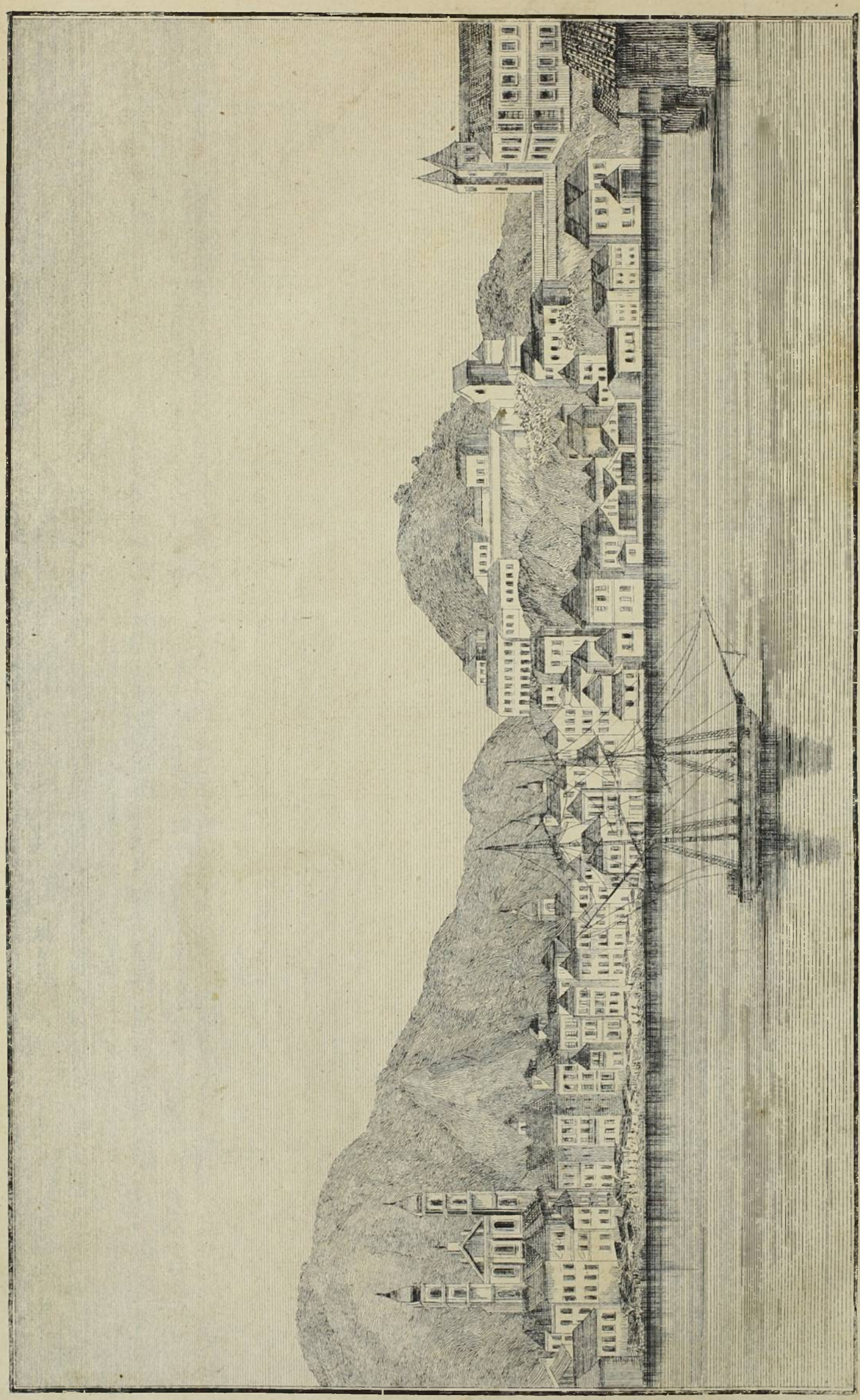
Em 1775 participou José Cezar de Menezes, Governador e capitao general de Pernambuco o seguinte facto a el-rei.

Na Villa do Ceará vive em perfeito juizo André Vidal Negreiros, com 124 annos de idade. Serviu de juiz ordinario em 1773, e exercita ainda o cargo de capitão-mor. Teve 30 filhos, 5 filhas, 33 netos 52 bisnetos 42 ternetos, e 24 quarto-netos. Tudo conserva em sua casa de portas a dentro com bôa educaçao: compõe-se a sua familia 149 pessoas fóra escravos.

ERRATA.

Em o 3.º n.º, pag. 40, segunda columna linha 26 onde se lê: — das nossas Eras, cruenta etc., — lêa-se: — da, nessas Eras, cruenta etc, —

30
5
33
52
42
24
186



Vista de uma parte da Cidade do Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro.

ARTIGO 2.º

(Continuando da pag. 20,*)*

Esta Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro grande e bella, rica e activa, hospitaleira e socegada, a capital do vasto Imperio do Brasil surgiu como por encanto, ha dois seculos, d'entre o tremedal infecto e pestifero, cujos restos V s. V s. encontrarão no extremo da Cidade-Nova; surgiu como por encanto, digo, porque querem muitos, e eu sou deste parecer, que a edificação caminhasse vagarosa até principios do seculo 17.º, sem embargo de que mesmo antes de começar o 16.º, muitos e notaveis edificios se haviam começado a construir. Não quero fallar do Forte de Sant'Yago, levantado na extremidade sul da varzea rente do mar, que foi talvez a primeira obra de pedra e cal; tão pouco fallarei da Fortaleza de S. Sebastião no alto do monte de S. Januario, cujos merlões de baterias se fizeram com cestões, tendo além dos fossos sua barbacãa, e que servia de Cidadella; deixarei ainda no silencio algumas ruas e casas, entre as quaes se fazia notavel a da Camera, a Cadêa, a Igreja velha de S. José, para fallar do soberbo Mosteiro de S. Bento, o mais antigo edificio, dos que apresentam a nossa estampa, começado no dia 13 de Maio, ou o que mais certo parece, em 3 de Outubro de 1589, com o espantoso milagre que Deos Nosso Senhor obrou por intervecnão de seus servos os Monges Benedictinos; pois que sentindo-se de ha muitos dias huma secca terrivel, n'aquelle, em que da hermida de Nossa Senhora do O' se passavam os ditos Monges para o Monte, apenas o Padre Fr. João Porcalho entoou na procissão o cantico de — *Benedictus Dominus Deus*, — assim cahio logo huma tão copiosa chuva, que deu vida a toda natureza (1)

Vemos logo em 1592 fundada a religiosa Casa de Nossa Senhora do Carmo, com o nome de Hospicio, na capella da varzea, que por alguns annos pertencera aos Benedictinos, e que estes largaram para fundar o seu Mosteiro no alto do monte, onde se vê hoje, por doação que lhes fez Manoel de Brito e sua mulher, levantando-se a Igreja sobre o lugar onde existia huma capellinha de Nossa Senhora da Conceição; e neste mesmo tempo se fundou tambem o Hospital da Misericordia, por occasião da chegada de huma armada hespanhola, de que era general Diogo Flores Valdez, que navegando para o Estreito de Magalhães arribou ao Rio de Janeiro com toda a sua gente escorbutada e emferma de outras molestias que os obrigaram a desembarcar, para o que se fizeram huns grandes abarracamentos, que depois foram substituidos por edificio mais solido, em parte do qual se destinou logo especial lugar para recolher as moças orphãas.

Nós reservamos para estampas parciaes a descripção circumstanciada e artistica destes edificios, por isso nas diversas estampas que daremos formando sua reunião o Panorama do Rio de Janeiro as descripções serão succintas porque para os de casa são desnecessarias, e para os de fóra de pouco valor; o Arsenal de marinha será materia para hum só artigo; do Convento e Igreja dos Benedictinos extensamente fallaremos; a Praia dos Mineiros, que occupa quasi toda a nossa estampa de hoje, na época em que vai seguindo nossa narração, cobria o mar, cujas aguas em grandes marés subiam bem pela rua dos Pescadores, ficando o morro de S. Bento como huma ilha todo cercado por aguas; a Igreja da Candelaria, cujas torres apparecem, e as serras do Andrahy fallaremos dellas no seguimento de nossos artigos, para não truncarmos a historia respeito da primeira, e não a interrompermos por causa destas.

Passando agora para o seculo 16.º, encontra-se em primeiro lugar a fundação do Convento dos Religiosos Franciscanos, cuja primeira pedra foi lançada a 4 de Junho de 1608, vespera de *Corpus Christi*, pelo Reverendo Matheus da Costa Aborim Administrador Ecclesiastico; estando presentes entre outros, o Capitão mór e Governador da Cidade Affonso de Albuquerque, e Martim de Sá seu antecessor, que de acordo com o Senado da Camera por eleição dos Religiosos havia doado o Outeiro do Carmo sobre a lagoa de Santo Antonio, não a elles, como erradamente se lê no Livro do Tombo do archivo do mesmo Convento, mas ao Papa e á Igreja como na mesma doação se declara — « Porque os ditos Religiosos não eram pelo seu instituto capazes de propriedade e dominio » — tendo em vista o doador o testamento do Santo Patriarcha, sem se lembrar da Bulla de Gregorio IX que desobrigou em 1230 os filhos do humilde servo de Deos de comprirem seu testamento. As desordens entre os Governadores e a Camera, entre o Povo e os Administradores Ecclesiasticos, que desde esta época até 1624 affligiram a Capitania, occupam quasi todas as memorias, que, deste tempo se

(1) *Annaes ms. do Rio de Janeiro sem nome de Autor. (B. B.)*

lêem; e na verdade, que beneficio poderia receber a Cidade em tempos tão calamitosos como foram aquelles, em que hum Rui Vaz Pinto governou a Capitania do Rio de Janeiro?! não cabe neste lugar semelhante narração, que hum dia terão Vs. Ms. porque o fim do *Ostensor Brasileiro* he tirar do esquecimento, e divulgar quanto fôr possivel nossas chronicas, nossos soffrimentos e prosperidades, seguindo aquellas palavras do nosso sabio Alexandre de Gusmão na presença dos illustres academicos, palavras, que repetidas ha tantos annos, faz vergonha repetil-as ainda hoje.

Em fins de 1623, governando por segunda nomeação Martim de Sá, foram tão grandes os clamores do Povo por falta d'agua, que bastecesse a Cidade, que a Camera achando-os justos e attendendo á necessidade publica, ajustou com o architecto Domingos da Rocha a conducção das aguas da Carioca até o Campo de Santo Antonio pela quantia de 60$000 rs. em moeda; a qual obra seria concluida no espaço de quatro mezes, devendo ter principio no primeiro dia de serviço do mez de Janeiro de 1624, obrigando-se os Officiaes da Camera a assistir-lhe nas obras com vinte *indios*, ou escravos, *sustentados de comida e bebida, ferramentas e tudo o mais que fosse necessario para aquelle effeito;* tendo o dito architecto por obrigação pagar hum homem que trabalhasse por pedreiro: mais se lhe promettiam 20$000 rs. de alviçaras, se por acaso fosse acabada a obra dentro nos quatro mezes, e que, *quando faltassem os vinte serviços continuos, se lhe recompençariam, e não lhe correria o tempo* (1)

Quer-me parecer que tal obra não foi sequer começada por quanto alguns annos depois estabeleceu-se o imposto, ou collecta de 160 rs., sobre cada canada de vinho que do Reino viesse, cujo producto serviria para ajuda do encanamento das aguas da Carioca (2), canos de vinho para conduzir agua! Se por acaso deram principio aos trabalhos, sobrevieram taes difficuldades que se não puderam vencer em tão curto prazo com tão poucos obreiros, e por tão diminuta quantia. P. da S. Lisboa em seus Annaes diz que os primeiros trabalhos para o encanamento destas aguas foram em tempos do Governador João da Silva e Souza, sob a direcção dos Mestres João Fernandes e Albano de Araujo, dizendo-se Missa em altar portatil no lugar onde deviam ser começados, sendo o Governador o primeiro que com a alabanca abrio a terra; se não fôra tão grave autoridade eu faria algumas observações já, porem guardo-as para quando tratarmos do encanamento actualmente existente, obra do illustre Gomes Freire.

Sendo por este mesmo tempo (1624) envadida a Bahia pelos Hollandezes, temendo-se que estes passassem á Capitania do Rio de Janeiro, foi a Cidade fortificada com trincheiras, que não sei por onde correram; levantaram-se diversos Fortes, concluiram-se outros, sendo alguns feitos á custa do Governador Martim de á, ao menos contribuio largamente para sua feitura, e taes foram as Fortalezas da Praia da Cidade e de Santa Cruz da Barra, por outro nome do Registo, e o Forte do Carmo; sem que, apezar dos preparativos bellicos, se descuidasse a Camera da Policia interna, mandando que os moradores calçassem suas testadas dentro em seis mezes, *com cinco palmos de largo ao longo de suas paredes, com o comprimento que tivessem as casas, e que estas não se poderiam fazer sem arruação.* Porem, nada me convence mais do atraso em que por este tempo hia ainda a povoação, do que o acordão do Senado da Camera no qual se declara, que por estar a Cidade coberta de matos maninhos se concedia plena licença para que todos podessem fazer lenha nas terras do Conselho para uso e serventia dos moradores, e que esta illimitada faculdade ninguem se atrevesse impedir, debaixo da pena de 6$000 rs. para o Conselho e accusador; sem que sirva de argumento contrario o capitulo de correição do Desembargador João de Souza de Cardenas, que, porque havia muita gente na Cidade, a Camera pedisse licença a El-Rei para nomear dois Misteres do Povo sendo certo que estes, pelas attribuições que lhes competiam, podiam representar, não hum accrescimo consideravel na população, e assim augmento de predios, de ruas, etc., porem sim poucos, ou muitos officiaes de hum, ou outro officio, que de novo entrassem na Cidade; se he que estes não foram os primeiros Misteres que se nomearam.

(Continua.)

(1) *Annaes ms. do Rio de Janeiro.*

(2) *B. da S. Lisboa Annaes do Rio de Janeiro.*

Metamorphose.

« A'vante, meu cavallo,
A'vante sem parar!
Com sol aquella serra
He preciso dobrar:

« Máo genio tem morada
No meio, bem no meio;
Horrenda catadupa
He seu palacio feio:

« Serve-lhe de atalaia
Anhuma gritador;
He seu feroz porteiro
Hum tigre rugidor;

« Avante meu cavallo
Avante sem parar;
Depois de Ave-Marias
Ali não ha passar.

Dest'arte se expressára
Aleixo, o Cavalleiro;
E a serra investira
Seu ginete fouveiro.

Do sol os fracos raios
O elmo lhe doiravam,
E depois na coiraça
Tremendo se miravam;

Nos coxótes, nas grivas
Depois foram bater;
E o lêdo cavalleiro
Parece todo arder:

E seu bello ginete
Caminha sem parar;
Dois ferrêos acicates
O ferem sem cessar.

Sabeis aquelle corgo,
Que da Caverna sai?
Aleixo, e seu ginete
Passal-o agora vai:

Mas, ah! que o seu fouveiro
Tropeça, e vai ao chão!
Apé, meu cavalleiro
Ave-Marias dão!!

Embalde, pobre Aleixo,
Teu cavallo esporêas!
Enxerga quanto sangue
Solta das rotas veas!

Não vês a ibibohóca
Laçando-lhe as pernas,
Em grita, as companheiras
Chamando das cavernas?

Não vês aquellas cordas
De fogo a rolar?
Treme! são bojobis,
Temiveis no olhar.....

E o seu montante erguido
Aleixo segurava;
E, ai da bojobi,
Que perto lhe chegava!

Seis bojobis d'hum talho
Em doze elle tornou;
E presto como o raio
O montante elevou:

E as cobras bi-partidas
Boiaram na corrente:
A serra extremeceu,
E abrio-se de repente:

E voz agra e terrivel
Chamou o Cavalleiro;
Voz, não de ente humano,
De Tupan, Deos primeiro!

E o forte e namorado
Aleixo assim fallou:
— « Máo genio da floresta,
Mostrai-vos, aqui aqui estou!

« Se quereis minha vida
Sem pena vol-a dou;
Apoz da tarda morte
Por esse mundo vou!

« Mas, pára! ao menos deixa
Que diga Adeos áquella,
Que minha'alma sustenta
Por quem meu peito anhela!

« Ingrata, ao menos gravo
Teu doce nome, aqui!
Aura, vai tu dizer-lhe:
Morreu pensando em ti!!

— « Tu amas!? Tupan disse,
Mais brando, e não irado,
Eu te concedo a vida
E ficas castigado:

« Mas, para que não contes
O que acabas de vêr,
Em quadrup'de te mudo,
Sub terra has de viver:

« O ferro que te cobre
Aqui não ficará,
P'ara sempre, em quanto vivo,
Elle te cobrirá. »

E sobre o Cavalleiro
A mão Tupan poisou;
Aleixo (desgraçado!)
Hum bicho se tornou:

Corrido de se vêr
Tão feio, subterrou-se;
Porem á feialdade
O pobre acostumou-se.

Se Tupan lhe perdoára,
Faz-lhe guerra o caçador:
O nome seu qual he hoje?
Tatú lhe chemam, leitor!

ODE *

AO EXM. SR. VISCONDE DE CAYRU'

Ardua per præcens gloria vadit iter
OVID.

Generosa Virtude,
Sobre o cimo da rocha alcantilada,
Lidando noute e dia,
O Templo edificou da immortal Gloria.
Ila encosta difficil
Sobe ingreme vereda pedregosa
Ao Portico suberbo,
Que fulge com formosas esmeraldas:
Em torno á crespa borda
Assustam pendurados precipicios.....
Ah! e quanta sapiencia
Se exige em peito humano, que ousa nobre
Galgar da rocha o cume!
Quantos, quantos se abysmam, que nem deixam
Si quer 'caria fama!
Ditoso, o que anhelando vêr da Deusa
O nitido semblante,
Em ti os olhos põe, fiel te segue,
Clarissimo Visconde,
Quando no Areopago Brasileiro
Fulminantes verdades
Desprendes de teus labios, combatendo
Insidiosos projectos;
Ou quando a pluma valida manejas,
Qual a de Hercules clava,
Illesos sustentando os Sacros Foros
Da Catholica Igreja
Contra as da Impiedade horriveis Furias,
Que de raiva se mordem,
As vipereas melenas arrancando.
Desta sorte caminhas,
Denodado Cayrú, ao Templo Augusto,
Com animo tranquillo,
A planta firme, os olhos sempre fitos
No facho luminoso
Da portentosa Torre, que entre as nuvens
Esconde a excelsa grimpa,
E descobre os sem-fins da Eternidade.

JERONIMO BARBALHO BEZERRA

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO VII.

Os graves acontecimentos, que acabamos de narrar no capitulo antecedente, ou por que cahiram depois de tantos e tão crescidos horrores, como os que por estes tempos eram ordinarios em todo o Novo Mundo, ou por que outros ainda mais graves occupassem e distrahissem os habitantes da Cidade e seu districto, ficaram no olvido dentro em poucos dias; e se havia quem pensasse n'elles, se a falta das duas santas mulheres se fazia sentir entre os pobres e afflictos, afogavam-na elles com suas lagrimas e gemidos no silencio da desesperação: apoucados e humildes para que seu brado soasse ao longe sobre a terra dispertando a justiça dos homens, contentavam-se em pedir ao céo vingança de tão atroz delicto, vingança dos monstros, que lhes haviam roubado sua consolação, remedio ultimo. Porem de todos aquelles que soffriam, quem mais sentia a morte das irmãas Clara e Martha era sem duvida a triste mulher de Jeronimo Barbalho Bezerra; seu conforto, sua esperança de salvação como que haviam desapparecido com ellas sob a mesma terra que as cubrira, e a pobre senhora só via como limite a seus soffrimentos o tumulo, que ardentemente desejava: e todavia, mais de huma vez seus olhos seccos do muito que haviam chorado rebentavam novamente em rios de lagrimas á vista da innocente filha, que lhe estendia os bracinhos, sorrindo-se como hum anjo de redempção; mais de huma vez lhe passaram na mente contristada estas palavras da viuva Martha: — Não he só para nós, que vivemos sobre a terra, — e então suas idéas mudavam, lembrando-se tambem da abnegação, virtude santa e sublime! com que Susana de Froes salvára das garras do opprobrio e miseria huma estranha:

— E tenho eu tão pouca força, que me deixo ir á sepultura, sem lembrar-me de minha filha? dizia ella cheia de enthusiasmo; deixal-a-hei entregue ao desamor, ou descuido de seu pai?! Não, eu não quero morrer, e não morrerei!!

Assim são todas as mulheres; ou timidas como a harda, que foge ao rugir da folha secca despegando-se da arvore, fracas como o bichinho, que roja imperceptivel entre o pó debaixo de nossos pés; ou então altivas como a aguia sobre o pincaro da serrania, affrontando o tufão e o raio, fortes como o leão do deserto: não espereis que hum novo tormento venha abalar siquer resolução tão assentada, ella he mulher e he mãi; prepare-lhe a desgraça negras horas, afflictissimos dias, lá está sua vontade de ferro que vencerá tudo.

Jeronimo Barbalho, que depois de casado parecia ter esquecido sua vida passada, affastando-se da sociedade, com quem passara os primeiros annos, rebentou subitamente do isolamento em que vivia, e as mudas salas de sua casa encheram-se de homens, ou ficaram vasias de sua pessoa por muitas noites seguidas; porem estas reuniões differiam muitissimo das antigas; agora nem picheis, nem risadas, ou morno silencio, ou violentas discussões se sentiam dentro das salas cuidadosamente fechadas para que ninguem fosse perturbal-os em seus saraos mysteriosos, que se perlongavam muitas vezes até horas mortas da noite. Seriam quatro para cinco horas da manhãa do dia 30 de Outubro de 1660,

(*) *Improvisada no Senado pelo Senhor Marquez de Paranaguá por occasião de ahi fazer hum energico discurso o Sr. Visconde de Cairú.* *(Vide a pag. 45.)*

quando Jeronymo Barbalho Bezerra abrio a porta de huma de suas salas, fechada toda a noite, e por ella foram sahindo para os corredores, e d'ahi para a rua doze homens embrulhados em capas por debaixo das quaes se enxergava huma espada, ou a cronha de hum mosquete quando hum passo mais largo as entre-abria: contra seu costume, o dono da casa segui-os, e tomaram todos pela rua de S. José em direitura ao mar, onde se embarcaram para o outro lado da bahia; muitas embarcações haviam largado de differentes praias da Cidade, todas com a prôa em direcção á Ponta do Brabo, outras largavam no instante, de sorte que grande festa parecia haver em S. Gonçalo para que tanta gente se passasse á outra banda; mas, folguedos deviam de ser bem extranhos, pois que homens só, e esses armados, despejavam as embarcações nas praias d'alem, onde em pouco tempo se ajuntou crescido numero delles, não só ahi moradores, como dos que a espaços chegavam, recebidos com vozes e alaridos, congratulações e gritos sediciosos, que redobraram com a chegada de Jeronimo Barbalho e seus companheiros, nossos antigos conhecidos, a saber: Diogo Lobo Pereira, Lucas da Silva, Jorge Ferreira Bulhão, e estes que conheceremos de agora em diante: Clemente Nogueira da Silva, Fernão Tarelo Homem, Simão Botelho d'Almeida, Euzebio Dias Cardoso, Jorge de Souza, Antonio Forte Vallongo, Mathias Gonçalves, Matheus Pacheco de Lima e Pedro Pinheiro. Postos em terra, caminharam para huma casa pouco affastada da praia, onde entrou Jeronimo Barbalho, e Jorge Ferreira, desfazendo-se a multidão dos outros em magotes, que presidiam algum dos que acima nomeamos, ou que trouxessem noticias, ou que fossem principaes e maiores; assim estiveram por muito tempo, até que Lucas da Silva e Diogo Lobo, foram chamados dentro e sahiram pouco depois trazendo hum papel escripto, que começaram a lêr para os de fóra, dividindo-se a multidão em duas partes para ouvil-os; acabada a leitura, que foi interrompida cem vezes pelos applausos dos amotinados, tornaram a entrar os dois.

— Então que diz o Povo? perguntou Jorge Ferreira.

— Aprova os Capitulos, muitos dos quaes nem chegou a ouvir lêr, respondeu promptamente Lucas da Silva; aprova a nomeação dos quatro Procuradores, que em seu nome tem de apresental-os a Thomé Corrêa de Alvarenga, e aprovará tudo quanto fizermos e quizermos por que lá estão entre elle nossos amigos para dispôl-o a quanto nos aprouver!

—Todavia, interrompeu Jeronimo Barbalho, he preciso vigilancia, força e presteza; que se adormecermos sobre o volcão, nossa perda he certa e irreparavel; a execução de nossos intentos tem o seu maior contra-tempo na demora: sustenta-nos a ira do Povo, convem pois alimental-a, fazendo partir sem demora os Procuradores que serão prezos, ou não attendidos, eu o espero.

E partio logo para a Cidade huma embarcação ligeira trazendo os quatro Procuradores, que vinham por mandado do Povo apresentar a Thomé Corrêa de Alvarenga, que governava a Capitania em ausencia do general Salvador Corrêa de Sá e Benavides, não huma petição, que petições não se fazem com a espada em punho, mas huma ordem; ao cahir da noite dispersaram-se todos, ficando ao longo da praia, e de junto da casa muitas sentinellas, que de espaço a espaço se revezavam sem formalidades, por que todos sabiam o que era mister guardar, cada huma vigia de si mesmo, e só do mar podia vir perigo: assim passou toda a noite e as seguintes, que foram sette, juntando-se o Povo de dia para ouvir novas da Cidade que sempre chegavam, até que na tarde do dia 6 de Novembro voltaram os Procuradores a dar conta de como não foram ouvidos pelo Governador, por quanto humas vezes se lhes negava elle, outras remettia para mais longe o recebel-os, e por fim declarou abertamente não ter que differir a tão loucas e atrevidas pretenções, quaes eram as dos alevantados e rebeldes. Estas ultimas palavras produziram tal agitação entre o Povo, que não havia contel-o.

— A' Cidade! á Cidade!! bradavam todos a huma voz, arremeçando-se huns por cima dos outros contra os bateis atracados na praia, onde se precipitaram de roldão; vamos mostrar-lhe quem são os alevantados e rebeldes ás ordenanças do Senhor Rei D. Affonso VI., cujos leaes vassalos somos!

Porem huma voz forte, que dominou todos os gritos da plebe, suspendeu os remos no ar, as passadas d'aquelles que se iam ainda para a praia, e os alaridos que se ouviam:

— Aonde vos ides?! gritou Jeronimo Barbalho, estendendo os braços como para sostel-os; á Cidade! que fazer lá, dizei? se vos não presto para nada, idevos, que eu não irei hoje: bem sei que he preciso ir á Cidade.....

— E por que não deixas caminhar o Povo! interrompeu Jorge Ferreira, que lhe ficava perto; por que não aproveitamos sua raiva?

— Por que não quero que sejamos recebidos na ponta das lanças e espadas dos da Cidade; por que he mister dizer aos de lá ao que vamos, e a estes ao que vão. Não sabes que em Sant'Yago e na Cidadella dormem arcabuzeiros commandados por Sás? Hum dia me basta para concertar meus planos, e demais espero esta noite avisos pelos irmãos de Estevaes, que estão nos fortes da Cidade; amanhãa por noite embarcaremos, vai dizel-o ao Povo.

E as ordens do caudilho foram promptamente executadas, desembarcando huns e affastando-se todos da praia; no dia seguinte o Povo armado se apresentou em frente da casa, esperando as determinações do cabeça da revolta, que por seus adjuntos lh'as transmittio, ordenando que á meia noite estivessem promptos para embarcar.

Amanheceu o memoravel dia 8 de Novembro do anno do Senhor 1660, dia marcado com pedra negra nos annaes da Capitania do Rio de Janeiro; ás 3 horas da manhãa innumeravel multidão cercava a casa da

Camara, dando estrondosos vivas a El-Rei, e vociferando contra as authoridades constituidas; rebeldes nos labios e no coração, leaes no coração e nos labios: depois que assim estiveram alguns momentos, huma voz se levantou do meio delles chamando por seus nomes os officiaes que de presente serviam na dita Camara, os quaes sendo avisados do chamamento do Povo correram logo a vêr o que se lhes mandava; reunidos que foram, rebentou segunda vez a multidão em espantosos gritos, e logo hum homem se adiantou e disse:

— Nós outros, muito leaes vassalos do Senhor Rei D. Affonso VI., que Deos guarde, vos representamos em como no dia 30 de Outubro passado nos ajuntamos da outra banda desta Cidade, onde chamam a Ponta do Brabo, e d'ahi nos pretendiamos passar acá magoados, queixosos e opprimidos.....

— Sim, sim!! clamou o Povo; opprimidos das vexações, tyranias, tributos, fintas, pedidos, destruições, de fazendas, que nos ha feito o general Salvador Corrêa de Sá e Benavides!

— Ouvi o Povo! recommeçou o primeiro que havia fallado; ouvi-o que não póde mais soffrer hum Governador que só trata de suas conveniencias, sem attender ao bem commum, Governador insolente, que nos affronta em vós mesmos com palavras injuriosas, precipitando, vexando e opprimindo a todos nós que lhe estamos sob o poder; o Povo recorreu a Thomé Corrêa de Alvarenga, que de presente está governando esta praça por ausencia do dito general, que se foi ás minas das Capitanias de baixo, mas os seus Procuradores não foram ouvidos, por que Thomé Corrêa he dos Sás, familia, que dá homens para todos os cargos importantes da Republica, nova tyrania que inventaram soberbos!! Ora o Povo cançado de soffrel-os, vem em pessoa pelas sobreditas rasões a excluir e remover, como com effeito exclue e remove, ao dito general Salvador Corrêa de Sá e Benavides, do cargo e posto de Governador desta praça, o que Sua Magestade haverá por bem, pois que he em beneficio e conservação dos moradores d'ella seus vassallos, a quem deve amparar, e não opprimir.

— He isso, he isso!! gritaram de novo os alevantados; venha Thomé Corrêa!.... chamai-o a este tribunal para que aprove a resolução do Povo!... venha Thomé Corrêa!!

Quem seria tão louco e atrevido, que se opposesse com debeis forças á furia da plebe desenfreada? como suster as aguas impetuosas do gigantesco dique roto em mil partes?! todos se curvaram á vontade do leão que os espremia entre as garras, e o mesmo Governador Thomé Corrêa, se ousou affrontar a colera do Povo mandando dizer-lhe por escripto que não podia convir no removimento e expulsão, he por que se julgava seguro dentro das paredes do Mosteiro de S. Bento, adoçando todavia suas palavras com o requerer-lhe em nome da Magestade, que não houvesse entre elle desinquietação, e que tudo que fizesse fosse com muita paz e socego; prudencia, e não vergonhoso medo, parece ter sido a devisa de todas as authoridades dessa epoca, prudencia, que de alguma forma verteu em beneficio dos rebeldes, que se homens exaltados tivessem as redêas do governo, a revolta não teria começado, progredido, e emfim acabado sem correr rios de sangue: a bondade do Soberano he o melhor e mais seguro meio de trazer á razão subditos alevantados; a prudencia de seus ministros o melhor exercito que devem pôr em campo; maldição áquelles ambiciosos, que por conservar o mando, que lhes foge não duvidam sacrificar centenares de vidas de prestaveis cidadãos, cujo maior crime he a ignorancia! Porem continuemos a nossa historia.

Encostado a hum dos hombraes da porta da Camera via-se hum homem, cujo rosto, espelho de alma damnada, mostrava horroroso conjunto de maldades; com a barba sobre as mãos, que descançavam na boca do mosquete parecia indifferente ao motim que o cercava, porem seus olhos pequenos e de fogo, como que seguravam em seus lugares os officiaes da Camera, volvendo-os constantemente de huns para outros, e depois indo parar com elles em Jeronimo Barbalho e Jorge Ferreira, que com hum sorriso, ou inclinação de cabeça lhe agradeciam a vigilancia; já assim estava havia muito tempo, por que fôra elle dos primeiros, que chegaram, quando huma velha furando por entre o aperto se chegou á porta, e tirando-o por o braço:

— Foi Deos quem vos pôz aquí! disse ella concertando os farrapos que a cobriam; foi certamente, senhor Fausto de Estevaes, por que já me falta o alento para acabar de atravessar estas ondas de Povo, que me esmaga.

— E que he do *homem*? pudestes vós achal-o, Tia Brigida dos Santos?!

— Nem S. Pedro déra com *elle*, Senhor Fausto, mas eu o descobri! ide chamar Lucas da Silva, que lh'o quero dizer.

E Fausto voltou-se, fazendo hum signál a Jeronimo Barbalho, que veio á porta promptamente.

— Aqui tendes esta bôa mulher, que diz saber onde *elle* se occulta.

— Sim! disse o caudilho com vivacidade; então dizei-o.

— Sou vossa serva, senhor cavalleiro; porem eu quizera fallar com Lucas da Silva, comvosco nada tenho.

Jeronimo Barbalho ia responder-lhe talvez desastradamente, esquecendo assim de que a popularidade só se ganha de duas formas, ou com bondades, ou com baixeza, infamia e descaramento, soffrendo caladinho qualquer liberdade de pé-rapado, que tem isso?! mas Jeronimo Barbalho ia responder-lhe, quando entraram os Procuradores do Povo, que tinham ido chamar Thomé Corrêa, e com elles vinha o Tabellião Antonio Francisco da Silva, que portou por fé ter ouvido dizer ao Governador que não convinha no removimento, e expulsão, como já disse a Vs. Ms. mais acima. Aqui foi que o Povo mostrou quem era, e quanto valia! hum chuveiro de insultos cahio sobre o Governador, e sobre quantos iam com elle, e todos a huma voz acclamaram

que elegiam, e queriam, como com effeito disseram, e elegeram por Governador da Praça e seu destricto ao Capitão Agostinho Barbalho Bezerra, Fidalgo da casa de Sua Magestade, Commendador da Ordem de Christo, e filho do defunto Luiz Barbalho Bezerra, Governador que havia sido em 1643; e logo assim congregado e junto, correu desatinadamente ás casas onde morava o mesmo Agostinho Barbalho, sem ouvir, nem attender Lucas da Silva, que com toda a força de seus pulmões lhes bradava que parassem, até que cansado de gritar seguio a turba até as ditas casas, que estavam vasias.

— Ao Convanto de S. Francisco! bradou Lucas da Silva, em meio ja dos amotinados.

— Ao Convento de S, Francisco!... bradaram todos já em movimento, e em breve espaço a ladeira de S. Antonio, e o pateo, ou eirado da igreja encheo-se desta multidão, chamando a grandes brados por o refugiado, depois de o acclamarem por Governador, ao que elle se escusou sempre, até que entraram dentro, e insolentemente o trouxeram á força para fóra, e d'ahi á Camera, onde Agostinho Barbalho forte com a presença dos Officiaes prerompeu nestas vozes:

— Que razão, e que causa me dais vós para que aceite a levantuosa nomeação, que haveis feito? e que causa e razão haveis para o fazer, tendo como tendes, Governador em Thomé Corrêa de Alvarenga, a quem eu reconheço como tal, e que vós deveis obrigar que continue no governo?!.....

— Pois se não aceitaes, haveis de morrer!! replicou o Povo a huma voz; haveis de aceitar a nomeação do Povo, ou perder a vida; aceitai, que nisto fazeis grande serviço a Sua Magestade, e será em bem commum de nós outros!

Agostinho Barbalho voltou-se para hum e outro lado como buscando hum meio que lhe salvasse a vida, sem comprometter a honra, que elle julgava arriscada aceitando a nomeação, que o Povo fizera; e vendo-se a braços com o rancór e insolencia da plebe só e sem apoio para contrarial-a e repellil-a, considerando em como se arriscava a Praça, por servir Sua Magestade, remir a propria vida, e por quietação do Povo aceitou o cargo de Governador, debaixo de todos os protestos.

E logo toda a multidão gritou que dava preito e homenagem ao novo Governador, o qual pondo ambas as mãos sobre hum Missal, em que estavam os Santos Evangelhos, disse por esta forma:

— Prometto a Sua Magestade El-Rei D. Affonso, como leal vassallo seu de ter e manter esta Praça, e a deffender com cautela e sem engano, guardando em tudo o serviço do dito Senhor, até pôr a propria vida por elle, e entregal-a somente á ordem do dito Senhor Rei.

Tendo acabado de prestar homenagem Agostinho Barbalho Bezerra, o Povo deu por levantada a que Thomé Corrêa d'Alvarenga havia tomado, mandando que se lavrasse hum auto, em que o occorrido fosse exposto, e pelo qual o davam por desobrigado della, e do governo da Praça; este auto fez o tabelião Antonio Francisco da Silva em presença do novo Governador, dos Officias da Camera, e dos tabeliães Sebastião Serrão Freire e Antonio de Andrade, sendo assignado por cento e doze homens, além do Governador eleito e ecclesiasticos, e por que não era possivel que todo o Povo o assignasse, elegeu como procuradores adhoc Jeronimo Barbalho Bezerra, Diogo Lobo Pereira, Jorge Ferreira Bulhão e o alferes Lucas da Silva.

Sabeis vós como hum homem descendo acelerado por hum ladeira ingreme, tendo em vista parar em certo ponto, desce, desce, mas a sua mesma violencia leva-o, onde não queria apezar de sua vontade? pois assim he o Povo em huma revolução; assim he elle quando poem de lado o trabalho, ou a paciencia, quando se levanta rei esfarrapado e descalço, rei cego, tyrano, estupido e temivel; assim foi este Povo do Rio de Janeiro em 1660, por que mal findaram huma violencia, entraram n'outra, constrangendo o Ouvidor geral Pedro de Meytre a abrir o pellouro para nomeação de nova Camera, que, a que estava, não merecia suas simpathias, criminosa só por haver sido eleitas em outros tempos! Ora, sendo costume abrir-se os pellouros no primeiro de Janeiro, manifesta ia a violação da Lei: mas quando foi que amotinados quizeram saber de outras leis que não fossem as de sua phantasia, apezar de clamarem os de todos os tempos, que por guardal-as, se levantam? nunca, e mentem! o Povo amotina-se, ou faminto, ou farto e ocioso, e a ociosidade e a fome não conhece leis, nem deveres. Violaram a Lei fazendo abrir o pellouro, e o Povo entrou na eleição de seus novos representantes, nomeando para juizes Diogo Lobo Pereira e Lucas da Silva; e para vereadores a Clemente Nogueira da Silva, Fernando Tarelo Homem, Simão Botelho d'Almeida, e Procurador Euzebio Dias Cardozo, vociferando e clamando todos, que usando do seu direito approvavam e ratificavam aquella eleição, e que só por ella estariam.

Porem, o odio não estava satisfeito com a deposição de Thomé Corrêa de Alvarenga, era preciso mais alguma coisa, e as casamatas da Fortaleza de Santa Cruz da Barra abriram-se para recebel-o, depois de lhe haver sido intimado o auto revolucionario, para que mais não usasse do cargo de Governador da Cidade e seu termo, ao que elle respondeu, que não encontrava a acção do Povo por entender ser assim serviço de Sua Magestade, paz e quietação da Republica, porem que o fazia salvos todos os protestos, e violentado; mas nem esta determinação o salvou da affrontosa prisão, para onde o arrastaram juntamente com o Provedor mór Pero de Sousa Pereira. Se mesquinha era a sorte de Thomé Corrêa, não era tambem para desejar a de Agostinho Barbalho Bezerra, por que ambos elles tinham hum mesmo pensamento, ambos consideravam com horror o termo e paradeiro de tantos excessos, afadigando-se por encontrar-lhe huma barreira; desesperando de encontral-a chamou este á Camera o Sargento mór do Presidio Martim Corrêa Vasques, aos capitães, e o Auditor da gente de guerra e Ouvidor geral o doutor Pedro de Meytre Portugal, que acodiram promptamente, sem embargo dos insultos e ameaças do Povo, que

em vozes e alaridos lhes lembrava a sorte de Thomé Corrêa que haviam prendido já, se não reconhecessem como legitima a nomeação de Agostinho Barbalho, ao que elles annuiram, máo grado seu, e só por não trazer sua opposição mais horrores, do que os grandes que se viam. Vendo os amotinados reconhecida por todas as authoridades a nomeação de seu Governador apresentaram certos capitulos, cujo deferimento elle commetteu para o diante; o que soffreu mal Jeronimo Barbalho e outros, reunindo-se todos em a noite de 15 de Novembro, discutindo largamente os interesses de cada hum; na manhãa do seguinte dia, e em vereança, foi lida, aprovada e remettida para a Camera de S. Paulo huma carta cheia de embustes e falsidades, digna acta da sessão nocturna do dia antecedente, e que dizia assim:

— São tantos os apertos, ou melhor dizer tyranias, com que o máo governo de Salvador Corrêa de Sá e Benavides, e seus parentes tem opprimido a toda esta Capitania que não podendo já supportal-o por mais que se intentou, resolveu-se assim a nobreza como o clero, ainda a este povo conformes, unanimemente a deitar de si a carga com que já se não podia findar a justificação, que esperam fazer ante os pés de Sua Magestade, das causas que tinham e os moveram, e em que se fundaram para depôr ao dito Salvador Corrêa de Sá e Benavides, e a Thomé Corrêa de Alvarenga do governo em que por sua ausencia o deixou; tirando tambem de seus postos ao sargento mór Martim Corrêa Vasqueanes, e ao Procurador Pero de Souza Pereira, que todos ficam presos nas fortalezas desta Cidade, pois todos estes senhores reconheciam esta miseravel Capitania com outros parentes seus por governadores d'ella, tratando só de seus accrescentamentos, e por muitas vezes da nossa destruição; de que os moradores dessa Capitania, que a ella vem com suas drogas, são boas testemunhas, pois experimentaram o rigor com que se lhes tomavam, e o máo pagamento que dellas tinham, acudindo-nos como tão bons visinhos com o ordinario sustento de quanto aqui necessitamos, devendo ser differentemente correspondidos ao beneficio que nos fazem, como será d'aqui por diante sendo Deos servido: supposto isto quizeram com toda a verdade representar a Sua Magestade entre outras coisas o procedimento, com que o administrador geral das minas Pero de Souza Pereira se tem havido n'ellas em razão dos estanques que lá mandam fazer de aguardente, vinho, e outras fazendas, para com elles comprar oiro, e mandal-o a Sua Magestade com o titulo de que era rendimento dos quintos, afim de ir sustentando o muito que tinha promettido ao dito Senhor que pretendia tirar das sobreditas minas; e tambem o que n'essa Camera se tem aclamado sobre o mineiro Jaime Cosme, do qual corre por aqui que fôra violentamente morto em respeito de haverem mandado a Sua Magestade em nome do dito Cosme alguns avisos phantasticos para se ir continuando com o mesmo engano. Pedimos a Vs. Ms. nos queiram mandar informação certa de tudo o sobredito pois tambem Vs. Ms. fazem nisso serviço a Sua Magestade, que tanto deseja saber com certeza o desengano destas minas, e de todo o procedimento d'ellas, fazendo tambem, se a Vs. Ms. parecer, aviso ao dito Senhor, enviando-nos as cartas, para por nossa via se lhe remetterem, etc., etc.

Esta carta atrevida e manhosa, pois foi feita com intenção de conhecer o animo dos Paulistas a respeito de Salvador Corrêa, teve sua resposta em 18 de Dezembro, e como ella não chegou ás mãos e conhecimento dos alevantados senão em 23 de Janeiro de 1661, para não antecipar os acontecimentos em seu tempo a daremos tambem a ler a Vs. Ms.

(Continua.)

FASTOS BRASILEIROS.

Fr. Gaspar do Salvador.

A traição de Domingos Fernandes Calabar, no ataque da Povoação do Pontal, causou tão graves damnos ao nosso exercito, já pela desmoralisação em que entraria a tropa com a derrota, já pela perda fatal de tantos bravos, que os hollandezes julgaram-no decisivo para seus intentos, sem que fizessem conta com a espada do heroe João Fernandes Vieira; e na verdade, a gloriosa morte dos capitães Domingos Dias Bezerra, Miguel de Abreo, Antonio Velho, Jorge da Costa da Silva, Francisco de Mattos de Gaya e de tantos outros, não só encurtava o numero já bem pequeno dos deffensores, como alentava os inimigos, que rolando com os pés os cadaveres repassados de mil golpes, exclamavam:— Eis aqui os tantas vezes invenciveis! —

Porem, se o Pontal vio a traição do infame e renegado Calabar; se ella viu nosso desastre, foi tambem testemunha dos honrados feitos, que, antes de entregar a vida, obraram nossos soldados, que se o sangue dos illustres deffensores da Patria regou o chão, tambem morderam a poeira muitos hereges batavos, muitos!.... Sangue, por sangue.... mortes por mortes pagaram elles. Tambem esse chão tinto de sangue viu a acção piedosa e exforçada do veneravel Frei Gaspar do Salvador, que retirando sobre os hombros hum soldado ferido no calor do combate, huma grossa bala de artilharia lhe levou o fardo, ajoelhando-se elle ao pé do moribundo para o ajudar em seu passamento, sem que lhe fossem estorvo as balas, que junto delle cahiam. Tempos eram esses, em que as ordens religiosas enclausuradas prestaram grandes serviços á humanidade; hoje santamente se occupam em *fazer cursos de litteratura*! O tempora, tempora!

Sobre a Educação Primaria.

ARTIGO 3.º

He nossa tenção analysar neste terceiro artigo sobre a educação primaria algumas idéas, que sobre a mesma materia se tem expendido no Brasil cerca de tres annos acá; porque sendo tão urgente o tratar-se já de pôr termo aos graves damnos, que da falta de hum systema resultam, parece-nos que algum serviço prestaremos, quando mais não seja, em juntar aqui differentes pensamentos espalhados, que sirvam de guia áquelles que tem de occupar-se de tão interessante e necessario objecto: ninguem ha que desconheça e não sinta a verdade do que dizemos, porem de anno para outro vamos passando, e a educação primaria, a primeira coisa de que deve occupar-se o governo de qualquer povo, está tão adiantada entre nós como ha hum seculo atraz, porque todo o mundo sabe que não basta *crear-se escolas*, como até agora de — A, B, C; — he preciso mais alguma coisa. Na Camera dos Deputados e em o Senado, por occasião do caloroso debate ácerca do bacharelado no Collegio de Pedro II, muitos oradores illustres, muitos homens de saber fallaram mais ou menos, sobre a necessidade em que estamos, todavia algumas idéas bellas, magnificas em theoria, impossiveis na pratica e regeitadas mesmo por aquelles que primeiro as manifestaram, algumas idéas appareceram com as quaes não vamos; mas está de tal forma compromettida nossa imprensa periodica, que a menor opposição ás idéas de hum individuo, que pertença a qualquer côr politica, he logo considerada como declaração de guerra de partido, mesmo que se ventile huma questão scientifica, artistica, ou litteraria; as discussões das Cameras desse tempo existem impressas, e nós, verdade he que com sentimento, nos furtamos ao desejo de fallar sobre muitos pareceres, que, tornamos a dizel-o, não merecem nossa humilde aprovação, nem podem merecel-a de todos aquelles que deixando de mão as *theorias europeas*, que sem grande alteração não podem ser praticadas na America, no Brasil, veem o mal, e conhecem o remedio: trataremos de analysar as idéas e pensamentos de outros, que longe hum pouco mais do circulo magico da politica local, menos receios nos dão de sermos contaminados por molestia tão perigosa, e que pega mais do que bexigas.

Ninguem tome como censura o que vamos dizer, porque empenharemos nossas forças em demonstrar, se mister fôr, que huma bòa idéa (bòa e louvavel pelo desejo de ser util) tem precedido aos trabalhos do infatigavel Dr. Sr. J. C. de D. e Silva; suas numerosas traducções, que grandes dispendios lhe tem custado alem de mais trabalho, suas numerosas traducções apreciaveis tem servido bastante: porem lamentamos que esse Sr. que poderia prestar grandes serviços ao Brasil compondo hum Manual para os professores de educação primaria no Brasil, se contentasse em fazer huma traducção, que nem siquer annotou; talvez por que o Sr. Dr. J. C. de D. e Silva partilhe a opinião de alguns, que julgam ser possivel educar o mundo inteiro por hum só systema, por hum só methodo: na Allemanha, e na França de aldêa para aldêa variam os methodos, são, he verdade que em pequenas circumstancias, modificados os systemas; mas isto he porque na Allemanha olha-se pela educação, e na França ha hum ministro exclusivamente occupado com a instrucção publica. Se algum nariz torcido quizer fazer-nos alguma perguntasinha, aqui lhe pomos já a resposta, para que não tenha esse trabalho: — Não temos forças para fazer o que exegiamos do Sr. Dr. Silva, mas arrogamo-nos o direito de dizer o que levamos dito. — São algumas traducções, e o apparecimento de obras estrangeiras sobre a educação bem pouco lidas, huma, ou outra voz, que por hum instante se levanta, e desapparece esmorecida, a unica coisa que o Brasil apresenta a par do grande movimento, que abala toda a Europa desenganada e sciente de que nunca o excesso de instrucção fez mal a povo algum, porque, tornamos a dizer, — *a individualidade he huma consequencia necessaria do progresso, ou atraso de qualquer seculo*; — ha hum erro grave e terrivel no pensar de alguns, que pretendem determinar o grão de instrucção compativel a cada huma das classes da sociedade; ha hum erro grave, terrivel e miseravel, por que o genio he de todas as classes: determina-se o grão de instrucção compativel a cada hum dos officios mechanicos, depois que em geraes escolas de educação todas as classes recebam huma mesma intrucção; não seja huma lei, mas os individuos por suas inclinações quem determine o grão de instrucção compativel, não á sua classe, porem á carreira que pretendem percorrer; de assim se praticar nascerá talvez remedio para a louca pretenção de muitos pais, que querem por força doutorar os filhos, que poderiam ser habeis pintores, esculltores, architectos etc.. e que nunca passam de pessimos Bachareis, se lá chegam. Podemos affirmar pela Historia que he sempre das classes ultimas da sociedade, que tem surgido a maior parte dos grandes Homens; o

guar'ador de porcos de Marca d'Ancona, e o jovem mendicante, de Melum nem siquer pertenciam á classe media da sociedade, e todavia o primeiro aterrou Veneza, apenas cardeal, e depois na cadeira de S. Pedro regeu o Orbe catholico como abalisado philosopho; e no segundo ninguem poderia conhecer Jaques Amyot, quando tiritando de frio pedia gazalhado aos bons frades de Melum, que se pensassem que os gráos de instrucção e intelligencia devem ser proporcionaes á posição social dos individuos, Plutarco ficaria sem hum atilado interprete, e a lingua franceza com menos hum monumento de gloria e de perfeição. Os gráos de instrucção e intelligencia devem ser proporcionados e proporcionaes ás profissões dos individuos, e assim será o homem considerado em relação comsigo mesmo, e com relação á sociedade de que faz parte integrante; determine pois quem puder qual o *grão de instrucção compativel a qualquer individuo nesta, ou n'aquella condição social, desta, ou d'aquella profissão.*

Em hum artigo sobre a instrucção publica, inserto no primeiro volume da *Minerva Brasiliense* deparamos com algumas idéas, que se casam inteiramente com as nossas; porem outras, e são as que dizem respeito ás observações de escriptores estrangeiros, que só porque a fama cerca seu nome, cegamente se adoptam: Jeremias Bentham e Brougham por tal forma fascinaram o correspondente da *Minerva*, que suas theorias foram adoptadas sem exame, sem se lembrar que Brougham ainda experimenta, e Bentham foi infeliz em muitos de seus ensaios, e apezar de seus bons desejos deixou muitas leis como estavam, ou peores, haja vista ás suas observações sobre Economia Politica; por que não leu o author desse artigo o tratado do velho Rogerio Ascham? acharia magnificos pensamentos, apezar de serem escriptos ha 300 annos. Nossas idéas vão de acordo com as do correspondente da *Minerva* em desejarmos ambos unidade na educação, porem discordamos quanto aos meios que devem empregar-se para obtermos esse resultado; queremos o possivel, e remendos são possiveis: mas, para que remendos? para que começar-se a construir a columna de cima para baixo, como dizia a dois annos hum respeitavel senador? para que andar ás avessas com a educação, e com tudo?! Nós pretendemos ir muito longe com estes nossos artigos sobre a educação primaria; seguiremos pois o correspondente da *Minerva Brasiliense* em nosso 4.º artigo.

(Continua.)

Rio de Janeiro.

THEATRO DE S. PEDRO D'ALCANTARA.

O Jornal litterario pictorial *Ostensor Brasileiro* conheceo verdadeiramente a necessidade, em que estavamos de mostrar ao mundo, que esta bôa e hospitaleira terra de Santa Cruz vai hum pouco mais adiantada em civilisação, do que *por especial mercê* apregoam pela velha Europa *viajantes illustrados e fidedignos* em suas narrações maravilhosas; *escriptores de fama*, que entre mil absurdos deixam escapar por descuido alguma coisa que tem semelhança com a verdade: era tempo de aliviar quantos Brasileiros viajam de tão nojentas perguntas, como as que se lhes fazem respeito dos *selvagens, cascaveis, e jaguáras*, que nos atormentam, aqui nesta nossa selvicola cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro; o interesse he nosso, tenhamos pois o trabalho. Cabe-nos fallar do Theatro de S. Pedro d'Alcantara; fechamos os olhos que veem nossa insufficiencia, para enxergar o dever que nos chama a coadjuvar tão util empresa, e assim vergonha aos que melhor poderiam desempenhar nossa obrigação, desculpa a nossos leitores.

No lugar em que existe hoje o Theatro de S. Pedro, existio o de S. João, aquelle de que Pizarro falla deste modo: — « N'huma casa esplendida de Representação, para que deu o risco o Marechal de Campo João Manoel da Silva levantado com o titulo de S. João no sitio em outro tempo denominado *Campo dos Sigauos*, e á imitação do Theatro de S. Carlos em Lisboa, cujo uzo começou a 12 de Outubro de 1813, entretem o publico as horas da noite, desafogando-se dos trabalhos do dia. »

Este Theatro na noite de 25 de Março de 1824, na occasião em que se representava o drama sacro — Vida de S. Hermenegildo — foi reduzido a cinzas no momento em que o Santo subia á Gloria, achando-se presente a Familia Imperial, o que deo azos para se olhar o acontecimento como politico; e aquelles que tudo enxergam mysticamente nisto viram o castigo com que a Providencia pune o pouco escrupulo de certos homens, porque o Theatro foi erguido sobre as pedras de hum templo que se começava a construir, ou por que se agoniara a corte do céo por ver que o Santo era representado com pouca dignidade: cada hum via a causa do incendio segundo o ponto de vista que tomava ou lhe interessava.

Reduzido á cinzas o Theatro mostrou o tempo apezar de pouco a falta que elle faria, e tratou-se immediatamente de construir hum outro com o



PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO.

titulo de S. Pedro; e como a falta de operarios havia de privar por muito tempo o publico de hum divertimento honesto e proveitoso promptificou-se n'huma das salas hum pequeno Theatro tendo só 150 cadeiras, 24 camarotes em duas ordens, e que foi aberto no dia 1.º de Dezembro de 1824, anniversario da Coroação e Sagração de S. M. o Sr. D. Pedro I. representando-se a Opera — O Engano feliz —; e no dia 22 de Janeiro de 1826, deu-se a primeira representação no Theatro de S. Pedro em festejo ao anniversario de S. M. a Senhora D. Maria Leopoldina.

O Theatro está situado no Largo do Rocio, ou Praça da Constituição, de que Pizarro falla tambem nestes termos: — « He de todos o mais elegante o que se formou no campo intitulado n'outro tempo dos — Siganos — com a denominação de Praça do Rocio, á semelhança da do Carmo, (depois de regulado pelo Vice-Rei Luiz de Vasconcellos) cujo terreno contendo em 95 braças de comprido e 51 de largo, s'aplanou entre fiadas de cantaria nos annos de 13 e 14. » Em consequencia da representação do Senado da Camera, em officio de 26 de Fevereiro de 1822 ordenou S. A. R. o Principe em portaria de 22 Março desse mesmo anno, que elle se chamasse Praça da Constituição. He dois circulos formados em seu interior disparam fiadas de cantaria, que vem morrer no calcetamento das ruas, que para assim dizer o fecham, sendo illuminado por 23 lampiões, 8 dos quaes são fixos sobre pilares de pedra, e os mais ás paredes das casas: existio n'outro tempo em seu centro hum pelourinho, que se derribou.

O comprimento do Theatro actual he de 300 palmos, largura 130, e altura 96 1/2; seu exterior pode ser avaliado pela estampa; e n'elle notaremos a sotéa erguida sobre arcos servindo de guarda-sol ás 3 portas do centro, que he por onde se entra para o saguão, ou sala d'espera. A' direita d'esta sala, está o botequim do Theatro, e á esquerda as salas em que se guardam bengalas, e vendem bilhetes. O fundo do saguão he formado por 3 arcos que dão passagem para os corredores da 1.ª ordem os quaes communicam-se com as portas lateraes do edificio, e com as das outras ordens por meio de bem dispostas escadas. O edificio tem 2 andares; n'elles e nas lojas se veem 3 portas no centro com duas janellas de cada lado.

Nas lojas as janellas da direita são as do botequim, e da esquerda as da salas que notamos.

No 1.º andar as portas, e janellas da direita pertencem a hum salão, que foi antigamente o pequeno Theatro, e hoje ricamente adornado com os bustos dos principaes Poetas, he para onde S. M. se retira quando sahe da Tribuna: as janellas da esquerda são das salas em que está o escriptorio do Theatro.

No 2.º andar as janellas do lado direito são as da sala destinada para ensaios da companhia de canto; as do esquerdo e portas pertencem ás duas salas da vestiaria.

Ha ainda hum salão entre o 2.º andar, e o tecto, que he o de pintura.

As janellas lateraes do edificio pertencem ás salas que notamos; e as portas do lado direito, a 1.ª he a que dá entrada para o botequim, a 2.ª para os corredores, e a 3.ª he destinada para o serviço interno; e do esquerdo a 1.ª dá entrada para a Tribuna, a 2.ª para os corredores, e a 3.ª para as cadeiras.

A sala dos espectadores tem de comprimento 117 palmos, de largura 61, e tem 716 lugares, podendo augmentar-se momentaneamente o numero em caso de necessidade; ella he cercada pelos camarotes que são em numero de 110 dispostos em 4 ordens. Os camarotes tem 7 1 2 palmos de largura, e 13 1/2 de altura conservam-se sempre com asseio, e pintados com muito gosto. A tribuna occupa quasi todo o lado fronteiro á bocca do scenario, nella brilha o luxo, e o bom gosto. Promptificam-se os 2 primeiros camarotes do lado esquerdo da 2.ª ordem para particulares de S. M. que os comprou, e a casa junta por onde será a entrada para elles. A sala dos espectadores he illuminada por hum só lustre com 102 luzes que dá grande claridade.

O tablado tem de comprimento 136 palmos, de largura 61, e altura 45, e he ricamente decorado.

As pinturas do Theatro são trabalhos dos Srs. Porto Alegre, Lopes de Barros, e Olivier que foram muito applaudidos, e verdadeiramente apreciados. O Theatro appareceu pintado com o gosto que vemos, a 7 de Setembro de 1839 primeiro dia em que houve representação depois de fechado em Outubro de 1838; desde essa occasião começou a brilhar o talento artistico do Sr. Lopes de Barros.

Trabalham no Theatro de S. Pedro duas companhias, huma de canto e outra dramatica, esta muito enfraquecida pela ausencia de alguns actores, e por isso não agrada tanto como era de esperar. Ainda não nos desanimou a falta que ha tanto tempo sofre o publico da juncção de alguns actores que estão dispersos formando mais duas companhias, e contamos que essa medida seja tomada para não sofrermos por mais tempo a necessidade de boas representações. A companhia de canto tem tido a felicidade de agradar, não

tendo as forças que lhe querem dar, com tudo satisfaz.

Temos finalisado o nosso artigo.

P. S, W.

JERONIMO BARBALHO BEZERRA

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO VIII.

Logo que os Paulistas receberam a carta da Camera do Rio de Janeiro, e depois que a ella responderam de forma a não deixar em duvida seus sentimentos de lealdade, e affeição a Salvador Corrêa, escreveram tambem a este, rogando-lhe por mercê quizesse assistir na villa de S. Paulo, ao que elle se escusou dizendo, que o chamavam ao Rio differentes negocios, sendo de muito peso a obra de certos galleões, que ali estava começada; e por que o principal fundamento desta obra era na Ilha Grande por haver ahi muitas madeiras, tabóados, estôpas e embès para amarração, ia-se para a Villa de Angra dos Reis, sem embargo da lembrança que lhe faziam de estar ella tão chegada á Cidade do Rió de Janeiro: quanto á offerta de suas pessoas e fazendas, com que se diziam apparelhados para acompanhal-o, lh'a agradecia, por estar certo de que os habitantes d'aquella Cidade se teriam socegado á vista do bando, que no 1.º de Janeiro de 1661 mandára lançar ao som de caixas, perdoando aos alevantados seus excessos; declarando todavia por inconfidentes ao real serviço os oito Procuradores, quatro da nobreza, Jeronimo Barbalho, Jorge Ferreira, Pedro Pinheiro, e Matheus Pacheco; e outros quatro dos officiaes Mathias Gonçalves, Manoel Forges, Antonio Dias e Antonio Fernandes allongo, ao sargento mór, capitães do presidio e ministros delle havendo-os por reformados e inhabeis, condemnando-os por toda a vida para a conquista de Benguela e mais penas que Sua Magestade fosse servido dar-lhes, e aos Procuradores, como cabeças de motim, em pena de vida e perdimento de bens, se acaso não obdecessem promptamente a seu mandado, que vinha a ser: Governar o mesmo Agostinho Barbalho Bezerra em sua ausencia, sem embargo de haver sido eleito pelos amotinadores; outro sim que o vereador mais velho que servisse na Camera, fizesse juntamente o officio de Provedor da Fazenda, e que nos casos em que o capitão mór não podesse resolver por si só o fizesse com assistencia dos officiaes da Camera, Ouvidor geral, e dois lettrados, que o Povo houvesse de eleger, evitando-se o novo modo de parlamento. Porem os amotinadores nem á bondade do general Salvador Corrêa de Sá, que até lhes concedeu parte das condições, ou capitulos, que haviam apresentado a Thomé Corrêa, nem ao desengano e fidelidade dos Paulistas curvaram a fronte rebelde e altiva! No dia 23 de Janeiro chegou a esta Cidade a resposta da Camera de S. Paulo, monumento de lealdade, que junto ao de Amador Bueno, quando não houveram outros muitos, bastava para fazer o elogio dos valentes e intrepidos filhos da Provincia; era a sobredita carta concebida nestes termos:

« De 16 de Novembro é a carta que aqui recebemos de Vs. Ms., cujo cuidado presente sentimos grandemente, e muito mais as causas delle. Deos nosso Senhor, que nos maiores trabalhos costuma dar por meios suaves alegres fins, se sirva concedel-o assim a este de Vs. Ms., para que em breve vejamos a esse povo restituido na posse de seu antigo socego, para lhe darmos o parabem, como agora lhe damos os pezames dos seus enfados.

A informação que Vs. Ms. me pedem dos estanques, que o administrador das minas Pero de Sousa Pereira mandou fazer dos vinhos e aguardentes, não podêmos satisfazer, por que nesta villa nunca os pôz; e se nas outras o fez, pela razão de que lhe ficavam ellas em via para a jornada das minas, he tão fóra de mão como esta; as Cameras dellas devem informar a Vs. Ms. n'este caso da verdade que ignoramos. Em quanto á morte do mineiro Jaime Cosme, supposto que ao principio a fama, como em outras cousas publicou que fôra violentada, todavia em contrario se praticou depois, e entre nós serve n'esta Camera quem com curiosidade perguntou pelo successo a pessoas que foram presentes, as quaes lhe disseram que fôra a morte casualmente desastrada, por que indo a mudar-se com passo mais largo o dito mineiro para outra pedra, por haver antes sentido o ruido, escorregára, e cahindo se despenhára na cata, ou alta cova que se fazia; tambem disso podem ter mais plena noticia os que são visinhos ao lugar onde succedeu o caso. Em razão do general o Senhor Salvador Corrêa de Sá nosso Governador, experimentamos tanto pelo contrario as mal fandadas queixas d'esse povo, que com todos os d'essa Capitania juntos mal lhe pagaram parte do muito que por elles ha feito, e a esses extranham a novidade do successo, a que Vs Ms. devem acudir com o remedio, para que Sua Magestade fique melhor servido, e nós não faltaremos á obrigação que temos de seus leaes vassallos. »

Do conteudo desta carta, e de outras noticias tiraram os cabeças da sedição novos motivos para atrevimentos novos, propondo em vareança de 24 de Janeiro que se tomassem rigorosas medidas por haver certeza de vir o Governador expulso, para o que estava elle congregando gente em S. Paulo; e se dizia que por mar pretendia fazer sua entrada, pela calçada do monte, a tomar huma das fortalezas da barra, para d'alli conseguir o seu intento: por isso requeriam a elles officiaes da Camera, que logo com toda a brevidade e cuidado fizessem aviso ao Governador Agostinho Barbalho para que no mesmo dia guarnecesse as ditas fortalezas com cincoenta soldados mais em cada huma, alem dos que já tinham, com ordem e instrucções aos capitães d'ellas do como receberiam o dito general, se acaso as acommettesse; e mais, que por terra se puzessem espias em certas paragens, que deviam ser demandadas, caso o acommettimento fosse por terra. Seguio-se a execução ao aviso e requerimento, por que Agostinho Barbalho temia com razão algum excesso nos populares desatinos; assim no dia 25 partio o capitão Agostinho de Figueiredo com sua companhia a tomar conta da fortaleza de S. João, onde estava preso o sargento mór Martim Corrêa Vasques, e para a de Santa Cruz dezaseis soldados e hum cabo ás ordens do capitão da mesma Antonio Nogueira da Silva; e por que a sahida desta gente desfalcava muito a guarnição da praça, foram mandadas vir do reconcavo tres companhias, a saber, huma de Jacarépaguá, outra de S. Gonçalo, e outra de Suruhy.

Nestes e n'outros preparos de criminosa resistencia gastaram os amotinadores o restante do mez de Janeiro, reunindo-se todas as noites em casa de Jeronimo Barbalho Bezerra d'onde sahiam preparados e descutidos os actos forçados da passiva authoridade do governador; porem estes armamentos e deligencias tinham segundas e occultas vistas: certo descontentamento, que começava a lavrar surdamente entre os da infima plebe, dominada pela vóz poderosa do Quebra-espadas, dava serios receios aos influentes, que por se desembaraçarem dos dois irmãos Estevaes mandaram-nos como espias para o interior, emquanto que as fortalezas da barra recebiam como reforço de sua guarnição alguns mais atrevidos em suas fallas: ora, não foi sem grande sobre-salto, que foi ouvida por Jeronimo Barbalho a noticia de que Fausto de Estevaes chegára á Cidade, pois que por qualquer motivo que fosse, a sua presença era de máo agouro; maior foi ainda, quando no mesmo dia 31 por noite o Quebra-espadas se apresentou no club armado até os dentes:

— Eis-vos ahi todos conversando bem descançados, senhores cavalleiros! disse elle, depois de olhar para hum e outro lado com ira e despeito.

— E eis-vos ahi, que assim sabeis desempenhar o que vos commettem! respondeu Lucas da Silva caminhando para elle; porem, estacou em meio do caminho, por que Fausto de Estevaes levára rapidamente a mão direita ao seio.

— Aqui vereis se desempenho, ou não o que me commettem! retrucou elle retirando-a dentre a veste, e mais hum papel embrulhado, que apresentou a Jorge Ferreira.

E o papel correu de mão me mão, até vir parar na de Lucas da Silva, que tinha gasto todo o tempo, que os outros levaram a lel-o, em concertar-se do susto por que passára com o movimento não esperado do mensageiro.

— Ao Senado da Camera compete indagar da traição.....

— Ao Senado da Camera?! interrompeu Fausto de Estevaes; e por que não ha de ser ao povo? nós temos de tomar contas aos senhores padres de certa escriptura de transacção, amigavel composição e renunciação, que elles fizeram comnosco em 25 de Julho de 1640, pela qual desistiram da procuração, execução e publicação da Bulla de Paulo III nosso santo Padre, que Deos tem; o povo quer visitar os reverendos padres, senhores cavalleiros, deixai-o com sua vontade, que fará bem: he preciso mostrar-lhes nossa affeição pela bondade, que tiveram com nós outros, e demais o povo quer ouvir o seu nome nas ordenanças!! só ouvimos: — O Governador..... O Senado da Camera.... Os procuradores do povo..... Senhores procuradores do povo, procuraes para vós, ou para elle?!

— Sois.....

— Hum pateta! disse Diogo Lobo interrompendo a Jeronimo Barbalho, cujos olhos chammejavam; tomai lá esta bolça pela vossa deligencia, e esperai amanhãa no Senado para ouvirdes se o povo manda e ordena, ide! E o tribuno vil arrefeceo com o contacto do oiro, e deixou a sala; no outro dia pela manhãa, primeiro de Fevereiro de 1661, gritava pelas ruas da Cidade hum pregoeiro nestes termos:

— Ouvi o mando, que manda o povo d'esta Cidade e seu reconcavo, que toda a pessoa de qual quer qualidade, que seja parente, ou não do general Salvador Corrêa de Sá e Benavides, criado, amigo, affeiçoado, que se quizer ir para sua companhia, se irá manifestar ao Senado da

Camera, para se lhe dar licença, e toda a bôa passagem que lhes fôr necessaria para se partir, para que dentro em dois dias o possam fazer sem se lhes fazer offensa alguma; e passado o dito praso sem se virem manifestar, e constando ao depois por qualquer via se cartêa com o dito general, ou segue sua vóz, será preso e degradado por dez annos para Angola, e haverá mais a pena que o povo lhe quizer dar.

— Eis ahi o segundo effeito de meu atrevimento! dizia hum homem de fêra catadura para o povo, que se havia acercado do pregoeiro; veremos agora, continuou elle apontando para o monte de S. Januario, veremos agora se nos deixam ir lá em cima, que senão alafé que das mãos dos senhores procuradores ha de sahir a procuradoria.

— Tende conta com os ditos, amigo Quebra espadas! disse o Licenciado Antonio de Barros, que tambem havia parado para ouvir o pregão, homem sabedor e amigo declarado do povo; tende conta não vão elles fazer algum conchavo com os jesuitas — pro bono pacis, como elles padres costumam; adeos, meu valente!

— Deixai-os todos commigo, jesuitas e procuradores do povo, que lhes farei bôa cama!

— Mas, senhor Fausto, qual he o outro effeito do seu atrevimento? que se este bando he o segundo, por certo ha de haver hum primeiro.

— Cra vá-se com satanaz, senhora Brigida dos Santos! está Vs. Ms. com essa sua cara encarquilhada e amarella como hum velho pergaminho crestado, as costas arremedando aquelle monte lá ao longe, cujo nome tomou seu marido depois de certo aguaceiro de bordões no arruido de Março, e não ha motim, ou ajuntamento, onde a não vejam?! vá-se a rezar nas contas por sua alma, que em pouco terá de dar apertadas contas de alguns desvios que eu sei, e de outros que só Vs. Ms. sabe.

— Ladrão, carrasco e traidor! disse a velha affastando-se; deixa-te estar, que bôa cama te farei eu a ti: Lucas da Silva saberá quem tu ês!!

Em quanto o bando caminhava pela Cidade, concertavam os officiaes da Camera a seguinte carta, que dirigiram ao Reitor dos Jesuitas:

— « Os procuradores do povo me fizeram queixa hoje neste Senado, do padre Antonio de Mariz, superior d'aldêa dos Indios de S. Ternabé, de que tinham por noticia e era certo, e disto sabedores, de que o dito padre estava fazendo muita gente de Indios da terra, amotinando-os para servirem e acompanharem ao general Salvador Corrêa de Sá e Benavides, obrigando-os e excitando-os com palavras e promessas de que o dito general os ha de libertar, por que o povo os quer captivar, se tindo muito a mal d'estas acções do povo, o que lhe tem dado grandissimo escandalo; nós o fazemos saber ao padre, e lhe requeremos da parte de Deos seja servido mandar recolher o dito padre superior, e pôr outro em seu lugar, com a advertencia que trate das cousas que estão a seu cargo, e não se metta nas da Republica, por que assim fique este povo satisfeito e quieto, e o padre em paz. Guarde Deos ao Padre. Em Camera ao 1. de Fevereiro de 1661 annos. — Lucas da Silva,—Diogo Lobo Pereira,—Fernão Tarello Homem,—Simão Botelho da Cruz. »

Era tão sem fundamento semelhante imputação, e só levantada para cubrir os interesses e vistas do caudilho da plebe, dando-lhe hum motivo para regressar á Cidade, e satisfazer seus infames intentos que os mesmos officiaes da Camera bem o mostram na languidez desta carta, por que de tão grande crime só pediam como satisfação o removimento do superior d'aldêa; ainda que na resposta do Reitor se entreveja algum motivo para desconfianças, o padre Mariz tinha dado á lingua com effeito:

— « Pax Christi. Consultei com todos os padres deste collegio, respondeu o Reitor, o ponto sobre que Vs. Ms. me escrevem, e achamos que he impossivel que o padre Antonio de Mariz faça gente Indios da terra, amotinando-os para servirem e acompanharem ao general Salvador Corrêa de Sá e Benavides, obrigando-os e investindo-os com palavras e promessas, sentindo muito mal das acções do povo; e por que seria grande infamia do padre e da Companhia condemnal-o logo a ser traidor ao povo no tocante ao fazer gente, que no que toca a sentir mal, e dal-o a entender por palavras parece cousa difficultosa, visto terem posto preceito de obediencia e outras penas que não se reprove o que o povo faz, pois isso não nos pertence, nem convêm que folguemos e fallemos mal de suas acções; porem não he tão impossivel como o primeiro, por que inadvertidamente póde escapar huma palavra que advertidamente não se diria, e talvez os que ouvem trocam as palavras, e calam algumas circumstancias que mudam os sentidos e as palavras, pelo que nos parece, que alguns dos senhores procuradores, ou dos senhores desse nobre Senado e eu vamos á aldêa, e saberemos o que na realidade se passa; e achando o padre culpado resolveremos com os ditos senhores procuradores do povo o que fôr bem e mais conforme ao gosto de Vs. Ms.; os padres accordarão facilmente em que lá se ponham clerigos e virão os padres, por que estamos moralmente feitos que os mal-

affectos da Companhia a cada passo hão de informar a Vs. Ms. e aos senhores procuradores do povo, conforme o affecto que tem, e quando menos mal informados dos Indios, que quando estão com vinho levantam mil mentiras, como eu experimentei muitos annos, e os padres não podem andar com estes sobresaltos. Guarde Deos a Vs. Ms. Collegio, em o 1.º de Fevereiro de 1661 anno. O padre Antonio Fortes.

Acabada esta carta, e remettida ao Senado, entrou o Reitor dos Jesuitas em penosos cuidados de como se livraria e os seus de algum excesso da populaça, desconfiando que suas razões não fossem attendidas pelos procuradores do povo; e como as portas e paredes de seu Convento, ainda que fortes e bem seguras, não bastassem a deffendel-os, resolveo-se a procurar soccorro n'esses mesmos, que temia, indo buscar os capitães Garcia da Gama e Alexandre de Castro por meio dos quaes offereceu bôa somma de dinheiro aos soldados de suas companhias para que em caso de algum acommettimento os tivessem propicios: ora quando o Reitor sahia da casa de Garcia da Gama, reparou n'huma velha, que o seguira desde a portaria de seu Convento, e que como de proposito ficara esperando-o; seguindo caminho para casa do segundo capitão Alexandre de Castro levou-a sempre de olho, e ao sahir encontrou ainda a velhinha que o esperava:

— Não, isto não pode ser acaso! ou eu me engano muito, ou esta maldita velha segue-me os passos e he huma espia; manha com ella, e saberemos a verdade.

E o jesuita voltou atraz, e chegando-se para a velha:

— Bôa mulher, disse elle com esse tom que os da Companhia tinham inventado, ou ao menos apurado, bôa mulher sabeis onde mora o capitão Salvador orrêa.....

— Que serve na companhia do defunto Antonio Corrêa não he, senhor padre?

— Esse mesmo.

— Pois mora na rua da Misericordia ao pé da casa dos Coqueiros que foi delle muito tempo.

— Tenho eu huma carta para entregar-lhe, porem tenho-a la no Convento, e estou tão cançado, que não terei forças para subir duas vezes a ladeira; quereis vós levar-lh'a, pagando-vos eu vosso trabalho?

— Pelo amôr de Deos vol-a levára senhor padre, quanto mais por alguma coisa que me deis, que sou tão pobre!

— Pois vinde commigo.

Chegados no alto de S. Januario, o jesuita entrou no Convento para escrever ao capitão Salvador Corrêa, partecipando-lhe a imputação que haviam feito ao padre Mariz, rogando-lhe de avistar-se com os Officiaes da Camera para certifical-os do falso de semelhante accusação; depois chamou hum indio intelligente para seguir a velha de longe, á qual deu o escripto.

A tia Brigida dos Santos, espia de Lucas da Silva e portadora da carta do padre Antonio Forte, mal que desceu a ladeira correu a entregar a mensagem nas mãos do creado de sua filha, contando-lhe como vira o jesuita entrar nas casas de Garcia da Gama e Alexandre de Castro.

— Bem está, minha avó; porem as novas que me trazeis, já são velhas para outros e para mim; desta carta não sabe o Quebra-espadas por certo, mas que o Reitor dos padres visitou os capitães sabe-o elle, e até o que disseram entre-si!!

— Maldito Quebra-espadas, que sempre me vence! murmurou a velha; e vós fiais-vos d'elle, senhor Lucas? se soubesseis o que esse tratante diz de vós outros, que libertasteis o povo?!

— Sim, sim! he hum demonio perigoso, que alem de tudo nos he preciso; elle faz do povo quanto quer, e nós temos alguma: já me disseram que os que vão com elle, pretendem nomear novos procuradores, e fallam em Ambrosio Dias e outros: ide indagar disso, e voltai, seja a que hora fôr da noite.

Os receios de Lucas da Silva eram bem fundados; no dia seguinte, muito antes de começar a sessão da Camera, ondas de povo furioso desembocaram de todas as ruas, e em breve fizeram de cerca da casa hum muro tão compacto, que os Officiaes mal puderam atravessal-o para entrar na sala; na soleira da porta com o arcabuz carregado o Quebra-espadas movia o povo á sua vontade; hum pouco desviado delle via-se em grupo Jeronimo Barbalho, Jorge Ferreira, Lucas da Silva e Manoel Borges; e lá no fundo da sala alguns dos Officiaes, que vinham chegando, e tomavam seus lugares.

— He preciso contel-o! dizia esbravejando Jeronimo Barbalho; nós o deixamos tomar conta da vontade do povo, porque assim nos convinha; porem já não precisamos delle, e seja como fôr, deve desaparecer o idolo da canalha, que nos embaraça!

— Pois eu digo, que he melhor contental-o, disse Jorge Ferreira; que monta para nós a reforma dos tres capitães e da tropa? he mesmo huma medida de segurança, porque todos elles são parentes, ou adherentes do general Benavides.

— He verdade! acrescentou Manoel Borges: e até pelas fortalezas he que deve começar a justiça: Antonio Nogueira da Silva, que está na do Registo, he casado com huma prima de Salvador Corrêa de Sá; Affonso Gonçalves Mattoso que manda a de S. João, he afilhado do mesmo; as de Sant'Yago e S. Sebastião não tem piores nem mais seguros amigos do general, de sorte que o povo viu melhor do que nós outros, e a reforma de huns, e suspensão de outros he necessaria.

— Eu bem sei o que he necessario, e não preciso que aquelle miseravel m'o lembre! retrucou Jeronimo Barbalho; de mais, que vem fazer cá Anbrosio Dias, que elle quer nomear como procurador do povo?

— Que vos importa isso? andará entre nós como huma folha secca ao gosto do vento, deixai-o commigo; eu vou tomar assento e logo que chegue o resto dos vereadores proponde vós a reforma, que vereis o povo satisfeito, e o povo he tudo.

Completa a Camera, foi proposta a reforma dos tres capitães Garcia da Gama, Alexandre de Castro e Salvador Corrêa, bem como a suspensão dos capitaes de fortalezas e nomeação de outros, de que lavrou auto o tabellião Antonio Ferreira da Silva; e sendo levado ao Governador para o confirmar este respondeu á Camera que por estar sangrado e de cama não podia ir ao Senado; que se a utilidade publica pedia arrebatada resolução, quizesse a Camera com os procuradores do povo tratar em sua casa o que melhor conviesse ao serviço d'El-Rei e bem do povo. Ouvida pelos Officiaes a resposta do Governador replicaram-lhe com o capitulo 12.º dos que o povo havia apresentado a Thomé Corrêa, assim concebido.

— « Que o Governador que hoje governa, e ao diante governar, não chame á sua casa os Officiaes da Camera em corpo de Camera; e quando quizer alguma coisa, vá, ou mande porpôr por pessôa que lhe parecer fôr capaz do conselho do negocio que tratar, para que os Officiaes da Camera livremente possam resolver: o que não podem fazer livremente em casa com a presença do dito Governador. »

(Continua.)

NOVAS PROVAS DE RELAÇÕES DA EUROPA COM A AMERICA ANTES DE CHRISTOVÃO COLOMBO.

Escrevem de Copenhague (Dinamarca), com data de 24 de Novembro:

« Eis aqui descobertas curiosas capazes de convencer até os mais incredulos, que existiram na realidade, como tem sustentado muitos sabios, relações entre os antigos povos scandinavos, e a America, muito tempo antes de Colombo.

« O doutor Jerôme, e Carlos Smith, de Boston, acharam em huma collina, situada não longe das margens do Fall-River no Estado de Massachussets, hum sarcophago contendo hum esqueleto de elevadissima estatura, sentado, e tendo sobre o peito huma lamina oval de bronze, e em redor do corpo hum largo cinto composto de tubos de bronze de assaz grosso calibre, atravez dos quaes passam cordas e tiras de couro delgado, cujas pontas, atam-se conjunctamente na parte posterior. Este esqueleto tinha igualmente hum collar de perolas de huma substancia que se assemelha á que se chama vulgarmente *escuma do mar*. No lugar em que foi descoberto o sarcophago, achavam-se espalhadas em grande numero, pedrinhas cuneiformes, que eram provavelmente destinadas a ser lançadas com alguma funda; huma hacha d'armas, varias flechas guarnecidas de bronze, e tres pequenos vasos de ferro.

« Os senhores Jerôme e Smith, tendo reconhecido que o craneo do esqueleto, se assemelha pela sua conformação, aos dos antigos habitantes do norte da Europa, e que todos os outros objectos, acha los no tumulo, são inteiramente differentes daquelles, de que se serviam, e servem ainda as tribus indigenas, enviaram á sociedade real de archeologia septentrional de Copenhague o craneo do esqueleto, a lamina, o cinto, e alguns dos outros objectos descobertos no tumulo.

« O senhor conselheiro d'estado Rafn, secretario perpetuo d'aquella sociedade, conhecendo de hum lado que o paiz em que foi feita pelos senhores Jerôme, e Smith, a descoberta de que se tracta, he precisamente o mesmo que elle em suas *Recherches* publicadas em 1837, julgou reconhecer pelo territorio que as chronicas islandesas do decimo primeiro seculo designam com os nomes de *Vinlandia* e *Leifslendir*; por outro lado, recebeu quasi simultaneamente, com os objectos provenientes do sarcophago americano, a noticia de que hum cinto com tubos de bronze, inteiramente igual ao que tinham remettido os senhores Jerôme, e Smith, acabava de ser descoberto ao norte da provincia de Jutlandia (Dinamarca), e que na Islandia se tinha ultimamente descoberto hum tumulo de pedra, contendo hum esqueleto com igual cinto, e huma lamina sobre o peito, como a da America.

« O senhor Rafn apresentou á sociedade d'archeologia septentrional os objectos enviados pelos senhores Jerôme, e Smith, e os desenhos das descobertas feitas na Jutlandia e na Islandia; e a assembléa julgou achar entre estes objectos huma tão perfeita semelhança, que considera como hum facto inteiramente fôra de duvida, que os antigos habitantes do norte, tinham estabelecido colonias na America. »

(Jornal dos Debates.)

Sobre a Educação Primaria.

ARTIGO 4.º

Para seguirmos passo a passo o author do artigo sobre a instrucção publica inserto a paginas 287 da *Minerva* mister he que digamos alguma coisa sobre methodos, ou systemas de ensino, por que se Bentham *demonstrou que o systema de Lancaster podia estender-se ao ensino dos elementares principios de todas as sciencias, e que não devia restringir-se a aprender a ler, escrever e contar,* se o correspondente da *Minerva* não duvida da praticabilidade do methodo, nós teremos o atrevimento de provar que nem para o ensino dos primeiros rudimentos elle serve.

Não era de certo para nossas forças trabalho tão arduo como este que sobre os fracos hombros de bom grado tomamos; porem, o silencio desafiou nosso atrevimento, e, seu continuar desculpa-nos. Quando nestas nossas reflexões sobre a educação primaria bradamos alto, julgamos que alguma vóz poderosa se levantasse, deixando-nos, desobrigados e no esquecimento esse pouco, que havemos dito; se foi vãa nossa esperança os apostolos da rotina seguiram sua estrada de rosas, e aquelles que poderiam com suas vozes trazel-os ao caminho espinhoso e direito calaram-se, e dormiram: não seremos nós o insensato que perturbe seu descanço; dormi vós outros, que só temos em vista deixar por ahi este pequeno brado para que a geração futura pondere o que vós poderieis ter feito, e o que não fizestes: dirá elle mais, do que cem paginas de fecunda historia; pois que he hum quadro, ainda que resumido e mal esboçado, da cegueira e abandono em que estamos. Amargo sorriso de escarneo e despreso confrange nossos labios seccos pela febre da indignação, quando alta noite a meditação e a tristeza vem sentar-se em nossa alma, affastando-a do movimento desordenado d'esses milhões de individuos, a nossa imperfeita sociedade; nessas horas de recolhimento apraz-nos fazer passar sobre a rasa taboa da philosophia hum por hum todos esses que durante o dia suaram trabalhando: então vemos as numerosas phalanges de miseraveis, cujas mãos cavam a sepultura onde escondem o ouro, o corpo, e o nome; além divisamos crescido numero de orgulhosos sabios, que, ou julgam deshonrar a sciencia, fazendo-a prestadia a humanidade, ou como o avarento ajuntam para recreio dos olhos; depois, hum turbilhão de entes nullos, que material e desleixadamente obram, sem que lhes peze o deixar de cumprir seu dever: com estes nos haveremos por hoje.

Não he possivel dirigir vantajosamente hum certo numero de alumnos de differentes idades por hum só methodo, quando este não seja o individual: vejamos. O methodo, cuja descoberta erradamente se attribue a Lencaster, pois que antes delle o doutor André Bell e o cavalleiro Paulet tinham posto em pratica o ensino mutuo, e muitissimo antes destes refere Pedro de la Vallé em sua viagem ás Indias orientaes, no começo do seculo 17º, que ahi o vio geralmente em pratica; o methodo, dizemos pois, erradamente attribuido a Lancaster não se funda na troca de conhecimentos, como querem seus admiradores, mas sim na imitação, e só na imitação. Não gastaremos muitas palavras para provar com evidencia que o ensino simultaneo mutuo, sendo puramente mechanico, não he proprio para desenvolver faculdades moraes e intellectuaes; mas em verdade que he preciso muita affouteza para que o obscuro e desconhecido levante mão sacrilega sobre as venerandas cans do patrono da trilha, do bem-querido dos madraços que quereis vós outros? fez-nos Deos assim; na sepultura deixaremos com a vida este nosso genio: á materia! Quem ha ahi que desconheça a leviandade e inconstancia das crianças, sua falta de attenção, sua incapacidade para reconhecer o valor da instrucção que recebem, sua repugnancia mesmo para o estudo? e será a hum ente com taes qualidades que se pretende entregar o desenvolvimento de faculdades infantis? será elle capaz de transmittir os preceitos estabelecidos nas escolas? dizia hum escriptor (*) que as senhoras são mui proprias para dirigir a educação na tenra infancia; talvez que assim seja, porem só porque não as enfastiará essa leviandade e inconstancia, pois que a partilham. Temos outra mania como a de certos philosophos que acreditaram piamente ser possivel instruir sem constranger; segundo elles, as lições devem ser interrompidas a pedidos dos educandos, e continuadas por instancias suas: vinde para cá, que vos direi com Sauvan: « Qual de nós não tem ensaiado pôr em pratica tão seductoras theorias, e as não tem visto cahir derrotadas? Quantas vezes depois de vão esperar, não somos obrigados a impôr como obrigação a lição que se não reclama como divertimento? » Porem hiamos divagando.... Sendo pois necessario que aquelle que transmitte, não só apprecie a attenção do alumno, como tambem se elle tem comprehendido o que se lhe trans-

(*) *Cremos ser M. Necker em sua — Educação progressiva —, porem não o affirmamos.*

mitte, alêm de possuir outras muitas qualidades essenciaes, e altamente recommendadas taes como precisão e clareza no expressar, (*) perguntamos se hum desattento monitor de classe póde fazelo? se hum menino, que muitas vezes nem comprehende o que materialmente explica, ou antes repete, he capaz de apreciar o effeito de suas lições! Agora deveriamos encarar o methodo em sua essencia; porem seria ridiculo gastar pennadas de tinta com assobios e contra-marchas; basta pôr aqui para o deixarmos em socego por hum pouco as palavras de alguem, que por certo não he obscuro e desconhecido. — « Mui diverso he o officio do professor de primeiras letras do d'instructor militar; por quanto, este sómente exercita no manejo das armas e nas evolucções, e por isso sobra-lhe fazer repetir suas vozes: mas o primeiro he encarregado de exercitar intelligencias, e deve ensinar a reflectir. O professor de primeiras letras, que se não apoia mais do que nos habitos passivos do espirito, póde illudir-se, persuadindo-se que forma alumnos, quando na realidade só faz automatos. » (**) Passaremos a comparar outros methodos: advertindo-se que não fazemos distincção entre — methodos de occupar os alumnos, e methodo de transmissão, — pois que não se póde fallar de huns sem que a elles se ligue a idéa dos outros.

O methodo individual, o melhor de todos os methodos, he reprovado com razão por todos aquelles que educam, pois que não he possivel a hum só homem ouvir oitenta e mais alumnos em suas diversas lições quotidianas: foi pois a necessidade quem fez desprezar o methodo individual; e foi ella mesma quem gerou e fez adoptar o simultaneo mutuo. Nós concedemos que o ensino simultaneo mutuo seja necessário em huma escola; porem não queremos que elle a invada toda: he mui facil, (e não são simples theorias, que o temos experimentado), dividir-se huma escola em tres classes; a inferior, por seu atraso, e por necessidade, póde ser occupada e deve sel-o com o methodo simultaneo mutuo, e para huma só classe não ha mister esse apparato mechanico das aulas montadas completamente segundo o methodo, que nós com a turba chamaremos de Lancaster: as outras duas classes serão occupadas pelo methodo simultaneo puro (*) o unico que alêm do individual colloca o professor na necessidade e possibilidade de servir-se dos verdadeiros methodos de transmissão, o intuitivo, o euristico, o acroamatico, o eromatico, o analytico e o synthetico; o unico que o obriga a desempenhar suas obrigações, que não favorece a trilha e a preguiça, emfim, o unico bom depois do individual. Como he preciso ser cego para não ver que huma escola entregue toda ao ensino simultaneo mutuo não póde prestar á educação esses olhares vigilantes que ella exige! Porem talvez haja por ahi algum gracejador de máo gosto que nos faça huma observação na verdade judiciosa, e vem a ser esta: para que atacar o ensino simultaneo mutuo tão desapiedadamente, se o pobresinho apenas vive entre nós em huma só escola, apezar de serem obrigados todos os professores publicos a servir-se delle? se assim me disserem com effeito não sei que responder, pois que as escolas publicas desta cidade, excepto huma, não estão montadas completamente. Porem como seria vergonhoso para nós deixar sem resposta qualquer que nos fizesse a honra de dirigir a palavra, diremos sempre ao tal perguntador, se elle apparecer, que não he possivel continuar tanta cegueira por muito tempo, e que quando se lembrarem de olhar pela educação ahi ficam estas nossas palavras como thema para discussão: veio-nos ao ouvido que alguem trabalha na creação de hum instituto de professores: veremos para crer.

(Continua.)

(*) *Lembrai-vos sempre que ignoraste algum dia o que ensinais hoje, e sede simples e claro como tinheis necessidade que o fossem então para com vosco. Prevost, quelques régles générales de l'art d'enseigner, paginas 236 dos—Ensaios de Philoosphia, ou estudo do espirito humano.*

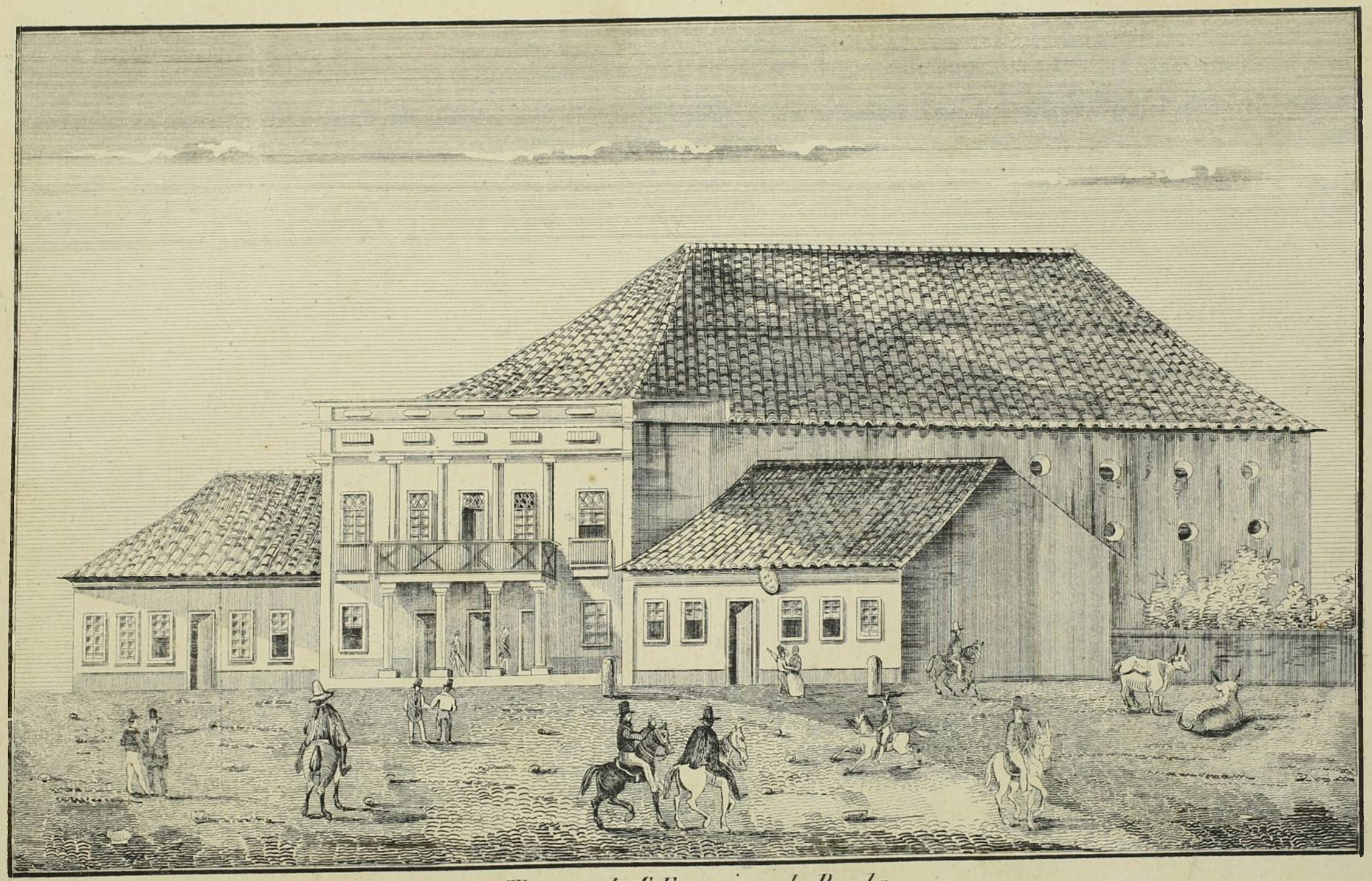
(**) *Curso normal para professores de primeiras letras, pelo barão Degerando.*

(*) *Aquelle em que o professor occupa todos os alumnos por si mesmo, ou servindo-se do methodo acroamatico, ou do eromatico, e mesmo de qualquer outro.*

Rio Grande do Sul.

THEATRO DE PELOTAS, OUTR'ORA DE S. FRANCISCO DE PAULA.

Alguem disse que a policia de huma sociedade, póde calcular-se pelo seu amor ás flôres, e pela elegancia de seus jardins. Porem ainda que seja isto mais espiritual do que real, todavia he certo, que a natureza dos prazeres de hum povo póde servir para calcular seu estado de progresso, e até certo ponto, as tendencias de seu caracter. Fazemos com prazer estas reflexões, porque são poucas as cidades brasileiras que conhecemos que não tenham hum theatro.



Theatro de S. Francisco de Paula.
Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

Entrando por mar na Provincia do Rio Grande do Sul. encontra-se a antiga povoação de S. Pedro, cidade que vive unicamente para o commercio.

Apesar disto, seguindo por huma das suas principaes ruas (a Direita) depara-se com hum edificio de boa architectura, com seu portico, e hum frontão triangular, annunciando que he esse logar das honestas recreações da noite, depois de hum dia empregado nas fadigas mercantis.

Navegando logo para o norte pela notavel lagoa dos Patos, a sessenta leguas da cidade de que acabamos de fallar, entra-se na formosa capital da Provincia, reclinada sobre huma collina sempre verdejante, que banha suas plantas nas pacificas aguas do Guayba, com toda a indolencia de huma Odalisca.

As cruzes da Matriz, e da Misericordia, annunciam que os monumentos mais altos e mais bem situados, são consagrados ao Culto Divino, e á Charidade, primeira das vistas dos christãos. Mas nem por isso carece Porto Alegre de templo para a Musa Dramatica. Na rua de Bragança há hum theatro de graciosa construcção, se bem que de pequenas dimensões, no qual vimos representar algumas peças do Sr. Douctor Magalhães, por jovens formados por elle na arte da declamação.

Entre estas duas cidades, isto he, entre o porto e a capital da Provincia do Rio Grande, está a povoação de Pelotas, situada na margem esquerda de S. Gonçalo, rio caudaloso, que une como com hum annel as lagoas dos Patos e Mirim. Esta cidade que apenas conta vinte annos de fundação, possue o mais bello theatro da Provincia.

He de notar que a importancia dos theatros como edificios, está no sentido inverso da importancia das cidades.

O de Porto Alegre he o mais pequeno: o de Pelotas o mais bem construido.

O theatro de Pelotas está situado em huma vasta praça e olha para o nascente. A sua architectura exterior he regular e elegante, com seu portico de quatro columnas, e salões superiores de desafogo, com janellas guarnecidas exteriormente de grades de ferro.

A planta interior he eliptica contem trez ordens de camarotes em numero de sessenta, e trinta bancadas na platea.

Tem 86 palmos de comprimento interior, e 60 de largura; e o tablado ou scena 65 de profundidade. A guerra civil converteu este elegante edificio em quartel d'infantaria: a mascara e o coturno cederam o lugar á farda e á cartuxeira.

Gr.

JERONIMO BARBALHO BEZERRA

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO IX.

Paciencia, o que és tu? és a opposição aos desejos e vontade do homem, ou a incapacidade de obrar com voto livre? se és a primeira, não podes durar muito, e por isso diz judiciosamente o vulgo que te gastas; se és a segunda, não me admira o homem paciente: és huma virtude, bem o sei, porem ha instantes na vida do homem, em que poderias ser hum grande peccado. Foi, pensando assim, que Agostinho Barbalho indignado com a replica, que como vimos no capitulo antecedente a Camera lhe enviara, e olhando para sua dignidade sem temer as consequencias ulteriores, protesta não confirmar semelhante auto pois que por elle se usurpava a jurisdicção real; mas espalhando-se pela Cidade as palavras do Governador, o povo com o mesmo calor e atrevimento do dia antecedente, correu a sua casa, e o teriam feito pedaços, se lhe não fôra apresentado hum papel, onde com mal segura mão Agostinho Barbalho escrevêra estas palavras.

— « Confirmo as nomeações de capitães de ordenanças, e mais reformação de infantaria, sem embargo do que eu tinha feito na fórma que S. Magestade me tinha ordenado, e a que se me offerece: comfirmo, com o protesto de me não prejudicar, por que o faço violentado, e por entender ser mais serviço de sua Magestade, do que pagarem os mais. Rio de Janeiro 3 de Fevereiro de 1661. Agostinho Barbalho Bezerra. » Esta violencia abalou-o tão fortemente, que por tres dias teve mui contingente a vida; na tarde do dia 7 huma mulher cuidadosamente embrulhada em seu manteo, requereu fallar-lhe, mas os Praticos, que lhe assistiam noite e dia quizeram impedir-lh'o; então a mulher, sem mostrar o rosto, escreveo n'hum pedaço de papel algumas palavras, e dobrando-o entregou-o a hum dos Mestres para que debaixo de juramento o entregasse ao Governador, sem o lêr, e logo. Hum instante depois todos sahiram da camera do doente, e a mulher teve audiencia.

A doença, e ainda mais os trabalhos por que

passára desde o começo da revolução tinham desfigurado por tal forma Agostinho Barbalho Bezerra, que a recemchegada ao vêl-o não póde reter sua admiração, e sentimento:

— He compaixão, ou horror, que vos causo, senhora? disse elle com vóz triste e desfallecida; a desgraça como que se empenhou contra nós ambos!

— Sim, sim! porem vós em pouco ficareis tranquillo; eu..... hum futuro horroroso me aguarda..... Já tendes noticia do bando, que o general Salvador Corrêa fez publicar nas villas de S. Paulo?

— De nada sei!

— Pois aqui vos trago huma copia.

E a mulher tirou do seio hum papel, que depôz nas mãos do Governador.

— Perdoados! exclamou elle em meio da leitura; homem generoso e humano..... a mão do Senhor está sobre nós, que tantos crimes começados e concluidos sem sangue.....

— Vossa bondade vos allucina, disse a mulher tristemente; começaram, progrediram, mas não acabarão sem sangue.

— Que dizeis?! pois não vêdes o perdão assignado pelo general?! temeis acaso que elle falte ao promettido?

— Não; porem, se recusarem o que se lhes promette?

— E quem será tão insensato!?

— Jeronimo.....

— Desgraçado!

— Salvai-o, salvai-m'o!! Que a vóz do sangue se levante, já que a minha, ó meu Deos..... já que o pranto de sua mulher e de sua filha nada póde! de rastos a seus pés o rogo desde hontem, e não quer ouvir-me.... vêde-me agora de joelhos diante de vós, ouvi-me em nome de vossa mulher e de vossos filhos!.....

— Não vos ouvirá, por certo, como quereis! disse Jeronimo Barbalho, que encostado no humbral da porta da camera ouvia as supplicas de sua mulher.

— Jeronimo, disse o Governador tu és a vergonha de nossa familia! fostes máo filho, és máo esposo e pai, vassallo rebelde.....

— Porem, não traidor, não traidor!.... Em que sou eu a vergonha de nossa familia? nobre sou, mas inimigo de tyranos e soberbos nobres! e se he preciso quebrar o brasão de filho-d'algo para conservar meus sentimentos, quebro-o!!

— Louco homem.....

— Seja; acaso temos nós obrigação de pensar uniforme? não será livre o homem siquer pelo pensamento!?

— Mas pensar e obrar sao coisas differentes; pensa como te aprouver porem cala-te: não condemnes nos outros aquillo em que te louvas.

— E fui eu que forçou o povo a sacudir o jugo tyranico, que lhe pesava?

— Foste!

— Pois fui, então?

— E's hum amotinador, hum rebelde!

— Sou, e então?

— O cadafalso e a infamia te espera; a maldição de teus filhos e as lagrimas desta desgraçada te pesarão alem da morte, e a posteridade renegará teu nome!!

— Embora.

— Miseravel, miseravel!!

— Agostinho Barbalho, eu não venho aqui como reo para ouvir sentenças; não venho como filho ouvir paternaes conselhos, vinha trazer-te a copia do bando, que já leste; dize-me, que decides?

— Recebo a authoridade de Governador interino pela nomeação do nosso general Salvador Corrêa de Sá e Benavides, e intimo-te que sob pena maior te recolhas em casa e d'ella não sahirás antes de tres dias.

— Como és fragoso; pois não te pesará com a doença a authoridade do cargo? queres sempre continuar com o peso do governo que te deu o povo?....

— Não; porem começarei a governar pela nomeação.....

— Não tambem, meu amigo! o povo he que manda nesta Cidade do Rio de Janeiro, e não Benavides; queres governar pela vóz do povo?

— Não!

— Pois amanhãa serás deposto.

— Jeronimo! bradou o Governador levantando-se na cama.

— Não sou eu quem o manda, he o povo.

— Espera, ouve-me! repara no abysmo que se abre debaixo de teus pés, desgraçado! E vai-se sem ouvir-me.....

. . . . . , ...

A's dez para onze horas da noite desse dia, dois homens embrulhados em compridos mantos

repassados d'água por que chovia a cantaros atravessavam o pequeno largo em frente da igreja de S. José, sumindo-se velozmente pela viella, que ficava ao lado esquerdo da mesma igreja; iam tão preoccupados e com tanta pressa, que não procuravam caminho, fazendo saltar ás paredes a lama e agua das pôças, de que seus pés não se arredavam, até que pararam quasi no fim defronte de huma pequena casa enfurnaçada, cuja porta se abrio sem ruido ao leve encontro que lhe dera o que ia diante:

— Mestre Abraham, quantos somos? disse para dentro o que caminhava atraz, segurando o manto do companheiro.

— A casa do mestre he segura, meu irmão, disse o primeiro, deixando cahir o pé alem da soleira, e voltando-se; entremos, que estou cahindo de faminto e cançado, e bem trabalhoso será o dia de amanhãa..... Olhai, ali o tendes a dormir como hum porco, por isso nos não fallou elle..... ó mestre do diabo, assim guardas tua casa? continuou elle dando forte empurrão n'hum velho q e dormia debruçado sobre huma mesa.

— Então que he lá isso! disse o velho levantando-se estremunhado; não faço barbas de noite; ide ahi a diante.....

— Judeo, quem te fallia em barbas? vai buscar vinho e pão, e guarda o teu sabão e a tua agua.

O velho levantou-se, e ficou por hum pouco olhando para os dois hospedes; depois ia tornar a sentar-se, quando huma vóz de mulher o chamou lá do interior da casa.

— Lá vou, Ruth; mas que quereis vós? disse para os dois, como se então tivera acordado.

— Alguma coisa para comer, judeo de mil demonios!

— Fausto, como tu fallas a este homem! não sei que tenho hoje que tudo me faz medo....

— Ah! tu foste sempre assim, meu irmão; depois, a corrida, que nos deram esta noite da qual tu sahiste arranhado, e o que temos para fazer amanhã, tudo isso te poem a cabeça azoinada, és hum pobre rapaz.

— E não viste como o mestre nos olheu d'acolá da porta, quando se foi?

— Ora deixa-o olhar como quizer; tenho aqui minha espada, e ninguem quererá experimentar-lhe o fio; demais, que poderia fazer esse cão velho?

— Ladrar, Fausto, ladrar!

— E's hum pobre rapaz já t'o disse; o judeo, Mestre Abraham fallar? quem lhe dá de comer, desde aquella alhada do Prelado? a bacia pendurada na porta, aquellas navalhas, o sabão e a toalha he huma impostura; o judeo ha de ouvir e calar-se por que nem só com os ricos e poderosos se occupa o Santo Officio nesta terra; hum judeo pobre serve de principal figura em hum auto de Fé, onde se queimam christãos ricos, entendes? Mestre Abraham e sua filha Ruth não quererão tornar a ver Lisboa.

Alonso levantou-se, e foi á porta do fundo observar se alguem os escutava:

— E se elle andar mais ligeiro? disse tornando para junto do irmão.

— A'manhã teremos huma romaria de urubús para fóra da Cidade; e os familiares não serão os ultimos: hoje tenho por mim esta espada....

— Que de pouco te valerá! disse huma vóz rouca; e n'hum abrir e fechar d'olhos abre-se a porta da rua e a pequena loja enche-se de homens armados.

— Agora o veremos! Fausto de Estevaes não se deixa prender com huma espada na mão.

— E travou-se desesperada luta entre os soldados e os dois irmãos, que de costas hum para o outro se deffendiam com valentia; hum bote de lança, que Fausto não pudera desviar, alcançando-o pelo ante-braço, embaraçou-lhe a espada, e assim descoberto, recebeo tão forte pancada na cabeça, que foi a terra sem movimento.

— Acabo-o? disse hum soldado encostando-lhe a ponta da espada sobre o peito.

— Só temos ordem para prendel-o, respondeu hum homem mascarado, que sahira lá do interior da casa; amarrai-os ambos, (por que Alonso tinha sido desarmado tambem) amarrai-os fortemente, e na cadêa esperem o dia de àmanhã, que tanto desejavam!

E os soldados iam sahir levando-os, quando appareceo na porta do fundo Mestre Abraham:

— Não quereis que lhes pense as feridas senhor cavalleiro?

— Na prisão o fareis, mestre; ide com elles, e voltai logo que vos aguardo aqui.

E depois que sahiram, fechou a porta, desprendeo a mascara, e sentou-se:

A luz amortecida de huma candêa apenas deixava destinguir a forma dos objectos, e o vento penetrando atravez das frestas da porta, punha-a em continuo risco de apagar-se; o cavalleiro levantou-se talvez com tenção de ir resguardal-a, porem perlongado e agudo assobio, a que do in-

terior da casa responderam logo, reteve-o em seu assento; hum instante depois ouvio-se leve ruido de passos no corredor, huma mulher atravessou a loja e abrio a porta:

— Quantos somos, mestre Abraham?

— Quantos vindes, respondeo a mulher.

— Quem és tu? replicaram de fóra.

— Ruth.

— E teu pai onde está?

— Dorme.

— Emquanto que nos enregelamos nós outros aqui! assim he que he o fazer; ora vai acordal-o, e traze-nos huma luz, que temos receio de tropeçar por ahi nas navalhas do mestre.

A mulher atravessou novamente a loja, e o cavalleiro pondo a mascara seguio-a ás apalpadelas.

— Quem me segue? disse Ruth, parando em meio do corredor.

— Callai-vos! sou eu, o cavalleiro da mascara.

— Viestes com elles, senhor?!

— Não, estava na loja.

— E meu Pai?

— Foi com os presos.

— Com os presos!

— Sim, fallai mais baixo, e ouvi-me: he preciso prevenir meus soldados; subi ao muro do adro, dentro do qual estão elles, e dizei-lhes que cerquem a rua por hum e outro lado; trazei algens com vosco aqui por dentro: ide breve, que vos fico esperando!

— Sim.... eu vou.... senhor cavalleiro; disse a judia com vóz abafada; eu vou, acrescentou ella já longe, vou desfazer quanto fazes, miseravel! como me pagarias tu a traição de entregar em tuas mãos esses homens? como pagaste a meu pai..... no carcere!!

— E, com passo largo, Ruth ganhou a estrema de hum largo e lodocento pateo, que ficava no fundo da casa de Mestre Abraham; subio ao muro, e debruçando-se para dentro do adro da antiga igreja de S. José, fingindo hum temeroso recêo, bradou pelo mestre do terço, e assim lhe disse:

— O cavalleiro da mascara, vos manda dizer por mim, que vos vades todos no maior silencio para o fim da Varzea; e tereis conta em não deixar que se aproxime de vós outros pessoa algema, nem tão pouco consentireis que atravessem o largo.....

E depois a judia abaixou-se esperando que os soldados despejassem o adro, e apenas o fizeram, saltou dentro, correo á porta e dando volta pelo largo veio metter-se entre os homens, que da parte de fóra da casa praguejavam Mestre Abraham, por que tão cedo se deitára.

— Má cama tem elle hoje! disse em meia vóz a judia apertando violentamente o braço do ferreiro Braz Safim seu visinho; má cama, tio Braz, por ser dura e fria como pedra que he; nas lages da cadêa dorme elle senhores! disse Ruth voltando-se para huns e outros, observando o effeito de suas palavras.

— Nas lages da cadèa! disse o ferreiro abaixando sua cabeça até o rosto da judia para certificar-se de que era a filha do barbeiro, a moça Ruth.

— Fallai mais baixo, tio Braz, que ahi está dentro quem me mandou buscar seus soldados para prender-vos, e quem.....

— A elle! gritaram os de fóra; he hum dos inimigos do povo, quer seja dos da facção do traidor Agostinho Barbalho, quer seja dos Sás!

E entraram pela porta, levando adiante das espadas e chuças quanto encontravam, a tempo que a judia levando comsigo Braz Safim, e outros escalava o muro do pateo, onde prenderam o cavalleiro da mascara, que ouvindo os gritos de fóra da porta, fugira em direcção ao adro.

— Tira lá essa mascara, disse o ferreiro insolente, brandindo a espada junto da cara do cavalleiro, tira-a para vermos quem he que nos quer privar do direito que nos assiste de tirar o mando a hum traidor e cobarde, que o povo elegeo para o guardar e livrar das tyranias dos Sás!

— E não será este dos protegidos dessa odiosa familia?! grita hum dos da turba, arrancando violentamente a mascara, e chegando-lhe do rosto huma candêa que a judia trouxera.

O exame do rosto do cavalleiro encheo-os de confusão; olhavam huns para os outros entreditos, e maior foi ainda seu espanto, quando Mestre Abraham, chegou entre elles, Mestre Abraham, que não esperava encontral-os soltos dentro de sua casa, depois dos ajustes que havia feito com o cavalleiro; não saberei eu dizer a Vs. Ms. qual de entre todos era o menos admirado, começando por a judia, que julgava o pai a bom recado nas enxouvias da cadêa, e findando por Mestre Abraham, que tendo culpas em cartorio juntava o medo á confusão, o terror ao espanto.

— Senhora, quereis perdoar-nos tão grande

desacato?! disse o ferreiro para o individuo desmascarado; quem poderia pensar que vos encontraria aqui!! He verdade que em vesperas de tão trabalhoso dia como será o de ámanhã muito ha de ter o chefe que fazer, e talvez que vos encarregasse de nos trazerdes seus mandados, como pessoa que tão junta lhe sois.... e nós outros, gente rude mal podemos comprehender os pensamentos de vosso marido..... depois esta rapariga, a quem vós talvez não quizestes descobrir onde se fôra o Mestre, assustada com a ausencia do pai, que julgava preso, foi a causa de nossos desatinos.....

— Desatinos! disse a mulher de Jeronimo Barbalho, o cavalleiro da mascara; desatinos chamais vós ao nobre desejo, e justa indignação que deve causar-nos a traição e a tyrania!? se fôra hum traidor, ou hum tyrano quem se occultára debaixo dessa mascara que me cobrio o rosto, deixal-o-hieis vós sem arrancar-lh'a, e exterminal-o?! O que vós chamais desacato era necessario para bem do Povo e sua segurança; o que dizeis vossos desatinos era vosso dever, e mal farieis se assim não fizesseis.....

— Ora ahi está como são as coisas! disse Mestre Abraham transido de pasmo; eu que julgava que ieis com.....

— Silencio, Mestre! disse com promptidão a mulher do caudilho, que viu por hum instante descoberta sua fingida sympathia pela causa dos rebeldes; sim, fizeste o vosso dever, e se vos deixardes levar por attenções, nossos inimigos arteiros e prevenidos frustrarão nossos desenhos.

— Deixai-os comnosco amanhãa, que lhes mostraremos a huns e outros como se paga a traidores, e qual he a sorte dos tyranos!!

— E sabeis vós, que donde menos receavamos, d'ahi nos vem maior perigo?! Jeronimo Barbalho, o amigo do Povo, e seu deffensor, vos manda dizer que da outra banda d'alem, na Ponta do Bravo, onde começou tão ditosamente a liberdade do Povo desta Cidade e seu termo, lá mesmo foram os traidores com promessas e dadivas corromper aquelles que em principio se ligaram a nós, e nos ajudaram!!

— Quem pensaria tal! disseram os levantados cheios de indignação.

— Quem pensaria tal! disse tambem Mestre Abraham, porem diverso era o sentido de suas palavras.

— Ora, o que julgaes vós que será preciso fazer? disse tremendo a mulher de Jeronimo Barbalho.

— Correr a castigal-os, e já porque.....

— Que vais tu dizer, mestre João d'Almendral?! interrompeo Braz Safim; não sabes tu que o chefe tem bòa cabeça?..... dizei-nos vós senhora, o que elle nos manda que façamos.

— Que vades alá, e breve! disse a mulher do caudilho respirando largamente como se tivesse até ahi compressos os pulmões; ide embarcar na Varzea, que lá achareis tudo prompto.

E os levantados sahiram todos, e só ficou Mestre Abraham repetindo sem cessar suas exclamações — *eis ahi como são as coisas! quem pensaria tal!* Ruth acompanhou a mulher de Jeronimo Barbalho, que a chamára, e depois de conversarem na loja, cujos môchos, espelhos, bacias, toalhas, tudo estava pelo chão despedaçado, foi a moça ter com o pai, em quanto o cavalleiro da mascara a largos passos fazia por ganhar o largo do Paço, que chamamos hoje e nesse tempo a Varzea..

Como fica dito, muito antes que a mulher de Jeronimo Barbalho deixasse a casa de Mestre Abraham, tinham-na deixado os levantados, indo, como lhes ordenára esta embarcar-se no caes da Varzea para a outra banda, estratagema, que julgára destruido a inventora logo que a moça Ruth a instruira do caminho que fizera tomar aos soldados, e das ordens apertadas que lhes dera; a idéa de que sua lembrança poderia fazer com que, encontrando-se os rebeldes com os soldados, se batessem, magoava-a por tal sorte, que desatinada corria talvez para hum grande perigo: porem não são lembranças de homem que mudam vontades de Deos, e a revolução dos habitantes da Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro contra seu legitimo governador não devia findar no outro dia, como tinham premeditado Agostinho Barbalho Bezerra, e a mulher do caudilho. A noite de 7 de Fevereiro de 1661 não podia ser a ultima, porque os acontecimentos do dia 8 eram mais huma pagina de horrores para a historia das quatorze revoluções, motins, assuadas, ou arruidos, que tantos até essa época se contavam!

Não he grande a estenção de terreno, que medea entre o largo de S. José e o do Paço, que como ja o disse a Vs. Ms. nesse tempo se chamava a Varzea, todavia o cavalleiro da mascara, indo a bom correr, não pudera topar em caminho os amotinados, nem tão pouco enxergára os soldados que ella suppunha encontrar por defronte do Hospicio segundo as informações da judia; he porque para muitos a Varzea era toda

a estenção comprehendida entre o morro de S. Bento e o de S. Januario, estendendo-se pouco para o poente por causa dos brejaes; e os arcabuzeiros de Agostinho Barbalho ás ordens do cavalleiro da mascara por desgraça ou felicidade haviam ido lá para bem longe, deixando a praia em frente do Hospicio livre para o bem concebido plano da corajosa mulher de Jeronimo Barbalho Bezerra, que sem saber para onde guiasse as passadas, se encostára a huma cruz de pedra, levantada em frente da porta da Igreja: bom pedaço assim esteve, até que hum ruido de vozes e passadas do lado da praia lhe chamou para lá a attenção.

— Se a desgraça minha permittio que fosse descoberto o engano antes de amanhã, disse entre-si a mulher do caudilho estremecendo, se *elles* voltam que será de minha pobre filha!! O' maldita seja a ambição, que *te* arrastou ao abysmo, *infeliz homem*..... Já me faltam as forças e a coragem, que desde hontem me anima para fazer o que não cabe em forças de huma mulher....

— Porem eu vos ajudarei, senhora, para reparar de alguma forma o mal que vos hia fazendo; meu pai, como vós ordenastes, foi a casa do Governador, e eu se levei tanto tempo em vir ter comvosco, he porque não haviam razões que vencessem sua obstinação pois quer por força que sejaes dos rebeldes.....

— Que creio ali vem, Ruth; vai, certifica-te e volta breve.....

Mas, ouve..... se fossem elles..... vai, vai! e volta breve.

(Continua.)

FASTOS BRASILEIROS.

Francisco de Padilha.

Portugal sob o dominio de Castella, soffreo quanto era possivel soffrer-se: affrontas e miseria para seus filhos; deslustre para sua passada gloria; a perda de mui bellas flores da coroa imperial; em summa, o jugo de estranhos inimigos, a quem convinha muito a destruição desse Reino para seu engrandecimento, tudo soffreu até que acordado o leão, sem temer o perigoso conde-duque de Olivares, os guerreiros exercitos da Flandres e os veteranos do duque d'Alva, rompeo pelas mãos de hum conde de Vimioso, de hum illustre marquez de Ferreira o vergonhoso grilhão, com que desnaturados portuguezes haviam ajudado a enlaçar-lhe o collo sempre altivo! Quem foi tão miseravel que pretendeo deffender o castelhano apregoando vantagens, que da intrusão recebeo Portugal?! Como que não soubesse o mundo inteiro que só desgraças, perdas e infamia coube á patria dos Gamas, Cabraes e Albuquerques em 60 annos de usurpação!..... Como que não soubessem todos que as guerras de Hespanha foram feitas com o dinheiro e sangue portuguez, e que Portugal, por insidiosa politica soffria os revezes na Europa, na Africa, Asia e America, deixando em mãos de Hollandezes o melhor de suas conquistas!..... Porem não hiam assim para mãos de amigos, ou inimigos de traidores o que tinha custado tanto suor e sangue, não hia! porque, em qualquer parte era das mãos de portuguezes, que se arrancava a herança de seus antepassados, que se lhes haviam herdado riquezas, tambem espadas e coragem lhes haviam deixado por herança! a Bahia e Pernambuco mostráram aos inimigos o corte do ferro em punho portuguez. Francisco de Padilha, illustre por descendencia e feitos, depois de horas de peleja em huma acção calorosa, deo morte ao general João Dorth, degolando-o á vista dos que corriam a levantal-o do chão onde o lançára seu cavallo na vergonhosa carreira que adiante do heroe levava.

Pesa-nos aquella tantas vezes repetida ingratidão de portuguezes para com seus illustres, porque mais detalhadamente daremos a ler nas paginas do *Ostensor* as acções heroicas de nossos maiores em defeza da Patria; porem mesquinhas noticias nos chegam, essas mesmas consignamos.

ERRATAS.

Pagina 35, primeira columna, onde se lê — *sui every maw*, — lêa-se — *suit every man*. —

Pag. 58 linhas 29 — lê-se — cegamente se adoptam: — lêa-se — cegamente se adoptam, ninguem pode admittil-as.

Pagina 64, columna 2.ª, linhas 34, em vez de — Leifsleadir — lêa-se — Leifsbudir.



FORTALEZA DE VILLEGAGNON.

Rio de Janeiro.

A FORTALEZA DE VILLEGAGNON.

Damos hoje a nossos leitores em estampa o lugar, onde pela primeira vez nesta formosa bahia de Nicterohy fizeram soar echo de morte os bronzes europêos; o primeiro lugar de pelejas victorias e triumphos das armas dos conquistadores da terra da Vera Cruz, pelejas victorias e triumphos não com os possuidores naturaes do sólo, mas com hereges inimigos; a ilha sobre que Nicolao Durand de Villegagnon pelos annos de 1557 assentou a primeira fortaleza, que dominou as aguas onde livremente salseavam as canôas tamoyas. A mão poderosa do Tempo e a do homem enterrou e fez desapparecer os aceiros e eminencias, que presenciaram e testemunharam os heroicos feitos dos companheiros d'armas e da gloria do illustre Mem de Sá; a mão do Tempo enterrou huns e fez desapparecer outros por que esse he seu mister; a do homem por que em sua soberba, saber, ou necessidades o julgou conveniente e preciso: assim ao termos as chronicas do tempo, essas fragosidades, que tanto engrandece o Padre Joseph da Matta em sua carta aos Irmãos de S. Vicente, admiram-nos, e mesmo tornam-nos hum pouco incredulos para com as narrações de nossos passados; todavia, a historia nos dá razão disto, por que vê-se por ella ter havido em tempos de Gomes Freire tenção de arrazar o monte, que pelo lado da terra encobria as fortificações, começando-se a dar cumprimento ao Aviso de 22 de Novembro de 1761, que mandava arrazar o dito monte fazendo correr a Bateria em circulo, no Vice-Reinado do Conde da Cunha; quanto ás fortificações feitas por Villegagnon, he de crêr, que o tempo as houvesse destruido, pois que no tempo do Vice-Rei Marquez estavam reduzidas a mui pequena coisa, como se colhe das Memorias historicas de Pizarro a pag. 192 do 5.º vol.

« Continuando a demolir o serro da Fortaleza de Villegagnon, diz elle, fallando das obras, que se fizeram em tempos do Marquez de Lavradio, continuando a demolir o serro, que encobria a maior parte das praias dessa Ilha para a banda da Cidade, estendeo o terreno ás extremidades: e não havendo ali mais obras, que hum pequeno reducto, dentro do qual apenas se conservava hum curto espaço para quatro barriz de polvora, telheiros para Quarteis, Almazens, Corpos de guarda, Depositos de polvora, abrio-lhe huma Cisterna, e fez levantar outras obras, segurando a Ilha por hum fosso, que a separa da Fortaleza. » O tempo havia destruido aquellas fortificações, que milagrosamente pudera entrar Mem de Sá e seus companheiros, facto relatado por fidedignos, e por que a muitos fará gosto lêr a narração deste acontecimento, aqui daremos a que a seu soberano fez o proprio general da espedição, comprovando-a com a de hum contemporaneo seu, para que não fique duvida no espirito incredulo da época.

« Senhor. — A armada que V. A. mandou para o Rio de Janeiro chegou á Bahia o derradeiro dia de Novembro; tanto que o Capitão Mór Partholomeu de Vasconcellos me deu as Cartas de V. A., pratiquei com elle, com os mais Capitães e gente da terra, o que se faria, que fosse mais serviço de V. A.; a todos pareceo que o melhor era hir commetter a Fortaleza, por que o andar pela costa era gastar o tempo e monção em cousa muito incerta.

Eu me fiz logo prestes o melhor que pude, que foi o peor que hum Governador podia hir, e parti a 16 de Janeiro da Bahia e cheguei ao Rio de Janeiro a 21 de Fevereiro e em chegando soube que estava huma Não pelo Rio dentro do proprio Monseur De Villegagnon, que lhe mandei tomar pela Galè Ezaura que V. A. cá tem. Quando o Capitão Mór e os mais da Armada virão a Fortaleza, a sua fortaleza, a aspereza do sitio, a muita artilheria e gente que tinha, a todos pareceo que todo o trabalho era de balde, e como prudentes arreceavão de cometter cousa tão forte com tão pouca gente; requererão-me que lhes escrevesse primeiro huma carta, e os amoestasse que deixassem a terra pois era de V. A.; eu lhes escrevi, e me responderam soberbamente.

Prouve a Nosso Senhor, que nos determinamos de a combater, e a combatemos por mar, e por todas as partes em huma sexta feira, 15 de Março, e naquelle dia entramos a Ilha honde a Fortaleza estava posta, e todo aquelle dia e o outro, pellejamos sem descançar de dia e de noite, até que N. S. foi servido de a entrar-mos com muita victoria e morte dos contrarios, e dos nossos poucos; e se esta victoria me não tocara tanto, podera afirmar a V. A., que ha muitos annos senão fez outra tal entre christãos.

Porque posto que vi muito e li menos, a mim me parece, que senão vio outra Fortaleza tão forte no mundo. Havia nella setenta e quatro Francezes ao tempo que cheguei, e alguns escravos; depois entrarão mais de quarenta dos da Não e outros que andavão em terra, e havia muito mais de mil homens dos do gentio da terra, tudo gente escolhida, e tão bons espin-

gardeiros como os Francezes; e nós seriamos cento e vinte homens Portuguezes, e cento e quarenta dos do gentio, os mais desarmados e com pouca vontade de pelejar; a Armada trazia dezoito soldados moços, que nunca virão pelejar.

A obra foi de N. S. que não quiz que se nesta terra prantasse gente de tão máos zelos e pensamentos, erão Luteros e Calvinos; o seu exercicio era fazer guera aos Christãos, e dados a comer ao gentio, como tinhão feito poucos tempos havia em S. Vicente. O Monseur De Villegagnon havia oito ou nove mezes se partira para França com detreminação de trazer gente e Náos para ir esperar as de V. A. que vem da India, e destruir ou tomar todas estas capitanias e fazer-se hum grande Senhor.

Pelo que parece muito serviço de V. A. mandar povoar este Rio de Janeiro para segurança de todo o Brasil, destoutros máos pensamentos, porque se os Francezes o tornão a povoar, hey medo que seja verdade o que o Villegagnon dizia que todo o poder Despanha nem do Cram Turco o poderá tomar.

Elle leva muito defrente ordem cogentio, do que nós levamos, he liberal em extremo com elles e faz-lhes muita justiça, e força os Francezes por culpas sem processos; com isto he muito timido dos seus e amado do gentio, manda-os ensinar a todo o genero de officios e darmas, ajuda-os nas suas guerras, o gentio he muito e dos mais valentes da costa, em pouco tempo se pode fazer muito forte.

Por outra via escrevi a V. A. do estado da terra e do que foi no Peroaçu, o que posso agora a V. A. he que me mande hir, porque são já velho e sey que não são pera esta terra. Devo muito porque guerras não se querem com mizeria, e perder-me-hey se mais ca estiver. N. S. a vida e o estado real de V. A. acrecente. De S. Vicente a 16 do mez de Junho de 1560. — *Mendo de Sá.* »

Será agora o venerando José de Anchieta quem comprove e ratifique a participação official de Mem de Sá.

« Era a Fortaleza mui forte, assim pela natureza do sitio do lugar, toda cercada de penhas, que se não podia entrar senão por huma subida estreita e alta por rochas, como pela muita artilheria, armas, alimentos, e grande multidão de barbaros que tinha, de maneira que pelo juizo de todos era inexpugnavel. Acometerão com tudo isto por mar e por terra, confiados no Poder Divino e no seu proprio: defendião-se os Francezes com os inimigos, travando-se grande e cruel peleja: de ambas as partes morrêrão muitos, e os mais delles dos nossos, e veio a tanto, que já se tinha perdida a esperança da victoria, e que se tomára conselho como se poderião embarcar, assim pelos tiros que se davam em terra, como pelos perigos, que de certo não se poderia fazer sem morrerem muitos; mas tendo os nossos commettido cousa tão ardua, e ao parecer de quasi todos temeraria, pela justiça, forão ajudados do Senhor dos exercitos, e quando já nos navios não havia polvora, e os que pelejavão em terra estavão desfallecidos pelo muito trabalho, fugirão os Francezes, desamparárão a torre, recolhendo-se ás Povoações dos barbaros em canôas, de maneiras que he de crer que muitos fugirão com espanto que lhes poz o Senhor contra as forças humanas. (*) Tomou-se pois a Fortaleza, em que se achou grande copia de cousas da guerra e mantimentos, mas cruz alguma, imagem de Santo, ou sinal algum de catholica doutrina se não achou, mas grande multidão de livros hereticos, entre os quaes (se por ventura isto he signal de sua recta Fé) se achou hum Missal com as imagens ruidas. Soccorra o Senhor as suas ovelhas. »

Eil-a ahi essa Fortaleza! e o estrangeiro, que entra a barra, ouvindo seu canhão dizer-lhe com permittida arrogancia: — *Pára!* — percorre com os olhos suas baterias guarnecidas de peças, sua bandeira auri-verde, e..... e quem lhe disse que foi ahi que começou a conquista do terreno, onde poucos annos depois devia edificar-se a capital de hum imperio? *Villegagnon*, ella ahi está com seu nome francez para gloria d'aquelles que á força d'armas a conquistaram! que nunca lhe seja mudado, por que he hum meio de perpetuar-se de alguma forma esse primeiro feito de nossos maiores dentro das aguas desta bahia.

Possue a Bibliotheca publica desta Côrte boa copia de manuscriptos, muitos dos quaes eram do Infantado, outros pertenceram ao conselheiro José Bonifacio de Andrada; porem, alguns estam em tal estado que mal podem ser lidos por estragados pela traça; assim poucos annos mais, e a Bibliotheca ficará reduzida a bem pouco, por que as mesmas obras impressas, soffrem bastante

(*) *Achamos escripto, que no tempo em que mais fervia o pelejar, e mais apertados estavam os nossos, rebentara subitamente o deposito da polvora aos inimigos, dando espantosos gritos huma velha india, que veneravam como feiticeira, incitando-os a fugir e deixar a fortoleza,*

continuamente, ou pelo lugar pouco proprio, em que está collocado este estabellecimento, ou por falta de empregados. Entre aquelles manuscriptos que a Bibliotheca perderá em pouco hum existe curioso de que faremos alguns estratos, que os leitores do *Ostensor* apreciarão por certo; desconhecemos o nome do Autor de tal obra, porem temos esperanças, e quasi certeza de sabel-o, por huma outra obra sua dedicada a Dom Pedro de Lancastre elleito Arcebispo de Evora, e que se intitula *Serões do Principe*; esta de que fazemos extratos tem por titulo *O Curioso Cortezão* e he dedicada a Dom José de Lancastre Conde de Figueiró.

AMOR QUE COUSA SEJA: COMO HE RAZÃO, VIRTUDE E ARTE, POR SE ESTENDER A TRES FINS E TER CINCO QUALIDADES, E COMO O AMOR SE DISTINGUE DO DESEJO.

Amor he hum não sei que, que vem não sei por onde, mandam não sei quem; engendra-se não sei como; contenta-se com não sei que; sente-se não sei quando; mata não sei porque; e finalmente o atrevido amor sem romper as carnes de fóra nos desangra as entranhas de dentro. Outros dizem, que o amor he hum escondido fogo, huma agradavel chaga, hum saboroso rosalgar, huma doce amargura, huma deleitavel enfermidade, hum alegre tormento e huma branda morte. Sendo o amor hum metal tão delicado, hum cancer tão occulto, que se não poem no rosto onde se veja, nem no pulso onde se sinta; mas no coração, onde ainda que se possa sentir não se ousa descobrir. Com quem o comico veio a dizer ser o amor hum espirito invesivel, que entrando por onde quer, e abrasando o peito sem côr, sem setta, nem arco, póde o impessivel em hum peito humano, recebe-se no conceito, e no coraçao se aposenta; donde assentamos que o amor he invisivel, pois não entra pelos olhos por não ser cousa corada, nem pelas orelhas por se não misturar com o ár, não pela boca por se não comer nem beber, e menos pelo tocamento, por não ser palpavel; mas entra pela vontade: que como he natural do homem desejar seu bem, tendo o do amor pelo maior, abre a porta da vontade, por onde entra a se aposentar no coração, e posto alli fica mui difficil de sahir, pelo que se segue ser o amor hum desejo irracional, que facilmente se emprega, e com grande difficuldade se perde. Outros ha que dizem ser o amor huma alma commum das potencias, e hum segredo entre ellas conhecido, de cuja alma nascem as tres essencias da vontade, memoria e entendimento; que como o sentido da vista manda á fantasia a perfeição do bem que vê, (como se dirá em outro lugar) e n'ella he julgada do entendimento, sendo bôa, a manda á vontade, que a poem em memoria, e por este modo fica amor dominando as tres potencias da alma, com que amor fica sendo huma affeição e força de amisade causada da formosura.

Principe. — E em que achaes vos ser o amor razão, virtude e arte?

Celio. — O amor se diz razão por ser a mesma verdade, sendo causa onde mais os engenhos desconvêm, por ser a verdade a raia onde o entendimento pára e se aquiéta, e isto he o mesmo que ser razão; e como o amor guarda todas estas leis da honestidade, querendo mais a honra e bem de quem ama, que seu gosto e interesse proprio, segue-se ficar sendo virtude: não se podendo contar por verdadeiro amante, aquelle que se não contenta, como que licitamente e sem detrimento de sua honra lhe póde dar a cousa amada. Pelo que Horacio se contentava, e se contava por mais rico e bem afortunado, o dia que merecia vêr só a Lydia em seos braços; e fica sendo arte amor, quando com elle se alcançam impossiveis, e se facilitam difficuldades, como cada dia vemos em amores, havendo muitas pessoas que se valem da arte de amor para acabarem grandes empresas.

Principe. — O philosopho reparte o amor em tres generos ou á tres fins; mas estes folgava eu de saber.

Ayo. — Não acho eu outro mais se não sabermos, que amor se estende a tres fins, que são, bom, util e deleitoso.

Principe. — E quando se entende cada hum d'esses fins, he o que espero ouvír?

Celio. — Quando huma pessoa ama a outra por bella, por ser avisada, por ser perfeita, ou ter alguma louvavel parte sem mais interesse, que folgar de vêr, conversar, ou ouvir fallar, aquella creatura perfeita e dotada de dons da naturesa, então se entende o amor bom. O util, he dos verdadeiros amigos, que tratão só de approveitar a outrem, e tem por objecto mais, o proveito de quem amam que seu interssse proprio. E o deleitavel, he aquelle cujo fim não he outro mais que o gosto e deleite proprio, tratando de si só, a cujo amor chamam todos brutal, verde e de mancebos: sendo primeiro natural, e o segundo virtude.

Principe. — E quantas achaes vós serem as qualidades do amor?

Celio. — Suas qualidades são cinco, a saber: sensual, humano, natural, aquezito e infuso. Ao

sensual chamamos bruto, por se amar a pessoa afim do appetite. Humano se diz o amor que he licito, por andar acompanhado das virtudes moraes, e participar do verdadeiro conhecimento das cousas, que nos apraz: pelo qual vimos a conhecer o Divino. Natural se diz aquella inclinação, que as creaturas tem á sua conservação e utilidade. Aquizito dizemos ser o que se alcança pela conversação e continuação d'huns com outros. O infuso, ou Divino consta de caridade o qual se augmenta com actos de virtude.

Principe. — Dizendo muitos, que o amor bom está na vontade, e o máo no desejo, parece seguir-se que amor e desejo, vem a ser huma mesma cousa?

Ayo. — Não direi eu isso, porque amor distingue-se do desejo, em que tendo o desejo por objecto e balisa, o bem ausente, o amor o tem ausente e presente: o desejo se infria com a possessão e gôso do bem, e o amor se augmenta e cresce possuindo, porque se ausente arde, presente abrasa e queima: com que se segue ser o amor mais nobre que o desejo, e pelo mesmo não ter similhança hum com o outro.

Celio. — Amor ainda que he pai do desejo, nem por isso todo o desejo he amor, por serem affectos differentes; sendo que nem tudo que se deseja se ama, nem tudo o que se ama se deseja, por mais que haja quem diga, que amor he desejo; mas como he Camaleão que se transforma em figuras differentes, e especies várias, fica só sendo desejo em quanto appetece as cousas que se não possuem. Donde se diz, que sendo o amor aquella primeira mutação que sentimos fazer-se em nossa mente, pelo appetite que nos move, e leva em poz si, deleitando-nos, cujo prazer géra movimento em o animo: querem alguns que o tal movimento se diga desejo, e que o amor e desejo fiquem sendo huma mesma cousa. O que se nega, porque o desejo he movimento do appetite, e o amor por nascer do coração e verdadeiro conhecimento que o cevou, he mais perfeito e de differente especie. Pelo que se segue, que se o amor fôra sempre desejo, dir-se-hia que primeiro houve amor, que se gosasse a cousa desejada, e vendo-a seguir-se-hia, que se o amor fôra desejo não havia mais amor: por cuja razão se chama affecto voluntario.

Principe. — E que differença vai logo, do desejo ao affecto voluntario, pois todo o nosso desejo nasce da vontade, e todo o desejo he affecto, com que se mostra serem ambos a mesma cousa?

Celio. — Querendo deffinir o amor em geral, sendo das cousas, que se possuem, ou d'aquellas que chegão a effeito, fica sendo voz, a qual não sómente como sua propria especie, abraça o desejo, mas comprehende toda a mais paixão, que póde dizer em nosso animo, com que se segue, que sendo o desejo só d'aquillo que se não tem, e o amor das cousas que se possuem, foi de necessidade buscar-se vocabulo mais geral, que desejo, debaixo do qual se comprehenda o que se possue e o que se deseja, com que fica mais proprio a hum e outro esta voz, affecto voluntario; porque nascendo o desejo da vontade fica então sendo o mesmo, por ser o amor hum affecto voluntario de participar, ou de ser feito participante da cousa conhecida, estimada, bella e formosa.

Principe. — Porque se diz estimada?

Celio. — He por presumir ser o extremo como se fôra a mais bella do Universo, conforme a fantasia fabrica na idéa do amante; porque onde ha amor não ha estrellas mais luzentes, que os olhos de sua dama, nem alvura ou neve que as carnes de quem ama, e assim nas mais cousas. Sendo certo, que mais graça dá o amor á sua affeição, que a propria naturesa ás matisadas flores: pois sendo o sol tão bello, mais e muito mais alegra a vista de quem se ama.

(Continua.)

JERONIMO BARBALHO BEZERRA

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO X.

A noite, elogiada e requerida dos poetas, e que alguem disse *tempo em que maior numero de idéas philantropicas tem sido elaboradas pelos amigos da humanidade*; a noite, digo eu, he tambem o tempo em que muitas maldades se concebem e executam, e assim, a noite e o dia he no correr da vida do homem huma e mesma coisa, por que, não he a existencia hum encadeado de trabalhos, soffrimentos e gozos? não se ligam elles com o dia e noite? ou pensa alguem que aquelle que soffre profundamente tenha grande alivio nas sombras, ou que mitigue seu soffrer o brilhantismo do sol? A noite de 7 de Fevereiro de 1661 se foi muitas vezes propicia ás intenções santas e heroicas da mulher de Jeronimo Barbalho, tambem servio não só para levar adiante os planos criminosos de seu marido, como para dest'arte, empecer e destruir tudo quanto ella fazia com espantoso trabalho, que não quero encarecer eu a

repugnancia com que huma senhora de sua esphera entraria por horas feias da noite em huma casa tão ordinaria como era a de Mestre Abraham, lidando com soldados, e caminhando por ruas solitarias, só com sua resolução e amor; assim, como a deixamos encostada á cruz de pedra vio ella passar por perto de si sem mover-se os amotinados, que com pragas e blasphemias queriam provar aos chefes da revolta a verdade do que lhes acontecera em casa de Mestre Abraham.

— E depois dizia o ferreiro encolerisado, como quereis vós que advinhassemos que vos tinheis ido a S. Gonçalo, não a punir traidores, mas a buscar companheiros?! ás onze e meia deviamos estar juntos no adro da Igreja passando para elle por casa do Mestre, e são tres da manhã quando vos encontramos em meio da bahia remando para a Cidade; se lá tiveramos ficado, por Deos, que a mais de hum lembrára a possibilidade de huma traição, não commettida por vossa mulher, senhor cavalleiro, mas por algum que tivesse esquecido a causa do Povo.....

— Razão tendes vós, mestre! replicou Antonio Fort' Vallongo, hum dos procuradores do Povo, que sendo de officio e não da nobreza, era bem aceito por todos; razão tendes, continuou; e não he o senhor Jeronimo Barbalho quem vol-a quer negar: porem custa-lhe a acreditar, bem como a nós outros, que da outra banda fomos, que fosse huma mulher, e ainda mais a delle, que vos fallasse na casa do Judeo: traição, houve-a, mas o traidor.....

— Nao foi outro, que senão a mulher de Jeronimo Barbalho! e a prova ahi a tendes nessa judia que não o nega.... isto he que diz ser huma mulher mascarada com quem fallamos, e para reconhecel-a, com mil demonios, ahi haviam alêm destes meus olhos, muitos outros!

— Eu fui hum, disse Matthias Gonçalves.

— E eu outro, disse Manoel Borges; quantas vezes não fomos nós á vossa casa, senhor cavalleiro? pois com tantas não ficariamos com as feições de vossa mulher?....

— Mas, que pretendeis concluir d'ahi? disse meio irado Jeronimo Barbalho.

— Que se não fosse o acaso, que nos fez encontrar-vos em meio da Bahia, amanhã não teriamos partilhado a vossa bôa fortuna nos acontecimentos que terao lugar.

O caudilho aplacou-se.

— O que vos espanta, continuou Manoel Borges, he não saberdes que vossa mulher esteve hontem com Agostinho Barbalho Pezerra; quem sabe se não he por nós o marido, e contra a mulher?! Hum dos praticos, que assiste á manhosa doença do Governador, recebeo hum papel escripto por ella no qual se dizia que huma pessoa bem conhecida delle Agostinho Barbalho, lhe trazia importantes e graves noticias á cerca dos negocios actuaes da Republica: ora, se soubesseis disto, talvez....

— Que ainda assim duvidasse, como duvido, pois que a ida de minha mulher á casa do Governador sabia-a eu; que ella lhe pedio me desviasse da causa e vóz popular até o ouvi....

— Pois estivestes hontem com o Governador Agostinho Barbalho?! interrompeo Lucas da Silva, como admirado.

— Por bocca de quem soube a Camera, que o Governador, esquecendo que a authoridade lhe vinha do povo, attendeo aos mandados de Salvador Corrêa de Sá, e pretende seguir sua vóz?!

— E he por isso que não queremos mais Governador! disseram huns poucos d'entre o Povo; vamos já tirar este que elegemos por sugestões, que nobres mal sabem governar,

— Quem sabe se emquanto aqui nos demoramos, disse Manoel Borges, não nos transtornam nossos planos? quem sabe se os traidores não os divulgaram, e que o dia de amanhã, que deve ser para triumpho do Povo, não seja para sua completa escravidão?!

— E que fazer por estas horas da noite? replicou Jeronimo Barbalho; não temos aqui a Camera com nosco? que pode ella fazer agora!? Vamos á dividir-nos para nos reconhecermos, e os amigos do Povo, aquelles mesmos que vós elegestes para vos representar vos dirão o que temos resolvido para de huma vez acabar com a tyrania.

E dividiram-se em mangas, que presediam os influentes; a judia Ruth foi trazida perante Jeronimo Barbalho, e o cavalleiro da mascara desappareceo por hum trilho, que ia de junto da Igreja do Hospicio ter á lagôa de Santo Antonio, e de lá á casa do Governador Agostinho Barbalho, que ficava por meio da rua, que hoje chamamos d'Ajuda. Adiantada ia a noite, porem a porta do Governador existia aberta, e o arcabuzeiro, que fazia sentinela, meio adormecido, mal pôde responder ás perguntas do cavalleiro mascarado, que o interrogava.

— Dorme o Governador? lhe perguntava elle arfando de cançado; alguem o procurou esta noite?

— Não vos posso responder com certeza, senhor cavalleiro; entrai vós a sabel-o, que a senha, que me dais vos franquea a entrada,

— A senha!... disse em vóz baixa o cavalleiro; Mestre Abraham não a trouxe, e por sem duvida que não falleu com o Governador.....

E foi subindo hum lanço de escadas apressadamente, levantando o reposteiro vermelho que cobria a entrada da larga porta, que ficava em frente; huma senhora já entrada em annos tinha deitada em seus joelhos huma menina ao parecer de 8 para 10 annos, que com o pizar do cavalleiro despertára.

— Pobre filha! disse a mulher de Jeronimo Barbalho desprendendo a mascara; dorme vosso filho? continuou dando profundo gemido, e fallando com a matrona.

— Como está alterada vossa voz, que nem vossa filha vos reconhece, senhora! respondeo sentidamente a Mãi de Agostinho Barbalho; meu filho não dorme, que assim o quer este povo máo, que por fim o ha de matar..... 5 dias ha que não dorme, que não come, e sempre trabalhando com o pensamento nas coisas do Senhor ei, que Deos guarde, mas que não ha de premial-o por tantos trabalhos..... Olhai, continuou ella levantando-se, quem mais trabalha, menos.....

— Porem, não poderei eu fallar com vosso filho?

— Se podeis! bem passa elle quando tem perto de si algum estranho com quem possa alargar-se em conversas; por que com os de casa, commigo, por exemplo, não ha fazel-o fallar.....

— Se vos quizesseis conduzir-me á sua prezença?.....

— Vinde, vinde; eu sei que vosso marido anda nestes arruidos, do que vós não gostais, nem eu tão pouco; porem os homens..... Deixai-a ficar, que adormeceo novamente, continuou ella, por que a mulher do caudilho ia tomar a filha pela mão para pôr fim á interminavel conversa da velha senhora.

E entraram na camera de Agostinho Barbalho Bezerra, que meio deitado sobre huma cama rasa lia á luz de huma tocha que hum pagem segurava, differentes papeis, queimando-os depois logo. As duas senhoras pararam no limiar da porta para não o interromperem; porem a curiosidade do pagem denunciou sua chegada.

— Entrai senhora, disse o Governador, pondo os papeis de lado; entrai vós tambem minha Mãi; prendei naquelle anel essa tocha, pagem, e ide-vos. Acabo de ler vossa participação, continuou voltando-se para a mulher de Jeronimo Barbalho, e por ella tudo ia bem como desejavamos, porem cartas de outros, que tambem velam pela conservação do Estado, destroem nossas esperanças.... vosso marido partio esta tarde para S. Gonçalo, e voltará.....

— Voltou hoje, esta noite, senhor.

— E a gente da Ponta do Brabo?.....

— Segue-o.

— Não ha mais esperança..... Vós vereis a guerra civil rebentar amanhã, sem que haja meios de contel-a, por que a tropa começa a encostar-se á vóz do Povo, e se ella nos falta para conter a furia dos rebeldes, e a cubiça da plebe sempre prompta a commetter roubos, vereis que o signal começará pelo monte de S. Januario, os jesuitas serão as primeiras victimas; a riqueza dos Padres, não satisfará sua sede, e esta Cidade vai ser hum cahos de horrores! mortes, incendios, roubos..... Oh! como severo me pedirá contas o Senhor Rei de tanta destruição!.... e Deos sabe que no fundo do coração detesto a revolta, apezar do máo governo de Salvador Corrêa de Sá, por que se elle errou com suas medidas, se Thomé Corrêa, mais paisano, que soldado faltando ás obrigações de seu cargo e deveres do posto, deixou tomar a revolta o caracter feio que lhe vemos, quer hum, quer outro perderam-se por bondade; hum, cumprindo sem exame dos meios as ordens da Magestade, o outro, temendo o derramamento de sangue, se para acomodar o popular tumulto empregasse força armada. Louco homem, que não vio correr o sangue de seus concidadãos pela frenetica e sanguinaria mão da plebe desenfreada e terrivel..... mortes, incendios, roubos..... e eu Governador desta muito leal Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.....

E Agostinho Barbalho calou-se; tinha o rosto contrahido, e a respiração afadigada; suas mãos descarnadas apertavam com força o punho da espada, que por acaso tinham encostado ao leito:

— Sabeis, continuou elle, sabeis vós senhora o que diz o Povo de mim? que o atraiçoei, ligando-me com os Sás!.... Sabeis o que diz Salvador Corrêa de Sá e Benavides! que aquelle acaso da vóz commum que me elegeo, foi direcção minha, e que o affan, que hei mostrado pela conservação da ordem he calculo para que em vêz do castigo me premeie o Senhor Rei..... e então?! não choreis vosso marido! elle he rebelde, e se fôr castigado, fica-lhe a consolação de que seu intento foi reconhecido por todos, que huns o louvam, e outros o castigam: porem eu.....

— Esperemos, disse a mulher de Jeronimo Bar-

balho com huma voz que bem mostrava ser seu esperar sem esperança.

— Esperemos..... esperemos pela facção dos de Estevaes, malditos irmãos, que nasceram para horror da humanidade, e castigo desta Cidade! esperemos pela facção dos dois Procuradores.....

— Quem vos trouxe essa carta minha? interrompeo a mulher do caudilho.

— Hum arcabuzeiro, senhora.

— E nao vos fallou de minha parte hum judeo, Mestre Abraham?

— Mandei-o preso por suspeito; suas palavras desarranjadas, sua obstinação por fallar-me fez com que a guarda desconfiasse delle, e prenderam-no: vinha elle de vossa parte.

— Trazia-vos a noticia de que os dois irmãos Estevaes estão presos.....

— Ainda nos fica a Camera, Jeronimo, e os dois Procuradores, ultimamente nomeados; ainda nos fica o Povo, já pouco docil aos mandados dos chefes da revolta; ainda nos fica a tropa, accrescentou o Governador em vóz mais baixa, a tropa, mal paga, e mal vestida! As fintas, que Salvador Corrêa lançou para pagar-lhe alborotaram o Povo, que as não pagou, e ha de revoltar a soldadesca, por que não pôde cobrar-se com que pagar-lhe; o oiro que vosso marido tem gasto em seduzir homens para o motim chegava para contental-os até providenciar-se; porem Jeronimo arbalho, a quem hum mez antes de rebentar o motim propuz tão assignalado serviço, respondeu-me de tal forma, que bem comprehendi seus desejos.... sou talvez criminoso por que não sacrifiquei sua loucura á tranquilidade de tantos.....

— Denunciando-o? interrompeo a mulher do caudilho.

— Era hum só que soffria, senhora!

— Tendes razão, tornou ella levantando-se, era elle só quem soffria, eramos nós tambem, eu e minha filha; porem, ninguem mais havia de soffrer: depois, o castigo da tentativa seria menor, talvez do que aquelle que o espera no fim da revolta, que sabe Deos quando sera.

— Não vai longe, senhora, não vai! porem revesti-vos de coragem, que se soffreis em quanto ella dura, mais tereis de soffrer quando lhe chegar o termo, e eu que vos serei companheiro no desgosto e trabalhos. Não vades para vossa casa, que não estareis ahi segura; ide para a minha roça, que ficareis longe dos horrores.....

— Perdoai-me, se recuso vossos offerecimentos; porem, he meu dever ficar..... o que he a resignação se nos furtamos á desgraça?.... jurei na presença de Deos partilhar sua sorte bôa, ou ma; e terei forças para sustentar meu juramento..... Só vos peço que dos acontecimentos de amanhã me mandeis relação fiel: vós sabeis se terei animo para ouvil-a. Outra coisa, mandai soltar Mestre Abraham, por que não esteja pai e filha em ferros por servir-nos; a filha em mão dos revoltosos, indo por mandado meu reconhecel-os; o pai, que vos mandava com noticias, tambem e por nós mesmo preso: talvez que sua cabeça meio desarranjada, se perdesse inteiramente.... quantos males poderiam ter sido remediados com os soffrimentos de hum, de tres entes.....

. . . . . , ...

A noite passava demorada para huns, e veloz para outros; em frente do Hospicio a multidão dos rebeldes, que á medida que fugia a noite engrossava prodigiosamente, estendia-se, alargava-se e retorcia-se para tornar a estender-se, a alargar-se e a retorcer-se: subitamente em huma das extremidades do largo ouviram-se huns gritos agudissimos, e toda a multidão voltou-se para esse lado, depois abalou-se para junto da cruz, formando hum só e grande grupo, do interior do qual continuavam a sahir os gritos e gemidos.

— Que morra nos tratos, se não quizer confessar! clamava enfurecido Jeronimo Barbalho; que vale huma judia?! confesse, ou morra!

— Esperai lá! disse huma vóz do meio da turba; esperai, que não se mata assim huma mulher do Povo diante delle mesmo, sem que se saibam seus crimes.

E a multidão abrio-se para deixar passar o ferreiro Braz Safim, que com sua ameaçadora chuça fazia partes de baliza em frente do regimento.

— He isso! murmuravam todos; a judia he huma mulher do Povo; he judia, mas ainda assim he huma mulher do Povo, e por isso queremos ouvil-a.

— Que veio ella fazer aqui entre nós?! disse Jeronimo arbalho encruzando os braços com mal soffocada raiva; terei eu sempre de mover minhas passadas ao vozear da plebe!!..... vós sois como as crianças, e deveis ser tratados como cães..... trateai-a, que nós temos necessidade de saber por meudo os mysterios do cavalleiro da mascara, trateai-a!!

— Ides mal com isso, senhor cavalleiro, retrucou o ferreiro; ides mal por que essa mulher nada sabe, eu respondo por ella: não vos contei eu que esta rapariga nos denunciou o cavalleiro da mascara? continuou Braz Safim desatando

dos dedos de Ruth huns ferros, que quasi lh' os haviam quebrado ; mal fizestes, senhor cavalleiro, e se elle não fôra em vossos dezejos de beneficiar o Povo, havieis de responder por elle..... Olá, quanto achais vós outros que valem as mãos desta rapariga? vede que eram sua unica fortuna, eu o sei por que dia e noite a via trabalhar..... vede lá quanto valem suas mãos, que de hoje em diante não poderão mais trabalhar?

— Valem.....

— Valem.....

— Podem valer.....

— Em? podem valer..... valem, valem qnatrocentos cruzados, que nós hoje lhe daremos, e mais vinte cruzados por anno de que lhe faz mercê este cavalleiro, disse Braz Safim.

— Duzentos cruzados! disse Jorge Ferreira Bulhão.

— Quatrocentos!..... disse Jeronimo Barbalho, que comprehendera o pensamento do companheiro; mais vinte por anno..... acrescentou voltando-se para o ferreiro; julgais que se fiz mal o não haja reparado?

— Sois hum cavalleiro popular, senhor Jeronimo Barbalho; e amanhãa vos mostrarei eu, Braz Safim, como he que hum ferreiro sabe agradecer o caso que se faz de seus ditos. O Povo não sabe governar, como querem os dois de Estevaes; a Camera só, não sei se fará como Agostinho Barbalho; só os Procuradores, quem sabe o que farão elles? todavia o que vós disserdes, isso se ha de fazer.

— Mas sem exame..... replicou hum licenciado, com tenção de estropiar hum pedaço de latim de Tacito, ou de Salustio,

— Sem nós sabermos..... disseram alguns.

— E que diabo sabemos nós?! bradou Braz Safim; sabemos, eu malhar sobre o ferro; tu, levantar e abaixar os remos de tua barca.....

— Mas ahi estão outros.....

— Tambem ahi está esta chuça para metter nas goelas de algum que está fallando por bocca de outros, disse o ferreiro voltando-se para o lado, onde estava Lucas da Silva; o dia vai apparecendo, vede vós se começais com voltas, e que os arcabuzeiros nos apanhem hum a hum!..... Ouvi! continuou elle estendendo o pescoço como quem escuta, e apontando, ouvi, que os temos perto.

E com effeito o toque d'alvorada veio interromper Braz Safim; o dia começava de abrir-se pouco e pouco; hum dia formoso, como esquecendo-se o céo do que hia passar-se na terra.

— Para o largo em frente da Camera! bradou Jeronimo.

— Em frente da Camera! disseram muitos; e todos sem ordem para lá se dirigiram, marchando na dianteira o ferreiro, seguido pelos amigos, que sem grande exame tinham tomado voz por Jeronimo Barbalho. Logo atraz hiam os descontentes para observal-os de perto; depois os indifferentes aos dois, ou tres partidos, e que só pelo desejo tão natural e inseparavel da plebe de verem coisas novas, caminhavam; atraz finalmente os que esperavam, colher a rede que os pequenos lancavam, costume antigo e que passará por todas as gerações sem alteração alguma. Os arcabuzeiros começaram tambem a mover-se no mesmo sentido, e quando passaram perto do Hospicio a judia sentada nos dois degraos do cruzeiro, levantou-se e caminhou para elles.

— Sahi de diante! bradou o Mestre do terço que os commandava.

E a judia, com as mãos escorrendo sangue, fazia signal para que parassem, presa a vóz na garganta prodigiosamente enchada e negra.

— He a moça, que nos trouxe as ordens do cavalleiro ao adro, disse hum soldado.

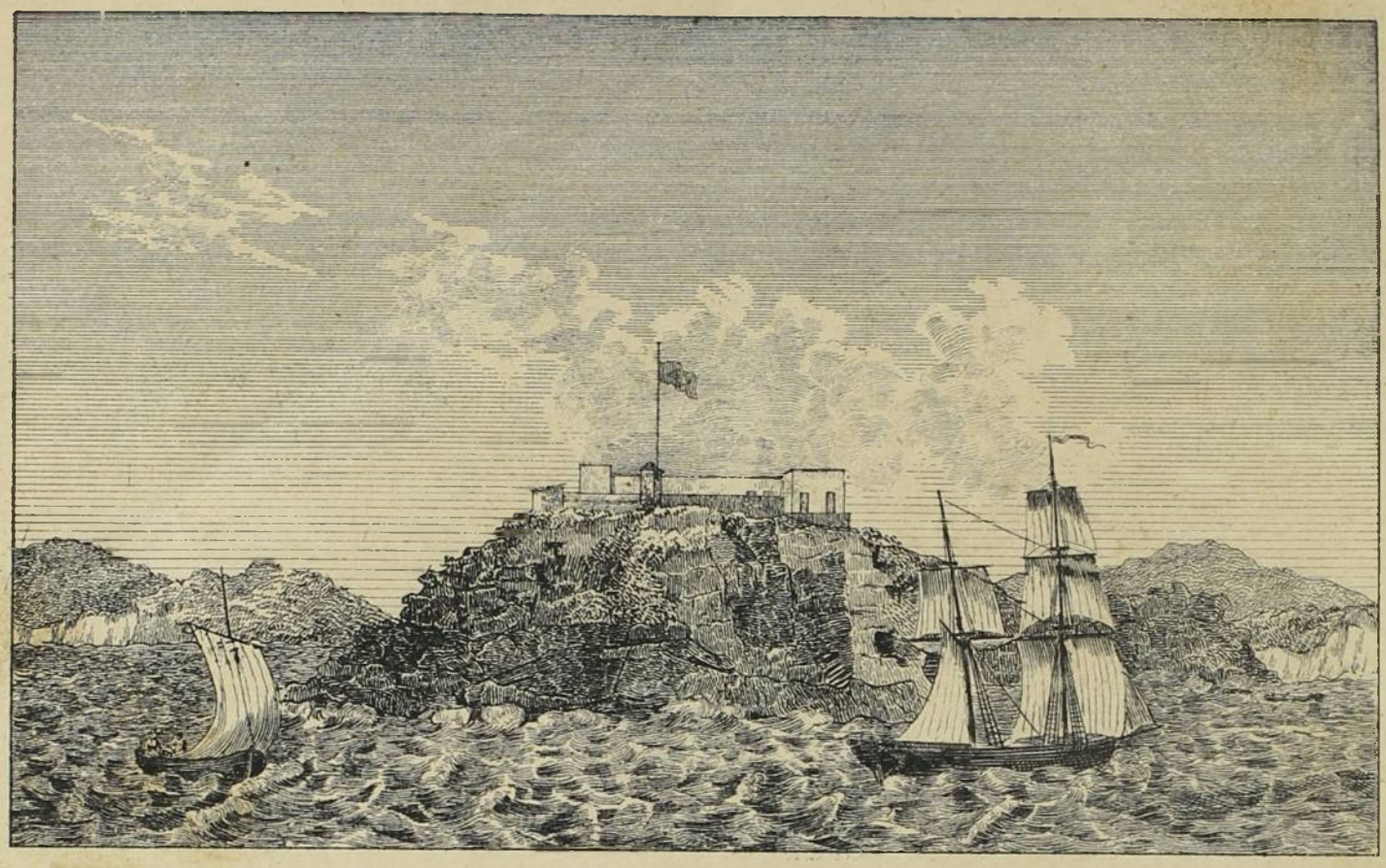
— He como elles pagam a quem os serve! disse outro, quizeram esganal-a para que não desse com a lingoa nos dentes: se houvesse, quem me imitasse, largava as armas!

— Eu, e nós todos! quanto nos pagam por isso? nada; pois tanto recebemos nós por trazel-as ás costas.

A revolta da tropa começava na vanguarda; o commandante vendo que as reprehenções dariam a conhecer aos outros o motivo da desordem das primeiras filas, dá ordem para carregar ás fileiras da retaguarda; e sem que deixasse hum segundo entre a primeira e segunda ordem, manda contra-marchar, embocando o caminho, que levara o cavalleiro da mascara por junto da Igreja do Hospicio tirando dos olhos dos soldados o espectaculo triste da pobre Ruth.

A aurora afogueava o horisonte, o sol hia nascer para alumiar a Cidade rebelde; em frente dos Paços da Camera toda a multidão dos revoltosos silenciosa e quêda esperava talvez hum signal para como huma mina rebentar em estragos e mortes.

(Continua.)



FORTE DE S MATHEUS
NA ENTRADA DE CABO FRIO.



BOQUEIRÃO DO SUL E BARRA DO CABO FRIO
ONDE HA HOJE HUM FAROL

Heaton e Rensburg Lith.

Rio de Janeiro.

A SERRA DO CABO-FRIO, E BOQUEIRÃO DO SUL.

Depois das descripções, que de quasi todo Cabo-Frio fez o auctor do Poema — Tres Dias de Um Noivado, — parece que ociosa he qualquer descripção que de alguns desses lugares se faça.

Eis ahi desenhada a grande serra, que remata ao Cabo-Frio, depois que pelo mar dentro se precipita 18 leguas. O ponto de vista d'onde foi ella desenhada apenas a representa com seis cumes, e hum destes, sobremodo pequeno; mas lugares ha d'onde se avista com seus sette cumes, todos iguaes, como hum recortado cuidadosamente feito.

Lá do seio das ondas, legoas muitas,
Sobre a Brasilea costa, do terreno,
Onde, da Redempção, Cabral plantára
O augusto signal, p'ra parte do austro,
Das vagas despontando, avista o nauta,
Em linha, hum grupo de pequenas ilhas
Dintinctas entre si, formosas todas.
Julgaes terdes em fronte insulas sette?
Embalde; que si dellas sois mais proximo,
Vereis erguer aos céos sette cabeços,
De broncas penedias irriçada,
Crespa d'hirtos certões ingrime serra.
(Tres Dias de Um Noivado cant. I. est. II.)

Eis aqui hum trecho desse Poema. E todavia tempo houve em que essa serra era crespa de hirtos certões. O profano machado destruidor de tantas pompas vegetaes mais tarde a invadio, decepou seus troncos seculares, cerceou seus bellos verdores, descortinou seus bosques, e patenteou segredos sabidos apenas dos reptis, e que nem as aves do céo haviam ainda devassado! Sim, que as horriveis procellas eram ahi perennaes!

Sobre seus cumes sette magestoso
Parece que assentára a séde sua
O Genio da borrasca. Eternos rolam
Os celestes trovões sobre essas auras;
Como, si se travára, há sec'los muitos,
Entre as nuvens do céo, entre os rochedos
Despiedadas rixas. Incessantes
Resvalam ao través das negras penhas,
Serpeando per entre as serranias
Mil rapidos coriscos. Despenhada
Tomba, borbulhonando, sobre as grutas
De copiosa chuva a grossa enchente.
(Tres Dias de Um Noivado cant. I. est. IV.)

Poucas eram as vezes em que se viam limpos, e azulados os sette cumes dessa montanha.

. . . . . Nevoa eterna
Inteira involve da montanha os pincaros.
(Id. Cant. id Est. V.)

Antes de ahi collocar-se o pharol, hoje do Cabo-Frio, era fama que ninguem havia chegado ao cume dessa serra, he por isso que o mesmo auctor diz:

. . . . . Qual pé d'homem
Ousou vingar da encosta o meio apenas?
Chegar-lhe a pequenina, e branca praia,
Visinha terra firme, mal foi dado
A' velhos pescadores.
(Id. Cant. id. Est. V.)

Essa praia que terá vinte braças, si tantas, he chamada praia da ilha, e a unica de toda ella. A serra do Cabo Frio he assaz ingreme, escarpada por diversos lados, e bastante alta:

. . . . . Por balisa,
Ampla lingua de terra, ao mar entrada,
A's ondas sobranceira, altiva a grimpa,
Extremo portentoso, até ás nuvens.
(Id. Cant. id Est. id.)

Nota-se nessa estampa huma pequena aberta por onde se afigura viajar huma pequena embarcação. Essa pequena aberta he o só espaço que separa a ilha de toda terra firme:

Mas, zeloso o oceano de seus fóros,
Pela mais fraca parte a carcomendo,
Ao fim d'eras immensas conseguira
O monte segregar da terra firme;
De cem palmos hum golpe lhe rompendo.
Que elle soube occupar com as vagas suas,
Quebrando assim as forças da invasora.
(Id. Cant. id. Est. VII.)

As duas alcantiladas paredes que formam essa aberta chamada — Boqueirão do Sul —; as encapelladas ondas negras que ahi se quebram com rouco, e medonho estampido de encontro a pavorosos, e eternaes rochedos; a magestade da serra opprimida de seus enormes penedos, coberta por seus longos bosques; tudo dá á esse logar hum aspecto melancolico, tristonho, e ao mesmo tempo misturado de hum sublime horroroso.

O naufragio da fragata D. Paula, e de huma fragata ingleza despertou por ventura o nosso governo, e então em hum dos picos da serra assentou-se o pharol hoje chamado — O pharol do Cabo-Frio. —

Huma recordação historica tornou este logar hum tanto celebre, e até mesmo venerado em tempos que huma fé viva enchia corações emi-

nentemente chistãos. Nessa montanha maior, que tendes em frente da grande serra notae huma fenda: pois bem; ella abre a montanha d'alto a baixo; no cume os arbustos parasitas se entrelaçando de hum para outro lado, formaram huma especie de docel que amplamente cobre essa fenda: o mar, por sua base entra por ella dentro de huma para outra parte.

Em 3 de Outubro de 1721 a Camara de Cabo-Frio participou a El-Rei D. João V, que a 24 de Setembro fora encontrada nessa fenda milagrosamente huma imagem de N. S. da Conceição, apenas encostada a huma pedra sem que a corrente das agoas, o atrito das ondas d'alli a podessem arrancar, nem fazer-lhe o mais leve senão: esta milagrosa imagem foi trazida em procissão para a Matriz da Cidade, e mais tarde huma capella lhe foi erigida.

A ENTRADA DA BARRA DE CABO-FRIO E O FORTE DE S. MATHEUS.

Ahi tendes outra vista que vos representa a entrada da Cidade de Cabo Frio: dessa Cidade, cujo termo tão vasto out'hora fôra! cujas praias, em sua primitiva estavam cobertas de corsarios, que transpunham á Europa milhares de tôros de páo brasil:

. . . . . Galeões vem cinco,
Que, de inimigos hostis guarnecidos,
As praias do Brasil affrontam perfidos.
Invasoras cohortes despejando
Do Cabo-Frio sobre incultas praias.
Foi então que esses ávidos corsarios
Primeiros muros de guerreiro Forte
Construiram alli, p'ra de seus bosques,
Com latrocinia mão, transpor aos mares
Essa, que nelles vegetava immensa
Em gigantescas arv'res cobiçada
Purpura, que por bella a Tyrea eguala.
(Tres Dias de um noivado Cant. I. Est. XXIV.)

Foi alli que Constantino Menelão com tropas que levára, e com algumas pobres pescadores do lugar, que se lhe reuniram deu batalha a esses corsarios, e da costa os afugentou:

Seu governo nas mãos Menelão tinha.
Menelão, que se embarca, e prestes voa
Ao sup'rior appello obediente;
Chega a terra invadida, affronta, e vence
Cohortes inimigas.
(Id. Cant. id Est. XXV.)

E quem sabe si em consequencia de tal feito d'armas he que foi concedido á Cidade de Cabo Frio o titulo de nobre! Certo he que essa Cidade o gozava; e nem sabemos o por que a Camara Municipal presentemente o abandonou.

Menelão pois tendo afugentado esses corsarios, consta que edificara hum forte, e traçára os fundamentos da Cidade:

. . . . . Ergue hum Forte,
E após cimentos, que lançou primevos
Dos baluartes do edificio bellico,
De huma povoação traça alicerces.
Dest'arte a Menelaia começando,
Foi, mais tarde, em cidade transformada.
(Id. Cant. id. Est. id.)

Foi pois dedicado o forte a Santo Ignacio, bem como a nova povoação a Santa Helena: estas duas invocações já não existem hoje, nem o forte de Santo Ignacio, e nem a Igreja de Santa Helena. O forte de Constantino Menelão arruinou-se, a Igreja de Santa Helena cahio em ruinas! hum novo forte foi construido, e em outro lugar; huma nova Igreja foi edificada n'outra parte! No lugar do antigo forte nem suas ruinas existem; no chão da velha Igreja nem seus restos apparecem! Os nomes de Santo Ignacio, e de Santa Helena são hoje tão desconhecidos á mór parte dos habitantes da cidade de Cabo Frio, como o lugar, como o chão do antigo forte, e da velha Igreja! O novo forte construido tomou a invocação de S. Matheus: a recente Igreja edificada tomou a de N. S. d'Assumpção. Quem foram os innovadores? nós o ignoramos: as invocações existem, e bellas são, cumpre confessal-o. E as bellas tradicções desses tempos? ellas são ignoradas, e apenas algum archiologico guarda alguma. Todavia, a nova freguezia dedicada a N. S. d'Assumpção foi creada pelo vigario Bento de Figueredo, em virtude da carta regia de 10 de Fevereiro de 1666.

* * *

QUAL SEJA O FIM DO HOMEM EM AMAR, E COMO SE NÃO PODE AMAR MAIS QUE SÓ A HUMA COUSA.

(CONTINUADO DO N.º ANTECEDENTE.)

Principe. — Primeiro que nos engolfemos n'este abismo e mar do amor, e no muito que temos que tratar d'elle, quizera que me dissesses a que fim ama o homem?

Celio. — A meu entender, não por outra cousa, se não por se fazer mais perfeito na união da alma

com a cousa amada; por que no verdadeiro amor, o homem se move por causa da belleza, a qual deseja unir a si, vendo-a em outrem mais perfeita que como, conforme as ficções poeticas, na guerra que os gigantes tiveram com os Deoses, vencendo estes, os vieram a partir pelo meio, fazendo de cada hum dous, por que enfraquecidos assim, se lhe não estrevessem outra vez. Pelo que, he tanto o que os homens desejam sua perfeição, e tornarem ao seu ser antigo, que vendo huma mulher formosa e bella (como meia parte sua) a deseja unir a si, por tornarem a seu principio natural. Donde tiro, que ninguem ama mais a outrem que a si mesmo, nem póde amar a outrem sem primeiro amar a si proprio; por que do amor que a si tem e desejar aperfeiçoar-se procede o amar e desejar o que lhe falta, e a que mais o natural o inclina. Amo isto, não só por ser a meia parte de mim mesmo, mas por que me parece bom, e sinto que com ella vivirei em perpetuo deleite e contentamento, pelo que a desejo unir commigo, e pelo que me quero e trato de meu gosto, sendo o que mais me agrada e he de meu praser, devendo tudo a meu proveito proprio e conveniencia, querendo ser perfeito, participando d'aquelle bem e dom á que subitamente me inclino, e julgo dizer com minha naturesa e desejo.

Ayo. — Achaes vós que o amante se faz com isso mais perfeito do que he, possuindo a cousa amada e desejada, sendo ella muitas vezes imperfeita?

Celio — Suppondo primeiro que amor não he outra cousa, se não hum desejo de gosar o que he formoso em nossa estimação; como razão e amor não sejam cousas que se compadeçam juntas, tanto que o amor céga e tolda o entendimento e persuade a vontade, o desejar o que lhe parecco bem, seja ou não seja o mais perfeito, seguindo-se por isto, que onde o amor entra logo se perde a razão, com que o amante se fica persuadindo, que aquillo de que se affeiçoou he o melhor, e lhe falta; logo se persuade que o fazer-se participante he o que lhe convem: e como o seu parecer não tenha em si aquillo que ha em outrem, tanto que o gosa, logo se da por obrigado a amal-a, tendo-se por saptisfeito e perfeito estimando tudo o que gosou e a principio desejou, por bom. Donde lá disse o rifão: — o que de véras ama todo o feio formoso lhe parece.

Principe. — Folgára de saber se se póde amar verdadeiramente a mais que a huma pessoa.

Celio — Suppondo com S. Agositnho, que o amigo he a metade da alma, ou huma alma em dous corpos, por estar a alma mais onde ama, que onde anima. Como esta se não póde repartir entre muitos, e pelo mesmo, se não póde servir e contentar a muitos, por que quem a muitos amigos quer assistir he força faltar com huns por contemporisar com outros: acontecendo-lhe muitas vezes, que em hum mesmo tempo vos occupam ou convidam muitos juntos, com que he força faltar a huns por acudir a outros, d'onde nasce aggravar os que mais vos querem e mais obrigações tendes. Vem a dizer o Philosopho, se não póde ter perfeito amor com muitos; que como a diffinição de amor he igualdade de corações, e n'ella consiste a verdadeira amisade; o dia que o amor he repartido, logo não fica sendo amor, mas desigualdade, por não ficar sendo unico, mas commum, dizendo o rifão: — amar e reinar não sofrem companhia. — Pelo que se he como he, que o amor tem seu principio no coração, como este he o seu mais proprio lugar, não podendo elle receber mais que huma ferida que não morra: bem se infere, que o homem não póde ter amor mais que a huma pessoa, pois o amor lhe feriu já o coração, e de mais que as aves e animaes nos dão bastante exemplo, andando, nascendo e vivendo ordinariamente a pares. Como Deos e a naturesa mostrou logo no principio do mundo e criação dos homens em o amor conjugal, que só entre dois se deve tratar, por ser certo que de hum ventre nasceram Caim e sua irmã Colmana para se amarem e casarem ambos; e logo nasceram Abel e Delbora, e por Abel morrer virgem, e sem casar com a irmã, por isso permittio Deos por morte d'elle nascesse logo Seth só para casar com Delbora: com que me venho a resolver, poder-se ter vinculo d'amisade com alguns; mas d'amor com hum só; porque amor he huma vontade correspondente de duas, como já disse, cuja verdade torna a qualquer dos dois desejoso dos bens da cousa amada, e sentido de seus males: não sendo verdadeiro amante, aquelle que commummente não he participado nem participa, não podendo huma alma habitar em diversos corpos (conforme o que dissemos com Santo Agostinho). Donde o divino Platão, tendo por opinião o erro dos Seduceos, que as almas se aggregavam a novos corpos depois de mortos os primeiros: parece quiz mostrar, que o amor, por quem entende a alma, se não póde transferir a outrem, em quanto vive no primeiro corpo, em que se aposentou. Concluindo, que ainda que a opinião de Platão he falsa no transferirem-

se as almas de huns a outros corpos, a verdade he, que se não póde amar, nem ter verdadeiro amor mais que a huma pessoa, por não ter cada hum mais que hum só entendimento, huma vontade, e huma alma, os quaes não se estendem mais que a huma só coisa e objecto, e ficando n'elle descorre de grão em grão á perfeita contemplação; que como os olhos si não podem fixar mais que em hum principio, sendo elle bello, formoso e gracioso (a nosso parecer), occupando-se amor n'elle, não passa adiante, pondo todo o seu cuidado, em como unirá a sua propria substancia, aquella bellesa e perfeição: e occupado n'isto não se póde dividir em amar a outrem, por não perder o caminho, que leva, e errar o fim á que o amor se encaminha. E se houver quem diga, que seu amor se emprega em muitos sugeitos, e nem por isso deixa de querer a cada hum muito de véras; responder-lhe-hão com Seneca por epicurêo (qual se jactava seguir a seita dos Estoicos academicos, e peripatheticos) quem tantas doutrinas segue tão contrarias humas ás outras, signal he que não guarda nenhuma. Assim, quem muitos amores tem, signal he que a nenhum tem amor, por se não poder este repartir em mais que em hum objecto, se he que he verdadeiro. Donde o Philosopho Secundo foi lançado do Senado de Athenas; porque orando disse, que de todas as artes sabia hum pouco: dando os senadores por razão, que quem de tudo sabia pouco tambem de Philosophia saberia pouco, porque occupando o engenho em muitas cousas, não póde comprehender todas; que quem muito abarca pouco aperta, com diz o rifão. Concluindo, que quem diz que tem amor a muitos, he signal que não tem amor a ninguem.

Ayo. — Conforme a essa doutrina diremos com evidencia, que tanto que o amor se reparte em muitos objectos já não he amor, mas appetite sensual ou interessado!

Celio. — Bastantemente cuido hei mostrado, que o que poem seu coração em muitas partes, o não tem em nenhuma, por serem como os que vão a romarias, ou andam largos caminhos, que pelas muitas pousadas que tomam, e lugares que passam não tomam amor a nenhum. Com que os poetas nos quizeram ensinar, fingindo, que Briareo, tendo cem braços, com que sustentava hum só ventre, denota que o homem com duas só mãos, não póde sustentar mais que huma só amisade e amor. Pelo que outro Philosopho veio a dizer—*não deis a mão a muitos,*—com que parece havermos bastantemente provado, que o amor hade ser só, unico e não geral.

JERONIMO BARBALHO BEZERRA

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO XI.

Póde asseverar-se sem recêo de engano, que quasi todos os habitantes desta Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro foram complicados na revolução de 1660; huns por se unirem ao primeiro movimento sedicioso, e estes foram muitos; outros, por que não manifestaram seus sentimentos de sympathia pela causa popular, e por isso alcunhados e reconhecidos por inimigos, perseguidos e odeados; emfim, aquelles que julgavam bôas as medidas vexatorias e oppressivas de Salvador Corrêa de Sá e Benavides, e estes foram bastantes.

Historiando os acontecimentos dessa época he nosso dever destruir parte do ferrete, que pésa sobre os nomes que figuram em taes acontecimentos; sem criminar Salvador Corrêa, illustre por muitos titulos, sem louvar o espirito revolucionario, que tantas vezes por esses tempos manifestou o povo do Rio de Janeiro, já contra os governos civis, já contra os ecclesiasticos, podemo todavia affirmar que o movimento popular de 1660, criminoso por que não havia no povo direito para taes escessos, que esse movimento teve causa principal nas tyranias de Salvador Corrêa, e não em particulares odios e vindictas, como o mesmo General em cartas representou ao seu soberano, depois de ter fim a revolta: depostos os Vereadores, que o povo escolhera; quando no Limoeiro em Lisboa depois de quatro annos gemiam ainda os conspiradores em apertados ferros, lembrar-se a Camera do Rio de Janeiro, Camera imparcial por que servia com novo Governador, e na qual não figurava hum só nome dos que na revolta foram primeiros, lembrar-se a Camera de 1666 de escrever ao Rei dizendo-lhe que não se julgára a bem do paiz e felicidade do povo a continuação do serviço do General Salvador Corrêa de Sá, representando-lhe a miseria em que viviam por effeito dos odios e vinganças do Governador, que aproveitando-se da distancia os opprimia com o furor de suas paixões, lembrar-se ella de fazer similhante representação era mister que lhe assistisse todo o atrevimento da desesperação e toda a justiça; sabe-se o que foram governadores e Vice-Reis nas conquistas e governos da Asia, Africa e America: Vice-Rei, só hum sahio de Portugal, e esse não veio infelizmente para o Brasil, foi D. João de Castro, o pai do povo! Salvador Corrêa foi muitas vezes injusto; valente e caval-

leiro, generoso e fiel; porem cegou-o muito aquelle desejo de servir o Rei em prejuizo dos vassalos, e não lhe será desdoiro para a memoria o que vamos dizendo, por que este deffeito tiveram-no muitos, e muitos o teem, fazendo executar sem replica medidas, que o soberano desaprovaria mesmo havendo-as ordenado, se elles ministros exequentes quizessem dar-se ao trabalho de informar a impossibilidade de sua execução... Porem continuemos nossa historia.

Eram dez horas da manhã do dia 8 de Fevereiro do anno do Senhor 1661; aberta de pár em pár a larga porta da casa da Camera; e os Vereadores silenciosos em seus assentos, e o povo junto e apinhado em frente da porta e cerca da casa quedo e mudo; e eram dez horas do dia 8 de Fevereiro, que para tantos devia de ser mão, para todos! Cá no meio do largo, no coração da turba, Jeronimo Barbalho Bezerra e o ferreiro Braz Safim, hum com palavras, outro com atrevimentos e gestos significativos resolviam a multidão; de quando em quando, o caudilho alongava o pescoço e a vista por sobre aquelle montão de cabeças, desconfiado e satisfeito com a ausencia dos dois irmãos de Estevaes; depois voltava-se para o ferreiro e dizia:

— Elles não vem meu amigo.....

— Elles não vem! repetia Braz Safim voltado para o Povo: atraiçoaram-vos cobardemente dois homens..... dois homens do povo! que vos dizia eu antes de nascer o sol? Os dois de Estevaes vendem-se por dinheiro, e não terão escrupulo de vender-vos a vós outros que tanto encareceis sua vontade de servir a causa popular..... ahi tendes verificadas minhas palavras! E olhai o que vos digo agora..... os dois de Estevaes venderam-se, e venderam-vos aos tyranos.

— Então que faremos?! bradou a multidão conchegando-se para ouvir.

— Salus populi suprema lex! bradou o licenciado Diogo Mendes, levantando-se sobre as costas de hum homem.....

— He verdade! disse o ferreiro caminhando para o lugar onde estava o orador, mas encontroando com tal violencia quantos encontrava em caminho, que a tribuna e o tribuno foram por terra; he verdade o que dizeis, senhor Licenciado, apesar de não saber eu o que quer dizer o vosso latim; porem escolhestes má occasião de vir barengar entre nós, quando tratamos de remediar damnos, que nos causam. e não sois bem alto, para que quereis fallar ao povo, pesando sobre o povo?! Se começamos a servir-vos de escada, ou pulpito aqui na praça.....

— Mestre Braz Safim, interrompeo o Licenciado, vós deixastes de ser do Povo, servindo nobres.....

— Viva Deos, que estou fidalgo, senhor Diogo Mendes! mais olhai esta mao he de ferreiro sempre.....

E o Licenciado rojou pelo chao com os dentes quebrados, e cheio de sangue.

— Olhai, continuou o ferreiro, quando alguem quer dizer a hum popular que elle tem razão de sacudir a miseria que lhe faz pesar sobre as costas o máo governo do General, falla-lhe na sua lingua; e não lhe vem com *salus populi*, que elle não entende; por que, ninguem me tira cá isto da cabeça, e vem a ser que se alguem me falla de maneira que não posso entendel-o, vai com intenção de enganar-me: que dizeis vós outros?!

— De que nos serve o latim do Licenciado?! disse hum.

— Não ha de ser esse togado quem nos livre dos impostos sobre o vinho, por que o não bebe em quantidade, disse outro.

— Pois então acabemos de esmurrar-lhe os narizes para não vir metter-se entre nós! replicou hum terceiro, chegando-se do licenciado.

— Alto lá! bradou Mestre Braz; deixai-o ir, que não vai mal convidado.

— Mas, a que viemos nós?! perguntaram alguns d'entre a multidão.

— A tirar o governo das mãos de Agostinho Barbalho Bezerra, que não quer ser mais governador por nomeação do Povo, mas sim pela de Salvador Corrêa! Vêde que he o ferreiro Braz Safim quem vos falla, e não hum traidor como o he Fausto de Estevaes e seu irmão; porem vêde que se Agostinho Barbalho continua a governar com a voz do General, ha de metter-nos a todos na cadêa, por que tendo sido do motim por ficar bem com os seus pagaremos nós outros as custas deste pleito, em que vamos de tirar aos grandes o direito em que estão de nos empobrecer.

— Pois sim, Mestre; porem que faremos? perguntaram de novo.

— Esperai, esperai? ali está o senhor cavalleiro, que, aqui para nós, não se parece nada com os seus soberbos; ali está o senhor Jeronimo Barbalho consertando o mandado e resolução de nós outros o Povo, pelo qual não teremos mais nada com Agostinho.....

— E quem será que nos governe? bradou a multidão com mal reprimida curiosidade.

— Algum nobre, que faça o mesmo, que Agostinho Barbalho; algum do Povo, que não saiba

onde tem os narizes?! isso seria de huma cabeça como a vossa; esperai, que sereis satisfeitos, quem o diz, sou eu Braz Safim.....

— Mestre, olhai que vos chama o cavalleiro, disse hum dos populares.

E o ferreiro foi rompendo por meio da multidão até onde estava Jeronimo Barbalho, que chegando-se junto delle lêo em meia vóz hum papel. Braz Safim endireitou o barrete sujo e rôto, pôz as mãos na cintura, e começou de manear a cabeça até o fim da leitura.

— He isto, senhor cavalleiro!! Por Santa Maria da Victoria, que hum popular não seria capaz de fazer sobre o papel melhores coisas, do que vós.... O'lá, rapazes! abri os ouvidos e ouvi o..... o.....

— Ouvi o mando, que manda o povo desta Cidade e seu Reconcavo; lêo Jeronimo Barbalho: Hoje 8 de Fevereiro do anno de 1661, o povo junto em frente da casa do Senado da Camera, e com o mesmo Senado juntamente ordena e manda, que Agostinho Barbalho Bezerra, que governa por sua nomeação, deixe de governar desde já; por quanto, em modo de traição disse e fez patente não querer governar pela vóz do dito povo, que o exclue e remove da governança....

— Que o Senado venha para ouvir lêr o bando! grita huma vóz d'entre a multidão.

— Quem foi esse, que veio metter-se em brincos?! disse o ferreiro com vóz carregada e amarga.

— Que o Senado venha, disse Jeronimo Barbalho dobrando o papel; he elle quem com vosco ordena.... por tanto, que elle venha.

— Não façais caso do que diz esse biltre, senhor cavalleiro!....

— Venha o Senado! tornou Jeronimo; o povo assim o quer.... faça-se a vontade do povo.....

E os Vereadores chegaram á porta da Camera; e Jeronimo Barbalho começou novamente a leitura do papel, até aquellas palavras: disse e fez patente não querer governar pela vóz do dito povo, que o exclue, e remove da governança.....

— Então?! bradou o ferreiro: quereis mais alguem para ouvir lêr vosso mando?!

E Jeronimo Barbalho continou a lêr:

— Agora o povo nomêa muito de sua vontade e livremente para governal-o ao Senado da Camera, que de presente serve, e juntamente os oito Procuradores, que por differentes vezes, e para diversos misteres tem nomeado.

A multidão pareceo satisfeita com a leitura, e logo o pregoeiro, tomando das mãos do caudilho o bando, correo as ruas da Cidade, parando em cada esquina para recitar pausadamente o novo acto arbitrario; o Senado, junto com os procuradores tomaram a si o governo da Cidade, e a turba desmanchando-se em magotes correo por toda a parte dando vivas ao Rei, vociferando ameaças contra Agostinho Barbalho, Thomé Corrêa de Alvarenga e Salvador Corrêa de Sa: dia vertiginoso e de alaridos foi esse; porem não correo sangue, por que todos fugiam de levar ao abysmo a mal-segura Cidade fazendo opposição á torrente ameaçadora. Nesse mesmo dia, por noite, tudo estava quedo e pacifico, de tal sorte, que o estrangeiro que percorresse as ruas desertas e silenciosas mal diria, que eram de huma cidade sem governo, por que o poder do Senado era quasi nulo, e o de Jeronimo Barbalho contingente.

Assim continuou todo o mez de Fevereiro, e o de Março; em principios de Abril, o Governo da Cidade, corpo sem cabeça, machina, cujas peças mal ajustavam entre si, começou de partir em pareceres differentes, em differentes questões, sendo a principal e maior o modo por que empediriam o castigo que os ameaçava; por que cartas da Bahia davam já em caminho a Alsada, que presidida pelo dezembargador Antonio Nabo Pessanha vinha devassar dos acontecimentos: por outra parte o general Salvador Corrêa, que, como em sua carta aos Vereadores de S. Paulo havia dito, se partira para a Ilha Grande, constava estar já perto da Cidade, e bem resolvido a punir severamente os culpados. Os dias succediam-se e o Senado não dava providencias: os Procuradores do povo, que pertenciam á classe baixa haviam como o povo esquecido os soffrimentos e tyranias, com a volta do general e noticias da Bahia; dos quatro da nobreza, só Jeronimo Barbalho, ou como mais atrevido, ou como mais temeroso do justo castigo trabalhava por impedir a entrada do general e Alsada, dispondo-se a receber hum e outra na bocca dos mosquetes e ponta das lanças; porem o povo não secundava seus intentos, e a revolta corria a seu fim.

Amanheceo o dia dez de Abril sobre a Cidade ainda rebelde; porem estava muito longe o sol de sua maior altura e já o corpo de Guarda principal, a Torre da Polvora, as fortalezas de S. Sebastião e Sant'Yago estavam em poder de Salvador Corrêa de Sá e Benavides, desembarcada a gente de Mar e formada a Infantaria por ordem do general e Almirante: e assim findou em poucas horas huma revolução, que poderia ir mui longe e ter feias consequencias. Parte da Camera, quatro Procuradores do povo, e outros muitos, que no

motim haviam entrado, foram sem perda de tempo apresentar-se ao general, que os recebeo como a vencidos humilhando-os com palavras descortezes, e duras; de sorte que cada hum se foi com a incerteza no coração, esperando huma ordem que os arrebatasse de sua casa para huma fortaleza; o resto dos conjurados haviam-se refugiado em S. Francisco, onde a Alsada os foi descubrir e prender, e estes foram os cabeças Jeronimo Barbalho Bezerra, Jorge Ferreira Bulhão, Lucas da Silva e Diogo Lobo Pereira; a Alsada, especialmente enviada a Bahia para syndicar, prendendo os quatro réos e tentando remettel-os para Lisboa, o não pôde fazer a mais de tres, ficando nas mãos do vingativo e terrivel Salvador Corrêa de Sá e Benavides o caudilho, que teve de responder a hum conselho de guerra, ou commissão militar composta do general Manoel Freire de Andrada, seu irmão o almirante Francisco Freire, o Auditor e Ouvidor Geral Sebastiao Cardozo de Sampaio, presidida por Salvador Corrêa.

A's tres horas da tarde desse mesmo dia dez de Abril de 1661 em casas do general governador, onde se achavam reunidos, alem dos que compunham a Junta, o dezembargador Antonio Nabo Pessanha, os tres réos Lucas da Silva, Diogo Lobo Pereira e Jorge Ferreira Bulhão, as testemunhas Brigida dos Santos, Alonso de Estevaes e seu irmão Fausto, a judia Ruth e seu pai Mestre Abraham, compareco Jeronimo Barbalho Bezerra com seu uniforme de capitão que era, pallido mas desembaraçado e arrogante; hum dos capitaes do Presidio Affonso oncalves Mattoso, que servia de secretario da Junta perguntou ao réo, que vinha responder, seu nome, idade, e naturalidade, ao que elle nada respondeo; e depois de feitas outras perguntas, que da mesma forma não tiveram resposta, o general governador fez interrogar as testemunhas:

— Como vos chamais? perguntou o Secretario para a primeira, depois que os outros deixaram a sala por ordem de Salvador Corrêa; como vos chamais, e qual he a vossa idade?

— Ruth he o meu nome, e tenho vinte cinco annos feitos.

— Conheceis o cavalleiro Jeronimo Barbalho Bezerra?

— Não o conheço.

— E o réo presente?

— Tambem não, disse a judia, depois de olhar por bom espaço para o caudilho admirado das respostas de Ruth.

— Em a noite de 7 de Fevereiro deste corrente anno pelas onze horas da noite não fostes presa na Varsea pelos amotinados e levada perante o cabeça de motim, que vos pôz em tratos?

— Tudo isso he verdade; porem não sei se aquelle perante quem fui levada era o cabeça do motim.

— Porem não vos ficou desse homem lembrança alguma?

— Nem a mais pequena.

Affonso Gonçalves olhou para o Governador, que mal podendo reprimir a colera fez sahir a testemunha, que as lagrimas da mulher de Jeronimo Barbalho haviam comprado. O judeo Mestre Abraham compareceo perante a Junta:

— Como vos chamais? perguntou o General com voz suffocada.

E o judeo olhou para todos os lados com vista espantada sem proferir huma só palavra. Na porta da sala appareceo hum granadeiro que informou da parte do carcereiro que a testemunha havia enlouquecido na cadêa, tendo sido recolhida na noite de 7 de Fevereiro, havendo no dia 8 ordem para soltal-o, que não se executou. Vieram depois as tres testemunhas Brigida dos Santos, Alonso e Fausto de Estevaes, que sem discrepancia narraram todos os passos do caudilho, seus planos e ordens, que elle não contestou, logo que para fazel-o lhe foi dada faculdade. Mudo e com terrivel sangue-frio ouvio Jeronimo Barbalho todo o interrogatorio; sem perturbar-se, ouvio a esposição de seu crime e das penas que eram impostas aos réos de crimes taes; e se era possivel cresceo sua indifferença ao ouvir lêr a sentença que o condemnava á morte..... porem hum tremôr convulsivo agitou-lhe todo o corpo, o suor innundou seu rosto coberto de pallidez mortal, quando ouvio que sua cabeça iria para o pelourinho..... infamante!! (*) Hum grito doloroso veio ferir seus ouvidos, e logo sua mulher, e sua filha debatendo-se entre os guardas vieram cahir-lhe nos braços desfallecidas; foi então que sua coragem o abandonou de todo, porem hum instante, huma só instante, por que levantando-se com a mulher sem sentidos em hum braço, e pondo a mao sobre

(*) *Lê-se em algumas memorias, que Jeronimo Barbalho fôra preso e remettido para Lisbôa, onde morreo em prisão; porem de huma carta de Salvador Corrêa, em que noticia ao soberano os acontecimentos, que levamos referidos, vê-se claramente, que foi executado aqui no Rio de Janeiro. Balthazar da Silva Lisbôa em seus Annaes, diz que Agostinho Barbalho fôra preso, e fallecera no carcere, o que tambem he menos exacto, por que a carta regia de 19 de Maio de 1664 o nomeia, Administrador das Minas de Paranaguá, e como mercê dos serviços prestados na revolução.*

a cabeça da filha, que de joelhos o abraçava, pausadamente fallou assim para os que o haviam condemnado:

— Aquelle odio tão antigo que me tendes, e que vos tenho, Salvador Corrêa de Sá e Benavides, vai acabar-se..... aquella vontade de nos ferirmos mutuamente chegou-me, onde não podia sostel-a.... e feri-te!.... hum dia.... duas horas.... hum instante destruio a minha obra, e chegou a tua vêz: aproveitastel-a, Benavides! e eu vou morrer infamado!!.... He pouco para tua ira e vingança ver morrer o inimigo, ver a desesperação de sua familia.... he pouco, homem justo! queres tambem a sua vida alem do tumulo na terra, e se puderas vinganças no outro mundo, nem lá poderia escapar-te. Mas olha, tu me feres em minha familia com a infamia, e Deos ha de vingar-me na tua!.... Esses que tu serves cegamente hão de pagar-te com castigos o mal que fazes ao povo, e no fim de teus dias verás escurecer tua gloria e feitos sanguentos com a prisão e o desterro, e então chorarás o mal sem remedio. De vós outros só me queixo, por que como meninos vos deixais levar pela vontade de hum tyrano; ou antes, em vez de queixar-me, desprezo-vos, por que deshonrais o sêr de homens consentindo que outros pensem por vós!! Olá guardas! continuou elle sostendo nos braços a mulher ainda desmaiada, levai-a.... esta primeira victima do implacavel odio de vosso amo, não vos dará talvez mais trabalho, do que este.... e o céo me oiça para furtal-a a maiores dôres.....

Depois voltando-se e dando com os olhos na filha:

— Miseria e infamia para ti, pobre innocente, eis o que te herda teu pai!.... Oh! que se tu foras homem, o sangue de Jeronimo Barbalho Bezerra não seria derramado impunemente por cobardes e miseraveis.... se tu fôras homem, se eu te pudesse encarregar.... mas, se o fôras não cahirias hoje victima desses monstros?... Levai-a, tambem!....

E sentou-se; morno silencio reinava entre todos; Salvador Corrêa tão pallido como o condemnado, procurava na mente qual seria a primeira palavra, que de seus tremulos labios sahisse: pesava-lhe o rigor da Lei, que levava ao cadafalço Jeronimo Barbalho, menos por elle, a quem aborrecia, do que por a triste mulher e filha, cujo espectaculo de dôr havia quasi enternecido; os outros juizes esperavam huma palavra do Governador para perdoar ao réo os crimes, que á irreflexão praticára: porem, era preciso hum exemplo, e Salvador Corrêa tenaz em seu primeiro aviso, deo ordem para que a execução se fizesse na mesma tarde.

A's cinco horas, pouco mais ou menos, foi fuzilado nesta Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro o Capitão Jeronimo Barbalho Bezerra, chefe e môtor principal da revolta de 1660; sua cabeça, como ordenava a sentença, collocou-se no pelourinho por tres dias.

Os outros tres réos, remettidos para a Bahia e d'ahi para Lisbôa, foram perdoados pela carta regia de 6 de Fevereiro de 1667, menos Jorge Ferreira Fuihão, que morreo na cadêa do Limoeiro.

E assim findou esta revolução, que promettia ir mui longe, e ter sérias consequencias.

Tem acontecido muitas vezes tornar-se hum pouco fastidiosa a narração de nosso Romance por causa da prisão que nos fez a verdade historica; não só porque he esta a nossa primeira composição neste genero, mas por que sendo tambem este o primeiro Romance historico publicado no Brasil, modelos que nos guiassem só os pudemos encontrar estranhos: he leve desculpa, bem o sabemos, porem, não deve haver indulgencia para aquelle que primeiro trilha hum dos ramos da litterattura, que nem siquer ensaios tem apresentado? Todavia eil-o ahi esposto á critica; só huma coisa diremos de nós, e he que em portuguez vai elle escripto.

A Supplica.

A flor que em prado se ostenta
Do que tu não he mais bella!...
Soltam canticos suaves
As aves em torno della.

Porem tu inda és mais bella;
Tens na voz um doce encanto:
Seduzes: — se triste soa
Té produz amargo pranto!

Desprende essa voz mimoza
Doce enlevo d'harmonia!
Desprende, que meiga ouvindo-a,
Volverá risonho o dia.

Em teus labios nacarados
Dá-me o mais puro surriso:
Ah! dá-me! — e eu verei na terra
As graças do Paraizo.

Esta lagrima não vês,
Que em meus olhos treme e cae?
A dor a gerou: — jamais
De minha alma a dor se esvae.

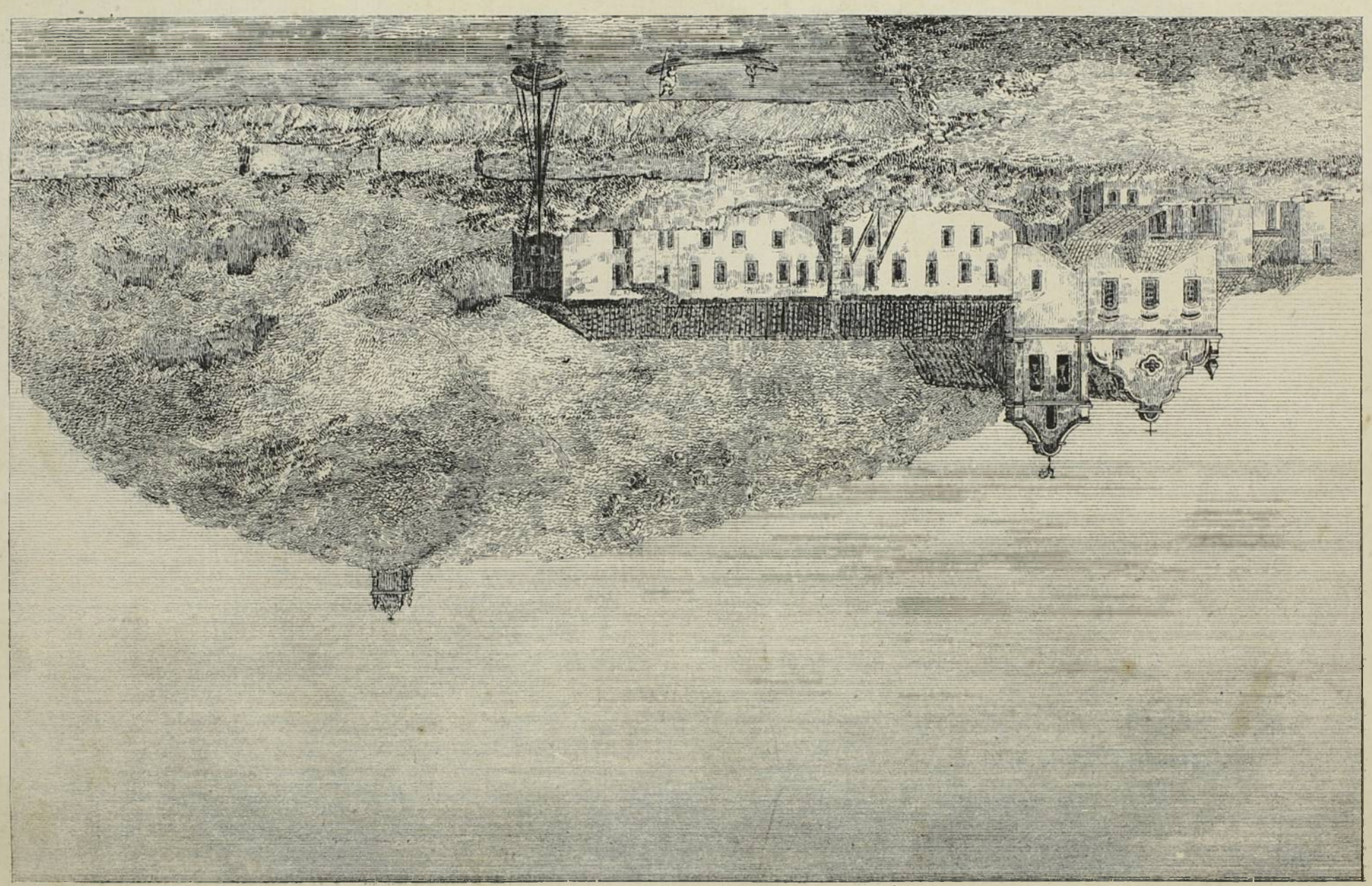
Por esta lagrima ao menos
Dá paz ao meo coração.
Ah! já não ouves meus labios
Balbuciarem — perdão! —

Sim ouves, e condoidos
Nadando em alma expressão
Parecem dizer teus olhos
Quanto quer meu coração.

Assim nuvem pavorosa
Se o céo formoso escurece,
Ao soprar propicio vento
N'hum momento se esvaece.

J. A. de L. Magalhães.

CONVENTO DE N.S.DOS ANJOS EM CABO FRIO.



Rio de Janeiro.

O CONVENTO DE N. S. DOS ANJOS, NA CIDADE DE CABO-FRIO.

E que vem a ser a pintura de hum edificio velho, embora sagrado seja elle? O que ha ahi de notavel, que torne a esse carunchoso templo digno de hum lapis, ou pincel, e de huma penna? Certo, se virdes esse original pequena cousa vos parecerá, e acreditareis mesmo que grande honra á esses, quasi, pardieiros fez o lapis, que os desenharam, e a penna, que taes desenhos explicou! Mas nem sempre assim he. Collocae ante vossos olhos quantos Panoramas, quantos Museos ahi vos descrevem pittorescas vistas de soberbos edificios, de seculares florestas, de escarpadas serras, de broncas penedias, de veneraudas cidades, de arruinados castellos, etc, e todas essas pinturas vos parecerão agradaveis, e todas essas descripções vos parecerão bellas! Oh! e quantos originaes desses desenhos o não serão! He que o pincel do pintor, he que a penna do poeta, forçando a natureza, arrancam de seu seio reconditos mysterios, segredos desconhecidos á que jamais attendera a estupida cegueira de profano vulgo, para em mais acanhado plano que do original, ostental-os á vista do mais miope de todos os homens! e esse plano acanhado nada mais he que a bella copia de hum, as vezes, desagradavel modelo!

E entretanto vós dizeis — A copia he mais bella que seu original — Não; a copia o não he: he que vós nunca olhastes para o original com o mesmo interesse com que ora olhaes para a copia; he que no original escaparam á vossa vista notas que agora ferem aos vossos olhos; he que no original nunca deparastes com pontos, que aqui na copia vos sorprendem! E todavia essas notas, e esses pontos ahi existiam no original, como existem no retrato! E quantas copias porem vos não parecem menos bellas que seus modelos? Notai com effeito que não vos fallamos dessas pinturas, cuja dessimilhança de seu original he tão notavel, que sensivel se faz logo a primeira vista d'olhos sobre a pintura lançada!

E estudaes vós os quadros da natureza com o mesmo interesse, com a mesma attenção que o poeta, que o pintor, isto he, os homens copistas da natureza? Oh! vós não podeis comprehender os mysterios desses homens que ante esses sublimes quadros da natureza se arroubam, e se isolam completamente a respeito de quanto mundano se revolve em torno delles! Sim, o poeta, e o pintor! que o pincel do pintor vale tanto quando descreve as scenas da natureza, como a penna do poeta quando as pinta!

Ahi tendes pois hum homem, solitario, no fundo de seu gabinete, descrevendo, ou pintando scenas, que sua alma arrebatada do grande original da natureza, ha pouco, talvez, copiára! Ahi o tendes isolado de todo o mundo! ahi o tendes só! neste momento ninguem para elle vive; tudo está aniquilado em sua imaginação, excepto o seu bello original! Abstrahido de tudo quanto não he sua obra, não ha nelle mais que hum unico pensamento! Elle voa após de suas inspirações, e com ellas se perde nesse mundo psychologico de seu bello ideal! Oh! não corteis essa magica tèa que o prende á huma bemaventurança de encantadoras idealidades! Respeitae seus extasis! não perturbeis o sagrado dessas doces illusões, tão vivas, como o sol do estio, tão suaves como aura da manhã, e tão feiticeiras, como o enamorado sorrir da pudibunda virgem! Não o perturbeis, e a perturbal-o, temei o furor de suas maldições! Entrae no quarto do poeta, ou do pintor no momento de suas inspirações, roubae seus vestidos, que elle não tenha huma camisa, que mude pouco ao depois; roubae-lhe todo seu dinheiro, que elle não tenha no seguinte dia hum pão para comer; primeiro vos perdoará esses damnos, que o haverdes cortado o fio precioso, e tão querido de suas inspirações! Fugi pois nesse momento desse homem tão só, tão soberbo, e tão orgulhoso! Sim, tão só, como a derradeira esperança do moribundo! tão soberbo, como hum coração de mulher! e tão orgulhoso, como huma cabeça de pintor, e de poeta!

E que temos nós com o poeta, e o pintor? a nossa existencia lhe he tão indifferente, como lhe he a sua propria! A gloria de hum dia, a felicidade de hum instante, que lhe preparem hum renome, eis a sua existencia, eis o preço de huma vida tão custosa! E que lhes importa que essa vida fosse ephemera, com tanto que fosse assignalada com hum bello poema, com hum brilhante quadro?! A flor do valle não dura mais que hum dia, e esse dia foi de sobra para seus encantos, e esse dia foi de sobejo para seus perfumes: perguntae ás brisas, que os gozaram, perguntae aos insectos que com elles se deleitaram!

Mas muito nos temos occupado do poeta, e do pintor; he mister deixal-os, e não he sem grande sentimento que o fazemos; vós o tendes notado, e he verdade!

A estampa que vos offerecemos nada mais he que o convento de N. S. dos Anjos, na cidade de Cabo-Frio, huma das mais antigas da provincia

do Rio de Janeiro. Ahi o tendes assentado n'aba oriental da montanha de N. S. da Guia, em cujo cume se nota a pequena capella, que lhe he dedicada. Quasi tão antigo este convento, como a mesma cidade, seus habitantes começaram essa obra no 1.º de Abril de 1617, pedindo ao capitão-mór Estevão Gomes, que, em nome d'El-Rei, lhes concedesse por sesmaria a terra da montanha para essa fundação. E de feito fundado foi elle, por que era nesses tempos em que huma fé viva, e robusta, avigorada por huma educação eminentemente christã inflammava almas por excellencia catholicas, almas de homens de fé tão santa, e tão segura, que não tendo visto, como o incredulo discipulo, que tocára o lado do Divino Mestre, acreditavam a palavra do Evangelho!

Então, nesses bons tempos esse claustro era occupado por trese religiosos franciscanos reformados, que com ardor se davam á todas funcções do culto, e á todos trabalhos de sua ordem; hoje em quasi total abandono apenas hum unico religioso ahi apparece! e essas cercas, que guardavam tão bellos verdores, cultivados pomares, graciosos jardins, e outras tantas obras da arte, e do gosto, reduzidas a pardieiros, a escondrigios de reptis, a dormitorios de corujas, de morcegos, e outras nocturnas aves, offerecem aos olhos curiosos o doloroso espectaculo dos estragos do tempo, e mais tarde, o de completas ruinas, funesta imagem da sorte universal!

AMOR COMO SE GÉRA, E COMO ENTRA; QUANDO SE DIZ SER PERFEITO E DÁ PENA EM DELEITE.

Principe. — Pois he que amor ha de ser só e unico, por habitar no coração, que não sofre mais que huma ferida, pelas razões que haveis dado; quizéra eu me mostrasses por onde entra, pois he que deve ter algum principio?

Celio. - Para mostrar melhor o que he a razão do que se pergunta, será necessario fundar de mais longe esta doutrina, fazendo por mostra d'ella hum exemplo, e he, que vemos a hum lençol molhado, e posto ao sol, estar lançando de si huma nevoa, que se levanta acima: a qual não he outra cousa se não a agoa que a quentura do sol está chamando a si. Com o que o outro veio a dizer, que se como vemos chorar os olhos, viramos o coração de quem chora, quantas lagrimas vemos derramar os olhos, tantas gôtas de sangue viramos verter o coração donde mana a tristeza ou alegria; porque jámais viramos olhos chorar se elle não estivéra triste. Suppondo hum e outro principio, digo que a vista e olho vêem o bem da formosura, e dons que não tem: e como todos os sentidos do homem tem seu officio, dando o vêr deleite ao ouvir, o ouvir contentamento á fantazia, esta o remette ao entendimento, o qual assentando que he bom o seu parecer, como todos os que amam tem conhecimento, pois para hum amar, ha de saber discernir o bem do mal, com que conhecido dá seu consentimento o entendimento, remettendo-o á vontade, que o aposenta no coração, o qual produz o amor. Esse, como o sol, está ferindo e influindo sua quentura e effeito no coração, que começa a lançar vapores do sangue mais subtil (que são os espiritos vitaes), os quaes indo-se aos olhos, por elles mesmos sahem, como a nevoa do lençol, e vão ferir na vista da cousa bella e desejada, a qual dando entrada (quando não resiste) pelos olhos lhe entra pelo coração, donde o sol do amor com sua propriedade de pedra iman, está chamando a si o sangue subtil, que pela vista se lhe vem communicando. Donde Plutarco veio a dizer, que assim como posto hum vidro christalino ao rosto do sol, para que fira n'elle com seus raios, o sol que por elles commette sua virtude, e acende fogo depois de passar pelo vidro: assim amor que passa com hum ardente e penetrante calor pelos vidros de nossos olhos, em que reverbéra a força de seu fogo, com o qual facilmente acende as materias seccas, que acha diante, com que abrasa o coração. E d'aqui procede e começa o amor verdadeiro, que até então foi affeito voluntario; não sendo o vento e raio tão repentino que primeiro entre e chegue onde quer, como o amor, que confessamos ser espirito. E por isso se disse, que a alma está mais donde ama que onde anima, por se lhe sair esta pela vista, nos espiritos vitaes, que foi o sangue subtil que o coração de si lançou. Donde se segue o que lá disse Catão sensurino, que o namorado vive em corpo alheio; por que se hum de verdade ama a huma pessoa, dando-lhe a alma, certo he que não póde amar já a outrem verdadeiramente, (como atraz provámos) por não ter o homem mais que huma alma, e tendo-a entregue, que he o primeiro signal de hum amar, já não a póde dar a outrem.

Principe. — E como se conhecerá ser o amor perfeito?

Ayo. — Então disséra eu ser o amor perfeito, quando por elle se perde o juizo, conformando-me com o que Celio tem já dito, ser o entendimento o primeiro cabedal com que se entra neste jogo,

e o primeiro que nelle se perde; porque o amor por desatinos se governa, pois obrigou a Jupiter converter-se em touro, a Neptuno em cavallo e a Phebo em pastor, por que estes e outros muitos perderam o sentido racional levados da appetitosa paixao do amor.

Principe. — Da razão de Celio espero eu melhor resposta á minha pergunta.

Celio. — Como nao ha coisa a que se não obrigue fazer, o que de véras ama, e o que verdadeiramente ama, nada teme, e nada receia. Sendo falta d'amor o não se sujeitar o amante a tudo o que póde dar gosto á sua dama, e lhe póde facilitar seus favores se he que procura mostrar-lhe a perfeição de seu amor, não será havido por tal quando sua vontade se não conformar com o desejo de quem lhe possue a alma, transformando-se nas acções de seu querer, por ser tal o que ama, qual he a cousa amada, pela virtude que o amor tem de unir, não só as naturezas, mas as vontades, para que queiram huma mesma cousa. Com que respondo, que para o amor ser perfeito deve ser correspondente, ficando sendo amado e amante, por participar e ser participante, satisfazendo hum a outro no que imaginam lhe faltam e mais desejam. E assim, sendo de hum, e outro as perfeições, se vem a transformar de maneira, que já não são dois, mas hum só, por viverem os amantes em corpos alheios, (como se disse com Catão) quando pelo mesmo se não diga, serem quatro; porque estando cada hum transformado no outro, parece seguir-se haver em cada hum dois, pois cada hum he amante e amado. E esta he a verdadeira transmutação, que Hercules quiz mostrar quando se vestio em trajes de donzella por agradar a sua querida Iole: e o fez Nino II quando vestio as roupas de sua mãi Simirames, (a quem amava deshonestamente) e lhe deo as suas de Rei, para que governasse; e não em brutos, salvo se com brutos, se tratam os amores, como fez Pasiphae que se cobrio com o couro de huma vaca, para solicitar e provocar o touro, com quem se ajuntou, e a quem amava.

Principe. — E como se entende a distincção que amor faz tão desigual, que dando aos que amam pena sem deleite, da aos amados deleite sem pena.

Celio. — Disse, porque os namorados tem pena continua, por gosar o que desejam, e a amada gosa sem pena o deleite de ser amada, por não haver cousa que mais gosto e contentamento cause a huma dama, que saber que he amada, desejada e sollicitada, por mais honesta que seja, como se vio em Penelope, que se recreava em saber, que tantos galantes a procuravam e cortejávam, levados e incitados por sua formosura, vindo-lhe a casa, e fallando com elles, sem ella se offender por isso, nem deflirir a seus intentos e pretenções, nem lhe dar pena, por que quando ella, e as mais mulheres a tiveram por serem amadas, em sua mão ficava e está, o lançar a pena de si, só com amar a quem as ama, e consentir com o que o amado quer, sendo correspondente, em que consiste a perfeição do amor, que he participar, e ser participante com que tudo fica deleite sem pena; mais a verdade he, que a ordem do amor he em tudo desordenada, pois aos que mais merecem dá a pena e peior galardão (por ser a mulher qual a palma que hum a planta, e outro lhe gosa o fructo, e os que menos merecem são amados, gozando da gloria e deleite de serem servidos e adorados.) Donde se infere, que a alma está morta no corpo proprio, e viva no que ama, por lhe levar o amor traz si; sendo certo que o que he amado e não ama he homicida do amante, o qual como vive sem alma, pela ter dado ao amado, que não ama, fica morta no proprio que a transpassou no alheio, e morta no alheio porque não ama. Pelo que advirto ao que se põe a amar, se deve logo armar de sofrimento para os desprezos e ingratidões da cousa, em que põe seu amor, e as penas que d'ahi lhe podem sobrevir em quanto não he correspondido, dando-lhe entrada a seu amor, que como este ha de nascer da vontade alheia, e não do poder proprio, console-se em saber não he affronta o não no alcançar: sabendo como amando muito, mais caminha quem segue que quem foge, por que quem aborrece caminha cansado com a carga da alma alheia que leva traz si, e o que ama, cansado descansa, tanto por ir traz do que lhe levam, como pelo gosto com que vai traz seu desejo.

Principe. — Conforme tudo o que haveis dito, parece que amor he o mesmo que amisade?

Celio. — Não, senhor, porque amor dista da amisade, em que sendo a amisade amor de alternada benevolencia, fundada em communicação e conservação, com consentimento de vontades, juntas em hum querer e aborrecer, vem a concorrer na amisade amor, mas no amor não concorre sempre amisade, por poder o homem querer muitas vezes a quem o não ama.

Ayo. — Como se comparam logo os amantes com os amigos?

Celio. — He em quanto a amisade he hum amor envelhecido, o qual tem sempre respeito á utilidade de quem ama; e como póde acontecer querer eu a quem me não quer nem ama, nunca acontece haver amisade sem preceder amor, nem ha amor perfeito sem amisade. Com que

se segue, que o amor he principio, meio e fim de todas as obras boas; e d'aqui vem que entrando muitas vezes hum amante com ruim proposito, e devendo ao amor libidinoso, se torna bom e util; que ainda que o interesse proprio em cousas de amor, a nenhumas obrigações e utilidades guarde respeito, não se póde chamar verdadeiro amante, aquelle que se não contenta com o que lhe póde dar o estado de sua dama, sem descredito seu.

Religião.

A verdadeira, e fundamental pedra, he Christo, pela porta que entra a vida, se ha de entrar a sabedoria, e a felicidade; e assim deve o soberano, e os mais trazer sempre em memoria Christo, que para conhecer as letras, he preciso a luz, e he impossivel achar os acertos ás escuras, e pelo muito que importa faça em o seu coração assento o nome santissimo de Christo, que isto será saber, e o mais he ignorar; por que a mais alta razão d'estado, se senão ajusta com a lei de Christo, poderá grangear bens temporaes, desperdiçando as riquezas eternas.

Não se mantem as corôas á razão d'estado, se não Deos, que como Senhor Universal dos reinos, os muda, altera, ou conserva, e assim he necessario reverencia-lo como a Supremo Senhor do dominio directo.

Dizia Henrique III de França ao principe Biarne, seu successor, que não seria firmemente rei de França, se não fosse seguramente catholico; digna voz de hum monarcha Christianissimo!

O principe mui religiozo he temido dos estranhos, e amado dos proprios, porque estes não esperam aggravo, e aos outros não se lhe faz, conhecendo que tem a Deos da sua parte.

Deve o soberano, e todos mais honrar muito aos sacerdotes, e ministros de Deos, que toma muito por sua conta os beneficios, que elles recebem. A dignidade ecclesiastica, e a regia, se dão alternadamente as mãos, e se o sacerdocio se assegura á sombra da espada, o reino se mantêm a rogos da corôa; e o sacerdote se interpoem com Deos para que conceda piedoso as victorias, que quiçá negará justiceiro, com outras muitas mais palavras escreveo a Docta Purpura, o cardeal Pedro Damião a Henrique III, Imperador, e Rei dos romanos.

He a estimação dos sacerdotes indicio evidente da pureza, com que se crê; pois como notou Brotero, mal se compadece venerar a lei, e atropellar seus ministros.

De venerar aos sacerdotes nasce o ouvir com gosto, e estimação seus conselhos; assim no juizo secreto da confissão, como nos pulpitos; e deve o soberano ouvil-os, e estimal-os muito, e quem com liberdade christã dentro dos limites do respeito tiver valor para executar acção tão perigoza em palacio, que he prova real de conhecida lealdade, e bom zelo. Não me houvera attrevido a tocar este ponto se não fôra hum dos principaes conselhos, que em a instrucção deixou o Santo Rei Luiz de França a seu filho.

Não he de menor peso a obrigação do prégador, e não ha em palacios facil porta commummente á verdade, seria lastima achasse abrigo em pessoas sagradas a lisonja de quem se esperava o desengano. He tão pesada carga a de hum prégador, que ainda que não seja crido, e conheça que a sua doutrina lastima, ha de fallar com muita veneração, por que não ha medicina, que cure, e deleite; nada he mais offensivo para com Deos, e para com os homens, mais indecente por interesses, nem contemplações humanas do que dissimular o que convêm advertir; porque quem se encarrega de reprehender como apostolo, ha de ser em desprezar os perigos, advertindo, que se por vergonha, ou medo e não se oppõe ás culpas, elle se perderá ainda que viva mui ajustado pela causa do seu silencio, não se emendarão: notem isto, disse Bonifacio, os que tem a seu cargo as consciencias dos reis, não se deixem levar do medo, ou da lisonja, enfermidade commum dos palacios; porêm, que será (pergunta hum politico) que não esteja em uso, este catholico desengano? E elle mesmo responde, faltam os Ambrozios, faltam os Chrisostimos verdadeiros amigos dos principes.

Não se ha de serrar a porta ás verdades, e mais quando vem por mão de confessores, prégadores, ou prelados ecclesiasticos, que quasi sempre são interpretes da mente Divina; porêm devem-se dizer aos principes com brandura, e arte, como pela veneração, por que façam effeito.

Em os bens da igreja deve o soberano pôr todo o cuidado, e muito á mão, que são o patrimonio do Céo, sobre que se livra o culto da religião, o sustento dos pobres, e desvalidos, contra cuja vida (como notou a este intento o cardeal Pedro Damião) e póde-se commetter ho-

micidio sem derramamento de sangue, alguns meramente politicos tem por superfluo o lustroso apparato em os ecclesiasticos, por que não convêm com aquella primitiva pobresa evangelica de sua instrucção, não abono o superfluo, e olhando o mundo como hoje está, respondo com João Botero, que se envelhece para com os homens a religião, e o culto Divino pela necessidade, e pouca decencia de seus ministros, esta he verdade pratica, os demais são discursos ao ar, e fallando com a locução de hum grave historiador, laços que arma o demonio para que caiam os principes em o caminho do interesse.

Quão veneroso contacto tenhão os bens ecclesiasticos para os principes seculares, Carlos Matel, e Lodovico, o crasso, o dirão em França, e em Hespanha dom Sancho, o primeiro, e seu filho Affonso de Aragão, e podéra nomear outros muitos.

E fallando da grandeza de Roma Justo Lipsio, tinha o templo de Jupiter Capitolino cobertas as portas de grossas laminas de ouro, até o tempo do imperador Honorio, em que as tirou Shi-Licon, e achou-se escripto n'ellas hum letreiro, que dizia. — Guardam-se para hum rei desdeixado. — E confirmou-se mui brevemente o successo com a morte de Shi-Licon. Não he ouro o das igrejas, em sahindo das portas do templo, ainda que appareçam em o apparente, que póde remediar necessidades, he como as maçãs de sedoma, de quem disse Tertulianno, que á vista eram formosas e aprasiveis; porem ao contacto se resolviam em cinzas.

Como deve ser a virtude, e consciencia de hum principe? Questão que tem proposto doutos, e religiosos politicos: todos desejam seja devoto, e de boa consciencia; porêm com aquella justa proporção a seu menisterio.

Excelsa virtude he a da oração, porem tanto póde exercital-a hum principe, que com ella dê lugar á que pequem sem castigo os vassallos; como são os estados, são as obrigações, e não he bem faltar ás precisas por dedicar-se ás voluntarias, que não he menos merito obedecer, que sacrificar.

Quem disséra, que a continua assistencia de Henrique 3.º de França aos oratorios e procissões devotas podia dar alento, a prendel-o em huma dellas o duque de Guise, e lhe fizeram por estes actos argumento da sua incapacidade, mettendo-o em hum convento, tyranisando o reino. Não se serve a Deos menos, governando que resando; ponham todos o seu disvello, e excercicio em as cousas divinas; porêm o soberano, a cujos hombros se encommendou a pesada carga dos interesses communs, e em dando principio ao dia com orações mais affectuosas, que largas, ha de entregar-se aos cuidados publicos, que apartar-se d'elles com pretexto de religião, he vicio mui sem desculpa, por attender com demasia ao que não deve; seria possivel faltar com ommissão ao que lhe toca. Este conselho poz aos pés d'el-rei D. Sebastião em sua tenra idade, o grave juizo de Osorio.

(Mss. da Bibl. Publ.)

A GUERRA DOS EMBUÁBAS (1).

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO I.

O Guia narrador.

> Quem diria, em tanto socego, que huma má tenção os levava?! essa multidão de homens corria á vingança!.....
>
> *(Rui Vaz Pinto, enedito.)*

Era huma noite quente e abafada; em hum valle rodeado por altas montanhas cobertas de matos virgens viam-se para mais de cem fogueiras, e de cerca dellas muitos homens armados, huns fumando, outros comendo, e outros conversando; era hum espectaculo de pôr medo a quem frequentava as estradas solitarias destes medonhos sitios, por que a idéa mais favoravel, que poderiam fazer de tal ajuntamento, seria a de que fosse algum bando de ladrões e assassinos; e ainda mais, se houvesse alguem tão atrevido, que enxergando da altura das montanhas aquella multidão descesse á raiz para observar o que faziam tantos homens juntos, aquelle primeiro incerto pensamento se havia de tornar em pavorosa certeza, tão feias caras havia de ver e tão terriveis, tantas as chuças, mosquetes, espadas..... porem, hum abandono tão seguro, huma segurança tao livre, que faziam desandar a cabeça a dois homens, que cá na montanha que ficava ao oriente, a mais baixa de todas,

(1) « *Este nome Boába, quer dizer na lingua dos Indios deste Paiz gallinha, ou gallo de pernas cobertas de pennas, ou calçudos; e por que n'aquelle tempo todos os homens do Reino usavam de calções chamados de rolo, e descidos estes cobriam a maior parte das pernas, chamavam por este motivo Boába, ou para melhor dizer -- Pinto-calçudo.* » *(Rev. do Instituto Hist. Vol. II pag. 76.)*

sobre os cançados muares não tinham vontade de descer até o valle.

— Eu aposto que são ladrões, dizia hum delles para o companheiro.

— E eu digo que não, tornou o outro; huma tropa tambem não póde ser; porem as estradas são limpas..... oito dias ha que muitas arrobas d'oiro aqui passaram a salvo, e se fossem ladrões.....

— He huma asneira, que estás dizendo! por que ha oito dias aqui passaram muitas arrobas d'oiro a salvo, não póde isto ser huma cafila de ladrões?!

— E se fossem, que mal nos ia em passarmos perto delles? quanto levas ahi para te furtarem? olha, eu vou a elles, por que ainda que me deem conta da pele, tanto faz morrer na bocca de hum mosquete d'aquelles que lá em baixo reluzem, como nos dentes d'alguma onça; demais, como sublmos, e escoteiros, pouca cobiça lhes farao nossas malas.

— O que tu dizes he de razão, disse o companheiro chegando os acicates á barriga da besta vendo que ficava sosinho; mas olha, se forem ladrões.....

— Ai, que me parece trazeres por ahi alguma coisa, meu velho raposa?!

— Valha-me Deos.... sempre trago hum bocadinho, que nos ha de ajudar lá nas Minas.....

— Nesse caso he prudente não descermos; ou antes, eu vou só, por que indo mais leve menos perigo côrro, menos perigo corremos.

— E eu fico só aqui?! nada, vão-se os aneis e fiquem os dedos; vamos ambos.

E deram de esporas, descendo vagarosamente até junto da primeira fogueira, que ficava em meio da descida, retirada muito das outras. Bom pedaço desviado della, o mais moço dos dois viajantes pôz pé em terra, e cozendo-se com o mato foi de vagar chegando-se até que pôde ouvir o que se fallava.

— Dobrado caminho, c'os diabos!! dizia hum dos que estavam ao fogo; cá se me ficam as pernas desta feita, e a S. Paulo não tornarás, Braz dos Anjos queridinho. O'irmão da cóva, como te foi hoje na dianteira?

— Menos mal.....

— Entonces, não te vai gosto de ficares commigo outra noite cá no rabo da tropa?!

— Não que tenha mêdo; mas gosto de descobrir campo, e depois meu lugar.....

— Valha-me S. Pedro, que bem sei eu qual he elle; o guia no coice havia de ser engraçado.... mas não te fallo nas horas de marchar, de noite he que te queremos e as tuas historias.

— E por que não vieste hontem ao arranchar-mos no morro? disse hum terceiro, mettendo-se na conversa.

— O' Paulo, não falles nisso ao guia, respondeo o que primeiro fallára, e tinha nome Braz dos Anjos; nao falles nisso ao guia, continuou rindo-se ás gargalhadas; que boa historia não ha de elle fazer quando estivermos de volta, se os Poábas nos deixarem a pele, o que Nossa Senhora ha de permittir, e a minha chuça.... que boa historia, guia?!

— Mas, o que foi? disse hum.

— Sim, a noite de antes de hontem? disse outro; aquelles tiros.... que barulho foi aquelle?

— Ah! ah! ah! supponde vós que huma onça grande como os diabos ia comendo o nosso guia e narrador... ..

— Mas como foi isso?

— Ora.... pois ouvi lá: foi antes d'hontem pela meia noite, pouco mais pouco menos; fazia escuro, como a cara de hum negro dos de Amador Bueno; frio, como nunca se vio na terra, e por isso haviamos nós arrumado huma fogueira de mais tres braças em comprido. Ora bem, tinha-se acabado toda a lenha, e só havia hum largo brazeiro, que estava chamando por boa posta de veado.... e nós todos a dormir n'hum ranchinho de sapê que ficava bem defronte do braseiro, bem defronte; o guia tambem a dormir junto de mim cançado de dar ás pernas n'aquellas boas quatro leguas de morros, que nesse dia fizemos, e cançado de dar á lingua n'aquella maravilhosa historia de *Roncesvalles*.....

— Mas, vamos á historia do guia, disse hum impaciente.

— Estou com ella, *rachador!* Estavamos a dormir todos; eis se não quando sinto eu huma fósca nas palhas do rancho.... levanto-me, e vejo huma garra de onça encastalhada n'huma das casas da vestia do guia, e huma das patas tão perto da cara delle, que parecia levantar-se o pello com o respirar; estive quasi deixando o negocio correr seu termo por que n'aquella noite era este dorminhôco quem fazia sentinella, porem lembrando-me, que ainda não tinha acabado a historia do *Roldão em Roncesvalles*, e demais com vontade de esperimentar como cortava a minha faca em pele de onça.... arrumei tão boa facada, que passando o sapê foi toda no peito do bicho....

— Assim mesmo! bradaram todos.

— E o diabo, que eu esperava em cima de nós, revira-se, e vai aos saltos cahir sobre o braseiro, que ella julgava lá para si havel-a arranhado.....

— Como te safastes por milagre de tamanho perigo! disse o rachador.

— Enganas-te; ahi he que foi o perigo; por que o guia berrava tanto ou mais do que o bicho em cima das brasas; e toda a gente estremunhada pegava dos mosquetes e despejava fogo por todos os lados em risco de nos deminuirmos antes de chegar á vindima lá nas Minas, que ha de ser machucha.....

— E depois, a onça?

— A onça torcia-se, dobrava-se, mordia-se, pulava e huivava, como hum *possuido* nas mãos dos padres do Collegio; e eu carregava o mosquete para acabar de huma vez com tanto alarma; fui-me a ella e despejei-lhe duas balas bem entre os olhos, que pareciam dois carvões acesos, e ella aquietou-se.....

— E de manhã.....

— Só restavam as cinzas.

— He huma boa historia.....

— Historia!? interrompeo Braz dos Anjos, com enfado; alto lá, rachador! disto fará o guia huma historia, mas por ora he hum caso verdadeiro, e acontecido.... vai muita differença de hum caso, a huma historia.

— Pois seja caso ou historia, disse o rachador; o que nós queremos he que o guia comece a historia, ou caso *da terra*, que nos prometteo; historias d'alem mar já aborrecem.....

— Pois conta alguma maroteira dos Boábas, c'os diabos! disse Braz dos Anjos, dando formidavel murro no hombro do guia; e lembra-te que se não fôra tua habilidade em contar historias, estarias hoje no bucho da jaguára.

E todos se chegaram para junto do guia; e o moço viajante, que agachado entre humas moitas ouvira o *caso da onça*, levantou-se nos joelhos por hum instante, e depois tornou de rastos para junto do companheiro,

— Vamos, guia; aqui tens vinte orelhas, e dez caras todas voltadas para ti; começa.

E o guia, tirando o cachimbo da bocca, começou nestes termos:

— Descobertas aquellas ricas e celebradas Minas, para onde nos vamos de caminho, deram tão violento abalo nas povoações de beira mar, e ainda nas de alem delle muito longe, que tudo se despovoava para correr aos sertões em busca de fortuna; muitos ficaram por as estradas mortos de cançaço, ou de fome, porem alguns chegaram a pôr as mãos no pó amarello, e de volta á sua terra a cobiça enlouqueceo outros.....

— Este guia dos diabos parece que não he paulista! interrompeo Braz dos Anjos.

— A contar historias, disse o rachador; por que quando se trata de aliviar hum Boaba, ou viajem perigosa e incerta atraz do *desejado*, não fica para a banda, he dos primeiros.

— Deixa contar o guia!! disseram alguns.

— Já não sei onde caminhava.....

— Sim, sim; muitos foram atraz do oiro, e que tem isso? vamos á historia, isso já nós sabemos.

E o guia continuou:

— Havia, pois, nas Minas hum homem, que viera como todos em busca do pó amarello, mas tinha a lingua tão atrapalhada, que mal se entendia huma, ou outra palavra, e essa mesmo dizia-a como o seu nariz, que era grande como a orelha de hum macho, vermelho como o sangue de cabrito; chamava-se o tal gigante, por que haveis de saber que era elle de huma altura prodigiosa, chamava-se Jayme Cosme, e diziam huns que era judeo, por que não ia á missa como todos; porem, assim mesmo feio, era querido de muitos, direi mais, de todos, pela grande sabença que tinha das coisas de mineração, e era tão grande, que onde elle dizia; — Aqui ha oiro! ahi havia oiro, muito oiro!... Mas tende conta que não dizia elle; *Aqui ha oiro*; era huma trapalhada, que verdade he muito bem se entendia; bem que o entendi eu muitas vezes.....

— Pois fallastes com elle? perguntou hum.

— Entonces he hum caso, que nos estás contando?! disse o rachador piscando os olhos em mófa de Braz dos Anjos.

— Cio! cio! deixa narrar o guia! bradaram todos, vendo que huma altercação ia começar entre os dois.

— Jayme Cosme, proseguio o guia, procurado por todos em razão do seu tino para coisas de lavra, foi empregado pelos ricos em quanto era pobre, depois começou a trabalhar para si, e com tal successo, que dentro de alguns mezes tornou-se rico, muito rico; soprou-lhe o diabo na cabeça o desejo de ser administrador das Minas, e de concêrto com *alguem*, que secundava seus intentos mandou ao Senhor Rei amostras d'oiro, e certos enredos que fizeram crer depois que seu fim desgraçado não fôra accidental, mas forçado, o que he grave erro, ou nojenta mentira, por que eu assisti ao successo, e nao sou capaz de dizer huma coisa por outra.....

— Isso he verdade! exclamou Braz dos Anjos;

o guia não he capaz de mentir, se lhe perguntarem pelo estomago.

— Temos dois contadores de historias no lóte... disse o rachador entre-dentes.

— Cio! deixa o guia narrar!! disseram outra vez todos; se vamos assim só na volta da jornada ouviremos o resto.....

— E os que ficarem por lá nas mãos dos Boabas, esses quando ouvirão o fim do *caso* ou da *historia?*

— Maldito rachador!.., murmuraram alguns.

— Se lhe chamais fallador por Deos que na chrisma ganhou elle.....

— Leva de fallar! disse o guia com authoridade; se quereis ouvir a historia, só eu sou quem falla.

E continuou nestes termos:

— Tinha o tal Jayme Cosme, como acabo de vos dizer, huma mineração por sua, e era das mais ricas; alem de alguns escravos seus, occupava indios pobres dos aldeados, que levamos de S. Paulo e de outras partes; entre estes havia hum velho, que trabalhava por tres homens robustos e moços, e se trabalhava assim a matar era por que tinha duas filhas, lindas como duas santas, não comparando: ora o judeo, ou o que quer que era o tal Jayme Cosme, vio hum dia as duas indias, e sem mais cumprimentos mandou-as buscar para sua casa, o que soffreo mal Jaguarassá, que assim chamavam o indio. Começou entre os dois huma guerra de morte, em que acabou mal o indio por que hum dia foram achal-o rebentado em fundo rego de minerar, do que tiverám tal paixão as duas raparigas, que se deixaram finar de fome e sêde; ficou o judeo muito fresco no negocio, por que ninguem lhe tomou contas.... mas quando elle mal pensava, os *tres* vieram tomar-lh'as, e elle pagou com usura, como veremos mais adiante. Não se trata agora dos embustes dos Franciscos de Taubaté, com o seu frecheiro enterrado (2).....

— Alto lá, guia! disse Braz dos Anjos; eu vi com estes olhos o defunto, feia coisa! tinha hum olho aberto, e era o direito, se me não engano.....

— Tambem eu o vi, replicou o guia; mas por que em huma sepultura apparece hum diabo de indio reseccado, com hum joelho em terra, o braço esquerdo estendido em ár de quem atira; por que em sua vida este homem ferisse hum sacerdote com huma bala, deixando despedaçada huma imagem de Christo, que o sacerdote segurava, por que isto acontece no instante em que nós chegavamos á villa, lembrar-se hum Frade de gritar-nos que deixemos a Deos a vingança de nossas injurias?! Quem sabe se tudo isso não foi arranjo dos Boabas?! Esperai que em Guaratinguetá, onde chegaremos ámanhã, ha de haver novo acontecimento; cá dentro m'o está dizendo o coração, e o vereis.

— Mas a historia? vamos a ella, disseram os outros ouvintes.

— Bem cedo, proseguio o guia, bem cedo, se dermos ás canellas de outra maneira que não temos feito até aqui, por que nos vamos com quarenta e nove dias de caminho, e estamos bem longe do termo de nossa viagem; mas, bem cedo como eu espero, passareis vós, e eu tambem n'hum lugar deserto e triste, retalhado em todas as direcções: ahi vereis huma grande e profunda cova, que se chama: — *A Cata do morto* (3), onde muitos dizem que em certos dias do anno, por horas feias da noite, se ouve tal matinada, que só com ouvidos de fino aço se podera alguem aproximar da bocca. Muitas braças ao longe não se encontra huma erva enfezada sequer, e os passaros fogem deste sitio, como de hum lugar empestado e máo; e com effeito, he medonha a solidão.....

— Sáfa! e para que nos levas tu, guia de todos os diabos, por tão ruim sitio?! disse o Rachador.

— Maldito sejas, rachador! com as tuas asneiras; ficará a historia em meio, disse hum levantando-se.

— He isso! fica sem lhe ouvirmos o melhor, disse outro levantando-se igualmente; grande somno tem Amador Bueno para mandar já que tocassem a recolher.

— Olha lá, guia, disse Braz dos Anjos segurando o narrador por hum braço, olha que fica a historia em meio; ámanhã não te vás encafuar na tenda do general em conversas cabelludas, deixando-nos a esperar toda a noite.

— Será o que Deos fôr servido, replicou o guia; demais que a historia está quasi acabada....

— Pois bem, disseram todos; sempre lhe queremos ouvir o fim.

E levantaram-se huns após outros, indo cada hum buscar meio de passar o resto da noite commodamente. Quanto aos dois viajantes, esses depois de huma larga disputa, tornaram a subir a montanha e não sabemos que fim levaram.

(Continua.)

(2) *He historico, veja-se a vida de Belchior, de Pontes, Lisboa,* 1752.

(3) *Historico; veja-se Jeronimo Barbalho, carta dos Vereadores desta Cidade para os de S. Paulo, e sua resposta.*



Lith. de Heaton e Rensburg, R.ª Jan.ª

GOMES FREIRE DE ANDRADA

Conde de Bobadella.

Noticia historica

DE

GOMES FREIRE DE ANDRADE,

CONDE DE BOBADELLA.

Não chegaram a nossas mãos noticias, que esperavamos para concertar a biographia do illustre varão, cujo retrato damos hoje a nossos assignantes; promettemos porem occupar as columnas do *Ostensor* ainda, com aquellas que obtivermos, servindo-nos hoje as memorias de Pizarro.

« Deixando Gomes Freire de Andrada os estudos na universidade de Coimbra, a que o haviam applicado os paternos dezejos de Bernardino Freire, e repudiando a gloria que delles lhe podera proceder, pelo belicoso pó do Alemtejo; ahi com 23 annos de serviço, e no de 1707 deo provas decisivas do seu valor, quando as armas portuguezas promoviam interesses imperiaes com a conquista da Espanha; e já então as suas acções conseguiam o merecimento, e realidade de general, cuja voz, e exercicio ainda lhe negava o tempo. Ajustada a liberdade reciproca dos vassallos em 1712 foi escolhido para diligencias importantes do serviço real da Espanha: e occupando o posto de sargento mór de batalha, teve a nomeação de governador do Rio de Janeiro, de cujo posto se lhe passou patente a 8 de maio de 1733; e com elle a carta de conselho de S. Magestade na mesma data. (*)

« Como 1.º *capitão general legitimo*, principiou a commandar a capitania pela posse á 26 de julho do mesmo anno: e commettendo-lhe a C. R. de 4 de janeiro de 1735 o governo das Minas Geraes, por ausencia do seu proprietario André de Mello e Castro, seu tio, partio para aquelle districto, de que tomou posse a 29 de março do mesmo anno, deixando a direcção da praça ao mestre de campo de infantaria Mathias Coelho de Souza, até chegar o mestre de campo e brigadeiro Jozé da Silva Paes, enviado pela côrte, e authorisado substituto por patente da mesma data, em que se lavrou a sobredita C. R.

« Entre os muitos, e mui importantes objectos, occupavam os cuidados do soberano sobre essa capitania mineral, tinha lugar primeiro o estabelecimento da capitação, cujo systema, julgado pelo menos imperfeito, fora mandado observar no anno de 1734 por ordens expedidas ao governador Mello, dando-se para esse fim um particular regimento: mas occorrendo então alguns obices, que difficultáram a cobrança do direito senhorial do quinto pelo methodo ordenado, foi Andrada executa-la, pondo-a em pratica desde o dia 1 de julho de 1735. Deixando a Martinho de Mendonça de Pinna e Proença o governo interino das Minas Geraes, sahiu da sua capital a 15 de março do anno seguinte, e chegou á do Rio de Janeiro depois do mez de maio.

« Como por C. R. de 28 de outubro de 1733 foi incumbida ao governador da capitania fluminense a substituição do governo de S. Paulo por ausencia do conde de Sarzedas Antonio Luiz de Tavora, mandado as novas Minas de Tocantins; subio Andrada áquella provincia, e no dia 1 de dezembro de 1737 tomou conta do novo commandamento, que conservou, até se prover a capitania paulopolitana em D. Luiz de Mascarenhas, a quem a entregou a 12 de fevereiro de 1739. Por essa separação ficou a Mathias Coelho de Souza a regencia da praça, como official mais graduado, a quem a citada C. R. de 4 de janeiro determinára a devolução do governo na falta de Paes, acontecida á esse tempo, por se achar na ilha de S. Catharina incumbido da sua fortificação, e das que necessitava o continente do Rio Grande de S. Pedro; mas voltando o substituto da sua commissão, antes do mez de agosto de 1738, continou o governo, até se restituir o general no mez de janeiro de 1739.

« Vigilante Gomes Freire de Andrada sobre o commandamento das duas capitanias novamente sugeitas á sua direcção, não se descuidou de proseguir a obra da fortaleza da Ilha das Cobras, principiada por seu immediato antecessor Luiz Vahia Monteiro, augmentando-lhe o plano de fortificação, e construindo outros fortins igualmente uteis, para cujo trabalho fora mandado pela côrte o brigadeiro Jozé da Silva Paes. Por esse tempo levantou tambem a fortaleza da Conceição; erigio na praça do Carmo (hoje terreiro do paço) o novo edificio para casa de residencia dos governadores (*), correndo o anno de 1743; e fez construir o tanque de lavar junto á fonte da Carioca.

« Nos seus apartamentos da capital para as Provincias Mineraes, ficou com o governo da

(*) Foi capitão de cavallos no Alemtejo, sargento mór de cavallaria na côrte, e d'esse posto promovido ao de sargento mór de batalha, do qual subio ao de mestre de campo general, Professo na ordem de Christo. A provisão de 28 de abril de 1733 mandou dar á este governador de ajuda de custo, os seus soldos desde o dia de embarque em Lisboa, á exemplo do que se praticára com os governadores seus antecessores.

(*) *Veja a pag.* 2 *e* 3 *do Ostensor.*

praça, e seu continente, ao mestre de campo Mathias Coelho de Souza, em conformidade da C. R. de 4 de janeiro 1735: e quando se occupava alli no modo de providenciar os interesses publicos, atalhando igualmente muitas desordens de consequencia, que o dissabor da capitania havia urdido entre o povo mineiro, foram-lhe manifestadas, no anno de 1744, as nova Minas de Paracatú, das quaes, e do seu territorio mandou tomar posse, precavendo a jurisdição do governador de Pernambuco.

ARMAS.

Depois da primeira letra, será esta a das armas; e hei reparado muitas vezes em o principio, que teve o povo romano seu fundador, de quem diz Lucio Fiore, que havia deixado a obra, se contam seus imperadores desde Numa Pompillio, varão em aquellas supersticiosas ceremonias, e abusos religiosissimos, a qu m immediatamente succedeo Julio Hostidio, inventor da arte militar.

He a guerra entre os principes, o mesmo que pleitos entre os particulares, estes remettem sua justiça aos jurisconsultos, que com a penna na mão os sentenceam, e aquelles com a sua espada: as pretenções juridicas poem fim a sentença, aos militares os successos; porem como não se acaba o poder, nada passa em sentença de coisa julgada, fica sempre aberto o termo da appellação em que commummente sahem os pobres vassallos de ambas as partes condemnados, em custas de suas vidas e fazendas. E quão delicado ponto he este! e quanto devia o soberano pôr n'elle a consideração, pesando os dannos, que causa huma guerra, e as circumstancias, que ha de mister para ser justa.

Se se ponderar os males da guerra, que he opposta á nossa natureza, e o que padece com ella a religião, e o que estragam os costumes, e quebrantam as leis, em que se confunde toda a ordem das coisas sagradas, e civis, bastava para aquietar o animo dos principes; porem como a ambição de huns molesta a paciencia, e a justiça d'outros, aquelles se inquietam por conseguir o alheio, e estes se disvellam por conservar o que he proprio, e ainda que o nome da paz he suave, em não sendo proveitosa a muitos he desabrida.

Qualquer principe christão, deve apartar dos seus ouvidos a adulação, que lhe persuade por licito, quanto lhe propoem por deleitavel.

Esta he conclusão segura em todas as materias; porem em nenhuma mais do que em a guerra: quanto sangue se derrama, quantas viuvas e orphãos choram, quantos pais ficam sem filhos que os sustentem, quantos filhos sem pais que os crie? A religião padece, as leis emmudecem, e só a razão dá vozes, e não se falla em guerra deffensiva, se não em ostensiva, que sendo arbitraria, ha de ser sempre por todas as razões justa.

He certo, que a guerra não póde ser justa por ambas as partes, porem julgando-se cada huma, que lhe assiste a razão, poderão pelejar ambas sem peccado; d'aqui nasce a destruição das monarchias.

A principal pessoa a quem deve o soberano recorrer, he a sua santidade por mostrar-se inculpavel aos olhos do mundo; e porque Roma he o tribunal politico adonde se sentenceam as acções do principe, e esta attenção a ninguem póde parecer fraqueza se não seguridade de quem obra bem, e reverencia christã devida a dignidade, e fundada em boa politica para ter o animo do Summo Pontifice da sua parte, e das mais nações.

Os principes menores, e as republicas, tem por politica ajudar a parte mais fraca, pondo-se ao lado do desgraçado, não por piedade, nem affecto, se não por que lhe não está bem, que nenhum vença tudo, e assim ajudado o que póde cahir detem ao que póde melhorar.

Não se estingue a guerra com facilidade, e assim se ha de considerar, se sobre ser justa a causa, he util, por que privar-se de tão grande beneficio, como a paz, e se consumir vidas, fazendas em empresas de pouca consequencia, he debilitar-se para as importantes, e não se ha de fazer empenho grande em cousas pequenas.

Para que serviram tantos presidios, como conquistou a corôa de Portugal em Africa, á custa de tão gloriosas fazendas, como refere seu historiador Pedro de Mariz, se depois se houveram de deixar por não poder sustentar, havendo perdido tempo; e trabalho em huma conquista, que se deixou por infructuosa?

Não he o que menos deve olhar-se o estado da monarchia, cotejando as suas forças com a do inimigo; por que quem á pressa emprehende a guerra, a chora depois; se o mallogrado rei D. Sebastião houvera feito esta consideração, como o aconselharam, e o aconselhou cabeça coroada, não se houvera perdido em as arêas africanas, com tao pouca utilidade.

Dous generos de conselheiros são necessarios para a guerra, huns para determinar, estes hão de ser doutos, outros para a fazer, estes hão de

ser praticos. A's letras toca a justificação; ao valor, e á experiencia a execução. Huma coisa, disse Bobadilha, he a guerra, e ordenar as batalhas, e os esquadrões, e outra coisa he saber quando, e em que casos he licito usar da guerra, e contra que pessoas; o primeiro pertence aos capitães ordenal-a, o segundo aos letrados, e jurisconsultos determinal-o; porem se o soldado julga e o letrado peleija, não haverá valor, nem justiça.

Porem ao intento, o successo de Anibal, a quem pelo muito agasalho levou El-Rei Antiocho a que ouvisse a Phorbião insigne philosopho; elle vendo aos dous capitães, deixou a materia, que estava explicando aos seus discipulos, e principiou huma erudita oração da guerra; quando esperava Antiocho, que Anibal ficasse admirado de tanta erudição em profissão tão distincta, disse o invicto carthaginez: Certo Antiocho, que a vaidade deste philosopho he mais para rir, que para se louvar, não he o mesmo estudar em os livros, que em a experiencia, discorre mui socegado o animo em seu retiro, e mui assustado com a espada na mão, á vista do inimigo e do risco em que está: que ha de saber de guerra, quem em sua vida ha sahido do seu aposento entre quatro livros? Em esta faculdade erram os mais experimentados, e querem acertar os espertos e presumidos; como ha de entender a melicia, quem ainda o nome ignora, das armas e dos instrumentos com que se exercitam? Esta sciencia, Antiocho, melhor se aprende em os campos de Africa, que em as escollas da Grecia.

Dizia El-Rei de Macedonia, e o repetia muitas vezes, que em toda a sua vida não havia conhecido quem merecesse o nome de grande soldado se não Promion. Olhem-se os requisitos, que ha de ter hum general, segundo Onossandro, e se verá quão justamente desconfia qualquer de achar-se bom.

O primeiro hade ser mui casto, porque desembaraçado de cuidados amorosos, se applique só a generosos pensamentos, que para elles ainda o amor conjugal embaraçam, que por isso não permettia Roma, que os governadores das provincias levassem suas mulheres.

Não acerta o castigar quem quer bem (disse fallando de Henrique IV, Bartholomeo Gromando) e como sentio Virgilio; desde que se enamorou Dido, cessaram os exercitos militares em a juventude, e se pôz fim aos presidios, que se haviam principiado a fabricar em carthago.

Hade ser vigilante porque não consumma o somno as horas que ha de mister o discurso, a quietação da noite, he conselheiro de grandes façanhas, que em esta virtude resplandeceo Julio Cezar.

Temperado em os gastos, banquetes e gallas, que desperdiçar em festas e regallos o que ha de mister contra o inimigo, he fazer-se a si proprio a guerra; por isso dizia aquelle heroico exemplo de principes, e capitães Jorge Castrioto, chamado vulgarmente escanderbeel, que se havia de peleijar hoje attendendo, que se havia peleijar amanhã, e se repartir o gasto de maneira, que ainda que se augmentassem accredores, houvesse com que pagar. Dizia Valerio Corbino a seus soldados — não quero que ouçais minhas palavras, se não que imiteis minhas obras — não aprendais a disciplina militar em meus preceitos se não em minhas acções.

Discreto e eloquente deve ser, porque a eloquencia levanta o espirito dos soldados a grandes esperanças, facilita os perigos, e allenta para os successos; se a voz de hum clarim sem articular palavra move os animos, que fará a discripção de hum general, ajudada d'authoridade, e arte? Este dote teve com singularidade, e donaire o grande marquez de Pescara, Cezar entre os romanos.

Não hade ser avarento, por que o coração inclinado a interesses, faz-se cobarde a reputação; por isso eram excluidos do conselho de guerra os que tinham suas fazendas junto do inimigo, contra quem se intentava a hostilidade.

A idade hade ser moderada, nem moço, nem velho, por que a hum lhe falta a experiencia, e não está provado em a lealdade, e o outro não lhe ajudam as forças; o moço com o fervor da juventude temerariamente se perde, e o velho sem mais accidente que sua cançada idade desmaia; em as fructas parece que poz a natureza a causa, a verde está agra, a mui madura apodresse, tem tempo capaz.

Já se sabe, que Pompeo de dezoito annos, Fabiano de dezenove, e de vinte e quatro Scipião, manejaram grandes facções militares, hum em Hespanha em as guerras civis; os outros o mesmo; porem hão sido mui poucos os Scipiões, e os Pompeos, e obrando com unicos exemplares, o commum he sempre errar.

Hade ser nobre, porque o governo de hum homem ordinario, o leva com paciencia a melicia, e entre o pascolhano a desobediencia quando lhe vai abrindo caminho á pouca authoridade

de quem tem o posto: a boa raça se busca em os animaes que fará em os homens, donde a vergonha supre o valor, e quando a natureza houvesse andado escassa: bom será segundo esta doutrina, que os nobres sejam preferidos com igualdade de prendas, que o ser bem nascido he dita, porem não merito, e estas coisas se vêem pelo valor, e experiencia, que pela qualidade só, não.

Achou-se muito tempo as legiões d'Allemanha sem consul, que as governasse, até que para isso foi elegido Vitelio, (estimado valido de Tiberio) filho de Vitelio Censor, e tres vezes consul, e pareceo que bastava, ainda que a sua nobreza era bem conhecida pelos postos de seu pai, os maiores que dava Roma, nada d'isto bastou, porque lhe faltavam a elle as prendas pessoaes para o officio. Era Vitelio totalmente ignorante de guerra, pouco pratico em os conselhos; inesperto em o modo de pelejar, descuidado em inquirir os designios do inimigo, havia de perguntar, qualquer ruido o assustava, era velho, e não habituado aos trabalhos; e emfim criado desde sua mocidade, não em os horrores da campanha, se não imitando a Tiberio em os seus illicitos divertimentos, até aqui são palavras de Cornelio Tacito, e d'ellas se collige quão pouco importou o valimento de Vitelio, sua nobreza e os postos de seu pai, porque a nullidade de sua pessoa o botaram a perder de todo; serem nobres não he serem valentes, ainda que he empenho para não serem cobardes; muitas vezes não igualam as forças, ou o animo ao que pedem as obrigações, e he erro o cuidar, que o illustre sangue vence tudo. Importa muito, que o general seja bem visto, para que os soldados lhe obedeçam com gosto, o ouçam com estimação, e lhe assistam com affecto.

A concorrencia de pessoas grandes he perniciosissima em os exercitos, porque os pareceres são diversos, e se vota em contemplações, e o principal de que tratam succede ser (como disse Pedro Gregorio) imminencias, e interesses; e o serviço d'el-rei entre estas competencias, que não he, ou he o ultimo.

Bem o experimentou o imperio romano com os dous consules Voluminio, e Appio Claudio em a guerra d'Etruria, segundo o escreveo Tito Livio, e d'outra guerra, o dirão aquelles a quem tocar escrevel-as.

Questão vulgar he se deve o soberano assistir em pessoa na guerra: muitos querem que sim pelo que alenta a sua presença; e porue o pastor (que assim se chamam os reis em divinas e humanas letras) he grande o empenho de hum rei em a campanha, o qual não póde ser juiz em a paz, nem capitão em a guerra; e se não corresponde os successos á esperança, he dobrado o descredito, e o desar: não he bem que fuja, e ás vezes importa tanto huma retirada que huma boa investida, e se morresse em huma batalha quem ficaria com vida? por isso se ignora o modo da morte d'el-rei D. Sebastião, porque todos os nobres morreram com elle, e se o houvessem prisioneiro, que interesses não attropellariam o reino pela sua liberdade; e que isto assim seja possivel, já o mostreu o effeito em Hungria com Ludovico, morto ás mãos de Solimão, imperador dos turcos, e em o Parque de Paieia com a prisão d'el-rei Francisco de França.

Em seus poucos annos levou Catalina de Medices a seu filho Carlos ás conquistas d'Orliens, e Haver de Grecia á imitação de Terdegunda, rainha tambem de França, que pendente de seus peitos poz em campanha a Clodoveo contra Childeberto. Os principes (sejam da idade que forem) já se vê que em taes casos não vão aos exercitos; e só he permittido aos cabos de quem se tem grande conceito da milicia: cego era Appio Claudio, e libertou sua patria: o celebrado Antonio de Leiva, se mandou pôr em huma cadeira de mãos ao maior risco da batalha, quando prisionou ao conde de S. Pul, em o successo de Landriano, e outras muitas victorias conseguio impedido, e tambem manco da gôtta, sendo não só digno heróe, como se verá celebrado quem lêr a Thomaz Lancio, este grande capitão, e outros muitos, e se verifica a doutrina de Acurcio, que não estorva os embaraços corporaes, quando para mandar está são o juiso.

Não deve ao principe (como diz Livio) darem-se postos de summa confiança, que, com este estratagema se apoderou Tarquinio dos Gavinos, introduzindo-se com elles como queixozo.

Quem dissera, que o Zopyro, homem nobre entre os persas, havia cortar os narizes, e orelhas, ferido o corpo, desformidavel o rosto, imputando esta crueldade a Dario, se passasse aos Assirios, que recebendo-o compassivo lhe entregaram o governo das suas armas, e quando esperavam os defendesse obrigado e vingativo zombou d'elles, pondo em poder de Dario, a Babilonia. E dizia Dario, que mais queria o seu Zopiro são, que ganhar vinte Babilonias.

(Mans. da Bibl. Publ.)

A GUERRA DOS EMBUÁBAS.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO II.

A demora de cinco dias.

> The king asked me, whether a man's house might not better be defended by himself, his children and servants, than by half a dozen rascals picked up at aventure in the struts, for small wages, who might get an hundred times more by cutting tgeir throats?
>
> *(Gulliver's Travels.)*
>
> Ovem lupo committere.
>
> *(Terencio.)*

— Vinha vendendo azeite ás canadas! amigo Braz dos Anjos: corria no ruço andador como os diabos: nunca vi o guia com tanta pressa em dias de minha vida.....

— E o que mais me espanta, he que não o deixou ainda Amador Bueno; quem sabe se os boábas quizeram poupar-nos o trabalho de ir ás Minas?!

— Quem, os boabas? não sabem os de Guaratinguetá como lhes fazemos a ronda e sentinella? A estas horas vão elles por esses sertões dentro com tudo quanto roubaram, e quando chegarmos ao Rio das Mortes, onde eu pretendia tirar desfórra do desastre de meu bis-avô, quando lá chegarmos só havemos de encontrar.....

— Olha o guia! como está coberto de tejuco o pobre.... O' guia do diabo! onde te vais ainda a cavallo?

— Vai largar o ruço no pasto, que he aquelle o caminho; vamos encontral-o na volta, rachador.

— He preciso amarral-o para esta noite, se não, só acabará a historia em S. Paulo.....

— E as novidades que nos trará da correria de dois dias?.....

— Tres e meio, Braz dos Anjos! olha que se foi elle do acampamento desde que prendemos o velho, que parecia hum espião.

— He verdade.... e o moço, como foi ligeiro em cima do cavallo do general, deixando-lhe em troca hum burro velho e cadeira?!

— E se tu ouvisses o velho a praguejal-o, por que lhe levava o fardel.....

— Com boa somma de loiras, que o basbaque tinha escondido; ladrão que furta a ladrão tem cem annos de perdão: amb.os são boabas, la se entendam.

— E que he do velho?

— Queria o rachador amanhal-o; porem Amador Bueno deo ordem para que se não molestasse todo aquelle boába, que largasse as armas, por isso nos oppusemos aos bons desejos de alguns como o rachader, que não foi só elle.

E assim nestas conversas iam quatro homens, que huns diriam militares, outros não, por causa do estranho vestuario, que levavam, meio de soldado, meio de paisano: iam-se por huma rua, ou estrada de Guaratinguetá para fóra da villa, e na direcção que levara o guia: depois de terem caminhado hum pedaço, pararam, a espera de hum outro que com hum cabresto na mão vinha escontra elles.

— Ficam os burros descançados, disse hum dos quatros; porque assim como o guia nos entretem a noite com as suas historias, e nos parece, que mal podemos passar sem elle, assim os animaes que levamos de carga mal pódem estar sem o ruço andador, que os amadrinha.....

— Hontem fui eu na porteira do pasto, disse Braz dos Anjos, e não vi hum só de meus burros: tudo estava esparramado, e foram cances para arrebanhal-os: quem sabe se o ruço não conta tambem historias?

— Sempre tendes na lingua trocadilhos, e remóques, disse o guia aproximando-se dos quatro; nem mesmo na vespera do perigo ficais serios como homens, que sois.....

— Entonces, temos outra jaguára esta noite? perguntou rindo-se hum delles.

— Teremos amanhã hum *tigre-loiro*, ouvis! amanhã.... eu bem dizia que tantas delongas em partirmos d'aqui haviam de trazer novidade; e demais, he preciso que em todas as villas haja de que nos refrescarmos.....

— O' guia, interrompeo Braz dos Anjos, não venhas tu com historias de entre-meio; acabaras hoje a da *terra*, e amanhã se quizerdes, ouviremos ess'outra, cujo introito começas.....

— He huma historia esta, em que tu has de fazer figura, meu amigo; huma historia que se tornará feia, ou bonita segundo o gosto de cada hum, e mais as disposições dos dois cabeças de pensamento.....

— Vaite com tuas fallas para satanaz! que nos importa as tuas cabeças de pensamento.....

— Aprompta o mosquete esta noite, e amanhã me dirás se o guia te engana, rachador; as duas cabeças de pensamento hão de nos dar que fazer talvez.

— Maldito guia! quando elle começa com estes mysterios, he capaz de fazer desesperar hum santo.

— Eu sei o que elle quer, disse Braz dos Anjos; quer que o roguemos.....

— Mas hei de lhe fazer largar este séstro com dois murros, disse o rachador; todas as vezes que elle começar com palavras de jesuita, esmurro-lhe os narizes.....

— Queira o céo que os teus não soffram amanhã, meu valente.

— Que homem! que tem o dia de amanhã com nosco? ha de ser como todos de folgança....

De folgança? talvez, se de bom animo vier Antonio de Albuquerque Coelho.....

— O governador! interrompeo Braz dos Anjos com espanto; pois não está elle no Caeté com os da sucia?!

— E o meu cavallo como vem espaduado, vistes, rachador? estou a pé, disse o guia voltando-se de costas para Braz, que segurando-o pelo braço fel-o desandar outra vez.

— Entonces que perigo ha em se te espaduar o andador? não tenho ahi tres burros, hum cavallo, huma egua.....

— Sim, he verdade; mas de que me serve cavalgadura de outrem, se tenho de bater a canella.....

— Ora deixa-te disso, guia; tu precisas, e eu sou teu amigo.

— Por hoje, que sei novidades.... disse o guia entre-dentes; e depois ajuntou alto: muitas graças, senhor Braz; porem supponde, que tenho de fazer amanhã dez leguas de caminho, depois oito e meia, no outro dia nove e hum tirão-sinho.....

— Ora, isto he nada, interrompeo Braz dos Anjos arranhando a cabeça; fortes animais que são os meus.... mas passando de huma coisa á outra, com que o tal melcatrefe.....

— Porem ficamos justos, amigo Braz; eu aceito o lasão, e de hoje come milho por minha conta.... quantos dias?

— Sim.... mas o ruço está de todo?

— Qual, dois mezes de descanço..... e nesse tempo toma carnes.... ha de ficar bonito para as cavalhadas do Espirito Santo.... e conta com elle, que t'o empresto.

— Vá feito, disse Braz chegando os calcanhares hum ao outro como para pagar-se da estafa que o lasão havia de soffrer.

— Leve o diabo o ruço e o lasão! disse o rachador impaciente; falla, guia, quem he esse *coelho*, que temos para o almoço primeiro?

— Sois hum desalmado fallador! pois isto são coisas que todos saibam? amanhã o verás.....

— Mas conta-nos, de donde vens hoje, e por que ha tanto que te não vemos no acampamento?!

— E esta?! quereis que dê com a lingua nos dentes em grave risco de minha honra?! vós sois huns falladores.....

— Menos eu.

— Cá por mim.....

— Ora supponde que vos digo muito em segredo.....

— Morreo! está dito, o rachador não falla.

— Eu fico por elle, acrescentou hum dos quatro.

— E quem me ha de ficar por ti, caminheiro; teu pai, que Deos haja, não fallo mal dos mortos, mas olha que, sempre t'o digo, era.....

— Aqui está, interrompeo Braz dos Anjos, fico eu por todos.

— Bem, fallo tudo quanto tiver no bucho, e fico socegado; pois se não fôra a segurança do meu amigo Braz, não haveria poder na terra que me fizesse.....

— Já sabemos isso, vamos ás novidades.

— Devagar, rachador! não he por ti que fallo.....

— Bem o sei, por que não tenho lasões..... mas por mercê de Deos ouviremos todos.

— Sim, ouvireis por mercê do Sr. Braz dos Anjos, meu amigo.

— He isso, mas vai fallando.

— Ora ouvi lá, e sentido com a lingua; por que não quero perder a entrada que tenho com Amador Bueno, tendes entendido? He hoje quinta feira, e por esta razão tres dias e meio estive fóra do acampamento; isto he, parti dois dias depois que chegamos a esta terra, e agora vos direi por que parti. Quando largavamos do valle, em que principiei a contar-vos a mui verdadeira historia de Jayme Cosme.....

— A proposito, onde nos fica a tal Cata do Morto? perguntou o rachador.

— Não se trata agora de historias, disse o guia com enfado, e proseguio: largavamos do valle pelas quarto horas da madrugada como vós tereis em lembrança, quando na subida do morro enxergamos dois cavalleiros que se tornavam para baixo, ou que descessem, ou que por nos enxergar não quizessem subir; mandou-me reconhecel-os Amador Bueno nosso chefe, e ordem que se fossem boabas lh'os trouxessemos sem lhes fazer damno...

— Asneiras de Amador Bueno.

— Mas era uma ordem, e tu fizeste muito mal em ir contra ella, rachador; estes que sobem...

— São como os que lá estam, deixa-te de sermões de padre, e anda com as tuas novidades.

O guia fez uma careta, e já remunerava uma descompostura, mas o amigo Braz dos Anjos com sua authoridade de quem dá, que se parece com Deos, aplacou o descontentamento do narrador, que continuou nestes termos:

— Trouxemos-lh'os, que eram elles dois pobres pintos calçudos que subiam para as Minas; chegaram á presença do general cheios de medo pelas fanfarronadas de algum que comigo ia... e delles soube Amador Bueno, que o governador ntonio de Albuquerque Coelho subira para as Minas, e estava no Rio das Velhas, e Caeté compondo humas discordias que entre os moradores destes sitios e Manoel Nunes Vianna, o potrono dos boábas, governador levantado por elles, e boába tambem, se haviam originado; mas que, sendo Antonio de Albuquerque Coelho reconhecido por governador das Minas, e havendo-se retirado para as suas fazendas do Rio de S. Francisco Manoel Nunes Vianna, como certo podiamos ter que de caminho encontrariam s ntonio de Albuquerque—...

— Queira Nossa Senhora que sim!

— Tambem assim digo, por que te quero vêr nas mãos dos boabas com essa valentia, meu rachador de páos, quero-te vêr rachando *nelles*.

— Vamos, guia, deixa-o fallar.

— Amador Bueno, que sabe quem eu sou para cousas de segredo, tomou-me de parte, e disse-me; André Goyaba, meu amigo, vai já arrear teu cavallo, que te quero mandar até o Rio das Velhas para observares os passos do governador; silencio com o que te digo, e brevidade com o caminhar, que aqui te fico esperando. Quiz eu lembrar ao chefe que a demora nos faria mal e que pelo menos gastariamos uma semana; mas já estava pensando em outras coisas e não me ouvio...

— Ah! ah! ah! não te deo ouvidos.

— Silencio, deixa o guia fallar!! disseram todos.

— Cheguei no posto, arreei o ruço, e ao meio dia larguei do acampamento; no segundo dia de minha viagem encontrei como uma cavalgadura de sete pessoas, e eram ellas o governador Antonio de Albuquerque, dois capitães, dois ajudantes e dois soldados...

— E que fizeste tu? perguntou hum com anciedade.

— Fiquei tremendo de susto como tu, meu amigo; não te faças amarello...

— Sete para hum...

— Mas, se não ia com tenção de bater-me com elles, que me importava o seu numero?! passei bem junto delles, cortejei-os com urbanidade e fui-me por onde elles vinham; porem logo que foi noite voltei sobre passadas, cheguei aqui ha pouco, estafado como estais vendo, e mais o meu ruço que largou tres ferraduras n'hum tejucal bravo, que ahi adiante temos.

— E o corgo do ferro dá passagem?

— O levar suas aguas, leva; mas eu passei-o.

— Amador Bueno e os outros que disseram?

— Que haviam elles de dizer? que já que nós topavamos em caminho, esperassemos o governador para lhe fazer todas as honras e cortezia que lhe são devidas...

— Eu não sei entender Amador Bueno da Veiga! disse o rachador enterrando o chapéo até os olhos; elle que em S. Paulo esbravejava com as noticias, que todos os dias chegavam das Minas, de mortes e roubos; elle que foi o primeiro a armar-se, quando nos armamos todos; elle emfim com mil e trezentos homens bem armados espera hum boaba que nos vem dar ordens, espera-o para lhe fazer honras e cortezia, espera-o para nos mandar para S. Paulo...

— Estás ahi dando á lingua sem saber o que dizes; pois sahimos de S. Paulo para vir só a Guaratinguetá?!

— Veremos para o que deixamos S. Paulo! veremos para que perderam nossos filhos seus pais nas mãos dos boábas!! veremos o que rende a demora de cinco dias para fazer cortezia a um governador!!!

— O rachador está de fogo! disse o guia sorrindo-se.

— Mas, como sabes tu, que Antonio de Albuquerque vem a Guaratinguetá!

— Eu o sei porque assim o dizia a sua comitiva; e ainda mais por a estrada que trazem para o Rio he a que possa por aqui.

— Pois que venha; se o general lhe quer fazer cortezia, eu farei o que fôr de meu gosto aos dois boábas, que elle traz de creados, e quem sabe o que farei mais..

— Entonces, tens medo dos quatro das fardas finas? não quero fallar do gallo mestre, que esse só a vista te hade pôr mêdo.

— Assim mesmo; os grandes, que se averiham entre si, eu cá me averei com os outros.

— Não sou do teu voto, replicou Braz dos Anjos; se houver chamusco, os primeiros, que alinhavam sao os grandes...

E assim dizendo, foi interrompido por huma formosa salva de mosqueteria, e outras a seguiram.

— Ei-los! disse o guia, vamos chegando para a villa, por que se não diga que nos pomos de fóra da festa, se a tivermos.

E endireitaram para a villa, onde tudo fervia desassocegado; a presença dos paulistas, que faziam conter alguns descontentes, homens cordatos, não pôz impedimento a muitas reclamações, que com a chegada de Antonio de Albuquerque Coelho appareceram; porem o governador, com singular acordo, não quiz deferir sem primeiro fallar com Amador Bueno, e os principaes, a quem polidamente cometteu paz, promettendo justas satisfações. Porem Amador Bueno, muito resolvido a não aceitar proposta alguma, remetteo o caso para hum conselho, ou junta, que no outro dia devia celebrar-se, para que Antonio de Albuquerque Coelho ouvisse e presenciasse as fallas atrevidas, e as manifestações de odio que arrastavam os paulistas por tantas leguas longe de seus lares e familias. Reunidos no seguinte dia aquelles que deviam fallar no conselho, o governador com diplomatica subtileza córou de tal forma os desvios dos boabas, e afeiou com tal negrura a desobediencia dos paulistas, que só muita determinação, muita raiva e desejo de vingança conservou na primmira resolução aquella turba de cegos e alevantados homens. Consta que ante o governador assim fallara Amador Bueno:

— Deve o senhor rei aos intrepidos e destemidos filhos de S. Paulo, a melhor parte das riquezas que do Brasil chegam todos os annos a Lisboa, devem-lhe o descobrimento das Minas: são elles mui leaes vassallos, e muitas vezes o temos mostrado por forma tal, que só isso bastara para nossa gloria e gualardão, que nos deve fazer aquelle a quem servimos; isto mesmo tem confessado seus ministros: pagando os paulistas o quinto, ou capitulação do oiro que em mineração tiram, o imposto dos diamantes, elles tanto, ou mais do que outros tem direito de assistir nas Minas; e he o que não querem os homens do reino, como todos confirmarao amenos que não queiram mentir: ora, se não temos o direito de tomar satisfação de nossas injurias, como eu confesso, se nossas petições, rogos e lagrimas perdendo-se na vastidão e profundeza dos mares não podem chegar ao throno do monarcha, será bem que nos deixemos assasinar barbaramente como tantas vezes tem acontecido?! Como havemos de entrar em S. Paulo, que diremos ás viuvas e orphãos d'aquelles que a traição e deshumanidade de Bento do Amaral sacrificou ao seu odio?!! *O Rio dos Mortos e o capão da traição,* eis aqui monumentos de gloria para os forasteiros; em Minas haverá tambem hum lugar que os nossos filhos mostrem com o dedo áquelles que lhes lançarem em rosto a cobardia de seus pais. Que pódem valer-nos as authoridades, que acabais de nomear, os soldados que arregimentasteis? mais seguras estarão nossas casas, se as deffendemos com nosos filhos e servos; mais seguras nossas fazendas e vidas em mãos de Deos, do que nos desses lobos, que fizesteis pastores. Vamos, senhor, vamos ás Minas, e so a morte nos poderá quebrar a vontade que temos de lá chegar; a demora de cinco dias em Guaratinguetá foi só para obsequiar-vos, por que não querendo cumprimentar-vos de passagem, não sabendo onde poderiamos encontrar-vos, tivemos por melhor aguardar-vos aqui, porem ámanhã seguiremos. Antonio de Albuquerque em todo o tempo que tão larga falla gastou, mil vezes mudou de semblante; e logo que Amador Bueno cessou de fallar, vendo que todos os paulistas a huma vóz apoiavam seu chefe, levantou-se, e com vóz alterada fallou nesta substancia:

— Quem foi, e em que tempos se vos contestou os brasões de gloria, que orgulhosos apresentais a todos os olhos, sem refletirdes qee assim perdem muito de seu valor e brilho?! Foi, ou não de interesse proprio que sempre vos mostrastes leaes ao rei, que nunca esqueceo vossos serviços?!! Como he que o leão faminto e cervo hão de pastar no mesmo prado?!!! Vós ides ás Minas a vingar injurias, pois ide alá senhores; mais ouvide que sois bem poucos para tanto!..

Hum motim, que ia nas ruas, e a desaprovação de quanto dissera o governador manifestada por hum sussurro na sala impedio de ouvir-se o mais que Antonio de Albuquerque pudera ter dito; hum instante depois sahio da sala acompanhado pelos seus, e foi cercado pelos paulistas, que haviam determinado prendel-o, e o fariam, se Amador Bueno o não obstasse, fazendo-o acompanhar a alguma distancia, até que ganhou a estrada, recolhendo-se á cidade do Rio de Janeiro por Paraty.

(Continua.)



Largo de S. Francisco de Paula.

Rio de Janeiro.

O LARGO DE S. FRANCISCO DE PAULA.

Huma praça para ser bella depende não só de sua posição, planura e regularidade de contorno, como tambem dos edificios que a limitão: se estes forem regulares porem acanhados, e pouco analogos a seus fins, de certo pequeno grão de bellesa lhe darão: mas se os preceitos da architectura forem nelles recebidos, segundo o gosto da epocha, e suas dimensões subirem hum pouco das vulgares, ella terá de bellesa hum grão superior. Essas massas enormes, se tem atravessado os tempos, illesos ou feridos por seu poder, dispertam nossa attenção e nos indusem ao estudo de sua historia; e he quasi sempre dellas que colhemos preciosas ideas sobre o passado: então, não são simples balisas e ornatos da praça, são loucaes testemunhos de gosto artistico de nossos antepassados, e indicadoras de sua civilisação.

He debaixo destes principios que collocamos o largo de S. Francisco de Paula no numero das bellas praças, pois sua posição vantajosa, sua retangular figura, e os edificios que possue, a tornão cheia de encantos, não só para o sabio que de perto ouve sua voz já debelitada pelos annos, como tambem para o vulgo que se sente dominar por seu poderoso influxo e abre insensivelmente sua alma as reflexões. pesar do largo do Paço ser-lhe superior na grandeza de suas dimensões, e no numero de edificios que marcam as raias de sua extensão; esta praça não lhe céde a palma em bellesa, e se mostra orgulhosa por possuir a igreja de S. Francisco de Paula e a Escola Militar. He aquelle edificio a similhança de hum jovem de compleição robusta, que ergue ufano a cabeça entre seus rivaes summamente convencido de sua superioridade; este, como o ancião que no ultimo quartel da vida se enche de vaidade, apesar de sua vida tormentosa, e dando ao rosto mentiroso encanto busca emvão supplantar a causa que lhe cercea a existencia: aquelle, do alto da suas magestosas torres, manda nas azas do vento, ora o som grave e sentido com que publica a morte, ora agradaveis harmonias, que seu praser expressam; este, de certos em certos intervalos, ergue sua voz por momentos animada, e, como o raio, fere para aniquilar-se....

A posição relativa destes dois edificios deprehende-se facilmente da estampa, e só diremos para mais determinal-os que a Escola Militar está fronteira á rua do Ouvidor e por ella olha para N. E.

A IGREJA DE S. FRANCISCO DE PAULA.

He incontestavel que esta igreja he huma das principaes desta cidade, não só pela elegancia e magestade de suas formas, mas tambem pela vastidão de seu ambito; em seu gosto porem pouco differe da igreja de N. S. do Carmo (*), do que facilmente convencer-se-ha o leitor se comparar as discripções. Sua architectura he simples tanto externa como internamente; a distribuição de suas partes he symetrica, e conveniente, e a sua elevação sobre altaneira escadaria fronteira a huma extensa rua (a do Fogo) da-lhe grão de superioridade que ninguem pode disputar. Suas torres são bellas e bastante elevadas, e dominam por isso a quasi toda cidade.

Quatro pilastras da ordem dorica romana separam os tres corpos de que se compõe: nellas reina somente a elegancia que lhe he propria sem o auxilio de profusos adornos. O corpo central, que he o do templo propriamente dito, he coroado por curvelino frontão, rematado superiormente pelo simbolo do christianismo: as tres janellas que nella se notão pertencem ao coro; e as tres portas inferiores ás principaes entradas do templo.

As portas inferiores dos corpos lateraes pertencem a extensos corredores: o da esquerda termina n'huma pequena capella consagrada a N. S. da Victoria. Seguindo-se por este, tem-se á direita o sagrado recinto erguido pela piedade para perpetuo descanço a nossos restos. O corredor da direita termina em vasto sallão destinado á sacrestia: logo ao entrar, tem-se á esquerda o hospital da mesma ordem, bem sencivel na estampa.

As torres são coroadas por varandas quadrangulares de cujos centros erguem-se ainda, pyramides conicas de forma particular. Na torre da direita está colocado hum excellente relogio, que se faz sentir a bem longa distancia, em dia sereno.

O interior do templo apesar de não se sentir sobrecarregado de copiosas talhas, como he uso geral, nem tão pouco de magestosas estatuas, ou dourados, enfunde no coração de quem o frequenta hum agradavel apego, que nem hum outro sabe offerecer. Para prova desta asserção ahi estão suas festas, e suas missas em dia commum, que reunem um grande numero de individuos, e obrigão as authoridades a velarem sobre taes concursos para que delles não provenhão actos improprios do lugar.

(*) *Vide n.° 2 do Ostensor.*

Seis altares simples porem airosos, se acham regularmente distribuidos pelo corpo da igreja: nelles ha bellos nichos, consagrados a diversas imagens. Entre ellas se nota (no 1.º altar da esquerda) a imagem de S. João Baptista que segundo a opinião dos entendedores he huma das mais bem acabadas.

A capella-mór he superior ao resto do templo por seus mimosos adornos, e, como bem disse hum nosso distincto artista, no seu genero he de hum gosto primoroso.

. . . . . .

A pedra fundamental deste edificio foi lançada, a 5 de Janeiro de 1759, com toda a pompa possivel, em presença do governador Gomes Freire de Andrade: e no anno de 1801, por se achar concluida a parte mais excencial do templo, collocou-se o Santo Titular.

A ordem terceira que fez construir tão sumptuoso templo, e que inda o administra, teve principio no anno de 1756. *(Continua.)*

J. A. Cordeiro.

AMOR QUANDO TEVE SEU PRINCIPIO; QUE PAIS TEVE, E MUITOS APETITES SEUS.

He amor de qualidade tão incomprehensivel, e hum abysmo tão incognito, que querendo-se tratar d'elle podemos com verdade, dizer com o historiador romano, nos ha acontecido, como o que parte da praia e porto, pelo mar adiante a pé, que quanto mais anda mais fundo acha, assim quanto mais se trata do amor, tanto mais se offerece que dizer d'elle, por ser hum pelago tão profundo, que não ha poder lhe dar vão, nem comprehendel-o. No que bem dizia estar o principe, pois quando se cuidava d'elle se teria por satisfeito, com o que se havia tratado de amor, mostrou querer começar então de novo, sahindo com dizer.

Principe. — Ainda que meu intento não foi philosophar tanto, e estou muito satisfeito das razões e respostas de Celio, pelo que hei aprendido, comtudo me acho em jejum no que intentei saber: e assim convem-me mostreis, que principio teve amor, que dizem d'elle os philosophos e poetas, com outros attributos conforme sua natureza, e a que o comparam.

Ayo. — Amor disséra eu ser mais velho que cães, ou que não teve principio, por se dizer o teve logo no principio do mundo, pois tanto que houve homem e mulher, logo houve amor, que como se géra da formosura, como nossa mãi Eva foi tão bella, que com sua vista logo enlaçou Adão, sugeitando-se-lhe tanto, que por seu amor veio a comer da maçã e pomo vedado, certo he que n'elles começou o amor.

Celio. — Muitas opiniões ha entre os poetas e authores antigos, no particular do principio do amor, dando-lhe tantos pais quantas naturezas tem. Huns dizem ser filho de Marte, quando attrevido. Outros de Mercurio quando sabio e eloquente, alguns, quando vil lhe dão por pai a Vulcano, e quando bello, formoso e amoroso, o fazem filho Venus. Outros ha que em quanto liberal, querem seja filho de Povo (que significa influencia e abundancia) e de Penia, que quer dizer pobreza, e defeito. Donde fingem, que celebrando os deoses com grande convite a vinda de Venus ao mundo, Povo Deos do conselho, bebado do nectar, do qual havia bebido muito se encostou com a deosa pobresa, dita Penia em hum jardim de Jupiter, do qual ficando prenhe, pario depois Cupido, a quem os deoses davam por companheiro Venus, por ser gerado no tempo que se celebravam suas festas, para que fosse executor de seus mandatos, com que Venus lhe chamava (não filho como todos querem) forças suas e seu poder; porque sendo ella deosa da formosura e elle do amor, não pode ella usar de sua natureza, sem seu poder d'elle, e assim em quanto filho de Penia mostra que o amante deseja ser feito participante do que lhe falta a elle e sobeja a outrem. Com que ha quem venha a dizer, que o amor he trocador quando he reciproco, amando-se ambos.

Principe. — Como dizem logo os poetas, que Venus teve a Cupido de Marthe sendo casada com Vulcano?

Celio. — Os poetas dão as naturezas e filhos conforme lhe vem a conta a seus assumptos e poesias, com que o Cupido (como se disse ja) lhe dão tantos pais e mãis, quantos são os attributos que lhe apropriam; mas ora seja que elle foi filho de Penia, ou que o fosse de Venus, ella se presou sempre de mulher honrada (como todas as mulheres costumão por mais desonestas que sejam), e quando se casou com Vulcano, já tinha a Cupido, ou fosse com titulo de colaço, com quem se creára, ou de engeitado, como muitas mulheres costumam; que como Cupido era filho da pobreza, como ella o não pudesse crear, querem alguns que o engeitasse á porta de Venus, que vendo-o tão bello e formoso, o doptou e creou, e como elle não crescesse, as graças que serviam a elle, e a mãi, dezejosas de o verem em disposição que dissese com sua bellesa, e não fosse sempre menino, se foram ao oraculo de Themis, para que lhe désse remedio: elle respondeo, que dando-lhe irmão que conhecesse sua natureza cresceria. E como a conversação de

cada dia, he grande alcaiota da formosura, como hia Venus cada dia apontar as seitas do seu Cupido a casa de Vulcano, e elle lhe fizesse a obra de graça, por só o interesse de a poder gozar, louvando-a de formosa, ella levada de suas lisonjas se veio a casar com elle, de quem teve hum filho. Com que os praguentos, por elle ser velho, vieram a dizer ser de Marthe (que n'aquelle tempo continuava muito á porta de Vulcano, como he costume dos bizarros hirem conversar ás officinas des mechanicos que tem as mulheres formosas) ao qual chamavam Antheroto, que significa o reciproco amor, que se géra de vontades, com cuja ajuda e conversação cresceo Cupido; por que se o amor pode nascer só, não pode crescer só e sem consentimento de vontades. Pelo que se chama Cupido quando nasce do appetite, e quando he correspondente e perfeito se diz Antherota.

Ayo. — Já eu lhe vi chamar filho da sabedoria, da fortalesa, do fogo e da formosura por nascer da vista d'ella, mas não do appetite, por ter este por mais proprio filho o desejo.

Celio. — A verdade he, concluindo com a geração do amor, que elle he filho do appetite, e da occiosidade, concebe-se na fantasia, nasce pelos olhos, criam a malicia e o vicio, veste-se de esperança, sustenta-se de ociosos pensamentos, cresce em tempo breve, e em tal maneira que não cabe em si mesmo, buscando sempre em outra parte e vontade aposento. He menino em quanto amavel e agradecido a quem o alevantou, respondendo-lhe com o mesmo affecto, e regalando-o com suas meiguices, e tem nome de gigante, quando como soberbo, segue seu desordenado appetite e parecer.

Principe. — Que condição e gesto achaes vós que he a do amor?

Celio. — Não falta quem diga, que amor não tem gésto, nem natureza propria, pois como Camaleão se transforma em vàrias côres, e pelo mesmo qual Protheo se veste cada hora de figuras vàrias, gestos, effeitos e naturezas, por serem n'elle tudo extremos, sendo por natureza mortal e immortal, rapaz e gigante, sabio e nescio, forte e debil, attrevido e cobarde, rigoroso e brando, astuto e facil. Pelo que venho a dizer, que amor he o mais forte e brando animal e monstro do mundo, saboroso e desabrido, brando e tyranno, e assim do mais; porque só nelle podem concorrer dous contrarios em hum sugeito, contra toda a regra da boa philosophia por não guardar regra nem lei em cousa alguma. Assim dá vida que causa morte. Onde mora não se pode esconder, mantendo-se de corações e amorosas vontades: entra pelos olhos e mora no coração, cresce presente e definha ausente; despedindo-se na morte. O melhor remedio para elle he não lhe dar entrada nem tratar com elle, por ser da condição do vicio, que ninguem o trata que se não pegue com que mais seguro he fugir-lhe, não havendo mais remedio e preservativo á sua ferocidade. A todos os estados sugeita, sem guardar respeito a grandes nem baixos, a sabios nem ignorantes; he opposto á formosura, e quem a tem de ordinario não tem amor, por se persuadir que tudo se lhe deve, e com tudo he tal, que quem o não concebe, carece de todo o bom sentido por não terem os homens melhor.

Ayo. — E mestre á suas acções (como se disse no principio) elle faz a vida gostosa, ensina os ignorantes, sustenta o soffrimento, ao falto de fortaleza lh'a dá, ao que a tem lh'o confirma, ao desmaiado exforça, ao torpe anima, ao desmemorado accorda, ao encolhido deshila: onde vive nem consente repouso, nem sabe estar ocioso, e buscando o que ama nao sente o que padece, vence a pobresa, converte qual Circe os homens, lambendo-os e dissipilhando-os como urso aos filhos: faz idolatrar os sabios, corrompe o mais puro, entristece a alegria; he esperança desesperada, paraiso triste, olhos sem vista com vista de Lince. He pensamento sem cuidado, honra envergonhada, destruidor das forças, paz desconcorde, gerador de vicios, abrigo d'ociosos, e roubador de liberdades, e assim que amor a todos faz força, a todos engana, e a todos cega com suas artes e poderes. Com que viéram a dizer os santos, que o amor ignora o juizo, sem cuidar mais, que aquillo que ama: pelo que todos quelles que o seguem lhe succedem grandes desastres e males, como a Salomão, deribando aos santos, como fez com David: aos fortes derruba, como experimentou Sampsão: elle lançou os reis de Roma, e metteo os mouros em Hespanha.

Principe. — Dos effeitos d'amor, e dos desatinos que causa me não espanto, pois he amor, que para mim he o mesmo que disparates, por se não reger por razão, mas por appetite; mas o que admira são os diversos epitetos, que lhe haveis dado, conforme sua natureza, e se elles houverem de responder as pinturas, será curiosa táboa de vêr.

Celio. — Ao menos poder-se-ha V. Ex.ª deleitar em as ouvir, ficando-lhe na memoria para as repetir.

Ayo. — Sendo o escrever o mais certo toque de hum homem avisado, tendo Celio tão claro e bom entendimento e erudição, com que não só faz a escolha das cousas, e mostra a eloquencia em propol-as; mas pondo-se elle a querellas debuxar na figura d'amor com o pincel de sua lingua, e tintas de suas eloquentes palavras, será coisa deleitosa d'ouvir, vindo tão a proposito do que se ha tratado; porque a graça que tem o esmalte no ouro, e ouro na prata, essa tem o saber fallar a seu tempo.

Celio. — Como o animo nobre, se obriga mais da cortezia alheia que da vontade propria, pero que Mecenas me faz em me louvar, lhe beijo a mão: sendo que elle a pudéra muito bem tomar n'este particular, em que só quer fazer figura d'arguinte; mas já sei que por mais me obrigar, me dá lugar a que eu ganhe credito com V. Ex.ª como mais moderno em seu serviço.

Principe. — Não, se não que as cousas curiosas e de habilidade as ha de tratar quem melhor as sabe e entende.

Celio. — Ainda que V. Ex.ª me toma entre portas, e não de pensado, no que intenta ouvir-me, e devo tratar: quero mais obedecer, offerecendo-me a ser contado por ignorante, respondendo a tudo, que por pouco cortezão escusando-me. Pelo que tendo V. Ex.ª gosto em ouvir-me, receberei eu menos trabalho em referil-o; porque o maior interesse dos inferiores he a benevolencia dos grandes, que lhe fazerem mercê os mandão. E assim a tudo o que hei dito e disser, V. Ex.ª lhe dê o valor e o preço, applaudindo-o, e Mecenas lhe attribua o merecimento que lhe mereço.

Amphigouri.

PRIMEIRO.

As barbas crescidas,
Cabellos rapados;
Calças sem presilhas,
Collarinhos levantados.
Os esfarrapados
Vão-se a bom correr;
Não fazem barulho
Largas portas a bater.
O que vou dizer
Como bem puder,
E o que tenho dito
Adivinhe quem quizer.
Trolha, ou colher
Compasso esquadria,
Lá na Freguezia
Que já esteve afreguezada.
Teve huma masçada
Nestas eleições;
Remenda os calções
Medicator doctor Pila.
Solta cães de fila
Em busca dos *Trigres*.
Moça não emigres
Lá p'ra rua do Ouvidor;
Olha que o primôr
Custa carimbados.
Deu-lhe hum bofetão
Por pedir-lhe dois cruzados.
Ourives quebrados
Sem ser nas verilhas.
Inda nas mantilhas
Come á custa da Nação.
Ah! senhor Fuão
Não me atese as cristas....
Veja as modistas,
O Baile está perto.
C' que ceo aberto
Está o nosso Brasil!
Temos coisas mil
Que valem hum nada.
Bôa agua salgada
Temos lá fôra da Barra.
Por *dá-cá* se amarra
A rapaziada;
E depois pancada
Quando a mulher pede pão.
Não comem feijão
As moças bonitas;
Riscados, e chitas
Não se podem mais soffrer.
Papel de escrever
Ha de ser bordado.
Eu vi hum Kirkado
Na barcaça Cajueira.
Mulher ralhadeira,
Moça que não falla,
Marido que cala,
Deos me livre de tal gente.
Estará doente
O filho da Thia?
Cheira a marezia
A grande combinação.
Não será ladrão
Quem furtar calado.
Fica agachado,
Até logo, meus leitores.

(Continua.)

A GUERRA DOS EMBUÁBAS.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO III.

Continúa a narração.

Death is the king of terrors.
(W. and W.)

Começava a escurecer em Guaratinguetá, e as ruas cheias de homens armados desde pela manhã i:m pouco e pouco ficando desertas e si enciosas; só a espaços huma mulher, ou criança atravessava de hum para outro lado, mas com taes precauções e ligeireza, que bem mostrava o desassocego em que estava a povoação depois da chegada dos paulistas: aqui e ali por dentro das rólulas viam-se dois olhos desconfiados e perscrutadores que acompanhavam até bem longe qualquer viandante, e se este por acaso parava, ouvia-se hum ruido como de porta que se fecha com medroso recato, e desappareciam. Ao sul da villa na fazenda de*** aquartelava-se hum troço de trezentos homens; a casa apesar de ser vasta, e as muitas dependencias eram pequeno espaço para conter tanta gente; por isso cá no terreiro em magótes mais de quarenta delles altercavam sobre os acontecimentos do dia: haviam-se partido em dois pareceres, que eram representados pelos dois cab ças o guia e o rachador; o primeiro apoiava a determinação de Amador Bueno, e dos que o seguiam; o segundo desaprovava tudo quanto não fosse aliviar boábas, como elle dizia.

— Ora eu que não sei nada do que estás dizendo, gritava elle com toda a força de seus pulmões, sei muito bem que temos deixado ir muito em paz mais *de trezentos*; e he por isto que nos caçam como animaes bravos, lá nas Minas, sendo que mansos e pacificos somos, contra minha vontade.....

— Mas que tem o governador comnosco? perguntava hum dos da banda do rachador; que elle passasse, e de caminho lhe fizessemos cumprimentos, he coisa natural; mas aguardal-o.....

— He assim! nós todos a espera do governador, a espera de hum boába!.....

— Se eu tivera ido na guarda delle, por Deos que não havia de chegar a Paraty, nem á cidade do Rio.

— Serias como hum ladrão de estrada, ou peior ainda! disse o guia; pois se Amador Bueno te entregasse hum deposito, havias de roubal-o, homem?!

— Não sei disso; mas o boába despachava-o, tão certo como estar eu aqui.

— Vocês são como os burros, que não dão a orelha.....

— Burros??! disse o rachador dando hum salto para diante do guia; ó contador de historias, cautela.....

— Cio! cio! basta de fallar; deixa o guia em paz que nos está devedor: que falle só... que descarregue, por que o meu lasão ha de amanhã soffrel-o.

— He verdade, a historia de ayme.... do mineiro sabedor.

— Era elle boába?! perguntou hum, que antes queria vêr hum sarilho de sôcos, que ouvir historias de mineiros; porem os animos tinham soffrido diversão, e foi mal recebida a lembrança.

— Fóra o engraçado! disse Braz dos Anjos com certa authoridade.

E o cabelludo urso, que fizera a pergunta, deixou a companhia, antes que mais algum se lembrasse della; e todos se conchegaram para junto do guia, que depois de muitas faceirices continuou nestes termos a interrompida narração:

—Ora abri bem os ouvidos, e nada de me quebrar o fio da historia com desalmadas perguntas. Como já vos disse, ou dei a entender, o tal Jayme Cosme enviou para a contra-costa o pobre velho Jaguarassú, que tinha duas filhas bonitas....

— Isso já nós sabemos, disse o rachador entre dentes.

O guia voltou-se para elle, e quando todos esperavam violento soco, ou amarguissima apósthrophe:

— Centopêa! centopêa!! centopêa!!! disse, batendo nas mãos, e levantando a vóz á medida que o rachador pulava e se torcia como hum damnado. Ah! não te lembrava amigo Fernão Vitelo, continuou o guia, não te lembrava dos nossos ajustes?? pois ahi tens.....

— Mas o que he? disseram alguns espantados olhando á roda de si.

— He *huma historia*, ou *hum caso?* disse Braz dos Anjos, segurando a cabeça do pobre Fernão Vitelo que vomitava tudo quanto comera em todo o dia.

— Huma historia de trombas, respondeo o guia, se quereis que vol-a conte?.....

E havia quem a desejasse, porem o rachador levantou olhos tão supplicantes para o temeroso narrador, e tão bom coração tinha este que não só guardou comsigo o segredo, que como Vs. Ms. tem observado tinha para com o vingativo Fernão Vitelo a propriedade da poaia, mas até lhe cederia metade da cèa, e o que mais he, sua opinião

respeito á questão de Amador Bueno: e por isso foi continuando a interrompida narração.

— Jayme Cosme não ia á missa como fica dito, nem queria saber de coisas de santos e santas; e se alguem fallava diante delle em almas do outro mundo, finava-se de riso, ou dizia taes horrores, que, fariam encrespar o cabello de qualquer de nós, que o tem bem liso.....

Vamos adiante, disse hum enterrando o chapéo até os olhos.

— Não fallo comtigo, sette-vidas; pela alma de meu pai t'o juro.

— Vamos com a historia.

— Sempre he precizo desculpar-se a gente, amigo Braz.....

— Porem anda com a narração!!

— Aqui vou, meu amigo.... Dizia o tal mineiro horrores, quando se lhe fallava nos que voltam acá; ora bem, tinha elle em casa huma velha creada, ou não sei que, e pelo mesmo tempo que appareceo Jaguarassú morto, e se finaram de paixão as duas filhas do indio, deo tal bréca na bôa da velha, que começou a encolher-se, a encolher-se, a encolher-se, que ficou do tamanho de huma mosca.....

— Oh! de huma mosca? disse o rachador já restabelecido.

— Não, enganei-me, respondeo o guia com malicia, do tamanho de huma centop.....

— Basta, basta!! do tamanho de huma mosca... póde ser muito bem, entendo.... do tamanho de huma mosca, e que mais?

— Pois sim, do tamanho de huma mosca, proseguio o narrador; e começou ella de encolher-se huma sexta feira ás trindades, e só parou n'outra sexta feira ás mesmas horas, segundo affirmam pessoas respeitaveis, a quem o mesmo Jayme Cosme o contou: muito bem, logo que se escoou o ultimo instante depois das trindades dessa sexta feira começa a velha a desencolher-se, mas de hum modo tal, que antes das dez horas da noite já não cabia na sala, ás onze ia pelo corredor fóra e á meia noite..... á meia noite quando o mineiro vinha dobrando hum tope, que ficava meia legua distante da casa topou com dois troncos de arabitam que sahiam dos lados de huma serra, que o apertaram e ao cavallo.....

— Mas, se Jayme Cosme não estava em casa....

— Cio! ouve e cala-te, basbaque! resmoneou o guia baixo; e levantando a voz continuou a historia.. Pois sim, Jayme Cosme não estava em casa, a coisa he simples; vinha de fóra, tambem se entende, e logo que elle se vio nas tálas que o apertavam, e a seu cavallo, levantou a cabeça, e devisou no meio da serra tres buracos como tres fornalhas a despeijar fogo, e que não eram nada menos do que os dois olhos e a bocca da velha; continuava esta sempre a desencolher, ou mais a crescer, por que ella já não desencolhia o que encolhera, continuava a crescer, e em vêz de ser por cima do valle, e das montanhas, era pelo coração de huma altissima serrança toda semeada de catadupas e cavernas, e que pertencia a huns ricos mineradores, que não a trabalhavam, apesar da grande abundancia de pó amarello, que em si continha: á medida que a velha e Jayme Cosme iam entrando pelas entranhas da serrança, este ultimo lançando os olhos ora para a direita, ora para a esquerda, observava a terra cortada e recortada por veios d'oiro tão grossos como fueiros de carro, e estes eram os muitos, por que haviam alguns poucos como troncos d'arvores..., porem no que se lhe ficaram os olhos foi n'huma palheta, que segundo o seu calculo devia pezar para cima de quarenta arrobas.... e elle andando sempre, sem poder pôr-lhe a mão. Lá no fundo do caminho soterranco para onde a velha o levava, ouvia-se hum ruido surdo como de pilões de esmagar pedra, e huma luzerna avermelhada e azul, que sahia d'entre nuvens de fumo negro....., e a velha sempre a andar escontra a tal claridade, até que lhe chegou perto, e Jayme Cosme enxergou hum largo maior do que todas as praças juntas de S. Paulo; por todos os lados desciam rios de enxôfre ardendo, nos quaes lavavam cascalho muitos homens núS e muito feios, feitorados por demonios com pés de cabra, e chifres retorcidos; ora no tempo que Jayme Cosme estava entretido vendo a mineração infernal, deram-lhe tão violenta pancada, que se não estivera tão seguro nas mãos da velha, havia de morder a poeira, e voltando-se vio perto de si duas mulheres com humas correntes de oiro ao pescoço, que se pareciam com humas de ferro, que elle puzera nas duas indias filhas de Jaguarassú. As duas mulheres, tomando-o cada huma por seu braço, arrastaram-no para baixo do cavallo, e depois de o terem amarrado bem com as correntes, que estavam em brasa.....

— Sem se derreterem? perguntou Braz dos Anjos muito serio:

— Está bem visto, se ellas só eram d'oiro na apparencia..... mas como eu ia dizendo, depois que o amarraram bem, foram levando as correntes por mão até lhes chegarem ao cabo, e logo deram tão forte sacudidura, que o mineiro foi ao chão redondo, e assim a rastos foram-se com elle para junto de huma alta escavação..... que deveis de

saber não era feita pelo chão dentro, mas sim na espessura da parede, e subia por ahi acima até perder de vista; largaram as correntes e como elle se fosse levantando em pé, ouvio por sobre sua cabeça huma matinada de gritos e injurias, supplicas e pragas..... e depois hum ruido..... hum ruido horroroso, não pelo barulho, mas por hum certa coisa, que não se pôde explicar, e elle afastou o corpo para dar lugar ao que descia. Porem as duas mulheres esticando as correntes, huma para diante, outra para traz, fizeram-no levantar a cabeça para cima e elle vio que vinha pelo ar hum corpo humano, que encontrando na descida as saliencias da Cata, dava saltos, e fazia movimentos, que arrepiavam os cabellos.... e o homem veio descendo até lhe cahir em cima da cabeça.....

— He diabo! disse hum arredando o corpo, amarello como huma cidra madura.

— Vai ouvindo, que isto he nada; no mesmo instante que o tal corpo cahio, veio logo hum demonio, e levou-o para junto dos rios de enxôfre, e dando-lhe hum cesto, ou batêa, obrigou-o a carregar cascalho para a lavagem; mas, o tal que viera pela Cata abaixo, e que não era outro que senão o indio Jaguarassú.....

— Vois o desgraçado tambem tinha ido para o inferno!

— Talvez que tivesse feito das suas quando era rapaz..... porem eu creio que estava lá por emprestimo, e só para atanazar o desalmado Jayme Cosme. Como quer que fosse, Jaguarassú em vez de levar sua batêa de cascalho para junto dos do rio, veio com elle para o *acorrentado*, e atirou-lha no rosto..... e as mulheres, que eram as filhas, lançaram-no por terra, gritando — Ha de morrer! ha de morrer!! e logo os que estavam junto dos rios de enxôfre, os demonios, a velha e as mulheres, gritaram em côro — ha de morrer por todos os seculos! por todos os seculos dos seculos!! E o indio foi buscar nova batêa de cascalho, que vasou sobre Jayme Cosme: e as mulheres bradaram novamente; e o côro respondeo-lhes; e assim continuaram por muito tempo, até que ficou sepultado debaixo d'aquelle monte, que não só lhe pesava horrorosamente, mas que parecia atravessar-lhe as espadoas até o coração, e elle tanto braceou que perdeo o conhecimento, e quando deo acordo de si estava sobre a cama em seu quarto.....

— A estas horas o tal Jayme Cosme sonhou tudo isso, disse o incredulo rachador.

— E a velha feiticeira, ou brucha damnada? perguntou hum.

— E o cavallo? perguntou outro.

— Como devia ficar o tal Jayme logo que começou de escurecer no seguinte dia! disse entre si Braz dos Anjos.

— Nada de perguntas, disseram alguns anciosos por ver o fim da historia.

— Eu vos satisfaço a todos, continuou o guia; se Jayme Cosme sonhou, rachador, mão sonho teve elle perfim como veremos; quanto a velha tornou a encolher-se, e ninguem lhe pôz a vista em cima por alguns dias; o cavallo estava no pasto.....

— Bem digo eu que o mineiro sonhou, e sou capaz.....

— De vomitar outra meia hora, se o guia se zanga, disse hum gaiato.

— Deixai-o commigo, que lhe sei o fraco; mas, vamos ao caso.... quanto ao susto que poderia ter de avisinhar-se a noite, amigo Braz, ficareis todos admirados quando vos disser o que repetia o tal judeo áquellas pessoas que lhe faziam a mesma observação: dizia elle que só tivera medo duas vezes, a primeira, no instante em que a velha o apertára, por que sendo o cavallo chucro, viera-lhe ao pensamento o risco de huma queda pelo mòrro abaixo, em que poderia ir-se deste mundo..... a segunda, quando ouvira aquelle certo e medonho ruido, que levantando os olhos enxergára o pobre indio aos saltos pelas escabrosidades da Cata, e que viria de certo rebental-o.....

— Maldito seja semelhante homem! disse hum batendo com o pé.

— Era de raça de hum maldito boába que meu avô matou, disse outro.

— Entonces, só tinha o tal judeo medo de morrer? perguntou Braz dos Anjos; quanto ao mais... os tormentos, o inferno em que elle estivera...

— Qual! dizia Jayme Cosme, que se não fôra os dois sustos, que rapára, e ainda assim mesmo, desejara ter segunda vêz a mesma folia; era um demonio com pele de gente... Nunca passei noite mais satisfeito!! disse-me elle na sua algaravia, por que a vista de tantas riquezas valera bem os tormentitos, que me fizeram passar.

Não será mão que vos diga, que lhe ouvi estas palavras dois dias depois que o tal judeo tivera a satisfação de estar no inferno... mão gosto que elle tinha; ou antes, não tinham acertado bem as victimas no genero de tormento, que deviam applicar-lhe; porem depois amar-

gou: decorreram alguns dias, sem que o mineiro tivesse que contar-nos: porém chegou a sexta feira, e por mal de meus peccados tinha-me elle convidado para o jantar, que se estendeo até a noite; seriam seis horas pouco mais, quando chegou á porteira o feitor dos negros da lavra, e entregou-lhe hum grosso embrulho, que elle guardou com grande cuidado em hum esvão entre duas portas.

— Ora haveis de beber mais hum copo á saude da minha colheita! disse rindo-se para mim.

— Vá feito, lhe tornei eu, descobrindo o fundo do copo; e segundamos-lhe, de sorte que já não era jantar, mas cêa, por que as oito da noite haviam dado seguramente; assim estavamos, eu muito descançado, quando ouvimos repentinamente hum galo negro, que no meio da casa batera as azas, cantar tão desmedidamente alto, que me ficaram os ouvidos chiando bom pedaço, alem das pancadas que dava o coração no peito... Jesus, santo nome de Jesus! ainda me parece que o estou vendo ali...

E todos se voltaram com os cabellos arrepiados, frios de terror; ninguem fallava, nem mesmo o sarcastico e incredulo Fernão Vitelo: o guia continuou:

— Sim, muitos annos passaram, e sempre que vem a ponto esta parte da historia, que vos conto, sempre me parece estar na sala do judeo, e enxergar o galo negro batendo as azas... era feio o tal bicho! Não sei o que foi feito de mim; não me lembro se fugi pela janella, se pela porta; o que sei he que em menos de hum credo estava no lombo do meu raço, e a bom correr para casa do meu amo: lá deixei o mineiro, e mais a sua nova visita, sem tenção de voltar-lhe a casa, apesar do bom vinho, que lhe abundava na adega...

— Nem eu lhe havia de fazer mais lama á porta! disse Braz dos Anjos limpando o suór.

— E eu tambem!! disse o rachador.

— Assim fiz, porem alguns dias depois ouvi dizer, que Jayme Cosme estava nas ultimas; e como era alto dia, fui-me até á lavra para saber do feitor que era nosso patricio, novidades do judeo: eis-aqui palavra por palavra tudo quanto elle me contou, pelo ouvir da bocca de seu amo.

Logo que o galo acabou de cantar, bateo novamente com as azas e saltando em cima da mesa, n'hum abrir e fechar d'olhos deo com tudo no chão, deixando a casa escura como hum prego; depois foram sahindo das entranhas da terra muitos negros, cada hum com seu facho, e á medida que iam sahindo, assim se alargava e alteava a sala, de sorte que em breve espaço ficou como hum grande rocio; então os negros formaram uma dança diabolica, e cada hum delles veio por sua vez encostar o facho na cara do mineiro, dizendo-lhe cada hum o seu nome, e eram todos tão esquisitos, que Jayme Cosme não pôde ficar com hum siquer; acabada a estranha contradança, o galo negro bateo novamente as azas, e em vez de cantar abrio o bico vomitando hum embrulho semelhante aquelle que nessa mesma tarde recebera o mineiro; depois vomitou outro, e depois outro, e assim muitos até o numero de cento e quarenta e quatro, que tantos Jayme Cosme guardava no esvão entre as portas, começando a esgaravatal-os e a espalhar o oiro que dentro tinham, e com tal rapidez, que não pôde impedir-lh'o. Então os negros chegaram os fachos aos grãos de oiro, que como se fossem de polvora arderam em huma só labareda, chamuscando ainda o diabo do judeo, que estava volvendo na cabeça o trabalho que teria no outro dia para ajuntar o seu thesouro; depois começou a dança outra vez, no meio dos gritos e pragas de Jayme Cosme, a quem doia menos o atanazamento dos fachos, do que o seu oiro feito cinza.

Quando mais assanhada ella ia, o galo negro bateo as azas, e ficou tudo quedo, mudando-se elle n'hum velho com a lingua de fóra quasi meia braça, o pescoço roixo, inchado monstruosamente, os olhos sahidos da cara, e elle todo negro, ainda que tivesse sido branco neste mundo, como se conhecia bem nos cabellos corridos; abrio-se tambem no mesmo tempo huma porta das do interior da casa, e sahio por ella a velha, que se havia encolhido, porem com suas carnes, que eram bem poucas como particularmente me asseverou o feitor.

— Que vos leve o demo a todos dois! disse o judeo para os velhos, que haviam sido os donos da lavra, que elle minerava; que vindes cá fazer neste mundo, se ha mais de hum anno tu, Paulo, te foste; e tu velha, que tanto levastes a morrer...

— Pois Jayme Cosme contava isso? perguntou hum dos ouvintes, com mui razoavel curiosidade.

Porem no instante em que o guia abrio a bocca para responder-lhe, ouvio-se o toque de recolher, e os officiaes começaram a rondar o terreiro para que sua presença apressasse os soldados.

(Continua.)

Muitos erros escaparam em o n.º 13 do *Ostensor*; porem como he facil ao leitor emendal-os, dispensamos huma larga errata, apontando simplesmente os da epigraphe do Romance, onde na 6.ª linha se deve ler *streets*, na 8.ª *cutting*, e adiante logo *their*. Outros erros taes como Julio Hostidio por Tulio Hostilio, são faceis de conhecer e emendar.

Sobre a Educação Primaria.

ARTIGO 5.º

A instrucção moral, tão desprezada entre nós, he aquella de que primeiro nos deveriamos occupar, não só por sua importancia relativamente á educação, como por ser a primeira instrucção que indirectamente póde ser ministrada aos meninos; chamamos-lhe instrucção impropriamente, pois que com effeito não ha para assim dizer desenvolvimento de faculdades moraes na primeira idade: vamos explicar-nos, tratando neste nosso quinto artigo de educação primaria, e especialmente da faculdade imitativa a segunda faculdade em escala de exercicio, porque vem depois da *attenção*.

Não sabemos se ha opposição entre as idèas de Herrenschwand e Laromiguiere quanto porem á divisão de faculdades, sabemos muito bem que, suppondo ser a faculdade *imitativa* a primeira faculdade do infante como diz Herrenschwand, não póde ella ter exercicio sem ser exercitada a *attenção*, primeira faculdade na excellente divisão de Laromiguiere; parece-nos impossivel que o illustre medico suisso deixasse de fazer tão simples raciocinio; pois he de crer que lhe désse o primeiro lugar por ser a unica faculdade que nos mais tenros annos he susceptivel de direcção. Privada das duas poderosas faculdades - comparação e raciocinio — a infancia não teria hum moral, se a mão poderosa que fez tudo lhe não concedesse a faculdade *imitativa*, — « o poder que tem os seres de se apropriarem das affecções moraes de hum outro ser » – (*); possuindo do *entendimento* só a *attenção*, da *vontade* só *desejo* e *preferencia* limitadas; faltando-lhe as faculdades por excellencia, a *comparação*, o *raciocinio* e a *liberdade*, como deveria ser, e he com effeito desgraçada a infancia!! quanto não he preciso ser indulgente para com ella, visto que seus actos moraes são manifestamente, como seus actos physicos, puros actos mechanicos! e que vastos e profundos conhecimentos não são precisos áquelles que se encarregam de dirigil-a? Não nos admira que hum pedante e mão homem tome sobre seus hombros a tarefa ardua de educar, porque sabemos que mui poucos enxergam e apreciam a grandeza da missão; admira-nos sim a cegueira de tantos pais, que abandonam a mãos inhabeis a educação de seus filhos, só porque depois de vergonhoso regatear julgam ter poupado algumas mealhas; admira-nos muito mais a negligencia dos que podem, entregando sem remorsos os destinos de tantos milhares de individuos nas mãos de homens, — « a quem não se pergunta quaes são seus titulos scientificos, sua vida, seus costumes (**) » — para lhes dar, ou deixar exercer hum dos primeiros empregos do estado! Porem, deixemos exclamações que por certo não encontrarão èco, e voltemos á materia.

e pois a faculdade *imitativa* de melindrosa, ainda que de facil direcção; porque, em seu exercicio espontaneo se apodera sem que dêmos muitas vezes por isso, de vicios e de virtudes indistinctamente: vêde vós outros, pais e educadores ignorantes, quanto não he barbaro castigar nos meninos a reproducção de vossos mesmos actos? vêde a diligencia que haveis mister em affastar de junto dos pequeninos as pessoas viciosas, e ter extrema conta em vossos actos? e isto, desde que elles nascem, porque não sabemos a época, nem talvez he possivel fixal-a, em que a faculdade *imitativa* entra em exercicio. He pois evidente que as lições de moral não podem seguir o curso fastidioso das lições ordinarias; não só porque o não ha mister a faculdade *imitativa*, espontanea em seu exercicio, como por que as lições de moral, devem ser praticas e não theoricas em toda a idade, e mesmo na primeira infancia não he possivel ministral-as de outra fórma.

Preciosa synthese na instrucção moral, facil vehiculo para levarmos ás almas puras das creancinhas toda a sorte de virtudes he esta faculdade: porem, lancemos huma vista rapida sobre todas as classes da sociedade, e vejamos o caso, que se faz della. Não se encontrarao em todo o imperio cinco mãis, que, pertencendo á classe elevada, aleitem seus filhinhos, mãis barbaras e desnaturalisadas, quando huma molestia não as obrigue a tal procedimento, não se encontrarão dez na classe media, que deem cumprimento a esse dever natural e sagrado; e emfim, não será cousa facil apontar vinte na classe baixa que deixem de obrar da mesma fórma, ou por quererem imitar as de cothurno, ou por que o vicio está profundamente arreigado, e passa por moda; eis aqui, sem ir procural-o mais longe, o germen de tantos vicios como os que

(*) *De l'economie politique et morale de l'espece humaine, par Herrenschwand.* (*Londres*, 1796.)

(**) *O senador H. Cavalcanti, sessão em 9 de agosto de* 1843.

inçam esta boa terra de Santa Cruz! Que boas lições de moral póde dar huma escrava, viciosa por indole, e quasi sempre viciosa para chegar a ser mãi, e poder ser ama? E averá por ahi infatuado que se arripie quando veja que neste nosso artigo clamamos para que haja unidade em a educação primaria; esse pobre de Christo apezar de não haver comprehendido nossa proposição, não se lembrará de que seus filhos tem huma educação moral semelhante á de seus escravos; ou acreditará elle piamente que a educação começa ao entrar nas escolas, e finda ao sahir dellas? Se não temessemos a pecha de visionario, passariamos adiante desta geração material, cega e descuidada para devassar-lhe o futuro tenebroso, que se nos antolha: porem, seria nossa empreza, além de atrevida, louca; porque, se nem o presente nos abala, para que recear o futuro? deixal-o vir carregado, que por ahi temos remendões e atamancadores sem conta; deixar que a tempestade rebente, e nos apanhe, para que nos lembre S. Barbara; não temos esperança de ir mui longe com esta vida cançada de trabalho e desgostos para que por nós haja receios.

Que se agite, obre e consuma huma cidade, huma provincia, hum imperio para atamancar e pôr remendos; que da origem dos males desviemos o olhar para nos carpirmos como velhas ou meninos quando elles nos affligem, é quanto ha de mais deploravel, não risivel, porque o objecto é mui serio. Homens feitos, homens pensadores, de que servem vossas leis cheias de saber? fazei-as acaso para os anjos do céo, ou são ellas para reger homens? Se para estes, tratai primeiro de amollecer seus corações, uniformisar suas vontades, determinar seus costumes, emfim educai-os! De vós outros se póde dizer o que Plinio dizia dos Egypcios, que não olhavam para o céo por não vir de lá immediatamente a agua que rega e fertilisa seus campos. Pois que direi de vós, homens de Deos? que aproveita vosso dizer cheio de verdade, sim, porêm lá do alto do pulpito para que enfeitais a palavra do Senhor com vãos ornatos? Os pequenos não vos entendem; os grandes, crêdes vos prestam attenção? Descei ao meio das turbas, achegai-vos dos pequeninos, e fallareis ao coração e não ás orelhas. Donde vem que dos preceitos moraes aproveitam menos os adultos do que as crianças! diz Spurzheim; é que poucas faculdades obram por sua força propria, ou sem serem excitadas por circumstancias exteriores. A actividade espontanea he rara nos mancebos, e muito mais o é nos homens feitos. Entretanto, se as lições moraes que recebem produzem mui pouco effeito, a causa está menos na falta de capacidade do que na má direcção que em geral as relações sociaes e as instituições fazem tomar as faculdades. (*).

Acordamos tarde, se acordarmos agora, para curar as mazellas desta' geração que passa; ella vai precipitando-se no tumulo com seu egoismo e sede de especular; cural-a radicalmente é impossivel; choremos; porem que nos console a idéa de que será melhor a futura, e trabalhemos para que o seja. Compete-vos boa parte no trabalho, homens que dissestes adeos, não ao mundo porem a seus regalos, se regalos ha sobre a terra; compete-vos boa parte, e por duas razões: 1', porque vol-o ordena Jesus Christo; 2, porque sois homens, e como taes estricta obrigação tendes de trabalhar em beneficio de vossos semelhantes: não sejais como o derviche do moralista persa; não atravesseis como elle sós a corrente da vida por alcançardes a margem, emquanto o philosopho vai ajudando a lutar com a correnteza seus irmãos que sossobram. Haverá algum d'entre vós que rejeite as bençãos que á nossa memoria dará esta geração que começa? ou terá algum de vós huma alma tão de ferro que possa ver estes pobrezinhos a caminhar por hum despenhadeiro com o sorriso nos labios? Não, não! Pois vinde, não espereis que o governo vos chame; largai vossos conventos, e que ao domingo em todas as freguezias se ensine a moral santa do Evangelho, porem sem vãos ornatos, que os não ha ella mister; estabeleçam-se escolas domingueiras, e os pais correrão a levar-vos seus filhos: trabalhai, e a salvação vos virá, não só por rezas e jejuns, mas pelo bem espiritual que fizerdes, e este bem espiritual, sabeis vós, não consiste só em dizer missas e ostentar erudição em estirados sermões que poucos entendem, muitos nem ouvem, e a ninguem aproveitam.

(Continua.)

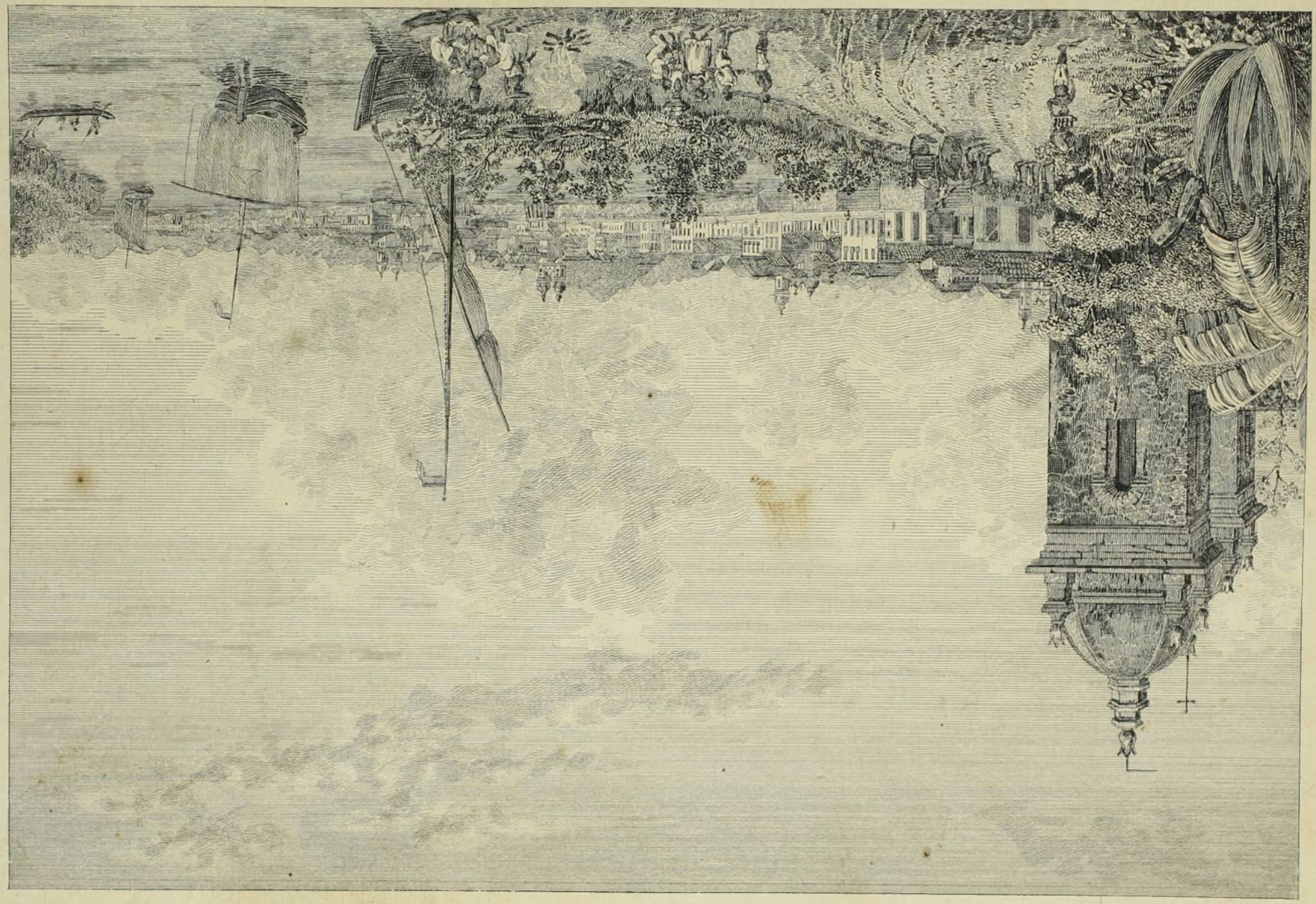
Rio de Janeiro.

A CIDADE DE CAMPOS DE GOITACAZES.

Ao norte da provincia do Rio de Janeiro, na margem occidental do magestoso Parahyba, distante de sua foz perto de oito leguas ergue-se garbosa a linda

(*) *Essai sur les princípes élémentaires de l'éducation, par G. Spurzheim, pag.* 189.

VISTA DA CIDADE DE CAMPOS DOS GOITACAZES



Lith. de Heaton e Rensburg, Rio de Janeiro

cidade de Campos dos Goitacazes, a qual, graciosamente representada na superficie das aguas, pela serenidade ordinaria de sua correntesa, he bem semelhante á huma virgem, que está constantemente enamorando-se, ebria de suas perfeições, e orgulhosa de seus encantos.

Esta aprasivel cidade, a mais populosa e commercial de toda a provincia, extende-se pois ao longo do mencionado Parahyba, cerca de tres quartos de legua, affectando a disposição de hum triangulo rectangulo com apice para noroeste.

A ausencia completa de montanhas, que ordinariamente muito contribuem para o não aformoseamento das cidades, faz com que a sua parte correspondente ao rio seja toda accessivel aos olhos do observador attento; e aquelle que pela vez primeira navega pelas crystallinas aguas do Parahyba, ao descortinal-a, se mostra embevecido e extatico axte prespectiva tão bella, ante quadro tão encantador!

O primeiro interessante objecto, que concentra a attenção do viajante, já tão vivamente impressionado pela amenidade do Parahyba, pelo matiz das campinas, pelo verdor das florestas, e por outras scenas bellas e variadas, com que a natureza tanto prodigalisou esse delicioso paiz, he o templo dedicado a N. S. da Lapa, situado á leste da cidade; e que pode ser considerado como seu ponto de partida. Admira-se nelle a harmonia das partes, a magestade do todo, e o vigor de sua construcção. A' este templo, quiçá o mais antigo de toda a cidade, está contiguo hum espaçoso edificio quadrangular, destinado primitivamente ao ensino da mocidade, e que serve na actualidade de alojamento a huma fracção do corpo policial da provincia, que se acha alli destacada.

Observa-se em seguimento até o lugar denominado Corôa, que pode figurar como o termo da cidade, a inapreciavel vista da mesma, sobresahindo na sua parte media, pouco mais ou menos, o edificio da Santa Casa da Misericordia, estabelecimento novo, bem montado, e convenientemente espaçoso, destinado a soccorrer á humanidade enferma, e que a par da elegancia e symetria prehenche os preceitos hygienicos, achando-se bastantemente elevado sobre o nivel da terra, e em local muito arejado como a margem do Parahyba.

Encerra esta cidade quatro largos notaveis, que são os do Rosario, e Rocio, e Praças das Verduras, e Principal, todas de forma quadrangular, sendo est'ultima aformoseada pelos templos da matriz de S. Salvador, e da Mãi dos Homens, a que está annexa a casa da Misericordia, e por propriedades de elegante construcção. Os sumptuosos templos de S. Francisco, de N. S. do Carmo, do Terço, do Rosario e da Boa-Morte attestam de huma maneira peremptoria a religiosidade do povo campista.

As ruas são em geral largas, calsadas, e embellesadas por edificios de bom gosto. Acha-se quasi concluido hum magnifico theatro, de maior vulto, que o de S. Januario nesta côrte, levantado na rua Direita, huma das mais espaçosas da cidade; estabelecimento ha muito reclamado pela sua numerosa população, que mal podia acommodar-se á pequenhez do theatro antigo.

Duas lagoas de grandeza mediocre situadas huma a leste, outra a oeste da cidade, aquella denominada do Rocio, e esta do cercado do Furtado, teriam sem duvida muito concorrido para sua insalubridade, si ella não fosse tão arejada, e tão frequentemente visitada pelo nordeste, que, agitando fortemente a atmosphera, dissipa as exalações miasmaticas, que taes pantanos originam.

O Parahyba, rio tão delicioso como as proprias campinas, por onde serpentêa, fertisando-as, e tão bello como as olorosas flores que matisam suas pictorescas margens, he o grande manancial, que abastece a cidade de excellente agua potavel, cuja bondade sobe de ponto na razão directa de sua antiguidade.

Não era possivel, que o habitante destes sitios, vendo diariamente os mais encantadores quadros da natureza, respirando o seu ar balsamico, ouvindo o mavioso gorgeio do *encontro*, e finalmente com todos os sentidos tão suavemente impressionados, se conservasse apathico e indifferente no meio de tão poderosas seduções. Com effeito, o campista he tão risonho como a propria natureza que o circunda, tão generoso e franco como os famozos Goitacazes, que primitivamente estanceiavam pelas frescas margens do saudoso Parahyba; a hospitalidade he o seu maior timbre, e em huma cidade tão populosa, cujo commercio he tão grosso e activo, parece fabuloso não existir hum só estabelecimento de hospedaria, huma só casa de pasto!

A amenidade do lugar, a doçura e affabilidade de seus habitantes enthusiasmaram tanto alguns historiadores que até tiveram a sublime inspiração de substituir ao nome de Campos dos Goitacazes, que ainda hoje conserva, o bem merecido de Campos Elysios.

José Ferreira Passos.

A' HUMA MENINA, FAZENDO OUTO ANNO DE SUA EDADE.

CANTICO.

Tão anjo tu, como os anjos,
Mimosa da creação!
Anjo no gesto, e nas fallas,
Anjo até no coração!
Brinca, sorri-te, e graceja,
Eis da vida os teus encantos....
Eu canto ao som de teus brincos,
Brincas ao som de meus cantos!
Anjo, sorris entre os homens,
Eu vate, o canto deslizo;
Tu sorris á minha lyra,
Canta a lyra o teu sorriso!

E eu gozava o teu rir tão melindroso,
Como o da onda do dormente lago,
Que o Zeph'ro suspiroso,
Com doce arfar, das purpuras d'aurora
Se escoando, furtivo amante a beija,
E sorrindo a enamora!

E eu tinha em triste ócio amargurosa,
A lyra no meu peito reclinada!
E ella harmoniosa
Deslizava gemendo hum ai saudoso,
Qual regato, ao deixar placido asylo,
Gemebundo, e queixoso!

Teus sorrisos as auras agitavam,
E ellas impellidas sobre a lyra
Nas cordas se quebravam:
E por teu riso a lyra assim ferida
Funereo desprendia hum som de morte,
D'extremo adeos da vida!

Qual solitaria frauta, que constante
Pastor, n'hum tronco, na soedão do bosque,
Pendeu por voto amante,
Que aura da noute fere, e mui queixoso
Entorna entre a folhagem taciturno
Som triste, e lamentoso!

E, ao som, que teu riso trouxe á lyra
Brando se adormeceu, mas melancholico
O vate, que suspira!
Tão anjo, que tu és, alma celeste,
Dos thesouros de hum Deos, divino sonho
Tu, anjo, lhe trouxeste!

E tu eras hum anjo, que brincava
Com os anjos do céo! Tua alma d'anjo
O vate então cantava!
E tu eras a rosa da matina,
Invejosa hum perfume te pedia
A rosa purpurina!

E tu eras o cedro das montanhas,
Que zomba dos estragos, que desprende
As nuvens das entranhas!
E o sol do deserto a gala tua
Timbrava de esmaltar, e prateava
Teu verde a branca lua!

E tu eras o pass'ro, que no prado
Trina innocentes sons; e te invejava
Os sons o choro alado!
E tu eras tão pura, eras tão bella,
De dia, como o sol da primavera,
De noute, como estrella!
E tu eras formosa, qual bonina
De valle; e tão suave, como o halito
D'huma aura matutina!
E tu eras, qual rola graciosa!
Como o regato limpido, entre as flores,
Tu eras tão mimosa!

E eu n'huma lyra divina
Estes encantos cantava,
E hum anjo me perguntava:
— Que tens com essa menina? —
Era o anjo da Poesia:
E eu vertendo sons ufanos:
— Hoje he dia de seus annos —
Cantando lhe respondia.
— Mas tudo na humanidade
Faz annos quanto ahi dura;
Té que deseja a sepultura
Se conta o correr da edade.
Alguem já cantou teus annos? —
Isto o anjo me dizia,
E eu brando lhe respondia,
Com estes sons mais sob'ranos:

Dá que antes que p'ra sempre se desate
De inhospitos lugares, das sandalias
O pó sacuda o vate!
Pó da terra do exilio infortunada,
Que sobre os filhos seus Adão erguêra
P'ra a vida amargurada!

Dá que antes de partir se purifique
A lyra malfadada: e que á innocencia
Só hymnos sacrifique!
Só a innocencia he digna de louvores....
Não ha homem tão bom, que valha hum canto
Da lyra dos cantores!

Ella, tão anjo, como tu, tão pura,
Entrou no peito meu, e eterna reina
Com infantil candura!
E o anjo inspirou-me sons mais novos;
E ouvindo te cantar tinham inveja
De mim da terra os povos!

E — Não tenhaes inveja! (eu lhes dizia)
Eu a vi muitas vezes no seu berço,
E p'ra mim se sorria!
Ella nunca dormiu em vossos braços,
Nunca beijaste sua face angelica,
Nem lhe destes abraços!

E tudo isto eu já fiz. Não lhe contastes
Historias nos seus dias de innocencia!
Com ella não brincastes!
Nunca vós á levastes extremosos
Pela mão ao passeio. Vós com ella
Não fostes tão ditosos!

Brigou ella comvosco algum momento
Vos dizendo: — Estou mal? — ou vos contára
Da infancia algum intento?
Pediu-vos algum brinco melindroso,
Desses encantos, que a pueril edade
Acha tão deleitoso? —

E eu cantava inda mais... mas repentina
Mão me arrebata... grito... e para sempre
O' meu anjo, ó menina,

Eu te perco de vista!... O' meu encanto!
E esse, que eu cantava no teu dia,
Era o ultimo canto!

E accordei tremendo!... —Ultimo canto...—
Embora... mas, ó sónho, de minha alma
Não terás hum só pranto!
Tu tão boa serás, anjo adorado,
Que nunca a minha lyra se arrependa
De assim te haver cantado!

Teixeira e Sousa.

A GUERRA DOS EMBUABAS.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO IV.

Rio das Mortes.

Ahi onde foram quebradas as carroças, e se affogou o exercito inimigo, ahi sejam contadas as justiças do Senhor.
(Juizes, cap. 5.º V. 11.º Cant. de Délbora.)

Era huma sexta feira dos principios de agosto de 1709; a villa do Rio das Mortes apresentava o mais estranho espectaculo, que pode imaginar-se; as casas despejavam-se de seus moveis, e de seus moradores; as ruas entulhadas de gente, que chorava e corria de hum para outro lado sem rumo certo, levando nos hombros aquillo que mais precioso tinham: aqui era huma mulher, que perdera o filho, alli hum enfermo, que mal podia levantar a cabeça de sobre a escada em que o carregavam, mais longe huma criança em pranto..... era hum feio espectaculo tudo quanto se representava aos sentidos. em tanto perigo, ou desgraça toda esta multidão de homens, mulheres e meninos, velhos e enfermos, se huma incerteza lhe movia as passadas dentro da villa, não era assim apenas sahia no campo, por que tomando para o lado de huma eminencia, que fica a hum tiro de pedra da villa, ia a demandar o alto, onde a pressa e necessidade havia levantado hum fortim, não sem algumas luzes das regras da arte; vasto para poder contel-os, mas estreito para os acommodar, aquelle recinto apresentava ainda a mais triste scena, que a da villa quasi abandonada, e que antes de escurecer o ficou de todo. Que noite cruel e de anciedade para todos elles! qual o homem, a mulher, que o somno alliviou dos trabalhos do dia? se algum houve, foi o que não tornou a vêr a claridade do sol, cujos olhos o demasiado trabalho no transporte apagou para todo sempre. E se cruel foi a noite, a primeira luz do dia alumiando os arredores des do cimo dos serras té a fundura dos valles, por que olhos de quem teme veem seu perigo mesmo nas sombras, com a primeira luz do dia fugio a esperança d'aquelles corações afflictos, na esperada e temida presença de hum volumoso corpo de tropas, que se desenrolava por huma encosta fronteira ao fortim; porem Vs. Ms. sabem que a esperança he hum sonho vão da phantasia, e assim no instante, em que mais cobertos de luto se viam aquellas almas, nesse mesmo foi que raiou huma restea de consoladora luz, por que cá do fortim sahiram muitos homens armados, levando huma bandeira branca, e tambem huma vermelha, signaes de que a paz lhes era cara, mas que não os entimidava a guerra.

E, quem eram aquelles que pela a encosta la vinham descendo, e est'outros que do forte iam a encontral-os? como he que as terras do Brasil tinham por estes tempos inimigos que fallavam todos a mesma lingua, e adoravam o mesmo Deos? aqui o vereis agóra, e que vos não espante. Aquelles homens tão resolvidos e raivosos, que vem a descer escontra a povoação do Rio das Mortes, são filhos de S. Paulo, que opprimidos e expulsos pelos forasteiros nas minas vem para vingar-se; e estes que sahem do fortim são os boábas valentes e determinados, como quem se propoem a coisas extremas; esta multidão que fica compoem-se das mulheres, filhos e proximos destes ultimos.

Sempre nestes momentos de afflições publicas apparece hum, ou mais entes, de huma esphera superior, que a vontade de Deos cria para servir de unidade ao todo; e foi nesta occasião a mulher de hum pobre forasteiro, Anna Bragança, cujo era seu nome; esta, em quanto se abriam as portas da fortaleza, e se dispunham os boabas a sahir rompendo por meio de todos com huma imagem nas maos, e os cabellos em desordem levantou a vóz com estas palavras:

— Ide e voltai, que vos digo eu nada fareis, e acabareis com elles; hoje descubro eu que nem Deos será por nós, nem por elles; mas ao diante, passados que sejam dias e noites... grandes peccados vão por esta terra, e só pelos pequeninos escaparão alguns grandes, por que, se Deos parece ter esquecido nossos males, como he que os Santos hão de pôr olhos em nós outros?! Vêdes vós este que aqui está? continuou ella, levantando aos ares huma imagem de Santo Antonio, ha de ser nosso protector; mas.....não quer fallar.... não

quer dizer-me qual será o termo desta desgraça, que vem sobre nós.....ide e voltai, que não será este dia infeliz nem para nós, nem para elles.

E huns tendo em pouco o que ella dizia, prestando-lhes outros attentos ouvidos, foram sahindo para a banda donde vinha o corpo de tropas, que fez alta em certa distancia; e depois que os boabas chegaram a tiro de besta adiantaram-se dois dos melhores, e foram propor seus capitulos de pazes aos paulistas, que não quizeram estar por elle: então prepararam-se todos e começou huma brava escaramuça entr'elles, que só apartou o cahir do dia retirando-se os forasteiros para o fortim, sem mais perda que a de alguns cavallos de huma e outra parte, ficando a povoação em poder dos paulistas. De sobre os muros da fortaleza estava Ambrosio Caldeira, que os boabas tinham elegido para governar, vendo a referta em que pouca vantagem apezar de muito exforço ia para os dois bandos; e vendo que quando os seus se retiravam, os contrarios se encaminhavam do lado da povoação, pôz em conselho o que melhor se faria, por que de os paulistas se senhorearem das casas vinha grave damno para todos; o que sendo reconhecido, houve logo cinco valentes e destemidos forasteiros, que se offereceram para ir lançar fogo na povoação; lançados do muro foram torneando a cava até, que subindo se chegaram ás casas, fingindo-se paulistas, que haviam escapado do forte: passaram os primeiros postos avançados sem difficuldade em razão do disfarce, e hum delles com maior ousadia, que acordo arremetteo com huns vinte homens, que a entrada de sua casa comiam e bebiam folgando, o que sendo visto por os companheiros, sem mais cousultas, ou demora atearam o fogo, retrocedendo com precipitação tão desgraçada, que descobertos e apontados foram todos mortos, sem escapar hum só, que levasse a noticia do desastroso feito. Correram logo a dar conta ao general Amador Bueno do acontecido, e ou que o militar discurso dos inimigos lhe abrisse os olhos, ou que experimentado nas coisas da guerra conhecesse o mal que poderia fazer huma tentativa semelhante nas casas do forte, mandou este chamar João Falcão ordenando-lhe que em huma eminencia visinha da fortaleza fabricasse huma guarita, ajudado pelo escuro da noite, o que se obrou com extranha cautela; amanheceo o dia, e com elle o perigo para os cercados, por que da guarita de João Falcão começaram de atirar para dentro do forte tantas frechas accesas, que em pouco tempo era o terreiro huma vasta fogueira, e os miseraveis, que se haviam recolhido alli como hum lugar seguro pela força que lhe dava não a grossura dos muros, mas o forro dos peitos devotados de pais, filhos e parentes, os tristes em prantos e alaridos faziam confusão com o mandar dos cabos, que dispunham as baterias contra o inimigo, e as ordens do general, que se esforçava por atalhar o incendio: muitos destes ficaram reduzidos a cinzas, poupando-lhes a morte mais longos padecimentos. Em quanto os da guarita lançavam suas frechas ardentes para dentro do forte, os companheiros arremetiam ao muro, sendo recebidos pelos de cima na ponta das lanças e espadas, voltando muitos estropiados com mais pressa do que aquella com que tinham subido: era geral o assalto por todos os lados, e tão encarniçada a batalha, que outra mais pelejada nunca se vio nas Minas, e assim o contam memorias e escriptos d'aquelles tempos. Em hum angulo de muralha, que olhava para o norte, sobre duas escadas alguns homens faziam por entrar a fortaleza pelejando esforçadamente; no sopé do muro huma multidão delles com as vozes e o exemplo os incitavam, inda que sem necessidade, por que os das escadas como leões cegos e cheios de furor mais olhavam em como haviam de offender do que em deffender-se; estavam nesta porfia, eis que huma das escadas estala, cahindo os que em cima batalhavam, não sem damno tambem dos que por baixo os favoreciam com seus tiros: he difficil em huma peleja particularisar os diversos acontecimentos, porem são de todo o exercito dos paulistas estes que cahiram aquelles unicos, que eu e Vs. Ms. conhecemos, por isso não parecerá inverosimil, que de tantos quantos deviam ser os accidentes deste dia eu só trate deste, que bem fatal ia sendo. Devia de ser o peso quem originou a desgraça, por que não sei se já fiz ver aos leitores, que o nosso conhecido Fernão Vitelo, era hum formidavel toiro; depois Braz dos Anjos..... o guia, ambos elles, todos tres faziam huma tripeça de ver; estavam elles cada hum com o seu pensamento e desejo de ver a extensão que teria o terreiro do forte, e os olhos nas chuças dos boabas, quando o desastrado puleiro veio ao chão amassando-lhes as costellas. Seriam dez horas da manhã quando teve lugar este acontecimento, que para ser mais singular pôz fim ao assalto deste dia, mandando Amador Bueno tocar a recolher levando alguns mortos e feridos.

Dentro do forte, que muitas vezes julgaram perdido seus deffensores, ia a raiva dos combatentes e a afflição dos inuteis; Anna Bragança, ora como soldado, depois como capitão junto dos

parapeitos animava, combatia e ordenava: outras vezes conduzindo feridos para fóra da peleja, reprehendia as lastimas tardias, ou inuteis das de seu sexo, obrigando-as com razões a deixarem de mão as queixas pelos soccorros aos feridos: conta-se della que passando perto da muralha vira hum sobrinho degolado jazer por terra, e que passando adiante se ajoelhára perto de hum estranho, que ia fazer seu passamento; e passando acaso seu marido lhe perguntára por que não dava sepultura ao filho de seu irmão; ao que ella tornou dizendo;

— Quando aqui cheguei só havia ahi huma pouca de terra, no emtanto que esta alma ia apparecer diante do Senhor talvez bem negra com as dores do corpo. Ajuda-me tu agora a enterrar hum e outro.

— Vou-me á cortina do norte, lhe tornou o marido, onde por duas escadas os paulistas ameaçam de entrar o forte.

— Ficai-vos, que neste instante vai huma dellas quebrada, e os inimigos vão recolher-se ás casas da povoação.

Era extrema a confiança que todos tinham nas palavras desta mulher, mas como succede sempre com aquelles que vaticinam, ninguem podia tirar vantagem das mysteriosas fallas de Anna; que ella sabia anticipadamente o resultado de quanto se emprehendia, foi coisa que ninguem contestou; e a prova he que no instante mesmo que os do forte sahiam para lançar fogo ás casas, o que tão desgraçado foi, ella dissera para o marido:

— Vai despedir-te d'aquelles, que não voltarão: e o que elles vão a fazer não o farão.

E como lhe perguntassem em modo de reprehensão, por que não patenteava ao general, quanto sabia respeito áquella guerra, figurou com o dedo no chão huma roda, ou circulo, e disse para os que a interrogavam:

— Qual de vós outros sabe onde começa esta figura, e onde acaba?

Ao que ninguem respondeo pelo não saber, e ella continuou:

— E todos vós sabeis que fui eu quem a fez, e lhe vedes a fórma, e comprehendeis que teve principio em algum lugar, onde foi começada; ora se o Senhor me patentea o que tem de acontecer he para que eu o venha a desfazer, se isso cabe em minhas forças? de que serve mostrar eu ao general que serão de nenhum effeito suas ordens e mandados? o que tem de acontecer ha de acontecer; e assim eu me contento e retenho vendo a fórma das coisas, e sabendo quem as faz. Depois grandes peccados temos nós outros e aqui nesta terra, que parece amaldiçoada, e cujo nome lembra os de nossos passados, aqui pagaremos os nossos para que indo com o andar dos annos este nome de Rio das Mortes ao conhecimento de nossos filhos, saibam elles que os crimes de huns, se não foram pagos por outros, ao menos sempre houve justiça no lugar de delictos, e aqui onde nossos avós mataram morreremos nós outros, não réos desse crime, porem de nossos mesmos crimes.

Logo que os inimigos deixaram em breve descanço os cercados recolhendo-se ás casas da povoação, que puzeram em estado de defeza, retirou-se Amador Bueno com metade dos seus para hum alto, onde como atalaya vigiava e provia no que era necesario; e como as casas perto do forte eram de muita importancia, quiz commetter o guardal-as a pessoas de reconhecido esforço e confiança, mandando chamar Francisco Bueno, Luiz Pedroso, Fernão Vitelo e o guia; e como chegassem os dois primeiros deo-lhes suas ordens, que elles foram executar cheios de alegria, por que o general os tornára destinctos confiando-lhes a guarda dos mais perigosos postos: ao tempo que se retiravam entrou Fernão Vitelo com a cabeça embrulhada em hum pano, e o rosto tinto em sangue.

— O'lá arranharam-te os boábas, amigo rachador? dá-me gosto isso, por que vejo que lhes andastes por junto; tinha eu para commetter-te hum negocio, porem como estás molesto....

— Vou a elles esta noite, general! sem medo ... sem medo da velha feiticeira, que os diabos partam em mil fatias!!... mas custa a ouvir certas lerias de alguns, que nem siquer tiveram huma beliscadela, o que não he grande recommendação cá para mim; mas vamos ao que serve, de que se trata, general? alguma sorpresa? estou prompto, e contai que não serei só..... tres bem decididos, quereis mais? eu, Braz dos Anjos, o guia....

— He hum mão soldado! interrompeo Amador Bueno.

E o rachador deo hum passo atraz:

— Mão soldado, general?! pois quem se bate como elle em escalada com esses diabos de forasteiros, que são valentes, quem se bate cinco horas, e só por que quebra huma perna....

— Quem? o guia quebrou huma perna?!

— Pois não o sabeis?

— Agora o sei; e he esse talvez o motivo por que não veio ainda ao meu chamado.

— Mas sempre vos direi, general, que se o guia he mao soldado, bem mal estou eu, e outros muitos.....

— Não, não!! desligo-me, por que minhas palavras disse-as o pensamento de que se negava elle ao que tinha para encommendar-lhe: porem como foi ferido, e n'huma perna, razão tem de tardar.

— Ah! quanto a isso descançai, general; por que a perna não foi bem quebrada, elle move-se, ainda que hum pouco engraçado, mas anda.... foi huma de todos os demonios, por que Braz dos Anjos quebrou bum braço, mas não foi bem quebrado tambem; e eu parti a cabeça, mas ninguem lhe enxerga o furo..... maldita velha feiticeira! porem, que tendes a ordenar-nos general?

— Queria entregar-te, e ao guia as casas perto do fortim, para as guardardes; porem estais feridos, e he de justiça que outros tomem esse encargo, que ha de ser trabalhoso.

— Nós o tomamos, general; por que como já vos disse, não são graves, as feridas, e mesmo nem eu sei como ellas são.... maldita velha, que se não fôra ella estavamos a estas horas dentro do forte, e os boábas todos passados a fio de espada.... que força, general! dois braços magros, resecados quebrarem huma escada d'aquellas!!...

— Que estais dizendo? parece-me que vos transtornou o golpe.....

— Assim dizem todos, general; mas Braz dos Anjos e o guia que não foram feridos na cabeça, e devem estar com juizo em fórma, esses dizem como eu, e viram-na como eu.....

— Mas quem foi que viste, e quem foi que elles viram?

— A velha feiticeira, meu general, aquella que partio a escada quando já não havia quem nos impedisse a entrada.

Amador Bueno arrependeo-se de ter fallado em confiar-lhe a guarda das casas, e estava quasi para mandal-o recolher ao hospital, quando o guia veio confirmar as palavras do rachador insistindo em que fôra bruma velha quem rebentara a escada que elles tinham arvorado, e sostentavam; o general tendo como impossivel o facto narrado, mandou chamar algunas, que estavam perto da escada, e estes acabaram de fazer-lhe virar o juizo dizendo que ainda os tres vinham pelos ares, e já se queixavam da velha, porem que todo o arraial tinha como fabuloso tal acontecimento.

— Bem, tende conta que a velha não venha lançar-vos dos postos que vos entrego; por que a cabeça vos responde por elles.

— E que tal está, mador Bueno? disse o guia sahindo; maldita velha feiticeira!!....

— Está elle como todos, disse o rachador; e a mim me parece, que será melhor não fallarmos mais em semelhante coisa; por que ninguem nos acredita, e nós nos desacreditamos.

— He verdade; parece impossivel que huma velha quebrasse huma escada daquellas..... mas tu a viste, não, rachador?

— Se a vi?! com hum lenço embrulhado na cabeça, e.... talvez tu não reparasses, guia? vistes que tinha na mão esquerda hum santo Antonio de barro?

— Se reparei; até eu havia de jurar que o santo meneava a cabeça.

Tanto não digo eu, mas que ella o tinha na mão, isso he verdade; porem ouve, guia, não fallemos mais nisto, por que Amador Bueno esteve hoje a ponto de entregar a outrem a guarda das casas: e vede que desar nos ia com semelhante coisa! maldita velha feiticeira.....

E assim conversando foram tomar conta de seus postos, juntando-se-lhes Braz dos Anjos, que como companheiro na commum desgraça não os quiz deixar agora em novo perigo; traz elles foram muitos, huns que levava a curiosidade, outros o desejo de se avantajarem em perigos; de sorte que bem reforçado ficou o posto, por que mais de cem pessoas se dividiram pelas casas que os quatro deviam guardar sós. A noite ia correndo, e como não podiam dormir huns, e outros não tivessem somno, foi lembrado o acontecimento da escada; porem Fernão Vitelo não deixou que Braz dos Anjos satisfizesse a vontade dos companheiros, e como era preciso gastar o tempo em alguma coisa, o guia se encarregou de concluir a interrompida narração de sua maravilhosa historia da *Cata do morto.*

(Continua.)

He supersticioso aquelle que poem sua esperança nas formalidades e nas ceremonias; porem he soberbia não querer submetter-se a ellas.

Melhor corrige algumas vezes a vista do mal, que o exemplo do bem; bom he acostumar-se o homem a tirar proveito da lição do mal, pois he tão frequente, em quanto que o bem he tão raro.

As invenções dos homens augmentam de seculo a seculo. A bondade, e a maldade do mundo em geral fica estacionaria.

Palcal.

Noticia historica

DO PADRE MESTRE

FR. FRANCISCO DE SANTA THEREZA DE JESUS SAMPAIO.

Aquelles dos brasileiros, que se destinam á trabalhosa carreira das lettras, e que, como premio de suas fadigas, só esperam fama e gloria no porvir, não sei eu como não desesperam, vendo a sorte dos que antes trilharam o mesmo caminho; não quero fallar na difficuldade de espalhar suas idéas, porque se desappareceo o *Spectatis cognitorum judiciis permittimus, ut typis mandentur*, da Santa Inquisição, existe agora o tremendo *Sine qua edi non peterunt* do impressor; mas não quero fallar disso, e só daquella ingratidão costumada, do quasi natural esquecimento dos de casa, que motiva a ignorancia de estranhos, e seu despreso: houve por ahi quem dissesse que os habitantes das graciosas margens da Nicterohy eram os parisienses da America, e não só por quanto quizerem elles o são, mas ainda por huma especie de leviandade, que verdadeiramente os caracterisa. Não digo que ella se estenda aos negocios graves, senão n'aquelle ponto em que a molestia vem como herdada de nossos maiores, o esquecimento para com aquelles que nos honram a patria com seu saber ou virtudes, e aqui nos confraternisamos os de todas as provincias; tem decorrido apenas 14 annos e tantos mezes des que o illustre orador Fr. Francisco de Sampaio deixou os pulpitos desta capital, onde antes e depois poucos tem subido que lhe façam sombra, e com sua morte se apagou o nome da memoria de muitos, de sorte que se a vida do litterato he tão curta por suas fadigas, e a sua fama tão leve coisa, amaldiçoado o mister seja! Não serei eu, apoucado na materia, que pinte aos leitores o que foi elle na cadeira da verdade, mas de sua Necrologia (*), feita pelo mui sabedor litterato o conego J. da C. Barbosa aqui daremos as noticias que nella se contem, e cujas observaçoes, como de entendedor e mestre, não carecem de discussão incredula, ou atrevido exame.

» Fr. Francisco de Sampaio havia nascido n'esta cidade em agosto de 1778; foram seus pais o negociante Manoel José de Sampaio, e D. Elena da Conceição, os quaes conhecendo a tempo a sua inclinação para as lettras, confiaram a direcção dos seus primeiros estudos aos Professores entao mais celebres pela sua moral e saber.

» Mas a morte de huma carinhosa mãi, e talvez a idéa de não encontrar o mesmo carinho em huma senhora, a quem seu pai se ligara em segundas nupcias, fizeram nascer hum précoce aborrecimento do mundo no coração do moço estudante, a quem a fortuna se declarava favoravel, até pelo que renunciara da herança materna. Elle encobrio o seu desgosto com o plausivel desejo de se consagrar aos estudos livre das distracções e tumulto, que se encontram sempre no seio de huma grande familia; e no dia 14 de outubro de 1793 tomou o habito de religioso Franciscano no convento da ilha do Senhor Bom Jesus.

» Seguio contente esta carreira, e depois de haver concluido os seus estudos philosophicos no convento dos Franciscanos da cidade de S. Paulo, regressou á sua patria. A 2 de outubro de 1802, ordenado já de presbitero, recebeo o diploma de lente de theologia, e mestre de eloquencia sagrada. Occupou outros empregos honrosos na sua ordem, como guardião por tres annos, secretario da visita, e depois da provincia, difinidor da mesa etc., etc. Mas se o seu merito o fez digno por tantas vezes da escolha dos seus padres para encargos de tanta importancia, elle não era menos respeitavel fóra do convento, porque o senhor Rei D. João VI., em signal da sua estima, o nomeou Pregador da sua Capella em agosto de 1808, depois Examinador da Mesa da Consciencia e Ordens; no anno de 1813 foi creado Censor Episcopal; e a 19 de Novembro de 1824 foi nomeado Deputado da Bulla da Santa ruzada por S. M. Imperial.

» Todos estes titulos, a que poderiamos accrescentar outros muitos, que merecera do bom conceito, em que o tivera sempre o Cardeal Calepi, primeiro Nuncio Apostolico no Brasil, explicam a bem fundada estimação que lhe consagravam as pessoas mais gradas, e que elle sabia grangear, progredindo na carreira dos estudos, de que tanta honra colhia. Elle destinguio-se particularmente nas cadeiras dos nossos templos, onde a sua eloquencia por tantas vezes arrebatou os corações de numerosos ouvintes, que se apinhavam attrahidos pelas bellezas dos seus sermões. Fr. Francisco de Sampaio já não existe, mas o seu nome ainda gira na lembrança dos que o conheceram; e ainda a sua voz parece resoar em nossos templos, despertando as saudades de hum povo que o respeitava como orador mui distincto, e talvez um daquelles que mais concorrera para introduzir o melhor gosto de pregar, por hum estudo mais depurado, tanto das regras dos grandes mestres, como do estilo e doutrina dos padres da Igreja, e das santas escripturas. Huma phrase rica, pensamentos

(*) *Diario do Governo de 22 de septembro de 1830.*

sublimes, estilo magestoso, invençao digna dos assumptos que tratava, facilidade de expressão, exemplos bem escolhidos, doutrina solida, figuras brilhantes, posto que algumas vezes atrevidas, quando não podia conter os arrebatamentos do seu genio; emfim huma reunião de qualidades oratorias, que bem poucas vezes se encontram nos ministros da Santa Palavra, sustentavam-lhe o credito de hum orador que honrava a sua religião e a sua patria.

» Correm impressos muitos dos seus sermões, e o que agora dizemos, em honra da sua memoria, não se póde esconder á investigação dos amigos da eloquencia, nem ser contestado por infinitas pessoas, que corriam a ouvil-o nas grandes solemnidades desta capital. Existe tambem o diploma que a Real Academia das Bellas Lettras de Munich lhe enviara, declarando-o seu socio, em signal do respeito que consagrava aos seus raros talentos, ao seu merito litterario; e a patria sempre justa para com aquelles de seus filhos que honram a litteratura nacional, jámais se esquecerá de pronunciar o nome de Fr. Francisco de Sampaio, sem aquella saudade, que lhe merecerem os que concorrem para a sua illustração.

» A justiça que nos chama a tributar-lhe estas expressões sinceras, depois de havermos dado algumas lagrimas sobre a sua sepultura, não póde ser equivoca aos nossos leitores; porque nunca deixaremos de recommendar assim ao conhecimento do mundo aquelles Brasileiros, que servem de honra á sua patria. O homem que não póde ser perfeito em tudo, nem por isso deixa de merecer louvores pelas qualidades boas que se lhe conhecem; e quando sobre a campa da sepultura se renovam com lagrimas os vinculos de huma antiga amisade, por qualquer motivo interrompida, nem he suspeito o merito do morto, nem se póde taxar de adulação a linguagem de quem dest'arte procura arranear ao esquecimento dos tumulos hum nome que deve persistir sempre na estimação e lembrança de todos os bons patricios.

» Fr. Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio expirou no seu convento do Rio de Janeiro a 13 de setembro de 1830, contando poucos dias sobre 52 annos de idade. Honremos a sua memoria levando o seu nome ao cathalogo dos nossos illustres litteratos. Cessem quaesquer rivalidades, ou desuniões, quando a justiça clama sobre a campa deste distincto Brasileiro, que honremos o seu merito litterario, até para emulação dos que seguem a gloriosa carreira das lettras.

DONDE SE DERIVOU O VOCABULO AMOR COMO SE PINTA, E AS RAZÕES DE SUAS PINTURAS.

Os antigos em suas taboas e escriptos, pintavam ao amor menino, cego, com espada cingida, em huma mão com huma tocha, na outra hum arco e settas, com azas nos pés e huma letra que dizia: — amor meu, cego, armado e besteiro, traz espada contra os homens, fogo contra as mulheres, arco contra as féras, azas para alcançar as aves, e nu para mergulhar os peixes. Não havendo coiza que possa escapar a seu poder pelo que o principe, querendo saber as razões d'estas pinturas começou dizendo:

Principe. — Por levarmos melhor este novello do amor, quizera começasses primeiro, com nos dares razão, porque sendo seu proprio nome Cupido, todos lhe chamão amor.

Celio. — Chama-se amor dirivado d-Amaro, que quer dizer, amargoso, porque quem ama, de ordinario he triste, e coitado; tendo todos os males principio do amor, como os rios das fontes e as fontes do mar. E assim, de mar se diz Amaro, e d'Amaro amor; porque assim como ao mar vão parar todos os rios, assim todos os males param em amor: e pelo modo que as fontes procedem do mar, assim todos os descontes procedem do amor. Donde Senéca disse: — o remate do louco amor he o mesmo que miserias e odios, por ser condição do amor ter azas para o mal, e ser cego para o bem. O grego chama ao amor eroz, que se diriva de fortalesa, por ser tão forte que tudo atropella, não havendo estado isento a seu poder, e forças; se não digao, David, rei e propheta, Ophni, e Phines sacerdotes, Salomão sabio, Sampsão forte, os velhos de Susana, Absalon com as madrastas, amou com a irmã, o 1.º amou com a cunhada, Judas com a nóra, Las com as filhas e Nino com a mãi.

Dão nome de Deos ao amor, por excederem todos os seus effeitos, todo o curso natural: e como os antigos poetas, considerando a rudêza dos homens de seu tempo, e quão apartados viviam da politica humana, ou raccional, inventaram as fabulas, para que debaixo do vellamen d'ellas, assim como por debaixo de vidraças transparentes encobriram as verdades, que lhe pretendiam ensinar, e deleitando-os pouco a pouco os reduzissem a melhor vida. Neste tempo, que o mundo estava estragado, foi feito amor Deos, a volta d'outros muitos, sem mais respeito que mostrar aquella gente grosseira, o poder que esta paixão tem em nossos sentidos, e potencia. E considerando o poder d'amor em nossas vidas, visse claramente o poder de seus milagres, mas todos

em nosso damno, attribuindo-lhe a deidade por viver no fogo como Salamandra, passeia pelo mar de nossas lagrimas como Delfim.

A razão de matar sendo Deos, foi porque a morte e o amor no principio do mundo, moravam ambas em huma propria casa: e como ao amor o fizerão Deos, foi tanto o alvoroço, com que se subio ao céo, que ao despedir-se da morte, com inadvertencia se tocaram as aljavas, e assim amor dá a morte aos mancebos, e a morte dá amor aos velhos; porque quando quer levar alguns desfecha n'elles passadores amorosos, tornando os velhos namorados, para mais presto os poder matar; mas n'isto discrepam: que a morte mata huma só vez, dando huma só morte, e o amor a cada vida dá immensas mortes. Não havendo estado seguro, as frechas de amor, por elle ferir com as da morte, e a morte com as do amor, por ser o mesmo amar que não ter vida; e de mais que amor he comparado á morte por ser tão forte hum como o outro: assemelha-se ambos pelos effeitos que causam na despedida, a morte aparta a alma do corpo, o mesmo faz amor, a morte priva dos sentidos, amor os disparata.

O pintar-se como menino, he por mostrar, que o amor, com interesse de qualquer pequeno deleite, como menino leva o amante de huma a outra parte, fazendo d'elle mil fogos, como menino por huma maçã, que he o aureo-pomo da formosura, tambem por dizer a pintura com a brandura e natureza do menino, porque quem procura o alheio amor, com lagrimas e ternuras de menino deve obrigar, e não com forças; e assim como diante de hum menino, ninguem repara em sua honestidade, nem se resguarda em materias de segredo; assim onde ha e está amor, tudo se facilita e nada se esconde. Tambem porque diante de quem ama, satisfaz o amante com lagrimas os aggravos, como menino que não dá outra resposta quando commette culpas ou o arguem, se não lagrimas. He amor menino pela facilidade com que se alegra em suas tristezas, e se lhe reprimem as lagrimas; pois como menino no meio do maior choro, se lhe fazem hum afago se ri, assim o amante na força da maior tristeza, se alegra com qualquer favor, e o mesmo em suas iras, aplacando-se e passando de hum a outro extremo, com facilidade de menino, e com a mesma voz, dá mil louvores e quanto lhe pedis, tendo-vos, como menino, pouco antes dito mil nomes e infamias.

O andar nu, he por fingirem os poetas, que o amor he filho da pobreza, a qual não o podendo crear o engeitou a Venus: ella vendo-o tão formoso o creou e adoptou, significando n'isto, que o amor ha de ser tão liberal, que fique pobre por enriquecer a quem ama: e por isso se pinta hum, porque quando o amante he todo de outrem, razão he não tenha coisa que não seja da amada, que quem deo o coração, e foi liberal da propria alma, não deve ser avaro da fazenda; sendo certo que quem pouco ama a poucos dá, e em nada repara. Pinta-se nu, porque quem ha de dar o coração descoberto, como o poderá fazer vestido? Pinta-se nu tambem, porque no mesmo ponto que se entrega sugeitando-se, se despede da razão de livre alvidrio, e de todo o curso natural: o que se mostra em Hercules que tanto que amou a Sole logo se despio das armas e dos vestidos, que erão assombro do mundo, e castigo de tyrannos.

Nino II affeiçoado de sua mãi Semirames trocou a toga real com ella, com que a mãi ficou governando. Achiles por dar gosto a Deydamia, a quem amava, chegou a despir seus vestidos, e armas valorosas, por vestir roupas mulheris. Leandro se entregou ao mar nú (propria pintura de hum amante, que assim se lança traz do seu desejo), por hir mais desembaraçado buscar a Ero, a quem de vêras amava, tambem se pinta nú, por denotar que o amante he a propria pobresa, pois por mais que possua sempre lhe falta o melhor, que he a possessão de quem ama, e esta foi a necessidade e falta, que obrigou a Paris a roubar Hellena, Jason a Medea, Jupiter a Europa, Plutão a Euricide, Theseo a Ariadna, e arriscarem seus estados Marco Antonio e Rodrigo por gosarem hum a Teopatea e outro a Flavia Cava; tambem se pinta nú, tanto por mostrar que domina no mar, onde mergulha até aos peixes, como porque a amor não ha nada escondido, nem roupa que o possa esconder ao mundo.

Pintarem-no cego com olhos vendados, he por se não saber governar nem guardar dos inconvenientes, que se lhe offerecem, por não ter o amor luz nos olhos, para distinguir o bem do mal, tendo d'ordinario a hum por outro, tanto que se affeiçôa: e assim não vê o caminho que leva, tropeçando a cada passo em mil miserias. Donde diz o rifão —hum cego atraz d'hum menino que vôa, não póde chegar a parte onde não cáia, por mais que o guie ao céo da formosura; porque a gloria d'ella muito preste desfalece, comprando hum breve delicto, a troco de mil trabalhos e perigos, sem ter othos para vêr o que dá, nem quanto lhe custa a troca, com que tudo se tróca depois em arrependimento. — Donde o amor he similhante

á perdiz, que escondendo a cabeça ao caçador deixa todo o corpo de fóra, onde a matam: que como ella não vê o caçador, persuade-se que elle não o vê a ella: pelo que disse o rifão; — cuidam os namorados, que os outros tem os olhos quebrados, — tambem os olhos são hum labyrintho dos mesmos olhos, e o amor em quanto na pintura he humano, se tapa os olhos, porque por elles se não perca, e se entre em si mesmo, por ser certo que pelos olhos entra amor. Donde veio a dizer Caspio:

De ver-se nasce el-hablar,
Del hablar el atrever-se:
Del atrever-se el perder-se,
Y del perder-se el infamar-se.

E respondendo aquem pergunta como he amor cego, se elle nasce de conhecimento, responde-se, ser verdade que o amor não he cego, antes tem cem olhos como Argos, e se elles não foram, nem nascêram cegando, por ir nublando o entendimento, razão e juizo, com que não faz distincção de huma a outra coisa, fechando os olhos por se não governar amôr por elles, mas pelo desejo e appetite. E assim como o desejado gosto ou formosura tudo cega, assim amor a tudo tapa os olhos; e como a luz cega, assim a formosura e amor cegam o entendimento; tambem se pinta cego, porque os cegos são os maiores namorados.

Pintam-no com tocha na mão, pelos incendios que causa esta paixão furibunda: sendo fogo agradavel pela luz que de si lança, mas pela quentura intensa dolorossimo; e assim a primeira appareneia do amor he aprasivel, e causa deleite; mas depois o uso e experiencia de seus effeitos, atormenta incomportavelmente; e como os amantes cegos da apparencia e luz d'este incendio, como borboletas se abrasam na luz, que para se alegrarem buscaram e escolheram, qual Perilo no seu touro de metal. Este fogo, he infernal, porque abrasando a alma não consome o corpo; he raio que sem deixar signal da ferida no exterior que lhe não faz resistencia, despedaça o coração como mais forte e dispoto á sua violencia. E em fim amor he fogo por crescer com a materia, e de huma pequena faisca sua resulta grande incendio, e assim como o fogo atteado, não tem remedio se não lançando-se-lhe terra em cima, assim o fogo de amor não se matta se não na sepultura.

Pinta-se tambem amor com arco e settas, não só por mostrar ser seu costume, que na guerra he o fogo e sangue; mas por denotar que os raios dos olhos com que fere não tem reparo, e são penetrantes, por serem seus tiros e effeitos muito veloces, pois pondo-se os olhos na formosura, logo no mesmo instante o amor fére hum coração: porque assim como o experto caçador fére os animaes e aves, assim amor aos infelices amantes: e tanto com mais crueldade, quanto he mais certissimo, por assentarem todos seus tiros no alvo do coração; e assim como a ferida da setta causa fieldade, assim quem põe todo seu contentamento e exercicio em amor, e d'elle he ferido, depois qualquer desengano o torna tão confuso e envergonhado, como homem assignalado e disforme. Tambem se pinta com arco e settas, por significar a velocidade das palavras amorosas, que com tanta prestesa ferem, e rendem corações.

O pintal-o com asas, he por denotar que sustentados os amantes nas pennas de seus desejos, vôão pelo ar de suas esperanças vãs, promettendo-se com ellas vôar ao céo, e qual váro caiem depois no abysmo de diversas desventura. E assim como as azas da esperança levanta o amor ao amante as nuvens, e com as do temor o abaixa á terra, assim como a mesma ligeiresa, discorre o pensamento de huma a outra parte, voando com a imaginação aonde astá a cousa amada. Tambem se pinta com azas por mostrar que do poder do amor ninguem vive seguro, pois obrigou a Jupiter a ir roubar a Daphne, á terre mais alta e invencivel, onde estava mettida, pois voando amor tudo alcança, tudo facilita, e a tudo chega, entrando em todo o lugar, de que he bom exemplo a minha Perigrina.

DADIVOSO OU LIBERAL.

Andam muitos ao lado dos principes inclinando-os á que sejam liberaes, applaudem o que desfructam, e como interessados em o desperdicio, não querem que houvera modo em esta virtude, ninguem póde negar, que a benificencia he companheira inseparavel da magestade.

H a liberalidade hum meio entre dar, e receber; exceder he superfluo, não dar he ser avaro, com que esta virtude daria o que lhe falta, como o que lhe sobra; que quem gasta inconsideradamente em o superfluo, lhe hade ser precioso pedir depois com vergonha para o necessario.

Saiba o poderoso, que o melhor modo de dar, he evitar o menos, que poder, este he o repartimento mais igual donde respectivamente leva tanto o pobre como o rico.

He muito do intento a resposta, que hum soberano deu a Morasca gracioso louco, perguntando-lhe porque não dava a quantos lhe pediam? Se a todos os que pedem desse (respondeo) depressa pediria eu.

Muitos sabem pedir (disse Seneca,) porem dar, mui poucos, e devem haver olhos para ver o que se da, senão para vêr se se da, e muitas vezes ficam em as mãos de quem as reparte, sem que gozem os sujeitos subditos seu allivio.

Nãe se hão de dar os postos para as pessoas, hão-se de buscar pessoas intelligentes, e benemeritos para os postos, por isso adverte Pedro Gregorio, que quando os principes dão vejam a quem, e quem, e ainda o tempo em que se dá.

Queixa-se Pedro Gregorio, de que ha alguns principes hypocritas de liberalidades, que affectando-a em a apparencia, para se fazerem bem quistos, não a conhecem em o affecto, offerecem, disse, quanto lhe pedem, mandam, que se pague quanto offerecem; mas as suas ordens não se cumprem.

O Imperador Theodosio merecia todo o louvor, cujas obras eram tão pontuaes, como as palavras, tão prompto em o comprimento como na offerta, e o exemplo o Imperador Maximiano, o primeiro; cuja voz communmente, era que a liberalidade não havia de esperar as vozes do pretendente necessitado, tão prompto havia de chegar o soccorro ás mãos, como os olhos á necessidade.

Pedro Gregorio havia tido em França hum Henrique 3.º, que em esta materia foi tão efficacissimo, que as graças que se haviam de fazer corriam sem embaraço, nem replica, e assignando-as, e deve ser assim, por que (como disse Cassiodoro) he pesada cousa, que tenha obstaculos a grandeza real, em o que com liberalidade dispensa. (*Mns. da Bib. Pub.*)

A GUERRA DOS EMBUÇADOS.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO V.

A cata do morto.

E foi elle como sempre
Caminho da perdição;
Mas sugigou-lhe as passadas
A sua condemnação:

E foi visto morto e negro,
Mais negro que hum carvão,
Antre pedras, antre hervas
Fóra de povoação;

E não teve sepultura,
Nem siquer teve oração;
Su'alma cahio no inferno,
Elle apodreceo no chão.

(*Trovas populares.*)

— Em que ponto iamos nós, quando foi interrompida esta mui verdadeira historia que vos estou contando?

E todos abriram a bocca para responder ao guia; mas como esta pergunta manhosa só tinha por fim apreciar o grão de attenção dos ouvintes, e dar-lhe huma idéa da felicidade de sua memoria, o goiaba, sem attender ao que diziam, proseguio:

— Bem sei eu que todos estamos na obrigação de responder áquellas perguntas que se nos fazem; porem amigo Braz dos Anjos, aquella que me fizestes he tão fóra de razão.....

— Como fóra de razão! pois querer alguem saber se Paulo, Sancho, ou Martinho..... ora supponde vocês todos que eu contasse huma historia.....

— Já sei o que he, interrompeo o rachaor; o fasão está doente, o guia zangado, e tu com pouca vontade de ficares a pé dando-lhe a tua praça..... porem tudo isso não tem coisa alguma com o mineiro judeo, e com a velha que se encolheo oito dias, o que me custou bem a engulir..... mas como ella apparece agora com suas carnes naturaes, vamos adiante com o caso e nada de enfados.

— He isso, disseram alguns; porem houve no rancho quem resmuneou meia duzia de chascos pesadetes em louvor do interesseiro goiaba.

— Ora não quero eu que se tome em ma porte o que disse; e sempre vos direi por me desaggravar que muitas vezes tenho dito que fallei, e conversei com Jayme Cosme....

— Que não era lá para dar muita honra tal amizade..

— Nem digo menos, Fernão Vitelo; mas quero que vos lembreis do que digo, ou do contrario ficareis sem ouvir-me.

E como a cortezia já vem de longe, houve tal matinada de cumprimentos, que abafaram a vóz do guia..

— Bem, bem! he isso... nem mais nem menos, e fique de hoje em diante na vossa cabeça que quando vos eu disser *he verdade*, podeis metter as mãos no fogo: vamos á historia. Como vos eu ia dizendo, o judeo ficou hum pouco desconcertado com a vezita; e depois que lhe fez o agazalho mais endiabrado de palavras, saltou-me no pescoço do velho com as mãos com tenções de esganal-o: porem, agora o verás roixo, vermelho e negro com a força que fazia, e o velho a rir-se como hum perdido, e a velha sem se lhe dar do que faziam ao marido, por que estes dois velhos tinham sido casados cá neste mundo a velha desenrolava de hum samborá pedacitos negros, e hum pó branco, e tantos sacou ella que encheram a casa até o tecto.....

— E tudo isso dentro de hum samborá?

— Pois era hum samborá do outro mundo, que grande duvida ha nisso? as coisas ca deste valle de lagrimas passam de outro modo; mas vamos andando.....

— Olha, disse hum baixo, o guia não perde occasião; parece-me que elle sabe da trampolina do cravo escostando no lasão.

— Fez a velha huma ruma de pó branco, entremeado de huns pedacitos negros, que logo sabereis o que era, fez a ruma em quanto Jayme Cosme apertava o gorgomilo do velho; mas logo que ficou vasio o samborá, abrio este a boca e mandou hum sargento á cara do judeo, que se foi de costas no chão, por que a saliva era puro fogo do inferno; e antes que elle tivesse tempo de levantar-se, cahiram-lhe em cima os dois, segurando-o por tal fórma, que o pobre parecia estar em humas talas; depois a velha pegou de huma cuia, e encheo-a de fubá, que era o tal pó branco da ruma, pondo-lhe em cima um bocado de carne do sertão, que eram os taes pedacitos negros de que vos fallei, e abrindo a boca do judeo despejaram-lhe tudo pelas goelas, gritando;

— Tu nos destes de comer, aqui te damos de comer!

E os negros disseram o mesmo, e houve nova contradança; então o velho segurando em Jayme Cosme pelas pernas arrastou-o á roda da sala, que como vos disse tinha alargado prodigiosamente, largando-o perto da ruma, onde começou novamente o banquete.....

— E não dissestes que o judeo estava doente no seguinte dia? perguntou o rachador.

— Assim foi.

— Huma indegestão.....

— Cautella, Fernaõ Vitelo! o guia não sabe as Obras de Misericordia.

— Deixa-o, caminheiro; depois do successo da escada tem razão de dizer mil paryoices: não sabeis que o chão bulio-lhe com os poucos miolos que tinha?

— Respeito do successo, não fallemos com vocês todos, por que virou-se-vos o juizo.

— Talvez que sim, caminheiro; porem o fim da historia? disse Braz dos Anjos voltando-se para o guia.

Para não repetir coisas semelhantes, continuou o goiaba, vou dizer-vos de huma vez, que toda a ruma de fubá e de carne entrou no bucho do judeo; e depois o velho tomou-o pelo gasnate, dando-lhe tão formidavel apertão, que o deixou por morto estendido no chão, onde foi encontrado no outro dia todo sujo, e com o pescoço negro e inchado como o do velhinho: levaram-no para a cama, porem como aquelle corpo era de ferro, hum mez depois já elle assistia ao trabalho das lavras, e com o relho fustigava sem piedade os negros. Tres mezes passaram sem novidade para Jayme Cosme, tres mezes que elle gastou em trabalhos prodigiosos e lucrativos por que tendo comprado por huma bagatella as vertentes de huma serra, que lhe ficava perto de casa, e aquella mesmo por onde o levara a velha, fez huma coisa que nunca se tinha visto cá nas Minas, hum caminho com paredes e abobeda por debaixo do chão, que elle chamava galeria, e que bem lhe pagou o trabalho com a grande copia de oiro, que achou: hum dia de janeiro do anno de... não me lembro, hum dia, que elle contava chegar ao grosso de huma vêa, que os trabalhadores seguiam, descuidaram-se das escoras, e veio abaixo hum diluvio de terra e pedras, que matou boa porção de escravos: deram-se logo pressa em desentulhar a galeria, porem quanto mais cavavam, tanta mais terra cahia, de sorte que em pouco tempo abrio-se huma cova, que do meio da serra olhava para dentro da mineração, e Jayme Cosme deixando a entrada, estabeleceo escadas e roldanas para descer, servindo-se della como se para o effeito fora concluida, ficando a porta da galeria para sahir o entulho. Dias passados, indo o judeo examinar os trabalhos de manhã cedo, entrou pela galeria, e foi andando até debaixo da Cata; parando ahi, como se abaixasse para tomar huma mão cheia de cascalho, sentio sobre a cabeça hum ruido, aquelle certo ruido medonho, e levantando-a vio que vinha descendo hum corpo aos saltos pelas pedras, deixando ali um braço, acolá huma perna, mais abaixo metade da cabeça, n'outra banda as tripas, e o sangue a pingar-lhe na cabeça delle Jayme Cosme... hum sangue tão quente, como azeite fervendo... e o judeo como amarrado n'aquelle lugar, sem poder desviar-se: quando os trabalhadores chegaram foram encontral-o em suores com os braços levantados assim a modo de quem quer segurar huma coisa que vem cahindo, e com a cara cheia de pregas, sendo elle ainda moço, quando muito teria quarenta annos. Chegaram-se perto delle, e mal que lhe tocaram deo hum arranco medonho e cahio redondo guardou a cama alguns dias, e depois foi novamente ver os trabalhos, por que tambem não tinha outra coisa

em que gastar o tempo. Huma tarde foi elle a entrada da Cata...

— Mas, quando passaremos nós por esse lugar feio? perguntou Braz dos Anjos; tanto nos dissestes delle, e ainda lhe não pozemos a vista, como he isso?

— He como mandou Amador Bueno da Veiga, respondeo o guia; sabia eu que iriamos aos Pousos Altos a fazer lá conselho de paz, apezar de lhe chamarem todos de guerra? Eis ahi, a nossa marcha de flanco, que levavamos, punha em alguns dias a chusma dos boábas debaixo de nossas espadas; este desvio, esta marcha de dezaseis dias de Guaratinguetá aos Pousos só para dar á lingua entre gente...

— Olá! interrompeo o rachador, pois a cabeça de pensamento já perdeo em teu animo?! não eras tu quem a peito descoberto o deffendias contra o que eu dizia, e os outros?

— Quando tu fallavas sem razão mister era que eu o deffendesse; porem depois que Francisco Bueno, e Luiz Pedroso me contaram o resultado do conselho de Pousos Altos, fiquei hum pouco frio.

— Porem, não vejo eu que o conselho de guerra de Pousos Altos fosse desairoso para aquelles que o tiveram; por que, se nós viemos ás Minas, creio bem que não foi para insitar a barbaridade de hum Bento do Amaral... não me olhes tu assim, rachador, pois que lá no capão me ficaram dois tios, hum cunhado, e muitos amigos!! Qual de vós depois de ter consentido na entrega das armas de hum inimigo lhe havia de fazer fogo, quando elle estava desarmado!!

— Oh! isso nem se falla a paulistas! clamaram todos.

— Pois bem, Bento do Amaral Coutinho mandado por Manoel Nunes Vianna em soccorro destes mesmos boábas, que alli temos encurralados entre aquellas fracas paredes, não contente com livral-os do justo castigo que de nossas mãos mereciam, levou-se d'aqui cinco leguas e a tempo que nossos parentes e amigos se divertiam com o exercicio da caça deo nelles com furia obrigando-os a recolherem-se a hum capão, onde tinham seus alojamentos; investem com a matta, cercando-a, porem huma descarga de clavinas fez nelles bom effeito, deixando por terra hum valente negro, e feridas muitas pessoas; os sitiados como eram poucos para mil homens que Bento do Amaral mandava, enviaram no dia seguinte hum boletim com bandeira branca pedindo bom quartel e promettendo entregar as armas; e que fizeram os boábas, que fez Bento do Amaral mais certamente? consentio no que pediam, e perjuro, depois que os teve sem armas, bradou para os seus sectarios: « *Matem esses tyranos que tantos males tem causado aos forasteiros* ! » E haverá ahi por entre nós algum Bento do Amaral Coutinho?! O que he que Amador Bueno fez nos Pousos Altos em conselho de guerra que ahi teve? Viemos ás Minas buscar meio com que restaurar a opinião perdida, e as fazendas que cá deixamos; ora o conselho assentou que todo o boába, que rendesse as armas com tão humilde acção satisfazia ao requerido, e que tirar-lhe a vida seria huma tyrania, como he que vós outros sem mais razão que acordo vos levantais contra vosso coração?

— A coisa não he tão bonita como tu dizes, caminheiro; eu cá sei como as coisas são, e como ellas se fazem; cria o corvo que te hade tirar o olho; salva a cobra, que enlaçará teu pescoço...

— Dize de huma vez, guia, deixai ir os boábas sem armas, que elles tornarão com ellas!!

— Pois então mandai dizer aos do forte que rendam as armas, e depois acabai-os!...

— E então!? faz como te fizerem...

— Alto lá! clamaram alguns, isso não... matar á falsa fé... prometter e faltar...

— He a mesma coisa...

— Oh! o rachador não he paulista.

— Tão bom como tu!

E o negocio ia acabar em mal; porem o guia impoz silencio continuando a sua historia.

— Basta, basta! disse elle com authoridade; deixai as coisas correr seu termo, que o que for hade soar: se quereis ouvir o resto, calai-vos, por que nao sei eu quando teremos tempo de ouvir e contar historias. Tende paciencia, se não pudesteis ver a *Cata do morto*, que já fica hum pouco longe; a culpa não foi minha, e eu não fallo mais na causa... Hum dia de tarde foi Jayme Cosme á entrada da Cata, como já vos disse, e mandou tirar huns simples, ou escoras, que seguravam a garganta, vendo como se executavam seus mandados até o fim; e depois que os trabalhadores acabaram, e que já se iam retirando porque se avisinhava a noite, estando elle de costas voltadas para a borda e perto della, ouvio aquelle ruido feio e medonho, e como se desviasse hum passo atraz cahio dentro com horroroso fracasso, reboando por as serras ao longe as maldições e blasphemias de sua

boca... e depois lá em baixo pelas entranhas da terra hum grito de morte! No mesmo instante pela entrada da Cata sahiram nuvens de fumo negro entremeadas de labaredas de fogo vermelho e azul; e lá dentro ouvio-se huma estropeada tão grande, que os bateeiros, que tornavam aos gritos do condemnado, fugiram cheios de pavor para bem longe, e nunca mais se chegou pessoa alguma quer á entrada da galeria, quer á da Cata. Assim pagou elle por tudo o que tinha feito, e com usura...

— Que barulho he este lá fóra?! disse o rachador, levantando-se.

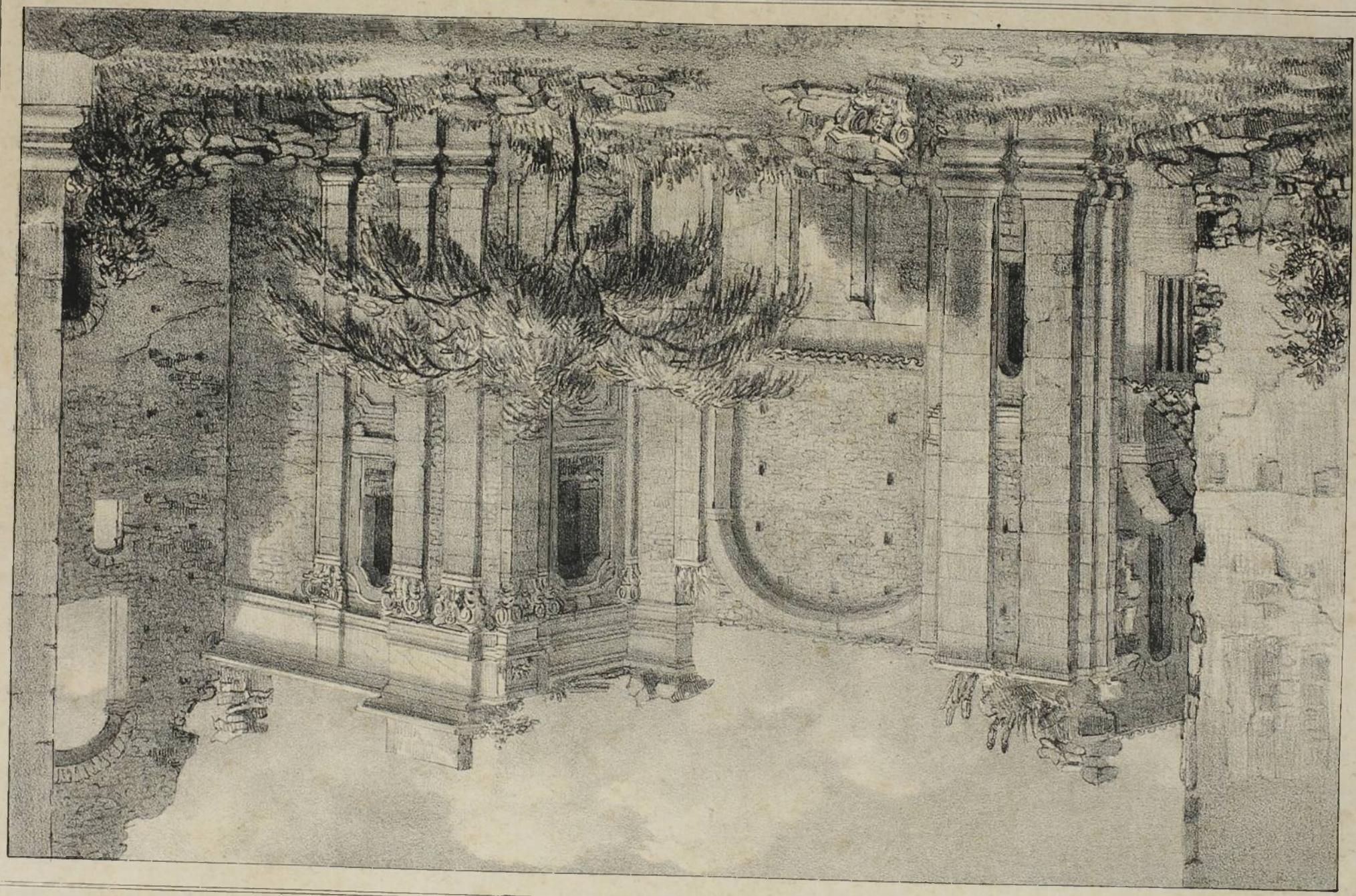
E com effeito gritos, e tiros, o retinir de espadas, e o estrepito de cavallos se ouvia na rua; e logo entraram dentro das casas, que os paulistas guardavam alguns destes, que deram a certeza de que os boábas tendo sahido do forte em sortida, com desasseis cavallos acommettiam as guardas avançadas; tinha o guia mandado abrir por dentro as paredes das casas, dando assim passagem commoda e segura de humas para outras, e chamando a si alguns dos companheiros voluntarios correo a fechar as portas que davam serventia para a rua, repartindo-se depois por os lugares de mais perigo; em quanto isto se executava, o rachador com sua impetuosa e desacordada valentia, seguido de alguns sahio a campo, tendo como covardia ferir os inimigos em seguro, desprezando por ignorancia as ordens de seu superior; iam em sua companhia, não como sobordinados Francisco Bueno acompanhado de hum filho de poucos annos, que logo ao sahir das casas foi ferido por huma bala, de que o pai o reprehendeo, tornando-lhe elle que para tão generoso successo tinha entrado na peleja, que sustentou até o fim; ia tambem Luiz Pedroso, valente e ousado, afóra outros muitos de que não pudemos colher os nomes. Começava a clariar o dia, e como as sombras escondessem o numero dos boábas, que a cavallo pareciam mais do que com effeito eram, aquelles que haviam sahido a lhes fazer rosto conservaram-se na defensiva protegidos pelos tiros dos companheiros, que das janellas molestavam assaz os inimigos; porem logo que distinctamente puderam conhecer de seu numero carregaram sobre elles, que sem dar costas foram deixando o campo, retirando-se para o largoo, onde em todo o dia pelejaram feridamente, pondo a noite fim á contenda com a morte de quasi todos os forasteiros, não sem damno dos paulistas.

Recolhidos estes ás casas, enviaram hum proprio ao general com a relação do acontecido, pedindo munições por que as que haviam trazido por poucas ficavam gastas, escolhendo d'entre si a Fernão Vitelo para ir com a mensagem, o qual indo á presença de Amador Bueno, como esperasse louvores e honras para si e os companheiros, ficou bem sentido pela frieza com que foi recebido; acabada a mensagem, conheceo o rachador pelas fallas do general, e sua resposta, que estava com animo de levantar o cerco, e retirar-se, ou porque a discordia lavrasse entre os cabos maiores, ou que se temesse dos movimentos que em Villa Rica se faziam de armamentos e levas de gente com voz de soccorrer os forasteiros do Rio das Mortes, e que vista a tenacidade dos cercados pouco fructo daria a continuação do cerco; tornando-se o mensageiro para as casas com tão desanimadora noticia, foi recebido dos companheiros diversamente, achando huns a resolução do general boa, chamando-lhe outros fraqueza, de sorte que se principiara pelos cabos a discordia, findava por os soldados, como sempre succede nestas guerras onde o mandar e obedecer não he hum direito, mas huma vontade.

Conhecendo alguns que a diversão nos animos podia trazer a ruina ao exercito trataram de aplacar estas discordias, mas como era mister dar hum motivo a suas razões, cheios de orgulho e de cegueira inflammaram de tal sorte os que já estavam, e os que por momentos vinham chegando com a noticia da antecedente sortida, que se resolveram a ficar tomando a si o resultado da continuação do cerco; e aquelle que mais influido se mostrava era Luiz Pedroso, que com este discurso acabou de resolver os indecisos.

— Está em nossas mãos a victoria, disse elle com arrogante soberba, cobardia será que deixemos o inimigo já prostrado e quasi rendido; ausentem-se os companheiros, e caberá maior gloria aos poucos que vencermos, e para que assim aconteça, não temos necessidade de seu auxilio, pois que nos tem ensinado a experiencia que sem esses que na atalaya ficam poderemos vencer o inimigo por que até agora temos pelejado sós, reduzindo-o ao miseravel estado em que se acha; e se nos sustentamos a braços com tantos por que não renderemos os poucos, que agora existem? Finalmente, se tambem vós quereis pôr nodoa em vossa fama, deixando cobardes o campo da batalha, ide-vos, que não eu; melhor me sera ficar aqui morto, do que apparecer com desar de fugitivo em S. Paulo!!

(Continua.)



OS MONUMENTOS EM RUINA.

Era huma tarde calmosa; muitas pessoas seguindo a minha mesma direcção, desciam pela rua da *Misericordia* para o lado da praia. Huma dama honesta, coberta com hum chale branco da mesma côr do vestido, caminhava diante de mim, conduzindo pela mão hum menino, cujo andar lento e distrahido, a obrigava a voltar-se frequentemente. Cada vez que voltava o rosto, achava-lhe huma nova graça no movimento e gravidade do olhar, ou no formoso das feições.

Antes de ouvil-a fallar, já eu tinha conhecido que era filha da America, pela pequenhez do pé, e particularmente pela côr dos olhos e do cabello, negros como o jacarandá lustrado. Quem não teria experimentado curiosidade de saber quem era aquella mulher? Em cada huma de suas pisadas deixava para mim o germen de hum sentimento. Caminhava eu atraz della como quem se apressa a chegar ao fundo de huma galeria, onde descobre huma musa de Canova, ou um retrato de mulher de Ticiano. Na praia, dizia eu commigo mesmo, vou collocar-me por detraz della, para que o vento lhe toque antes de chegar a mim: è impossivel que o ar que a acalenta não traga alguma inspiração, e esta noite escreverei algumas coplas «á bella desconhecida.» Vão projecto! A moça de olhos negros e chale branco, tomando o pequeno pela mão, dobrou á direita, e começou a subir lentamente a ladeira que por aquelle lado da Misericordia, conduz ao morro do Castello. A folha transparente do platano, não se dobra com mais graça, que o corpo da americana, nem tem mais solemne regularidade os movimentos de huma pendula, no silencio da noite, que seus passos affanosos, ao vencer a inclinação da ladeira. Achava-se já em meio della, quando comecei a envergonhar-me de seguir a huma senhora tão modesta, e de interessar-me por huma pessoa que não podia pertencer-me: tudo nella annunciava huma d'essas mulheres que fazem legitimamente a ventura do homem a quem captivaram com os encantos da virtude. Dentro em pouco, alguma porta se fechará para sempre entre mim e ella. Ao fazer estas reflexões, apressei o passo, e passei aceleradamente ao seu lado sem ao menos olhar para ella.

No morro do Castello há hum gigante de quatro braços, que se levanta tão cêdo como o commercio, e alongando a vista pela immensidade da bahia, annuncia a apparição das embarcações, em huma linguagem que se ouve pelos olhos. Ao pé deste gigante, estive descançando por muito tempo, recreando a vista, com o espectaculo *gratis* que offerecem as generosas elevações do Rio de Janeiro, corôas d'esmeralda da imperatriz do Tropico. A ultima phrase do gigante annunciava hum navio do meu paiz, e huma multidão de recordações vieram inquietar-me, e estender hum vêo d'esquecimento sobre as bellesas da paysagem, e as impressões da desconhecida.

O melhor modo de affugentar huma idéa desagradavel, é pôr-se a caminhar, e caminhar depressa; por que tanto se foge das idéas afflictivas, como dos máos pensamentos. Qualquer pessoa me tomaria por hum evadido da Misericordia, ao ver-me correr repentinamente, como mordido por huma cobra...

Tinha lido na noite antecedente, em hum novissimo livro, que os padres Jesuitas, tiveram n'aquelle morro, hum apparelho mechanico para evitar o trabalho da ascensão; cujo apparelho figurava na mente á semelhança dos que há em Inglaterra, nas minas de carvão de pedra, para subir e descer.

Aquelles padres fizeram grandes milagres, pois acharam até a pedra philosophal, e quadraram em utilidade sua, todos os circulos rebeldes da esphera do mundo. Em mim fizeram hum grandissimo n'aquella tarde: quem esperaria vêr-me convertido em archeologo, e investigador de antiguidades? De tudo quanto outr'ora existio, restam vestigios, dizia eu, e comecei a introduzir-me por todos os cantos, a examinar as fendas do morro; e a inclinar-me sobre a cisterna, expondo-me a ser chamado á ordem pela sentinella do hospital militar.

Ao lado da porta de huma igreja que conserva as armas da companhia de Jesus, e huma data antiquissima, ha hum paredão arruinado, que offerece huma entrada, por onde tambem me introduzi. Achei-me, não debaixo das abobadas, porem entre as paredes de hum templo de pedra bem lavrada: no meio de hum edificio destruido, não pelo tempo que passou sobre elle, mas pelo tempo que deixou de passar por elle: estava emfim dentro de huma igreja por acabar, cujos operarios deixaram de polir os marmores, á vóz imperiosa do marquez de Pombal. Contemplava os muros revestidos de granito, e as cornijas e capiteis de marmores côr de rosa e brancos, com veios azues, sobre os ques collocou a natureza os seus festões de cactus, de plan-

tas trepadeiras, e d'essas lindas *flores do ar* da côr da innocencia envergonhada.

Sobre huma lage quadrada de granito azul mal polido, destinada talvez para pedestal de alguma Santa, vi sentada huma formosa mulher, cuja porção descoberta parecia pertencer a huma estatua fundida de metal corinthio — de ouro e bronze, — no molde de algum artista grego. Os anjos protectores d'aquellas ruinas sem entulhos, tinham collocado sobre ella hum manto branco, á semelhança do que põe a manhãa com suas neblinas, sobre os cabeços dos montes. Visão do outro mundo! filha do céo! realisação de hum sonho! exclamei caminhando a largos passos para o precioso objecto, quando reconheço com surpresa a desconhecida de cabellos e olhos negros como o jacarandá. Não era a primeira tarde de verão que aquella moça se sentava n'aquelle lugar, nem eram novas para ella aquellas ruinas. Na maneira intelligente e pausada com que passava os olhos de huns a outros lugares, conhecia-se que tomava contas aos dias passados depois da sua ultima visita, das mudanças causadas nas folhas de acanto, e nos perfis dos capiteis. Parecia compraser-se ao ver já em flor o botão que dias antes apenas a annunciava, e ao vêr murchar a transitoria trepadeira, hontem tão verde e louçan.

E como não vaguear com os olhos, por onde aquelles tão negros e melancolicos vagueavam? Em distancia respeitosa, sem della ser visto, e sem ao menos respirar, para não afugentar o sonho em que parecia absorta, segui eu tambem com a vista as fiadas dos arcos da abobada por concluir, e as plantas parasitas crescidas sobre elles. E ao contemplar aquelles objectos, sentia nascer em mim, hum sentimento de respeito, huma especie de religiosa tranquillidade, — e minhas idéas hum momento antes tão treviaes e incertas se concentraram em huma unica: — o poder do tempo. — Tudo nasce, cresce, e morre, debaixo das azas do tempo; — do tempo de huma manhãa como as flores; do tempo de alguns annos como o homem; do tempo de alguns seculos, como as nações e seus monumentos. Com o porvir, as cidades americanas escarnecerão das grandezas europeas com a grandeza de seus palacios, e de seus templos. or em quanto, o tempo tem já feito na America, a obra mais impia que pôde fazer, sobre a virgindade jucunda de seu solo — semeou-o de ruinas. Porêm ellas não são como as ruinas da grandeza asiatica, nem como as ruinas do explendor grego, que são ruinas para sempre; ruinas amaldiçoadas que o tempo encarniçado cada vez anniquilla mais; ruinas, contra as quaes se revela a mesma natureza, cobrindo-as com as suas arêas, ou açoutando-as com o mar.— ão, as ruinas americanas, são huma transformação: são a larva de hum pensamento incompleto, que se levantará da sua morte de poucos annos, sobre as azas da graça e da perfeição. O tempo ajuda na America á natureza. O tempo colloca nella as suas ruinas, para que haja sitios graves e melancolicos, que descancem o espirito, no cumulo de impressões agradaveis que nos distrahem debaixo do Tropico. As ruinas nos levam com a memoria para outras, e como todas as cousas se ligam, associamos á idéa do passado, a recordação dos nossos maiores, e dos acontecimentos da patria de então. A patria e a familia vem a ser por hum momento Deoses na ruina, convertida em altar por nosso coração.

Respeitemos pois as ruinas. Respeitemos o velho, a debilidade da mulher, a cabana do pobre, e tudo quanto se apoia em bases frageis. E que cousa mais desamparada, que os entulhos de huma ruina? Tudo conspira contra ella: a ave que construe seu ninho, a planta que desune as pedras ao arraigar-se, e a mão insensata que risca e destroe.

Não conspire tambem o homem contra ellas: faça da sua conservação huma parte do culto á patria, porque segundo a expressão de hum contemporaneo, « respeitar as ruinas, é obra de piedade... »

Não sei ao certo quaes seriam os pensamentos da moça de cabellos negros, mas é impossivel que não fossem serios e respeitaveis, visto que nasciam de huma fronte de fórmas tão puras, elevada sobre objectos tão melancolicos. Creio que n'aquelle momento a sua imaginação pensava como a minha, e que não fiz senão applicar o ouvido á linguagem muda, de sua attitude e de seus olhos.—*Gz.* *(trad. por M.)*

ALGUMAS NOTICIAS SOBRE A POVOAÇÃO PRIMITIVA DA AMERICA, E OS SEUS ANTIGOS MONUMENTOS (*).

A historia do genero humano começa e repousa somente naquelles pontos sublimes, mas genericos, que a Sabedoria Eterna aprouve communicar aos homens nos livros santos. Afóra essa base não nos restam mais do que conjecturas,

(*) *Extrahido do Panorama.*

e raciocinios deduzidos de ruinas ainda subsistentes para calcularmos mais ou menos aproximadamente a origem, e successão dos povos que tem passado sobre o nosso globo, como sombras que se vão perder na voragem aberta pela lei universal da mortalidade. Mas o engenho humano, mas esta faisca da intelligencia divina, communicada á substancia espiritual da nossa especie, accommoda-se mal com a ignorancia, e quando succede encontrar huma pequena ponta a que possam prender-se suas forças especulativas marcha avante, e atravez dos obstaculos compara, analysa, e conclue muitas vezes com admiravel successo. Destarte se tem feito grandes descobrimentos na ordem physica e moral: muitos se terão sumido na voragem dos tempos, outros conhecemos, e gozamos; e quantos ficarão ainda reservados para nossos vindouros! A especie de que aqui tratamos em particular he huma daquellas que mais tem dado que fazer aos sabios e philosophos de todas as idades, mas que menos tem correspondido ao esforço dos exames, e meditações. Com effeito a origem positiva dos povos da terra, assim como a origem de suas obras e creações primitivas he cousa pela maior parte ignorada. Alguns passos com tudo se tem já dado; e o gosto do tempo para com a sciencia archeologica promette ainda novas vantagens. Já passaram felizmente os seculos em que os homens occupados quasi exclusivamente de disputar huns aos outros seus direitos, e seus gozos, viam com desdem, ou não viam, nem attentavam nos monumentos que os cercavam, antes cuidavam d'accrescentar ruinas novas. Perguntai á historia o que lhe transmittiram os conquistadores do norte de noticias das artes, da policia, e da civilisação romana! Vandalos, alanos, e suevos, depois os wisigodos, que se assentaram sobre as columnas e restos despedaçados dos circos, dos templos, das estatuas, das thermas dos dominadores do orbe, que caso fizeram elles de tantas maravilhas, e de conhecimento tão avantajados!

Graças sejam dadas aos sabios archeologos, a estes homens perseverantes que ha tres seculos a esta parte se tem occupado com indefesso estudo, com peregrinações e viagens penosas e despendiosas em desenterrar os monumentos sepultos das artes, em descobrir as ossadas das cidades que pereceram, em demarcar seus limites, assignar-lhes as vias e portos de suas communicações, assentar-lhes seus derrocados edificios, interrogál-os, apontar os seus fundadores, e fixar alguns dos pontos principaes de sua historia. Com muita propriedade chamou a este brilhante resultado, a esta resurreição historica hum sabio antiquario — cidades restauradas — *oppida restituta*. Por este modo se tem ido recompondo a historia, e ainda he esta a parte mais segura e a mais veridica de seus dogmas.

Respectivamente a esta sciencia (que levianamente se costuma chamar de mera e inutil erudição, mania d'antiquarios), já no nosso n. 31 do Panorama do anno de 1842 produzimos a brilhante theoria de Mr. de Paravay, que marchando atravez de seus vastos conhecimentos linguisticos havia fixado a origem dos habitantes primitivos do novo mundo, que pela coincidencia de caracteres das raças lhe pareceram oriundos dos ultimos confins da Asia. Esta conjectura vai cada dia tomando a fórma de demonstração segundo os monumentos que se vão encontrando nas reliquias de cidades antigas, de sepulchros, e outras que attestam huma civilisação apagada. Entre muitas obras que sobre este curiosissimo objecto vão sahindo á luz tem logar distincto a intitulada *Antiquités Mexicaines* na qual se descrevem varias povoações destruidas, cujas ruinas dispersas e espalhadas n'huma extensão de muitas leguas attestam huma civilisação avançada. A estructura dos monumentos de Palanque, e de Mitta naquelle continente appresentam semelhanças apparentes, e sensiveis com os monumentos do antigo mundo oriental: alli se encontram pyramides, momias, inscripções hyerogliphicas, rochedos esculptados como no velho Egypto, idolos, e sepulturas que parecem de gregos antigos.

Tambem o Brasil não he inteiramente destituido destas reliquias. Facil era de ver que a maior parte das raças de selvagens que tem habitado, e habitam, ainda aquelle vastissimo continente eram antes os restos degenerados, e embrutecidos d'antigos povos civilisados do que homens simples e moveis, sahidos assim de estado da natureza: mas esta observação carecia d'outras comprovas, que pouco a pouco se vão recolhendo. Em varias partes do littoral e em algumas do interior se tem descoberto certos caracteres, que parecem signaes, ou lettras d'hum alphabeto desconhecido, esculpidos na pedra dos rochedos; o que não podia ser obra dos selvagens. O que porem lança huma grande luz nesta materia he a *Relação historica d'huma oscul a e grande povoação antiquissima sem moradores*, que se descobrio no anno de 1753.

Esta relação acha-se copiada no tom. 1.º do jornal do Instituto Historico e Geographico do Brasil a pag. 181, publicado em o Rio de Janeiro em 1839. Mas como este escripto he ainda

mui pouco derramado no nosso paiz, pareceu-nos dar aqui alguma noticia delle quanto for bastante a fazer comprehender sua relevancia, e transcendencia historica. Entre os litteratos brasileiros havia desde muito a tradicção de que no tempo em que governava algumas capitanias do Brasil D. Francisco de Souza, ahi por principios do seculo 17.°, estivera preso na Bahia, onde fallecêra, hum Roberio Dias que fora a Madrid offerecer ao soberano hespanhol, então senhor de Portugal, o descobrimento de minas, *pelas quaes mais prata daria no Brazil do que Bilbáo dava em ferro na Biscaia*, com a condiçao de o fazer marquez das minas. O monarcha hespanhol assentou não confiar inteiramente no offerente, mas despachado Francisco de Sousa e chegando á Bahia lançou mão do Roberio, o qual conservou seu segredo, e morreo na prisão: — por este tempo se fizeram muitas tentativas para descobrir as taes riquezas mineralogicas que ficaram felizmente occultas até o tempo dos reis portuguezes da familia bragantina que as fizeram achar, e com ellas se enriqueceram posto que momentaneamente. Foi por aquella occasião, em que emissarios do governo, e aventureiros particulares, paulistas principalmente, percorriam o centro do Brasil em differentes direcções em procura das minas, que a povoação e dominação portugueza se estendeo, avistados por primeira vez aquelles vastos paizes, apenas habitados aqui e alli por selvagens que se iam afastando ou domesticando á vista dos fortes levantados, e da civilisa ão armada dos europeos.

Com o andar dos tempos, continuando sempre as explorações nascidas da curiosidade e da cubiça foi por acaso encontrada a *cidade abandonada*, assentada n'huma elevação cercada de altos rochedos donde descia huma queda d'agua, que ferida dos raios do sol em larga e variada cascata figurava aos primeiros descobridores estupefactos huma cordilheira de cristal. Este achado foi logo descripto e cuidadosamente desenhado em parte pelos ditos aventureiros, e a relação levada a capital do Brasil que já então era o Rio de Janeiro: mas ou porque a politica cobrio este descobrimento com hum véo mysterioso, ou porque a imaginação escaldada com o apetite das riquezas se figurou poder encontrar alli thesouros escondidos, ficou o negocio em dissimulado segredo da côrte, e apenas se difundio a noticia vaga da *cidade deserta* no interior do paiz.

Emfim o espirito das investigações historicas derramado pela associação de litteratos e estudiosos do Instituto Historico descobrio a desejada relação no manuscripto depositado na livraria publica da côrte do imperio do Brasil, publicada como dissemos nos Annaes daquella sociedade. Aqui vamos dar algumas passagens do mesmo escripto, e depois publicaremos a verificaçao do seu objecto quando as diligencias a que procedeu o mesmo Instituto foram coroadas do resultado apetecido; porquanto, pena he que assim seja, a dita cidade e o seu local ainda até hoje tem escapado á expectação e impaciencia publica.

« Depois d'huma larga e importuna peregrinação (assim começa o escripto) incitados da insaciavel cubiça do ouro, e quasi perdidos em muitos annos por este vastissimo sertão descobrimos huma cordilheira de montes tão elevados que parecia chegavam á regiam etherea, e que serviam de throno aos ventos e ás mesmas estrellas: o luzimento que de longe se admirava, principalmente quando o sol fazia impressão no crístal, formava huma vista tão maravilhosa e agradavel que ninguem podia affastar os olhos daquelles reflexos. Entrando então de chover, antes de registarmos esta maravilha cristalina, vimos correr sobre a pedra escalvada as aguas precipitadas do alto dos rochedos, parecendo-nos a neve ferida dos raios do sol. Circulando as montanhas não podemos achar vereda para penetrarmos nestes Alpes ou Pyrineus brasilicos. Abarracámos com designio de retroceder quando hum veado branco vindo encontrar hum negro nosso que andava á lenha, e fugindo, indicou-nos o caminho por entre duas serras que pareciam cortadas por arte e não pela natureza. Entrados na garganta dos montes começámos de subir achando muita pedra solta e amontoada, por onde julgámos ser calçada desfeita. Gastamos boas tres horas na subida, que todavia nos pareceo suave pelos cristaes em que iamos entretendo as vistas; no cume fizemos alto, e estendendo os olhos vimos em rasa campina maiores motivos para nossa admiração.

Divisámos ao largo, extensão de legua e meia, huma povoação consideravel que se nos figurava huma grande cidade do Brasil: descemos logo ao valle para aquella banda, mandámos adiante exploradores, e até nos pareceo que viamos fumaças, que he hum dos signaes apparentes de povoação.

Vieram os emissarios depois de dois dias dizendo que lá não encontraram hum só homem vivente: armados resolvemos penetrar até lá a todo o custo, e não achamos senão hum só caminho que dá entrada á grande povoação por baixo de tres arcos de consideravel altura: sobre hum delles, o maior, divisámos letras esculpidas que não podemos copiar pela grande altura.

Seguia-se huma rua larga com casas de sobrados

de huma e outra parte com frontaria de pedra lavrada, já denegrida. Sobre algumas das lapidas se viam inscripções abertas: as portas são baixas; pela regularidade e s metria com que tudo he feito parece huma só propriedade, sendo que em verdade são muitas, e com seus terrados formados de ladrilhos requeimados, e de lages outros, sendo estas os tectos das casas.

Corremos com pavor algumas dellas, e em nenhuma achámos vestigios de moveis e alfayas: o interior das casas he escuro, ou apenas com escassa luz; e como são d'abobada todas as camaras ahi ressoam os echos das vozes, e isso mesmo atemorisa. Passada a rua, que he de bom comprimento, demos com huma praça regular, e no meio della huma columna de pedra negra de grandeza extraordinaria, e sobre ella huma estatua d'homem ordinario com huma mão apoiada na ilharga esquerda, e o braço direito estendido, como apontando com o index ao pólo do norte. Em cada canto da praça está huma agulha, á imitação das que usavam os romanos; algumas já maltratadas e partidas, talvez pelos raios. Pelo lado direito corre hum soberbo edificio, como casa principal ou paço do senhor da terra; na entrada grande salão, depois o resto das casas, que não percorremos todas com medo e pavor de nos entranharmos. Os morcegos eram tantos que faziam grande bulha, e vinham bater-nos na cara. Sobre o portico principal está huma figura de meio relevo talhada na pedra, despida da cinta para cima, coroada de louro. Debaixo tem esculpidos alguns caracteres, em parte já gastos do tempo, divisam-se porem outros inteiros que copiamos. Da parte esquerda está outro edificio totalmente arruinado; pelos vestigios mostra haver sido templo: em suas arruinadas paredes se veem obras de primor com algumas figuras estalhadas na pedra, cruzes de varios feitios, corvos, e outras miudezas.

Segue-se huma grande parte da povoação toda arruinada, e parte sepultada em grandes e medonhas aberturas, sem que em toda a sua circumferencia se veja herva, arvore ou planta produzida pela natureza, mas sim montões de pedras, humas toscas, outras lavradas, pelo que entendemos que isto seria o resultado de alguma subversão, e que os restos dos habitantes desta infeliz cidade a deixaram desamparada talvez espavoridos pelos terremotos. Defronte da dita praça corre hum caudaloso rio, de lindas margens, mui agradavel a vista. Da outra parte tudo são campos viçosos e juncados de variedade de flores: veem-se tambem algumas lagoas onde se produz o arroz, e povoadas de patos. escemos rio abaixo, e passados tres dias achámos catadupa temerosa que fazia largo estrondo. » Até aqui a substancia da relação: o Instituto tem ordenado explorações para descobrir a cidade, e já no anno de 1841 hum de seus socios, o conego Benigno José de Carvalho, caminhou muito espaço pelos sertões que prendem no paiz de Minas em busca della. Segundo o relatorio apresentado ao Instituto no sobredito anno, parece o mesmo socio persuadido d'haver fixado a vereda que conduz á localidade procurada; mas circumstancias supervenientes o obrigaram a differir para outro tempo o proseguimento de sua missão.

J. da C. N. C.

EXEMPLO.

Como se emendaria a destemperança em Roma, se não com a moderação de Vespaciano, quem deo estimação ás lettras se não Alexandre Severo, quem pouco as venerou, se não Helio Cabado, Caligula, e outros. Tanto tem os principes em sua mão o bem, como o mal, que em huma acção accreditam o que querem, e ás vezes mui pequena, por que a lisonja sempre se disvella em os imitar. Huma dôr de cabeça, que teve o Imperador Carlos V., passando a Flandres, que lhe deo em Barcelona, o obrigou a cortar o cabello, e bastou a reformar este abuso em Hespanha, e se a dôr de cabeça fôra imitavel não houvêra homem sem ella.

Bem se experimentou em as cidades d'Alexandre Magno, e Affonso d'Aragão, que sendo hum por achaque, outro por costume com defeito nos olhos, não havia em côrte quem não fingisse este defeito.

Duas são as causas, por que os subditos se disvellam tanto em obrar o exemplo do principe; a 1.ª o disse Plinio em o seu panegirico, e he por que a semelhança de costumes querem ter lugar em a sua vontade, e adquirirem alguma coisa a seus favores; a 2.ª se origina da vaidade, em que dezejamos igualarmo-nos com aquelle, de quem estamos tão distante em authoridade, e poder, e pôrmo-nos hombro a hombro em acções, já que em a obediencia, e vassalagem estamos tão inferiores; por escusar esta igualdade (disse Cassiodoro) deve não peccar El-Rei, por que os vicios tudo o que mancham igualam, e não he razão que se vistam de huma mesma côr o accusado, e o juiz.

(Mans. da Bibl. Publ.)

A GUERRA DOS EMBOABAS.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO VI.

Ultimo assalto.— Milagroso fim do cerco.

> A qual cousa assi rompia os ares em confusão de vozes, que nem se ouviam trombetas, nem grita, nem artelharia, e tudo era ouvido sem distinção do que ora, sendo nos ouvidos, e vista de todos hum dia do juizo de terror, e espanto.
>
> *(João de Barros, Dec. II. L. VI.)*

> Miraculum vocamos effectum qui nullas sui viris sufficientes in natura agnoscit.

Cessada a pratica, começou o effeito; porque de tal fórma inflammou os espiritos, que sem ordem no obrar, nem expresso mandado arremeteram com o fortim em vozes e alaridos, que os de dentro apezar de lhes conterem a furia na ponta das espadas e lanças, determinaram de render-se, abalados d'aquelle subito acommettimento, obrando em seus animos mais a occasião, que o esforço: apenas foi sabida dos assaltantes a resolução dos boábas, retiraram-se hum pouco dos muros, ficando em treguas, para se ajustarem as capitulações da entrega. Como o general Amador Bueno não mandava o assalto eram tantos com o bastão quantos seguravam a escopeta, porem no ajustar e receber as propostas dos sitiados, que com medrosa pressa offereciam armas e bagagens, pedindo a vida, que não sabiam deffender, aquelles que mais adversos se tinham mostrado por vezes contra os forasteiros, a esses coube aceitar, ou recusar os offerecimentos; assim o rachador podia muito bem ajustar os capitulos, sem medo que sua laxidão compromettesse a cega honra dos paulistas.

Sahiram do forte alguns dos forasteiros, que com humildes ademães vieram ante os soberbos assaltantes; em seu rosto descobria-se a desconfiança, porque ninguem sabia da divisão que lavrava entre os filhos de S. Paulo; e a soberba destes, occultando a discordia que ia deminuil-os, collocava-os, em vantajosa posição. Fernão Vitelo e Luiz Pedroso arvorados por si e pelos companheiros em commissarios, por tal forma se houveram na capitulação offerecida, que os forasteiros sem nada concluir tornaram ao fortim indignados, porque julgando-se os paulistas já victoriosos haviam-lhe intimado que se rendessem á descrição; a fome que apertava os cercados mostrou-lhes o sem numero de inuteis, que diminuindo as rações ao soldado, muitas vezes lhe impedia tambem o pelejar; e como nada podessem para salvar as vidas proprias, lembraram-se das alheias, pedindo salvo conducto para que as mulheres e os meninos pudessem despejar a fortaleza sem risco: mas a generosidade paulista, muitas vezes apregoada, e provada, soffreo nesta occasião; porque esquecendo-se os cercadores do assento que seu general fizera em Pousos Altos, e fechando olhos, com ferocidade sem igual responderam que tudo quanto sahisse ás portas da fortaleza havia de atravessar por entre as lanças e espadas; acompanhando estas deshumanas palavras com pelouros e gritos, sem attender ás reflexões de alguns prudentes.

Havia na fortaleza huma moça, que apezar de ser boába tinha por tal forma captivado hum paulista, que desde o começo do cerco sem medo dos perigos a que se espunha não faltou huma só noite em fallar-lhe de junto da muralha, porque nestes negocios de amor só ha hum rei, e hum reino, e será difficultoso encontrar-se cobardia em namorado; neste dia que para os cercados foi duas vezes de angustia, já pelo caloroso assalto, já pela perdida esperança de salvarem as vidas siquer das mulheres e filhas, a moça tragou sua parte de afflição, porque se seu amado estava fóra dos perigos que corriam os forasteiros no forte, ficava todavia ao alcance de seus pelouros, e demais seu pai, e irmãos e parentes lembravam-lhe, ainda que menos vezes. Começava a declinar o sol, e a noite que para muitos era bem triste e perigosa tinha para a moça mais atractivos que o dia, porque era favorecido pelas sombras que Francisco Penteado podia chegar-se das muralhas; vinha ella como de costume atravessando o terreiro da fortaleza, quando lhe sahio ao encontro Anna Bragança travando-lhe o braço com aspereza:

— Ides, como sempre, lhe disse esta, tratar amores na cortina do norte, e vosso pai em trances de passamento?!... desde quando fallaste com teus irmãos, louca moça? hum e outro precisam de teus cuidados, e tu vens esperar quem não chega porque Francisco Penteado foi ferido esta tarde, e só tem vida para alguns dias... Vai, e de huma carta que atravessada n'hum viróte elle atirou agora mesmo para dentro do forte, que no caminho has de encontrar, dirás tu ao capitão o que toca a todos, e guarda-te de acreditar na peçonha adocicada que ella para ti traz, porque além de não ser Francisco Penteado quem a escreveo, o Senhor guarda os muros desta fortaleza, e tu nada mais farias do que perder tua alma, vai!...

A moça, que primeiro ouvira com espanto as

palavras de Anna, depois com angustia, abaixou os olhos cheios de lagrimas e foi andando sem reparar no caminho, e nos soldados que tendo ouvido parte das reprehensões, acenavam com a cabeça em signal de aprovação; foi preciso que o acaso lhe embaraçasse nos pés o virote, que trazia a carta para que ella se lembrasse do mandado; e tomando-a sem abril-a, foi; depositil-a nas mãos de Ambrosio Caldeira, correndo para junto de seu pai e de hum irmão, que haviam sido feridos, e que poucas horas depois deram su'alma a Deos, deixando-a sem amparo, porque os irmãos que lhe ficavam tambem careciam delle. Ambrosio Caldeira, tendo lido a carta, que a moça lhe entregara fechada, deo ordem para que lhe trouxessem a portadora; e como a tivesse em sua presença:

— Como houveste as mãos esta carta? lhe perguntou elle.

E a moça ralatou quanto passara com Anna Bragança, e como todas as noites, desde que o cerco durava, ia fallar de sobre a cortina do muro com e paulista Francisco Penteado, que ella conhecia de muitos annos; e findou em lagrimas e soluços com a narração da morte de seu pai e irmão, lembrando-lhe seu desamparo e o das criancinhas, a quem ella serviria de mai necessitada.

— Mas dizei-me, lhe tornou Ambrosio Caldeira, nunca vos quiz persuadir Franciso Penteado que lhe abrisses a porta falsa do forte, ou que do muro lhe deitasses huma escada?

— Nunca, senhor! pois julgaes que seria possivel esquecer-me eu, e elle de que meu pai, irmãos e parentes estavam dentro desta fortaleza?!

Eu vol-o pergunto, por que assim o pede elle agora.

— Mandai chamar Anna Bragança que vos dirá ella sem descrepancia o que vos tenho dito: nem eu sabia desta carta, que ella me mandou vos trouxesse, nem pessoa alguma de minha ida á cortina do muro, ella que tudo sabe, que tudo vos diga, e acreditai a.

— Bem; vossa afouteza no fallar, convence-me; ide, que não me esqueçerei de vós, nem de vossos pequenos irmãos.

E logo Ambrosio Caldeira chamou a conselho os deffensores da fortaleza, que rendidos de fome e trabalho, só pareciam a sombra dos que alli tinham entrado; e sem largos discursos patenteou a todos não só a carta da moça Catharina Madureira, mas outras que no terreiro da fortaleza se haviam encontrado, das quaes se colhia que muitos do arraial assaltante não queriam consentir em ajustes, ou tregoas, bem que houvessem alguns mais humanos e prudentes, que se contentassem com a submissão dos cercados: e como o perigo era de todos, a todos deixava que ajuizando o ajudassem. Não houve hum só, que ouvidas as palavras do general deixasse de offerecer-se para sahir a campo; e como a dilação era perigo por causa da falta de mantimentos, que de muitos dias se sentia, resolveram-se a morrer no campo aberto, antes que dentro dos muros, onde não podiam mais deffender-se, correndo todos a buscar suas armas. Amanheceo arvorado no mais alto das muralhas hum estandarte branco, sem que pessoa alguma da fortaleza soubesse por quem fôra ali posto; era sua alvura estrema escurecida por humas quasi imperceptiveis gotas de sangue ao parecer fresco, e que chegavam ao numero de oitenta, e tinha a hastea tão fortemente presa no muro, que os repetidos esforços de muitos que tentaram arrancal-o, nem siquer o abalaram: o vento que o desenrollava, mostrou-o ao campo inimigo, que com salvas de mosquetaria festejou a victoria, crendo que aquella côr era o signal da entrega; porem os boábas com seus clarins e mosquetes bem depressa os tiraram do erro sahindo pela porta da fortaleza armados e enfurecidos, depois de terem feito hum ensaio dentro dos muros, e levados d'aquelle primeiro fogo arremettaram ás casas, que serviam aos paulistas de seguro parapeito, donde com pontaria certa e sem risco fizeram tal matança nos forasteiros, que tocaram a recolher por que nenhum fruto tiravam de sua valentia, mais do que perderem as vidas sem amor por ellas: recolhidos continuaram a peleja com armas de fogo, até que a noite veio pôr termo ás fadigas do dia, fadigas do corpo, que as do espirito dia e noite lhes pesavam. Tinha o capitão da fortaleza procurado saber quem arvorara o estandarte, e ninguem podia descobril-o, nem suspeitas havia de pessoa alguma; estando presente Anna Bragança ao interrogatorio que se fazia á sentinela, que nesse lanço de muralha vigiara da noite para o dia, depois que o soldado respondeo ás perguntas do general, a mulher tomou a palavra e fallando para o auditorio disse:

— Aquella bandeira branca, que visteis a tremular sobre os muros da fortaleza he o signal de paz que Deos tem feito com nosco; aquellas manchas vermelhas que a salpicam, e são oitenta, marcam o numero de victimas de nossos

muitos peccados..... e quem sabe se o Senhor está satisfeito?! Não quereis reconhecer em toda esta guerra o castigo que Deos nos manda por tantos crimes, como os que diariamente se commettem nestas Minas? Que discurso foi o vosso em deixardes tão de junto da fortaleza aquellas casas, onde acoitados os paulistas impedem que vos assomeis ao muro, sem que vos pesquem suas balas? foi discurso de homens praticos na guerra, ou juizos de Deos? Quando se vio tanta deshumanidade entre christãos, negando-se a vida a mulheres e meninos retidos dentro de hum forte?!... grandes são nossos peccados... olhai, não serão vossas lanças e espadas quem vos livrará da ira do Senhor! os dias do peccador estão contados, e morrerá; por isso, de fraco amparo vos serão os muros desta fortaleza; sahi ao campo amanhãa, e em vez dos militares ensaios que usais cá dentro, ponde vossas almas diante do Senhor e dos seus Santos, porque tenho para mim que o termo de nossos males está bem perto!... Sahi todos, que bem guardada fica a fortaleza nas mãos *d'aquelle*, que até agora nos tem livrado da ultima desgraça.

Estas palavras entre mysteriosas e consoladoras deram novo alento aos cercados; e como a desesperação não deixasse tomar outro conselho que senão aquelle, indefferentes, credulos e piedosos todos se fixaram no resolução de amanhecer sobre o inimigo, para o que deixando os leitos onde se não encontrava repouso gastaram o restante da noite em exercicios de piedade, confessando-se e commungando todos, ouvindo missa com a primeira luz d'alva, armados e promptos para a peleija, que todos desejavam: logo que findaram os officios divinos. Anna Bragança tomando de sobre o altar portatil a imagem de S. Antonio que ao lado de hum crucifixo estava, seguida de huma multidão de homens, e de mulheres, foi collocal-a sobre a muralha n'aquella parte que olhava o acampamento inimigo; depois abriram-se de par em par as portas da fortaleza, e os combatentes sem medroso recato, ou louco arrebatamento foram sahindo para o lado da villa. E chegando ás casas, que tinham servido de trincheira aos inimigos, como do interior não sahisse algum som, temendo Ambrosio Caldeira as siladas que poderiam armar-lhe, elle mesmo com alguns que se lhe offereceram as entrou, e achou vasias dos paulistas; e passando de humas ás outras pelas aberturas que nas paredes estavam praticadas não encontrou viva alma que lh'o impedisse, tornando-se aos companheiros com o prazer sobre o semblante por tão estranho como inesperado acontecimento; foram todos atravessando as ruas da villa com as mãos nas armas e o pensamento no inimigo, porque a fortuna de se verem livres dos perigos do cerco era tão grande que mal cabia em corações afflictos e cheios de tristeza, passando depois ao morro, onde como atalaia ficára Amador Bueno da Veiga no começo do cerco: ahi foi que a alegria os tomou todos porque tudo confirmava a repentina partida dos paulistas, e logo recordando-se toda aquella multidão das mysteriosas palavras de Anna, correram ao forte a render graças ao Altissimo, que por intervenção do milagroso Santo os livrára das mãos terriveis dos paulistas. Entrados que foram dentro da fortaleza, estando todos juntos em meio do terreiro, dois sacerdotes revestidos com suas vestes sacramentaes se encaminharam ao lugar onde haviam deixado o Santo, que já ahi não estava; e sendo procurada Anna Bragança para que dissesse o que sabia, foi encontrada esta prostrada ante huma imagem de Nossa Senhora, que em milagroso suor mostrava claramente quanta parte havia tomado na arrebatada partida dos inimigos; e logo pela santa mulher foi dito que procurassem o Santo na cortina do muro que olhava para a atalaia, e ahi foi encontrado com huma bala engastada no cordão, pelo que se lançaram por terra todos e com hymnos e acções de graça reconheceram ao Senhor por seu misericordioso libertador, e levando a imagem de quem por elles havia intercedido em magnifica procissão, e religioso acatamento foram depositai-a em seu antigo lugar ficando, em todos tão viva a fé, que muitos annos depois sem que gravassem no bronze, ou marmore este santo acontecimento, os pais o repetiam aos filhos, que sem incredula averiguação tambem o foram eternizando; agora que as *luzes* do seculo fizeram de nossa alma, ou querem fazer, hum pouco de terra, parece-me, e he certo que vai ella tomando sua consistencia e propriedades de insensibilidade, e aspereza; e quando os seculos tiverem galgado por cima da campa desta geração, e talvez da seguinte, se apparecer hum desses entes que não tem sua vida ligada ás insignificancias da terra, querendo romancear nossa idade, a poesia ha de encontral-a... aonde, e em que? nas modas que não duram, nas frivolidades, que desapparecem, na incredulidade, que tudo secca, na impiedade e desacato que tudo mancha, na vertiginosa politica, que tudo consome, consumindo-se a si propria.

(Continua.)



Lith. de Heaton e Rensburg, R.ª Jan.º

D. JOSÉ JOAQUIM JUSTINIANO
MASCARENHAS CASTELOBRANCO.

BIOGRAPHIA

DE

D. JOSE' JOAQUIM JUSTINIANO MASCARENHAS CASTELLO-BRANCO (*)

Nasceo na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro a 23 de agosto de 1731, recebeo o sacramento de baptismo na freguezia da Candelaria a 6 de setembro seguinte. Seus pais, João de Mascarenhas Castello-Branco, que por serviços militares chegou aos postos de tenente-coronel e de governador da fortaleza de S. José da Ilha das Cobras, e D. Anna Theodora, pessoas mui graves e de probidade conhecida, applicando-o aos estudos menores nas aulas da companhia de Jesus, o mandaram seguir os maiores na universidade de Coimbra em 1750, para cujas expensas concorreo o padre Ignacio Manoel da Costa Mascarenhas, seu tio, e vigario da sobredita igreja parochial.

Depois de tomar o grão de licenciado na faculdade de canones, recebeo em Lisboa a ordem presbiteral no anno de 1754, e disse a primeira missa na igreja do convento de Odivelas, onde eram professas certas religiosas do seu parentesco, por quem obteve a apresentação de hum beneficio d'aquella ordem; mas cedendo do direito adquirido em obsequio de certo prelado da Santa Igreja Patriachal, protector d'outro pretendente, se originou desse lance no anno de 1762 ser provido no lugar de deputado da inquisição de Evora, e pouco depois no de promotor do mesmo tribunal. Vaga a dignidade decanal da Sé do Rio de Janeiro, por fallecimento do Dr. Manoel Freire Batalha, conseguio succeder-lhe por apresentação de 11 de janeiro de 1765, e posse a 13 de julho seguinte. Nomeado para occupar a 2.ª cadeira da referida inquisição no 1.º de fevereiro d'aquelle anno, servio-a até o mez de outubro de 1769, em que passou para outro lugar semelhante da inquisição de Lisboa.

Habilitado com serviços dignos de attenção, e lembrado opportunamente por alguns amigos, que bem conheciam a probidade de seus costumes, teve a seu favor a nomeação de coadjutor e futuro successor do bispado a 15 de janeiro de 1773. Concluido o processo de estilo perante o nuncio Contti á 16 de julho seguinte foi confirmado por bulla de Clemente XIV datada em 13 de das Kalendas de janeiro (20 de dezembro do mesmo anno,) com o titulo da igreja Tipassitanense ou de Tipassa, que se achava ser a proprietario, por ter fallecido Jeronimo de S. José, ultimo titular.

Por quanto pedia a decencia da dignidade episcopal, que além dos reditos estabelecidos pela corôa e bispado coadjuvado, se applicassem outros á sua sustentação; em *motu proprio* do SS. padre, com a data do dia da confirmação, se lhe unio o desfructo do deado, todos os seus proventos, distribuições quotidianas, e as mais incertas pelo tempo da coadjutoria, não se podendo contar vago o beneficio até a successão do bispado.

Decebendo a sagração na capella do cardeal regedor D. João da Cunha, e por mãos d'este á cujo acto assistiram o arcebispo primaz de Gôa D. Fr. Francisco da Assumpção Brito, e o bispo de Leagonia D Antonio Joaquim Torrão, coadjutor do arcebispo de Evora, sahio de Lisboa no dia 21 de fevereiro de 1774 embarcado na fragata N. S. da Guia: e chegando á barra do Rio em 15 de abril, no immediato, 16, entrou-a como proprietario da mitra fluminense por ter fallecido D. Fr. Antonio do Desterro a 15 de dezembro do anno antecedente. Conduzido pelo marquez vice-rei ao seminario de S. José, onde se lhe preparára a hospedagem (por impedida a casa propria da residencia com os reparos precisos), recebeu alli os primeiros cortejos da nobreza e povo da cidade, que não se fartava em demonstrar o seu contentamento.

Feita a protestação da fé em mãos do chantre Dr. Manoel de Andrade Warnek, presente o corpo capitular, no dia 29 do sobredito mez de abril, tomou posse do bispado n'esse dia mesmo por seu procurador e tio o conego doutoral Paulo Mascarenhas Coutinho, testemunhando o acto Pedro Dias Paes Leme, mestre de campo do terço de S. José, e guarda-mór das Minas Geraes, e Luiz Manoel da Silva Paes, tenente-coronel e governador da fortaleza da Ilha das Cobras, em cujo posto succedera immediato a João de Mascarenhas. Determinado o dia 29 de maio para se solemnisar a entrada publica, sahio vestido de pontifical, e debaixo de pallio (que os senadores acompanhados de alguns cidadãos sustentaram desde o seminario), servindo-lhe de caudatario Ignacio de Andrade Souto-Maior Rondon, ao chapéo João Moniz, e á capa viatoria Ayres Pinto Camello; e precedido das confrarias, irmandades, ordens terceiras e clerezia, tanto secular como regular, a quem seguiram os cidadãos, nobrezas e povo do bispado, e por entre a soldadesca disposta á hum e outro lado das ruas, que cinco arcos de architectura admiravel

(*) *Das Mem. de Pizarro T. 5.*

ornavam ricamente, chegou á igreja cathedral, onde se completaram as acções proprias do acto com satisfação geral. No dia seguinte, dedicado pela santa igreja a solemnisar a Trindade Santissima, celebrou em pontifical, assistindo a missa o arcebispo primaz do Oriente D. Fr. Francisco da Assumpção Brito, o marquez vice-rei, o capitão general dos estados da India P. José Pedro da Camara, a maior parte da guarnição militar da náu e fragata, o senado, nobreza, e povo da cidade.

Depois de observar a diocese, chamou pela pastoral de 11 de março de 1775 hum e outro clero á exame de Theologia moral, para conhecer a sufficiencia d'aquelles sacerdotes a quem havia de confiar a direcção das suas ovelhas, e a regencia das igrejas. Surdas e rebeldes as corporações religiosas á voz do pastor, pretenderam subtrahir-se ao exame, pretextando a sua renitencia com os amplissimos privilegios concedidos pelos SS. PP, ás suas ordens; e a capucha, que excedeu a todas, não se absteve de celebrar, confessar, e pregar em suas igrejas, sem approvação e licença do ordinario, parecendo-lhe sufficiente a dos prelados claustraes. Eram passados mais de oito mezes de espera á demonstração de obediencia: e como continuava a contumacia de taes regulares, foi necessario que a pastoral de 3 de dezembro lhes inhibisse o uso da predica em todo o bispado, ainda dentro de suas proprias igrejas, sob pena de excommunhão maior, e das mais que parecessem convenientes impor em consequencia d'este facto. Então se humilhou o collo fradesco; mas, sciente a rainha de tão desaccordado procedimento, e querendo obviar para o futuro outras imprudencias da mesma natureza, alem de confirmar a pastoral sobredita, foi servida declarar em alvará de 29 de abril de 1799 — que aos regulares não era licito nem permittido o uso do confessionario, nem do pulpito, sem faculdade expressa dos bispos: e para que assim se cumprisse e guardasse a sua determinação, mandou ao mesmo bispo e a seus successores observal-a, tanto em virtude da jurisdicção regia, que lhe competia, como da delegada aos administradores da ordem de christo, que lhe subdelegou.

Deliberando visitar pessoalmente as igrejas parochiaes do reconcavo do bispado, e commettendo ao seu cabido os poderes, vezes e autoridade, tanto ordinaria como delegada, para o regimen da diocese; passou a esparzir as instrucções saudaveis do officio pastoral: e porque concorreram alguns inconvenientes, que lhe difficultavam o progresso da visita, alem de seis parochias, deu-se de volta para a cidade, d'onde não sahio mais á diligencia semelhante, que confiou em diante de ministros habilissimos. Aos parochos, por elle visitados, não foi incommodo, nem permittio que se gravassem com despezas na sua residencia, fazendo-as á custa da mitra.

Entre os objectos dignos do seu desvelo, occupou o primeiro lugar a importantissima instrucção da moralidade, para que instituio conferencias na casa da sua residencia, á beneficio dos antigos e novos ecclesiasticos: sendo porem esse lugar assás molesto aos concorrentes, transferio-as para a igreja de S. Pedro, e d'ahi para o seminario de S. José, onde fixou o assento desde 6 de janeiro de 1780, sob a direcção do padre mestre Fr. João Capistrano de S. Pento, religioso da provincia da Conceição d'esta cidade. Para melhor effeito de tão zelosas intenções, declarou aos ecclesiasticos do bispado, por pastoral de 24 de março de 1781, que nenhum seria admittido a exame para confessor, se as suas supplicas não acompanhassem as certidões de frequencia ás aulas de moral, passadas pelo reitor do seminario, e professor competente. De tão acertada providencia conseguio a satisfação de ter na diocese sujeitos mui habeis para o emprego de curar almas, e dignos igualmente de exercitar o confessionario e o pulpito. Persuadido, porem, que aos alumnos da disciplina moral eram indispensaveis os conhecimentos preliminares da rethorica, philosophia, geographia, cosmologia, e historia natural, sem os quaes não podiam obter progressos proveitosos: estabeleceo no mesmo seminario em 1788 e 1791 aulas publicas d'essas sciencias, escolhendo discretamente o padre mestre Fr. Antonio de Santa Ursula Rodovalho, religioso tambem capucho da provincia da Conceição, para ensinal-as como praticou com assás utilidade.

Nos tres seminarios (que haviam) da diocese fez aprender o canto-chão, em conformidade dos seus estatutos, e do Concilio de Trento, sessão 23 de reform., cap. 18, para que os mancebos destinados ao serviço ecclesiastico se habilitassem competentemente á entrar nos coros, e n'outros ajuntamentos semelhantes: e por accordada disposição sobre cuja observancia foi muito vigilante, nenhum seminarista deixou de saber a arte de musica, e muitos sahiram habilissimos cantochonistas. Com igual zelo obrigou aos pretendentes de ordens a estudar ceremonias ecclesiasticas e muitas vezes chamou á sua presença os sacerdotes antigos para lhes advertir defeitos, que a

falta do estudo ou a indolencia occasionavam, constrangendo-os a pratical-as com decencia, gravidade, e muita perfeição. Por esses cuidados pôde, com razão sufficiente, jactar-se de ter na diocese ministros perfeitissimos em ceremonias, e de ser a sua cathedral n'esse tempo a mestra das igrejas ultramarinas, por executora fiel das ceremonias, das rubricas dos decretos da sagrada congregação dos ritos, e das leis estatuarias.

Como as recolhidas na casa claustral de Santa Thereza estavam habilitadas para a profissão religiosa por Breve Pontificio, á que a rainha havia prestado o seu real placito, no dia 16 de junho de 1780 acompanhou-as solemnemente desde o convento de N. S. d'Ajuda, onde se hospedaram para esse acto, até a nova casa conventual, em que as deixou noviciando: e passados os seis mezes effeituou a profissão das primeiras freiras a 23 de janeiro do anno seguinte.

Nomeado visitador geral e reformador apostolico dos religiosos carmelitas da provincia fluminense, por breve do R. Nuncio Apostolico Vicente Panuzzi, datado em Lisboa a 27 de julho de 1784, que Sua Magestade foi servida approvar pelo seu Real Beneplacito, em consequencia d'elle, e da ordem regia de 3 de agosto do mesmo anno que o acompanhou, se fez cargo da commissão com a posse a 16 de fevereiro de 1785. Quaes e quantos foram os fructos provenientes d'essa reforma, trabalhada a preceito, e dilatada até 3 de maio de 1800, em que (depois de repetidas representações ao throno e supplicas da religião, houve Sua Magestade por bem de mandar em Aviso de 28 de março de 1797 extranhar a falta de execução do breve na parte respectiva á convocação do capitulo e eleição dos prelados, e não bastando ainda outro Aviso de... de agosto de 1799 sobre o mesmo objecto) se finalisou, revivendo o provincialado do mui digno padre mestre Fr. Antonio Gonçalves. Digam e confessem com verdade os mesmos religiosos que por todo esse tempo receberam de tão saudaveis providencias beneficios communs, e a mesma casa, apesar da morte de muitos individuos, emigração de varios para o estado secular, e de se reduzir o corpo religioso á impossibidade de cumprir os encargos das missas diarias, nem ter frades com que satisfizessem as obrigações domesticas. E com tudo se pagaram muitas dividas a que estava obrigada a religião pelos seus bens e reditos, e tambem pelos bens particulares dos religiosos, cujos individuos soffreram constantemente a indecorosa violencia de verem desornadas de todas as insignias de valor as santas imagens que tinham em suas cellas para se levarem ao commum da casa, e avultar o deposito do seu cofre sob o titulo e pretexto especioso de se reduzir tudo á instituição primeva do mesmo convente.

Não constou ao publico, se além das esmolas ordinarias, para que os RR. bispos recebem da fazenda real a quantia de 80$000 réis em cada anno, distribuia em sua vida algumas outras aos indigentes e miseraveis do bispado: mas não se nega a sua caridade, sabendo-se pelas contas dos parochos, que foram achadas entre os seus papeis, quanto occultamente em cada mez havia applicado a esses soccorros á proporção dos poucos reditos que teve, e das pequenas congruas para o seu tratamento. Com a igreja cathedral e sua fabrica, ou nada ou muito pouco despendeo; pois não se descobre que por algum beneficio lhe aliviasse o peso da sua indigencia, á excepção das applicações modicas por dispensas matrimoniaes e fructos das visitas, determinadas já pelo direito e constituição do bispado. Reformou a casa da sua residencia episcopal, fazendo-a de novo desde meia frente para a parte do campo de Santa Anna, e o lanço de parede, que por alli fechou o quadro. Com os seus parentes proprios foi liberalissimo, cedendo-lhes os bens do seu casal, e comprando outros para lhes augmentar os patrimonios.

Tendo-o disposto a natureza por alguns annos antes para molestias de apoplexia ou de paralysia, com ataques frequentes de cabeça, no principio do mez de setembro de 1802 acommetteo-o hum estupor, de que ficou gravemente enfermo; e antevendo o seu total impedimento na continuação do governo do bispado, cedeo d'esse cuidado, devolvendo a jurisdicção plena da diocese ao provisor e vigario geral Francisco Gomes Villas-Boas (em quem se conservou,) até que munido com os santos sacramentos, passou á melhor vida no dia 28 de janeiro de 1805 pelas duas horas da noite, contando 73 annos, 5 mezes e 4 dias de idade, e 30 annos e 9 mezes de bispado.

Completos os officios devidos de funeral pelas corporações ecclesiasticas, em conformidade do rito, concluio o cabido as exequias no dia 30, entregando o cadaver ao jazigo preparado pelo mesmo prelado na capella da casa de sua residencia, ao lado da epistola, e fronteiro ao do seu predecessor D. Francisco de S. Jeronimo, sobre cuja campa se lê o epitaphio seguinte:

— SANCTA MARIA, ORA PRO NOBIS. —

Em testamento determinou que não alterassem seus testamenteiros a disposição sobre a simplicidade do funeral, *tanto por aborrecer naturalmente o excesso e vaidade de semelhantes pompas, como por não ter tido outros lucros no bispado senão o seu rendimento, e as pequenas congruas de Sua Magestade para o seu decente tratamento, e das suas obrigações.* Mandou dizer varias missas por tenções differentes, e repartir pelos pobres a quantia de 128$000 rs. Legou indistinctamente á mitra todo o melhoramento que fizera na casa de residencia da cidade e na quinta do Rio Comprido, declarando pertencer-lhe todos e quaesquer moveis de ambas as casas com os seus adjunctos do uso, a excepção de alguns, ou d'aquellas peças que aos testamenteiros parecessem necessarias para cumprimento de seus legados e satisfação de outros, deixados por seu immediato antecessor quando nomeou a mitra por administradora e usufructuaria da sobre dita quinta, cujas disposições se acham por executar. Do remanecente de seus bens (se houvessem) instituio herdeira a sua igreja, determinando que se entregasse ao successor do bispado quanto podesse sobejar para despendel-o em beneficio e utilidade da mesma igreja, como lhe parecesse conveniente,

Succedendo o Cabido Sé Vacante na administração da diocese, procedeo a nomear vigario capitular, em conformidade do Concilio de Trento Ses. 24, cap. 16 de reform., elegendo para esse cargo o Deão Francisco Gomes Villas-Boas, que com firmeza e assás segurança occupava a vara de vigario geral desde 30 de dezembro de 1765, e a de provisor desde o anno de 1780; mas, por fallecimento d'este a 18 de junho de 1806, reassumio o cabido a administração, conservando-a até a posse do prelado immediato successor.

BONDADE.

O agudo engenho de Barclayo explicou com ella a incapacidade de Meliandro, rei de Cecila, e Guichiarnio, a frieldade, e remissão d'animo de Carlos VIII de França. A bondade não ha de embaraçar a providencia, nem ha de esperar os successos para julgar d'elles, se não recear-se para prevenil-os; muitas coisas ha que pensar bem d'ellas não seria bondade, se não discurso.

Não ha de andar o soberano buscando culpas donde as não ha, porque emfim se vive entre homens, donde he tão difficultoso achar-se hum sem alguma macula, como achar-se hum peixe sem espinhas, porem ha de conhecer donde pode havel-a para que as não haja; porque não seria bondade, a que désse occasião a maldade.

Como succedeo a Henrique II de França, principe, segundo o pinta Barclayo, d'agudo engenho, de muita prudencia, e dotado de todas as prendas, que só em sua demasiada bondade (com estas palavras o disse este autor) podia perigar, e esta dava atrevimento ao duque de Guize para querer, conspirando contra elle, tirar-lhe o reino das mãos, tão junto vive da bondade o pouco respeito. Tanto defeito he em hum principe crêr tudo, como não crêr nada, bem ho que tenha bondade de pomba; porem com prudencia de serpente.

Não deve o principe julgar sempre que o enganam, porem julgue que o podem enganar, e creia, que para affirmar a lealdade, e retidão dos ministros de quem se fia, convem ás vezes fazer alguma experiencia extraordinaria, que os obrigue a não viver muito confiados. O cuidado dos principes ha de ser como de maridos prudentes, que vellam sobre sua honra, sem dar a entender que temem o aggravo.

Não he facil averiguar qual haja feito mais traidores, se a demasiada bondade dos reis, se o extremo rigor: e considerando o nosso natural, a quem reprime mais o mêdo que a razão; me applico ao sentir do padre Marianne, que o temor refrêa os altos pensamentos, e a benignidade os vivifica.

Não ha defeitos mais traidores, que os que se conhecem por excesso de virtudes, porque como gozam d'ambos extremos, com facilidade se soccorre d'elles a malicia e lisonja, chamando á avaresa parcimonia, ao desperdicio liberalidade, á crueldade justiça, ao relaxado remissão, e a não cuidar de nada grandesa de coração; e em estas equivocações he donde corre grande perigo a bondade; porque sinceramente he o que propõe a malicia cautelosa.

Ha de fazer o principe hum conselho d'estado dos seus cinco sentidos, examinal-os todos para inteirar-se da verdade, que tanto importa, sem pagar-se de cada hum de per si, que não os poz juntos com o homem acaso a Divina Providencia, se o principe com bondade se fia tanto de quem continuamente lhe falla, que só crê o que ouve, de pouco lhe serve a vista.

Seguro pelo que vê, que em as côrtes, e palacios sempre he pompa, e fausto, e não escuta as verdadeiras lastimas dos afflictos, está de mais o

ouvido; se ao que vê e ouve vence a propria paixão, ou antojo, atropelára por todo o gosto; se se deixa levar com ancia de riquezas de huns arbitros, ou de huns dictames bem fingidos, que largas consequencias promettem flores, e dão mais espinhos que fructo, será deixando frustrado, a vista, o ouvido, e o gosto, entregar-se tudo ao olfato, que tem sua consistencia em o ar; o tacto he o mais grosseiro dos sentidos; porem o menos enganoso: com elle hão de concordar todos, porque he pratica de tudo o que se discorre. E olhe o principe, se o que lhe disseram, o que lhe propuseram diante dos seus olhos, o que lhe representaram, e ao seu gosto lhe pareceo util, corresponde ao que toca; e se não sabe bem a conta, não ha se não accudir a prova como fazem os arithmeticos, e vêr em que sentido se ha enganado, para emendar com isso a fama das coisas, e sem deixar-se persuadir com Bondade ao contrario do que tocarem.

Se dizem ao principe, que he poderosissimo, e tendo guerras vê que não tem com que sustentar seus exercitos, conhecerá que o enganam pelo ouvido; se divertido em festas, servido com grandesa, affeito só a vêr gallas, e ostentações de quem assiste em seu palacio e côrte, lhe persuadirem, que todo o reino está prospero e abundante, e quando o ha mister para o seu serviço, o acha pobre, e sem gente, será o engano da vista; se por affecto ou negociação se derem os postos aos menos benemeritos, com que se confunde toda a ordem das coisas, tem a culpa o proprio gosto: se em as guerras, imposições e outras materias troxerem humas conveniencias remotas, que approveitam pouco, e destroem tudo, engana-se. Olhe o principe como succedem as coisas, que pelo commum isso são, se se tocam máos successos, serão más disposições, se falta de soccorro será necessidade, se muitos delictos em os povos, será pouca justiça, e se não havendo culpa em nada sahir mal tudo, serão nossos peccados.

LISONJA.

He adulação (disse S. Agostinho) hum engano com falso louvor: que he hum lisongeiro se não hum homem, que não attende á verdade das cousas, e que só applaude o gosto, d'aquelles que ha de mister propicios?

Tres modos ha de lisonja (disse Pedro Gregorio), o primeiro he attribuir a hum sujeito a virtude, que não tem, o segundo encarecer-lhe aquella virtude demasiada, quando a tem, o terceiro applaudir-lhe os vicios. Bastante doutrina acharão em S. Thomaz, eu que só trato dos damnos politicos, que causa este abominavel vicio, digo que qualquer motim destas tres especies da lisonja referidas, as tenho por sacrilegio humano, e dou-lhe este titulo porque sendo tão commum em todas as letras chamar sagrada a Magestade, quem tanto a offende, torna-se réo de crime; que louvar-lhe as virtudes, que não tem, he huma ironia burlesca, he injuria mais solapada, que huma descortezia manifesta.

Por isso diz o Ecclesiastico, que a ninguem se applaude vivendo, o excesso em o valor sempre he culpavel.

He de muito generoso espirito o sujeito não attender, e applicar os ouvidos ás vozes da lisonja, que são peiores, que as de Circe, porque transformam o animo: hum soberano chamava aos lisongeiros péste dos principes, e sobre os despresar, os fazia castigar. O imperador Sigismundo, refere Ennio Silvio, que não fazia caso d'elles, usava-os para rir-se, não para honral-os, que não he bem tenem pagas de leaes os que commettem crimes de traidores, e não amam a pessoa, se não o poder alcançar beneficios.

A dous se reduzem os generos de lisongeiros huns são de palavra, estes dizem a lisonja, a estes póde levar-lh'a o vento, outros são de obra, estes fazem a adulação lisongeando aos principes com solapada malicia; porque se dão a conhecer, assim obram: o callam, para que o poderoso, a quem imitam tome da sua mão o engano. Bem se vio em Eccebolio, de que faz menção Socrates, e Raphael Volateriano, que o imperador Constantino foi christão, e como Julfano apostata tomou as armas contra a igreja, e como Severianno se reduzio a ella :: — Não tem os lisongeiros mais lei que a sua conveniencia, são camaleões que segundo a terra mudam a côr.

O modo com que a lisonja encanta os principes, pareceo a Pedro Gregorio que só a força d'exorcissimos ecclesiasticos póde desfazer-se: e assim este catholico desengano commette aos prelados, que pela religião e dignidade tem previlegio para advertir com licença, e serem ouvidos com respeito; porem se a estes os cegasse a ambição, e incorressem em o mesmo que hão de evitar? e que castigo lhes aguarda? grande. A douta purpura do cardeal Pedro Damião diz, incorreram em crime de Simonia.

(Mans. da Bibl. Publ.)

A GUERRA DOS EMBEABAS.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO VII.

Tres dias depois.

> Fizeram como todos, depois de huma coragem louca, hum vergonhoso medo: que mais se havia esperar de bisonhos soldados?
>
> *(Castro d'Ayres, pag. 77.)*

No mesmo dia, em que os paulistas deixaram as muralhas do forte, e quando os boabas com folias e tangeres sahiam a tomar posse de suas casas abandonadas, chegaram á villa alguns sol-

dados de cavallo que por instantes tomaram de susto a quantos vinham entrando; eram estes de Villa Rica e da do Carmo, espias de hum grosso de tropas mandadas em soccorro dos cercados, e que logo no seguinte dia começaram de apparecer nas alturas mui lustrosas e cheias de furor para com os filhos de S. Paulo, que esperavam encontrar ainda. Grande foi o descontentamento entre todos na subita retirada do inimigo, por que os trabalhos do cerco começavam de esquecer a huns, e outros não os haviam provado, assim, o que pouco antes era fortuna, e milagre, agora pesava a todos, tão difficil he de contentar o coração humano! Na madrugada do seguinte dia seguiram do Rio das Mortes pela estrada de S. Paulo os boábas armados, e com forçadas marchas foram acampar sette leguas distante da villa, no mesmo lugar em que o exercito paulista passára a noite antecedente; aqui fizeram conselho, e Ambrosio Caldeira foi de aviso que não parassem por que levando os paulistas hum dia alem delles, não seria possivel encontral-os senão mui distante, e que findas as provisões de boca não achariam outras facilmente, por que teriam cuidado de inutilisar tudo os que iam diante; lembrou tambem a necessidade em que estavam todos os moradores das Minas, e que huma victoria depois de muitos dias perdidos, valia tanto como huma prompta derrota; que se os paulistas eram valentes e favorecidos na estrada, tinham agora contra si o desar de fugitivos, a desmoralisação de desertores, e a ignorancia do numero d'aquelles que lhes iam no alcance. Este prudente parecer foi recebido por todos, e desfeito o conselho, recebeo ordem o exercito de se pôr em marcha apesar do escuro e tenebroso da noite; Ambrosio Caldeira para que de seu pensamento ninguem murmurasse, passando á vanguarda, offereceo-se incognito para fazer parte do numero de espias, ou descubridores, e com seis companheiros bem armados deo-se tão grande pressa que antes de acclarar o dia topou com os fugitivos, que tambem forçavam o passo: a escuridão, e a chuva, obrigando-os a caminhar lentamente, deo lugar aos espias de se aproximarem tanto, que até se ouviam as vozes dos que caminhavam por ultimo; Ambrosio Caldeira parou, e voltando-se para os companheiros:

— Qual de vós, disse elle, he de tanta resolução que me acompanhe até o meio dos inimigos?

— Eu, disse hum dos espias, ainda mancebo.

— Pois tornai vós outros a desandar, continuou Ambrosio, e levai ao chefe a noticia de que os paulistas ficam cinco leguas alem da Gramma, e que no passo, em que vão, devem de estar amanhã alem da serra da Guarda.

E os dois espias continuaram a seguir o inimigo, até que ficando-lhe já tão perto que os havia de descobrir, Ambrosio Caldeira propôz ao companheiro de se apearem levando os animaes adestro; e como puzesse pé em terra, o mancebo fazendo menção de apear-se levou a mão à espada e deo-lhe tão forte golpe, que o lançou por terra sem movimento, e dando de esporas ao cavallo foi encontrar os paulistas, que o receberam como amigo e conhecido, questionando-o em sua passagem rapida atravez das companhias desordenadas, por que em tão ruins estradas a marcha em fórma era impossivel.

— Eu já dizia que tinhas deixado a pele no Rio das Mortes, gracejava hum.

— Como vai a boába? perguntava outro em ar de mófa.

E o mancebo respondia a todos sem deter-se, até que toda aquella multidão começou de parar por que soára o signal de acampar; voltou-se então para hum lado perguntando pela tenda do general.

— Oh! senhor Penteado, pois se ainda neste instante paramos, como quereis vós que a tenda do general esteja armada?

— Não vos pergunto se está ella armada, mas onde costuma ficar Amador Bueno!

— Na vanguarda, quando avança; nas ultimas filas quando..... quando retira..... ou fóge, por que esta nossa retirada tem cheiro de fuga; bem fizeram alguns que por lá se deixaram.....

— Tendes a lingua assás comprida, meu amigo, cuidado que vol-a não espontem!

— Não hão de ser cabelleiros, meu donzel .... molhareis primeiro a espada secca, para tocar na minha!!

— Secca! disse o mancebo cheio de colera e de orgulho; ora vede.....

E arremetteo para o companheiro, a quem por certo ferira, se lhe não embaraçasse o passo Amador Bueno, que ouvindo rumôr para aquella parte, desconfiado no animo de seus soldados acodira promptamente.

— Prendei esses dois homens! bradou o general com voz amarga, para os que estavam de cerca delles; deixamos o Rio das Mortes ha tres dias, e em todos elles, quer em marcha, quer acampados, sempre brigas, sempre relaxamento na disciplina, sempre vagar na execução de minhas ordens!! Como nos vamos em marcha, não ha medo de carçere? Nós veremos o que

decide de vós outros amanhã hum conselho de guerra..... levai-os!.....

— General, he preciso para o bem de todos, que eu vos falle já, e sem testemunhas; todos quantos ahi vêdes vos podem dizer que estas razões em que nos travamos ambos tiveram começo em querer eu saber donde se vos costumava armar a tenda, por que tendo ficado doente no Rio das Mortes.... não sabia das ordens que tereis dado no modo de acampar.

— Levai-os á minha tenda; disse Amador Bueno, sem que na vóz se lhe conhecesse mudança.

— Eu aposto que os manda fuzilar ambos, como aconteceo com o caminheiro; Amador Bueno está bravo comnosco, e tão.....

— E tão bons atiradores que somos nós outros, guia? leve-te o diabo, que sempre estás fallando sem termos, nem cautela; depois Amador Bueno da Veiga manda-nos metter-te huma duzia de balas no coração e na cabeça, e aqui estamos nós a tremer diante de ti, sem poder fazer boa pontaria.

— Que trará o Penteado para contar ao general, lá do Rio das Mortes? a estas horas estamos com os boábas perto.

— Eu não creio em semelhante coisa! pois os boábas sangrados como ficaram, terão vontade de vir ter comnosco?!

— Elles sós, não de certo; mas com os de Villa Rica, e do Carmo.....

Isso foram embustes para levantarmos o cerco.

— Ah! senhor Braz dos Anjos, que não posso responder-lhe por que tenho mulher e filhos.... Estava eu na atalaya quando pela primeira vez se fallou em levantar o cerco?! Não te lembras dos companheiros na deffensão d'aquellas casas de junto do forte?!.....

— Eu tambem não fallo comtigo...

— Porem, se fui eu quem veio trazer ao acampamento a certeza de que os moradores das Minas vinham todos sobre nós e em soccorro dos boábas, com quem he que tu fallas?!

— Mas, tu os viste, guia?

— Eu os vi, como te estou vendo, apesar deste escuro que faz...

— Homem, não sei que te diga; o elles virem he possivel... mas, eu sei cá se vieram?! Nao te arrufes comigo porque he meu genio...

E em quanto Braz dos Anjos desculpava sua incredulidade, os que se tinham apinhado para ouvir o motivo da briga, deixaram os dois altercando, e foram ter com aquelles que haviam conduzido Fernão Vitelo e o moço Penteado á tenda do general. Porem estes sem dar attenção ás perguntas que lhes faziam, foram rompendo até de junto dos dois, que em calorosa disputa se esqueciam da sorte dos companheiros.

— Ahi temos mais dois para o conselho de amanhãa, disse hum gracejando; aposto eu que os vindes buscar?

— E dizes a verdade, amigo; Amador Bueno te chama, guia.

— Não gracejeis, Paulo; olhai que o guia costuma dar-lhe huns ataques...

— Não ha gracejo nisto que dizemos; porem não sabe o general de alguma que acabas de fazer, se alguma fizestes: grandes coisas vão lá pela tenda, porque todos os officiaes foram chamados, e como se pedisse ordem para pôr á vontade as companhias, Amador Bueno respondeo que estivessem sobre armas; de sorte que havemos de cear hoje com o mosquete no hombro.

— Porem, amigo Paulo Rebello, he só ao guia que o general quer fallar?

— Só a elle.

— Tanto peior; porque não hade ser para bôa coisa; antes fosse a nós ambos, ou a ti só, Braz dos Anjos.

— Não digo eu isso; vai tu, que tanto te engrandeces dos favores que te faz: eu cá não sou lembrado, o que me deo sempre muito gosto, e hoje muito mais. Porem se fôr para cometter-te alguma coisa de perigo tens companheiro certo, guia.

E apartaram-se, indo o guia com os irmãos Rebellos á presença de Amador Bueno, que fóra da tenda e rodeado pelos outros cabos, interrogava o mancebo.

— Então dizeis vós que o inimigo vem com forçadas marchas sobre nós, e que está...

— Precisamente, general, quem o póde saber? deixei-o na Gramma, porem, d'aqui a esse lugar vão cinco leguas, e elle caminha sempre.

— Se aqui pernoitarmos, amanhãa antes de nascer o sol estará comnosco; e que força traz?

— Alem de dois mil homens, bem armados e resolutos.

E Amador Bueno entrou na tenda seguido pelos officiaes; muitos foram de parecer no conselho, que se esperasse o inimigo; outros que forçassem a marcha, o que não era mui facil pelas estradas d'aquelles lugares: porem como era preciso huma resolução prompta e atrevida, o general sem dar seu aviso levantou o conselho, mandando que as trepas se pu-

zessem novamente em marcha; depois fazendo entrar o guia:

— Quantas leguas fazem d'aqui á serra da Guarda? perguntou-lhe.

— Quatro leguas pelas minhas contas; tres e meia para os que por aqui moram; tres para...

— Então, como se medem as leguas? disse Amador Bueno com máo modo.

— Senhor, quem vai em animal fresco, faz mais caminho sem cançar, e quem vem de longe...

— Entendo... porem respondei-me como se por aqui morassemos ao que vos perguntar; se quizessemos d'aqui a duas leguas largar a estrada geral, sería facil abrir huma picada de travessa, que fosse encontrar...

— Ora esperai, general; se não vos desarranja lá os vossos calculos, podeis dizer-me para que largais a estrada?... não he curiosidade, talvez que algum meio mais seguro...

— Não, a picada ha de fazer-se: todavia podes saber porque largamos a estrada; os boábas de Villa Rica vem sobre nós, e estão a tres, ou quatro leguas.

— Olhai, meu general, se não fosse dever do meu officio, não teria o arrojo de vos aconselhar, que tambem não he hum conselho, porem ouvi: quarenta leguas em redondo tudo são mattos virgens, e se quereis varar no matto para sahir lá diante, isto só ha de servir para nos pôr hombro e hombro com os boábas..... Ora, se vós quereis que eu diga como nos havemos de pôr em salvo sem trabalho,..

— Pois fallai!

— Nós vamos em marcha; eu vou passar á frente, e vós ireis comigo tambem; daqui a legua e quarto pouco mais pouco menos ha caminho de fazenda, estreito he verdade, caminho para tres homens; a fazenda e serventia fica a tres leguas da estrada, por tanto ao romper do sol estamos cinco leguas desviado, e sem perigo: mas bem máos olheiros trarão elles se não enxergarem a estrada geral sem pizadas e rasto de nossos passos, estrago que sempre faz huma multidão...

— E nesse caso, seguem-nos...

— Ouvi, não trazeis vós perto de trezentos cavallos?

— He verdade.

— Mais de quatro centos burros de carga?

— He certo.

— Ponde-os leves, e ahi tendes huma tropa ligeira, que nos ha de cubrir a retirada; por que podem ir almoçar para lá da serra da Guarda, jantar quatro leguas além, e dormir no furado; no dia seguinte fazem oito leguas, quatro de noite, sao doze; e eu quero vêr se os boábas são capazes de lhes pôr siquer a vista. Agora vamos a nós cá pela fazenda; se por acaso os boábas nos descobrirem, os caminhos são apertados, mas a vantagem, ou desvantagem he de todos; só ha huma pequena difficuldade que vencer...

— E qual he? disse Amador Bueno, a quem as idéas do guia tinham agradado.

— A fazenda pertence a hum inimigo vosso; e só com a espada na mão havemos de attravessar o terreiro; não sabeis vós o que he hum fazendeiro no sertão das Minas dentro de suas terras? Assim, ainda que não fora vosso inimigo pessoal, por dois motivos lhe passariamos por dentro de casa com mão armada.

— Não quero que me digas o seu nome, porque pretendo haver-me com elle de forma, que ninguem descubra o que tu acabas de dizer; monta a cavallo e partamos já.

— Porém, se estou a pé, como quereis que monte...

— Escolhe hum de meus cavallos.

— Estupido que tenho sido até hoje! disse o guia entre dentes; podendo ter bons cavallos... se me tenho lembrado ha mais tempo.

E partiram ambos, indo Amador Bueno pelo caminho avisando os cabos da resolução tomada, que todos applaudiam; até que passando na vanguarda foram postar-se á entrada do caminho indicado pelo guia, que a todos quantos passavam recommendava que não quebrassem ramo algum de arvore, que os denunciasse ao inimigo, fazendo seguir pela estrada geral todos os que conduziam cavalgaduras. Era dos ultimos Braz dos Anjos, que como trazia animaes na comitiva, devia seguir para diante; mas ao empo que passava em frente do guia, este sahindo-lhe ao encontro:

— Por ali, amigo, lhe disse em tom mofador; temos chamusco ao nascer do sol, ou pela frente, ou pela retaguarda, e tu és dos valentes, e demais promettestes ficar commigo.

— Hó, senhor goiaba! pois como foi isso? tão alto vai senhor, entre fidalgos e cavalleiros.

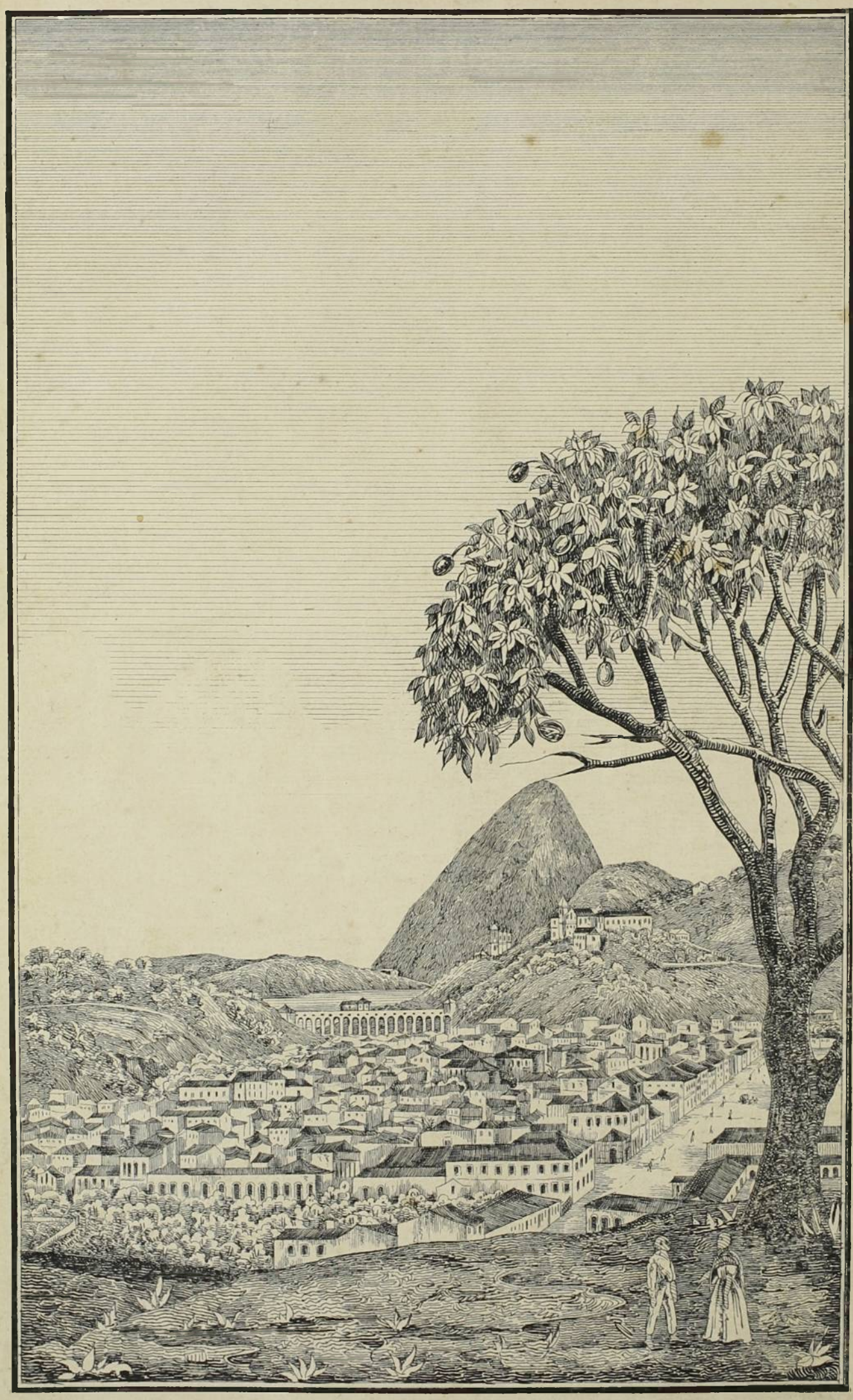
— Logo fallaremos: por agora vai seguindo a companhia.

— Mas, os meus burros, o meu cavallo?

— Não te dê freima, que vão em segurança.

E depois que passaram todos, o guia e Amador Bueno apearam-se e foram seguinda pela vareda.

(Continua.)



Cidade do Rio de Janeiro, tomada do morro dos Cajueiros.

Rio de Janeiro.

ESCOLA MILITAR (*).

Se algum estrangeiro, ao penetrar o interior deste edificio, demorar suas vistas sobre as diversas partes que o constituem, de certo estranhará que a capital do Brasil possua huma construcção tão heterogenea: de hum lado verá corpos tão novos que parecem resentir ainda a mão do seu constructor, erguerem as cabeças orgulhosas da sua juventude; do outro lado verá corpos de sombrio aspecto, e de huma antiguidade quasi insondavel, que, por assim dizer, acabrunhados pelo pesar, esperam a cada instante o ferro homecida que lhe deve romper as entranhas e roubar-lhe a existencia: aqui verá massas de diversas idades, filhas de diversos pensamentos, unidas fraternalmente, e fazendo parte de hum pensamento unico; alli verá por terra lançadas humildemente grandes pedras, que ligadas por fortes argamassas zombavam do tempo, e esperavam levar ao mais remoto futuro o nome do seu fundador; acolá, emfim, notará o afan de destruir para construir... Hum *ai* de compaixão soltará talvez esse estrangeiro ao estudar as diversas partes deste quadro; e se elle souber que desse mesmo edificio, destinado a principio para a cathedral fluminense, muitas pedras foram arrancadas a fogo do systema que as prendia, e fazem hoje parte do theatro de S. Pedro; de certo exclamará como outro respeitavel estrangeiro (**): — O tempo não destroe, elle edifica; mas toma seus materiaes nas ruinas...

Eis hum edificio como ha poucos; difficil em sua intelligencia e muito mais em sua descripção, por colocar o escriptor em posição bem melindrosa: porem nem por isso exitaremos em tratar delle, pois o julgamos digno de serio estudo.

He-nos preciso explicar o quadro que buscámos esboçar: as côres negras que tanta figuravam no primeiro plano, talvez a pouco e pouco se esvaeçam e deem passagem a outras, bellas e até certo ponto encantadoras; mas para isso he-nos mister transportar-nos por hum pouco ao seculo passado, tão fertil para nós em construcções (***), e irmos lá colher os dados precisos.

Talvez se nos crimine por huma tão longa viagem; porem quanto a nós julgamos cumprir assim o dever sagrado de escriptor imparcial.

. . . . . .

Estava a cathedral e cabido na igreja de N. S. do Rosario, para a qual se transportára, em julho de 1737, da igreja da Cruz, por esta se achar então extremamente arruinada; quando a irmandade dos pretos, sentindo-se ferida em seus direitos, fez subir á presença do Sr. D. João V, em agosto do mesmo anno, huma queixa formal, á qual acompanharam as informações do bispo, e do governador: Sua Magestade, que já em tempo anterior tinha ordenado a escolha de hum lugar para construir-se *huma cathedral digna de tão vasto imperio*, (formaes palavras suas,) de novo dirigio-se ao bispo, para lhe fazer sentir quanto era indecente estar, elle e seu cabido, em casa emprestada e de envolta com pretos.

Em virtude das regias ordens, o governador de então, Gomes Freire de Andrade, tendo conferenciado com o bispo e o brigadeiro José Fernandes Pinto de Alpoim, traçou em maio de 1747, o terreno em que devia erguer-se o templo de S. Sebastião, segundo o plano dado pelo sargento-mór Carlos Manoel; porem em 1749, em sua presença lançou-se a primeira pedra deste edificio em conformidade com outro plano approvado por S. M. por ser o primeiro de grande custo.

Já os grossissimos alicerces estavam concluidos, e supportavam ufanos grossas paredes que atingiam á altura do 90 palmos, quando, em 1752, tiveram de parar os trabalhos, não só porque as quantias consignadas para tal obra, foram applicadas á questão de limites austraes, como tambem por ter de retirar-se o illustre governador encarregado dessa commissão. No entanto proseguia a lucta entre o cabido e a irmandade dos pretos, e para aquelle se fazia diariamente sentir a necessidade de concluir o começado templo; porem a falta de consignações regias, que á principio parecia ser hum forte obstaculo, quasi que desappareceo totalmente pelo grande numero de esmolas, colhidas pela mitra, ás quaes juntaram-se parte dos congruas dos capitulares, por deliberação expontanea: e favorecidos por estas circumstancias, em 1796, continuaram os trabalhos.

Animado o digno prelado pela cooperação livre dos habitantes desta cidade, dobrou seus esforços que, apesar da robustez de suas intenções, quasi diffinhavam; eis pois erguendo-se ordenadamente as diversas massas, já por si sós dignas de respeito e muito mais pelo grande

(*) *Continuado do n.º 14.*
(**) *Mr. N. Deys.*
(***) *Vide o n.º 1 do Ostensor.*

fim a que se destinavam: dir-se-hia que ellas orgulhosas de sua nobre missão deixavam-se conduzir pela mão do artista; ou que hum poder, que certamente não he o da terra, restringia a hum ponto excessivo o peso proprio de cada huma de suas partes constituintes, pois no curto espaço de hum anno o templo subio muito em sua construcção, sem que fossem comparativamente grandes os meios então ao alcance. As torres solidas e airosas, e hum pouco salientes sobre a face principal, subiam rapidamente sem que a solidez fosse menospresada, como guardas avançadas que denunciavam ao religioso povo os progressos da construcção em geral; e o arco e settas, gravadas sobre a verga da entrada central, ensinavam ao observador o nome do padroeiro da cidade. O interior seguindo o movimento communicado caminhava com passos gigantescos; a capella mór, o consistorio e suas dependencias, progrediam com mais vantagem que as outras partes, reinando em tudo a bem entendida solidez e gosto, e pouco lhes faltava talvez para tocarem o tão desejado termo, quando em 1797, ao movimento artistico e ás suas vozes succederam a frieza e silencio dos tumulos; e esse silencio julgar-se-hia infindo, á vista do abandono a que foi condemnado hum templo que desde seu berço foi bafejado pela desventura... Huma lagrima, que nao podemos conter, nos escapa ao encarar esse quadro de dissolução!.... e sentimos que nossa penna seja tão pouco azada para exprimir nosso pesar...

A historia deste malfadado templo faz-nos lembrar o convento de S. Francisco da Cidade (em Lisboa) que tambem soffreo os rigores da sorte desde seu primeiro instante: cinco vezes foi construido e outras cinco destruido por causas diversas, porem naturaes, e actualmente estão arrancando-se-lhe os diversos membros, que tanto as artes se esforçaram em os unir, para que suas pedras vão fazer parte do theatro de D. Maria II!....

Para não deixarmos incompleta esta parte da cathedral fluminense, diremos, que apesar do abandono deste edificio, o cabido chegou a satisfazer de certo modo seus desejos, se bem que em menor escala; pois, por ordem regia existe ella desde 1808 na igreja (outr'ora dos carmelitas calçados) chamada durante o reinado do Sr. D. João VI, capella real, e hoje conhecida por capella imperial.

. . . . . .

Ainda o Sr. D. João VI governava como principe regente, e era seu ministro o conde de Linhares, quando foi creada, por carta regia de 4 de dezembro de 1810, a real academia militar; porem não havendo hum edificio apropriado para ella, e precisando por tanto construil-o; foi escolhido, bem que impropriamente, o lugar, onde os corações intimamente religiosos, esperavam ouvir os harmoniosos hymnos dedicados ao verdadeiro Deos: talvez nos enganemos; porem julgamos que tal escolha foi algum tanto impensada; e muito mais nos inclinamos a isto, ao lembrarmo-nos das grandes quantias que se tem dispendido na destruição de muitas partes, e approveitamento de algumas.....

Os trabalhos da real academia começaram no anno seguinte ao de sua creação, sendo a principio algumas aulas situadas fóra deste edificio, por não haver sufficiente commodidade para todas, pois a unica parte de que se pôde então lançar mão, e que inda hoje existe, apesar de modificada ligeiramente, foi destinada em sua origem para consistorio: a administração e as aulas de mathmaticas foram acommodadas nelle, conforme a possibilidade do momento. Os estatutos que acompanharam a lei creadora da academia, marcavam as mesmas doutrinas que os actuaes, e eram sete o numero de annos destinados para o estudo completo de todas as materias do curso; porem algumas differenças pequenas se notam no curso de então e no de hoje: o observatorio, que hoje faz hum papel importante, e que cedo, talvez, terá de occupar sua elevada missão, não fazia então parte do curso; e assim tambem as noções de direito; a botanica era porem recebida debaixo de huma extensão que faz honra ao pregrammista, e hoje não faz parte do curso; a geologia entrava compreendida na mineralogia, e as sciencias das construcções (a architectura) era annexa á fortificação permanente.

Huma junta composta de tres membros foi encarregada da direcção scientifica e policial da academia. Os membros dessa junta foram os Srs. Francisco de Borje Garção Stockler, Manoel Jacintho Nogueira da Gama (hoje marquez de Baependy), e, creio que, João Manoel da Silva.

A academia gozou por muito tempo seu systema de estudos e de administraçao, e parecia continuar do mesmo modo, á vista das vantagens que manifestava; porem assim não succedeo; veio o espirito de reforma, e desde então ella está incerta de sua verdadeira existencia. Muitas tem sido as reformas que tem soffrido; muitas as maneiras porque tem sido encarada; e nós vamos dal-as a conhecer succintamente, para não fatigarmos o leitor.

Em 1832 foi reunida a academia de marinha á militar; mas em 1834 foi novamente separada, formando hum curso de seis annos, e reduzindo-se as sciencias naturaes, que então se ensinava, simplesmente a physica e chimica, ensinadas em huma só aula, como na antecedente reforma. No anno seguinte soffreo a academia nova reforma, voltando ao systema de 1832, com a separação porem do curso de marinha.

O ministerio de 19 de setembro deo-lhe nova reforma, reduzindo o curso a cinco annos, dando-lhe porem, como em 1834, disposição militar. O Sr. José Clemente deo-lhe, em 1842, a nova reforma que hoje existe, com a differença somente da abolição da aula de botanica, que tinha sido admittida pela ultima reforma, e do censo especial do direito, decretado pelo actual governo.

Desde a primeira reforma a junta foi supprimida, e em seu lugar creou-se, ora director, ora commandante, segundo a forma de que se revestia a academia. O nome tem variado; porem actualmente he chamada escola militar.

Muitos lentes distinctos tem tido a escola militar, durante as diversas fases de sua vida; e muitos discipulos notaveis tem produzido. De proposito omittimos seus nomes, pois tememos as odiosidades das classificações pessoaes; porem isso não nos priva de dizer que, nos diversos ramos mathmaticos, a escola tem tido verdadeiras notabilidades, das quaes algumas descansam no seio do Creador; outras gozam, á sombra de seu bem estabelecido nome, as honras que lhe são proprias; e outras emfim, ainda com o espirito inflammado pelo ardor dos annos, correm velozmente na escala do merecimento, buscando vencer seus emulos com nobreza, mas sem orgulho.

J. A. Cordeiro.

ARTIGO 3.º

(CONTINUANDO DE PAG. 49.)

Governava em 1624 esta capitania do Rio de Janeiro por segunda nomeação Martim de Sá, cujo nome e appellido por tal fórma se liga com a fundação e engradecimento da cidade, que não he possivel separal-o; do tempo de seu governo datam as primeiras obras publicas de reconhecida utilidade, taes como as fortificações da bahia na entrada da barra, e muito especialmente as da cidade, onde se desvelou no entrincheiramento, fundação e reedificação dos fortes: estas trincheiras, e taipaes confundiram alguns escriptores, que asseveraram começar de ser murada a cidade por estes tempos, sendo certo que só no governo de Francisco Xavier de Tavora, em 1713, se começou a fechal-a com verdadeiras muralhas, que nunca se concluiram como diz Pizarro em a nota 55.ª do 1.º tom. Quanto á fortaleza de Santa Cruz edificada por Martim de Sá, não foi outra senão a da barra, como se lê no catalogo dos capitães mores governadores, capitães generaes, e vice-reis, que tiveram esta capitania, manuscripto existente na bibliotheca episcopal fluminense, onde por formaes palavras se declara que depois de nomear o governador Martim de Sá sucessores ao seu cargo, para que em caso de necessidade servissem. — *partira para a fortaleza de Santa Cruz da Barra, aonde do melhor modo que foi possivel, ou permittiam as circumstancias do tempo, empregou todo o seu cuidado para a fazer mais defensivel, e capaz de embaraçar a entrada ao inimigo.*

Porem eu quero prescindir da leitura desse manuscripto, dando pouca importancia a tal obra como authoridade, para contestar a terminante, e inexacta observação do author das memorias historicas do Rio de Janeiro, nota 6. pag 214 do 2.º tom., onde se leem estas palavras: — *Não se confunda o forte de Santa Cruz com a fortaleza da barra, que tem o mesmo titulo. O forte construido por Martim de Sá com ordem regia, existia no lugar onde se vê hoje a igreja de Santa Cruz, o qual pelo decurso dos annos se foi entupindo, e delle appareciam vestigios no anno de* 1720.

Que Martim de Sá, construisse ou reedificasse este outro forte de Santa Cruz, he possivel, e mesmo verdade; mas querer-se com isto comprovar, que elle não tocára no da barra, he menos certo, e a prova achamol-a em huma carta, que o mesmo governador esarevera do mesmo forte aos vereadores da camara sobre differentes objectos; do seguinte pedaço se vê claramente, que fazendo a fortaleza de Santa Cruz de que Pizarro falla, parte da cidade, não póde ser aquella donde Martim de Sá escreve nesta substancia: — *Faço lembrança a vossas mercês, que ajudem a meu irmão, que em meu lugar ahi deixei tratando da fortificação dessa cidade do pouco que faltava...* E logo mais adiante: — *E eu sou huma pessoa só, e não posso estar fazendo esta fortaleza, e deixar esta fabrica, que entre mãos trago, para acodir á cidade, que deixei entrincheirada, e posta em ordem de defensa, quando para cá vim, por*

ver o que importava a minha pessoa estar pressente. —

He tambem esta carta hum documento precioso para se avaliar a maneira extraordinaria porque se resolviam certos negocios n'aquelle tempo, ou mais para provar a preponderancia do clero, na decisão de objectos puramente civis; a correição do dezembargador João de Sousa de Cardnas foi huma das que mais utilisaram as capitanias, que o mesmo correo, e ahi ha hum sem numero de memorias que o attestam; tinham estes corregedores grandes attribuições, e nunca foram bem vistos por aquelles dos ministros, que mais conta tinham comsigo, do que com os deveres de seu cargo; por isso Matheus da Costa Aborim administrador ecclesiastico, que então era, vendo que de hum mez, tempo que costumavam demorar-se em suas devaças, os corregedores, João de Souza passava já de hum anno, e como tivesse culpas em cartorio, como lá se diz, começou de fomentar disturbios, que chegaram a parar em factos escandalosos, taes como a celebrada reunião, que fizeram alguns letrados e religiosos na igreja de S. Sebastião no dia 8 de novembro de 1624, decidindo sem jurisdição, d'aquella que o dito dezembargador havia do governador geral Diogo de Mendonça Furtado para syndicar dos governadores de todas as capitanias.

Desde 1624 até 1633, e em governo de Rodrigo de Miranda Henriques, nada se encontra de notavel, a não ser o desenfreado proceder do povo nas affrontas com que eram tratadas as authoridades, especialmente as ecclesiasticas, de sorte que era hum contraste de poder e despreso tão revoltante, que a historia ecclesiastica do primeiro e segundo seculo depois da fundação da cidade, não se póde lêr sem repugnancia; alguma sorte de remedio para isto trouxe em sua energia Salvador Corrêa de Sá e Benevides em 1637. Nos governos de Duarte Corrêa Vasqueanes, Luiz Barbalho Bezerra, Francisco de Sotto Maior, Salvador de Brito Pereira, Antonio Galvão, D. Luiz d'Almeida, e Thomé Corrêa d'Alvarenga, comprehendendo hum periodo de quatorze annos, os melhoramentos foram quasi nulos, porque se circumscreveram na abertura de ruas e edificação de predios particulares, mas coisas tão pequenas, que difficilmente se encontrará memoria d'ellas: he para notar que a maior parte das freguezias que cercam a cidade na distancia de tres, a dez leguas em todas as direcções, tem existencia quasi tão antiga como a mesma cidade, ainda que a maior parte destes lugarejos fossem elevados a freguezias de 1618, até 1700.

Do meado seculo 17.º em diante começa a apparecer de forma mais positiva, não só a policia da cidade, como seu crescimento, porque até esse tempo era fechada por hum cordão, que começando de estender-se desde a Lapa, pelas ruas das Mangueiras, Arcos, Lavradio, cujos nomes não tinham nesse tempo, depois pelo largo do Rocio, que era hum campo, onde se despejavam immundicias, sem hum só edificio, e por junto do theatro de S. Pedro d'Alcantara, descahindo sempre para o oriente até ganhar a rua da Valla, e por ahi até o largo do Rosario, onde no dia 6 de abril de 1756 chegou huma canoa com 7 possoas que havia largado do Valongo, se bem que este facto fosse occasionado por huma grande porção de chuvas, que desde o dia quatro desse mesmo mez cahiram sem interrupção noite e dia: com exactidão he impossivel demarcar o lugar que occupou a cidade até 1700, e mesmo 50 annos depois, porque desse tempo não encontramos planta alguma, que nol-o indique, e por simples conjecturas, vai mui arriscado o acertar. He todavia certissimo, que esta parte da cidade, que mostra a nossa estampa de hoje não existia nesse tempo, e que mesmo só em fins de 1700, ou mesmos principios do seculo 18. começaram, não arruações, mas a edificação de predios nessas ruas; o encanamento das Aguas da Carioca começado, creio em que por outra traça, muitos annos antes, teve fim em 1750, no governo de Gomes Freire de Andrade; delle fallaremos mais largamente em especial artigo para tratarmos neste da fundação do convento da freiras de Santa Theresa, cujo convento mostra a nossa estampa lá ao longe sobre o morro do Desterro, assim antigamente chamado.

Este convento de religiosas Therezias teve principio na chacara chamada da bica em Mata-Cavallos, e que hoje mais se conhece pela denominação de capella do Menino Deos; Jacintha, filha legitima de José Rodrigues Aires, e de Maria de Lemos Pereira, foi a sua fundadora sob os auspicios do Conde de Bobadella, Gomes Freire; logo os primeiros annos desta santa mulher correram com cheiro de santidade e com vinte e sete annos apenas, tendo comprado por 2:100$000 a sobredita chacara da bica para ella se retirou só, no dia 27 de março de 1742, indo depois sua irmã fazer-lhe companhia. Espalharam-se logo pela cidade os

favores que Deos concedia a esta boa mulher, de sorte, que muitas esmolas, e a especial proecção do governador Gomes Freire levantaram, huma pequena capella, que as duas irmãs fizeram benzer celebrando-se a primeira missa no dia da cirumcisão do Senhor do anno de 1744, e como se lhes aggregassem muitas outras companheiras, depois de grandes trabalhos e embaraços obteve Jacintha de S. José por intervenção do governador lugar para fundar mais amplo recolhimento, bem como o breve, e regra, começando-se a edificação do Convento, cuja primeira pedra lançou Gomes Freire de Andrade, com assistencia do senado da camara, em 24 de junho de 1750.

(Continua.)

IRA.

Todos os politicos trabalham por apartar do animo real a ira, por que o seu nome parece, que se não póde ouvir sem horror. Teme-se a morte, porque destróe o sujeito: e não he menos espantosa a ira. Não ha confusão, que não offenda, sentido que não turbe, damno que não se applaque, e destes malificios se deleita, e offende o coração donde se encerra porque he huma irracional perturbação do entendimento.

Que formoso, que grave, que decente está em sua tranquillidade o mar; que tenebroso, que feio, e que descomposto está tormentoso; quanto tem de magestoso quando está sereno, tranquillo parece prata, furioso descobre lôdo.

Diversas coisas tem a ira, concebe-se em o peito, pronuncia-se com a bôca, e executa-se com as mãos; do coração a bôca ha de vir temperada, e ha de ser breve, porque (como notou Cassiodoro) menos inconveniente tem huma resolução arrebatada, ainda que tome alguma coisa de injusta, que huma cólera requeimada com odio: em a boca ha de ser modesta a prudencia da mesma justiça; parece muito bem em os juizes as palavras modestas, e brandas, ainda que hajam de ser asperos os effeitos.

Para os delictos de traição ha de conservar o soberano inteira a ira, ainda que tenha lastima; e não ha de dar facil entrada á piedade, que quem perturba, e intenta perturbar a paz, e o socego publico, não só he máo vassallo, se não máo homem, e inimigo commum da natureza, e ainda que o soberano queira perdoar sua offensa, não o póde sem especie d'injustiça, porque contra tal delinquente não ha commiseração. Quiz Luiz Bel sentar-se no throno de seu Creador, e cahio; esse fim tem as loucas temeridades; perde-se o que se tinha e não se adquire o que se deseja, e quando com a sua cahida, e de seus sequazes, parece estava saptisfeita esta loucura, porque o Texto sagrado, diz que se não vio mais o seu lugar em o eéo.

De donde conhecerá o soberano, que em delictos de conspiração, não só ha de haver castigo para os aggressores, e cumplices, se não ainda para a terra que pisam. Não se ha de dar por satisfeito até que sintam o golpe da justiça sobre si, e elles e seus *lugares*: politica que observou sendo tão piedoso o imperador Carlos V, quando em Bujeto, instado pelo pontifice e cardeaes a fazer pazes com el-rei christianissimo, serrou o discurso com estas palavras: — Ypuces todo esto es a si, no ay para que nadie trate, de que yo haga pazes com con el-rei, hasta que haja castigado como merecen los rebeldes al Imperio, y tomado por mis manos satisfacion a la perfidia del duque de Guelares-y de otros, que me han desservido:—E se reduzio á execução tão sanguinolenta, esta ameaça que em breve tempo fez em cinzas a cidade de Dura, cujo incendio cantou com brevidade, e galla Jacob Susio.

(Mans. da Bibl. Publ.)

HYMNO Á LUA.

No asulado da esfera a Lua se ergue
Escoltada de estrellas radiantes!
Astro, que a dor ama, adelgáça as trevas,
No macilento tranzito mal vibra
Desbotado fulgor. — Desmaiam cores
Do taciturno vâlle. — O manso lago
Scintilla d'almo brilho vacillante
Na flor trem'la das agoas; crespa ao longe
De brisa amena ao sopro. Quanto he triste
Gemer profundo da onda á noite em margens
Que leve se esperguiça, entremeiado
Do mavioso suspirar das auras!
Embalar tão suave, que convida
Ao somno do sepulcro a alma, que soffre.
Sempre pallido e triste sobre a terra
Passas, astro de dôr, despercebido.
Nem da ventura aventas faustos risos,
Nem t[illegible] attentas embalando o filho
Do esposo ao lado desvelada esposa.
As recatadas sombras vedam-te osculos
De amantes mais felizes, embebidos

Nos enleios que doces ceva o peito
Em descuido feliz : nem desacordos
Avistas meiga de amoroso enlevo
Que a alma arrebatam. Sofregas se esquivam
Graças, que ousou colher por entre o pejo
Nos bem vedados ermos, que revelam
Mal froxa claridade que despedes.
So a virgem deparas, que em teu seio
Depõe amargas queixas, que inda os olhos
Ao longe estende, e querençosa almeja
Nas trevas entrever, que alem negrejam
Amante afortunado : agros suspiros
Do peito lhe ouves desprender sentidos
Ao golpe da esperança mallograda
Que abrio-lhe n'alma tormentosa angustia.
Só tua luz penetra a estancia humilde
Do pobre enfermo , que bemdiz com lagrimas
Teu pallido clarão : — ahi distingues
Scenas de morte !... E passas melancolico
Como que pára a dôr só esclareces.
  Que doce he tua luz, astro da noite.
A' alma que pungem desabridas penas
De acerrimo infortunio ! Que lembranças
Dos passados praseres nos dispertas !
Já nas faces a dôr pungente cava-me
Dolorosos sinaes, tristes vestigios
Do pranto que dos olhos se deslisam !
Inda louros na fronte meus cabellos
Do zephiro ao sabor brandos fluctuam
E agro pesar do coração se assenta
No intimo magoado ! Horas da infancia,
Que tão feliz gosei , transpoz já tudo
O horisonte de amor ! Ah ! mál me sobra
Do passado, que amei , doce lembrança.
  Esta hora ia Ossiam meigos acordes
N'harpa vibrando, seus cabellos brancos
A descripção da aragem ondeavam ,
Enredados por entre as cordas d'oiro
Soltavão brandos sons, que enternecciam
Da noite na mudez valles de Morvem ,
Talvez esta hora magestosa vaga
A sombra augusta do cantor de Erminia,
Della em torno o sepulcro suspirando,
Talvez agora enternecida ainda ,
Terra da minha infancia , nos teus bosques
Queixosa a lira de Dirceo resoe.
Astro, que a dor ama como he suave,
Melancolica paz que infundes n'alma !
Que doce he teu sentir quando nos vertes
Da tua dor o germen delicado !
Meigo moderas truculentas iras
Do fado desastroso : tu convidas
A dor mais terna o coração ferido.
Tu nos trases de amante carinhosa
Lembranças ternas de pungir suave :
D'affavel mãe o amor, que sempre dura,
Que desde a infancia vae fiel ao tumulo.
Do pai, que em paz repousa, n'alta noite
Levas pallido filho, misero orfão
Aos arraiaes dos mortos franqueados.
Alli pranto, que os olhos transnuviam,
Doce melancolia estanca, e bane
Pesadumes tão n'alma dispertados.
  Linda he a noite, em que nos ares mudos
Da modula avesinha não resoam
Mimosos cantos ! a mudez so quebram
Folhas, que rugem, ao volver das auras,
Mais tenue brilha a Lua agora espraia ,
Qual lus de mortos que nos tum'los brilha !
A taes deshoras como he triste e terno
Sombrio entretecer de luz e trevas !
Como mau grado meu me trava d'alma
E o coração me abala delicioso
Esse gemer de brisa tão suave,
A fresquidão da noite, esse regato
Tão perto a despertar vivas saudades !
Longe agora talvez contemple Amira
Do astro da noite o giro silencioso :
Na relva repousando, os tempos rapidos
Terna recorde, que logremos juntos.
Que huma lagrima vertas de teus olhos,
Amira !... minha dor será mais doce.
  Onde levas, ó Cinthia, onde conduzes
Da noite escura as macilentas sombras ?
Como triste depões teu manto pallido ?
Volverás no ar, mil noites ostentando ,
Desta arte o imperio teu ! Então tranquillo
Da morte dormirei o somno eterno.
Quiçá venha a meu tum'lo a noite Amira
Pia oração depor, carpir saudosa.
Lá a hum suspiro seu em torno della
Minha sombra talvez contente errando,
Forceje moderar-lhe a dor amarga.
Ao pranto ardente, ás não represas supplicas,
Ruins fados não dão despiedados ,
Que reviva jamais sepulto amante.
  Filha da noite, agora que transmontas ,
Que horror vestem medonhos prados ferteis !
Sinistra os troncos atravessa annosos
Custosa a luz : — projectão longas sombras
Vultos feios : — do lago em agoas treme
Timido brilho : — em brincos amorosos
Assim de Amira ondea o collo eburneo.
Mas de todo inda o serro ennegrecido
Não encubrio seu disco descorado.
Astro que a dor só ama, como he lugubre
O momento do adeos, que dás a terra !
De novo a dor vem golpear-me acerba

O afflicto coração!... Lá vejo a morte
Fitar-me os olhos vesgos turvos de ira!...
De longe me convida á paz do tumulo!...
Já sobre mim estende a mão gelada...
Hediondo sorrir lhe encrespa os labios...
Bem vinda seja: esta alma atribulada
Das fadigas da vida verga ao peso.

J. A. de Lemos Magalhães.

A GUERRA DOS EMBUÁBAS.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO VIII.

Uma lembrança de rei.

E entendendo o soberano que animos generosos se deixam vencer com qualquer affago, lhe enviou pelo novo governador hum retrato seu, que ainda se conserva na casa da camara, para que entendessem, que visitando-os d'aquelle modo, já que pessoalmente o não podia fazer, tomava os paulistas debaixo de sua real protecção.

(Vida do padre Blechior de Pontes L. 1752.)

Corriam dias de março do anno do Senhor 1710; a villa de S. Paulo toda galas, e em grandes regosijos, apresentava hum espectaculo nunca visto, porque nesta outr'ora quasi esparta os prazeres e festas eram sempre misturadas com sangue, ou lagrimas, e eu vos digo como. Escreveram alguns mal-entencionados, ou ignorantes, que os primeiros povoadores da capitania de S. Paulo foram bandos de salteadores, fugidos de cadeas, e degredados, que a metropoli lançava de si, o que he menos exacto, como da historia se vê claramente; e como as proprias mentiras tem algum fim a que se encostem, os taes, por desculparem seu arrojo, quizeram achar na vida aventureira e perigosa, a que os paulistas foram sempre inclinados, a verdade do que diziam, e despejadamente affirmavam; sem que se lembrassem que os descubridores e povoadores da terra da Vera Cruz eram d'aquella nação aventureira e determinada, que atravessou por desconhecidos mares do extremo oriente ao occidente, sem mais norte que seu querer e vontade. Esses escriptores mui lidos em romances de cavernas, sobterraneos, e florestas só enxergavam roubos nas descobertas, e ignotas viagens dos filhos de S. Paulo atravez dos mysteriosos sertões do Brasil; valha-nos Deos com elles! se até esta nossa cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro elles desviram, e reviram, quanto mais a capitania de S. Paulo, lá no meio dos mattos, que tanto susto poem a ignorantes?! A mania de todos os paulistas, a sua natural inclinação para as empresas arriscadas he conhecida; o trato commercial, e a agricultura amollece, e modifica os costumes barbaros, e os filhos de S. Paulo não se davam nem a hum, nem a outra; a sêde de oiro, mal de todo o mundo, quero eu que fosse mui pronunciada nesses homens, que tudo arriscavam, a mesma alma para obtel-o: mas serão estes factos motivo bastante para se dizer que os primeiros povoadores de S. Paulo foram hordas de salteadores?!... Grande peso lhes faço eu em quanto digo, e deste não podem elles furtar-se; porque vereis em toda a parte as mulheres e filhos lastimar-se, quando huma guerra leva para longe de si os seus queridos; mas em S. Paulo era hum crime, e huma coisa não vista o pranto por aquelles que se iam, antes com arrogancias indignas do sexo, eram ellas que os esforçavam, não a deffender a patria contra estranho inimigo, mas a irem ás Minas a derramar o sangue de christãos e parentes, e tudo por causa do oiro, de sorte que a cobiça deslustrava seu heroismo, virtude, que poucas vêzes assenta bem na mulher. Quando se preparavam as expedições arriscadas de descoberta, era para ver como todos pondo de parte a natural saudade, feroces e cubiçosas se regosijavam com os esperados fructos de tão arduos trabalhos: na volta, a primeira saudação, o primeiro abraço era saber se haviam achado oiro, diamantes, escravos! Mas ainda assim não eram salteadores, eram quanto quizerem, menos isso. Ora, segundo o que levamos dito, era espectaculo nunca visto, aquelle que apresentava a villa de S. Paulo em certo dia de março de 1710; as ruas cheias de flores as janellas de sedas e ricos estôfos da India, os homens com suas louçainhas; e sobre tudo o ar de contentamento, que transluzia em todos os semblantes, annunciavam alguma coisa de extraordinario: os bairros da villa mais affastados revestiram-se tambem de alegria, mas despovoando-se, acodiam seus moradores para huma formosa praça, onde parecia haver grande festa, ou o lugar donde partia todo aquelle contentamento, porque eram ahi os adornos e riquezas maiores; não era só dos populares, nem só dos nobres, ou ricos este ajuntamento, que, em meio dos peões, lá se enxergavam soberbos cavallos com seus arreios de prata, e preciosas mantas, ou xaireis de velludo, e brocado, com que estes nossos compatriotas são mui desvanecidos, dando-se-lhe pouco de seus

trajes, com tanto que a prata brilhe sobre suas cavalgaduras; era o aperto crescido, e perigoso para os de pé, porque em meio de tanta gente mal podiam bracear os ginetes, que seus donos esporeavam para se mostrarem.

Assim estava toda esta multidão, como que esperando o começar da festa, quando lá n'hum dos angulos da praça se começou o povo de alvoratar, abrindo hum largo terreiro, em meio do qual hum cavalleiro fazia artes de força e destreza em seu cavallo lasão ricamente ajaezado; todos os olhos estavam no cavallo, mais do que no cavalleiro, que com suas calças de belbute azul ferrete, seu colletinho encarnado com botões amarrellos, hum pequeno chapéo de abas, dava seus ares com toireador, ou capinha; seguro quarto de hora soffreo o pobre cavallo as formidaveis rosetas das chilenas de prata, que o paulista calçava, até que por fim hum e outro cançados de folgança se aquietaram apeando-se o cavalleiro para receber as felicitações dos conhecidos, e apaixonados de montarias e genetiações!

— Ninguem dirá, vendo-lhe o fogo, disse hum batendo com a mão na anca do cavallo, ninguem dirá que lhe poz os quartos em cima o guia!

— Por o que? sou eu algum estrompador de cavallos!

— Que o diga o teu ruço, e o lindo mursello de Amador Bueno, cujos serviços ninguem mais ha de aproveitar; hum espaduastel-o na ida ás Minas, que se não he Braz dos Anjos emprestar este, dono e cavallo por lá ficavam,...

— Mas vede lá, amigo rachador, disse o paulista do colletinho encarnado, se não tiro o meu lasão das unhas do guia estava a pé agora, por que o ruço, que elle me prometteo para as cavalhadas do Espirito Santo nem siquer chegou á Quaresma.... mas vede lá como este senhor paga os favores que lhe fazem, brigou comigo porque lhe não deixei espaduar o meu lasão como tinha feito ao seu ruço.

— Ora isso são coisas passadas...

— Não he tanto assim, rachador! quinze dias ha que tivemos huma briga forte por causa deste lasão, que ahi estás vendo; eu t'a conto. Logo que chegamos das Minas, assim em modo de fugida, como tu sabes, tudo andava em aprestos para a nova jornada, e não houve homem que pela idade se escusasse, ou que fosse pesado por velhice, ou verde por falta d'annos; assim, eu, e o guia não foi preciso bando, ou deligencia para que nos armassemos, já se sabe, a nossa custa, porque nesta guerra de capricho não entram cofres de rei, nem mandados de seu general; mas quando eu menos esperava, entra-me o guia pela porta com aquella labia...

— Tenha mão, senhor Braz dos Anjos! não foi com labias, que você me emprestou o lasão em Guaratinguetá....

— Nem eu digo menos, porem achastel-o doce no andar, e querias vêr se o apanhavas outra vez? nessa não hei de cah r eu, meu contador de historias!....

— Ora vede como passaram as coisas, disse o guia passando adiante de Braz dos Anjos; todos nós estavamos corridos da jornada das Minas, e como se ajuntava gente para a segunda partida, e eu tinha de ir tambem...

— Já sabemos isso, vamos adiante.

— Fui pedir o lasão, emprestado não, mas em troca de serviços do meu ruço...

— Que não póde com seus ossos... porque não ias tu n'elle?

— Todos o sabem; eu sempre faço mais leguas, do que vocês, que vão em marchas de tropa; depois, talvez fosse mister huma marcha forçada, huma descoberta prompta, ou huma...

— Artimanha de guia, de nos levar lá por huma travessia...

— Se eu não fosse, talvez que teus filhos não tivessem pai a esta hora! tu eras capaz de semelhante, fallador de mil demonios!!

— O guia tornou-se de orgulho, depois d'aquella estranha diabrura!

— Estranha diabrura lhe chamas tu, Braz dos Anjos? pois, olha, diz Amador Bueno, e outros muitos dos bons e melhores, que se não fôra eu haviamos de ter grande perda...

— Porem antes ficar lá nas Minas com duas balas na cabeça, do que vir a esta terra com cara de tolo.... e eu ue deixei os meus animaes em mão de outro para me ir com elle por causa de chamusco.. Ouve lá, guia, que chamusco me promettestes tu n'aquella noite de chuva, quando deixamos a estrada!

— He que eu o esperava, se o não houve que queres que te faça?

— Bem fiz eu, disse o rachador, que não quiz saber de caminhos de travessa, e fui seguindo, apezar de não levar animaes na comitiva; agora quando nós formos em paz, como manda o senhor rei, tenho minhas tenções de passar pela fazenda do tal boaba...

— Que te não ha de tratar como nos tratou a nós, meu amigo.

— E então porque? guerra com elle, se não quizer paz! eu serás tu melhor do que eu?

— Não me entendes; quando lhe passamos pelo terreiro haverá hum mez, ou dous, eramos muitos e armados, e tu has de ir só e sem armas.

— Sem armas eu? hum paulista, o rachador?! tu estás brincando.... pois metteo-se-te nos cascos que me desvaneio muito com esta *visita* do senhor Rei?

(Continua.)



Huma parte da povoação de Pellotas, subindo pelo caminho do porto.

Rio Grande do Sul.

CIDADE DE PELOTAS (*).

A 7 leguas da cidade de S. Pedro, por mar, e 11 leguas por terra, vista a necessidade de rodear o reconcavo, existe a nova e populosa cidade de Pelotas: exemplo espantoso da rapidez com que marcha a população e se desenvolve a prosperidade do novo mundo, quando acha proporções relativas. A freguezia de S. Francisco de Paula, nome primitivo da cidade, subsistindo ainda entre o vulgo, deve sua creação á D. Diogo de Souza, governador e capitão general do Rio Grande, o qual, na volta de sua campanha do Uruguay, em 1815, formou ali hum acampamento, a que acudiram logo alguns mercadores que foram os primeiros povoadores (**): assistimos, para assim dizer, ao nascimento d'aquella cidade, e pouco mais de vinte annos bastaram para fazer, de huma aldêa insignificante, constando sómente de huma modesta capella, rodeada de algumas casinhas baixas, huma villa sumptuosa, composta de edificios apparatosos, alguns ornados de todo o luxo da Europa. Aonde tinhamos visto hum só mercador, resto d'aquelles que seguiram a tropa, ajuntaram-se mais de 300 negociantes, manejando hum commercio que ia todos os dias em augmento, quando os estragos da guerra vieram suspender seus progressos.

A cidade de Pelotas ergue-se n'hum terreno alto que principia da margem esquerda do Rio de S. Gonçalo, e se estende entre os rios Pelotas e Santa Barbara; seu prompto adiantamento resulta de sua proximidade das charqueadas, e por consequencia da coadjuvação dos charqueadores, homens abastados e geralmente dotados de disposições liberaes; a vontade d'elles era, com effeito, sufficiente para operar a transformação que se tem notado: elles quizeram que o lugar prosperasse, e o lugar prosperou; cada hum d'elles tem ali sua casa urbana: e quando, nos domingos e dias santos, a população das charqueadas ajunta-se na cidade para assistir ao serviço divino e depois se espalha em visitas reciprocas ou em procura das fazendas que as lojas ostentam com igual aceio e abundancia, he difficil fazer-se huma idéa do ar de vida e de opulencia que respira então a cidade de Pelotas. Erraria quem pretendesse applicar-lhe os dados recebidos pelas outras cidades de segunda ordem; o aspecto d'essa he inteiramente excepcional, por isso que depende da posição social de sua população e de suas relações commerciaes: a par do carro popular, tosca testemunha da antiga industria local, anda o ligeiro carrinho de construcção europea, como tambem entre os cavallos arreados de prata, luxo especial dos homens do paiz, apparecem ginetes ricamente ajaezados com selins bordados por mãos inglezas e montados por senhoras que não cedem em elegancia e boas maneiras ás mais graciosas parisienses. Não será esta descripção arguida de aduladora ou tomada como excesso de cortezia; são geralmente conhecidos o gosto delicado e a formosura natural das brasileiras, e todas as pessoas que frequentaram o Rio Grande, sabem perfeitamente que as senhoras d'aquella provincia não tem nada que invejar ás suas irmãs, tendo talvez por complemento de attractivos o garbo e facilidade que lhes dá o costume de andar a cavallo desde a idade mais tenra.

As ruas principaes da cidade de Pelotas seguem quasi todas huma direcção perpendicular ao Rio de S. Gonçalo; são largas e direitas, com suas competentes lagedas no correr das casas: ventagens que partilha com todas as villas recentes do Brasil e que prova, salvo o respeito que devemos a nossos antepassados, que as autoridades municipaes occupam-se hoje mais do que d'antes da regularidade de nossas moradas, que não perdem nada em serem mais vistosas e mais arejadas. A cidade parece tender a se approximar do Rio de S. Gonçalo, e quando chegar a estender seus cáes sobre a margem d'aquelle rio magestoso, com o qual está já em communicação pelo porto aonde descarregam ás embarcações que lhe são destinadas, e pelo *Passo-Rico*, ou *Passo dos Negros*, que se póde considerar como hum suburbio, a cidade

(*) Extrahido da NOTICIA DESCRIPTIVA DA PROVINCIA DO RIO-GRANDE DE S. PEDRO DO SUL, por *Nicolau Dreys*.

(**) O auctor informou-se a este respeito redondamente mal. A margem esquerda do Rio de S. Gonçalo, no passo das Neves, e ao depois passo rico, estava cheio de charqueadas, e alli estabelecidos os maiores capitalistas, e com bellos edificios, depois de muitos annos; custava-lhes virem á sua matriz, á distancia de sete leguas pelo menos, e por isso projectaram e crearam huma nova freguezia; depois de varias duvidas sobre se se erigiria no logar á margem do Arroio de Pelotas ou no Capão do Leão ás bordas da Lagoa dos Patos, prevaleceo o sitio em que hoje se acha, e medrou desde logo, por que tinha já em si os elementos de uma população numerosa e escolhida, e com grandes cabedaes.

Nem D. Diogo de Sousa formou jámais acampamento no sitio, hoje cidade de Pelotas. Recolhendo-se da campanha de Monte-Vidéo em 1812, e não em 1815, como erradamente diz o auctor, fez alto na nossa fronteira, e alli despedio-se, e debandou o exercito, seguindo o general Marques com sua divizão para a fronteira do Rio Grande, e o general Curado com a sua para a do Rio Pardo.

(Extr. da Rev. do Inst. Hist. Geog. T. 2.)

de Pelotas, que já tomou lugar entre as cidades as mais aceadamente edificadas do Brasil, poderá ser contada como huma das mais importantes praças do commercio, supposto o caso provavel e desejado do restabelecimento da paz domestica e da continuação dos progressos no paiz.

A pouca distancia da cidade, e rodeando-a como hum centro, estão as charqueadas do Rio Grande, prolongando-se, pela mór parte, ao longo da costa do Rio Pelotas, que já foi indicado como hum dos affluentes do S. Gonçalo. Tão visinhas estão ellas da cidade que pouco mais de duas leguas a separam da mais affastada; as outras charqueadas occupam as margens do Rio de S. Gonçalo e do Rio de Santa Barbara, formando cada huma d'ellas hum circulo de população especial, tão vasto ás vezes e encerrando hum numero tal de brancos, de aggregados e de negros de serviço, que parece, á primeira vista, huma verdadeira aldêa com suas ruas e sua capellinha, cujo campanario domina em certas charqueadas as diversas moradas dos habitantes.

GRUTA DO INFERNO.

DESCRIPÇÃO FEITA PELO DR. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, EM CUIABÁ.

Subindo o morro do Presidio, situado na latidude austral de 19º 55', e longitude de 320º 1' 45", conforme as observações dos mathematicos já referidos no anno de 1786, e a 200 passos distante do rio se acham duas grutas ou cavernas rectangulares, mas divididas por huma pedra grande, que forma as suas abobadas, de 50 palmos de comprido, e 25 de largo, d'onde pendem muitas pyramides agudissimas de 6 a 8 palmos de altura, formadas de congelações. Ricardo Franco de Almeida Serra, sargento-mór engenheiro, que do Rio de Janeiro havia acompanhado o general Luiz de Albuquerque, e sendo já tenente coronel no anno 1796 succedeo no interino governo da capitania por fallecimento do seu general João de Albuquerque, foi o primeiro dos escrutadores d'ellas, e quem primeiro as descreveo, dando o nome de *Gruta do Inferno* ao lugar, por achal-o escurissimo nas horas mais brilhantes do dia. O philosopho naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, que acompanhára os sobreditos mathematicos da expedição, por ordem positiva entrou segundo no exame d'aquella maravilha e do Presidio, cujas pinturas foram por elle descriptas em carta de 5 de maio de 1791 ao General João de Albuquerque, como se vê.

« Como V. Exc. me tem sempre permittido a liberdade de fallar na sua presença o que philosophicamente sinto, até eu mesmo, que de fortificação nada entendo, notarei os inauferiveis defeitos que aquella tem. Porque, sendo ella huma paliçada rectangular, que nem no quadro a metteo quem a construio com as quatro cortinas flanqueadas cada huma por seu baluarte chato, a saber: a da frente, que olha para o sul, pelo baluarte Santa Anna: a da retaguarda ao Norte, pelo baluarte S. Gonçalo; a do lado do nascente pelo da invocação de S. Thiago; e a do poente pelo da Conceição: e estando aquella estacada encostada a escarpa de huma collina, que abeira na margem occidental do rio, entre duas trombas, que faz a referida collina, tanto aquellas duas trombas como o vertice da collina são outros tantos padrastos que a dominam, de maneira que á pedradas se póde de cima d'ella offender a guarnição.

« A situação geographica do referido Presidio foi determinada pelos doutores astronomos da expedição do 1786 na latitude austral de 19º 55', e na longitude de 320º 15'. Tambem então se reconheceo que tinha aquella collina meia legua de comprimento N. S., e um terço de distancia da sua maior grossura. Da outra banda do rio, a alcance de um tiro de canhão de calibre 4, fica outra collina dominante, que tambem abeira no rio; e essa é a razão por que aquelle angusto canal, que medeia entre ambas as collinas, chamavam os antigos sertanistas, quando por alli subiam — Fecho dos morros —; e sendo então certo que por mais guarnecido que seja semelhante passo, nenhuma necessidade tem os hespanhoes de por elle passarem, caso que queiram subir aos nossos estabelecimentos.

« Por ambas as suas margens se derrama o Paraguay, quando cheio, em vastas lagôas e pantanaes, por onde se póde navegar muito á vontade na maior parte do anno, como eu mesmo naveguei com canôas carregadas, seguindo viagem sempre pelo campo desde que voltei do Presidio para cima, até vir sahir ao morro do Rabicho, quasi 5 leguas abaixo da povoação de Albuquerque; e isto com a vantajosa differença de se abreviar muito mais a viagem, porque se não perde tempo em seguir as voltas que faz o andamento do rio, sendo aliás tão grande a sua alagação que, segundo a reconheceram os

sobreditos empregados na referida expedição de 86, comprehende 80 leguas de N. a S., isto è da foz do Jauru até a barra da Bahia Negra, 40 de largo do nascente ao poente, sobre ambas as margens do Paraguay, comprehendendo grande parte dos rios Mondego, Taquary, S. Lourenço ou Porrudos, e Cuiabá, que entram n'elle pela sua margem de Leste.

« A mesma Gruta do Inferno (que assim ouvi chamar a quem a descreveo, o sargento-mór Ricardo Franco de Almeida Serra) é outra armadilha, de que creio que até o presente não tem lançado mão o gentio, por não ter dado fé d'ella. Para examinal-a, a cumprir as soberanas ordens de Sua Magestade, que por V. Ex. me foram intimadas, sahi d'aquelle Presidio pelas oito horas e meia da manhãa de 4 de abril, embarcado em canôa ligeira, e equipada; e com huma hora e quarto de caminho que fiz, rodeando a dita collina, pela parte do norte, cheguei ultimamente ao porto de desembarque, d'onde gastei ainda hum quarto de hora a fazer huma picada ligeira, e andar a distancia de boas 19 braças e meia entre humas quatro e meia de terreno plano e coberto de mato, que andei pela base da collina, e as quatorze e meia de escarpa, que subi, até a boca da mencionada gruta.

« Está situada na contraponta do morro que olha para o norte; e a interposição de huma grande pedra a divide em duas, ambas rectangulares; porém a primeira, que he inferior, tem 11 palmos de comprimento ao rumo de nascente, e 8 de largura; e a segunda, que he a superior, por onde entrei, tem 10 palmos de comprimento E. O., e 7 de largura. Pelo que mostram ambas ellas, ninguem póde ajuizar do que dentro em si he semelhante gruta. O mesmo sargento-mór Ricardo Franco de Almeida Serra, quando n'ella entrou, e a descreveo, não a vio em toda quanto he a sua extensão e magnificencia. Pelo que, se alguem até agora tem parecido encarecida a sua descripção, he porque a ninguem occorreo examinal-a como deve ser, para vir no conhecimento do quanto ella he realmente superior a todo o encarecimento. Não he como a celebrada Gruta das Onças, onde, exceptuada a grandeza, nada ha mais que ver senão agua, entulhos e morcegos: porém, até na grandeza a deixa muito a perder de vista a Gruta do Inferno, digna certamente de hum mais apropriado nome que este, posto por quem a vio primeiro, que sem duvida se horrorisou da sua escuridão e profundidade.

« Para ver-lhe o fundo, me conduzi com muito geito por huma precipitada escarpa á baixo, até dar comigo na profundidade de 190 palmos, sendo aquella escarpa hum enormissimo entulho de pedras abatidas da abobada, que constitue o tecto da gruta, por onde está sempre pingando agua. Marchavam adiante de mim doze pedestres com outros tantos archotes, que eu providentemente havia mandado fazer, não só para me guiarem os passos ao descer por hum tão tenebroso precipicio, mas tambem para illuminarem a gruta, de maneira que podessem ver a vontade ambos os dezenhadores que me acompanhavam, para a figurarem como convinha. Porem, tão grande se foi ella mostrando e tão temerosamente escura, que espalhando-se as luzes, apenas via cada qual o precipicio de que escapava, se bem que assim mesmo nos conduzimos sem a menor lesão, até chegarmos ao seu verdadeiro fundo.

« Eis aqui onde a natureza me tinha preparado o maravilhoso espectaculo, que recompensou dignamente tanto o meu perigo, como o meu trabalho. Porque olhado á primeira vista o todo, depois de distribuidas as luzes em proporcionadas distancias, representou-se-me huma mesquita subterranea, e observadas as suas partes, cada huma d'ellas fazia saltar aos olhos huma differente prespectiva. A que do fundo d'aquelle grande salão se offerece á vista do espectador collocado á entrada d'ella, he a de hum magnifico e sumptuoso theatro, todo decorado de curiosissimos stalactites, huns dependurados da abobada, que constitue o tecto, á maneira de outras tantas goteiras fusiformes, curtas ou compridas, grossas ou delgadas, redondas ou compressas, simplices, bifurcadas, ramosas, tuberosas, verrucosas, etc.; outras sahindo do pavimento, á maneira de pilares, columnas, columnellos lizos ou canellados, pavilhões de campo, e hum tão grosso, que dois homens o não abarcam. Ao lado esquerdo da mesma sala se deixa ver, como debruçada sobre ella, huma soberbissima cascata natural, com todas as suas pedras cobertas de encrustações espatosas e calcareas, que vivamente representavam alvos borbotões de espuma das aguas precipitadas d'aquella altura. Em outra parte porêm do mesmo lado parece que a natureza se moldou no gosto da architectura gothica. Por todo esse lado estão espalhados diversos labyrinthos, cada hum dos quaes de per si constitue huma curiosissima gruta: tem aquella sala a sua linha de direcção lançada

ao rumo de leste, que he o mesmo que segue o interior de toda a gruta, com differença de ser cruzada. Pelo que segue a bocca inferior, vio-se que tão sómente o salão, incluida huma recamara sua, tinha de comprimento total cincoenta e huma braças. Todo o seu plano, que aliás era irregular, se havia então convertido em um lago d'agua salôbra, porem clara, fria e crystallina; e reconheceo-se que pouco ou nenhum curso tinha, por estar represada pela enchente do rio.

« Como n'estes e n'outros reconhecimentos se passaram as quatro horas, que decorreram desde as dez da manhãa até as duas da tarde, succedeo que se consumissem os archotes, e a diligencia de configurar o que alli vi, que era o mais notavel, ficou reservada para o seguinte dia. Voltámos com effeito, já então acompanhados do mesmo sargento-mór commandante, e de algumas praças da guarnição, que quizeram presenciar as maravilhas que lhes contavamos: porém desta segunda vez fomos tão mal succedidos como da primeira, porque a gruta ainda conservava o fumo que lhe havia deixado a illuminação do dia antecedente; e outros novos archotes, que se haviam feito, sahiram delgados, e tão mal breados, que apenas davam huma luz muito escassa. Ultimamente as fogueiras, que então lembrou acender para substituirem os archotes, acabaram de a defumar de todo, que nem o fogo podia alluniar, nem nós podiamos respirar.

« Terceira vez voltaram á ella os desenhadores, que foi quando se apromptaram uns cacos cheios de azeite, que generosamente deo o mesmo sargento-mór para servirem de luminarias, as quaes pouca luz deram, porem a que foi bastante para se tirarem os dois prospectos que tenho. Póde n'aquella gruta aquartelar-se á vontade um corpo de até mil homens. Nenhum vestigio achámos de ter alli entrado outra qualidade de gente junta, senão a da expedição passada. O que vimos alli de alguma sorte alterado, mostrava que o havia sido por mão curiosa: porem dos conhecidos signaes que costuma deixar o gentio nenhum achámos.

« Pouco depois da sobredita entrada, indagando novamente a gruta o tenente coronel Joaquim José Ferreira, achou que de huma das camaras referidas no fundo d'ella se passava á outra de grandeza e curiosidade não inferior. Depois de Ferreira descobrio o ajudante Francisco Rodrigues do Prado, que actualmente commandava o Presido de Coimbra, outra não menor contigua, e communicada da mesma fórma com a precedente, como noticiou na historia dos Indios Guaycurús ou cavalleiros, escripta em 1775. »

CONSELHO.

A nenhum principe justo lhe será aspero admittir conselho, suppondo que o he preciso tomar; as qualidades que ha de ter hum bom conselheiro, as discorreram Platão, e Aristoteles, porem com breves palavras, e não melhor, que Scipião Amaratico, e são: saber, querer, e attrever-se, sufficiencia, e vontade a supponho em todos, e ao valôr, e he necessario, que o soberano ajude com a sua benignidade, porque ha sujeitos, que sabem, e querem, e não se attrevem a esforçar a razão; e temendo desgostar ao poderoso, não dizem o que sentem, se não o que lhe mandam; esta contradicção se ha de fazer sem temor; porem com submissão, e reverencia, tendo discreto silencio quando convenha, e cortez linguagem quando haja de fallar, prendas que achou Theodorico em hum valido seu, e Quinto Curcio em Ephestião privado d'Alexandre Magno.

Dura coisa parece perder a vida, fazendo por dar hum bom conselho a quem o não quer; porêm com esta carga se toma o officio, e o remedio se não ha de mister, se não para o tempo da enfermidade; quando está são o entendimento não sabe outro caminho, que o da razão; quando está achacoso necessita de medico, e aquelle que cumprir com a sua obrigação, he melhor o que he menos piedoso: não he de crêr corra risco a pessoa, nem a fazenda, que os principes christãos, como dizia el-rei D. Affonso d'Aragão, estão mui bem com os ministros, que antepõe o temor de Deos ao seu, ainda que então não seja gostosa a verdade, e pareça desacato a resistencia, depois se reconhece por lealdade.

A faculdade que hão de professar os conselheiros, as materias que houverem de ser consultadas o dirão. D'agricultura sabe o lavrador, e de ventos o marinheiro; seja exemplo o de Alexandre Severo, que buscava as noticias em quem devia tel-as. Em o soldado as armas, em o letrado as letras; por que he curta a vida, e limitada a capacidade humana, para comprehender todas as faculdades com aquella perfeição, que deve tel-as, quem ha de aconselhar ao soberano: consulte em justiça e consciencia theologos e letrados; em a milicia soldados; falle

a cada hum em lingua, que se entenda, se não será a torre de Babel, trabalharão todos, gastarão os materiaes, e confundir-se-ha a obra.

Qual será a idade proporcionada para conselheiro? nenhum ha deixado de preferir com razão os anciões, por que o branco das cãs em o homem he o sasonado da fructa em a arvore: em muitos annos se ha visto muito, e das experiencias (se se observam com bom juizo) nasce o melhor conselho, porem não ha de ser demasiada a idade, por que os annos tanto fazem onde sobram, como onde faltam.

Os conselheiros hão de ser grandes senhores, assim o imaginou Cassiodoro; diz Juvenal de que serve o bom apellido, se não n'aquelles que para seguir a virtude fazem empenho da nobresa? e estes devem ser preferidos para os postos; por que planta conhecida, parece impossivel, que dê máo fructo.

Os fructos se distinguem, o bom dá saudavel gosto, o máo nem he saboroso, nem util. Onde poderá estar mais o segredo, que em hum grande senhor, em o qual se não poderá descobrir? donde está mais fixa a lealdade, que adonde se aventurára tanto em a perder? donde fará mais bateria o interesse, que adonde não ha necessidades? e assim, se disserem, que todos são homens, qualquer coração não tem lugar os affectos para estragar as obrigações, e não faltam exemplos, que se caducam os montes, que farão as chossas; se em borrasca pequena se perde a capitania, quem pensará salvar-se em hum navio pequeno, ou patacho.

(Mns. da Bibl. Pub.)

A GUERRA DOS EMBOÁBAS.

ROMANCE HISTORICO.

(CONTINUAÇÃO DO CAPITULO VIII.)

— Pois olha, bulio-me cá no coração esta lembrança do senhor Rei, esta sua determinação! Aquelle furor desmedido, que me levou á vingança, secou de todo, e me parece que chegando ás Minas dou hum abraço no primeiro boába, que topar....

— Tanto não farei eu, disse Braz dos Anjos, porem já se me acabou boa parte do odio que me faziam esses homens, só olhando-os.

— Tu, e o guia, sois huma parelha forte... Mas, deixemo-nos de disputas, e vamos ao que serve; entonces, camaristas e nobres são os que devem ter a honra de figurar na festa; e nós que tivemos o trabalho na jornada.... por que se não fôra ella, cá não vinha o senhor Rei mesmo em...

— Mas, que tens tu com isso, rachador? não te dá grande abalo a visita, como queres metter-te com a festa?! deixa-a com o senado, e os nobres....

— He isso, deixa-a comnosco, e fica-te de fóra em guerra com os boábas, pois que queres ir ás Minas armado, contra as determinações do senhor Rei, e de seu governador Antonio de Albuquerque Coelho.

— He outra coisa que não posso tragar! disse o rachador batendo com os punhos fechados; que se mandasse hum outro para nos dar este aviso do senhor Rei, bem estava; mas Antonio de Albuquerque...

— E que outro, senão o governador, podia mandar-nos as determinações lá do Reino?!

— Eu t'o digo; Amador Bueno da Veiga...

— Isso era tratar com levantados, homem! por que, aqui que ninguem nos ouve, nós, os que fomos ás Minas, não podemos em boa conta ter outro nome.

— Que te leve sa'anaz, e mais a lingua! Paulista serás tu, por nasceres em S. Paulo; mas filho de Paulista, não! tu és atravessado por força: olha, bem sabem os de lá do Reino quanto valemos, e he por isso que se nos fazem estes mimos, por que vontade de nos mandarem hum carrasco, e huma alçada não falta. Ora bem, se quizeram levar-nos ás boas, bem faltos de sizo são os que lá além mandam, pois que se em Guaratinguetá tão mal tratamos a Antonio de Albuquerque Coelho; se como he de esperar tão grande sentimento houve elle da que chamavam nossa desobediencia, como he que ha prudencia em fazer este homem terceiro entre nós reveis, e as determinações do senhor Rei?! Ou elle se pagará das affrontas que lhe fizemos, e então...

— E então?

— He huma traição vil, que nos fazem!

— Não te dê cuidado, por que Albuquerque Coelho não tem caracter para semelhante; se fôr como hum seu parente, que tratamos nas Minas, fico por elle: demais, nem elle se abalou do Rio para vir trazer-nos este presente do senhor Rei...

— Talvez, que isso seja calculado, guia? eu cá para mim entendo, que se ha crime no que fizemos, he preciso castigo; e ao contrario fazem-nos festas.... tenho meus receios.

— Pois não dissestes, que lá os do Reino

sabem o que valemos, homem?! como diabo queres que te entenda, se estás despropositando! Fazem-nos festas, porque lhes não convem nossa raiva; mas que por Antonio de Albuquerque nos queiram atraiçoar, não creio eu em semelhante.

— Antonio de Albuquerque Coelho he hum boába como os outros; onde foi que topastes hum que se diga benza-te Deos?

— Nas Minas, rachador! dois á mingua de hum; n'aquelle dia, em que largamos a estrada geral....

— Ahi vens tu contar-nos maravilhas dessa jornada de travessa...

— Não quero fallar da jornada, mas dos acontecimentos della, rachador! Ouve, se queres, se não vai-te.

— Anda lá, falla, que se não fallas morres de desgosto.

— E's hum atravessado, já t'o disse; sempre contarei em quanto não começam as festas lá dentro, porem só porque Braz dos Anjos aqui está...

— Pois ainda tens pensamentos sobre o o lasão?

— Braz dos Anjos, disse o guia voltando as costas ao rachador, não te lembras d'aquella manhãa de folganças, tendo-te promettido eu chamusco ao nascer do sol? Pois a primeira causa de toda aquella regalada festa e comezaina fui eu, e depois hum boába...

— Heim, como he lá isso? tu, e depois hum boába, guia! pois travaste relações de importancia?

— Vai ouvindo; aquelle fazendeiro, Braz dos Anjos, sabia eu ser parente de Antonio de Albuquerque Coelho, e demais inimigo de Amador Bueno, por causa de hum pleito de pouca monta para pobres, mas que lá os de alto pensamento tem em muita; ora por isso te chamei eu, não só por te conhecer os brios, mas ainda porque te havias offerecido: agora dize tu como nos tratou elle, quando lhe chegamos ao terreiro, Braz dos Anjos...

— Não he preciso, meu amigo, interrompeo o rachador; se vos tratou bem, não foi por ser bom, mas porque tinha medo; assim vamos ao segundo que tu lá encontrastes nas Minas: não me estejas franzindo o sobr'olho, porque tu mesmo o dissestes ha pouco, quando me lembrei de lhe passar em casa na minha proxima ida ás Minas.

— Valham-te mil demonios, que sempre estás a repisar as palavras dos outros!....

— Anda, guia; não faças caso dessas bagatellas: vamos ao outro boába, ao outro homem que tu encontraste lá na tua jornada de travessa.

— Era hum excellente boába, e o que mais he, bem perto estivemos delle no Rio das Mortes; era o commandante do fortim Ambrosio Caldeira. ..

— O cabeça dos boábas!?

— Não, o seu chefe no Rio das Mortes.

— He o mesmo, que eu quero dizer; hum tratante refinado, hum boába de mil demonios... Mas, como fizestes conhecimento com elle?

— Eu t'o digo; haviamos chegado ao terreiro da fazenda de *** onde fomos recebidos como de casa, eis senão quando chega huma mulher já velha, que pede fallar com o fazendeiro; d'ahi a pouco sahiram alguns negros, antes do que, levou o tal boába da fazenda a conversar com Amador Bueno hum bom pedaço: cousa de tres horas depois entram outra vez os negros carregando ás costas hum homem todo coberto de sangue, e desfallecido...

— Ah! agora me recordo de huma historia do Penteado, que tanta bulha fez; o rapaz estava de fogo com a boa fortuna dessa noite.... Mas, tu vistes o homem, guia?

— Fallei com elle, e tudo me veio de sua bocca....

— Má lugar; adiante.

— Entonces, aquelle homem ferido, que atravessou o terreiro da fazenda, esse tal he o da historia do Penteado?

— Sem tirar, nem pôr; era nosso conhecido porque o encontramos sobre as muralhas do forte.... porem vamos ao caso; esta velha trazia huma boába, rapariga dos seus dezoito annos, que vinha seguindo o exercito até S. Paulo por causa de hum ajuste de contas com o Penteado; encontrou ella no caminho com Ambrosio Caldeira, e como soubesse desta fazenda deixou a rapariga prestando alguns cuidados ao pobre homem, e botou-se a caminho para vir pedir ao fazendeiro soccorro: houve suas duvidas entre Amador Bueno, e o dono da casa sobre o deixar ir os captivos, mas não só a velha, que eu não quiz ver porque tenho minha zanga com mulheres, especialmente velhas e boábas... mas não só a velha, como o fazendeiro tanto disseram que Amador Bueno deixou-se tomar de piedade.....

— Isso he molestia delle.

— Pois sim, teve pena do homem e consentio em mandal-o buscar; dando ordem á tropa de se

ter em armas, porque o exercito dos boábas não vinha longe: começou tambem a marcha pouco depois a instancias da velha, e do fazendeiro, dando fortes razões para que assim o fizessemos: e o mais he que segundo ouvi ao general, a tal velhinha sabia de todos os caminhos tanto, ou mais do que eu, e depois fallava como hum douctor, tanto que reduzio o general a cazamenteiro.....

— Mas, falla-nos do boába, e deixa a velha.

— A historia da velha está junta com a de Ambrosio Caldeira; a de Ambrosio Caldeira com o Penteado; o Penteado com a moça....

— Jesus! onde vais tu com essas filiações?!

— He do caso, Braz das Anjos; tu não sabes de nada porque fostes marchando: pois ouve, que has de gostar....

Dispunha-se o guia a proseguir, quando foi interrompido por hum susurro de vozes, e quasi toda aquella multidão se voltou de subito para defronte de huma grande casa, que sobre sahia entre todas as da praça; depois houve hum reboliço, e confuzão espantosa, por que o povo que ficava por detraz dos tres paulistas forcejava por caminhar ávante, outros empurravam estes em sentido contrario, de sorte que mais de hum ficou perigosamente maltratado, sendo hum delles. Braz dos Anjos, que dispondo-se a montar o lasão, desastradamente lhe poz este huma pata em cima da sua, que o fez vêr estrellas com o sol alto.

— Foi castigo! disse o guia chegando-se do ferido; se eu o tivesse espaduado nas Minas como fiz ao meu ruço, não te havia elle de maxucar hoje; porem tu não quizestes.... foi castigo.

— E assim fallando, procurava a judar Braz dos Anjos a cavalgar, o que não consentiam ondas do povo, levando-os, e ao lasão diante de si; depois ouvio-se huma voz esganiçada gritar dentre a multidão:

— Arreda! arreda!! dai caminho ao senado da camera!

E o povo foi-se abrindo, deixando huma larga rua por onde seguiram os officiaes do senado da camera, com suas insignias e ar respeitavel até de junto da grande casa, de que temos fallado; depois que entraram, o mais velho de todos depoz sobre huma mesa coberta de velludo carmesim franjado de oiro huma caixa de preciosa madeira lustrosa, com seus embutidos, e feixos tambem de oiro, a qual tinha mais de comprido que de alto e largo: então se assentaram todos e hum homem vestido de preto com sua beca, e bacalháos, desenrolou hum pergaminho, e começou a ler nesta substancia:

— Aquillo de que mais se prezam as cidades, e os povos, senhores, he o justo merecimento, em que os tem seus suberanos, e o gualardão que lhes faz; a sua gloria, e felicidade está muitas vezes em huma palavra, em huma lembrança bem pequena, que gera largas consequencias, e produz milhares de beneficios; e nós hoje somos segura prova de quanto acabo de dizer, como em summario vereis. Fique em silencio aquella intrepidez, e coragem com que nossos irmãos foram por tantas vezes, em riscos graves de vida, devassar as entranhas desses sertões perigosos; fique de parte a lembrança dos grandes adiantamentos, que taes descobertas trouxeram áquelle que nos governa e manda; e por fim não se falle na lealdade tantas vezes manifestada pelos filhos de S. Paulo, lealdade á lei, ao Rei, e a todos! silencio sobre quanto valemos, que não ha mister manifestal-o com palávras, quando temos huma tão grande prova em a honorabilissima offerta do senhor Rei. Se a longitude das terras tanto demorou nossa justiça, hum dia chegou pois, em que fomos ouvidos, e este dia ficará para sempre nos corações de todos os paulista, desde o mais humilde, até o mais graduado; ficará perpetuo n'aquelles corações que hontem pulavam com desejos de vingança, hoje mansos e satisfeitos, por que animos generosos deixam-se vencer com o mais leve affago: que virtude de generosidade he aquella que perdoa levissimas offensas? e que direis e pensareis de hum homem que todos os dias experimenta hum desgosto, todos os dias hum insulto, todos os dias huma ferida grave e profunda.... e depois com placidez, sem rancor occulto, ou refinada perfidia esquece do fundo d'alma tantas injurias, tantos crimes, tantas injustiças, e isto porque hum affago lhe moveo o coração?! direis tambem que este homem he generoso?!! pois eu quizera huma outra palavra para nomear este engrandecimento da virtude já que ess'outra os tempos a estragaram. Levou-nos a valentia a descobrir as Minas; de lá nos lançaram mal intencionados; a vingança armou nossos braços, e huma palavra de nosso Rei, huma demonstração de seu amor para com nosco lançou por terra nossa ira e nossas armas: reunidos neste senado da camera, nós o povo, o clero e a nobreza vamos assistir ao magnifico acto da

elevação da efige de nosso soberano, que de tão sublime maneira desarmou nossas mãos rebeldes, porque, senhores, com effeito não estava em nossas mãos o direito de nos vingarmos; offerta sua he este retrato de tão excellente principe, offerta, que sensibilisa nossos corações, porque dizem em sua linguagem muda: Tomo-vos sob minha protecção a vós, que recebesteis injustiça em meus ministros! offerta, que de alguma sorte nos faz corar de pejo porque aquella parede onde vai ser collocado, nua, e deserta, já de ha muito o devia ter, para que assistisse ás discussões deste senado. Suba pois ao mais alto deste capitolio para que em sua vista se nos acrisole aquelle amor e lealdade que lhe temos.

Mal que terminaram estas palavras, o mais velho dos officiaes, e que servia de juiz, tomou a caixa, e de dentro tirou hum retrato, que foi em muldurado ricamente segurando-o depois todos para ser collocado em a parede fronteira a porta da entrada, o que se executou ao som de muitos instrumentos de muzica; e ao tempo que o suspendiam, o mesmo homem, que fallara chegando-se a huma das janellas, que davam sobre a praça, bradou para o ajuntamento numeroso:

— O muito alto e poderoso senhor Rei.....

E o povo prorompeo em altos vivas, e demonstrações de regosijo, que suspenderam as palavras do secretario da camera.

— Canalha do inferno! disse o guia estendendo o braço com força na direcção da casa do senado; tinhamos hum discurso talvez, e aquelle que os sabe fazer de estrondo... mas estes paspalhões começam de berrar, e o homem foi-se para dentro!

— Porém, olha, disse o rachador, ahi vem elles todos.

E com effeito, aquelles que haviam sido convidados para o auto, ou que por direito lhes competia a assistencia vieram todos occupar as janellas da casa; depois todo o povo começou de voltar as costas para ahi, e dar attenção a huma formosa cavalgada, que sahindo por huma das ruas vinha desembocar na praça, onde todos estavam; e depois de ter dado huma volta inteira á roda, estabeleceram huma corrida de canas coisa muito applaudida, estimada, e uzual por estes tempos em regosijos publicos. E como tivessem findado estas alegrias por assim dizer profanas, sahio o senado da camera, o clero e nobresa, e seguidos pela multidão foram acabar de solemnisar tão faustoso dia por um Te Deum que se cantou com magnificencia.

Ao tempo que todos sahiam da igreja, e Braz dos Anjos mancando, encostado no hombro do guia procurava o lasão, que deixára amarrado, o rachador atropellando por entre o povo agarrou nas abas do gibão do goiaba, e tirando por elle:

— Alto lá, que te não deixo ir assim, meu caro, disse com voz de rebentar ouvidos; o padre disse que de hoje em diante mais ninguem se lembrasse de quanto passou nas Minas, que não era permittido fallar em taes acontecimentos..... ora eu que quero saber como foi aquella historia do boába honrado.....

— Curou-se, e foi para o Rio das Mortes, respondeo o guia.

— E a velha que o encontrou, e que trazia a rapariga cá para S. Paulo, que....

— Foi com elle.

— E a rapariga.....

— Casou com o Penteado.

— Entonces tudo isso assim secco?....

— Não ouvistes o padre? não disse elle que se acabou a guerra com o retrato do senhor Rei?

— He verdade, foi huma lembrança de Rei, disse Braz dos Anjos.

— Foi huma lembrança de Rei, repetio o rachador enterrando o chapéo na cabeça.

FIM.

ESCRAVIDÃO LEGAL DOS CAHETE'S.

— 1557 —

O martyrio do 1.º bispo do Brasil D. Pedro Fernandes Sardinha, e de seus noventa e nove companheiros, praticados pelos Cahetés no dia 25 de fevereiro de 1557, horrorisou os homens e a natureza: aquelle chão regado com o sangue dos martyres, esterelisou-se, servindo (como diz Brito Freire) de epitaphio a este varão sagrado; e a vingança dos homens, tão barbara como o attentado, punio esses miseraveis em suas gerações por-vir, innocentes de tamanho crime.

As perseguições de Jeronimo de Albuquerque, cinco annos de horriveis matanças, sua total expulsão do terretorio de Pernambuco, não satisfez a justiça dos homens; foi preciso que hum edito regio os reduzisse á sorte de escravos, injusta e horrivel sentença, attenuada alguns annos depois, mas que subsistio muito tempo.



Vista tomada do Passeio Publico.

Rio de Janeiro.

O PASSEIO-PUBLICO.

O Vice-Rei Luiz de Vasconcellos e Souza, que era infatigavel em promover o engrandecimento tanto geral como local, e que jamais perdia de vista a salubridade dos diversos pontos que dominava, temeo que as exhalações putridas do lugar denominado *boqueirão*, derramando-se na atmosphera, infundissem-lhe hum poder epidemico que tarde ou cedo levariam a consternação e a morte a todos os angulos da cidade; e, desejando remover esse foco terrivel, não de huma maneira vulgar porem grande e digna delle, fel-o aterrar, e nesse mesmo lugar, com pasmo de seus inimigos, fez nascer hum delicioso jardim, com o nome de Passeio-publico, para perpetuo padrão de sua dedicação á nossa chara Patria. Vamos neste artigo tratar delle com a maior concisão que nos fôr possivel.

Está o Passeio-publico situado entre dois largos o da Ajuda, e o da Lapa, este do lado esquerdo, aquelle do direito: tem á sua frente a rua do Passeio que liga esses largos; e perpendicularmente a esta, no ponto em que se acha o portico, corre outra rua, hoje denominada *das Marrecas*, e outr'ora chamada *das bellas noites*: pela face opposta á principal tem por limite o grande terraço ou varanda, (que a estampa representa), onde o mar se atira ordinariamente mais brincador que furioso. Hum alto e robusto muro, interrompido apenas de certos a certos intervalos por janellas de grade de ferro, contorna a superficie do Passeio, e termina na grande varanda.

Os massiços são de forma regular, divididos por largas e bem construidas ruas, e cercados por gradaria de ferro; nelles se ostenta orgulhosa a vegetação tropical: arvores corpolentas espandem seus ramos sempre verdes de todos os lados, e formam hum docel, que os raios solares mal podem penetrar; innumeras flores bellas e aromaticas dispostas com rasoavel symetria, offerecem hum espectaculo magnifico, que deleitando os sentidos elevam o pensamento.

A rua principal termina em largo espaçoso, adornado por hum outeiro artificial (vulgarmente chamado cascata) e duas pyramides triangulares; cedêo porem aquelle á lei do tempo e jaz hoje despido da belleza que lhe foi dada primitivamente: já não possue elle em seu cume o coqueiro annoso que tanto o aformoseava; nem existem as pequenas aves que outr'ora soltavam a agua cristalina, que, chocando engraçadamente as diversas pedras, se precipitava no tanque; sómente os grandes jacarés amigavelmente enlaçados se miram constantes nas placidas agoas, sem temerem que o tempo os venha ferir. Foi no Vice-Reinado do Conde dos Arcos, que se arrancou o coqueiro, e seu lugar foi substituido pelo busto de Dianna em marmore.

As pyramides são de cantaria granitica, e bastantemente elevadas; ellas parecem surdir d'entre as aguas dos pequenos porem formosos lagos, para lembrarem que foram consagradas *ao amor do publico, e á saudade do Rio*. Consta-nos que de cada face da base das pyramides sahia huma penna d'agoa, que, dando aos lagos hum doce murmurio, convidava os passeantes a descansarem nos bancos parallelos ás margens: actualmente porem as mesmas bicas não correm com tanta abundancia, e por isso menos poetico he o effeito.

Duas grandes mesas, colocadas a igual distancia do eixo da seymetria, e cobertas por jasmineiro da India, convidam até os mais sobrios ao desejo do banquete: em torno dellas vê-se nas noites de luar muitas familias; hum só pensamento as liga, e esse trivial, porem algumas vezes depois hum laço mais nobre as prende. E quem sabe se não foram essas bellas noites que fizeram denominar a rua fronteira?!

Sobe-se para o terraço por quatro escadas, duas centraes e contiguas á cascata, e as outras nos pontos extremos; he elle guarnecido em quadro por bella curtina, intermeiada de assentos paramentados de marmore e azulejos, e interrompida symetricamente por grossas grades de ferro. Estatuas, vasos, e o busto de Apollo, dispostos com ordem, constituem o ornato.

Dois torreões octogonaes se estão construindo em lugar de outros quadrangulares que existiram: por isso o que poderiamos dizer delles deixamos á inspecção da estampa, e vamos dar huma pequena discripção dos outros.

Os pavilhões erão bem iguaes externamente, e se alguma differença se lhes poderia notar era sómente nas estatuas que os coroavam: pois o da direita tinha a de Apollo, e o da esquerda a de Mercurio: as arestas de ambos eram guarnecidas por simples pilastras, ornadas superiormente por vasos de marmore, dos quaes nasciam amanazes ferreos. As cubertas eram pyramidaes e simples.

Se o exterior dos pavilhões hum pouco differia, outro tanto não succedia ao interior; e como talvez muitos ignorem a materia de que eram guarnecidos julgamos a proposito delles tratar separadamente.

O tecto do pavilhão da direita era dividido em

cinco grandes quadros, sendo os lateraes trapesoidaes, e o culminante quadrado: a pintura delles constava de arabescos, palmas e flores, sobre fundo branco, tão perfeitamente feitas que enganavam a vista; e maior era o seu merecimento por serem elles formados de pennas de diversas côres. A' meia altura das paredes haviam quadros elypticos, feitos a pincel, representando differentes fabricas usadas no Brasil, taes como os engenhos de assucar e farinha, e o modo de extrair o ouro das pedras pelo soque dos pilões. As sobre-portas eram ornadas por baixos relevos de passaros do Brasil, formados com as suas proprias pennas.

O pavilhão da esquerda tinha o tecto dividido em quadros de iguaes formas, porem de diverso modo pintados. Neste as conchas substituiam ás pennas para representarem as flores e as palmas sobre fundo azul, e as sobre-portas eram ornadas de peixes nossos, feitos com suas proprias pelles: dizem-nos que taes relevos mais pareciam productos da natureza que da arte.

Os quadros elypticos eram pintados a pincel, e huns representavam diversas vistas interiores, ou exteriores, do Rio de Janeiro; e outros eram copias das grandes armadas, que entraram neste porto, ou de varios incendios de embarcações.

O autor dos quadros de pennas e conchas era, conhecido por Xavier dos passaros, e passava por superior nesse genero de trabalho. Sentimos ignorar os nomes dos pintores dos quadros elypticos, e com especialidade dos que existiam no pavilhão da esquerda, pois dizem-nos que eram primorosos.

Escusado he dizer que o pavimento do terraço era como hoje, ladrilhado de marmores de diversas cores, combinados com bastante gosto, pois naturalmente se deprehende, para que pudesse haver harmonia nas diversas partes.

O menino que hoje existe por detrás do outeiro, e que sustenta em huma mão o kagado que lança agua em hum barril de pedra, e na faxa do qual se lê —*Sou util inda brincando* — existio do mesmo modo, e no mesmo lugar; porem o terraço he inteiramente novo, que o mar irritado pelos temporaes, se debateo com elle e o fez ceder.

Cabia aqui, talvez, do alto do terraço lançarmos huma vista d'olhos não só sobre os objectos longiquos, como sobre os proximos; talvez mesmo fosse preciso pintar essa massa animada de homens e mulheres, de todas as idades e condições, que o frequentam; mas nós que julgamos dever terminar aqui, aqui terminamos.

J. A. Cordeiro.

Bahia.

FORTIFICAÇÃO DA CIDADE.

A primeira fortificação que appareceo n'esta bahia, foi huma casa forte de taipa, e pilão, com travessões, e guarita, que fez no lugar do Hospicio de Nossa Senhora da Graça Diogo Alvares Corrêa, conhecido pelo nome de — caramurú-guassú; se he que se pode chamar fortificação a que levantou hum homem absolutamente ignorante das regras de fortificar, fazendo-se mais verosimil que elle obrigado da necessidade, que o forçava a viver no centro de huma circumferencia barbara, tivesse esta precaução.

A segunda, de que faz menção a hisroria, consta, que Francisco Pereira Coutinho no anno de 1535, em que viéra a Bahia com a mercê de Provedor, depois de dilatar por segunda mercê a sua Capitania com a Bahia, e seu reconcavo, fizera no lugar da Victoria, chamada Villa Velha, huma fortificação sobre o mar, sem que nos deixasse idéa da sua figura.

Seguindo-se depois a fundação da Cidade para o lugar, onde hoje existe, o seu primeiro Governador Thomé de Sousa a elevou em hum pequeno exagono de taipa, e pilão, que principiava das portas de S. Bento, e seguindo pela rua dos Capitães ia terminar nas portas do Carmo; e d'ahi retrocedendo por algumas partes até a marinha, vinha finalisar nas mesmas portas de S. Bento. Esta primeira linha de fortificação, ou primeiro Poligono fortificado, tão debil, sem flancos, e sem obras exteriores, na successão dos tempos, por diligencia dos governadores se foi augmentando e reforçando com alguns reductos, perseverando assim até o tempo em que os Hollandezes tomaram esta cidade; porque da historia do Barleo se vê o mencionado recinto posto em hum canto da carta ichnografica da enseada da Bahia. A preoccupação fez crer por muito tempo a algumas pessoas, que não eram assás circunspectas na historia desta fortificação (*), que a trincheira do segundo poligno da desfeza desta cidade coberto com o grande dique, que lhe servia de fosso aquatiço pela parte posterior, tinha devido aos Hollandezes o seu principio; mas esta asserção não era demonstrada. Poderia bem succeder que a primeira fortificação feita por Thomé de Sousa devesse algum melhoramento aos Hollandezes, a qual tinha por fosso huma valla que bordava por varias partes allagadiças, e por ella fazia

(*) *Abbade de Valemon, e outros.*

transito hum pequeno rio, que ainda hoje corre pelo interior da cidade no lugar assignalado da mesma fortificação, e conserva o nome de valla, muito distincto d'aquelle Dique, originando-se d'aqui sem duvida o engano vulgarisado entre alguns historiadores; porque o contrario consta das cartas, que existem na secretaria d'estado, e por ellas se conclue, que o conde de Castello-Melhor, cuidando na segurança da cidade pedira hum engenheiro no anno de 1650, e tivéra em resposta: — que breve lhe seria enviado; mas passáram 18 annos té que no anno de 1688 veio o engenheiro Antonio Corrêa cuidar na fortificação de Pernambuco, Bahia, e Rio de Janeiro. O que este official fez não consta, nem tambem o desenho que deo o engenheiro João Coutinho que fôra mandado vir de Pernambuco por ordem de Sua Magestade; e por carta dirigida ao marquez de Minas em 1684; porêm podemos assegurar, que este engenheiro fôra o primeiro que fizéra a planta da trinxeira, o que se confirma pelas palavras da carta, que são as seguintes: — Tanto que chegar á Bahia fará huma planta de fortificação, que eleger, dizendo qual he o sitio, a razão porque faz cada hum dos baluartes, e por que escolhe toda a fortificação; argumentando-se na carta com todas as razões, que lhe occorrerem contradictorias á planta que faz, dando as que tem de prelação para escolher a fortificação, que no seu arbitrio fôr mais condigna ao sitio, e de melhor defensa da praça. —

Passáram-se 4 annos governando Mathias da Cunha no de 1688, recebeo outra, que lhe ordenava désse principio á fortificação desenhada pela planta, que fôra mandada pelo seu antecessor, e que se fizesse de terra por ser qualidade mui duravel, como a experiencia mostrava *nas trinxeiras, que se fizéram no tempo dos Hollandezes*, as quaes se conservâram por muito tempo sem ruina, e que a fortificação, que houvesse de fazer, fosse capaz pelo tempo adiante de ser revestida com camisa de pedra e cal. Passáram-se 5 annos em averiguar a planta de Coutinho, o calculo da despeza, que devia fazer a obra, e precauções dos trabalhadores, e no anno de 1693 chegou a dita planta, e ordem para se fazer a fortificação da cidade de torrão, na fórma do parecer dos engenheiros. Este governador foi certamente o que deo principio ao segundo poligono da defeza d'esta cidade, e o foram continuando os subsequentes, como D. João d'Alêm-Castro e outros, que lhe succederam, pelas repetidas recommendações de S. M., consignando para sua construcção 60 mil crusados annuaes, o que assim se executou, e se acha hoje inteiramente demolido, por se ter estendido a cidade consideravelmente sobre o terreno que elle occupava. Este principio he tão evidente, que não precisava mais demonstração para dar a conhecer, que na trinxeira, ou segunda fortificação d'esta cidade não tiveram parte os Hollandezes; com tudo corrobora-se finalmente com este outro terminante authentico. Fabricando João Pires da França em porção da referida trinxeira hum muro no anno de 1775, na escavação do allicerce, que abrio, achou uma pedra com a seguinte inscripção: — Reinando em Portugal o Muito Alto, e Poderoso Rei Nosso Senhor D. Pedro 2.º, mandou começar a fortificação d'esta cidade do Salvador Bahia, sendo governador, e capitão general do Estado do Brasil Antonio Luiz da Camara Coutinho, almotacer-mór do Reino. Anno de 1693, em letras Romanas. — O que deixa sem duvida o que temos assegurado. Dos fortes que se fizeram antes da tomada, e depois da restauração d'esta cidade, huns se arruináram, e aboliram, a maior parte se reformáram, e fazem a fortificação da mesma cidade.

(Mss. da Bibl. Pub.)

NOVIDADES.

Deve o soberano aborrecer novidades: antigo costume foi dos Locrenses, região da Grecia, que o inventor de qualquer novidade a propozesse em publica praça ao povo com hum laço ao pescoço, do qual ficava suspenso, se a proposição parecia mal, se se praticara isto, exclama D. João de Salorzano, quantos arbitritas se excusáram. Não serve a multidão d'arbitrios, se não de confusão, e pouca observancia das leis, porque são tantas, que não ha entendimento para guardal-as; quando se fazem primeiro as cousas e depois como que se vão offerecendo os lances, se continuam novas leis.

A CRUZ DE PEDRA.

Advertencia.

Começamos em principios de 1844 a collecionar huma serie de romances, que pretendiamos publicar sob o titulo de Romanceiro Brasilico, cuja dedicatoria S. A. I. o Principe D. Luiz Conde d'Aquila nos fez a graça especial de aceitar;

nosso intento realisou-se em parte porque nesse mesmo anno demos á estampa o 1.º volume, com o qual fizemos despezas além de nossas forças, de sorte que esmorecemos quanto a similhante publicação, que por dispendiosa nos era impossivel: porém agora, que nas paginas do Ostensor a continuamos, talvez mais proveitosamente, parece-nos justo fazer reimprimir o romance—A Cruz de Pedra—não só por que temos de fazer-lhe algumas alterações, por que tendo apparecido na occasião em quo a *Revista dos dous mundos* publicava hum asnatico e atrevido artigo sobre o Brasil, algumas expressões fortes (mas verdadeiras, verdadeiras!) foram mal recebidos, talvez por serem proferidas por hum estrangeiro; não só por isto o fazemos reimprimir, mas ainda porque a collecção não fique incompleta.

CAPITULO I.

A benção da Muribunda.

No dia 13 de Junho do anno do Senhor 1749, pelas 11 horas da noite, sentiram alguns dos pacificos habitantes do pequeno arraial da Passagem o tropear de dous cavallos, que lá de Villa-Rica vinham á redea solta; sentiram-no, vos digo, porém fez-lhes isso pouco abalo, porque derramando-se o arraial pela encosta da montanha, em cuja fralda serpêa a estrada geral, he o perpassar de cavallos e cavalleiros coisa tão de ordinario, que só a hora, quando muito, poderia fazel-os pensar dois minutos de seguida em quem ia seu caminho: e na verdade, nem huma janella curiosa se abrio em quanto as ferraduras tiniram per a mal calçada ladeira, que vai morrer na ponte lançada sobre o Mata-cavallos, e se o bateeiro inda desperto levantára meio corpo de sobre a miseravel esteira para enxergar pelas fendas do casebre o que ia na rua, tornara-o a deixar cahir logo por continuar sua interrompida reza, ou para adormecer profundamente.

Hum instante depois, o mesmo ruido se fez sentir, inda que menos intensamente; he que galgavão a ladeira d'além da ponte, tambem calçada de pequenos e agudos seixos: porém não he ella muito comprida, e a carreira em que iam encurtando-lhe a extensão, fez desaparecer em breve o rumor de seus passos nesse pedaço de estrada plano e areento, que vai terminar nos dous pilares quasi arruinados sustendo huma calha d'agoa, e que semelham restos de muro, ou cerca de cidade antiga. Se quedassemos, chegando ahi, veriamol-os tornar a descer, desapparecendo entre os arvoredos que neste lugar bordam a estrada; depois, se nol-o permittira a escuridão da noite, assommar lá ao longe no alto do Boqueirão.

Té aqui tenho eu fallado a Vms. simplesmente dos cavallos, e hão de saber que não caminhavam soltos, alguem os montava; ora pois, ou já por havermos gastado muitas palavras com elles, ou porque pizando a estrada núa não podem mais dispertar nossa attenção, deixemo-los para tratar dos cavalleiros, cuja physionomia, idade e trajar será hum mysterio até que o dia rompa, o qual, infelizmente para Vms., parece-me estar bem longe.

— Ainda bem que demoraste o correr de teu baio, dizia hum dos cavalleiros tomando as redeas a seu cavallo coberto de espuma; mal me tinha eu sobre este damnado chouteiro! Ai, mais cem passos neste andar, e as minhas ancas ficariam como as da tua Farófa, assim em modo de carga mal apertada: por Sant'Antonio, cujo he hoje o dia, que alguma levas tu na cabeça, Julião!

— Pois que disse eu?!

— E esta! disseste o que eu costumo dizer á filha do meu vizinho Paulo, quande ella me pergunta quem era meu Pai.

— Mas que dizes tu á filha de teu vizinho Paulo? tornou-lhe o companheiro visivelmente perturbado.

— Nada; pois sei eu cá quem elle era? Ha quatro horas que estamos de caminho, porque a ultima das onze acaba de soar no relogio da Sé de Marianna, a quatro horas pois que estamos de caminho, e tantas ha que não abres boca; dôr de reiras alague o rancheiro do Córgo, se foi elle quem te pôz essa tristura no coração! Des que ahi falhamos tres dias o anno passado, nunca mais te ouvi cantar e praguejar, que assi passa a vida de nós outros; pragas, quando os lótes sobem ou descem a montanha; cantigas, quando de enfiada caminham pela varzea. Olha, deixares tu cargas e bestas em mão de tocadores só para vêr folguedos de noite de Sant'Antonio he coisa espantosa, e que não creio; ahi anda volta de amores, facil és tu, e requerido das moças: mas, por minha vida, que bem parvo foste em me trazer por guarda-costas! Ha em Marianna huma casa, onde o meu cabano parará por força: que diria a Joaninha do Largo, se soubesse que passei em Marianna sem lhe dizer Adeos?

— Diga o que quizer; tu irás commigo, que assim he preciso, Pedro de Viterbo!

— O' Senhor Julião de.... de....

— De Viterbo tambem, se assi quizeres.

— Vá que seja; mas, senhor Julião de *Viterbo*

emprestado, ha neste seu passeio alguma coisa que cheire a perigo?

— Não, Pedro; para ti não: se o ha, he só para mim!

— Olhem que bruto! quando eu digo que vos ides perder lá na cidade, ninguem me quer acreditar; pois não somos ambos orphãos, sósinhos sobre a terra, irmãos como se tiveramos nascido do mesmo ventre? julgas que por medo, ou para furtar-me ao dever santo de partilhar teus perigos, te iriqueria?! he que a minha faca....

— Quem passa bradou huma voz rouca de junto d'esse espantalho, que, inda hoje levanta aos ares sua cabeça infame, de junto do Peloirinho.

— Somos de paz, amigo! responderam os dois: e em silencio atravessaram o largo.

Desde que no alto do Boqueirão fizemos conhecimento com os dois Viterbos, ao menos de hum não sei eu outro appellido, trouxe-vol-os como que pelo ar até o largo do Cadêa, do Peloirinho, ou do que quizerdes que seja, porque lhe não sei o verdadeiro nome; e agora direi a Vms. que tendo elles torneado a montanha, a cujos pés vai rolando suas aguas côr de barro o humilde Mata-cavallos, esbarraram com a começada igreja de S. Pedro; deixanho-a á direita, foram descendo a ladeira bem suave, que talvez da igreja tomasse o nome; e isto fizeram-no elles tão insensivelmente, que só deram por si, e nós pelo caminho que haviam feito, quando a importuna sentinella cortou pelo fio o arrazoado dialogo, que Vms. acabam de lêr. He preciso tomarmol-os na extremidade do largo, promptos a descer o resto da ladeira, pedaço diabolico, que, a não poucos tem custado largos dias de cama; felizmente que, sendo pequeno e ingreme, o pobre que ahi enrola vai parar logo na rua Direita, onde o bom Custodio da botica o espera com o seu pachorrento e proverbial — *Não ha de ser nada!*

Desceram, protegidos pelo reflexo pallido de huma alampada suspensa defronte do nicho, creio que de Nossa Senhora, onde todas as noites a devota população de Marianna vem inda agora atroar com os mais edificativos bérros os pobres e desgraçados ouvidos de quem lhe fica por perto; chegados que foram ao fim da ladeira sem novidade maior, dobraram o canto á esquerda e eil-os a caminhar lá para a Ponte. Eu quizera dizer a Vms. alguma coisa da Episcopal da provincia de Minas, porém he noite; aguardarei pelo dia porque não quero que se diga me aproveito das sombras para censural-a: vamos ao nossos viajantes.

Além da Ponte do lado esquerdo tendes vós hum Passo do Senhor; se bem me lembro he o do Encontro da Senhora com seu amado Filho; sim, sim, he isso; logo junto, duas casas terreas, e depois mais algumas já sobre a ladeira, e lá em cima a casa do cenego Jaão Paulo; agora, do lado direito, o rancho do Torquato, e mais adiante, a casa de Manoel de.... do diabo, que vale o sobrenome? Em seguida vedes vós essa enfiada de miseraveis casebres, asylo da desgraça? pois he o que se chama os Moçúns, ou Muçuns, como quizerem, e que deve de ter sido o lugar, donde o antiguissimo arraial do Carmo começou de estender-se ao largo; he minha opinião, e funda-se no ár de caduquez espalhado por essas paredes, e no estreito e tortuoso das viellas, que não me accommodo em chamãr-lhes ruas. Mas, isto he o que se vê hoje, e quem sabe se, ha cem annos, assim era? estou desatinando; todavia, a Ponte, o Passo, algumas das casas, e emfim as ruas, isso tudo lá estava na èpocha em que vai cõrrendo esta minha historia, e tanto nos basta para sua perfeita intelligencia. Foi pois pela primeira viella, á esquerda, que, escorregando em toda a sorte de immundicie subirau os dois cavalleiros, até defronte d'essa pequena casa, onde muitos annos depois, hum pobre velho devia ser victima do mais horroroso attentado; pararam ahi, e hum d'elles apeando-se vagarosamente deixou nas mãos do companheiro as redeas de seu cavallo, e continuou a subir; não será preciso dizer a Vms. que, o que subia era Julião de Viterbo? De hum lado e d'outro, vós o sabeis, e, se não, vol-o digo, he a ladeira accompanhada de casas até o alto; entrando na chapada, acabam-se as casas e a ladeira; e voltando inda huma vez á esquerda vêdes além huma igrejinha, ora em ruinas, mas que n'esse tempo estava bem alva e concertada: hoje!... passou por lá o Progresso, e vendo-a fêa e velha, vendeo as telhas de seu telhado para cubrir curraes de porcos; as pedras, para construir tavernas: as madeiras, tudo, tudo vendeo em leilão entre mófas e algazarras, sem respeito e acatamento por tão santos e venerandos restos..... que infamia! Já não podeis enxergar nem siquer os restos de huma casinha, que tambem n'essa éqoca existia a huns trinta passos da igreja, como que fugida da povoação para junto da sombra protectora da cruz: sim, sim! nem podereis enxergar-lhe siquer os restos, porque ahi passou hum seculo, e ella era humilde como os que a habitavam; só a esses soberbos palacios he dado perpetuar a momoria dos que os edificaram! Porem o Senhor he todo sabedoria, e se essas altas paredes attestam ás gerações por-vir a grandeza d'aquelles que as levantaram, tambem attestarão as lagrimas do orphão e da viuva, com que muitas vezes são argamaçados seus cimentos. E a cabana do pobre? he o symbolo

do nada desta vida, he a imagem viva do despreso com que devem ser tratadas as coisas deste mundo, e em que devem ser tidas as grandezas da terra, e se alguma vez hum mão passo desvia do caminho direito o humilde por condição, tambem o Senhor apaga com a sua morte em desconto da penosa vida que passou cá em baixo, o unico signal muitas vezes de sua existencia na terra, ou, quem poderá sabel-o! castigando-o talvez dobradamente, por que menos exposto por sua pobreza, com que devia contentar-se, ás seducções mundanas, peccou como os grandes, quasi sempre peccadores.

Vivia pois, n'essa casinha, cujas paredes eram de páos-a-prumo, e o tecto coberto de folhas de palmeira, huma pobre mulher já idosa, na maior indigencia; nunca o bom Anselmo, Deos lhe tenha a alma lá pelo céo muitos annos sem nós! nunca o bom padre Anselmo, que em certos dias da semana ia dizer missa na proxima igrejinha, podéra rastrear-lhe o intento com que muito de proposito a velha se sumia no interior da cabana, quando a comprida ponteira amarella de seu bastão vinha arrastando pelas pedras da calçada, porque, sempre o quero dizer a Vms., o reverendo padre, apezar dos seus cincoenta, havia feito voto e juramento de, salvo caso imprevisto, não se servir e ajudar d'elle, senão quando tivesse dobrado a idade que o Filho de Deos viveo sobre a terra feito homem, — chanças de velho presumpçoso; e todavia, mais de huma vez o bastão passára para debaixo do braço, mas debalde: mais de huma, a pequena moeda, que sua mão sempre depositava na soleira da porta, corrêra lá bem para o fundo do bolso, e em quanto negligentes dedos a procuravam, seus olhos revolviam a cabana até onde podiam chegar: evidente era, que, por furtar-se-lhe aos olhos, se escondia a pobre mulher; mas temeria ser reconhecida, ou aborrecia só a presença dos homens? eis ahi o que Anselmo desejava saber. Tanta obstinação, tão completo recolhimento aguçando sua natural curiosidade, resolveram-no, custasse o que custasse, segundo elle dizia, a pôr os olhos sobre esse ente estranho e mysterioso, que tanto parecia temer, ou aborrecer o commercio dos vivos; digo dos vivos, porque todas as noites viam hum phantasma approximar-se da porta da igreja, e ficar ahi em joelhos horas esquecidas; e a não ser a velha feiticeira, como lhe chamavam seus caritativos visinhos, só alguma alma do outro mundo poderia ser, que d'este custava a crer tivesse alguma tanta resolução para se chegar de tão perto, e por taes horas ás loisas frias dos finados: e ninguem tratava de averiguar se com effeito seria a velha feiticeira, se alma padecente; porque o medo punha côbro nos mais valentes, e os fracos nunca pensáram em tal coisa: até o padre não quiz levar suas averiguações ao cabo por taes horas da noite, seria prudencia, mas parecia medo. Foi portanto a manhã de hum bello dia, que Anselmo escolheo para de huma vez ver e saber quem habitava essa casa deserta na apparencia: tres vezes, em seu transito, deixou cahir o pesado Breviario; outras tantas, ou mais lh deram affectuosos e sinceros bons-dias, sem que o seu pedaço de latim fosse estrugir os ouvidos do tendeiro, ou fiadeira de algodão; tres, emfim, quem o crêra! sua mão tirou do bolso da samarra, e ahi tornou a depôr sem ter servido a fungadeira, especie de bilro de fazer renda em ponto grande eôco, cheia de fresco e excellente esturro: he que lá na mente lhe iam mil pensamentos diversos, diversissimos. Em meio de tal agitação sahio-lhe aos olhos a cabana, detraz da ultima casa da ladeira; e á sua vista o reverendo esquecendo-se do voto firmou o bastão e parou:

— Não! disse elle, em tanta obstinação ha o que quer que seja de grave e mysterioso; e para que hei de perturbar o repouso d'essa mulher com minha impertinente curiosidade! Mas, não sou eu tambem obrigado a consolar os que soffrem, obrigado a derramar na alma do afflicto palavras de consolação e de esperança?! eia, estou resolvido. E a passos medidos, sempre encostado no bastão, endireitou para a cabana: d'esta vez não foi com desvios e manhas que elle pretendeo arrancar do interior d'essa casa huma palavra que o orientasse, não foi! era o homem convicto que se approximava do liminar da porta; a bondade do acto, que ia praticar, estava justificada perante sua consciencia, que desdenhava agora os meios tantas vezes empregados: foi, sim, com toda a segurança e energia do homem que obra em conformidade com o pensamento, que a ponteira de seu bastão se encostou por duas vezes, não de leve, á porta meio fechada do casebre, e só para que o echo vestisse a penuria que ahi dentro morava de fórma a não peijar os olhos; que resolvido entrar havia elle, mesmo que o não mandassem. Esperou, esperou bom espaço; e depois vendo que ninguem se movia lá dentro, acabou de abrir a porta, e já levantava o pé para penetrar na cabana, quando huma voz debil e queixosa lh'o atirou ao chão, que o não poisou elle por vontade:

— Pela alma de vossa mãi, não entreis! vive aqui huma desgraçada, que vos não póde apparecer aos olhos sem morrer de vergonha; ide-vos,

e se vos merecem compaixão minha miseria e soffrimentos, chorai-me, e rogai a Deos por huma grande peccadora que sou, ide!

— Deos se compadeça de vós, pobre mulher, disse Anselmo com as lagrimas nos olhos; e não queira elle que vos eu moleste: trazia-vos consolações.....

— Consolações para mim sobre a terra?! ha só huma, e essa inda faltam quinze dias para que me venha.

— He estranho! dizia o padre entrando pela deserta igreja; he incomprehensivel tal procedimento! veremos depois de findos esses quinze dias; e para não se esquecer, tomou hum pedaço de papel, e escreveo: 29 de Maio do anno do Senhor 1749.

Ora, como Vms. bem podem ver, foi exactamente quinze dias depois d'este acontecimento que os nossos cavalleiros pararam em meio da ladeira, pouco mais, pouco menos, ás onze horas e hum quarto da noite; exactamente quinze dias depois, não sei se digo bem, e até me parece que os meus Viterbos andaram errados na contagem; por que se tomamos ao pé da lettra as palavras do Genesis, as quaes são que: — Da tarde e da manhã se fez o dia primeiro —, muito bem posso concluir que o prazo findava no dia quatorze ao meio dia, e não no dia treze á meia noite: porêm, seja que elles não admittissem esta minha interpretação, seja que houvesse algum motivo occulto a nós para que ao menos hum tanto se apressasse, o certo he que elles ahi estavam; ou mais, que hum ahi estava, e que subia o outro. Como quem pela primeira vez pisava em tal terreno, Julião caminhava vagarosamente; de quando em quando parava, ou para resfolgar, que ingreme e difficultosa he a ladeira, ou para verificar talvez informações que lhe haviam dado; e tocava quasi o extremo quando pela quarta vez parou:

— Sim, sim, disse elle entre dentes; tres casas de porta e janella, cobertas de sapê; — e apontou para o lado direito: duas em ruina, e depois mais duas, a ultima das quaes faz canto; — e apontou para o esquerdo: então, aquelle vulto negro lá adiante deve de ser a igreja, e este he o caminho.

Essa mulher tão inaccessivel aos olhos de Anselmo, tão intratavel para com seus visinhos, vai apparecer a nossos olhos, porque he tempo de a conhecermos; porém sendo parte mui essencial dos romances, não direi modernos, mas dos mimio-gabados, a brilhante, phantastica e deliciosa descripção do magnifico jardim, onde a beldade ouve huma declaração de amor; ou as tapeçarias, os quadros, as suitanas, as minharias da sala, em que, arrufada, reduz a pequenas partes o bilhetino cheiroso do amante desgraçado (por dez minutos), como será recebido este meu romance-historia, cujas personagens não tem, sequer hum, o titulo de barão, conde ou marquez, para se fazer recommendado aos vossos olhos? Como será recebido o pobresinho, cujas descripções nada tem de maravilhoso, tendo muito de verdadeiro? Eu tremo de fazer penetrar Vms. o interior d'essa cabana, que de certo não acharão ahi coisa que deleite os sentidos! E todavia, he forçoso que assim seja, se quereis continuar a ouvir-me; he preciso que vossos olhos acostumados ás grandezas e delicias, que a mãos-cheias vos dão todos os dias, venham poisar-se agora sobre as miserias reaes da vida, e enxergar entre essas quatro paredes fracas e esburacadas o que mais ha pelo mundo — miseria e desgraça.

Guiado por informações exactas ao que parece, e com as quaes não havia mesmo a possibilidade de errar, Julião chegando ao extremo da ladeira, endireitára seus passos para a casinha solitaria; e a taes deshoras seria hum louco aquelle que pretendesse guia para sitios mal-assombrados, qual este era: por isso ninguem vio o mancebo, posto em joelhos coisa de cinco passos afastado da cabana; ninguem o vio levantar-se, e tremendo bater á porta, que, como das outras vezes, e para todos, se conservou muda, muda toda a casa, muda como hum sepulcro! Huma segunda e terceira vez batêra elle, porêm sempre o mesmo silencio. Que dolorosa idéa não devia passar-lhe na mente, quando, como embravecido bruto, se lançou a essa porta, que feita lascas baqueou por terra! Que terrivel certeza lhe trouxe nos ouvidos esse gemido moribundo sahido lá de hum canto!! Ai, pobre de ti, se buscavas huma mão querida que te afagasse..... ahi dentro ha ainda huma alma, sim; porêm o corpo, esse escravo submisso, revoltou-se contra ella, tantas foram as privações, os tormentos de toda a sorte que ella lhe impozera: está prestes a quebrar-se o laço incomprehensivel, que liga a materia com o espirito; ha hi dentro huma vontade que não póde manifestar-se, que por muito poderosa que seja a alma, nada póde sem o corpo.

Mas, eis ahi o que he o homem! huma idéa trazia Julião de Viterbo talvez de bem longe até á porta d'essa casa, e esta mesma idéa, modificada he verdade, afastava-o agora d'ella sem raciocinio, porque não havia tempo para o fazer no espaço que mediou entre o gemido e o salto

desmesurado, que elle déra para fóra da cabana: vinde vós outros, ideologistas, explicar com vossas theorias a marcha do espirito humano; e vós, philosophos, dizer-me porque essas torrentes de chuva o tornam a trazer ao lugar, que, ha hum segundo, com tanto horror elle deixára! baldado empenho seria o vosso, porque vos não crêra eu.

Quem poderia calcular o tempo que o mancebo esteve em pé no meio da cabana, com os cabellos hirtos e as mãos apertadas contra o coração, que parecia querer saltar fóra de seu peito, ouvindo debater-se com a morte hum cate, que talvez lhe fosse bem caro, e elle presa da desesperação, ou do terror, sem poder valer-lhe, sem poder siquer soltar huma palavra? só Pedro de Viterbo, a quem largas horas de esperar, e copiosa chuva obrigaram a subir a ladeira, e a procurar no movimento hum refrigerio contra o frio e tedio que o atormentava: huma e muitas vezes passára elle por defronte da cabana; vira a porta aberta, e desconfiára que Julião ahi estava; mas não teria sido indiscrição lembrar-lhe que acabavam de soar tres horas?

— Esperemos hum pouco mais, disse elle; porêm o pisar dos cavallos ha de segural-ó de minha paciencia, afastemo-nos.

E ainda a ultima syllaba lhe sussurrava nos labios, quando o cavallo adestro levantando-se nos pés, furtou-lhe das mãos as redeas, e abrio na carreira.

— Malditos sejais vós ambos! disse Pedro de Viterbo levantando-se, porque o cabano, ou para imitar o companheiro, ou talvez pela mesma causa, corcoveando o atirára no chão; malditos sejais, continuou elle, que de tão pouco tendes medo! e deo com o pé n'hum embrulho negro, que havia espantado os cavallos: era o chapéo de Julião. Reconhecera-o Pedro, apezar do miseravel estado a que o tinha reduzido a chuva; e seu primeiro pensamento foi a possibilidade, mesmo quasi a certeza de hum assassinato, tão oppresso tinha elle o coração sem saber-lhe a causa:

— Morto talvez alli dentro! dizia elle volteando entre as mãos o chapéo; e a minha faca espetada no esteio do rancho..... maldito esquecimento!

Depois, como se huma idéa subita o illuminára, chegou-se da cabana, arrancou algumas palhas enxutas, das que a cobriam, e com ellas arranjou hum facho; tirou o isqueiro, ferio fogo, e penetrou resoluto no interior da cabana.

Que horrorosa e triste scena!! Oh! quem me dera hum pincel de mestre para vos esboçar esse quadro lugubre! Essas paredes esburacadas e denegridas sostendo hum tecto, que parece cahir a todo o instante; esse chão desigual e immundo; essa mulher deitada sobre huma pouca de palha fétida, e em cujo rosto apenas se divisam alguns sòpros de vida; essa dôr profunda, espalhada pelo rosto de Julião; o terror e estupefacção de Pedro de Viterbo, tudo isso deveria ser de horrenda sublimidade!

A luz do facho diminuia por instantes; e só quando a chamma se approximou aos dedos de Pedro se lembrou elle de procurar á roda de si com que entretel-a; era tarde: extinguindo-se, ella acompanhava o passamento da desgraçada, e subtrahia sua ultima convulsão aos olhos dos dois mancebos:

— Meus filhos... Pedro!... murmurou huma voz sumida; e esse quasi cadaver fazendo hum ultimo esforço, como as cinzas que acabavam de inflammar-se, estendeo o braço para abençoar os dois, que ajoelharam; e a flamma apagou-se, e o braço cahio: tudo estava acabado para essa pobre, soffrimentos, e gosos, se os tivera!

(Continua.)

RESPOSTA DE HUM ALBUQUERQUE.

A morte heroica do almirante Patry depois da famosa batalha naval de 1631, deo lugar facil á junecção do conde de Bagnolo com Mathias de Albuquerque, general da armada defensora da provincia de Pernambuco, então quasi que em poder dos Hollandezes; o reforço de mil homens, que acompanhava Bagnolo, atemorisou por tal fórma os generaes da Hollanda, que resolveram abandonar Olinda, e tencionando incendial-a, manhosamente propuzeram a Albuquerque seu resgate em troca de algumas caixas de assucar: eis aqui a resposta a semelhante proposição:

— « Os Pernambucanos, com as armas nas mãos, não compram, conquistam, sabem dar cargas de balas, e não de caixas; as marciaes os alvoroçam, desprezam as que os embaraçam. As chagas que n'elles abre o aggravo não se curam com assucar, senão com polvora. Com inimigos em quem falta a fé são estaveis os contractos que firma o sangue, e de nenhuma firmeza os que affiança a palavra. Aconselharia eu ao Sr. general Theodoro Banduar Demburg, que não gastasse a magoa em se doer do estrago dos nossos edificios, por que sei que toda lhe será necessaria para se lastimar do destroço de seus soldados, e quando o medo os adiante a queimar a villa, animo, e cabedal tem os moradores, para a reedificarem com tantas vantagens, que as melhoras os ensinem a julgar por beneficio a ruina, porque desejam deixar na Cabeça d'esta Capitania huma memoria, em que apezar do tempo, leam as idades os castigos de Hollanda, e os triumphos de Pernambuco. » —



Lith. de Heaton e Rensburg, Rio de Janeiro.

D. JOSE JOAQUIM DA CUNHA DE
AZEREDO COUTINHO

BIOGRAPHIA

DE

D. José Joaquim de Azeredo Coutinho, ultimo Inquisidor Geral d'estes Reinos, Bispo d'Elvas, e em outro tempo de Pernambuco, eleito de Bragança, e Miranda, e de Béja, Deputado em Côrtes pela Provincia do Rio de Janeiro, do Conselho de S. M. F. Presidente da Junta do exame do estado actual, e melhoramento temporal das Ordens Religiosas, Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, etc., etc., etc.—Por J. J. P. Lopes. (1)

Nasceo José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho a 8 de Setembro de 1742, no districto dos Campos de Oitacazes ou Goitacazes, pertencente á Provincia do Rio de Janeiro, de cuja Cidade era natural seu pai, Sebastião da Cunha Coutinho Rangel, e sua mãi D. Isabel Sebastiana Rozo de Moraes o era do mesmo districto de Goitacazes, no qual existiam quando de seu legitimo matrimonio tiveram, além de outros, este seu primeiro filho, o qual foi baptisado na Capella de Santa Rita, do Engenho de Santa Cruz, pertencente ao seu avô materno Domingos Alves Peçanha, Capitão Mór, e Governador da mesma Comarca de Campos dos Goitacazes.

Tinha apenas seis annos de idade, quando seu pai, no de 1748, o levou para a Cidade do Rio de Janeiro, onde aprendeo as primeiras letras, grammatica, rhetorica, e bellas letras, philosophia e theologia, mostrando tal aptidão e perspicacia em todos os estudos; que sempre mereceo particular estima, e distincção de todos os seus mestres; em lugar de entreter, como muitos, as horas vagas do estudo em ocio, ou travessuras da mocidade, deu-se ao agradavel entretenimento da musica, e conseguio tocar, com bastante destreza, alguns instrumentos. Acabados os seus estudos, passou a viajar por todas as terras d'aquella região até Minas Geraes, não como esteril viajante, mas como philosopho observador, fazendo seus apontamentos do que julgava mais notavel.

Já contava mais de 30 annos de idade, quando a seus ouvidos chegou a noticia de excellente reforma, que em Portugal se acabava de fazer na Universidade de Coimbra, no anno de 1772, vigesimo segundo do Reinado do Senhor D. José, I, pelo infatigavel zelo do seu, por muitos titulos, grande Ministro o Marquez de Pombal. Então se inflammou de novo desejo de adquirir mais ampla instrucção na Athenas Lusitana, e dando de mão aos interesses da primogenitura, recusando as prisões do matrimonio, que seriam grilhões a seu elevado espirito, dedicado por gosto á cultura das letras, cedeo da administração do Morgado dos Azeredos, do Rio de Janeiro, e de todos os seus direitos, a favor de seu irmão immediato Sebastião da Cunha de Azeredo Coutinho, Fidalgo Cavalleiro da Casa Real, Coronel de Cavallaria Miliciana do Rio de Janeiro; e veio no anno de 1775 para a Universidade, onde, continuando seus estudos, se formou em Direito Canonico. Não bastava porém ao seu ancioso amor da sciencia o ter-se habilitado n'este ramo para seguir com distincção a carreira ecclesiastica, a que seu genio o inclinava. Continuou pois os estudos philosophicos com avidez, e na historia natural, na physica, experimental, e na chimica sobresahio sempre de modo que se compraziam os Lentes em lhe dar louvor, e os condiscipulos e contemporaneos em tributarem estima e respeito a hum collega, que era exemplar no comportamento, e tão abalisado em seus estudos.

Em breve a fama fez constar na Côrte que José Joaquim da Cunha emulava em talento os dous celebres Varões de sua familia, o insigne João Pereira Ramos, brazão da Toga Portugueza, e o actual Bispo Conde, Reitor e Reformador da Universidade como tão digno de altos empregos, houve por bem a Senhora D. Maria I. apresental-o na Cadeira de Arcediago da Cathedral do Rio de Janeiro; mas, vagando d'alli a pouco um lugar de Deputado do Santo Officio de Lisboa, estando Azeredo a ponto já de partir para o Ultramar, lhe foi conferido o dito lugar de Deputado n'aquelle Tribunal, onde entrou a dar provas evidentes do seu grande juizo, e de que sabia, livre de preocupações, ministrar a mais apurada, e imparcial justiça.

He porém digno de particular menção a circumstancia (na verdade tão singular, que não conhecemos outra identica) de que, ao sabor d'esta eleição, sendo ao mesmo tempo aconselhado que tirasse dispensa de Actos Grandes, pois só tinha o grão de Bacharel, e exigia a lei os mesmos Actos, salva a dispensa da Soberana, de que havia mais de um exemplo nos Deputados da mesma Inquisição, respondeo: — *Que não pertendia dispensa em materia de estudos.* — E com effeito tratou logo de ir outra vez para a Universidade, d'onde sahira havia annos; frequentou o sexto anno academico, no fim do qual fez luzidissimos actos, e recebeo o grao de licenciado, que a lei mandava tivessem os eleitos para Deputados do Santo Officio.

No anno de 1791, principiando a subir de preço os generos coloniaes, por causa da revolução da França, e suas Colonias, fez-se por parte do Senado da Camara de Lisboa, e foi entregue ao seu Presidente, o Marquez de Castello Melhor, um requerimento para se pôr um preço certo, ou taxa nos as-

(1) *Extr. da Rev. Trim. do Inst. Hist.*

sucar. Tendo noticia d'isto, escreveo Azeredo uma memoria, em que mostrou os prejuizos que isto causaria á nação, e o quanto seria util aos interesses d'ella que se deixasse toda a liberdade ao commercio do dito genero. Em consequencia d'esta memoria, que mereceo a approvação da Soberana, foi rejeitado aquelle requerimento que sobrepticiamente se preparava para o estabelecimento de hum monopolio do dito genero. Sendo a mesma memoria levada á imprensa da Academia Real das Sciencias de Lisboa, foi apresentada ao seu Presidente o Illm. e Exm. Duque de Lafões, verdadeiro protector das Lettras, e julgou-se tão digna de ver a luz publica, e tão abalisado o engenho do seu author, que foi logo mandada imprimir, e da parte do mesmo Exm. Duque, e da Academia, se dirigio o Secretario d'esta, o illustre sabio Abbade José Corêa da Serra, a convidar o author para Socio da mesma Academia; o que modestamente acceitou, e agradeceo, considerando-se vinculado por tão relevante distincção litteraria a dedicar seu zelo ao particular desenvolvimento de doutrinas uteis á Patria em alguma composição mais extensa, e de mais geral interesse.

As preciosas Provincias que Portugal possue no ultramar são o manancial d'onde este Reino póde tirar recursos da mais transcendente vantagem mutua de humas e outras, e este objecto, tão digno de occupar qualquer douto escriptor nacional, foi assumpto da penna d'este sabio patriota no seu *Ensaio economico sobre o commercio de Portugal e suas Colonias*, no qual mostrou quaes eram os verdadeiros interesses da nação, e os abusos que, por esta parte, se deveriam remediar. Foi esta obra approvada e mandada imprimir pela Academia Real das Sciencias, e assim que sahio a publico mereceo não só a approvação dos nacionaes, mas mui particularmente dos sabios estrangeiros, sendo analysada e louvada em francez na *Decada Philosophica, Litteraria e Politica*. N.° 22, pag. 193; em Inglez, no *Monthly Review* ou *Revista Mensal*, do mez de Agosto de 1803, art. 15, pag. 425, e em allemão, fazendo-se constantes elogios, ao author de uma obra que patenteava á Europa a opulencia das possessões Portuguezas, e muitas particularidades que se ignoravam a respeito do vasto e rico continente do Brasil: obra, em summa, que se acha traduzida em todas as linguas cultas da Europa, e de que ha pouco, enriquecida de outras muitas notas e correcções do autor, nos deo a Academia segunda edição.

Do mesmo modo se imprimio, por ordem d'aquella sabia corporação, o *Discurso sobre o estado actual das Minas do Brasil*, opusculo em que se conhece a mesma profundidade de vistas, e o mesmo infatigavel zelo pela prosperidade nacional.

Achava-se vaga em 1794 a Sé Episcopal de Pernambuco; já então governava a monarchia, por molestia da rainha sua augusta mãi, o principe D. João, hoje nosso presadissimo monarcha, e lançando as suas vistas aos sujeitos mais dignos de tão alto ministerio, encontrou nas qualidades de José Joaquim de Azeredo Coutinho os mais seguros abonadores de huma acertada escolha; e a 19 de Maio do dito anno de 1794 foi servido declarar esta eleição, que todos olharam com respeitosa veneração; mas que o eleito, que jamais pretendera obter, antes estava bem longe de desejar tão eminente dignidade, aceitou com repugnancia, como quem sabia pesar a gravissima responsabilidade, que com sigo traz o Episcopado. Isto mesmo representou elle ao principe, quando, indo-se-lhe apresentar e agradecer tão alta mercê, lhe disse, estando presentes os seus camaristas:—

« Senhor! Eu venho beijar a augusta mão de V. A. R. pela grande honra que me faz, da qual eu não sou digno; mas eu conheço o mundo, e me conheço; elle quer ser servido, e eu o não sei servir. Eu conheço as intrigas das côrtes; eu as temo, e não as sei manejar. Eu conheço que são necessarios protectores; e eu não os tenho, nem os quero; e por isso venho rogar a V. A. R. haja por bem de livrar-me de lugares em que eu seja compromettido. »

Oh! se todos fossem capazes de assim fallar aos soberanos! Fallou acaso hum frei Bartholomeu dos Martyres com mais energia á Sra. D. Catharina?—E note-se que não ha n'aquellas expressões mais nem menos que a realidade; pois, alêm de ser isto constante, entre os papeis do prelado se achou o borrão d'aquella breve falla ao principe, e igualmente a resposta que este lhe deo, que he mais hum irrefragavel testemunho de que a escolha fôra sua, e mais huma authentica prova da piedade que adorna o nosso augusto monarcha. — « Eu estou persuadido (respondeo S. A. R.) que o Espirito Santo me dictou a vossa eleição. Minha mãi fica bem servida, e eu sou contente. Dizem-me que Pernambuco he hum bom Bispado; se agora houvesse outro melhor, seria vosso. » —

Vendo o eleito que se lhe não admittia escusa alguma, disse — que elle não podia trabalhar na vinha do Senhor sem obreiros; que era necessario creal-os; e que por isso esperava que S. A. R., ou mandasse estabelecer hum Seminario n'aquelle bispado, ou que o dispensasse da eleição que d'elle fazia. -- Acceitou o principe a proposta, e lhe ordenou que fizesse os estatutos: o que elle satisfez com mui atilada prudencia e acerto; e depois de approvados e impressos, se mandou estabelecer

o dito Seminario, ficando debaixo da direcção d'elle, e dos bispos seus successores.

Todo solicito no desempenho das funcções episcopaes, não perdia o novo Prelado occasião de melhorar a sorte religiosa e civil dos Pernambucanos. Tinha o Deão d'aquella cathedral, por aquelle tempo, deixado hum bem dotado recolhimento, para certo numero de mulheres recolhidas, debaixo da inspecção dos bispos; aproveitando-se o novo eleito d'esta occasião, fez estatutos para no dito recolhimento se educarem meninas propriamente para serem dignas mãis de familias; foram approvados e mandados imprimir e executar, com manifesta utilidade.

Entrava o anno de 1796, e annunciaram os papeis publicos da Europa, e até mesmo a Gazeta de Lisboa, de 15 de Março do dito anno, artigo de Londres, que no parlamento da Gran-Bretanha se tratava de abolir o commercio do resgate dos escravos d'Africa; objecto em que a philosophia se não achava de accordo com a politica, e principalmente nos estados da corôa de Portugal, summamente perigoso de se pôr em pratica, sendo impossivel manter, sem aquelle trafico, as nossas possessões americanas em estado de florescente cultura. Vendo pois o bispo de Pernambuco que se estabelecia por principio ser este commercio contrario ao direito natural, e que esta opinião vinha perturbar o estado das cousas em Portugal, onde pelas suas leis era permittido e praticado, havia tres seculos, aquelle trafico em favor da sua agricultura ultramarina; escreveo huma bem trabalhada analyse, em que mostrou a justiça das leis e do dito commercio em Portugal. D'esta obra, logo que se fez publica, se tiraram copias, e se fez huma traducção em francez impressa em Londres, com o titulo — *Analyse sur la justice du Commerce du rachat des Esclaves de la Côte d'Afrique* —; e se lhe fizeram elogios que em parte os curiosos podem ler no "Correio de Londres" n. 46, de 8 de Junho de 1798, pag. 368. Avis au Public.

Tendo o Bispo eleito concluido a sua sagração, e estando para partir para a sua Diocese, foi nomeado por S. A. R. Director Geral dos Estudos de Pernambuco, Governador interino d'aquella Capitania, e Presidente da Junta da Fazenda. Tendo dado á execução os negocios de que tinha sido encarregado, e reduzido á ordem os estudos publicos, e arrecadação da fazenda, com hum augmento na fazenda do estado de mais de 800.000 cruzados annualmente, e sem vexame dos povos; alguns d'aquelles mesmos, que mais deviam concorrer para o bom exito d'aquelles negocios, principiaram a intrigar, e a trabalhar por desacreditar o Prelado para com S. A. R., talvez porque o julgavam sem protector na côrte. Assim que soube d'esta intriga, deo logo o Bispo huma conta geral de todos os ramos da sua administração, como Bispo, como Director Geral dos Estudos, e como Governador e Presidente d'aquella Junta da Fazenda, comprovando tudo com documentos publicos e authenticos, que juntou á mesma conta; a qual se imprimio depois debaixo do titulo — *Defeza de D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, Bispo d'Elvas, em outro tempo de Pernambuco.*

Deo tambem outra conta sobre o estabelecimento do Seminario n'aquelle Bispado, e das cadeiras que alli creou de novo, a qual se imprimio depois com o titulo — *Informação dada ao Ministro d'Estado dos Negocios da Fazenda.* — A utilidade que logo produzio n'aquelle bispado a creação do dito Seminario, se acha patente nas diversas producções dos seus alumnos, que correm impressas em huma collecção que tem por titulo — *A Gratidão Pernambucana ao seu Bemfeitor o Exm. e Revm. Sr. D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho.* —

(Continua.)

HISTORIA CURIOSA.

Conta-se huma historia singular:

— « Affirmam os selvagens da Lisiana, que tendo descido do céo huma mulher, ficara por algum tempo volteando nos ares, sem achar lugar em que pudesse tomar pé: os peixes do mar compadecendo-se della, reuniram-se em conselho para deliberar qual d'elles a receberia; apresentou-se a tartaruga, e offerecendo seu dorso á superficie d'agua, a mulher veio n'elle descançar, e alli estabeleceo sua residencia: mas tendo-se depois accumulado as immundicies do mar em redor da tartaruga, formou-se com o andar dos tempos a grande extensão de terras, que actualmente formam a America. Ora, como a solidão não era do agrado d'aquella mulher, que morria de aborrecimento, por não ter com quem pudesse conversar, a fim de passar a vida mais agradavelmente, deseeo do céo hum espirito o qual encontrando-a adormecida de pesar, aproximou-se imperceptivelmente, e teve d'ella dous filhos.

Estes dous filhos, não puderam nunca concordar, porque hum era melhor caçador de que o outro: brigavam diariamente; e hum dos dous de animo ferocissimo, consagrava odio mortal a seu

irmão, que o tinha excessivamente brando. Este não podendo resistir aos máos tratos que do outro constantemente recebia, vio-se na precisão de separar-se d'elle, retirando-se para o céo. Passado algum tempo, ouvio este trovejar por cima da cabeça de seu desgraçado irmão.

O espirito desceo novamente do céo a encontrar-se com a mulher, e desta vez teve d'ella huma filha, de quem descende a população immensa, que occupa presentemente huma das maiores partes do mundo.

Ainda que seja fabuloza esta historia, descobrem-se nella algumas verdades: o somno da mulher tem alguma relação com o de Adão; a desunião dos dous irmãos, assemelha-se ao odio irreconciliavel que Caim tinha a Abel; o ronco do trovão, assás demonstra a maldição pronunciada por Deos contra o horrivel fratricida. Poderia suppor-se que estes selvagens foram originariamente judeos, pela construcção de suas cabanas em fórma de pavilhão como as d'aquelle povo: como os judeos elles se untam de azeite; tambem accreditam supersticiosamente nos sonhos; e tambem como elles choram os mortos com lamentos e bramidos horriveis. As mulheres trajam luto por seus parentes mais proximos, um anno inteiro; e durante esse tempo abstem-se de suas dansas e festins, e trazem a cabeça coberta de hum capuz. Parece que a maldição de Deos cahio sobre elles, como sobre os judeos, porque são muito brutaes, e excessivamente teimosos.

MAGNANIMIDADE.

He a magnanimidade grandesa de coração, e d'ahi nasce, que o *magnanimo*, ainda que ouça os seus louvores os ha de despresar, e este he o meio contra a lisonja. Sendo pois a magnanimidade virtude, como disse Aristoteles, porque o seu nome promette cousas grandes.

Não podemos chamar magnanimo a el-rei D. Rodrigo, porque crendo incautamente ao Conde D. Julião, desarmou as fronteiras de Hespanha, e passou a cavallaria á Galia Narbonense, e podera-se considerar, que se o Conde tirava os presidios, não olhava a outra coisa, se não a que se perdesse o reino; nem tão pouco merecia este titulo, como notou D. Diogo de Sá Vedra, por haver-se fiado com ligeiresa dos filhos de Ulbitisa, que em a lastimosa batalha de Xeres acabaram a sua vida, e sua corôa; por que a confiança como ensina S. Thomaz, se pertence á magnanimidade, ha de ser dentro d'aquelles termos, que não passem a ser descuidos.

Os casos repentinos, são furacões furiosos, que descompoem o governo ao maior piloto; se o animo os não tinha considerado: considere o soberano, o que sentiria o coração de hum rei Francisco I, preso em o Parque de Gavia, quando se imaginava com triumpho; e o imperador Carlos V em a jornada de Argel, que vio naufragar huma armada, que acabava de ser admiração, e ainda respeito de todos os elementos; e estas suppostas occurrencias, e outras muitas accredita as mudanças da fortuna, que podem deixar sem ferida o coração humano.

Se convem que o soberano tenha valido, em que os mais entendidos discorrem problematicamente, e com razão, porque as coisas cujo bem ou mal consistem em o successo, e não se podem absolutamente qualificar por uteis, ou por damnosas, porque os que tem alcançado bons validos, disserram os houvessem sempre; os que hão experimentado máos, que os não houvesse nunca, e porque a huns, e outros possa responder, direi que se houve hum Anão soberbo, houve hum Jozeph prudente, e entendido, e manso, e prevenido; e como Deos tem determinado os successos para as monarchias, elege os sujeitos, que são os meios para aquelles fins; porem a malicia de huns, nem a bondade de outros póde ser regra commum para todos.

Dizer ao soberano, que não tenha valido, he tirar-lhe a liberdade, e o gosto de poder escolher hum confidente com quem possa descançar, e he prival-o de querer bem, coisa temivel. Não ha de perder o soberano o que tem por homem. Assim respondeo Henrique III de França aos que culpavam o demasiado affecto, que tinha ao Duque de Epernon, e no sentir de S. Ambrosio, que o tem por descanço d'esta vida, ter com quem depositar os cuidados, e celebrar os successos, e doer-se em os pezares.—Ai do só!—dizem as sagradas letras, e a quem se póde dar melhor este suspiro, que a hum principe, se o privassem da companhia, que ha mister para o acerto, e para o despacho; e a quem se ajunta a bem pensada conveniencia (não para o valido) e ter com quem desafogue as queixas, e a quem désse o povo a culpa de tudo, reservando o amor para o soberano, de maneira, que desfructe o bom, e o de mais se attribua ao privado.

E se o principe determinar a ter valido, ha de observar duas oisas; a primeira a eleição

do sujeito pela importancia do acerto, e porque vá em elle a reputação de poderoso, porque ninguem escolhe para trazer ao seu lado, se não aquelle que confronta com seu natural, e costumes, e em se ver o que escolhe o principe. A 2.ª he que não ha de dar o principe ao seu valido absoluto poder em o governo, e em nada porque he indecente.

(Mss. da Bibl. Publ.)

A CRUZ DE PEDRA.

CAPITULO II.

Curiosidade satisfeita.

Ahi tendes a vossos olhos a cidade episcopal da provincia de Minas Geraes! ahi a tendes deserta e tristonha, apezar do formoso dia que a saúda: parece-vos a preguiçosa, que gastou largas horas da noite nos divertidos saráos? Talvez; porèm não he: parece-vos a manufactureira reclusa em suas laboriosas officinas, a rica e ociosa, que espera entre os cortinados do leito os raios vividos do sol, que se levanta? Talvez, talvez; mas não he ella nada d'isso! he a misera e mesquinha que teme e aborrece o esplendor do dia; he a desgraçada, que se envergonha de mostrar seus andrajos ao forasteiro; eil-a, eil-a deserta como a cidade tomada por assalto, cujos habitadores sumidos no interior das casas temem deixar que escape o menor signal de vida, observando através das janellas e portas entreabertas o que passa nas ruas; esperai pelo cahir da noite, e vereis as ruas entulhadas de esfarrapados capotes; vel-a-heis então animada: porem no meio da escuridão, que n'ella reina, porque não tem lampiões, nada poderieis observar, se não fôra esta, ou aquella restea de luz, que sahindo de algumas lojas vem desmaiar-se sobre as pedras da calçada; Deos vos livre de ficardes ahi fazendo o inventario de quanto desgraçado passa! Porêm isto he de noite, agora, que he dia, eil-a morna e silenciosa. Só ahi a nossos pés bem rente, e sobre o lado esquerdo, vereis portas e janellas descerradas, os Muçuns: mas descei com as mãos sobre os olhos! que se tem de aborrecer-vos, lá mais longe esse morno silencio que indica o desalento, aqui vos desesperarão os gritos da desgraça; tapai-os para não enxergardes essa mulher na flor dos annos coberta de asqueresas chagas, merecida punição de sua desregrada vida; tapai-os, que são alli quatro crianças nuas, e famintas a chorar, em quanto aquelle vadio, que a desgraça lhes deo por pai, deixa correr perdidas as horas do dia, tocando sua viola encostado ao balcão de huma taverna. Vêde agora cá para est'outro lado aquelle bando de mulheres perdidas cercando o pobre tropeiro, que, em más horas para elle! lhes cahio nas mãos..... Oh! adiante, adiante, que se foramos huma e huma observando todas essas casas, larga conta de miserias e vergonhas teriamos. E todavia nada mais ha que se observe, ou antes, que se preste á observação, senão esse nojento bairro: eis ahi a rua Direita de Marianna com cinco ou seis pequenas e mal sortidas lojas; na extremidade do lado direito, a Sé, cuja architectura detestavel apressa os passos do viajante; depois essa rua que vai correndo á sua ilharga silenciosa e triste como todas; a rua da Olaria; huma pequena praça guarnecida de casas a desabar em terra; algumas duzias de becos e viellas, condecorados com o pomposo nome de ruas, e vêde o que se chama a cidade de Marianna Episcopal da rica provincia de Minas Geraes.

Não encontrareis em toda ella hum edificio, que por sua architectura, ou sequer por recordação historica, vos desperte a attenção; he huma cidade pobre de tudo, de tradições até, que se as teve não existem hoje na memoria de seus habitadores.

O palacio do bispo, miseravel casa assobradada, servindo de asylo ás aves nocturnas, porque suas portas e janellas abertas noite e dia dão franca entrada não só a estas, mas ao sol e á chuva que tem arruinado o assoalho, he..... valha-me Deos que tanto custa ás vezes dizer a verdade! O palacio do bispo como impropriamente lhe chamam, he huma coisa ruim, muito ruim: algumas salas atravessei eu, que em verdade o exterior desmente, sem que houvesse huma alma viva que m'o impedisse, e nas quaes por sobre o chão entre montes de poeira encontrei objectos de subido valor, que só o respeito por seus donos que foram, guarda e preserva das mãos de ratoneiros. Huma bibliotheca, hum oratorio com algumas imagens, entre ellas hum magnifico crucifixo de marfim, muitas curiosidades e riquezas mineralogicas, que, segundo me disseram, pertenceram ao ultimo bispo, ahi estavam em 1842 á mercê de quem quizesse roubal-as sem custo; queira o céo que o venerando ancião eleito pastor d'esse desgarrado rebanho consiga fazel-o entrar no caminho direito; por mim digo que lhe será difficultosa, e mui ardua a tarefa; só muita força e vigilancia

juntas á bondade, saber e virtude, qualidades que adornam su'alma, poderão lentamente desarraigar de tantos vicios aquelles que por obrigação deviam ser modelos de virtude..... Desgraçada, tres e quatro vezes desgraçada cidade!! Mas, iamos deixando por mão os nossos cavalleiros; tornemos á historia fiel.

Como disse a Vms. no começo d'este segundo capitulo, o sol aquentava com seus raios vivificantes essa cidade fria e morta na manhã de 13 de Junho do anno do Senhor 1749; as janellas de huma casinha, que, cá na baixada, escarnecia com suas paredes alvas da immundicia de suas visinhas, de ha muito estavam abertas; via-se, quando a brisa da manhã levantava as leves cortinas de cassa, lá dentro hum vulto, que a passos lentos media a extensão da salla, folheando hum livro: ora pois, este vulto era o padre Anselmo, digo-o já a Vms., porque não quero fazer mysterio de huma coisa que talvez já tenha sido adivinhada.

— Com effeito! que vossa reverendissima se levantasse cedo como he seu costume, não me admirára eu; porêm abrir de par em par portas e janellas com este vento frio da manhã?

— Pois então? de que servira levantar-me cedo, se não devo respirar o ar saudavel, a que vós chamais vento frio da manhã? tende paciencia por hoje, disse o padre tomando o chapéo de tres bicos e o bastão, tende paciencia por hoje, que para outra vez terei cuidado em não deixar que penetre o vento até o vosso quarto.

Ou que Anselmo tivesse horror ás discussões feminis de sua velha criada, pois que fôra ella quem tão insolitamente viera interromper a leitura do Breviario; ou porque, e he o mais certo, tivesse elle mui de proposito aberto portas e janellas com differente tenção d'aquella por elle dita, esperando que o frio acordasse a velha para tomar conta da casa, sem esperar replica encaminhou-se para a porta, e sahio. Era o dia 15 de Junho, como já o disse a Vms., dia em que, se não lh'o haviam promettido, ao menos elle esperava descobrir alguma coisa de tão estranho successo, como o que lhe acontecera 15 dias antes; seu andar, ora apressado, ora lento e medido, patenteava ao vivo o estado desinquieto de sua alma. Fluctuando em hum mar de incertezas chegára elle á porta da cabana para ser testemunha do triste espectaculo que alli dentro passava. Dois moços, hum que chora e geme amargamente, outro que sem chorar deixa ver em sua physionomia os estragos que a dor subida produz n'huma alma de forte tempera: hum, como o lirio do valle, que ao pôr do sol a foice do segador offendeo na hastea, inclinada para a terra a mimosa cabeça, espera pelo orvalho da madrugada para se levantar cheio de vida; outro, como o jatahy despedaçado pelo raio com a fronte erguida e o tronco firme, porêm a seiva não subirá até o ultimo de seus ramos, e cahirá por terra. Porêm, ainda ha hi mais com que se desespere a alma e entristeçam olhos; esse cadaver, que elle reconhece, esse cadaver..... a mulher de seu irmão Antonio de Viterbo, o pedreiro, barbaramente assassinado ha 18 annos..... Oh! como tudo se aclára, como apparece terrivel a luz da verdade! desappareceo o mysterio e explicou-se a obstinação d'essa desgraçada em furtar-se-lhe aos olhos.

— *Si justus in terra recipit, quanto magis peccator? Livor vulneris absterget mala; et plagæ secretioribus ventris*, disse o padre Anselmo ajoelhando-se; e repetio em voz baixa fervorosa supplica, que devia ser ouvida ante o throno do Eterno muito em favor da misera Clara Julia de Viterbo, porque n'ella ia o perdão de seu ultrajado esposo. Depois levantou-se, e olhou hum e outro dos dois mancebos, como para reconhecer em suas feições qual d'elles era Pedro, de quem seu irmão lhe havia fallado tantas vezes, quando á noite deixando o trabalho vinha matar saudades da mulher e do filhinho, que haviam ficado no arraial da P.***, depois que fôra chamado a Marianna para concertar a pequena igreja, de que já fallámos no capitulo antecedente; porêm baldada esperança: hum d'elles, alto e moreno. de olhos e cabellos pretos, era o retrato vivo de seu irmão Antonio; mas o outro, de estatura regular, alvo, com os cabellos louros e olhos azues, parecia-se muito e muito com Clara Julia; ambos vestidos com jaquetas de panno alvadio, calças de algodão tintas de brahuna, e compridas botas de couro amarellado: porêm, interrogando-os, elle saberá o que pretende; mas, não seria mais prudente arrancal-os primeiro d'este lugar de dores?

— Mancebos, disse elle, apontando o cadaver de Clara Julia, o Senhor chamou sua alma ante si, bemdito elle seja em suas determinações; o corpo he da terra, e eu vos quero ajudar no piedoso dever de sepultal-o: vinde, a minha morada fica perto, ahi faremos conduzir esses restos, que tão caros ves devem ser; vinde, meus filhos, o Senhor he justo em seus decretos, não murmurem de sua vontade!

Pedro de Viterbo levantára pausadamente a cabeça ás primeiras palavras de Anselmo; escutara-o attento, e depois quando elle acabou de fallar:

— Justo em seus decretos! não murmurar de sua vontade quando me rouba minha mãi no instante em que meus olhos a veem pela primeira vez?! Homem, tu estavas ahi quando ella me chamou seu filho? tu estavas ahi quando sua voz, essa voz que eu ouvia reprehender-me, se hum máo pensamento me corria na mente; louvar-me, se minha mão dava esmola ao pobre, e soccorro ao desvalido; tu estavas ahi quando essa voz querida disse: Pedro!..... tu estavas ahi?! Viste-me ajoelhar para ouvir minha mãi que fallava, porque não foi mister que ella dissesse: Tu, Pedro de Viterbo, o tropeiro, hes meu filho; não foi! sua voz era a voz de minha mãi, disse-m'o o coração, e o coração não mente. E queres tu roubar-me seus restos? não queres que...

— Cala-te, insensato mancebo! disse Anselmo banhado em pranto; sabes tu quantas dores lhe poupou a morte! sabes que a presença de seu filho seria mais cruel para ella do que as torturas do passamento?! cala-te, e não blasphemes.

— Homem, eu não te entendo!

— Vem, meu filho; tu saberás, já que assim he preciso, o que melhor fôra que nunca soubesses.

— E meu irmão?

— Pois vinde ambos.

Então os dois mancebos ajoelharam-se, e hum após outro beijou pela ultima vez a mão já fria d'aquella que lhes havia dado a existencia, levantaram-se e sahiram; Anselmo lhes indicou cá do alto a casinha, a cuja porta deviam bater, depois fechou a esburacada porta da cabana, e se foi caminho da igrejinha.

— Já dobraste á missa? disse elle para o sachristão-sineiro, que desde muito o esperava.

— Senhor, si; porèm todos se foram, cançados de esperar: e alguns ouvi eu, que diziam de vossa reverendissima cobras e lagartos.

— Pois que diziam?

— Por exemplo, o Antonio da Lavra dizia que vossa reverendissima, em vez de cuidar dos christãos, que acodiam promptamente ao toque de missa, ia ouvir e presenciar os diabolicos encantamentos da feiticeira.

— Imbecil e atrevido!

— Póde ser; mas, se elle vio com seus olhos vossa reverendissima lá dentro?

— Vai-te, que és tão imbecil como elle; dobra segunda vez á missa, e por finados.

— Não será a segunda, porèm, sim, a quarta, disse o sineiro resmoneando; mas temos hum defunto, valha-nos isso: agora não tem esses senhores mais que replicar quando lhes dissermos: — Pela sepultura, acompanhamento, encommendação, missa de defuntos e dobre de sinos, tantas oitavas! não, que ahi está o regulamanto do nosso muito reverendissimo bispo D. Frei Manoel da Cruz, que lhes tirará as duvidas: que fez o conde das Galvêas com sua junta de ministros? que valeram, ha seis annos, as lamentações do governador e capitão general Gomes Freire? He forte a teima d'estes senhores, intrometterem-se com coisas da santa igreja!

Hum instante depois o sino chamava os devotos indagadores da vida alheia, que não vieram, e Anselmo revestido subia ao altar; acabado o sacrificio santo, e em quanto se desrevestia o padre, Ricardo o sineiro atormentava-se por não encontrar occasião propicia para fazer huma pergunta: porèm, vendo que depressa ficaria só, porque Anselmo acabava de cobrir-se com a samarra, antes quiz arriscar-se a ser taxado de curioso, e talvez reprehendido, do que ficar com a incerteza no coração.

— E então, senhor padre, quando os officios?

Anselmo olhou-o admirado; mas, comprehendendo que só o vil interesse motivava semelhante pergunta, e não cuidado pela alma que se havia ido d'este mundo, encolheo os hombros, e disse com a maior indifferença:

— Não o sei; porque o não vais perguntar á feiticeira? d'ella o poderás saber.

E deixou o pobre diabo, não só desesperado por ver frustrados os calculos egoistas que estava fazendo, mas tambem porque tendo sido advinhados cuspiam-lh'os na face de envolta com as novidades que tão officiosamente trouxera. Anselmo transpoz com incrivel rapidez o espaço que mediava entre a igreja e o tôpo da ladeira; e ao passar pela porta da cabana seus olhos se arrasaram d'agua:

— Desgraçada! o Senhor seja misericordioso comtigo, disse.

E dispunha-se a descer a ladeira com a mesma pressa, quando huma voz tremulha por velhice e cansaço, veio suspender-lhe os passos.

— Apage! que já desesperava de encontrar vossa reverendissima; fui á casa de.....

— Porèm, o que me queres tu, Angelica?

— Ai, bem pouco; só, que me digais o que havemos de fazer d'aquelles dois moços, porque, graças á bondade de vosso coração, não ha em casa senão o que parcamente basta para o jantar de dois, e todavia seremos quatro.

— O Senhor vigia sobre nós, e não desampara aquelles que confiam em sua bondade infinita.

— Já eu assim disse a vossos hospedes quanto ao almoço; queira o céo que elles se contentem

com outro tanto para jantar, e então tudo fica bem remediado.

— Angelica, mais carecem elles de repasto para a alma, do que para o corpo.

— Não entendo bem isso.

— Porêm entenderás o que te vou dizer; vai de minha parte chamar a amortalhadeira, e toma esta chave para a conduzires áquella.....

— Virgem santissima do Rosario! disse a velha largando no chão a chave, como se estivera em brasa; eu, senhor, entrar alli, em casa da feiticeira?!

— Tu não sabes o que dizes; que perigo ha entrar essa casa? tens medo de huma pobre mulher morta?

— Mas, senhor padre.....

— Vai; e volta depressa.

Ambos desceram a ladeira silenciosos; hum, com a cabeça perturbada por tantos accidentes, cada qual mais triste e terrivel; a outra, fazendo-se ver, ora os demonios ajudando a amortalhadeira em seu mister; logo, o cadaver levantando-se para afogal-as a ambas; depois, huma legião de espiritos infernaes, que, fazendo esgares e cabriolas, levavam o corpo, que a alma já de ha muito lh'a tinha aposentado no inferno a fertil imaginação de Angelica, fertil como tantas dos passados e chorados seculos. Quando chegavam ao fim da ladeira, Anselmo voltando-se para a velha, disse-lhe:

— O melhor habito franciscano, que fôr possivel fazer-se, hum caixão simples, porêm novo, e quatro tocheiros, ouves?

— Eis ahi em que se lhe vão as oitavas, disse a velha entre dentes meneando a cabeça em signal de desapprovação, e esquecendo as terriveis visões e estranhas sandices, que a tinham acompanhado na descida; fôra prompta a reacção, mas facil de explicar-se.

Algumas horas depois, Angelica entrava em casa de Anselmo, e este sahindo-lhe ao encontro:

— Então?

— Tudo se fez como vossa reverendissima ordenou.

— Agora vai por-nos o jantar na mesa.

Angelica arregalou huns olhos, que diziam mil coisas energicas; e Anselmo com affavel semblante repetio-lhe as mesmas palavras, que na ladeira:

— O Senhor vigia sobre nós, e não desampara aquelles que confiam em sua bondade infinita.

N'essa mesma tarde foi enterrado sem pompa, mas com decencia, o corpo da desgraçada Clara Julia de Viterbo; e Anselmo, que assistira ao acto, voltando á noitinha para casa, encontrou os dois mancebos mergulhados em profunda tristeza.

— Meus filhos, lhes disse elle, não será huma imprudencia, crueldade mesmo, acabar de rasgar as feridas de vosso coração relatando-vos as desgraças de vossa familia?

— Não, oh! não! disse Pedro; conta-nos tudo o que sabes, bom homem: para que esperar que ellas cicatrizem, se tem de verter novamente sangue? A incerteza he hum grande tormento; troquemol-a pela verdade, mesmo que mais terrivel seja!

— Oh! sim, sim, terrivel! Chegai-vos para aqui, meus filhos, e antes que principie minha narração, jurai-me que vos amareis sempre como..... como irmãos que sois!!

— Nós o juramos! disseram os dois quasi a hum tempo.

— O Senhor vos ouça e proteja sempre; ouvi-me, filhos. *(Continua.)*

RESPOSTA DO INDIO OUAIASSU' AO FRANCEZ CARLOS DE VEAUX.

Os Francezes para conseguirem a amizade dos Tupinambás, e indispol-os ainda mais contra os Portuguezes, não perdiam occasião de se fazerem affaveis, approvando até as extravagancias d'estes selvagens. Diziam-lhes os Misssionarios Francezes, quando elles amargamente se queixavam de que os Portuguezes desapprovassem os seus usos: — « Vós gostais de furar os vossos beiços, furai-os quanto quizerdes: si tambem gostais de pintar o rosto, e todo o resto do corpo, trazer-vos-hemos de França tintas de cores mais bellas, vivas, e variadas do que aquellas de que usais, emfim nós somos vossos protectores, respeitaremos vossos usos, e descançai que sob nossa protecção vós estais acuberto do barbaro jugo Portuguez: » A' hum d'stes discursos, pronunciado por De Veaux na Assembléa dos Chefes da Tribu, *Montborre-Ouaiassú*, velho Tupinambá, deo huma resposta memoravel, e digna das paginas da historia:

« Eu vi a primeira entrada dos Portuguezes em Pernambuco: elles principiaram como vós outros, não tratando senão de commerciar com nosco. Davam-nos foices, facas, machados, e outras mercadorias da Europa, e todos os estabelecimentos por elles formados não nos causavam temor. Tomaram o pretexto da sua segurança, e disseram-nos que era-lhes preciso construir Fortalezas para se aguardarem, e edificar Cidades, afim de se unirem com nosco em huma só familia. Durante este tempo tratavam livremente com nossas filhas, o que nós reputavamos grande honra. Depois deram-nos a entender que Deos reprovaria o casarem com ellas, se não abraçassemos o Christianismo, e que para o conseguir deveriamos dirigir-nos aos Sacerdotes. Vieram estes, arvoraram Cruzes, instruiram alguns de nós, e os baptizaram. Tentaram depois persuadir-nos que lhes eram indispensaveis escravos, tanto para cultivarem a terra, como para o trabalho das Cidades, e não contentes de reduzirem á escravidão os prisioneiros de guerra, quizeram alêm d'isso os nossos filhos, e finalmente concluiram subjugando a nossa Nação com tanta tyrannia, que a maior parte d'aquelles dos nossos, que ficaram em plena liberdade, foram obrigados a fugirem da Patria, para se subtrahirem á escravidão! Vós, ó Europeus, sois todos o mesmo!

(Mem. Hist. da Prov. de Pernambuco.)

BIOGRAPHIA

DE

D. JOSE' JOAQUIM DA CUNHA D'AZEREDO COUTINHO.

(Continuado da pag. 171.*)*

Tendo o Bispo de Miranda e Bragança feito desistencia do seu Bispado, no anno de 1802, S. A. R. se dignou nomear para aquella Sé o Bispo de Pernambuco, e lhe participou por huma mui honrosa carta, assignada pelo regio punho em 25 de Fevereiro de 1802. Nomeou o prelado hum governador do Bispado, no qual delegou os seus poderes até que fosse legitimamente trasladado para Bragança. — Partindo para Lisboa, assim que chegou, recebeu aviso do secretario d'estado dos negocios do Ultramar, para ir beijar a mão de S. A. R., que n'essa occasião, perante os Camaristas, se dignou fazer-lhe a honra de dizer que estava satisfeito do bem que o Bispo o tinha servido e á Igreja.

Passado pouco tempo, reclamou o Bispo de Bragança a desistencia que fizera, e continuou por tanto o Bispo de Pernambuco no governo e administração do seu Bispado. Vendo a Mesa de Consciencia e Ordens o Bispo em Lisboa, expedio ordens ao Cabido da Cathedral de Pernambuco, considerando-o como em Sé vacante, e aquelle Bispado como huma Igreja das Ordens. Tendo o Bispo noticia d'este procedimento, ordenou ao seu Delegado que não consentisse que o dito Cabido exercitasse jurisdicção alguma no seu Bispado; e no anno de 1804 fez hum requerimento a S. A. R. queixando-se da violencia, e da usurpação que a dita Mesa lhe fazia da sua Jurisdicção Episcopal e do Padroado da Corôa, que ella confundia com o Padroado da Ordem de Christo; requerimento que sahio impresso com o titulo de — *Allegação Juridica.* — Achando-se poderosa em protecções, e pretendendo, a todo o custo, sustentar o jus que lhe não competia, pedio a Mesa satisfação d'este requerimento contra o Bispo, ao que S. A. R. deferio mandando que respondesse a Mesa áquella Allegação, para o Desembargo do Paço examinar, e decidir este negocio. Depois de longo tempo, appareceo huma Refutação, mas só no titulo, recheada de Bullas, e Documentos, que se diziam extrahidos dos Archivos da Ordem, em que mais se nota em muitas cousas a confirmação, que a refutação do requerimento do Bispo, o qual respondeo a esta farragem com a Obra, que fez imprimir, intitulada — *Commentario para a intelligencia das Bullas e Documentos da Refutação.* — Nesta obra se desenvolvem as questões de jurisdicções entre os Bispos Ultramarinos, e a Mesa da Consciencia e Ordens, e os direitos do Padroado da Corôa, e da Ordem de Christo no Ultramar.

No tempo em que estas questões se ventilavam com o maior calor, tendo sido o então Bispo d'Elvas, D. José da Costa Torres, trasladado para Arcebispo Primaz de Braga, foi conferida a Mitra de Elvas (no anno de 1806) ao Bispo de Pernambuco, e dispoz-se este illustre Prelado a proseguir, n'aquella sua nova Diocese, as fadigas Episcopaes com o seu innato zelo pela Religião. O seu nome, tão distincto pelos seus doutos escriptos, como pelas virtudes christãs, que em seu procedimento brilhavam, fez alta impressão no animo do Nuncio Apostolico, o Excellentissmo Arcebispo de Nesibi, o qual instou com o modesto Prelado, que houvesse de dirigir, e offerecer a collecção das suas obras, em que reluziam tantos serviços feitos á Igreja, e ao Estado, ao nosso Santo Padre Pio VII, e que elle Nuncio se encarregava de as remetter ao Summo Pontifice. Agradecendo-lhe tanto obsequio, annuio o Bispo, e lhe entregou a collecção, acompanhada de huma elegante Carta Latina, em que, cheio de respeito, supplicava a Sua Santidade houvesse por bem perdoar seus erros ou defeitos, e mandal-os corrigir. Sua Santidade se dignou responder com mui affaveis, e honrosos termos, louvando as obras do sabio Prelado por huma sua carta de 16 de Janeiro de 1806, assignada pelo Secretario de Estado Domingos Testa.

Tornando a publicar-se no anno de 1806, no supplemento á Gazeta de Lisboa de 18 de Julho, que no Parlamento de Inglaterra se tinha resolvido a abolição do commercio da escravatura, dizendo-se ser contra a justiça, humanidade, e sã politica, prevendo o Bispo de Elvas que isto tinha por alvo unicamente arruinar a agricultura das outras Nações, que possuiam terras na America, para dar todo o augmento aos estabelecimentos Britanicos de Serra Leôa em Africa, e temendo ao mesmo tempo que por esta mal entendida, ou pelo menos intempestiva philantrophia se podia produzir no centro do Brasil huma revolução igual á da Ilha de S. Domingos, e outras Colonias Francezas, retocou e augmentou a sua *Analyse sobre o Commercio do resgate dos Escravos*, e poz na maior evidencia quanto eram insidiosos os principios, e funestas as consequencias de semelhante medida, coberta com a capa da humanidade.

Sobreveio entretanto a invasão Franceza n'este Reino, tramada pela mais detestavel perfidia: apezar de dominado o paiz pelo inimigo, e ha-

vendo quem suggerisse ao Bispo de Elvas dedicasse esta obra, que ia dar ao prélo, ao General Francez, ou a seu Amo, declinando esta officiosa suggestão, teve a coragem de a dedicar aos Brasileiros, recommendando-lhes, aqui mesmo, á face do inimigo, a obediencia ao seu legitimo Soberano, e que não admittissem as doutrinas, dimanadas de principios revolucionarios,

Quando o inimigo se apodera de hum paiz, que pretende obrigar a soffrer com bom animo o novo regimen imposto pela força, huma das primeiras cousas, que busca em seu auxilio, he a recommendação dos Prelados ás suas ovelhas, que se conservem tranquillas, e que se resignem á nova ordem de cousas. Iste fez Junot n'aquelle desgraçado tempo, bem como com os outros, com o Bispo d'Elvas; o qual, como se achava em Lisboa, foi palliando e demorando a composição da insinuada Pastoral, dizendo que a faria logo que chegasse á sua Diocese, para onde ia partir; e não se devendo aqui demorar por mais tempo, partio com effeito, mas de tal modo foi entretendo as coisas, que não cumprio a ordem do inimigo, sendo este expulso do nosso territorio.

N'aquelle mesmo tempo salvou da morte, o Bispo, com heroica resolução, o Tenente Coronel de Artilharia d'Elvas Domingos Franco (hoje Coronel reformado), condemnado a ser arcabuzado por ordem do General Loison. Depois de muitas instancias, sem jamais desmaiar á vista do perigo, que a todos ameaçava, pedio como especial favor, se lhe permittisse, ir morrer abraçado com aquelle seu filho em Jesus Christo, para assim dar a todos hum testemunho de que amava como pai os seus Diocesanos, e que como bom Pastor estava prompto a votar-se á morte pelas suas ovelhas. Abrazado no fogo da caridade, sem jamais prostituir o seu caracter, soube emfim enternecer, e dobrar o coração d'aquelles sobre quem ainda fumava o sangue das innocentes victimas da desgraçada Evora. Podia fazer mais hum dos Prelados santos da primitiva Igreja? Azeredo os desejava imitar.

Poz o General Hespanhol D. José Galuzo cerco a Elvas para d'alli expulsar os Franceses, e sabendo o Bispo que já se tratava em Lisboa da capitulação, pela qual estes haviam de ser expulsos de Portugal, conseguio de huns e outros, sitiantes, e sitiados, se conservassem neutraes até se concluir a ultima decisão, e d'este modo poupou a Elvas os desastres de Evora, Béja, e Leiria. Estes assignalados serviços se fizeram notorios ao publico nas Gazetas do tempo, e particularmente no Opusculo intitulado — *Narração dos factos acontecidos na Cidade de Elvas, desde que as tropas Hespanholas puzeram em sitio os Francezes que alli se achavam.*

Quando Massena em 1810 chegou ás fronteiras de Portugal, fez o Prelado Elvense huma exhortação para se fazerem preces pelo bom successo das nossas armas, e dos nossos alliados. N'ellas brilhavam a Uncção, e a energia em tão eminente gráo, que produzio a sua publicação na Cathedral hum geral enthusiasmo em todos os animos, parecendo que nada desejavam mais que correr ás armas para salvar a Patria, e dar ao mundo repetida a scena brilhante das Linhas de Elvas na nossa primeira restauração. Assim sabia manejar a eloquencia, e abrazar os corações no amor e defeza da Patria e da Religião.

Era mui particular desejo d'este illustre Bispo se conformassem os Ecclesiasticos do seu Cabido com os preceitos, e disciplina estabelecidos na Constituição do Bispado; insistio por conseguinte que os que desfructavam os bens da Igreja não fossem huns inuteis Membros d'ella, apenas frequentando o Côro, havendo alguns dos que desfructavam suas Prebendas, que se esquivavam a tomar as Ordens superiores do Sacerdocio. D'aqui se lhe suggerio larga questão, em que omittimos ser mais amplos, por evitar o pejo aos que concorreram para dar desgosto a tão recto e benigno Prelado. Passou elle por esse motivo a Lisboa a solicitar justiça, e em vez d'esta, achou, pelas intrigas dos seus proprios subditos, novas causas de desgosto, a ponto de lhe ser momentaneamente suspendida a cobrança das rendas do Bispado, ou embargadas as temporalidades. Tendo por este tempo empunhado o Sceptro da Monarchia, por fallecimento de Sua Augusta Mãi, o Senhor D. João VI., determinou o Bispo d'Elvas enviar á Côrte, como outros Prelados fizeram, pessoa que, em seu nome e do Cabido, comprimentasse Sua Magestade Fidelissima pela sua exaltação ao Throno do Reino Unido de Portugal, Brasil, e Algarves, para cujo fim deo os poderes competentes ao seu Secretario, o Conego Prebendado da dita Sé d'Elvas, João Joaquim d'Andrade; e aproveitando esta occasião o encarregou tambem de apresentar ao Soberano huma energica, mas veridica e documentada exposição dos ditos factos, os quaes o Augusto Monarcha conheceo perfeitamente serem a toda a luz verdadeiros.

Achava-se n'este tempo ainda vago o Bispado de Béja; e S. M., que desejava, como havia expressado, conferir a D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho hum Bispado mais amplo, o elegeo para o de Béja no dia 22 de Janeiro de 1818 (Anniversario da Serenissima Princeza Real);



S. João d'Itaborahu

porêm, como este Prelado não ambicionava augmento de rendas, antes pedia a S. M. o aliviasse do peso da Administração Episcopal, recusou aceitar hum Bispado não só muito mais pingue, mas que, pelos muitos annos que estava vago, tinha mui avultados cahidos.

N'este meio tempo falleceo em Lisboa o Bispo titular do Algarve, Inquisidor Geral, e chegando esta noticia ao conhecimento de S. M., e ao mesmo tempo a de que o Bispo d'Elvas se escusava de tomar sobre seus hombros o novo encargo de reger o Bispado de Béja, assentou que n'este Prelado sabio, sem vãs preoccupações; e religioso sem fanatismo, optimamente recahia a eleição para Inquisidor Geral, a qual S. M. fez publica na Côrte, com geral applauso, no dia 13 de Maio do mesmo anno de 1818 (Anniversario do nosso amado Soberano). A isto se ajuntou tambem a nomeação de Presidente da Junta do Exame do Estado actual, e melhoramento temporal das Ordens Religiosas.

Dizer com quanta rectidão e imparcialidade se houve no desempenho d'estes elevados Cargos o Bispo titular d'Elvas seria inutil, pois a mesma voz publica o apregoa, e o que havia praticado em todos os anteriores empregos assaz o affiançava em quaesquer outros, que lhe fossem conferidos.

A Provincia do Rio de Janeiro, tendo de eleger os seus Deputados em Côrtes, não podia esquecer-se de que em Portugal tinha hum tão illustre filho, e honrou com seu nome a lista dos seus benemeritos Deputados. Em consequencia do que, tendo recebido as devidas Procurações, passou a tomar posse do lugar de Deputado nas nossas Côrtes Geraes e Extraordinarias em o dia 10 do corrente Setembro, com summa satisfação d'aquelle Augusto Congresso, que das luzes d'este sabio Prelado esperava poderoso auxilio em suas tarefas. — Tinha porêm a Providencia em seus impenetraveis Decretos resolvido outra cousa; e parece que só esperava que este preclaro Varão chegasse a possuir mais este elvado caracter de Representante Nacional, para que, depois de haver subido a tão eminentes gráos de elevação Ecclesiastica e Temporal, sem jamais os haver solicitado, fosse descançar no seio da Eternidade, das terrenas fadigas, e receber da mão do Pai das Luzes aquella recompensa, que por seu zelo e mais virtudes religiosas e civis havia procurado merecer. — No decurso de sua vida gosou sempre mui vigorosa saude; apenas ha poucos annos tinha sido accommettido, por quatro vezes, de attaques de molestia interior, dos quaes se havia outras tantas vezes restabelecido, e parecia gosar de muito boa saude nos ultimos tempos; porêm na madrugada do dia 12 de Setembro (1821) lhe sobreveio hum attaque tão forte, que em breve conheceo seria o ultimo; tendo-se despedido de todos os seus familiares, e pedido perdão a todos que se debulhavam em lagrimas, cahio dentro de poucos minutos em huma profunda lethargia, e n'ella expirou das seis para as sete horas da manhã.

Seu corpo foi sepultado com todas as honras, que lhe competiam, em o dia 13 á noite no capitulo dos Padres de S. Domingos d'esta Cidade. Suas cinzas jazem na terra; porêm seu nome será venerado com respeito até a mais remota posteridade.

Rio de Janeiro.

S. JOÃO DE ITABORAHY.

A oito leguas de distancia da Cidade de Nictheroy se levanta huma elevada collina, sobre cujo cimo está assentada a povoação de Itaborahy. Qual fosse a sua origem, qual o seu primeiro habitante, he para nós hum mysterio, que o tempo tem tornado indecifravel.

Póde ser que isso nada tenha de curioso.

Mas quem sabe?.... he tambem possivel que dois perseguidos amantes, fugindo medrosos da prepotencia e do poder de seus inimigos, procurando escapar a pais severos, e a huma desamoravel familia, depois de peregrinar longos dias, chegando alfim a essa solitaria collina socegada... saudavel... bella... poetica... que se póde dizer hum orgulho da natureza Brasileira, a julgassem azada para a vida de seus amores, e ahi erguessem a primeira casinha, seu templo de ternura e felicidade.

O espirito do homem, que se enthusiasma pelo — bello —, procura por força no profundo e inexgotavel cofre de sua imaginação huma origem brilhante e romanesca para essa engraçada povoação, que se assenta em tão prasenteiro sitio.

A natureza he ahi grande e sublime.....

Essa collina voluptuosa se levanta no meio de longos valles, que por todos os lados se desdobram: dir-se-hia o seio puro e entonado da campina virgem.

Ainda outra vez, a natureza he ahi grande e sublime.....

Ao longe..... muito ao longe hum circulo de montanhas e serranias fecha o seu horisonte: he de ver-se essa immensa linha circular formada por gigantes de pedra negri-carrancudos, que parecem querer separar o torrão, que fecham do resto do mundo.

. . . . . .
Ao longe surgirão as escarpadas
Rochas, que a Nictheroy ao nauta occultam,
Penedias verás escalavradas,
Que enormes tanto avultam,
O Pão d'Assucar carrancudo e ousado,
E fronteiro submisso, fusco e turvo
Como vassalo curvo
O grave, feio e negro Corcovado. (*)
. . . . . .

E dentro d'essa cadeia de rochedos a natureza trajando suas mais formosas gallas se sorri e se pavonêa: para qualquer parte que se lance os olhos, descobrem-se longos valles aprazivels semeados de fazendas, e situações agricolas..... veem-se orgulhosas florestas, e logo depois campinas deleitosas.....

E se o sol de Janeiro acaba de despontar seus raios vão reflectir-se sobre os vastos canaviaes prommissores de abundancia e riqueza, brilhando sobre as folhas verdes de suas hasteas reclinadas.

Se a tempestade se avisinha, e sylva o vento, dobra-se á força d'este o mandiocal, que se encapella e joga, como o oceano, que a procella agita.

Huma manhã de inverno?... rompe huma aurora de Junho?... pois o véo da cerração envolve todos esses valles, e hum lago immenso e socegado á vista se offerece, d'onde, á medida que se vai ostentando o astro radioso, surgem, quaes bellas ilhotas, formosos outeirinhos, até que ao calor do dia o lago se desfaz, e desagparece, como se tivera sido apenas sonho engraçado da natureza adormecida.

E todas essas scenas se apreciam e se gosam, porque a collina de Itaborahy está levantada sobre suas terras, como o capitolio de sua Roma; como o throno de seus estados.

Mas não iremos alêm..... porque nem a nossa penna he dado pintar com justas cores tantas bellezas; nem jamais se pintou a natureza com a viveza de suas graças.

He na cima d'essa collina coberta de reverdescente relva, que se vê o templo de S. João Baptista, alvo e sereno; semelhante a huma garça, que de azas abertas se equilibrasse sobre as verdes aguas de hum oceano sem tormentas.

Quatro estradas, que fronteiras se namoram, dão entrada para a povoação, que nem por ser pequena e irregular, deixa de tocar o viajante, pelas graças que lhe empresta sua feliz posição topographica.

(*) *Cantico a Itaborahy.*

Formam a povoação cinco ruas e a praça em que existe o templo, e da qual a estampa, que acompanha este artigo, representa uma parte.

Os melhores edificios, que se veem em Itaborahy, são a Igreja Parochial, o Paço da Camara Municipal, o Theatro, a Casa de Mercado, e a casa do Exm. conselheiro José Bernardino Baptista Pereira, na qual foi outr'ora hospedado o Real Avô de S. M. Imperial.

O povo Itaborahiense he hospitaleiro, lhano, e pacifico: houve tempo, em que sobre elle se quiz lançar a nodoa de agitado e rebelde; porque não soube negar abrigo, e soccorros a Brasileiros, a quem o jogo da revolução tinha compromettido, ou a politica da epocha perseguia.

Rico, saudavel, alegre, e cheio de proporções para ser grande, Itaborahy todavia ou permanece estacionario, ou seu progresso he quasi imperceptivel: porque não progrede elle?....

He que no Brasil tudo quanto he aproveitavel, grande, nobre, e preciso, se olvida e se despresa.....

Ha só huma consideração, que póde tudo, que nunca se esquece, que dirige todas as nossas acções,..... o interesse proprio.

Nunca houve epocha, que tão de perto pertencesse ao egoismo.

Se grandes genios não tem nascido em Itaborahy, filhos d'elle podem ser apontados, representando papeis, que ninguem chamará secundarios, na grande scena da politica, na magistratura, na administração provincial, etc.

E todavia, Itaborahy ou permanece estacionario, ou seu progresso he quasi imperceptivel!!!!!! (*)

. . . . . .

Concluiremos este artigo recopilando o seguinte soneto:

As tuas auras, patria idolatrada,
Meu berço feiticeiras embalaram;
Teus prados a meus brincos se prestaram
Da vida mais dos annos na alvorada.

O Varzea, e sua margem suspirada
Huma infancia de flores me doaram;
Ah! se esses dias já p'ra mim findaram,
D'elles resta-me a idéa eternisada.

(*) *Poderiamos alongar-nos muito n'este ponto: demonstrariamos mesmo até a evidencia, que os naturaes procuradores de Itaborahy tem (pelo menos) deixado correr a revelia, por mais de huma vez, a causa, que a justiça, e sagrados deveres lhes mandavam defender; deixamos porêm de o fazer; porque não he este o ensejo mais opportuno.*

P'ra dever tudo a terra, onde nasci,
Entes, por quem minh'alma he repartida,
Ella terna aviventa junto a si.

Sensivel gratidão lhe he pois devida;
Aceita, encantador Itaborahy,
Meu pensamento, coração, e vida.

Dr. J. M. de Macedo.

A CRUZ DE PEDRA.

CAPITULO III.

A familia dos dois.

Eu e meu irmão Antonio nascemos de hum só parto, no dia 25 de Março de 1699, não longe da villa da P***, onde nosso pai possuia huma pequena porção de terra, de que pobre, mas honradamente se mantinha, e a sua familia, que ao Senhor approuve fosse numerosa; nossos primeiros annos gastamol-os em ajudar nos rudes trabalhos do agricultor hum pai, que nos amava em extremo, e em aliviar com nossas caricias os soffrimentos continuos de huma mãi, a quem haviamos custado largos annos de dores. O acaso, ou mais a necessidade, fez que eu e meu pai, não podendo vender nos arraiaes ácerca da villa alguns dos productos de nossa terra, os levassemos a Villa-Rica, onde nos haviam dito acharíamos para elles facilmente compradores; ahi os vendemos com effeito muito além de nossas esperanças e desejos: e de volta para casa, tendo calculado as despezas da viagem, assentámos de commum accordo, que de tres em tres mezes hum de nós, ora meu pai, ora eu e meu irmão levaria a Villa-Rica não só o que nos sobrava para vender, mas ainda cargas de outros, que por os preços da terra nol-as entregavam. Foi n'huma d'estas viagens que eu fiz conhecimento com o virtuoso e mui sabedor Padre-Mestre J. de S, E., que achando em mim disposições para o estado ecclesiastico, offereceo-se a meu pai para me educar gratuitamente, ao que elle annuio com difficuldade, porque meu irmão Antonio tendo aprendido o officio de pedreiro, trabalhava distante, e eu era o seu braço direito; porêm qual he o pai que trabalha para si? a fortuna parecia sorrir-se para mim: Vai, meu filho, disse elle hum dia, vai! tua mãi já não vive, teus irmãos são pequenos, he verdade, mas tambem tu o eras quando começaste a ajudar-me, elles me ajudarão; vai, e que o Senhor faça de ti tão bom sacerdote, como tens sido bom filho? Parti; e não vos contarei de meus estudos e viagens ao Rio, onde fui tomar ordens, porque n'esse tempo não estava ainda erecto o Bispado de Minas Geraes, que, como vós sabeis, de pouco acaba de sel-o; só vos direi que tendo recebido as de missa, corri a abraçar o meu velho pai, que parece só esperava por mim para deixar a terra e ir juntar-se no céo com aquella que seus olhos não cançaram de chorar: expirou em nossos braços, que meu irmão Antonio voltára para junto d'elle poucos annos depois de minha partida; expirou com esse socego que dá huma consciencia limpa, oitenta e seis annos de boas obras e trabalho, e satifeito de ver todos seus filhos criados e no caminho da honra. Alguns annos passei junto de meus irmãos que todos se haviam casado; depois vim fixar minha assistencia aqui, onde estou ha vinte e dois annos. Pobre sempre, tenho visto com horror os desmanchos de tantas consciencias estragadas e surdas, que sem pejo, ou temor, fazem servir ao demonio da cobiça as mais santas intenções; tenho visto enriquecer todos aquelles que como eu trouxeram para aqui por toda sua fortuna o Breviario e huma velha samarra; tenho-os visto extorquir o sangue dos pobres, sem se lhes dar por suas almas, a quem não valerão no ultimo dia montes d'oiro e punhados de diamantes!? e Deos me he testemunha de que muitas vezes forçado a receber exorbitantes quantias por aquillo que de graça mui bem poderia ter feito, o somno me fugia dos olhos largas horas da noite, cogitando os meios por que tornaria aos pobres o suor de seu rosto, sem que aquelles a quem faziam mal minhas tenções o percebessem; e sempre os achava: ora a viuva que morria de fome; logo, a orphãa que não achava casamento por causa de hum dote; depois, o obreiro enfermo, ou impossibilitado de trabalhar por lesão; sempre, sempre o Senhor me deparava com quem eu reparasse as injustiças de muitos; e quizera eu ter tantos peccados menos como de vezes o oiro molhado pelas lagrimas de sangue do opprimido tornou a ir de minha mão enchugal-as na d'aquelle que as vertêra! N'huma d'essas occasiões de insomnia, he verdade, mas que sempre valiam hum pouco mais, do que o somno terrivel do criminoso, n'huma d'essas noites appareceo-me aquella igreja lá do alto esburacada e suja, vergonha d'aquelles que tantas oitavas pediam aos freguezes por direitos parochiaes, benezes e pés d'altar; e disse entre mim: Esse dinheiro que ahi está he dos pobres; não servirá para desculpa se commigo o gasto a falta de caridade christãa

e a cubiça de alguns, que fizeram com que m'o dessem; pois bem, chamemos os obreiros pobres para concertar essa pequena igreja, e dobrando-lhes o salario faremos huma restituição.

— He sempre com que vossa reverendissima desculpa os desperdicios, resmungou a velha criada; sempre restituições, sempre! nem que tivesse recebido em má parte quanto oiro sahio das minas o anno passado.

— Oxalá que o tivera recebido!

— Havia de gastal-o com os de fóra em hum mez, e depois passar muitas semanas á mingua; primeiro nós e depois vós, diz todo o mundo.

Era a tal velha, como Vms. não quererão talvez que eu diga, huma das sementes que deviam produzir este seculo do *eu*, em que vivemos; moral depravada, que dava bem que fazer ao bom padre Anselmo, quando seu coração bondoso punha na mão dos pobres o que ella mais desejára ver ao canto da arca em sujo saquitel, ou cano de esfarrapada meia. O padre olhára os dois mancebos como para lhes perguntrr se partilhavam a opinião de Angelica; porêm o rosto de Pedro expressa a anciedade, com que elle espera, deseja e teme e fim da narração; o de Julião, o aborrecimento da criança, que vê interrompida a historia que o distrahe: satisfeito de sua muda interrogação, o padre continuou n'estes termos:

— Resolvido por mim o concerto, e comprados os materiaes, chamei os obreiros mais pobres, que haviam chegado á minha noticia, em cujo numero entrou meu irmão Antonio de Viterbo...

— De Viterbo! exclamou Pedro; que dizeis, senhor?

— Antonio de Viterbo, meu irmão e teu pai.

— E onde está elle?

— Acolá! disse Anselmo apontando para o oéo; e vendo o mancebo esmorecido deixar cahir sobre o peito sua bella cabeça, accrescentou;

— Mas vêde como he de summa bondade aquelle que tudo rege! no mesmo dia, em que arranca tua mãi aos soffrimentos d'este mundo, n'esse mesmo.....

— Me dá em vós hum segundo pai! disse Pedro lançando-se-lhe nos braços.

— Sim, hum segundo pai! eu o serei por dever meu, e porque he vontade do Senhor, pois guiou meus passos; louvemol-o em suas determinações sempre justas, ainda que muitas vezes á nossa ignorancia pareçam o contrario.

E continuou assim:

— Reunidos os materiaes e obreiros, demos começo ao concerto da igrejinha, sob a direcção de teu pai, que era entendido em seu officio; progredia a obra sem accidente, e muito a gosto de officiaes e mestres, que eu visitava todas as tardes, não para que minha presença activasse a obra, mas para regosijar-me com os progressos, que ella fazia, rever-me n'essas paredes alvas, e, deixai que o diga, para ouvir esses homens em sua linguagem, filha do coração, chamar-me seu bemfeitor; era huma fraqueza, mas quem he esse tão forte que nunca teve hum desvio que exprobrar-se? Ia, pois, ouvir esses pobres e animal-os, e á noite acompanhava-me teu pai até aqui, onde elle morou todo o tempo que viveo em Marianna; depois da cêa gastavamos algumas horas em fallar de nossa obra, de alguns moços que se distinguiam no trabalho, de tua mãi, e de ti mesmo, que eras bem pequenino e o seu unico pensamento, Huma tarde fui encontral-o pensativo diante d'huma pequena cruz de pedra, obra prima de seu engenho, á qual faltavam inda alguns toques.

— Irmão meu, lhe disse, estás admirando os primores de tua obra?

— Provera a Deos que assim fôra! me disse elle levantando a cabeça, e deixando-me ver o rosto palido e desfigurado; oh! que se eu pensára n'essas talhas não teria o inferno aqui dentro!! lêde, irmão, lêde essa carta.

E poz em minha mão hum papel machucado, no qual apenas se podiam ler estas palavras: No caminho do Rio te digo eu que vai ella; apressa-te, e por minha alma que apanharemos hum e outra.....

— Que huma bala os apanhe! eu, correr após huma mulher infame que me foge?! não serei tão insensato.

E logo lançando-se ao papel que eu tinha nas mãos, correo-o por os olhos, e leo n'elle cousas que eu não tinha enxergado; depois rasgando-o em mil partes:

— Levaram-no! exclamou o desgraçado! levaram-no, mas ao fim do mundo os seguirei eu! mesmo no inferno que se escondam saberei descobril-os, e arrebatar-lhes meu filho!! O', meu pobre filho, que esses miseraveis levam.....

E cahio no chão sem movimento: todos se acercaram, e aproveitando-me do seu desmaio, fiz conduzil-o á casa, onde permaneceo muitos dias em hum estado digno de lastima. Mal cobrou a razão não houveram forças humanas, que podessem desvial-o da estrada do Rio, onde se metteo inda doente, a pé, e sem esperar ao menos que Angelica lhe aprontasse huma pequena mala com roupa. Foi, e antes de chegar á cidade

já huma carta minha havia posto em actividade amigos que preveniam as autoridades, e olhavam a estrada de Minas; e de tal sorte se houveram, que por duas vezes os fugitivos lhes estiveram nas mãos: perseguidos por Antonio, e por meus amigos, Clara Julia e seu roubador voltaram sobre os mesmos passos, e desappareceram na vastidão da Provincia, onde por alguns mezes foram baldados os esforços da Policia para descobril-os; e teu pai com o desespero no coração voltou a Marianna. Passaram muitas semanas, que eu gastei sem proveito em consolal-o; trabalhava elle, porèm as cantilenas que d'antes acompanhavam o bater compassado da maceta no cinzel, essas nunca mais se ouviram, nem siquer huma palavra, pela qual eu podesse apreciar o estado d'ess'alma despedaçada, se o não conhecêra eu no sumir de suas faces, encovar dos olhos, finar-se! Ai, foi a primeira vez que conheci bem o que era a desgraça, pois que tão perto de mim ella fazia descahir lentamente na sepultura meu pobre irmão!! Já tinha perdido a esperança de ver outra vez a alegria sobre seu rosto, e com ella a saude e a vida, quando huma tarde entrou por essa porta hum rapaz, que eu conhecêra em Villa-Rica, escravo de meu protector e mestre; trazia-me huma carta de Clara Julia, na qual li o arrependimento de huma desgraçada e criminosa esposa, que teme a presença de seu marido justamente indignado, e aborrece a do miseravel, que a havia feito despenhar no abysmo: fiz partir logo o mesmo rapaz com direcção ao arraial de Santa Luzia, que de lá me vinha a carta de tua mãi, e após elle parti eu na esperança de encontral-a inda e conduzil-a a Marianna, que esperava eu fazer d'ella, com ajuda do Senhor, huma boa mãi e huma boa esposa, porque o criminoso que confessa o delicto humildemente vai adiantado no arrependimento. Parti, deixando Angelica intruida do motivo que me levava fóra da cidade; e por muita pressa que me désse na viagem, quando cheguei a Santa Luzia já hi encontrei teu pai, que tendo sabido por Angelica o motivo de minha viagem, caminhára noite e dia.

— Para o que tu vinhas, irmão, ambos chegamos tarde, me disse elle com huma tranquillidade horrorosa; porêm eu não perderei os meus passos.

— E não sabes para onde ella se foi?

— Perguntal-o a quem? a elle! sim, sim; esta noite o farei, e por minh'alma que de sua boca ninguem saberá huma só palavra d'esta nossa conversação!

E tirando de huma bainha de prata larga e pont'aguda faca, ria como hum louco, mas hum riso que me fazia gelar de susto; tive medo de seu aspecto feroz e ameaçador! parecia-me vel-o já com as mãos tintas em sangue, preso como assassino, e..... Oh! meu Deos! foi hum dia terrivel: roguei-o de joelhos por amor de seu filho, pela alma de nosso pai, de nossa mãi, que nos viam do céo..... Ah! surdo e implacavel repellio-me, e continuou na tenção feia que se havia proposto! Só me restava hum meio, e era proteger esse miseravel para salvar meu irmão de commetter hum crime; empreguei-o, e nunca se verificou tão horrendamente como logo verás, esse rifão na verdade impio, e he que — quem o seu inimigo poupa, nas mãos lhe morre. — Nada tinhamos que fazer em Santa Luzia, porque de tua mão não ficára rasto, e de seu seductor o apaguei eu de tal sorte, que teu pai cansado de buscal-o inutilmente, consentio em partir commigo para Marianna: chegado ahi, entregou-se com huma sorte de furor aos trabalhos, que muitas e repetidas vezes era mister arrancal-o á viva força de sobre a pedra. Primores d'arte sahiram de suas mãos, magnificas obras que o tempo não saberá dizer foram começadas ao som de pungentes gemidos, e que as rendilhou seu cinzel amolecidas com lagrimas!

— He o que ficará de mim sobre a terra, dizia elle, varrendo tristemente as lascas de pedra, que escondiam as flores de hum vaso, os lavrados da pyramide, ou as azas de hum cherubim; meu filho nem saberá o nome de seu pai, que esses malvados terão o cuidado de occultar-lh'o, e nada mais tenho que atteste minha existencia aos futuros n'este valle de miserias e dores.

Desde aquelle fatal e triste dia, em que teu pai recebêra a desastrosa carta, ficára lá para hum canto imperfeita e coberta de terra a pequena cruz, que n'essa epocha seu cinzel tirava de hum pedaço de bruta pedra; mão invisivel lh'a descobrio, e olhos de quem por hi passava ficavam presos d'essas subtis rendilhas; porèm mudos não ousavam siquer pedir que fosse tirada essa maravilha do lugar onde estava exposta ás injurias do tempo e do acaso; hum dia teu pai a enxergou tambem, e quando eu esperava hum accesso de furor, com voz triste:

— He preciso acabal-a, me disse; servirá para minha sepultura, se tu o consentes, irmão meu.

Havia tanta melancolia, tanta dor, tanta resignação n'estas poucas palavras, que minha voz presa na garganta não pôde responder-lhe; havia mais o presentimento, esse grito do coração, que

muitas vezes não cremos, e que raras mente. Foi continuada a obra da primorosa cruz com o mesmo affinco e fervor que as de mais, que suas mãos haviam feito; e já contavamos o dia em que seria acabada, quando na tarde de huma sexta-feira, entre as seis e sete horas, hum tiro de pistola chamou lá para a banda da encosta officiaes e serventes, que recolhiam as ferramentas, e que viram pela estrada de cima ir-se hum cavalleiro a largo tróte caminho da Passagem: todos se admiraram de o não ter visto passar junto da igreja, porque, se viera pela ladeira, não havia outro caminho trilhado que senão este, e se vinha lá das partes de Villa-Rica, porque tornava sobre os mesmos passos? Correram ao lugar onde teu pai trabalhava retirado, e acharam-no quasi de joelhos, com a cabeça encostada a hum dos braços da cruz, morto..... pobre irmão!

— E quem foi elle!? disse Pedro levando a mão ao cano da bota, e levantando-se; quem foi esse, que matou meu pai?!!

— De que te servira conhecel-o, e saber o seu nome? o Senhor se encarregará de castigar o criminoso.

— Oh! não, não! por essa cruz, que o sangue de meu pai tingio, juro que o assassino vil e covarde morrerá má morte ás minhas mãos!!

— Tu, matares meu pai! disse Julião levantando-se tambem, e travando com força do braço de seu irmão; não te lembras que tem elle hum filho, que atravessará seu corpo diante de tua faca, e o saberá defender contra o mundo inteiro!?

Era o que Anselmo havia previsto antes de começar a narração; o odio dos dois irmãos devia nascer no mesmo instante, em que Pedro soubesse quem tinha sido o assassino de seu pai; odio que talvez as admoestações do bom velho não poderiam arrancar do coração do implacavel Viterbo: por isso calára elle hum nome odioso mesmo a seus ouvidos, e calára inda certas circumstancias, que poderiam revelal-o. Os olhos de Pedro de Viterbo perderam todavia a expressão feroz que as ultimas palavras do tio e do irmão haviam produzido; sua testa desenrugou-se; dir-se-hia que algum espirito bemaventurado se lembrára d'elle chamando-o á razão: mas, ah! como se enganára quem assim pensasse! essa revolução subita era o resultado de hum máo pensamento; o assassino de Antonio de Viterbo tinha sido o roubador de sua mulher, e era o pai de Julião; mas, quem era elle? como se chamava, e onde vivia? Huma pergunta abriria os olhos do imprudente mancebo, que com seu arrebatamento denunciára metade do segredo; sua ameaça fecharia sem remissão a boca do tio; era preciso fingir que se resignava, e esperar do tempo, ou do acaso, hum nome, huma indicação, que o levasse defronte d'esse homem, que sem piedade lhe roubára mãi e pai. Foi portanto com voz branda e hypocrita, que elle se dirigio ao bom padre Anselmo:

— E a cruz, essa ultima obra sahida das mãos de meu desgraçado pai?

— Na parede da igreja do lado do Evangelho, e rente de sua sepultura a acharás, meu filho.

— E não poderá haver modo com que essa cruz me pertença? eu a quero, será minha herança querida!!

E elle fallava do fundo do coração agora; suas lagrimas não eram mentirosas.

— Pois bem, tu a terás, disse Anselmo; porêm lembra-te que pondo-a em tuas mãos me jurarás sobre ella de renunciar e esquecer o primeiro juramento que por ella fizeste, juramento que o Senhor não pode ter recebido!

O mancebo tremeo; sua mão direita foi lentamente até sobre o coração, que disse lá dentro: — Não, eu não posso fazer o que me pedes! — Depois deixou-se cahir n'huma cadeira com as mãos diante dos olhos, como para que não se podesse ler n'elles o que o coração dissera. Anselmo e Julião, enganados pela apparente tranquillidade de Pedro, e temerosos de que a menor palavra que aventurassem despertaria o volcão dormente, permaneciam silenciosos, e contra-gosto da feminil curiosidade de Angelica, que estranha e simples ouvinte desejava saber o resto da historia, se resto havia; ou senão que lhe fossem explicadas certas circumstancias, que haviam ficado algum tanto em escuro.

— Mas como foi que vieram estes moços a Marianna, disse ella, em procura de sua mãi, se elles a não conheciam, se não sabiam até de sua existencia n'este mundo?

— A pergunta he natural, disse Pedro de Viterbo com anxiedade; porêm creio que não haverá quem possa responder-vos, boa mulher, por que eu não o sei.

E olhou de revés para o irmão, como para fazer com que elle fallasse.

— Poderei eu fazel-o, disse o inexperto mancebo apanhado miseravelmente no laço, que a curiosidade da velha e a astucia de Pedro lhe armára.

— Pois contai-nos isso: vossa reverendissima não quererá sabel-o? continuou Angelica, vendo o padre abanar com a cabeça olhando a furto para seu sobrinho Pedro.

— A noite vai adiantada, e estes moços precisam de descanço, Angelica; vai mostrar-lhes seus quartos.

Julião e Pedro levantaram-se, e hum e outro apertando a mão de Anselmo, seguiram a velha, que sostendo a custo hum magno candieiro de latão, do qual por correntes pendiam baldes, tisouras, apagadores, e innumeras outras peças de ignorado uso, abrio caminho dando tremendos pontapés n'hum pobre gato, que a seu modo a affagava roçando-se por o timão de baeta côr de rosa, debruado de tafetá azul ferrete, ordinario traje das mulheres do paiz por tempos de frio.

Alguns dias depois, tendo sahido Pedro e Anselmo, a velha aproveitou a ausencia dos dois para se informar plenamente de tudo quanto a prudencia do bom velho occultára com a subita despedida dos dois mancebos.

— Meu Deos, deve ser bem triste não ter conhecido sua mãi! pois não fostes vós creado a seus peitos, senhor Julião?

— Senhora si.

— Mas como a não conhecestes?

— Eu era bem pequeno quando ella me enviou para meu pai.

— Ah! ella vos enviou para vosso pai! ora dizei-me, se vos apraz, como foi isso.

— Tinha eu apenas hum anno, quando minha mãi deixando arrebatadamente o arraial de Santa Luzia, me enviou para a fazenda de S. C., onde meu pai se havia refugiado des que perseguidos por Antonio de Viterbo junto do Rio de Janeiro tornaram a entrar na Provincia; logo que meu pai foi sciente de tão estranha e furtiva partida, correo ao arraial, onde, em lugar d'aquella que procurava, encontrou seu inimigo, em cujas mãos teria deixado a vida, se não fôra vosso amo, que elle não conhecia como irmão de Antonio de Viterbo. Deixando apressurado Santa Luzia, não tivera tempo de informar-se do caminho, que minha mãi tomára; porêm sabendo que ella nascêra em C. A., para ahi se dirigio, depois de me haver tomado em caminho: poucos dias haviam que com effeito ella hi passára, mas só tinha falhado o tempo preciso para recommendar á clemencia de huma velha tia seu filhó Pedro, de idade de tres annos, em cuja companhia fiquei eu, pagando meu pai largamente as despezas que podessem ser feitas com a minha creação. Muitos mezes vagou meu pai, sem que o mais leve indicio o esperançasse; até que emfim huma Dona, que elle conhecêra na Villa da P*** lhe affiançou que no ultimo dia de sua partida encontrára minha mãi em Villa Rica, e ella ia apenas cinco jornadas de tropa desviado; mão e cançado era o cavallo, que meu pai montava, já vinha descendo a noite quando recebeo tal noticia, mas no outro dia ao sol posto descia o Itacolomy, e meia hora depois procurava toda a Villa, sem que a mais estreita viella escapasse á sua indagação. Tres dias e tres noites gastou meu pai sem proveito, e na manhã do quarto desesperado, e sem attentar no que fazia, largou o cavallo caminho de Marianna; chegando á Passagem, receioso de ser conhecido logo, entrando na cidade por o alto de S. Pedro, e sabendo que Antonio de Viterbo trabalhava na igrejinha do morro, tomou o caminho de cima, e pelas 11 horas do dia, deixando no mato seu cavallo travado, approximou-se das obras sem ter sido sentido por nenhum dos trabalhadores: passar em frente da igreja era expor se a perder o fructo de sua temeridade, por isso deixou elle o caminho trilhado á direita, e abrio picada pela encosta até o rio, e tornando a subir lá bem longe, ganhou o meio da ladeira, e entrou em Marianna: foram inuteis suas passadas, que minha mãi não estava ahi. Ao descahir do sol, voltando pelo mesmo caminho para onde havia deixado seu cavallo, vio meu pai hum dos obreiros, que distante da igreja trabalhava debaixo de hum coberto; approximou-se d'elle com tenção de perguntar-lhe por Antonio de Viterbo, e saber, conversa travada, se a mulher vivia em sua companhia: qual não seria sua estupefacção reconhecendo no obreiro o mesmo Antonio de Viterbo, por quem foi tambem reconhecido?! seus dias estavam á mercê de seu inimigo, que avançando para elle.....

— Aleive, mentira, filho do assassino! disse Pedro abrindo estrepitosamente a porta; tu queres desculpar o covarde e infame, não? pois bem, dize-me como se explicará esse tiro, que fere o provocador pelas costas e á queima-roupa? como he que vinte pessoas, por mim interrogadas, mentem affirmando que meu pai foi encontrado morto junto de sua obra, sem que se visse rasto de sangue, que mostrasse ter elle sido ferido siquer a quatro passos de distancia?! Julião de Villasbôas, que agora te sei eu o sobre-nome, Julião, teu pai he hum cão refece, que abusou vilmente da confiança de hum amigo! teu pai he hum infame traidor, que para levar a cabo seus malvados intentos não teve pejo de pôr nas orelhas do mundo hum segredo, que a innocencia de huma criança lhe revelára!! emfim, teu pai he hum covarde assassino, que rojando pelas hervas esperou oito horas o instante de fazer fogo sobre hum homem descuidado e sem armas!!!.... Oh! vileza por vileza, traição por traição, assassinio por assassinio lhe pagarei eu! jurei-o por esta cruz, que não sahirá diante de meus olhos.

No limiar da porta, pallido e com as mãos violentamente apertadas contra o peito, Anselmo aguardava o instante em que sua voz podesse dominar a de Pedro, e vendo-o poisar a cruz sobre huma mesa, e prestes a recomeçar:

— Pedro! lhe disse elle com essa inflexão que o ponto de exclamação mal exprime, n'esse tom que só póde tomar voz de pai, ou de juiz; e o mancebo, que hum segundo antes arrostaria com o mais sanhudo tigre, que não saberia empallidecer na presença do maior perigo, fechou os olhos para não enxergar o carregado, mas venerando rosto do ancião.

— Que foi que me prometteste, Pedro? continuou Anselmo depois de larga pausa.

— Tudo quanto tenho cumprido, tudo quanto hei de cumprir, porque minha boca não mentirá, tio meu!

— Não, Pedro; tua calma era fingida, e eis a primeira falta; tu sonhas vingança, e alimentas odio.....

— Contra elle? interrompeo vivamente o mancebo, apontando seu irmão; não, oh! não! prometti-vos amal-o sempre, assi farei: minha desesperação despejou contra elle palavras injuriosas, que me arrependo de haver dito; porêm, Deos me defenda! se alguem se atravessar diante do assassino de meu pai.....

— Que horrivel pensamento!

— Tio meu, o Senhor não ha de permittir que eu molhe minhas mãos no sangue de hum irmão.

Anselmo ajoelhou-se e rezou: não era voz, nem poder de homem quem poderia chamar á razão esse pobre moço, que em sua cega ignorancia se arbitrava em juiz e executor de sua mesma vingança, e que humilhando-se hum instante antes em presença do tio por haver injuriado o irmão, deixava agora sem tremer de horror passar em sua mente as mais terriveis e sanguinarias idéas a respeito d'elle mesmo: quanto he digna de compaixão a desgraçada, orgulhosa e ignorante mocidade!

No outro dia de madrugada partiram os dois mancebos de Marianna; ambos dormindo no mesmo rancho, comendo á mesma mesa, percorrendo alapar a mesma estrada; porêm seus olhos não se encontraram mais, até que no rancho de C.***, retomando a tropa Julião adiantou duas jornadas por separar-se de Pedro de Viterbo, que conhecendo-lhe a intenção falhou tambem dois dias, mettendo-se d'est'arte hum intervallo de dez leguas, ou pouco mais, entre hum e outro. Julião de Villasboas, tirando quanto lhe foi possivel, chegou em breves dias ao Porto da Estrella, onde vendeo as cargas que levava, e sem ir á Cidade, carregando a tropa de sal voltou á Provincia: Pedro, tendo vendido os dois lotes que trazia encostados á tropa de seu irmão, desappareceo aos olhos de todos; e tres, ou quatro annos depois, Anselmo e Angelica choravam sobre seu cadaver, horrorosamente mutilado por hum Paulista em huma pendencia por causa de amores, cerca de duas leguas e meia alêm de Marianna

(Continúa.)

BIOGRAPHIA

DO

DR. PADRE ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS.

Vio a luz este sabio e honrado Brasileiro na Cidade do Rio de Janeiro, no dia 24 de Novembro do anno de 1762. Foram seus pais o negociante Luiz Pereira de Souza, e D. Anna Maria de Souza. Applicando-se aos estudos em tenra idade, e sendo de mui debil compleição, chegou a deitar escarros de sangue, e conseguidas algumas melhoras, passou a Portugal, contando apenas 13 annos de vida, onde o resto de seus preparatorios correo por direcção de hum seu tio, commerciante ahi vantajosamente estabelecido, e que nada poupou para que se desenvolvessem os talentos d'este Brasileiro, que já fulguravam esperançosos de hum brilhante futuro. Concluidos assim os seus primeiros estudos, e alcançada huma dispensa de tres annos, para poder frequentar a Universidade de Coimbra, matriculou-se na Faculdade de Leis; e então o seu genio, encontrando huma atmosphera mais favoravel á sua ambição de saber, tomou hum nodre vôo, e Antonio Pereira de Souza Caldas foi geralmente estimado pelos seus rapidos progressos, e pelo seu tacto fino em Litteratura. Encantado pelo estudo das Sciencias Naturaes, e applicado ao mesmo tempo ao das positivas, este joven venceo immensas difficuldades litterarias, e começou a ser objecto de vigilancia á assombrada policia de Portugal, que então castigava a mais leve sombra de liberdade de pensamento, valendo-se quasi sempre, para melhor segurança de seus golpes, de hum fingido zelo Religioso. O fogo da mocidade de Caldas o fazia ser menos reservado na expressão de suas idéas, aliás baseadas em solidos principios, e esta circunstancia concorreo poderosamente para a injusta perseguição que se lhe fizera. Preso com alguns outros collegas seus de reconhecido merito litte-



Lith.de Heaton e Rensburg, Rio de Janeiro.

ANTONIO PEREIRA DE SOUZA CALDAS

rario, foi entregue ao Santo Officio, e d'esse Tribunal passou, por ordem do Governo, á Congregação dos Padres Cathequistas de Rilhafoles, para fazer exercicios por seis mezes. O sabio sabe crear consolações nos mesmos lugares em que os ignorantes e os máos lhe preparam amarguras. O joven Caldas, superior a seus desastres, e sempre dado ao estudo das Letras, adoçou de tal sorte o tempo da sua injusta reclusão, que passados apenas quinze dias, os mesmos Padres Rilhafolenses representaram em seu favor, declarando que elle não necessitava de ser penitenciado, pois que até mesmo os missionava com verdadeiro fervor Apostolico. Caldas conservou sempre tanta amizade a estes Padres, que ainda depois de sahir do seu gremio, os frequentava, passando muitas vezes dias em sua conversação, estudando em sua Bibliotheca as doutrinas dos Padres e Doutores da Igreja, com que tanto abrilhantára depois a sua carreira Ecclesiastica.

Solto, finalmente, e restituido aos braços dos seus amigos e parentes, que bem conheciam a pureza de seu coração, e a rectidão de suas idéas, elle cahio ainda assim em huma profunda melancolia, que o obrigou a fazer huma viagem á França para distrair-se; e em Paris mereceo o bom acolhimento do Embaixador Portuguez, que apreciando os seus meritos litterarios instou com elle para que fosse morar no Palacio da Embaixada. O Marquez de Pombal, filho, que então ahi tambem se achava, deo-lhe provas de grande estimação. Caldas foi apresentado aos mais distinctos sabios da França, teve introducção nos mais celebres salões, e adquirio por suas luzes a amizade de grandes homens, que soube conservar até o fim da sua vida, sem nunca desmerecer do primeiro honroso conceito, que lhe grangeára a sua communicação.

Regressou a Portugal, e continuou os seus estudos na Universidade de Coimbra, fazendo grandes progressos, tanto por sua applicação ás Sciencias Naturaes, como ao Direito civil. Recebeo por ultimo o gráo de Bacharel formado, passando por *actos estrondosos*, como se expressou em seu louvor hum dos lentes que assistiram aos seus ultimos exames. Regressou logo a Lisboa, onde leo no Desembargo do Paço, e querendo o Governo despachal-o em Juiz de Fóra para a Cidade do Rio de Janeiro, elle recusou tão grande honra, talvez já convencido de que a Magistratura não era a carreira de sua vocação. Declarou-se pelo estado Ecclesiastico; e não querendo esperar pelas Demissorias, que se haviam pedido de sua Patria, embarcou-se para Italia com escala por Genova. Caldas dá conta d'esta viagem ao seu amigo João de Deos Pires Ferreira, em huma carta de prosa e verso, tão cheia de erudição, como de graças, e de imagens poeticas de uso não vulgar. Augmentando o cabedal de conhecimentos com que sahira de Lisboa, porque o sabio aprende sempre, e as viagens só são proveitosas aos que já tem proporções para meditarem philosophicamente, o Doutor Caldas teve a gloria de adquirir tambem na Italia muitos amigos sabios, que respeitaram seus extraordinarios talentos, e a sua grande probidade. Em Roma recebeo elle Ordens Sacras, e revestido no Sacerdocio, já com todas as qualidades para desempenhar dignamente as delicadas obrigações de tao santo estado, continuou as suas viagens até recolher-se ao Tejo, rico de conhecimentos e de boa reputação, adquirida por suas luzes e virtudes.

O Doutor Caldas foi homem tão desinteressado, que não quiz o Bispado do Rio de Janeiro, sua Patria, nem outro ainda, que o Ministro d'Estado Marquez de Ponte de Lima lhe offerecêra; e assim tambem recusou a pingue Abbadia de Lobrigos, da apresentação do Duque de Lafons, fundador e Presidente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e seu intimo amigo. O seu maior prazer era o estudo das Sciencias, e a communicação com os Litteratos, compondo obras de estimada Poesia, pregando em varias Igrejas de Lisboa, explicando o Evangelho das Domingas na Capella dos Caldas, seus parentes, com fructo dos ouvintes, e admiração dos Litteratos, porque a Santa Doutrina exposta com tão pura linguagem, e com tanta eloquencia, fazia-se recommendavel aos sabios, e ao povo.

O Doutor Caldas quiz vir ao Rio de Janeiro no anno de 1801 para visitar sua mãi, á quem sempre tributara os mais puros sentimentos de respeito e amor filial. Precedia-lhe a fama de seu saber e virtudes; e todos os seus patricios lhe deram, á sua chegada, aquelles signaes de estimação, de que se fazem dignos os que, como o Doutor Caldas, honram a Humanidade, as Letras, e a Patria. Mas não foi aqui longa a sua estada, nem o seu genio se conservou ocioso, pois que em varios Sermões que pregára bem manifestou quão profundos eram os seus conhecimentos nas Sciencias Sagradas e profanas. Voltou a Portugal, deixando seu nome recommendado á saudade de seus patricios, e d'alli só regresson na epocha de se passar ao Brasil a Côrte de Lisboa, fugindo á invasão Franceza.

Restituido á sua Patria, não quiz enterrar os seus talentos no seio de huma familia que o ido-

latrava, ou no silencio do seu gabinete; antes deo-se á communicação de sabios e bem escolhidos amigos, com os quaes entretinha interessantes palestras scientificas. O Templo de Santa Rita, onde recebêra a graça baptismal, foi então escolhido para as suas pregações Dominicaes, reunindo-se por isso immenso povo, pendurado de sua eloquencia arrebatadora, e ancioso por se penetrar das Doutrinas Evangelicas desprendidas de seus labios com sabedoria, e dignidade, fallando a lingua Nacional com elegancia, pureza, e feliz propriedade: senhor da Philosophia, da Eloquencia e dos nobres sentimentos dos mais doutos Padres da Igreja, o Doutor Caldas encantava, persuadia, e levava aos corações de seus ouvintes as verdades do Christianismo, arrebatado de hum santo fervor, e de tanta facundia, que parecia inspirado. Nem o seu zelo Apostolico se limitou unicamente á sua Parochia, porque a sua voz retumbou igualmente poderosa na Real Capella, e em outros muitos templos por occasião de grandes festividades.

Começou porêm a sentir desfallecimento de forças. Dotado de huma constituição debil, e que mais enfraquecia por suas continuadas macerações; gasto por seus aturados estudos e vigilias, a morte veio cedo cortar os dias d'este virtuoso, sabio, e honrado Brasileiro. O Doutor Padre Antonio Pereira de Souza Caldas morreo no Rio de Janeiro no dia 2 de Março de 1814. Foi sepultado na Casa do Capitulo do Convento de Santo Antonio, distincção esta que de bom grado lhe fizeram os Religiosos Franciscanos, em respeito aos seus grandes meritos. Seus ossos ahi jazem em huma simples urna, com o seguinte epitaphio, composto e traduzido pelo Brasileiro José Eloy Ottoni.

Brasiliæ splendor, verbo, sermone tonebat,
Fulmen erat sermo, verbaque fulmen erant.

TRADUCÇÃO DE HUM AMIGO.

Do Brasil esplendor, da Patria gloria,
Discorrendo, ou fallando trovejava,
O discurso, a dicção, a essencia, a fórma
Tão veloz, como o raio s'inflammava.

O Doutor Caldas abrilhantou a carreira da sua vida com actos de virtude e de sabedoria, que recommendam o seu nome ao respeito da posteridade, e que o fazem entrar na lista dos mais distinctos Brasileiros. Rogado no Rio de Janeiro por hum amigo abastado e sem herdeiros, na hora da sua morte, para que lhe acceitasse a herança de todos os seus bens, Caldas, agradecendo tão assignalado favor, moveo este homem a nomear por seu herdeiro a hum seu amigo, homem carregado de meritos e de filhos, mas pouco favorecido da fortuna. A este facto, que bem prova o seu desapego das riquezas, e a bondade de seu coração, vem juntar-se outros muitos, filhos de sua ardente caridade, e que agora omittimos por não fazer mais longa esta Biographia. Mas não podemos deixar em esquecimento huma das muitas esmollas que sempre fizera á custa de seu Patrimonio, porque ella se faz digna de memoria, pelas circunstancias, que trahiram a sua modestia n'esse acto de verdadeira caridade. O Doutor Caldas achava-se na roda de poucos amigos em hum lugar publico; chegou-se a elle hum necessitado a pedir-lhe esmolla; e não achando no bolço moeda com que o soccorresse, separou-se por alguns instantes de seus amigos para acompanhar o pobre. Voltando depois, e achando-os ainda a conversar no mesmo lugar, foi notado de não ter nos sapatos as fivellas de prata de que usava. A sua desculpa, sendo perguntado por essa falta, aguçou a curiosidade de alguem para indagar e descobrir que elle se privára d'esse traste, para o dar de esmolla ao pobre, que foi d'ahi encontrar.

O merito do Doutor Caldas como Litterato, manifesta-se em muitos dos seus escriptos, que talvez ainda venham á luz publica quando se vencerem as difficuldades que os conservam em quasi esquecimento. Algumas de suas Poesias, tanto Sacras como profanas, que já correm impressas, (Pariz 1821) inculcam assás a vivacidade de seu genio, a riqueza de sua imaginação, o seu gosto litterario, e a originalidade, com que em muitos rasgos excedeo aos poetas de seu tempo. Devemos a publicação dos dois volumes de Poesias do Doutor Caldas aos cuidados de seu Sobrinho o Sr. Antonio de Souza Dias, que os fez imprimir á sua custa. O mesmo pretendia fazer a huma collecção de cartas, escriptas no gosto das de Montesquieu, sobre a Côrte do Brasil, mas desgraçadamente foi perdido o codice na Europa antes de se dar á luz; escapando aliás bem poucas d'essas cartas, (que publicaremos em alguns numeros da Revista do Instituto) porque o Sr. Manoel Candido de Miranda as havia copiado, quando lhe foram dadas a ler, e depois tem sido offerecidas ao Instituto pelo Socio Correspondente o Sr. José Domingues de Attaide Moncorvo. Mas cumpre lembrar que n'essa mesma collecção de Poesias impressas do Doutor Caldas faltam, na parte das peças profanas, muitas, que haviam merecido a

approvação dos seus amigos Litteratos, porque o Doutor Caldas as dera ao fogo, logo que abraçou o estado Ecclesiastico. O Abbade Corrêa da Serra, seu intimo amigo, restreando esta sua determinação, de joelhos lhe pedio, que, pelo menos, reservasse duas tragedias por elle compostas, de cujo merito estava bem certo; mas esta supplica não foi ainda assim attendida, e só escaparam os versos profanos, de que tinham copias alguns de seus parentes e amigos.

A confiança que Doutor Caldas firmára sempre no saber e fidelidade do Tenente General Francisco de Borja Garção Stockler, o moveo a recommendar-lhe, no leito de sua morte, a mais escrupulosa revisão de seus escriptos, antes de se dar à luz publica. Appareceo parte d'este recommendado trabalho na impressão dos versos, que já mencionamos, na qual muito se distingue a sua Ode ao homem selvagem. N'essa collecção apreciam-se muitas Cantatas, e Odes Religiosas de grande merecimento, assim como tambem a sua traducção de muitos Psalmos, em que brilham o seu estro luminoso, e os seus profundos conhecimentos sobre a Lingua e Poesia Hebraica. Porèm já os Brasileiros quasi que vão perdendo a esperança de possuir outras excellentes producções, que sabem não foram condemnadas por seu Autor, e que se fossem publicadas honrariam muito mais a memoria do Doutor Caldas, enchendo de gloria a sua Patria. As suas Refutações ás Doutrinas escandalosas e hereticas de alguns Philosophos modernos; os seus Sermões sobre varios assumptos Theologicos; as suas cartas de Polemica e de Critica; os seus Commentarios sobre varios Auctores, e outras muitas Obras de publico interesse, das quaes dera conhecimento ao seu particular amigo o fallecido Bispo Capellão Mór, D. José Caetano da Silva Coutinho, e a outros Litteratos de sua intimidade, ainda não viram a estampa; Stockler, de quem foram confiadas, he já fallecido; morreriam com elle os preciosos manuscriptos do Doutor Caldas?... Assim tem sido o Brasil privado de excellentes producções de seus não poucos Litteratos; o fructo de suas fadigas, ou passa a mãos de herdeiros, que o não sabem apreciar, ou de amigos que se esquecem de solemnes recommendações. O mesmo Sr. Antonio de Souza Dias, Sobrinho do Doutor Caldas, possue alguns Sermões, que salvára do naufragio dos seus escriptos; elle tenciona publical-os, e faz todos os possiveis esforços para conseguir dos herdeiros de Stockler os demais manuscriptos, que lhe haviam sido confiados. Queiram os Céos coroar os seus desvellos em tão nobre empenho, para gloria de hum Brasileiro, que tanto nos honrára por seu saber. — *J. da C. Barboza.*

(Extr. da Rev. Trim. do Inst. Hist.)

Bahia.

FORTIFICAÇÃO DA CIDADE.

(Continuação da pag. 163.)

A ilha de Tinharè, em cujo morro se acha elevado o Presidio de S Paulo, distante da cidade 13 legoas, tem a figura de hum esferoide irregular com 6 legoas no maior diametro, e 3 no menor, com pouca differença. Na ponta mais eminente d'ella da parte do Sul onde principia a fazer barra com a terra firme, que lhe fica para o Occidente, está construida a fortaleza de S. Paulo bastantemente arruinada, e exposta em hum quadrilongo para commandar a entrada da barra. Ao lado esquerdo d'esta Fortalesa, seguindo a direcção da marinha, se prolongam seis ramos de muralha, que formam dous angulos salientes, e quatro reintrantes. Os tres primeiros, que partem da fortaleza, e terminam no Baluarte de Nossa Senhora da Conceição, servem de cobrir o accesso, e communicação da referida fortaleza; os dous seguintes flanquêam a marinha, o forte de S. Paulo, e o Baluarte da Conceição, e o sexto põem em abrigo pela parte posterior da fortaleza o mesmo Baluarte. Desta posição seguindo para o Portaló correm outros quatros ramos de muralha, que se apartam por tres angulos reintrantes, e dous salientes; em tres dos quaes se acha artilheria montada Segue-se o Portaló, que he huma rampa de communicação para dar entrada as obras que estão postadas no vertice do monte, e se encostra pelo lado direito com a bateria de S. João Baptista, que arrasa de flanco os quatro ramos da muralha ditos, fazendo toda sua extensão duzentas e sessenta e seis braças. Na espalda da tromba do monte, onde está a Fortaleza se encontra hum reducto sem defesas, com parapeito a barba feito d'alvenaria, á que se dá o nome de S. Luiz. Na corôã do monte, no lugar chamado Zimbeiro, estão duas peças montadas com o destino de dar signal das embarcações, que procuram entrar na barra da Bahia, e das que se encaminham para o morro; descobrindo-se d'alli claramente as que navegam de Norte á Sul, e ao contrario. No mesmo monte mais abaixo está o corpo da guarda de S. Antonio guarnecido com duas peças montadas, e huma bandeira; onde os do Zimbeiro dão noticia do que descobrem ao longe, e se dilata, por passagem das

sentinellas, té o lugar da guarda, que fica em frente do Portaló. Pela espalda do corpo da guarda está o deposito da polvora em huma baixa bem acautellada.

A este Presidio por causa da sua importancia se devia dar toda a força, de que elle he susceptivel; porque tendo a barra huma legoa de largura, os baixos aparcellados de terra firme, se estendem por mais de meia legoa para o canal, e precisamente as embarcações que houverem de passar por alli, ficão debaixo d'artilheria da Fortificação, o qual he tanto mais fundo, quanto mais para elle se chega, cuja vantagem o faz bem capaz das maiores náos, por ter de fundo 15 a 20 braças, já em bumas, já em outras partes té a ponta do Galeão, distante da Fortalesa pelo bosforo dentro huma legua, e pouco mais. Feixa o porto as embarcações, que navegam das Capitanias dos Ilhéos, e Porto Seguro na condução dos mantimentos para a Cidade, as quaes necessariamente vão esperar no morro tendente monção para poderem montar a barrra de Jaguaripe, funesta pela perda de muitas embarcações, que alli tem naufragado. Outro objecto não menos consideravel se vai a reflectir. No caso de se intentar o ataque da cidade, tendo os expugnadores primeiro ganhado este Presidio, n'elle pódem com segurança desembarcar, e alojar a sua tropa; estabelecer armazens, e hospital, e receber reforços, por ser superabundante de madeiras, pescado, legumes, e boas agoas: e sem maior incommodo que o de atravessar hum quarto de legua de mar, passa a terra firme, e delà proseguindo nove legoa, de marcha sem o menor obstaculo, chegar ao sitio dos coqueiros, que fica a quem da barra de Jaguaripe, de donde facilmente se pódem transportar para a Ilha de Itaparica, e apoderando-se da Fortaleza do Pontal, fazerem indubitavelmente prohibir todos os soccorros que pódem entrar na cidade vindos de fóra, ou do Reconcavo. Este sentimento he conforme ao de varios engenheiros que tem ido examinar a defesa deste presidio. Teve principio a Fortificação com que se acha no lugar médio da sua extensão pelo baluarte de Nossa Senhora, governando Diogo Luiz d'Oliveira. Rodrigo da Costa a reedificou. No governo do marquez de Angêja se traçou a que hoje existe, e no do Conde de Sabugosa se lhe poz a ultima mão. O seu comandante logra o titulo de Governador, e tem por guarnição huma companhia d'Infanteria com todos seus Officiaes competentes, e 150 soldados, alêm de um ajudante e hum capellão. Teve té o anno de 1776 outra companhia d'artilheiros, que a transferio o Governador Manoel da Cunha para esta cidade, deixando assim o Presidio privado de laborar com a sua artilheria.

Está munido com 49 peças de varios calibres, e os mais petrechos.

(Mns. da Bibl. Publ.)

O AMOR DO VATE.

Mais jeter ma colère en strophes cadencées!....
Consumer tous mes jours en sterilles pensées
Toute mon ame en chants perdus!....
V. Hugo. — *Ode IV — L.º I.*

I

Vate! aos ouvidos teus está tinindo
O oiro de hum rival, que te prefere!...
A razão desmentindo
O mundo vil confere
A essa bruta massa suspirada
Apreço tão subido,
Que a virtude recúa envergonhada:
Gloria, honra, amizade outr'ora hão sido
Pharol da humanidade;
Mas nossa geração aos vicios dada,
Surda á voz da verdade
Tal divisa riscou do nobre escudo,
Vendeo-se toda ao oiro — oiro hoje he tudo.

O ministro, qne a patria ao leme chama,
Que lhe incumbe guiar a náo do estado,
Cuidais que viva flamma
Lhe arde no peito honrado?.,.
Nas ante-sallas, que a moral detesta,
O perfido em segredo
Pensa, escreve, examina, impuro apresta
Leis, em nome, de facto insano enredo,
Que a triste nação prende;
A vis machinações traidor se presta,
Honras e graças vende;
He surdo, he cego, p'ra verdade he mudo:
Porque o oiro assim quer — e oiro hoje he tudo.

Vota o juiz ao crime a liberdade
Falseando p'ra isso as leis, qne allega;
A imiga crueldade
Infame chefe entrega
Invenciveis soldados veteranos;
O Sacerdote esquece
A sagrada missão, votos sob'ranos,
E o ministerio seu tisna, envilece.
Falso tribuno ousado
Ao povo illude, e preso em mil enganos
O vende agrilhoado:
Em vão solta a innocencia ai triste, e agudo,
Tinir d'oiro o abafa — oiro hoje he tudo.

Ao demonio que o inferno vomitára
P'ra transformado em oiro alçar victoria,
Ainda se prepara
Triumpho de mais gloria;

Com torpe indifferença, e inerte calma
Ahi 'stá a humanidade
Vendendo a peso d'oiro affeições d'alma!.....
Não ganha o pobre amor, nem amizade;
Das graças da belleza
Votado está o altar, votada a palma
Ao genio da riqueza!...
Maldito sec'lo, que embraçou escudo,
Onde tem por divisa — oiro hoje he tudo.

II.

E hoje quem vai de amor tentar ventura
Sem ser coberto d'armas d'oiro fino
Se ha por arena hum seculo de usura?....
Quem não se ha de lembrar
Que póde algum chegar
Athleta que por armas bolças tendo
Entre ricos senhores lustre, e prime,
Ainda que no rosto lhe vão lendo
A estupidez e o crime?...

Quem?... se a mulher acima da ternura,
Sobre o amor, gratidão, sobre amizade
Põe a massa doirada, bruta, e dura,
Que os adornos custosos,
E enfeites primorosos
Lhe vai proporcionar p'ra embellezal-a:
Inda que o homem, que tal dom lhe off'reça,
Não saiba com que amor cumpria amal-a,
Nem seu amor mereça?...

Vês alli esse velho já cansado
De amontoar riquezas, e riquezas,
Que sempre alheio de amoroso agrado
Tanto hoje se desvella
Por essa joven bella?...
Elle tem contra si hum forte athleta;
Hum mancebo disputa-lhe a victoria;
E esse mancebo he bravo, ardente, e poeta;
A qual dos dois a gloria?...

Alma innocente, ou harpa sonorosa,
Em cada idéa hum hymno de poesia,
Vida tão pura, qual pudica rosa,
E além do véo escuro,
Que nos guarda o futuro,
Nobre lugar no templo da memoria,
Tem por pharol da honra aceso o archote,
E por modelo dos heroes a historia:
Eis do mancebo o dote.

Mas que valem taes dons? — aura-brilhante
Aos olhos da menina o velho atira
O painel de huma vida fulgurante;
O olhar das outras damas
D'inveja erguendo chammas,
Ricos tectos... theatros... baile... a fresta...
Doirado carro estremecendo a rua....
Ah!... já sobra!... — que duvida te resta;
O' velho! a bella he tua.

III.

E no entanto, oh mulher! que amor mais forte
N'este correr de vida,
Que esse do vate, que arrebata a morte
Da sua bem querida
O nome, os olhos bellos, o semblante,
Para aos vindoiros amostral-o ovante?...

Que de grandeza n'esse amar de poeta!
Su' alma apaixonada
De humanas affeições transpõe a meta,
Ao extase levada
Dos pensamentos seus ante a senhora
Não ama... adora-a, qual se hum anjo fôra.

Junto d'ella bebendo arrebatado
Sorrir de amor ditoso,
Ou o terno suspiro entrecortado,
Ou brando olhar queixoso
Traduz, responde, e mudo comprehende
Doce idioma, que só alma entende.

Na mente ousada o pensamento ardendo
De amor em fogo eterno,
Vai-se aos pés da belleza derretendo
Puro, melifluo, terno
Em doces hymnos todo transformado,
Qual incenso se fôra a hum Deos queimado.

Da amada os dotes soam-lhe nos cantos,
E o nome, e o rosto d'ella;
Chega a pintar-lhe divinaes encantos,
E, a faz, do que he, mais bella;
Canta ainda..... e se ao somno dá momentos,
Da-lhe em sonhos dormindo os pensamentos.

E essa he a vida, que por *ella* corre;
A sua gloria he *ella*;
Por *ella* ri, e chora, e vive, e morre;
Ella he a sua estrella;
Nos versos seus *ella* he musa invocada,
E he por *ella*, que vibra harpa afinada.

Quem póde como o vate além dos annos,
Além sec'los futuros
Fazer admirar mimos sob'ranos,
Amores castos, puros,
Voz sonora... do corpo a formozura,
Dotes d'alma, e de olhares a ternura?...

Atira o vate além do sec'lo os hymnos,
E n'elles insculpidos
Encantos, que co'a lyra fez divinos;
E lá.... enternecidos
Os vindoiros ao ler a copia d'ella,
Leem-lhe — o nome — e dizem — quão foi bella!....

Hum valle ha feio... escuro... enregellado,
Que espera o fraco, e o forte;
Quem chega ahi, não mais será lembrado;
He o valle da morte:

Nome... riqueza... amor... crime... e virtude,
Apaga tudo esquecimento rude.

A despeito porêm de ordem tão fera,
Com o Rei de acções briosas,
Com o heróe escapa o Vate á lei severa,
E sobre azas forçosas,
Com que sobe da gloria a alta morada
Leva o Vate com sigo a bella amada.

He por tal que Natercia eterna vive,
E a Laura de Petrarca;
E a Marilia do bom Direeo revive,
Embalde a fera Parca:
He por tal que da morte a fria neve
Contra amadas dos Vates não se atreve.

IV.

Embalde a ingratidão! — não ha de o vate
Quebrar a lyra altiva,
Nem murchar flor de genio em selva escura,
Só porque a belleza foi-lhe esquiva,
E não pagou ternura.

Não! que mote mais nobre á gloria o chama.
Seus hymnos luminosos
Vertendo em voto humilde a divindade,
Cantando a patria, e seus heroes famosos,
Sobe a immortalidade.

E no entanto, oh belleza, cá definhas.
D'annos a conta errando
Não podes impedir, que o tempo corra,
Nem que vão tuas faces se enrugando,
E a juventude morra.

E o bago ha de cahir da extrema hora,
E além..... o esquecimento!....
Não te darão os cofres teus pesados
Talvez nem mesmo a gala de hum momento
No dia de finados.

E o rosto, que não teve hymnos de hum vate,
Occulto em campa fria
Já carcomido pelo verme impuro
Não terá dita de valer hum dia
Lembranças no futuro.

E emfim que te ficará d'essa vaidade,
Belleza incauta e leve?...
Apenas a caveira torpe e feia
N'huma urna escondida; e se a não teve
Rolando vil na areia.

Eia!... pois bem: belleza, flor de hum dia,
Despresa... o vate insulta;
Que elle se vinga assás, se assás te cala;
Que em quanto no porvir seu nome avulta,
No teu jamais se falla.

Accendesse-me Deos no esp'rito humilde
De genio a luz preclara!...
Que nunca a essa belleza tão mesquinha
Dera a lyra, que nobre só votára
A Deos, e á patria minha. (*)

Dr. J. M. de Macedo.

GOSTO E GENIO.

O Genio produz, o Gosto conserva. O Gosto he o bom senso do Genio; sem o Gosto, o Genio não he mais que huma sublime loucura. O tocar certo para que a lyra só produza o som que deve produzir, he ainda mais raro que a faculdade que cria.

O Espirito e o Genio, diversamente repartidos, enterrados, lattentes, ou desconhecidos, passam muitas vezes entre nós sem desenfardar-se, como diz Montesquieu: existem na mesma proporção em todas as epocas; mas no decurso das epocas, só existem certas nações, e n'estas nações apenas hum curto momento em que o Gosto se mostra em toda a sua pureza. Antes ou depois d'esse momento, tudo pecca por falta ou por excesso.

Eis aqui porque as obras perfeitas são raras, pois he preciso que sejam produzidas nos venturosos dias da união do Gosto com o Genio. Ora, este grande encontro, como o de alguns astros, parece não chegar senão depois da revolução de muitos seculos, e não durar mais que hum instante. *(Chateaubriand.)*

Existe hum Deos. As hervas do valle e os cedros da montanha o bemdizem; o insecto sussurra seus louvores; o elephante o saúda ao despontar do sol; a ave o canta entre a folhagem; o raio faz brilhar o seu poder, e o oceano declara a sua immensidade. Só o homem tem dito: — não ha Deos! *(Chateaubriand.)*

Herder e Schiller quizeram na sua mocidade fazer-se cirurgiões, mas o destino lh'o prohibio. « Existem, lhes disse elle, feridas mais profundas que as do corpo; curai-as. » E ambos escreveram. *(Jean-Paul.)*

Os conselhos duros, não produzem effeito algum; são como os martelos, sempre repellidos pela bigorna. *(Helvetius.)*

(*) *Em hum dos proximos numeros será publicado hum outro canto do mesmo Sr., contrastando este.*
(N. da R.)

FRAGMENTO « DA MINHA CARTEIRA DE VIAGEM. »

Em huma d'essas noites de março, em que a lua do tropico, coroada de sua aureola de purpura, derrama hum brilhante prateado sobre os mares e os montes; dirigia meus passos pela rua dos Barbonos para o morro de *Santa Thereza*, com a indolente tranquilidade do estrangeiro, quando, não esperado nem conhecido de pessoa alguma, caminha, mais á mercê do instincto, que da propria vontade.

Em meia hora de caminho, achava-me ao pé dos *Dois Irmãos*, com a cabeça descoberta e os olhos extasiados, admirando a magnifica perspectiva que me rodeava.

Quem tem sentido voar seus cabellos ao impulso das *Sustadas* (*) do deserto, debaixo das nuvens da zona temperada, ou endurecer seus membros ás rafegas glaciaes do Circulo Polar, tem em suas recordações o poder da comparação, que he a pedra de toque do *bello*.

Já o disse em outra occasião: — A terra que tem o Cruzeiro por corôa, he o *rendez-vous* das graças da natureza com os affectos do coração humano; e o Rio de Janeiro, este paiz privilegiado pela mão de Deos, com a copia dos panoramas do seu Paraizo encantado, he a gruta phantastica do jardim tropical.

Huma admiração religiosa se apodera da alma, ante a sua esplendida natureza, que como huma idealisação da divindade, se banha nas ondas de ouro do sol brasilico.

. . . . . .

A noite estava tranquilla; huma viração tepida e languida como o suspiro da mulher desgraçada, resvalava por cima das folhas das arvores prateadas pelos raios pallidos da lua, que no meio dos céos, rodeada de sua côrte d'estrellas, parecia huma perola entre hum circulo de diamantes.

Da altura em que me achava, offereciam-se a meus olhos, de hum lado a cidade, que, a tal distancia, e com a illuminação de suas ruas, parecia outro céo estrellado, esplendido e tranquillo a meus pés, como o que cobria minha cabeça.

De outro lado a bahia; a sem-igual bahia do Janeiro, com as pittorescas ilhas que lhe guarnecem a entrada, e sobre suas aguas adormecidas centenares de navios, como bosques fluctuantes.

Cruzei os braços sobre o peito, e contemplava, quasi com hum sentimento de orgulho, este bello pedaço da minha adorada America!

Cahio então em minha alma essa pergunta desoladora, que tantas vezes fiz á minha propria consciencia, debaixo dos climas americanos, em presença dos opulentos caracteres de sua natureza:

Porque razão o Genio se não eleva na America á altura da sua natureza, e dos destinos que deve representar no mundo, quando a mão dos seculos tiver roçado hum pouco mais a crista dos Andes?

O facto he de huma existencia palpavel.

Aonde encontraremos a solução d'este problema moral?

Na natureza de seus filhos?

Não: a natureza moral do homem nunca he menos forte e bella, que a natureza physica que o rodea. — Debaixo das impressões do clima da Grecia e da Italia nasceo a civilisação do mundo.

Na natureza da sua epocha?

Não o affirmamos; apenas apontaremos as idéas que nos inclinam a acreditál-o.

Ha perto de meio seculo que as colonias europeas na America, mais tarde ou mais cedo humas que as outras, arrojaram com hum ponta-pé para o outro lado do Atlantico o jugo de ferro que por 300 annos as opprimio, e se levantaram independentes á face de seus antigos senhores.

Durante a vida de sua escravidão, adquiriram huma crença, - a *crença religiosa*.

Durante a vida da liberdade, adquiriram outra crença, — a de sua *independencia politica*.

Ha na America alguma outra crença publica?

Pois bem; a mesma causa que produz a escravidão da consciencia americana, ás crenças europeas, em philosophia, legislação, sciencias, artes, litteratura, e ainda nos costumes, he a que produz o abandono do Genio americano, para seu engrandecimento e originalidade.

Precisámos de Chateaubriand, para levantar do Mississipi o véo de seus encantos: de Toqueville, para conhecer nossa propria democracia; e de D'Orbigny, para conhecer nosso terreno.

Buscai aquella causa, primeiramente na sociedade, depois nas instituições, e ahi a encontrareis.

Achareis que a intelligencia não tem classe na sociedade americana, mas que ella vegeta só, como o arbusto no deserto.

Que na America só existem tres classes.

A classe barbara, que não lê, porque não sabe.

A classe que especula com os destinos publicos e tyrannisa o povo, que só escreve leis ruins, e que só lê suas proprias leis.

(*) *Palavra local que sigdifica o vento fresco do S. E.*

A classe commercial, que monopolisa as riquezas publicas, e forma huma aristocracia poderosa e despotica sobre o resto da sociedade. Esta classe lê unicamente cifras; - o seu alphabeto compõe-se apenas de dez caracteres.

Em que preço terá hum mercador inglez huma verdade philosophica, huma theoria social, ou huma inspiração poetica?

Em que preço o governo, cuja existencia politica descança no silencio e na ignorancia publica?

Huma sociedade atrazada por não poder beber a civilisação no exemplo da madrasta, e humas instituições estranhas ás suas necessidades, não pode ser theatro das inspirações do Genio.

Ostentar-se-iam no mundo europeo as phantasias de Hugo e de Lamartine, se a mão da Austria deixasse de opprimir algum dia a fronte da Italia, e, livre seu Genio, pudesse elevar-se á altura de sua natureza?

America! Quando a liberdade tiver cravado seu throno de alabastro debaixo do teu formoso céo: quando a civilisação se derramar sobre as frontes de teus filhos, bellas como o sol que as doura, o Genio americano abrirá suas azas sobre o mundo, e, á sua sombra, os Andes e o deserto, o Paraná e o Amazonas, tuas flores e teus bosques, tuas tradicções e tuas glorias, não serão já senão propriedade de teus filhos.

Esse dia chegará. - O porvir do mundo he o patrimonio da America; porém os decretos da Providencia são executados pelo homem, e he necessario *trabalhar*.

Nossos pais nos deram huma independencia politica. — Cumpriram a sua missão: —não devemos exigir mais.

Somos nós, seus filhos, os que devemos dar contas ás geraçoes futuras do emprego que fizemos de nossa epocha.

Temos de continuar a revolução, porque a Hespanha e Portugal ainda imperam em suas antigas colonias; e temos de firmar huma independencia, quiçà mais cara, — a independencia intellectual.

Independencia moral e philosophica.

Independencia litteraria.

Independencia ideologica.

Independencia de expressão.

Só depois de ter conseguido tudo isto, teremos huma litteratura e hum Genio americanos.

Isto, porêm, não he hum principio, mas huma consequencia de outro trabalho anterior: - O trabalho contra as reacções que se effectuam entre nós. Sua fonte encontra-se nas instituições.

As instituições não são na America a expressão das necessidades sociaes, porêm da politica anormal de seus governos.

Logo, he com os governos que deveis encarar-vos frente a frente, com o valor que resulta da justiça de vossa causa, e a confiança na opinião do povo, cujo bom senso suppre a civilisação que lhe falta.

Huma revolução se fermenta no pensamento da nova geração, e essa revolução triumphará, porque nenhuma geração joven considera perigosa outra geração que caduca, e com ella seus vicios, seus erros, e suas preoccupações.

Quando essa revolução tiver dado o seu ultimo resultado, a sociedade vivirá no seio da liberdade; terá suas classes, e o Genio e a virtude terão igualmente as suas.

Huma vez em seu theatro, representarão o seu papel, e a magnificencia americana terá huma lyra e hum pincel americanos.

José Mármol.

O Amazonas.

Hum gigante reclinado sobre o dorso defende a vasta bahia fluminense da acção poderosa do oceano e dos ventos austraes, e de quando em quando, com dormente olhar contempla o grande numero de navios, que de todos os lados se approximam, vindos de bem remotos lugares; o estrangeiro mal o avista sente o coração oppresso pela idéa de sua magestade, e inclina a cabeça respeitoso: immovel e insensivel como a materia de que he formado, recebe os cortejos, e nem dá indicio de os perceber. Sua cabeça altaneira diverte-se em brincar com as nuvens, sem que os pés descancem de brincar com as aguas *, apesar de sua reconhecida immobilidade.

Hum outro gigante ao norte do Brasil, mais inconstante por natureza, e de huma materia mais susceptivel de agitar-se, recebe gráos de affectos e os manifesta como que orgulhoso; elle precipita-se por entre os matos, saltando de pedra em pedra, como a fera acossada, destruindo corajoso quantos obstaculos lhe embargam a carreira: sua velocidade, seu furor são quasi incriveis, quasi incalculaveis; julgar-se-ia sem fim o movimento de que he dotado, mas não.... elle pára, e, depois de erguer o cólo aljofrado, abre duas extensas e assustadoras bocas, e desafia o oceano, que, de quando em quando, lhe atira olhadas de concen-

* *Vede o 1.º nuuero do Ostensor.*



Lith. de Heaton & Rensburg, Rio de Janeiro.

ROCHEDOS DO RIO AMAZONAS.

trado despeito. E então suas linguas até alli dormentes se agitam e tremem por excessivo furor; elle brada como o trovão; elle se abala, se torce, e atira-se ao inimigo com verdadeira coragem. A luta trava-se, e o gigante ás vezes recúa, mas não se demora em offerecer-se de frente com mais furor; depois arqueja, e por fim cede ao poderoso impulso do oceano: porèm não tarda a cobrar animo, e a arremessar-se de novo ao vencedor e a vencel-o.

Eis dois contrastes. O gigante-fluminense he de huma solidez de materia que faz inveja a muitos corpos; o gigante-paraense, ou melhor o *Amazonas*, he ao contrario formado de substancia por sua natureza fluida: o primeiro espera os ataques do oceano, e diverte-se com elles; o segundo não espera que o ataque, arremette, luta, cede, ou vence.

Talvez se nos crimine de assim tratarmos o rio Amazonas; a esses diremos que Jacquier, celebre geographo, tratando da classificação dos rios, o chama *Gigante dos rios*. E porque não? O que são á sua vista o Ganges, o Nilo, e o mesmo Volga? Se esses rios merecem dos habitantes do antigo mundo consideração e respeito, o maior rio do mundo não o merecerá?!

Nós quizeramos entrar agora na descripção minuciosa d'esse rio, mas, tendo em nossa mão parte da obra geographica que o Sr. Nunes de Seuza está publicando *, (pois fez-nos a honra de confiar seus manuscriptos), aproveitamos esta occasião para indicar aos nossos leitores o merecimento d'essa producção, extrahindo o seguinte:

« O Maranhão, vulgarmente chamado *Ama-*
« *zonas*, e pelos Topinambás *Paranáassu* (que
« quer dizer rio grande), parece que deriva seu
« nome da palavra *Maranhy*, que em lingua in-
« digena significa *agua que corre brigando;* e mais
« nos inclinamos a isto, attento ao effeito pro-
« duzido pelas pororocas **. Este portentoso rio,
« o mais caudaloso do mundo, principia no Perú
« perto do Huanuco, no lago *Lauriacocha* (com
« duas leguas de perimetro) em 10°,5 S. e 78°,5 O;
« com o nome d'este lago, ou de Tangurágua,
« atravessa de SSE. ao NNO. a Republica
« Peruana, e de O ou E o norte do Brasil; se-
« para a Republica do Equador da do Baixo
« Perú; passa por Patáz em 8° S 80° O; por San
« Jean na Republica Equatoriana, em 5° S, e 81° O
« (até onde he navegavel por chalupas); por
« Tabatinga, no Provincia do Pará, em 4° S, e
« 72°O: recebendo por huma e outra margem
« mais de 120 affluentes, e depois de hum curso
« de 840 leguas (sendo d'estas 544 percorridas
« em territorio brasileiro), despeja na Bahia Gua-
« gara, ou *Tagipuou*, por duas bocas, huma em
« 1° N, e 52° O, onde tem a principal entrada,
« e a outra por 0° e 51° O. »

J. A. Cordeiro.

* *Noções elementares de geographia astronomica, physica e politica.*

** *Veja-se a pag.* 28 *d'este vol.*

COLOMBO.

BALLADA DE LUIZA BRACHMANN.

— Que me queres, Fernando! a tua pallidez me annuncia alguma novidade sinistra.

— Ai de mim! todos os meus esforços não podem já conter a equipagem revoltada! Se ella não descobrir brevemente a costa, sereis victima do seu furor: decahida em suas esperanças, pede em altos gritos o sangue do chefe, a quem accusa de a ter enganado.

Apenas elle acabou de fallar, a multidão irritada avançou para a camara do almirante: a raiva e a desesperação pintavam-se em seus olhos encovados, e em suas faces, abatidas pela fome.

— Traidor! exclamaram elles, onde está a fortuna que nos prometteste? tu já nos não dás pão; pois bem, dai-nos sangue!

— Sangue! repetio a turba desenfreada.

O almirante oppõe com socego sua coragem ao furor d'ella.

— Se vos he preciso sangue, saciai-vos do meu, lhes disse, e vivei. Comtudo, peço-vos que me deixeis ver ainda huma vez levantar o sol n'este horisonte. Se amanhã a aurora não alumiar huma praia libertadora, eu me entrego á morte; prosigamos até lá nossa empreza, e tenhamos confiança em Deos.

A magestade do heroe triumphou ainda huma vez da rebellião. Elles se afastaram; seu sangue foi poupado.

— Sim! até amanhã; mas se os primeiros alvores do dia nos não mostrarem essa praia, verás o sol pela derradeira vez.

O terrivel contracto he assignado, e a aurora proxima deve decidir da sorte do grande homem. O sol desappareceo, ausentou-se o dia, e a prôa dos navios sulcava o vasto mar com lugubre ruido; as estrellas ligavam-se silenciosas ao firmamento; porêm em parte alguma hum raio d'esperança;

em parte alguma n'este deserto humido, hum ponto qualquer em que a vista pudesse repousar.

O somno não juntou as palpebras de Colombo; seu peito estava oppresso; e sua vista pregada no occidente, procurava penetrar atravez das trevas.

— Apressa teu vôo, oh meu navio! não morra eu antes de saudar a terra que Deos em meus sonhos me prometteu! E tu, Deos Poderoso! lança hum olhar sobre estes marinheiros que me cercam! não os deixes cahir sem consolação n'este immenso sepulchro!

Assim se exprimia a emoção do heroe, quando passos rapidos se fizeram ouvir.

— E's tu, Fernando? que vens de novo annunciar-me?

— Ah! Colombo! tudo está perdido! o crepusculo apparece no horisonte.

— Sê tranquillo, amigo; toda a luz he enviada por Deos; sua mão toca de hum polo a outro: ella me facilitará, se for preciso, o caminho da morte.

Mal tinha dito estas palavaas, quando a equipagem furiosa entrou em tumulto na camara.

— Já sei o que quereis, lhes disse o almirante; estou prompto: o mar terá o seu despojo. Mas prosegui a minha empreza, que o fim d'ella não está longe; Deos perdoará o vosso erro!

As espadas resoaram ameaçadoras; hum grito selvagem e assassino penetrou os ares; já o heroe se dispõe com sangue frio para a sorte que o espera. Estão quebrados todos os vinculos do respeito: apoderam-se d'elle, e o arrastam para a borda do abysmo..... Terra!..... Esta palavra retinio do alto das vergas: Terra! Terra!

Huma cinta de purpura no horisonte fere todos os olhos: he a praia de salvação que douram os primeiros raios do sol; essa praia advinhada pelo genio.,....

Todos se precipitam interdictos aos pés do grande homem, e adoram o Senhor.

A CRUZ DE PEDRA.

CAPITULO IV.

Hão de permittir-me Vms. que eu transponha hum espaço de 18 annos, em que nada occorreo de notavel mais do que o casamento de Julião, e a sentida morte do reverendo padre Anselmo de Viterbo; e que, sem ter feito previamente conhecidas as novas personagens, que vão entrar n'esta minha mui veridica historia, comece este quarto capitulo hum pouco á moderna, exabrupto.

A algumas leguas de Barbacena havia n'outro tempo, e talvez que inda hoje, huma rica fazenda, que em extensao de terras e quantidade de escravos não tinha segunda em toda a vastissima Provincia de Minas; pertencia a hum velho avarento, que morrendo á fome no meio da abundancia, deixara-a, não se sabe com que fundamentos, a hum certo João de Villasboas, que Vms., com sua impaciencia e pretenções de adivinhos, quererão fazer pai de Julião, sendo que o não era, e apenas hum parente mui alongado, e tão alongado estava d'elle na epocha, em que vamos, que se mettia a eternidade entre hum e outro: havia n'esta fazenda huma soberba casa, construida com mão gosto, he vardade, porêm solidamente, não só pelas preciosas madeiras que haviam empregado, como por serem suas paredes de cal e pedra, cousa muito rara n'aquelles tempos. Na tarde de hum dos dias de Agosto do anno de 1767, em huma das mais espaçosas, bem que sombrias salas d'esta casa, estavam reunidas quatro pessoas todas occupadas, e d'esta sorte: Junto de huma janella, que dava sobre formoso e extenso pomar, huma linda menina de até quatorze annos bordava no canto de alvo e finissimo lenço hum ramalhete de flores; lendo perto d'ella, huma senhora, que apesar da extrema pallidez que lhe cobria o rosto, e de algumas rugas, talvez prematuras, bem mostrava ter sido bella; finalmente, á roda de huma mesa de páo preto, cujos pés torneados á guisa de parafuso de Archimedes indicavam hum seculo pelo menos de idade, dois homens profundamente recolhidos, e que só davam signaes de vida quando de espaço a espaço huma folha de papel rungindo sob seus dedos descahia da direita para a esquerda, acompanhando-a igual movimento de cabeça; folha de papel amarellada, coberta de garatujas, que n'aquelles tempos se chamavam letras, e que dão hoje que suar aos paleographos: se as physionomias dos dois fossem hum pouco mais recommendaveis, qualquer os teria tomado por apreciadores de antigualhas, julgando que os taes pergaminhos seriam valiosos palimpsestos, e que de tão aturada attenção resultaria hum trecho inedito do eloquente Cicero; mas, qual? bem sabiam elles que a Niobe das nações se distendêra por sobre os sete montes a hum brado do pupillo de Faustulo e d'aquelles que o precederam! e se alguem lhes tivera fallado no bis-avô materno do fundador de Roma, julgando elles que havia troca do — r —, lançariam o pescoço pela janella para observar o terreiro, onde grunhiam suas es-

perranças. Ora bem, eis ahi os lugares, e as pessoas; agora he tempo que eu comece, porque o que vai dito não he mais do que huma indicação, e indicação que destruio minha advertencia, pois que não faltará por ahi quem diga, e sem me fazer injustiça, que exordio, e o que vai acima escripto, são huma e mesma cousa, e que por tanto o exabrupto ficou no tinteiro; remendemos pelo dialogo.

— Nada! a força arreda-se com a força; para que chicanas de justiça, perda de tempo e de dinheiro? a força arreda-se com a força, tenho dito!!

E as duas senhoras voltaram-se espontaneamente, deixando cahir huma o livro, outra o bordado; o mais moço dos dois homens saltou na cadeira como se lhe tivessem applicado agudo beliscão, e cravou espantados olhos n'aquelle que acabava de fallar: depois todos tres olharam com angustia para os papeis espalhados no chão pela mão raivosa do velho, e seguindo-o com a vista até á porta por onde se fôra, olharam-se entre si dizendo com lastimosa voz hum após outro;

— Não ha mais esperança!

Profundo silencio succedeo á scena que acabo de descrever; e que mais resta ao homem sem esperança senão o mudo soffrimento? O homem, que ficára, levantou-se, juntou os papeis, e depois de ter olhado com tristeza para as duas senhoras, deixou tambem a sala.

— Minha pobre Camilla! disse emfim a mais velha das duas, abrindo os braços, onde se precipitou a outra, he preciso esquecel-o, que o rancor de teu avô, tanto tempo encoberto, rebentou, e não haverá contel-o.

— Pois não hei de casar com *elle*, minha querida mãi?

— E que havemos de fazer, se teu avô não quizer?

— Mas, papá.....

— Oh! primeiro he elle filho, e tem que obedecer; que feia lição te daria, se esquecesse que o era?! aprende com elle a respeitar como decretos naturaes as vontades de hum pai, mas descança no amor de tua mãi: eu farei tudo por conciliar teu avô com o pai de Eduardo; porêm se surdo ás minhas supplicas não quizer hum ou outro ceder esses palmos de terra, que nada valem, fazendo assim nossa desgraça, he preciso esquecerdes Eduardo, não o ver mais, e resignar-te.

— O', minha mãi, como não o ver mais!?

— Fugindo-lhe, minha pobre Camilla, fugindo-lhe! iremos para o Rio, onde eu mais quero que tu estejas; queres tu ir? esta solidão faz mal á tua alma sensivel.

A moça escondeo o rosto inundado de lagrimas no seio de sua mãi, que grande força havia mister para poder conter as suas; e assim abraçadas estiveram largo tempo, até que veio transitoria calma. Em huma das ruas do pomar ia n'este tempo calorosa contestação entre os dois que haviam abandonado a sala.

— Por minh'alma! não se dirá que veio hum fidalgote lá da cidade pôr o freio no velho Villasboas! vai, se duvidas do que te digo, vai enxergar com teus proprios olhos como os marcos avançam todos os dias por nossas terras, sem que ao menos haja a precaução de tapar os buracos, que elles occuparam o dia antes; em quanto o filho com suas palavras espiritadas nos entretinha nas compridas noites, o velhaco do pai furtava-me braças de terreno: e eu deixando-me roubar só para condescender com teus escrupulos?!

— Porêm, meu pai, o nosso visinho só está em sua fazenda ha tres mezes, e por isso.....

— Que estás ahi dizendo! que tem que esteja ha só tres mezes? prova isso contra elle, porque se em tão pouco me roubou mais de cento e quarenta braças de terra, quantas se me não irão em hum anno?

— Mas, eu só queria dizer que o filho não era.....

— O filho? he tão bom como o pai; não me enganam esses casacas.

— Todavia, talvez façamos bem mal se lhe fecharmos agora nossa porta.

— Que queres dizer com isso!? acaso precisas tu de suas oitavas? pois olha, eu não preciso; e como he minha porta que fecho, não dou satisfações a ninguem.

— Fazei como vos aprouver; mas como tambem eu sou pai, e doe-me no fundo do coração os soffrimentos de minha filha, peço-vos que não leveis a mal mandal-a eu para o Rio.....

— Para lá a casares com esse donzel, não?

— E faria hum máo casamento, meu pai?

— Ora, Julião, tu és hum insensato; pois não te lembra que me pedio sua mão o anno passado meu compadre Francisco?

— Bem me lembro; e lembro-me ainda mais, que elle tinha n'essa epocha quarenta e sete annos, e Camilla apenas tem quinze.

— E não te lembras que possuia então setenta mil cruzados, e que deve ter hoje talvez noventa?

— Lembro-me de tudo; porêm minha filha não

casará com hum velho, não quero a sua desgraça.

André de Villasboas franzio o sobr'olho, e depois de meditar:

— Tambem eu a não quero, disse; mas tem elle hum filho, rapaz sacudido, e que fez seus estudos no Rio, com quem a casaremos, ficando assim minha palavra desobrigada em parte.

Julião de Villasboas, o nosso antigo conhecido parou, olhando cheio de admiração para seu pai; e na verdade havia motivo para tal, era a primeira vez que o teimoso velho abandonava huma resolução tomada: he porque, vendo elle a impossibilidade de obrar á viva força, tomára o expediente de transigir com o filho; cruel e vingativo, só pensava em que a neta não casasse com o moço Eduardo. Continuaram a conversar em cousas differentes, e depois Julião tomou o caminho de casa, e entrou na sala. As duas senhoras procuraram ler em seus olhos as novas que lhes trazia; porêm, illudindo sua muda interrogação, aproveitou hum instante favoravel para fazer hum signal a Henriqueta, sua mulher, de seguil-o fóra da sala.

— O que disse teu pai, Julião?

— Está furioso, porque os marcos avançam todos os dias por nossas terras.

— Porêm a respeito de Camilla e de Eduardo?

— Pois querias que eu lhe fallasse em semelhante cousa? levado de meu amor por nossa filha, deixei escapar algumas palavras, que lhe deram a entender, não nossos intentos, mas a inclinação de Camilla.....

— E que disse elle?

— Que nos apromptassemos para vel-a casar com esse dissoluto Francisco do Valle, filho.

— Meu Deos!

— E que havemos de fazer, minha Henriqueta?

— Sahir d'esta casa, onde ha treze annos eu soffro em silencio os máos tratos de teu pai! fugir, para não vermos nossa desgraçada filha victima triste de huma louca vingança!! e ser p[illegible]oda a vida, mas feliz, porque a felicidade não consiste nos montes de oiro que teu pai ajunta: seus sonhos são terriveis, sua vida he passada em horrorosos tormentos; de que servem pois as riquezas?!

— Pois bem, Henriqueta, sahiremos! Porêm deixa que tente ainda hum ultimo esforço; quero ver esse homem, rogar-lhe que desista de tão loucas pretenções, convencel-o mesmo de que he manifestamente hum roubo que elle nos faz.

— Não, meu querido Julião, deixa isso comigo; Eduardo, que ha tantos dias não apparece, e que julgamos estar doente, foi hoje visto no caminho da Villa, e talvez logo por hi venha; por elle mandarei hum recado a seu pai para nos encontrarmos domingo proximo por occasião da missa: se eu não tiver bom resultado, irás tu então fallar-lhe.

— Mas talvez já seja tarde.

— Pois he possivel fazer-se em quatro dias hum casamento sem.....

— Não he d'isso que fallo; he dos marcos, que meu pai resolveo quebrar.

— Entendo; manda sellar o meu cavallo, e leval-o adestro até a cerca de cima, e vem para me conduzires lá.

— Porêm, he quasi noite, minha Henriqueta.

— Oh! quando se trata da salvação de minha filha, quando se trata de sua felicidade, he sempre dia para mim! não tenhas susto, meu querido; quem póde fazer mal a huma pobre mulher? depois, o Senhor me acompanha, porque he santa minha missão.

Alguns minutos depois, Henriqueta e Julião atravessavam o terreiro, e em menos de huma hora, seguida de hum pagem, chegava ella á casa do pai de Eduardo.

— A taes deshoras por aqui, senhora?! dizia hum mancebo de cerca de desoito annos, ajudando-a a descavalgar; quem vos traz tão açodada?

— O desejo de fallar com vosso pai, se he possivel, senhor Eduardo.

— Abancai-vos, senhora; eu vou em cata d'elle, que não deve de estar por mui longe.

— Esperai; se lhe disserdes meu nome, talvez não queira fallar-me.

— Senhora, fazeis-nos tanta honra com vossa visita, que creio isso impossivel.

— Pois ide.

O moço inclinou-se, e sahio, voltando logo em companhia de seu pai. Henriqueta, que esperava encontrar hum homem grosseiro e brutal, segundo o que tinha ouvido contar dos habitos meio selvagens de seu visinho, ficou maravilhada de ver a polidez com que a recebiam; e ficára completamente socegada, se o crestado rosto do pai de Eduardo, seus olhos fundos, desinquietos e escrutadores, sua lividez e extrema magreza, e sobretudo a voz, que parecia hum dobre por finados, não lhe deixassem inda hum resto de prevenção contra esse homem, com quem pela primeira vez fallava.

— Senhora, desde muito eu desejo conhecer-vos; pobres e ricos apregoam vossas virtudes, e meu filho, a quem com razões poderosas pro-

hibi vossa casa desde que soube que a frequentava, me tem feito de vós os maiores elogios; porêm se o acaso, talvez, vos não trouxera aqui, de certo hum de nós morreria sem ter visto o outro: hum abysmo existe entre nossas familias, não me interrogueis sobre meu proceder, porque me forçarieis a desgostar-vos, não podendo responder-vos.

— Vossas palavras assustam-me, sem comprehendel-as! não he o acaso quem me traz por taes horas á vossa casa; porêm se vós me prohibis de interrogar-vos sobre vosso proceder, nada tenho que dizer-vos, porque ainda que trouxesse tenções de rogar-vos, não as tenho de vos fazer vãos queixumes.

— Eu vos comprehendo, senhora; sou talvez mais feliz penetrando vossos desenhos, sem que penetreis os meus: mas, dizei-me, he o receio de verdes diminuir o patrimonio de vossa filha, que vos traz aqui?

— Não, senhor! he o receio de ver rebentar entre vôs e meu sogro huma guerra de morte, que separará nossas familias, quando eu esperava que se reunissem por nossos filhos; he bem estranho que seja eu quem venha, por assim dizer, offerecer-vos a mão de minha filha para vosso filho; todavia, senhor, o que não fará huma mãi para salvar aquillo que mais ama sobre a terra?!

— Tudo, senhora! mas o que não deve fazer hum filho por seu pai?!

— Porêm, eu me lisongeava de pensar que o vosso encontraria em minha filha huma esposa digna de sel-o por sua fortuna, e sua educação.

— Bastava-lhe só a condição de ser vossa filha, para que em minha ambição de pai não desejasse para Eduardo melhor e mais digna esposa: porêm.... não attendestes em que vos disse havia hum abysmo entre nossas familias?!

— Ouvi que o dissestes; e creio que esse abysmo desappareceria no mesmo instante em que fosse por vós abandonada essa pretenção, permitti que o diga, louca e mesquinha!

— Acreditais pois que he o interesse de algumas braças de terra quem me leva a entrar por vossa propriedade sem respeitar o direito?

— Não posso deixar de crel-o.

— Fazeis bem, he isso.

— Então permanecceis inflexivel? deixais que seja sacrificada minha innocente filha ao rancor de meu sogro, ou que, pora salval-a, seja preciso que seu pai, eu e ella mesma mendiguemos hum pão, ou que obtenha-o o suor de nosso rosto?!

— Não vos entendo, senhora?

— Eu me explico.

E Henriqueta relatou palavra por palavra tudo quanto sabia da conversação, que seu marido tivera com o pai n'esse mesmo dia; e quando chegou á proposta de casamento, Eduardo, que não deixava perder huma só palavra de toda a conversação, inda que estivesse á respeitosa distancia, levantou-se pallido, e deo hum passo adiante da cadeira em que estava sentado; porêm, acostumado por seu pai a não se misturar em huma conversação, onde não era interrogado, e ainda mais habituado a não fallar diante d'elle sem sua expressa licença, conteve-se, e tornou a cahir na cadeira, esperando com anciedade o termo, e huma palavra de seu pai, que lhe désse a vida e a felicidade, ou os tormentos e a morte; porque o triste moço amava, amava como se ama huma só vez na vida, com toda a força de huma alma virgem.

Henriqueta parou; e Pedro de Viterbo.... meu Deos! escapou-me... vá! sabem pois Vms., por hum descuido meu, quem era o pai de Eduardo. Pedro de Viterbo, sem gastar siquer hum segundo em meditar no que diria, com voz pesada e solemne:

— Porêm esse casamento não se fará, disse: tenho em minhas mãos o poder de destruil-o, e destruir quantos projectos tentar o assas....

— Oh! o céo vos abençoará!

— O céo abençoar-me.! disse Pedro, desvairado; não, não!... eu ouço todos os dias huma voz queixosa, que não sei se me pede vingança, se me diz que perdôe... tremo ao descarregar o golpe, e será preciso huma nova injuria, hum novo crime, para que meu braço fira! Porêm, senhora, Eduardo não póde ser esposo de vossa filha; não sou eu quem o impede, he a sorte: a vós mesma talvez hum dia horrorise semelhante pensamento! não me interrogueis, que não posso responder-vos. Ide, vossa filha não casará com esse homem que lhe destinam, se assim vos apraz.

Henriqueta, aterrada mais pelos gestos, que pelas palavras de Pedro de Viterbo, só entendeu bem que sua filha não seria entregue ao miseravel, que a colera de hum velho, insensato e cruel, escolhêra para instrumento de sua vingança; e levantando-se para sahir:

— Senhora, desculpai-me, se vos não acompanho, disse Pedro; meu filho vos servirá de guarda.

He muito natural que Vms. me façam huma observação, e vem a ser que, tendo eu enterrado no fim do capitulo antecedente o filho do pedreiro Antonio de Viterbo, venha elle apparecer

agora, não gordo e bem conservado, he verdade: a observaçao he justa, e direi a Vms. que, se pertencêra á escola ultra-romantica, me escapára pela tangente, dizendo com toda a gravidade que era a alma do filho mais velho de Clara Julia; porêm, como não tenho a honra de pertencer-lhe, e faço mais as vezes de historiador, que as de romancista, apesar do titulo d'esta minha composição, ou mais coordenação de factos, eis aqui a verdade: O cadaver mutilado, que Anselmo sepultára com piedosas lagrimas, era de hum certo conductor de gado, que, segundo conta a tradição, muito se parecia com Pedro de Viterbo; e eu, para não alterar os factos, não taes quaes occorreram, mas taes quaes foram relatados, mais quiz deixar Vms. inscientes da verdade do acontecido, do que, anticipando-me, deixar no silencio este acontecimento hum pouco extraordinario.

Henriqueta e Eduardo, he de crer que chegassem sem accidente a suas casas, e, se o houve, bem como se durante a viagem fizegam algumas reflexões acerca da inintelligivel linguagem de Pedro, tal cousa não chegou á minha noticia, e por isso não passará tambem á de Vms. Eduardo, entrando em casa, achou o pai no mesmo lugar em que o havia deixado; sua physionomia sempre impassivel e glacial tinha tomado huma expressão ainda mais horrorosa, que de ordinario, e nem o ruido das passadas de seu filho, nem a costumada saudação da noite o retiraram de seu meditar profundo: de espaço a espaço, palavras soltas e sem nexo lhe sahiam dos labios tremulos e ressicados:

— Não! disse elle por fim levantando-se; eu não o consentirei hoje, elles o não consentirão talvez amanhã; quem sabe se mesmo esta noite o instante tanto tempo esperado..... vamos!

E sahio, sem ter reparado no filho, que junto d'elle tremia de pavor; sahio, como era seu costume, só, embrulhado em poncho de escura côr, sob o qual se escondia mortifera arma de fogo, como ninguem ainda tinha visto; era huma pistola de seis canos, que, mediante diabolico artificio, apresentava seis ouvidos differentes a hum só cão, rodando bi-partida junto do gatilho.

Alta noite voltou á casa; e Eduardo, que não pudera conciliar o somno, ouvio-o inda muito tempo passear a largos passos por seu quarto; depois tudo ficou em silencio. No outro dia de manhã cedo Pedro entrou no quarto de seu filho, que, vestido e calçado como na vespera, adormecêra sobre huma cadeira; tinha pendente ao pescoço, porêm apertada na mão direita, huma miniatura, que representava huma criança de tres para quatro annos, sentada nos joelhos de hum homem, cujo rosto era tapado pelos dedos do mancebo.

— Desgraçadas victimas do rancor de dois insensatos! disse Pedro, afastando-se até á porta; ó terrivel juramento que me fazes esquecer o filho para vingar meu pai!! e esse monstro, que só porque julga ferir-me, não duvida sacrificar sua propria neta?! Ah! que se elle soubera contra quem se dirige sua vingança..... miseravel, eu vou destruir teus infames projectos!

E logo, cavalgando soberba mula, deixou a fazenda, seguindo em direcção a Barbacena; quasi pelo meio dia desmontava á porta de huma casa de humilde apparencia, habitação do usurario Francisco do Valle, digno compadre e particular amigo do velho André de Villasboas.

— Quem soi vós? disse o dono da casa, cobrindo com as mãos alguns castellos de meias dobras, e espantado da sem-ceremonia de Pedro, que, sem se fazer annunciar, havia entrado.

— Sou hum homem, que nunca vistes, e cujo nome conheceis muito bem; chamam-me Pedro Anselmo.

— O', senhor! e como vos não conheci antes de me dizerdes vosso nome! a probidade, que transluz em vosso rosto, a bondade de vosso coração expressa em vossas palavras, ah! desculpai-me!

E Pedro de Viterbo sorria despeitoso a cada palavra mentirosa do abjecto adulador, que, não a elle, mas á sua fortuna, fazia tão lisongeiro acolhimento.

— Vós sabeis que todos os meus negocios são feitos em mui poucas palavras.....

— Haja vista ao arranjo que fizemos ha sete annos; apenas vos disse em minha carta de..... não me lembro; apenas vos disse quanto me aprazia pela minha boa fazenda da Roqueira, sem regatear, me enviastes em boa moeda seu importe.

— Bem, muito bem; estimo que vos lembre que não gasto cumprimentos quando se trata de negocios; todavia não venho propor-vos hoje huma venda, nem tão pouco huma compra.

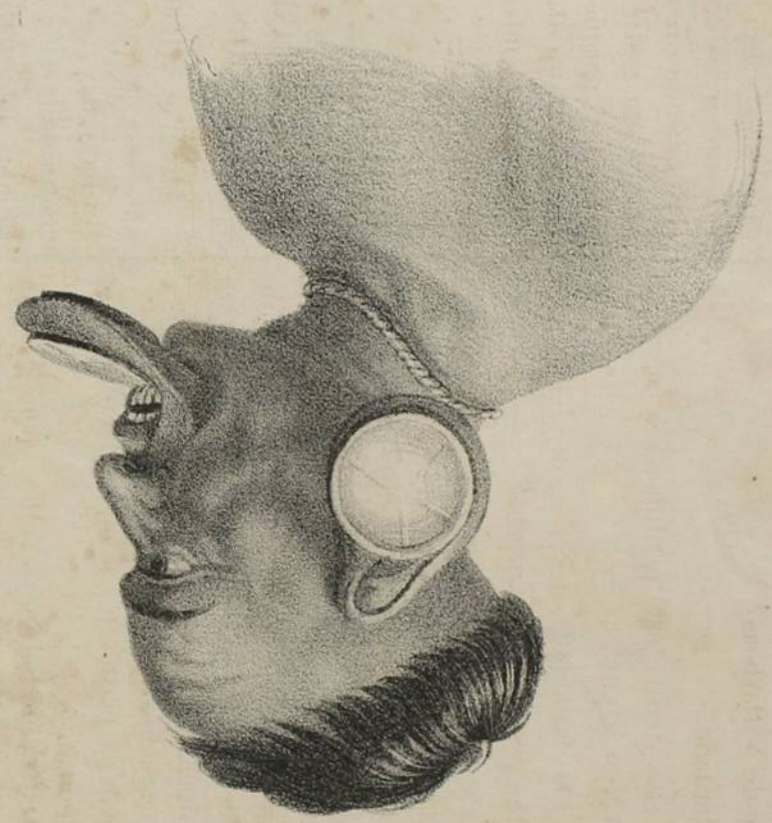
— Então, senhor, o que será? disse o velho usurario, assucarando a voz como o miar do gato, que sente o cheiro das viandas.

— Apenas huma garantia condicional de certa divida.

O velho arregalou os pequenos olhos.

— Não vos posso entender!

BOTOCUDO.



INDIO PURI.



— Eis a explicação: não tendes em vossas mãos hum credito, ou differentes creditos, no valor de quatorze mil cruzados, os quaes são assignados por André de Villasboas?

— He verdade.

— Pois essa divida está perdida; elle não tem por onde vol-os pague.

— E a sua fazenda?

— Não lhe pertence, he minha.

— Vós a comprastes, senhor Pedro Anselmo?!

— He verdade, porêm não a elle; comprei o direito de perseguil-o como hum falsario, ou como herdeiro de hum falsario, que por meio de hum testamento.....

— Oh! isto he horroroso! disse Francisco do Valle, apertando as mãos na cabeça; estou perdido, quatorze mil cruzados!

— Nem vós ficareis perdido, se os não receberdes; nem os perdereis, se me quizerdes ouvir por hum pouco.

— Fallai, senhor! disse o velho, pondo huma mão em cada joelho, e estendendo o pescoço; fallai, eu vos estou ouvindo, vêdes?

— Haveis hum filho de vinte e tantos annos, não he assim?

— Senhor si, o meu Francisco.

— Prometto, se o casardes com a neta de vosso devedor, esperar quatro annos para que vos seja paga essa divida.

— Que dizeis, senhor! he esse tratante de meu compadre quem vos manda?

— Eu não venho a mandados de ninguem; e, que viesse, seria isso indifferente: vêde se vos convêm minha proposta.

— Nunca! seria vestir a camisa para a tirar logo, e a pelle com ella!

— Então não vos convêm?

— Não, não! antes perder os quatorze mil cruzados; mas, senhor Pedro Anselmo, porque não esperais siquer dois annos?

— E porque não acceitais vós minhas condições, e esperarei, não dois, porêm quatro?

— Porque n'isso me vai grande prejuiso!

— Eis a razão porque não espero eu; porêm nada farei este mez, que vos deixo para reflectirdes, e em quanto não fallais com vosso compadre, que de certo virá propor-vos o casamento de sua neta com vosso filho; póde ser que elle seja mais feliz em sua negociação do que eu fui; e, em tal caso, não dareis palavra antes de avisar-me.

— Eu dar palavra? que elle venha para cá!

— Attendei; he preciso que meu nome não seja proferido que nada respire de quanto acabo de dizer-vos: o interesse he vosso.

Isso me custará bastante; porêm vós o mandais, obedecerei.

E ambos se despediram; hum, com o desespero no coração; o outro, satisfeito de sua lembrança em pedir o que não desejava, mas desconfiado, porque temia que em sua ira e vileza não fosse divulgar o usurario hum segredo, de que pretendia fazer terrivel uso contra seu inimigo.

(Continúa.)

NAÇÕES BRASILIO-GUARANIS, OU TRIBUS ORIENTAES DA AMERICA DO SUL (*).

A região oriental da America do Sul, isto he, toda essa porção de terra que se acha a Éste do rio Paraguay, e de huma linha tirada das nascentes do mesmo rio, na fóz do Orenoco, era habitada, na epocha do descobrimento do Novo-Continente, por grande numero de tribus indigenas, que eram consideradas como outras tantas nações distinctas, fallando cada huma sua lingua particular. Os exames feitos ha alguns annos a esta parte, mostraram que devia ser consideravelmente reduzido este numero.

Duas grandes familias de nações existem n'esta região: huma he a dos Guaranis, espalhada por todo o Paraguay, e que, como se sabe, he alliada das tribus Tupis do Brasil; a outra comprehende as raças pertencentes á familia *Galibi*, *Caribe*, ou *Caraibe*, raças que occupam provincias mais septentrionaes, e que se estendem até o golpho do Mexico. Os Indios pertencentes a estas duas familias assemelham-se consideravelmente na côr e nas feições, e devem, na opinião de Mr. D'Orbigny, ligar-se a hum mesmo typo physico, cujos caracteres descreve nos seguintes:

« Côr amarellada: estatura mediana; testa não « deprimida; olhos pela maior parte obliquos, e « sempre elevados no angulo exterior. »

Estes traços que pertencem ás grandes raças nomadas da America do Sul, approximam-se muitissimo, como se vê, das raças nomadas da Alta-Asia.

(*) Sob o titulo — HISTORIA NATURAL DO HOMEM — escreveo Mr. Prichard hum tratado de Anthropologia, não tanto para os homens scientificos, como elle proprio diz, mas para os que desejam ter noções geraes sobre esta sciencia. O capitulo que de sua obra extractamos relativo ás tribus brasilio-guaranis, servirá como de apontamento bibliographico, attendendo a que n'esta Côrte apenas existe hum exemplar, que possue a B. Publica.

A côr he quasi a mesma, porque os Indios das tribus orientaes não poderiam designar-se com o nome de *Pelles Vermelhas*; nome que ainda não ha muito se applicava a todas as nações do Novo-Mundo. Estes Indios teem o rosto redondo e o nariz curto, mas não teem as ventas tão largas como os individuos das raças Asiaticas, nem as maçãas do rosto tão salientes. Spix e Martius acharam nos Caraibes notavel semelhança com os Chinezes.

A nação Guarani he huma das mais interessantes da America do Sul, em razão da aptidão que tem mostrado para entrar na via dos melhoramentos sociaes, e da docilidade com que se deixa instruir nas verdades da nossa religião. Já numerosas tribus se tinham convertido ao Christianismo, graças aos esforços e á perseverança dos missionarios jesuitas, e nós temos em diversas relações, escriptas, a maior parte, por ecclesiasticos, a prova dos progressos que faziam ainda diariamente esses ardentes apostolos da civilisação, no momento em que o rei de Hespanha, cedendo ás funestas sugestões de homens igualmente inimigos do throno e do altar, expulsou os jesuitas do Paraguay, arrebatando assim a cento e vinte mil individuos recentemente convertidos, e todos sahidos do seio de huma unica nação, os seus mestres temporaes e espirituaes, os guias que tão bem os haviam dirigido, os protectores finalmente, a quem se achavam unidos por laços de mutua affeição.

1.° — *Guaranis meridionaes, ou Guaranis do Paraguay.*

Compõe-se este grupo das tribus sugeitas ao regimen dos missionarios, nos estabelecimentos formados pelos jesuitas no Paraguay, e das que ainda vagueam em estado de liberdade nas florestas d'essa grande provincia. Existe ainda, além dos Guaranis propriamente ditos, que são todos christãos, e habitam trinta e duas grandes aldêas, situadas nas margens do Paraná, do Paraguay e do Uruguay, certo numero de tribus que pertencem á mesma raça, e que vivem occultas nas profundidades dos bosques; estas tribus tomaram differentes nomes, tirados pela mór parte dos rios e montanhas visinhos aos lugares em que habitam, porêm a lingua que fallam he sempre a guarani: entre os principaes devem ser mencionados os *Tapas*, os *Tobatinguás*, e os *Cayaguás*.

2.° — *Guaranis occidentaes.*

São as tribus mencionadas por Hervás sob a denominação de Guarayis, Chiriguanis e Cirionos. Os Guarayis tinham sido convertidos pelos jesuitas que os haviam ligado ás suas celebres missões da provincia de Chiquitos. Entre esta provincia e a de Moxos, existem ainda algumas hordas de Guaranis selvagens. Dobrezhoffer diz « que a sua lingua he hum dialecto mui pouco corrompido do guarany » ainda que, segundo suas proprias tradicções, habitassem já este paiz no tempo do Inca Yupangui. Os Chiriguanos, que nunca foram convertidos, são barbaros temiveis para as tribus visinhas. Segundo o abbade Gili, a lingua guarani he fallada em toda a sua pureza pelos indigenas de cento e sessenta aldêas dos Andes, comprehendidas entre o caudaloso rio de Chaco, e o de Mapayo, na provincia de Santa Cruz de la Sierra. Ao norte de Santa Cruz existem os barbaros Cirionos, que fallam hum dialecto do chiriguano, e por consequencia da lingua guarani.

3.° — *Guaranis orientaes do Brasil.*

Este grupo compõe-se dos Tupis ou Brasileiros indigenas. « A lingua geral do Brasil, diz Hervás, chamada vulgarmente lingua tupi, do nome dos primeiros Indios que se converteram á nossa Santa Fé, não differe mais da lingua guarani, que o portuguez do hespanhol. » Hervás apresenta, segundo as informações que recebeo dos parochos e missionarios, huma relação das tribus que fallam a lingua tupi, pouco ou nada alterada; são estas: os Carihys, cujo paiz he situado ao sul dos Tupis, e se prolonga até o sul da provincia do Rio Grande, ou rio de S. Pedro; os Tamoyos, os Tupinaquins, os Timmiminos, os Tabayaris, os Tupinambás, os Apontis, os Tapigoás, e muitas outras tribus, que occupam os districtos maritimos, situados ao sul da fóz do rio Amazonas.

4.° — *Tribus do rio Amazonas, que se aproximam á raça Brasilio-Guarani.*

Hervás considera tambem a lingua omagua, e alguns outros dialectos que se lhe assemelham, e que se fallam no estado de Quito, como ramos do grande idioma guarani, o que comprehende, a ser admittido o facto, huma extensão da raça Guarani, além dos limites geographicos que primeiramente lhe haviamos assignado; de resto D'Azzara, como se mostrou antecedentemente, suppõe que ella se estende para o norte até a Guyana.

Os Omaguas, com algumas tribus suas intimas alliadas, formam huma das nações mais largamente espalhadas nas partes septentrionaes da

America do Sul. Estavam antigamente de posse das margens e ilhas do rio Amazonas, em hum espaço de duzentas leguas, partindo da fóz do rio Nabo (Napo) e provavelmente formavam grande parte das numerosas tribus encontradas por Orellana n'esta região.

Raça Caraibe.

A raça Caraibe he, como acabamos de ver, considerada por Mr. D'Orbigny como tendo com a raça Guarani a mais intima affinidade, que se manifesta, não só na linguagem, como em muitos outros caracteres physicos ou ethnographicos (1). Os Indios que deram seu nome a este grupo, hum dos mais numerosos e mais amplamente disseminados da America meridional, são os celebres Caraibes ou Caribes, que no seculo XVI occupavam todas as ilhas desde Porto Rico até a Trindade, e toda a porção da costa do Athlantico, comprehendida entre a fóz do Orenoco e a do Amazonas, isto he, até ás fronteiras do Brasil. As pequenas Antilhas, das quaes, como acabamos de dizer, se achavam de posse, foram algumas vezes por esse motivo designadas com a denominação de ilhas Caraibes (2). Os Tamanaques, que pertencem á mesma familia, habitam a margem direita do Orenoco, e formavam outr'ora huma nação poderosa, porêm o seu numero acha-se actualmente muito reduzido (3). Os Arawacas ou Araocas habitam perto das margens dos rios de Surinam e de Berbice: na parte superior do curso d'este ultimo rio, tem por visinhos os Caraibes (4). Os Guaraunos povoam as ilhas do Delta do Orenoco, onde edificam suas casas em cima das arvores (5). Os Guayacurus habitam a ilha de Margarida, e a peninsula d'Araya (6). Os Cumanogotos residem a Oeste de Cumana, na missão de Piritu (7). Os Pariagotos são habitantes da peninsula de Paria. Finalmente os Chaymas, cujas informações foram bem fundadas pelo barão de Humboldt, habitam ao Oeste dos Guaraunos, ao longo das elevadas montanhas do Cocolar e do Guacharo, nas missões dos capuchinhos Aragonezes de Cumana.

Os Chaymas habitam hum paiz distante dos Tamanaques mais de cem leguas. Os dialectos das outras nações acima mencionadas teem alguma analogia com o tamanaque e com o caraibe, e mais geralmente com o primeiro. O idioma dos Caraibes insulares das Antilhas faz alguma differença do que se falla no continente; porêm estas tribus são evidentemente ramos do mesmo tronco.

Devemos a Mr. d'Humboldt particularidades completas e interessantissimas sobre os Chaymas, nação menos conhecida que a dos Caraibes. Eis os termos de que elle se serve para nos apresentar os traços e expressão do resto d'esses Indios:

« A expressão da physionomia do Chayma, sem ser agreste e feroz, tem alguma cousa de grave e triste. A testa he pequena e pouco saliente..... Os olhos do Chayma são pretos, cavados e muito alongados; não são, nem tão obliquos, nem tão pequenos, como os dos povos de raça Mongolica.... Todavia, o canto do olho he sensivelmente levantado para as fontes; as sobrancelhas são pretas ou côr de castanho escuro, delgadas e pouco arqueadas; as palpebras guarnecidas de compridissimas pestanas; e o costume de as abaixar, como se cahissem de fraqueza, suavisa o olhar das mulheres, e faz parecer o olho mais pequeno do que he na realidade. »

O mesmo author nos informa que a côr dos Chaymas he igual á de todas as outras tribus Americanas que vivem em lattitudes aproximadas, porêm não são da côr do cobre. « A denominação de *vermelhos encobrados* não podia originar-se na America equinocial, para designar os indigenas (1). » Mr. d'Humboldt observa igualmente que os escriptores do XIV seculo fallaram de certos homens brancos, de cabellos louros, vistos pelos primeiros navegadores, no promontorio de Paria (2).

(1) Mr. D'Orbigny não comprehendeo esta nação em sua descripção das tribus americanas, e he a Mr. Humboldt que principalmente devemos as informações que temos a seu respeito. As outras nações do Brasil, cuja affinidade com os Caraibes e Guaranis, he antes presumida pela geral semelhança, que provada com argumentos positivos, foram perfeitamente descriptas nas obras de MM. Spix e Martius.

(2) Mithridates, pag. 674.

(3) Humboldt. *Voyages aux regions equinoxiales. chap. IX, edição in 8, tomo III, pag.* 315.

(4) Quandt. *Nachricht von Surinam und seinen Einwohnern.*

(5) Humboldt. *Lugar citado, pag.* 269.

(6) Humboldt. *A mesma pag.*

(7) Humboldt. *Lugar citado, pag.* 276.

(1) Humboldt. *Lugar citado, pag.* 278.

(2) Pariæ incolæ albi, capillis oblongis protensis, *flavis* (Petr. Martyr Occean. Dec. 1 lib. VI Editio 1574, pag. 71). Utriusque sexus indigenæ *albi veluti nostrates præter eos qui sub sole versantur* (lugar cit., pag 73).

Gomara diz, dos indigenas vistos por Colombo na fóz do rio de Cumana: « Las donzellas eran amorosas desnudas y *blancas* (las de la casa); los Indios que van al campo estan negros del sol (*Hist. de las Indias*, cap. LXXIV, pag. 97).—Los Indios de Paria son *blancos y rubios* (Garcia, *Origen de los Indios*. 1729. Lib. IV., cap. IX, pag. 270). Humboldt, *Voyages aux regions equinoxiales*, edit. in 8.°, tom. 3.°, pag. 338, Note.

O clima de Paria he notavel pela grande frescura das manhãas, mas não bastaria esta causa para explicar o facto, se elle fosse como se nos representa. Parece de resto que a differença de côr que poderia existir entre estes Indios e os dos paizes visinhos, foi muito exagerada, como se póde ver das informações tiradas por Fernando Colombo, dos papeis pertencentes a seu pai. Ahi se diz simplesmente « que o Almirante se admirava de ver os habitantes de Paria, e os da ilha da Trindade, mais bem feitos, — mais civilisados e mais claros que os que tinha visto até então. »

Os Botocudos.

A nação dos Botocudos he conhecida por huma das mais barbaras que existem no mundo, e occupava no XVI seculo a grande extensão de terras que fórma a Capitania dos Ilhéos, estendendo-se até Porto Seguro: os Botocudos eram então incommodos visinhos dos lavradores portuguezes do Brasil, aos quaes faziam guerra incessante e mortifera. Actualmente são perseguidos no interior, e apenas encontrados entre o Rio Doce e o Rio Pardo, isto he, entre o 18.º e o 20.º grão de lattitude sul.

Diz Mr. D'Orbigny, que a côr dos Botocudos se aproxima muito á dos Guaranis, mas que he hum pouco mais clara, differença devida, na opinião do mesmo author, á circumstancia de viverem os primeiros á sombra das florestas. A sua côr he igual á dos Guarayos. Hum Botocudo descripto por este viajante seria muito parecido com os Guaranis, em altura, figura, proporções, e mesmo em feições, se as maçãas do rosto nao fossem hum pouco mais salientes, o nariz alguma cousa mais curto, a boca maior, a barba ainda mais rara, o olhar mais selvagem, e os olhos mais pequenos e mais levantados no angulo externo, o que mais o fazia assemelhar a hum Mogol.

Os Botocudos são tambem de huma côr mais amarellada que os Guaranis e outros Indios da America meridional. Foram anthropophagos, e eram os mais ferozes de todos os indigenas da America. Os seus enfeites compunham-se de collares e adereços de dentes humanos (*). Alguns annos ha que se fazem tentativas a fim de civilisal-os e convertel-os á religião christã. Eis o que se lê a esse respeito em huma das publicações da Sociedade para a protecção dos aborigenes:

« Depois de haver fallado das violações dos direitos naturaes de que tem sido victimas os indigenas da Guyanna, nas fronteiras do imperio do Brasil, podemos felizmente citar factos de natureza opposta, que promettem a essas raças infelizes mais lisongeiro futuro, e apontar as mudanças operadas em seu favor nas provincias mais proximas do Governo, e sob os auspicios do Joven Imperador. Até aqui fallava-se dos Botocudos que habitam a parte do paiz banhada pelo Rio Doce e seus confluentes, como de huma raça degradada no ultimo ponto. Selvagens em seus costumes, constantemente errantes, completamente nus, ou pouco menos, augmentavam a sua natural fealdade, e adquiriam huma physionomia ainda mais repugnante, pelo costume que tinham de fender o labio inferior e as orelhas, introduzindo n'estas aberturas largas rodellas de páu; finalmente, eram accusados de ser, ou ao menos de ter sido anthropophagos. Os primeiros resultados por elle obtidos, pouco tempo depois de se lhe fazerem algumas communicações por parte da Sociedade, tiveram por objecto hum Indio Botocudo chamado Guido Poerane. Este indigena, que parece dotado de muito talento natural, abraçou a religião christã, e comprehendeo em mui pouco tempo as vantagens da civilisação. Os conhecimentos por elle adquiridos foram immediatamente empregados em favor de seus compatriotas, e com huma vantagem verdadeiramente inesperada: já quatro hordas de Botocudos se acham reduzidos aos costumes civilisados, já aprenderam a cultivar a terra, e teem conseguido d'ella productos, não só em quantidade sufficiente para o seu consumo, porêm com hum excedente, que lhes permittio preservar dos horrores da fome huma pequena colonia isolada, de homens da raça branca. Leis relativas aos pontos mais importantes foram entre elles estabelecidas, e Guido Poerane, no codigo criminal que para elles propoz, deo hum exemplo, que deveria ser imitado pelos antigos legisladores christãos, abolindo completamente a pena de morte. »

Ha no imperio do Brasil muitas nações, cujas linguas, bem que não fossem nunca objecto d'estudo e de seria comparação, todavia, são geralmente consideradas como distinctas humas das outras. Em quanto não for esclarecido este ponto, o unico que nos levaria a resultados algum tanto satisfactorios, relativamente ás relações existentes entre estas raças, devemos contentar-nos com as inducções que podem tirar-se da analyse de seus caracteres physicos. Parece que n'este ponto todos estes Indios teem muita semelhança com os Guaranis, e Mr. D'Orbigny suppõe que elles perten-

(*) No primeiro volume da viagem de sir W. Ouseley, vê-se o retracto de huma mulher Botocuda, que traz hum d'estes enfeites.

ciam ao mesmo grupo de nações; fundando a sua opinião principalmente nos retractos que M.M. Spix e Martius, o principe Maximiliano de Newied, Rugendas e Debret, apresentam em suas obras, representando os Bugres da provincia de S. Paulo; os Camacans, os Puris (*), os Coroados e os Coropós. A mesma observação se applica aos Indios das tribus menos conhecidas, e das quaes só temos incompletas descripções; taes são: os Macuanis e os Penhans de Minas Geraes; os Machacabis, os Capoxós, os Catoxós e os Camanaxós, dos confins da Bahia e Porto Seguro; os Cariris, os Sabucas, os Murús, e os Mundurucús.

Todas estas tribus, e muitas outras de que se trata nas obras dos viajantes que acabamos de citar, assemelham-se, por seu typo geral de organisação, ás raças Brasilio-Guaranis.

(Trad. por J. J. M.).

A FLOR DO POETA.

BALATA.

Volveo todo dia em festas,
Em que a gente se recrêa,
A choça mais remontada,
Que leva os olhos d'aldêa.

Já de tarde, ás cinco horas,
D'aldêa o sino soava:
Quem não sabia o que era,
O que era perguntava.

— He a fermosa Henriqueta,
Flor d'aldêa a mais fermosa,
Que a Junio, pastor mais riéo,
Ora vai ligar-se esposa. —

E ella era a flor mais fermosa,
Que n'aquelle prado havia;
E tinha as cores d'aurora,
E d'aurora a louçania.

E as nymphas todas mui lindas,
De sua idade mui bella,
Maridos tinham tomado,
Todas, mas afóra ella.

E ella era tão innocente,
Como o leve beija-flor:
E ella era hum anjo, e tão anjo,
Como ella, não vira amor!

Vai-se o acompanhamento
Da choça para capella;
E elle de altivo vai guapo,
E ella de triste vai bella.

Elle presta o juramento
Soberboso, claro, e forte...
E ella tão fraco, que sôa,
Como nos labios da morte!

Feral accento succede
Ao accento nupcial...
Piou coruja agoureira,
Guinchou mocho funeral!

Ao accento do sepulchro
Henriqueta estremeceo...
Junio altivo em seus amores
D'isto não se apercebeo.

De volta, veem os consortes
Avante o caminho abrindo;
E ella de triste chorava,
E elle de alegre vem rindo.

Em lauta mesa se ostenta
Doces, e vinho, aos almudes;
Reina alegria do bodo,
Aos noivos rodam saudes.

Cadente som de viola
Dextra mão vibra na rua;
Cada hum p'ra 'quella parte
Manda logo a idéa sua.

Tremante mão fere as cordas,
Doce voz notas feria;
E docemente este canto
Aura suave bebia:

« Adeos, patria, que me chama
Da guerra o medonho horror...
Mas por ti, ó mui fermosa,
Me tornarei vencedor...

Adeos, Henriqueta,
Adeos, meu amor... »

Mal que estes sons muito amantes
Aos ares foram subidos,
Henriqueta geme hum ai...
— He elle!... — Cahe sem sentidos.

Cinco minutos contados,
Henriqueta á si voltou:
— Lindio!... — E co' a vista procura:
E a voz outra vez tornou.

« Tornar-me heide mais bizarro
Com cordura, e esplendor;
De ti digno, ó mui fermosa,
Me tornarei vencedor...

Adeos, Henriqueta,
Adeos, meu amor... »

(*) Veja-se a estampa.

« Vence feridas batalhas,
Cavalleiro lidador;
Volte a lança triumphante
Sobre hum peito de amador...
Adeos, Lindio bello,
Adeos, meu amor.

« Si Amor me vir aleivosa
Ao meu gentil trovador...
Voto meu corpo aos abutres,
Alma do Inferno ao rigor...
Adeos, Lindio bello,
Adeos, meu amor... »

Ninguem mais ouvio tal canto,
Que outros sons os céos feriam,
Duas espadas cruzando
Guerreiros sons reteniam.

Em seus peitos arde Amor!
Nas almas o Orgulho forte!
Nos corações o Ciume!
E nas espadas a Morte!

Suspende, insolente Junio,
Que te chama o proprio mal...
Quem de tanta guerra volve
Não teme hum fraco rival.

—Separai-os, separai-os,
(De Henriqueta exclama o pai...)
Quem após seu furor vai-se
Ao crime, e á morte se vai!—

Eis Henriqueta á seus olhos
Chorando choro sem fim:
—Lindio, senhor, não morreo,
Fui enganada... ai de mim!—

Dizendo, e louca, e perdida
Corria, e chorava assim:
—Lindio... Lindio não morreo...
Fui enganada... ai de mim!... —

E quem a via chorava,
Chorava o pai pesaroso...
Mudou de terra talvez,
Nunca mais foi visto o esposo!

Trinta dias se passaram,
Hum sepulchro foi cavado,
N'elle hum defuncto jazeo...
Qem seria o desgraçado?

Este simples epitaphio
Recorda inda ao viandante
Que Henriqueta alli descança,
Que morreo de ser constante!

De manhã todos os dias,
No primeiro alvor d'aurora,
N'esta campa hum lindo joven
Não falhava a certa hora.

Melancholico, e saudoso,
Saudosa lyra vibrava,
E saudoso, e triste canto
Em saudosa voz cantava:

« Henriqueta? inda te amo...
Amor não sabe morrer!...
Ouve... he Lindio quem te chama,
Tu não me queres mais ver?
Eu vou, Henriqueta,
Comtigo viver... »

Depois pondo as mãos o joven
Aos céos pranteando orava;
Beijava a terra da morte,
E com seu pranto a regava.

Havia todos os dias,
N'esta triste soledade,
Saudosos beijos de amor,
Pranto amante da saudade.

Sessenta dias correram
Sobre o caso desastrado,
Outro sepulchro se abrio,
Desceo a elle hum finado.

Este singelo epitaphio
Consagrou sua memoria:
—Aqui jaz Lindio, o Poeta,
Que d'esta aldêa foi gloria. —

O sol não seccou os beijos,
Nem o pranto d'amargura,
Que em cada aurora o poeta
Deixava na sepultura.

D'estes beijos, d'estes prantos,
Nascidos de tantas dores,
Na sepultura da bella
Nasceram viuvas flores.

Tristes, como a sepultura,
Ou da morte o azedume.
Tinham o rouxo de Amor.
E o azul do Ciume.

A geração d'esse tempo,
Mais amante, e mais discreta,
Amando a triste florzinha,
Chamou-lhe—Flor do Poeta—.

Desde o dia d'este caso
Volveram muitas auroras;
Té que a prosa d'estes dias
Chamou a florzinha—Esporas—,

Teixeira e Sousa.

Elvandro á Sylphides.

Inda tão joven na estação das flores
Ebria de encantos, de illusões, de graças,
Os sonhos de futuro não te embalem.
São sonhos, como sonhos se esvaecem
Como o som do alaúde a par das brisas.
Ah! n'esta primavera de attractivos,
N'esta quadra de vida, e movimento
Não te fies no riso da ventura;
Não te embriagues n'elle; he fugidio
Como o écho de hum ai que a magoa exhala.
Estes brincos da infancia, estes folguedos,
Este mutuo jogar de lindas scenas,
Rapidos trocam-se, em volver de instantes,
Em ermo esteril que povoam trevas.
O futuro não he mais qu'huma — esperança —.
Esperança, he sonhar em leito estranho.
Tua mente infantil somente doirem
Cuidados do presente; a não bafejem
Preconceitos fataes que deo-te o berço.
Tão bella como a rosa na alvorada;
Tão pura como o lirio do deserto;
Tão seductora como o sim de amante;
Ah! fruc, que o tempo esconde estes encantos!
De prompto extincto das paixões o fogo;
De tantas illusões desvanecida;
De tanta louçania despojada,
Máo-grado serás copia da grinalda
Que murcha a primavera despresára.
O tempo tudo ceifa, ó minha bella,
N'este mundo de enganos, transitorio,
Só a dor he real, constante, e fera.
A dor... a esperança... a sepultura!!!
Tudo emfim que he da terra morre, acaba!
E além d'esta vida — o mais — quem sabe?
Tu tambem morrerás; nem hum vestigio
Poupará o sepulchro; e pressuroso
O olvido eterno em seu negrume involve
Mocidade, esperança, amor, belleza!
Belleza... sonho que o acordar he sonho!
E então quando toda a natureza
Respirando magias numa aurora
Se negar a teus olhos embaçados,
Estes filtros fataes que a origem foram
De sulfureos volcões que me devoram;
Quando for s'esvaindo pouco, e pouco
D'este teu coração calor, e vida;
N'estas placidas horas de momentos
Melancolicos, doces como a lagrima
Que vaga oscilla em palpebras de virgem,
Que idéa boiará na tua mente?
Em que tu pensarás, mimo da vida?
Quando emfim te roçar gelados labios
O adeos derradeiro, esse ai extremo,
E em vez d'esse composto de milagres
Já quasi mais não fores qu'hum cadaver,
Qual será teu algoz, ó minha Sylphides?
Oh! se do mundo, a custo, não fruiste
Os ingratos prazeres momentaneos
O — arrependimento — eis teu verdugo!
Bem horrivel, fatal, porêm bem tarde!
Vê pois, ó minha bella, quanto he breve,
Quanto he cheia de amargos a existencia.
Os dias que deslises sobre a terra
Sejão dias de goso a par do amante,
Entrega-te sem susto aos braços d'elle.
Embriaga-te em tudo que he delicias.
E farta de prazer nadando em extases
Pódes morrer, que morrerás contente.

José Pinto Ribeiro de Sampaio.

BIBLIOGRAPHIA.

As publicações litterarias em nosso paiz são poucas, e as dignas de apreço mui raras; não sei se por esta causa, a critica tambem entre nós ainda não appareceo, porque alguns alambicados artigos bibliographicos, que huma ou outra vez apparecem, são obras de encommenda, e, quando Deos quer, da mão do mesmo author: acontece muitas vezes que, em vez de podres e vergonhosos elogios, a inveja desdobra suas guelras de fel e veneno, sujando reputações, que começam, ou já estabelecidas, e a critica não passa d'isto, o que he grave atraso para as sciencias e litteratura. Ora, nós, que conhecemos isto, devemos afastar-nos do caminho trilhado, como os leitores esperam, e levamos em tenção; larga exposição, censura, e mui breves elogios faremos á Obra, que presentemente se está publicando em Pernambuco, cujos dois primeiros volumes chegaram a esta Côrte, e com o titulo — *Memorias Historicas da Provincia de Pernambuco* —, em 5 tomos, precedidos de hum Ensaio Topographico-Historico, pelo tenente da 1.ª Classe do Estado Maior do Exercito José Bernardo Fernandes Gama.

Os trabalhos typographicos estão, ainda mesmo na Corte, bem longe da perfeição a que devem chegar algum dia; todavia, muitas impressões se tem feito, que não nos envergonham, e as *Memorias Historicas da Provincia de Perdambuco*, attendendo-se a que são impressas na Provincia, podem-se mostrar a todos como prova dos progressos que as vão fazendo; o papel he bom, e o formato (8.º francez) adquado.

O Ensaio Topographico, que precede as Memorias, descreve o estado actual de toda a Provincia, seu governo, divisão ecclesiastica e judiciaria; villas, fregnezias e povoações; estado e organisação da Guarda Nacional, etc., etc.; e conclue com hum Mappa estatistico da população

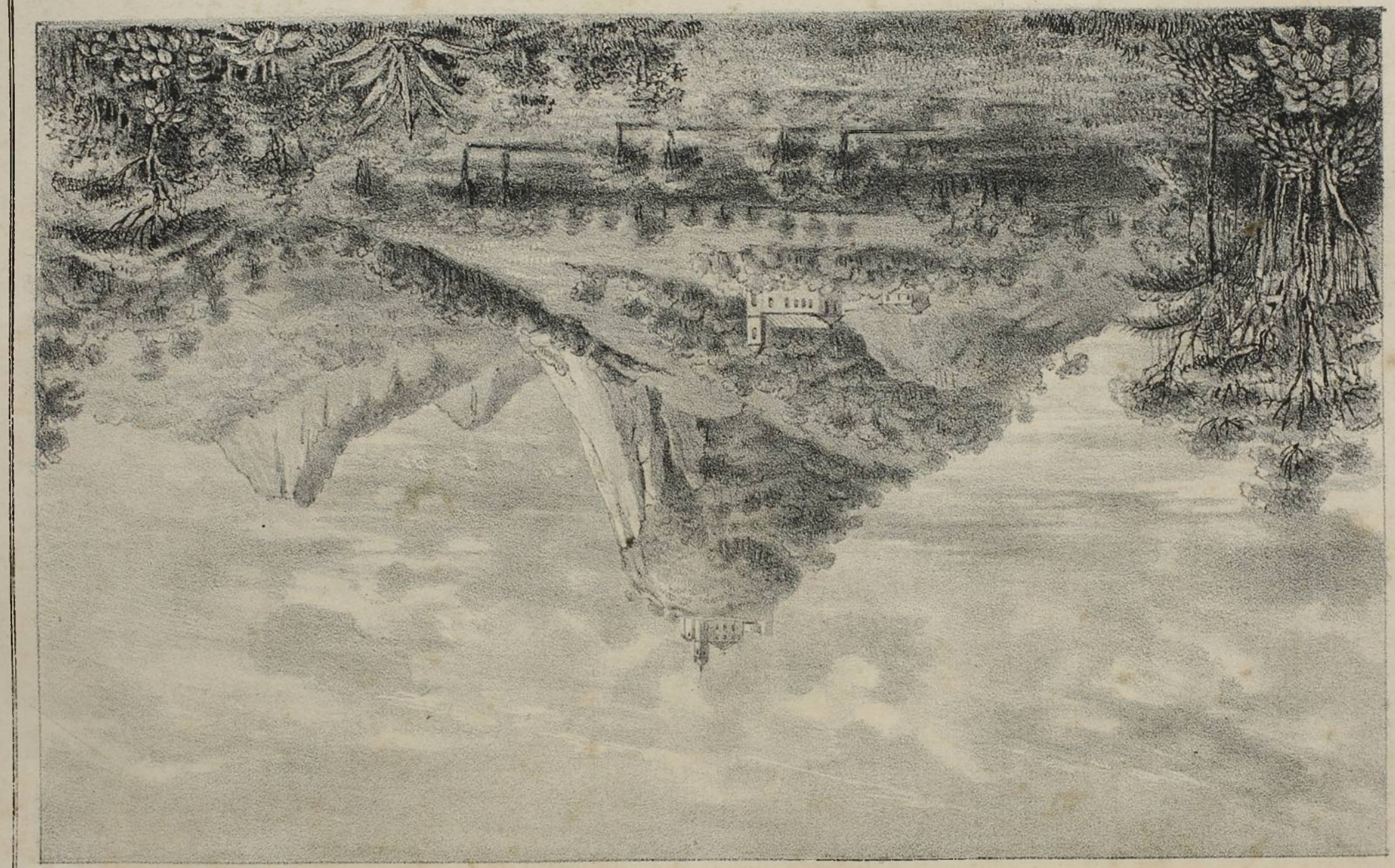
da Provincia por freguezias. Seria preciso termos tanto, ou mais conhecimento da Provincia, do que o author das Memorias, para lhe notarmos faltas ou inexactidões, o que não temos, e por isso deveriamos guardar silencio a tal respeito; mas, apesar de taes razões, diremos sempre que sua obra merece ser lida, e he exacta; fundamos nossa observação sobre a seguinte circumstancia: o author obteve da Assembléa Provincial a concessão de huma loteria de 65:000$, cujo beneficio seria applicado para a impressão de sua obra, que necessariamente soffreo minucioso exame, e feito por pessoas habilitadas. Passaremos agora para o corpo da obra.

Começa por huma breve historia da descoberta da America por Colombo, e por Martim Behem, que tambem gosa das honras de descobridor do Novo Mundo; viagens de Americo Vespucio e de Pedro Alvares Cabral descobridor do Brasil; breve noticia da origem da Nação portugueza: prosegue descrevendo o estado de Pernambuco anterior ao governo dos Donatarios, e fundação pelo primeiro Donatario Duarte Coelho; fundaçao das Provincias das Alagoas, Parahyba, Rio Grande do Norte, Maranhão e Pará, em que os Pernambucanos tiveram grande parte, diversas guerras, e sobre tudo com os Hollandezes; em fim, a obra deve conter em minucioso detalhe todos os acontecimentos historicos, quer politicos, quer civis, que tiveram lugar em Pernambuco, e nas outrss Provincias quando n'elles tiveram parte Pernambucanos, desde 1530 até 1844, segundo se deprehende do plano seguido n'estes 1.º e 2.º tomos, para os quaes se gravaram estampas, que já vimos. Consta-nos que a historia da Igreja Pernambucana occupará hum tomo especialmento.

Como não nos prende sentimento algum, como muitas pessoas sabem com certeza, faremos observações desapaixonadas, e por consequencia justas, a respeito dos trabalhos e vigilias do Sr. José Bernardo Fernandes Gama, a quem não conhecemos até. Em primeiro lugar diremos que, para se construir a historia do Brasil, todas e quaesquer noticias são necessarias, e que aquellas, que se colherem nas Chronicas são as mais preciosas, e darei as minhas razões; requer a chrorica huma linguagem e estylo especial da epocha, consente minuciosidades que parecem desnecessarias, mas que são huma fonte pura onde o historiador bebe a largos tragos; ora, sendo os Annaes e Memorias nada mais que materiaes para obreiros, talvez ainda mui longe de nós, construirem o *grande edificio*, quizeramos antes que todos os homens habilitados para escrever sobre taes assumptos, compulsando archivos, escrevessem chronicas, porque assim teriamos mais alguma cousa, que datas e nomes simplesmente; e os chronistas, se não pudessem imitar João de Barros, e Diogo do Couto, ao menos não teriam de esforçar-se por sustentar continuamente a nobreza de linguagem e força que requer a historia; porêm cada hum faz o que quer, ou o que lhe parece, e nem por isso deixam de ser dignos de louvor, e seus trabalhos deveriam ser pagos com muitas honras e mercês, porque são sempre proveitosos, mui proveitosos; e n'este numero entram as Memorias Historicas do Sr. José Bernardo Fernandes Gama; seu estylo, sem ser guindado, he todavia acima do que nós quizeramos, he portuguez o correr da phrase, e não lhe encontramos impropriedade no dizer, quer como narrador, quer phylosophando, mas queriamos que fugisse mais da historia para a chronica, perdoe-nos, será isto em nós huma mania, porêm se este artigo não fôra já tão comprido, haviamos de dizer mais alguma cousa que talvez nos desculpasse completamente. Houve na elaboração das Memorias Historicas grande trabalho material, alêm do trabalho mental do author, de muito e subido apreço; a deducção dos factos em controversia, a delicadeza, que mostra no refutar, e outras muitas cousas tornam sua obra recommendavel; e se no escrever sobre os factos contemporaneos fôr seguindo sempre o mesmo plano, como Memorias Historicas, haverá mui pouco que criticar, em nosso humilde entender. Tiveramos nós de cada huma Provincia iguaes trabalhos!!

PRIMEIRAS IMPRESSÕES DE HUM PAI.

Amigo, o meu coração cobre-se de tristeza, quando me apresentam meu filho que acaba de nascer. Vendo este misero e fraco ente, recordo-me do que soffri, e do que elle será destinado a soffrer. Mas quando sua mãi o toma nos braços, e o suspende em seu seio, inclinando-se para elle, e sorrindo-lhe com os olhos arrazados de lagrimas; então, sentindo-me assaltado de huma emoção inexplicavel, approximo-me com transporte, e meus labios abrasadores imprimem o primeiro beijo de pai. Esqueço então minhas lembranças dolorosas, e meus funestos presagios, encarando com ternura a figura interessante d'esse anjo; e confundindo-o em meu pensamento com aquella a quem dediquei a vida e o coração, a existencia torna-se para mim hum manancial de delicias que me parecem inexgotaveis.



NOSSA S.ra DA PENHA

Lith. de Heason & Ronsburg, Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro.

IGREJA DE N. S. DA PENHA.

Foram as romarias em tempos remotos huma mania louvavel e proveitosa, em qualquer ponto de vista que se encarem; o bordão e esclavina davam aos romeiros hum ar tão santo e respeitavel, suas perigrinações eram tão peniveis e por conseguinte meritorias, que independente de votos tudo quanto se offerecia á vista era digno de veneração e acatamento; hoje essas poucas romarias que existem, especialmente no Brasil são rediculas, e indecentes, prejudiciaes, e mui dignas de sensura por sua irreligiosidade. Em toda a parte, se as romarias são em paragens longiquas, pobres não as commettem, e ricos apromptam cavalgadas e farneis, albuns e roteiros, pagens e amigos, e vão-se não a comprir hum voto de piedede, mas a hum divertimento; ainda se atravessam os desertos da Arabia, ainda se visitam os lugares Santos, mas essas romarias já não tem o cunho, o caracter religioso, que souberam imprimir-lhe os seculos de crença viva, de fé robusta, de religião mystica, santa e sublime, por que a nossa religião de hoje he de moda, he religião de apalpar, de vêr!!

Não quero dizer que estas viagens, ou romarias sao as ridiculas e prejudiciaes de que fallo; estas taes são as que cada hum tem ao pé da porta, como a de Nossa Senhora da Penha na freguezia de Irajá, onde todos os annos concorrem muitos centos de *romeiros*: seus votos são bem diversos d'aquelles de outro tempo, e a romaria acaba quasi sempre, não em a poetica igrejinha que nossa estampa representa como hum ninho de aguia, trepada lá no pincaro da montanha de viva rocha, mas em algumas das ermidas temporarias, que á gula levantam seus ministros. E se fora só isto.... porem áquelle socego e paz da devoção succede o gravissimo escandalo das altercações e rixas, e contada será a romaria da Penha donde não venham muitos com a cabeça partida; nós fariamos largas observações, não só sobre o estranho procedimento dos romeiros, em parte permittido pela negligencia das authoridades da Corte, que deveriam remetter para ali crescido numero de patrulhas, mas ainda relativamente ao grutesco desfilar dos devotos, que regressão á cidade ebrios, sujos, e não poucas vezes feridos e ensanguentados; porem devemos primeiro tratar outra materia não menos interessante para nossos leitores, promettendo occupal-os ainda huma vez com esse assumpto, que fará parte de alguns artigos sobre os nossos usos e costumes.

Está a capella, ou igreja de N. S. da Penha, assentada no cume de huma rocha viva e alcantilada, que se levanta bem no meio de hum formoso valle, lugar bem proprio para o estabelecimento de huma cidade, não só pelo excellente local, como por ficar proxima das aguas da bahia de Nictheroy; sobe-se para ella, primeiro por huma ladeira suave e calçada até huma casa, ou rancho, que chamam dos romeiros, e até este lugar vão cavalgaduras com segurança; d'ahi para cima por 315 degráos de pedra cavados na rocha, de 2 polegadas de altura, palmo e meio de largo, sobre quatro de comprido, sem contar alguns poucos logo no principio feitos de tijolo; estes trezentos e tantos degráos dizem que foram mandados fazer por hum devoto casado que não tinha filhos, e como os tivesse, satisfez á Santa o seu milagre com tornar a subida menos perigosa, mandando tambem collocar huma balaustrada de ferro por hum e outro lado: já houve quem imprudentemente os subisse a cavallo, façanha louca.

Não se descobre em nossa estampa esta subida, por ser ella praticada pelo outro lado da montanha, não em frente do edificio, que olha para os portos de Inhaúma e Mariangú, insignificantes e até máos, mas por detraz da capella-mór, notavel só por sua fórma perfeitamente espherica; o pavimento da igreja he de huma solidez a toda a prova, por ser a chapada nua da montanha, as paredes alvas e fortes, por causa das rajadas de vento, que muitas vezes sopra temeroso; as paredes da capella-mór são cobertas de azulejos, representando mui devotos passos, que eu não tive fugar de observar bem, porque me chamava cá para fóra a linda perspectiva qne se desfructa de sobre o eirado, ou terraço natural que se estende em frente da igreja com fórma de meia elypse, onde está huma formosa cruz de marmore. Porêm tendo eu de fallar sobre a estampa, dizendo tão pouco do edificio, porque, na verdade, se fôra collocado em algum canto de rua ahi por essa cidade do Rio de Janeiro, ninguem lhe lançára os olhos, de sorte que elle deve tudo á posição que occupa, e n'isto se parece assás com nós outros homens..... que comparação ridicula! Mas, fallando pouco do edificio, não julgam os leitores que será improprio entregar-me á inspirações poeticas, deixando de fallar na santa e milagrosa imagem, de sua lenda, que a tem?! Se, em vez de noticias que esperam pela indicação do artigo, encontrarem palavriados inuteis, devem zangar-se, que outro tanto me tem acontecido muitas vezes; por tanto, ahi vai quanto sei a tal respeito.

Durante a maior força dos ardores do sol abrigara-se hum pobre caminhante á sombra de huma arvore que crescia na baixada da montanha, sobre cujo cume existe hoje a igreja de Nossa Senhora da Penha; encostado a seu bordão de viagem, adormecêra o homem descançado, e sem temor; eis que de hum brejal proximo sahe horrendo jácaré com as queixadas abertas, iriçadas de agudos dentes: em sonhos vê elle o perigo, e depois Nossa Senhora, que, com seu amado filho no collo, olhava para elle com semblante de angelica bondade. O caminhante acordou, seus olhos descobrem o jacaré, e huma serpente que descendo a montanha vem feril-o de morte com seu arpão venenoso, retirando-se depois para o alto do monte; seus olhos acompanharam o reptil serpeando por entre as vassouras que cobriam o subpé da montanha, depois vio-o rojar por sobre a pedra lisa, e emfim desapparecer na crista nua e altissima.

— Quererá esse animal indicar-me o lugar onde devo ir agradecer á Mãi de Deos o milagre que acaba de obrar em minha salvação?! disse o caminhante.

E logo huma nuvem branca e resplandecente se assentou lá no pincaro, e elle deo volta á montanha, mas não achou lugar asado para poder subir-lhe até ao cume.

— Pois aqui ficarei, continuou o viajante; aqui até morrer louvarei ao Senhor, e a Sua Mãi Santissima.

E largou seu fardel e cajado alli mesmo, onde depois se fez huma casa para os peregrinos; cortou alguns ramos e fez com elles huma cabana tosca, onde se dispoz a passar a noite; procurou agua, e não pôde encontral-a alli por perto, mas destinando o seguinte dia para procural-a, foi deitar-se envolto em sua fé.

Appareceo-lhe novamente a Senhora, e disse-lhe que lá no cimo da mantanha existia huma imagem sua, e que alli lhe construisse hum templo, onde fosse reverenciada; de madrugada levantou-se o caminhante, e mal que sahio de seu ranchinho, hum coelho branco como a neve foi indo adiante d'elle; desceo hum pouco escontra o valle, desviou-se do trilho que o viajante havia feito no dia antes, e chegou perto de hum olho de fresca e saborosa agua, onde bebeo, tornando sobre os passos, não para o ranchinho, d'onde viera seguindo-o o caminhante, porêm para o alto da montanha, por onde tambem elle o seguio, até que no cume foi deparar com a Santa Imagem, que hoje se venera. A epocha em que foi acontecido o milagre não a sabe a devoção popular, mas para os descrentes, para os que tudo querem a peso, que lêem, não para o coração, mas para os olhos, para esses aqui vai o que achamos escripto; que se tantos d'estes não houvera por ahi, até diriamos que he constante e sabido por muitos, que esta milagrosa imagem não soffre incarnação, e ainda conserva aquella com que foi encontrada: porêm n'estes dias de incredulidade melhor he o silencio.

« No territorio da freguezia de Irajá subsiste, entre outras capellas filiaes, a seguinte: — Nossa Senhora da Penha, distante 2 leguas, que Balthazar de Abreo Cardoso edificou no cume de hum rochedo altissimo e só accessivel por hum lado. Existia em 1734, e subsiste pelo desvelo de huma Irmandade da mesma Senhora, a cargo da qual está a administração das esmolas do povo devoto e favorecido por tão singular e poderosa Protectora. Em 6 de Novembro de 1819 principiou ahi a festividade do Cirio authorisado por Sua Magestade, em conformidade dos que se celebram em Portugal. »

A POESIA E O MATRIMONIO.

FRAGMENTO DA « MINHA CARTEIRA DE VIAGEM. »

Ha huma cousa eterna como a natureza de Deos, de quem emana, — que vive hoje como viveo no dia em que com hum sopro de seus divinos labios, fez Deos esta machina que se chama Universo, com a mesma facilidade com que hum fabricante de vidros faz huma garrafa; — huma cousa que viveo na Grecia e no Oriente, no cume do Sinay e nos desertos do Egypto, nos rochedos do Atlas e nas margens do Tibre; e finalmente em todo o mundo, desde os tempos remotissimos em que Jacob se casou com as duas irmãs Rachel e Lia, até á epocha ainda proxima em que a rainha Carolina fazia de hum correio hum camarista, e os reis D. João VI e Carlos IV faziam da fidelidade conjugal o problema de suas meditações. — Huma cousa, que só muda de fórma no decurso de hum anno, de hum mez e de hum dia, como as mulheres de trajos ou de amores, porêm logica e immutavel em seu espirito, como os velhos em sua obstinação.

Esta cousa he a *poesia*. Palavra adaptavel a todas as definições, como a virtude, — que cada hum tem direito de entendel-a a seu modo, como a liberdade d'imprensa, e que eu me absterei de definir, como de fallar de liberdade em Buenos-Ayres, ou de eleições em Pernambuco.

Ha outra cousa igualmente eterna, porque he mai da desgraça humana, que nasceo no paraiso, ao pé da arvore da sciencia, e acabará com a trombeta final; e esta cousa he o instincto que aproxima o homem á mulher, (ou a mulher ao homem, como quizerem); instincto semi-divino, semi-infernal, que começou por ser *prodigo*, e acabou no extremo das Religiões e do Christianismo por ser *unico*, e legalisado com o nome de *matrimonio*. Porêm não fallamos do matrimonio Brahmanico, nem do matrimonio do Alcorão; — Deos nos livre d'isso! — fallamos do matrimonio Catholico, o melhor que conhecemos, porque somos Catholicos, e não podemos dizer outra cousa. Este matrimonio reduz-se, como todos sabem, e alguem a seu pesar, á união indissoluvel de *hum* só homem com *huma* só mulher; salvo as excepções que traz comsigo toda a regra geral, por muito boa e santa que ella seja.

Mas, ha tambem duas cousas heterogeneas na ordem moral, como a agua e o fogo na ordem physica, como a assembléa representativa e o ministerio responsavel na ordem social, e como a pobreza e a felicidade na ordem domestica. Estas duas cousas são a poesia e o matrimonio.

Dois homens quizeram poetisar a mulher casada, e precisaram recorrer ao inferno e ao céo, para procurar, este a sua Beatriz, aquelle a sua Eva; e mesmo assim, Deos sabe se Milton e Dante não ficaram mais descontentes de suas obras, que Luiz Philippe da conquista de Tahiti. Depois d'elles ninguem ha ousado cantar o matrimonio. O poeta comico faz descer o panno com o casamento que termina a sua comedia; primeiro, porque a benção nupcial he o officio de defuntos da poesia; segundo, porque todos sabem o que o poeta calla.

Não ha comedia que principie por hum casamento, e ha muitas que começam por hum enterro: o que prova que hum enterro he menos prosaico que hum matrimonio.

O poeta dramatico costuma fazer representar o casamento desde a primeira scena; porèm sempre com hum terceiro, que acaba por transtornar o matrimonio, dando huma punhalada na sua Adele (*), ou envenenando a sua Elvira (**). Por que só ha hum caso em que o casamento he poetico, e he quando o marido he hum *tyranno*, que não *comprehende* sua mulher, e esta não tem mais de vinte cinco annos; pois se passa d'essa idade, a sua desgraça pertence ao confissionario e não ao poeta. Oh! he huma verdadeira desgraça, digna da lyra de Virgilio ou do cinzel de Miguel Angelo, quando huma senhora se empenha em que seu marido não a comprehenda! Porêm, para qual dos dous he a desgraça? Eu o ignoro. Virgilio, ou Miguel Angelo, escolheriam para a sua descripção, ou para a sua estatua, a figura de ambos que mais lhe convivesse.

Toda a poesia da vida se acha personificada n'esse céo inconstante que se chama *mulher*: n'esse *bello defeito da natureza*, como lhe chama Milton; porêm he necessario vel-a pelo prisma da imaginação, em toda a pureza, em toda a virgindade da innocencia; alimentando a vaidade do homem a esperança de respirar algum dia o halito de ambar d'essa flor ainda em botão.

Então, seus olhos são dous astros da via-lactea; — seu seio, he como a onda graciosa de hum mar de leite, e causa vertigens a quem o vê, como o vinho de Xerez a quem o bebe. Seus braços, como dois raios matutinos, fazem sonhar com o seu primeiro abraço; — e sua alma! oh! a alma de huma mulher solteira e virgem he a metade de sua poesia, como hum marido zeloso a metade de sua desgraça!

Mas, casa-se esta mulher, e começa a prosa, bem como a prole: adeos braços, adeos olhos, adeos tudo; sahe a poesia pela mesma porta, por onde entrou o marido!

Nos sonetos de Petrarca, e nas canções de Tasso, não encontrariamos os nomes de Laura e de Leonor, se estas tivessem sido alguma cousa mais que suas amantes.

E tudo isto tem, como todas as cousas, a sua rasão. O amor sem os seus inconvenientes e sem o seu mysterio, he como o Sandwich sem vinho de Bordeaux, — não serve.

Desde que nada temos a desejar na mulher, nada temos a admirar. Desde que nada admiramos, nada poetisamos; isto he huma verdade.

Póde a poesia corresponder-se com a mulher alheia, como se corresponde o poeta; isto tambem he verdade. Com a propria mulher, porêm, he impossivel, e se he possivel para o poeta marido, não o he para o publico, que d'elle zombaria quando enthusiasmado quizesse cantar as graças de sua mulher.

A amada do poeta desperta a inspiração pela sua belleza, e a melancolia pelos inconvenientes da posse. A melancolia do poeta, com as imagens vivas e palpitantes de sua paixão, interessam logo ao publico, e principalmente ás mulheres, que invejam a felicidade de ser cantadas. Porêm, de que póde queixar-se hum marido? ai d'elle se chegar a fazel-o!

(*) *Dumas*.

(**) *Larra*.

Mas quando dizemos que a poesia e o matrimonio não andam jamais unidos, livre-nos Deos de querer dizer com isso que aquella he o patrimonio de todas as mulheres solteiras. Isto tambem tem suas excepções, como a constancia de todas ellas.

Byron dizia (e Byron entendia da materia), que depois dos desenove já não contava os annos de huma mulher. Nós, porêm, pensamos com Balzac, que os annos de huma mulher devem contar-se dos desoito aos trinta, — nem mais nem menos. No circulo d'esses doze annos acham-se encerrados toda a poesia e todo o amor de huma mulher, porque a sua intelligencia acha-se desenvolvida a par do seu coração, e a energia do corpo e do espirito em seus 90 gráos. Huma mulher d'estas quando existe na alma hum pouco de melancolia, e hum vaso de ponche quando ha frio, são os dous *confortables* da vida humana. N'essa idade, os sacrificios e a abnegação são irmãos gemeos do amor. Antes dos desoito annos, não ha na alma da mulher nem bastante força de paixão, nem bastante *arte*; e a arte he para o amor o que he a luz para huma pintura de Raphael.

Depois dos trinta annos, começa a vida da mulher a abandonar o peito, e a tomar posse do estomago e da cabeça. Ama-se menos e calcula-se mais. Cuida-se mais no rosto, do que no amor. Huma d'estas mulheres não concorreria a huma entrevista em dia humido com receio de constipar-se. Perdoai, amaveis excepções; eu sou homem que nunca fallo nem creio, sem excepções, e com generosidade! Porêm voltemos á poesia e ao matrimonio, e digamos por ultimo (porque tudo deve ter seu termo, cousa que melhor que nós deveriam saber os que governam), que se a poesia he filha do céo, como disse Homero, o matrimonio não he seu irmão; sem querer por isto que seja filho do inferno, como parece pretendel-o George Sand. Será filho de algum outro; conhecemos grande numero de bons filhos de máos pais.

O matrimonio he bom, qualquer que seja seu pai; he christão, social, eminentemente moral, porêm não poetico;—isto he tudo quanto dizemos.

Somos extravagantes em tudo, como em nosso modo de escrever; — algumas vezes pensamos em casar-nos, porêm a idéa de repudiar nossa primeira esposa, a poesia, por huma nova consorte, desterrou de nós esse pensamento. Porque, ainda, quando não cante as graças de sua mulher achamos alguma cousa de prosaico em hum poeta-marido, dote que lhe traz comsigo a *senhora*.

Nós, que não escrevemos para que nos acreditem, mas sim para que nos ouçam, desconfiamos de nossa reputação, quando ao voltar algum dia á nossa patria, entregarmos a hum impressor, por hum punhado de metal, o fructo de nossos trabalhos, nos longos annos de nosso desterro; e o escalpelo do critico fizer a analyse anatomica de nossas crenças, apresentadas já com o sorriso de Figaro, já com o sarcasmo de Byron, ou com a gravidade de Descartes; porêm se no fundo de nossas paginas acharem huma só verdade, desejamos que se contentem com ella, como nós nos contentamos, quando achamos huma só virtude no coração de hum homem. Porêm, se severos em sua critica, puzerem em duzida nossa moral, então dir-lhes-hemos: « não temos mais; dai-nos alguma da vossa. »

José Mármol.

A CRUZ DE PEDRA.

CAPITULO V.

Quem com ferro mata, com ferro morre.

Antes que a viração da tarde tivesse apagado da estrada as pegadas da cavalgadura de Pedro, huma outra mula, coxeando por sobre ellas, ia caminho da fazenda de André de Villasboas: Francisco do Valle não pudera jantar com a terrivel idéa de se lhe irem quatorze mil cruzados ao vento: queria fallar, que o silencio deixando-o com sigo mesmo despedaçava sua alma; mas fallar com quem? todos o aborreciam, e se elle tivera a loucura de proferir huma só palavra que o trahisse, o riso e escarneo seriam a paga de sua imprudencia. A noite sobretudo, a pavorosa e carregada noite fazia-o gelar de susto; como lhe seria possivel fechar as palpebras sem ir visitar hum desvão do telhado, onde, entre farrapos e ecos, havia hum cofre não pequeno cheio de loiras; como lhe seria possivel adormecer, olhando-as e lembrando-se das irmãas que andavam em grande perigo? por isso mandára elle sellar e encilhar o faminto animal, que má sorte lhe puzera nas mãos, na esperança de, com manhas e artificios, apanhar alguma coisa: idéas de casamento nem lhe vinham á mente, e quando ao entrar da porta foi saudado pelos involuntarios gritos das duas senhoras, e pelo carrancudo senho de Julião, o desgraçado quasi deixa a vida, lembrando-se de Pedro Anselmo, e conjecturando que tão má recepção só provinha de ser elle tambem, como credor, hum inimigo dos Villasboas.

— Vim tarde! disse elle com desalento.

— Sempre chegais a boas horas, senhor, respondeo Henriqueta, tomando como pergunta e n'hum sentido, o que só era exclamação, e em outro muito affastado.

— Onde está elle?

— Fallais de meu pai? disse bruscamente Julião.

— D'elle mesmo.

— Vigiando a plantação da Cortada, para onde se foi esta manhã ao nascer do sol.

— Pois que! elle inda planta?

— Então? julgais que seja tarde, ou cedo?

Eu..... eu julgo que he tempo proprio; porêm que novidades haveis vós de maior?

— Huma mui grande, disse André entrando; e he vossa não esperada visita.

Os dois velhos olharam-se admirados; Francisco do Valle, por ver a impassibilidade com que hum homem completamente arruinado se apresentava em frente de seu credor; André de Villasboas, por ser aquella huma das poucas vezes que seu compadre lhe fazia a particular e distincta honra de atravessar a soleira de sua porta, apezar de muitos e antigos convites.

— Em verdade que vos deve causar espanto minha visita; mas quando lhe souberdes a causa... quero dizer, quando tivermos fallado em particular sobre nossos negocios, sobre certos negocios.....

— Ai, pois vos chegariam á noticia minhas intenções?

— Eu não sei de nada; porêm quaes são as vossas intenções?

As duas senhoras deixaram a sala; e Julião, que presenciára o desassocego de sua mulher e filha, apezar de conhecer a necessidade de acompanhal-as, ficou bem resolvido a impedir por qualquer fórma que fosse a desarrasoada pretenção do velho; porque, presumpçoso como somos nós todos de penetrar o pensamento de nossos semelhantes, julgava descobrir na visita de Francisco do Valle alguma cousa que se assemelhava á recordação de antigo pedido, e de antiga promessa: ficou, e já elaborava na mente afogueada hum eloquente, mordaz e amargo ajuntamento de razões, que Vms. teriam por certo folgado de ouvir, se a sorte o não deixára inédito *ad omnia*, quando huma quarta personagem entrando na sala veio abreviar a resposta de André de Villasboas accendendo-lhe no coração a raiva e o desejo de vingança.

— São minhas intenções, disse elle carregando as palavras, são minhas intenções casar minha neta com vosso filho.

Eduardo, com a mão estendida para apertar a de Julião; Francisco do Valle, puxando os canos das botas, que se haviam encolhido; Julião de Villasboas, que não tivera tempo de acabar o sorriso com que acolhia a saudação do mancebo; o mesmo André, que esperava menos admiração em seu compadre, e em seu filho, ficaram todos, como se huma granada tivera rebentado em meio d'elles, tolhidos, estuporados, se Vms. consentem que o diga: depois, como se os estilhaços zunissem inda sinistros a seus ouvidos, cada qual foi voltando devagar o rosto, para observar o estrago, quero dizer, a impressão que tão poucas palavras haviam produzido; e assim ficariam largo tempo, se d'entre elles, aquelles, cujos pensamentos não podiam soffrer diversão por aturado tempo, não tivesse quebrado o pesado silencio.

— Porêm, meu compadre, isso he impossivel.

— Impossivel! e porque? casou-se já vosso filho?

— Ainda não.

— Ah! eu vos entendo: porêm a vossa idade... julguei que o tempo vos havia feito mudar de tenção.

— Sim, sim, meu compadre; já não penso em semelhante cousa.

— E então?

— E então! pois hei de consentir que meu filho case com vossa neta? elle achará hum casamento rico, porque he herdeiro de cem mil cruzados; e se casar pobre não me entrará as portas!

— E minha neta?

— Vossa neta? he huma bella menina, muito bem educada, e nada mais: não fallemos em casamento.

— Não! isso he hum insulto; vós me dareis razão de tudo quanto acabais de dizer!

E ia voltar-se para seu filho com tenção de o mandar sahir da sala, a tempo que elle, tomando o braço de Eduardo, a deixava.

— Ora eis-nos a sós; podeis dizer-me agora porque recusais a mão de minha neta; podeis explicar-me essas palavras mysteriosas e atrevidas, e dar-me conta d'esse grande negocio, que vos traz aqui.

— Em duas palavras, meu compadre; vós me deveis quatorze mil cruzados, e eu preciso muito, e muito de dinheiro.

— He só isso que vos traz?

— E julgais que he pouca cousa?

— Sois hum homem vil!

— Antes isso, que rematado louco.

— Dentro em dois mezes, senhor meu compadre, metade d'essa quantia estará em vossas mãos, e o resto quando nós podermos.

— Dois mezes! he impossivel; antes d'esse praso..... quem sabe? talvez amanhã, talvez depois..... não! he impossivel!

- Então havei-os por justiça.

— Oh! vós sois hum malvado! quereis arrastar-me em vossa ruina? *elle* viria contestar meu direito, e que ficára para pagar-me?

— Viria quem?!

— Nada de sobresaltos e imposturas, vós estais perdido, e perdido sem remedio; esta fazenda não vos pertence, e hum testamento falso.....

— Calai-vos!!

— E os meus quatorze mil cruzados? disse o velho com energia, pondo-se em pé; quero-os hoje, ouvis?!

Pallidez mortal cobria o enrugado rosto de André de Villasboas; seu corpo tremia como o do homem que soffre maleitas.

— Hum mez!? disse elle, acompanhando as palavras com supplicante gesto.

— Não!

— Oito dias siquer!?

— Hoje, hoje!

O velho usurario conhecêra quanto a revelação do segredo, que lhe haviam confiado, atemorisára seu devedor; conhecêra sua posição, e por isso oppunha huma resistencia tao continuada ás rogativas de André, que vendo-o inflexivel e resoluto a aproveitar-se da força que lhe dera sua perturbação:

— E onde estão os creditos? disse, persuadido que teria ao menos hum dia de espera.

— Aqui os trago commigo.

André levantou-se, e sahio; tornou logo com hum embrulho na mão, que entregou ao seu credor, recebendo em troca os creditos; e em quanto os reduzia a pequenas particulas, o compadre contava e recontava a somma:

— Sem lhe faltar hum ceitil, disse por fim, abaixando a cabeça em signal de assentimento ao que sua boca acabava de repetir, ou de agradecimento, ou do que Vms. quizerem; e metteo o dinheiro na algibeira: agora estou á vossa disposição, continuou elle; fallemos do que quizerdes, meu compadre, de casamento mesmo.

— Eu vos desejo boa viagem, disse André com hum sorriso de escarneo; e depois que elle sahio:

— Miseravel, eu te fecharei a boca! ha segredos que sabidos dão a morte, porque só hum cadaver póde conserval-os; e não sou eu tão louco que ponha a fortuna e a vida na contingencia de huma palavra, de hum gesto.

E chegando-se junto da porta:

— Marcos! segue elle o caminho largo?

— Senhor, não; disse hum escravo negro apparecendo.

— Então, o atalho?

— Senhor, não; vai pela cerca de cima, caminho da Roqueira.

— Pela cerca de cima! oh! eu descubro agora as razões porque o meu visinho vai entrando por minhas terras!! elles querem ver-me pleitear, querem ver meus titulos em mãos de outro, em mãos da Justiça..... Marcos! o meu cavallo arreado. Não, tu não irás contar que viste tremer André de Villasboas! não irás confirmar suspeitas, e tramar de novo.

E percorria a largos passos o terreiro, em quanto o escravo apparelhava o cavallo; montando, em breve o perderam dos olhos Henriqueta e Julião, que por dentro das janellas observavam sua impaciencia, e horrenda catadura.

— Meu Deos! onde irá elle? disse Henriqueta, apontando o caminho por onde desapparecêra o velho; he o trilho da Roqueira, ó Julião, os marcos!

— Seja seu designio qual for, eu chegarei tarde para estorval-o; não ha animal sellado.....

— O meu, senhor, interrompeo Eduardo; montai-o, e dai ordem para que sellem outro, que irei em vossas pisadas.

Julião partio, e após elle Eduardo.

Francisco do Valle, calculando que não teria tempo de chegar á Villa com dia, e lembrando-se que lhe seria mister fazer segunda viagem para informar o seu conhecido Pedro Anselmo do acontecido, como haviam concertado, resolvêra passar a noite em casa d'este, porque poupava assim as ferraduras do animal, e livrava-se de algum encontro importuno; por isso deixára elle a estrada geral e ordinaria, tão pouco seguira hum atalho que elle mui bem conhecia, e tomára por dentro da fazenda de seu compadre o caminho da cerca de cima, que tinha sido por elle mesmo aberto com permissão de André, em tempos mais benignos: já elle ia a bom pedaço desviado, quando hum negro que o seguia a pé o advertio de que hum homem á desfilada se approximava d'elles; sem voltar-se, Francisco do Valle perguntou ao escravo que trajos trazia o cavalleiro.

— Gibão preto, brancas são as pantalonas, e o chapéo desabado; monta hum ruço pombo calçado, e.....

— Santo nome de Jesus! que terrivel idéa! interrompeo Francisco; pódes tu conhecer se he velho, ou moço?

— Velho deve de ser, que brancas tem elle as barbas, meu senhor.

E ainda o negro não tinha acabado, já os acicates de prata feriam sem piedade os ilhaes da besta, que, pagando-lhe n'aquella hora terrivel os máos tratamentos que recebêra em muitos annos, nem siquer mudava de passo, entregando-o d'est'arte nas mãos de seu inimigo, e fazendo-lhe sentir ao menos a necessidade de conservar em bom estado o traste de que temos de nos servir, quando a caridade não nos move. Quantos santos e santas haviam por igrejas da Villa todos foram lembrados; ricas offertas, festas e romarias se prometteram; mas a besta coxeava vagarosa, e o cavallo fazia desapparecer o espaço debaixo de seus pés.

— Eu não posso fugir-lhe, disse Francisco, tendo as redeas; então, que o Senhor se lembre de nossas almas, ou eu, ou elle.

E voltou-se para traz, firmando-se nos estribos, e desabroxando a capa dos coldres: o negro, vendo-o fazer taes preparativos, levou a mão á cintura, onde presa no cós das calças vinha a companheira.

— Que fazes tu, monjolo? quem sabe se esse homem vem com más tenções demandar-nos? e se as trouxer, eu sou para elle; prohibo-te sahir d'esse lugar, aconteça o que acontecer, a menos que não seja para salvar a vida fugindo, ouves?

— Senhor si, disse o escravo, atirando ao chão hum páo, em que vinha enfiado hum trouxel, e desprendendo do pescoço hum baldezinho de prata, que serve para em viagem beber agua dos corregos, objecto indispensavel aos viajantes abastados, porque os pobres, ou se servem de huma cuia, ou fazem como Diogenes, depois de ter quebrado a escudela.

— Mandais o vosso ruço como o pudera fazer o melhor cavalleiro dos contornos, disse Francisco do Valle, affectando hum sorriso; porèm; meu compadre, não fazeis bem andar repassando cavallos; isso já não he para os da nossa idade.

— Eu faço o que quero, respondeo André com arrogancia, esbarrando o cavallo; e tanto, que vos venho tomar conta de terdes atravessado toda a minha fazenda, deixando a estrada.

— Vós fazeis o que quereis, e eu faço o que me parece; por isso não quero dizer-vos porque tomei este caminho, e não outro.

— Tem conta com a lingua, miseravel! olha que estamos sós, e que pisas em minhas terras.

Francisco do Valle olhou para o lugar onde seu escravo havia ficado, e achou-o vasio; olhou á cerca, e depois disse:

— Estais enganado em parte, meu compadre; estamos sós he verdade; porèm esses marcos estão de vosso lado, e esta terra que piso.....

— Já não me pertence, dom senhor! mas inda não ha hum mez que ella era minha, dom ladrão! onde ias tu? para casa d'esse velhaco de meu visinho contar-lhe que empallideci quando me fallaste em testamento falso? não chegarás lá, velho! compõe tu'alma com Deos, porque com os homens não tens mais que tratar.

— André, o demonio te allucina! queres o dinheiro, que ha pouco me déste? ahi o tens, porèm não commettas hum crime!

— O dinheiro..... sim, eu o quero, porque não he meu, e tenho de entregal-o a seu dono: mas tambem quero o teu segredo, e tu fallarás, porque és vil e sem fé! trata de tu'alma.

— Inda huma vez, André!

— Não queres?! disse o velho Villasboas, arremessando o cavallo; então vai esperar-me no inferno, morre como hum cão!

— Não dès hum passo avante, não caminhes! ou irás tu primeiro dar contas.

André parou hum instante: a luta era desigual; a pistola engatilhada parecia escarnecer da bem calçada faca, que sua mão apertava.

— Não! disse elle depois de breve pausa, e estendendo o pescoço com ar de quem escuta: alguem se approxima..... hum de nós ficará aqui.

E trigou o cavallo: porèm o Senhor dirigia talvez o braço fraco e tremulo do velho Francisco, e huma balla foi atravessar o peito do sanguinario André de Villasboas, que, largando a faca, dobrou-se sobre o arção da sella. O cavallo, espantado pelo estrondo do tiro, e não sentindo mão que o governasse, empinou-se, e atirou de encontro a hum dos marcos o cavalleiro, que, ou com as dores da ferida, ou com as da alma, abraçou-se fortemente n'elle, alagando-o de sangue. No mesmo instante appareceo Julião; seus olhos descobrem o pai em tão desgraçado e piedoso estado; e, mais veloz que o pensamento, salta do cavallo, e corre a soccorrel-o.

— Justiça de Deos! clama elle, recuando espavorido; esta cruz aqui..... cobrindo com seu sangue as nodoas d'aquelle que sua mão derramou!

André, ouvindo as palavras do filho, firmou-se nos joelhos e desprendeo os braços; porèm seu rosto contrahio-se horrivelmente, os joelhos fraquejaram, e tornou a cahir, para não se levantar mais, sobre a pequena cruz que servia de marco. A chegada de Eduardo restituio o exercicio ás faculdades do semi-morto Julião de Villasboas, que, tomando sobre os hombros o cadaver de seu pai, dirigio-se tristemente para casa, onde o

esperava a afflicção de sua mulher e filha: lagrimas não fingidas e de profundo sentimento derramaram as duas senhoras á vista do medonho e triste espectaculo; lagrimas não fingidas, que só dos máos e sem alma vai o rancor além da campa: que coração tão de ferro não chora sobre seu inimigo morto? quanto mais que André o não era d'ellas. Eduardo, depois de ter prestado a seus amigos os serviços que requeria a amizade, foi apressado dar conta ao pai do estranho caso de que tinha sido quasi testemunha.

— Mataram-no! disse Pedro de Viterbo com espanto, ouvindo a narração do filho.

— Junto d'aquella pequena cruz de pedra, que vós collocastes na dianteira dos marcos, e que de marco servia; abraçado com essa cruz morreo elle, deixando-a vermelha de sangue.

— *O Senhor se encarregará de castigar o criminoso*; disseste tu, bom Anselmo; e a tua predicção verificou-se: seja elle louvado, porque minhas máos não se tingiram de sangue!

E ajoelhou-se. Eduardo, que muitas vezes havia perdido a paciencia, tentando perceber as exclamações e reticencias de seu pai, sem nunca poder penetral-as, ajoelhou-se tambem, e rezou a Deos por elle, pois que o julgava alienado; rezou tambem pelo morto, unindo-se assim o perdão do pai ás supplicas do innocente filho, em commum beneficio de André da Villasboas, que, além dos seus, não teria muitos que por elle intercedessem. Pedro levantou-se, e vendo o filho tambem de joelhos, as lagrimas lhe chegaram aos olhos:

— Eduardo, disse elle com voz commovida, que fazes tu de joelhos?

— Rezo por vós, meu pai; rezo tambem por esse desgraçado que mataram.

Fazes bem.

E tendo-se levantado o mancebo, fez-lhe signal para sentar-se junto d'elle, e disse-lhe:

— Se tivessem matado teu pai, tu o que farias?

— Choraria sua perda como a maior que o homem póde soffrer sobre a terra.

— Porêm eu quero dizer, se o tivessem assassinado?

— Havia de perseguir o assassino perante as leis até o levar ao cadafalso!

— E se não tivesses provas para convencel-o na presença dos juizes, tendo tu certeza de que elle fôra o assassino?

— Esperaria que o tempo as patenteasse.

— Mas se nunca as podesses obter, disse Pedro, levantando-se; se cada vez mais se cobrisse de escuridão o acontecimento, porque a memoria dos homens he fraca para conservar injurias que soffreram os outros, para reter crimes que não commetteram, e dos commettidos mesmo, o que farias tu, Eduardo?!

— Entregaria o criminoso á justiça de Deos, porque essa não ha mister de provas ministradas por lingua de homem, essa não se illude!

Pedro sentou-se, cobrindo com as máos o alterado rosto, e depois de larga pausa:

— Se por fim o assassino cahisse debaixo da espada vingadora da justiça divina, apagando com seu sangue as manchas do que sua mão cruenta vertêra.....

— Teria rezado por elle! interrompeo vivamente o mancebo; porque he horroroso só o pensar que hum homem poderia desejar vingar-se sobre o corpo e alma de seu inimigo!

— O Senhor falla por tua boca, meu filho; teu pai, que por tantos annos alimentou idéas tão contrarias ás tuas, acaba de praticar a ultima.

E contou ao mancebo tudo quanto hei relatado a Vms., em parte dos passados, e presente capitulos.

CONCLUSÃO.

A justiça apoderou-se do velho Francisco do Valle, que com suas declarações teria coberto de infamia a familia dos Villasboas, se Julião e Pedro de Viterbo, reconciliados por seus filhos, cujo casamento assentaram concluir findo que fosse o luto, não tivessem prevenido tal consequencia, declarando hum, que não seria parte, o outro, informando quanto sabia relativamente á morte de André: foi pois lançada sentença de absolvição, declarando-se mui expressamente que matára em defeza da propria vida. — Porêm, se os juizes absolveram para com a sociedade, não puderam absolvel-o perante sua consciencia; os remorsos de haver tirado a vida a hum seu semelhante perdeçam-lhe a razão, e morreo dentro em hum anno, deixando sua fortuna em máos do filho, que em breves dias desperdiçou quanto o pai juntára com usuras, porque — o que mal se ganhou, mal se despende.

Pedro de Viterbo, que, pela experiencia, filha tardia do tempo e das desgraças, conhecêra quanto vale o socego d'alma, e querendo apagar huma vida inteira de máos pensamentos, queimou na presença de seu irmão, depois de lh'os haver lido, todos os papeis que lhe davam o direito de proceder contra os herdeiros de João de Villasboas, que por hum testamento falso se havia apoderado das riquezas de seu amo, cujo nome chegou até mim; queimou-os, depois de ter assegurado, por huma escriptura de desistencia e dotação, a posse perpetua e direito á noiva de seu filho e sua sobrinha; queimou-os, porque havia lido, não sei em que livro, — que as boas acções são corôas de flores, que anticipadamente lançamos sobre o lugar de nossa sepultura —: e, dando-se á pratica da virtude, conseguio ser feliz, e fazer felizes, não só os filhos, mas ainda o irmão, associando-o a seus actos de beneficencia, pois que — he a pratica da virtude o meio mais efficaz de restituir a calma aos corações que soffrem.

Emfim, para que tudo Vms. saibam, dir-lhes-hei que foi construida no lugar do tremendo castigo, e de maneira que ficasse em frente da porta e a huns vinte passos distante a memoravel cruz, huma ermidinha com a invocação de Nossa Senhora dos Perdões, onde, nos dias anniversarios da morte de Antonio de Viterbo e André de Villasboas, vinham as duas familias orar a Deos pelo descanço de suas almas.

FIM.



D. LUIZ DE VASCONCELLOS E SOUZA.

NOTICIA HISTORICA

DE

LUIZ DE VASCONCELLOS E SOUZA.

Succedeo ao Marquez de Lavradio Luiz de Vasconcellos e Souza, descendente da Illustrissima familia dos Condes de Castello-Melhor, que empregado n'huma das Magistraturas do Senado, passou com Patente de 25 de Setembro de 1778 ao lugar do seu novo Cargo, e aportando-o a 23 de Março do anno seguinte tomou posse da Capitania no dia 5 de Abril immediato, com a Patente de 4.° Vice-Rei.

Poucos mezes depois da sua residencia, aconteceo arrebatarem-se os aqueductos das fontes publicas, pelo grande peso de huma tormenta de aguas, deixando sequiosos os moradores da Cidade, e sem recurso sufficiente á tão necessario alimento, que com presteza foi providenciado pelo desvelo efficaz de quem dirigia os interesses e utilidades publicas. Semelhantemente pelas precauções activas em obviar os damnos causados por huma epidemia, que grassou na Capital e seus suburbios, lesando a huns, deixando defeituosos a outros, e levando á sepultura grande parte de seus habitantes, se atalhou tão funesto mal.

Em beneficio do Commercio e dos negociantes da Praça, levantou de novo a Casa da Alfandega, insufficiente a esse tempo para abrigar as fazendas, que, por lhes faltar commodos proporcionados, padeciam damnos consideraveis: e utilisando com essa obra tão proficua aos mesmos negociantes, pela segurança e boa arrecadação de seus effeitos, tambem lhes ampliou a Casa, construindo-a com asseio, decencia e nobreza.

Melhorou a Praça antiga do Carmo, removendo o Chafariz magnifico, que, collocado no centro d'ella, impedia as manobras dos Corpos militares, e humedecia o terreno circunvisinho; e substituindo-o por outro, erigido á face do mar, fez levar as aguas aos navegantes por hum conductor, para evitar-lhes o trabalho de desembarcar as pipas, e o embaraço que causavam ao povo, ao receber alli as suas provisões. Em seguimento d'esse edificio fabricou tambem ao lado esquerdo da mesma fonte hum recipiente das aguas de sobejo, por utilidade dos animaes empregados no serviço dos habitantes da Cidade, e repartindo em paineis todo o terreno da Praça, que aformoseou com ûos de lagedo, fez continuar o mesmo tratrabalho até a fóz do mar, onde erigio hum soberbo Caes, á imitação dos de Lisboa, apainelando e calçando de pedras differentes do commum a planice fronteira ao Palacio, que finalisou com huma rampa de extensão proporcionada para o mar.

No sitio então denominado *Campo da Lampadoza*, deo principio a levantar a casa destinada para preparar e recolher os passaros, que por Ordem da Côrte se deviam conduzir a Portugal para o Gabinete de Historia Natural; o que não pôde concluir pela sua ausencia (*). No lugar, ou Campo proximo ao Convento da Ajuda, fundou o Passeio Publico, por cuja construcção desappareceo o pantano forjado com as aguas das chuvas; e abrindo a nova *Rua*, denominada *das Bellas Noites* (**), entre a que do Convento das Freiras segue direita á Igreja da Lapa, e a dos *Barbonos*, no principio d'ella, em frente á Porta do Passeio, edificou a *Fonte* intitulada *das Marrecas*, que, fartando a sêde dos moradores da sua circunvisinhança, deo valor á situação, para onde correram muitos dos moradores da Cidade a levantar Casas de vivenda.

Em conformidade das Cartas Regias de 20 e 23 de Março de 1688, relativas ao excesso de castigo, que os Senhores faziam nos escravos, (registradas nos Livros do Senado d'esta Cidade, e no Livro Verde da Relação da Bahia, fl. 87 v. in fine), estabeleceo huma Casa publica no Calabouce para castigo dos escravos, cujos Senhores assás crueis, e demasiadamente severos, costumavam punir os crimes de seus domesticos com pouco acordo e excessiva paixão dentro das proprias casas, expondo-se de ordinario ás penas das Leis por esses factos, que em diante se evitaram.

Nos territorios de S. João Marcos e da Parahyba Nova, ou de Campo-Alegre, situados além da Serra de Itaguahy, creou 14 Companhias de Milicianos, dividindo o do primeiro em 5 Districtos, e o do segundo em 9. Fez erigir, em lugar distante das margens do Rio Parahyba, 4 leguas por terra dentro para a banda da Mantiqueira, huma Aldeã de Indios, sob o titulo de S. Luiz Beltrão, em que poz hum Sacerdote habil para cathequisar o Gentio já domesticado, e angariar ao gremio da Igreja outros muitos, que vagam dispersos por Sertões dilatadissimos do Continente. D'esse principio tão proveitoso á Religião e ao Estado, resultou o meio facil de povoar e de se cultivar aquelle terreno mui fertil e delicioso, de que só eram Senhores inuteis os Indios bravios.

(*) *Essa Casa se concluio com o destino de servir de Erario, como serve desde o principio do anno de 1814, e de Casa da Moeda.*

(**) *Hoje das Marrecas.*

Annuindo ás pretenções diligentes da Camara de Angra dos Reis da Ilha Grande, por seu consentimento se abrio na travessa de Capivary a nova estrada geral, o caminho que da Villa de Guaratinguitá (pertencente á Capitania de S. Paulo), vem pelo *Serrote* chamado *do Frade* ao Rio de Janeiro, fazendo-se mais facil e franco o commercio entre as duas Capitanias, por se evitarem os inconvenientes de jornadas longas, mediando caminhos pessimos. Facilitou a povoação e cultura das terras de Cantagallo, que seu predecessor Conde da Cunha inhibira de habitar, pelos motivos referidos no principio da memoria da Freguezia de Cantagallo, e repartindo-as por Colonos novos, fez utilisar tão extensa porção do terreno, sem comtudo permittir a livre extracção do ouro por Sertanejos extraviadores, nem pelos mesmos povoadores, estabelecendo alli hum Tribunal de Fiscalisação da lavoura mineral.

Na Aldea de S. Barnabé, onde o seu antecessor immediato creou huma *Villa*, sob o titulo *de S. José d'El-Rei*, sem as formalidades e insignias caracteristicas d'ella, mandou levantar o pelourinho, construir casas de Camara, e de Cadea, e fundar a Camara, nomeando-lhe os Officiaes competentes. Em Magépe creou de novo huma Villa, a beneficio dos povos d'aquelle lugar e suas redondezas.

Não perdendo de vista os deveres a respeito da Religião Catholica, e augmento do Culto Divino, nenhum embaraço o prendia de frequentar os Templos, e de assistir n'elles ás solemnidades para que era convidado. Affectuoso á Igreja e á Casa do Recolhimento de N. S. do Parto, reparou as suas ruinas, e augmentou-lhe o patrimonio, já decadente por indolencia de seus administradores.

Diligenciou com efficacia as utilidades do Estado e da Capitania, promovendo o Commercio e a lavoura, e se as suas providencias relativas á propagação da Coxonilha e linho canamo na Ilha de Santa Catharina, e Rio Grande, se executassem, como havia determinado, em conformidade de seus desejos, a cultura d'esses generos (igualmente que de outros apontados na sua representação á Côrte), faria sem duvida huma grande parte do commercio ultramarino, com proveito sufficiente do Estado.

Circunspecto em suas acções, mereceo do povo o maior acatamento: agradavel a quantos recorriam á sua autoridade em asssumptos publicos ou particulares, nunca se mostrou fastidioso aos pretendentes, nem deixou de ouvil-os com attenção sobeja, além das horas destinadas para as audiencias communs, ou de dia, ou de noite. Expedito nos despachos, providenciava os negocios da Capitania, sem se fazer pesado ás partes, obrigando-as pela demora a mil dissabores. Grangeando-lhe os obsequios e attenções repetidas com que sempre tratou os seus subditos o amor universal, tambem motivaram no povo a saudade do seu governo, cuja lembrança durará em quanto existirem os monumentos em que ficaram gravados o seu nome e a memoria dos seus beneficios.

Restituido á Côrte, occupou a Presidencia do Desembargo do Paço, substituindo-a immediatamente ao Marquez de Lavradio; o cargo de Veador da Serenissima Princeza Viuva D. Maria Francisca Benedicta; a Presidencia do Real Erario, e a Inspecção Geral das Obras publicas. Foi Grão Cruz da Ordem de Santiago, e teve o Titulo de Conde de Figueiró, por Despacho de 17 de Dezembro de 1818.

(Pizarro, T. 5.º)

FRAGMENTO DA « MINHA CARTEIRA DE VIAGEM. »

Las mugeres se nos van,
Y los hombres se nos vienen.

Não sei se a verdade he cousa existente em a natureza, ou se he huma d'essas abstracções relativas que existem no cerebro dos homens. — Ha verdades physicas, —verdades moraes, e verdades que nem são d'estas, nem d'aquellas: verdades neutras — partido moderado entre o erro e a realidade. He certo, porêm, que nem aquellas que se chamam physicas são isentas de duvida aos olhos de huma razão demasiado modesta, ou demasiado atrevida.

Por exemplo: eu não sei se a côr negra he com effeito huma côr, ou se he a abstracção de todos os raios luminosos. Não sei se a concepção animal he o resultado da circulação do sangue, ou da simples fertilisação dos seios da maternidade. Não sei, (e acabemos, pois o que eu não sei he infinito) se ao systema do equilibrio planetario, ou *leis de attracção*, como lhe chama Newton, são devidas á rotação e força relativa dos astros, ou somente á força excentrica de cada hum, como pretendiam os antigos chinezes.

Na ordem moral, a verdade he talvez mais problematica. Todo o mundo diz, por exemplo, que he huma verdade incontestavel que a virtude constitue a felicidade. Eu pela minha parte cedo aos bons a que me pertencia.

Ha certas cousas que podem passar por axiomas, porque hum axioma não he mais que hum principio recebido por todos; porèm hum axioma póde estar mui longe de ser huma verdade. Antes de Copernico, era hum axioma geralmente recebido, que o sol girava em redor da terra.

Isto procede de não estar a verdade na analogia que existe entre os phenomenos physicos ou moraes e a nossa consciencia, e sim nos mesmos phenomenos, aos quaes a razão julga comprehender, porque tem vontade d'isso. Seja qual for a verdade, he n'elles encontrada, porèm nunca em nossos juizos, que só tem a garantia que lhes quer dar a nossa vaidade.

Esta he a verdade calculada pela impotencia humana, e pelo homem modesto, cuja unica sciencia, como diz o philosopho grego, consiste em saber que nada sabe.

Porèm a verdade do mundo he outra cousa. Esta verdade póde ser de todos conhecida: *he a conformidade do que se faz com o que se sente*, como diz a Academia Hespanhola, a qual não procura subterfugios para dizer igualmente, que *a alma he o principio interior das operações do corpo*; definição que cheira mais a jalapa de que a metaphysica.

Na sociedade, basta que huma cousa exista em apparencia, e que algumas duzias de pessoas acreditem n'ella, para que seja classificada como verdadeira.

Partindo d'este principio, direi que tenho a dizer huma verdade, e se o não for, defendo-me com o paragrapho antecedente, que he evangelico.

Direi pois que ficamos sem mulheres, porque se estão transformando em homens em nossas mãos. Nem mais nem menos; e no andar que levam, antes de meio seculo ficará o mundo sem mulheres.

Houve huma epocha, feliz a certos respeitos para o genero humano, em a qual a mulher era o iris formoso dos homens.

A pesada ponte de hum castello feudal cahia suavemente sobre seus profundos fossos, para dar entrada a hum cavalleiro. Este cavalleiro era hum parente ou hum amigo do senhor do castello, ou algumas vezes o promettido esposo de sua filha. Chegando ao pateo principal do castello, o cavalleiro suspendia a marcha arrogante de seu corcél; dous criados cortezes e humildes, porèm nunca insolentes, aproximavam-se, hum á redea, e outro ao estribo. Apeado o cavalleiro, seguia em silencio, e sem cantarollar a *Norma*, nem a *Polka*, a hum pagem vestido com luxo, ou modestamente, mas nunca em mangas de camisa. A' porta do salão de seu amo, este ultimo annunciava em voz alta o nome do recem-chegado. O senhor do castello, sentado no meio de sua familia, em redor de huma grande chaminé, fazia com a mão hum signal, ou pronunciava huma palavra, e o pagem dava passagem ao cavalleiro, que com a cabeça descoberta e passo elegante e compassado, atravessava o salão, até fazer sua primeira reverencia ao senhor, que se adiantava a recebel-o, tantos passos, quantos eram exigidos pela amizade ou qualidade do individuo que entrava; porèm a senhora e a filha permaneciam em suas poltronas. Aproximava-se então o cavalleiro, dobrava o joelho, mas sem tocar o chão n'estas ceremonias familiares, baixava a cabeça cheia de diguidade e de verdadeira elegancia cavalheiresca, e saudava a essas mulheres, que, como raiuhas em seus thronos, correspondiam com affabilidade, porèm nunca com *abandono*, a essa primeira prova de adhesão de hum dos vassalos de seu sexo. E feliz o cavalleiro, se, ao levantar os olhos, percebia ligeiro sorriso no rosto enrubecido da donzella, como se vê hum raio fugitivo do sol no semblante da Aurora! Os dous cavalleiros começavam logo huma conversa *d'esses tempos*, em que era vedado fallar de honra alheia: — hum cavalleiro a mil leguas de distancia, tinha tão segura a sua honra e a de sua esposa, como se estivesse a dez passos de distancia com a lança em ristre. A religião, a patria e o valor, eram as fontes inexgotaveis de seus discursos.

Pouco depois, a mãi da moça, e nunca o cavalleiro, ordenava a sua filha que cantasse. Huma harpa era collocada a seus pés, e a joven, com o semblante pallido e o seio agitado, mas não *descoberto*, fazia vibrar as cordas, com as mãos não menos tremulas que as mesmas cordas. Mãos, em as quaes se pregavam os olhos avaros, porèm modestos, do cavalleiro, porque só ao pé do altar receberiam o contacto da mão de hum homem.

De seus labios frescos e rosados, e não *seccos* e *pallidos* por vinte noites de baile em cada mez, sahia com hum suspiro, não de *galanteio*, e sim de temor, a primeira palavra de hum romance em que figuravam os feitos de valor, a religião, ou a constancia de algum nobre cavalleiro, porèm nunca os *beijos* e as *entrevistas amorosas*

Finalmente, os sons da harpa serviam para deleitar a alma dos espectadores, mas nunca para encobrir huma conversação ao ouvido; — e tudo o mais assim era.

Porèm esta epocha exclusiva em galanteria e respeito pelas mulheres devia passar com as cruzadas, com a cavalleria, e, em huma palavra,

com a civilisação da idade media. Outra civilisação occupa o seu lugar, a qual devia mudar com os principios fundamentaes das sociedades modernas, os costumes publicos e os habitos domesticos.

Passemos por alto todos os resultados d'essa civilisação; as scenas de Luiz XIV, o seculo XVIII, em que a Sorbona passou em França para os salões, e em que Fontenelle arrojava a astronomia aos pés das mulheres, e, por ultimo, passemos igualmente por alto a Revolução Franceza, e sem nos apartarmos de nosso thema, lancemos hum golpe de vista sobre as mulheres dos nossos dias.

Ellas nos fogem — e já não teem de mulher se não a figura e a metade do vestido; — dentro em pouco lhes ficará somente a figura.

Não ha cousa mais *tocada* que huma mulher da alta sociedade de nossos tempos. Cada huma d'ellas he como a tunica de Jesus Christo em Roma, que todos os viajantes a tocam.

Sua mão he huma especie de luva, provada por todos os homens.

Seu seio he huma curiosidade de museo, que todos podem ver a seu gosto. E para que andar com hypocrisias? as cousas devem mostrar-se como são.

A boca de huma mulher he hum orgão por onde sahem todas as notas da orchestra franceza. O progresso tem tomado as mulheres á sua conta; e hoje, huma moça aos 15 annos sabe mais que sua mãi aos 50.

E então as anomalias?! Hum pai de familia despediria o cavalleiro que fallasse em sua casa de huma intriga amorosa, por exemplo; porêm esse mesmo pai leva sua filha ao theatro para assistir ao incesto de Margarida de Borgonha, e ao desenfreamento de Lucrecia Borgia.

Não he permittido fallar de amor em alta voz, porêm a donzella senta-se ao piano, e canta em altos gritos o libertino romance francez, e a sensual canção hespanhola; e o bom pai enfada-se com a menina se esta não conserva na memoria as lettras da musica.

E pois huma mãi! Oh! huma mãi he o movel menos necessario em seu salão: — a pobre senhora acaba por adormecer, sem ter entendido huma unica palavra de quanto se tem dito a sua filha, a dous passos de distancia, em quatro ou cinco longas horas de visita.

Dispula-se, grita-se e exclama-se. A politica, a litteratura, e a honra alheia sobre tudo, são as conversações da moda. A mulher e o homem compõem em todas ellas hum mesmo sexo. Nem o homem faz caso da menina, nem a menina de sua mãi, nem a mãi de seu marido, nem o marido do diabo. Deos nos livre de nos acharmos em noite de conversação geral em qualquer sala. Sobre tudo se ha d'esses cavalleiros instruidos de 18 annos que resolvem problemas litterarios com mulheres de 15!

Pobre America minha! Tu conservavas em teus velhos costumes o que devia ser para sempre velho; isto he, querias que tuas mulheres fossem mulheres: porêm, quão longe estavas de pensar que, ao fazer com a Europa os teus tractados de amisade e commercio, a tua boa amiga te introduziria por contrabando, entre os caixões de suas mercadorias, o *grande-tom* de sua moderna sociedade. Esse grande-tom, que, á força de engrandecer-nos, faz rebentar a muitos de nós!

E o peor he que não ha remedio para semelhante mal.

Que hum mascate francez entre em huma sala americana; que se deite commodamente em hum sofá; que diga que essa postura he do grande-tom em Pariz: voltai a essa mesma sala no dia seguinte, e vos asseguro que ha 99 probabilidades de achardes deitadas, ou reclinadas, como ellas dirão, a todas as senhoras de casa; e ao bom pai passeando na ante-sala, ignorando o partido que ha de tomar, até que acabe tambem por deitar-se; — e assim vai tudo.

José Mármol.

Calculo sobre a perda do dinheiro do Reino, offerecido a el-rei D. João o V, no anno de 1748, *pelo distincto brasileiro Alexandre de Gusmão.*

O dinheiro he o sangue das monarchias, e extrahido do corpo dellas, enfraquecem da mesma fórma que acontece aos corpos humanos quando se lhe tira o sangue; a este modo de fraqueza se vai conduzindo Portugal, pois que tanto se trabalha em extrahir-lhe a moeda quanto elle caminha para a pobreza, e por conseguinte, para a ruina.

As causas motoras destes damnos tem muitos e diversos principios, mas obram todos de conformidade para a extracção da moeda do reino, e como a pouca que nelle entra não suppre a muita que delle sahe, continuamente se vai empobrecendo, com perda irreparavel para seus habitantes, que sentem este damno sem lhe poderem applicar o remedio.

Para mostrar as origens das mesmas cousas, e como ellas produzem aquelle damno, precisava de huma carta de seguro, que nem V. M. me pode

conseguir; por isso me explicarei desta sorte (com bem magoa do meu coração) que não diga todas as verdades ainda que não fique completo este meu discurso, contentando-me com fazer-me entender.

Os povos, senhor, para viverem em todas as terras do reino necessitam fornecer-se huns aos outros de generos, e manufacturas, que todos hão mister para o sustento e trato da vida, o que sempre executam pelo meio sabio do commercio; e como os generos e manufacturas dos povos (sejão nacionaes ou estrangeiros) não podem expor-se em todas as partes, pela difficuldade dos transportes, com a facilidade com que transportam o dinheiro, que igualmente representa os mesmos generos e manufacturas, por isso se estabeleceo a moeda.

Assim pois continua o commercio, fezendo-se de generos e manufacturas por outras manufacturas e generos, supprindo-se estes e aquelles com dinheiro quando os não ha igualmente de ambas as partes, para faser-se a balança do commercio nos generos e manufacturas de que hums e outros necessitam.

Supprida esta balança com dinheiro, he innegavelmente certo que se ha de extrahir do reino que assim o der, para aquelle ou aquelles que delle o receberem. Assim nos accontece em Portugal, de que certamente resulta fazermos commercio passivo, que he o peor de todos, porque pagamos sempre com dinheiro a balança dos generos e manufacturas que não temos, e de que muito necessitamos.

Não seria o nosso commercio passivo se mettessemos no reino annualmente tanta quantidade de moeda como della se extrahe para pagarmes os generos e manufacturas, que necessitamos comprar a dinheiro, afim de supprirmos a referida balança do nosso commercio com os estrangeiros; porque em tal caso era commercio sem utilidade nem prejuiso, que vinha a ser reciproco, e nem enriquecia nem empobrecia o reino.

Assim commerciavamos nós no tempo em que fomos senhores dos generos e manufacturas da Asia, que vinha pelo cabo da Boa-Esperança, e tambem ha cousa de meio seculo para cá, em quanto vinha muito ouro das minas, valiam os generos da America; mas agora que vem cada vez menos e os generos abateram na estimação e valor, pelos que concorrem no commercio produzidos em outras colonias novas, precisamente havemos fazer hum commercio passivo, como mostrarei na fórma seguinte.

Supponhamos, por hum calculo prudente, que neste reino existem actualmente circulando em seu commercio cem milhões em moeda, sobre o fundo dos quaes se acredita e abona todo o commercio que fazemos com os nacionaes e estrangeiros. Se deste fundo se tirarem dez milhões todos os annos para supprirmos a balança do commercio, e mettessemos annualmente no reino outra igual quantia, não recebia o reino perda na massa total de sua riqueza, pois que existia sempre o mesmo fundo.

Nem podiamos reputar como perda da caixa nacional aquella moeda que assim davamos por aquelles generos e manufacturas, se a tinhamos das nossas minas com a mesma facilidade com que as nações estrangeiras podiam ter os mesmos generos e manufacturas, de que a maior parte se compõe e consumem dentro em pouco tempo, e o resto de tudo isto que he fabricado de metaes tambem chega a consumir-se, posto que prolongue mais a sua duração.

Tambem haviam os prejuizos de perder o reino na povoação a gente que mandava occupar nas minas, visto que a da America não he propria para suas administrações e trabalhos, e não bastam sómente os negros d'Africa, porque he preciso quem os conduza, e obrigue ao trabalho com economia; isto alem da falta de emprego para a gente do reino, quando a industria está em decadencia dentro do mesmo reino.

Mas tornando ao forte do discurso, he impossivel supprirmos com moeda que entra no reino a muita que delle sahe para fóra, de que resulta evidentemente ir diminuindo todos os dias o nosso supposto fundo dos referidos cem milhões.

Isto succede assim porque cada vez vem menos ouro das minas, e se augmenta mais a extracção do dinheiro do reino; por isso, deixando outras cousas em que não posso fallar, he evidentemente certo que aquella diminuição do rendimento das minas e esta maior extracção da moeda concorrem de conformidade para a sua pobreza.

Segue-se de todo o referido que dentro em vinte annos, segundo a mais prudente calculação, ha de perder o reino a maior parte da moeda que agora possue. Esta cousa he infallivel, porque se augmenta cada vez mais a sua exportação; o que tudo redundava em perda do considerado e referido fundo.

Do que tudo he evidente prova a falta de dinheiro que sentimos na capital do reino; porque, sendo o nosso commercio passivo, por fazermos a maior parte em generos e manufacturas dos estrangeiros que pagamos a dinheiro he preciso que este se dispenda e passe pela capital em razão de estar situada junto do porto geral do nosso commercio com os estrangeiros; e se nesta capital se experi-

menta falta de dinheiro, sendo senhora da maior parte delle, ainda que seja sómente como commissaria, segue se por consequencia, que he cada vez maior a extracção do mesmo dinheiro.

E sendo a abundancia e circulação do mesmo dinheiro as que dão valor aos generos, diminuindo-se a somma existente da moeda d'aquelle supposto calculado fundo, que anda na massa total do reino, diminue por esta causa o valor dos nossos generos, de que se segue tambem ser preciso mais dinheiro para supprirmos a balança do nosso commercio.

Isto he indubitavelmente certo, e tão claro como a luz do dia, porque a perda do dinheiro que os extrahe monta annualmente a quatro milhões de somma que recebe para o mencionado e supposto fundo dos cem milhões, ninguem pode duvidar, digo negar a diminuição do mesmo fundo, e tambem he certo que podem calcular em 500,000 cruzados annuaes a perda que sentimos no abatimento do valor dos nossos generos, de que vem a chegar a perda a quatro milhões e meio; e ainda que isto pareça supposto, parece que será muito certo.

De que tudo vimos a concluir que sendo o nosso fundo de cem milhões, e continuando o mesmo estado do commercio com interesse totalmente passivo para os povos do nosso reino, pela perda de quatro milhões e meio annuaes extrahidos d'esse mesmo fundo, como não podemos duvidar, parece que em vinte annos nos acontecerá extinguir-se a maior parte, ou tres partes dos ditos cem milhões de fundo, pouco mais ou menos.

Para que isto succeda assim, não precisa algum acontecimento extraordinario, basta que o nosso commercio e economia se conduza na mesma fórma em que tudo actualmente se rege, que he administrado por hum systema em todas as suas partes destructivo, como se não póde duvidar; e como seja do ministerio dos soberanos procurar pela conservação e felicidade dos povos que se confiaram no seu governo, supplicam os Portuguezes, ficis vasssalos de V. M., com a maior submissão e respeito diante do real throno, que V. M. seja servido de:

1.°, Impedir o augmento da gente inutil com o especioso titulo de religião, que procuram para seu commodo;

2.°, Que se augmente o nobreza bem entendida;

3.°, Que diminua o luxo com alguma lei sumptuaria;

4.°, Que se augmente a agricultura, fazendo-se as estradas, e cortando-se ribeiras, para navegar e regar;

5.°, Que se estabeleçam fabricas, augmentando-se por toda a parte a industria;

6.°, E que finalmente se favoreça o commercio, dentro e fóra do reino, sem o qual não póde haver estado rico, poderoso, nem florescente.

D'esta sorte, Senhor, he que o reino precisa de providencias, as quaes V. M. lhe póde applicar, pelo meio da sua alta comprehensão, e do seu poder, pois ninguem como V. M. tem os meios para estes fins; e já que Deos permittio, por sua incomprehensivel bondade (como protector de todos os reinos), que V. M. possua os referidos meios, quaes são os de ser senhor das minas do ouro, de excellentes terrenos, e de ficis vassallos, com justa razão espera o reino que V. M. lhe procure, quanto mais cedo, as felicidades que elle póde gosar debaixo do seu poderoso governo.

Com advertencia, senhor, que não tem V. M. ministro nem vassallo que lembre a V M. huma só palavra n'esta importante materia, por haverem sido educados para tudo o que he opposto aos interesses do mesmo reino, V. M. se diguará ponderar tudo com a sua alta comprehensão, e applicar-lhe o remedio que for servido.

A' real pessoa de V. M. guarde Deos muitos annos, como todos havemos mister.

(Assignado.)

Copiei litteralmente este memorial, porque, salvo algumas incorrecções mais de expressão que de pensamento, contêm solida doutrina, e mostra o grande patriotismo e notavel independencia de caracter d'aquelle digno ministro, superior em talento e em desinteresse a Sebrstião José de Carvalho, e mais francamente inimigo da superstição e da fradaria. Não se póde censurar de idéas erradas sobre a moeda, por quanto elle a considera, não como a verdadeira riqueza, mas como representando os mais valores, e como meio de fomentar a agricultura e industria. Não propõe medidas prohibitivas para impedir a sahida do ouro e prata, como antigamente pediam quasi todas as Côrtes convocadas em Portugal. Bem sabia A. de Gusmão que essas medidas são inuteis e absurdas. Em quanto á lei sumptuaria, he igualmente medida inutil e vexatoria; o unico meio de pôr freio ao luxo he promover os habitos de economia, offerecendo proveitoso e facil emprego aos mais pequenos capitaes, favorecendo a agricultura, a industria, e fazendo gradualmente desapparecer a ociosidade, a pobreza e a nimia accumulação dos capitaes.

(F. S. Constancio, Arch. dos Conhec. Uteis.*)*

OS JESUITAS NA AMERICA.

PARTE PRIMEIRA.

PROVINCIA DO TUCUMAN.

—

CAPITULO I.

Tres cartas.

1584.

Huma torrente passa; mas huma nodoa de azeite, por pequena que seja no principio, ganha pouco a pouco, estende-se, penetra todo o panno, chega a todo elle, e acaba por fazer huma mancha enorme, solida, indelevel..... Tal foi o pensamento de Ignacio de Loyola ao elaborar a Regra da celeberrima Companhia de Jesus: hoje que o jesuitismo agita algumas das principaes Cortes da Europa, e que parece com disposições de visitar outra vez a *Sua America*, nós vamos emprehender hum grande trabalho, que servirá de muito; sobre documentos authenticos vamos escrever a historia da Companhia, desde que seu estabelecimento na America começou a caminhar para o *grande fim*. Escolhemos o romance, para que todos nos leam, para que

Saibão todos o mal que toca a todos!

Haviam 85 annos passados desde que o bacharel mestre Johan, physico e cirurgião de El-Rei de Portugal, lhe escrevêra de Vera Cruz no primeiro de Maio noticias poucas de grandes cousas, *e esto a cabsa de lo navio ser mucho pequeno, e mui cargado, que non havya lugar para cosa ninguna*; haviam 85 annos, e n'este mesmo dia primeiro de Maio, hum filho seu, privado e secretario do Bispo de Tucuman D. Francisco Victoria, escrevia, não para Lisboa, mas para esta mesma terra de Vera Cruz; não entre os balanços de hum navio, mas dentro de huma casa, de hum palacio, se quereis, recostado sobre huma papeleira de páo preto com embutidos de metal amarello; não espontaneamente, e em serviço de seu soberano, mas cedendo a influencias, que podiam mais do que a vontade do simples secretario Sancho de Stalla. Era extensa a carta que elle transcrevia em latim, do hespanhol em que a copia estava escripta; a penna corria com rapidez sobre o pergaminho, e o trabalho parecia estar quasi no fim, quando huma porta se entre-abrio, apparecendo huma cabeça horrenda na abertura: Sancho voltou-se vagarosamente para o lado onde se fizera o rumor, e, deparando com a estranha figura, resmungou huns monosyllabos, franzindo levemente as sobrancelhas, e o monstro desappareceo, continuando o secretario a escriptura, porêm com mais vagar; acabada a carta, fechou-a, e poz-lhe no sobre-scripto em portuguez: — Para o R. P. José d'Anchieta, Provincial da Companhia nas terras de Vera Cruz —; depois ia levantar-se, quando novamente se abrio a porta, e hum velho de severa physionomia, trajando roupas talares, entrou para a sala; era o Bispo de Tucuman.

D. Francisco Victoria, sem responder á profunda reverencia de Sancho, olhou fixamente para o secretario sem fallar-lhe; este, levantou o braço direito, e depois de se inclinar outra vez, leo o sobre-scripto da carta, que acabava de escrever; o Bispo continuou a olhal-o, ou mais, a interrogal-o mudamente: Sancho de Stalla voltou-se para a papeleira, tomou huma outra carta, cujo sobre-scripto era em hespanhol, e leo: Para o R. P. João Atiensa, Provincial da Companhia no Perú —; D. Francisco deo-lhe os costas, e sahio.

— Tu fallarás algum dia até que rebentes, e sem proveito!! disse o secretario mal que se fechou a porta; mantens este silencio com todos quantos te cercam por calculo, mas o resultado ha de ser contra ti.

E voltou se para fechar a papeleira, que se havia enterrado pela espessura da parede, ficando em seu lugar huma passagem para escuro corredor; em pé, bem no meio do vão, estava hum homem de pelle bronzeada com manchas de tinta vermelha, immovel como huma estatua, feio como hum demonio; tinha de redor da cintura brilhante urupemba com todas as côres do Iris, e os cabellos amarrados com arte no alto da cabeça, sahindo-lhe do meio hum ramalhete de juncos cheirosos: porêm sêus enfeites não podiam diminuir o disforme das feições.

Sancho nao deo mostras de espanto com a subita apparição do indio, ao contrario foi este quem se espantou de ver pela primeira vez de sua vida as faces do secretario da mesma côr das manchas com que tingîra sua pelle; escapou-lhe por entre os dentes hum som aspero, e apontando para huma das pennas da urupemba encostou depois a mão no disforme rosto.

— Todos aqui fallam com as mãos e os olhos, Coveré? onde está teu irmão, que não veio, em teu lugar, e mais teu filho?

— Cangri, Catoxá embra ya javain.

— Coveré, tu não sabes fallar a *lingua dos Santos Padres?!* disse Sancho espumando de raiva.

— Tom.

Sancho ficou olhando para o indio hum instante, depois foi pouco e pouco ficando calmo,

lembrando-se talvez de que muitas vezes lhe tinha recommendado, expressamente prohibido de fallar nem responder a qualquer pessoa senão na linguá dos seus; e logo, como para destruir a impressão de suas palavras, levantou a tunica de durante preto, estreita e curta, tirou do bolso de humas cuecas, que por baixo trazia, pequena moeda de cobre, e pol-a na do indio, fazendo-lhe signal com a mão para que tomasse hum chapéo redondo de abas largas, que estava em cima de hum bofete perto da abertura de segredo; depois chegou-se á papeleira que tinha corrido para longe de seu lugar, sentou-se, e escreveo o que se segue: « Chegou, como V. S. já deve saber, hontem por noite a carta de Roma; o que ella diz não sei eu, porêm deve de ser terminante, porque esta manhã me foram entregues duas copias para transcrever em latim; são duas cartas, huma para o Provincial no Perú, João Atiensa, que deve ser o primeiro que nos ajude; a outra, para o Provincial nas terras de Vera Cruz, José d'Anchieta, de quem pouco esperamos, não só por ser tão longe, como porque indios tem por lá para a cathechese, e não sei se nos enviará Padres, como tanto ha mister nosso intento: de Lopo Bintano, e de Ayres Boldega, ficamos seguros, porque metade por devoção, metade por interesse, vão metter-se ao caminho, e breve chegarão a seu destino estas duas missivas, que muito convem não sejam lidas tarde, porque de Hespanha chegam todos os dias missionarios Bentos, e Carmelitas, nas mãos dos quaes muitos desejos vejo em D. Francisco Victoria de entregar as missões, e eu tenho para mim que mais tarde serão elles os unicos tropeços ao estabelecimento da Companhia; devoção como a nossa, sem fins occultos, não ha razões plausiveis de desvial-os do ministerio. De D. Jeronymo Luiz de Cabrera tive largas informações, como he preciso que tenhamos, e o vosso negocio está peor do que para vossa consolação o fazeis; e quanto ás razões que ponderais sobre o escandalo de seu viver, que por ser o de hum cavalleiro e grande senhor tanto mal faz no animo e parecer de todos, n'elle vão minhas esperanças, porque alguma cousa he preciso dizer para Castella e Aragão, e aqui mesmo; sabeis a privança que lhe dá o Bispo, e lutar descobertamente com ambos, he perigoso; esperemos que cheguem Irmãos que nos ajudem, com muitos faremos muito, com poucos, bastante, e sós, quasi nada: a paciencia he tão forte como a força. Mandai-me Lopo Bintano e Ayres Boldega, porque estas cartas já estão assignadas por D. Francisco Victoria, ou por mim, que vale o mesmo, e outras ficam para serem enviadas pelos tres indios Matarás, que o Bispo tem ao seu serviço; Coveré, Cangri e Catoxá irão queimal-as nos mattos entre seus parentes, e as nossas chegarão ao seu destino. »

Depois de acabar esta carta, Sancho de Stalla poz-lhe no sobre-scripto — D. João Ramirez de Velasco, Governador do Tucuman —; e mettendo-a com ligeireza na manga da roupeta, juntou as duas outras, entregou-as ao indio, que foi collocar-se por detraz da papeleira para fazel-a entrar outra vez em seu lugar; o secretario tomou o chapéo da mão de Coverê, esperou que elle acabasse de fechar a fingida porta, e o foi acompanhando pelo estreito corredor, que ia acabar em huma escada de caracol, por onde vagarosamente desceram até huma grande e magnifica sala, onde o Bispo costumava fazer assistencia; Coveré parou ahi, Sancho atravessou de hum lado a outro, e sahio por outra porta.

(Continúa.)

Ha no mundo duas cousas sagradas entre as cousas sagradas; he o tumulo de hum pai, e a velhice de huma mãi. Ha hum dever a preencher entre todos os deveres; he o que prescreve ao filho a obrigação de fechar os olhos que viram abrir os seus. *(Alexandre Dumas, — Lyderic.)*

O sabio vive eternamente depois da sua morte, entretanto que seus membros occultos debaixo da campa são reduzidos a pó. O ignorante está morto, mesmo quando ainda gira sobre a terra: he contado em o numero dos vivos, e comtudo não existe.

O passado e o futuro encobrem-se ás nossas vistas: mas hum serve-se do véo das viuvas; o outro do das virgens.

A nossa vida he huma navegação perigosa; assaltados pelas tempestades d'ella, somos muitas vezes mais desgraçados que aquelles que naufragam. A fortuna sustenta o leme da nossa vida, e nós vagamos como sobre o mar; conduzidos, ora para hum, ora para outro lado.

A viagem he feliz para huns, e infeliz para outros; mas entretanto todos desembarcamos no mesmo porto, isto he, no seio da terra.

Tendes desgostos? Inclinai os olhos sobre huma criança que dorme, que nenhum cuidado incommoda, que nenhum sonho assusta; participareis de alguma da sua innocencia, e vos sentireis interiormente aquietado. *(Chateaubriand.)*



Lith. de Heaton e Rensburg, Rua Jan.

D. JOSÉ DE BARROS DE ALASCÃO.

NOTICIA HISTORICA

DE

D. JOSÉ DE BARROS DE ALARCAM.

Para substituir a Mitra da Igreja renunciada nomeou o Principe Regente o Padre José de Barros de Alarcam, natural de Leiria, Presbitero Secular, Oppositor ás Cadeiras da Faculdade Canonica em Coimbra, e Promotor do Tribunal da Fé na Inquisição d'aquella Cidade, cuja Eleição confirmou o SS. Padre Innocencio XI, a 19 de Agosto de 1680.

Tendo-se-lhe consignado por Congrua annual a quantia de oitocentos mil réis, como declarou a Provisão de 18 de Novembro de 1681, em Dezembro do mesmo anno tomou posse do Bispado, por seu procurador Padre Sebastião Barreto de Brito, Vigario da Matriz de N. S. da Candelaria, a quem commetteo o governo ecclesiastico, até chegar no 1.º de Junho de 1682, e fazer a sua entrada publica a 13 immediato, com prazer notavel do Povo, que festivamente o recebeo.

Precisado de Coadjutores para administrar o pasto espiritual ás ovelhas do seu extenso rebanho, e dilatar a Vinha do Senhor, conferio Ordens a varios Candidatos mais instruidos em Moralidades, depois de visitar no mesmo anno algumas Parochias do reconcavo da Cidade. No mez de Maio de 1683 sagrou o Sino destinado a convocar os Padres Capuchos do Convento de S. Antonio para o exercicio do Còro, que principiou a tanger no 1. de Junho seguinte. Sem perder tempo, passou aos lugares mais remotos da sua Jurisdicção, como eram as Villas de Santos, onde se achava no mez de Novembro em actual visita, e de S. Paulo, distante 80 leguas da Capital, para esparzir sobre os seus habitantes a palavra saudavel do Evangelho, e providenciar os negocios da competencia ecclesiastica. Na segunda d'aquellas Villas fundou hum Recolhimento para mulheres, sob o titulo e reforma de S. Thereza, onde a Camara pretendeo fundar hum Convento de Freiras Professas, supplicando por Carta de 26 de Setembro de 1722 a permissão Regia; mas, informado o Soberano dos inconvenientes que obstavam ao projecto, por Carta do Bispo D. Fr. Antonio de Guadalupe, datada a 19 de Junho de 1726, foi-lhe indeferido o requerimento.

Regressando á Capital, proseguio no giro das Visitas pelas Igrejas Parochiaes da sua comprehensão. Nomeados os sugeitos que haviam de occupar as Prebendas da nova Igreja Cathedral, e os Ministros competentes, creou a Sé no dia 19 de Janeiro de 1685, e organisou, para regimen do Côro, algumas regras em 15. Itens resumidos, que apenas abrangeram os artigos da residencia, das multas, dias de folga, e a mensal eleição dos Apontadores: cujos Itens, dados em 15 de Agosto de 1689, foram copiados por Ordem do Bispo D. Fr. Antonio de Guadalupe, no fim dos Capitulos de Sua Visita ao Cabido a 2 de Julho de 1729.

A falta de embarcações de transporte, e de outros provimentos precisos a satisfazer as diligencias das Visitas Ordinarias da Diocese, sem os quaes são impraticaveis esses officios, por dilatados os circulos, asperas e perigosas as digressões, ministrou-lhe a lembrança de representar ao Soberano a indispensabilidade de remedio sobre tanta carencia: e convencida a supplica de muito justa, foi deferida pela Provisão de 4 de Novembro de 1687, que declarou a Ajuda de custo devida ao Bispo para as digressões do seu pastoral officio.

Por motivos ignorados, hoje consta que fôra chamado á Corte, ou para ir á ella tivera licença, em Carta Regia de 28 de Fevereiro de 1689, a qual se registrou no Liv. 13 do Reg. Ger. da Provedor., fl. 66; e deixando o governo do Bispado ao Padre Thomé de Freitas da Fonceca, Vigario da Igreja da Candelaria, obteve alli a Provisão de 15 de Dezembro de 1691, que estabeleceo a Ajuda de custo no prompto transporte de embarcação, e mantimentos necessarios para o mar, não só aos Bispos, quando se dispozessem a encher pessoalmente os seus deveres, mas aos seus delegados, como se acha registrada no Liv. 12 do Reg. Ger. da Provedor., fl. 180 v., e no das Ord. Reg. da Secretaria do Bispado. Conseguio mais a Ordem de 22 de Dezembro de 1691 ao Governador d'esta Capitania, para que arbitrasse quantia sufficiente ás despezas das jornadas dos Bispos nas idas e vindas das Visitas das Igrejas do Sul, do Norte, e do Reconcavo, ou as fizessem pessoalmente, ou por seus Delegados, á proporção das distancias. Em virtude d'ella, se arbitrou a quantia de 40$ rs. para as Visitas das Igrejas do Reconcavo, executada no anno seguinte de 1692; a saber: para a das Matrizes de S. Gonçalo, S. Antonio de Cassarébû, N. S. da Piedade de Anhumirim, S. João de Carihy, S. João de Itaborahy, e outras, até a de N. S. do Amparo de Maricá, 20$ rs.; para as de S. João de Mirity, N. S. da Apresentação, de Irajá, N. S. do Loreto, e S. Antonio de Jacarepaguá, ou Jacarepauá, e as seguintes por terra firme, até a de N. S. dos Remedios de Paraty, outra quantia semelhante, cujo arbitramento se registrou no Liv. intitulado — Resoluções, e mais Termos da Fa-

zenda Real —, a fl. 143. E porque n'esse tempo não se fizeram as Visitas do Norte, nem do Sul, ficou indecisa a deliberação da quantia que para ellas se devia arbitrar; mas se estabeleceo em annos posteriores, por despachos do Governador Luiz Vahia Monteiro, dados a 11 de Outubro de 1726, e 31 de outro mez semelhante de 1727, assignando-se para as Visitas Ordinarias, desde a Freguezia de N. S. da Conceição de Angra dos Reis, até as da Laguna, ao Sul, e desde a de S. Salvador dos Campos Goitacazes, até as da Capitania do Espirito Santo, ao Norte e seus limites, as quantias declaradas a fl. 73 e fl. 151 v. do L. 22 da Provedoria, onde tambem se acha registrada a Ordem sobredita, a fl. 140 do Liv. 13.

Por Ordem de 10 de Fevereiro de 1684 foi estabelecido para Aposentadoria do Bispo a quantia annual de 120$ rs.: mas interpretando o Governador e o Provedor da Fazenda Real a liberalidade do Soberano com demasiada restricção, negaram pagal-a ao Bispo, logo que se ausentou da Diocese para a Côrte, pretextando com esse motivo a desnecessidade da Casa de residencia no Bispado. Desapprovado tão indiscreto procedimento, pela Ordem de 12 de Janeiro de 1692, que mandou pagar a referida Aposentadoria; tambem sobre a repugnancia na satisfação do Ordenado, determinou a Carta Regia de 11 de Fevereiro de 1694, que não obstante achar-se o Bispo na Côrte, com licença, se lhe continuasse o pagamento da Congrua e de tudo mais que se lhe devesse, sem a menor duvida, como consta do Liv. 13 do Reg. Geral da Provedor., fl. 266 v. e do das Ordens Regias conservado na secretaria do Bispado.

Eram notorias a vastidão de Jurisprudencia que possuia este Prelado, a sua inteireza e puro zelo pela felicidade da Esposa, com quem estava ligado, cuja ausencia extremosamente sentia: e conseguindo do Soberano a permissão para se retirar da Côrte, como foi participada á Camara, por Carta Regia de 19 de Outubro de 1699, não perdeo instante de se restituir ao seu Bispado, onde appareceo a 28 de Março de 1700. Bem que o Povo, transportado pelo jubilo de ver presente o seu Pastor, festejasse a sua vinda, não teve o prazer de possuil-o além do dia 6 de Abril do mesmo anno, em que concluio 66 de idade, 4 mezes e 9 dias, e de prudente governo da Diocese pouco menos de 18 annos.

Teve por jazigo huma sepultura no Presbiterio da Igreja de S. Bento, como pedira em testamento; e ficando alli as cinzas, se trasladaram os ossos, a 31 de Agosto de 1702, para a Igreja de Santa Iria, sita em Sacavem, termo de Lisboa. Orou nas Exequias do fallecimento o Padre Mestre Fr. José da Natividade; e nas da trasladação o Padre Mestre Fr. Matheus da Incarnação Pinna, ambos Religiosos mui circunspectos da Ordem Benedictina.

Vaga de Pastor a Igreja, ficaram os negocios ecclesiasticos e a Administração da Diocese sob a vigilancia e cuidado do Cabido, até a posse do immediato Successor em 1702.

O Conego Magistral Pinheiro, tecendo a memoria succinta d'este Prelado Sagrado, rematou-a com a dedicação do seguinte distico:

Exardebam hominum zelo, flamaque Salutis:
Fluminis Antistes jure sacrandus eram.

Ao mesmo Prelado deveram a sua origem as seguintes Freguezias: — Santo Antonio de Caravellas, Santo Antonio de Guarulhos, N. S. do Desterro de Capivary, ou Quiçamã, S. Thiago de Inhauma, N. S. do Amparo de Maricá, N. S. da Guia de Mangaratygba, e S. Pedro do Rio Grande do Sul.

(*Pizarro*, T. 4.°)

Informação das terras do Brasil, mandada pelo padre Nobrega.

A informação que d'estas partes do Brasil vos posso dar, Padres e Irmãos Carissimos, he que tem esta terra mil leguas de costa, toda povoada de gente, que anda núa, assim mulheres como homens, tirando algumas partes mui longe d'onde estamos, onde as mulheres andam vestidas á maneira de ciganas, com pannos de algodão, pela terra ser mais fria que esta, a qual aqui he mui temperada, de tal maneira, que o inverno não he frio nem quente, e o verão, ainda que seja mais quente, bem se póde soffrer; porêm he terra mui humida, pelas muitas aguas que chovem em todo tempo mui a miudo, pelo qual as arvores e as hervas estão sempre verdes. E por esta causa he a terra mui fresca. Em partes he mui aspera, por causa dos montes e matas, que sempre estão verdes. Ha n'ellas diversas fruitas que comem os da terra, ainda que não são tão boas como as de lá, as quaes tambem creio se dariam cá, se se plantassem; porque vejo que se dão uvas, e ainda duas vezes no anno; porêm são poucas, por causa das formigas, que fazem muito damno, assim n'isto como em outras cousas. Cidras, laranjas, limões, dão-se em muita quantidade, e figos tão

bons como os de lá. O mantimento commum da terra he huma raiz de páo, que chamam mandioca, da qual fazem huma farinha de que comem todos, e dá tambem vinho, o qual misturado com a farinha, faz hum pão que escusa o de trigo. Ha muito pescado, e tambem muito marisco, de que se mantem os da terra, e muita caça de mato, e patos que criam os Indios; bois, vaccas, ovelhas, cabras e galinhas se dão tambem na terra, e ha d'ellas grande quantidade. Os Gentios são de diversas castas, huns se chamam Goyanazes, outros Carijós. Este he hum Gentio melhor que nenhum d'esta costa. Os quaes foram, não ha muitos annos, dois frades Castelhanos ensinar, e tomaram tão bem sua doutrina, que tem já casas de recolhimento para mulheres, como de freiras, e outras de homens, como de frades. E isto durou muito tempo, até que o diabo levou lá huma não de salteadores e captivaram muitos d'elles. Trabalhamos por recolher os tomados, e alguns temos já para os levar a sua terra, com os quaes irá hum Padre dos nossos. Ha outra casta de Gentios que chamam Gaimares; he gente que mora pelos matos, e nenhuma communicação tem com os Christãos, pelo que se espantam quando nos vêm, e dizem que somos seus irmãos, porque trazemos barbas como elles, as quaes não trazem todos os outros, antes se rapam até as pestanas, e fazem buracos nos beiços e nas ventas dos narizes, e põe huns ossos n'elles que parecem demonios. E assim alguns, principalmente os feiticeiros, trazem todo o rosto cheio d'elles. Estes Gentios são como gigantes, trazem hum arco mui forte na mão, e em a outra hum páo mui grosso, com que pelejam com os contrarios, e facilmente os espedaçam, fogem pelos matos, e são mui temidos entre todos os outros. Os que communicam com nós outros té agora são de duas castas, huns se chamam Topinaquiis, e os outros Topinambás. Estes tem casas de palmas mui grandes, e d'ellas em que pousaram 50 Indios com suas mulheres e filhos. Dormem em redes de algodão junto do fogo, que toda a noite tem acceso, assim por amor do frio, porque andam nús, como tambem pelos demonios, que dizem fugir do fogo. Pela qual causa trazem tições de noite quando vão fóra. Esta gentilidade nenhuma coisa adora, nem conhecem a Deos; somente aos trovões chamam *Tupane*, que he como quem diz coisa divina. E assim nós não temos outro vocabulo mais conveniente para os trazer ao conhecimento de Deos que chamar-lhe pai Tupane. Somente entre elles se fazem humas ceremonias da maneira seguinte. De certos em certos annos vem huns feiticeiros de mui longes terras, fingindo trazer santidade, e ao tempo de sua vinda lhe mandam alimpar os caminhos, e vão recebelos com danças e festas, segundo seu costume; e antes que cheguem ao lugar andam as mulheres de duas em duas pelas casas, dizendo publicamente as faltas que fizeram a seus maridos humas ás outras, e pedindo perdão d'ellas. Em chegando o feiticeiro com muita festa ao lugar, entra em huma casa escura, e põe huma cabaça, que traz em figura humana, em parte mais conveniente para seus enganos, e mudando sua propria voz em a de menino, junto da cabaça, lhes diz que não curem de trabalhar, nem vão á roça, que o mantimento por si crescerá, e que nunca lhes faltará que comer, e que por si virá á casa, e que as enchadas irão a cavar, e as frechas irão ao mato por caça para seu senhor, e que hão de matar muitos de seus contrarios, e captivarão muitos para seus comeres, e promette-lhes larga vida, e que as velhas se hão de tornar moças, e as filhas que as dêm a quem quizerem; e outras coisas semelhantes lhes diz e promette, com que os engana, de maneira que crêm haver dentro na cabaça alguma coisa santa e divina, que lhes diz aquellas coisas, as quaes crêm. Acabando de fallar o feiticeiro, começam a tremer, principalmente as mulheres, com grandes tremores em seu corpo, que parecem demoninhadas (como de certo o são), deitando-se em terra, escumando pelas bocas, e n'isto lhes persuade o feiticeiro que então lhe entra a santidade; e a quem isto não faz tem-no a mal. Depois lhe offerecem muitas coisas, e em as enfermidades dos Gentios usam tambem estes feiticeiros de muitos enganos e feitiçarias. Estes são os mores contrarios que cá temos, e fazem crer algumas vezes aos doentes que nós outros lhes mettemos em o corpo facas, tezouras e coisas semelhantes, e que com isto os matamos. Em suas guerras aconselham-se com elles, além dos agouros que têm de certas aves. Quando captivam algum, trazem-no com grande festa com huma corda pela garganta, e dão-lhe por mulher a filha do principal, ou qualquer outra que mais o contenta, e põem-no a cevar como porco, até que o hajam de matar. Para o que se ajuntam todos os da comarca a ver a festa, e, hum dia antes que o matem, lavam-no todo, e no dia seguinte o tiram, e põem-no em hum terreiro atado pela cinta com huma corda, e vem hum d'elles mui bem ataviado, e lhe faz huma pratica de seus antepassados, e acabada, o que está para morrer lhe responde, dizendo que dos valentes he não temer a morte, e que elle tambem matára

muitos dos seus, e que cá ficam seus parentes que o vingarão, e outras coisas semelhantes. E morto, cortam-lhe o dedo polegar, porque com aquelle tirava as frechas, e o demais fazem em postas para o comer assado e cosido. Quando morre algum dos seus, põem-lhe sobre a sepultura bacios cheios de viandas, e huma rede, em que elles dormem, mui bem lavada; e isto porque crêm, segundo dizem, que depois que morrem tornam a comer e descançar sobre a sepultura. Deitam-os em humas covas redondas, e se são principaes, fazem-lhes huma choça de palma. Não têm conhecimento de Gloria, nem Inferno, sómente dizem que depois de morrer vão a descançar a hum bom lugar, e em muitas coisas guardam a lei natural. Nenhuma coisa propria têm que não seja commum, e o que hum tem ha de partir com os outros, principalmente se são coisas de comer, das quaes nenhuma coisa guardam para outro dia, nem curam de enthesourar riquezas. A suas filhas nenhuma coisa dão em casamento, antes os genros ficam obrigados a servir a seus sogros. Qualquer Christão que entra em suas casas dão-lhe de comer do que têm, e huma rede lavada, em que durma. São castas as mulheres a seus maridos. Têm memoria do diluvio, porêm falsamente, porque dizem que cobrindo-se a terra d'agua, huma mulher com seu marido subiram em hum pinheiro, e depois de minguadas as aguas, se desceram, e d'estes procederam todos os homens e mulheres. Têm mui poucos vocabulos para lhes poder bem declarar nossa fé. Mas comtudo damos-lh'a a entender o melhor que podemos, e algumas coisas lhes declaramos por rodeios. Estão mui apegados com as coisas sensuaes. Muitas vezes me perguntam se Deos tem cabeça e corpo, e mulher; e se come, e de que se veste, e outras coisas semelhantes. Dizem elles que S. Thomé, a quem elles chamam Zomé, passou por aqui, e isto lhes ficou por dito de seus passados, e que suas pisadas estão signaladas junto de hum rio, as quaes eu fui ver por mais certeza da verdade, e vi com os proprios olhos, quatro pisadas mui signaladas com seus dedos, as quaes algumas vezes cobre o rio quando enche. Dizem tambem que, quando deixou estas pisadas, ia fugindo dos Indios, que o queriam frechar, e chegando alli se lhe abrira o rio, e passára por meio d'elle a outra parte sem se molhar, e d'alli foi para a India. Assim mesmo contam que, quando o queriam frechar os Indios, as frechas se tornavam para elles, e os matos lhe faziam caminho por d'onde passasse, outros contam isto como por escarneo. Dizem tambem que lhes prometteo que havia de tornar outra vez a vel-os. Elle os veja do Céo, e seja intercessor por elles a Deos, para que venham a seu conhecimento, e recebam a Santa Fé como esperamos. Isto he o que em breve, Carissimos Irmãos meus, vos posso informar d'esta terra: como vier a mais conhecimento das outras coisas que n'ella ha, não o deixarei mui particularmente de fazer. - MANOEL DA NOBREGA.

Carta do padre Nobrega, mandada da capitania de Pernambuco, no anno de 1551.

Em estas partes, depois que cá estamos, Carissimos Padres e Irmãos, se fez muito fruito. Os Gentios, que parece que punham sua bemaventurança em matar os contrarios, e comer carne humana, e ter muitas mulheres, se vão muito emendando, e todo nosso trabalho consiste em os apartar d'isto, porque todo o demais he facil, pois não têm idolos; ainda que ha entre elles alguns, que se fazem Santos, e lhes promettem saude, e victoria contra seus inimigos. Com quantos Gentios tenho fallado n'esta costa, em nenhum achei repugnancia ao que lhes dizia. Todos querem e desejam ser christãos; mas deixar seus costumes lhes parece aspero. Vão comtudo pouco a pouco cahindo na verdade. Os escravos dos Christãos, e os mesmos Christãos, muitos se teem emendado, e certo que as Capitanias, que temos visitado, tem tanta differença do que d'antes estavam, assim no conhecimento de Deos, como em obrar virtude, que parece huma Religião. Fazem-se muitos casamentos entre os Gentios, os quaes em a Bahia estão junto á cidade, e têm sua Igreja junto a huma casa, onde nos recolhemos, em a qual reside agora o Padre Navarro. Estes determinamos tomar por meio de outros muitos, os quaes esperamos com a ajuda do Senhor fazer Crhistãos. Tambem procuramos de haver casamentos entre elles e os Christãos. Nosso Senhor se sirva de tudo e nos ajude com sua graça, que trabalhemos que todos venham a conhecimento de nossa Santa Fé, e a todos a ensinemos que a queiram ouvir, e d'ella aproveitar-se. Principalmente pretendemos ensinar bem os moços, porque estes bem doutrinados, e acostumados em virtude, serão firmes e constantes, os quaes seus pais deixam ensinar, e folgam com isso, e por isso nos repartimos pelas Capitanias, e com as linguas que nos acompanham nos occupamos n'isto, aprendendo pouco a pouco a lingua, para que entremos pelo sertão dentro, onde ainda não chegaram os Christãos, e tenho sabido de hum homem Gentio, que está n'esta

terra, que vivem em obediencia de quem os rege, e não comem carne humana. Andam vestidos de pelles. O que tudo he huma disposição para mais facilmente se converterem e sustentarem. Isto será o primeiro que commetteremos, como V. R. mandar quem sustente est'outras partes, e as quaes por cada huma das Capitanias tenho ordenado que se façam casas para se recolherem e ensinarem os moços dos Gentios, e tambem dos Christãos: e para n'ellas recolhermos algumas linguas para este effeito. Os meninos orphãos, que nos mandaram de Lisboa, com seus cantares attrahem os filhos dos Gentios, e edificam muito os Christãos. Em esta Capitania de Pernambuco, onde agora estou, tenho esperança que se fará muito proveito, porque, como he povoada de muita gente, ha grandes males e peccados n'ella. Andam muitos filhos dos Christãos pelo sertão perdidos entre os Gentios, e sendo Christãos, vivem em seus bestiaes costumes. Espero em N. S. de os tornar a todos á virtude christã, e tiral-os da vida e costume gentilico; e o primeiro que tenho tirado he esse que lá mando, para que, se acharem seu pai, lh'o dêem. Os Gentios aqui vem de mui longe a ver-nos pela fama, e todos mostram grandes desejos. He muito para folgar de os ver na doutrina, e não contentes com a geral, sempre nos estão pedindo em casa que os ensinemos, e muitos d'elles com lagrimas nos olhos. Escreveram-me agora da Bahia que á partida se haviam perdido dois barcos de Indios, que iam a pescar, em os quaes iam muitos, assim dos que eram já Christãos, como dos Gentios. E aconteceo que todos os Gentios morreram, e escaparam os Christãos todos, até os meninos, que levavam comsigo. Parece que N. S. faz tudo isto para mais augmentar sua Santa Fé. O Governador determina de ir cedo a correr esta costa, e eu irei com elle, e dos Padres que V. R. mandar levarei alguns commigo, para deixar as Capitanias providas. El-Rei N. S. escreveo ao Governador que lhe escrevesse se havia já Padres em todas, as quaes, sem ficar nenhuma, temos visitadas, e em todas estão Padres, senão em esta de Pernambuco, que he a principal e mais povoada, e onde mais aberta está a porta, a qual até aqui não tinhamos vindo por falta de embarcação, e por sermos poucos. Os Clerigos d'esta terra têm mais officio de demonios, que de Clerigos; porque, alêm de seu máo exemplo e costumes, querem contrariar a doutrina de Christo, e dizem publicamente aos homens que lhes he licito estar em peccado com suas negras; pois que são suas escravas; e que podem ter os salteados, pois que são cães, e outras coisas semelhantes, por escusar seus peccados e abominações. De maneira que nenhum demonio temos agora que nos persiga, senão estes. Querem-nos mal porque lhes somos contrarios a seus máos costumes, e não podem soffrer que digamos as missas de graça, em detrimento de seu interesse. Cuido que, se não fôra pelo favor que temos do Governador, e principaes da terra, e assim porque Deos não o quer permittir, que nos tiveram já tiradas as vidas. Esperamos que venha o Bispo, que preveja isto com temor, pois nós outros não podemos por amor. A casa da Bahia, que fizemos para recolher e ensinar os moços, vai mui adiante, sem El-Rei ajudar a nenhuma coisa, somente ás esmolas do Governador, e de outros homens virtuosos. Quiz-nos o Senhor deparar hum official pedreiro, e este a vai fazendo pouca a pouco: tem já feito grande parte da casa, e tem tambem cercadas as casas de huma taipa mui forte. Christo N. S. nos cerque com a sua graça n'esta vida, para que na outra sejamos recebidos em sua Gloria. Amen. De Pernambuco 1549. — MANOEL DA NOBREGA.

(Rev. Trim. do Ins. Hist. e Geog. Bras.)

OS JESUITAS NA AMERICA.

PARTE PRIMEIRA.

PROVINCIA DO TUCUMAN.

CAPITULO II.

Huma visita.

Apenas o secretario Sancho de Stalla desappareceo no canto de huma rua proxima ao palacio de D. Francisco Victoria, dois indios, carregando huma especie de palanquim cuidadosamente fechado, pararam á entrada de huma portinha, praticada no muro da cerca ou jardim, dependencia do palacio, que se abrio promptamente, fechando-se ao mesmo tempo os dois batentes da grande porta; o palanquim atravessou a cerca com lentidão, e entrou debaixo de huma formosa escada, onde hum pincel mestre fizera esquecer a riqueza dos marmores e as maravilhas da esculptura: os indios pararam, e, com sua costumada indolencia, ou por expressa recommendação, sentaram-se ambos, voltando negligentemente as costas para o palanquim, cujas cortinas de damasco branco franjado de verde se entre-abriram, e logo huma mulher de peregrina belleza, vestida com magnificencia e gosto, saltou ligeira sobre o

pavimento tossalato da arcaria, e desappareceo como huma sombra nas dobras ondeantes e vastas de hum reposteiro de cassa da India, que não merecia tal nome. Cangri e Catoxá, os dos indios, que haviam carregado o palanquim e pareciam indifferentes e cançados gostarem o descanço, levantaram a cabeça, logo que as dobras do reposteiro quedaram, olhando hum para o outro; o mais moço dos dois sorrio-se, e disse vagaroso para o companheiro, apontando o lugar por onde entrára a mulher:

—Cunha omenda mani Albaré-guaçú-payete. (*)

Catoxá, o mais velho, encolheo os hombros e levantou-se; os beiços tremeram-lhe levemente, e o grito sonoro do Aracuan retinio tão perfeito, que ninguem diria sahir tal som de peito humano; lá mui longe, ouvio-se o mesmo som duas vezes, os dois indios olharam-se mutuamente com signaes de incerteza; porêm, alguns instantes depois, o grito sahio d'entre huma moita de limoeiros floridos, e logo ouvio-se junto das grades da arcada: Cangri estendeo o pescoço, fazendo signal ao companheiro de se reter, porque hum rumor leve, como de pisadas vagarosas, se fez sentir do lado do palacio; mas, como houvessem cessado, os dois indios imitaram outra vez o canto alternadamente, e Coveré levantou a cabeça por detraz de hum vaso gigantesco de louça branca e azul, que ficava junto da primeira columna da arcaria: começou então hum dialogo entre os tres, dialogo mudo, só de gestos e movimentos, mas perceptivel, energico, ou mavioso, segundo era mister. Durou esta scena interessante alguns minutos, depois Coveré desappareceo na espessura balsamica das arvores do jardim-pomar, sendo acompanhado pelos olhos de Catoxá e Cangri, que, apesar de o não verem distinctamente, acompanhavam seu andar por entre os arbustos que se dobravam á direita e á esquerda para lhe darem passagem, recebendo seu ultimo adeos lá do longe, a que responderam com os suaves e delicados gorgeios do Jacamim, que, respondendo á despedida de Coveré, faziam-lhe ao mesmo tempo saber que só estariam separados até á noite; e logo os dois que ficavam, tomando-se pelas mãos, executaram huma dança brutal e difficil, ceremonia praticada por sua tribu da horda dos Tavens, quando mudava de habitação, e que teve fim com a estenuação de suas forças, sentando-se ambos com as pernas encolhidas hum defronte do outro.

(*) Significa por phrase —mulher casada com o Bispo—; litteralmente teria huma outra tradução.

Em quanto os dois selvagens rendiam livre culto a seus costumes, hum homem corpolento, de feições carregadas e cor morena, tendo-se aproximado da entrada da galeria com mostras de percorrel-a, ao vel-os, recuou desconcertado escontra o palacio, enterrando nos olhos o chapéo de abas com pluma pendente, rebuçando-se no manto, que apenas lhe chegava aos joelhos, deixando á vista a bainha de sua espada longa e direita; assim esteve irresoluto alguns instantes, até que os indios acabaram sua dança, e então, com o chapéo nos dentes, atravessou pelo jardim, de rasto como a serpente, toda a extensão da galeria, parando na outra extremidade, encoberto pelo ultimo arco, ao qual correspondia huma porta do edificio: tendo descançado hum pouco, tirou seu chapéo e arermessou-o contra essa porta, que se abrio, espreitando ao mesmo tempo os dois indios, para ver se o ruido os havia dispertado da especie de somnolencia em que haviam cahido; depois atirou com a capa, mas Catoxá e Cangri ficaram quietos, e o homem, passando ligeiramente a perna por cima de huma grade de ferro que se prendia de columna a columna, passou rapido, com o rosto voltado para os dois, que se não moveram, e entrou no palacio, dando com o pé na capa, que ficára de junto da soleira, e impedia fechar-se a porta, o que elle fez com estranho recato, ficando em completa escuridão. Depois, como pessoa que sabia todos os cantos da casa, foi direito a huma janella, e abrio-a, alumiando huma vasta sala forrada de escarlate, guarnecida com altas cadeiras com assentos e encostos de couro preto lavrado, ferradas com tachões amarellos; porêm, no mesmo instante em que a sala foi esclarecida, ouvio-se huma voz esganiçada, e logo depois appareceo huma velha:

— Senhor João de Urquisa, que estais fazendo? disse ella para o homem em bom hespanhol; se não vos lembra a ordem do senhor Bispo, melhor he que fosseis para vosso aposento.

— Pois que ordens foram as do Senhor Bispo? disse João de Urquisa, mordomo de S. Ex.

— Fechai esta janella!..... não sabeis que tem gente aquella sala de espera, e que alguem que passe na galeria póde..... ora, senhor mordomo, não se faça innocente!

— Sim, he verdade..... n'aquella sala de espera? Ah! senhora Romana de Valencia, tinha-me esquecido.....

E fechou promptamente a janella, seguindo a senhora Romana até a cosinha, onde a velha começou outra vez seu officio de ralhadeira, dando lugar ao mordomo de retirar-se para seu quarto,

sem ser acompanhado pela Argos; porêm, o apparecimento da velha na sala escarlate, suas palavras, a existencia de huma pessoa na sala de espera, tantas precauções que se tomavam por sua causa, tudo isto deo na curiosidode do mordomo, que, se movesse a lingua, nada saberia; por tanto, em vez de tomar para o lanço oriental do edificio, onde tinha seu aposento, sumio-se lá por huns corredores, que mais ninguem lhe poz a vista em cima, até que a visita do Bispo sahio como havia entrado, coberta com seo véo preto de renda, pela portinha do jardim para as ruas da cidade, onde vagou todo o resto do dia o palanquim sem rumo certo. Havia huma hora que o sol tinha desapparecido; a noite estava escura e calida, e o palanquim caminhava sempre de hum lado para outro, ora parecia que seu dono ia para o campo chegando até os arrebaldes, mas logo retrocedia, entranhando-se outra vez pelo mais estreito das vielas: começaram a dar oito horas na Cathedral, a tempo qne o palanquim desembocava de la grande Cale na praça que lhe fica no extremo; os dois indios, suando, mal podiam dar passada, e, por entreter hum resto de alento, enganavam o corpo com suas cantigas asperas e tristes, quando receberam ordem de parar em meio da praça, onde, apesar do escuro, se divisavam dois homens rebuçados; a senhora deixou o palanquim, foi direita a elles, e sem parar, levando-os comsigo, foi atravessando o largo, seguida por hum terceiro, que de perto lhe repisava as passadas, até que chegando ao palacio de D. João Ramirez de Velasco, entraram todos tres, ficando em meio da rua João de Urquisa, estupefacto e aterrado, olhando para as janellas do palacio, que pouco e pouco se foram alumiando.

— A filha do Governador!..... disse elle depois de largo meditar; que horroroso trama!

CAPITULO III.

A cêa do Bispo.

Era costume rigido, e de muito tempo estabelecido, fechar-se a grande porta do palacio logo que a ultima badalada das oito horas soava na Cathedral, costume illudido sempre pelos beatissimos servos de D. Erancisco Victoria, que, occupados todo o dia em preencher os deveres de seu cargo, rezando constantemente, destinavam a noite para fumar cigarrilhos no canto das ruas da cidade, onde algum namorado descantava ao som do violino, ou no meio das praças para assistirem a algum jogo de punhaladas de medida, punhaladas de polegada, de meio ferro, até o cabo, segundo o gosto dos jogadores; costume illudido sempre, e por todos, menos pelo secretario Sancho de Stalla, a quem S. Ex. conferia a honrosissima tarefa de o acompanhar duas horas em seu oratorio, que se gastavam em rezar o Breviario, retirando-se ambos para huma sala proxima, onde lhes serviam o mate, que mudamente se tomava: porêm, esta noite foi para todo o palacio hum desarranjo estupendo, porque todos os criados, sem exceptuar João de Urquisa, estavam de portas a dentro, e o infallivel secretario na rua, apesar das oito que longe iam, do Breviario e do mate, da porta, que se devia fechar, apesar de tudo Sancho de Stalla passeava; na cosinha, primeiro lugar das discussões em huma casa de familia, tratavam tres pessoas de adivinhar qual o motivo poderoso, que poderoso devia ser, que retinha a taes horas o companheiro de S. Ex. na reza e na cêa; hum moço do quarto queria a todo o panno, e com razões de *peso*, que Sancho de Stalla, tendo ido passear ao campo, porque fôra visto fóra da cidade, o tivesse apanhado a noite em caminho, e que, havendo apenas cinco mezes que estava na terra, se perdesse, a que se oppunha com observacões de seringa a Clysterium de palacio, autorisada pelos cincoenta janeiros, metade dos quaes gastára em activo serviço ás ordens do Bispo de Tucuman D. Francisco Victoria, já na Europa, já na America, e que só pretendia largal-o quando o levassem de pés para diante, caminho dos sete palmos; porêm a cosinheira, essa amarrou a hoca dos dois com duas palavras:

— Que estão vocês ahi dizendo, mal pensado, ou adivinhado? querem saber porque elle não vem, e porque não veio? continuou ella, tirando do fogo huma casserola de soffrivel calibre, d'onde sahia huma fumarada cheirosissima e apetitosa; querem vocês sabel-o? pois aqui o tem dentro d'esta cassoila..... hum coelho ensopado com nabos, molho de mostarda, e.....

— Ora, tia Caxumba, isso he mangar com nosco! disse o moço, rindo-se como hum galego que era, rir descompassado, estridente, retumbante.

— He como lh'o digo, retrucou a Caxumba, vendo que a Clysterium pegava da seringa para se retirar da cosinha; he como lh'o digo, e ouça-me até o fim para ver se tenho razão; cheguem-se para aqui, em quanto vou acabando de concertar esta afugentação do senhor secretario, que tem carradas de razão de assim fazer.

E os dois foram-se chegando para a cosinheira, ou para o cheiro do guisado, que na verdade at-

trahia as pedras brutas, quanto mais narizes de criados, e de criadas da seringa. .....

— Pois sim, senhores; hum coelho affogado com nabos.....

— Mas, tia Caxumba, queremos saber porque o senhor Sancho foge de hum coelho, e de hum coelho em suas bem aventuradas mãos, que fica de a gente correr para elle, mesmo por cima de brasas, ou espetos..... O' tia Caxumba, o senhor Bispo come-lhe o rabo e a cabeça?

— He mesmo por isto que o *senhor* dá o cavaco, disse a cosinheira, remexendo o quitute; mas, voltando ao senhor Sancho, he d'este coelho que elle foge, porque he sexta feira, dia magro para todos.....

— Menos pora e senhor Bispo..... acudio o moço com hum suspiro sahido das entranhas.

— Menos para elle, porque tem sua dispensa vinda de Roma, disse a Clysterium com accento *doutoral*; cousa santa, porque lhe esteve o Santo Padre com as mãos por cima.

— Ora aqui tem vocês porque foge o senhor Sancho da cêa de hoje; assim foi com o jantar da sexta feira passada em que elle jejuou a pao e agua..... he huma boa alma!

— He huma boa alma!! disse o moço; se vocês soubessem quanto elle faz por ahi?! sem fallar do regimento de pobres que elle sustenta e veste, haveis de ficar admiradas de como elle descobre a desgraça por essa cidade; esmolas como elle as faz, ninguem as sabe fazer, e senão perguntai-o a qualquer.

— He huma pomba sem fel o senhor Sancho, e ninguem o sabe melhor do que eu, porque ando sempre *atraz do senhor Bispo*, e ouço quanto elle diz bem de seu servo privado.

— Fallar o senhor Bispo he huma grandeza; fallar bem de alguma pessoa, he muitissimo, senhora Clysterium.

— Pois assim acontece, meu rapaz; e vê lá quanto ganha hum bom servo em o ser; muitos annos de serviço em huma casa he humn boa recommendação.....

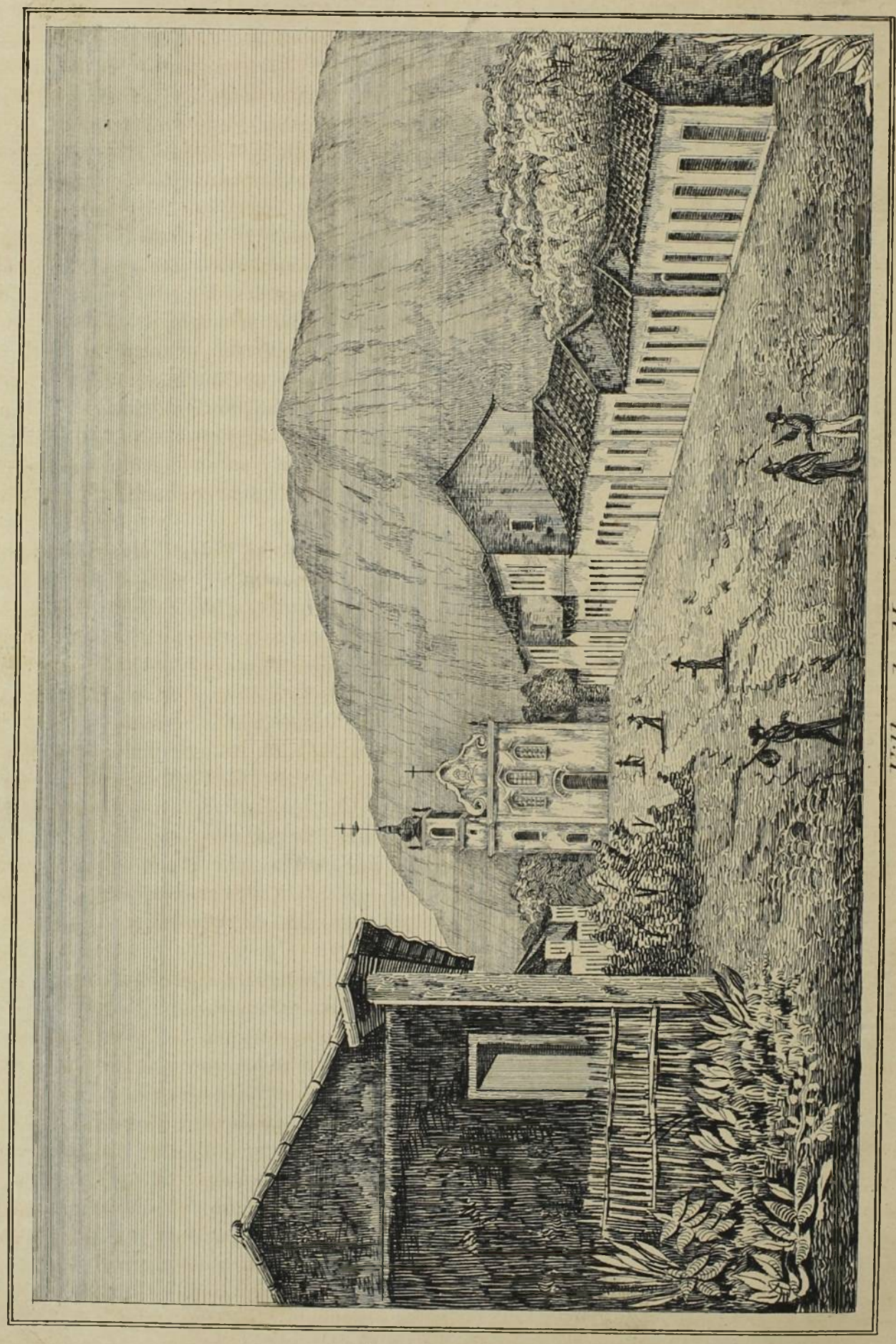
— Lá por isso não, tia Clysterium, porque o senhor Sancho está aqui de hontem.....

— O senhor Bispo acabou sua reza, disse João de Urquisa, apparecendo na porta da cosinha.

A tia Caxumba e a Clysterium ficaram aterradas com as palavras do mordomo; a primeira, porque esperava dar de cear ao Excellentissimo só ás dez horas da noite, como era costume; a segunda, fazendo tenção de rezar tres corôas antes de entrar *em serviço activo*, calculava o tempo que devia gastar no cosinhar das malvas, encher a seringa, ou seringas, e que depois do exercicio o somno viria tomal-a, apesar da devoção; os elogios foram-se trocando em apostrophes mais ou menos violentas contra o secretario, que tudo desarranjava com sua tardança, e só tiveram fim quando os serventes levaram o fumegante coelho para a mesa do Bispo: meia hora depois, todo o palacio era desordem e confusão; os moços de estrebaria arreiavam mulas entre pragas e exclamações de affliccão; hortelões e jardineiros percorriam a cerca em todos os sentidos com archotes que hum norueste agudissimo e frio apagava de continuo; moços de quarto e varredores entulhavam as escadas, mandando huns aos outros para maior brevidade, ou atraso, tudo gritava e corria sem ordem, menos tres pessoas, que pareciam fóra d'esta scena de espanto, sendo que era esta mesma scena quem os entorpecia, e estas tres pessoas eram João de Urquisa, a Clysterium, e tia Caxumba: vamos dizer aos leitores o motivo de tão estranho proceder.

Coisa de vinte minutos depois que o afugentador de Sancho de Stalla sahira fumegando das mãos da cosinheira direitinho para a mesa do Excellentissimo, ouviram-se tres pancadas fortes no portão do palacio, que foram repetidas muitas vezes quasi sem intervallo; era o secretario alagado em sangue, a expirar com duas punhaladas formidaveis e de mão-mestra, porque tinham procurado lugar seguro; conduziam-no tres homens em huma padiola de fórma triangular improvisada; e eis aqui o motivo porque todos os servos de D. Francisco Victoria corriam e gritavam por acudir a seu criado privado, e agora saberemos a causa da inacção dos tres outros servos: a cosinheira, que padecia horrivelmente de nervos, quando ouvio as pancadas na grande porta, julgou que era a Rev.ª Ex., que tendo encontrado mal affogado seu coelho com nabos, imitava piedosamente sobre o soalho de sua sala de jantar as maneiras e modos com que devia a tia Caxumba despejar no outro dia seu lugar de junto do fogão episcopal; a Clysterium, essa vinham-lhe mil pensamentos mortificantes ao espirito, nascidos de hum mortificante pensamento — algum aperto do senhor Bispo! — e d'este nasciam est'outros: — a seringa não tinha estôpa que bastasse para algumas horas de moto continuo; as malvas eram poucas ao fogo dentro do pucaro de barro; as corôas, e era o que menos lhe lembrava, essas não havia volta, deviam ficar para o outro dia; — em fim, estas duas tinham motivos poderosos para justificar a isolação em que estavam em meio de tanto barulho; e Joao de Urquisa? oh! esse era quem menos tinha: o mordomo de S. Ex. era o caridoso mortal que tinha servido o pacifico, caritativo Sancho de Stalla, com as duas punhaladas de meio ferro, que lhe faziam verter abundante sangue por duas feridas junto da primeira costela do lado esquerdo.

(Continúa.(



Villa de Mayé.

Rio de Janeiro.

VILLA DE MAGÉ, OU MAGEPE.

Esta Villa, que o Vice-Rei Luiz de Vasconcellos e Souza creou por sua Ordenança de 9 de Junho de 1789, commettida ao Ouvidor Geral e Corregedor da Comarca Marcellino Pereira Cleto, fica distante d'esta Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro pouco mais de sete e meia leguas; comprehende o termo da Villa, segundo Pizarro, huma extensão de 7 a 10 leguas — no rumo de Nascente ao Poente, e 4 de Norte a Sul, fazendo suas extremas o Rio Agua-pehy-merim pelo Nascente, Anhum-merim pelo Poente, e ao Norte a Serra dos Orgãos, intestando ao Sul com o mar que faz a Bahia da Piedade.

A primeira pessoa, que se estabeleceo n'este lugar, foi Simão da Motta, como consta da Sesmaria de 600 braças de terra ao longo d'agua, e 1000 pela terra dentro, concedida por Estacio de Sá, primeiro Capitão Mór e Governador da Capitania do Rio de Janeiro, em 7 de Setembro de 1565, dois annos antes de sua morte; porêm as Sesmarias concedidas a 8 leguas, e ainda menos, arredado da nascente Cidade, só em 1570 se demonstra que fossem começadas a cultivar, e esta de Simão da Motta talvez mais tarde, porque não encontramos relação alguma que indique serem povoadas e cultivadas estas terras, ao mesmo passo que em Suruhy, na Guia, Porto da Estrella, e outros lugares, duas e tres leguas em redondo, se acham e encontram: todavia, depois de 1600 começaram de estabelecer-se muitas familias, creando-se huma freguezia Curada pelos annos de 1650 pouco mais ou menos, servindo a Capella de N. S. da Piedade, fundada pelo Sargento Mór João de Antas, em hum monte proximo da enseada.

« Subsistio a Igreja Matriz na situação primeira, em quanto a decadencia de seus materiaes não obrigou a desamparal-a: e accrescendo a isso a incapacidade do porto para carregar os effeitos das lavouras, e embarcal-as livremente, e o detrimento notavel, assim do Parocho, na administração dos Sacramentos á freguezes estabelecidos nas extremidades da Parochia, como dos Parochianos, necessitados de remedios promptos nos artigos ultimos de suas vidas, e de levar ao Baptismo os innocentes recem-nascidos por caminhos longos; tudo concorreo para se meditar a fundação d'outro Templo em lugar distante huma legua do primeiro, cujo terreno assás apto offerecia commodos muito superiores ao Povo. Para esse effeito doou D. Joanna de Barros, viuva do Capitão Ignacio Francisco de Araujo, 50 braças de terra quadrada na paragem chamada *Caminho Grande*, da sua Fazenda de Magepe-Mirim, por Escriptura celebrada na Nota, onde servio o Tabellião Ignacio Miguel Pinto Campello, e lançada a fl. 67 do Livro principiado de 1747 a 1748, a cuja doação se uniram as de outros sugeitos, por Escriptura de 21 de Dezembro de 1754, lavrada na Villa de Santo Antonio de Sá. Conseguido o terreno, e obtida a licença do Bispo para se fundar a nova Igreja, pela Provisão de 10 de Agosto de 1748, se lançaram os alicerces; e concluida a Capella Mór com paredes de pedra e cal, no fim do anno seguinte, ou principio de 1750, foi então mudada a Pia Baptismal, e logo ficou essa parte do Templo em uso de Matriz, entretanto que se trabalhava no remate do Corpo da Igreja. Finalisado o edificio em 1751, recebeo as Santas Imagens da Casa antiga, a qual se demolio, pela providencia de Visita do Doutor João Rodrigues Silva, no anno de 1750.

« Sendo Vigario o Padre Felippe de Siqueira Unhão, se renovaram a Capella Mór e a Sacristia; e seu Successor o Padre Balthazar dos Reis Custodio de novo as formou, construindo de mais o Consistorio, a torre e o frontespicio. Tem a Capella Mór 52 palmos de comprido, e 25 de largo; e o Corpo da Igreja, desde o Arco Cruzeiro á porta principal, 98 palmos e meio de comprimento, e 37 e meio de largura. Ornam o interior d'esse Templo 5 Altares, no maior dos quaes se adora o SS. Sacramento, conservado perpetuamente em Sacrario, por Provisão de 6 de Novembro de 1754. O adro em frente da Igreja conta 341 palmos e meio de extensão, e 113 e meio de largura.

« Creada a Freguezia de natureza Collativa, pelo Alvará de 18 de Janeiro de 1696, principiou a ter Parochos proprios com a Apresentação do 1.º Padre José Carvalho, que por Carta de 29 de Março de 1697 entrou a servil-a. Succedeo 2.º o Padre Balthazar de Oliveira no anno de 1701, por quem foi deixada a quantia de 200 $rs. para patrimonio da Igreja Matriz, ordenando a seus testamenteiros a entrega prompta d'elles ao Prelado, a fim de se porem a juros com toda segurança de fiadores abonados e hypothecas livres, e de se applicar o producto annual ás obras mais necessarias ao ornato do Altar da Senhora da Piedade, cuja cobrança e despeza commetteo aos Vigarios seus successores, com obrigação de dar contas ao mesmo Prelado, ou aos Visitadores seus Delegados, como consta da Verba do testamento re-

gistrado no Liv. 15 dos Obitos da Freg. da Sé, fl. 266 verso. Fallecido Oliveira, entrou 3.º o Padre Antonio de Almeida e Silva, por Carta de 11 de Novembro de 1749, e Confirmação de 19 de Janeiro do anno seguinte; mas, permutando a Igreja com o Padre José d'Oliveira, Vigario que era da Parochia de S. Salvador de Guaratygbá, passou este, por Apresentação de 21 de Fevereiro de 1756, e Confirmação de 11 de Julho do mesmo anno, a tomar posse da Freguezia, como 4.º proprietario. Succedeo 5.º o Padre Felippe de Siqueira Unhão, por Carta de 2 de Abril de 1771, e Confirmação de 6 de Novembro seguinte. Foi 7.º o Padre Balthazar dos Reis Custodio, por Carta de 9 de Dezembro de 1786, e Confirmação de 26 de Maio do anno seguinte. E 8.º o Padre José Gomes Sardinha.

« Com 4 a 5 leguas, ao Norte, chega a jurisdicção parochial a Serra dos Orgãos, onde topa com a Freguezia de N. Senhora da Piedade de Anhum-mirim; e passando os limites da Freguezia de N. Senhora da Ajuda de Aquapehy-mirim, continua sobre a Serra pelas tres Fazendas, que foram de João de Couto, e por sua morte passaram ao Coronel de Milicias José Bento, povoadas e cultivadas na distancia de 4 leguas em quadra, cujos confins vão ter pelo Sertão ao districto de Canta-gallo ao Norte. Com a Freguezia de Aguapehy-mirim, ao Nascente, finalisa em huma e meia legua: e na barra do Rio de Magepe termina, ao Sul, com huma legua de distancia. Pelas vertentes dos morros balisa finalmente, ao Poente, com a Freguezia de S. Nicoláo de Suruhy, distante 2 leguas. N'esse circulo numera 600 fogos, e mais de 8,100 almas (*).

« São filiaes d'esta Freguezia as Capellas: primeira, de Santa Anna, fundada na Fazenda que foi do Capitão Mór da Cidade Domingos Vianna de Castro, sita em Iriry, depois do anno de 1737. Segunda, de N. Senhora de Nazareth, construida no mesmo bairro de Iriry por Manoel Ferreira Feital e sua mulher Antonia de Alvarenga, em virtude de hum Breve Apostolico de 14 de Julho de 1733, sentenciado a 29 de Outubro do anno seguinte: principiou em uso depois de benzida a 15 de Dezembro immediato. Terceira, de Santo Aleixo, levantada por José dos Santos Martins, com Provisão de 4 de Setembro de 1743, e benzida no mez de Abril de 1747, em virtude da Provisão de 9 de Fevereiro antecedente. Seu fundador dotou-a com 300 braças de terra de testada, e 1,500 de Sertão (como as possuia por heranças de seu pai, e sogro, João Martins de Oliveira), no valor de 100$ rs., por Escriptura de 1 de Fevereiro de 1747 lavrada na Nota do Tabellião Custodio da Costa Gouvea. »

Encerra o Municipio as freguezias de N. S. da Ajuda, legua e quarto ao Nordeste de Magépe; a de S. Nicoláo, perto de duas leguas ao Poente, sobre a margem direita do Rio Suruhy; a de N. S. da Guia, tres leguas ao Oessudoeste, e pouco mais de huma ao Sueste do Porto da Estrella, sobre a praia do mar, junto á fóz da Ribeira Pacobahyba; a de N. da Piedade de Anhum-mirim, situada no angulo da confluencia do Rio d'este nome com o ribeiro da Cruz; a de N. S. do Pilar, sobre a margem esquerda do Rio que tem este nome, e principio do Canal que o communica com o Anhum-mirim, huma legua ao Sudoeste do Porto da Estrella. Foi em todo o tempo, e ainda he hoje esta Villa mediocre pelo commercio e população, apesar de estar assentada em hum lugar aprasivel, não tendo para mostrar ao forasteiro mais do que sua Igreja Parochial, que he hum dos templos melhores, e até magnifico; o Rio Magépe-assua, que traz sua origem da Serra dos Orgãos, e em cuja margem esquerda foi edificada, serve-lhe de fonte, por ser bem soffrivel sua agua, e não ser abundante d'ella a povoação. Transportam-se os effeitos da lavoura por terra até aos lugares de embarque, e taes são — os Portos Grande de Magépe, Velho da Piedade, e o de Iriry.

Por decreto de 16 de Maio de 1810 foi nomeado 1.º Barão de Magépe o Guarda-Roupa Mathias Antonio de Souza Lobato, e em 17 de Dezembro do anno seguinte Visconde do mesmo titulo.

(*) *Esta estatistica he anterior ao anno de 1820, e as alterações que ha de então para cá daremos aos nossos leitores logo que nos chegue ás mãos os esclarecimentos que esperamos.*

Memoria sobre os usos, costumes e linguagem dos Appiacás, e descobrimento de novas minas na Provincia de Mato Grosso.

(*Offerecido ao Instituto Historico Geographico do Brasil, pelo conego José da Silva Guimaraens, natural de Cuiabá, commendador da ordem de Christo, e membro correspondente do mesmo Instituto.*)

Logo que pela Carta Regia de 14 de Setembro de 1815 o Senhor Rei D. João VI, de saudosa memoria, Houve por bem felicitar aos habitantes da Provincia de Mato Grosso, franqueando-lhes o commercio de importação e exportação entre esta e a Provincia do Pará, isentando de todos os direitos, por tempo de dez annos, os generos e mercadorias que entrassem no mesmo commercio pela

navegação do Rio Arinos, foi esta frequentada por negociantes de huma e outra Provincia; e pelas repetidas recommendações e terminantes ordens do Governador e Capitão General o Marquez d'Aracaty, foi tratada com a maior humanidade possivel a numerosa e guerreira Nação Appiacás, que povôa com differentes aldeias as vastas margens do dito Rio Arinos, e assim se veio a conseguir a amisade d'esta poderosa Nação, que fez cessar todos os receios com que era feita a longa, fatigosa e ardua viagem desde o Registo do Rio Preto até as primeiras povoações do Pará, em sertão totalmente inculto, e por saltos e catadupas, em que, além do imminente perigo das innundações pela correnteza das aguas, accrescia o continuo sobresalto das incursões d'estes selvagens, que a seu salvo o podiam fazer, em vista das localidades.

Vivia esta nação desconfiada, porque os primeiros navegantes do Rio Arinos tinham disparado alguns tiros de espingarda para se desembaraçarem defensivamente dos guerreiros d'ella, que, vindo a reconhecel-os, principiaram a fazer hostilidades, que se devia evitar, visto não attenderem aos signaes, que se lhes dava de paz e concordia. Com a frequencia da navegação, e com os presentes que lhes mandou fazer o dito Capitão General, começaram a apparecer aos viajantes, e até entraram a admittir em suas aldeias alguns Brasileiros, que ahi quizeram ficar, com os quaes se foram familiarisando, e d'elles colheram as noticias precisas para o conhecimento que haviam ter do nosso caracter e da nossa obsequiosa correspondencia.

No anno de 1818, navegando por aquelle sobredito rio Antonio Peixoto de Azevedo, com carregação que trouxe do Pará, pôde reduzir a sete mancebos d'esta Nação para que o acompanhassem até a Cidade de Cuiabá. Tratou-os com muita affabilidade na viagem, e apresentou os ao antedito Capitão General, que lhes fez o melhor agasalho, e depois os mandou restituir ao seu paiz com sementes e grãos de todas as qualidades de fructas e legumes cultivadas no paiz, para que de tudo houvesse em suas terras em beneficio commum. O gosto que tiveram aquelles Indios em ver a Cidade de Cuiabá; o bom tratamento que mereceram geralmente aos Cuiabanos; e a tendencia que se lhes conhece para a civilisação, deram lugar a que no anno de 1819 viessem visitar ao novo Capitão General, o Barão de Villa Bella, hum Cacique com quatorze individuos de sua Nação, sendo hum seu filho, outro seu irmão, huma rapariga de quinze annos, e onze de tres differentes aldeias: chamava-se o Cacique — Severiano —, nome por que sempre foi tratado desde a infancia; o que se fez notavel, por apparecer entre elles, e no meio de tantos nomes barbaros, quem se appellidasse como os Christãos. Tinha a sua residencia na aldeia —tacatinga—, huma das muitas da Nação, situada nas margens do Arinos, com mil e quinhentas almas. Acompanhou-o hum Brasileiro de nome Braz Antonio, natural da Villa de Barcellos, do Governo do Rio Negro, que embarcára no Pará no anno de 1816, e ficára n'aquella aldeia, onde aprendeo correntemente a lingua Appiacá, e veio por interprete.

O Barão de Villa Bella recebeo-os com todas as demonstrações de amizade, e á custa da Fazenda Publica mandou-os alimentar. Por frequentes conversações que com elles tive, por meio do interprete, eu pude haver as noticias dos seus usos e costumes, e do vastissimo sertão que elles trilham; e tudo escrevi, para que com o auxilio de taes noticias, e com o soccorro d'estes selvagens, se possa alcançar hum dia a civilisação d'esta Nação, e de muitas outras, d'onde sahirão ainda grandes colonias proveitosas, não só para salvação de tantas almas, que estão fóra do gremio da Igreja; como para augmento da população da extensissima, mas despovoada Provincia de Mato Grosso, e para os novos descobertos, que se podem esperar n'aquelle rico terreno, até agora desconhecido.

Sendo quasi costume geral de todos os Indios terem muitas mulheres, os Appiacás tem somente huma; mas quando lhes parece a repudiam e tomam outra; ficando a primeira livre para novo hymeneo: e não he raro que o mesmo homem, depois de passar algum tempo, receba outra vez a mulher que repudiou. As familias tomam este procedimento como huma deshonra que as affronta, e por muito tempo mostram a sua magoa e sentimento. Os pais levam comsigo os filhos, que nunca deixam em companhia das mãis repudiadas.

Para que a população vá em augmento, e a Nação tenha muitos guerreiros, he promovido o casamento pelos pais, logo que os filhos chegam á idade de 14 annos. A firmeza do casamento depende de ser publicamente entregue a noiva por seus pais, ou, na falta d'elles, pelos parentes mais chegados, ao noivo; e vivendo muitas familias em huma mesma casa, em que estão armadas as redes de cada casal, nunca deixam perceber a copula conjugal; porêm, sem embargo de tanta cautela entre elles, nenhuma repugnancia ha de offerecerem suas proprias mulheres aos viajantes,

e até de serem testemunhas do acto obsceno, a troco de ferramentas para a agricultura, e outros usos, e de algumas quinquilharias, e bagatelas que recebem.

As suas festas celebram-se por occasião de alguma victoria, ou pela acclamação de hum novo Cacique, ou nos casamentos dos maiores da Nação. Consistem ellas em se enfeitarem os guerreiros com os seus penachos e plumagens, depois de terem untadõ o corpo todo com oleo de guaguassú, em que misturam urucú para fazer huma tinta, que em lugar de aformosear os enfeia; e assim preparados marcham ao som de trombetas de taquara, de que sacam alguns sons, sem nenhuma harmonia. A gente das aldeias, acompanhada de todas as mulheres, os vão receber nos campos visinhos, adornando-se aquellas com os melhores enfeites que tem, e são contas de tucuman maiores ou menores, a arbitrio; porque ralam a castanha d'este côco em pedra para reduzil-a ao tamanho que querem, furando com o dente de hum peixe, que chamam — Rubágo —, e enfiam em hum cordel de que fazem collares, dos quaes alguns são engrazados com dentes dos inimigos, de que os maridos fazem presentes ás mulheres. Ao som das mesmas trombetas bailam, ficando as mulheres por baixo do braço, e encostadas aos peitos dos homens; e com passo enterpolado andam a roda, em hum determinado tempo á direita, e em outro á esquerda, até que as trombetas fazem huma cadencia final, e então param para receber applausos, e para dar descanço aos que tocam, a fim de poderem continuar com a mesma coisa. Cantam depois da dança, e o seu canto, de huma toada desagradavel, rola ordinariamente sobre amores, ou sobre emprezas guerreiras. Estas são as mesmas festas que se fazem nos casamentos, e na acclamação de hum novo Cacique, que he sempre o filho mais velho do defunto, ou na falta de filhos, o parente mais chegado da sua familia, que he a unica que tem direito ao cacicato de todas as aldeias da Nação, por herança de seus avós.

Os Appiacás fazem a guerra, não por ambição, mas pelo desejo de vingar sua Nação, excitado pelos seus anciões, que conservando odio implacavel a seus antigos inimigos, recontam em suas palestras as passadas affrontas que soffreram d'esta ou d'aquella Nação, estimulando assim os moços a procurar vingança, que sempre lhes aconselha. Por isso he a guerra amiudadas vezes promovida pelo Povo, que a pede ao Cacique, e este outras vezes he que a determina, mandando fazer os aprestos necessarios, e solicitando o auxilio das outras aldeias, cujos Caciques nunca o podem negar. Sem que primeiro tenham colhido os mantimentos que haviam plantado, nunca se emprehende a guerra; e quando vão a ella levam o preciso em canôas, se a expedição he feita pelo rio, ou ás costas dos soldados, se he por terra, carregando cada hum o seu municiamento e vistualhas; alêm do que o Cacique manda conduzir, como hum deposito de reserva, que he repartido por todos, quando ha necessidade; e na partilha não ha distincção alguma, tanto se tira para o Cacique como para o soldado. O Cacique arma-se com huma lança, tendo frechas, com seu arco, que vão carregadas por dois guerreiros, que andam ás suas ordens, immediatos á sua pessoa, os quaes tambem levam as suas proprias frechas, e porrete pequeno, armas de que usam todos; e não sendo elle hum superior bem respeitado entre os seus pela excessiva familiaridade com que se tratam, desde que principia a marcha, conserva-se huma exacta subjeição ás suas ordens, e he chamado, em quanto dura a campanha — Satá -, isto he fogo, o qual (na maneira geral por que os Indios a fazem) elle mesmo o tira para o seu fogão, d'onde todos o vem buscar para os ranchos; e antes d'isto, ninguem póde fazer coisa alguma; porque o fumo do fogão do Cacique he que dá o signal de acampamento. Preparados os fogões com lenha sufficiente, vão-se todos lavar, e ao depois se dispõe a comida, e acabada ella, arma o Cacique a sua rede, que he o signal de recolher, para que todos cuidem no pouso. Não usam de sentinellas á noite, e dormem em o maior descanso, por se considerarem seguros com huma guarda avançada que levam explorando o caminho, durante a marcha. Quando vão embarcados, as explorações são feitas em ambas as margens do rio, e nunca sahem do acampamento, senão depois de todos se lavarem, e com o sol já bem alto, para os exploradores terem tempo de avançar, e fazerem caçadas, cujos productos são entregues ao Cacique, á quem dão parte de tudo que foi visto n'aquelle dia, quando voltam a tarde á encontral-o.

A guerra dos Appiacás he sempre feita por traição; salvo o caso de encontrarem inesperadamente o inimigo, porque então são leões a combaterem. Os seus prisioneiros são conduzidos ás aldeias, onde com grande apparato são comidos, não só pelos guerreiros, como pelas mais gentes das mesmas aldeias; dando-se cuidadosamente esta vianda aos meninos, aconselhando-os que sejam intrepidos desde já, para se regalarem com tão saborosa comida. Para se emprehender a guerra he preciso consultar-se aos Pagés, que são certos em-

busteiros mais espertos, que a massa geral da Nação, os quaes se dizem advinhadores; fingem-se atordoados, e dão-se por mortos, persuadindo áquella gente credula e boçal que fallam com o diabo atravez das difficuldades, que dizem vencem, e que somente os de sua familia sabem vencer; e depois de se darem assim por mortos, levantam-se á meia noite, como ressuscitados, cantam, e com grande admiração prognosticam o futuro, que dizem saber por aquelle chamado sacrificio, por causa do qual ganham hum profundo respeito do povo, sem por isso levar cousa alguma; porque somente lhes he permittido receber pagas dos curativos que fazem.

A medicina dos Pagés consiste em assoprar as partes enfermas, chupal-as com força, dando ao depois banhos com succos de algumas hervas, que pisam, infundem em agua, e por hum peneiro, a que chamam — Orupéma —, espalham pela cabeça e corpo do enfermo, e, quando ha constipações, restabelecem a transpiração, pondo fogo em roda da rede do paciente, e brazas por baixo; prescrevendo sempre em todas as enfermidades huma dieta rigorosa, que consiste todo o alimento em caldo de milho. O curativo he feito por dois, para resolverem o modo por que se deve assoprar, e chupar, e que hervas se hão de empregar n'elle. Ou os enfermos sarem, ou morram, os Pagés tem direito de tirar para si os melhores moveis, armas, ou coisas que elles possuem; e se lhes entrega sem a menor duvida. Dura o curativo somente tres dias, dois destinados a assoprar e chupar, e hum para o banho, pagamento, e despedida dos Pagés, que não tornam mais a ver o enfermo, succeda o que succeder. Curam as feridas chupando-as tambem, e pondo-lhes em cima hervas pisadas; e o pagamento d'estas curas sempre he mais inferior que o das molestias internas, e he por onde os discipulos principiam a aprender, praticando com os mestres, a quem acompanham, até que sejam havidos por habilitados para exercitarem a sua profissão e serem reconhecidos agoureiros.

A pompa funeral entre elles he lugubre e horrorosa; porque, com gritos e alaridos medonhos, que desafiam o pavor, choram sobre o cadaver do morto, que, sendo casado, he enterrado na propria casa, e debaixo da rede em que dormia, fazendo-se huma pequena cova em que se põe o cadaver assentado, de maneira que a cabeça fique hum palmo abaixo da superficie da terra, com que he coberto, accumulando-se sobre a sepultura dois palmos de alto, sem que seja socada. O conjuge que sobrevive deita-se sobre a sepultura na mesma rede do seu casal, e passa jejuando rigorosamente, alimentando-se sómente de—Cauim—que lhe he ministrados pelos seus parentes, até que se desenterrem os ossos do morto; sendo este o luto de que usam, e tão rigoroso, que emmagrecem, a ponto de muitos perderem a vida, o que se toma por heroismo. Durante a putrefacção, a casa fica insupportavel pelos miasmas que exhalam, que comtudo aturam por obsequio ao morto, cujos ossos ao depois se desenterram com huma lagrimosa ceremonia, feita pela mãi, ou avó, ou pelo mais chegado parente, na classe feminina, que acompanhada de todos os individuos d'aquella familia, vão tirando da sepultura osso por osso, fazendo terna e compassiva narração dos feitos d'aquelle morto em sua vida, os entrega com grande respeito e magoa ás pessoas que a rodeiam, que com lagrimas e soluços os vão depositando em hum cesto, para a final os involverem em huma rede nova, a que chamam — tapuirana —, e pendural-os no tecto da casa, defronte do mesmo lugar em que elle existia; e assim ficam até que apodreça a tapuirana, que he quando dão por perfeita a morte, e por acabada a memoria do morto, cujos ossos voltam para a sepultura d'onde sahiram, para nunca mais serem tocados.

Sendo as margens do Rio Arinos bordadas de excellentes mattos onde ha rica producção, n'ellas costumam os Appiacás fazerem as suas reças, ou plantações, amanhando o terreno com machados de pedra, que ageitam para este uso, derrubando com elles grossas e encorpadas arvores, que depois de queimadas, plantam milho, feijão, favas, mandioca, amendubi, batatas e taiá; fazendo do milho e mandioca a má farinha de que usam e soccorrem aos viajantes. Alêm da mandioca ordinaria, tem huma outra, a que chamam mandiocába, que dá grande raiz particular para a bebida de que usam, porque he doce a agua que d'ella se extrahe, a qual fervem ao fogo, e depois lhe ajuntam milho socado e guardam em potes de barro; sendo esta, fóra a agua, a sua unica bebida, a que chamam — Cauim —, de que já fallei. Com estes viveres, e com peixe e caça vivem os Appiacás na maior satisfação.

Os homens cobrem as partes genitaes com folhas verdes, sendo este todo o seu vestuario; pintam a cara, trazendo tres linhas de huma orelha a outra, que passam entre o nariz e a barba, e no meio d'ellas, logo que chegam aos quatorze annos, hum bigode com tinta preta, que fazem calar sobre os beiços com piques pequenos, feitos com espinhos do tocum; e pelo corpo acham-se caprichosamente gravadas as suas proezas e valentias

nos combates com os inimigos, ou com as feras de que triumpharam.

As mulheres andam nuas como nasceram; no tempo do corrimento periodico usam de frequentes banhos frios, e para isso tem grandes cabaças cheias de agua dentro das suas casas, e em quanto dormem, para que as redes se conservem limpas, as forram com folhas de — pacoba —: depois do parto não estao deitadas senão hum dia, e criam os filhos com muito amor, no meio das laboriosas occupações que tem; porque os homens caçam, roçam, plantam, apromptam as armas, e vão á guerra, sendo estes sómente os seus empregos; pertencendo ás mulheres o limpar a roça, colher, armazenar os fructos, cosinhar, fiar, e tecer tapuiranas. Pintam-se com huma linha preta de huma a outra orelha, passando pelo beiço inferior, e piques na testa. Nunca ha zelos entre ellas.

Pelo que disse o interprete, amam-se mutuamente os Appiacás, sem se espancarem nem por brinco. O homicidio para elles he hum crime imperdoavel, e dizem que nenhum homem deve matar o seu semelhante, senão em guerra de huma com outra Nação. Quando ha alguma desavença entre elles, o maior castigo que o offendido póde dar ao offensor he injurial-o ao pé dos maioraes, e das mulheres, referindo-lhes a fraqueza que teve, ou em hum combate, ou no encontro de huma fera, que se animou a perseguil-a, ou por ter fugido de huma diligencia de que devia ser encarregado, por fraco e medroso: e isto obra de tal sorte, que elles mais querem perder a vida, do que dar occasião a ouvir em publico semelhantes vituperios, que os humilia, e envilece sobremaneira suas familias.

O idioma d'esta Naāço he esterillissimo: tem muitos vocabulos da lingua geral do Brasil, alguns parecem Hespanhoes, e ao modo d'estes he que elles fazem soar o — h — na pronuncia em que o — r — sempre tem som brando. Apresento aqui os seguintes vocabulos, que com muito gosto os ouvi pronunciar, por vezes, por ver que eu os escrevia com grande attenção para ter conhecimento da sua lingua.

VOCABULOS.

Agua — cú.
Amarello — araraviuána.
Anta — tapira.
Arara — canidé.
Arco — uerepára.
Arvore — ibá.
Ave — guirá.
Barraca — panacarica.
Barriga — revéga, marica.
Beber — xaúre.
Boca — iurú.
Bota — birú.
Braço — iuá.
Branco — motinga.
Cabeça — iacanga.
Cabello — iána.
Campo — júna.
Canôa — ygára.
Cão — goará.
Carne — birarequéra.
Caveira — icanéra.
Casa — róca.
Céo — yúaca.
Cervo — ivupitánga vú.
Chumbo — uhiáu.
Cinco — catumirim.
Comer — ximiúre.
Corvo — urubú.
Dedo — ipoacána.
Dente — rancha.
Deos — iane Page.
Depressa — janeoi.
Direito — santuonáca.
Dois — mocuain.
Donzella — taina.
Elle — aé.
Elles — aetá.
Engolir — airimocónre.
Ensinar — iumbuére.
Espada — tamboápocú.
Espingarda — mucána.
Estrella — iahitá.
Estrellas — iahitatá.
Eu — ixé.
Faca — tajui.
Farinha — uhi.
Feijão — commanda.
Filho — tâhira.
Filha — seragira.
Fogo — tatá.
Foice — kicé apára.
Frauta — orenú.
Frecha — ceruhiéna.
Galinha — nambútinga.
Gerar — omenúre.
Grande — cháin.
Homem — gan.
Hum — iepé.
Já — tuben.
Igreja — iáne Page roca.
Ir — iassóre.
Lua — iahy.
Machado — ié.
Mãi — schia.
Mão — poi.
Mãos — poitá.
Matto — cahaá.
Menina — taina merim.
Moça — cunhá mucú.
Morro — oitera.
Mulher — cunhá.
Nadega — xicoára.
Nariz — tim.
Nós — iané.
Nosso — iáne.
Olho — ereacuora.
Onça — jauára.
Onça parda — jauára piranga.
Onça pintada — jauára pinima.
Orelha — mamby.
Ourina — carucana.
Ourinar — xacarucáre.
Pai — seruvagá.
Papagaio — ajurú.
Pé — peú.
Pés — peútá.
Pedra — itá.
Peito — potiá.
Peixe — pirá.
Pequeno — suiim.
Perna — iánereteman.
Polvora — mucáu cuy.
Porco — tay acú.
Porrete — ipuáana.
Preto — biruno.
Quatro — mocámocáim.
Rato — gua jahy.
Remar — iapucúre.
Remo — iapucú.
Roupa — bira.
Sal — inkira.
Sol — corahy.
Taquara — taboca.
Terra — chué.
Tigre — jauárauna.
Torto — apára.
Tres — moapire.
Tu — indé.
Unha — poampé.
Varge — campina.
Veado — ivupitanga.
Vento — oitú.
Vermelho — biruaúga.

Não se deve considerar perfeita esta pequena lembrança, sómente escripta para dar huma diminuta idéa do idioma dos Appiacás, a quem tocar a gloria de cathequisal-os por bem do serviço de Deos, e augmento do Imperio do Brasil.

Encontra-se bastante hospitalidade em suas aldeias; porêm o furto de ferramentas he inevi-

tavel. Nenhum traste de ferro, que não estiver bem guardado, lhes escapa, depois que principiaram a fazer uso d'este metal. Se alguns negociantes deixam canôas á margem do Rio, ou caixões debaixo de ranchos para os mandar conduzir depois, quebram todos para tirar pregos, e quaesquer peças de ferro; mas he preciso confessar que nem os sete Indios que acompanharam Peixoto, e nem os que vieram com o Cacique Severiano, fizeram furto algum entre nós.

(Continúa.)

A SEPULTURA DE CAROLINA (*).

Nem goivos, nem lyrios crescem
De teu tum'lo junto á lagem:
Só te offerece o Cipreste
Melancolica homenagem.

Ninguem por ti chora, ó Virgem,
N'essa morada de horror:
Apenas á tarde a brisa
Ao passar geme de dor.

Quanto he suave teu somno
N'aurora da mocidade!
Tranquilla dormes; nem ouves
Murmurar a tempestade.

O mar desmedido arroja
Junto a ti vagas enormes:
Lava a loisa que te cobre,
E em teu leito, ó Virgem, dormes.

E para sempre! — Eis a tarde
E o crepusculo que expira!
— Geme a brisa? — não, ó Virgem,
Só minha alma he quem suspira. (**)

OS JESUITAS NA AMERICA.

PARTE PRIMEIRA.

PROVINCIA DO TUCUMAN.

—

CAPITULO IV.

Sancho de Stalla.

Hespanha e Portugal, cem annos depois do descobrimento da America, mal conheciam o thesouro precioso, que o genio descobrira, assegurado pelo extravagante — *Dectelum et Indultum Alexandri sexti, super Expeditione in Barbaros novi orbis, quos Indos vocant;* não sei se era a longitude e falta de noticias, se menos-preço pelos cento e oitenta gráos de extensão territorial, que a pennada de tinta de hum homem repartira a cada huma das duas nações; o que he certo e certissimo, he que Fernando e Izabel de Hespanha, D. Manoel, de Portugal, olhavam para o Novo Mundo como curiosidade scientifica, sem comtudo serem scientificos, e que seus successores o consideravam ainda peior, despejando-lhe as immundicias, que sujavam suas cidades, villas e aldeas: porêm, se os reis liam do Decretum et Indultum de Alexandre 6.º, só aquella parte que destruia razões e aggravos, permittindo a hum saborear o rico sayuate que lhe trouxera de Calecut Vasco da Gama, aos outros tratar negocios domesticos, houve quem a lesse toda, especialmente o — .... *insulis et terris jam repertis aurum, aromata, et aliæ quam plurimæ res pretiosæ diversi generis et diversæ qualitates reperiuntur* —, e que, sem entrar na distribuição e repartimento amigavel *dos quatro*, tomasse para si *aquillo que fosse possivel segurar-se*..... A Companhia de Jesus, que n'esse tempo ainda não era compacta e solida, por ter em seu seio homens que não eram jesuitas, apesar da roupeta; a Companhia de Jesus em Roma, que não era a mesma espalhada por toda a Europa, cabeça presa ao corpo, sim, mas a hum corpo com cujos movimentos ella não contava muito; esta associação monstruosa leo a Bulla de Alexandre 6.º, e vio quanto seria favoravel para seus intentos missionar n'essas terras longiquas, cuja existencia a estupidez negava e combatia; estupidez e maldade, porque entrava calculo na guerra que se fizera ao illustre genovez em Florença, Hespanha e Portugal, e guerra feita por frades, que decidiam theologicamente os pontos difficeis ou questionaveis de qualquer sciencia exacta. Não sei eu decidir se a Companhia de Jesus teria descoberto já a fórma segura e prompta de obter quanto lhe era mister no Vaticano, porque dos accidentes jesuiticos só mais tarde experimentaram a força Archinto, Passionei, e Innocencio 13.º; mas o certo he que apesar da guerra de alguns Cardeaes, ella foi recommendada aos soberanos de Portugal e Hespanha, para lavrar as incultas vinhas do Senhor, nas terras e ilhas novamente descobertas que os barbaros habitavam, isto por insinuação do seu fundador, que occultava a todos os membros seu fim, se he que já o tinha assentado: espalhar esta maçonaria infernal, cobrir a vastidão da terra d'estas aranhas peço-

(*) *Carolina Fausta de Macedo, cunhada do autor, morta aos 16 annos.*

(**) *Este romance do Sr. J. A. de Lemos Magalhães acha-se primorosamente posto em musica pelo celebre musico compositor o Sr. Raphael Coelho Machado.*

nhentas, tornar a associação poderosa pelo numero, era tudo quanto viam os mais astutos; porêm havia alguma coisa que não era para todos saberem, havia o pensamento de hum que se executava, e seria executado vagarosamente noite e dia, ao longe e ao perto, por todos, quer professos quer simplesmente filiados, homens de todas as nações, que perderiam sua nacionalidade pertencendo á Ordem; de todas as condições, entes de ambos os sexos, de todas as idades, que seriam jesuitas e mais nada; e todavia esta palavra não designava os membros da associação, e sim o espirito da associação.

Em 1549 chegaram ao Brasil seis jesuitas governados pelo Vice-Provincial Manoel da Nobrega, aportando á Bahia de todos os Santos em principios de Abril, e logo em pouco tempo, com ajuda de novos socios, tomaram posse das Capitanias do Espirito Sonto, Pernambuco, e Porto Seguro; quasi ao mesmo tempo chegaram ao Perú outros, mas, não sei porque singular acaso, seu estabelecimento nas possessões de Hespanha foi vagaroso, porque, sendo em 1553 desmembrada a Provincia de Portugal da do Brasil, pelo espantoso crescimento em que ia a Companhia nas terras de Vera Cruz, creava-se mais tarde e sem precisão a Provincia do Perú, e d'esta epocha até 1584 em que vamos eram mui poucos os lugares, onde tinham Collegios, ao passo que no Brasil em povoados difficilmente deixariam de encontrar-se estes corvos de agouro e descarada rapina; porêm de Roma olhava-se para o Mexico, o Chili, o Tucuman, com vista tão aguda e penetrante, como para o Rio de Janeiro e S. Vicente; pelas *Annuas* do Perú e da Bahia fazia-se hum mappa phantastico, designando-se, não os lugares, mas a possibilidade de hum estabelecimento jesuitico; então recommendava o Rei a seus governadores, mandava o Papa a seus bispos, ou ministros executivos das extravagancias muitas vezes intoleraveis da Curia, a Companhia a seus professos e filiados, e o mais ardente zelo e diligencia coroavam as machinações tenebrosas, que precediam quasi sempre os *arranjos jesuiticos*, porque se a Companhia era rica em *homens laboriosos* mesmo em principios de sua fundação, era mui pobre de dinheiro; e, fundar hum Collegio, transportar homens de hum lugar a outro por largas distancias, mantel-os e vestil-os, não era coisa facil, apesar dos officios, que muitos possuiam; assim quando a hum aceno de Roma distante se moviam de algum lugar para outro, lá iam encontrar quem os abrigasse, indo pôr por obra o traço de hum mestre, ou concluil-a, mestre, espião, sondador, velhaco refinado e astuto, que os precedia muitas vezes semanas, mezes, e até annos: Sancho de Stalla era no Tucuman o mestre. Poucos mezes de estada ao serviço do Bispo D. Francisco Victoria fôra tempo bastante para contrahir mil relações e conhecimentos com as pessoas mais abalisadas e nobres que frequentavam seu amo; entre estas, captivára a attenção particular de D. Jeronymo Luiz de Cabrera, que, sem ter residencia fixa no Tucuman, vivia na cidade muitos mezes, homem dos mais nobres e virtuosos, que pisaram as possessões hespanholas da America, fidalgo generoso, cheio de brio e valentia, condições que se não davam no abjecto secretario, mas que elle sabia fingir optimamente para assegurar-se da opinião de tão conceituado cavalleiro; a roupeta escura e estreita era-lhe embaraço para brandir a espada e vestir a cota, mas animo sobrava-lhe; em pontos de honra era tão estricto, que se duvidava de sua fé christã, de sua devoção, de seu zelo apostolico, para não deixar huma offensa sem castigo; mas em suas iras nunca o *golpe da graça* fôra levado á garganta do inimigo abatido, de sorte que Sancho de Stalla era na ponta da lingua mentirosa hum complexo de virtudes, e D. Jeronymo, fascinado pela arte diabolica do socio, fizera d'elle tal conceito, e tinha-o em tal conta, que os elogios que lhe prodigalisava seriam bastantes para estabelecer a reputação do enviado da Companhia para com todos; e o jesuita, sem despresar as vantagens que d'ahi lhe provinham, não perdoava occasião de firmal-a: porêm que reputação tinha Sancho de Stalla, que conceito se fazia d'elle?! Os pobres, que recebiam suas esmolas, bemdiziam sua liberalidade; para com os ricos era beato e piedoso, generoso e valente, sabio sem arrogancia, nobre e humilde, poderoso e terrivel, astuto, enredador, cruel, vingativo, era tudo, e tudo com effeito era! Sabio, grangeára a estima de D. Francisco Victoria, que o tomou ao seu serviço; valente, generoso e altivo, a deferencia de D. Jeronymo Luiz de Cabrera, que lhe communicou seus projectos, e o tratou como amigo; astuto, poderoso e terrivel, o medroso respeito, amisade fingida e profundo odio de D. João Ramirez de Velasco; em fim, cada huma de suas fingidas virtudes, cada hum de seus vicios representava huma pessoa, hum individuo, que tinha semelhante e correspondente em hum outro individuo, que o socio descobrira, enganára e prendêra á sua vontade na meada de seus tenebrosos projectos.

(Continua.)

Rio de Janeiro.

SANTA CRUZ DOS MILITARES.

O viajante que desembarca em qualquer porto de mar, póde no espaço de seis horas ter hum cabal conhecimento do estado de civilisação do povo que visita; póde mesmo, se proseguir suas indagações em regra, possuir hum perfeito esboço da historia do passado, e pelo presente calcular o futuro.

A primeira coisa que o viajante encara he o terreno em que pisa, os edificios que o circulam; e neste primeiro passo encontra já hum documento, que prova exuberantemente o estado do governo d'aquelle paiz, e a sorte e condição de seus subditos: se ha hum caes, se as calçadas são boas, o governo vigia e entretem a prosperidede material, e cura da felicidade de seus subditos; ha huma realidade de civilisação no pensamento que o domina e o rege, e hum signal de prosperidade incontestavel, pois que as pedras são mais difficeis de juntar, do que esses montões de palavras que borbotam muitos homens cuidando que os estados avultam com a repetição das doutrinas dos publicistas, com as utopias philosophicas desses baldados regeneradores do genero humano, que embaraçam o real e o possivel intercalando esperanças, que fazem soffrer huma geração inteira, sem nunca realisar o monumento do verdadeiro patriotismo, que he de pedra e cal.

As habitações dos particulares testemunham pela sua limpeza e elegancia a condição do proprietario e inquilino; o estado dos mercados o grão hygienico e da salubridade publica; e sem que o viajante tenha penetrado no interior das familias, pelo que encontra á venda, parece-lhe entrar no seu seio, sentar-se á meza, assistir a hum jantar ordinario, e colher alguns usos domesticos, que muito contribuem para a avaliação do estado moral da sociedade em geral d'aquella terra

O maior ou menor grão de urbanidade dos empregados publicos denota o regimen governamental do paiz; sua maior ou menor diligencia no expediente das partes, o estado da marcha do governo nos negocios publicos, e se á noite for ao theatro tem o viajante completado o quadro de seus estudos, isto he, tem elle as linhas principaes do todo, o aspecto geral do paiz em que se acha.

No theatro ha promiscuidade de todas as classes, he huma casa publica onde todos tem iguaes direitos, e huma arena onde se approvam e reprovam idéias com signaes estrondosos. Se o viajante ouve e vê applausos a hum cantor desafinado, sabe d'improviso que a massa geral inda não está educada para a musica, que inda não sente a perfeição da combinação dos sons, que as leis da harmonia e melodia ainda se não enclaustraram nos ouvidos da maior parte da sociedade.

Attento a todas as passagens applaudidas, regula perfeitamente pelo estado da plateia o estado geral do paiz.

As decorações ou scenario mostram o grão das bellas artes, sua maior ou menor intelligencia; e completa-se este estudo pelas relações e manifestações do publico na representação de huma tragedia ou comedia.

Nos seguintes dias o viajante continua suas pesquisas nas visitas dos monumentos, edificios publicos, e estabelecimentos de instrucção. Se os acha em perfeito estado, e sem hum caracter melancolico proprio á decadencia; se suas paredes e pavimentos denotam asseio e reparos frescos, se ha actividade nos empregados, se encontra vestigios de augmento, colhe hum testemunho irrefragavel da prosperidade intelectual e do zelo do seu governo para as nobres tendencias, para o progresso das luzes.

As visitas aos templos lhe mostrarão o estado moral da sociedade, porque todos bem sabem que a religião he o regulador d'este elemento primordial de ordem e felicidade.

A comparação dos templos, a sua maior ou menor pompa, o seu caracter architectonico são balisas seguras que o não deixam desviar hum momento da senda da verdade, e documentos que attestam as phases da civilisação, o progresso ou decadencia das artes, o estado da industria, a tabella das riquezes, e o maior ou menor enthusiasmo pelas idéias religiosas.

Se assiste a huma funcção publica, a hum dos sagrados mysterios da religião, ali encontra na maneira por que se comportam os fieis o estado religioso do dia, e pelo comportamento da mocidade o seu progresso para o futuro.

A mesma musica, o caracter artistico de sua composição lhe fornece hum documento indubitavel do grão de crença, do estado do materialismo ou espiritualismo! Porque huma musica sensual não póde ser acolhida por hum povo ascetico; porque ha entre as melodias e as idéias dos hymnos sagrados aquella ligação e harmonia, que existe nas obras da arte, a que chamamos caracter dominante, e que he sempre o denunciador do pensamento intimo que o produzio.

Einalmente não ha huma pedra posta pela mão do homem no centro de suas cidades que não exprima huma ideia, que não represente huma letra do alphabeto da civilisação: nada despreza hum viajante estudioso, que procura indagar e colher factos, porque os monumentos, a pedra e cal, são os documentos incontestaveis de sua historia, os factos mais reaes de sua civilisação, e os elementos seguros e duraveis de sua felicidade.

Algumas ideias temos lançado em varios tempos, em alguns jornaes da côrte, sobre o caracter architectonico dos templos d'esta capital, que completados foram por hum trabalho grave feito pelo Sr. Dutra e Mello, no qual este joven esthetico lançou mui valentes traços com sua imaginação fecunda, amparados por hum serio estudo da philosophia das artes.

Cabe-nos hoje a descripção da Igreja da Santa Cruz dos Militares, que pertence á epocha immediata á da architectura jesuitica, mas que se encosta mais ao estylo classico do que os outros templos onde a escola borrominica alardeou toda a pompa caprichosa de suas combinações grotescas, e que hoje fazem as delicias das borboletas parisienses; e que reconquistaria de novo o throno das artes se hum grande numero de abalisados mestres não se opozessem á torrente devastadora e inconstante da moda.

Propensa ao classicismo, a igreja da Cruz he o templo que possuimos de huma architectura mais regular: as linhas que entram na ordenação da fachada sem ter o peso das da candelaria; nem o recurvado dos fastigios do Carmo, de S. Francisco de Paula e de S. Pedro conservam huma agradavel harmonia em suas proporções; as areas são bem calculadas, os ornatos distribuidos com huma intelligente economia, e as proporções das ordens, seus perfis e ligação são bebidos nas obras dos mestres italianos do seculo atrasado, que pretendendo realisar a grande pelavra de Buonaroti quando creou o novo Capitolio, cahiram n'esses desvarios preconisados por Maderna e Bernini tendo em completo esquecimento as obras de Palladio, Bramante e Sansovino.

Se comparar-mos a fachada da igreja da Cruz com as modernas de S. José e do Sacramento veremos huma retrogradação harrosa nos modernos tempos, e o quanto a architectura perdeo n'estes dous edificios que parecem sahir da mesma fôrma bastarda e insignificante.

As obras do tempo da colonia tem hum caracter mais grandioso; havia mais gosto, ao menos ellas caminhavam com o tempo, e com as ideias artisticas dominantes; mas hoje que houve huma revolução completa, hum retrocesso as ideias classicas, hum apurado estudo da antiguidade, e no momento em que o mundo civilisado tinha reconhecido como huma verdade eterna que o preceito de Palladio que recomenda a simplicidade das linhas, a applicação da harmonia grega a todos os edificios, a esse consorcio da arte graphica profana com a sagrada, a esse caracter de solidez, a essa belleza de contornos, apparecem de pedra e cal esses templos construidos por habilissimos pedreiros e riscados por homens apenas possuidores de longiquas tradições, que sem serem borrominicos, nem gregos, são huma verdadeira monstruosidade sem gosto, e sem poesia.

Na igreja do Carmo ha dois portaes de hum trabalho esquisitissimo, e o que deita para o beco dos barbeiros he huma obra maravilhosa n'aquelle estylo: e impossivel será que o sinzel do esculptor possa talhar o marmore com maior morbidez e graça do que ali se acham. Estas duas portas seriam consideradas como dous monumentos perfeitissimos da arte borrominica em toda a sua pompa e em qualquer cidade da Europa.

No tempo do grande vice-rei Luiz de Vasconcellos houve hum genio entre nós chamado Valentim, hum desses homens extraordinarios, que por mimo da natureza appareceo no Brasil, e que continuando a desmentir o philosopho Paw, mostra ao mundo que os filhos da America tambem partilham a centelha celeste, e que não são huma planta exotica no meio do deserto, pois que José de Oliveira, Raimundo, Manso e José Mauricio viram todos o sol da america quando abriram seos olhos na terra.

Valentim elevou a arte borrominica a hum ponto tal, que rivalisa com as maravilhas de Versailles e da Capella Real de Dresda. Se em suas habeis mãos cahissem as riquissimas materias que aos mestres europeos entregaram esses dois Principes creadores, teriamos que ostentar por longos annos as creações de hum genio poderoso, de hum homem eminentemente grande na invenção e execução.

José de Oliveira he o Pozzo brasileiro: o tecto da Igreja de S. Francisco da Penitencia he huma obra de mestre, onde as regras da perspectiva se acham desenvolvidas em toda a sua magia.

Manso, o fabricante de porcelana, de lindissimos camapheos, era huma grande realidade em qualquer nação civilisada, e digno de ser honrado pela posteridade.

José Mauricio foi hum homem que naseeo como o Dante em huma epocha barbara para a musica, e que creando-se a si mesmo se elevou ao maior

grão que he possivel a hum filho da America que não atravessou o oceano athlantico.

Em breve voltaremos a este grande mestre da arte musical, que em 1812 foi condecorado pela propria mão do Senhor D. João 6.º, já que os dignos redactores e editores do *Ostensor Brasileiro* se dignaram nos admittir em seu gremio illustrado e patriotico.

A raça dos homens de engenho não esta extincta; debaixo de hum manto modesto ha ahi homens de hum vulto consideravel nas sciencias, homens que honrariam qualquer Academia da Europa; mas falta a estes homens huma epocha organica, huma congregação real d'esses elementos dispersos por ideias individuaes, que se se unissem, em hum só dia fariam o Brasil multiplicar o tempo, cobrar a divida da civilisação que lhe compete, e ser em nossos dias o que ha de ser d'aqui a cem annos.

He necessario que os filhos da liberdade se façam amar, que se façam respeitar adereçando hum ornato que ennobreça a mãi commum; e esta nossa mãi commum he a terra em que nascemos; e todo aquelle filho a quem a Providencia Divina collocou em huma posição elevada he obrigado a brindar com huma nova louçania o gremio maternal, e esta louçania deve ser arrancada do seio da mesma terra — huma instituição — hum monumento.

Dos Vices-Reis temos saudosa memoria; do Reinado nada ficou de grande senão essas franquias que a necessidade, as circunstancias do seculo de Napoleão obrigaram a fazer: os tres grandes homens de coração americano, o Conde da Barca, Conde de Linhares e Visconde de Villa Nova plantaram algumas raizes civilisadoras, e intentaram huma valente reacção contra o materialismo do trafico, mas podiam ter feito mais, porque o governo absoluto he a alavanca a mais poderosa para impelir a marcha de qualquer elemento civilisador, ha n'elle a rapidez de huma especie de *fiat*, porque decreta-se, e executa-se immediatamente.

Não havia franqueza; o systema diplomatico de protelação, essa viagem de El-Rei preparada todos os annos, esse engano á metropole faziam cessar o desenvolvimento material, porque logo que hum governo, hum povo abre o seio da terra, desmorona as montanhas, prepara argamaças, trabalha a picareta, mede espaços, debucha formas e eleva aos céos cornijas e fastigios, ha huma demonstração evidente de crença no futuro, hum signal de estabilidade vital, de paz e de amor ao progresso.

A epocha do Imperio foi toda huma epocha critica! O Grande Principe que colheo louros nos dois mundos não poude resistir aos delirios de nossas paixões; vingou-se de seus detractores deixando-nos em orphandade, entregou-nos a nós mesmos! A rapidez com que se reconstruio o Theatro de S. Pedro, e o abandono em que está o dique da Ilha das Cobras são provas incontestaveis de sua grande actividade.

Depois de passados os primeiros e graves periodos da menoridade, veio hum Ministro que intentou abrir huma epocha organica: começou-se a Casa de Correcção, fez-se hum mercado, hum caes na Praia dos Mineiros.... mas a luta recomeçou, e o Regente Feijó nada fez.

Na epocha do segundo Regente o Sr. Visconde de Olinda creou-se hum monumento digno de hum paiz civilisado, —o Collegio de Pedro 2.º—; mas as pedras já se achavam no seu lugar; a gloria real está na applicação de hum edificio de caridade a hum monumento da intelligencia.

Veio a Maioridade e com ella a esperança de huma epocha organica.

S. M. I. creou o hospicio para os alienados, o Anjo Custodio; e esse homem de huma extraordinaria actividade, de hum patriotismo real, o Sr. Conselheiro e Senador Clemente Pereira, tem dado á geração presente o maior exemplo que he possivel de que todas as epochas são proprias para grandes obras. Com pasmo dos estranhos e nacionaes, se elevam dois soberbos monumentos de utilidade publica, de felicidade humana, de consolação à desgraça; e as Bellas Artes, talhando o granito e o marmore, modelam columnas e estatuas para encherem de gloria o reinado do Senhor D. PEDRO 2.º

Mas no meio d'esta revista triumphal, d'estes sonhos embalsamados pela esperança e pelo patriotismo, vemos os Senhores Principes de Joinville e d'Aquila desembarcarem n'huma escada de páo, n'hum muro esboroado pela ressaca, e os restos do esqueleto d'essa bella muralha de Vasconcellos servindo de assento aos ociosos e marinheiros, e, como hum corpo estranho, huma ruina no meio da praça mais nobre da Capital.

N'este nosso enthusiasmo pelas obras de pedra e cal estamos bem longe de applaudir as scenas do antigo e moderno Egypto, e de sanccionarmos a destruição de milhares de individuos, a anniquilação de hum povo inteiro para o fausto de hum homem. — Todos os monumentos baseados em esqueletos e argamaçados com lagrimas se convertem em cenotaphios ou mausoleos d'aquelles que os elevaram. Queremos que na urna eleitoral

haja tambem hum premio para a patria: temos tanto que fazer e de primeira necessidade, que he tempo de começarmos. Triste gloria, se he gloria, será sempre a da geração que deixa o pesado legado de tudo fazer á outra que a succede, sem ao menos preparar-lhe os elementos necessarios para a execução das obras civilisadoras.

Huma lei preventiva que tendia a embaraçar os progressos da colonia, ordenava que todo o vassallo portuguez que possuisse mais de huma fortuna mediocre fosse reenviado para a metropole, fez com que o Rio de Janeiro ficasse a *cidade das tres portinhas*, porque os homens que para aqui vinham pobres, se casavam e aclimatavam-se, receando perderem os gosos de que estavam de posse, suas relações, bem estar, e esperanças afortunadas, se viam na dura necessidade de comprarem tres braças de terra, e fabricarem huma casinha com modesto aspecto para não serem incommodados, nem manifestarem pelo externo de suas habitações o quantitativo relativo de suas posses. Os Vices-Reis, moderando este pensamento dictado por huma politica mesquinha, evitaram maiores estragos do que poderiam haver se executassem á letra huma lei decretada pela miopia de hum governo que precipitava, e precipitou a nação portugueza a esse gráo de decadencia que apresentou no governo do Sr. D. Miguel. Felizmente a raça dos Gamas e Albuquerques, dos Vieiras e Pintos não estava extincta; e atravessando as forcas, os carceres, os exilios e os combates, apparece hoje remoçada e generosa á face do mundo. O Portugal antigo era como Napoleão, tinha o unico defeito de ser pequeno somente nas dimensões materiaes.

Temos philosophado hum tanto sobre as obras da arte, temos a vôo de passaro percorrido alguns lustros da historia, encarando hum só elemento de civilisação, e nos afastado do escopo prometido no titulo d'este artigo que he a historia da Igreja da Santa Cruz dos Militares, e he tempo de cumprirmos o promettido.

No dia 1.º de Setembro de 1780 se poz a primeira pedra da Igreja da Cruz dos Militares sobre as ruinas da Capella de Santa Cruz e S. Pedro Gonsalves, no lugar do antigo fortim de Santa Cruz, companheiro de outros que guarneciam as praias d'esta Cidade, e dos quaes ainda se veem vestigios no armazem de madeiras do Sr. Diogo Manoel de Faria, no Largo de Moura.

Vinte e hum annos depois, o Principe Regente assistio á primeira Missa solemne no dia 28 de Outubro de 1811. Monsenhor Pizarro, em huma nota a pag. 237 do vol. 2.º das suas estimaveis memorias, diz o seguinte, que copiaremos fielmente, sobre o lugar da actual Igreja.

« N'esse lugar houve hum forte com a invocação de Santa Cruz, que por Ordem Regia se erigio para defensa da Cidade: mas, destruido pelo mar, e entupido, apenas d'elle appareciam alguns vestigios em tempos posteriores. Querendo os Governadores, que não obstante a demolição d'esse edificio, se perpetuasse a sua memoria, pela veneração da Santa Cruz, fizeram levantar ahi hum Templo sob o mesmo titulo, á sua custa, e dos Officiaes de Guerra, e lhe pozeram hum Capellão effectivo. Para que se conservasse o novo Templo com asseio, e bom trato, foi então instituida huma Irmandade da mesma invocação de Santa Cruz, composta só de individuos militares: e porque a esta Corporação faltava o fundo sufficiente para sustentar a despeza dos paramentos, e da Fabrica, largou metade do Templo, e das terras que o mar ia deixando na testada, á Irmandade de S. Pedro Gonçalves, fazendo huma concordata em que ambas se obrigaram a assistir com o necessario para a mesma Igreja, junto á qual se projectou tambem o eregimento de hum Cemiterio para os Soldados. Com o fim de se edificar ahi esse Templo concedeo a Camara o terreno ás duas Irmandades referidas; e o Governador Francisco de Tavora augmentou-o, concedendo-lhes mais o que se comprehende desde a rua Direita até o mar, tanto para a Igreja, como para se edificar hum hospital, em beneficio dos Soldados, e outras obras, por Sesmaria de 12 de Fevereiro de 1716, que a Carta Regia de 3 de Outubro de 1720 (ou de 1722, como diz o Registro d'ella no Liv. 21, fl. 135 v. do Reg. Ger. da Provedoria) confirmou a titulo de esmola. Consta o referido dos documentos citados, que o Governador Ayres de Saldanha de Albuquerque mandou cumprir por despacho de 8 de Setembro de 1723, e se registraram tambem no Liv. de Sesmarias e Provisões Regias, fl. 98 v., da Secretaria do Governo. »

A igreja da Cruz é hum monumento que encerra graves reminiscencias tal qual se acha; e no seu mesmo lugar, na antiga capella de que já fallamos esteve collocada a Sé de S. Sebastião: serias contendas, direitos allegados pelos irmãos de S. Pedro Gonsalves, que tinham edificado a antiga igreja, fizeram com que o governo a restituisse á confraria, passando em 1737 a Sé para a igreja de Nossa Senhora do Rozario, dos pretos, onde foi recebido o primeiro Soberano que veio a America.

Não sabemos a quem o provedor da ordem dos militares, o coronel de artilheria José da Silva

Santos; encomendára o risco, mas unicamente ao certo que a obra da talha, e as estatuas esternas são da mão do insigne Valentim.

O alpendre dorico da sua fachada he huma obra bem acabada; a mistura do granito e do marmore he feita com intelligencia e gosto, e os ornatos externos, de escola borrominica são muito bem acabados, principalmente os da porta principal.

No interior da igreja se acha toda o pompa e magnificencia do genio de Valentim: o mesmo cinzel da capella mór de S. Francisco de Paula. O partido tomado na distribuição das linhas geraes he felicissimo, principalmente os das portas lateraes depois da tribuna do coro, que são ornadas e distribuidas com muito gosto.

Grande profusão, variedade, energia de composição são os caracteres que destinguem as obras de Valentim. Em S. Francisco de Paula ha hum contraste sensivel entre os ultimos altares e a talha primitiva: tudo nelles he mesquinho. O perimetro, ou linhas geraes não se harmonisa com as linhas do corpo da igreja, e o caracter da esculptura já não tem a pureza borrominica da que se vê na capella mór.

A desgraçada mania de caiar as igrejas ou de dourar até os muros tem sido a causa de não haver hum maior desenvolvimento nas artes; e hoje ha huma completa proscripção de pintura nos templos; e pouco tardará que não venha hum maniaco da cal mandar cobrir o tecto da Ordem Terceira de S. Francisco, como se cobrio o da casa d'armas da Conceição, onde José de Oliveira tinha dado vôos sublimes á sua facundia.

A Igreja da Cruz he notavel nos nossos dias por esse facto horroroso praticado por hum borrador contra a Imagem de Jesus Christo!

A Providencia compassiva mandou hum milagre para este povo, ella quiz despertar o scepticismo geral, por hum d'esses rasgos de sua infinita bondade. O povo continua na mesma marcha, e quem sabe se atraz d'este relampago do céo não virá hum raio destruidor que encha as sepulturas de todos esses incredulos, que então nas vascas da morte, e já mui tarde, pretenderão em vão abraçar-se com aquelle que mudou a face do mundo, creou huma nova civilisação quando do alto do Golgotha, em cima da cruz, desprendeo de seus divinos labios o ultimo suspiro.

A Instituição da Ordem dos Militares, na Igreja da Santa Cruz, he huma confraria de caridade que merece todos os respeitos. A caixa da Irmandade isenta da desgraça e da miseria hum numero immenso de viuvas e filhas de militares. Ao zelo e actividade de seus directores, e principalmente do actual Provedor o Exm. Sr. Marechal Paula Vasconcellos, deve a ordem a posse de suas riquezas, a construcção de nobres propriedades na rua da Praia do Peixe, e os reparos e magnificencia do edificio.

A Igreja da Cruz, situada na rua Direita, no quarteirão mais nobre e movediço da cidade, será por longo tempo hum ornato d'esta cidade, e hum testemunho de que os homens do seculo passado tinham mais gosto para as artes do que os do seculo actual. Com raras excepções, tudo o que fazemos hoje he destituido de grandeza e de poesia.

M. de A. Porto Alegre.

Hum Trovador á sua Amada, no dia dos annos d'Ella.

ELLA!!!

Ella! e só ella! e sempre! e sempre he ella!
De minha alma immutavel pensamento!
Da grata Natureza imagem bella,
Que em si resume o quanto de belleza
A mão do Creador
Poderosa espalhou na redondeza!
E dos vergeis de Amor
De ardentes Euros triumphante palma!

Ella! e só ella! Encanto de minha alma!
D'estremecidos, candidos amores
Tão feiticeira, carinhosa imagem!
Ella! e só ella! E sempre, em meus ardores,
Do Zephyro de Amor suave aragem!
Seductor pensamento de hum futuro!
E ao meu coração
D'esperança feliz orvalho puro!

Sim, que em teus negros cabellos
Tão delicados, tão finos,
Meus amores, e meus zelos
Prenderam-se, e meus destinos,

Sim, que em teus olhos tão vivos
Me fallava hum terno ardor;
Tu os querias esquivos,
Porêm te trahia Amor.

Sim, que em tua boca airosa,
Aonde habita a decencia,
Só fallava descuidosa
A descuidada Innocencia!

Sim, que em teu rosto mimoso,
Com meiga serenidade,
Se occultava magestoso
O poder da Divindade!

Porêm teus negros cabellos,
Cujos laços eu tolero...
Dirão talvez: « Não são bellos... »
Não serão; mas eu os quero!

Teus olhos são boliçosos,
No seu fogo eu me devoro...
Dirão que não são formosos,
Mas que importa... eu os adoro!

A tua boca corada
Dirão, talvez: « Não he bella... »
Mas meus fados, minha Amada,
Pendem só dos risos d'ella!

Teu rosto, que obriga a amar,
Não he lindo em traços seus?
Mas quem não ha de adorar
N'esse rosto a mão de hum Deus?!

Fulgurante, formoso, e prazenteiro
O Sol esclarecia
O aureo dorso do feliz Cordeiro:
Ahi brilhava hum astro luminoso
Que placido, que bello, e que formoso
Era dos céos hum nitido ornamento!
Deos o amava, e mandou-lhe (hora divina!)
Lá dos céos presidir meu nascimento!
O Anjo santo de ficis amores
Lá nos Hortos dos céos colheo ridente
Immarcesciveis flores,
Que o mystico perfume redolente
He do Senhor hum halito divino!
E estas flores dos céos, d'alto destino,
Foi rapido esparzir, n'esse momento,
O Anjo dos amores sobre o astro
Que ia então presidir meu nascimento!
« Elle (cantava o Anjo, e assim dizia:)
« Elle amará teus dons, alma Belleza! »
Em suave harmonia:
« Assim seja. » Tornava a Natureza!
Após o Anjo da immortal Poesia
N'hum som puro, e divino
Cantou á Deos hum hymno.
E terminou: « Em ti hum dom se encerra,
« Vai ser vate, cantar vai sobre a terra! »

Junto de minha estrella rutilante,
Do meu natal no dia,
Anjo de amor, ó Anjo da Poesia,
Vós me fadastes, vós... Poeta, e Amante!
Eis, das flores de Amor,
Dos hymnos da Poesia
O Supremo Senhor
O santo sacrificio recebia!
Deos vio, e Deos ouvio, e Deos sorrio-se!
Lançando os olhos sobre a Estrella minha...
Que grande pensamento em si continha!

E nasci. Minha Estrella magestosa
Ficou nos céos luzindo,
Brilhando, em tanta luz tão luminosa!
Após de meu natal correm dois lustros
E eu quero ensaiar suaves hymnos,
Mas sahiam da lyra
Sem amor, sem affectos, sem destinos!
Eram só vagos sons de lyra incerta,
Que as cordas não afina
Amor, nem as acerta!

De meu terceiro lustro o fim cahia,
Da Virgem p'ra Balança o Sol corria.
Era hum dia feliz, bello, e sereno!
E eu a vez primeira
Ouvia a voz fagueira
Do Anjo da Poesia doce, e ameno.
Eu na lyra cantava
Meu Fado, e minha Estrella;
Minha voz era clara, e grata, e bella,
E d'esta sorte hum hymno eu modulava:

« A minha Estrella
Deo-me huma lyra,
Para que eu fira
Cordas de Amor.

O' minha Estrella,
Eu te bem digo,
Deste-me amigo
Anjo de Amor.

A minha Estrella
Me deo hum peito
Terno, e affeito
Ao doce Amor.

O' minha Estrella,
Como hes divina!
Em minha sina
Me deste Amor! »

Hora feliz de Amor! Hora divina,
A hora em que eu cantava a minha Estrella!
Hora feliz de Amor! Hora tão bella,
Tu foste obra de hum Deos! Huma Menina
N'esse instante de Amor baixava ao mundo!
Mas já no céo jucundo
Minha lucida Estrella não brilhava...
Meu Fado se nublava!
Minha alma em tanta dor, tanta agonia
Em vão nos céos buscava a sua Estrella,
Em vão, que não luzia!

Passam-se tempos de soffrer extremo,

Em que o Estro do Amor todo se estraga
Em vagos cantos, melodia vaga!
E Vulupia roubando ao céo supremo
Os encantos de Amor... ah! tanto... e tanto...
Como Amor me illudio com falso encanto!
Seis lustros são passados... eis que vejo
Huma flor?... Não: hum Anjo... huma menina!
Hora feliz de Amor! Hora divina!
Porque me abraso em candido desejo?
Serás tu minha irmã? Oh maravilha!
Serás tu minha filha?
Nem filha, e nem irmã!
E's gentil, és louçã!
E's mesmo o que eu não sei... sei que és formosa!
Mas que val? como tu eu vejo a rosa!
Mas eu não amo a rosa, e por ti sinto
Quanto não sei dizer, quanto não pinto!
Minha lyra espontanea
Verte de brando Amor mil sons divinos,
Celestes cantos, grata melodia!
Minha alma adorme em magica alegria!
Eu sinto na minha alma
Indeffinivel, candida doçura!
Ineffavel, angelica harmonia
D'almos Amores! Languida ternura!
Suave suspirar da Natureza
N'hum amoroso culto
A' candida Belleza!
D'alma do vate extrema sympathia!
Pensamento feliz ao Estro amante
Em que arde enamorada Poesia!
E porque sinto assim? Não te conheço...
Não sei qual he teu preço!
Mas tu meu pensamento eras de dia,
E meus sonhos da noite!
Tu 'stavas na minha alma, e eu dormia!...
Ornando a fronte de virgineas flores
N'hum sonho eu vejo o Anjo dos Amores.
Por sua linda mão te conduzia
Para junto de mim, e assim dizia:
« De Deos adora a summa maravilha!
Já nos altos dos céos
Tua Estrella feliz, vate, não brilha!
Nem, como astro, nos céos agora existe!
Deos, que póde o que quer,
O transformou n'huma alma,
E anima huma mulher!
No dia em que cantavas tua Estrella
Nasceo essa mulher tão meiga, e bella!
Vive p'ra ella, á ella unicamente
Que seja a tua lyra consagrada.
Ahi tens a tua Estrella, a tua Amada.
E em honra d'este dia
Que he seu, canta na lyra
De Amor hum hymno em santa melodia. »
Disse; e no peito encerra a voz divina!
E eu te abraço, e beijo
Inda sonhando, ó candida Clorina!

Queres tu que eu seja teu?
Queres tu ser minha bella?
Pois si tu és minha Estrella
Todo teu fulgor he meu!

Virás tu, nuncio divino,
Tornar minha vida bella?
Pois si tu és minha Estrella
Te pertence o meu destino!

Para ti quero eu viver,
Só tu és minha querida,
E's meu bem, és minha vida,
E's metade de meu ser!

Quem te disse que eras bella?
Que em meu amor me devoro?
Quem te disse que eu te adoro?
Eu te adoro... mas cautela!...

Ella! e só ella! e sempre! e sempre he ella!
Ligado ao teu destino
O meu destino existe, ó minha Bella!
Estrella, á quem minha alma tanto adora
Mandada por hum Deos
Tu luzias nos céos na minha aurora!
Estrella, que és meu doce pensamento,
Por feliz Dom do Céo tu presidiste
Dos Céos meu nascimento!
Si fulguras de amor em doce calma
Tu reflectes teus raios luminosos
Nos seios de minha alma!
E meus amores fulgem mais ditosos!
Si offuscas teu supremo brilhantismo
Minha alma obscurecida
Geme de negra dor em fundo abysmo!
Estrella de minha alma! Astro divino,
Teus raios são a luz de meu destino!

Ella! e só ella! e sempre! e sempre he ella!
Engraçada! formosa! e meiga! e bella!

Fulgura, Estrella de Amor,
Em amante, em doce calma;
Meu coração esclarece,
Fira teu brilho a minha alma!

Brilha no céo amoroso
De huma tão terna paixão,
De lá diffunde teus raios
Dentro do meu coração.

Tuas faces, tua boca
São de Amor flores fragrantes,
Ah! deixa que ellas perfumem
Aos meus suspiros amantes!

Vives de meus ternos hymnos,
Eu dos teus ternos fulgores...
Ah! que o mundo não comprehenda
Os nossos santos amores!

Assim ave quando poisa,
Entre flores, no seu ninho,
Defronte trina seus hymnos
Seu amante passarinho!

Fulgura, Estrella de Amor,
Em amante, em doce calma;
Meu coração esclarece,
Fira teu brilho a minha alma!

Não de gemmas preciosas
De fina prata, ou de ouro,
Se guarda em meu coração
Hum desvelado thesouro!

Santas Virtudes, velai-o
Com fiel perseverança;
Velai-o todos os dias,
Não o percais da lembrança!

Longe, bem longe o vigia
Estremecido Ciume,
Mas Ciume de poeta,
Que no poeta he costume!

Mas de poeta o orgulho,
N'huma tranquilla bonança,
Este thesouro abraçando
Expelle a desconfiança!

Amor, de si todo ufano,
Em deleitosa effusão,
Está velando por elle
Dentro de meu coração!

Este Amor, que bem comprehende
Da vida as vicissitudes,
Postou-lhe por sentinellas
As mais sublimes Virtudes!

Santas Virtudes, velai-o
Com fiel perseverança,
Velai-o todos os dias,
Não o percais da lembrança!

He do Céo dadiva augusta,
He hum presente de Amor;
Santas Virtudes, guardai-o
Só para seu amador!

Sabe-lhe o Céo seu valor,
Sabe Amor o apreciar;
E meu terno coração
Sabe quanto o deve amar!

Santas Virtudes, velai-o,
Velai-o, santos Amores...
E dissipai de minha alma
Desconfiados tremores!

Este presente de Amor,
Esta dadiva divina,
Este thesouro sagrado
He minha doce Clorina!

No eterno Livro do Fado
Grave Amor de nós tal sina:
— Clorina he toda de Alpheo,
Alpheo todo he de Clorina —.

Teixeira e Sousa.

O tempo será o mestre d'aquelle que não tem mestre.

Aquelle que não comprehende hum olhar, não comprehenderá melhor huma longa explicação.

Os vestidos de emprestimo não conservam o calor.

A mãi de hum homem assassinado dorme; mas a mãi de hum assassino não dorme nunca.

Os melhores companheiros nas horas vagas são os bons livros

As provisões soffrem quando o gato e o rato vivem em boa intelligencia.

Quando fordes bigorna, tende paciencia; quando fordes martelo, batei forte e justo.

A embriaguez da mocidade he mais forte que a embriaguez do vinho.

As sciencias são fechaduras de que o estudo he a chave.

Quando pronunciardes huma palavra, esta reinará sobre vós; mas se a não pronunciardes, sereis vós que reinareis sobre ella.

Quando os negocios vos embaraçarem em seu principio, tomai-os pelo fim.

Na pag. 239 do n.º antecedente, segunda columna, linha premeira, onde se lê — *Dectelum* — lea-se — *Decretum*.

DA INDEPENDENCIA POLITICA E SOCIAL DAS MULHERES,

NOS TEMPOS ANTIGOS E MODERNOS;

De sua educação, e de algumas obras mais recentes a este respeito, escriptas por mulheres.

I.

Os reformadores dos ultimos tempos e de todos os paizes tem deplorado a situação das mulheres, victimas de nossas leis, expostas a todos os ultrages, e calcadas aos pés por huma civilisação barbara. Infelizmente já se não contentam de reclamar para o sexo fraco huma parte igual nos direitos e deveres da sociedade actual. Pretendem levar-nos a huma idade de ouro fabulosa, quebrar as cadeas que o estado de casado impõe á liberdade dos sexos, abolir os contractos facticios que escravisam ao outro hum dos dois, e sobretudo esse dever rigido de castidade, de que o christianismo fez huma lei para toda a vida. O bello ideal da mulher, tal como o concebem esses philosophos, já não existe nas sociedades civilisadas. He preciso remontar ás epochas primitivas para achar o desenvolvimento livre (assim se exprimem esses senhores) da alma e da vontade femininas. Para melhor comprehender sua theoria, e ver o resultado a que nos conduzem os reformadores, taes como Roberto Owen, por exemplo, e os partidistas da mulher livre, estudemos ao menos os tempos passados e primitivos; saibamos até que ponto he verdade que o christianismo tenha comprimido as faculdades nativas da mulher, e deteriorado a sua sorte; busquemos nos tempos heroicos a mulher senhora de si mesma, e no goso de toda a sua força.

Foi-nos conservado por Homero hum quadro completo d'esses primeiros tempos, e he facilimo consultal-o a semelhante respeito. Nós a isso convidamos, especialmente aquellas senhoras, em comparação das quaes a Philaminta de Moliére he apenas aprendiz.

O poeta representa as mulheres gregas contemporaneas da guerra de Troia, como bellas, dedicadas e energicas, mas como inteiramente escravisadas ás vontades e caprichos do homem. Nada mais natural, pois eram ellas as mais fracas. Diga o que quizer João Jacques Rousseau, as sociedades começam em toda a parte pelo dominio da força. Primeiras escravas domesticas, encarregadas de todos os cuidados domesticos, estranhas á ambição e aos desejos, e algumas vezes mesmo aos prazeres de seus senhores, as princezas d'esses tempos não se elevavam de maneira alguma a cima das funcções que desempenha a criada do plebeu, e a governante das familias ricas. A princeza Nausica sobe a hum carro tirado por bois, e, de pés descalços, rodeada de escravos inferiores, conduzindo ella mesma os animaes, vai lavar a sua roupa a huma fonte, precisamente como huma joven lavadeira escosseza a quem sua ama confia o cuidado da barrela. Penelope, tão celebre na antiguidade por sua fidelidade conjugal, e por sua excellente manutenção dos interesses domesticos, occupa-se nos cantos XII e XIII da Odyssea em concertar meias e fiar na roca. Estudando em Homero as occupações e a situação da mulher grega, lembra involuntariamente o proverbio hespanhol que os Andaluzes repetem a suas filhas, como a definição abreviada do casamento: « Fiar, parir e chorar. » A mesma Andromaca parece reduzida por seu marido ao officio de moço d'estribaria. Este heroe, antes de partir, dá ordens a toda a sua casa; e eis as palavras com que elle anima seus cavallos: « Tu, Xantus, tu, Podargos, e vós, Aithon e Lampos, he chegado o momento de vos mostrardes rapidos e corajosos; he chegado o momento de indemnisar vosso amo das attenções com que vos trata; bem sabeis que he Andromaca, filha de Etion, *quem vos dá o trigo molhado em vinho!* » Mesmo n'esta condição inferior e miseravel, os sentimentos de mãi e a belleza divina das relações estabelecidas por Deos entre o filho e aquella que lhe deo a vida, conservavam-se e brilhavam aos olhos do poeta, que as reproduzio n'esta passagem conhecida de todo o mundo: « O illustre Heitor, no momento de partir estendeo os braços para pegar em seu filho e beijal-o, porêm este, gritando, tornou a deitar-se no collo de sua mãi, assustado da terrivel cimeira, cujas crinas fluctuavam, e do bronze resplandescente que se agitava por cima d'elle. » Pois bem! apenas acabou Homero de esboçar este delicioso quadro, mostra-nos Heitor mandando Andromaca para o seu trabalho, e despedindo-a de maneira brevissima. « Ide para casa, fiai lá, tecei linho, e trabalhai. »

As instituições gregas, seguindo o seu natural desenvolvimento, não melhoraram a condição da mulher legitima; ella devia crear lindos meninos, amamental-os, e cuidar nos arranjos domesticos. Estimada segundo o desempenho mais ou menos exacto de seus deveres, devia ser como hum bom criado ou hum bom cavallo, robusto, destro e fiel; não se exigia mais d'ella. Além d'isso desconfiavam da mulher como sempre se desconfia

das pessoas a quem se despreza. Hum artigo das leis de Solon estabelece a quantidade de vestidos que huma mulher casada póde possuir; e, como esta poderia roubar a seu marido, as mesmas leis garantem por meio de diversas restricções a propriedade do esposo. Cumpre ler em Aristhophanes quanto receiavam os legisladores confiar ás matronas a chave de suas adegas, das quaes parece que ellas abusavam algumas vezes. Em quanto a mãi de familia, ainda que joven e bella, soffria o jugo vergonhoso de semelhante legislação, a Grecia, apaixonada da sensualidade, consagrava fóra do hymeneo huma outra instituição, que fazia da mulher hum instrumento de prazer. As hectarias, prostitutas muito estimadas, gosavam de todos os privilegios, e cultivavam todos os talentos, a que a matrona não podia aspirar. Eralhes permittido cantar, dançar, estudar, receber em sua casa e admittir a esplendidos banquetes, como Ninon de Lenclos, os homens celebres e influentes. D'este modo o paganismo grego tinha, por assim dizer, desmanchado as graças e as virtudes da mulher que só o christianismo reunio. Aspasia, cuja virtude facil e talento superior constituiram huma especie de symbolo, possuia hum verdadeiro throno, e rodeava-se de hum esplendor, que a matrona atheniense nem podia conquistar nem esperar. Para esta ultima, a obscuridade, a paciencia e o silencio, eram, não sómente huma necessidade, mas a unica virtude que a sociedade d'ella exigia.

« Mulheres athenienses, dizia Pericles, recitando a oração funebre dos cidadãos mortos durante a guerra do Peloponeso, calai-vos, não choreis, não sejais peiores do que vos fez a natureza. Lembrai-vos que o retiro he o vosso dever, e que a vossa maior honra consiste em não dar nunca occasião a fallar-se de vós, fóra de vossas casas. »

Demosthenes, cuja eloquencia jámais emprega a circumlocução, e que exprime todas as coisas com a mais energica evidencia, diz, em termos clarissimos: « Nossas mulheres servem-nos para ter formosas crianças que são nossas, e para guardar com fidelidade nossas casas; porém as prostitutas são essenciaes para os nossos prazeres. »

As instituições de Sparta, cuja exageração levou até o ascetismo o principio republicano das sociedades gregas, fizeram da mulher hum ente ainda mais singular e depravado. N'esse tempo, hum Lacedemonio passava sua mulher ao seu visinho, que a transmittia a hum outro, sem escrupulo nem ceremonia. Nada mais commum do que ver dois cidadãos fazerem esta troca conjugal. O primeiro principio de educação para huma joven Spartana consistia em mostrar seus membros nús, na praça publica ou na arena, de maneira que podesse mostrar com evidencia o seu valor mercantil ou social, como hum cavallo de raça que se exercita em presença dos compradores, para provar que não tem vicio redhibitorio.

He curioso ouvir a este respeito o abbade Barthelemy, quando, como verdadeiro sacerdote do decimo oitavo seculo, encobre com seu estylo florido esses costumes extravagantes: « No gymnasio, as moças despidas de seus vestidos, e ornadas com a sua virtude, disputavam o premio dos exercicios aos rapazes seus emulos. »

Platão, em seu systema de republica imaginaria, adopta completamente este costume primitivo e economico, que attribue a suas proprias filhas « despidas igualmente de seus vestidos, e ornadas com a sua virtude. »

Os habitantes d'essa singular communidade, denominada Sparta, não tinham mais compaixão da infancia, do que respeito ao pudor publico. Todas as crianças doentias eram lançadas em huma cova, onde morriam de fome ou de frio; e as robustas e vigorosas, recolhidas e creadas á custa do estado.

Ignoro se a mulher romana, objecto de tantos panegyricos, póde gabar-se de grande superioridade sobre a de Athenas ou de Sparta.

Qualquer que fosse a especie de dignidade com que o orgulho romano a dotasse em apparencia, a facilidade do divorcio não lhe assegurava em realidade senão huma posição incerta e miseravel, sempre sugeita aos caprichos de seu senhor. Cicero, depois de trinta annos de consorcio venturoso, poz sua mulher no meio da rua; e Pompeo, querendo casar-se com a mulher de outro, despedio a sua.

Nos ultimos tempos da republica as mulheres abusaram por seu turno de huma liberdade de que se fizera máu uso contra ellas. O satyrico Marcial queixava-se de que estas mudanças de propriedade, sem cessar renovadas, equivaliam á promiscuidade dos sexos; « Já são dez vezes, diz elle em hum de seus epigrammas, que Telesina se casa, em doze mezes ou pouco menos. Mudar tantas vezes de marido, he o mesmo que não o ter. Antes quero o adulterio simples. »

Não pretendo que as mulheres, quer n'esta epocha, quer em todas as mais, tenham deixado de mostrar alguma virtude, alguma grandeza, alguma delideza: as mesmas escravas nem sempre são aviltadas, graças aos recursos da alma e á sua natural energia. Os annaes romanos contam hum Spartacus, huma Paulina, mulher de Seneca, e



Cidade d'Angra dos Reis, tomada do morro de S. Bento.

huma Octavia, mulher de Antonio. Porêm as instituições bellicas de Roma, de Sparta e de Athenas, outorgando premios á força e não á belleza moral, não consagram nem a caridade, nem a castidade, nem a pureza, como as principaes virtudes, antes depravaram rebaixando-a, a mulher, que só o christianismo restituio á sua dignidade, á sua nobreza e aos seus deveres. Quando Roma, perdida pelo luxo, caminhava para a sua decadencia, vio-se as matronas romanas, perdendo até as virtudes domesticas de suas mãis, ostentar huma crueldade, huma violencia, hum ardor sensual, huma ambição desenfreada, e hum desprezo horrivel do sangue humano. Não havia, nem patria, nem familia, nem cuidados domesticos. Ellas indicavam com o dedo coberto de ouro e de pedras preciosas o lugar que devia ferir o gladiador, e todos os vicios do homem, tornados o premio de seu galanteio ou de seu capricho, compunham esse detestavel e sanguinoso phenomeno, de que Marcial, Juvenal e Tacito conservaram a recordação. *(Rev. Britan.)*

(Continúa.)

Rio de Janeiro.

ANGRA DOS REIS.

(Noticia historica de sua fundação, extrahida das Memorias de Pizarro.)

Depositadas no esquecimento muitas das circunstancias a respeito dos Prelados que administraram a diocese do Rio de Janeiro, seguiram a mesma fortuna as memorias das Parochias fundadas n'essas epochas: e não sendo hoje possivel entrar na certeza das que são mais annosas, obriga a necessidade de documentos a referir com primazia aquellas, cuja antiguidade favorece a tradicção, e alguns titulos verdadeiros affiançam as suas origens de tempos mui remotos.

He primeira a de N. Senhora da Conceição de de Angra dos Reis da Ilha Grande (*), situada na lattitud de 23° 19' ao Sul, e longitude de 341° 32', onde habitaram primeiro os Indios Goyanás que confinavam ao Norte com os Tamoyos do Rio de Janeiro, e no Rio Cananéa ao Sul, com os Carijós. Occupado esse territorio pelos Portuguezes povoadores da Capitania de S. Vicente, ficou por isso sugeito á jurisdicção d'ella no Civil, e depois do anno 1561, á Capitania de Itanhaem: no Ecclesiastico porêm se conservou adjudicado ao Bispado da Bahia, até o tempo em que, creada a nova Prelazia do Rio de Janeiro, foi appropriado a seu termo. Sem Igreja para se administrarem os Santos Sacramentos, e o numeroso povo que então habitava o districto satisfazer os preceitos Ecclesiasticos, substiam os colonos d'esse Continente, até que por autoridade do Prelado Administrador se levantou hum Templo, dedicado á Conceição da Santa Virgem, no sitio fronteiro, ou visinho á Ilha Gipoia (ou Giboia), no qual permaneceo por poucos annos, pelo motivo do desacato que homens malevolos perpetraram, como se verá.

De sua antiguidade nenhum vestigio apparece pelos Livros da Matriz, nem da Camara da Villa, cuja fundação foi posterior: mas visitando a mesma Matriz o Dr. José de Sousa Ribeiro de Araujo, em Janeiro de 1743, e informado da tradicção dos habitantes, ou tendo presente algum documento, na sua Informação da mesma Visita deo a noticia, que transcrevo. — Esta Freguezia já existia ha 150 annos (isto he, no de 1593), não no lugar onde está hoje a Villa, senão no lugar a que chamam Villa Velha, em huma ponta distante d'esta mesma Villa huma legua; e n'aquella primeira Villa mataram os freguezes a seu Vigario, botando-o ao mar com huma pedra ao pescoço, por elle fazer a sua obrigação: esteve sete annos sem novo Vigario, porque os Prelados, em castigo d'aquelle desacato, lh'o não quizeram dar a este povo: d'esta mesma Freguezia, que foi no seu principio muito extensa, se desmembrou a de Paraty, haverá 120 annos . A' vista pois d'esta informação, nenhum receio póde haver em affirmar na mesma epocha de 1593, com pouca differença, o estabelecimento da Parochia, por ser a do principio mais provavel da povoação alli feita, como se deduz facilmente de informações dadas por pessoas antigas e intelligentes do paiz, de varios documentos que vi e examinei, e finalmente do relatorio sobre a creação da Villa, por Fr. Miguel de S. Francisco, autor do Tombo do Convento de S. Bernardino, que adiante referirei.

Despovoada a situação primeira, onde os commodos eram pouco sufficientes, e o porto do mar menos apto para entabolar e negociação do paiz, que cada dia se augmentava, e descoberto sitio

(*) Martim Affonso de Sousa, que primeiro dos Portuguezes vio o Rio de Janeiro, e os lugares da sua Costa para o Sul, poz o nome de *Ilha Grande* á maior das muitas que povoam o golpho espaçoso, denominado pelo mesmo Sousa *Angra dos Reis*, por aportal-a com a sua Armada em 6 de Janeiro, dia a que os Portuguezes chamam dos Reis. Memor. para a Histor. da Copitania de S. Vicente, Liv, 1, § 25, p. 16.

mais conveniente, na distancia de huma legua ao Norte, n'elle fundou o povo a sua vivenda pelos annos de 1624. Em consequencia da mudança, foi tambem necessario que se levantasse novo Templo, para cujo effeito requereo a Camara ao Prelado Administrador Matheus da Costa Aborim que lhe designasse terreno competente, como designou no dia 15 de Fevereiro de 1626, demarcando o espaço de 140 palmos de comprido, e 60 de largo, para a Igreja, no meio do plano circulado de morros; e para Adro e Cemiterio, 80 palmos diante da porta principal, 60 nas costas da Capella mór, e 50 de cada lado da Igreja. Benzido o chão n'esse mesmo dia pelo Prelado, e balisado com cinco cruzes, no seguinte (16) se lançou a primeira pedra, onde fôra destinada o construcção do Altar mais nobre da Freguezia da Villa de N. Senhora da Conceição, que se dedicou aos Santos Reis Magos. De então, fintado o povo para as despezas precisas, por deliberação da Camara, se trabalhou o novo edificio, até muito depois de 1730, em que, por efficacia do zelo do Vigario Padre Luiz Nogueira Travassos, se finalisaram as paredes, fabricadas com pedra e cal Entretanto servio de Parochia a Igreja dos Padres Capuchos, dedicada a Santo Antonio. Auxiliadas as contribuições do povo pela Provisão de 8 ou de 11 de Fevereiro de 1714, que mandou a Fazenda Real contribuir com cem mil réis em cada hum de tres annos successivos para a obra da Capella mór, cuja Ordem se repetio em 29 de Novembro de 1715, e de outra Provisão de 29 de Janeiro de 1717, que estendeo a duzentos mil réis a quantia com que a mesma Fazenda Real deveria concorrer em cada hum de tres annos, se completou o Templo no seu material mais preciso: porêm esfriando os freguezes na continuação das dadivas a ultimar a construcção e ornato dos cinco Altares que ahi se acham collocados, pedio a Camara a El-Rei, por Carta de 4 de Fevereiro de 1749, huma esmola, com a qual finalisou toda a obra: e no Altar maior, onde foi collocada a Imagem de N. Senhora da Conceição, Titular da Freguezia, e Padroeira da Villa, tambem se poz o Sacrario, onde perpetuamente se conserva o Santissimo Sacramento.

Fallando do Parocho sobredito, disse o Visitador Dr. Araujo, na Informação citada: — ... e ao seu zelo e cuidado se deve o ter esta Freguezia huma Matriz, que he a melhor que tem esta marinha; e ha na mesma Igreja huma Imagem da Conceição, de oito palmos de alto, de admiravel presença; e ha muito mais de cem annos que veio para este porto, em huma embarcação, a qual querendo seguir a sua viagem, tres vezes arribou a este porto, até que com advertencia dos marcantes se resolveram a vender o feitio da dita Imagem aos Camaristas, e depois d'isto seguiram a sua viagem —.

Por Sacerdotes seculares, para cuja subsistencia pagava o povo a congrua de oitenta mil réis, foi servida a Parochia de Encommenda até o anno de 1636, em que, creada de natureza Collativa, (*) principiou a ser dirigida por Vigarios proprios. A' excepção do assassinado, não consta, nem póde constar de outros, que a parochiassem até o fim do anno de 1623, porque sete annos passaram os povos sem Pastor, em castigo do seu attentado.

(Continua.)

Memoria sobre os usos, costumes e linguagem dos Appiacás, e descobrimento de novas minas na Provincia de Mato Grosso.

(Offerecido ao Instituto Historico Geographico do Brasil, pelo conego José da Silva Guimaraens, natural de Cuiabá, commendador da ordem de Christo, e membro correspondente do mesmo Instituto.)

(Continuado do pag. 239.)

Em obsequio ao Barão de Villa Bella, estes hospedes dançaram no quartel general, e com a mesma dança obsequiavam a varias pessoas notaveis de Cuiabá, sempre com mui boas maneiras, e com differença das outras nações selvagens. Gostaram do nosso modo de vestir, e aquelle que huma vez se vestio, nunca mais appareceo nú, cobrindo-se, ainda que fosse com roupa velha. O Capitão General mandou dar ao Cacique huma fardeta vermelha agaloada de ouro, barretina, espada com seu talabarte, camisa, calça e botas.

(*)O Termo de Vereança de 12 de Abril de 1636, a fl. 28 do Liv.de Vereança, he o documento que descobri para fixar a epocha d'esse facto. Alli se lê: — Aos doze dias do mez de Abril de mil e seiscentos trinta e seis annos nesta Villa dangra dos reis em os Passos do Concelho della foraõ juntos os Officiaes da Camara os abaixo assinados, e estando juntos com o Padre Roque Lopes de Queirós, o qual apresentou huma provisão do seu prelado e ademenistrador Lourenço de Mendonça, em que mandava o asseitem por vigajro de esta dita Villa, e houtra de S. Magettade, e logo o asseitamos, e se registaraõ suas provisonis como nellas se comtinhaõ, e o asseitaraõ por nosso vigajro. e de como o asseitaraõ mandaraõo fazer este termo que assinaraõ. E eu Dioguo Vaas Rinto Escrivaõ da Camara desta Villa que o escrevi —. Do transcripto documento fica assás claro que a Provisão do Prelado foi a da Confirmação da Carta Regia de Apresentação da Igreja, em cuja posse entrou o Padre Queiroz provido, por effeito da mesma Provisão.

Logo que lhe foi isto entregue, elle deixou o fato velho com que cobria a nudez, e os seus que o rodeavam, tendo o maior prazer de o ver armado, chegavam-se a elle, e cheios de admiração diziam que aquella espada era para cortar as cabeças dos Tapanhónas, seus figadaes inimigos. Ao irmão do Cacique, chamado Preá, tambem foi dada huma espada, e ao interprete hum fardamento completo de sargento. Eram todos de boa estatura, e bem figurados: os seus cabellos finos, sem differença dos de hum homem branco; fazem suspeitar que são de huma raça de Indios misturados com brancos da Missão que os Jesuitas Hespanhoes estabeleceram nas cabeceira do Rio Cuiabá, que estão proximas ás do Arinos, e, como consta dos Annaes que se conservam no archivo da Camara da Cidade de Cuiabá, foi destruida no anno de 1740, por ser clandestinamente levantada e povoada em terreno nunca pertencente á corôa de Hespanha. D'esta antiga união, e das lições dos Jesuitas, talvez, ficaram os Appiacás com alguns usos e costumes que tem, e até com conhecimento do sacerdote da Igreja Catholica, como vou mostrar.

Achava-se o Cacique Severiano com toda a sua comitiva no palacio do Governo a fim de despedir-se do Barão de Villa Bella, porque no outro dia retirava-se para a Villa do Diamantino, a embarcar-se para as suas terras; e então tornou-se difficultosa a conversação com elles, pela falta do interprete que não appareceo. Depois de lhes serem entregues, por conta da Fazenda Publica, foices, machados, facas, fuzis, pederneiras, anzoes, e diversas quinquilharias, que muito estimaram, reparou o Governador que todos elles tinham as orelhas furadas, por isso lembrou-se de brindal-os com brincos de missangas, e cada hum quando dependurava os seus nas orelhas, ia ao espelho grande, que estava na sala, e arreganhava-se todo. Transportados de alegria pelo que estavam possuindo, sem terem parada em hum só lugar, viram entrar hum Missionario Apostolico da ordem dos Capuchinhos e tanta sorpresa lhes causou, que pararam todos, e o começaram a olhar com muito acatamento, em quanto elle cortejava ao Governador, e ás pessoas presentes; e depois chegou-se a elle o Cacique, e com profundo respeito dobrando o joelho, tomou-lhe a mão e beijou-a, fazendo o mesmo todos os outros com tal reverencia, que bastante enterneceo aos circunstantes, e muito ao dito Missionario, que cheio de contentamento os abraçava afagando-os e lisongeando-os: contou depois este que os Indios, em lugar de lhe beijarem a mão, davam-lhe hum pequeno sopro; pelo que se conheceo que elles tinham tradicção d'aquella humildade e obediencia em que os Jesuitas souberam conservar os povos aggregados ás suas Missões.

Viram com grande admiração a casa das armas, e o parque de artilharia da Capital da Provincia; e por esta occasião, estando já presente o interprete, o Governador lhes offereceo as ditas armas e todos os auxilios de que precisassem contra os seus inimigos; porêm recommendou-lhes que evitassem a guerra quanto lhes fosse possivel, e que dessem melhor sorte aos seus prisioneiros. O Cacique agradeceo a protecção offerecida, e todos prometteram de nunca mais comerem os prisioneiros, protestando que conservariam comnosco perfeita e inalteravel amisade; que seguiriam a nossa lei; que queriam hum sacerdote para as suas terras; e que finalmente no anno seguinte voltariam a Cuiabá com muitos individuos de todas as aldeias da Nação, para verem e presenciarem quanto lhes iam expor, e para abraçarem o catholicismo: porêm huma peste devastadora, que soffreram n'esse anno, e que levou á sepultura o Cacique Severiano, o interprete, e hum grande numero de pessoas d'aquella Nação, desarranjou esse plano.

A boa inclinação dos Appiacás; o gosto com que elles se vestem, o agradecimento que mostram aos obsequios recebidos; a dependencia em que já estão das ferramentas para as suas lavouras; o desembaraço com que se ageitam na mesa a usar do talher, e a gostar da nossa comida, que desgosta ás outras Nações: a necessidade que d'elles temos para a navegação do Rio Arinos, e para descobertas riquissimas no vastissimo terreno que elles habitam, e que conhecem habitado por outros: e, demais, a geração dos Christãos, que assoma no meio d'estes selvagens, tudo principia a clamar pela cathequisação d'elles, para que não vivam sem culto algum de Religião; porque nenhuma tem os Appiacás, que sómente conhecem que ha Deos, que fez o ceo e a terra, a quem adoram, dizem elles, internamente; temem, por que troveja e despede raios que mata. Que felicidade para os Appiacás se nas margens do Arinos forem residir ecclesiasticos dignos de confiança, que com madura prudencia, muita circunspecção, e vida verdadeiramente Apostolica, chamando para o gremio da Igreja tantas almas, com que se erigirão differente freguezias, lhes fervore assiduos desejos de melhorar sua condição, tanto no espiritual, como no temporal, alcançando progressivamente a sua civilicação, e incorporando-se aos ditosos subditos do Senhor D. Pedro II? E que felicidade tambem para o meu paiz natal, a bella e

amena Provincia de Matto Grosso, que, vindo a ficar assim mais populosa, será bem depressa mais rica pela navegação e commercio, e pelos descobrimentos de novas minas, que se devem esperár, em vista das noticias adquiridas d'estes Indios, e dos antigos Sertanistas?

Entre os confluentes do Arinos na sua margem oriental ha hum rio que os viajantes chamam do — Peixe —, e que he denominado pelos Appiacás — Itamiamy —, isto he, segundo disse o interprete, Rio que corre por terreno pedregoso, onde costumam elles ir, não só a buscar pedras para os seus machados, como a combater tres differentes Nações inimigas, que são: — Tapanhóna, Tapanhóanauhúm e Timaóna. Navegando-se por este Rio acima, no primeiro ribeirão, que se acha á esquerda, onde ha muitas pedras, que os mineiros chamam — captivos —, proprias para os machados dos Appiacás, ha diamantes, pelo que elles affirmam, asseverando que sempre que vão áquelle lugar, em quanto os homens ajuntam pedras para machados, buscam os rapazes diamantes, a que chamam — itámotinga —, para brincarem com as raparigas, atirando huns aos outros, por acharem bonitas aquellas pedrinhas que dizem ser muito brilhantes, e que por não as estimarem, nunca as trouxeram para suas aldeias. A denominação de — Itamiamy — dá a entender que o seu leito, e talvez os dos ribeirões que recebe, esteja em cascalho que, naturalmente lavado pelas aguas, offereça com facilidade os diamantes que estes selvagens tem encontrado, e achado da pedra captivo n'esses lugares, he huma certeza de havel-os; porque a experiencia tem mostrado que onde ha esta pedra ha infallivelmente diamantes, em maior, ou menor quantidade.

Recebe o Itamiamy muitos outros ribeirões pelo oriente, e em hum d'elles, que está acima do salto feito por hum grande morro, que atravessa o Rio, existe huma populosa aldeia da Nação Tapanhóna. Estes Indios costumam a pôr estrepes, e fazer fojos em roda de seus alojamentos. São altos, corpolentos, intrepidos e porfiosos guerreiros; usam de arco e frecha, e furam as orelhas, que enfeitam com pennas de arára, e gavião real. Os Appiacás gastam oito dias de viagem para atravessar o morro, que forma aquelle grande salto, e a agua que por elle se despenha faz tal estrondo, que n'esses oito dias por dentro de bocainas cobertas de espesso bosque, sempre se vai ouvindo até sahir ao campo, e então voltam a procurar a margem do rio, até chegar a hum ribeirão em que está a dita aldeia dos Tapanhónas. D'este lugar tem os Appiacás marchado até os territorios das duas outras nações Tapanhónauhúm e Timaoanas, que tem as aldeias fóra das margens do Itamiamy. O Tapanhónauhum usa de arco e frecha e porrete; he gentio valoroso na guerra, costuma pintar a cara com tres circulos pretos, e furar as orelhas, que enfeita com pennas de diversas cores. E os Timáoanas, ultimos povoadores do Itamiamy, são de estatura ordinaria, anthropophagos, feios, porque desfiguram o semblante com largas pinturas da testa até o pescoço: usam tambem de arcos e frecha e porrete, e enfeitam as orelhas com ouro, de que as mulheres formam os seus collares.

Occupados os Appiacás com as suas emprezas guerreiras sobre os Timaónas, viajando a rumo do Norte, ao pé de altas serras d'onde se tem dito que nascem os Rios em que elles residem, acharam huma antiga tapera de brancos, em que ainda se conservam madeiras falquejadas. O roteiro que fez Bartholomeu Bueno (chamado pelo gentio — Anhanguera —) de sua viagem por estes lugares, e as noticias de Antonio Pires de Campos, e João Leme do Prado, em que, além de outros signaes que dão para se achar o terreno em que asseveram haver ouro em abundancia, e d'onde se extrahio a folheta offerecida á Imagem de Nossa Senhora da Penha, em S. Paulo, tambem dão por melhor, e mais seguro signal, altas serras fazem capacitar que n'esta chamada tapera he que esteve a trincheira de madeira grossa, em que se aquartelaram os Sertanistas, que acompanharam a Manoel de Campos, e que este he o lugar chamado os — Martyrios — sempre procurado, e nunca até agora achado.

OS JESUITAS NA AMERICA.

PARTE PRIMEIRA.

PROVINCIA DO TUCUMAN

CAPITULO V.

Projectos.

Os trabalhos do Socio Padre Sancho de Stalla em sua commissão especial ao Tucuman iam tão adiantados, e promettiam tal fructo, que se contava em Roma com mais hum estabelecimento jesuitico como coisa assentada; porêm o secretario de D. Francisco Victoria não estava satisfeito com as pequenas difficuldades que seu talento havia desfeito sem custo; e tendo assegurado e concluido em dois mezes apenas o que lhe fôra incumbido

por seus superiores especiosamente, metteo mãos d'outros trabalhos, que, por mais difficeis e complicados, punham em acção continua as diversas e encontradas faculdades d'este homem perigoso, e era então quando elle vivia. De suas relações intimas com o cavalleiro D. Jeronymo Luiz de Cabrera colheo largas e circunstanciadas informações sobre importantes negocios relativos ao governo de Hespanha, e d'elle mesmo soube as tenções em que andava de fundar huma cidade, para o que esperava certos despachos, que a influencia jesuitica do governador do Tucuman D. João Ramirez de Velasco lhe embargava, sem que elle o soubesse; porque havia entre este Associado e o cavalleiro D. Jeronymo antigos odios de familia e certas differenças desconhecidas, que tinham feito com que estes revivessem: d'estas differenças occultas murmuravam algumas pessoas incertamente, dizendo huns que provinham da inveja, outros lhe davam mais tenebrosa causa, derivando d'ella a subita morte da mulher de D. João Ramirez; porêm o Padre Sancho que trouxera de Roma a carta de communicação de privilegios para o governador, não ignorava o motivo d'estas differenças, e obrigado a servir ao Associado pelos deveres da Ordem, e sabendo que os interesses d'esta estavam primeiro que quaesquer outros, tentou a conciliação apparente ou profunda dos dois, porque da fundação de Cordova provinha largo ensejo para a realisação de espantoso projecto, e nas riquezas e poder de D. Jeronymo tinha o jesuita hum protector e movel grandiose: difficil era a tarefa, mas por isso mesmo desejada, e sua execução tenazmente proseguida.

Amar huma mulher joven e formosa, nobre e rica, virtuosa e prendada, he o maior de todos os tormentos; o seu amor, a maior de todas as desgraças: mas as mulheres foram sempre, são e hão de ser amadas, quer sejam ricas e formosas, quer pobres e feias, porque o Senhor as pôz como Oassis n'este deserto da vida; porêm, nós outros os viajantes d'esta secura da existencia, quantas vezes, procurando o refrigerio da consolação que a benefica mão do Creador depositou n'estas nepenthes, quantas vezes, em lugar da sombra das palmeiras, encontramos hum remoinhar de milhões e milhões de reptis, Oassis mentiroso e terrivel que destroe nossas esperanças e nos atira na desesperação?! Ora pois, alguns ha que levam a desconfiança d'estes enganos mui longe; do numero d'estes, que eu chamarei mysanthropos *in partibus*, era o cavalleiro D. Jeronymo Luiz de Cabrera, ou que as peccadoras filhas de Eva criminosa lhe houvessem ossificado o coração, ou porque, evaporados os gazes inflammaveis da mocidade, a ambição ou o raciocinio os tivessem substituido: era com esta perigosa enfermidade no mancebo, simples indisposição de homem, e estado normal de velho, que o Socio ia lutar, tendo para auxilial-o a mulher mais bella das Hespanhas, a Hespanhola mais ardente das colonias tropicaes, o demonio mais terrivel e perigoso que n'esse tempo existia sobre a terra com fórmas femininas, e que se chamava Hermosa Mancilla Ramirez de Velasco e Gaio, filha do governador do Tucuman D. João Ramirez de Velasco. Sua mãi, parenta do cavalleiro D. Jeronymo, em grão remoto, a quem ella queria como a filho, por suas raras e estimaveis qualidades, accendêra imprudentemente no coração da joven Hermosa huma d'essas paixões que se não apagam com simples palavras, porque, tendo começado pelo innocente amor da criança, acabam pela exaltação phantastica, pelo culto sagrado que huma filha tributa ao ente que sua mãi louva todos os dias e em todas as horas, na solidao do templo pedindo ao Senhor a realisação de seu desejo; no arruido das festas, elevando-o sobre quantos se apresentam, ente amado por força, necessidade e direito, porque n'esses tempos de *barbaridade* o coração de huma joven era huma mola que o pai e a mãi dobravam a seu sabor, tempos que, graças a Deos, não hão de voltar, porque a *civilisação* está comnosco. Hermosa Mancilla ouvia com religioso silencio a narração perigosa das encantadoras proezas de seu alongado parente, que sempre acabava com estas palavras:

— E hum dia será elle teu esposo!

Então seus quinze annos começavam a phantasiar maravilhas, e seu amor pelo cavalleiro, que ella nunca vira, augmentava-se todos os dias; e D. Jeronymo Luiz de Cabrera perdia, á frente dos selvagens da Europa, na conquista do Novo Mundo, a sensibilidade do coração, acostumando-se a toda a sorte de crueldades, que hum erro tornava virtudes: a destruição do Imperio dos Incas e a derrota dos Araucanos deixaram-o livre hum pouco; acabava de fazer trinta e cinco annos, e a Hespanha tinha-se lembrado de seu valor, de sua nobreza e de seus talentos; sua ambição achou em que entreter-se alêm dos campos de batalha, e o cavalleiro chegou ao Tucuman quando menos ahi o esperavam, porque as obrigações de seu cargo chamavam-o a outro lugar. D. João Ramirez de Velasco recebeo o parente de sua esposa com a maior urbanidade e agasalho possivel, vendo no casamento de sua filha o termo, ou remedio de

huma demanda ruinosa, que sustentava contra alguns parentes de D. Jeronymo e de Ulva Mancilla sua esposa; Hermosa, que em seus amorosos sonhos dotára com todas as perfeições aquelle por quem vivia desde muito, ficou encantada e satisfeita, por ver que em seu phantastico retrato faltavam muitas graças que o original possuia; em fim, Ulva Mancilla, que lhe servira de mãi e o educára, via depois de largos annos de ausencia D. Jeronymo, que por dois titulos lhe merecia o amor de filho. Quanto a este, alêm do affecto filial que tributou áquella que cuidára tão desveladamente de sua infancia, mais fez para que o aborrecessem do que o estimassem, pronunciando-se tão positiva e abertamente contra o casamento, que Ulva renunciou a intenção de fallar-lhe; só D. João Ramirez e sua filha esperaram movel-o: aquelle, por ser esta sua unica salvação, e o naufrago não larga a taboa em que suas mãos prenderam a esperança da vida; e Hermosa, ou fiada em seus attractivos, ou porque era innocente e credula: dias e semanas passaram, e o cavalleiro, mui occupado com graves negocios, poucas visitas fez ao governador e á sua familia, até que lhe chegou a noticia triste e sentida da repentina morte de Ulva Mancilla, que o genio terrivel de seu esposo e o desgosto de não poder realisar seu desejo levaram ao tumulo. Foi profundo o sentimento de D. Jeronymo, que, ignorando a causa principal da morte de sua mãi, como elle com razão lhe chamava, tomou tal odio e aborrecimento ao governador, que muitos davam como algoz de sua desgraçada esposa, e não sem algum fundamento, que não tornou mais a sua casa.

Estavam as coisas n'este estado, quando chegou ao Tucuman o Padre Sancho de Stalla, trazendo com sigo apontamentos sobre as principaes circunstancias favoraveis ou adversas a cada familia rica ou poderosa que residisse no lugar onde sua commissão o levava; nenhuma indicação dizia respeito a D. Jeronymo Luiz de Cabrera, mas o socio por Communicação de Privilegios, ouvindo fallar o Padre Sancho da situação perigosa de sua demanda, deo-lhe conta das intenções que tinha sobre o cavalleiro, pedindo-lhe soccorro em tão difficil empreza: o estabelecimento da Companhia estava primeiro, mas logo que o jesuita teve seguro o resultado de sua missão, metteo mãos á obra, começando por apoderar-se do animo do cavalleiro, o que conseguio facilmente; porêm, dobral-o a seus intentos, conciliando-o com D. João Ramirez de Velasco pelo casamento de sua filha, nunca o pôde, porque tinha contra si o odio do cavalleiro pelo governador, e sua aversão ao matrimonio. Todavia, o jesuita n'esta negociação de interesse parcial não arriscou huma só palavra que podesse dar a conhecer a D Jeronymo que era Hermosa Mancilla aquella esposa que devia fazer sua felicidade; nunca o nome de D. João Ramirez de Velasco lhe sahira dos labios, porque suas machinações iam mui longe, e mui bem urdidas; e quando na noite do ultimo de Abril enviára hum Proprio a quatroleguas de distancia levar ao governador a noticia de que chegára o correio de Roma, tambem esse Proprio tinha ordem de dizer-lhe que no dia proximo devia ser tentado o primeiro ensaio sobre o *negocio* que lhe dizia respeito, e este ensaio era hum encontro de D. Jeronymo com Hermosa Mancilla, em casa do Bispo D. Francisco Victoria, encontro que não teve lugar por causa da pontuda faca do gardunho Urquisa.

(Continúa.)

Exemplos de Longevidade, extrahidos das Memorias offerecidas na Camara do Sabará

1790. — Vivem presentemente n'esta Villa alguns centenarios, ainda robustos. Entre outros, conhecem-se os seguintes:

1. O Ajudante Antonio Luiz da Silva, natural da Cidade de Lisboa, o qual, depois das fadigas da guerra, no Reinado de El-Rei D. Pedro, embarcando para o Brasil, e subindo para estas Minas, dedicou-se ao serviço do fôro. Elle desempenha ainda as funcções de Partidor do Juizo dos Orphãos, e Avaliador do Concelho.

2.º O Alferes João da Cunha Peixoto, o qual, sendo sollitador de Causas, ainda as promove, e gira pelos Cartorios.

3.º Domingos Rodrgiues Pereira, bem conhecido pela alcunha — O Cabello —. Dando-se tambem ao serviço do fôro, he ainda tão sagaz na sua arte e na arrumação de Contas, que rivalisa com o mais experto Contador.

4.º Cirurgião Miguel Gonsalves, o qual conserva tal vigor, que visita ordinariamente os seus enfermos no Bairro da Barra, que dista hum oitavo de legua da sua morada.

5.º Brites Corrêa, mulher Parda, a qual, contando 102 annos, vai ouvir Missa todos os dias, volta, e cuida das disposições de sua casa, como qualquer outra de 30 annos.

6.º Thomazia Luzia, moradora na fazenda do Páo de Cheiro, tendo mais de 102 annos, está tao vigorosa, que póde esperar vida muito dilatada.

1793. — 7.º Manoel de Carvalho, natural da Bahia, o qual, passando em tempo de El-Rei D. Pedro aos Estados da India, viajou por muitas Cidades da Asia. Voltando para o Brasil, habitou em varias Capitanias. Contando 117 annos, conserva o vigor de qualquer sexagenario.

1795. — 8.º Joao Ferreira Duarte, Preto Africano, sendo maior de 100 annos, relata com exactidão muitos acontecimentos, que tiverem lugar na Bahia, e n'estas Minas; e ainda cultiva o seu quintal.

DA INDEPENDENCIA POLITICA E SOCIAL

DAS MULHERES,

NOS TEMPOS ANTIGOS E MODERNOS;

De sua educação, e de algumas obras mais recentes a este respeito, escriptas por mulheres.

I.

(Continuado da pag. 251.)

A mulher grosseira e sensual, artista e voluptuosa, prostituta ou mai de familia, existia pois entre os antigos; mas limitava-se a isso a sua maneira de comprehender as qualidades e virtudes d'esse sexo. Tinham elles estorvado ou extinguido o desenvolvimento de todas as faculdades ternas, melancolicas e generosas, que constituem a gloria e a verdadeira belleza da mulher nos tempos modernos. Em vão se buscaria no drama antigo, comedia, ou tragedia, huma personagem feminina que se assemelhasse á Berenice de Racine, á Julieta de Shakspeare, e á Emilia de Corneille. O amor, como o entendem os modernos, e tal qual he em realidade, expressão da ternura e da dedicação que provem da sympathia, emana essencialmente do christianismo, como se tem perfeitamente observado. Entre os povos guerreiros reduz-se elle ao attractivo physico que Marco Aurelio define mais clara e precisamente do que nós o poderiamos fazer n'este artigo. Não devendo esperar dos homens constancia ou dedicação real, era natural que não procurassem tornar-se dignas d'isso. Os córos de mulheres nos poetas dramaticos gregos exprimem sómente a dor, indicio de huma situação desesperada, e seus tristes canticos assemelham-se aos dos escravos. A tragedia grega mostra-nos a mulher, arrastada pela servidão, apunhalando seu marido, affogando seus filhos com huma penna de ferro, ou tornada prophetisa, isto he, feiticeira. Na comedia, ve-se comprada e revendida por miseraveis, tornar-se na sua mocidade o ludibrio do desenfreamento e do desejo, para servir mais tarde na sua velhice de instrumento activo n'este trafico ignobil. Foram precisos dois seculos e todo o poder de huma religião espiritualista para destruir gradualmente este predominio da força bruta, e fazer reapparecer em sua verdadeira esphera as delicadas virtudes da mulher. Citem-me hum outro estado de civilisação, em que as qualidades domesticas, os talentos e as faculdades do espirito, sejam ao mesmo tempo permittidas e animadas nas mulheres; não podem ellas ser ao mesmo tempo professoras de musica e esposas economicas, mulheres espirituosas e boas mãis de familia, brilhar no mundo e ser respeitadas? Foi tal o progresso das instituições e das idéias a aste respeito, que hoje seriam ellas tentadas a ultrapassar os seus justos limites, e a reclamar, não o seu natural emprego, mas, sim, o dos homens, em risco de cahir de novo sob o jugo da mulher pagã. Não fallo d'esses paizes selvagens, em gue a pobre *squaw* he reduzida ao estado de animal e morta quando he velha. O despreso soberano que todas as nações primitivas tem pela mulher trahe-se em sua propria lingua, em a qual tudo quanto he vil, odioso e despresivel, tem por synonimo o vocabulo de *mulher*. Em todo o Oriente, na Turquia, no Indostão e na Persia existem mulheres, mas não ha familias, nem lar domestico. Os serralhos, taes quaes foram instituidos pelo Alcorão e pela lei de Manou, apresentam reuniões de mulheres, ás quaes seu senhor póde affeiçoar-se e abandonar, segundo a mobilidade de seu capricho, ou a phantasia de sua luxuria; mas n'esse rebanho de entes humanos, mal educados, sem conhecimento do mundo, sem talento, sem principios, alimentados e cevados pelo senhor como o passarinho em sua gaiola, nada se parece com o que chamamos felicidade domestica. O musulmano que póde ter quatro mulheres ao mesmo tempo, sem contar as concubinas, e substituil-as por outras quando bem lhe parecer, vive no seu harem, como nós passeamos em nosso jardim, rodeados de fructos e de flores, que saboreamos e respiramos alternativamente, mas que não podem inspirar-nos affeição duravel ou sympathia de escolha. N'este egoismo dos sentidos, vê-se desapparecer o *home* dos inglezes, o *heim* dos alemães, o lar domestico e o circulo da familia, com essa reciprocidade de affeições e de deveres, com essa concentração de interesses reciprocos, essa communidade de gostos e desgostos, sobre os quaes reposa toda a sociedade européa.

Accrescentemos que por toda a parte o infanticidio segue de perto a polygamia. O Dr. Duffe, missionario escossez, refere que a tribu dos Minas degolára á sua vista, e em hum só dia, mil criancinhas do sexo feminino; e que, tendo-lhes elle reprehendido esta crueldade, responderam que eram sómente as meninas, e que a lei o ordenava. Só os habitantes de Pekim fazem morrer quatro mil crianças por anno. « A maior parte do sexo feminino, diz o missionario Gutzlaff, he destruida ao seu nascimento. Este crime legal tornou-se tão commum, que ninguem faz caso d'elle;

he quasi hum dia de festa aquelle em que são affogadas essas pobres criancinhas. Tal he o despreso em que o sexo fraco cahio na China, que prohibe a delicadeza perguntar a hum homem de alguma distincção se tem filhas. Hum dia que vi á borda do rio o cadaver de huma menina recem-nascida muito linda, exprimia o mais alto sentimento de compaixão que me inspirava esse espectaculo, quando hum indigena que se achava ao pé de mim me respondeo com indifferença: *Ora! he huma menina!* » O numero das crianças do sexo feminino que seus pais privam da vida em Pekim no decurso do anno póde elevar-se a vinte quatro ou vinte cinco mil. O resultado natural do pouco apreço que se dá á vida das mulheres, não só na China, mas tambem na India, he a extrema frequencia dos suicidios que commettem as mulheres. Acabamos de ver perto de nove mil crianças destruidas em Pekim todos os annos; cerca de quarenta mil mulheres eram sacrificadas annualmente no Indostão, antes da abolição das sutteias pela Inglaterra; e por estes factos incontestaveis poderemos julgar qual será a sorte da mulher em todos os paizes em que ella for corrompida ou despresada.

Hum problema mais curioso de resolver que todos aquelles com que as academias da Europa embaraçam os seus concursos, seria este: « Qual a rasão porque os paizes em que a mulher soffre o tratamento mais barbaro e despresivel, são precisamente aquelles cujos habitantes tem o mais decidido gosto pelos prazeres sensuaes? » He porque a sensualidade he em si mesma feroz; he porque, ceder ao instincto dos sentidos, consultar somente os sentidos, não ver na mulher senão hum instrumento de prazer, hum ludibrio de phantasia, e hum meio de fecundação humana, he dar superioridade á parte brutal da existencia, sobre a sua parte intellectual; he deixar dominar unicamente as paixões, e destruir os mais bellos attributos de nossa natureza. Por tanto, he o christianismo, essencialmente espiritualista, quem protege as mulheres; e todas as vezes que for attacado o christianismo, podemos estar certos que serão ellas embrutecidas e sacrificadas pela sociedade que soffrer esse attaque.

Começa-se pelos maos costumes, continua-se pela corrupção e accaba-se pela crueldade; progresso singularmente sensivel em França no decurso do decimo oitavo seculo. A revolução data da regencia. Quando a França no pendor de sua ruina, caprichou n'essa promiscuidade das mulheres que reinou desde a morte de Luiz XIV até 1789, o destino do sexo feminino achou-se inteiramente mudado em França, e a propria rainha foi infamada pelo processo do collar. Madame d'Epinay escrevia essas memorias em que o requinte do vicio apresenta suas indagações com tão odiosa subtileza. Mademoiselle de Lespinasse provou sabiamente ao mundo que hum coração feminino bem organisado podia conter ao mesmo tempo dois amores, sem crime e sem escrupulo. Todavia Voltaire escrevia o *Mondain*; Diderot, a sua descripção d'Otahity; Voisenon e Collé, as suas infames graciosidades; Chanderlos de Laclos, o seu romance; e tudo se encaminhava para huma epocha que devia demonstrar como os libertinos tratam as mulheres. Arrebatadas pelo turbilhão da revolução franceza, marcharam ás duzias para o cadafalso, e seus membros ensanguentados foram apresentados a esse mesmo povo habituado ás orgias, e mergulhado na voluptuosidade. A mór parte dos heroes da revolução franceza, os chefes dos jacobinos, e os agentes dos clubs, eram heroes d'alcova ou Lovelaces de taberna, segundo a sua educação e os seus precedentes. Os mais crueis, como Marat, Hebert, e Fouquier-Tainville, juntavam costumes depravados á mais furibunda exaltação. Em todas as classes de revolucionarios, não se vê senão homens corrompidos pela devassidão, lançada por elles em rosto á antiga monarchia: Mirabeau, Danton, Collot d'Herbois, Louvet, autor de *Faublas*, o ebrio Thomax Payne, Anaxagoras Chaumette, Barras, e todos os Sardanapalos do Directorio. A populaça energica, ardente e depravada, á qual estes homens commandavam, não cessou de professar, mesmo durante a revolução, o culto das mulheres, do amor e da natureza. Restabeleceram a gloria da maternidade e da fecundidade como os Asiaticos, e fizeram entrar em sua nova religião a nudez e a belleza das fórmas como os Gregos. Tudo isso não impedio que as moças de Verdun fossem degoladas, que a fatal carreta conduzisse á morte a flor das mulheres francezas, que a joven princeza de Lamballe fosse esquartejada, e mademoiselle de Sombreuil obrigada a beber sangue humano; sem contar madame Roland, e huma multidão de outras, jovens, heroicas e sublimes, cujas cabeças o povo via cahir no meio de risadas. Lembra com dor e indignação que nem huma reclamação se fizesse ouvir quando morreo madame Elisabeth, quando madame Roland foi degolada, quando a pobre menina Cecilia Renaud entregou ao carrasco sua cabeça de desoito annos, por ter querido, como ella dizia, saber como era feito hum tyranno. Não se julgue que esta espantosa ferocidade conseguisse destruir



Cidade d'Angra dos Reis, tomada do morro da Bica da Olaria

a licença dos costumes ou modificar a litteratura: o galanteio pastoril de Crébillon, filho, tinha-se mantido em seu brilho primitivo. O cidadão Carnot, Collot-d'Herbois e Robespierre, escreviam romances sentimentaes, e Sylvain Maréchal publicava livrinhos obscenos; Paris era hum harem e hum inferno. *(Continúa.)*

Rio de Janeiro.

ANGRA DOS REIS.

(Noticia historica de sua fundação, extrahida das Memorias de Pizarro.)

(Continuado da pag. 252.)

Principiavam os limites da Freguezia, com os da Villa, no Rio Itaguahy, ao Norte, e finalisavam n'outro semelhante de Marambocába, ao Sul, distantes doze a treze leguas por Costa interior do mar de Angra dos Reis em linha recta, comprehendendo tambem os territorios da Ilha Grande, e de Marambaia, além da Angra, cujos comprimentos faziam juntos a extensão de mais de quarenta e cinco leguas. Attendendo porêm o Reverendo Bispo D. José Joaquim Justiniano aos incommodos assás notaveis do povo e dos Parochos na administração dos Sacramentos, por extensas as longitudes, e difficultoso transito de mar, dependente da variedade das estações, como lhe informára miudamente por escripto, e de viva vóz, o seu Delegado Conego José de Sousa Azevedo Pizarro e Araujo, depois das Visitas Ordinarias em 1794 e 1799; por Edital de 1 de Fevereiro de 1802 dividio-os, e creando duas Parochias novas, com as mesmas, e com a de Mangaratygba, que era só de Indios, e estava encravada no territorio da Freguezia sobredita, distribuio o districto. A' parochiação da dividida ficou quanto se inclue desde Crubetiba até Piriquara, pela marinha, em cuja distancia pousam as Ilhas Giboia, Brandão, Comprida, e outras menores; e pelo interior conservou os fundos correspondentes á testada, dividindo-se na Serra do Mar com a Freguezia de S. João Marcos (*). Contando antes da divisão mais ou pouco menos de dez mil almas, em mil trezentos e oitenta fogos.

Nos limites declarados existem as Capellas Filiaes seguintes: primeira, de Santa Luzia, fundada em lugar poucas braças distante da Matriz, além de 1650, como indicam alguns documentos alli conservados, e certifica a tradicção. Fallando d'ella o Dr. Araujo, já citado, disse: — .... não tem titulos de erecção, nem consta quando fosse eregida —: e comtudo he certo que os Padres Capuchos, antes de fundarem o seu Convento primeiro de Santo Antonio, residiram n'huma Casa fabricada pelo povo em 1652, e unida á essa Ermida, como contou o Autor do Tombo do mesmo Convento, nos Cap. 3.º e 4.º da sua obra, de que adiante darei noticia. Segunda, de N. Senhora da Lapa, construida por Balthazar Mendes de Araujo, com Provisão do Ordinario de 17 de Novembro de 1752. Ambas estas subsistem situadas dentro da Villa; mas fóra do seu recinto estam: a terceira do Senhor de Bom Fim, fundada por Manoel Francisco Gomes, n'huma Ilha pequena em o anno de 1780, mais ou menos; quarta, da Santissima Trindade, fundada em Jucaicanga, a ti-

(*) A *Serra* chamada *do Mar* da Ilha Grande, que seguidamente por essa Costa atravessa a Capitania de S. Paulo, e toca os dominios hespanhoes ao Sul, foi sempre o rumo divídente do districto da Freguezia, e da Villa de Angra dos Reis; pois que, além do mesmo termo, nenhuma povoação ou sitio habitado havia que se podesse considerar sugeita ao conhecimento de ambas as jurisdicções. Abertas as picadas pela Serra de Itaguahy para o matto dentro, até o districto que se denominou de S. João Marcos, correndo os annos de 1730 a 1740, principiou a cultura das terras do seu contorno, e facil foi aos novos Colonos a descoberta dos caminhos, por que procuraram a communicação mais proxima do mar, e dos moradores da Ilha Grande. Com assás trabalho chegaram esses Sertanejos ao Rio Pirahy, d'onde continuou a picada para a Villa o Padre Manoel Antunes Proença, Vigario que era da Freguezia, interessado em fundar huma Fazenda no sitio de Capivary, além do Rio sobredito para a parte da Serra, e com o designio tambem de estender os limites da Parochia, sem attenção ao prejuiso do territorio pertencente á Freguezia de S. João Marcos, fundada já, e cultivada, cujos termos pretendeo mansamente diminuir a proveito seu. D'ahi se originou que, ambicionando a Camara da Villa a extensão jurisdiccional, se avançasse na pretenção de corregir os sitios além da Serra para S. João Marcos, cujos moradores resistiram sempre ao intento, e jámais consentiram na posse projectada da Camara, a qual, esquecida da sua informação ao Corregedor e Ouvidor Geral Marcellino Rodrigues Collaço, em 23 de Outubro de 1737 (talvez por lhe faltar o direito para se introduzir na longitude de desesseis leguas pelo matto dentro), attestou, á requerimento de Manoel Gonçalves Portugal, morador junto ao Rio Pirahy de cima, e informou em 5 de Agosto de 1738 ao Vice-Rei Luiz de Vasconcellos e Sousa, a requerimento de Joaquim Gomes Correa, em Julho antecedente, reconhecendo por divídente da Villa e da Freguezia a *Serra do Mar*, que na informação primeira citada chamou *Grande;* e os documentos, por que consta tudo isto, re registraram no Liv. de Reg. Ordin. do Senado da Cidade, servido desde 1780 a 1784, fl. 210, verso. Despresando a Camara a Ordem d'aquelle Vice-Rei, em que lhe determinou não contendesse mais com o districto de S. João Marcos, nem pretendesse o esbulho da posse do seu territorio, como consta do documento registrado no Liv. 4.º de Reg. particular da mesma Camara, fl. 55, continuou a inquietar os moradores confinantes, obrigando-os e requerer de novo outras providencias ao Vice-Rei Conde de Rezende, por conta do Commandante do Districto, datada em 18 de Janeiro de 1792.

tulo de Oratorio, pelo Capitão Manoel da Cunha de Carvalho, correndo o anno de 1797; e quinta, de N. Senhora da Conceição, que hoje denominam dos Remedios, erecta no Saco da Ribeira por Custodio Gomes da Silva, com Provisão de 11 de Julho de 1768, em 1772.

Pouco longe da Matriz está o Convento dos Padres Carmelitanos, fundado em lugar proximo ao morro da Fortaleza, antes do anno de 1608, ou com certeza no de 1601, em cuja epocha referio o Almanak do Rio de Janeiro o seu estabelecimento, segundo consta do requerimento feito á Camara da Villa pelo Prior d'essa Casa, em Novembro de 1746, para se revivarem os marcos das suas terras, no qual (registrado a fl. 22 do Liv. de Reg. da mesma Camara) referio a antiguidade de fundação, dizendo que tivera principio além de 138 annos. A escriptura de 29 de Dezembro de 1623, por que Custodia Moreira, doando as suas terras ao Convento, declarou entre outras condições a de se lhe dar huma sepultura perpetua *na Igreja nova*, dá certeza de fundação mais antiga, que não excede comtudo ao anno de 1590; pois n'elle se fundou a segunda Casa Conventual da Cidade, depois de levantada a primeira na Villa de Santos, em 1589,

Em distancia quasi semelhante se vê o Convento dos Padres Capuchos da Provincia da Conceição, dedicado a S. Bernardino de Senna, e fundado n'outro morro junto ao de S. Bento, que construido primeiro no fundo do plano da Villa, aos 14 dias de Abril de 1653, por inconvenientes conhecidos com a residencia da Casa, foi abandonado, e substituido pelo existente, onde as commodidades necessarias aos Religiosos Conventuaes são de maior vantagem. De seus principios e progressos assás historiou o Padre Fr. Miguel de S. Francisco (*), auxiliado por hum tratado antigo de Fr. Gaspar de S. Lourenço, á que unio as memorias por elle collegidas, escrevendo o Tombo do mesmo Convento, mandado trabalhar pelo Ir. Fr. Custodio da Madre de Deos Luz (2.º Ministro Provincial d'esta Provincia, depois de separada da Casa primeira estabelecida no Brasil), no anno 2.º do seu governo, que foi o de 1682. D'esse Livro pois extrahi as noticias seguintes que refiro.

Por Fr. Sebastião do Espirito Santo, Custodio dos Conventos de Padres Capuchos do Brasil, foram mandados os fundadores da Casa Conventual, que chegaram a 28 de Março de 1652, e recolhidos pelo Capitão Manoel Carvalho (chamado Pai dos Frades, e Padroeiro do Convento, de quem houveram huma grande doação), passaram a residir n'hum hospicio de novo feito, junto á Ermida de Santa Luzia, quando o mez de Agosto do mesmo anno contava o primeiro de seus dias. Não permittindo a pequenhez do hospicio commodo sufficiente a sete hospedes, em sitio mais apto e amplo se determinou a fundação de outra Casa regular; e occorrendo algumas contradicções sobre o terreno, assim por pantanoso, como por pertencer a varios donos, conseguio-se finalmente a doação d'elle para fim tão pio. Entre os doadores concurrentes, muito se singularisou o Capitão Carvalho, que caprichoso de beneficiar huma Corporação assás digna pelo seu Instituto, e não menos pelo exercicio de seus deveres, doou-lhe duzentas braças de terra, compradas a Manoel Antunes Lobo, no anno de 1625, e contribuio francamente com as madeiras precisas para se fabricar o edificio dos Religiosos, de cuja residencia se esperavam utilidades espirituaes á provincia da Ilha.

No dia 14 de Abril de 1653 lançou a primeira pedra fundamental o Padre Manoel de Araujo, Vigario Geral da Diocese, que tambem fazia vezes de Prelado Aministrador, por ausencia do proprietario Antonio de Mariz Loureiro; e concluida a obra principal, se collocou o Santissimo Sacramento na Igreja nova a 12 de Fevereiro de 1659, e n'outro dia semelhante do mez seguinte se recolheram os Religiosos ao Convento novo, para o qual dera o risco Fr. Simão do Salvador, Frade Leigo, mas architecto, sendo a esse tempo Prelado da Gasa o Ir. Fr. Ignacio de Jesus, e primeiro que teve o titulo de Guardião d'ella.

Porque as humidades do sitio corroiam o edificio, seus habitantes, e tudo que n'elle havia; e não se vedavam os diarios perigos de mordeduras de cobras, desenvolvidas dos matos visinhos atraz dos sapos acolhidos á Casa, as quaes se encontravam por todos os lugares, e frequentemente se tiravam enroscadas pelas Imagens Santas; accrescendo tambem a vozeria continua (insupportavel ainda hoje) e assás perturbadora dos sapos; e outros motivos ponderados pelo mesmo Tombador, nos Cap. 5.º e 10.º do Livro citado; houve a resolução de se levantar nova Casa Conventual, dedicando-a a S. Bernardino de Senna.

(*) As memorias e trabalhos de Fr. Miguel de S. Francisco, natural do Rio de Janeiro, e as que havia collegido o Padre Fr. Vicente do Salvador, quando passou ao Brasil com o Cargo de Custodio da Provincia de Santo Antonio (cuja Chronica compoz, e querendo imprimil-a depois do anno 1617, em que voltou a Portugal, não chegou a executar o seu empenho, por fallecer a esse tempo, deixando a sua Obra depositada no Convento, em que era Professo), foram assás proveitosas ao Padre Santa Maria, para escrever as noticias encontradas nos Tomos 9 e 10 do Santuario Marianno, e não referidas por outros escriptores.

Occupava então o Provincialado da Provincia do Rio de Janeiro o Padre Fr. Francisco da Purificação, Padre Immediato, e era Guardião do Convento o Padre Fr. João do Monte Alverne; e fervorosos ambos, deram principio á obra com a primeira pedra lançada por esse Provincial, no dia 18 de Julho de 1758. Concluida a nova Casa Conventual antes de cinco annos, benzeo a Igreja o Padre Fr. Ignacio de Jesus Maria, Guardião que era d'esse Convento, no dia 20 de Maio de 1763, com assistencia do fundador, do Provincial Padre Fr. Manoel da Encarnação, e de outros Religiosos: e tendo-se mudado o SS. Sacramento para o novo tabernaculo em procissão solemne, a que acompanharam as Imagens Santas do antigo Templo, no dia 22 do mesmo mez passaram os Conventuaes a residir no Claustro novo.

Em terras doadas pelo Capitão Bartholomeu Antunes Lobo á Religião Benedictina, correndo as eras de 1625 e 1627, se fundou huma Casa Monacal, dedicada a S. Gonçalo: extincta porêm antes do anno de 1652, ficou a sua memoria com o nome da *Rua de S. Bento*, dado á que se dirigia ao Convento; e as terras passaram aos compradores Manoel da Cunha de Carvalho, e Manoel Fernandes Monteiro. A cada huma das Casas Religiosas subsistentes está annexa huma Irmandade, sob o titulo de Ordem Terceira.

He incerta a epocha, em que na Provincia da Ilha Grande se creou a Comarca Ecclesiastica, por faltarem os documentos da sua origem. Os Livros existentes no Cartorio da Vara apenas tocam os annos de 1696; mas o seu principio excede sem duvida á esse tempo: porque, se no territorio de Paraty se acha outro estabelecimento semelhante, já no anno de 1683, necessariamente se havia de crear muito antes no districto de Angra a Vara Ecclesiastica, para se providenciarem, com outras dependencias, as causas matrimoniaes dos moradores da Freguezia, e Villa de Paraty, fundadas em annos posteriores, antes de se subtrahirem da Jurisdicção da Villa da Conceição, no anno de 1646, com pouca differença. Por igual motivo não se sabe tambem quantos tem occupado o Cargo de Vigario da Vara. Depois do anno 1696 apparece primeiro o Padre Antonio Dias, Vigario que era da Igreja, assignado nos Assentos feitos nos Livros da Parochia, desde 1700, pelo modo seguinte: — Do Ouvidor da Vara Ecclesiastica o Vigario Antonio Dias —; o que dá a certeza de subsistir alli a Comarca com a Vara estabelecida na epocha declarada. Até o anno 1804 contam-se, com o Padre Manoel da Cunha de Carvalho, oito ministros caracterisados com o emprego da Vara, á cuja alçada são sugeitas a Freguezia mesma de N. Senhora da Conceição, a de N. Senhora da Guia de Mangaratigba, e as de novo creadas em Ilha Grande, e no sitio de Marambocaba, com os titulos de Santa Anna, e de N. Senhora do Rozario.

Em quatorze engenhos existentes no anno de 1794 se trabalhava a cana para fabricar assucar, e noventa e huma engenhocas reduziam a mesma planta á aguas ardentes, tão boas e perfeitas, como as de Paraty, que commummente se reputam por mais superiores.

Pelos matos do continente da Ilha Grande se acham as madeiras denominadas Iriribá, Ipê, Juticupiuba, Goity, Bicuiba, Louro, Giquitibá, Masaranduba, Canella preta, Canella parda, Canella amarella, Urucurana, Cuticahem, Angelim, Genipapo, Cedro, Vinhatico, Cabiuna, ou Jacaranda, Jacarandá-tan, Tatagida, Sapucaia, Grapiapunha, Oleo, Páo-Brasil, Jatahy, e outras muitas de prestimo, e para construcções. A Cuticahem serve para forro de embarcações; a Bracoby he comparada á Secopira do Norte, pela dureza do amago e semelhança das aguas; e a Garauna vermelha, e preta, depois de ferida, distilla hum succo gomoso e util.

Regam as terras do territorio da Freguezia varios Rios (navegaveis quasi todos a distancias longas, e fartos de toda a sorte de peixe), dimanados de muitas cachoeiras, que, dispersas pelo Continente, abundam de aguas preciosas, e são vistosissimas. Por elles vogam canoas carregadas dos effeitos das lavouras, desde o interior das Fazendas á diversos portos, e commodos até as suas barras, por onde entram a Angra. Ahi póde fundear qualquer Vaso dos maiores, por ser o ancoradouro seguro e sem perigo, desviando-se dos lugares povoados de Ilhas espalhadas pela enseada, em maior ou menor corpo, que sufficientes (á excepção de algumas), ao trafego da lavoura, admittem a sua cultura e habitação, por haver n'ellas agua perenne e pura.

Duas barras de notavel boca permittem franca a entrada, ou a sahida do seu grande seio. He a primeira de duas a tres leguas de extensão, entre o pontal da restinga de Marambaia, e a ponta de Leste de Ilha Grande, seguindo á Oessudoeste da barra de Guaratigbá. Na sua passagem nenhum cachopo ou baixo se divisa, que obste a carreira; e se por contrariedade dos ventos algumas vezes he menos favoravel a navegação, nas duas enseadas de Abrahão e da Estrella acham abrigo as embarcações, e fundo segurissimo. A segunda barra se acha na ponta de Oeste da referida Ilha,

d'onde correm mais de tres a quatro leguas de boca á ponta de Joatinga, ou de Cayrussú, como vulgarmente se conhece; e perto da mesma ponta ha outra enseada mais segura, que as duas da banda de Leste. Ao Sul da Ilha Grande, desviado hum quarto de legua ao mar, está hum Ilheo, a que chamam *Ilha de Jorge Grego* junto ao qual ha surgidouro para navios grandes, e dentro em si agua boa e lenha. Da ponta da Marambaia á de Cayrussú contam-se doze a treze leguas por costa: e a circumferencia da Angra fazem ser maior de cincoenta leguas. Do lugar da Villa ao porto de Sepitiba, onde geralmente desembarcam os moradores de todo o Continente, desde Paraty, contam a distancia de treze leguas; e d'alli, por terra, á Cidade do Rio, quatorze (*).

(Continúa.)

Parecer sobre o aldeiamento dos Indios Uaicurús e Guanás, com a descripção dos seus usos, religião, estabilidade e costumes. — Por Ricardo Franco de Almeida Serra.

(Offerecido ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro pelo Exm. Presidente de Mato-Grosso, o Sr. Conego José da Silva Guimarães.)

Illm. e Exm. Sr. — Para dar o meu parecer, conforme manda S. M. e V. Ex. me ordena, sobre o aldeiamento dos Indios Uaicurús e Guanás, que vivem como entre os Portuguezes, nos terrenos adjacentes, e a Norte d'este Presidio de Coimbra, e nos contiguos ao de Miranda, de tal fórma que fiquem sendo uteis á mineração e agricultura, confesso, Illm. e Exm. Sr., que mais de huma vez me tenho esforçado para cumprir com este meu dever, e outras tantas vacillante o tenho suspendido: tanto por serem os meus sentimentos, a respeito d'estes Indios, contrarios ao commum e geral das pessoas, que ha mais annos os praticam e entendem o seu idioma, como por me persuadir, pelo largo espaço de 5 annos em que diariamente os trato, ter reconhecido n'elles unicamente huma natural inconstancia e affectada condescendencia, prestando-se lisongeiros a quanto se lhes insinua, mas só na occulta e firme resolução de nada cumprirem que seja contrario aos seus inveterados usos e presentes interesses; sendo o seu caracter huma refinada dissimulação e certa desconfiança, ainda dos mesmos beneficios que recebem, os quaes muitas vezes julgam, ingratos, menos graça do que divida, consequencia dos seus estranhos principios.

O seu systema politico, e aferro aos seus herdados costumes e abusos, a sua vida errante e libidinosa, as suas poucas leis arbitrarias, ou simples e mutuas convenções, mas regras fixas com que se regulam entre si tranquillamente por huma tendencia natural e herdada tradicção; o horror que tem para o trabalho, que consideram só proprio de escravos e incompativel com sua innata soberba, suppondo-se pela primeira e dominante nação de Indios, contando todas as outras por suas *cativeiras*, não se julgando inferiores aos mesmos Hespanhôes e Portuguezes, gabando-se diariamente de que, apesar de sermos muito bravos, nos souberam amançar: esta ridicula altivez e negacão ao trabalho, lhes faz desprezar as fadigas da agricultura, que com effeito não necessitam para viverem longos annos, robustos e fartos, achando no Rio Paraguay, e nos seus amplissimos campos a sua sempre provida despensa.

A summa indifferença com que olham para os mais visiveis sentimentos e principios da Religião e da lei natural, que só nos corações d'estes homens parece se não acha gravada: a crueldade com que anniquilam a sua mesma raça, incompativel com o extremoso mimo e amor com que tratam e criam algumas crianças que compram, e furtam ás nações visinhas, e maiormente aos proprios filhos, que raras vezes deixam nascer de suas mulheres; a independencia e rivalidade com que vivem entre si as diversas tribus dos Uaicurús que formam o todo d'esta errante e dispersa nação, unidas para o seu interesse geral e separadas pelo seu proprio e para sua subsistencia: as chamadas commodidades da vida, ou sejam do fausto, da mesa ou da casa, que felizmente desconhecendo, não prezam nem buscam, não multiplicando assim as necessidads do homem, tudo em fim accumula huma confusão de idéias contradic-

(*) Os moradores de Paraty e da Ilha Grande, que actualmente giram pelo mar da Angra, contam a distancia desde a Villa de Paraty até o sitio ou porto de Sepitiba, pelo modo seguinte: — De Paraty á Ponta de Santo Antonio, huma legua; d'ahi, á Gorauna, outra legua; de Gorauna á barra de Taquary, ou á Ilha do Cedro, outra legua; d'ahi ao Tóquetóque, outra legua; d'esse lugar á Ilha de Araraquára, outra legua; d'essa Ilha á de Sande, outra; d'ahi á Ilha do Brandão, outra; do Brandão á Ilha Gipoia, ou Giboia, outra legua; da Gipoia á Villa de Angra dos Reis, outra —: he por tanto o caminho de mar de huma á outra Villa de nove leguas. Da Villa de Angra á Ponta de Leste, duas leguas; e d'aqui ao Porto de Sepitiba, onze leguas, que juntas, fazem o total de treze leguas. Caminhando de Sepitiba á Cidade, por terra, contam a distancia de quatorze leguas: porêm, procurando os viajantes o porto da Pedra, que tambem he de embarque, adiante duas leguas do de Sepitiba, diminuem-se estas na marcha de terra, e o sitio do Lamarão fica dividindo as doze leguas. Em Sepetiba mandou o Decreto de 26 de Julho de 1813 demarcar terreno conveniente para huma povoação.

torias, que, parecendo entre si diametralmente oppostas, constituem o systema, a moral e conservação de todo o corpo dos Uaicurús, formidavel ás mais nações indigenas do amplissimo Paraguay, e ainda muitas vezes aos mesmos Portuguezes e Hespanhóes, sobre os quaes por dois seculos commetteram repetidas atrocidades, e quasi sempre impunemente.

Eu seria assás extenso se pretendesse demonstrar que não são paradoxas as affirmativas referidas, e desenvolver as combinadas circumstancias, pelas quaes se fariam evidentes. Por tanto, Illm. e Exm. Sr., não deixando de tocar em alguns factos constantes que as verificam, passarei a expor, não quanto me parece necessario para se aldeiarem estes Indios, de tal fórma que sejam uteis á agricultura e á mineração, mas sim ás difficuldades que acho a hum estabelecimento fixo e constante, do qual se possam tirar as utilidades que se esperam, e as quaes só o tempo poderá facilitar, quando, pela nossa mais longa communicação, se adoçarem os seus costumes e parte dos estranhos principios com que se governam, se acaso isso ser possa.

Numero dos Indios dependentes de Coimbra.

Ha quatro annos que a enumeração dos Uaicurús e Guanás era de 1,400 almas. 800 dos primeiros, e 600 dos segundos; e em Miranda chegava o seu numero a 800. Presentemente chegam a 2,600 pessoas as adjacentes a Coimbra, por terem comprado nos ditos quatro annos aos Xamicocos, Indios que vivem nas terras occidentaes da Bahia Negra, mais de quatrocentos dos seus filhos, e prisioneiros que esta nação faz sobre outras da sua mesma lingua, situadas mais interiormente n'aquelle paiz.

Alêm d'estes Xaminocos, passaram em 1802, e por duas diversas vezes, muitos Uaicurús denominados Cadiu-é-os, e que viviam visinhos, e ao Norte do Forte Hespanhol de Bourbon, para a mesma morada em que se acham os annexos a este Presidio de Coimbra; isto he, em Março 300 pessoas com outros tantos cavallos, e em Novembro 380 com mais de 1,200 animaes.

Todos estes novos adquiridos, e chamados pelos Uaicurús seus captiveiros, ou sejam Xaminocos, Bororós, Guanás ou outra qualquer, das por elles flagelladas nações, logo que entram em cada tribu, são reputados como membros d'ella. Algumas crianças ficam adoptadas como filhas, outras vem a casar com seus senhores, e assim, dentro em poucos annos, fazem estes novos membros hum mesmo todo, ainda que sempre com o nome de cativeiros.

Não deixando comtudo de lhes servir estas ligações de nota para o futuro, sendo hum ordinario improperio entre os Uaicurús o de se ultrajarem huns aos outros nas suas bulhas, e na ausencia por filhos e netos das outras nações que chamam suas cativas, de tal fórma que se considera entre elles, já como fidalgo e com accesso para capitão, quando falte a prole de alguns dos existentes, a todo aquelle que he conhecido por ter hum ou dois ascendentes Uaicurús legitimos, aos quaes chamam Côte; e d'estes puritanos não ha talvez em todos estes Uaicurús mais do que até vinte.

Divisão.

Os Uaicurús se dividem em differentes tribus, e cada huma com diverso nome.

A primeira he a dos Uatade-os; composta de varios capitães, entre os quaes o capitão Paulo he olhado como Chefe, em poucas circumstancias.

Formam a segunda tribu, com o nome de Fjué-os, tambem varios Capitães, dos quaes he julgada como principal D. Catharina, por ser filha po Capitão Guaná; supposto ter desmerecido de nobreza no conceito dos Uaicurús, por ser sua mãi Guaná, e como tal contada por captiveira, ainda que Dona na sua nação.

A terceira tribu he dos Cadiué-os, novamente fugidos das visinhanças de Bourbon para se estabelecerem no mesma morada das duas primeiras; ella consta de 680 pessoas, como fica dito, doze Capitães, e outras tantas Donas.

Como aggregados a estas tres tribus, vivem alguns individuos de outras, denominados Pacajudeus, Cotogudeus, Xaguté-os, Oléos, que os seus casamentos separam de humas, e unem ás outras, em quanto elles duram. A maior parte d'estas ultimas quatro tribus são as que se estabeleceram em Miranda.

Os diversos nomes de cada huma d'estas distinctas tribus são relativos á qualidade dos terrenos das suas antigas e diversas moradas; isto he, na lingua Uaicurú, *Uata* he pedra, e assim Uatadé-os he o mesmo que o das terras das pedras. *Paca*, he Ema, por isso, Pacajudé-os, os da terra das Emas. *Cóto*, he flecha, e Cótojudé-os, os Uaicurús da terra das flechas.

Guanás.

Os 600 Guanás que existiam ha quatro annos tem augmentado o seu numero com alguns filhos e xamicocos comprados. Esta nação he certamente

a que promettia hum aldeiamento constante; ella tem morada fixa nas fertilissimas terras e mattos das escarpadas serras de Albuquerque, e perto do morro d'este nome e da margem do Paraguay, lugar a que geralmente Indios e Portuguezes chamam Albuquerque, dando simplesmente o nome de povoação á que com elle se caracterisa.

Os Guanás alli estabelecidos vivem dentro de grandes casas, que formam de enlaçados troncos e ramos. Plantam algum milho, mandioca, grande quantidade de morangas e batataes. Tecem todos os annos bons pannos e alguns paicús; e ainda que pareçam assás preguiçosos, esta cultura, com alguma pesca, não só os sustenta e veste, mas os Uaicurus, que os olham como seus captiveiros, lhes tiram cada anno huma boa porção, parte como gratuito feudo, e parte tirada com alguma violencia, succedendo-lhe o mesmo com os seus pannos.

Alêm d'este sustento proprio, tributos forçados e dons, os Guanás vendem todos os annos em Coimbra algumas redes e pannos, bastantes gallinhas, grande somma de batatas, e alguns porcos, tendo assim estas permutações enriquecido mais esta nação do que os Uaicurús, fazendo emfim esta fixa morada e util ágricultura, que a maior parte dos errantes Uaicurús estabelecem n'estes lugares as suas toldarias em quanto duram aquelles fructos, e a inundação do Paraguay, não alagando ainda aquellas largas campinas, lhes facilita alli pasto para suas numerosas cavalgaduras, sem que os fructos d'esta cultura e o visivel interesse que d'ella tiram os Guanás nas vendas que fazem aos Portuguezes, sirva de estimulo aos Uaicurús para os imitarem.

Os Guanás tambem se dividem em differentes tribus: e todas ellas, apesar de terem maior numero de homens do que os Uaicurús, se viram, para a sua conservação, na urgencia de comprarem a paz e a amizade d'aquelles seus oppressores; porque os Uaicurús, sempre errantes, e sempre atrozmente guerreiros, fiados nos seus cavallos, e conhecendo toda a sua força e superioridade sobre as outras nações que os não tem, sempre flagellaram os Guanás com hum guerra de diarias emboscadas, e intempestivos ataques, não sobre suas aldeias, que sempre cercam de estacadas, mas sim estragando-lhes as suas plantações, e espreitando-os, tanto nas suas roças, como quando iam e voltavam d'ellas; ou no campo, matando e captivando os que apanhavam em descuido, e em menor numero. Estragos e damnos que obrigaram os Guanás a pedirem-lhe paz, e a deixarem-se chamar seus captiveiros, dando-lhes voluntariamente parte das suas colheitas, para pouparem o resto, e as mortes que cada anno soffriam.

Estes 600 Guanás são os que vivem sobre si, aldeiados e unidos em hum corpo nas ditas serras de Albuquerque; e ainda que por esta fórma separados dos Uaicurús, sempre vivem ligados com elles, e seguindo a sua sorte. Alguns passam para o corpo dos Uaicurús, ficando já como taes os filhos que entre elles nascem.

A soberba e rivalidade dos Uaicurús he tal, que se infunde nos mesmos Guanás logo que passam a viver, ou nascem entre os altivos Uaicurús, tratando os outros com desprezo e publica superioridade, mórmente até o anno de 1799, chegando alguns Capitães Uaicurús, e ainda aquelles mesmos, cujas mãis e mulheres sempre foram Guanás, como os Capitães Paulo, e Luiz Pinto, a fazer levantar da minha mesa, e a comer sentados no chão, a algum Capitão Guaná que viam n'ella, e a dizerem-me que, se eu comia, elles o não faziam com os seus captiveiros.

Porêm, vendo os Uaicurús que no dito anno foram dois Guanás á Villa Bella fallar a V. Ex., e o Capitão Ayres Pinto, e outro Guaná á Villa Maria, para onde presumiam se queriam mudar os Guanás, desde essa epocha mudaram os Uaicurús de modos e estylo, chamando aos Guanás de amigos e parentes, convidando-os para suas festas, e mesmo para minha mesa, temendo esta mudança; porque n'ella perdiam mulheres, parte de seu sustento e das suas forças, pelos convidarem sempre para as suas expedições bellicas; com o que, e com este novo e mais igual modo de tratamento se tem conformado mais os Guanás com os seus antigos e ainda actuaes oppressores, que de vez em quando lhes não deixam de fazer suas violencias, e de os chamar sempre seus captiveiros.

(Continúa.)

Assim como ha homens que tem mais memoria que juiso; tambem ha outros, que de alguma maneira tem mais ideas que espirito, e por isso, não podem ligal-as nem conduzil-as.

Ha outros que não tendo ideas sufficientes para o seu espirito, definham de aborrecimento, quando não podem divertir-se com frioleiras.

Ha outros finalmente que tendo idea de mais para a sua idade e para a sua saude, são por ellas atormentados.

DA INDEPENDENCIA POLITICA E SOCIAL DAS MULHERES,

NOS TEMPOS ANTIGOS E MODERNOS;

De sua educação, e de algumas obras mais recentes a este respeito, escriptas por mulheres.

(Continuado da pag. 259.)

II.

Voltemos aos tempos actuaes, á Europa, e em primeiro lugar á Inglaterra. Não fariamos objecção alguma contra a emancipação social da mulher, se soubessemos que ella se achava preparada para essa grande revolução em nossos costumes que reclamam os seus mais ardentes campeões. De resto, o *sexo mais fraco* já começa a achar-se em estado de advogar energicamente na polemica a sua causa. A França, que perdeo madame de Stael, tem a sua mistress Wolstonecraft n'essa eloquente sophista chamada entre os homens George Sand, e entre as mulheres, madame Dudevant; a Alemanha vio o seu mais bello genio humilhar-se aos pés de Bettina Von Armin; a Italia póde ensoberbecer-se com a posse da condessa Anna Pepoli; e em Inglaterra, sem fallar de miss Martineau, reformadora e economista até em seus romances, eis aqui com o milesimo de 1840 seis obras importantes acerca das mulheres, publicadas por mulheres, e que merecem ser ao menos mencionadas pela critica.

Devemos a mistress Sandford *A Mulher considerada em seu caracter social e domestico*, setima edição, e *A Mulher na sua perfeição*, terceira edição. Estas duas obras, de excellente moral, e cheias de sentimentos religiosos, tratam mais da educação das mulheres, que de sua posição social e da analyse de seus direitos. Infelizmente, nem pela originalidade das ideias, nem pela força e simplicidade do estylo, poderia mistress Sandford produzir viva impressão sobre os seus leitores e leitoras.

As Mulheres em Inglaterra, seus deveres sociaes, e sua vida domestica, por mistress Ellis, he hum livro concebido como os precedentes, com as melhores intenções do mundo; mistress Ellis admoesta admiravelmente as mulheres inglezas; traça-lhes hum excellente manual de conducta; e devemos felicitar-nos pela boa opinião que a amavel autora tem de nossas mãis, de nossas mulheres e de nossas irmãas, suas compatriotas; porêm temos hum espirito de nacionalidade mais liberal do que o seu. Desejariamos que mistress Ellis lançasse suas vistas para alêm de nossas afortunadas ilhas, e procurasse exemplos (muito faceis de encontrar) d'essas virtudes que considera como exclusivamente inglezas.

Mistress Ellis prefere tambem huma educação simples a esses exercicios demasiado sublimes, a que algumas vezes são sugeitas as intelligencias juvenis: não he partidista d'essas educações d'estufa que produzem aqui e alli alguns phenomenos, mas que desnaturam o caracter da mulher. Todavia, não cremos que a sciencia conduza sempre ao pedantismo, e citariamos, se fosse necessario, mistress Sommerville, essa amavel rival de Arago e dos Biot, cujos escriptos são tão adequados para popularisar os conhecimentos astronomicos.

Hum pequeno volume, tambem por huma mulher, com o titulo: *A Missão da mulher*, attrahio nossa attenção, mas a autora não occulta que quiz sobre tudo fazer conhecer aos leitores inglezes a notavel obra franceza *A Educação das mãis de familia*, por M. Aimé Martin, obra eloquente, de huma philosophia elevada, que não he excluida, pelas lições do bom senso e dos bons sentimentos, obra que merecia ser traduzida por inteiro; mas a traductora ou imitadora de M. Aimé Martin desconfiou do nosso publico, e só conservou do original o que lhe pareceo que poderia interessar sem risco de duvida á Inglaterra e ás mãis inglezas.

A Mulher e seu senhor, de lady Morgan, não he infelizmente mais do que a primeira parte da obra que a autora havia meditado: vasto quadro historico que devia traçar-nos a luta da mulher contra o homem, desde os tempos barbaros ou heroicos até os nossos dias; longa historia da escravidão da metade da especie humana, em que lady Morgan se compraz de fazer sobresahir as realidades femininas, as Semiramis do Oriente e do Occidente. Não a julgaremos huma obra incompleta. Tal qual he, a sua leitura tem muito interesse, he engenhosamente escripta, e muito menos contaminada que os outros livros assignados com o mesmo nome, d'essa phraseologia meia franceza e meia ingleza, que desterra alternativamente os leitores das duas nações. Vemos com pesar, no prefacio da *Mulher e seu senhor*, que lady Morgan receia perder a vista: ah! as Musas tambem envelhecem e tem enfermidades n'este pobre mundo perfectivel que não he ainda o melhor dos mundos possiveis.

Sob o titulo: *Dos direitos e deveres da mulher, considerados relativamente á sua influencia na sociedade, e sobre a sua propria existencia, por*

huma Senhora, huma senhora anonyma publicou dois volumes do mais subido merito. Diffusos, cheios de repetições e de verdades em demasia triviaes, contêm ao mesmo tempo factos novos e vistas finissimas. Como lady Morgan, a anonyma remonta-se á origem das sociedades; porêm analysa igualmente a civilisação moderna, compara, discute, julga e decide com rara sagacidade. Tudo o que explica a subordinação da mulher he especialmente escripto com verdadeiro talento de observação.

Porêm, ao que nos parece, nenhuma d'estas obras prevalece a hum livro italiano escripto por huma senhora italiana já nomeada n'este artigo: *La Donna saggia ed amabile.*

He sobre tudo em Italia que reina o prejuiso contra as mulheres autoras; não que na patria de Vittoria Colonna e de Olimpia Morata os homens recusem as vantagens de huma educação liberal áquellas que associam por toda a vida ao seu destino; mas he sua opinião, erronea, se quizerem, que os thesouros d'intelligencia que póde adquirir huma mulher devem ser exclusivamente reservados para embelesar o circulo domestico.

Huma mulher autora, do mesmo modo que huma actriz e huma improvisadora, he pois huma anomalia, hum ente excepcional que despresou a delicadeza, a graça e a modestia, encantos particulares do seu sexo, renunciando igualmente a todos os privilegios de respeito e consideração de que se cerca aquella que se contenta de ser boa filha e boa mãi. A mulher que em Italia se faz autora, passa dentro em pouco para hum terceiro sexo separado dos outros dois, e mesmo he considerada como huma especie de hermaphrodita moral. A nobre dama, cuja obra nos occupa, não teria escapado a essa ciosa desconfiança de suas compatriotas, se, escrevendo, não tivesse tomado por assumpto de seus escriptos a recommendação das qualidades domesticas e sociaes que caracterisam, segundo as idéias italianas, *a mulher amavel e instruida.*

A condessa Anna Pepoli, viuva do marquez Sampieri, nasceo em huma das mais antigas e illustres familias de Bolonha. Seu irmão, o conde Carlos Pepoli, autor do libretto dos *Puritani* e de outros poemas, he hum proscripto italiano, que pertence por duplo vinculo á Inglaterra, pois que occupa a cadeira de litteratura italiana na universidade de Londres, e escolheo por mulher huma filha d'Albion.

A condessa Anna, que desempenhou admiravelmente seus deveres de esposa e de mãi antes de tomar a penna, quiz, não só experimentar o seu systema na educação de sua propria filha, mas ainda justificar as suas compatricias das falsas accusações que contra ellas previnem tão desfavoravelmente os estrangeiros. O seu livro foi impresso na Suissa, porque não ha livro italiano, por muito moral que seja, que deixe de ser suspeito á policia receiosa que substituio alêm dos Alpes a censura inquisitorial.

Em huma epocha em que se dá tanta importancia á philosophia das linguas, he curioso estudar o sexo em hum paiz, cuja lingua não tem vocabulo que corresponda a *mulher (woman)*; sendo o unico termo analogo *donna*, corrupção do latim *domina*, ou *domna (dame, lady)*, igualmente applicavel ás pessoas mais infimas e ás mais nobres, bem como á rainha dos anjos *(ma donna)*. He sobre tudo curioso comparar a educação da mulher, em hum paiz de absolutismo religioso e politico, com a educação da mulher no paiz da democracia e da mais ampla liberdade de consciencia; a educação da Italia com a dos Estados-Unidos.

A obra da condessa Pepoli lança por terra desde o seu começo todas as idéias recebidas sobre a educação das mulheres em Italia. Não se trata de conventos. Não ha ninguem em Inglaterra que não julgue as moças italianas condemnadas á prisão de hum claustro, para passarem d'esta reclusão ao brilho do mundo, da cella ao leito de hum marido, do qual nem ao menos viram o retrato. Sabei pois, valentes cavalleiros inglezes, que ao ver as paredes de hum convento de ursulinas, imaginais ouvir os suspiros da belleza captiva; sabei que esses sagrados asylos apenas encerram freiras rugosas ou demasiado feias, para ter dado a Jesus Christo grande numero de rivaes quando a elle se entregaram. Os conventos italianos são o refugio d'essas velhas solteiras que os nossos navios conduzem em carregações matrimoniaes para a India britanica, e que os Americanos mandam para consolação dos pioneiros de suas fronteiras occidentaes.

Mas, se depois da invasão de Napoleon na Italia, a educação de convento acha-se quasi esquecida, não se póde deixar de convir que a donzella não encontra em casa de sua mãi toda a monotonia e solidão do claustro. A delicadeza feminina he considerada em Italia como hum cristal transparente que póde ser manchado pelo mais leve sopro do mundo; he huma flor mimosa e tenra que receia ao mesmo tempo os ardores do sol e o vento glacial. Os Italianos acreditam em huma certa virgindade d'alma, sem a qual a castidade do corpo não tem a seus olhos valor algum. Para



Arrebaldes da Cidade d'Angra dos Reis.

garantir essa innocencia moral, e he talvez esse o mais grave de seus erros, não conhecem melhor meio que huma reclusão total e a ignorancia do mundo. Nos Estados-Unidos succede justamente o contrario.

A *independencia* da donzella americana começa com a sua vida de porcionista. Todos os dias logo que se levanta vai sósinha para o seu collegio ou academia situada algumas vezes a algumas milhas de distancia da residencia paterna. Quem são seus mestres e as suas companheiras, o que estuda, quaes os seus livros, e que amisades tem? São coisas de que seus pais apenas se informam, e se o perguntam, apenas se digna ella responder-lhes. A' maneira que vai crescendo a menina, vai-se tornando soberana absoluta de suas acções. He ella quem escolhe o seu mestre de dansa e o seu mestre de musica, a sua capella e o seu cura; subscreve para hum baile; vai brilhar em alguma casa de caridade ou em alguma feira de flores; volta muito tarde para sua casa depois de hum *rout* com o seu parceiro favorito de jogo, e dá hum longo giro para gosar do bello luar, da frescura e do sentimentalismo da noite. Apresenta seus *amigos* a sua mãi, e sem consultar a esta manda convites para o serão e para o chá; finalmente, he ella quem adverte a sua familia que o seu amante lhe pedio a sua mão e o seu coração, a menos que não prefira o rumor e estralada de hum rapto. Pois bem! esta lattitude, esta liberdade illimitada, raras vezes he seguida de inconvenientes graves. Graças talvez á frieza natural do temperamento e aos casamentos precoces que, nos Estados-Unidos, serão ainda por longo tempo o assumpto da ordem do dia, a joven americana adquire muito cedo o caracter *calculador* do paiz, e he a sua propria directora e a sua aia.

(Continúa.)

Rio de Janeiro.

ANGRA DOS REIS.

(Noticia historica de sua fundação, extrahida das Memorias de Pizarro.)

(Continuado da pag. 262.)

Ordenando El-Rei D. José I., de saudosa memoria, pelo Secretario d'Estado Diogo de Mendonça Corte Real, ao Vice-Rei do Estado do Brasil D. Marcos de Noronha, Conde dos Arcos, que de cada huma Provincia sugeita á sua repartição se remettesse hum mappa circunstanciado, e extracto das leguas comprehendidas no districto das Villas com quem confinavam, das Freguezias, ilhas, rios, e seus nascimentos, portos maritimos, e serras notaveis, para se formar hum novo mappa do Continente da America; em satisfação á ordem communicada pelo Ouvidor Geral e Corregedor Marcellino Rodrigues Collaço, em 19 de Fevereiro de 1757, informou a Camara da Villa sobre o seu termo, em 23 de Outubro do mesmo anno, cujo documento referirei, como foi extrahido por Copia do Livro de Registro da mesma Camara, fl. 107, por amplificar a noticia do mesmo Continente.

INFORMAÇÃO. — RESUMO DA DISTANCIA, DA LONGITUDE, COMPRIMENTO, E LARGURA QUE TEM ESTA FREGUEZIA E DISTRICTO DE N. S. DA CONCEIÇAÕ DE ANGRA DOS REIS, RIOS E ILHAS.

Principia este districto e freguezia da parte do Norte em hum Rio d'esta Costa, que divide da Guaratiba, chamado Itaguahy, e finda da parte do Sul no de Mambocába, que divide tambem esta Costa da Villa e freguezia de N. Senhora dos Remedios de Paraty, tendo n'esta longitude de comprimento por linha recta, segundo a melhor opinião, doze leguas; e no meio d'estas fica huma ilha chamada Ilha Grande, d'onde esta povoação toma o nome, com o comprimento, segundo dizem os marcantes, de seis leguas, e de largura, em partes, tres, e em outras, menos, e com varios corgos e cachoeiras de boas aguas, distante de terra firme, em partes, tres leguas, e em outras, menos. Esta ilha faz frente á Costa, em que está esta Villa situada, e nas pontas faz duas barras, huma da parte do Norte, chamada Marambaia, com largura de tres leguas da Ilha á Ponta da Restinga da Marambaia, e outra da parte do Sul, com largura de outras tres, que se comprehendem da Ponta da dita Ilha á da terra firme, chamada Ponta de Cayrussú, ou Joatinga; e por qualquer d'estas duas barras podem entrar Armadas sem perigo pelos bons fundos que tem, sem baixos que impidam. Em toda esta longitude de Costa, Saco, ou Angra Grande que faz, tem as ilhas e rios seguintes:

Ilhas que principiam da parte do Norte, correndo para o Sul, em todo este Saco, ou Angra, por seus nomes, das duas barras nomeadas para dentro, são as seguintes:

Tres Ilhotes chamados de Itaguahy, e de Itimirim; tres visinhos chamados de Maria Martins; a da Cabeça de Boi; a de Aguas Lindas; a do Gato, por fóra d'estas; e outras, que adiante vão nomeadas na Costa do mar: huma Grande, cha-

mada Marambaia, que se diz ter seis leguas de comprido, porêm com pouca largura; e na Ponta do Sul, d'onde faz barra para a de Ilha Grande, já nomeada, com bons corgos de aguas boas: as dos Papagaios; duas chamadas do Mestre Bernardo; a da Vigia; a de Jaguanon Grande; a Bonita; Partana, Sororóca, Jardim, Itacurussá, e da Madeira (1); e cada huma d'estas com huma legua de comprido, pouco mais ou menos: tres, chamadas os Tres Irmãos; duas chamadas da Goayba; tres chamadas Cotiatazes (2); Jacarahy, a de Maria Albarda, a Longa, a de Tacoatiba, Seracoruna, a da Sentinella, a da Paixão, a das Cabras, do Barros, do Sá, do Maciel, do Almeida, das Enxadas; dos Porcos grande, com duas pequenas circunvisinhas; duas chamadas Ilhas queimadas; Gipoia, com huma legua de comprido, e hum quarto de largo (onde consta, por tradicção, que houvera Armação, e pesca de Baleias); Brandão, Buzios, e Comprida, defronte da Ponta de Piriquára; Tacoatiba grande, Sabambaia, Itanhinga, do Pinto, de Antonio Pereira, da Barra de Baracohy, de Cunhambeba-ossú, de Cunhambeba-mirim, do Porto, do Rozario, de Francisco Pereira, e a Comprida, com huma legua de comprido; a dos Cocos, do Sipó, das Frechas, do Japão, da Ribeira, de Francisco Ferreira, do Arroz, das Murtas, das Bananas, e de Manoel Lopes; duas das Caeiras, a de Sicindará, Redonda, de Maria Coelho, do Cabaço, ou Cavaco, do Fogaça, do Bautista, do Algodão, da Barra, e de Jaguarépaipó: por todas parece serem oitenta e nove (3).

Rios que desaguam n'esta Costa, em toda esta longitude, navegaveis de canoas, fóra varios corgos innavegaveis, cujos nomes dos navegaveis são os seguintes.

O de Itaguahy, d'onde principia este districto da parte do Norte, correndo para o Sul; o de Itinguçú, dois de Moriquicuruna, por serem em huma praia assim chamada, em cada ponta tem hum; hum na Praia Grande, o de Iriry, o da Aldeia dos Indios de Mangaratiba, o de S. Braz, o de Ingahyba, o da Praia Grande, defronde das Ilhas de Cutietá, o de Carataócaya, o de Jucaycanga, o de Japohyba, o de Jurumirim, o de Jaguarepaypó, o de Ariró, o de Embú, o de Guaracuhy, o de Guaracuhy-guaçú, o de Cagoatahy, o de Ubatuba, e de Paratii-guaçú, o de Mambucába, d'onde finda este districto, comarca, e freguezia da parte do Sul, que se divide do de Paraty. Todos estes Rios assim chamados, tem seus principios e nascimentos na Serra Grande, que vai cercando toda esta Costa, e n'ella ha varias enseiadas, angras, ou sacos. com boas vargens em partes, e em outras, ainda que montuosas, lavradias; porêm em partes tem portos inhabitaveis; e sua largura poderá comprehender a desesseis leguas, pouco mais ou menos, até o Pirahy, d'onde finda pelo matto dentro; e na melhor paragem, quasi no meio d'este reconcavo, está fundada a Villa, intitulada Villa de Nossa Senhora da Conceição de Angra dos Reis da Ilha Graude, e n'ella dois Conventos de Religiosos, hum de Capuchos, e outro de Carmelitas Calçados, Matriz, e duas Capellas, Santa Luzia, e Nossa Senhora da Lapa; e no districto, tres, Nossa Senhora do Rozario, em Mambucába, a de Nossa Senhora da Guia, na Aldeia dos In-

(1) Esta Ilha dista de Itacurussá ao Sul huma legua, e d'ahi á Villa mais de quatro a cinco: tem meia legua de comprimento; e a de Itacurussá, legua e meia.

(2) Acham-se situadas as Ilhas Cutiatazes ao Norte da boca do Saco do Mangaratygbá, e a passagem por ellas he arriscada, pelo redomoinho que alli faz o mar sempre buliçoso.

(3) Além das Ilhas referidas, ha outras de que esta Informação se esqueceo; e se manifestam na seguinte memoria, por onde consta as suas dimensões, e outras circunstancias, que as distinguem d'entre as demais da Angra por esta parte. As denominadas Tacoatiba, e Jacarahy, tem cada huma o circuito de meia legua. A da Paixão comprehende duzentas braças. As de Francisco Nunes, e do Barros, tem cada huma cem braças. As do Pedreiro, da Bayacica, e da Cana, tem cada huma cento e cincoenta braços. As dos Porços, e do Sapê, comprehende cada huma cento e vinte cinco braças. As do Boqueirão, e Redonda, cada huma duzentas braças. As dos Buzios, e da Casca, cada huma pouco mais de cem braças. As do Brandão, do Coco, e do Algodão, cada huma trezentas braças. A Gipoia, em que ha fabricas de anil, algumas engenhocas, e pescarias, estende-se a pouco menos de duas leguas. A do Bomfim, onde ha huma Ermida do mesmo titulo, não excede a trinta e cinco braças. A do Ferreira, com cento e sessenta braças. A do Cavaco, com o comprimento de quatrocentas braças, e largura de duzentas. A do Pimenta, com pouco menos de novecentas braças de comprido, e duzentas de largo. A da Barra, com oitocentas de comprido, e setecentas de largo. A Redonda, e a do Raphael, cada huma com quatrocentas de diametro. A do Jorge, com quinhentas. A da Caeira, com oitocentas de comprido, e quatrocentas de largo. A Supituba, com seiscentas de comprimento, e cento e cincoenta de largura. A do Japão, com pouco mais de cem de comprido, e cincoenta de largo. A dos Papagaios, com cento e quarenta de circuito. A das Cobras, com igual circunferencia. A do Sande, com mil e quinhentas. A de S. João, com setenta. A Cunhambeba-ossú, com mil de extensão, e quinhentas de largura. Outra do Boqueirão, com cento e cincoenta de comprido, e pouco mais de cincoenta de largura. Outra do Jorge, com novecentas de longura. A denominada Tanhenga, com mil e duzentas. A da Palmeira, com mil e cem. A do Pinto, com cento e setenta. A de Itapóca, com cincoenta. Outra do Algodão, com quinhentas. A de Sabambaia, com duzentas. A das Palmas, com quatrocentas. A dos Morcegos, com duzentas; e a de Abrahão finalmente, com trezentas. Todas estas existem, ou povoadas, ou cultivadas na maior parte.

dios de Mangaratiba, e a de Santa Anna, em Itacuruçá. Esta he em summa a melhor informação e norma que podemos dar de toda esta Freguezia e seu districto, em virtude da Ordem que teve este Senado para o mesmo effeito. Dado em Camara, 23 de Outubro de 1757.

Em lugar poucas braças apartado da Igreja Matriz subsistente, se acha situada a Casa da Camara da Villa, de cuja povoação e seu principio darei algumas noticias, referindo as que pude alli colher por documentos e informações, e revivando as que perpetuou o Padre Fr. Miguel de S. Francisco, no Cap. 1. do Tombo do Convento já mencionado, autor unico a quem se deve a memoria de tão remota antiguidade, havida de fontes quasi puras.

Junto o povo no sitio, que chamam hoje Villa Velha, fronteiro á Ilha Gipoia, formou hum Arraial, com o titulo de Villa, e autorisado por quem tinha a seu cargo a Capitania de S. Vicente, ou de N. Senhora da Conceiçao de Itanhahem, criou Casa de Camara, praticando desde logo actos de jurisdicção, sem comtudo levantar Pelourinho, signal constitutivo d'ella, e proprio do caracter que representava. Alguns documentos abonam a sua existencia pelos annos 1596: e segundo a informação, por escrito (que conservo), de Francisco Matheus Christianes, homem assás rabula, e dos mais sabios das antiguidades do paiz, por ter diligenciado muitas demandas, como advogado, procurador, e sollicitador tambem das causas perante o Juiz Pedaneo, e servido por vezes de Official da Camara, foi erecta a Villa no anno de 1608, e na mesma situação em que teve a sua origem, se conservou até o tempo em que aconteceo alli o fatal e temerario assassinio do Parocho. Abandonado então o lugar, quizeram os moradores levantar outra em Bracohy: mas conhecida a incapacidade do terreno, e do porto, por vasar muito a maré, erigio-a o Capitão Mór da sobredita Capitania, Antonio de Oliveira Gago, na parte mais apta, pelas commodidades, e distante huma legua, onde existe.

(Continúa.)

Copia da carta que Salvador Corrêa de Sá escreveo a Sua Magestade, documento comprovativo de hum ponto controverso da historia, sustentado e affirmado a pag. 87 deste vol

Não dei conta a V. Magestade das alterações d'estes moradores, pela incerteza das noticias que alcançava d'ellas; e por ter por sem duvida, que estes motivos devião ser originados de algum respeito particular, e não motivados do bem commum; porque, como no meu procedimento lograva os maiores seguros de meu credito, não me davam cuidado os cavillosos alcives dos meus inimigos, sendo que n'estas partes tive sempre tão poucos, como mostrou a continuação de tão dilatados annos em que repetidas vezes tive este governo, e deixando n'elle a Thomé Corrêa de Alvarenga, que servia de Alcayde-mór, depois de quinze dias de minha partida se juntaram induzidos de Jeronymo Barbalho e de outros parciaes com voz de que parasse huma finta, que os mesmos moradores por seu conselho em Camara lançaram para se pagar a Infantaria, se retirasse logo, e capitulando-se com o Governador, elle (por segural-os) lhe avisou a havia por levantada, mas como os intentos eram differentes proseguiram elles continuando na expulsão do governo, e não admittindo o tal concerto; e o Governador, seguro de que não podiam obrar tal desatino, sendo que no mais acho que foi elle quem persuadira com o governo, para se descuidar com a defensa, o que parece factivel com a experiencia do successo, porque o seguinte dia amanheceram n'esta praça os amotinadores senhoreados da Camara, e do corpo da guarda, e retirando-se Thomé Corrêa de Alvarenga ao Convento de S. Bento, fez indubitavel o que eu tinha por suspeitoso, e mais paisano, que soldado, faltou a obrigação de seu posto, e os de menos com seu exemplo fizeram o mesmo, com que o popular desejoso sempre de novidades elegeo por Governador a Agostinho Barbalho, soldado que no serviço de Vossa Magestade obrou sempre os que os do seu appellido, sendo que n'esta occasião querem muitos que fosse direcção sua aquelle acaso da voz commum, e o foram tirar a S. Francisco, d'onde, ou a dissimulação ou a prudencia o tinha levado, o tempo que governou desmentio esta opinião no acerto com que quiz dispor tudo, e o que o pudera acreditar de innocente, o fez na opinião de muitos mais culpado, parecendo-lhe machavilhice para desculpa do castigo, e que em vez d'este o premiasse Vossa Magestade com a continuação do governo, na falta ou ausencia minha. Os companheiros, ou queixosos, ou desconfiados juntaram gente, e com voz popular o tornaram a depor, ficando o senado governando com oito procuradores do povo. Esta noticia me chegou juntamente com a vinda da armada, e por haver ido á averiguação das minas da Parangûa, não quiz vir-me sem fundar o intento, para que como desengano d'ellas avisar a Vossa Magestade, por estar certo que em

quanto a armada estivesse na praça, com os cabos que n'ella vinham, não havia de obrar o povo coisa que não fosse em serviço de Vossa Magestade, porque o General Manoel Freire de Andrade, e o Almirante, seu irmão, além das obrigações que nasceram por não faltar a elle, tinham muito de acudir por meu credito, que elle soube desmentir tambem com a sua prudencia, que os dissuadio sempre d'esta suspeita; dei fim ao intento de minha jornada, e me vim chegando para a Ilha Grande, lançando voz de vir cortar madeiras, para as fabricas do Galeão; e o tempo em que me detive de buscar todos os meios para evitar castigo, e quando menos fazer se prolongasse, não colhi mais fructo d'este meu desejo, que hum desengano de que aquelles que governavam levados do temor, se iam precipitando a maior ruina, e por evital-a me deliberei a metter-me na praça, havendo feito aviso ao General Manoel Ferreira para a prevenção necessaria, e fiado n'ella me vim só com meu filho, meus criados, e com Indios da minha aldeia; mas meia legua d'esta cidade achei o proprio, que alheio do juiso se havia entregue ao somno, e vendo certo o damno, quiz antes resolver-me a maior perigo, entrando na praça, só com os companheiros que trazia, do que voltar-me, porque nas occasiões do serviço de Vossa Magestade nunca me foram estorvos os perigos de vida, investindo o corpo da guarda principal, me fiz senhor d'elle, e da Torre da polvora, e das fortalezas S. Sebastião, e San-Tiago, avisando logo ao General d'armada e ao Almirante que dispozessem a sua gente como convinha á quietação d'esta praça; por se evitarem os damnos que podia haver, de algum movimento de culpados, e em muito pouco espaço tinha toda a infantaria formada na praça, e a gente do mar desembarcada fez o mesmo, o que não foi necessario, porque quasi toda a nobreza, e em geral o povo, acclamaram a voz real de Vossa Magestade, e á minha chegada vindo-me dar todos a obediencia, e os mais culpados fugiram para S. Francisco, prendi quasi todos, e vou coutinuando; e para quietação e exemplo, me pareceo e ao General Manoel Freire de Andrade, e ao Almirante Francisco Freire, seu irmão, e ao Auditor e Ouvidor Geral Sebastião Cardoso de Sampaio, em junta que fizemos, que logo se devia fazer alguma execução, para exemplo, e como o mais culpado na voz commum (pelos desaforos com que obrava) era Jeronymo Barbalho, gastando muito de sua fazenda na reconducção da gente, que intimidava com ameaças, para que viessem fazer o que elle queria, e haver incorrido nos maiores crimes; resolvemos pôr-lhe a cabeça no pelourinho, com que não só se seguirá a quietação, mas hum geral exemplo ás conquistas de Vossa Magestade, sendo esta cidade a que mais necessitava d'elle, pela continuação de tão repetidos erros, que foram com esta quatorze as vezes que hão incorrido n'esta desolação; para o castigo dos mais, mandará Vossa Magestade (prostrado aos reaes pés) mande devassar em geral e em particular de meus procedimentos, porque não quero maior premio de quarenta e dois annos de serviço, que o que resultar d'ella: que os vassallos, como eu, nas occasiões obram de modo que n'estas, e conseguindo-as assim a esperança dos augmentos, que a christandade e grandeza de Vossa Magestade costuma fazer áquelles que bem o servem. Remetto a Vossa Magestade com esta o traslado da Junta, que se fez para a execução da morte de Jeronymo Barbalho. Deos guarde a Vossa Magestade, com os augmentos que seus vassallos lhe desejamos. Rio de Janeiro, 10 de Abril de 1661.

(*Mns. da Bibl. Publica.*)

Parecer sobre o aldeiamento dos Indios Uaicurús e Guanás, com a descripção dos seus usos, religião, estabilidade e costumes. — Por Ricardo Franco de Almeida Serra.

(Offerecido ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro pelo Exm. Presidente de Mato-Grosso, o Sr. Conego José da Silva Guimarães.)

(Continuado da pag. 264.)

Xamicocos.

Os Xamicocos não deixam de formar huma nação numerosa; pois occupam, não a grande distancia da margem occidental do Paraguay, os terrenos que se estendem desde pouco abaixo da Bahia Negra, 12 leguas ao Sul de Coimbra, até as immediações do Santo Coração, e S. Thiago da Provincia de Chiquitos, sobre as quaes fazem os estragos que podem, captivam mulheres e crianças, que vendem, e se acham entre os Uaicurús.

He nação miserrima; não cultivam, nem tem casas; dormem ordinariamente em covas, que fazem na terra, e até comem humas folhas carnosas de certo arbusto; vivem em diversos e distantes alojamentos, fazem dura guerra huns aos outros, vendendo alguns prisioneiros que apanham aos

Uaicurús, com medo dos quaes se concentraram nos mattos d'aquelle terreno.

Os mesmos attentados com que os Uaicurús reduziram e aggregaram á si os Guanás, são semelhantemente os mesmos com que tem reduzido parte dos Xamicocos; pois, visitando-os por muitas vezes cada anno, e sempre com indifferente semblante de paz ou de guerra, para lhes comprarem alguns filhos e captivos, ordinaria e perfidamente, por ajuste de contas, lhes matavam quantos achavam em descuido: até que no anno de 1801 os mesmos Xamicocos, para se livrarem d'este annual flagello, mandaram espontaneamente chamar os Uaicurús, venderam-lhes entre crianças e adultos mais de 200, contrahiram paz, convidando-os para fazerem a guerra a outros Xamicocos, e ficaram os Uaicurús chamando-os seus captiveiros, os quaes com refinada politica deixaram alguns dos seus alli casados, até a chegada de D. Lazaro de Ribeira no ataque que fez contra Coimbra, que os fez retirar assustados para sua morada de Albuquerque, abandonando os Xamicocos suas mulheres; sendo digno de nota que estes adquiridos Xamicocos vivendo alguns annos entre os Uaicurús, são os mais implacaveis inimigos da sua mesma nação.

Alêm dos Guanás e Xamicocos, existem ainda entre os Uaicurús alguns de outras diversas nações, como Bororós, Cayapós, Chiquitos ou Caunis, que habitam os terrenos que vertem para o Rio Panamá, visinhos ao Igatimy; mas o numero de todos estes he assás diminuto, assim como de alguns negros e caborés já nascidos entre aquelles seus oppressores.

Fazer a guerra a todas as nações visinhas he hum objecto d'alta consideração, e urgentissimo para o famoso corpo dos Uaicurús, sem ella estariam ha muitos annos anniquilados, porque os prisioneiros, e compras que fazem a estas flagelladas nações, he só quem preenche as suas diarias perdas, e a da estranha pratica de não deixarem nascer os filhos; ficando assim o total dos Uaicurús hum composto de outras muitas nações de Indios, formando todos hum corpo unido, sempre promptos para commetterem mil estragos sobre os seus mesmos parentes, e fazel-os captivos.

Decompondo-se este aggregado total da famigerada nação Uaicurú, poucos d'elles ficarão que sejam de huma antiga origem; pois dos 2,600 Indios dependentes de Coimbra, e actualmente domiciliados nos campos contiguos ás serras de Albuquerque, tirados os 600 Guanás, que vivem como aldeiados e separados d'elles, dos 2,000 que restam, 500 ainda são Guanás e seus filhos entre os Uaicurús estabelecidos, ou como antigos e actuaes captiveiros no nome, ou por casamentos; montando com pouca differença a 500 Xamicocos os d'esta nação, ha cinco annos adquiridos. Finalmente, das 1,000 almas que ainda restam, talvez não cheguem a 200 os que se possam chamar verdadeiros Uaicurús; sendo os 800 para completar a somma total hum composto de Bororós, Chiquitos, Cayapós, Cayuabás, alguns negros, caborés, bastardos e seus filhos e netos, de todos estes diversos Indios misturados entre si pelos repetidos casamentos, que, tanto os Uaicurús como todas estas nações, praticam huns com outros, logo que entram em cada huma das tribus que formam o todo dos Uaicurús.

Bens e morada dos Uaicurús.

A mais interessante riqueza que mais presam, e em que mais cuidam todos os Uaicurús, consiste em seis ou oito mil cavallos que possuem, para conservação dos quaes e precisos pastos, e ainda mesmo para o sustento de todas estas tribus em geral, e cada huma em particular, necessariamente estes Capitães, segundo o seu numero e ligações de suas familias, se separam huns dos outros, e se espalham por diversos lugares, a 3, 5 e 7 leguas, e outras vezes mais distantes entre si, dependendo estas mudanças do estado annual da innundação dos campos do Paraguay e de sua vasante. Em ambas estas oppostas circunstancias, a morada dos Uaicurús he regularmente nas campinas que se encostam á face do Sul nas serras de Albuquerque, que, desde o morro d'este nome no Paraguay, se estendem por dez leguas para o Poente, abeirando n'ellas. Mas esta morada he sempre ambulante, porque a maxima alagação do Paraguay, que não innunda ao mesmo tempo os ditos taboleiros e campos altos que acompanham as escarpadas mencionadas serras de Albuquerque, deixa n'aquelles lugares, não só sufficientes pastos para tão innumeros animaes, mas chama a elles abundante copia de peixe, e de jacarés, que buscam sempre os fundos das bahias, dos escoantes, e partes mais baixas d'estes campos, encostando-se assim aos lugares não alagadiços d'elles, em cujos mergulhados terrenos se abrigam, e semelhantemente veados, porcos e outras caças; concorrendo tudo para que estes Indios tenham n'este tempo, que muitas vezes he a maior parte do anno, junto da propria morada, tanto o seu sustento, como os pastos precisos para as suas numerosas cavalgaduras.

Porém logo que a innundação vai abaixando,

tambem vão faltando n'aquelles campos os pastos e aguadas necessarias; pelo que vem então os Indios acompanhando a sua vasante, e buscando nas muitas baixas e escoantes que os retalham, não só viçosas relvas, mas abundante pesca nos peixes, que se empilham nos fundos das ditas bahias e escoantes, que sempre querem remontar: cujos escoantes, quanto mais encurtam a sua extensão para reentrarem nos seus limites, mais trazem após de si estas aldeias volantes; até a mesma margem do Paraguay visinha de Coimbra, d'onde fazem diarias digressões para ambos os lados d'este grande Rio, a buscarem nas bahias, que ficam existindo, peixes, jacarés e capivaras; e nos campos, porcos, veados e outras caças; o que praticam, não só na total vasante do Paraguay, mas nos annos em que as suas cheias pouco trasbordam alêm das suas margens.

Semelhantemente no seguinte anno, logo que a cheia do Paraguay principia a innundar primeiro as bahias e escoantes, e logo os campos, a vão os Indios acompanhando em retirada, e fazendo as mesmas montarias, ás dispersas toldarias dos Caicurús, até que, se a innundação he grande, se tornam a situar nos ditos terrenos altos e contiguos á face do Sul das serras de Albuquerque, os quaes, ficando nas seccas sem sufficientes pastos nem aguadas, no das cheias reverdecem. Por estas circunstancias, succedendo n'estes campos huma notavel alternativa, vê-se que os primeiros que se alagam são os propriamente chamados de Albuquerque, estando n'este tempo totalmente enxutos os chamados Lojacadigo, sete leguas mais para o Occidente, para onde se mudam então a maior parte dos Indios e todos os seus animaes. Succede pois que estes ultimos campos ficam geralmente debaixo d'agua, e com grande altura de innundação, quando já os outros estão enxutos, e o mesmo Paraguay tem descido muito da sua maxima cheia, para onde voltam e se mudam os Caicurús.

Eu julgo que a Provincia de Chiquitos he quem innunda o dito Lojacadigo, porque o nivel das aguas não permitte que o Lojacadigo esteja a encher, quando os outros já tem seccado e estão baixos.

Alêm d'estas repetidas e annuaes mudanças para o pasto de tantos animaes, e para a pesca e caça que em hum lugar fixo logo falta para tantos individuos, fazem os Caicurús outras muitas e diversas digressões para acharem em outros lugares sustento e palmitos, maiormente no tempo em que a bacayuba, especie de palmeira, dá o seu fructo, do qual fazem duravel provimento, tanto da polpa, como do coco que ella cobre, fazendo igualmente do amago do seu tronco muito boa farinha, que se equivoca com a de mandioca: e acabados estes fructos, os palmitos e outras raizes, em hum lugar, passam a buscal-os em outros.

He a natureza dos espiritos, o seu esplendor natural, e não a sua grande força, variavel como a saude, que constitue o seu justo valor, sua qualidade e excellencia.

Medem-se os espiritos pela sua estatura; melhor seria estimal-os pela sua belleza.

Os espiritos assemelham-se aos campos; em alguns o que mais vale he a superficie; em outros he o fundo a huma grande profundidade.

Ha espiritos melhores que outros, e tadavia desconhecidos; os quaes, por não haver peso em uso que possa aquilatal-os, são como os metaes preciosos sem a sua pedra de toque.

Ha espiritos luminosos, cabeças proprias para conter e transmittir os conhecimentos, talentos que brilham de todas as partes e esclarecem; porêm cuja acção a isso se limita. He necessario juntar á sua operação a de agentes secundarios, para dar-lhe força; he assim que o sol cria, mas não cultiva.

O céo raramente concede aos mesmos homens o dom de bem pensar, de bem fallar, e de bem obrar em todas as coisas.

Ha pessoas que só acham actividade no descanso; ha outras que só encontram descanso no movimento.

Ha espiritos levianos, mas que não tem opiniões levianas; as suas doutrinas e as suas virtudes os tornam graves quando he necessario.

Ha, ao contrario, espiritos serios e melancolicos, que tem doutrinas futilissimas, e n'esse caso nada valem.

Nas organisações perfeitas ha sempre alguma leviandade; e do mesmo modo que tem azas para subir, tambem as tem para se perderem.

O que se chama leviandade d'espirito não he algumas vezes mais que huma apparencia produzida pela facilidade dos movimentos: he huma ligeireza de evoluções, muito diversa da ligeireza da attenção e do juiso.

Os espiritos que nunca repousam são sugeitos a muitas irregularidades.

DA INDEPENDENCIA POLITICA E SOCIAL DAS MULHERES,

NOS TEMPOS ANTIGOS E MODERNOS;

De sua educação, e de algumas obras mais recentes a este respeito, escriptas por mulheres.

(Continuado da pag. 259.)

II.

A sua imaginação e o seu coração estão sempre sugeitos ao exame da sua razão, e ella aprende a avaliar seus admiradores segundo o seu merecimento real. Nunca se ouve fallar de hum *escorregamento de pé*, e se elle tem lugar, pode-se estar certo que foram devidamente pesadas as suas vantagens materiaes, e que a mesma imprudencia apparente he o resultado da mais habil politica. Antes de sahir do collegio, huma moça yankee..... Deos a fade bem! possue hum conhecimento completo do mundo; he forte contra os mais espertos, e acha-se como garantida contra todos os perigos de huma seducção amorosa. De que lhe serviriam os milhares de romances que leo? Seu olhar hé altivo, e seu andar firme; com ella, assim como com a virgem spartana,

E' la vergogna inutile
Dov'é la colpa ignota.

Ella reputaria a modestia como huma falta de sinceridade e de franqueza; a delicadeza, como huma falta de coragem e d'independencia. A' excepção de alguns termos miseraveis que o pudor transatlantico prosereve do diccionario, e cuja lista se acha em Sam Slick (*), nenhum objecto de conversação he por ella repellido, e em todos elles tem alguma palavra a collocar. Em presença de seu noivo ou de seu marido, usa das mais transcendentes expressões de admiração por outro qualquer. A sua mão e a sua pessoa pertencem exclusivamente a hum, mas tem a liberdade de amar em sua imaginaçao *(to fancy)* e *a outrance* a quem lhe agradar. Inconstante por principios, diverte-se com meiguices insignificantes *(flirtations)* sómente para experimentar a paciencia ou tolerancia do homem da sua escolha, e para medir os limites de sua propria independencia.

Eis aqui a donzella e a mulher casada americanas; e parece-me que he esta huma das variedades da mulher emancipada, da mulher livre; porêm emancipação que he o producto do caracter nacional, do temperamento, dos usos e dos costumes; emancipação que não foi inculcada por nenhuma religião, por nenhuma philosophia. Que dizem a isto os nossos missionarios de saia? Quererão ainda passar alêm? Estarão certas que o seu systema reprimiria, com tanta facilidade como a simples educação americana, os instinctos do sexo europêo, já livre de suas prisões sociaes e domesticas? Sabemos que na America tambem ha mulheres autoras. Miss Sedgwick he actualmente a mais celebre, como romancista, moralista, e mesmo alguma coisa puritana; Mrs Child publicou excellentes obras sobre a educação dos meninos; Mrs Clavers preferio imitar Washington Irving, descrevendo a vida americana dos Estados d'oeste; o neto de Mrs Adam, viuva do presidente, publicou recentemente as cartas de sua avó, que nos revelam huma Montagu plebêa, julgando severamente as nobres ladys que vio em Londres no seu tempo. Não conhecemos porêm autora americana, que reclame a emancipação da mulher. As *pregadoras* dos Estados-Unidos são excellentes missionarias; sua grande ambição intellectual he toda religiosa ou irreligiosa, segundo são ellas devotas ou atheistas: d'onde concluimos que as mulheres dos Estados-Unidos tem justamente o grão de liberdade politica e social que lhes he necessario. Conviria saber se foi o seu exemplo que fez de Miss Martineau huma reformadora: he porêm certo que em compensação Mrs Trollope voltou da America mais *conservadora* que huma duqueza d'Almack.

Tendo alêm d'isso huma *rainha* governando a Inglaterra, e tambem huma igreja nacional e huma aristocracia, podem as mulheres inglezas aspirar á liberdade americana, sem passar pela phase republicana? As nossas donzellas, bem que mais livres que as Francezas, que são mais livres que as moças italianas, ainda algumas vezes se lembram que tem huma mãi e tutores naturaes; ellas tem olhos e podem ver, ouvidos e podem ouvir, e hum coração que lhes deixamos acreditar que podem dal-o a quem lhe parecer; liberdade que existe todavia mais em palavras que de facto. Os limites são longos e frouxos; porêm nós não a deixamos nunca escapar de nossas mãos. A proposta do casamento pertence a nossas filhas, porêm reservamos para nós a sua sancção sacramental. Não reprehendemos as suas inclinações, porêm combatemol-as em nome da razão. Não reprimimos seus sentimentos, mas propomos-lhe hum compromisso; sem contrariar absolutamente seu amor, despertamos sua ambição: não lhe of-

(*) *Sam Slick the Clockmaker*, satyra original dos costumes americanos, por Haliburton.

ferecemos a alternativa entre hum marido velho e hum convento..... Deos nos livre d'isso..... dizemos-lhe sómente que escolha entre hum joven apaixonado e hum duque ou hum conde. Não as arrastamos como victimas ao altar, oh! isso não; mas conduzimol-as ao templo em carruagens de brasões, attaviadas de joias e de grinaldas de flores.

Huma mãi italiana, fallamos das mãis do antigo regimen, porque a condessa Pepoli tem idéias mais liberaes..... constitue-se a carcereira de sua filha; não perde de vista a pobre menina, verdadeira roza cercada d'espinhos; não lhe permitte que abra hum livro, nem que converse com hum ente vivo longe da presença materna. Se annunciam huma visita, manda-se retirar. Se a mamãi vai ao theatro, manda-se deitar. A mais ligeira expressão de ternura ou de enthusiasmo provoca huma má cara. Tudo he estudado para preserval-a d'impressões repentinas. A familia receia continuamente a sua susceptibilidade meridional; o seu coração he hum pequeno volcão meio abafado, que causa a todos os que lh epertencem eterna anciedade.

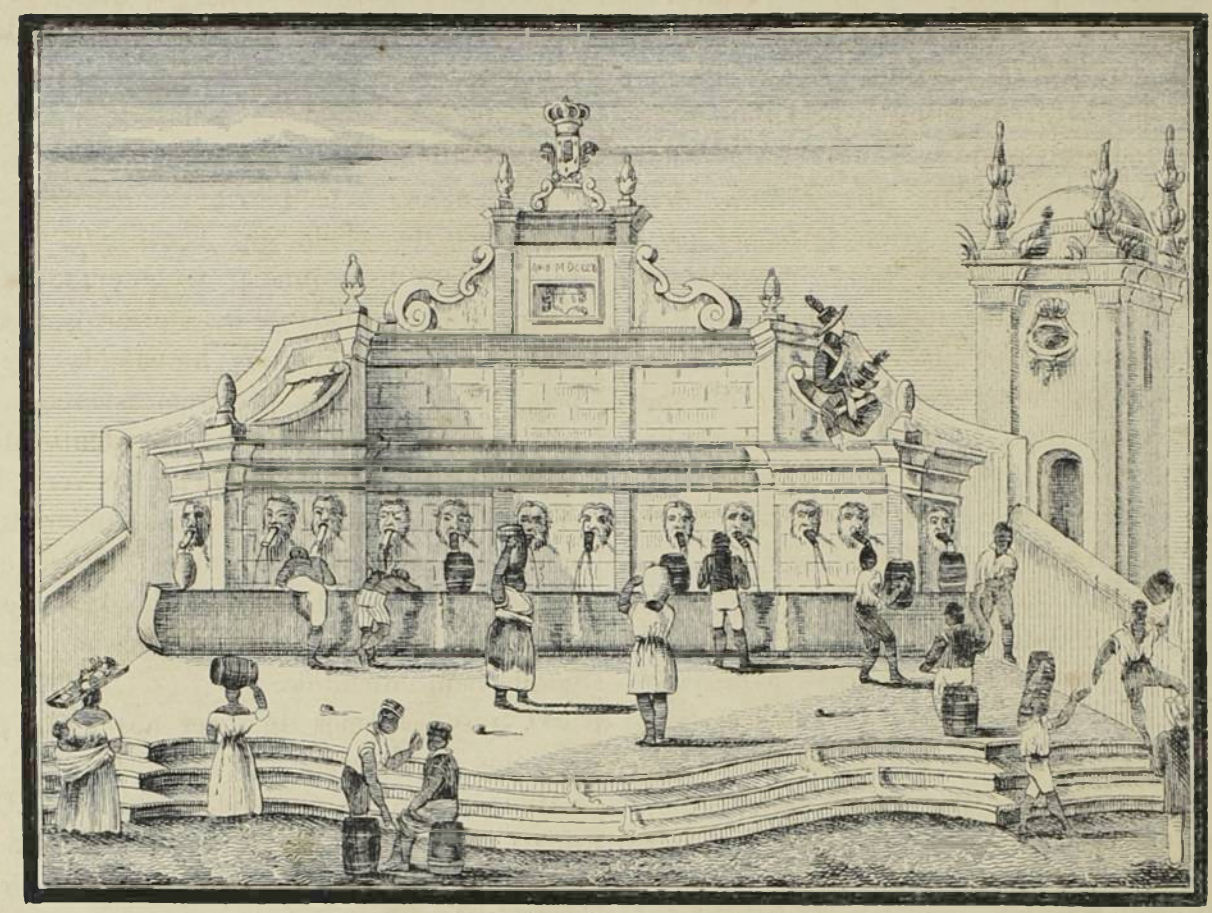
Se he possivel, he sua mãi a sua unica preceptora; se he necessario dar-lhe outras lições, preferem-se as professoras aos professores, ou os velhos aos moços, e em todo o caso, assiste a mãi a essas estranhas lições. Não se trata sómente de impedir a discipula de *levantar-se* algum dia com o seu mestre de dansa, mas de prevenir até a possibilidade do desejo ou o pensamento de fazel-o.

O maior orgulho de huma mãi consiste em entregar sua filha casta e pura ao esposo que a escolheo; e a mãi italianna lisongea-se de assegurar d'esta maneira a felicidade de sua filha. O seu coração ingenuo acha-se aberto ás primeiras impressões: não tem á sua vista comparações perigosas; as suas affeições, as suas ideias, e a sua mesma curiosidade, foram até então concentradas no pequeno numero de pessoas que formam o circulo domestico. Seu marido está quasi certo de obter o seu primeiro amor, e a sua conservação dependerá sómente da sua propria conducta. Este systema de educação feminina será o mais perfeito? Não asseguraremos que elle seja seguido á risca mesmo em Italia; as suas imperfeições são evidentes, porêm a ideia fundamental de qualquer instituidora n'este paiz, parece ser a de preservar huma alma joven de qualquer profanação, affastando-a o mais possivel da atmosphera corrompida da sociedade. Este systema he tambem o da condessa Pepoli; mas ella o modifica, recommendando ás mãis que ajuntem á sua inquieta vigilancia a arte de captar a confiança e o amor de suas filhas. Estas devem saber que suas mãis as não perdem de vista, mas devem estar igualmente persuadidas que, se ellas assim o fazem, he porque as amam em demasia para d'ellas se separarem. Não he possivel reprimir todos os sentimentos n'esses corações ardentes, mas podem levar-se a ponto de fazerem suas mãis confidentes de seus mais secretos pensamentos. As nossas moralisadas inglezas achariam excessivamente severa esta nobre instituidora italiana que prohibe qualquer leitura que possa despertar as paixões, entre outras a dos romances, exceptuando apenas os de Walter Scott. E que diriam certas mãis, da passagem em que por occasião da entrada da donzella nas sociedades, ella recommenda que se espreitem as mais innocentes amizades, especialmente as que podem contrahir com outras jovens, achando indecoroso que a filha danse em hum baile de hum lado, em quanto a mãi joga o whist do outro?

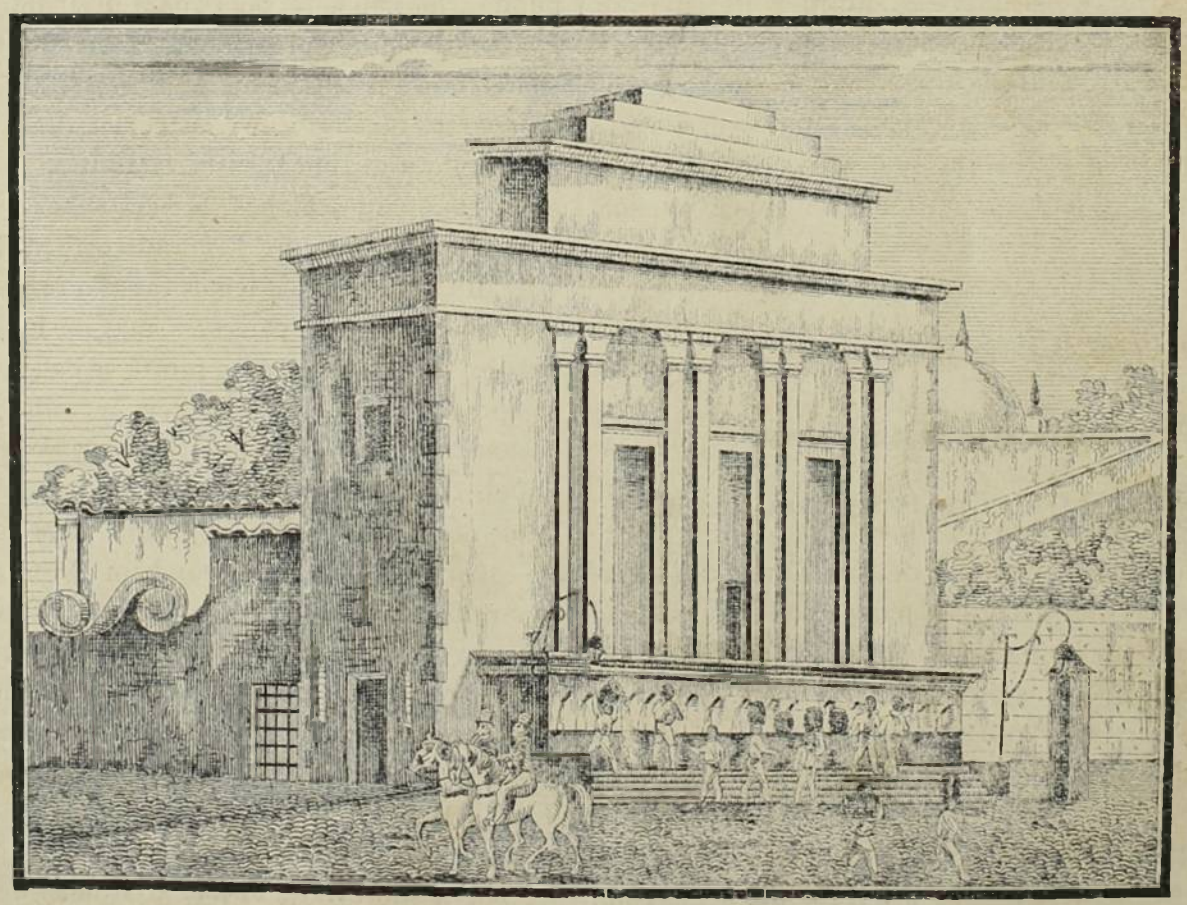
Vivemos em Inglaterra na feliz ideia de que as nossas donzellas são penetradas do *sentimento do dever*, e que esse bello sentimento he tão sufficiente para dirigil-as, como o *espirito calculador* das Americanas. As aias italianas chamam ainda em seu auxilio a piedade e a religião. A condessa Pepoli insiste muito nos costumes religiosos que convem dar a huma menina, para sua felicidade, tanto n'este mundo como no outro. Em Italia, a religião he considerada como hum dos attractivos necessarios á mulher. O mais audacioso sceptico, o mais incredulo philosopho de huma universidade italiana veria com repugnancia hum espirito affeminado em excesso; a condessa Pepoli e seus compatriotas difficilmente acreditariam que existem na America atheistas do seu sexo que viajam de cidade em cidade, como apostolos da impiedade. Huma italiana póde muito bem perder sua alma, mas sempre com a esperança de algum dia se converter, e sem conceber esse proselytismo que vai mendigar almas a Satanaz.

Aqui volta a grande questão:

Qual he a missão social da mulher? Citariamos a condessa Pepoli para condemnar com ella o outro sexo a uma suave dependencia? Não, nós relatamos, mas não concluimos. He certo que não he em Italia, que acharemos lições de politica para uso das senhoras. Até que os italianos se tenhão elevado á categoria de povo livre, seria sem duvida ocioso para elles reclamar o direito de cidadãas para suas consortes: e elles esperam ter huma assemblea nacional, eleições e *meetings*, para dar a suas filhas a educação do orador parlamentar.



Antigo Chafariz da Carioca.



Novo Chafariz da Carioca.

Onde as virtudes publicas são apenas permittidas aos homens, as senhoras devem contentar-se em preencher seus deveres privados.

Os Italianos parecem conhecer perfeitamente os attributos distinctivos de suas mulheres, e hum de seus proverbios populares diz: *Donna tedesca buona per la casa*; *donna francese buona per la conversazione*; e depois de haver concedido ás Alemãas a superioridade nos arranjos domesticos, e ás Francezas nas sociedades, o proverbio accrescenta que as Italianas são especialmente apropriadas para as affeições do coração: *Donna italiana buona per gli affetti.*

Occupemo-nos unicamente da Italia e da Inglaterra no commentario d'esse proverbio, bem que n'elle se não falle das Inglezas. Fiel á etymologia grega e latina, *passione* em italiano he synonimo de sentimento: a paixão para os Italianos he hum elemento indispensavel da vida, que conduz indifferentemente ao heroismo mais nobre, ou aos maiores crimes. Elles são orgulhosos do seu caracter apaixonado, como nós da nossa razão e da nossa impassibilidade. A paixão he para elles como hum fogoso ginete que só se trata de guiar pelo melhor caminho; a razão he hum calculo hypocrita. « O que será o homem, diz Ugo Foscolo, que só attender os conselhos da fria razão? Hum cobarde. » A mulher italiana he tambem huma filha das paixões, capaz de chegar aos extremos, tanto no bem como no mal. Felizmente, diz a condessa Pepoli, huma mãi vigilante governa e contem sua filha, e o marido continua a desempenhar o mesmo papel com sua mulher.

(Continúa.)

Rio de Janeiro.

ANTIGO, E NOVO CHAFARIZ DA CARIOCA.

Hum chafariz, apesar de ser huma das construcções mais caprichosas, não se póde apartar das regras essenciaes da architectura, e jámais lhe he dado recusar-se aos preceitos do — bom gosto —; embora pois o typo d'este genero de construcções seja mais filho de huma imaginação de poeta, embora elle seja tão vario como sua causa, nem por isso a imaginação he inteiramente livre em seus vôos; nem por isso o puramente poeta póde construil-o.... porêm a poesia muito ajuda ao constructor.

Para qualquer construcção se deve attender á *analogia*, *harmonia*, e *economia:* he pela primeira que se escolhe o lugar, as dimensões, e as formas, para que ella satisfaça, não só as necessidades a que he destinada, como á civilisação do povo que a vai gosar: he pela segunda que se escolhe a ordem de architectura, sempre de acordo com a analogia: se distribuem as partes symetricamente, de modo que constituam hum todo *bello*, capaz de annunciar ao observador, sem a essencial necessidade de inscripção, qual seu fim, e qual a epocha em que he nascida: he emfim pela terceira que se preferem os arcos, as abobadas, e em geral a levesa em identidade de resistencia; he por ella que muitas vezes o gasto cresce, no estabelecimento das fundações, e diminue na escolha dos ornatos. Deve pois hum edificio, para ser bom, ser filho da analogia com o fim; da harmonia com sigo mesmo; e da economia bem entendida.

O que acabamos de dizer nos basta para entrarmos na materia.

Dois chafarizes tem tido o largo da Carioca, quasi no mesmo lugar; hum construido no tempo do Conde de Bobadella, e outro que começou em nossos dias e talvez acabe nos de nossos netos: o primeiro foi soprado pelo genio creador, genio despresador de algarismos, ao som dos ferros de escravidão, e á voz do absolutismo puro; o segundo, foi bafejado pelo genio destruidor, genio apparentemente calculador, á voz da liberdade sem orbita, e embalado pelo canto da victoria: o primeiro teve hum só constructor, hum só plano; o segundo tem tido até esta data oito constructores, e não sei quantos planos.... Será acaso a liberdade inimiga de construir sem destruir?... Em geral não affirmamos, pois temos mesmo exemplos contrarios em muitos paizes.... mas no Brasil assim parece ser. Actualmente muito se calcula, muito se apregoa a economia, porêm a cada momento se construem magestosas illuminações que pouco depois cedem á mão brutal da destruição, e deixam no espirito, não só huma vaga lembrança de sua belleza, como tambem hum profundo pesar da brevidade de sua duração. Tambem parece ser principio corrente destruir para construir no mesmo lugar, embora a segunda construcção seja mesquinha, e a primeira magestosa: hum exemplo d'estes já mostrámos quando tratámos da Escola-Militar.

O antigo chafariz, embora de fórma grosseira, e, por assim dizer, aborto architectonico, he airoso, e talvez bello, relativamente ás linhas curvas de que abunda; a pequena altura de seus andares; a disparidade que reina entre o seu complexo e qualquer ordem das conhecidas... talvez

fossem causadoras de sua destruição, ou então o limitado escoamento devido ao numero de bicas (*) e á pequenez da caixa contigua. Não sabemos ao certo, mas parece que estes seriam os motivos.

Admira porêm que em nossa patria se despreze tanto esses testemunhos de huma vontade forte que nos foi sempre dedicada, na epocha em que se cultiva mais as sciencias com esmero, e com especialidade a historia patria!... Todos sabem que não he sómente o homem o alvo directo a que se atira a historia, que não he elle o unico objecto de suas meditações, suas obras merecem muitas vezes a honra da preferencia; mas he preciso confessar que de qualquer modo elle faz hum papel importante: assim, quando narramos a historia de hum edificio, qualquer que seja a sua natureza, o homem lá está implicitamente considerado, e, como tomos já dito, — a historia de hum edificio está de tal modo ligada á do povo que o ergueo, que huma raras vezes se póde apartar da outra —.

O coração se nos aperta, e sem querer rola-nos pelo rosto huma lagrima, quando vemos assim menospresar as obras antigas, aquellas talvez que mais devemos conservar intactas. Digam muito embora que esse chafariz era a vergonha d'esta capital, por suas imperfeições, á vista de nossa civilisação; que, alêm d'isso, o augmento da população requeria hum outro maior, e mais analogo, mais bello; digam-nos emfim que era preciso legarmos á posteridade hum chafariz gigantesco; diremos sempre que, quaesquer que sejam as razões que deram a morte a hum e nascimento ao outro, houve erro imperdoavel. Talvez que esta opinião seja sómente nossa; talvez mesmo que estejamos em erro; paciencia: exprimimos a convicção.

Fôra melhor que em lugar de destruirem o antigo construissem hum outro central na mesma praça, ou na praça da Constituição; deixando á posteridade mais huma pagina do grande livro da historia patria, onde se podesse estudar as duas epochas diametralmente oppostas do Brasil: elles teriam então maior numero de termos de comparação, e seriam mais solidos nos juisos que fizessem de nós e de nossos antepassados... As nações cultas da Europa guardam respeitosamente as construcções antigas; e quando o architecto as raspa ou modifica, hum brado se eleva contra elle; e esse brado he o dos sabios.... Só nós indifferentes vemos raspar, caiar, ou destruir; nada nos abala, e muito menos convida a respeitar (ao menos por imitação) a herança de nossos pais.

Os chafarizes (como já dissemos) são artefactos que alêm de gosarem as honras do pensamento dominante da epocha, satisfazem á grande missão de liberalisarem hum dos principaes elementos, as mais das vezes de hum modo agradavel: suas fórmas são em geral caprichosas; porém os contados na classe dos bons são sómente os que devem seu nascimento á imaginação regulada pelos fundamentaes principios da architectura. Querer pois que hum chafariz seja sómente bello por seus ornatos, sem a necessaria solidez, ou solido, porêm de fórma grosseira e despido das decorações apropriadas; he não comprehender esta classe de edificios.

Alguns chafarizes possuimos, e d'elles ha dois que se distinguem mais; de hum já tratámos (o do largo do Paço) *; o outro he o novo chafariz da Carioca: este apresenta mais vulto e parece querer gosar das honras de superior; mas nós, apenas em attenção ás suas dimensões, chamal-o-hemos *chafariz-monstro*.

A fórma d'este chafariz nenhum pensamento inclue que honre seu autor, embalde lhe deem estatuas que lancem agua de sobre a soleira das tres portas d'esse magnifico palacio, onde o vulgo diz que habita o genio das pedreiras; embalde o coroem com estatuas ou armas: alli, se pensamento existe, de certo he o que não devêra existir.

Não he fóra de proposito citar aqui huma descripção com que hum amigo mimoseou-nos; ella dizia:

« Figûre-se huma casa de pedra lavrada de tres portas gigantes, entremeiadas de pares de pilastras de fórma particular, e apoiadas sobre extensa e alta base, para a qual se sobe por extensa escadaria de sumidos degráos; figure-se ainda que da base 35 bicas despejam economicamente a agua sobre extensos, porêm estreitos tanques; coroe-se agora symetricamente esta construcção por altaneiro throno de fórma particular... e assim ter-se-ha huma idéia aproximada do actual chafariz da Carioca. »

Segundo nos foi communicado, o Sr. Guillobel tinha modificado o primeiro plano, e de huma maneira agradavel: buscaremos reproduzil-a com fidelidade

O chafariz seria subordinado á ordem dorica romana; e teria huma fórma semelhante á do actual, com as differenças seguintes: haveria o mesmo numero de columnas circulares alêm das

(*) No antigo chafariz haviam 16 bicas.

* Vide *Ostensor*, a pag. 10 deste vol.

pilastras, o que sacaria o entablamento; nos intercolumnios haveriam tres estatuas; huma de cabocla no centro, a qual despejaria a agua pela boca de hum jacaré, que estaria debaixo de hum de seus pés; as outras seriam de tigres deitados: o entablamento seria ornado. Infelizmente este distincto engenheiro não tem sido aproveitado como cumpria; se fosse elle o encarregado de tal construcção até ao fim, estamos certos que teriomos hum chafariz digno de lembrança eterna.

Duas palavras agora sobre a estampa.

Muito sentimos que a estampa que a este artigo acompanha tenha tantas imperfeições, e por isso empreste a esses chafarizes maior fealdade; e sentimos mais por talvez ir parar em mãos de estrangeiros tão defeituosa em perspectiva. Quando outra occasião se offereça, voltaremos ao mesmo objecto, e melhor estampa será apresentada.

J. A. Cordeiro.

PRISÃO DE HENRIQUE HUS.

Não sei eu se na gloriosa restauração de Pernambuco, o illustre João Fernandes Vieira teve mais difficuldades em vencer a inveja e animosidade de companheiros, se o esforço e numero de inimigos hollandezes; só o grande amor da patria o poderia fazer saltar por sobre mil desgostos, e levar ao fim a trabalhosa tarefa. André Vidal de Negreiros, apesar de seu elevado posto, para onde, como he costume, corre sempre o merecimento, foi hum dos que por muitas vezes manifestou claramente o ciume que lhe causavam os louros que na porfiada luta colhia todos os dias o Castrioto Lusitano; não lhe fazia sombra o merito de Felippe Camarão e Henrique Dias, mas o de João Fernandes Vieira tão grande era que o mortificava em extremo, sem comtudo, a maneira d'esses espiritos baixos, empecer com perniciosas ordenanças a torrente de triumphos que levava á eternidade o nome do heroe de Pernambuco. Todavia, nem a satisfação da victoria no vantajoso ataque da fazenda de D. Anna Paes, que com a prisão do chefe hollandez Henrique Hus lhe abria as portas de Nazareth, nem o grande milagre que N. S. acabava de obrar em distincto obsequio de nossas armas, lhe fizeram diversão ao espirito, lembrando-se sempre de que o extremo ardor de João Fernandes Vieira quasi lhe roubára a sua parte de gloria que no feliz successo obtivemos, reprehendendo-o no mesmo campo da batalha, como nol-o assegura a historia, sem lembrar-se de que nunca merece desculpa huma derrota, nem huma victoria culpa: porêm não he nossa tenção occuparmo-nos com as façanhas do valoroso restaurador de huma das melhores provincias que compoem hoje o florescente Imperio brasileiro, mas sim noticiar aos leitores resumidamente alguns dos diversos acontecimentos d'esse dia, guardando para mais larga escriptura outros que tem relação proxima com as ideias que levavamos de enfiada no começar d'este artigo.

Sabendo João Fernandes Vieira, pelas espias que trazia, de como se retirava para Nazareth o chefe hollandez Henrique Hus, acompanhado da flor de sua gente, foi accommettel-o, com tanta resolução como coragem, topando-o pouco mais de huma legua áquem do forte mui descansado em banquete; e, sem reparar em que o estrondo das bombardadas poderia avisar o resto dos inimigos, aproximando-se da porteira do pasto, onde haviam duas sentinellas, que com sua vida pagaram o desempenho do dever do posto, cercou a casa em que os inimigos depois do aviso se haviam feito fortes, recebendo os valentes pernambucanos com miudas cargas de arcabuzaria, a que estes lhes respondiam com nao menos calor, mas peor fortuna; depois de alguns instantes de encarniçado pelejar, deo-se ordem para que, forçadas as portas dos baixos da casa, e cheios estes de materiaes combustiveis, perecessem os inimigos hereges abrasados em chammas, como em sacrificio a S. Lourenço, cujo era este dia; e logo os dois capitães João Soares de Albuquerque, Domingos Ferreira Camacho, e mais Domingos de Sá Barboza arremetteram com a casa, sostendo os inimigos, que lhes queriam impedir o desenho. Porêm Deos, que pretendia reserval-os para seus altos designios, fez diversão aos animos com hum maravilhoso milagre, e foi que no maior fervor da briga entrou pelo terreiro hum pobre homem de appellido Frasão, trazendo nas mãos huma imagem de N. S. do Soccorro, que os hollandezes tinham mutilado, a qual suava copiosamente: eis aqui como refere este milagre Fr. Manoel Calado: de onde extrahimos a mór parte d'estas noticias:

« Estava duro o Belga, se não quando
O humilde Frasão chega ao nosso posto
Com huma imagem da Virgem, e gritando:
— Olhai todos para este ledo rosto!
Não reparais, christãos, que está suando
Para que não tenhais pena e desgosto? —
Muitos se chegam logo ao deredor,
E lhe limpam as gotas de suor. »

Regosijando-se os nossos com tão grandiosa ma-

ravilha, pediram os inimigos treguas para tratar da capitulação, para o que lhes foi mandado hum alferes com bandeira branca; porêm, como traidores hereges que eram, de hum tiro lançaram por terra o que lhes levava a mensagem, e os nossos enfurecidos correram á casa em altas vozes, e de certo não escapára hum com vida, se não descessem com humildes ademães rendidos á discrição da generosidade pernambucana, que lhes soube perdoar grandes maldades.

Havia dito com batava soberba o arrogante Henrique Hus, que de todos os cabos do nosso exercito só queria colher vivos dois, que eram Joao Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros; este, para o fazer pençar seus cavallos com hum grilhão aos pés, aquelle para o metter em huma gaiola, como animal destruidor que era; e agora todas aquellas arrogancias se viam por terra, ao que alludio graciosamente André Vidal, lançando-lhe em rosto a soberba na contingencia de batalhas, que por leves accidentes se ganham ou perdem. Acabada a acção com o apresionamento de todos os inimigos, não seguiram os nossos para Nazareth, sem comtudo fazerem da fazenda de D. Anna Paes nova Capua de delicias; proseguindo sempre activa a guerra contra os hollandezes, e outros que, sem o serem, eram inimigos como elles.

OS JESUITAS NA AMERICA.

PARTE PRIMEIRA.

PROVINCIA DO TUCUMAN.

CAPITULO VI.

Los Hermanos.

A paixão de Hermosa Mancilla pelo cavalleiro D. Jeronymo, em vez de arrefecer com a morte de Ulva, tinha tomado hum caracter violento e medonho: a joven tornou-se mulher feita pela desesperação; fez de sua formosura huma terrivel arma com que feria muitos para dar morte a hum só; impoz com a nobreza aos que lhe ficavam perto na ordem social; seduzio com a riqueza aos pequenos para instrumentos; illudio os credulos que lhe suppunham virtude, vencendo até os indifferentes com suas prendas raras, que fingida modestia realçavam, de sorte que tudo quanto a natureza lhe concedêra prodiga para enfeites, huma só paixão estragára com huma só e grande desgraça. Seu amor proprio esperou dias e semanas pelo cavalleiro, que não veio; sua soberba deo-lhe esperanças nos altivos discursos de famulos e dependentes; sua vaidade faria alongar projectos talvez rasoaveis, nascer circunstancias favoraveis, ou adversas, que deviam complicar o drama, que chamaremos amor progressivo de huma moça; porêm huma palavra, hum homem destruio tudo: e todavia este homem, sem dar-lhe com os tormentos de sua alma, trabalhava em seu favor por calculo.

Huma noite calmosa, mas bella, Hermosa Mancilla, passeando em huma rua do jardim de palacio, ouvio fallar em voz baixa, alguns passos longe de si; parou, escondendo-se por detraz de hum tecido de jasmins, e a poucos instantes vio passar dois homens rebuçados, que discutiam hum objecto de muito interesse para ella, seu casamento com D. Jeronymo Luiz de Cabrera; estes dois homens eram seu pai, e o Socio Padre Sancho de Stalla: D. João Ramirez ponderava ao jesuita as vantagens que o casamento de sua filha lhe traria, vantagens que sua logica em medroso desespero fazia reverter tambem em beneficio da *Sociedade*, porque a sentença que lhe arrancasse os bens destruiria sua nobreza, consideração e cargo, e não havia certeza de que hum novo governador do Tucuman quizesse aceitar a *Carta* da Companhia. No instante em que passaram em frente da latada de jasmins, Sancho de Stalla, que em particular fallava ao governador como a subalterno que era, disse-lhe sem preambulos que, se o casamento se não podesse concluir sem compromettimento de maiores interesses, não se concluiria, apesar da paixão louca de Hermosa; ajuntou-lhe razões que por certo satisfizeram ao con-socio, e que, não tendo sido entendidas, nem mesmo ouvidas pela moça, não puderam fazer destruir o odio que as primeiras palavras tinham feito nascer; odio implacavel, porque toda a desesperação de Hermosa se revestio de huma fórma; a ingratidão de D. Jeronymo para com sua mãi, o sentimento de sua morte, os desdens do amante, a frialdade e aspereza de seu pai, tudo se converteo no odio que ella, com a leviandade que he propria ás de seu sexo, em hum segundo votou para sempre ao ente que com tanta indifferença dispunha de seus desejos, de sua vontade, de seu coração, e, do que ella menos caso fazia, de sua mão e de sua fé de esposa; já ella não amava o cavalleiro, não o amava como costuma amar huma alma virgem, era huma especie de vingança que lhe entretinha o pensamento, era aquelle dom e essencia feminino que não soffre que despresem sua formosura; porêm, com as palavras do Socio,

parece que seu coração, batendo pela primeira vez ao ouvir o nome do amante, não lhe cabia no peito, era hum ente estranho, hum homem que atrevidamente queria collocar-se entre si e aquelle que de novo começava a amar. Esta diversão escureceo a insensibilidade do cavalleiro; fez ainda mais, achou causas, creou impossiveis, estendeo difficuldades que desculparam sua ausencia, e até certo ponto demonstraram a impossibilidade de ter manifestado claramente seu amor; não poderia ser que hum occulto inimigo o desviasse de seus olhos? O silencio da noite e a suavidade dos perfumes acabaram a obra; sua cabeça escandeceo-se, e ella sonhou largo tempo embalada pela branda aragem, porêm huma nuvem negra como o manto da nocturna e odiosa personagem, cujas palavras a tinham ferido profundamente, veio antepor-se á lua e destruir seus pensamentos agradaveis, substituindo-os por outros mui differentes: Hermosa deixou o tronco do jasmineiro em que se havia encostado, tomando lentamente o caminho de palacio, onde ella esperava encontrar todos mergulhados em profundo somno, porque no relogio da Cathedral acabava de soar a ultima badalada das doze da noite. Sua admiração foi grande ao ver que em quasi todos os aposentos haviam luzes, menos na grande sala, o que provava não ser tão estranho acontecimento motivado por visitas, e, ao atravessar hum comprido corredor que levava ao seu quarto de dormir, sentio que se fallava em projectos de proxima viagem; Francisco Ternero, criado particular do governador, dava ordens aos moços da cavallariça para terem promptos dois cavallos ao amanhecer, hum sellado para homem, outro para senhora: Hermosa entrou na saleta.

— De quem recebestes semelhante ordem? disse ella com altivez para o servo.

— Do senhor governador, vosso pai, respondeo Francisco Ternero, fazendo huma cortezia humilde; partirá esta madrugada para o campo, segundo he sua tenção, e vós ireis em sua companhia, as malas estão promptas.

Hermosa franzio levemente a testa, e sua cabeça meneou-se pausadamente duas ou tres vezes.

— Para o campo, não he? para a nossa agradavel quinta do Candil?!

— Adivinhasteis, senhorita; mas o senhor governador vai, segundo he sua tenção, ainda mais longe; os indios não querem trabalhar no Candil, e fugiram cinco leguas pelo matto: porêm fallemos de aprestos, as malas estão fechadas, onde quereis levar vossas joias? havemos de ter lá muitas visitas, e apesar do luto.....

Hermosa sahio sem responder-lhe, e entrou em seu quarto: a tez morena da hespanhola tinha tomado huma cor vermelho-rouxa, seus olhos pretos e brilhantes pareciam dardejar chammas na escuridão em que seu aposento estava, e a que ella não deo attenção: levantou devagar huma janella, e debruçou-se, para que a frescura da noite lhe mitigasse a effervescencia sanguinea que a tornava louca. Pouco e pouco se foi aquietando todo o palacio; ouviram-se duas horas; e Hermosa, debruçada na janella, esperava sem dormir a hora da partida; hum assobio agudo e perlongado estrugio no silencio da noite, e a pouco espaço, hum outro, como em resposta, se fez ouvir; huma sombra rapida sahio d'entre o arvoredo que bordava o muro do jardim, e veio parar defronte da janella, onde, protegida pela escuridão, Hermosa se conservou sem ser vista nem sentida; depois ouvio-se ranger levemente huma porta, e outra sombra se aproximou d'esta. A janella, sem ser rasgada ao réz do chão, era comtudo bastante baixa para se poder ouvir quanto se dizia, apesar de não fallarem em alta voz os dois entes mysteriosos.

— Maestro, toda la noche hemos estado trabajando; disse o que sahio de palacio, e que, pelo metal de voz, Hermosa reconheceo ser Francisco Ternero.

— Yo tanbien, lhe respondeo com voz rouquena o que de fóra viera; y sin haber cogido nada; tres noches hay que vengo a buscar fruto, e non lo hállo.

— Esta es buena, os digo maestro.

— Entonces, hermano mio, D. Juan Ramirez?.....

Francisco Ternero, antes de responder olhou de roda de si, e, reparando em que a janella tinha ficado aberta, afastou-se huns poucos de passos, de sorte que Hermosa não pôde ouvir sua resposta, e, como os dois tivessem entrado em hum macisso de arvores, antes que a lembrança do perigo viesse accommettel-a, saltou ligeira sobre o parapeito, e d'ahi, escorregando-se pela parede com as mãos seguras na janella, cahio no jardim, sem ter feito o mais leve ruido; depois, com a mesma resolução e segurança, seguio as pisadas de Ternero e seu amigo. Passada meia hora, este ultimo, subindo ao alto do muro da quinta ajudado por Francisco Ternero, desceo d'ahi para a rua por huma escada de corda, voltando o companheiro para palacio; mas, antes de chegar á soleira da porta, huma mão o reteve pelas abas do gibão de saragoça alvadia.

— Como se chama este homem com quem acabas de fallar? disse Hermosa Mancilla, com accento

firme e resoluto, retendo sempre o criado, cuja estupefacção tornára como idiota; falla, continuou ella, como se chama este homem?

—José Gusano, respondeo o criado entre dentes.

— Mestre da Confraria dos irmãos gardunhos, de que tu fazes parte, e as duas rameras que me servem de criadas, não?

Francisco Ternero, que ia tornando a si do estupor em que estava, demorou-se hum pouco antes de responder; depois, com grande pasmo de Hermosa, que suppunha tel-o aterrado, disse com imperturbavel sangue frio:

— De que Confraria fallais vós, senhorita? que rameras são essas que em palacio moram?!

— Gardunho, replicou a filha do governador, ouve-me, e toma sentido; tu conheces o cavalleiro D. Jeronymo Luiz de Cabrera?

— Como a cruz do meu rosario bento, em que todos os dias rezo.

— Eu o amo!

— E fazeis bem com isso, que he hum guapo caballero.

— Ha hum homem que não o entende assim....

— O senhor governador vosso pai?

— Não, o secretario do Bispo D. Francisco Victoria.

— Ah! hum padre, senhorita!

— Francisco Ternero, eu não vou amanhã para a nossa quinta do Candil, não quero ir!

— Mas.....

— São as minhas joias de que tu vais fallar? amanhã as vou levar a José Gusano, eu mesma, escusa elle de me esperar em la Sierra dos Anchos.

— Porêm as ordens do senhor governador vosso pai?!

— Não quero ir!!

— Ah! os cavallos tambem estão mancos

— E se meu pai te mandar apromptar a liteira?

— Quebrou-se-lhe hum dos varaes esta noite.

— Bem; Pepita me conduzirá á casa de José Gusano.

— A' casa do Maestro? pois não, senhorita; mas tende conta!

(Continúa.)

PEQUENO BRADO.

Parece-nos querer outra vez rebentar em meio da benefica civilisação do seculo o espirito de herezia que por tantas vezes tem assolado a Igreja de Jesus Christo; ao perigoso scepticismo dos ultimos 60 annos do seculo passado e d'este começa de succeder hum encarniçamento, que ninguem se atreverá a louvar, por quanto, de mistura com as publicações anti-fanaticas, que, abrindo os olhos do povo, tendem e se dispõem a fortalecer o horror que inspira o atrocissimo abuso fradesco, de mistura com ellas apparecem algumas que, sob o venenoso apparato da mania romantica da epocha, espalham erros de Luthero e de Calvino. erros que a negra tinta, com a qual só póde ser pintado o furor execravel da meia idade, de alguma maneira attenua, oppresso e delirante, o espirito que recebe essas narrações hediondas, se quereis que o diga, veridicas. Não ha susto de que voltem a nós esses tempos calamitosos e de horrorosa recordação para que huma cruzada se levante contra o phantasma creado pelos desejos talvez de quem o ennuncia; muitas vezes sóe que na cercada praça o traidor dá falso rebate, mentiroso alarma para que no estupor do medo, ou na confusão de aprestos, se realise o perigo; muitas o lobo finge-se pastor para devorar os incautos cordeiros! He do rigoroso dever dos sabios illustrar o povo, e he dos dominios do genio buscar e empregar os meios mais aptos para que essa illustração chegue, se propague e enraize no coração de qualquer individuo de qualquer classe; mas quando hum sectario das herezias de Luthero cavilosamente espalha em huma monstruosa composição p rniciosas ideias, quando homens, cujos mysteriosos fins ignoramos, sustentam com o exemplo de suas obras pouco religiosas o abuso das boas intenções, doe-nos o coração, porque nunca pára no lugar em que se propõem parar aquêlle que mui accelerado corre.

Não he este seculo o dos santos e dos milagres, dizem os vendedores da civilisação indigesta; e porque? vos pergunto; porque nos falta a fé, que nos levam em troca do que não nos aproveitará tão cedo, porque ainda he cedo para muitas coisas; ensinai o povo a ser tolerante instruindo-o, e não consintais que o façam odiar os ministros da religião; destrui, destrui essas corporações soberbas, ociosas e opulentas que nada fazem; mas tende conta que no derribar do edificio não entre a mão cega do povo, despota esfarrapado e sanguinario, que não sabe separar o crime da virtude, que fere sem misericordia. Os Cantões Suissos, e a Alemanha começam o terrivel drama que a Europa culta e o seculo actual não esperavam ver representar mais; a França atira por todo o universo *Manifestos*, ou para huma conflagração, ou para a quietação geral; na America o raio fuzila ao longe, e o trovão muge nas entranhas da terra.

DA INDEPENDENCIA POLITICA E SOCIAL

DAS MULHERES,

NOS TEMPOS ANTIGOS E MODERNOS;

De sua educação, e de algumas obras mais recentes a este respeito, escriptas por mulheres.

II.

(Continuado da pag. 275.)

He sem duvida huma felicidade o ter a educação materna preparado a joven italiana para a vigilancia ciosa do marido. Na opinião da condessa, conforma-se aquella com os ciumes d'este, porque os considera como huma prova d'amor, e certamente poucas mulheres amam o seu domicilio (*home*) como as italianas. Nada as admira tanto como o genio errante de nossas compatricias, que vão levar a todos os cantos da Europa as amostras curiosas da originalidade ingleza. Onde se acham hoje essas habitações da velha Inglaterra, caracterisadas pela palavra *home?* Na propria Inglaterra existem nos palacios entulhados de Brighton, e nos collegios plebeus de Cheltenham. Actualmente he a italiana que póde lisongear-se de amar o lar domestico; o seu terraço e a sua sacada bastam para as suas precisões de ar e de liberdade; he ella que concentra em hum espaço limitado a sua *affeição apaixonada* por seu marido e por seus filhos.

Furia francese, costanza italiana; he outro proverbio proclamado pela condessa Pepoli. Será porêm sómente a amabilidade do marido que torna feliz a italiana em sua prisão? Muito se tem exagerado, ao que parece, esta anomalia dos costumes italianos; as coisas estão muito mudadas, ao menos depois da revolução franceza e sua influencia na Italia. Contava-se outr'ora hum grande numero de celibatarios, e huma multidão de mancebos pobres, que, incapazes de sustentar huma familia, reputavam o casamento como hum estado de burla; eram elles que de alguma maneira se inculcavam a seus amigos sob o titulo de cavalleiros serventes e de chichisbeos, huns tomando parte na vigilancia conjugal, de accordo com o marido, arreburrinho e martyr dos caprichos da joven *donna*, mas preservando-a, pela sua *honesta* assiduidade, das tentativas de algum amante menos platonico; e outros illudindo algum ciumento, algum Geronte pouco escrupuloso, ou substituindo-o, sê este era demasiado indifferente. Ha ainda em Italia grande numero de celibatarios; porêm o caso he que a gamenhice já não existe nos costumes, e que os maridos italianos passam muito bem sem hum terceiro obsequiador ou importuno.

Sem querermos constituir-nos D. Quixote de todas as compatriotas da condessa Pepoli, e sem acreditar que dos Alpes aos Apeninos haja sómente Lucrecias, estamos convencidos que ha tambem muito menor numero d'essas mulheres pouco escrupulosas, de que Boccace e seus rivaes *novelleiros* escreveram tão picantes historias. Não esqueçamos que n'essa litteratura achou Shakspeare a sua terna e innocente Desdemona, a sua energica e apaixonada Julieta, a discreta Hero, a maliciosa, porêm não menos discreta, Beatriz, typos menos heroicos todavia que Catharina de Medicis e Lucrecia Borgia, que, se mesmo na historia não fossem excepções, provariam que as italianas são inclinadas á politica.

E voltando por esta transicção ás damas inglezas, recommendaremos ás que sabem a lingua italiana o capitulo que escreveo a condessa Pepoli (*) para mostrar *che la donna non deve ingerirsi delle cose spettanti al governo.* Cumpre confessar que he forte entre nós a tendencia d'aquellas que aspiram ainda mais á ascendencia politica do que á influencia moral. Em risco de fazer accrescentar ao proverbio: *Donna inglese buona per la politica*, as nossas reformadoras reclamam ao menos o voto eleitoral, se não a sua admissão na camara dos communs.

A' primêira vista, não achariamos desarrasoada esta pretenção em hum paiz, cujo soberâno fosse huma mulher, e onde a propriedade representada por hum dos tres poderes he legalmente possuida por mulheres, que tem já huma influencia real, ainda que indirecta, sobre seus tributarios eleitores.

Não vemos mesmo nenhuma outra objecção séria ao voto directo do outro sexo, a não ser o perigo que correria no meio de huma turba eleitoral (*mob*), objecção que desappareceria no dia em que o voto por escrutinio secreto nos conseguisse mais silenciosas eleições; mas, como seria preciso excluir dos direitos politicos todas as mulheres casadas e todas as solteiras sujeitas á tu-

(*) Fomos seduzidos pelo titulo de huma brochura publicada em Pesaro em 1825: *Perche in Roma le donne sono più belle, più attive, e più perspicaci degli uomini.* (Porque razão são as mulheres em Roma mais bellas, mais activas e mais espirituosas que os homens). Mas só encontrámos n'essa obra considerações geraes de physiologia, e a conclusão he mal justificada pelo que precede.

tella de suas familias, as viuvas e as donzellas maiores formariam sempre huma fraquissima menoria. O valor do privilegio seria equivalente aos seus inconvenientes, quando não he possivel negar que a deferencia, a cortesia e o amor, de que o sexo fraco he hoje cercado pelo outro, são particularmente conferidos a essa fraqueza e inferioridade relativa?

Dê-se-lhe algum poder legal, alguma acção politica, algum privilegio que torne possivel huma luta ou rivalidade entre os dois sexos, e, não só se poderá exclamar com Burke que morreo a cavalleria, mas até a propria sociedade.

He isto o que nos torna difficil de seduzir quando pretendemos expor essas pretendidas utopias, cujos autores, qualquer que seja o seu sexo, não se lembram que tudo se obtem na organisação social. Toda a reforma que ataca a religião, ataca geralmente os costumes publicos. A emancipação da mulher, tal qual he reclamada pela mór parte dos reformadores, tende a destruir o matrimonio; porque a legislação politica vai de accordo com a legislação divina, sujeitando a mulher ao dominio do marido.

Ainda que em nossa ilha tão celebrada pelos pensadores livres (*free thinkers*), o campo dos desvarios tenha sido sempre illimitado, ao menos até aqui as nossas seitas politicas e religiosas tinham sempre respeitado essa prisão, sem a qual não existe em nossa opinião nem moral nem bons costumes. He em Inglaterra que esse profundo sanctuario de todas as virtudes humanas se tem circundado da mais santa auréola e da mais nobre consagração. A poesia ingleza, outr'ora tão rica, está cheia de quadros consagrados ao lar domestico. « Ha n'este mundo, diz o poeta, hum canto de terra mais doce para o nosso coração e mais caro ao homem que o resto do globo. Ahi, o tyranno da creação depõe o seu sceptro e o seu gladio; ahi não ha orgulho nem purpura: pela ternura dos olhos reconhecereis ao mesmo tempo o chefe, o filho, o pai, o irmão e o amigo. He lá que a mulher reina; he lá que ella he verdadeiramente mãi, filha e esposa. O brilho limpido de seus olhos cheios de ternura e de attenta vigilancia, dirige toda a casa. Os anjos do lar domestico giram constantemente em torno de sua fronte tranquilla. Qual será esse paiz? Inglezes, olhai em redor de vós, e agradecei a Deos por haver-vos dado por patria esse pedaço de terra. »

Hum corollario d'estas observações fundadas no estudo da historia, he que, quanto mais severos são os costumes de hum povo, mais as mulheres são felizes e respeitadas. D'esse respeito consagrado á mulher, em compensação e como premio da castidade e dos deveres que lhe impõem a sociedade, nascem o respeito e o amor da familia, primeiro centro do grupo social. Esta cadeia de virtudes faceis e austeras assegura a estabilidade e grandeza das monarchias e das republicas. « O' tu, amor conjugal! (exclama Milton, cujas inspirações nunca foram mais tocantes nem mais sublimes) eu te saúdo! lei mysteriosa, verdadeira origem do genero humano, filha do Eden, onde tudo era commum, menos o amor; por ti a criminosa sensualidade, proscripta do reino dos homens, foi desterrada para o meio dos animaes despresiveis; és tu, leal, puro e equitativo amor, que estabeleces as relações de pai, filho e irmão; és tu a origem de toda a ternura e de todos os dons que fazem as delicias do coração humano. Oh! nunca te censurarei como peccado ou como crime, inexgotavel manancial de praseres domesticos; a ti, cuja pureza e elevação foi confessada pelos santos e pelos patriarchas. O verdadeiro amor abre suas azas de purpura no leito nupcial, e n'elle pendura a sua lampada fiel: são douradas todas as suas flechas, e o seu dominio he todo venturoso. Não se mostra elle porêm da mesma maneira entre essas prostitutas de sorriso vendido, que fazem pagar caro o acaso de hum amor sem ternura e sem praser; nem n'esses bailes brilhantes dos palacios, cuja musica e dansa nos embriaga toda a noite; nem debaixo da janella de huma amante desdenhosa e soberba, que apenas presta attenção ás serenatas de seu apaixonado escravo. » Notaremos de passagem que o autor d'este bello pedaço, accusado injustamente de haver favorecido a polygamia, sustentava unicamente a necessidade do divorcio, que restringio a certos casos de convenção; erro de hum espirito elevado e de huma bella alma, que coincidia alêm d'isso com seus falsos systemas acerca da theoria republicana. Milton diz positivamente no seu Tratado sobre a doutrina e disciplina do divorcio, que o matrimonio foi creado por Deos, e que não foi feito sómente para satisfazer os desejos do homem, mas para fundar e sustentar a familia. He por tanto por huma falsidade singular que Roberto Owen, que considera o matrimonio como a fonte de todas as desgraças sociaes, pretende contar Milton no numero dos detractores d'esta santa instituição. *(Revue Britannique.)*

Traduzido por M.

O ENCONTRO.

I.

Que tarde! — O sol jámais brilhou tão lindo
No bello asul dos ceos! O peito alv'roçam
Mil torrentes de luz, que o espaço alagam
Com mais subido encanto.
Em torno as rosas sonorosas brisas
No adejar tão suave
Mesclam-se ternas, perfumando os prados,
Co' o arrulhar mavioso
Da Rola, que suspira voluptuosa,
Nas saudades tão ternas,
Que arfam, do coração travando amargas.

Hora de sesta ardente
Quem insensivel te aventura o goso?
E's tão deliciosa: e mais se assombras
Sob arvore frondosa, ao pé de fonte
De languido sussurro,
Raptos de amor feliz tão bem logrados
No silencio dos ermos.
De que emoções o coração assaltam
N'huma hora só de goso indefinivel,
Que sorve o peito sofrego
Em tumultuoso encanto, que transborda
Do intimo o coração!

Quantas memorias caras me despertas,
O' deliciosa tarde!
Em deslembrança amiga de agras penas
De rispido pungir, com teus sorrisos
Me embalas compassiva.
Linda tarde, acalanta-me em teu seio:
He tão doce essa aragem, que bafeja.

Eu que fui tão mimoso
Dos bens, que amor outorga, hoje esmoreço,
Quando terna recordas-me
Mais faustos dias: desabridas magoas
Vens, amiga, dourar-me.
Repousando em teu gremio,
Eu contarei ao echo da floresta
Minha extincta ventura.

II.

Brando o vento ondeava suavissimo,
Quebrando o ardor da tarde
Lá por entre a espessura. Leves brisas,
Sussurrando mais ternas, exhalavam
Na tremula folhagem
Ondulação suave.

Grata sombra, que alem a verde murta
Propicia offerecia,
Convidava ao repouso.
Acalmavam-se alli do sol ardente
Os raios luminosos.
Não mui longe d'alli docel frondoso
Tecia de jasmins amavel sombra.
Da verde encosta a lympha descuidada
Cahia em grosso jorro, convertendo-se
Em precioso aljofre. A ave dos bosques
Mais terna modulava na floresta
Em curvo ramo enternecidos cantos.
Alli, ó céos! que terno sobresalto!
Em mimosos coxins de verde relva
Amira repousava! brando somno
Os olhos lhe cerrava — assim nevoeiros
Da noite o brilho encobrem das estrellas.
Do sestro braço a languida cabeça
Sobre a mão delicada descançava:
Outra no seio como dissipando
Do mar de amor as ondas agitadas.

Almos risos os labios lhe traçavam,
Nuncios de afortunado sonho: argenteas,
Mimosas se entreviam, contemplando-a,
As perolas luzir na breve boca.
Sem véo, o niveo peito mal cobria
De dispersa madeixa anneis mimosos.
E os seios divididos
Tão suaves arfavam, que a alma enleiada
Em si não era de accendida em fogo.
Mais reservadas graças revelava
De cubiçoso apreço bem torneada,
Roliça perna, que encrusava airosa
Em commodo abandono n'outra, occultas,
Espairecendo aos aguçados olhos.

Que doce foi-me vel-a em verde leito
Desquitada de adornos! cor trajavam
De rosa as faces bellas! brando ouvia-se
Halito doce franquear-lhe o peito.
Raros suspiros desprendiam asas
Em franco desafogo, como as flores
Que o calice orvalhado abrem ao dia,
Os ares perfumando circunstantes.
N'ella as graças louçãöes da mocidade
Florentes vicejavam, em seu rosto
Desabrochando em flor. Vendo-a tão bella
Em seu placido somno, pelas veias
Calou-me intensa labareda, no imo
Brotando d'alma ardente as esperanças
De vulto descorado.

Mas eis que descerrando a luz os olhos
Em mim co' a vista dá, que descorado
Do arrojo e timidez a medo erguia
Embaraçados olhos. — Que ventura!
Breve riso assomou-lhe inesperado
Aos labios meigos! mais feliz presagio
Da vida no prazer amor não verte!
Que sustos amansou! Em doce affecto
Deseco-me a paz ao coração anciado,
Quando, me revolvendo os olhos brandos,
Na voz benigna murmurou meu nome.
Estremeceo-me o peito esperançoso
De indisivel goso! intimo alvoroço
O coração lavrou-me inopinado!
Não era em mim! ao ver pulsar-lhe os seios

Ardente chamma despedio-me n'alma,
Impetuoso incendio derramando
Por todos os sentidos delirados.
Assim n'hum extase se escoaram horas
Em braços da ternura embevecidos,
Té que do sol empallescia o brilho
Entre as galas envolto do crepusculo.

Quanto és donosa, ó tarde, com teus risos!
Tão mimosa me foste!
—O sol descendo ao longe melancolico
Na sombra do arvoredo mal desparte
Scintillantes fulgores.
N'essa hora tão suave—que ventura!—
Se nos trançam benignos niveos braços
De amante carinhosa!
Sós, que prazer então nos ermos gosam
Se a hora propria de amor lhes traz a tarde!
Que delicias! o arroio não mui longe
No deslisar suave murmurando,
De trevas obumbrada a arvore agreste,
Já pousando no ramo a ave calada,
A brisa adormecendo sobre os lyrios,
Os perfumes das rosas recendendo,
O bronze ao longe já do dia findo
A carreira marcando vagaroso,
Que doce embriaguez não vertem n'alma,
Se n'essa hora de amor a flor colhemos,
Que tão rara em jardins, pura viceja!

Como os momentos são raros na vida
De igual ventura! se dos labios pendem
Do bem que amamos promettida dita,
Como sem nuvens o porvir se mostra
Com seu grato sorriso, e nos convida
A' doces scenas de ternura affavel,
Que abrem ao coração doces deleites!
Em que enleio subtil todo engolphou-me
Quando na voz divina—instante amavel!—
Co' hum riso virginal me disse:—Eu te amo.—
Unicas vozes foram que rompendo
As raias do pudor, entre hum suspiro
Suspeitas de incertezas desmentiram.
E o sol no occaso os raios desmaiando
Vibrou no rosto bello ultimo hum raio:
Sorrio-se a tanto amor!—e ella tão linda
No hombro a fronte formosa reclinou-me.
Cingindo-a ao peito, e n'ella olhos fitando,
Em prazer tanto confissão sem culpa
Seguio-se ingenua, até que já da tarde
Cinzento manto os montes rebuçavam:
E a noite instava, erguendo-se a sep'rar-nos.
No adeos tão terno as mãos trementes demos.
Franqueou-lhe o peito timido suspiro;
Breve instante volveo-se de protestos:
E mais hum beijo murmurou co' as sombras.

J. A. de Lemos Magalhães.

HUMA PAYSAGEM DE PIAUHY.

A Europa, que nos manda nosso algodão fiado e tecido, nosso ouro trabalhado e com liga, nosso assucar em fôrmas graciosas, nosso café em pastilhas, nossos especificos amalgamados pela chimica, a Europa manda-nos tambem seus sabios, que a enriquecem, aproveitando nós por misericordia as noticias que ella espalha entre seus filhos, que depois de terem sahido encaixotados como preciosos diamantes pela barra de algum dos portos do Brasil, por algum d'elles tornam a entrar para nos fazerem exclamar com ridiculo enthusiasmo, com profunda sem-vergonha: *Oh! como he rica de maravilhas esta nossa abençoada terra!* E, se houver hum praguento que nos ponha agua na fervura de nosso arrobo com dizer-nos, que amaldiçoados somos nós os filhos de tão rica e prodiga mãi, que lhe diremos em troco? muitas parvoices, muitos não-apoiados, que de lingua ninguem nos leva a dianteira, por que se quizermos refutal-o com mostrar-lhe as producções e trabalhos de sabios brasileiros, isso será cousa pouco facil, porque sempre nos havemos de envergonhar de apresentar-lhe huma *Flora* truncada, roida da traça, nodoada de môfo e poeira que guardamos para esterco alli por algures..... pobre Veloso! tu não vês lá d'onde estás o que vai por esta nossa terra abençoada?!

A Europa manda-nos até indicar a melhor maneira de escrever a historia do Brasil, porque para as nossas notabilidades o Palradouro ou Parlamento he tudo; e, na verdade, que vale huma medalhasita do Instituto, se com qualquer cousa se póde obter hum crachá de qualquer ordem? A Europa tambem ha de mandar averiguar se o que diz o Sr. Conego Benigno he fabula sonhada, se verdade desejada, e assim melhor he que esse Sr. se deixe de nos incommodar cá tão longe n'esta Côrte tão scientifica e litteraria!!

Porem a Europa, que nos manda tudo, seus artefactos, seus sabios, tambem nos envia muita coisa ruim, muitos litteratos de meia tigela, a quem não teremos a satisfação de zurzir por agora que nos occupamos mui seriamente; fallaremos de dois viajantes illustres, Spix e Martius, a quem as sciencias e a litteratura devem muito, d'este ultimo tão apaixonado pelas coisas do Brasil, como o mais distincto d'entre nós, d'este ultimo que de tão longe nos envia suas observações luminosas, suas razões cheias de força, que de certo nos hão de guiar no trabalho necessario de publicar huma historia patria, para o o que talvez sirvam algumas paginas do Indice,

VISTA EM PIAUHY

Lith. de Heaton & Rensburg



que por ahi tem visto a luz, paginas *rasgadas do Indice!* Nossa gratidão para com estrangeiros taes deve ser grande; não lhes devemos por certo grande reconhecimento, porque atravessam nossos sertões mandados por seus governos, e por elles pagos; devemos-lhes muito, quando mui positivamente se interessam por nossas coisas, e n'este sentido o nome de M. Martius será sempre pronunciado com respeito por todos os Brasileiros.

De sua viagem pelos sertões do Brasil, escripta em alemão, fizemos verter para a lingua vernacula a parte que dizia respeito á estampa primorosa e fidelissima que hoje damos.

« . . . . . .

« Como não podiamos chegar de dia á fazenda do *Bom Jardim*, passamos ainda aquella noite ao sereno. O aspecto dominante d'esta paysagem, e que lhe dá hum caracter particular, são os numerosos bosques de carnaúba que nos recordaram os Buritisaes da provincia de Minas. Esta palmeira occupa igualmente os terrenos baixos e pantanosos, e as margens dos rios e dos lagos; mas não se eleva tão magestosamente como os Buritis acima dos arbustos e arvores que os cercam; estas crescem mais cerradas e apresentam mais o aspecto de huma floresta rasteira, que de hum *taboleiro* de Minas Geraes. Defronte da fazenda do *Bom Jardim* encontrámos de novo as formações de pedra calcaria de granito miudo, que compoem varias series de collinas separadas humas das outras, e alguns outeiros isolados de maior elevação, em fórma de lages massiças e quadradas, por entre as quaes corre o rio Canindé. Hum dos ramos d'este rio tem a sua nascente na serra de Tupá, por outra, nas vertentes da serra dos *Dois Irmãos*. Varios regatos abrem caminho por entre collinas verdejantes, cujos cabeços, humas vezes occultos por espessa folhagem, outras despidos, claros ou avermelhados, apresentam huma paysagem, senão magestosa, ao menos lindissima, pela infinita variedade de seus aspectos. Seguindo o curso de hum d'esses regatos, desemboquei repentinamente em hum lugar em que a vista se perdia em huma vasta e humida planicie, coberta de palmeiras, a qual, limitada na sua extremidade por essas collinas de pedra de fórma tão particular, formava hum quadro caracteristico do paiz. » (Veja-se a estampa.)

POVOAÇÃO DE CUNHAU.

Logo que João Fernandes Vieira levantou em Pernambuco o estandarte da revolta contra o despotico, tyrannico e usurpador governo da Hollanda, muitas povoações inteiras, que gemiam desde muito sob o cruel regimen do Supremo Conselho, e das vexações do Escolteto ou Almotacel hollandez, proferiram o grito de liberdade! Entre todas foi a primeira Cunhaú, que, apesar de não ser consideravel em população, era todavia de bastante importancia no momento, porque todos os pontos de apoio que o pequeno exercito restaurador encontrasse na campanha eram de summa utilidade; muitos de seus habitantes correram a engrossar as fileiras desarmados, sem munições e bastimentos, mas cheios de coragem e de rancor: outros porem, mais pacificos, ou timoratos da sorte de tão diminutas forças, contentaram-se em proteger a revolução por todas as maneiras, sem comtudo entrarem abertamente n'ella, ficando em suas casas cuidando na lavoura, e d'esta sorte muito faziam em prol da santa causa, fornecendo mantimentos ao exercito, que a traição de Sebastião de Carvalho e de Francisco do Valle não tinha deixado municiar e bastecer. O Supremo Conselho, que em suas crueldades passadas e presente furor dos amotinados via o grave perigo da revolta, sahio de sua miseravel confiança, mandando avisos para todas as partes e a differentes chefes, sendo hum d'elles para Jacob Coaré, hum hollandez casado na tribu dos Pitagoares, ou na dos Tapuyas, o qual, tendo grande influencia sobre a maior parte das duas tribus, e á sua disposição algumas tropas regulares, aproximou-se da sobredita povoação em dias de Julho do anno 1645, publicando que vinha por mandado do Supremo Conselho do Recife, mas com pacificas intenções, fazendo collocar nas portas da Igreja parochial hum edito, em que se requeriam todos os habitantes para que no domingo proximo assistissem todos ao santo sacrificio da missa, para ouvirem algumas disposições e ordenanças que para paz, quietação e felicidade de todos, mandavam publicar os senhores do Conselho; incauto e credulo, o innocente povo compareceo como se lhe ordenára, porem logo que o sacerdote começou a celebrar, aquelle herege, barbaro como os barbaros com quem se associára, dá ordem para que, sem differença de sexo nem de idade, todos sejam passados ao fio da espada, sem que o mesmo venerando pastor fosse poupado!! Aqui pomos o que se lê em autores de fé sob hum caso singular d'este acontecimento, para que se veja como Deos recebe em seus bons as injurias dos reprobos.

« Era o sacerdote que celebrava homem de 90 annos, varão de vida exemplar. Temeo que á crueldade se seguisse o desacato, e, virado para

o Gentio, lhe disse na sua lingua, em que era perito, que toda a pessoa que n'elle tocasse, ou nas imagens e paramentos do altar, lhe ficaria tolhida a parte com que o fizesse. Temeram os indios Tapuyas, e se retiraram reverentes. Outra especie d'elles, a que chamam Pitaguarés, ou mais assanhados, ou menos respeitosos, lhe tiraram a vida. Caso maravilhoso! Todas aquellas partes de seus corpos que serviram ao sacrilegio lhes ficaram pasmadas e insensiveis, e todos em brevissimo tempo morreram despedaçados de seus proprios dentes; e para que se não duvidasse a causa do castigo, permittio Deos que, na dureza das portas da Igreja, como em branda cera, ficassem impressas as mãos do sacerdote, buscando com ellas arrimo nos ultimos alentos da vida. Verificou-se o prodigio, com se ver n'aquella Igreja (muitos mezes depois) o sangue dos padecentes tão vivo e fresco, como se na mesma hora fôra derramado. » (*)

Porem, se aos brutos, instrumentos da perversidade hollandeza, Deos castigou tão asperamente, não foi menor o castigo que inflingio ao cruel verdugo das pacificas victimas, e a seus infames companheiros; porque, passados tempos, o illustre Henrique Dias, tomando o forte do Rio Grande por assalto, não perdoou a nenhum dos que as chammas, com que lhes abrasára o forte, tinham respeitado (**).

OS JESUITAS NA AMERICA.

PARTE PRIMEIRA.

PROVINCIA DO TUCUMAN.

—

CAPITULO VII.

Amigos e inimigos.

No amanhecer do seguinte dia partio o governador para as suas terras do Candil, deixando a filha doente, porque Francisco Ternero, querendo affastar de si qualquer responsabilidade ou suspeita, obrigára Hermosa Mancilla a mentir em seu lugar: huma criada de palacio devia avisar o chefe da Gardunha de quanto occorrêra depois da conferencia do jardim, para que ficasse sem effeito a *espera* em la Sierra dos Anchos, e mais fazel-o sciente da resolução da filha de D. Joao Ramirez de Velasco, que pretendia fallar-lhe n'esse mesmo dia. José Gusano e mais cinco companheiros, montados em soberbos cavallos, pararam pela volta das tres horas da tarde em frente de hum alpendre meio arruinado, dependencia da estalagem *Espuerta Llena*, de que era dona Rosalia del Tarso, viuva de hum capitão de navios assado mui patrioticamente por seus companheiros de pirataria, como talvez tenhamos occasião de fazer ver aos leitores; já de ha muito ahi o aguardava huma moça alta e delicada, que pela riqueza de seus vestidos bem mostrava ser rica, e por seus modos altivos, nobre; quanto á sua formosura, nenhum dos hospedados na estalagem poderia dizer coisa certa, porque o espesso véo de renda preta de sua mantilha tão impenetravelmente lhe cobria o rosto, que até seria duvidoso que pudesse ver atravez d'elle, se não dera fé promptamente de quantas pessoas entravam, fallando depois ao ouvido de huma rapariga que lhe ficava perto; esta moça, como Vms. bem sabem, era a filha de D. João Ramirez de Velasco, e a rapariga, sua criada Pepita.

Apenas os seis gardunhos se apearam, Rosalia del Tarso correo á porta, fazendo signal a José Gusano de entrar no alpendre; e logo voltando-se para dentro disse para hum rapaz que servia os hospedes:

— Pablo, seis caballeros que vem de la Sierra dos Anchos; ide pençar seus cavallos.

Pepita levantou-se apertando o braço de Hermosa, e ambas sahiram da estalagem:

— José Gusano chegou, senhorita; eil-o acolá no alpendre que vos espera; fallai-lhe, que eu farei por entreter seus companheiros, para que não vos espreitem, e qualquer palavra vos descubra.

E dirigindo-se para o terreiro, foi encontrar-se com os cinco gardunhos, que se mostraram mui alegres com vel-a.

— Então, he alguma irmã que nos trazes? perguntou hum d'elles, de alcunha Paxarillo.

— Póde ser muito bem.

— Pepa, e será tão bonita como tu? disse hum outro.

— Só me confesso de joelhos, senhor Mesonero; e agora me vedes em pé.

— Sempre arripiada com nosco! disse Paxarillo rindo-se; deixemos João de Urquisa, que lhe abrandará o animo, e vamos ter com a senhora Rosalia del Tarso, que tem sempre o riso na boca.....

— D'aquelles que lhe pedem de beber e tem

(*) Castrioto Lusitano, livro 4.º

(**) Barbosa Machado, *Fastos*, tomo 1.º

dinheiro; accrescentou Mesonero, empurrando escontra a estalagem os companheiros.

João de Urquisa era hum collosso de sete pés de altura, moreno, barba até os olhos, que eram pretos e brilhantes como dois carvões, nariz comprido, mas proporcional, testa espaçosa, musculoso e valente, era huma belleza herculea, de que são mui apaixonadas as moças de Hespanha; e Pepita, apesar de ser huma simples criada, comtudo tinha nas veas sangue hespanhol, por isso tinha escolhido o mordomo de S. Ex. o Bispo do Tucuman para amante, até que elle se dignasse ser seu marido, o que mui poucas vezes lhe lembrava, digamol-o de passagem; ora, não só o desejo de ser util a sua ama, impedindo que a curiosidade de algum dos gardunhos a descobrisse, como tambem o interesse de trocar duas palavras com o seu querido, tinham-lhe feito nascer o pensamento de deixar só com o Mestre Hermosa Manciila, e vir para o terreiro mui lepida e sacudida, o que não foi mui de gosto para o senhor João de Urquisa, segundo se lhe podia ver no carregado semblante.

— Que tens tu? perguntou Pepita meia assustada.

— Coisa nenhuma, e eis ahi todo o meu mal; respondeo seccamente o gardunho.

— Oh! tens o meu coração, a minha vida e alma! disse gamenha a hespanhola; talvez que se foras hum rico caballero te amára menos, meo amigo.

— Que vieste fazer ao Ponto, quando tinhas certeza de não encontrar o Mestre, e em duvida se me encontrarias a mim?!

— Certeza de encontrar o Mestre tinha eu, por que o mandei chamar por Stella; não a encontraste?!

— Encontrei, e então?

— Muito bem, mais nada.

— Grande deve ser o negocio! disse o gardunho incredulamente; a filha do governador doente, e tu por aqui; não fazes falta em casa, tu e Stella fóra? grande negocio!

— Grande na verdade, disse Pepita, olhando para o alpendre.

— Quem he aquella mulher?

— O seu nome não t'o digo, mas posso dizer-te que vem fazer huma encommenda ao Mestre.

E, como todos dois olhassem para o mesmo lugar, repararam em que José Gusano, em vez de fallar com Hermosa, tinha ido primeiro acariciar hum alentado cão de fila, que, vendo seu dono parado sem ir ter com elle, mordia raivoso a corrente que o retinha preso ao muro de estalagem; o Mestre, depois de affagar *Prueba*, dirigio-se lentamente outra vez para o telheiro, onde se assentou com a maior soberba, indicando á filha do governador para assento hum cesto de herva, assento na verdade mole e fresco ao mesmo tempo. Pepa mordia os beiços com despeito, vendo o máo e grosseiro modo por que o Mestre recebia sua ama.

— Conheceis-me? perguntou Hermosa Manciila para o gardunho, sem querer sentar-se.

— Não, respondeo o altivo José Gusano.

— Pouco importa; mas sabeis ao que venho?

— Haveis de dizer-m'o, se quizerdes.

— Em poucas palavras; quero que me livreis de hum homem.

— Isso será caro, senhorita.

— Vede este anel, quanto julgais que vale em consciencia?

— Em consciencia não sei, porque he medida e peso que não usamos; porèm talvez se possa sangrar esse homem, se lhe juntardes depois, vede que he só depois, mais alguma coisa; o vosso nome, e o do homem?

— O meu nome?! disse Hermosa, que julgava piamente não sabel-o o Mestre.

— Hum nome qualquer, pouco importa; chamai-vos Ulva, que he a santa de que hoje reza a Santa Madre Igreja; o nome do homem?

Hermosa ficou muda; o nome de sua mãi na boca d'este bandido, quando ella vinha fazer-lhe tão sanguinario pedido, era hum terrivel e medonho brinco do acaso, ou huma admoestação do céo; de sua fronte cahia o suor em bagas frias como gelo, tremiam-lhe as pernas, e ella arrependia-se da resolução perigosa e feia que havia tomado.

— Esqueceo-vos o nome do homem? disse o gardunho com mostras de enfado.

— Sancho de Stalla, disse com voz firme Hermosa, passando com espantosa volubilidade da piedade á ira, do arrependimento ao crime.

José Gusano ficou olhando hum pouco de tempo para Hermosa espantado; porque, tendo sabido por Stella de como lhe queria fallar a filha do governador, que elle esperava em la Sierra dos Anchos, conforme tinha tratado com Francisco Ternero, não julgára este acertado communicar á ramera o negocio de Hermosa, visto que ella desejava expol-o verbalmente ao chefe.

— Aqui tendes o vosso anel, senhorita, disse o gardunho levantando-se para sahir; dou-vos hum conselho: não encommendeis a outro a morte d'esse homem, porque ninguem haverá que a faça; todos os meus lhe são devedores de *mil gracias*, e eu

mesmo não consentirei que lhe toquem em hum cabello.

— Então he vosso amigo? disse com despreso Hermosa.

— E dos mais nobres senhores de todas as Hespanhas; quereis que me explique? pois ouvi, continuou José Gusano com hum sorriso sarcastico, são seus amigos o Bispo D. Francisco Victoria; de quem recebemos indulgencias por sua intercessão; o governador D. João Ramirez de Velasco, que póde mandar lançar por terra huma forca em dois segundos, assim como póde mandar levantal-a.

Hermosa deixou o pardieiro encolerisada; Pepa correo a ter com ella, deixando João de Urquisa rendido, tantos tinham sido os affagos, tantos os protestos.

— Que fazeis, senhora! não vedes que vos podem conhecer? não levanteis o véo.....

— E que tem que me conheçam?! disse Hermosa Mancilla ardendo em raiva; será preciso talvez affrontar cara a cara esse miseravel, a quem os gardunhos temem!

João de Urquisa, que não deixava perder huma só palavra da conversação, apesar de conservar-se a respeitosa distancia, João de Urquisa deo hum salto ao ouvir as ultimas palavras de Hermosa Mancilla; e, sem se lembrar que poderia ser mal recebido por essa dama que elle via tão indignada contra a Confraria, chegou-se ao pé das duas, e tirando respeitosamente o chapéo de largas abas, disse em propria defeza, com natural soberba, e para se engrandecer aos olhos da namorada:

— Senhorita, não conheceis todos os irmãos gardunhos.

— Nem preciso, respondeo a filha do governador com despreso.

— Todavia vós precisais de alguma coisa, continuou o gardunho, pondo o chapéo na cabeça meio zengado; e se os conhecesseis todos, póde ser.....

— Pois se vosso chefe, que vos tem a todos por si, não se atreve, como he que hum só.....

— Fallai, senhorita!

— Dizei-lhe a que viestes, interveio Pepita; eu o conheço, e vos afianço de que, se elle o não quizer ou puder fazer, guardará segredo.

— Fallai, senhorita, fallai! repetio com maior soberba João de Urquisa.

— Quereis livrar-me do secretario do Bispo do Tucuman.....

— O Padre Sancho de Stalla? interrompeo vivamente o gardunho.

— Elle mesmo.

— Não tereis que dever-me senão a brevidade; o negocio he meu: esse miseravel tambem vos fez mal, senhorita? perguntou carregado João de Urquisa; deixai-o com migo, que se tem amigos na Confraria, tambem tem inimigos

Hermosa tirou do dedo o mesmo anel que offerecêra a José Gusano, e deo ao gardunho, dizendo-lhe:

— Não he paga, he huma lembrança do que vos peço.

— Descançai; nem todos os gardunhos temem o secretario do Bispo, ou são seus amigos; tambem ha hum gardunho que o aborrece, e será sempre seu inimigo!

(Continúa.)

Aquelles que recusam a seu espirito pensamentos serios, cahem em idéias sombrias.

Ha cabeças que não tendo janellas, e não podendo ser tocadas pela claridade do dia, não recebem nada que do céo provenha.

Quem tem imaginação sem erudição, tem azas, mas não tem pés.

Os homens de genio tratam quasi sempre os negocios como os ignorantes tratam os livros, por não os entenderem.

Não he huma cabeça forte, e sim huma razão robusta, que se deve honrar nos outros e desejar para si.

O espirito insensivel he hum martelo que não faz senão quebrar. A dureza d'espirito não he, algumas vezes, menos funesta e odiosa que a dureza de coração.

Ha espiritos semelhantes a esses espelhos convexos ou concavos, que representam os objectos, mas que os não recebem nunca taes quaes são.

As perguntas mostram a vastidão do espirito; as respostas a sua finura.

Os genios gordos não devem despresar os magros.

Aconselhai-vos com hum maior e hum mais pequeno do que vós, e formai depois a vossa propria opinião.

MEMORIA

SOBRE A CONVENIENCIA E OBJECTOS

DE

HUM CONGRESSO GERAL AMERICANO,

Lida ante a Faculdade de Leis da Universidade de Chile, para obter o gráo de Licenciado,

POR

J. B. ALBERDI.

Os Congressos Geraes, diz o abbade De-Pradt, são, em materia de politica, o mesmo que as juntas de medicos na cura das enfermidades. As suas deliberações podem carecer de efficacia e acerto; porem a sua reunião suppõe sempre a presença de hum mal.

Huma molestia social e politica afflige effectivamente os povos da America do Sul, desde que, dissolvido o antigo edificio de sua vida geral, trabalham e conspiram para o estabelecimento do que deve succeder-lhe. Todos conhecem que as coisas não estão como devem estar: huma necessidade vaga de huma melhor ordem de coisas faz-se experimentar em todos os espiritos. Exuberante de juventude e força de vitalidade, dotado de huma compleição robusta e vigorosa, o nosso povo abriga necessariamente a esperança de sua cura no mal de que se acha possuido.

Eis aqui, senhores, a situação e o espirito que tem constantemente excitado os povos da America meridional, desde o começo de sua emancipação, a fallar da convocação de hum congresso geral ou continental: e he certo, senhores, que os povos da America se não equivocam, quando levam suas vistas a este meio, que deve curar seus padecimentos. Huma enfermidade social os affliige; este facto he real. As nações não estão sujeitas a essas molestias nervosas que fazem algumas vezes sentir males que não existem.

Os povos desejam sahir d'este estado, e sem duvida, senhores, que tem razão. Firmam-se elles na necessidade de huma grande junta medica, de hum congresso continental organisador, como hum dos meios de chegar ao fim desejado, e he minha opinião, senhores, que tambem se nao enganam n'este ponto. Os Estados Americanos não pensam, nem pensaram nunca, que a reunião de huma semelhante assembleia possa ser capaz de tiral-os, unicamente pelos seus trabalhos, do estado em que se acham: julgam, porem, que entre os muitos meios de susceptivel applicação á extirpação dos males de caracter geral, hum dos mais efficazes póde ser a reunião da America em hum ponto e hum momento dados, para dar-se conta de sua geral situação, de suas molestias, e dos meios que na associação de seus esforços puderem encontrar-se para transformal-a em sentido vantajoso.

Em outra situação, não menos grave que a presente, em a qual o perigo provinha de outra parte, hum homem de instincto superior, senhores, o general Bolivar, foi assaltado por este grandioso pensamento, e o congresso de Panamá não tardou a instalar-se. O remedio tinha sido excellente; porem a sua applicação foi extemporanea, porque o mal já por si mesmo havia desapparecido. O mal de então foi a usurpação americana verificada pela Europa. Desde que, vencida por nossas armas, desistio seriamente da ideia de dominar-nos, deixou de existir por esse mesmo facto, o mal, cuja provavel repetição havia dado origem á convocação do congresso de Panamá. O congresso dissolveo-se sem deixar resultados, porque o principal resultado que d'elle devia nascer, operou-se espontaneamente.

Bolivar, senhores, não foi hum simples poeta, nem poeta imitador do poeta d'*Austerlitz*, ao pedir hum congresso de todos os povos da America. N'isso mostrou-se elle pelo contrario homem d'Estado e politico original: nem sempre o grandioso he do dominio da utopia; nada mais grandioso que a liberdade, e entretanto he ella hum facto que em muitas partes se realisa. Hum philosopho, senhores, hum homem que pensa e que não obra, quero fallar do abbade de Saint Pierre, por exemplo, póde ser hum utopista; porem hum homem d'espada, hum homem de acção, he na vida o que póde haver de mais pratico e positivo. D'este genero de homens era o general Bolivar: ninguem menos que elle póde ser taxado de utopista, pela razão de ser o homem que mais factos positivos nos deixou na America.

E aquelle que venceo grandes resistencias, senhores, he justamente o que deve ser mais credor de consideração, como conhecedor dos meios e das possibilidades de vencel-as. Ha utopistas negativos, senhores, bem como os ha dogmaticos, e esses são os espiritos scepticos, ou, melhor direi, os espiritos sem vista. Se ha visionarios que vêem o que não existe, tambem os ha que não vêem o que todo o mundo toca: e nao he a menos solemne das utopias a que affirma que he impossivel a realisação de hum facto considerado praticavel pelo proprio genio da acção e pela pru-

dencia dos povos. Bolivar foi tambem original em seus pensamentos, porque a America do Sul offerece tal homogeneidade em seus elementos organicos, e taes meios para a execução de hum plano de politica geral; de tal modo he para ella adequada a ideia de huma organisação politica continental, que, se não receiassemos violar a chronologia dos grandes homens, melhor diriamos que Bolivar foi copiado por *Napoleon*, *Richelieu*, e *Henrique IV*. Eis aqui, senhores, os homens que, como Bolivar, pensaram e propenderam para a centralisação continental do movimento politico: todos elles são homens de acção, espiritos positivos, e grandes consumadores de factos. Como homens de fino tacto, nunca se infatuaram com a presumpçosa crença de que levariam ao cabo o que começavam e concebiam; porque não promettiam dar acabado o trabalho concebido. O homem grande sabe que os grandes acontecimentos são consumados pelos seculos; emprehende e lega a seus iguaes a continuação de suas obras. Assim, pois, o povo americano, grande empirista, senão grande pensador, acceita o pensamento de sua associação continental, e convoca hum congresso, não para que o organise de hum golpe de mão, mas para que ao menos dê hum passo para a execução d'este grande trabalho, que deve durar tanto quanto durarem os seus graduaes e lentos progressos. O synodo, ou carta organica que sahir de suas mãos, não será lei viva desde a sua promulgação; será, porem, hum mappa maritimo que marque a derrota que deve seguir o baixel commum para sulcar o oceano grandioso do futuro

A Assemblea geral e a Convenção francezas fizeram constituições: mas o que são actualmente esses trabalhos? Não são leis vigentes certamente; porem são typos ideaes do organismo social, para cuja execução marcha o povo a passos lentos; são a luz que illumina as opposições liberaes, o termo a que se dirigem todos os anhelos do paiz: são a esperança de hum bem que o tempo converterá em realidade.

Acreditar-se-ha de boa fé que nossas constituições republicanas promulgadas na America, sejam, ou possam ser, por em quanto em realidade, mais que promessas e esperanças de huma ordem de coisas que só terá fiel realidade no futuro? A America tambem quer ter escripto e consagrado o programma de sua futura existencia continental; e ainda quando o desejado congresso só trouxesse este resultado, não teria sido infructuosamente convocado.

Este pensamento tem seus adversarios, e os tem entre homens benemeritos e corações honrados. Alguns ha que o combatem como hum meio temivel que os governos tyrannicos poderiam empregar para affiançar-se mutuamente, em prejuiso dos povos que governam. Merecem estes applauso e louvor por seu nobilissimo zelo a favor da liberdade.

Porem se aceitassemos seus temores, seria necessario temer igualmente por todos os estabelecimentos politicos, visto que não ha hum só de que se não possa fazer funesto uso em prejuiso dos povos: as mesmas camaras legislativas e os jurados, seriam em tal caso objectos de suspeita e temor, huma vez que são susceptiveis de converter-se em instrumentos de oppressão e despotismo politico, como vemos succeder em certos estados.

Outros combatem o congresso continental, suppondo que não poderá ser senão huma reproducção litteral do de Panamá. He certo, senhores, que se não enganam, se com effeito tiver de reunir-se esse congresso para pactuar nos meios de resistir a huma agressão externa, que não vem nem virá para a America; porem he possivel assegurar que o futuro congresso terá fins mui diversos do de Panamá.

Censuram com especialidade como intempestiva a sua convocação na epocha presente, e eu pensaria do mesmo modo, se me designassem tempo mais opportuno para sua reunião, e com que motivo deverá chegar esse tempo.

Outros, finalmente, são seus adversarios, por que não vêem objectos que pudessem servir de assumpto para as deliberações de tal congresso: e certo que a sua divergencia não póde ser mais desculpavel; quem poderia estar pela reunião de huma assemblea que não tivesse motivo para reunir-se? Porem, a meu ver, são estes justamente os que mais se equivocam em sua opposição, e cujo erro merece ser contestado de preferencia áquelles em que incorrem os outros opposicionistas; pois basta dar a conhecer os objectos de interesse americano, que poderiam justificar a convocação de huma assemblea continental, para desvanecer em grande parte as objecções de temor e incerteza que se oppõe á sua realisação.

A' vista d'isto, senhores, occupar-me-hei successivamente: 1.º Em referir os objectos e interesses que dariam materia para as deliberações do congresso. 2.º Em fazer ver as conveniencias accessorias que traria semelhante reunião a cada hum dos povos da America que a ella concorresse. 3.º Em refutar as objecções que se tem feito sobre os perigos e inconvenientes que d'ella se seguiriam.



EVARISTO FERREIRA DA VEIGA.

Collocarei á frente dos objectos de deliberação a fixação dos limites territoriaes entre os novos Estados. Este assumpto tem mais importancia do que parece á primeira vista; e a sua importancia não existe precisamente na maior ou menor porção de territorio que deva adjudicar-se aos estados que contendem sobre esta materia. N'este ponto o panno he abundante na America, e a tesoura do congresso póde cortar fragmentos maiores que a *Confederação Helvetica*, sem temor de deixar estreito o vestido que deve usar cada hum estado. Alem d'isso, o terreno está em nosso poder; e a America não poderá entabolar contendas por pretenções a elle, sem incorrer no ridiculo d'esses loucos, a quem Montesquieu reputa senhores solitarios do mundo disputando pelos seus limites. Todavia, não seria difficil que a preoccupação pelo interesse territorial, que recebemos sem exame da politica européa, acarretasse desavenças por occasião dos conflictos de limites ora pendentes entre a *Republica do Prata* e *Bolivia*, entre o *Estado Oriental* e o *Brasil*, e algumas outras da mesma ordem entre os outros estados.

Seria opportuno que o congresso se occupasse de dar a este respeito hum córte capaz de prevenir as desavenças que podessem originar-se da discussão directa e parcial dos interessados: porem he este o ponto estreito da questão de limites. Esta questão he, a meu ver, immensa, e abraça nada menos que a recomposição da America politica. A America, senhores, está mal feita, se me he permittido empregar esta expressão. He mister recompor o seu mappa *geographico-politico*. He hum edificio velho, construido segundo hum pensamento que já caducou: era outr'ora huma fabrica hespanhola, cujas divisões eram consagradas a trabalhos especiaes distribuidos segundo o plano industrial e necessario do fabricante: actualmente, cada huma d'essas divisões he huma nação independente que se occupa da universalidade dos elementos sociaes, e trabalha segundo suas inspirações e para si unicamente. N'esta nova occupação, n'este novo regimen de existencia, nem sempre encontra adequado e commodo o local de seu domicilio para o desempenho de suas multiplicadas e varias funcções; e teria precisão de variar o plano de seu edificio; tropeça, porem, nos limites que estabeleceo a Metropole monarchica, e que a America republicana tem respeitado. Tomo por exemplo as povoações de Bolivia, que sob o regimen colonial eram fabricas de fundição e de cunhar metaes de propriedade espanhola, e que hoje não podem ser aquillo a que são destinadas, isto he, estados commerciaes e industriaes, por não terem portos de mar, nem vehiculos de intelligencia maritima com o mundo exterior e européo.

Entretanto, he sabido que por meio de concessões realisaveis da parte de outros estados, poderia ter *Bolivia* os meios que actualmente lhe faltam para preencher o seu destino nacional. Eis aqui hum genero de interesses que hum congresso geral poderia regularisar em beneficio de todos e de cada hum dos que actualmente são prejudicados. Estes interesses affectam huma grande parte da America central, que não deve ser espoliada pela America littoral: o centro vive da margem, e vice-versa.

(Continúa.)

BIOGRAPHIA

DE

EVARISTO FERREIRA DA VEIGA.

He talvez cedo para escrever com imparcialidade a historia de hum homem, cujos actos publicos foram de grande consideração, de summa importancia para o imperio do Brasil; cujas idéas partilhadas por muitos individuos que desde 1830 tem occupado os grandes cargos do Estado, merecem todavia profunda analyse, e talvez censura: nós escreveriamos de melhor grado hum elogio do cidadão Evaristo Ferreira da Veiga, do que a sua biographia, porque seu saber e virtudes privadas davam-nos largo ensejo, motivo bastante para justificar a resolução que nos veio de apresentar hoje aos nossos leitores seu retrato; porem sua vida publica, tão ligada com a historia patria, força-nos ao grave encargo, que não tomáramos por certo, se em nós se não déra huma circunstancia mui attendivel, que nos livra seguramente da pecha de affecto, e se alguem lhe póde escrever a biographia com imparcialidade, ninguem melhor do que nós.

Nasceo o cidadão Evaristo Ferreira da Veiga n'esta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, aos 8 de Outubro de 1799; foi seu pai Francisco Luiz Saturnino, que soube imprimir-lhe no coração com sua rigidez de principios huma moral sã, que sustentou o homem publico em meio das mais perigosas circunstancias livre até da mais pequena suspeita, e d'aqui lhe podéra tecer o mais circunspecto escriptor hum acabado panegyrico: seus primeiros annos passou-os no estudo

das linguas latina, franceza, e ingleza, da rethorica, philosophia e historia, em que era mui versado, passando depois ao gabinete onde lhe serviram estes principios para se apoderar de mais profundos conhecimentos, entremeiando os estudos serios com outros de não menor preço, e que por si só poderiam fazel-o conhecido e estimado, sahindo de sua penna harmoniosos versos, que a luz publica reclama da modestia de seus parentes. A Independencia do Brasil começou o escriptor politico, apparecendo algumas brochuras anonymas, que não passaram do circulo de seus amigos, por quem era já apreciado com justiça, e até 1827 conservou-se ignorado, para o que concorria a concentração de seu genio, concentração por assim dizer forçada, porque só o retinha hum resto de timidez, que bem cedo devia desapparecer. Em Dezembro de 1827 começou a publicação periodica da *Aurora Fluminense*, sob a redacção de tres Brasileiros, publicação politica sem cor alguma politica, porque de suas revistas internas e externas nada se colhe que demonstre huma idéa positiva; foi nos primeiros mezes de sua creação hum jornal scientifico-litterario, ainda que por sua independencia a respeito dos partidos existentes fosse olhado como adverso por todos: porem antes de findar o anno de 1828, a *Aurora Fluminense* sob nova redacção tornou-se positiva e terminante, ella mostra em sua opposição á politica seguida pelo governo imperial tendencias para hum fim, ella começa a importancia publica de seu joven redactor Evaristo Ferreira da Veiga. Seria preciso seguir passo a passo a marcha dos negocios publicos para que as idéas do redactor da *Aurora*, tendo em face aquellas que se lhe oppunham, fossem huma por huma analysadas, o que não cabe na estreiteza das columnas de hum jornal para onde escrevemos esta biographia; nós diremos em summario, para salvar o espaço de dois annos que decorrem desde a entrada de Evaristo Ferreira da Veiga na scena publico-politica até a abertura da primeira sessão da legislatura de 1830, diremos que se ha alguma increpação que fazer ao redactor da *Aurora Fluminense*, he esta: — Não precisou com a necessaria clareza a justa opposição aos desregramentos do governo, não foi tão profundo politico que enxergasse nos acontecimentos de Abril de 1831 o termo d'essa opposição —; e d'esta o absolvemos nós e o absolverá todo o mundo, porque se a França nos não déra huma amostra nos seus tres dias de Julho de 1830, não teriamos por certo huma miniatura em Abril de 1831; teriamos insubordinações, motins militares na côrte e nas provincias, porque a tropa era a mais descontente; mas os cidadãos não teriam talvez feito causa commum com ella, apesar do odio que se havia votado ao fundador do imperio; a França e só ella produzio os acontecimentos de Abril de 1831.

He na tribuna parlamentar onde eu admiro Evaristo Ferreira da Veiga, o Mirabeau brasileiro; diz Armitage que elle foi hum dos escriptores politicos mais talentosos, não só do Brasil, como da lingua portugueza, e eu juntar-lhe-hei com mais verdade que elle foi o mais distincto orador nas sessões do parlamento de 1830: suas palavras chãs, suas orações incisas, seus periodos curtos eram segura mostra de que só idéas apresentava, conhecendo-se pela rapidez o improviso, rapidez que poderia até ser censurada, pois que se lhe não divisava huma pausa no discurso; e talvez que, quando opinante, essa fluidez lhe fizesse apresentar alguns principios, que hoje, e mesmo n'aquelle tempo, poderiam ser regeitados.

A legislatura de 3 de Maio de 1830 devia por força marcar hum ponto bem saliente na historia do Brasil; o Imperador D. Pedro 1.º em sua falla de abertura deo ás camaras topicos interessantissimos para necessarias e profundas discussões, reclamando o estado do paiz promptos remedios; porem quasi nada se fez, ficando até por decretar o melhoramento do meio circulante, huma das maiores necessidades, e assim passaria a legislatura desapercebida, se se não tivera tornado singular pela primeira fusão das duas camaras: durante as sessões, no dia 14 de Setembro, chegou ao Rio de Janeiro a noticia da revolução franceza nos 3 dias de Julho de 1830; ellas foram encerradas a 30 de Novembro, ficando tambem sem remedio a desenvoltura da imprensa periodica, sem embargo da energica advertencia da falla do Throno: — *He do Meu mais rigoroso Dever Lembrar-vos a necessidade de reprimir, por meios legaes, o abuso que continua a fazer-se da liberdade da imprensa em todo o Imperio. Semelhante abuso ameaça grandes males; á Assembléa cumpre evital-os.*

A inutil e talvez fatal viagem do Imperador ás Minas, seu regresso á capital em 11 de Março de 1831 produzio a noite de 13 para 14 de Março, chamada das garrafadas; a *Aurora Fluminense* publicou essas palavras, com que tão grande carga fizeram ao seu redactor: — O sangue derramado pede sangue —; porem, se essas palavras escaparam em meio de huma exaltação civica, ninguem poderá nega que aquelle que as proferio não tinha coração de vel-as executar, e a historia attesta que foram seus esforços quem arredou san-

guinolentas represalias, facto este heroico, que lhe valeo o desagrado occulto e publico de seus correligionarios; Evaristo Ferreira da Veiga escreveo-as sob terriveis impressões, mas seu proceder desmentio o que a mão escrevêra veloz, sua mesma boca disse: — *Perdão, perdão aos criminosos, sejamos generosos em nossa justa indignação; tudo esperemos das autoridades* —.

Seguio-se a isto a famosa representação de 17 de Março assignada por vinte e tres deputados e hum senador, representação que poderá louvar ou censurar quem escrever a historia do Brasil, e da qual eu só direi, por n'ella vir inserto o nome de Evaristo Ferreira da Veiga, fizeram como Lepido — Hac tempestate serviundum aut imperitandum; habendus metus est aut faciundus —. No dia 20 houve huma modificação no ministerio; mas a França tinha desenthronisado hum rei e levantado outro, e no Brasil ensaiava-se o simile, por isso a modificação não valia cousa alguma; na manhã de 6 de Abril o Imperador compoz novo ministerio, e as facções que aborreciam o deposto, pediram sua reintegração levantuosamente no Campo de Santa Anna, e a monarchia constitucional representativa soffreo violento choque. O opposicionista de 1830, Evaristo Ferreira da Veiga não foi o revolucionario de 1831; em sua opposição elle media a immensa expansão, os infinitos recursos do governo representativo, e estou que recuaria ante o violento remedio que se applicou aos verdadeiros e não phantasticos males da nação: mas o dia 7 de Abril, a inesperada abdicação de D. Pedro 1.º fizeram-no por força caminhar entre os acontecimentos, e foi este seu maior serviço prestado ao Brasil, porque foi hum dos que poderosamente concorreo para a suffocação das idéas ultra-liberaes, de que muitos estavam possuidos, e - We have beheld the pretinders to publick liberty become the graetest tyrants themselves.

D'esta epocha em diante até a eleição da regencia, Evaristo Ferreira da Veiga dominou em todas as eleições, dirigio todos os gabinetes, e affastado do poder governou o Brasil; seus pensamentos e seus actos foram muitas vezes calumniados injustamente; errou tambem, para tanto bastava-lhe ser homem, mas suas intenções foram sempre boas: sua influencia grangeou-lhe innumeros inimigos, que chegaram a tentar contra seus dias, ferindo-o no rosto com hum tiro de pistola em a noite de 8 de Novembro de 1832 em casa de seu irmão o Sr. João Pedro da Veiga, onde se havia reunido com alguns amigos, que partilharam seu perigo e ferimentos.

Chefe do partido moderado, manteve grande influencia até que a morte de D. Pedra 1.º acabando os receios da restauração, fez descahir consideravelmente este partido, dando-lhe o ultimo golpe a eleição da regencia: Evaristo Ferreira da Veiga, desgostoso por muitas cousas, deixou a redacção da *Aurora Fluminense*, e começou a guardar profundo silencio na camara. Tendo feito huma viagem á provincia de Minas, a maior que emprehendêra em sua vida, e regressando á côrte em 2 de Maio de 1837, tres dias depois cahio perigosamente doente, sendo causa de sua enfermidade huma grave contestação sobre politica, dizem huns, ou procedida dos incommodos da viagem, como outros querem; no dia 12 d'este mesmo mez, huma hora depois do meio dia, rendeo a alma ao Creador, rodeado de sua familia, a quem extremosamente amava, tendo de idade 37 annos, 7 mezes e 4 dias, sendo enterrado modestamente em S. Francisco de Paula, no dia 13, pelas 5 horas da tarde.

De hum homem que teve em suas mãos os destinos do Brasil bastam para elogio estas palavras: — Deixou sua familia pobre —.

A Sociedade Amante da Instrucção, de quem era socio, collocou na sala de suas sessões o busto, não do patriota Evaristo Ferreira da Veiga, mas do homem beneficente.

CANTICO.

A INCOGNITA.

O let me live to thee!...
YOUNG.

E ella os olhos lançou-me! — E quaes estrellas
Por entre nuvens negri-densas luzem,
De supercilios negros
Se c'roavam seus olhos luminosos,
Olhos que em seu volver após arrastam
Almas em captiveiro.

Que divindade he esta?... — Em torno d'ella
O ar que respirei foi ar de flores:
As vestes que vestia
Roçando as minhas por ditoso encontro
Hum favonio formaram, que agitou-se
De aromas recendido.

E esse suspiro que exhalou sem ver-me?...
Que em minh'alma entranhou-se como a imagem
De objecto idolatrado?...
Trará toda poesia dos amores
Em si impregnada?... A mim foi dado?...
Com outro pagar devo?...

Ceos!... e nos labios meus outro suspiro
Me estremece... me foge... e a bella... a ingrata...
Ceos! me foge tambem!...
Jamais raio de luz partio tão rapido
Do corpo luminoso, qual se esquiva
A incognita formosa.

Corro os vestigios a beijar na relva
Das plantas leves tuas, fugitiva!
Quão me he doce o beijal-os!...
Nunca foi das abelhas favo cheio
Nem das canas o succo saboroso
Mais grato aos labios meus.

E os ramos que a carreira te impediam,
Que empurraste com os braços torneados?!
Abraço-me com elles!...
Que perfume! mais vivo que o da rosa!
Nem da mangueira o fructo sasonado
O exhala tão suave.

Esta florinha que tombou na terra,
Quando no veloz curvo a mão da bella
Quebrou-lhe o seu pedunc'lo,
Mais vivas cores mostra: he que tombando
Pisou-a hum pé mimoso; e o brando toque
Melhor lhe foi que a seiva.

Oh!... não posso esquecel-a! — Vou seguil-a:
A grama beijarei.... certo he mais doce
Onde seus pés tocaram.
Os ramos que mais puro aroma expiram
Lhe foram de passagem. — Que ventura!...
Conheço-lhe os vestigios.

He ella!... he ella!... — N'esse verde outeiro
Como a corça que foge e os olhos volta,
Folga de ver que a deixam.
Oh! não me vio: occulto atraz da moita
Aperto os labios... caio de joelhos
Como se a hum Deos orasse.

Ella socega. — Que belleza a sua!
A fadiga a redobra lhe enfeitando
De rosas o semblante:
Ergue os olhos ao ceo.... que pensa ella?...
Certo de cada ideia em premio ganha
Hum sorriso do Eterno.

Por fim de novo os olhos volve em torno...
Não me vê..... socegada respirando
Assenta-se na grama.
Tal, oh meu Deos! de arbusto verdescente
Aromatica flor cahe do pedunc'lo
E vai tombar na relva.

Salve, oh mimosa
Do ameno prado
Pudica rosa!
Que jamais feroz tormenta
Venha' a terra te lançar;
Que sempre possas mostrar-te
Em teu gentil vicejar.
Salve, oh ditosa
D'esta campina
Rola formosa!
Que jamais venh' a maldade
Preza em seus laços te achar;
Que sempre possas no valle
Suavemente arrulhar.

Muito era! — Respirar tão perto d'ella,
E não gosar seus magicos olhares!...
— Da bella aos pés me arrojo;
Beijo-lhe as vestes.... quero... não me atrevo....
Banham a terra lagrimas ardentes,
E fervoroso fallo.

« Foges da minha vista?... mal te hei feito?...
« Dize o meu crime... marca o meu castigo...
« Julga... condemna... e pune;
« Teus sorrisos porem, ah! não, não furtes
« A quem abrir-se o céo vendo em teus labios
« Nada mais quer do mundo!

« Dize em que te offendi se és offendida;
« E como poderei ganhar piedade!
« Precisas de meu pranto?...
« Molho a terra que pisas: de suspiros?...
« Ah! não sentes que a mil verto magoados
« Em torno aos pés que abraço?...

« Symbolo de innocencia, amar te he peso?
« P'ra que amor?... amor iguaes se votam,
« Querer tanto não ouso:
« Olhar de compaixão... olhar benigno
« Mortaes gloria, quando o volve hum anjo;
« Olha-me pois, oh anjo!

« Estremeces?... são fogo os meus extremos?...
« Oh! qu' importa que volte ardente chamma
Ao volcão, que a arrojou?...
« Estremeces?... mal tenho ousado hum beijo
« Em tuas brancas vestes.... mais quizera....
« Mas para hum anjo he crime!

« Não te he pena o fallar?... a voz desprende;
« D'onde és? d'onde vens? onde nasceste?
« Te he patria a minha patria?
« Oh! as margens do Varzea são bem lindas,
« As brisas d'estes prados são suaves....
« Não he assim?... responde!

« Mas a infancia ligeira aqui voou-me,
« Joguei a luta n'estes mesmos campos,
« Brinquei n'esta collina,
« Aquella arvore secca vi frondosa;
« E não me lembra ver-te, oh flor da Varzea,
« Em verde botão inda!

« Quem és tu, dize, formosa,
« Que trazes figura humana?

« E's de especie mais sob'rana,
« Mais perfeita, mais mimosa?
« Ou ja foste acaso rosa,
« Que pela brilhante cor,
« Pelo aroma encantador,
« Quiz o genio da ternura
« De mulher dar-te a figura
« Para triumpho de amor?

« Quem és tu p'ra ser tão bella,
« E ter tão ardente olhar?
« Devo-te acaso julgar
« Do ether lucida estrella?
« Teus arcanos menos zela,
« Dize, p'ra socego meu,
« Serás tu anjo do Céo,
« A quem o vôo faltou,
« E que na terra tombou
« Lá do alto do empyreo? »

Disse; e suspiros saltam-me dos labios...
Vejo encovar-se galantinho riso
Da bella em rubra face...
Juro amal-a... ella treme... corre... foge!...
Ceos! e seu nome?...—Mas qu'importa hum nome?...
Eu sei que adoro hum anjo.

Dr. J. M. de Macedo.

OS BAILES.

Offerecemos aos nossos leitores o extracto da interessante These defendida pelo Sr. Dr. Francisco Bonifacio de Abreu, moço que pela habilidade que deixa ressumbrar em seus escriptos, e pela semelhança com os de Montaigne, mereceo de huma das nossas Notabilidades, o Exmº. Sr. Dr. Thomaz Gomes dos Santos, o titulo de — Nosso Montaigne brasileiro —; contendo hum dialogo que por não se entender muito com a Medicina foi supprimido.

Os bailes motivam alguma quebra na saude publica?

Prazeres, socios meus, e meus tyrannos!
Esta alma que sedenta em si não coube,
No abysmo vos sumio dos desenganos.
BOCAGE.

Tinha assentado em rabiscar algumas linhas sobre os bailes: emprehendi-o; e lá muito pelo adiante da tarefa percebi que sem o sentir me havia descambado em certos dicterios e phrases chulas, que na qualidade de medico reprovo: entrei ao depois a cortar do meu arbustinho assim viciosamente engendrado os ramos que na minha opinião faziam-no desmerecer; e como quer que entendesse que muitos d'elles não podiam ser decotados sem compromettimento da planta mãi, quasi que arripiei da carreira: mas ao mesmo tempo chagava-me o coração ver homens, verdadeiros esqueletos da morte, que sómente por hum esforço inconcebivel do espirito davam annuncio de vida, juncando as ruas de huma Côrte populosa, e cabisbaixos com pé tremulo e incerto tomando o rumo de hum barathro mais logo adiante cavado, —a sepultura—: doia-me que hum caminho errado na fruição dos gosos mundanos arrancasse a hum filho innocente queixumes d'este theor: — E eu sou culpado?! Ainda hontem acabo de saber que havia mundo, e já hoje venho citado responder pelos peccados de meus pais?! Esta organisação está esmorecida, cansada, e eu ainda não dei hum só passo?! Esta ferramenta está com o fio virado, cheia de dentes, quebrada, e eu não fiz com ella o somenos serviço?! Este pão está corrupto, apodrecido, e agora he que eu vou encetar a romaria da vida?! Esta alma está sem forças, sem alento, e eu tenho ainda de ir depositar aos pés do Altissimo meus cultos e veneraçõe?!

Sim, houve outr'ora argumento sobre se a organisação dos filhos ficava sabendo a dos pais: correo a causa em litigio perante o tribunal da experiencia, e o depoimento de familias inteiras de tysicos, epilepticos, etc., passaram a esponja nos menores longes de duvida, que por ventura haviam; e o que mais he, os factos amostráram que nos individuos enviscados de semelhante mal por herança soe apparecer huma rebeldia que não he tão de moda nos que são affectados per accidens. Aqui o medico dá mais facil desbarato ao inimigo, alli chega a morrer ao doente a mais miuda folhinha da arvore da esperança, e o pratico consulta o seu poder, e diz: - não deita a barra lá -.

Verdade terrivel aos ouvidos de hum pai, que dá por seu filho as entranhas, a propria vida, mas que se não lembra de fazer a si proprio hum sacrificio: - immolar a devassidão nas aras da sobriedade —; que n'este espelho ha-se de vir mirar toda a sua descendencia! E se o vidro for posto em pedaços? E se a camada de aço estiver despegada? E se o amalgama que a compuzer for bastardo de chumbo e cobre? Então, ai de vós, e ai d'elles!

Mas a mim que me importam estas cousas? Que tenho eu lá de embeber meu pincel em tintas tão roxeadas? Os bailes, divertimentos jocos, que mister hão que se remecham terras de finados?!!

E que? Ouço vozes? Ou estarei sonhando? —

Huma angelica harmonia... me encanta... me arrebata! Ah! sim; aproximemo-nos! Mas lá morreo a toada... Oh! que vejo? O espectaculo mais brilhante e encantador do mundo! Hum salão magnificamente ornado! As damas na maior gala e pompa! Os cavalheiros a seus pés chovendo coroas de homenagens e adorações!... Palmas — e logo depois — silencio — huma voz — quadrilha! — Bem; então ha baile, e era precisamente dos bailes que eu queria fallar.

Aqui tudo se poem em movimento — fervet opus —: cada qual he mais presto em tirar a campo todo mesureiro sua dama já de antemão emprasada, e perfilar-se empertigado com o competente — vis-à-vis : eu porem como tivesse chegado tarde não achei mais brecha de acunhar o meu pedido; e o que mais he, perdi as bellas phrases de ouro, *besuntadas de melado*, os discursos *figurados*, *tropados*, *metaphorados*, dos cavalheiros no requestar dos pares! — Paciencia; ao menos qual volante beija-flor apanharei, ora aqui, ora alli, os ditos mais *charmantes* de alguns *bellos espiritos*. N'este presupposto cheguei-me do primeiro par: era o cavalheiro hum mathematico carrancudo, que apesar da sua tromba aconselhava a dama que a melhor maneira de dansar era, *aritmethicamente* fallando, em *quebrados*, e principalmente huma especie a que se dava o nome de — *quebrados continuos* ; ao depois achou que estava muito rasteiro, tomou vôo, subio ao Céo, apontou para os planetas em giro, explicou as constellações, e afinal o apparecimento do cometa e a cauda d'elle; tudo em relação com o que succedia na terra: aqui a dama interrompeo-o: — Sr. *mata-mato*, estou hoje com muitas palpitações, tenho este coração todo encoberto (e dansando sempre)! morreo me o perequitinho mais queridinho do mundo!... *Oh! alma santa! Si lá no assento athéro onde subiste...* mas como eu dizia — se eu soubesse a estrella que influio em sua morte... eu me desabafava: praguejaria contra ella... quando não morro de tuberculo! — e distrahio-me n'este ponto a voz do cavalheiro immediato, *politicão de chapa*, que roncava em tom dogmatico: — *As circunstancias do nosso paiz, minha senhora, são bem criticas! o carro da revolução vai esmagando tudo!! Vejo a todo momento a espada de Damocles levantada, prestes a decepar a cerviz de nosso imperio...* — aqui atalhou a dama: — *Folgo muito de ter hum pensamento com seus ares de parecido com o vosso, mas que todavia não mette tanto medo: figuro-me ver o compositor sentimental, o immortal Bellini, batendo n'huma incudia (que os ferreiros chamam bigorna) a Norma, e fazer d'ella huma espada com que jura cortar a cabeça de todo musico charlatão que se atravessar adiante! E não vê o Sr. esta quadrilha? Pois he furtada toda inteirinha do livro da Norma, cap. t., § t., pag. t., etc, e como he de bom gosto!!* — N'este comenos grita mais ao longe hum medico pedante: — *Minha senhora, he preciso que contradanse com mais dieta; quando não o systema nervoso alterar-se-ha, reagirá sobre o systema muscular, e ahi vem as convulsões, desmaios, etc.* — *Muito bem*, (disse a senhora): *mas explique-me porque he que eu sómente tenho convulsões e faniquitos quando não danso? Em casa, de quêdo, adietada, e morrendo! aqui? capaz de dar vida ao mundo!!* — De feito era forte a objecção, mas hum amantetico atrapalhou-me dizendo: *Madame, a vossa linda belleza... mas nos ouvem! disfarcemos: sim, os ultimos figurinos remportados de Paris.. e como eu dizia: — A vossa linda belleza...* — *O que, Sr.?* (diz a dama com estranheza) — *Sim, sim; digo que estas contradansas estão muito corriqueiras; merecem alguma reforma: eu proprio daria quinão no mestre; o* en avant deux *cabia melhor alli, falta aqui hum* chaine anglaise, *o été he muito repetido... e não se zangue eu queria que me désse hum rendez-vous...* — N'este ponto disse logo: — mão vai o negocio — : não quiz esperar a resposta, porque a cousa me cheirava já á.... não sei que! Temi que alguem fallasse em portuguez bem claro; porque rendez-vous — ainda se supporta , he francez: e por isso fui-me pondo ao largo.

Lancei os olhos pelo geral do povo, e vi mais alguma cousa de que darei conta em outra feita. Tudo folgava! Tudo ria! Tudo era bello! Tudo encantador! Como que sahia de refrescar-se em hum banho das aguas do Jordão! A alma embasbacada tinha dado ao relogio do prazer a corda toda! Então disse commigo: — Pois isto não he melhor do que andar fazendo da gente criança, e amostrando o phantasma da morte em vez de lobishomem?! E quem mais tem medo d'ella, depois que todo o mundo improvisou-se em philosopho? Qualquer menina distrincha mui lampeira o problema que fez suar tanto cachaço rechonchudo de *padre-mestre*; a saber: — que se não deve ter medo da morte; e discorre assim: — *quando a gente está viva, está viva: se a gente morre, defunto não sente, porque não tem fome, nem sêde, logo, etc.* — E esta? Isto he que he caco! Sabe mais do que eu, que ainda hoje tenho medo d'ella que me pêllo!

(Continúa.)

MEMORIA

SOBRE A CONVENIENCIA E OBJECTOS

DE

HUM CONGRESSO GERAL AMERICANO,

Lida ante a Faculdade de Leis da Universidade de Chile, para obter o gráo de Licenciado,

POR

J. B. ALBERDI.

(Continuado da pag. 291.)

He certo que para a execução d'este designio, seria preciso que o congresso não fosse huma simples junta de plenipotenciarios; e sim hum grande tribunal judiciario e arbitral, que, como os congressos de *Vienna*, *Verona*, *Troppau*, *Laybach* e *Londres*, pudesse adjudicar na qualidade de arbitro supremo, as costas, portos e rios, porções elementaes de terreno, ao paiz que tivesse absoluta necessidade de possuir algum d'estes beneficios, para dar franqueza e progresso ao movimento de sua vida moderna. O congresso deve ter todo este poder por delegação expressa de cada Estado, e porque elle nasce do interesse geral e americano, que he chamado a formular em suas grandes decisões.

Deve o congresso, ao delinear as novas fronteiras, não compol-as de simples fileiras de fortes militares e de alfandegas; mas sim, com profundo conhecimento da geographia physica do nosso continente, deve estabelecer fronteiras naturaes, que consistam em rios, montanhas, ou outros quaesquer accidentes notaveis do terreno. Este systema tem por fim evitar o exemplo e permanencia de forças militares, para guarda de limites e fronteiras. Hum dos meios de preencher outro grande interesse do congresso e da America, he a abolição do espirito militar e o estabelecimento da paz, pela ausencia dos meios de fazer a guerra.

Não se dirá que he isto impraticavel pela razão de que he grave, porque seria isso suppor que o congresso se reune para assumptos ephemeros. As divisões da geographia politica não são coisas normaes e immutaveis como as obras da natureza: são variaveis como a politica que as estabelecer. Lance-se huma vista d'olhos comparativa ás cartas geographicas de diversas epochas, e ver-se-ha n'ellas, que a cada mudança notavel operada no mundo politico, vem inherente outra analoga nas divisões territoriaes das nações. A Europa do seculo V não he a Europa de Carlos Magno; e as divisões de Napoleon não são as divisões de Vienna. Escaparemos nós exclusivamente a esta lei? Diga-se antes que a revolução moderna não levou a mão a todas as reformas exigidas. *Evidemment*, diz hum publicista francez, fallando das divisões territoriaes da America do Sul, *evidemment, rien de toutes ces divisions n'est definitif.... L'Amérique est appellée a d'autres destinées.....* E com effeito, até aqui não nos faltam mudanças: formou-se e dissolveo-se a republica de Colombia, dividio-se o Perú, creou-se a republica Oriental, e o Paraguay constituio-se em estado independente. Debaixo do antigo regimen não foram menos variaveis as fronteiras: *recordem-se os vice-reinados do Perú e do Prata.* Por que, pois, ficariam inalteraveis as demarcações existentes?

Será tambem o meio mais efficaz de estabelecer o equilibrio continental, que deve ser a base de nossa politica *internacional*, *civil*, ou *privada*. Saibamos qual deve ser nosso equilibrio, como temos visto qual deve ser o ajuste de nossa questão de limites. Mais que da ponderação e peso de nossas forças militares, deve nascer do nivelamento de nossas vantagens de commercio, navegação e trafico, o novo e grande interesse da vida americana. Na guerra santa da industria e do commercio que estes paizes são destinados a alimentar no futuro, só pelas armas da industria e do commercio deve estabelecer-se em tudo quanto for possivel, a maior igualdade de forças e de vantagens. Equilibrada a riqueza, he necessario equilibrar tambem o territorio como parte d'ella, e não como meio de preponderancia militar. Repetirei n'este lugar a observação que já fiz, de que não avalio o preço do solo pelas suas dimensões, e sim pelas vantagens de sua situação e conformação geographica. Na America, a vastidão do territorio causa desordem e atraso; he elle que torna impossivel a centralisação do governo, e não ha estado ou nação que tenha mais de hum governo. O terreno he o flagello da America, bem como o he na Europa a falta d'elle. O Chile, o mais pequeno dos estados da America, he mais rico, mais forte e mais bem governado que todos os outros. Ainda mais pequeno he o Estado Oriental do Uruguay, e resiste á grande e anarchisada Republica Argentina.

Huma questão concernente ao equilibrio terá o congresso de tratar na da independencia do *Paraguay*. Deverá esse congresso decidir se he da conveniencia mercantil e militar da *America do*

Sul, que o Paraguay, com seus rios, que dão sahida aos thesouros de metade do nosso continente, deva ser adjudicado inteiramente á Republica Argentina, que só precisa d'esta agglomeração para reprimir huma preponderancia simplesmente abusiva.

Depois dos limites e do equilibrio, tem o congresso, entre os demais objectos, de tratar do direito maritimo. A nossa navegação deverá dividir-se em oceanica, que he a base do commercio exterior, e mediterranea ou fluviana, que he a alma do commercio interior para certos estados, e para outros de todo o seu commercio externo e central. Regular a navegação, he facilitar o movimento de nossa riqueza, cujo vehiculo poderoso de sahida e circulação he a agua. Na epocha presente falla-se muito em caminhos, mas não esqueçamos que *os rios são caminhos que andam*, como diz Pascal. Para tornar transitaveis estes caminhos andantes, cumpre pol-os ao abrigo do direito. A sua propriedade parece duvidosa para certos estados, e seu uso está subjeito a diversas difficuldades. Estes pontos carecem de ser esclarecidos e determinados quanto antes; e ninguem mais competente para executal-o do que hum congresso geral. A navegação dos rios da America do Sul involve grandes questões d'interesse material, entre as Republicas da America occidental, e as que occupam o seu littoral do oriente. Aquellas apoiam-se nos braços principaes de nossos grandes rios; e as outras possuem as suas embocaduras. A *Nova Granada* tem os rios *Guaviare* e *Meta*, tributarios do Orenoco, cujas bocas pertencem a *Venezuela*; o *Negro*, o *Vaupes* e o *Caquela*, tributarios do *Amasonas*, cuja embocadura acha-se em territorio brasileiro e nas Guayanas. O *Equador* tem tambem os rios *Tungurugay* e *Ucayale*, que depositam suas aguas na caixa do *Amasonas*. O Perú he senhor das altas vertentes do *Ucayale*, que mais abaixo se torna equatoriano e depois brasileiro; e do *Madeira*, que tambem derrama suas aguas no *Amasonas*. *Bolivia* possue tambem connexões hydraulicas com o *Brasil*, pois seus rios *Mamoré* e *Branco* desaguam no mesmo *Amasonas*; e as tem ainda mais intimas com a *Republica Argentina*, por meio do *Pilcomayo* e do *Bermejo*, que atravessam seu territorio antes de entrar no *Paraguay*, em cuja parte mais alta se acha igualmente huma porção do territorio Boliviano. O Brasil, possuidor por seu turno das alturas do *Paraná* e do *Paraguay*, tributarios do *Prata*, tem para Montevidéo e Buenos-Ayres sobre tudo, a mesma subordinação em que se acham a respeito d'elle os *Estados de Nova Granada*, *Equador*, *Perú*, e *Bolivia*.

A sciencia internacional ensina que a nação proprietaria da parte superior de hum rio navegavel, tem direito a que a nação que possue a parte inferior lhe não embarace a sua communicação com o mar, nem o incommode com regulamentos e gravames que não sejam os necessarios para sua propria segurança..... (*) O congresso de Vienna tomou esta doutrina por base dos regulamentos para a navegação do *Rheno*, do *Necker*, do *Mein*, do *Mosela*, do *Meusa* e do *Escalda*: fez mais ainda, *declarou inteiramente livre a navegação em todo o curso d'estes rios* (são palavras da Acta de Vienna) *desde o ponto em que começa cada hum d'elles a ser navegavel até a sua foz*..... O *Vistula*, o *Elba* e o *Pó*, foram sempre subjeitos, no uso de suas aguas navegaveis, ao mesmo direito maritimo, por actos firmados em 1815 e 1821. Póde pois concluir-se que a Europa tem reconhecido a liberdade quasi completa de seus rios navegaveis. A America do Norte consagrou este mesmo principio, por occasião da navegação do *Mississipi*, na epocha (1792) em que, sendo os *Estados Unidos* possuidores da parte superior d'este rio, e de sua margem esquerda, era a Hespanha senhora da embocadura e de ambos os rios inferiores. Não haveria pois razão, para que a America do Sul deixasse de consagrar esta mesma doutrina em suas leis de navegação mediterranea. Deve ella dar absoluto accesso ao trafico naval de seus rios, a favor de todas as bandeiras americanas; e com pequenas restricções a quaesquer outras bandeiras. A frequencia da Europa em nossas costas maritimas tem sido benefica para a prosperidade americana; e porque o não seria igualmente a sua introducção pelo vehiculo dos nossos rios? Vejo comtudo em nossos corações fortes reliquias da aversão com que nossos dominadores passados nos fizeram ver o ingresso da Europa no seio de nosso continente, por elles monopolisado: prohibições odiosas estabelecidas em nosso opprobrio e para proveito do trafico peninsular, queremos manter como leis eternas de nosso direito das gentes privado. Com violação d'estas maximas, o *Paraguay* capturou ha annos hum navio americano, que, com procedencia do *Bermejo*, fazia huma viagem de exploração scientifica pelas aguas do *Paraguay*, em o qual desagua aquelle rio. O congresso geral deverá decidir se actos d'esta natureza hão de repetir-se impunemente na futura navegação dos rios americanos.

(*) Direito internacional, pelo Sr. Bello, parte 1.ª, cap. 3.º, § 5.º

Em quanto á navegação dos mares americanos, pelas marinhas da America, convirá tambem que se adoptem medidas de applicação continental, capazes de excitar a prosperidade e augmento de nossa industria naval. Este ponto conduz a outro dos serios assumptos, em que deve occupar-se o congresso americano: o direito internacional mercantil.

Eis aqui o interesse mais grave que deve absorver por largo tempo o presente e o futuro da America: o commercio comsigo mesmo e com o mundo transathlantico. A' sua protecção, desenvolvimento e salva-guarda, he que devem ceder no futuro as *ligas*, os *congressos*, e as *uniões americanas*. Antes de 1825, a causa americana era representada pelo principio de sua independencia territorial; conquistado esse objecto, hoje se representa pelos interesses de seu commercio, e da sua prosperidade material. A causa actual da America he a causa de sua povoação, de sua riqueza, de sua civilisação e provisão d'estradas, de sua marinha, e de sua industria e commercio.

Já a Europa não pensa em conquistar nossos territorios desertos; o que ella quer he arrebatar-nos o commercio e a industria, para plantar em seu lugar a sua industria e o seu commercio: suas armas são as suas fabricas e a sua marinha mercante, e não os canhões; as nossas devem ser as alfandegas e as tarifas, e não os soldados. Alliar as tarifas e as alfandegas, he o grande meio de resistencia americana.

A' Santa Alliança das monarchias militares da Europa, quiz Bolivar oppor a Santa Alliança das Republicas Americanas, e convocou para este fim o congresso de Panamá. Senhores, a opposição entre as duas allianças desappareceo inteiramente. Não he o programma de Panama o que deve occupar ao novo congresso: não he a liga militar do nosso continente, nem a centralisação de suas armas, que d'esta vez he chamado a organisar. Os interesses da America tem mudado, e seus inimigos desapparecido. Não se trata de renovar pueril mente os votos de nossa primeira epocha guerreira. As epochas politica e militar já passaram; succederam-lhes os tempos das emprezas materiaes, do commercio, da industria e das riquezas. Esta decidido que he necessario começar por aqui, para concluir pela completa realisação das sublimes promessas de ordem politica contidas nos programmas da revolução.

(Continúa.)

FESTA DE SANTO AMARO, EM CAMPOS.

Em aprazivel campina, oito leguas distante da risonha Goitacaz, e duas do mar, jaz romanticamente edificada huma capella consagrada ao glorioso Santo Amaro. Ainda que nada de curioso sob o ponto de vista d'arte ella offereça, he com tudo de hum apreço inestimavel, e de dulcissima reminiscencia a todo o Campista que, longe da terra de seu natalicio, suspira saudoso pelos encantos d'esse abençoado torrão tão cheio de graças e louçanias, pelas deleitosas e poeticas recordações que suas festividades verdadeiramente nacionaes lhes hão estampado n'alma com vivas e indeleveis cores.

Nada ha na realidade tão romanesco como esse repentino transformar de solitario campo em alegre estação de folguedo e brincares. O repoiso e o silencio da campina outr'ora só interrompido pelo rinchar dos cavallos, mugir dos bois, ballar das ovelhas; he agora demudado em alegre bulicio.

Quando a aurora do dia 13 de Janeiro roixea o horisonte, huma scena magica, que mais parece poetico sonhar d'imaginação brasilica que doce realidade, se ostenta brilhante.

Aqui, onde o raiar da mensageira do dia só era saudado pelos trinados gorgeios do Encontro e do Sabiá, pelo meigo bafejo da brisa matinal embalsamada pelo perfume das flores que desabrocham as entorpecidas petalas; he então festejado pelas ruidosas acclamações d'innumeras turbas avidas de prazeres e emoções.

O que só era campo, transforma-se em amplissimo amphitheatro formado por enfeitados carros, onde as bellezas mais peregrinas ostentam o poder invencivel com que a natureza esmerando-se vaidosa ornára as encantadoras Campistas.

Huma bem dirigida banda de musica convida a amavel *população de tres dias* a ir gosar as premicias do festejo. Então o arrebatador quadro das jovens de Goitacaz em celeste desalinho matinal offusca de todo os brilhantes encantos do despertar da natureza.

Ouvida com religioso e sublime respeito a missa, toda a manhã se esvae em divertimentos.

He á tarde, porem, que os festejos se animam.

Dir-vos-hieis transportados ás longiquas eras da idade cavalheiresca. Correm-se cavalhadas; isto he, dá-se huma representação viva e natural dos combates da media idade. Cavalheiros christãos, e Mouros, encontram-se em campo raso, e de lança em riste, espada empunham, disputam o terreno combatendo mui cavalheirosamente pela cruz e pela crescente. Não ha cores para se esboçar o brio

dos combatentes, a galhardez e o garbo de sua montaria, sua firmeza, nem a destreza com que mandam freneticos cavallos, que impacientes e fumegantes se exasperam a fazer sobresahir a gentileza dos cavalheiros.

A noite passa mais pacifica, porem não menos poeticamente. Alegres bandos percorrem os illuminados carros, dando maviosas serenatas, onde a dulcissima voz das Campistas, sustentada pelos abemolados sons da popular guitarra, derramam n'alma incomprehensivel poesia. Elegantes e ligeiros pares, tendo por salla o descampado da campina, por tapete a relva do prado, por cirios as estrellas do Céo, executam aos doces arpejos da viola difficeis, expressivas figuras de dansas campestres e nacionaes. E assim em folguedos se vai a noite, até que o despontar da aurora, trazendo novas scenas, convida a outros brincos. D'est'arte se passa tambem o dia 14.

O dia 15 vem dar á festividade hum caracter mais sublime e celeste. Essa multidão ha pouco tão ebria de prazeres, tao delirante e fogosa, tão viva em emoções, vel-a-heis agora circunspecta, religiosa e extatica ante os altares, ouvindo com intimo arroubo os canticos sagrados que os sacerdotes do Eterno entoam em louvor do glorioso Santo Padroeiro. As faces das gentis Campistas, tão risonhas, tão mimosas, exprimem a santa candura das virgens do christianismo; seus olhos tão traquinos, tão feiticeiros, tão matadores, humedecem-se com lagrimas de prazer que a verdadeira unção derrama nas almas puras; suas bocas rubicundas, pequeninas e graciosas, d'onde as palavras de amor se exhalam perfumadas de magia, murmuram fervidas orações; julgar-vos-heis a presenciar quadro tão arrebatador transportado em delicioso sonho, ao côro dos cherubins em hora de glorificação.

Finda a solemnidade religiosa, finda está a festa.

Dr. M. A. Heredia de Sá.

OS BAILES.

Os bailes motivam alguma quebra na saude publica?

(Continuado da pag. 296.

Mas apesar de tudo ha cabeças tão estonteadas que acham o que censurar nos bailes, e principalmente no bello sexo! — Dizem malignamente: — *As senhoras são assim, são açadas, etc.* — E vejam o que são tempos! Contam que antigamente certa Phrynes (linda como os amores) appareceo toda embuçada perante hum tribunal que tinha assentado de pedra e cal em condemnal-a; mas a *finoria* no acto de se lavrar a sentença, rasgou o véo, e descobrio o seio: ora não sei se pela propriedade que tem os corpos pyramidaes de desprender scentelhas electricas, tremêram os dedos aos magistrados e o processo cahio-lhes das mãos, como aos trovões da eloquencia Ciceroniana aconteceo ao Cesar: e o certo he (dizem as más linguas) que foi absolvida a rapariga! Hoje que as nossas meninas não são Phrynes nos crimes, e sim na belleza; que são humas carinhas de anjinhos, que trazem seus vestidos bem degolados, e o *seio* á vista de quem quizer, e de mais os *braços*, pois assim mesmo ha corações de tigre, que folgam de ver correr o sangue d'estas cordeirinhas! Isto he que he crueldade!! — Inda bem que eu não: falle lá quem quizer: como cavalleiro não caio em semelhante laço; que não estou para *retornar* a casa sem huma quadrilha sequer para quebrar o jejum. Algum medico de meia tigela lá se quizer censure, que tambem terá de ouvir boas cousas!

Pensamenteava assim; e o carro da Noite já rodava muito alem da ametade do caminho: a Aurora como lhe ouvisse o tropel, quasi no seu territorio, curiosa de quem era, ia a deitar fogo em hum archote, quando a Noite pudibunda, com vergonha de amostar seu rosto deo de redea aos cavallos, e foi-se encafuar (segundo os poetas) na Cimeria grutta; e do mesmo modo as damas e cavalheiros, isto he, nos devidos aposentos.

Ora aqui ao retirar do povo, apagar das luzes, e acabar da funrção, como que ouço os juizes severos e imparciaes (á maneira dos apreciadores de espectaculo que se deixam seduzir por gigantescas promessas, e vem afinal abaixar-se por derradeiro o panno sem que ficassem realisadas suas esperanças) como que ouço perguntarem: — Então! como he isto? pois prometteste fallar dos bailes, n'este sentido gastámos nosso tempo comtigo, e te eifraste em applaudil-os?! — He veedade!!... levei hum caminho errado! Mas isto mesmo he huma especie de satisfação, he huma prova dos tratos que dou a meu espirito quando he preciso censurar algum deecaminho, mormente do bello sexo! — Mas o dever... o compromettimento... emfim não ha remedio: levante-se de novo o panno, — entrarei por outra porta.

Hojemdia he corrente (e de ha muito o era) e incontestavel, que o ar he o agente da respiração: o que posto he corollario d'esta premissa,

que os principios seus componentes exercem na superficie dos bronchios e das celulas pulmonares huma acção cuja variedade marcha na razão directa da proporção d'aquelles: 79 partes de azoto, 21 de oxigeneo, e algumas milesimas de acido carbonico, - eis a composição, posso dizer, putativa d'esta bella feitura da Divindade: — tão graúda vai por ahi a somma das substancias que desnaturam-a muita da vez inteiramente, apagando ao todo o rasto que andou-lhe a imprimir o dedo-mestre! — Finalmente corre assim por modo de axioma que do ar o oxigeneo he o que sendo absorvido em parte pelo aparelho respiratorio, dá andamento á vida: ora se assim acontece, he claro que a diminuição mais ou menos consideravel d'este principio deve de arrastar após si consequencias que ao começo dando visos de pouco aterradoras para o adiante se converterão em desarranjos da economia, - molestia: e lá vão indo caminho do passamento e da morte! —

Pois bem; nos bailes dão-se estes motivos: ahi se nota o agglomeramento de muitos individuos as mais das vezes sem desproporção para menos com o recinto que pejam; de modo que o ar, este *pasto da vida*, he para logo não só impregnado de substancias heterogeneas e antipodas em suas propriedades, senão mesmo que desfalcado em sua porção mais vital; e assim, a respiração, — funcção que d'elle ha mister, funcção que na phrase de muitos physiologistas não soffre a periodicidade de algumas; funcção que toca tanto com o dedo na vida, que huma cabeça grande disse — Vivre est respirer -, e o mundo correo a abraçar a bandeira que tremulava este distico; a respiração, digo, fica tão alquebrada, tão pecca, tão outra do que ser devêra, que não he muito que se veja a morte estendendo á olho as raias de seu territorio!— Pois ainda não foi isto bastante! Muitas outras producções da Natureza começaram a passar aos olhos do mundo civilisado por creação barbara, e grosseira: os homens sentiram em suas almas hartos desejos de desbastal-os com o escôpro da perfeição: entenderam que se devião deixar atoar ao capricho e mercê d'estes desejos: não repararam no peso da tarefa, e se mettêram até a reformar peça por peça o machinismo da natureza: — Esta manivela (diziam) he chambuqueira e malfeitona; este tambor não tem ligeira rotação; esta valvula não está bem ajustada; aquella mola não apresenta sufficiente elasterio; este cravo está mal seguro; aquelles dentes estão rombudos e quebrados... — e eis se não quando a obra ainda fresca da officina começou a mover-se aos saltos, barganhando a beleza e uniformidade que tinha, por huma andadura de cambêta e aleijado! E mão grado á tudo não faltou quem se enamorasse de semelhante Megéra, e achasse que assim mesmo coixa e estropiada podia, qual outro Vulcano, — *quoique boiteux — monter em diligeance vers l'Olympe*, e amostrar-se perante o throno do Divino, afim de extreme dos senões que tinha, desbancar nas proprias barbas o autor da primeira pincelada: e de volta então viria encarregada da missão de arrancar a carapuça ao segredo das alturas! Que loucura!! Pois assim mesmo (por isso dizem que os poetas são doudos) houve certo poeta que bateo o pé, e susteutou gritando bem lá do fundo do toutiço, que nada era impossivel ao homem, que elle propunha acção até contra o proprio Céo! — Nihil mortalibus arduum... Cælum ipsum petimus! - E assim o abysmo já vem cavado de longe! A mão de muitos seculos traz a obra encanecida como elles: he força deixar-lhe a passagem, sob pena de ser-se atirado de encontro aos estrepes e arrecifes que o defendem!! —

Mas voltando ao d'onde me affastado havia: — O ar que os circunda he para logo viciado; por que de hum lado as bugias não podem entreter as luzes sem grande consummo de oxigeneo; e de outro os individuos presentes de continuo executando o acto da respiração, absorvem huma parte bem consideravel do mesmo principio. — Alli o producto essencial da combustão vem a ser acido carbonico. Aqui a expiração traz tambem em paga do oxigeneo que fica na economia - acido carbonico -, que he hum gaz asphyxiante, e que sendo mais pesado que o ar, vai por huma lei physica formar as camadas mais baixas da atmosphera: he bem sabida a historia da grutta do cão na Sicilia, onde hum homem podia ficar por algum tempo sem accidente, em quanto que hum cão era immediatamente asphyxiado, porque sendo de huma estatura muito menor que a do homem, respirava huma atmosphera de acido carbonico. — E se este não existe ordinariamente tão em grosso que asphyxie, todavia nao deixa de imprimir algumas modificações nos orgãos pulmonares: o proprio individuo começa a sentir como que hum peso, huma oppressão, procura atropelar o acto da ins — e expiração, fatiga-se; e tanto mais quanto os orgãos trabalham encadeados por vestes bem justas e pregadas: em consequencia d'esta luta, e mesmo da mó de gente que por toda a parte remoinha, apparece a transpiração que em muitas pessoas infelizmente sendo de má natureza, com hum cheiro nauseoso — *sui generis* — vai pelo volatil de sua substancia encorporar-se ao

ar e se offerecer a membrana pulmonar para ser absorvida: e sendo assim, que muito que n'estas occasiões por vezes sobrevenham syncopes, desmaios, convulsões, tosses rebeldes, escarros sanguineos, etc., e que d'então o aparelho da respiração fique a victima marcada para hum sacrificio hum pouco mais adiante?

Alem d'isto, as senhoras ordinariamente sahem dos seus toucadores tão cheirosas, que não se errava muito em dizer que erão *odoriferas!* he lá hum mandamento de sua cartilha — derramar em derredor de si *un grand odeur d'ambrosie, dont tous les....* queria dizer — *bois do Calypso....* mas as nossas Calypsos não querem saber de bosques... então será — *dont tous les coins du salon soient parfumés!* — Ora se ha objecto sobre que o bello sexo devancia — são os perfumes: — esta quer o ambar, agrada mais áquella a essencia da formozura, qual gosta da nauseante assafetida, qual morre pelo castorio, etc. — E o peor he que vai a tanto a susceptibilidade de algumas, que não só aborrecem hum aroma, senão mesmo que a presença d'elle causa-lhes desordens bem palpaveis. Em suas casas cada huma se deixa atoar por seus gostos e caprichos; mas em huma reunião não succede assim, cada huma está sujeita aos de todas; e isto não he impunemente que se passa; muita feita apparecem palpitações, tonturas, nauseas, vomitos, etc., etc.

Ainda mais: os salões destinados aos bailes estão por conta do luxo sempre a levar novas mãos pe tintas: as substancias ordinariamente empregadas são o verdete (acetato de cobre), o vermelhão (sulfurêto de mercurio), o oleo de therebentina, a agua-raz, etc., que pelo de mais subtil que tem vão-se ajuntar ao ar pelo phenomeno bem sabido da volatilisação: quem acaba de respirar hum ar livre, puro como se póde obter, percebe distinctamente ao entrar em huma casa de tintas recentes, a difficuldade graúda que accommette ainda ao peito mais robusto, quanto mais a muita gente que comparece, mesmo estando incommodada (*)! Sim; muita *senhora* (me perdoe) abafa perigosamente hum gemido, affecta de sadia para ter mais huma occasião de se amostrar! E isto quiçá porque chegou hum figurino da ultima moda; e he preciso andar em dia com a sciencia! A's vezes hum grande apuro da paciencia de dia e de noite para pontear e fazer os frocos e os apanhados do novo modelo sobram a dar lugar a huma enfermidade, que deverá de ser muito grave, quando não lá vai a nova figurina, depois de ajoelhar-se aos pés da imagem de sua devoção (ordinariamente Santo Antonio, ou S. Gonçalo, por serem mais *milagrentos*) e contricta supplicar-lhe: — *Meu Santo Antoninho, permitti que me eu possa amostrar, que vos prometto no tempo da vossa festa ir de romaria com meus pésinhos descalços depor em vossos altares alguma oblação!* — Lá vai, digo, gentil e esbelta baratear seu cofre de graças e encantos! em apparencia sã como hum pêro; mas em realidade eivada de hum mal, que por despresado far-la-ha por ventura pela derradeira vez dizer adeos ás partidas, e aos salões! Porque estas promessas não valem, accendem a ira divina em vez de apasigual-a! — E assim, nova Leandro, vê o mar encapellado, e não se arreceia da sanha d'elle! arroja-se por entre as vagas... e no meio do Hellesponto ao sentir-se quebrada em forças, e com os membros amortecidos, exclama com certo poeta: —

Não me afogueis, vos rogo, em quanto eu vou!
Afogai-me depois quando eu tornar!

Mas em vão, que o fragor com que se entrequebram as ondas encobre-lhe as vozes: e mesmo não as encobrira, que são ellas surdas, e a morte he sem remedio!

Finalmente os salões nem sempre são construidos de arte que fiquem bem lavados de ar; e n'aquelles mesmos em que se notam as melhores proporções a substituição completa de novo não se póde effectuar, em consequencia da multidão de gente que por ahi formiga; de modo que fica sempre mais achegado ao pavimento o acido carbonico prejudicial no momento da reunião, e muita vez mesmo ao depois ás pessoas da casa que costumam pernoitar n'este recinto. E demais era preciso que a atmosphera estivesse em continua e patpavel agitação, que fizesse o papel de hum verdadeiro ventilador; ora ainda n'este caso muitos individuos timidos de sobra da morte querem que se cerrem as avenidas do ar, de maneira que a viciação sobe de ponto: — a temperatura se eleva, e prepara huma fonte de desordens maior para a occasião da retirada: então a organisação se resente do salto que dá de hum ar abafado e calido para o livre e corrente da atmosphera em

(*) Agora mesmo que traço estas linhas está-se por occasião da festa de Santa Izabel a pintar de novo o Hospital da Misericordia. Muitos doentes, principalmente os do peito, tem sentido aggravo em seu mal, sem que se descubra outra influencia apreciavel, que não seja a das tintas. E não obstante, por desgraça nossa, a moda continúa. Até no leito da dor, até de hum coração agonisante que já bate descompassado o andamento da vida, — a vaidade e o luxo ainda vem atropellar a hora do tributo final, — o momento da retirada do mundo!... Que triste condição a do homem!!

peso: e, ou para logo cahe victima triste de sua imprudencia, ou leva plantado o germen de hum mal que para o adiante ir-se-ha desabrochando, e surda e chronicamente roendo e gastando hum corpo ainda ha pouco possante e robusto!

E sendo assim parece-me que ouço o bello sexo dizer com beiço arrebitado e ar de mofa: — Então não hajam mais bailes! porque os carbonos, os sulfurêtos, os oxigeneos, o cão da grutta da Sicilia, etc., são cabeças de Medusa, que mettem medo a *criança*, quanto mais á *gente grãnde!* Estes chymicos cuidam que somos muito ignorantes; que nos hão de embahir com suas palavras campanudas! As coisas são o que eram, dêem-lhes o nome que aprouver: o ar sempre he ar, — chamem-lhe embora oxigeneo, carbono, azoto; carvão ha-o em toda cosinha; o verdete sempre foi verdete, appelide-o de acetato de cobre quem quizer; e assim o mais —: Isto he que he logica!! Eu podia tambem em retruque dizer, que huma prisão sempre era prisão, não embargava que a chamassem *colete* ou *espartilho*; que hum *panno* sempre era *panno*, embora quizessem fazel-o passar por *cadeiras humanas*; e assim por diante; mas não quero apertar tanto o alicate da censura, porque ver-me hia na necessidade de descer a certas minudencia e promenores que me não ficam airosos na qualidade de medico, e que de caso estudado omitto porque me não chamem de regateiro: e de mais eu sou o primeiro a arrastar minha aza vencida em prova de respeito e adoração a huma das maravilhas do Creador!

Por tanto nada mais faço que apontar os inconvenientes que podem sobrevir n'estas occasiões: não digo que existam sempre as circunstancias acima: muitas podem falhar, e mesmo as existentes montar em pouco, de modo que não resultem damnos apreciaveis; sem que todavia se deva de continuo á probabilidade de hum successo favoravel sacrificar a realidade de huma existencia sem par.

Mas noto que me vou deslisando hum pouco do fio que trazia nas minhas idéas! Huma objecção do bello sexo puxou-me para o seu lado... de mais, levo fallados os inconvenientes da retirada; e entretanto antes d'ella ha muita circunstancia que indevidamente abafei com o silencio! Pois bem: — Os individuos presentes ahi estão, (passem-me a phrase), apertadamente arreiados: não ha tribunal que os dispense, ou absolva: os orgãos como que afogados não expedem suas leis em regra; os sãos podem deixar de o ser, e os não sãos, mais arruinados ficarem... digo mais arruinados, porque, mal por nós, ou hum semblante angelico dispoem de nosso coração, e fôra crime de *lesa-magestade venusina* não ir perante a face do publico (e com escandalo em certos casos, que revolta) depor a seus pés este coração que he seu! Ou hum excesso de delicadeza na civilisação não soffre muitas vezes que F. ou S., intimo da casa, ou parente, deixe de comparecer, esteja incommodado embora; sob pena de ser apontado como pessoa incivil, grosseira, e que não teve, na phrase da moda, huma educação fina. E para que? Para o bauptisado da boneca de huma menina estremecidamente querida! Para os annos de huma pequena, á cuja vista as *Graças* ficam enfiadas, que hontem deixou os coeiros, hoje principia a andar; e já está destinada a ser — *as delicias* — do espectaculo! E lá vai hum recado *sub-intrante* no outro: — *Diga a meus olhos que não me falte! Diga a meu coração que eu a estou esperando. Diga a minha alma que eu não posso viver sem ella!* E estes olhos muitas vezes já não vêem; e este coração bate tão compassado a vida, que apenas se presente bater; e esta alma arrefecida, gelada, não sopra mais hum bafo que escalde! E assim entulha-se hum salão de individuos encarregados de dar as cartas do jubilo e contentamento, que estava muito mais apropriado para hum medico passar sua visita de clinica!

Conheço que isto choca hum pouco o melindre que as idéas de civilisação tem introduzido: não importa. Não procuro incensar Divindades, quando levanto levanto a voz como medico.— Deos e d'elle abaixo o meu ministerio!

(Continúa.)

Descripção de hum monstro de especie humana existente na cidade de S. Paulo, por Bento Sanches Dorta.

Todos os dias admiramos a natureza pela variedade das suas producções; e muitas vezes não he menos attendivel aos nossos olhos, quando ella se aparta das suas mais constantes leis, e parece commetter alguns erros. O espirito do homem he bastantemente agitado quando pretende descubrir o mysterio das suas operaçoes. Feliz aquelle, a quem a mesma natureza franquéa o seu sanctuario, e deixa ver as causas finaes de seus trabalhos.

A geraçao dos monstros na especie humana não he fenomeno totalmente raro; pois lêmos nas colecções de Memorias das mais celebres Academias da Europa noticias desta classe, que de

tempos a tempos apparecem. Seguindo eu este exemplo, he que me animo a pôr na presença da Academia a descripção do monstro que actualmente existe nesta cidade. Eu me lisongêo, que nella se achará alguma cousa de raro, e extraordinario, que em outra parte se não encontra.

Tem-se tomado por systema até agora dividir os monstros, que pertencem a especie humana, em tres classes. Primeira classe; *montros por excesso. ou augmento de membros.* Segunda classe: *monstros por falta ou diminuição de membros.* Terceira classe: *monstros por mudança de membros.* Da segunda classe he o monstro de que vou tratar.

Nesta cidade existe huma rapariga de idade de quatorze annos, pouco mais ou menos, chamada Anna Maria, que naseeo sem nenhum dos braços nem signal, ou crescença donde parecesse quererem sahir, e só tem em sima do hombro direito huma pequena prominencia, tendo de ambos os lados bem collocados, e conformes os ossos da espadua, ou a que chamamos escapula: o mais corpo he bem proporcionado, exceptuando a perna e pé direito, pois a perna, começando do tranco, está torcida para a parte de fóra, e algum tanto mais grossa do que a esquerda, e muito mais curta, o que faz que manqueje quando anda: no mesmo torcimento continua até o metatarso: o pé fica quasi todo virado para fóra, tendo o dedo polegar com alguma deformidade, e principalmente por estar muito separado dos outros dedos, e não poder unir-se-lhe.

Esta rapariga he filha de pais incognitos, porem sabe-se, que he filha de India ja domestica; pois nascendo em huma das aldeas de Indios que aqui temos na distancia de cinco leguas, foi achada exposta n'um campo por huma India, que a levou a baptisar. e a creou: sendo talvez abandonada por por seus pais pela verem falta de membros, praticando ainda os seus antigos, crueis, e barbaros costumes de matarem, ou abandonarem seus filhos quando nascem com defeitos em seus membros.

O que a natureza negou a esta creatura, não lhe dando braços, lhe avantajou na intelligencia e habilidade, para usar de pés, e dentes para supprir todas as funcções, em que os braços lhe eram precisos. Com o dedo pollegar do pé direito pega na colher e garfo, quando come, com os dois pés pega na vasilha d'agua, quando quer beber, com o pé direito pentea o seu cabello da cabeça; com o mesmo pé faz sua costura, e enfia a agulha etc., Faz rendas de linhas, pegando com ambos os pés nos bilros, e mudando os alfinetes com o dedo pollegar do direito: da qual renda, que eu lhe vi trabalhar; ajunto aqui a amostra (*) de sete polegadas de comprimento, parecendo-me, que he quanto basta para se admirar. Ella muitas vezes anda a cavallo, quando vai fóra da cidade, o que faz com bastante desembaraço, pegando na redea e guiando o cavallo com o pé direito, tendo o esquerdo no estribo. Em fim é muito digno de admiração este individuo, e muito mais sendo filha de pais selvagens.

Juntamente com esta breve descripção remetto o instrumento de justificação autentica que aqui fiz tirar perante o juiz ordinario d'esta cidade, em que fiz jurar as pessoas, que observam e vivem com a dita Anna Maria, para comprovar a verdade do quanto levo exposto.

(Mem. da Acad. de Sc. de Lisboa.)

O amor proprio acha o seu goso no voto e approvaçao dos homens: o ultimo gráu do orgulho he gosar do seu despreso.

O papel o mais vil que hum homem de lettras póde representar, he o de cortezão. Mas o que he hum cortezão? Hum homem, segundo d'Alembert, que a infelicidade dos Reis e dos povos poz entre os Reis e a verdade, para encobir esta aos olhos d'aquelles.

Na estrada da vida o bem engatinha, o mal galopa.

A vergonha e a fidelidade não moram com a politica nem com a ambição.

AOS SRS. ASSIGNANTES.

Não estando prompta a estampa d'este numero, (que deve ser collocada á pag. 299), julgamos conveniente distribuir já a folha, reservando a entrega da estampa para hum dos proximos numeros, logo que prompta estiver.

(Da Redacção.)

ERRATAS.

A' pag. 293, linhas 48 a 49 da 1.ª col., — *pretinders* — lea-se — *pretenders* —, linha 49, — *graetest* — lea-se — *graetest* —.

(*) Esta amostra existe no Archivo da Academia juntamente com hum desenho, que figura o monstro, de que se trata, e com o instrumento de justificação, que comprova a verdade do facto.

MEMORIA

SOBRE A CONVENIENCIA E OBJECTOS

DE

HUM CONGRESSO GERAL AMERICANO,

Lida ante a Faculdade de Leis da Universidade de Chile, para obter o gráo de Licenciado,

POR

J. B. ALBERDI.

(Continuado da pag. 299.)

O novo congresso, pois, não será politico se não accessoriamente; o seu caracter distinctivo deverá ser o de hum congresso commercial e maritimo, como o celebrado modernamente em *Vienna* e *Stuttgard*, por occasião da centralisação das alfandegas de Alemanha. O mal que a grande junta curativa he destinada a curar, não he mal de oppressão estrangeira, e sim mal de pobreza, de despovoação, de atraso e de miseria. Os actuaes inimigos da America acham-se abrigados na mesma America; são elles, seus desertos sem estradas, seus rios escravisados e não explorados, suas costas despovoadas pelo veneno de mesquinhas restricções, a anarchia de suas alfandegas e tarifas e a ausencia do credito, isto he, da riqueza artificial e especulativa, como meio de produzir a riqueza positiva e real. São estes os grandes inimigos da America, contra os quaes o novo congresso tem a adoptar medidas de combate e de mortifera perseguição.

A união continental do commercio deve pois comprehender a uniformidade das alfandegas, organisando-se estas pouco mais ou menos no mesmo pé da que teve principio em Allemanha em 1830, e que tende a tornar-se europea. N'ella deve comprehender-se a abolição das alfandegas anteriôres, quer sejam provinciaes quer nacionaes, deixando unicamente em pé a alfandega maritima ou exterior. Tornar de estatuto americano e permanente, a uniformidade de moedas, de pesos e medidas, que herdamos da Hespanha.

A Allemanha ufana-se de ter conseguido uniformisar estes interesses, cuja anarchia tornava quasi impossivel o progresso do seu commercio. Nós que temos a felicidade de possuil-a de prata e arraigada a nossos antigos usos, quantos esforços não teremos de fazer para manter perpetua e invariavel a sua benefica estabilidade?

Regidos todos os nossos Estados pelo mesmo direito commercial, acham-se na posição unica e soberanamente feliz de manter, e fazer inteiteiramente ostensivas aô continente as formalidades de validade e execução das *lettras* e *vales* do commercio. Estabelecendo hum sello e officinas com registos continentaes, chegariam estas lettras e vales a ter a importancia de hum papel-moeda americano e geral, e por esse meio se lançariam os fundamentos para a creação de hum banco e de hum credito publico continental. A mesma generalidade poderia dar-se á validade e autenticidade dos documentos e sentenças executorias; aos instrumentos comprovatarios civis e criminaes regeitados em officinas especialmente consagradas á outorga dos actos de autenticidade continental.

As formalidades preparatorias e de comprovação exigidas para entrar no exercicio das profissões scientificas e industriaes, he outro objecto que deve ser regulado pelo congresso americano.

A uniformidade de nossa lingua, de nossas leis e crenças e de nossos costumes, faz com que a competencia para o exercicio de certas sciencias e materias, seja de propriedade americana. Em semelhantes casos, não deve seguir-se em nossos Estados a pratica adoptada pelos povos da Europa, distinctos relativamente, em lingua, leis, crenças religiosas e politicas, usos, etc. Será sufficiente que se adopte certo numero de provas que torne indispensavel a necessidade de possuir aquella parte em que a sciencia ou profissão se tenha localisado. Assim pois, a centralisação universitaria em sciencias moraes e philosophicas he hum facto que na America do Sul não apresenta impossibilidade de execução; e he facil ver de quanto estimulo não serviria ás jovens vocações scientificas e profissionaes a idéa de que hum gráu expedido pela Universidade de qualquer Estado americano o tornaria professor em dez republicas.

As invenções scientificas, as producções litterarias, as applicações da industria importadas, receberiam grandioso impulso, logo que hum congresso americano concedesse garantias ao autor de algum invento, de algum escripto ou publicação util do exercicio exclusivo de seu privilegio em todos os Estados da America do Sul, com tanto que fosse a todos estensiva a sua pratica. Não he este hum dos objectos menos importantes que teria a tratar o congresso geral.

A construcçao de hum vasto systema de ca-

minhos internacionaes a expensas reciprocas, que traçados sobre dados modernos, conciliem a economia e a promptidão em todas as novas exigencias do moderno regimen de communicação e navegação interior: a posta exterior, ou d'Estado a Estado, consequencia precisa do estabelecimento de novos vinculos ou interesses geraes, subjeita a hum imposto unico e continental, são os objectos mais dignos de particular attenção por parte do congresso.

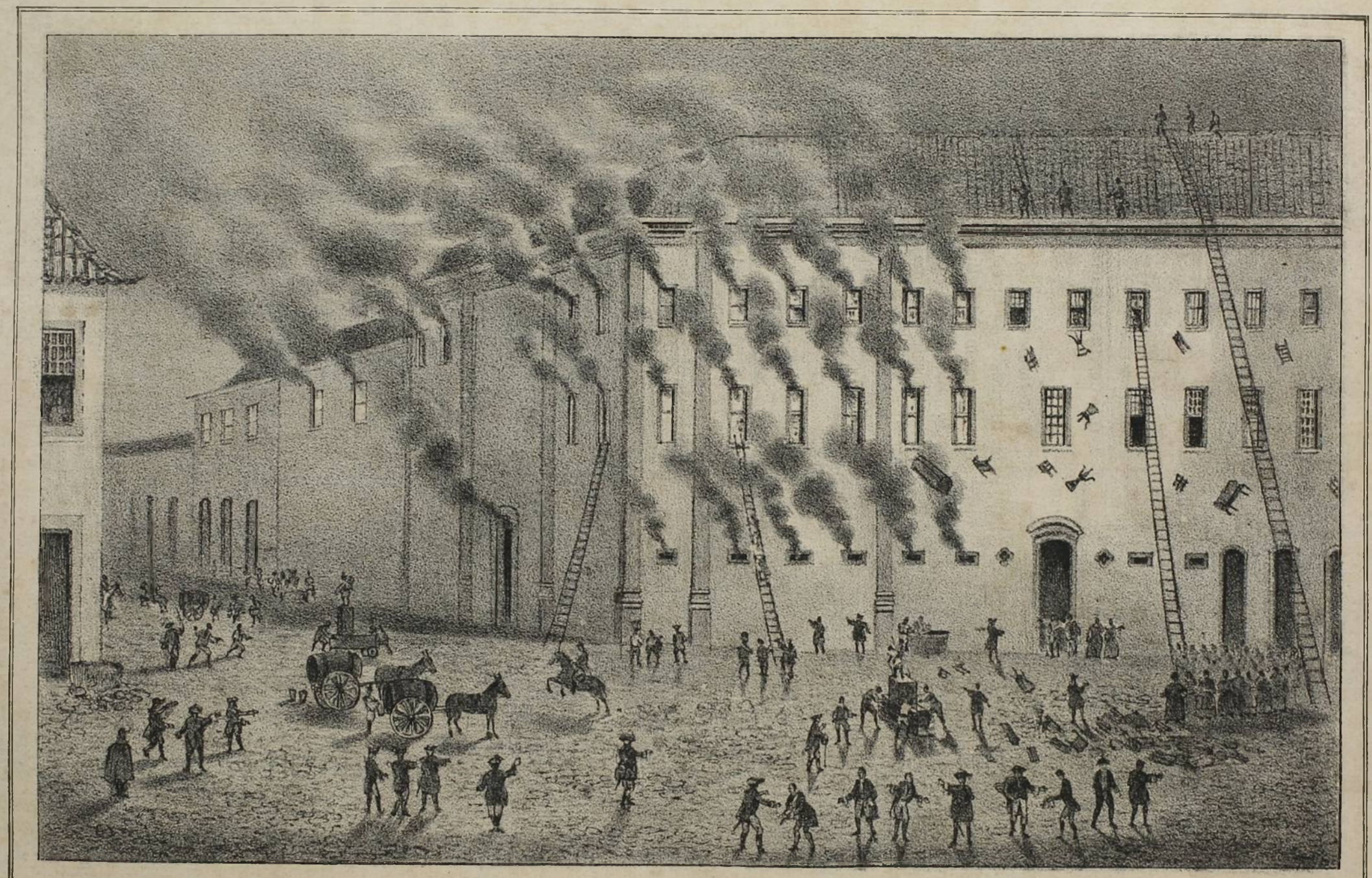
A extradicção criminal e civil; unica extradicção admissivel em virtude da universalidade da justiça e dos crimes civis. O que assassinar no *Prata* seja enforcado no *Orenoco*; nada mais bello que este reinado da justiça criminal. He, porem, necessario abolir para sempre em nome da liberdade politica, a extradicção dos que são accusados pelo sophisma de partido civil politico, como culpados de delictos de lesa-patria; pela inviolabilidade do asylo politico, cada estado ha de poder ter tribuna de opposição e censura inviolavel dos demais, e esta censura mutua e normal não poderá deixar de utilisar a todos. Outro ponto he este que não deve ser esquecido.

Huma das grandes vistas do congresso deve ser a consolidação geral da paz americana; os meios para obter este resultado, serão, alem dos regulamentos propostos, a amortisação do espirito militar, aberração impertinente que já não tem objecto na America. A independencia americana, sua dignidade e prerogativas, não descançam nas bayonetas de seus povos; o Oceano e o Deserto são seus guardas invenciveis: comparada com a Europa, a America não he fraca; e no seu territorio he forte como o mundo inteiro O não ter soldados será outro meio preventivo da guerra, pelo principio de que — onde não ha soldados não ha guerra —. Póde-se pactuar no desarmamento geral, concedendo a cada Estado o emprego das unicas forças que torna indispensavel a manutenção de sua ordem interna, e declarando hostil á America ao que sustentar forças que não sejam indispensavelmente necessarias. A guarda nacional, e não os exercitos assalariados, deve ser a base licita dos poderes fortes na America. Toda a republica que mantem exercitos fortes, attenta contra a lei santa do seu commercio e prosperidade industrial com detrimento da America, e a America, que ama a ordem e precisa d'ella, deve desarmal-a em nome da paz commum. Devem tambem abolir-se na America, como estereis, *a paz e a neutralidade armadas*, e substituil-as pela *paz e neutralidade empregadas e mercantis*. Para prevenir a guerra, poderia tambem estabelecer-se, como no foro civil, huma judicatura de paz internacional, onde acudissem em conciliação, antes de chegar ás armas, os Estados dispostos a hostilisarem-se. Esta grande judicatura americana, para tornar-se effectiva em todo o nosso vasto continente, poderia subdividir-se em tribunaes parciaes, correspondentes a tres ou quatro grandes secções em que a America Unida deve necessariamente dividir a administração d'aquelles interesses declarados continentaes.

A opinião do tribunal conciliador, importando o mesmo que a sancção moral da America, poria o desobediente fóra da lei da neutralidade, e contra elle poderiam empregar os outros estados, senão as armas, ao menos todas as medidas de reprovação e de coacção indirecta, susceptiveis de empregar-se contra hum paiz que incorre em nosso desagrado.

Este ponto conduz ao direito e pratica da intervenção. O direito d'intervenção não póde ser abolido onde houver communidade de interesses. Fazer as cousas communs e exigir a neutralidade da indifferença em seu manejo, he estabelecer cousas contradictorias. A America deve ter sempre o direito de intervir em huma parte d'ella; o orgão esta subjeito ao corpo, a parte ao todo. A intervenção na America, he tradicção de 1810. A revolução salvou-se por meio d'ella; a neutralidade tel-a-hia feito succumbir. Buenos-Ayres interveio no *Chile*; o *Chile e Colombia no Perú*, e a America salvou-se por esses actos. Em qualquer epocha que hum mal semelhante ao da escravidão colonial appareça na America, com disposição de tornar-se geral, a America deverá ter o indispensavel direito de intervir, afim de cortal-o pela raiz. He este justamente o ponto em que a intervenção e neutralidade que exige o direito internacional americano, deve ser especial e original; em qualquer outro ponto poderá ser imitação fiel da diplomacia europea, sem incorrer em loucura, n'estes não. A America, huma e indivisivel, nos elementos sociaes que a formam, nos males que a affligem, e nos meios que podem salval-a, ha de ser sempre hum corpo menos intimo que a união Norte-Americana, se assim quizerem, porem mil vezes mais estreito e unido que o que formam os povos da Europa. A neutralidade, pois, que entre povos heterogeneos he indispensavel, he impraticavel onde os povos que habitam o mesmo solo, foram ainda hontem hum só povo, e hoje são huma só familia.

São estas as considerações que o congresso deve



Heaton e Rensburg Lith. Rio de Janr.

INCENDIO DA JGREJA E RECOLHIMENTO DE N.S DO PARTO

EM 23 DE AGOSTO DE 1789.

ter presentes ao lançar os fundamentos do direito internacional americano. Tocaremos n'este lugar em outro dos grandes objectos do congresso geral; o estabelecimento de hum direito de gentes, privativamente para o nosso continente e para com a Europa. O nosso direito privado deverá compor-se em grande parte de decisões que recaiam nos objectos que deixamos indicados.

Estabelecerá a igualdade dos poderes ou Estados do Continente Americano, determinando com especialidade as circunstancias que formam a individualidade nacional de cada hum, para deixar a salvo o systema que houver de empregar-se para com as fracções em que se dividirem as actuaes Republicas. Assentará as formulas de sua diplomacia privada sobre principios conformes com os de igualdade, economia, sobriedade e simplicidade democraticas. Este ponto he grave, e affecta o proprio corpo do congresso. Huma diplomacia expeditiva, facil, e economica em formalidades, ceremonias e protocollos, tornaria realisaveis e efficazes as grandes assembléas a que a America felizmente começa a inclinar-se.

Resolverá o que houver de praticar a America Unida com os Estados que se subdividirem ou ligarem parcialmente, que se consolidarem em hum só, que mudarem o principio de sua politica fundamental, que pactuarem allianças de guerra com o europeo; que violarem o principio legal e estabelecerem a dictadura: veja-se por aqui se será possivel á America permanecer neutral.

Quanto á politica com a Europa, deve ella ser franca, porque não está no caso de a temer; he mais propria para attrahil-a que para contel-a, mais paciente e branda que provocadora; modesta como a sua idade, e mais parlamentaria que guerreira; a civilisação, e não a gloria militar, he a sua principal necessidade, e assim lucrará com as relações inalteraveis da Europa.

Não deve abusar do seu direito de *excommunhão*, e de seu poder de resistencia negativa para com o europeo, o qual o mesmo europeo generosamente lhe deo a conhecer (*), pois em taes excommunhões não perde ella menos que o excluido. Como quer que seja, porem, o systema adoptado deve ser uniforme e geral, para que em virtude d'esta generalidade, tenham os actos de seus Estados, senão a sancção da força, ao menos o respeito moral que tem o que he universal e commum.

(Continúa.)

(*) M. De-Pradt, repetidor incansavel d'este aviso á America, posto ultimamente em pratica pelo general Rosas, todos sabem com que fructo positivo para Buenos-Ayres.

Rio de Janeiro.

O INCENDIO DA IGREJA E RECOLHIMENTO DE N. S. DO PARTO.

O Recolhimento de N. S. do Parto, erigido na contiguidade da Igreja do mesmo titulo, deveo a sua fundação ao R. Bispo D. Fr. Antonio do Desterro, applicando (por Breve Pontificio que obteve) mais de quarenta mil cruzados, deixados por Estevão Dias de Oliveira para se distribuirem a beneficio de sua alma, depois de satisfeitos os legados, e cumpridas varias obras pias, como dispozera. Principiada a construcção do edificio no anno de 1742, e concluido com sufficientes commodos para asylo de mulheres não virgens, entraram a habital-o algumas, que deixando a perversidade do seculo, reformaram a vida e costumes antigos, trocando-os por santa e regular conducta.

Decadente o material d'essa casa e do Templo unido, tudo se achava em necessidade de reforma, que a falta de meios, e a má administração de seus reditos, assás tenues, haviam suspendido: n'estas circunstancias suspirava-se pela compaixão de hum bemfeitor, que cheio de religião verdadeiramente christã, e de zelo fervoroso, se interessasse no reparo de ambos os edificios, fazendo ao mesmo tempo arrecadar com fidelidade suas pequenas rendas. Qualidades tão singulares, não era possivel acreditar que facilmente se achassem juntas em qualquer pessoa ordinaria, cuja disposição sempre fria nunca ou mui poucas vezes estende a sua piedade praticando acções memoraveis, nem dignas de se eternisarem: mas a Santa Providencia tendo depositado no Vice-Rei Luiz de Vasconcellos e Souza as mais brilhantes virtudes com que o caracterisou, tambem o escolheo para reparador d'aquellas ruinas, como perpetuou a seguinte inscripção conservada n'hum painel dentro do Templo:

« Esta obra foi feita por Ordem e Protecção
« do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Luiz
« de Vasconcellos e Souza, Vice-Rei do Estado.
« Anno 1787. »

Ainda se trabalhava no interior do Recolhimento, quando a malignidade ministrou n'elle hum

activo incendio, que communicando-se com rapidez ao Templo, reduziria ambos os edificios á cinzas em poucos momentos, se as vigilantes, activas, e mui promptas disposições do mesmo Illustrissimo Patrono não atalhassem seu total estrago no principio do dia 24 de Agosto de 1789. Salva então d'entre as chammas a Santa Imagem da Senhora do Parto, não esqueceo no actual conflicto o cauteloso recato das recolhidas, para moradia das quaes se apromptou a casa dos Terceiros Franciscanos, que serve de Hospital, onde lhes foi ministrado quanto necessitavam as suas subsistencias. Devêra suppor-se que desvelado na extincção do fogo, vigiava só aquelle heroe os meios de atalhar o seu progresso: mas dilatando os cuidados sobre nova reforma, n'esses momentos mesmos de perturbação distribuio ordens privativas, para entrar em novo e melhor trabalho. Fumegava o interior de ambos os edificios: e sem se esperar que de todo se matasse o lume, corriam prestes os carros atacados de madeira, e d'outros materiaes, a dar aviamento prompto aos trabalhadores, que cubiçosos de obsequiar com os seus prestimos o illustre reedificador, corriam á porfia, e com dobrado empenho concluiram a obra de grande trabalho, no curto termo de tres mezes, e desessete dias, deixando-a com a perfeição possivel. Na tarde do dia 8 de Dezembro (memoravel áquella casa), precedendo procissionalmente ás recolhidas o mais lustroso acompanhamento de pessoas conspicuas em todas as classes, conduzio o catholico protector sobre os seus hombros, ajudado por outros individuos graduados, a Santa Imagem da Senhora, desde o lugar sobredito, ou da Igreja de Santo Antonio, onde fôra depositada, até o da sua casa propria, em que, no dia seguinte, recebeo os devidos cultos e religiosos festejos, para os levar, como Padroeira do Templo, e Protectora do Recolhimento, á presença de Deos, seu Filho, como reparador das ruinas. Por zelosa vigilancia do mesmo bemfeitor cresceo a renda patrimonial do Recolhimento nas propriedades construidas de novo junto á Sachristia. Sendo precisa a enfermaria da Ordem Terceira do Carmo para deposito da Real Biblioteca trasladada de Lisboa, em compensação d'essa casa foi por Sua Alteza (Principe então Regente) dado o Recolhimento, extincto em 1812, áquella Ordem para seu Hospital.

(*Pizarro*, Mem. Hist., tomo 7.)

OS BAILES.

Os bailes motivam alguma quebra na saude publica?

(Continuado da pag. 303.)

As damas se torturam mais grandemente que os cavalheiros (com quanto eu conheça cavalheiros, — damas n'este sentido, e tanto mais dispiciendos e risiveis quanto fazem o papel de grous no lote de pavões; encasquetam-se de que são — *non-plus-ultras* — no merito pessoal e espiritual, sem dois dedos sequer de intelligencia e agudeza, e querem a trouxe-moxe que os verbos que surgirem de sob a vestidura — *fashionable* — tenham o sal de Athenas de infusão com a profundeza Allemã! coitados!) eu dizia — as damas se torturam mais grandemente que os cavalheiros: sim; em muito caso, porque haverá huma reunião, ellas se impoem huma dieta tão rigorosa, que outra menos, infligida pelo medico, he para logo quebrada, por se não compadecer, na phrase d'ellas, com a sua economia. He indispensavel que assim seja: porque o amor de si, e o desejo ardente de serem o alvo aonde se vão quebrar as settas das adoraçõos, he a paixão mais violenta, he o fogo mais abrasador que as devora e consume! E n'esta posição o que fazer? Tudo quanto for mister para merecer hum beneplacito! E vêde-as no seu circulo promulgando leis de modas, e revogando as disposições em contrario: lá vem hum enfeite... hum arrebique... e o cofre da vaidade e do luxo nunca se esgota! E que de tormentos não supporta o corpo? Hum collete he talhado para agrilhoar o peito... o cinto deve ser nimiamente estreitado... Todas hão de ficar esbeltas e airosas, embora Deos fizesse cada huma por seu feitio! Tudo isto porque? Os adoradores que o digam: votam desapiedadamente por sacrificios d'esta tempera; querem certas fórmas, certos torneios... e não se lhes dão de saber se os que assim obram ficam com a economia em condição de preencher os fins da natureza, — unicos bons, unicos irreprehensiveis; — que a obra do homem outro homem derriba e desmorona *impunemente*, a da natureza — não! —

E assim, se no estado de saude, porem com os orgãos embargados; se no de molestia, e por sobre-carga abafados, he indispensavel que F., bailarina matriculada, e na phrase moderna — *romantica e do grande tom* —, tome parte em uma quadrilha, ou galopada, danse a *Polka*, etc., embora tenha algum calo no pé; embora tenha alguma arthrite chronica (ou *rheumatismo*, que as

bellas não querem ter, e mais outra molestia que não digo...); embora tenha a perna já volumosa em consequencia de alguma erysipela, e que a agitação possa dar lugar ao reapparecimento do mesmo mal, ou aggravar o existente, etc. Ora a valsa, principalmente pelo feitio que se agora dansa, he bem prejudicial. — Faz-se a gloria consistir pouco no ageitado do passo, e lá vai quasi toda por conta de quem maior espaço de tempo rodar sem dar parte de affrontado. — Pratica-se hum verdadeiro — *tour de force* —, torturam-se, violentam-se, e ao depois no silencio do aposento a carne he quem paga! Se eu não tivesse formulado hum systema de não descer n'este artigo a huma individualidade sequer, exemplificaria algumas consequencias d'ella bem tristes! Entretanto direi em geral (sem fallar nas palpitações a que faz ficar-se attreito) que o estomago ordinariamente se ressente, e vai entretendo huma irritação chronica que abre a porta ás erysipelas, tonturas, vertigens, e outras molestias. Quem for valsista que pegue d'esta carapuça, e quando por escarneo e basofia queira affectar em publico que não se lhe ajusta por fórma alguma, eu me satisfaço que lá no tribunal de sua consciencia diga em seu coração: — *Isto he verdade!* —

He indispensavel que S., afamada cantora, garganteie huma peça da Italia, embora soffra alguma angina, alguma bronchite, padeça de pneumonites chronicas, etc. - *Pede-se, ou antes, manda-se*—. E hum cavalheiro, cujo peito palpita por F., que não he de bronze ao ouvir-lhe as palavras *doces e macias*, reputar-se-hia affrontado, se ficasse em branco no acto de endereçar com todo o terno de seu peito, e pontudo do seu bestunto, hum pedido n'esta substancia: — *Madame!* Vejo em vós hum *Chefe d'Obra do Todo Poderoso!* A par de tanta belleza, huma sagacidade de espirito inexprimivel! Tenho tido a dita de vos ouvir cantar a peça — tal -, e meus ouvidos ainda se ressentem tanto da impressão que n'elles produzio a *angelica voz de V. Ex.*, que não pude ter comigo que não viesse supplicar-lhe a mercê de *recantal-a*; *chame-me importuno*, embora; eu serei sempre hum admirador das prendas de V. Ex.! E se minha voz tiver o timbre de huma trombeta, os *feitos de garganta de V. Ex.*

Cantando espalharei por toda a parte!

Em verdade que se não resiste a hum *chorão* d'estes, em vez de pedinte! Lá vai a Excellentissima solfejar, não embarga que d'alli sahindo, as volatas e trinados lhe comprem terriveis dores de peito; escarros de sangue; mesmo golfadas... e morte afinal! — Não pareça isto encarecimento: he huma realidade! Qualquer de vós dará ahi pelo mundo com alguma victima, bem sabida, d'estes caprichos; que depois de hum brilhar por momentos de sol bello e radiante, vai viver vida de noite e escuridão! — Hum nome fallado que, por desgraça sua ainda lhe resta, será muitas vezes a unica porta aberta ao vosso reconhecimento; e pasmado do que era, e do que he, exclamareis com o saudoso Gonzaga: —

Hoje em suspiros...
O canto he mudo!
Assim, Marilia,
Se acaba tudo!

Eu mesmo conheço algum resultado em qualquer dos sentidos acima; e os exemplos estão-se a reproduzir todos os dias; por tanto não he preciso, e nem quero com a menção de hum ou outro nome, que, ou já dorme na poisada dos finados, ou — espectro da morte — vegeta entre os vivos, sangrar feridas que caminham para a cicatrisação, nem sacudir o pó e a cinza que esconde a brasa, aonde muita fibra de coração já foi tostada! — Se hum medico prescrevesse huma formula, que, com quanto innocente, concumitasse a certas circunstancias imprevistas e occultas, que dessem aso ao apparecimento de semelhantes phenomenos, não faltariam bocas, e nem mesmo *as cem da Fama*, a excommungal-o e amaldiçoal-o! Mas foi hum cavalheiro!... Chiton! — A doença veio porque Deos foi servido! — He ignorancia grosseira, he estupidez querer apontar como causa as palavras encantadoras e romanticas—*Chefe d'Obra do Todo Poderoso*, *belleza corporal*, *agudeza espiritual* —.

Ainda mais: — O somno, esta verdadeira, para não dizer unica consolação que nos resta no mundo, ou he addiado para horas que não as que estatuio a natureza; ou então he sómente dormido em parte. — Já esta verdade vem lá de longe estampada nas palavras de hum vate de renome: —

Dormimos somnos alheios,
Os nossos não os dormimos!

(*Sá de Miranda.*)

Pois bem; este somno que se não dorme, equivale a huma força que se desperdiça, e não repara-se: d'aonde he facil a conclusão: — Vai ca-

minho recto do definhamento e consumpção o mortal que cerra os ouvidos á voz da natureza fascinado com o luzir falso da civilisação. — E, ou lá vai gasto o dia com o somno da noite, sem que vigore igualmente, ou lá vai huma ruina mais prompta bater ás portas do organismo: — ruina que não espanta, que não he desdourada, ao contrario os *bellos espiritos* estendem-lhe huma mão de consentimento, e abaixam-lhe huma cabeça de approvação. — Sim; a *magreza*, *sequidão de fibra*, a *pallidez*, *amarellidão*, *etc.*, consequencias d'ella, occupam grande espaço nas paginas dos encomios e adorações! — A *magreza* se traduz por hum corpo esbelto e elegante, *receptaculo portatil* (dêem-me licença) do espirito, talhado para todos os movimentos rapidos, salpicados de jovialidade e viveza, emfim, que fazem fuzilar o fogo da vida assim por modo de huma fulminação! E a pallidez? Faz tanto estrondo presentemente entre nós, que a sós ella fôra materia para volumes graudos, e não para huma menção de caminho. Comtudo direi em resumo que he a cor por excellencia do *romantismo!* Que perfeição da natureza teria a ousadia de passar incolume no tribunal do *bom gosto* sem levar comsigo este sacramento — a *pallidez* —? He ella por tanto que põe a ultima mão a formas chamadas encantadoras!

Assim pois caminha-se á perdição sem perceber-se, ou antes, sem que se perceber queira! Tantos attractivos, tantos ouropeis apresentam as picadas que ladeam a estrada da civilisação! Assim huma existencia succada e robusta he trocada por huma vida de fragilidade e delicadeza, que hum sopro ainda surdo abala e dobra; que hum embate ainda pequeno enverga e quebra! Chega a morrer na organisação até a somenos feição do que era: — graças, encantos, precoces desbotam-se, emurchecem-se... e vai succeder-lhes huma realidade funesta, huma velhice temporã, espinhada de dores!... Então ao passar por victimas quejandas, sem os menores lenges do que eram, vivendo sómente para saberem que morrem, o coração te partirá, e com pasmo e pesar perguntarás: — Estas arvores que promettiam disputar a duraçao com os seculos, porque estão entanguidas, enfesadas, cobertas de folhas amarellentas, e seccas, com huns fructinhos pêcos, chochos e mirrados, de modo que não ha cantor dos bosques, que queira saboreal-os, para ao depois pendurado dos ramos entoar suas cantilenas da sésta? A seiva porque se não infiltra até as camadas dos olhos, e não dá-lhes andamento no crescer? Lembro-me que: —

Eu vi já por aqui sombras, e flores;
Vi aguas e vi fontes, vi verduras;
As aves vi cantar todas de amores!
Mudo e secco he ja tudo...

(Sá de Miranda.)

E porque? — E o silencio da tumba, e o gemido da morte serão a só resposta! —

E nem as sementes, e nem as mudas, e nem os enxertos d'estas plantas jamais terão viço para produzir arvoredos de bello porte e elegancia! — Bastardos... degenerados... ainda bem o ponteiro da vida não marca o meio dia da sua existencia, quando a morte já vem de volta da colheita! — E que colheita? *espigas fanadas*, *cannas sem gomos*, *todas nós*, *fructos sem bagas*, que em nada a honráram, se sua honra e triumpho não consistissem no maior numero de victimas! — E estas victimas são os filhos de pais degenerados, e estas victimas são estes mesmos pais, — cabisbaixos, como eu disse a principio, com pé tremulo e incerto tomando o rumo de hum barathro mais logo adiante cavado, — a sepultura! — E tudo porque o luxo e a devassidão ergueo huma ponte bordada de estrepes, e abundante de precipicios, e deitou-lhe ramadas por sobre, e juncou-a de flores por cima! Caminham sem tento, e chafurdam-se nos lodaçaes, e se pregam nos estrepes, e se despenham dos alcantis... e a morte não basta a desvendar os olhos dos que lhes seguem a pista! Que miseria! Que cegueira! Que fanatismo!!

Pede-se, *ou antes*, *manda-se*. — Foi proposição emittida por mim hum pouco longe; proposição que passa a ser verdadeira desde que o indeferimento do pedido, em vez de ares de tristeza, carrega com sombras de vingança ou assomos de ira. A alma que Deos nos deo livre, trabalha nesta conjunctura, permitta-se-me a expressão, por *machina*! E porque não? Quando hum *sim* contrafeito he mais applaudido que hum *não* do coração! — *Sim* — que se salva da indignação do que pede, lá vê de encontro o olhar torvo e feroz de outros adoradores, que não podem dormir na ventura de seu rival. E d'aqui — resultados bem tristes —. Em muitas nações as mais civilisadas da Europa (não sei se felizmente na nossa por sel-o menos, não) o sorvedouro dos duelos traga immensidade de victimas! A civilisação tem arraigado no coração d'estes povos huma falsa idéa de pundonor, de modo tal que por huma palavra, hum olhar, cousa somenos ainda, lá cahe huma luva... E de quem? Muita da vez da gente mais graduada do paiz: — de hum guerreiro que tem defendido intrepido sua liberdade e a de seus

filhos! E de quem? de hum politico que tem tido coração de trovejar contra leis tyrannicas, que ameaçavam esmagar a cabeça de huma nação inteira! E para que? — Para o sacrificio o maior do mundo, — o da vida! — Esta, que he huma e unica, e que huma feita ceifada não brota mais do mesmo torrão! A vida, que mesmo vivida na dor tem seu saibo de doçura! A vida alfim que a força de mysteriosa e incomprehensivel deo algum dia, mais ao pé da creação, ao medico em cambio de assegural-a hum epitheto, que olhado com frieza tem seus laivos de blasphemo, o de — divino —! Pois bem; d'esta vida se faz bom barato!!

Quizera agora entrar na analyse das paixões desregradas que nos bailes desabrocham... e as mais das vezes desgraçadas! Quizera mesmo fallar das consequencias terriveis do abuso da fé, e outros, d'entre os poucos sustentaculos da felicidade que ainda por ventura ha na terra! Quizera na posição de medico alargar as ensanchas d'este paragrapho, amostrando as contrariedades de hum amor, hum despreso crú e desapiedado, hum desengano cruel, huma perda n'estas circunstancias do objecto adorado, como a fonte aonde a humanidade está de continuo a sorver em longos tragos a morte! — Quizera... Mas nem o pequeno corpo de hum artigo o comporta: e nem eu quero (no pensamento de Silva Leal) que *sobrados esclarecimentos vão roubar a placidez da innocencia que podia ainda ser feliz no mundo, e passar no meio da perdição sem se perder!* — Por tanto limitar-me-hei ao que hei referido: nem quero, e nem posso ser vara de ferro dos devaneios humanos: sómente farei algumas reflexões antes de dar de mão a objecto de tanto momento.

Sei que estas verdades não quadram ao seculo presente: hum despreso geral será o menor mal talvez que pese sobre o meu escripto... não importa: não tenho em vista lisongear as turbas: hum ou outro espirito imparcial me dê la em sua consciencia hum aceno de approvação, — fico pago de sobejo. — Entretanto não se supponha que tenho horror á sociedade, e á civilisação! Não; conheço o muito que tem de bom; e não he de estranhar que levante minha voz, debil, he verdade, contra usos, antes abusos, reformaveis no meu ver, e importantissimos, que prolongam a vida do meu semelhante Não vou com voz inexperiente clamar contra as distracções das lidas e tribulações d'este mundo. — Feliz — quem se póde distrahir no meio d'ellas! Mas observem-se certas regras e preceitos; que não fiquem muito arredados do caminho da natureza. —

1.° Não sejam muito repetidas as reuniões; — perderão muito a força de distracções.

2.° Não durem até muito tarde, de forma que obriguem a dormir somnos alheios.

3.° Os salões sejam construidos, não só em local de ar livre, senão mesmo de sorte que sejam bem arejados.

4.° Estes mesmos salões sejam desproporcionados, para mais, aos individuos; isto he, muito grandes para pequeno numero: — e quanto for possivel, dispensados de novas mãos de tintas.—

5.° As pessoas que tiverem incommodos deixem de comparecer — serva te ipsum — he lei sagrada: morra (não faz mal) na voz da razão o grito despota do proprio coração, ou do que o domina!

6.° Não deixem de tomar a refeição do costume e necessaria com vistas de que o corpo fique mais esbelto.

7.° Não usem de vestidos apertados, a ponto de embargarem o jogo livre e desembaraçado dos orgãos.

8.° Respeitem as estações calmosas, acodindo á reclamação imperiosa do organismo.

9.° Não se façam vontades quando d'ellas possam resultar alguns inconvenientes.

10.° Finalmente se algum incommodo sobrevier durante a reunião, retirem-se para logo, por que d'esta sorte se obviará mais facilmente o damno: — Principiis obsta —. Eis aqui a maior força da medicina, que o mal muito avançado custa ao doente a vida; aos parentes e amigos, a dor de o perder; e ao medico, o descredito da profissão que exerce.

Eis aqui regras, poucas em numero, faceis de observancia, — que nenhum juizo sensato desapprovará; e que com quanto mereçam motejos e escarneos pelo que geralmente se pensa, todavia não me corro de apresental-as, quando não aguardo encomios nem recompensas, a não serem as de ver minguado o padecer da humanidade. He este o pensar digno de hum medico: fallo com a razão; fallo com a consciencia: estou satisfeito.

Aqui deito cabos ao meu baixel. Tenho de sobejo vogado atôa, sem leme, nem bussola.... arribei a este porto que não me offerece muita garantia, e comtudo assento que devo ficar n'elle. Aperreado pela chronicidade de hum padecer, ha quasi hum anno, não tive verdadeiro espaço de calma para as minhas lucubrações; e se não obstante desponta em algum sitio d'este papel huma ou outra jovialidade morte-cor e desbotada, he o enfermo resignado que vendo de perto a catadura da morte conserva o rosto sereno, e de

longe em longe salpica os labios de amarello sorriso para não vibrar com hum accento gemebundo a corda sentimental do coração dos seus!

Digo essas cousas simplesmente por dizer. Não pretendo com ellas deitar huma benção de absolvição nos peccados d'este meu escripto. — tão convencido estou de que em qualquer condição que eu fôra, elle se ressentira de graúdas imperfeições —. E de mais he uso tão frequente allegarem-se motivos indevidos, que quando surde hum queixume verdadeiro, passa por phantasia e romance.

Finalmente como alguem talvez se figure que carreguei hum pouco a mão nos desmandos e devaneios do meu semelhante, d'este e á este alguem sou o primeiro a implorar hum pouco de indulgencia: o senão virá por ventura do meu temperamento, que presentemente sobrado em melancolia — me soe figurar as nuvens e os horisontes carregados; de modo que já me apraz mais a cerração e negrume da noite, que o ouro e a purpura da aurora! Serão extravagancias....

Porem tem a natureza
Horrores, que são belleza;
Tristezas, que dão prazer!

(Garret.)

POR ONDE SE RECONHECE HUM HOMEM DE LETTRAS EM PARIS,

E O QUE AHI SE ENTENDE PELA PALAVRA: HUM LIVRO.

Paris he certamente a cidade do mundo, onde se acha o maior numero de homens de lettras. Essa abundancia de escriptores que se vê procede sem duvida d'isto: que para ser homem de lettras em Paris, he necessario ter feito hum *livro*; da mesma forma que para ser pintor, ter feito hum grande quadro. Ora, hum *livro* he huma idéa, ou alguma cousa que com isso se pareça, ou mesmo que com nada se pareça, e cujo titulo occupe segundo o uso a parte superior d'hum em oitavo de quatro-centas paginas. Em hum *livro* tendes duas coisas: o titulo, que deve ser breve, magestoso, cheio de não sei que curioso mysterio, como o rotulo de huma bocetinha preciosa: *razão*, *gosto*, *espirito*; e depois a materia que he tudo o que se quer, com tanto que tenha as qualidades essenciaes da materia, isto he, as dimensões de altura, largura e espessura, com que se compoem hum parallelipipedo compacto de papel impresso. Se alem d'isto achardes espirito, gosto e razão, tudo está ganho; nós não exigimos tanto: temos, graças ao Ceo, hum *livro* e hum autor de mais. Devemos lastimarmo-nos? Não; mas he prudente desconfiarmos de hum paiz em que os grandes escriptores se contam ás centenas, e de huma litteratura em que os livros celebres por seu extraordinario numero são impossiveis de contar-se.

Conheci hum homem de muito saber que tinha passado sua vida a colleccionar, segundo a ordem em que as havia adquirido, todas as noções scientificas, e racionaes da natureza: e como essa ordem era naturalmente a de huma excellente educação, em que o pensamento bem dirigido procede n'huma progressão continua de suas primeiras percepções aos resultados mais excentricos do estudo e da reflexão, tinha elle concluido para seu uso huma encyclopedia superior á de M. d'Alembert, sobre hum plano preferivel ao do chanceller Bacon. No dia da sua morte, a 9 de Outubro de 1808, advertindo-se-lhe de que não havia dado titulo á sua obra, fez com que trouxessem-lhe ao leito o manuscripto, correo a vista sobre a primeira e a ultima pagina, e com mão ainda firme escreveo no frontespicio as seguintes palavras:

Porquinhos da India.

Sua omnisciencia não lhe daria hoje hum assento de academico na secção de zoologia.

Os antigos prosadores não sabiam o que era hum *livro*. Pytagoras, Democrito, Socrates, Epicuro não fizeram hum só. Quando muito, se ousaria dar esse nome aos *Dialogos* de Platão, aos *Aphorismos* d'Hippocrates, e á *Moral* de Plutarco. Atheneo, Ælio, Stobeo, Valerio-Maximo, Aulo-Gellio, Macrobio, Montaigne, Lamotte le Vayer, Diderot, nitidamente decidiram a questão. Elles não deixaram senão paginas com as quaes se podem fazer livros para mil gerações de pedantes.

He preciso dizer: Temos ainda bons escriptores que não fizeram *livros*: porem cahindo estes no excesso contrario ao d'aquelles que eu censuro, e não havendo jámais escripto huma linha de sua vida, torna-se verdadeira a proposição que avancei, que para ser homem de lettras em Paris he preciso ter escripto hum *livro*, a menos que se não queira transformar n'esta outra: « Para ser homem de lettras em Paris he preciso nada ter escripto. »

Quanto a mim, se hum máo costume, ou a necessidade de me distrahir das angustias da molestia, em quanto eu não chegasse a dizer com Possidonio que a dor não existe, me resolvessem ainda a escrever, não seria para emprehender hum livro: deixaria, quando muito, nas ultimas prateleiras de minhas estantes desconjuntadas algumas lembranças, algumas impressões, algumas distracções sem nexo, esperando que a morte venha risonha soprar sobre essas folhas sibyllinas, e tornal-as commigo aos elementos.

Charles Nodier.

MEMORIA

SOBRE A CONVENIENCIA E OBJECTOS

DE

HUM CONGRESSO GERAL AMERICANO,

Lida ante a Faculdade de Leis da Universidade de Chile, para obter o gráo de Licenciado,

POR

J. B. ALBERDI.

(Continuado da pag. 307.)

Fará parte d'este ramo a politica para com a corte de Roma. Os inconvenientes da excessiva influencia de Roma no nosso continente serão menos para temer-se que os que poderia offerecer o influxo temporal do resto da Europa. O mar *Athlantico* torna impossivel n'este longinquo continente o exercicio de qualquer acção oppressiva que tenha origem no outro, ou se trate de cousas temporaes ou meramente de dominio religioso. Para com a metropole catholica, a mesma firmeza e dignidade, a mesma moderação que para com a mãi-patria: succede relativamente ao culto o mesmo que no commercio e outros interesses em que as conveniencias e desvantagens existem de ambas as partes, de sorte que Roma não vem a perder menos do que nós pelo entorpecimento de nossas reciprocas relações.

De todos os modos e em todos os casos, a nossa politica para com ella deve ser invariavelmente a de não permittir-lhe n'estes paizes o exercicio de huma autoridade que não esteja em harmonia com os principios de nossa independencia e soberania nacional, e do novo regimen democratico adoptado pelos nossos Estados. Alliar o espirito catholico com o de progresso e de liberdade em que entraram estas republicas, eis a grande e simples base dos tratados americanos com a côrte de Roma. Quantas vantagens não ganharia n'este sentido a America, se nas conferencias de hum congresso commum adoptasse huma regra de conducta geral e uniforme!

Voltando aos objectos de mero interesse americano, de que deveria occupar-se o congresso, direi: que nao bastará prevenir a guerra, desterral-a quanto for possivel, será preciso subjeital-a a hum direito e a novas formulas nos casos em que for inevitavel. Se he necessario que por longo tempo seja ella hum rasgo caracteristico de existencia americana, demos-lhe ao menos huma forma que a torne menos susceptivel de destruir o progresso do commercio e a riqueza dos novos Estados; façamos até certo ponto conciliavel a sua presença com a da prosperidade mercantil e industrial, dando a estes interesses certa neutralidade que os subtraia aos máus effeitos da guerra. Hum dos meios de chegar a este fim na guerra de mar, será a suppressão do corso, com tanta razão declarado pirataria pelas mais respeitaveis potencias maritimas. O commercio he o principal attractivo que estes paizes offerecem ao estrangeiro, e o seu mais poderoso instrumento de povoação; obremos pois de modo que este subsista inviolavel, como hum meio reparador das devastações operadas pela guerra.

Os povos da America habitam hum deserto incommensuravel. Cumpre fugir á solidão, e povoar o nosso mundo solitario. A colonisação he hum grande meio para chegar a este resultado, porem hum meio que desperta dolorosas recordações. Todavia, qualquer que fosse o caracter do que empregou a Europa nos seculos passados, a elle devemos nossa existencia; e he possivel que a elle devam o seu ser para o futuro milhares de povos americanos. Não o excluamos pois de nossos meios de progresso e de civilisação. Se o não podemos empregar, deixemol-o usar pelos que podem fazel-o.

Proponhamos modificações em sua execução, que entra isto em nosso direito; porem não lhe lancemos entraves absolutos, porque sahe isso da orbita de nossas forças. Felizmente já tem caducado na consideração da Europa o systema de colonisação por ella empregada nos seculos 16, 17 e 18; e não seria difficil a adopção de hum systema de colonisação americana que conciliasse as vantagens da Europa com a independencia e personalidade politica d'este continente. Tenhamos prudencia e tratemos de promover o que póde talvez verificar-se a despeito nosso. O mundo social tem necessidade de terreno; nós o temos de sobra: poderemos recusar-lh'o impunemente? Esta questão liga-se especialmente á sorte da parte mais meridional da America que só he propriedade nossa nos mappas dos geographos, mas que na realidade he possessão inconquistada dos indigenas. Aqui a obra hespanhola existe por acabar, e a barbaria conserva-se senhora do terreno que poderia ser utilisado pela civilisação. He pois necessario completar a sua conquista, mas por meios dignos d'ella. O congresso geral poderia occupar-se d'este assumpto, que interessa á sorte de toda a America. A' occupação selvagem da Pata-

gonia, e do sul do Chile, deve-se talvez o não se ter feito uso de hum dos mais realisaveis vehiculos de intelligencia e trafico mercantil entre as duas costas Occidental e Oriental da America. Falla-se na navegação do *Estreito de Magalhães*, situado em 53° de lattitude, da canalisação do *Panamá*, situado debaixo de hum ceo pestifero; e não se pensa que a America póde ser atravessada por huma bella estrada, traçavel no ponto em que do lado do sul he interrompida a cordilheira dos Andes. A mesma Europa e todas as potencias commerciaes do mundo não poderiam ser convidadas pelo congresso a tomar parte na execução d'este trabalho de conveniencia universal?

Até aqui tenho passado em revista os objectos de que poderia occupar-se hum congresso americano; não pretendo que sejam todos e os unicos. Tambem não creio que hum congresso determinado deva tratar de todos elles e organisal-os de huma só vez. Darão elles materia para muitos congressos, que em distinctas occasiões para o futuro se irão reunindo para occupar-se d'aquelles interesses cuja opportunidade tiver chegado. Applaudirei toda a minha vida o sentimento d'aquelles Estados que tiram suas vistas do estreito recinto de suas fronteiras, e as elevam até a esphera da vida geral e continental da America. He isso levar a vista ao verdadeiro caminho. Em hum grande systema politico, as partes vivem do todo, e o todo das partes. A mão da reforma deve passar alternativamente do trabalho constitucional e da obra interior do edificio, á obra exterior. Tudo o mais he construir a meias e de hum modo incompleto. Outros povos poderão ter em seu seio os germens de sua prosperidade; desgraçadamente os da America estão fóra d'ella, e de fóra devem entrar os mananciaes de sua vida. A Metropole não semeou n'ella sementes de progresso, senão de estabilidade e obediencia. A vida exterior deve absorver-nos inteiramente no porvir. Somos inexpertos n'ella porque fomos educados na domesticidade colonial e para a vida privada e de familia. Deixemos que os nossos povos comecem a sua grande aprendisagem. A necessidade d'esta nova tendencia revela-se pelo movimento normal das coisas. A America, de central e mediterranea que d'antes era, torna-se agora externa e littoral. Tinha sido destinada para viver em reclusão, e fizeram-na habitar a parte mais central do nosso solo. Desde a sua entrada no mundo sahio ás portas para recebel-o. Se os povos mediterraneos quizerem prosperidade para o futuro, esperem os tempos dos caminhos de ferro; por ora, felizes os que habitam as costas, pois só elles podem ver o rosto do mundo, e receber com o seu contacto o espirito de sua moderna existencia. Vejamos o que succede no *Chile*, e o que succede no *Prata*. *Santiago* apenas principia a florescer, entretanto que *Valparaiso* se duplica. *Potosi* e *Cordova* despovoam-se, entretanto que *Montevidéo* torna-se a capital de hum Estado, e *Buenos-Ayres* recebe nas aguas do *Prata* embarcações carregadas de homens que cobrem immediatamente os claros que fazem os canhões da guerra civil. Sim! á vida exterior e geral; que o feudalismo e o espirito de aldeia nos afoga por toda a parte! Reuna-se a America em hum ponto, cuide nos seus destinos, dê conta de sua situação, falle de seus meios, de suas dores e de suas esperanças. Alli, á luz de tanta publicidade, ver-se-ha que valor tem na consideração do juiso continental, homens, questões e coisas, que pretendem ser a sua expressão e simulacro. A America reunida em assembléa geral, dará contas a si mesma, e se fará conhecer do mundo em sua verdadeira capacidade ou incapacidade; este conhecimento não poderá deixar de utilisar a todos, porque d'elle sahirão principios de conducta pratica para todos. Estas assembléas continentaes tiveram lugar em todos os tempos, e os seus resultados, bons ou máus, tem sido efficazes. Na idade media, os *Concilios* tiveram na Europa os mesmos fins que hoje desempenham os congressos, e a igreja catholica, esse estado que abraça todos os continentes, organisou-se por meio de grandes assembléas que se reuniam todas as vezes que havia a tratar algum assumpto, de interesse universal. No seculo passado e no presente, a Europa reunio-se mais de huma vez em congressos continentaes, para regular sua fórma ou maneira de existir geral, ou tambem para intervir no estado que se separava do movimento commum, afim de fazel-o tomar hum regimen interno de conformidade com os interesses europeos. E deverão abolir-se estas santas intervenções, exercidas pela igreja e pelo monarchismo, quando se trata de applicar seus beneficios á causa da liberdade americana? A Europa incoherente, heterogenea, em população, em linguas, em crenças, em leis e costumes, póde ter interesses geraes e congressos que os regularisem; e a America do Sul, povo unico pela identidade de todos estes elementos, não ha de poder-se ver em sua grande e magestosa personalidade, nem ter representantes geraes, apesar de possuir interesses communs?!

A centralisaçao americana não será obra do congresso rigorosamente fallando, porque esta obra



Lith de Heaton e Rensburg

FLORESTA VIRGEM.

já está feita, e seu trabalho he devido á grandeza do povo hespanhol que se reproduzio por si mesmo com todos os seus attributos em todos e cada hum dos pontos da America meridional em que pisou.

« Na vida dos povos, diz Guisot, a unidade externa e visivel, a unidade de numero e de governo, ainda que importante, não he a principal, não he a que constitue verdadeiramente huma nação. Ha huma unidade mais profunda e poderosa; e he a que resulta, não da identidade de governo e de destino, mas da semelhança das instituições, dos costumes, das idéas, dos sentimentos e das linguas; a unidade que reside nos mesmos homens que a sociedade reune, e não nas fórmas de sua aproximação: a unidade moral, emfim, mui superior á unidade politica, e a unica que he capaz de fundal-a. » (*)

Porem esta grande e poderosa unidade moral involve no seu seio os Estados Americanos de origem hespanhola, e o congresso só teria a formular resultados da obra já delineada.

A materia americana póde dividir-se em tres cathegorias: assumptos exclusivamente peculiares da America hespanhola emancipada, assumptos privativos da America do Sul e assumptos de todo o continente americano. Estes ramos são susceptiveis de certo gráu de independencia em suas relações de potencia a potencia; e isto deverá ter-se presente, ou seja para medir-se a extensão que ha de dar-se á convocação, ou para conceber a ordem das convenções e discussões.

Apesar da frequencia com que me tenho servido, no decurso d'esta Memoria, da palavra *continental*, sou hum dos que pensam que só devem concorrer ao congresso geral as republicas americanas de origem hespanhola. Menos que na communidade de seu solo, eu vejo os elementos de seu amalgama e unidade na identidade dos termos moraes que formam a sua sociabilidade. Se a unidade do solo pudesse fazer-nos compor hum systema politico geral, não vejo porque razão deva excluir-se a *Russia* do congresso americano, pois que possue na *America* tres vezes mais territorio que o *Chile*; a *Inglaterra*, cujas possessões na *America* excedem em dimensões as dos *Estados-Unidos*; a *Hespanha* que possue as duas grandes *Antilhas* e as bocas do *Amasonas*. Se se objectasse a isto com a diversidade de principios politicos, observaria eu que esta diversidade não exclue a liga dos interesses que não são politicos, justamente os mais primordiaes de todos os que devem occupar o futuro congresso. Sabe-se que as confederações *Helvetica* e *Germanica* encerram em seus respectivos seios poderes aristocraticos, monarchicos e republicanos ao mesmo tempo. Note-se que quando a *Europa* se tem reunido em *Vienna* ou *Paris*, não tem prescindido da regra da unidade territorial, pois tem chamado á *Inglaterra* que não he potencia continental, e não á *Asia* ou á *Africa*, apesar de fazerem parte do antigo continente. *(Continúa.)*

(*) Histoire de la civilisation en France: deuxieme partie.

A DESTRUIÇÃO DAS FLORESTAS.

BRASILIANA EM TRES CANTOS,

Pelo Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre,

Offerecida ao seu patricio e amigo o Sr. Dr. Joaquim Caetano da Silva, Reitor do Collegio de Pedro II.

—

CANTO I.

A DERRIBADA.

Na mão do escravo acicalado ferro
Brilha, e reflecte do africano vulto
Sorriso delator d'interno goso!
E sofrego acundindo á voz do incola,
Que na cornea busina o madrugára
Antes que a aurora os montes contornasse,
Na frondente floresta se aprofunda.
Brada contente á parceiral caterva,
E o ferro floreando, jubiloso,
No ar lampeja, qual sinistro raio.
Mede co' a vista os seculares troncos
Que em tantas estações, em tantas eras,
Os céos e a terra em porfiada lide
Donosos empregaram na estructura
D'esses gigantes que laceram nuvens,
Que tem por coração cerne de ferro,
Onde verazes os annaes do mundo
Em multiplices rolos se recatam.
Prorompe o capataz com gesto barbaro,
Afras canções do peito borbotando,
Que alentam do machado o golpe; troa
O hymno devastador, que em curta quadra
Tronca por terra mil possantes arvores,
Timbre dos evos, pompa da natura.

Nos largos botareos que a base escoram,
E no solo se entranham tripartidos,
Como ingentes giboias no profundo,
Talha o machado a corpolenta crosta;
Treme o chão, treme o ar, balança, esfolha-se
A cup'la verdegai do amplo madeiro,

E convulso largando os verdes fructos,
Granisa o bosque com medonho estrondo,
Que as aves manda ao ceo, á toca as feras!

Marca a funda machadada
Do canto saf'ro o compasso;
E as que o ar toldam mil lascas
Roboram do fulo braço
O golpe destruidor.

Baqueam enormes lenhos,
E centos de outros mutilam;
Trovejam; mas eis que o ferro
Já não cava, nem fusila
O golpe destruidor.

Sorri-se, tripudiando,
O negro falquejador,
E pára o selvagem canto,
E o golpe destruidor,
E limpa do bronzeo rosto
Com a mão o alvo suor.

Rija celeuma de confuso fremito
Applaude a queda dos pujantes lenhos.
Como huma anta feroz, sibilo agudo
Arma co' os dedos nos sovados labios
O ledo capataz, e açula a turba,
Com novo metro, variado modo,
A de hum golpe extinguir o parque excelso,
Que incolume surgio do cataclysma!

As fouces e os machados manobrando,
Vão amputando o peristylio umbroso
Da verde tenda, monumento inculto,
Que de indomitas feras foi asylo,
E os accentos canoros de mil aves
Nas perfumadas folhas embebêra:
Onde em barbaro coro a simia astuta
Outr'ora se embalava, té que a frecha
Do certeiro Tamoio, o ar fendendo,
Co' a ponta hervada lhe enfiasse a morte.

Como columnas de arruinados templos
Jazem prostradas em confuso enleio
As grossas hastes, desmedidas, fortes,
D'essas umbellas, que subindo aos astros
No regaço do sol fruiam ávidas
Os puros raios de vital conforto!
E a prenhe sombra de fragrancia e fresco,
Que cem plantas mimosas protegia,
Não mais amparará bolhão ruidoso,
Que a estiva sêde dissipava ás feras.

Oh! que espectac'lo grandioso e lugubre
Meus olhos, abarcando, contemplaram!
O ferro iconoclasta retalhando
A verdejante chlamyde da terra,
O seu manto sem par, — e cuidadoso
Poupar avaro os esqueletos aridos
De civados troncos, carcomidos galhos,
Aonde a viridante primavera
Em vão tentára, em contumazes lustros,
Nos podres garfos da raiz annosa
Hum insuflo vital verter benigna!

Ruinas sacras que eu lastimo, e adoro,
Das aves throno, odêo harmonioso!
Hoje achanado teu sublime porte
Rola na terra os prostylões soberbos
De odoros acroterios, onde a arára,
O brilho apavonando de seu manto
Como huma flor alada resplendia!

O ferro prosternativo,
Novos prodigios mostrando
Sobre a coma dos gigantes
Que na terra estão rolando,
De Flora novos mimos denuncia,
Que de nacar se adornam, de ambrosia.

Rescendentes de almo cheiro
Novas flores vi se abrindo,
E pelas brandas antheras
Novo aroma se expandindo,
Que delirios celestes encendendo
Vão a vida em elyseos convertendo.

Eu vi dos jardins do ceo
Bellezas, perfumes, cores,
Onde as abelhas sidereas
Colhem nectareos licores,
E onde os cherubins, de amor divino,
Ungem as azas de vapor nardino.

Sois nada, jardins do luxo,
Com vossa Flora mesquinha!
Em vossos vasos de porfido
Mofina cresce a florzinha.
Não a nutre do ether pura essencia,
Nem das estrellas o macio orvalho
Na corolla mimosa insufla encantos.

Nas flores da floresta immensa e livre
Celeste prisma desprendendo as cores
D'incognito matiz roscia as pétalas,
Onde hum raio de luz se deslisando
Gemmas simula, que deslumbram, cegam!

Como insecto em seara submergido
O homem se afigura, comparado
Co' a ingente ossada dos gigantes floridos,
Que a seus pés mutilada fana e murcha.
Alli troncados mirram sobre a arena
Fuliginosos toros tapeçados
De aveludado musgo, onde resaltam,
Em forma de ramaes, de leques, c'roas,
Raiadas parasytas, que debruçam
Em cheirosas liaças brandos feixes
De multimodas flores, onde ha pouco
O melifluo jaty zumbindo, em osculos,
Na tromba odora recolhia o polen.

Outros, curvados pelo proprio peso,
De encarnadas escamas se revestem,
De verdes lanças, de estrigadas farpas,
De roseos cachos em pedunc'los aureos,
Como em festiva noite mastro florido.
Outros se bolsam de escarlate agárico,
E nas civadas, bolorentas fendas,
A' vista off'recem enfiados cardos.
Largas vergonteas, como roca enorme,
De sumaré palmato se nodulam,
Onde a natura na cerdosa borla
Tenaz visgo injectou que a industria explora.
Em fortes crivos de cruzadas norças,
De estriadas butuas, camarões elasticos,
De aerea e arrendada cresciuma,
Semi-suspensos ao volver do zephyro
Pujantes troncos se embalançam, gemem,
Como harpas eolias gigantescas.

Alli mais não virá chirlando em nuvens
A fugaz maritaca, nem no outono
O grisalho macuco, enamorado,
Incauto a morte achar no tredo canto,
Que o sagaz caçador pipita occulto.
Do tronco annoso no barbado cimo
Não virá perforar concavo leito
A cornea goiva das loquazes aves;
Nem os casulos de mimosa paina,
De finos musgos tecerá nos ramos
Sussurrante colibrio furta-cores.
Da fulva rola o compassado gemito,
Do sahico gentil, do gaturamo
Os brilhantes gorgeios, que nas calmas
Alegravam do bosque a soledade,
Da cyclopea araponga o ferreo canto,
Da altiva capoeira a maga flauta
Não mais echoarão ricos trinados.
E a maviosa, compassiva endeixa,
Do terno sabiá n'esse remanso
Não mais cadenciará de tronco a tronco
Cerulea borboleta em valsa aerea.

No antro escuro de cavada rocha
Açodada em pavor arqueja e ronca
Medonha jararaca, e despe astuta
O escamigero estojo que a reveste,
P'ra mais leve fugir a tanto estrago.
O esvelto veado em salto alipede
Galga nova espessura espavorido.
Grunhindo em longas varas serpenteam
Ferozes caitutús por matagaes,
Onde o ferreo mangil tenha poupado
No ar, na terra, o succulento cibo.

Alli eterno ipê, onde mil vezes
O dorso colossal de anta membruda
Em furia abalroando, perseguida,
Nem de leve abalára a copa augusta,
No baque horrivel que arqueára angicos,
Sobre o ar descreveo centos de estragos!
De brancas imbaybas, derrocando-as,
Para o ceo a raiz torceo n'hum sopro;
E a planta esguia de estrellados braços,
Que ufana retratava no perimetro
Hebraico candelabro em synagoga,
Sobre o solo se esmaga desfolhada.
Geme grudada no carmineo grelo
Tarda preguiça, de nojento aspecto.

Oh dor inexplicavel! sotopostos
Troncos a troncos, inda emmaranhados
Na espessa malha das tenazes cordas
Que como enxarcias sobre a terra a prumo
O serpentino imbê do alto brotára,
Vejo hum rubro tiê, que á flor purpurea
Disputa o brilho co'a plumagem lucida,
O desfiado ninho contemplando!
Como tonto, a seu lado, o ar retumba
Canoro Encontro, lastimando a choça
Onde incubára no amoroso termo
Prolifica esperança de seus hymnos.

Embalde mortal pugna trava ha seculos
Sicaria planta c' hum aderno altivo.
Como enorme lacraia, nas vergonteas
O sipó-matador tenaz se agarra,
Rouba-lhe o sangue, o garbo lhe anniquila,
Mirra-lhe os membros, cresta-lhe os pimpolhos,
E abraçado c' o putrido cadaver
Do lenho que o nutrio, quer ir aos ceos,
C' os astros hombrear, e sobranceiro
Saudar o sol, e recolher avaro
Os puros raios da manhã serena!...
Eis que o machado, a base lhe talhando,
O sepulta d' hum golpe, e vinga rapido
Das leis eternas o frustrado codigo.
Assim tredo valido o sceptro usurpa,
E n' hum montão de ruinas se enthronisa;
Ergue-se ao ceo no turbilhão sangrento
Que o volcão popular vomita em jorros!
Mas, quando acalma a canibal tormenta,
Precipite de chofre cahe, e encontra
Nas fauces da cratera a morte, o nada.

Como tenue renovo, humilde planta
Entre os gomos robustos que enraizam
Valente cabiuna, brota e alça
Tortuosa virgulta, que arrimada
Cresce e vigora, cochleando o tronco;
Manso e manso se entranha, e a seiba sorve,
Mingua do bojo obeso o pando amplexo,
Secca-lhe as folhas, atrophia o cerne,
E em nulla podridão converte, esbroa,
Aquella que mil vezes triumphante
Zombou dos furacões, zombou dos raios
E cujo firme pé baldára as lutas
A' broca activa das enchentes horridas.
Sobre as azas dos ventos caminhando,
Suspensa em nova victima se enrosca;
E de ruinas em ruinas rediviva

Inutil morre! Qual avaro sordido,
Que thesouros engressa em porcentagens,
Vampiro da miseria de mil homens,
N' hum catre estala entisicado á fome
Sobre os milhões que aferrolhára o vicio!

Oh zona tropical, terra de encantos!
Onde a natura baralhou grandiosa
Das estações o quadro, recompondo
Eterna primavera, eterna vida.
Se ao machado cruel a flamma activa
Succedesse somente, em breve quadra
A phenix vegetal do novo mundo,
Das proprias cinzas ressurgindo, aos ceos
Verdes titães elevaria ufana,
A cuja sombra dilatada e mansa
Valentes legiões se abrigariam!
De rubros angelins, odoros cedros,
Louras parobas, guararemas causticas,
No proprio ventre das errantes nuvens
A esponjosa guedelha iria ovante,
Antes do raio e do trovão medonhos,
Sorver o cibo nas cinzentas chuvas.

Sem o prumo e a regua architectonica
Bizantinas columnas se erguiriam,
Naves sombrias, porticos soberbos,
Sustendo a cup'la engrinaldada e mobil
D'esse portento de verdura e nardo!
Aureas grapiapunhas que no Athlantico
Mofam tranquillas do marouço inhospito;
Eburneos pequiás, jaldes canellas,
Purpureos mangalós, graunas magicas
Que illesas mil incendios atravessam;
O rouxo guarabú, alma dos plaustros,
O purpureo brasil, que no universo
Hum Imperio brotou, viçoso, e grande!

Alli do ferreo lenho, eterno esteio,
Do roseo araribá, do copahyba,
Que o amago oleoso ensoberbece,
De odoros saçafrazes, succupiras,
Do mimoso setim, aureo espelho,
De novo a sombra na cerrada grenha
Quieta guarida offertaria ás aves,
Vitaes biscatos á innocente prole,
Quando nos ares pela guela intensa
Cospe o Capro na terra os dardos igneos,
Que em fructos saborosos se transmudam.

Sublime creação, nobre proscenio
De vida, amor, de melodia, e balsamo,
De terriveis combates!.... e hoje ruinas!!!
Os teus umbrosos parques e aleas
A boscareja orchestra alegre e varia
Não mais recamará de seus gorgeios,
Nem o vate arroubado e pensativo,
A' luz esverdeada que te innunda
Entre os effluvios da baunilha odora,
Graves inspirações, sacros mysterios,
Não mais recolherá em ondas de estro.

Teus sandalos que myrrha lacrimavam,
Navetas copiosas do thuribulo
Que em seu altar thuricrema natura
Sobre o bafo da aragem matutina
Em ductos invisiveis meneava,
Os ceos, e a terra, e as ruidosas aguas
De puro incenso perfumando prodiga,
O machado cruel volveo n'hum ermo!
E entre chammas expira a nota augusta
Do hymno eterno da virente Flora!!!

FIM DO CANTO 1.º

RELATORIO DIRIGIDO AO MINISTRO DA INSTRUCÇAÕ PUBLICA PELO SR. CASTELNAU, ENCARREGADO DE HUMA COMMISSAÕ NA AMERICA MERIDIONAL.

Goyaz, 22 de Outubro de 1844.

Sr. Ministro. — Tenho a honra de noticiar a V. Ex. que ha bem poucos dias acho-me de regresso a *Goyaz*, depois de huma excursão de 800 leguas nos sertões, que separam esta cidade dos confins meridionaes do *Pará*. N'esta viagem desci o rio *Araguaya*, que por mais de 30 annos não fôra visitado por europeo algum.

Este rio foi descoberto por aventureiros, aos quaes levava o desejo de depararem com minas de ouro, e de reduzirem ao captiveiro nações indigenas: após d'elles vieram os Jesuitas, que n'essas paragens estabeleceram algumas missões; e só em 1791 he que Thomé de Sousa o desceo com fim commercial. No principio d'este seculo muitas expedições d'este genero foram emprehendidas, e o Governo Portuquez mandou estabelecer em dous pontos da sua extensão postos militares, hum no furo do *Bananal*, e outro na cachoeira de *Santa Maria*; mas, tendo apparecido hum conflicto entre os christãos, e os selvagens, estes, em 1813, atacaram aquelles estabelecimentos, que ficaram destruidos, sendo pouco depois abandonados. Hum negociante procurou, no anno seguinte, subir o rio; porem, foi acommettido tão violentamente pelos indigenas, que deo-se por muito feliz de poder logo retirar-se, depois de haver perdido a metade da gente da sua equipagem. Ha mais de 30 annos, pois, que esta bella região não era explorada por homem algum civilisado; estando esta rica porção do Imperio do Brasil convertida em apanagio de numerosas tribus selvagens, cujos nomes ainda são desconhecidos.

O Governo Brasileiro desejava com instancia obter noticias a respeito d'esta região, e o Presidente da Provincia de Goyaz exigio de mim hum relatorio sobre esta viagem, para dirigil-o a S. M. o Imperador.

Parti de Goyaz a 9 de Maio, com as pessoas de minha expedição, que vem a ser os Srs. Visconde de Osery, Dr. Weddell, e E. Deville, e acompanhado de meus domesticos e de huma escolta militar. O Sr. Presidente da Provincia deo-me cartas de recommendação para todas as autoridades.

Não entrarei em detalhes sobre a viagem que fiz da Capital de Goyaz a *Crixás*, passando pela aldêa dos *Chavantes do Carretão*. N'este lugar tomei quatro indios d'entre os que me foram designados pelo Capitão-Mór, e assim continuei minha viagem, atravessando o deserto, que separa aquelle ponto do pequeno estabelecimento de *Salinas*. O caminho que atravessa este *sertão* he horrivel, estando apenas traçado por entre alagadiços e serrados de *taquaras* (huma qualidade de junco espinhoso, de 20 a 30 pés de altura), e passando continuadamente pelo meio de elevada vegetação, que de ordinario excede á altura de hum homem a cavallo. Nenhuma habitação existe hoje entre estes dous pontos; e aquellas que ahi haviam n'outro tempo foram destruidas pelos selvagens Chavantes, cujas excursões estendem-se por toda esta região. Este sertão offerece magnificos pontos de vista: e a melancolia, que inspira sua immensa solidão, he muitas vezes interrompida pela presença de soberbas palmeiras do genero *Mauritia*, que são conhecidas no paiz com o nome de *Buritis:* a elegancia da sua folhagem he ainda augmentada pelo brilho de bellas *araras*, que de continuo estão ahi pousadas, e cuja presença he já de longe denunciada aos viajantes pelos gritos de aturdir, que ellas dão.

A 14 chegámos á aldêa de Salinas. Esta pequena povoação está situada a huma legua do rio Crixás, que he hum dos braços do Araguaya; he de muito pouca importancia, e a sua população compoem-se na mór parte dos indios Chavantes. Ha ahi hum posto militar commandado por hum sargento; e os indios *Carajahis* fazem-lhes repetidas visitas, trazendo-lhes objectos de permutação, como são arcos, frechas, araras, etc.

Fez-me grande impressão a miseria que reina n'este lugar, e bem receei de não poder ahi arranjar o meu equipamento maritimo; e ainda mais por se me haver assegurado, que não havia embarcação alguma que pudesse servir para huma semelhante viagem, e que ser-me-hia impossivel encontrar piloto e viveres de qualquer qualidade que fosse: comtudo, graças á actividade do Commandante Militar, cheguei a comprar duas grandes canoas de pescaria, e fiz que se construissem outras duas: montei huma forja, inventando-se para ella hum folle de fórma particular; e depois d'isso appareceo hum soldado, o qual, fundindo velhas bayonetas e espadas quebradas, aprompton-nos pregos, a ferramenta necessaria para as embarcações, e alem d'isso anzoes, harpões, etc. Foi-se colher ao mato resinas proprias para supprirem a falta do alcatrão; raspou-se mandioca para fazer farinha; mataram-se quatro bois, cuja carne foi secca ao sol, e ao depois salgada com o sal que se pôde encontrar nos arredores, e que, bem que cheio de terra, e de cor negra, era a mais d'isso de má qualidade. Levei commigo cinco soldados do destacamento de Salinas, e com elles foi elevado o numero das pessoas da expedição a 32, que foi dividido pelas quatro embarcações e huma canoa de caça. Cada hum individuo estava armado de fuzil: tinhamos alem d'isso o numero sufficiente de pistolas, espadas, e huma quantidade consideravel de munição de guerra.

Com quanto, pois, este formidavel armamento fosse alem do que se fazia de mister para affrontar a qualquer encontro, que acaso houvesse da parte das numerosas tribus, que habitam aquellas paragens, nada era elle contra o perigo, ainda mais respeitavel, que apresenta a navegação do Araguaya: fallo das terriveis catadupas, que embaraçam a sua navegação, e onde tanta gente tem encontrado a morte. Os indios Carajahis disseram-nos, por meio de signaes bem designativos, os temiveis perigos que iamos ahi deparar; e das recompensas que lhes promettemos nenhuma foi bastante para os empenhar a que nos acompanhassem.

A nossa partida do pequeno porto da *Coraixa* foi hum espectaculo verdadeiramente tocante: até ao lugar do embarque fomos acompanhados de todos os homens da aldêa; suas mulheres e irmãs faziam-nos suas despedidas em pranto; e o seu pesar augmentava-se com a lembrança dos riscos por que iamos passar.

No dia 10 veio o Vigario ao lugar onde estavam as embarcações; ahi celebrou Missa, deo-nos a sua benção, e partimos logo no meio de salvas de mosquetaria.

Depois de termos descido seis leguas o rio Crixás, entrámos no magestoso Araguaya, cuja magnificencia e nobreza he alem de toda a descripção: as suas aguas tão puras resvalam tranquillamente pelo meio de vastas solidões, que o

bordam de todas as partes. Na noite de 11 acampámos n'huma praia, e no seguinte dia chegámos á ponta meridional da ilha do *Bananal*, que tem 100 leguas de comprimento sobre a largura provavel de 20 a 25, e que por esta extensão póde ser considerada como a maior porção de territorio isolado no meio de hum rio, que existe sobre a superficie do globo. Para formar esta ilha o Araguaya divide-se em dous braços, aos quaes se dá o nome de *Furo da direita*, e *Furo da esquerda:* o primeiro he o mais direito; o segundo ainda não foi explorado: n'este estão as aldêas dos Carajahis. Servindo o primeiro só para as communicações commerciaes, pareceo-me que devia preferil-o ao outro: mas, antes de passar adiante, tentarei de em poucas palavras descrever a bella scena natural que apresenta a ponta do Sul, sobre a qual estivemos acampados. O lugar que occupavamos era huma extensa praia de arêa mui fina e de huma perfeita brancura; diante de nós estendia-se o gigante das aguas, tendo mais de meia legua de largura, e bifurcando-se ahi em vastos braços, cada hum dos quaes tomava direcção diversa; por detraz, as matas sombrias que cobrem a ilha limitavam inteiramente esta magnifica paizagem.

Tudo n'esta vasta perspectiva recordava a immensidade dos mares; a praia em que estavamos, as arraias, e outros peixes que pescavamos a miudo, os delphins que brincavam á flor d'agua, os guinchos agudos das gaivotas e corvos marinhos, que voavam em bandos por cima de nossas cabeças, tudo concorria a tornar mais frisante a semelhança com as costas do Oceano. Entre os peixes que os nossos pescadores apanharam n'este lugar, não devo prescindir de mencionar o gigantesco *pirarucú*, que os naturalistas conhecem sob o nome de *vastres*, e cujas dimensões são taes, que hum d'elles de tamanho ordinario dá quasi tanta porção de carne secca como hum boi.

A 13 entrámos no Furo da direita, que he bastante estreito. As suas bordas do lado da terra firme são habitadas pelos Chavantes e *Javaes*, cujos vestigios e fogos avistámos muitas vezes. Serei incessante em aconselhar aos viajantes que façam esta navegação durante a noite, e sempre encostados á margem que he deshabitada. Empregámos 13 dias a sahir do Furo; e em todo este tempo não avistámos huma só creatura humana, e todavia he impossivel de vos pintar a variedade sem numero de seres, que ahi nos offereceo o reino animal. Sobre as dilatadas praias viam-se bandos immensos da desmarcada ave conhecida com o nome de *jabirú*; mais alem distinguia-se no meio de garças reaes, e outras aves ribeirinhas, o elegante *culhereiro*, que, ostentando sua plumagem de cor de rosa, he hum dos mais bellos ornamentos d'estas maravilhosas reuniões de passaros. Brincavam nas arvores os *monos berradores*, e os formosos *saguis*, e á sombra das extensas matas lobrigava-se o nobre cervo e a formidavel *onça:* e se a terra era assim coberta de grandes e bellos animaes, as aguas não eram menos animadas, e só a natureza parecia alli respirar morte e destruição. Por toda a parte e em diversos sentidos giravam no fundo do rio peixes de fórmas esquipativas, perseguidos ora pelo monstruoso piracurú, que nem mesmo poupa aos pequenos da sua propria especie, ora pelo *gymnoto electrico (poraqué)*, que em lhe lançando seus raios o faz captivo do seu temivel inimigo: todavia, todos estes seres são ainda a presa dos numerosos *jacarés*. Porem o flagello que sem contradicção he alli o mais temivel he hum peixe de pequeno tamanho, ornado de lindas cores, e que he conhecido com o nome de *piranha:* tudo quanto cahe n'agua he instantaneamente dilacerado por myriadas d'estes peixes; e todo o animal ferido torna-se em breve sua presa.

Só na manhã de 25 he que pudemos chegar á extremidade septentrional da ilha; demorámo-nos ahi hum dia inteiro para determinar a posição geographica, assim como o tinhamos praticado na outra extremidade. A 29 chegámos á primeira cachoeira ou *entaipaba* (*), que a passámos a remo, assim como muitas outras que em seguida encontrámos. Na tarde do seguinte dia passámos por perto da cachoeira de Santa Maria, que he formada por huma longa serie de correntezas. Todo o dia 31 foi occupado no rude trabalho de passar as canoas por cima d'estas perigosas paragens: para esse fim os trabalhadores poem-se nús, mettem-se n'agua, ficando huns á proa das canoas para as dirigirem, e outros as aguentam por detraz por meio de cordas amarradas á popa, para assim moderar o impulso que recebem da rapida corrente das aguas: os que não são empregados n'estes trabalhos ficam de sentinella para defender aquelles dos assaltos dos selvagens.

(Continúa.)

Com este numero se distribue a estampa do numero 38.

(*) Dá-se este nome a huma barra transversal, ou roxa, por cima da qual passam as aguas, que ao depois se precipitam com violencia.

MEMORIA

SOBRE A CONVENIENCIA E OBJECTOS

DE

HUM CONGRESSO GERAL AMERICANO,

Lida ante a Faculdade de Leis da Universidade de Chile, para obter o gráo de Licenciado,

POR

J. B. ALBERDI.

(Continuado da pag. 313.)

Considero frivolas as nossas pretenções de fazer causa commum com os republicanos inglezes da America do Norte. Se o seu principio politico he o que deve chamar-nos á communidade, não vejo por que razão os *Suissos*, tambem republicanos e quasi tão distantes como elles, não devam igualmente fazer parte da nossa familia. Appéllo para o bom senso dos mesmos norte-americanos que por mais de huma vez tem escarnecido de seus ingenuos parentes do sul. He certo que nunca nos recusaram presentes e cumprimentos escriptos; porem não me lembro que tenham dado hum tiro em nossa defeza.

Tem-se combatido a realisação do novo congresso americano com as razões de opposição que militaram contra o de Panamá. Isto he confundir epochas, interesses e vistas mui diversas. Houve quem dissesse que não se trata nem deve tratar-se de huma reproducção litteral do congresso de *Panamá*. De que serviria actualmente huma liga militar contra a Hespanha? De que serviria a redacção de hum manifesto de motivos justificativos, que ja todo o mundo conhece e approva?

He pois inutil citar as razões allegadas por *Adams*, por *Jabala*, e pelo autor das *Meditações Colombianas*, em opposição ao congresso de Panamá, para oppor-se á reunião de hum congresso que não deve parecer-se com o de *Panamá*. Negaram essas autoridades a opportunidade de hum congresso dado, e não a dos congressos possiveis. O ministro e amigo de Bolivar, e o Presidente dos *Estados Unidos*, oppozeram-se á confederação da America como meio de defeza bellica contra a Europa; porem não *á feliz alliança d'esforços intellectuaes, a huma confederação salutar de bons officios e trabalhos uteis*..... Taes são as palavras do illustre Adams, communicadas ao ministro dos *Estados Unidos*, enviado a *Panamá*. Não podem as suas palavras ter melhor applicação de que em apoio de nossa these que exclue igualmente a federação militar da America e pronuncia-se exclusivamente pela alliança moral e pela união d'esforços e beneficios uteis, em proveito da prosperidade material e intellectual da America.

Tambem se tem combatido a idéa de hum congresso americano, comparando-o ao *Conselho Amphitionico*, dieta federal que dirigia os negocios da liga Amphitionica proposta aos povos gregos por hum rei de *Athenas*.

A liga Lellenica era hum meio de defeza militar; a liga americana será hum meio de prosperidade material. *A Grecia* era pequena: a *America* poderia acommodar toda a familia de Platão em huma ilha do Panamá ou no archipelago de Chiloé. *A Grecia* era accessivel ao inimigo estrangeiro: a *America* só póde ser arrebatada por conquistadores estranhos aos selvagens que primitivamente a povoaram.

Tem-se tambem lembrado para attacal-o os inconvenientes que acarretou á Europa o congresso de Reis celebrado em Vienna em 1815, por meio de plenipotenciarios; enunciou-se que os governos da America poderiam reunir-se por intermedio de seus representantes para convencionar em huma liga de apoio mutuo e de oppressão das liberdades americanas.

O aviso he digno de agradecimento, porque o negocio não he insignificante; porem se os governos abrigam na realidade a intenção de pactuar em congresso geral a oppressão da America, equivocam-se terrivelmente na eleição do meio adoptado para o ajuste de semelhante pacto. Hum congresso de republicas não he hum congresso de Reis; hum he responsavel e o outro não; hum he huma instituição democratica, o outro he hum corpo privado. Os Reis absolutos não tem a quem dar contas; os governos republicanos devem dal-as aos povos que representam. As cadeias dos povos nao se rematam á luz do dia. Os pactos feudaes que hoje offerecem certos estados da America, foram forjados á sombra de huma diplomacia clandestina e reservada; não foram concluidos á luz dos congressos representativos.

Voilá ce qui sont e tout ce qui peuvent être les congrès sous l'empire de la loi monarchique, diz hum publicista francez fallando dos congressos de *Vienna* e de *Verona*, e seus sinistros resultados. *La democratie seule, pourrait donner à de telles assemblées un caractère de justice e d'utilité générale..... Un congrès formé des deputés de nation en possession de leus souverainité, serait*

pour toutes ce qu' un sénat est pour chacune d'elles (*).

Receia-se que os deputados que concorrerem á grande assembléa não sejam espiritos sufficientemente capazes de elevar-se á altura de sua missão? (**)

Para isso servem as instrucções de que devem ir munidos, redigidas pelos primeiros ministerios da America. Sobre este ponto, seria provavel que cada hum dos lados que formam o triangulo de nosso continente, tivesse hum Estado que fizesse prevalecer o texto e o sentido de suas instrucções.

Felizmente, porem, os mais capazes de fazer isto são os que devem infundir aos povos menos receios de ambição tyrannica. No Norte seria *Venezuela*; na costa Athlantica seria o *Brasil*, e na do Pacifico seria o *Chile*; justamente os tres paizes em que florece mais risonho o regimen representativo, e quando menos se deve esperar que estes povos sejam arrastados a huma coalisão vergonhosa e traidora. E se de tal fossem capazes a mór parte dos governos da America do Sul, reunidos em congresso, ainda assim seria este acto benefico em resultados, porque poderiamos então dizer o que disse o abbade De Pradt á vista dos resultados do congresso de Carlsbad: « Este congresso he hum dos maiores acontecimentos dos nossos dias, porque fez conhecer o espirito dos governos e a tendencia que entre elles predomina. Poderia chamar-se-lhe — *o espirito dos governos de Allemanha.* Succede n'este caso com os governos o que succede com os homens, que convêm conhecer o melhor possivel. Estabelecido hum juiso sobre o individuo, podemos guiar-nos por elle para prever o que fará no futuro. Havia muito tempo que se perguntava como consideravam os diversos gabinetes o estado da Europa. *Carlsbad* encarregou-se da resposta..... A' vista do que acabam de fazer, sabe-se o que ainda farão por muito tempo, e sabe-se tambem o que se deve esperar do seu espirito, pois está declarado. Pelo menos lucrou-se isto com *Carlsbad* (*). » Desde que a America concluio a guerra da independencia com a Hespanha, ignoramos o que pensa de si mesma e de seus destinos: occupada em trabalhos e questões mesquinhas, parece ter perdido de vista o ponto commum de chegada que se propoz alcançar ao romper os entraves do antigo dominio. Os diversos Estados que a compoem dão conta annualmente de sua situação parcial; e por que razão não poderiam dal-a de vez em quando de sua posição geral? Não seria provavel que o exame dos differentes actos que compoem a nossa vida publica, feito debaixo de hum ponto de vista tão elevado, servisse de estimulo para affastar nossos governos de todos os interesses e paixões que não fossem dignos da estima americana? D'esse modo, a Europa e o mundo nos conheceriam mais a fundo, porque teriam opiniões competentes para tomar por base das suas.

Finalmente, saberiamos com certeza o que tinhamos direito a esperar de hum movimento, cujos fructos nos preconisaram tanto, e cujo accesso se nos apresenta algumas vezes tão incerto e duvidoso. Se a America official nos desenganasse, diriamos nós tambem: — ao menos lucrou-se isto com *Lima* — (suppondo que Lima fosse o assento do congresso).

12 *de novembro de* 1844.

Nota. — A Faculdade de Leis approvou unanimemente esta Memoria; e o candidato obteve poucos dias depois o gráu de Licenciado na Faculdade de Leis e Sciencias politicas da Universidade de Chile.

(*) *J. Bastide.*

(**) Temos visto dar muito peso a esta objecção. Todavia, parece-nos menos solida que todas as outras. Faz agora 34 annos que tivemos congressos compostos de homens que apesar de educados na idade das trevas, souberam dictar leis que são modelos de magnanimidade, de prudencia e de estylo; e hoje que abundam as luzes seria impossivel reunil-os? Que nos trouxe, pois, a revolução relativamente á cultura da intelligencia se sabemos agora menos de que antes? *Chile*, que até produz livros de direito internacional que se leem e reimprimem em todo o mundo; *Venezuela*, que tem historiadores e geographos notaveis; *Rio de Janeiro*, onde pullulam os homens d'Estado e de profundo saber; *Quito*, que dá lições de paz á America; *Bolivia*, que soube conceber ligas ameaçadoras do continente; *Buenos-Ayres*, que fornece escriptores a outros Estados e se reserva nullidades capazes de concluir tratados victoriosos com ministros francezes: não poderiam ter homens para reunir em hum congresso geral? Os Estados da America fazem tratados com Hespanha, com Roma, com a Inglaterra, e não poderiam fazer hum tratado geral entre si mesmos? Em que consiste sua diplomacia boa ou má? Como tem existencia exterior se não tem homens que a entendam?

(*) Congresso de Carlsbad, *Préface.*

RELATORIO DIRIGIDO AO MINISTRO DA INSTRUCÇÃO PUBLICA PELO SR. CASTELNAU, ENCARREGADO DE HUMA COMMISSÃO NA AMERICA MERIDIONAL.

(Continuado da pag. 320.)

A 2 de Julho avistou-se, sem ser esperada, em huma volta do rio, huma canoa de indios, que parecia observarem-nos de longe. Julguei da

maior importancia o communicarmo-nos com elles, tendo razões para suppor que eram espiões dos *Chambioas*; e desejando assegurar-me de quaes eram as disposições d'esta nação, fiz demorar as outras canoas, e procurei com a minha aproximar-me á dos selvagens, fazendo a estes todos os possiveis signaes de amizade: mas, nada pôde vencer sua desconfiança; e seguindo sempre perto da margem do rio, empregavam toda a diligencia para fazer com presteza vogar sua canoa, servindo-se para isso com bastante dexteridade de varas compridas, a que se dá o nome de *varejões*; e d'este modo tomaram grande dianteira á minha canoa. Vendo que os não alcançava, encarreguei ao Dr. Weddell, que commandava a mais veloz das nossas embarcações, de lhe dar caça: então hum espectaculo de grande interesse se passou a nossos olhos: de ambas as partes puzeram-se em exercicio todas as forças que foram dadas ao homem; do nosso lado, para alcançar a impulso de remo a canoa dos indigenas; e do lado d'estes, para escapar a huma morte que elles suppunham infallivel: e taes foram os esforços d'estes, que as compridas e fortes varas, manejadas por vigorosos braços, fizeram-se em pedaços. A perseguição que se lhes fazia continuou por algum tempo, até ao chegar a huma pequena cachoeira: então os indigenas, não querendo perder a vantagem que lhes davam os seus varejões, dirigiram a canoa para o lugar de menos fundo no rio: a em que ia o Dr., proseguindo na direcção que levava, lançou-se na correnteza, e conseguio assim tomar a dianteira á dos selvagens. Estes, vendo-se em nosso poder, cahiram de joelhos, pondo as mãos em cima das cabeças: procurou-se socegal-os, e desvanecel-os da idéa de terror que de nós formavam, e isto por signaes de amizade, por dadivas, que se lhes faziam: conseguido o que, nada póde explicar a expressão natural da sua alegria. Depois d'isto retiraram-se, para o fim de annunciarem aos seus a nossa proxima chegada. Este mesmo dia ia-me sendo fatal; porque, ao momento em que minha canoa passava huma correnteza muito perigosa, foi de encontro a huma rocha, e ficou entalada entre duas pedras: ao mesmo tempo vimos que huma outra das nossas canoas cahia sobre a minha, impellida pelos esforços combinados da corrente e dos remadores, e crêmos ambas perdidas; mas, por huma remada dada muito a proposito pelo piloto da segunda, as duas canoas passaram algumas polegadas rente huma da outra com a rapidez do raio; e ficámos assim livres do grande perigo, que igual ainda o não tinhamos experimentado no curso da nossa viagem. Ao anoitecer estabelecemos o nosso pouso perto do primeiro aldeamento, para que ahi chegassemos na manhã seguinte.

Ao romper do dia 3 partimos, dirigidos por hum indio que tinha ficado comnosco, e que nos levou com habilidade por cima de huma cachoeira bastante alta; e d'ahi a pouco enxergámos de repente a primeira aldêa dos Chambioas. Hum grande numero de selvagens estava reunido na margem do rio á nossa espera; e vimos que d'alli se retiravam algumas canoas conduzindo mulheres e crianças. Comtudo, a maior confiança estabeleceo-se logo entre nós: na mesma noite chegámos ao pé da segunda aldêa (*), a qual visitámos na seguinte manhã; e a noite de 5 passámos na terceira.

Todas estas aldêas são construidas debaixo do mesmo plano, com grandes cabanas feitas unicamente de folhas de palmeira, e dispostas em meio circulo em redor de huma grande casa destinada para os divertimentos publicos. O numero total dos individuos d'esta tribu póde chegar a 6,000, pouco mais ou menos: os dois sexos andam inteiramente nus, e pintam os corpos de escarlate por meio do orucú: são trabalhadores, e as suas roças estendem-se por mais de meia legua pela margem do rio; plantam n'ellas bananeiras, mandioca, batatas, canna, etc. Sabem tecer o algodão em panno e em rêde. O seu comportamento a nosso respeito foi distinctamente amigavel e pacifico. Elles fazem parte da grande nação dos Carajas. Achavam-se na terceira aldêa 4 Christãos que os indios conservavam presos; e tivemos a felicidade de conseguir a soltura d'elles: 3 pertenciam á Provincia do Pará, e por isso os enviei ao Commandante de S. João; o outro era hum soldado, que regressou commigo a Goyaz.

Com quanto tivessemos muito soffrido até alli, todavia só tinhamos superado huma minima parte dos perigos e difficuldades da nossa empreza. Elles começaram a 6 de Julho, que foi quando chegámos ás grandes cachoeiras, que se podem ajuntar em duas: a *Cachoeira-comprida*, que tem duas leguas de extensão; e a *Cachoeira-grande*, que tem tres. Em quanto as passavamos, tivemos de soffrer cruelmente a fome; porque, a sahir do Furo do Banaual, não se encontra mais peixe ou caça. Finalmente, a 14 chegámos ao forte de *S.*

(*) Nas ribeiras do Tocantins dá-se o nome de *aldêa* á povoação de indios *mansos*, ou que abandonaram as mattas; e o de *malôsa*, ao lugar em que temporariamente se arrancham familias de alguma tribu ainda não civilisada. *(Nota do Traductor.)*

João das Duas Barras, que forma a ponta austral do Pará.

Effectuámos o nosso regresso subindo o Tocantins. Tivemos então occasião de visitar a bella missão do Capuchinho Fr. Francisco, em *Boa-vista*; as aldêas dos indios *Apinagés* e *Carahos*; as Villas de *Carolina* e do *Porto-imp rial*, onde deixámos nossas embarcações, ficando entregues á disposição do Governo Brasileiro, e voltámos a Goyaz por terra, atravessando hum sertão de 150 leguas, que está effectivamente exposto ás excursões dos *Canoeiros* e Chavantes.

No curso d'esta viagem tivemos occasião de determinar a posição geographica de hum grande numero de pontos, e de fazer avultadas collecções em todos os ramos da Historia Natural. Estes objectos são destinados para as collecções publicas, e eu já os dirigi ao Consul de França no Rio de Janeiro.

Dentro de poucos dias sigo para *Cuyabá*, cidade situada no centro do continente, e d'onde procurarei passar ao *Paraguay*.

Consenti, Sr. Ministro, em receber a segurança do profundo respeito com que tenho a honra de ser de V. Ex. Attento Servidor — F. DE CASTELNAU. *(Traducção de Machado d'Oliveira.)*

(Rev. Trim. do Ins. Hist. e Geog. Bras.)

A DESTRUIÇÃO DAS FLORESTAS.

BRASILIANA EM TRES CANTOS,

Pelo Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre.

—

CANTO II.

A QUEIMADA.

Quebrou-se a mola ao mechanismo excelso
Do secreto artificio da natura!
O sol que outr'ora vida diffundia
Sobre a panda alcatifa da floresta,
Hoje resseca as monstruosas ruinas
D'esse templo sagrado onde mil flores
Nas perfumadas aras entretinham,
Como vestaes, a sacrosanta essencia.

He hora do labor, fumega a terra
Mephitico vapor, que o rosto innunda
De suor, e no peito ancias revolve;
E ao afro escravo dá vigor, esperta
Os membros que embalára em descampados
Igneo suão na Lybia abrazadora.

Como moimentos que elevára em glebas
Guerreira prole a seus valentes mortos,
Taes se afiguram os truncados toros
Que em pé deixára o cauteloso ferro;
Ou d'insulanos, barbaros pagodes,
Talhados postes, monstruosos hermes,
Que em renque affinca oriental idolatra.

He hora do labor, soa a busina;
E a leda turma, que abatera as victimas,
Preliba gosos na hecatombe immensa,
Que em breve as serras cobrirá de fumo
Como se dó vestisse a natureza!

He hora do labor, soa a busina;
No corneo isqueiro a pederneira encosta
O guapo capataz, e alçando a dextra
Move o fusil, rebentam as faiscas,
E no amago da mecha comburente
Se embebe o fogo, e bafejado augmenta.
Nas reliquias de putridos madeiros
Derrama a isca, cuidadoso sopra,
Activa a flamma que espadanas brota,
E de grossas vergonteas a robora.
Divide os fachos repartindo a gente,
E c'hum brado commanda o holocausto.

Por cem partes rebentam terreas nuvens
De brancos fios, que simulam plumas,
Como os penachos do crinito tyrso,
Que a palma extremam dos ubás farpados.
Estridente soido o espaço enchendo,
Dá signal ás descargas incessantes,
Que rolam, como em fogo de alegria
Nos faustos dias que a nação consagra.

Como hum bosque encantado e fluctuante
O fumo d'improviso se modela;
Vivas linguetas, trisulcadas, varias,
Surgem do centro como troncos igneos;
E ao som das salvas, do estampido estranho,
De novos arcabuzes, se ergue o fogo,
E o gaz intenso dos vapores calidos
O ceo tremula, e as visinhas plagas,
Qual vaga crespa ao respirar de hum zephyro.

Na boca agita o dedo e trina hum grito
O ledo escravo, que africana crença
Lhe ensinou no deserto, p'ra d'est'arte
Chamar os ventos a engrossar o incendio!

Cresce e se alarga hum nevoeiro espesso
De açafroada cor que em largas curvas
Anovellado sobe, e tinge o limbo
De cambiantes perolas; na terra
Lavra a fogueira calcinando os troncos;
E aqui e alli em ramalhetes igneos
As seccas folhas pelo ar volteam:
Por entre a turva massa que se encopa
Em negros turbilhões, se expande o fogo,
Abre-se em antros de sulphureo aspecto,



A QUEIMADA.

Retalha-se, agglomera-se, enrolando-se
Em porfiados globos: sopra o vento,
Descortina atravez da ardente fragoa,
Como Brontes, em rija vozaria,
Pelo bafo do inferno enegrecidos,
Dançando alegres com brandões medonhos,
Em tripudio satanico os escravos!

Como hum combate de travada furia,
Onde a morte vomita por cem bocas
Cerrada chuva de inflammadas bombas,
De cruzados pelouros que se esmagam,
E no choque reciproco se annullam;
E alem, nos muros de possante alcaçar
Arde e rebenta o armazem da polvora,
Toldando o ar, e estremecendo a terra,
Tal se afigura o pavoroso incendio!
Que se alarga, progressa, trovejando,
Como se hum genio do infernal abysmo
Abrisse os antros em que habita a noite,
E de horridos phantasmas povoasse
Os ceos e a terra com medonho estrondo.

Que estranha confusão, que accento horrivel
A' voz da ruina inopinada mescla
A natura, e redobra o quadro hediondo,
No conflicto entornando scena insolita!

Na escura lapa d'embrenhadas furnas,
N'esses invios covís de soltas rochas
Que rorantes cascatas desabaram,
Desperta o fumo as serpes monstruosas
Que eterna guerra ao fogo decretaram!
Em amplas roscas como raios surgem
Atras sururucús varando os bosques,
Fendem os brejos, nas campinas voam,
E á queimada arremettem furibundas!
Como montantes que manobram Cides
A cauda vibram que na terra rufa,
Como rufa o tambor em campo armado;
Arfando irosas tres medonhos roncos,
Erguem o colo fusilando furias,
E á chamma investem com damnado arrojo!
Nem as roqueiras que os bambus ribombam,
E o fremente estridor que o vento engrossa,
Nem o bafo da morte a furia abalam
D'esses monstros raivosos! Implacaveis
Humas co'a cauda batalhando, cegas,
Os braseiros espalham destemidas;
Outras se enroscam nos tostados postes,
E do alto de novo hum bote atiram;
Aqui e alli com tresloucados golpes
O ar atroa a serpentina colera;
Ora enroscando a chamuscada pelle
Na cinza ardente, que calcina as vertebras,
Jazem vencidas, e hum nó gordio enlaçam;
Ora convulsas arquejando morrem
Sobre o leito inflammado que as devora;
E no exicio medonho expiram todas
Da guela despedindo atro veneno!

Venceo das serpes o incendio a sanha;
E triumphante, impetuoso, lavra,
Lambendo os troncos co'as vorazes chammas;
Redobra o brilho co'investir da noite,
E o ceo de fogo colorindo e a terra,
N'hum pelago de sangue envolve tudo!

Entre rolos de fumo rebenta
Das taquaras o estalo medonho,
E o strid'lo longinquo, enfadonho,
Rufa salvas de fila no ar.

Colubrinas de fogo crepitam
Estridentes faiscas na terra,
E as montanhas de fumo que encerra
Em andrajos se rasgam no ar.

Como ingente canhão ribombando
As tabocas estouram mil roncos,
Que abalando do solo mil troncos
Outro incendio revolvem no ar.

Espadellas de fogo se engrossam
Atravez d'espiraes d'atro fumo,
Que seguindo das nuvens o rumo
Vão dos astros o róscio seccar!

Zune o vento, a fumaça s'espalha,
E os cepos dos troncos inflamma,
Como em aras egypcias, e a chamma
A' raiz se recurva a queimar.

Sobe o monte o incendio lavrando,
Com hum throno infernal se assemelha!
Rola toros de viva centelha
Que braseiros espalham no ar.

D'esse monte de brasas, de flammas,
Ampla tenda se alarga, se estende,
Rouba aos astros a luz e pretende
Negras trevas no ceo condensar.

Como outr'ora o Vesuvio sorvendo
A Pompei, a Resina, Hercolano,.....
Tal o incendio n'hum igneo oceano
Muda o ceo, e a terra, e o mar!

Tudo he fogo, tudo he fumo,
Tudo estronda, tudo treme,
Tudo queima, tudo freme,
Tudo he cinza, tudo he ar!!!

FIM DO CANTO 2.º

VIDA E FEITOS

DE

ALEXANDRE DE GUSMÃO,

PELO EXM. SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO.

Exemplos a futuros escriptores,
Para espertar engenhos curiosos,
Para pôrem as cousas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria.

CAMÕES, — *Os Lus.*, *Cant.* 7.°, *Est.* 82.

O brilho dos talentos sublimes não se limita ao circulo da familia do individuo, reflecte ainda sobre a patria; e ao passo que a vida do homem raras vezes chega a hum seculo, a gloria do homem devora seculos: pesava-me de que Diogo Barboza Machado, e o erudito compilador do — Parnazo Brasileiro — houvessem tratado tão succintamente da vida e feitos de Alexandre de Gusmão, e de seu irmão Bartholomeu Lourenço de Gusmão; propuz-me pois a resgatal-os do esquecimento, em que ficariam indignamente sepultados.

Alexandre de Gusmão, Cavalleiro Professo na Ordem de Christo, Fidalgo da Casa de Sua Magestade Fidelissima, Alcaide mór de Piconha, Conselheiro do Conselho Ultramarino, distincto, mais pelos dotes de espirito, com que o enriqueceo a natureza, do que por huma nobreza avoenga, nasceo na Villa, hoje cidade de Santos, na Provincia de S. Paulo, em o anno de 1695. Foi o nono filho de Francisco Lourenço, cirurgião mór do Presidio d'aquella antiquissima Villa, declarada Praça d'Armas, e de sua mulher D. Maria Alvares. Huma particularidade nos transmittio seu panegyrista; de que lhe viera o nome do venerando Jesuita Alexandre de Gusmão, o qual na pia baptismal fôra instrumento da sua regeneração, desempenhando com a doutrina a obrigação, que era de esperar de hum Varão, cujas virtudes ainda rescendem entre nós, deixando monumento do seu zelo pela educação da puericia no seminario que fundou na Villa da Cachoeira, quatorze legoas distante da Cidade da Bahia; cujo appellido, em signal de reverencia, adoptaram alguns membros d'esta familia. Aquelle foi pai de filhos prestantes, dos quaes não descuidou a educação civil e intellectual, por todos os meios honestos que lhe suggerio o amor paterno, sem desanimar á vista da estreiteza dos recursos.

Madrugou no adolescente Gusmão elevada intelligencia; ninguem o igualou no curso dos seus primeiros estudos no collegio da Companhia de Jesus em Santos; nas latinidades, mostrou-se provecto em menos tempo do usual, mais embaraçosas pelo difuso methodo então seguido; na dialectica peripatetica, isto he, na logica, na methaphysica, na ethica, na physica, segundo os principios que se suppunham ser os de Aristoteles, em voga n'aquella idade, agudissima era n'elle aquella de nós mais subtil parte, que dá vida ás filhas do engenho, e a que deram o nome de — Sal da Razão —, sal que mais refinava nas palestras academicas, a ponto de ganhar-lhe creditos de — Philosopho excellente.

De ha annos residia em Lisboa o Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, seu irmão maior; douto, e de vastissimo engenho, como ao diante mostraremos, lograva a estimação dos Grandes, e do proprio Rei. Conscio da capacidade rara, que n'aquelle joven transluzia, o convidou para sua companhia, e ahi o instruio em algumas das linguas vivas, e nas mathematicas, em que era versadissimo.

Mudanças politicas, consequencias da morte do Imperador da Allemanha José 1.°, deram face pacifica á Europa, cansada da longa guerra da successão ao throno da Hespanha, e encetaram-se negociações: entre os belligerantes foi Portugal o que mais proesas havia feito; cumpria que o Embaixador enviado para concertar a paz fosse personagem, que não desmerecesse da Corte de Luiz XIV, então o theatro da magnificencia, da gloria militar, e de modelos de sabedoria em todo genero; cahio a escolha no Conde da Ribeira Grande D. Luiz Manoel da Camara, que nas proximas campanhas acabava de grangear merecida reputação de General corajoso, sobre tudo no sitio e defeza da Praça de Campo Mayor, e para Secretario da Embaixada a Alexandre de Gusmão, que já gosava creditos de scientifico, pouco communs na sua idade.

Fez a Embaixada entrada solemne em Paris em 1715; não se compadecia com o ardor, com que Alexandre de Gusmão buscava assiduamente augmentar a somma dos seus conhecimentos litterarios, permanecer estacionario, ou excentrico no fóco das luzes; cursou essa famigerada Escola a ponto de receber n'ella o grão de Doutor em Direito Civil, e de volta d'aquella Missão encorporou-se á Universidade de Coimbra em 1719, onde, de mais das subtilezas da Ju-

risprudencia Romana, ostentou profundo e vasto, e com depurada doutrina, na Legislação Patria.

Havia-o D. João V designado em 1720 para assistir ao Congresso de Cambray com outros dois Embaixadores; prevalecendo porem objectos mais de seu peito, addio á mesma Missão Antonio Galvão, Diogo de Mendonça, e Marco Antonio de Azevedo, e a elle enviou inteiramente á Roma, por dois mezes, tempo que estimou sufficiente para coadjuvar a Bartholomeu Lourenço na sollicitação das duas Bullas — a do serviço da Patriarchal — a das quartas partes dos Bispados — impetradas, que proseguisse para Cambray; successivos negocios, que se foram associando, alongaram sua residencia alli por sete annos. Entre elles o predilecto era, por tocar á religiosidade do Rei, o titulo de — Fidelissimo —, pura lembrança do nosso Diplomata; he o esmalte do diadema portuguez, como o de — Catholico — he o do Hespanhol, e *Christianissimo* — o do Francez.

Huma serie de negociaçõos, manejadas com tanto acerto, junto á Curia Romana, assento de requintada politica, deram subida idéa da sagacidade e destreza de Gusmão: cubiçou-o o Pontifice, então reinante, para adornar o solio com esta distincta notabilidade, e propôz exaltal-o á dignidade de — Principe Romano —; porêm elle, que tinha por timbre a lealdade, submetteo o acceite ao prazmo do seu Soberano, o qual lhe foi denegado. Para que esse singular reconhecimento do merito continue a passar na posteridade sem a minima sombra de incerteza, me abonarei com o citado A. do seu elogio (Martins Araujo), impresso em Lisboa em 1734, o qual, alem de coevo, não se abalançaria logo no anno seguinte ao fallecimento, em meio da Academia da Historia Portugueza, composta das summidades escolhidas d'entre os talentos e a nobreza, a celebrar huma honraria, se não fosse incontrastavel: « Ella mesma (a inveja) lhe deo maior valor, privando-o da honra de ser exaltado a Principe Romano. Eu me vejo indeciso na grandeza da acção d'este homem illustre: eu o vejo cortar sua fortuna, e sujeitar-se ás insinuações do seu Rei; e não sei se he seu maior louvor esquecer-se inteiramente do lugar, a que o destinava o seu merecimento, attribuindo-se a gravidade, com que reprimia os impulsos da vontade, a effeito bem extraordinario (a indolencia). »

Regressando a Lisboa, foi admittido á Academia Real de Historia Portugueza, e entrou para hum lugar dos cincoenta do numero, vago por fallecimento do Conselheiro Antonio Rodrigues da Costa, conhecido pelo seu — *Epitomen Historiæ Lusitaniæ* —; como este, foi incumbido de escrever em lingua latina a Historia d'ultramar. Em sessão publica, declarando o Conde da Ericeira, Director, que se achava Alexandre de Gusmão approvado, no discurso da recepção que este recitou, assim se porta severo comsigo mesmo: « Contra a sorte commua a todos os que entram na carreira litteraria, consigo a corôa, antes de me haver signalado no certame, sem outras provas de sufficiencia que a noticia de haver em mim huma summa veneração ás letras, e hum desejo ardente de vir a merecer n'ellas hum nome. » — Pouco tempo depois deo conta dos seus estudos, que foi ouvida com applauso geral (*).

Havia El-Rei preferido a Martinho de Mendonça para hum lugar vago de Conselheiro d'Ultramar, olvidando-se das seguranças, que pouco antes lhe havia mandado dar — *de que ainda que os outros seus collegas no serviço acabavam de ser providos, não havia de ficar elle menos bem accommodado* — (consta da exposição de seus serviços que elle dirigio a D. João V): esta preterição sensibilisou tanto a Gusmão, que dirigio queixas amargas, não a estranhos, mas ao proprio monarcha, comparando os serviços de hum e d'outro candidato; só mais tarde, foi que em 1742 subio ao emprego de Conselheiro Ultramarino.

Sem a dignidade e caracter ostentivo manejou Alexandre de Gusmão os publicos negocios; tanto externos, desde 1731 os despachos para Roma, e para as outras Côrtes estrangeiras até 1740, em que foi encarregado d'esse expediente o Car-

(*) Collecção de documentos, Estatutos, e Memorias da Academia Real Portugueza. — Instituida por Decreto de 8 de Dezembro de 1720, cuja solemne abertura foi n'essa mesma data, no Paço da Casa de Bragança, designado por El-Rei para suas sessões, levando em fito escrever a Historia Ecclesiastica d'estes Reinos, e em segundo lugar, tudo quanto pertencesse á Historia d'elles, e de suas conquistas. Tomo XI e XII — 1731 e 1732.

Outro exemplo mais deo de modestia, na carta datada de 2 de Maio de 1740, em resposta á de Diogo Barboza Machado, agradecendo-lhe a lembrança de fazer menção d'elle no Catalogo dos Portuguezes eruditos: — « Alguns amigos me fazem a mercê de espalhar no publico hum conceito vantajoso dos meus estudos, porem como estes, em quanto se não dão a conhecer pelas obras, dependem de mui pia fé para se acreditarem, não devo attribuir o estabelecimento d'aquella fama, senão á benevolencia dos que me favorecem, pois que até o presente não tenho mostrado composição por onde pudesse adquiril-a; e fazendo contas com o meu talento, tenho por mui provavel que a perderia de todo, se sahisse á luz com algum volume. Supposta esta verdade, que sou obrigado a confessar, sempre conservarei viva a lembrança do lugar que Vm. me quiz dar, etc., etc. »

deal da Motta, mas que, por morte d'este, voltou para a anterior direcção; como internos, a cada passo encontramos, na collecção dos seus escriptos, cartas de gabinete, assignadas por elle, e de ordem do Rei, em forma de Avisos, sobrerondando o movimento, regulando a acção das diversas Autoridades, e das principaes corporações do Reino (*).

Durante esta illustrada administração deo Portugal signaes de vida; revindicou prerogativas, que constituem hoje os mais bellos floroes da sua Corôa: azada occasião aproveitou-se, em que se tratava de nomear Bispos para as Igrejas vagas do reino, de reviver huma pretenção, sempre illudida ha perto de cem annos, — a da apresentação dos Bispos, e a declaração de serem do Real Padroado todos os Bispados d'aquelle reino, abolindo o indecoroso estylo de se proverem *ad supplicationem*. Consentio o Rei, embebido todo nos fundamentos allegados por Manoel Rodrigues Leitão em seu *Tratado Analytico*, a ponto de julgar não ser facil de apontar outros mais solidos; porem Gusmão produzio novas e mui valentes razões em concisa Dissertação, as quaes incomparavelmente agradando, ordenou o Rei que fossem apresentadas á Curia Romana, como o *ultimatum* da negociação. Hum accidente, dizem que nascido de ignobil emulação, quasi mallogrou tanta diligencia; Manoel Pereira de Sampaio, então Ministro Portuguez em Roma, encarregado da redacção da nota para o Cardeal Datario, inverteo-a, e alterou-a essencialmente, pois que partindo das bases, que lhe haviam sido transmittidas, concluio pedindo por *graça* a declaração do Padroado, quando pelas instrucções dadas deveria insistir como de *justiça*. Apenas tal malversação chegou á noticia do Gabinete de Lisboa, foi energicamente desapprovada, e constrangido Sampaio a huma retractação formal; desenganada então a Côrte de Roma da firmeza inabalavel d'aquelle Gabinete, concordou que os Bispados se provessem *ad præsentationem*, e nas bullas se declarassem ser do Real Padroado: n'essa conformidade minutou Gusmão as cartas de apresentação, que d'ahi en diante ficaram servindo de norma e modelo (1).

A boa harmonia, que subsistia entre as duas Potencias visinhas, Portugal e Hespanha, começava a pertubar-se pela perfida usurpação da nascente povoação de Monte-Vidéo, e pelas sophisticas tergiversações, com que o Ministro Marquez de Grimaldi, com a mais escandalosa má fé, retinha o territorio, verdadeiramente da Praça da *Colonia do Sacramento*, a despeito da letra clara, e obvia intelligencia do Tratado de Utrecht, exacerbou-se com a quebra da immunidade do Embaixador Portuguez junto á Côrte de Madrid Pedro Alvares Cabral, prendendo-se os seus criados dentro do seu proprio palacio (2), violação que levou as duas nações á ponto de ruptura; em menos de tres mezes levantou Portugal hum exercito de quarenta mil homens de primeira linha, e outros tantos auxiliares (3), e o collocou na fronteira: se então muito valeram para a pacifica accommodação os bons officios, e poderosa mediação d'El-Rei da Grã-Bretanha, o arranjamento das clausulas e condições, salvo o decoro e dignidade dos dois Soberanos, foi obra da amestrada politica de Gusmão, encarregado do expediente da Secretaria d'Estado dos Negocios Estrangeiros.

(Continúa.)

O povo ama pouco os homens que são bons, e muito aquelles que poderiam ser máus, mas que o não são. Dai-me o poder de fazer mal, que eu cruzando os braços me farei adorar; e talvez se me fará hum poema em louvor.

(Say.)

AOS SRS. ASSIGNANTES.

Não estando prompta a estampa d'este numero, dal-a-hemos em hum dos proximos seguintes.

(Da Redacção.)

(*) Entre outros, he bem conhecido o Aviso datado de 20 de Janeiro de 1715, no qual de ordem de S. Magestade advertio ao Corregedor do crime da Corte e Casa Ignacio da Costa Quintella — *que as Leis nos casos crimes sempre ameaçam mais do que na realidade mandam; devendo os Ministros executores d'ellas modifical-as em tudo o que lhes for possivel, principalmente com os réos que não tiverem partes, etc., etc.* Sem approvar a doutrina, este Aviso faz honra aos sentimentos d'aquelle em cujo nome foi expedido, e de quem o dictou.

(1) Panorama n. 139, Maio de 1840.

(2) Com notavel divergencia relatou-se a maneira, e particularidades d'essa provocação pelos famulos do Ministro Portuguez, no Real sitio do Pardo; a mais imparcial e veridica parece ser a conta que a esse respeito dá D. Luiz da Cunha, Ministro de Portugal em Paris, no Despacho datado de 4 de Janeiro de 1735, para o Secretario d'Estado Diogo de Mendonça Corte-Real, e se acha na collecção das cartas de Alexandre de Gusmão.

(3) Supplemento aos Dialogos de Mariz, — Cap 16, Tom. 2, pag. 331.

VIDA E FEITOS

DE

ALEXANDRE DE GUSMÃO,

PELO EXM. SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO.

(Continuado da pag. 328.)

Hum serviço da maior transcendencia, que alçará seu nome nos Fastos do Brasil, foi o primeiro gisamento geral das nossas raias no Tratado de Limites de 13 de Janeiro de 1750. De ha muito era sentida a necessidade de huma Linha Geographica, que, prevenindo futuras querelas, extremasse os dois Dominios limitrophes, os mais extensos da America Meridional; precisavam-se para isso superar cumulos de difficuldades: eram ainda mal explorados os sertões, não bem conhecidos os rios, os montes, e todas essas balisas naturaes e indeleveis, pelas quaes convêm traçar a demarcação; nem ao menos era liquida e determinada a extensão, que do lado — Oeste — tinham as possessões Portuguezas. Haviam abortado quantos Tratados sobre limites do Brasil entabolaram na Côrte da Hespanha em diversas epochas, D. Luiz da Cunha, Pedro de Vasconcellos, Manoel de Siqueira, Antonio Guedes, José da Cunha Brochado, o Marquez d'Abrantes, e Pedro Alvares Cabral; attendeo por fim o Gabinete de Madrid às razões de mutua conveniencia, e encetou-se seriamente a negociação; em assumpto tão grave ouvio El-Rei a homens d'Estado da sua confiança, e admiravel foi a discrepancia de pareceres; opiniou D. Luiz da Cunha — que Portugal cedesse a Hespanha a Colonia do Sacramento e seu territorio; em compensação affiançasse á aquelle a posse do littoral, desde a foz do Rio da Prata para o Norte, com dez leguas de fundo: Gomes Freire d'Andrade aconselhou, que nos contentassemos com a costa do mar, do parallelo do Forte de S Miguel para o Norte (pouco mais ou menos desde Castilhos pequenos), e para o interior, na distancia arbitrada por D. Luiz da Cunha, e para mais clara demonstração ajuntou hum mappa corographico (1).

Taes pareceres, por mesquinhos, não encheram o coração grandioso de Gusmão, nem coadunavam com as doutas investigações, e noticias das arduas entradas, e posses de seus heroicos patricios; imbuido n'estes incontrastaveis direitos, bosquejou e marcou os pontos capitaes, prescreveo as instrucções, acompanhou passo a passo as discussões, desempeçou das duvidas que se suggeriram; e bem que se divulgasse que muito influiram para o bom exito da negociação o ascendente que no animo de seu esposo tinha a Rainha Catholica D. Maria Barbara, e o pendor para as vantagens do paiz do seu nascimento, no que tambem assentimos, todavia pelo que nos consta do caracter duro e fragueiro do Plenipotenciario concorrente D. José de Carvajal y Lancastre, nada seria capaz de o dobrar a complacencias, se principalmente não entrasse aqui a propria convicção.

Com a morte de D. João V, em Julho de 1750, variou o systema da Côrte; surdio hum cardume de detractores, e aquelle Tratado até alli o exaltado por Publicistas nacionaes e estrangeiros (1), e considerado o primor da politica, sacrificando todos os argumentos e direitos de mór valia, que de parte a parte se allegavam (2), ao interesse de huma paz estavel, tachavam agora de prejudicial e inexequivel; por tantos modos o desacreditaram, que conseguiram nullifical-o pelo Tratado de 12 de Fevereiro de 1761. Entre os que acerrimamente o contradictaram, foi o Brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos, recem-chegado de Governador da Praça da Colonia do Sacramento; mais militar, que politico, no parecer que sobre a utilidade d'ella offereceo a D. José I, enlevou-se antes, e vio o padrão do valor e da constancia portugueza, do que pesou o bem geral do Estado: respondeo-lhe victoriosamente Alexandre de Gusmão na bem conhecida — Impugnação — (3), datada em Lisboa aos 8 de Setembro de 1851; n'ella nada ficou a desejar; rigor e solidez de principios, vasta erudição no desenvolvimento da materia, evidencia irresistivel nas conclusões.

(1) Colhi estas individualidades na Representação, em que enumerando seus relevantes serviços, pedia elle a remuneração; he fóra de toda a duvida, que não se arrogaria acções alheias perante o proprio Rei, que d'ellas tomou immediato conhecimento, e as approvou. Acha-se impressa em parte no periodico — O Panorama —, Parte 37, Maio de 1840.

(1) Indicarei apenas o celebre Mably — Droit Public de l'Europe —, Tom. III, Cap. 16, — Edição de Londres, 1789.

(2) O preambulo d'este Tratado de 1750 he huma recopilação curiosa de todos os argumentos, em que estribavam as pretenções de ambas as noções, a renuncia formal dos seus direitos, etc. Vi hum exemplar d'este Tratado, o que he raro, impresso em Lisboa em 1750, com as peças officiaes a que se refere. — Na Bibliotheca Publica do Rio de Janeiro, e na do Instituto Historico.

(3) Modernamente imprimio-se hum extracto d'essa — Impugnação — em o n. 4 da — Revista Trimensal —, Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, — Rio de Janeiro 1840, pag. 322.

As bases d'essa ajustada convenção revelam a força de comprehensão de quem a concebeo e delineou; e foi das ricas minas dos Diarios, e Relações authenticas das viagens e emprezas dos intrepidos Paulistas, que elle extrahio a copia de cabedaes e de noticias, com que com tanta superioridade o defendeo e sustentou: alargar d'est'arte o territorio brasileiro, que mais fizera o mais zeloso e prestante? Que elle fosse a origem e alma d'esta nossa a mais brilhante transacção diplomatica não lhe contestaram contemporaneos, e pela mais incontrastavel das provas trarei o expontaneo reconhecimento da familia do Plenipotenciario, que n'ella representou, votando-lhe o brinde, com que de pratica geral costumam presentear os negociadores na ratificação dos Tratados, á qual Gusmão recusou. Comprehendia perfeitamente que de pouco valeriam esses espaços immensuraveis, se continuassem ermos e desbabitados, por isso aconselhou que para o Brasil se transferisse á custa da Fazenda Publica a sobeja povoação das Ilhas dos Açores e Madeira, até quatro mil casaes, principiando pela Fronteira do Sul (Governo de Santa Catharina e Rio Grande) por mais exposta a invasões; correram pelo seu expediente as providencias e ordens regias para verificação d'esse vantajoso plano, as quaes já enumerámos em outro lugar (1).

Por aquelles tempos o mais rispido systema de percepção do Quinto do Ouro escorchava as Capitanias mineiras, e por fatalidade não se atinavam os meios mais apropriados; d'aqui a oscillação continua em medidas e methodos de cobrança (2), e na execução, as buscas e exames vexadores, os duros sequestros, que por vezes excitaram movimentos sediciosos. Incumbido Gusmão do expediente da Secretaria d'Estado do Interior, cuidou de atalhar o mal, substituindo pela — *Capitação* —; e Gomes Freire de Andrada, que succedêra no Governo de Minas Geraes, teve insinuação de aproveitar conjunctura favoravel para a lançar; foi levada a effeito no 1.º de Julho de 1735, e persistio até 31 de Julho de 1751, em que foi abolida pelo Alvará de 3 de Dezembro de 1750, o qual restabeleceo as casas de fundição.

Distribuia-se a Capitação na proporção seguinte: cada individuo pagava quatro oitavas e tres quartos por escravo, que possuisse, fosse ou não Mineiro; o mesmo pagavam por si os forros, e o official de qualquer officio; as lojas, boticas, e córtes grandes pagavam vinte quatro oitavas; desesseis oitavas as lojas, boticas, córtes medianos, e as vendas de caixeiros captivos; e oito oitavas as lojas, boticas, córtes pequenos, e mascates; exceptuavam-se da contribuição os crioulos nascidos em Minas até idade de quatorze annos. Declarou-se no Bando da publicação do imposto, que ficava livre o gyro do ouro, no valor de 1$500 rs. a oitava (1).

Ao clarão da experiencia, e da sciencia economica, he que ao depois se discerniram os vicios e os defeitos de hum systema, que pesa todo sobre o pessoal; em que o proprio homem, sua liberdade, sua existencia se acham hypothecadas; em que as leis, que deveriam tender a proteger o pobre e o fraco, antes o opprimem, reduzindo os contribuintes á ultima extremidade; se he hum miseravel artista, que não tem para pagar a quota da capitação, fiscal exactor nem ainda perdôa os proprios instrumentos do trabalho, com os quaes grangea a subsistencia: culpa foi de quem mais de perto conhecedor dos effeitos da voragem, não sei por que fins, incessantemente a instigou.

Achava-se Alexandre de Gusmão n'aquella provecta idade, na qual cumpre confirmar e garantir virtudes publicas por virtudes privadas, e pela pequena patria, que he a familia, adherir a grande; mais do que nos talentos, interessa a sociedade na perfeição das virtudes, e sentimentos moraes; foi elle pois hum exemplar perfeito no consorcio, que pelos annos de 1743 contrahio. Descuidou transmittir-nos o nome proprio da esposa, mas em compensação conservou-nos essenciaes informações, de que era filha legitima e unica de Francisco Teixeira Chaves, de familia nobre, oriunda da Provincia de Traz-os-Montes em Portugal; donzella educada com o maior recato, e adornada de amaveis predicados; pingue era o dote, bem que envolvido em litigios, já com a Fazenda Publica, por sentença de justificação de huma vida na commenda, que tinha seu pai, do lote de 300$000 rs., huma Alcaidaria mór, e huma Mercê da India, em remuneração

(1) Acham-se citadas em os — *Annaes da Provincia de S. Pedro* —, 2.ª edição, Paris 1839, no cap. II, a pag. 50 e seg. as Provisões e Ordens concernentes a esta Colonisação — Alexandre de Gusmão a apreciou com razão, como hum dos melhores feitos da sua administração, a allegou na representação que dirigio a El-Rei, supplicando-lhe a recompensa dos seus serviços.

(2) O leitor curioso que desejar instruir-se a fundo na historia d'estas vicissitudes e mudanças, leia a excellente — *Memoria da origem, progressos, e decadencia do Quinto do Ouro na Provincia de Minas Geraes* —, Pelo Conselheiro José Antonio da Silva Maia. Impressa no Rio de Janeiro, 1827.

(1) A supracitada Memoria sobre o Quinto do Ouro, á pag. 19.

de serviços mui relevantes, que o avô materno havia feito n'aquelle Estado, onde chegou ao posto de General; já em huma demanda contra o Visconde de Asseca, condemnado por duas sentenças em mais de trezentos mil cruzados. D'esta união nasceram filhos, que a morte ceifou em flor.

Na penuria de memorias para este bosquejo, me vali pela mór parte do thesouro precioso das suas cartas, reputadas authenticas, e de huma representação ao Rei, em que expoem seus mais relevantes serviços, supplicando a remuneração (1); por isso mesmo seu retrato será mais parecido, com quanto, pondera douto Historiador (2), semelhantes memorias têem a maior veracidade e dignidade, sahindo da sua propria boca; e quaes as palavras alheias, que não fossem as suas, deixariam entrever tão claramente as qualidades da sua alma, despidas do estranho traje, com que as paramentam as conjecturas do escriptor? Da maneira, que apparecem aqui, se lê o verdadeiro espirito, que as animou; lêem-se os seus mesmos pensamentos; vê-se o nascimento, o progresso, e o complemento dos seus projectos; lê-se emfim toda a sua alma. Por outra parte, ardua empreza seria esmerilhar e investigar todos os actos politicos nas diversas côrtes, em que, ainda accidentalmeute, houvesse elle intervindo, talvez os principaes, que se trataram na Europa, n'estas eras mais modernas, fertilissimas em extraordinarios acontecimentos: indicarei hum exemplo; era Embaixador de Portugal, em França, o celebre politico D. Luiz da Cunha, e da sua alta posição prescrutou e previo, que as nações, cansadas e inanidas pela longa guerra, se lançariam nos braços do primeiro medianeiro, que lhes acenasse com a paz. Avido de exaltar o nome e a reputação de seu amo, projectou que d'esta vez fosse elle o regulador dos destinos da Europa; antevendo todavia as difficuldades que encontraria em huma côrte enviscada em preconceitos, e conhecedor da habilidade do seu intimo amigo Alexandre de Gusmão, o unico que alli o entendia, com elle se empenhou para alhanal-as; o desfecho foi qual o indica a resposta: receioso de embotar a graça e o pico, com que pinta aquella côrte, ajunto-a por copia fiel (3).

O futuro justificou a justeza d'aquellas atiladas previsões; convocou-se o Congresso para Aix-la-Chapelle; e a sofreguidão, com que se entabolaram e correram as negociações, não deo espaço para bem ponderar e adequar os interesses das Potencias contratantes: exhaustos seus recursos, não divisando na continuação da guerra mais que a accumulação de males e infortunios, contentaram-se os belligerantes com huma paz, bem que precaria, que ao menos traria pausa ás desgraças; foi propriamente huma tregoa: a guerra entre a Inglaterra e a França achava-se suspensa na Europa, continuava porem com o mesmo encarniçamento nas Indias Orientaes e Occidentaes (1); mas

(1) O leitor encontrará impressa essa interessante Representação no Periodico Litterario — O Panorama — Parte 37, Maio de 1840.

(2) O Dr. Antonio Caetano do Amaral — « Memorias para a Historia da Vida do Veneravel Arcebispo de Braga D. Fr. Caetano Brandão » — Lisboa 1818.

(3) *Carta de D. Luiz da Cunha para Alexandre de Gusmão.* — « Eu convido a El-Rei nosso Amo para figurar muito na Europa, sem ter parte nas desgraças d'ella. Os Principes belligerantes se acham cansados da guerra, e todos desejam a paz. Esta pretendo eu se faça em Lisboa, e que nosso Amo seja o arbitro d'ella; mas não posso entrar n'este empenho, sem V. S. tomar parte n'elle, porque conheço as difficuldades, que hei de encontrar em El-Rei, e nos seus Ministros d'Estado. Ajude-me V. S. a vencer este negocio, pois que só V. S. he capaz de fazel-o persuadir. Espero dever a V. S. este favor, segurando-lhe que responderei pela condescendencia dos contrahentes, e tambem pelas inquietações e prejuisos, que El-Rei possa receiar ou sentir. Sirva-se V. S. dar-me resposta, e occasiões de servir a V. S., como desejo, e Portugal ha de mister. Paris, 6 de Dezembro de 4746. — *D. Luiz da Cunha.* »

Resposta de Alexandre de Gusmão a D. Luiz da Cunha. — « Ainda que eu já sabia, quando recebi a carta de V. Ex., que não havia de vencer o negocio em que V. Ex. se empenhou, comtudo, por obedecer e servir a V. Ex., sempre fallei a S. Magestade, e aos Ministros actuaes do Governo.

« Primeiramente o Cardeal da Motta me respondeo, que a proposição de V. Ex. era inadmissivel, em razão de poder resultar d'ella ficar El-Rei obrigado ao cumprimento do Tratado, o que não era conveniente. Em quanto fallámos na materia, se entreteve o Secretario d'Estado, seu irmão, na mesma casa, em alporcar huns craveiros, que até isto fazem alli fóra de lugar e tempo.

« Procurei fallar a S. Rm.ª mais de tres vezes, primeiro que me ouvisse, e o achei contando a apparição de Sancho á seu Amo, que traz o Padre Causino na sua Côrte Santa, cuja historia ouviram com grande attenção o Duque de Lafões, Fernão Freire, e outros. Respondeo-me, que Deos nos tinha conservado em paz, e que V. Ex. queria metter-nos em arengas, o que era tentar a Deos.

« Finalmente fallei a El-Rei (seja pelo amor de Deos!) que estava perguntando ao Prior da Freguezia por quanto rendiam as esmolas pelas almas, e as misses que se diziam por ellas. Disse-me que a proposição de V. Ex. era muito propria das maximas francezas, com as quaes V. Ex. se tinha connaturalisado, e que não proseguisse mais.

« Se V. Ex. cahisse na materialidade (do que está muito livre) de querer instituir algumas irmandades, e me mandasse fallar n'ellas, haviamos de conseguir o empenho, e ainda merecer alguns premios.

« A pessoa de V. Ex. guarde Deos, como desejo, para defeza e credito de Portugal. Lisboa, 2 de Fevereiro de 1747. — *Alexandre de Gusmão.* »

Acha-se na collecção ms. das cartas de Alexandre de Gusmão, e no — Panorama — Dezembro 29 — 1838.

(1) Goldsmith' — The History of England — London 1809, vol. 3.º, cap. 49.

era tal o espirito do tempo, que este Tratado foi acolhido com as mais altas demonstrações de approvação, em quanto o de Utrecht, incomparavelmente mais util e igual, embora tivesse defeitos, melhor attendidas e reguladas as diversas pretenções, tinha pouco antes sido estigmatisado (1).

Alfim Portugal o perdeo no dia 31 de Dezembro de 1753, na idade de cincoenta e oito annos, dando todas as mostras de verdadeiro christão; succumbio á hum ataque violento de gotta: seus restos mortaes foram depositados no convento de Nossa Senhora dos Remedios, de Carmelitas descalços, em Lisboa (2).

Quando semelhantes homens desapparecem da terra, aos derradeiros insultos da inveja expirante succede hum longo silencio, durante o qual se prepara o juiso da posteridade: mas como formal-o exacto em tanta distancia do theatro das acções do cidadão prestante? dos archivos, em que restem aferrolhadas, se não foram sumidas por emulos inexoraveis, as memorias d'aquelle, cuja historia está ligada com os grandes successos do seu tempo? cuja politica influio poderosamente para alçar o credito nacional, em especial para a extensão, e para maior latitude do rico continente, onde elle vio pela primeira vez a luz? para o qual tinha sempre voltado o coração, e promoveo melhoramentos? Apenas em cumprimento de Estatuto Academico, no Elogio recitado na Academia Real da Historia Portugueza, poucos mezes depois do seu fallecimento (3), — *escassamente se ressalvaram os feitos* (confessa o Editor no Prologo), *que não soube occultar a modestia de Gusmão, e que por publicos se acham bem provados:* — do referido Discurso apanharei alguns traços para esboçar-lhe o retrato.

Foi Alexandre de Gusmão de mais que ordinaria estatura; a cabeça menor em proporção das mais partes do corpo (4); o semblante redondo, e venerando; olhos pequenos, mas scintillantes; côr, que degenerava para pallida; no vestir foi polido sem affectação; no aspecto huma gravidade, que não se bemquistava com as maneiras cortezes e affaveis, com que captivava os que o tratavam de perto. Expressava-se no patrio idioma com pureza e elegancia; e com facilidade e propriedade se explicou em quasi todas as linguas vivas da Europa; soube com perfeição a Latina, e teve conhecimento de algumas Orientaes: foi dotado de brilhante eloquencia, e discursando *em prompto* sobre qualquer assumpo, syllogisava como se se houvera preparado de antemão. Cultivou apaixonadamente a Physica, ficando, como attesta Escriptor coevo (1), fructo de sua profunda applicação, em tres livros, sobre as doutrinas do grande Newton; apregoavam-no sem igual no conhecimento da Historia, porque não só era erudito na universal, sagrada e profana, como na particular, repetindo as mais minuciosas especialidades; na Jurisprudencia, vimos já, como discipulo distincto de huma das mais antigas e celebres Universidades da Europa, filhou-se depois na de Coimbra com admiravel ostentação da sciencia das Leis Romanas e patrias, chegando a ser o grande luminar no Conselho Ultramarino, que influia para suas assisadas deliberações; nos ramos diversos das sciencias escolhia para lição os melhores autores, e os desfiava pela analyse; davam-se n'elle as mãos doutrina e engenho, natureza e arte, maravilhosa facilidade no imaginar, espirito e juiso para discernir; duas prendas realçavam tanto saber, com as quaes resfolgava das suas assiduas applicações, — devoção ás Musas, seus versos corriam com doce harmonia, e respiravam terna sensibilidade, — executava a musica com delicado gosto. — Não conhecia só em theoria as virtudes moraes, e as obrigações civis, refreava suas paixões, e naturaes impulsos; exalçarei entre as outras aquella, que tambem admirou o seu panegyrista — « Que direi (exclamou elle no tantas vezes citado Elogio Academico) da gran-

(1) No Congresso de Utrecht trataram-se, e foram attendidas pretenções sobre o territorio do Brasil, e por isso não deixará de excitar interesse o juiso que d'elle fórma Hallam na — *Histoire Constitutionelle d'Angleterre.* — Traduction par Guizot, vol. 5.°, Paris 1829, cap. 16.

(2) Barbosa — Bibliotheca Lusitana — Tomo IV, Appendice, letra A.

(3) O Elogio recitado por Miguel Martins de Araujo na Academia Real de Historia Portugueza.

(4) Esta qualidade diminutiva, assim como deo nos olhos do retratista, induzirá o phrenologista a confundil-a com a do idiota, avesado a confrontar a cabeça viciada e pequena d'este, com as cabeças grandes e bem conformadas dos homens de genio, a demonstrar que o exercicio e manifestação das funcções intellectuaes e moraes dependem da organisação, e que o orgão material, executor d'estas funcções, he o cerebro; conclue, que o desenvolvimento da intelligencia está em relação com o bom desenvolvimento do cerebro: todavia he tambem d'esta sciencia, que não he a grande massa de cerebro a unica condição de huma grande capacidade intellectual, indispensavel he que este orgão seja bem conformado, e que tenha hum certo gráu de força e de tonicidade necessarias para dar energia ás funcções intellectuaes. Que a cabeça mais minguada que volumosa de Gusmão tinha essas essenciaes condições, convence o vasto e profuso talento, que apparece nas suas producções litterarias.

(1) O mesmo Martins d'Araujo no — Elogio indicado, fazendo o retrato de Alexandre de Gusmão.

deza do seu coração, que não foi bastante suspender-se a graça do monarcha, a perda da fazenda devorada pelo incendio, que lhe consumio a casa, e a morte dos filhos, golpes todos penetrantes, que qualquer d'elles, soffrido com resignação, dá huma nobilissima idéa de superior espirito, para fazer o minimo abalo na sua constancia! elle os tolerou de modo, que se attribuio á indolencia. A inveja, que usou sempre de todo o ardil para deprimir o seu merecimento, não deixou de confessar, cheia de confusão, a superioridade com que supportou cada hum d'elles. »

Tantos e não vulgares dotes lhe grangearam conceito extremado d'El-Rei D. João V, que o encarregou de importantes e difficeis Missões fóra do Reino, que o chamou para o seu Gabinete, que por vezes o incumbio do expediente interino das Secretarias d'Estado, que o consultava em os negocios mais graves, e abraçou muitas vezes suas idéas e planos, tendentes ao bem commum: d'essa aura não gosou só na Côrte Portugueza; Principes estrangeiros, com quem tratou, reconheceram seu superior engenho, o acariciaram, e o cumularam de distincções, e de benevolencia.

D'elle conhecemos até agora poucos escriptos, escassa producção de tão fecundo engenho, e que não corresponde aos seus aturados estudos; sem duvida preciosos manuscriptos ineditos foram presa das chammas, que reduziram á cinza sua casa, e bibliotheca: que seria, se não atravessassem até nós memorias de algumas suas principaes acções? por isso mais facil e seguro será de por ellas avaliar o caracter do alto funccionario, do que pelo exame dos escriptos d'aquelle, que se dedicou exclusivamente ás lettras; eis as obras de que temos noticia:

1.ª — Relação da Entrada Publica, que fez em Paris aos 18 de Agosto de 1715 o Ex.mo Sr. D. Luiz da Camara, Conde da Ribeira Grande, do Conselho d'El-Rei, Mestre de Campo General, e General de Artilharia nos Exercitos de Portugal, seu Embaixador Extraordinario á Côrte de França, etc.; n'ella se acham noções curiosas, concernentes ao ceremonial d'essa Embaixada — Paris — por Pedro Emeri — 1715 — 4.°

2.ª — Aventuras de Diofanes. — Disfarçado o nome do A. no supposto de — *Dorothéa Engracia Tavareda Dalmira*—. Não se declara o anno, nem lugar da 1.ª Edição, mas a que temos á vista diz — *Novamente impressa em Lisboa na Regia Officina Typographica.* Anno de MDCCXC —. O Editor mostra-se instruido nos promenores d'esta composição. « *Escreveo* (diz elle) *Alexandre de Gusmão, Varão tão conhecido no Orbe Litterario, e immortal gloria do nome Portuguez, em seus primeiros annos, e na idade florente, a presente obra; e julgando-a fructo temporão, e mal sasonado, a não quiz publicar em seu nome: sahio á luz com hum supposto, de cujas lettras se fórma tambem o de Alexandre de Gusmão; anagramma porem imperfeito pela redundancia, para mais disfarçar o verdadeiro nome.*

3.ª — Oração com que, depois de feita a declaração pelo Conde da Ericeira, Director da Academia Real da Historia Portugueza, de achar-se elle admittido para consocio, congratulou Gusmão á mesma Academia em 13 de Março de 1732.

4.ª — A conta dos seus estudos academicos, em ssssão de 24 de Julho de 1732.

5.ª — Panegyrico á Magestade d'El-Rei D. João V, recitado no Paço a 22 de Outubro de 1739, em que cumpria os seus annos.

N. B. Estes tres ultimos Discursos acham-se impressos nos tomos XI e XII, annos de 1731 e 1732, na collecção de Documentos, Estatutos, e Memorias da Academia Real da Historia Portugueza, impressa em Lisboa, in-fol., da qual já fizemos menção.

ESCRIPTOS INEDICTOS.

1.° — Impugnação, que fez ao Parecer do Brigadeiro Antonio Pedro de Vasconcellos, que acabava de governar com merecida reputação a Praça da Colonia do Sacramento sobre o Rio da Prata. — Tendo noticia na sua chegada á Côrte, de que pelo Tratado de Limites era cedida á Castella a referida Praça, aquelle Brigadeiro representou á El-Rei D. José I quão prejudicial era a troca estipulada em o Tratado, aos interesses de Portugal, etc., appareceo datada em Lisboa a 8 de Setembro de 1751.

Recentemente imprimio-se hum Extracto na — Revista Trimensal de Historia e Geographia — Jornal do Instituto Historico Brasileiro, n. 4, Janeiro de 1840, á pag. 322.

2.° — Discurso, em que Alexandre de Gusmão, Secretario do Conselho Ultramarino, e n'elle com voto de Conselheiro, mostrou os interesses, que resultavam a S. M. Fidelissima, e a seus vassallos, da execução do Tratado de Limites, ajustado com S. M. Catholica, e ratificado a 15 de Janeiro de 1750.

Não pôde conter-se, que ao rematar este Discurso, não rompesse n'estes emphaticos votos: — « Deos queira, que o deferir-se a execução do Tratade de Limites, não seja causa de que a Côrte de Madrid, informando-se com o tempo do muito que a nosso favor se acha feita a permutação

admitta idéas menos conciliosas, das que nos tem mostrado; e que valendo-se de outros recursos, reclame o ajustado, deixando-nos, depois de huma tão laboriosa negociação, sem huma, nem outra cousa! » — O tempo não fez mais que realisar estes receios, substituindo-o pelo leonino Tratado de 1777.

3.° — Reflexões sobre as palavras da Consulta, relativas aos limites intrinsecos do Bispado do Rio de Janeiro, e conseguintemente dos de S. Paulo, e de Marianna, e tambem das Prelazias de Goyaz e de Cuyabá, que á instancias d'El-Rei D. João V. se desmembraram do Bispado do Rio de Janeiro. — Por Alexandre de Gusmão, Conselheiro Ultramarino.

4.° — Collecção de Cartas, tanto expedidas do Gabinete do Rei em fórma de Avisos para diversas Authoridades e Corporações do Reino, como dirigidas familiarmente a algumas pessoas.

5.° — Representação, que a El-Rei D. João V. fez Alexandre de Gusmão, expondo seus mais relevantes serviços feitos á Corôa Portugueza, e supplicando a remuneração d'elles.

N. B. Appareceo recentemente impressa no — Panorama — Parte 37 — Maio de 1840.

Rio de Janeiro.

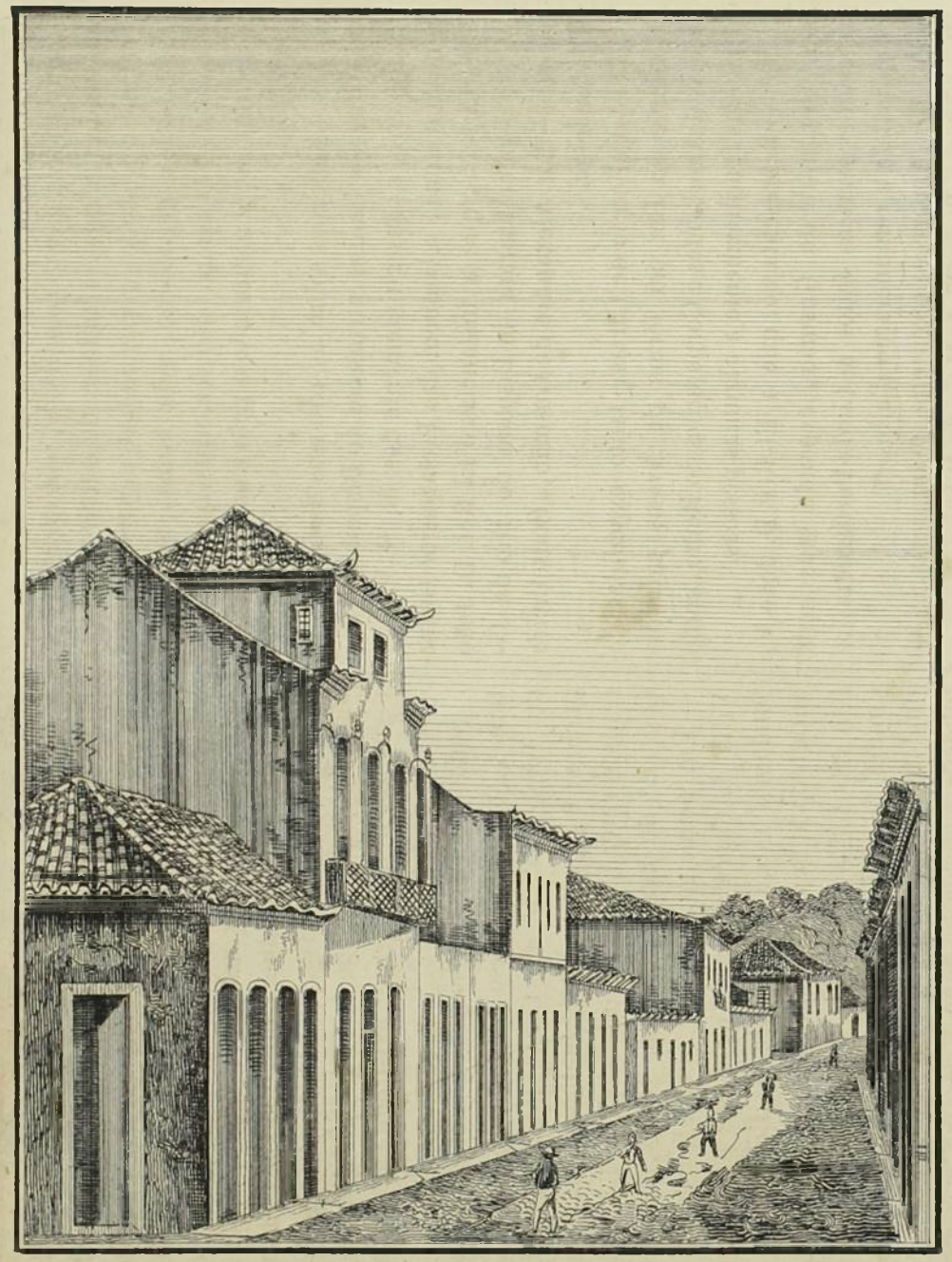
ANGRA DOS REIS.

(Noticia historica de sua fundação, extrahida das Memorias de Pizarro.)

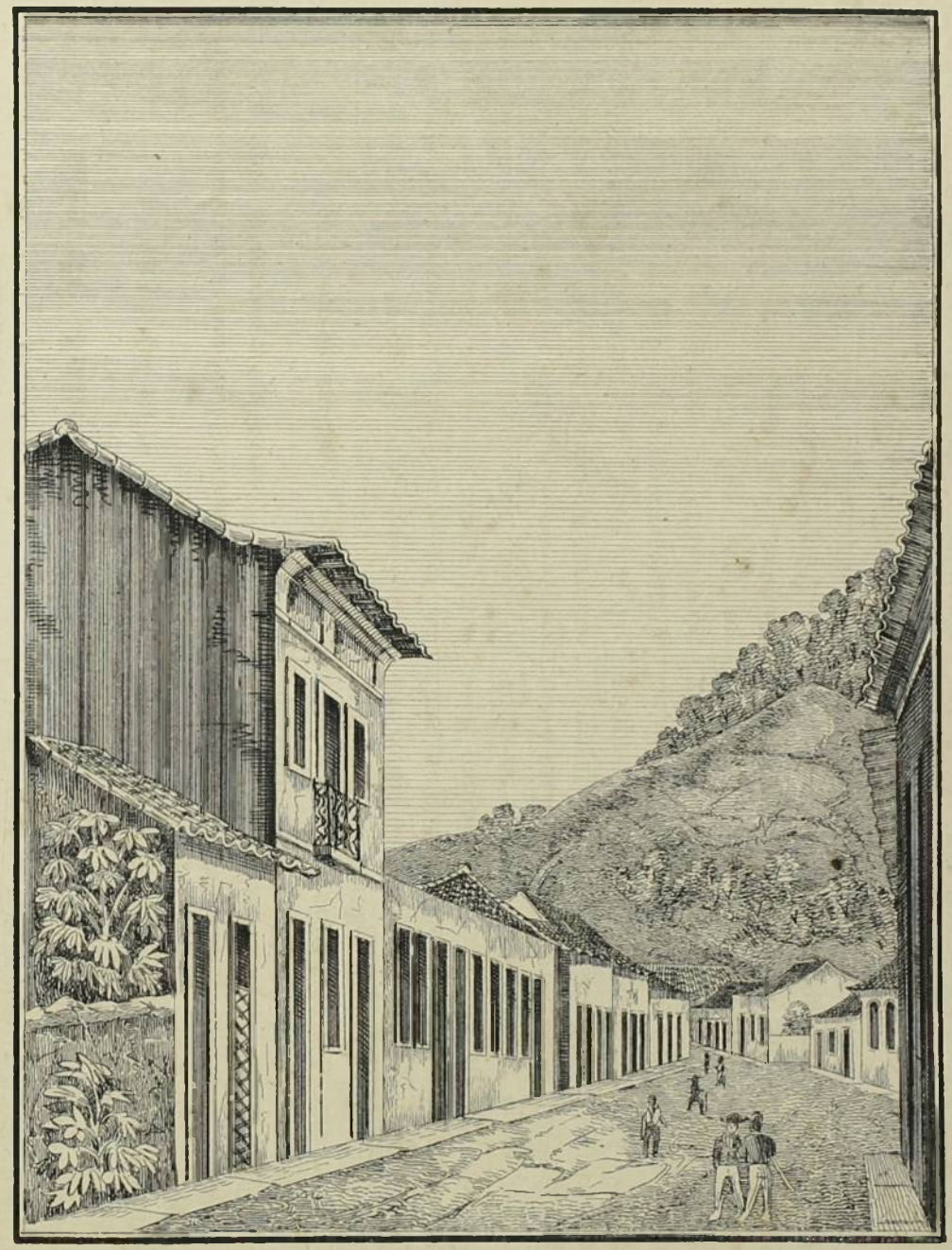
(Continuado da pag. 269.)

Pelo que respeita á epocha da creação da Villa, assignalada por Christianes, não hesito, por ser provavel que a affirmasse á vista de algum documento, do mesmo modo que eu descobri no Liv. de Acordãos da Camara da Villa, a fl. 83, verso, a resposta de huma carta de diligencia apresentada pelo Vereador da Camara de Paraty, e datada em 19 de Janeiro de 1661, por onde constava estar a Camara da Ilha em posse do territorio de Paraty, mais de cincoenta annos antes, como referirei quando tratar da Freguezia de N. Senhora dos Remedios. Mas a circunstancia de ser a Villa fundada por Antonio de Oliveira Gago não se ajusta com a certeza de existencia do mesmo Capitão Mór, pelas vezes que occupou esse cargo, á vista das Memorias para a Historia da Capitania de S. Vicente: pag. 56, § 90, pag. 98, sob o § 143, onde referio o seu autor que D. Anna Pimentel, mulher e procuradora de Martim Affonso, em 16 de Outubro de 1538 nomeára a Antonio de Oliveira para succeder no posto de Capitão Mór a Gonçalo Monteiro; e que o mesmo Martim Affonso segunda vez nomeou-o Capitão Mór Loco-Tenente, passando-lhe a Provisão em Lisboa, aos 28 de Janeiro de 1549. Por tanto, não podia Antonio de Oliveira Gago levantar a Villa como Capitão Mór de S. Vicente, existindo em tempo mui anterior ao facto.

Sendo porisso inveridica a noticia de Christianes, tem todo o peso a que perpetuou o Autor do Tombo citado do Convento dos Padres Capuchos: e para que conste melhor a sua narração, transcreverei fielmente os numeros 1.° e 2.° do Cap. 1.° do mesmo Tombo. Diz o numero 1.°: — Em primeiro lugar se deve advertir que esta Villa da Conceição, e Angra dos Reis, em que fundamos este Convento de S. Bernardino, por antignidade he huma das mais nobres Villas, que tem esta Costa, e todo o Senhorio dos Senhores Condes de Vimieiro, e Ilha do Principe. Porque fundando-se outras em nossos tempos, esta foi fundada e creada no anno 1624, nos primeiros de Outubro, pouco mais ou menos, pelo Capitão Mór João de Moura Fogaça. Porque de tantos de Julho por diante já não achei acto algum Juridico, que se fizesse na Povoação Velha, nem data, nem escriptura, nem alguma outra coisa: sendo que aos 2 de Dezembro da dita era já achei em huns livros velhos da Camara datas de chãos, e escriptura de venda feita n'esta Villa. Com que he coisa certa, que meado o mez de Setembro, ou entrando já em Outubro da era de 1624, se passaram os moradores da Povoação Velha para esta Villa, e levantaram Pelourinho, o que là nunca houve. Tudo isto consta da tradicção antiga, é de muitos velhos, de quem me informei —. Diz o numero 2.°: — E porque não passe em silencio hum castigo de Nosso Senhor feito áquella terra, advertirei que a razão que me parece houve para que aquella povoação não fosse por diante, e se perdesse, foi porque, sendo feita no anno de 1613, quando foi no de 1617 mataram huns desalmados o seu Vigario injusta e aleivosamente, chamando-o a huma confissão; e he commum dizer de todos que foi por reprehendel-os de seus vicios: e foi este peccado tão execrando e abominavel diante de Deos, que, sendo os que o mataram gente rica, mui nobre e principal, já n'estes tempos se não acha n'esta terra memoria da sua descendencia, consummindo-se e derramando-se (como Rubem) por ella todos, como agua, que, se ao Patriarcha



Rua da Cadêa, em Angra dos Reis.



Rua da Conceição, em Angra dos Reis.

Abrahão, por justo, prometteo Nosso Senhor que seus descendentes seriam como estrellas do Céo, a estes malfeitores, por iniquos, permittio que se desfizessem todos em pó da terra. O que vendo alguns moradores, e tendo por certo que Deos estaria sempre brandindo lanças contra a terra que bebeo o sangue de seu Sacerdote, desmaiados de toda a esperança boa, fugiram d'ella, deixando-a deserta, e se vieram a este lugar a fundar e crear nova Villa —.

A Camara ignorante da sua origem, quartou a sua antiguidade no requerimento a El-Rei, sobre a vacancia de Parocho Collado, de que fallei a fl. 66, dizendo que ella fôra erecta trinta annos antes: por cuja conta quiz ter principio na era de 1683, setenta annos depois de fundada, conforme a noticia sobredita do Tombo.

Apesar de não ser das melhores a situação da Villa, por circulada de morros a curta varzea em que se levantou, fronteira á Ilha Grande (da qual tomou o nome a terra firme); he comtudo accommodada á vivenda, por gosar de clima temperado, ar sadio, e por abundante de agua, e mui apta para o negocio mercantil, distando alguns palmos da foz do mar, onde se acha seguro ancoradouro para vasos de transportes.

Trinta e tres braças tem de Recio a Villa, principiadas a contar da ribeira ao muro do Convento de S. Bernardino; e pouco mais de cem, desde o Convento do Carmo ao morro de S. Bento. Podera ser mais extenso o recinto da Villa, se na fundação d'esse Convento não doassem os antigos patronos dos Padres Capuchos o resto da planicie que se dilata por noventa braças de fundo, desde o Cruzeiro até a fralda do morro, e corre na testada com o comprimento de duzentas e quatorze e meia braças. Bem se persuadio a Camara que as suas pretenções a respeito da mesma planicie produzissem o effeito desejado, supplicando a El-Rei, em Conta de 17 de Maio de 1788 (registrada no Liv. de Reg. Particul. da mesma Camara, a fl. 17 v. e seg.) que obrigasse o Convento de S. Bernardino a largar o Senhorio e posse do terreno incluido nas cercas, com o pretexto obrepticio, e subrepticio, de exceder a sua extensão a que por ella lhe fôra dada para se fundar o Convento, e tambem por ser necessaria a varzea incluida na cerca, para se augmentarem as propriedades da Villa, que no curto espaço de 33 braças em parte, e de 63 n'outra parte occupadas, não se podiam dilatar, ficando por isso prejudicado o publico, entretantoque o Convento e os Religiosos não sentiam o menor incommodo na sua conservação. Pretextada a intriga sob o véo especioso de utilidade publica, trabalhava entre os Camaristas de então (e os que os tem substituido, por jurarem seguir os passos de seus antecessores), o empenho de inquietar o Convento com esbulho da propriedade e posse das terras, que legitimas doações lhe permittiram: mas conhecida a falsidade do titulo e a semrazão da supplica, ficou indeferido o requerimento; pois que o recio da Villa, apesar do seu curto espaço, podia-se povoar todo com propriedades de casas, se a Camara fosse mais diligente e cuidadosa em obrigar os donos dos chãos desoccupados dentro da mesma Villa a fundar edificios, para que tiveram a concessão dos terrenos, ou a passal-os a quem fosse mais habil, e abastado de moeda, para encher tantos vacuos no interior da povoação. Despresado pela Camara esse objecto mui attencioso da Policia, d'ahi se originava o defeito, em que se conservava a Villa, de não ser formosa, pela falta de propriedades nos espaços intermedios, os quaes podiam-se contar por devolutos, pelo motivo particularissimo de ficarem mais distantes do mar, cujas ribeiras procuram cultivar os habitantes do paiz com empenho maior, edificando ahi quintaes murados de pedra, que lhes facilitem o commodo das entradas e sahidas das canoas, e lhes disfarcem o uso ordinario de vestir-se de camisa e bombacha (como praticam geralmente, não só os menos polidos, mas os Cidadãos e pessoas mais distinctas do Continente), até que gravemente cobertos á cortezã, sahem das casas maritimas a tratar de seus negocios pela Villa. Costumados assim a viver e trajar, não se envergonham os mesmos Cidadãos, Senadores, e outros individuos semelhantes, havidos por nobres, de apparecer em suas casas com pouco decoro a qualquer pessoa distincta por qualidades ou empregos, dando a conhecer que a rusticidade de seus sentimentos se origina da nenhuma cultura com que os pais lavradores, ou barqueiros, ceram os filhos e familias. Pelo motivo referido de se achar desoccupada muita parte do terreno da Villa, não chegava a duzentas e cincoenta o numero das casas (no anno de 1800), contando as mui poucas de sobrado, e todas, quasi, fabricadas de estuque, cujo tecido he de longa duração, quando as paredes se construem com pedras miudas, e pedaços de tijolo introduzidos pelo ripado: mas hoje avultam as propriedades a quasi outro tanto, por se ter augmentado a povoação.—

Até aqui temos copiado fielmente das Memorias Historicas de Pizarro a descripção historica de Angra dos Reis em quanto villa; temos porem de

accrescentar as seguintes noticias posteriores a essas já dadas:

« Hum alvará de 27 de Junho de 1808 creou na villa da Ilha Grande hum juiz de fóra, e deo o governo militar d'ella a hum brigadeiro, com o fim de atalhar os excessos de algumas familias poderosas que se apossavam de todos os empregos, e illudiam as leis; creou-se igualmente huma cadeira de latim em virtude de huma consulta regia de 24 de Janeiro de 1814, e successivamente varias escolas de primeiras lettras para os meninos e meninas. Huma lei de 1833 dividio a provincia do Rio de Janeiro em seis comarcas, e a villa da Ilha-Grande veio a ser cabeça da de seu nome; mas a lei da reforma da constituição tendo creado huma assembléa legislativa em cada provincia, a da do Rio de Janeiro conferio á villa da Ilha-Grande o titulo de cidade, e restituio-lhe o nome de *Angra dos Reis* que antigamente tinha; assim que he ella presentemente cabeça d'huma das oito comarcas em que se acha repartida a provincia, e o assento d'huma legião de guarda nacional. A comarca d'Angra dos Reis, em virtude de huma lei provincial de 13 de Abril de 1835, foi formada dos districtos das villas de Itaguahy, de Mangaratiba, e de Paraty. A posição d'esta nova cidade, situada defronte de hum porto commodo na bahia, parece dever contribuir grandemente para sua prosperidade; desgraçadamente encontra-se grandissima difficuldade em a prover de huma estrada por terra, e a especie de promontorio, ao pé do qual está fundada, lhe não permitte de se dilatar, salvo se o governo quizesse vender em pequenos lotes os bellos sitios e estabelecimentos que occupam os religiosos. N'esse caso a cidade poderia accrescentar-se em dobro, estendendo-se pelas montanhas que pertencem ao convento. A' excepção de huma, todas as ruas d'esta cidade são estreitas, mal alinhadas e mal calçadas (1), e algumas o não são de todo em todo. Continuas viraçóes lhe purificam o ar, e as montanhas que a cercam fornecem aos moradores excellentes olhos d'agua. Os edificios mais notaveis são a igreja parochial, dedicada a N. S. da Conceição, a casa da camara, o convento dos carmelitas, e dos capuchos, e huma fonte que offerece huma soberba perspectiva na extremidade da unica rua alinhada que ha na cidade. As igrejas de N. S. da Lapa e de Santa Luzia, bem que assás elegantes depois que foram concertadas, são mui inferiores á da Conceição. Hum hospital alli foi tambem construido pelo vigario Manoel da Cunha de Carvalho, e a assembléa provincial de 1836 concedeo a este hospicio licença para adquirir até a importancia de sessenta contos em bens de raiz. O porto defronte da cidade fórma hum meio circulo, cujas extremidades são guarnecidas de reductos que lhe defendem a entrada. Faz-se n'este porto e cidade hum commercio activo com a Côrte, principalmente em café, que lhe vem por agua de diversos pontos de seu districto. A povoação, pela maior parte branca, he avaliada em mais de 3000 habitantes. O districto d'Angra dos Reis consiste actualmente na freguezia da cidade, na de Mambucaba e na de S. Francisco Xavier na Ilha Grande Elle se acha limitado ao norte pelo districto de S. João do Principe ou S. João Marcos, a éste pelo de Mangaratiba, ao oeste pelo de Paraty, e do lado do sul pelo mar que o cerca de todas as partes. Seu collegio eleitoral se compunha em 1840 de 25 eleitores. Segundo o novo modo de administração da policia imperial, o districto policial d'Angra dos Reis comprehende a freguezia da cidade, e as do Ribeirão da Ilha Grande e de Mambucaba. Os generos do paiz são alli cultivados em grande. Os cacaozeiros prosperam nas terras baixas, as matas offerecem excellentes madeiras de construcção, de marcenaria, e tinturaria, como o angelim, bicúiba, o bracohi, os canelleiros amarellos, pardos e negros, o cedro, o cuticahem, os garaúnas amarello e preto, o genipapo, ibirapitanga, ipê, jacarandá, o jatahi, louro, massaranduba, oleo, sapucaia e tatagiba. »

(1) A estampa aqui junta representa as duas principaes.

Louva-se a verdade, e censura-se a mentira: todavia algumas vezes he louvavel a mentira, e reprehensivel a verdade.

O que costuma mentir, não está longe de jurar falso.

A vingança he muitas vezes a declaração de huma injuria.

O remedio melhor de huma injuria, he o magnanimo esquecimento d'ella. Cesar, diz Cicero, de nada costumava esquecer-se, se não das injurias.

ERRATAS.

No numero antecedente, pag. 321, col. 1.ª, lin. 31, — *Jabala* — lea-se — *Zabala* —; col. 2.ª, lin. 12, — *Lellenica* — lea-se — *Hellenica* —.

VIDA E FEITOS

DE

BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO,

PELO EXM. SR. VISCONDE DE S. LEOPOLDO.

Amor á patria; paixão antiga pelo renome dos Gusmões, de Santos, os *Voadores* por excellencia; ambição de divulgar as glorias do Brasil; mal soffriam que continuassem escondidas, ou confusamente derramadas em Memorias estrangeiras as acções e inventos do varão insigne, objecto d'esta segunda secção: pobre, e ainda mais pobre do que ao descrever a secção primeira, de testemunhos authenticos, de narrações fidedignas, esmerilhei aqui e alli, e apenas cheguei a colher algumas; indignado de que não tomasse tão nobre empreza escriptor robusto, arrojei-me a ella: possa esta minha ousadia despertar quem, abraçando meu argumento, o reproduza tão claro e veridico, como geralmente convêm.

Bartholomeu Lourenço de Gusmão, Fidalgo Capellão da Casa Real Portugueza, Doutor em Direito Canonico pela Universidade de Coimbra (1), nasceo na antiquissima Villa, hoje Cidade de Santos, pelos annos de 1685, deducção feita dos autos de inventario da familia. Foi o quarto filho de Francisco Lourenço, Cirurgião Mór do Presidio d'aquella Villa, declarada Praça d'Armas, e de D. Maria Alvares: ordenado clerigo secular, adquirio creditos de eximio orador, e por isso a estimação das principaes personagens da Côrte de Lisboa: possuia com perfeição a lingua Latina, fallava correntemente a Franceza e Italiana, e traduzia a Grega e Hebraica; versado em muitos ramos dos conhecimentos litterarios, sua genial propensão era para o estudo das sciencias physicas, e mathematicas.

Com o caracter de Enviado á Côrte de Roma havia-lhe D. João V. encarregado de negociações diversas, com especialidade de sollicitar duas Bullas, a do serviço da Patriarchal, e a das quartas partes dos Bispados; progredia vagaroso entre tropeços, talvez por não haver bem comprehendido as intenções do Rei; deliberou este que fosse assistir-lhe seu irmão Alexandre de Gusmão, que por fim o substituio (1): parece que o transcendente talento de Bartholomeu, formado para brilhar em esphera apropriada, como com effeito brilhou; avesado á justeza e exacção d'essa sciencia sublime, que de demonstração em demonstração segue á corollarios certos, o que não casava com as combinações variaveis da Diplomacia; sua natural franqueza reluctava a sagaz e refinada dissimulação, necessaria muitas vezes para chegar ao desenlace de enredadas negociações, nem o bulicio dos salões se compadecia com a silenciosa reclusão, em que gerou originaes projectos: em verdade terminou a incumbencia satisfactoriamente seu successor, adestrado nos manejos da politica, como quem tinha feito seu tirocinio na Côrte luzida de Luiz XIV, em que a sciencia andava mais semeada, onde huns com outros se embatiam os espiritos, e embatidos se poliam, e a sociedade de quanto era bello engendrava delicadeza; por quanto são as grandes côrtes como laboratorios do espirito, e n'aquella adquirio o nosso ainda joven Gusmão o atticismo e amabilidade, que tanto n'ellas valem para insinuar-se.

Mas o que constitue seu titulo de gloria he a invenção dos *Aerostatos:* todo o poderio da inveja, dentro e fóra do reino, não tem sido capaz de usurpar-lhe a primazia no invento, embora tachem-o de imperfeições, como se os melhoramentos não fossem obra do tempo, e da experiencia; a fama d'esse successo atravessou clara e immune por mais de hum seculo, e os escriptores, que nol-a conservaram, duvidam só acerca dos motores que elle applicou, suppondo serem a *electricidade e o magnetismo* combinados; combinação que acaba de experimentar-se nas carruagens, para substituir o vapor: elles mesmos, sem nos referirem as memorias e documentos d'onde extractaram, reconhecem por inventor o Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, com a insignificante differença de o qualificarem — Frade — (*Friar Gusman*), e nos transmittem circunstanciada descripção da machina (2).

(1) Bibliotheca Lusitana — Por Diogo Barbosa Machado — Tom. 1.º Lisboa, in fol., pag. 463; e attesta algumas outras particularidades, por conhecimento proprio, e como A. coevo.

(1) D'esta e semelhantes occurrencias faz-se individual menção na — Representação — , que por vezes temos citado, em que Alexandre de Gusmão, expondo á El-Rei D. João V seus serviços de maior relevancia, pede a remuneração. Encontra-se impressa esta Exposição no — Panorama — Jornal Litterario, Parte 37, Maio de 1840, Lisboa, á pag. 155.

(2) Relatarei as Memorias, que consultei, e que me serviram de Pharol na composição d'este importante artigo: — Encyclopœdia Britanica — or a Dictionary of Arts, Sciences, etc., Edinburg. 1797, vol 1. , 3.ª Edição, Art. Aérostation — Concorda com ella — Encyclopœdia Edinensis — By James Millar — Edinburg. 1819,

Desde a mais remota antiguidade se contam historias, ou antes romances de pessoas que tem voado; tal a de Dedalo, que em huma machina, se diz, que elle e seu filho escaparam pelos ares á vingança de Minos, Rei de Creta, e desceram na Ilha de Sardenha: em tempos mais proximos hum Jesuita de Brecia, denominado Lana, e hum Dominico de Avinhão por nome Galiano, conceberam projectos de navegações aereas; mas Hock e Leibnitz demonstraram ser inexequivel o plano do primeiro, e o do segundo era tão absurdo, que dispensava refutação: reservada estava para Bartholomeu Lourenço a gloria de conceber, e realisar pelos annos de 1709 huma tal maravilha. Copiarei aqui dos AA. citados a descripção da machina (1): « Tinha ella a fórma de hum passaro, crivado de multiplicados tubos, pelos quaes passava o vento a encher huma especie de bojo, o que servia para eleval-o; e se faltasse o vento, entretinha-se o mesmo effeito por meio de folles, dispostos dentro do corpo da machina. A ascensão devia tambem ser promovida pela attracção electrica de peças de ambar, dispostas na parte superior, e por duas espheras, na mesma posição, incluindo magnete. »

Em presença da Côrte Portugueza, e de povo immenso de Lisboa, subio e voou essa machina, desde o torreão da Casa da India, para o outro fronteiro, no terreiro do Paço. São provas irrefragaveis d'este acontecimento — o requerimento do proprio Bartholomeu Lourenço, que ainda existe (2), no qual pede o exclusivo, como inventor; effectivamente outorgado por El-Rei o privilegio debaixo de graves penas, para ninguem poder usar da invenção sem licença d'elle; — a mercê de huma conezia, e da cadeira de Lente de prima de mathematica na Universidade de Coimbra, com o ordenado annual de 600$000 réis. Servem de argumento os versos do jocoso poeta Thomaz Pinto Brandão, que no — *Pinto Renascido* —, impresso em Lisboa em 1732, faz menção *de ter visto voar* o Padre Bartholomeu, e se verdade não fosse, os contemporaneos o desmentiriam: no proprio paiz natal a tradição constante, que voga de geração em geração, especialisando-se da *familia dos voadores*, quando se designa algum descendente d'estes Gusmões.

O mesmo genio transcendente que a inventou, pouco tempo depois a apresentou já com melhoramentos, e sem duvida teria levado á perfeição possivel, se a supersticiosa ignorancia, porque não comprehendia os meios, não os qualificasse de sobre-naturaes, *de feitiçaria*, e não atalhasse os progressos por furiosas perseguições, cujos funestos effeitos confusamente vislumbram. O silencio, que por tão longo periodo se seguio, foi o melhor elogio da superioridade do talento que inventou, e o reconhecimento de que faltava igual para rematar a obra, até que descobertas em physica foram abrindo campo para os progressos; tinha reconhecido Henrique Cavendish em 1766 o peso e outras propriedades do ar inflammavel, ou haz hydrogeneo, muito mais leve do que o ar commum, e d'elle o professor Cavallo procurou a applicação; das suas experiencias se aproveitaram os dois irmãos Estevão e José Mont-golfier, proprietarios de huma fabrica de papel em França, para, pelo emprego de hum fluido mais leve, subirem e sustentarem os balões na atmosphera; d'ahi procedeo attribuir-se-lhes a honra da invenção; mas foi Pilatre de Rozier o primeiro que se abalançou aos ares, na ascensão de 15 de Outubro de 1783, sendo em outra occasião victima, por inflammação do balão.

Não he do meu proposito traçar aqui a historia dos aerostatos, nem contestar o merito dos seus aperfeiçoadores; entre outros tem lugar distincto Blanchard, pelo *paraquedas*, ou *chapéo de sol*, e os que tentam regular o curso dos balões por meio de leques, em lugar de remos e lemes alados, etc.; aponto unicamente ao alvo de revindicar a originalidade da invenção, que de justiça se deve a hum Brasileiro, antes que de todo passe pela sorte commum á muitos descobridores: este invento espantoso, que fazendo huma revolução nas sciencias physicas, pareceo limitar-se á puro objecto de curiosidade, tornou-se manancial de incalculaveis beneficios; e assim como já influio na sorte das batalhas, influirá tambem nos progressos da civilisação, do commercio, e da politica, encurtando as distancias, e facilitando as relações entre os povos, e o mais a esperar do seu desenvolvimento em hum seculo todo industrial.

Nova scena se abrio n'aquelle reino, e n'ella

Tom. 1.°, Art. Aérostation — Encyclopœdia American — Edit. Francis Lieber — Philadelphia. 1830 — Art. Aéronautica.

Recentemente — O Panorama — Jornal Litterario e Instructivo da Sociedade propagadora dos Conhecimentos Uteis, Lisboa, Novembro 10 1838. Sobre as experiencias de huma semelhante combinação para substituir o vapor. — Veja-se idem Panorama, n. 50, Abril de 1838, pag. 119.

(1) Refiro-me ás duas primeiras Encyclopedias, citadas em a Nota antecedente.

(2) A existencia d'esse requerimento attesta — O Panorama — *Jornal Litterario e Instructivo, etc.*, n. 80, Novembro 10, 1838, pag. 357.

envidado a representar Bartholomeu Lourenço, mostrou-se igual, tanto na palestra, como no retiro: he ainda o beneficio que os soberanos podem prestar ás sciencias, o de formar utilissimos Institutos, em cujas reuniões se misturam e confundem os homens de Côrte, com os homens de lettras; aquelles que só tem huma superficie polida, e aquelles que só possuem huma erudição despida de graça e de colorido, communicando-se, se emprestam o que lhes falta; os primeiros aprenderão a raciocinar, os segundos a expressarem-se; huns instruir-se-hão, dedicando algumas horas ao seu gabinete, outros deixando-o, e sahindo para o grande mundo: foi isso que em boa estrêa emprehendeo D. João V. — Portugal, que havia precedido ou acompanhado as outras nações da Europa em descobertas e investigações scientificas; que contou em todos os ramos de conhecimentos humanos talentos raros, á ponto de não invejar á estranhos, jazia no principio do seculo passado abatido, e submerso em obscuridade; sentia-se principalmente hum vasio na Historia Ecclesiastica do Reino, por quanto, á excepção do — Agiologio Lusitano —, pelo Licenciado Jorge Cardoso, e da—Historia dos Bispos do Porto, Braga, e Lisboa—, pelo Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, — as Chronicas particulares das Ordens religiosas —, e as — de Varões assignalados —, pelo Padre João de Lucena, por Fr. Luiz de Souza, por Fr. Bernardo de Brito, e por outros, posto que inestimaveis pela variada erudição, e pela pureza da linguagem, não entravam comtudo n'aquella cathegoria; notavam-se carencia, e falhas na historia secular, parte da qual se achava incompleta, parte necessitava de ser refundida no cadinho da critica, e emfim não se haviam ainda celebrado os feitos memoraveis de alguns Reis.

Para colligir as differentes chronicas, que corriam dispersas, muitas d'ellas apenas conhecidas só dos eruditos; para dar nexo e cabeça ao corpo scientifico Portuguez, concebeo o Rei D. João V o nobre pensamento de instituir huma Academia, dedicada a escrever a historia ecclesiastica, e secular do paiz; o communicou a D. Manoel Caetano de Souza, clerigo theatino, illustre por nascimento e por lettras, e o encarregou do plano: propoz elle para modelo a — Italia Sacra — de Fernando Uguelli, e bem que em resultado a Academia não satisfizesse cabalmente ao programma, por quanto nem compoz a — Lusitania Sacra —, nem as Chronicas dos Reis de Portugal, todavia he incontestavel, que suas infatigaveis investigaões muito contribuiram para restauração dos bons estudos, e para reconhecimento de muitos factos historicos duvidosos (1).

Era a primeira sociedade liiteraria alli firmada em lei, e o Decreto da Instituição, datado de 8 de Dezembro de 1720, incumbia-lhe de *escrever a historia ecclesiastica d'aquelles reinos, e depois tudo quanto fosse concernente á historia d'elles, e das conquistas:* pelo 6.º dos seus estatutos, compunha-se de 50 socios effectivos (podendo por ordem do Rei nomearem-se supranumerarios) escolhidos d'entre os de mais abalisada reputação de doutos, sem distincção de classes: era geralmente reconhecido o merecimento de Bartholomeu Lourenço para deixar de ser contemplado em o numero dos effectivos, e na distribuição dos assumptos coube-lhe compor em linguagem vulgar — Memorias Historicas do Bispado do Porto —. Deo conta dos seus estudos n'aquelle mesmo Athenco Real na sessão publica de 19 de Setembro de 1723 (2).

Hum anno depois já elle tinha desapparecido da scena; por mais que lhe rastreei os passos, nem por sombras lobriguei as causas, e apenas deparei com este unico vestigio na collecção, por vezes citada, de Memorias da referida Academia, na Conferencia de 22 de Dezembro de 1724. — *O Dr. Bartholomeu Lourenço de Gusmão tinha-se ausentado d'esta Côrte sem permissão da Academia, e passado o tempo que marcam os Estatutos, pareceo aos censores que devia prover-se o lugar de Academico do numero, que elle occupava:* — effectivamente foi provido na Conferencia de 4 de Janeiro de 1725, succedendo-lhe Nuno da Silva Telles.

O que obrigaria a hum Varão tão sisudo e constante, e que havia até então dado provas de exacto observante das condições com que entrára para a sociedade, a arrojar-se á desairosa fuga? acaso o fundado receio de huma sorte igual á de Galileo? seria a discreta prudencia de prevenir huma grande injustiça, effeito do humor corrosivo da inveja, que com propriedade João de Barros comparou, e denominou — Cancro da honra —? de certo que me faltam dados positivos para o affirmar, mas tradição não interrompida tem vogado até hoje, de que se evadira de tremenda perseguição para paiz estranho (3).

(1) O Panorama n. 143 — Janeiro de 1840. — Jornal Litterario, etc., Lisboa.

(2) Collecção de Documentos, Estatutos, e Memorias da Academia Real Portugueza — Tom. 3.º — Lisboa 1723 — fol.

(3) Depois de incessantes indagações deparei em o—

Diogo Barboza Machado, autor contemporaneo, o retrata revestido de singular modestia, de amavel singeleza e candura d'alma, de sorte acanhado, que não parecia deposito de tantos thesouros scientificos (1); em meio de infinitas virtudes reluzia a do amor e piedade filial, requerendo e conseguindo d'El-Rei, que em recompensa dos seus serviços recahissem distincções em seu decrepito pai, honras que já não o alcançaram vivo (2).

Restam-nos da sua douta penna as obras seguintes:

1.° — Varios modos de esgotar sem gente as náos, que fazem agua. — Lisboa. — Na Officina Real Dylandesiana — 1710. — 4.° Imprimio-se a mesma na lingua Latina, com este titulo:

Variæ rationes Antlias pro navibus Automatas construendi. Impresso no mesmo lugar acima indicado, na mesma Officina, e anno: com estampas (3).

2.° — Sermões, sobre diversos assumptos, e festividades.

Tal he a condição do sabio, que, se elevado aos eminentes empregos logra a satisfação de prestar importantes serviços á sua patria, he á custa da paz e tranquillidade que gosava no retiro do gabinete, absorto noite e dia em sublimes meditações: repartido já entre as lettras, e os deveres sociaes novamente contrahidos, repousando no testemunho da propria consciencia, não lhe sobra vagar para espreitar e rastrear as insidiosas machinações dos seus invejosos, cahe por fim nos laços de ardilosas intrigas. Que estes fossem os fados dos dois insignes irmãos, he fama: d'aquelle, retalhada a carreira da vida por contrariedades e infortunios, pesares de todo genero o foram minando, até que lhe anteciparam a morte; escapado este á perseguição, vagando incognito por estranhos paizes, até agora se ignora onde pararam suas desventuras: semelhantes desgraças revertem sempre sobre a reputação dos reis, que, frios, indifferentes, abandonam e sacrificam á emulos rancorosos cidadãos benemeritos, que por suas luzes e serviços foram acceitos á patria, e corresponderam á confiança do Soberano. Conspiraram vis paixões para afundar e sumir no esquecimento estes dois, mais afamados, que ditosos Brasileiros; dado porem seja hoje a hum Santista, zeloso da fiel tradição dos fructos prodigiosos dos seus genios, e das beneficas emanações dos seus corações, vingar seus titulos a immortalidade, acatar seus manes, e render tributo patricio á sua gloria.

A' vista da descripção estreme e pura de tantos predicados, receiamos ser taxados de favorecer a pintura; com imparcialidade haveriamos estampado no verso da medalha os defeitos, pois que defeitos são a partilha do homem, se, como as excellentes qualidades, chegassem igualmente á nossa noticia os desares. Alguns censores d'aquelle tempo, que consultámos, apontam apenas em Alexandre de Gusmão tão melindrosa consciencia, que na gerencia dos negocios publicos, esquecia seus proprios amigos, mal seus interesses beliscavam sua rectidão (1). Se desacertaram elles em seus conselhos e projectos, foi antes effeito do atrasamento em que então se achavam as sciencias, tanto administrativas, como physicas; se emfim tiveram imperfeições e fraquezas, seus infortunios, seu aferro de tão longe ao paiz natal, os tornam caros e sagrados a todo Brasileiro; tambem os mythologistas acreditavam erros em suas divindades, nem por isso lhes negaram cultos: ainda assim diga o mundo quantos d'estes conta nos Fastos Litterarios —

« Ingenium cui sit, cui mens divinior, atque os
« Magna sonaturum, des nominis hujus honorem. »

Hor.

Quanto soube, e póde dizer, disse

O Visconde de S. Leopoldo.

(Mem. do Inst. Hist. e Geog. Bras.)

Novo Aronauta — Poema por José Agostinho de Macedo — Lisboa, anno de 1809, pag. 24.

— Lamenta que, entre outros, o primeiro Aereonauta Bartholomeu Lourenço de Gusmão morresse miseravel no Hospital de Sevilha, sem todavia dizer-nos as provas que tinha para tal asserção.

(1) Diogo Barbosa Machado — Bibliotheca Lusitana — Tom. 1., pag. 463.

(2) Faz d'isso menção Alexandre de Gusmão, n'aquella citada Representação ao Rei, supplicando a remuneração dos seus serviços.

(3) Mereceria ser comparado com este hum projecto identico, publicado no principio d'este seculo, tambem por hum Brasileiro, com este titulo — Descripção de huma machina para tocar á bomba a bordo dos navios, sem o trabalho de homens. — Por Hypolito José da Costa Pereira. — Lisboa, anno de 1800, — com huma estampa.

(1) D'esse nimio escrupulo nos transmittio exemplo o seu, já por vezes citado panegyrista — *Ainda vive alguem, que não foi bastante deixar de attender Alexandre de Gusmão a hum seu interesse, para que lhe suspendesse a estimação, e deixasse de sentir com vivissimas expressões a sua perda, que julgou quasi irreparavel.*

Rio de Janeiro.

ARTIGO 3.º

(Continuado da pag. 147.)

« Encerrada na Pedra Fundamental d'esse edificio ficou gravada em pergaminho a Inscripção seguinte: (1) « Reinando em Portugal o Mui Poderoso, Pio, Magnanimo, e Fidelissimo Rei D. João V, o Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Gomes Freire de Andrada, do Conselho de S. Magestade, Sargento Mór de Batalha dos seus Exercitos, Governador e Capitão General das Capitanias do Rio de Janeiro, e Minas, fez edificar este Convento debaixo da Invocação e Titulo de N. S. do Desterro, para Religiosas, que hão de professar a Regra de Santa Thereza, presidindo na Igreja de Deos o Santissimo Padre Benedicto 14.º Nosso Senhor, sendo Bispo d'esta Diocese o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Fr. Antonio do Desterro, da Ordem de S. Bento. Rio de Janeiro, 24 de Julho de 1750 — Fr. Antonio, Bispo do Rio de Janeiro — Gomes Freire de Andrada — Thesoureiro Mór Doutor José de Souza Ribeiro de Araujo — Arcediago e Vigario Geral Manoel Pereira Correa — Conego Penitenciario Francisco Fernandes Simões — Conego Ignacio de Oliveira Vargas. »

« Concluidas algumas accommodações, que pareceram sufficientes, passaram as Recolhidas de Mata-Cavallos a occupal-as, observando clausura rigorosa, como principio de Noviciado, em virtude da Provisão do Ordinario datada a 24 de Junho de 1751, á que se seguio outra semelhante com o feixo d'outro igual dia do mez de Julho immediato, por execução da qual foi-lhes dada judicialmente a Clausura, incumbindo-se á Jacinta de S. José a regencia interina da Casa Claustral. Como por descuido ou engano de quem tratou da expedição do Breve Pontificio para se fundar o Convento e se estabelecer a Profissão Religiosa, aconteceo declarar-se no Diploma que professariam a Regra de Santa Clara, cuja Regra observavam as Religiosas da Ajuda; deliberou a sobredita Regente passar á Côrte de Lisboa para tratar pessoalmente d'esse particular: e sem descobrir os seus intentos á outrem, alem do General seu Protector, partio em segredo a 14 de Novembro de 1753, munida de tal apoio. Conseguido o fim principal ou primario da digressão, que consta do Alvará de 27 de Setembro de 1755, tambem obteve aquella Agente, que El-Rei, por sua excessiva bondade, mandasse impetrar o Breve na fórma pretendida, como se expedio a 22 de Dezembro do anno dito, concedendo o ingresso Claustral a trinta e tres Religiosas. Roborada com as sobreditas graças chegou de Lisboa a procuradora no dia 17 de Abril do anno seguinte, e intentando a sua execução sem demora, jámais pôde conseguil-a, por occorrerem motivos particulares entre o R. Bispo e o General, urdidas pela mesma Regente, que a suspenderam. Talvez se demorasse a desejada Profissão, por permittir Deos (a quem tudo he patente) que em tempo mais proficuo se realisasse, verificando-se entretanto a prophecia do R. Bispo declarada na Carta de 22 de Abril de 1753 ao General, cujas palavras foram as seguintes:

« Esteja V. Excelencia certo, que o Mosteiro do Desterro ha de ser Mosteiro de Religiosas Carmelitas Reformadas, e que se ha de servir a Deos n'elle, e que Deos lh'o ha de pagar a V. Excellencia: n'isto tenho eu fé: mas se Jacinta de S. José ha de ser Freira n'elle ou não, para isto nem tenho fé, nem tenho luz: mas he grande e infinita a misericordia de Deos, e sua Divina Omnipotencia. »

« Assim aconteceo: porque, seguindo-se humas objecções após outras, no dia 1.º de Janeiro de 1763 falleceo o General Protector; e Jacintha de S. José, tendo visto na mesma Igreja do Mosteiro o cadaver do seu Heróe, finalisou a vida com o dia 2 de Outubro de 1768, na esperança de ser Freira Professa.

« Approvado o Patrimonio da Igreja, Jacra, e Casas, que eram do Seminario de S. José, pela Provisão do referido R. Bispo datada a 13 de Junho de 1750, e ratificada, por Decreto de 11 de Outubro de 1777, a licença primeira para se realisar a Profissão, ultimaram-se n'esse tempo os santos desejos, occupando o Throno de Portugal a sempre Augusta, Pia, Religiosa, e Fidelissima Rainha D. Maria 1.ª, governando a Capitania do Rio de Janeiro Luiz de Vasconcellos e Souza, estando na Cadeira Apostolica o Santissimo Padre Pio 6.º, e presidindo a Diocese Fluminense D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello-Branco, Clerigo secular. Para se proceder ao ingresso, e mais actos relativos á Profissão das novas Esposas de Christo, foram as Candidatas depositadas na Casa Claustral de N. S. da Ajuda, d'onde as acompanhou o R. Bispo processionalmente em 15 de Junho de 1780, até restituil-as á Canonica Clausura do novo Convento, e no dia se-

(1) Pizarro, tomo 7.º

guinte lançar-lhes o Habito da Ordem Carmelitana. As que contavam vinte annos de Recolhimento professaram a 23 de Janeiro do anno immediato, e as outras, depois de ratificarem os Votos do seu Instituto, professaram a 19 de Julho do mesmo anno, tomando os Véos no dia 20 seguinte. A' vigilancia da Madre Maria da Incarnação, nomeada Prelada com o titulo de Priora, que desde o fallecimento de Jacintha de S. José se mostrára mui digna de occupar esse Cargo, pela satisfação completa de seus deveres; ficou o governo d'essa Clausura assás respeitavel por si, e por contar em seu seio exemplares de sã virtude. Por motivo da reedificação da Igreja do Desterro, e fundação do Convento annexo, concedeo o mencionado R. Bispo ao General Fundador o direito e privilegios de Padroeiro, mandando, em Provisão de 15 de Julho de 1750, dar-lhe thurificações nas festividades, e actos publicos, e pôr huma Cadeira no Arco da Capella-Mór, onde destinou huma sepultura, em cuja Campa ficassem gravadas as Armas da sua Casa. Alem das prerogativas referidas, que transcenderam aos successores do Condado de Bobadela, foi tambem permittida perpetuamente a de apresentar hum dos lugares de Freiras sem dote. O local do Convento he mui agradavel, por se desfructarem d'alli as vistas do mar, desde a barra, até o interior da Enseada, e da terra, pelo centro da Cidade, e suas circunvisinhanças. O edificio, fabricado com prospecto regular, e magestoso, contêm accomodações mui sufficientes, e dentro dos seus muros hum terreno soffrivel que as proprias habitantes fazem cultivar para o seu recreio. *(Continúa.)*

MANGARATIBA.

Esta pequena villa maritima da provincia do Rio de Janeiro está situada ao poente de hum promontorio que divide em duas partes iguaes a bahia d'Angra dos Reis. Deve a sua fundação a Martim de Sá, nomeado Governador general do Rio de Janeiro em 1618, o qual no anno seguinte havendo subjugado varias tribus de Indios Tupis, na Capitania de Porto-Seguro assignou a huns por morada a praia de Marambaia, e a outros o promontorio de Mangaratiba, onde lhe fez edificar huma capella com a invocação de S. Braz. A ressaca e mais alguns outros motivos particulares obrigaram o Governador no principio do anno de 1620 a transferir aquella aldêa hum pouco mais para o fundo da enseada ou saco de Ingahiba; poz então n'ella hum capellão, e escolheo entre os Indios hum capitão mór, para governal-os debaixo das suas ordens, e foi tomar posse privativamente da capitania de S. Vicente, deixando a Francisco Fajardo em sua ausencia o governo da do Rio de Janeiro. Em 1688, achou-se esta aldêa sem padre que dissesse a Missa, e os Indios foram ouvil-a á aldêa de Itinga, dirigida pelos Jesuitas, até que em 1725 se lhes mandou hum com condição que elles o proveriam á sua custa do necessario. Em 1761 o bispo do Rio de Janeiro conferio á igreja d'esta aldêa as prerogativas de parochia, dando-lhe por padroeira N. S. da Guia. Constava então a população da aldêa de Mangaratiba de 300 Indios que não se alliavam com os das demais raças, conservavam-se sempre no mesmo numero, e nenhum progresso faziam na agricultura por serem de seu natural remissos (1). As mulheres, alem dos cuidados domesticos, tinham a seu cargo o cultivar mandioca, arroz e milho para sustento da familia, ao passo que os maridos iam á caça ou dormiam. Aggregaram-se-lhes algumas familias portuguezas, e com o exemplo dos novos hospedes começaram os Indios a applicarem-se a remar, e a falquear madeiras de construcção. A igreja de Mangaratiba he de pedra, foi começada em 1785, e acabada no fim de doze annos, vindo a succeder ás diversas que foram edificadas em differentes epochas com materiaes de pouca duração. Estradas que favorecendo a industria parecem haver sido abertas nas serras pelas mãos da natureza, ribeirões que dão facil navegação a canoas, facilitam o transporte dos generos, até a enseada de Ingahiba, onde os vem buscar as sumacas; taes são as causas que desde o fim do seculo passado contribuiram ao augmento do commercio e da população brasileira d'esta povoação. A aldêa de Mangaratiba foi creada villa por hum decreto da Assembléa Geral de 11 de Novembro de 1831, que ordenou que o seu districto se formaria com parte dos de Jaguahi, S. João do Principe e d'Angra dos Reis, e constava da freguezia da propria villa e da de Itacurucú: porem hum segundo decreto de 26 de Março do anno seguinte lhe assignalou os seguintes limites: ao norte, o ribeiro Itingucú, e do marco das terras imperiaes até o cume da serra; ao poente, a corda dos montes até o ribeiro Jacarahy, que o separa do districto de Angra dos Reis, e as aguas da longa enseada d'Ingahiba;

(1) Existe na Bibliotheca Publica d'esta cidade huma Memoria manuscripta por hum vigario da freguezia de Mangaratiba que bem desenvolve esta proposição.



Lith. Ludwig & Briggs.

Villa de Mangaratiba.

ao sul, as da bahia d'Angra dos Reis, no ponto onde jazem as ilhas de Itacuruçú e de Jaguanão, que fazem parte dos bens municipaes, as ilhas da Madeira, de Maria Martins, e outras menos consideraveis que pertencem a este districto. Cultiva-se n'elle cannas de assucar, café, milho, feijões, etc.; ha varios engenhos e fabricas de distillação d'agua-ardente, productos que são em parte consumidos no paiz.

OS JESUITAS NA AMERICA.

PARTE PRIMEIRA.

PROVINCIA DO TUCUMAN.

—

CAPITULO VIII.

Cumprimento de palavra.

A estalagem — Espuerta Llena —, vasia quasi toda a manhã, começava a encher-se de freguezes, e por tal fórma, que a senhora Rosalia del Tarso, Pablo e outros serventes, mal podiam servil-os, não só porque na verdade muitos eram, mas ainda porque sendo pela mór parte gardunhos e rameras, e outros que taes e semelhantes, seus pedidos faziam-nos tão desensofrida e atrevidamente, que boa parte do tempo gastava-se em sujas palavradas, e horriveis blasphemias, o que na verdade muito contribuia para affastar de semelhante espelunca qualquer viajante honrado que seguia a estrada; muitas e repetidas vezes das nojentas fallas passavam a vias de facto, e as paredes e soalho da — Espuerta Llena —, manchadas de vermelho e arranhadas, eram indicio, não só do copo de vinho que voára á cara de hum conviva da diurna orgia, mas tambem do sangue que pontuda faca fizera verter de amplissima ferida; em outras occasiões tambem as coisas não iam a tão feio ponto, e então hum chicote de almocreve affagava as nedias costas de alguma muchacha rebelde, ou duas furiosas matronas que se esgadanhavam, mordiam e arrepelavam, conforme he costume entre o sexo amavel, em suas iras e brigas: emfim, mais ou menos tragico, sempre havia desaguisado entre os hospedes da senhora Rosalia del Tarso, muda e impassivel testemunha de todos. Porem ha casos em que a pessoa mais indifferente se revolta contra seus mais calculados e prudentes habitos, e assim aconteceo com a dona da estalagem ao presenciar a funesta consequencia d'essa antiquissima e nunca conciliada inimisade que existe, e ha de existir sempre entre dois animaes da creação, que parece não terem estado tão juntos como deviam estar dentro da Arca de Noé; foi o caso como vou contal-o em mui poucas palavras. Tinha a senhora Rosalia del Tarso hum alentado bichano a quem queria como ás meninas de seus olhos, e que passava as manhãs estendido ao soalheiro, as tardes e noites por entre as pernas dos freguezes; aconteceo que soltando-se *Prueba*, o companheiro de José Gusano, se desmandassem por causa de hum osso, e que por fim de contas ficasse o fila com menos hum de seus pequenos e brilhantes olhos, o que soffreo mal seu dono, pagando ao victorioso gato com tão alentado couce que o virou de pernas ao ar, morto e bem morto, apesar do beneficio que a natureza concedeo aos da sua especie, que lhe não valeram sete folegos diante de tão formidavel patada: hum grito doloroso chamou a attenção dos hospedes para junto da miseravel victima, que esperneava no meio do assoalho, em quanto *Prueba* grunhia junto de José Gusano, furioso por ver em tal estado seu companheiro de emboscadas; depois a senhora Rosalia del Tarso, em vez de cahir desmaiada, como faria huma *sentimental* de nossos dias, pegou com heroico esforço pelo rabo do bichano, e fazendo-o descrever huma perfeita circunferencia á roda de si, mandou-o encontrar a crestada frontaria do Maestro de la Garduna, que, não esperando tão grande atrevimento de huma mulher, ficou hum instante immovel, petrificado; e logo, procurando com ligeiro movimento a faca presa do largo cinto de couro, de hum salto cahio sobre a imprudente estalajadeira, e a teria feito pedaços, se o resto dos freguezes lh'a não tirassem das mãos escorrendo sangue por duas feridas, huma no peito, outra em hum braço, que a força e destreza da senhora Rosalia não pudera evitar, tão repentino fôra o ataque. Todos os assistentes se misturaram na sarrabulhada, menos hum alentado moreno, que sem mover-se da cabeceira de huma mesa, presenciou toda a scena attento e calado, até o instante em que José Gusano se atirou com a faca em punho sobre a dona da estalagem:

— Oh! disse elle mal que a faca do gardunho atravessou o peito de Rosalia, foi esse braço e esse ferro quem te enterrou o marido; se te fizer o mesmo pouco se perde.

Porem, no meio da algazarra que se fazia a este tempo, ninguem ouvio as palavras de João de Urquisa; e quando pouco e pouco se foi serenando

a tempestade, o Mordomo do Bispo de Tucuman levantou-se, atravessou vagaroso os grupos que entulhavam a sala, e foi desprender o cavallo, em que se dispunha a montar, quando huma mão o reteve pela curta capa que lhe pendia de hum só hombro.

— Esperai, senhor cabalero, lhe disse Pablo desinquieto; minh'ama vos quer fallar em segredo; ide á roda da cerca, e esperai-me no Capão dos Mataras, onde vos irei tomar logo que tiver ordem de fazel-o.

João de Urquisa saltou lesto sobre o cavallo, e trigou em direitura á cidade, sem tenção, ao que parecia, de executar a ordem que lhe fôra dada; porem a huns trezentos passos da Espuerta Llena entrou no matto, e desappareceo na escuridão; algumas horas depois Pablo veio ter com elle no lugar aprasado, e com extrema cautela introduzio-o em hum quarto baixo, onde sobre huma camilha estava Rosalia del Tarso pallida e moribunda: depois de hum instante de silencio, em que o semblante do gardunho não manifestou a mais pequena alteração de medo ou compaixão, a mulher acenou-lhe com a mão para que se chegasse, e, como abrisse a boca para fallar, huma golphada de sangue embargou-lhe a voz e ella cahio de costas sobre a camilha, fazendo horriveis contorsões.

— Elle tem a mão segura; disse o gardunho em voz bastante intelligivel e carregada, sem dar-se-lhe do effeito de suas palavras.

— Bem segura! disse Rosalia fazendo hum violento esforço; e guarda-te, que talvez em pouco tu mesmo o sintas.....

Joao de Urquisa olhou com avidez para o cinturão, e depois, vendo a comprida faca que ahi se atravessava, levantou os hombros com indifferença, e esperou.

— Não recebestes hoje hum anel de huma mulher coberta com hum véo?

— He verdade.

— Como paga de hum aviamento.....

— Não; como lembrança de o executar com mais presteza: a tenção he minha.

Rosalia arregalou os olhos como quem não entendia as palavras, nem o sentido; e como o gardunho não fizesse caso de sua muda interrogação, proseguio:

— Pois o *homem* já sabe tudo; José Gusano, a quem elle esperava aqui, contou-lhe a encommenda que acabavam de fazer-lhe, e o Padre querendo ver se podia reconhecer a mulher, vio entregar-te o anel.....

— E concluio que eu tinha acceitado a encommenda?

Rosalia del Tarso acenou com a cabeça em modo affirmativo.

— E que me quereis vós a mim?

— Dizer-te que o Padre Sancho amanhã por noite sahirá da casa de campo de D. Jeronymo Luiz de Cabrera.....

— E tambem vós tendes contas com o Padre?

— Não.....

— Então, he só pelo gosto de vos encontrardes com hum conhecido no caminho do inferno amanhã, se lá chegardes?

A vingativa hespanhola não fez caso da horrivel apostrophe do gardunho; mas por huma especie de saboroso requinte de maldade disse com verdadeiro accento infernal:

— O Padre Sancho he a vida de José Gusano, he o braço que lhe derruba a forca..... que lhe abre a porta do carcere..... morra pois o miseravel na morte do Padre Sancho!.....

— He só isso o que tendes a dizer-me?

— Ouve mais, disse a furia, jorrando o sangue que lhe sahia pela boca até o tecto do quarto; ouve!..... o teu chefe recebeo ordem de quem amanhã não ha de poder dar mais nenhuma, recebeo ordem de aviar-te..... João de Urquisa! quanto queres tu por fazer a esse miseravel o que farás a quem lhe deo a ordem?!.....

O gardunho desconfiado e altivo fitou os olhos na desgraçada, e disse lá comsigo: Quem sabe se não mentes?

— Se for como acabais de dizer, em lugar de meio ferro que lhe dera por livrar-me da sua tenção damnada, e salvar a vida, dar-lhe-hei minha faca até o cabo, em agradecimento do vosso aviso..... mas se elle não vier para mim não conteis que eu lhe pague o que vos fez..... havia contas antigas entre vós ambos! e não me compete averiguar qual de vós mais deve.

João de Urquisa sahio sem voltar-se, que se o fizera, veria a desgraçada levantar-se nos joelhos como por hum poder sobre-natural, juntar as mãos levantadas para o ceo, e cahir sem vida....

No dia seguinte por noite, Urquisa foi esperar Sancho de Stalla junto do palacio de D. Jeronymo Luiz de Cabrera, e nós sabemos já que fez como se lhe havia ordenado; sendo para notar que era a primeira vez de sua vida que lhe acontecia ferir duas vezes: sempre a primeira escusára a segunda.

(Continúa.)



O V. P. JOSE D'ANCHIETA.

BIOGRAPHIA

DO

PADRE JOSE' D'ANCHIETA.

Na ilha de Tanarife, huma das que os antigos chamaram Fortunadas, e os modernos chamam Canarias, nasceo o P. José d'Anchieta no anno de 1533. Seu pai, que huns dizem ser da Biscaia, outros dos arredores de Coimbra; era descendente da illustre casa dos Anchiétas, em Guipuscoa, enlaçada com a antiquissima casa dos Loyolas. Sua mãi foi natural da Grã-Canaria, a principal das doze ilhas d'este nome. Foi educado no santo amor, e temor de Deos; e logo que soube ler e escrever, seus pais o mandaram a Coimbra aprender a Lingua Latina, Bellas Lettras, e Philosophia, em que sahio em breve consummado. Passeando (ainda não tinha 17 annos) pelas margens do Mondego, sentio no seu coração o ineffavel gemido do Espirito Santo, que lhe diz, que deveria consagrar-se por hum voto de perpetua virgindade. Correo logo á Cathedral, prostrou-se na presença da Imagem da Mãi de Deos, e fez o expressado voto da virtude da pureza, que sempre guardou: e para segurar mais a sua promessa, deo hum adeos ao mundo, entrando na Companhia de Jesus. Tres annos passou pelas experiencias e exercicios das virtudes as mais arduas n'esta Ordem, que então começava.

Havia pouco se tinha descoberto ao longo de abysmos das aguas do Oceano o novo mundo, terra immensa coberta de gentilismo, e selvagens. José, abrasado em desejos de plantar o Evangelho entre gentes tão barbaras, roga para isso ao seu Provincial; alcançando a licença, partio com outros companheiros para o Brasil em Maio de 1553, não tendo ainda vinte annos de idade: aportou na Bahia de Todos os Santos, em Julho do mesmo anno; e logo, depois que se regulou a casa da Bahia, e se poz em fórma de Collegio, partio para a Capitania de S. Vicente, hoje de S. Paulo, aonde, depois de hum horrivel naufragio, chegou em 24 de Setembro. Nos campos de Piratininga fundou o P. Manoel da Nobrega hum Collegio para a educação dos Indios: foi mandado para elle o P. José. Abrio em pequena casa, feita de barro e palha, classe de ler e Grammatica Latina para instrucção dos Indios, Mamelucos, e Brancos. Foi aqui, aonde, pela communicação que teve com os seus mesmos discipulos, aprendeo a lingua Brasilica, e com tanta perfeição, que a reduzio a preceitos, de que formou huma Arte, e Vocabulario, o melhor d'esse tempo.

Como o seu principal cuidado era a conversão das almas, vendo que os povos usavam de cantilenas profanas e lascivas, como era excellente Poeta, voltou-as em metro pio, suave, doce e engraçado, com aproveitamento geral. Na boca dos meninos, a quem ensinava, poz estas cantigas, que iam entoar a seus pais juntamente com a doutrina christã, e ao mesmo tempo lhes contavam muitas virtudes dos Padres, principalmente do seu Mestre o P. Anchiéta: desciam estes das suas aldêas, lugares do Sertão, a ver quem tanto bem lhes trazia: ouviam-o P. Anchiéta, ficavam pasmados, deixavam os antigos prejuisos e erros grosseiros, e recebiam o baptismo. Por este meio, e outros de grande fadiga, entravam cada dia na Igreja milhares de Gentios. Os fructos de tão grande seara começavam a ser perturbados pelos Tamoios, povos crueis, perfidos e ingratos do Nhiteró, a que hoje chamamos o Rio de Janeiro, distante de S. Vicente 44 leguas. Estes povos desgostosos dos Portuguezes por volubilidade, deram entrada em suas terras aos Francezes, commandados pelo celebre Villagaillon: fiados na sua protecção, inquietavam a Costa e ao Sertão, dando assaltos, e fazendo gravissimos damnos aos Portuguezes, e a todos os seus alliados.

Foi necessario rebater força com força. D. João III mandou a esta expedição Mem de Sá, homem de grande coração, zelo e prudencia, cujas façanhas e talentos publicou o nosso Anchiéta em hum livro que d'elle compoz (*). De S. Vicente conseguio Sá, por intercessão de Anchiéta, soccorro de gente, e canoas, por meio do qual Sá abateo o orgulho francez, e enfreou a crueldade Tamoiana. Como o odio custa muito a desarraigar do coração, huma vez que n'elle fez o seu assento, os Tamoios, juntando-se aos Tupis, deram de improviso sobre a villa de Piratininga. Os gritos, assobios, o bater de pés e arcos eram tão fortes, que parecia que o mundo vinha abaixo, e os montes se desmantelavam: animou Anchiéta os moradores da Villa: correram estes sem susto sobre os inimigos, levando por divisa as bandeiras da Igreja; desbarataram os contrarios; mataram, feriram, e aprisionaram milhares, sem perigar hum só dos de Piratininga. Respirou Piratininga, mas a Capitania de S. Vicente ficou exposta aos insultos dos barbaros Tamoios, que andavam em

(*) O livro tem por titulo: *De rebus gestis Mem de Sá.*

corso captivando, e matando a quantos pilhavam para se nutrirem, e cevarem da carne humana, o que entre elles era costume feroz e brutal. O P. Anchiéta, junto com o seu Provincial o P. Nobrega, conhecendo que pela força das armas cada vez se irritava mais o coração d'estes brutos, animados do Espirito do Senhor, e do bem das almas, partiram para os Tamoias a fazer pazes com elles, a destruir os seus erros, ou a morrer pela Fé. Depois de muitos trabalhos e perigos, conseguiram a paz desejada, fundaram Igrejas, arrancaram antigos e perversos costumes, plantaram a virtude, instruiram moços e velhos, e os fizeram entrar na Religião de Jesu Christo.

Dado tão bom principio, partio Nobrega para S. Vicente, ficando José no Rio de Janeiro entre os Indios Tamoias, que não consentiram que se retirassem ambos os Legados da paz, menos que soubessem da sua confirmação. No meio d'esta Babylonia corrompida, d'esta terra bravia, entre homens feras, mulheres deshonestas, e nuas, levou José huma vida de Anjo; sempre casto, sempre penitente, sempre contemplativo. Soffreo perseguições crueis, de que escapou por auxilio do Ceo, e pela intercessão da Virgem N. Senhora, a quem tomou por especial Advogada, e a quem fez voto de escrever a vida em verso, o que executou com a maior elegancia, doçura, e estylo o mais culto, como se vê no famoso Poema Latino, que n'este tempo compoz sem o soccorro de livros, nem papel em que o escrevesse, e só ajudado da graça divina (*).

Cinco annos passou José n'este pesado desterro, praticando acções de perfeita caridade, cathechisando, e baptisando Gentios, e até fazendo-os pasmar pelos milagres que fazia em utilidade d'elles, e pelos futuros que lhes annunciava.

Chegando de S. Vicente a noticia da rectificação da paz, José foi chamado a Piratininga; e embarcando em huma fraca canoa, correo o povo á praia; foram geraes os suspiros e lamentos dos barbaros Tamoias por se ausentar o seu pai e bemfeitor. A pouca distancia da praia bramia o vento, alterou-se o mar, as ondas açoutaram a barca, ella cheia d'agua ia a afundir-se em hum momento: José pedio soccorro á Virgem, tudo de repente acalmou, e chegou livre de perigo á casa de Piratininga, aonde foi recebido nos braços e no coração do P. Nobrega, e dos outros irmãos, e do povo da Villa, que saudosos voltaram em lagrimas de alegria as muitas que choraram na sua ausencia.

De novo se revoltou o Rio de Janeiro: Estacio de Sá, sobrinho de Mem de Sá, foi mandado a abater o orgulho Tamoiano; José vai na armada, e pelos seus conselhos fez Estacio prodigios de valor. Voltou José a S. Vicente, e de lá foi mandado á Bahia a ordenar-se de Sacerdote, e que de caminho visitasse a casa, e aldêas do Espirito Santo, que as regulasse o melhor que pudesse: tão grande cargo, dado antes de ser Sacerdote, bem mostrou o grande conceito que se formava da sua santidade. Chegado á Bahia, o Governador com elle se informou do estado do Rio de Janeiro: ouvindo-o, seguio o seu voto, como oraculo do Ceo. Pedio-lhe que se ordenasse com brevidade, pois o queria levar na sua companhia, porque só assim julgava ir seguro. Ordenou se, e partio para o Rio com Mem de Sá em bem equipada frota. Chegaram com a felicidade que o Governador suppunha; desceram em terra, offereceram batalha pelos conselhos de José, e alcançaram victoria completa. Deram a Deos as graças, edificaram-se fortalezas, que tiraram as esperanças ao inimigo, e José edificou tambem casa de Collegio, baluarte de santidade para destruir erros, e plantar virtudes: bem o mostrou logo na versão de João Bolês, Francez, herege Calvinista, versado nas linguas Orientaes, astuto e habil propagador da sua impia seita. Fallou José a este soberbo, abateo-lhe o seu orgulho, e convencido, o moveo a receber o baptismo, e o ajudou a entrar no Ceo com admiração de todos.

José d'Anchiéta foi pois tudo para todos: as necesssidades da sua Ordem exigiam os seus desvelos: por isso foi eleito Reitor do Collegio de S. Vicente, e das casas a elle annexas, cujo cargo exerceo por seis annos com tanta acceitação e gosto universal, com tantos trabalhos e fadigas Apostolicas, que era respeitado de Christãos e Gentios, como pai, e venerado como Santo. As suas virtudes e os seus muitos merecimentos fizeram écho na Italia. O Geral, que então governava toda a Ordem, Everardo Mercurianno, propoz para ser eleito, pelos seus Capitulares, hum Provincial para as casas do Brasil, por ter o antecedente completo o seu tempo. Todos com unanimidade escolheram a José d'Anchiéta. Quando esta escolha se intimou a Anchiéta na casa da Ba-

(*) Este poema começa: *Eloquar? An sileam Sanctissima Mater Jesu?* Foi escripto na areia, passeando pela praia. Cada dia escrevia huma porção de versos, que entregava á memoria, e assim o continuou até o acabar: quando voltou a S. Vicente, como o trazia bem seguro na lembrança, então foi que o passou a papel, tal qual fôra escripto na praia, sem nada mudar; contendo aliás mais de quatro mil versos: todo elle he tão bello e suave, que ninguem o póde ler sem lagrimas, e emoção de espirito.

hia, aonde tinha vindo de S. Vicente, ficou perturbado, e como fóra de si: prostrou-se aos pés dos seus irmãos, e confessou com singeleza ser indigno de emprego tão grande; banhado em lagrimas pedio-lhes as suas orações, e acceitou por não ter outro remedio senão obedecer.

Conhecendo a difficuldade que havia em governar homens, porque todos tem as inclinações tão variaveis como as naturezas, meditou, e conseguio o conquistar as vontades dos subditos sem violencia. Era elle o primeiro em todas as obrigações ainda as mais humildes; austero só comsigo, com os outros doce, e suave. Nada mandava com imperio; só obrigado da muita necessidade, pedia, e rogava sempre. A obrigação lhe impoz o dever de visitar as casas da sua obediencia. Logo no primeiro anno do seu Provincialado, depois de ter feito a visita de Pernambuco, partio a visitar o Rio de Janeiro, tendo todo o cuidado nas suas viagens da provisão dos seus companheiros: para a sua pessoa, alem do Breviario, e dos papeis importantes da visita, de nenhuma outra coisa curava. O camarote que escolheo nas embarcações, foi o dos pobres doentes, e necessitados, a quem acodia assim aos corpos como ás almas: o seu curto somno era encostado ao bordo, ou á caixa de algum marinheiro: vigiava quasi sempre; as suas vigilias eram entretidas quasi sempre na contemplação d'aquelle que formou o Ceo, as estrellas, e os mares: muitas vezes foi visto arrebatado, e fóra dos sentidos. O seu sustento era algum pedaço de biscoito, ou peixe salgado. Todos os dias ensinava a doutrina, fazendo em alguns dos pontos, que mais lhe parecia, reflexões com muito proveito. Nas tormentas era intrepido, animava, e trabalhava como pratico marinheiro, e fazia pasmar os mais habeis Pilotos.

Feita a visita do Rio, aonde renovou os antigos prodigios de santidade, dando a saude a enfermos de molestias perigosas, e encanecidas, proseguio a sua derrota para a sua amada Capitania de S. Vicente, berço primeiro das suas virtudes, e theatro das suas maravilhas. Foi esta terra de novo abençoada pelos exemplos e instrucções santas que n'ella deixou, e pelos prodigios com que o Ceo confirmou a sua virtude: completa a visita, despedido dos seus, e do povo com lagrimas geraes, voltou ao Rio de Janeiro; chegou defronte da barra ao escurecer da noite: a entrada he horrivel, estreita, cercada de penedias e ilhas em que quebram os mares; o vento soprava com valentia, as ondas cavadas descobriam abysmos; a cerração negra, os marinheiros em confusão e espanto, sem poder amarar, esperavam o ser despedaçados em algum cachopo: só José não desmaiou. Junto do mastro grande, fez breve oração; animou a gente, e mandou commetter a barra. Obedeceram, e em pouco surgiram dentro sem perigo. Todos se recolheram alegres, esperando o dia. José ficou no antigo lugar junto ao mastro, a noite era de chuva pesada, mas José appareceo sem hum só fio molhado. São immensos os prodigios d'esta e semelhante ordem. O mar, o vento, as chuvas, os elementos obedeciam á sua voz: os animaes ferozes, cobras, serpentes, tigres, touros, e os ridiculos monos iam, vinham, paravam ao seu mando; as aves lhe faziam cortejo, e occasiões houve em que foram vistas algumas pousar nos seus hombros quando pregava: de tudo isto foram testemunhas os povos immensos das diversas nações barbaras aonde missionou.

O peso dos negocios continuos do seu officio iam-lhe debilitando as forças do corpo, cançado de trabalhos de mar, e terra, e dos grandes rigores da penitencia. Oito annos havia que era Provincial, com satisfação e contentamento de todos; mas julgando, pela fraqueza em que se via, não poder com emprego tão activo, partio para a Bahia, casa principal da sua residencia, e rogou ao Visitador o alliviasse do cargo, com que ja não podia. Condescendeo o Visitador, a pesar seu, a tão justo requerimento. José, cheio de alegria por se ver em lugar mais humilde, foi mudado para o Rio de Janeiro; mudando de officio, não mudou de costumes; lutando de continuo com as suas enfermidades, com que havia annos era atacado, jamais faltou ás obrigações do seu instituto, e aos actos de caridade: a força do espirito venceo a fraqueza do corpo; e tanto que n'este tempo elle accrescentou rigores a rigores, dispondo-se com actos mais heroicos para a hora derradeira, que sempre trazia ante os olhos. Pouco tempo esteve no Rio de Janeiro; porque pouco depois foi mandado para a Capitania do Espirito Santo, que muito precisava da sua presença. Fez a sua residencia em huma das suas aldèas, chamada Reritigba, situação amena e deliciosa, por ter ares benignos, terreno fertil, campos alegres, mattas abundantes de copahybas, almecegas, saçafrazes, balsamos, que perpetuamente recendem; estas riquezas não eram as que José buscava; procurava almas necessitadas sem conto, que por aquellas brenhas habitavam: n'ellas punha todo o seu cuidado, apesar das poucas forças que tinha. Assim mesmo, já velho e cansado, se entranhou mais de sete vezes pelas bre-

nhas a chamar almas para Deos, d'onde foi rogado a ir á Bahia para assistir á Congregação Provincial, que n'este tempo se fez: foi; e feita a eleição, não segundo o costume de hoje, mas segundo a exacta determinação dos Canones, voltou aos seus amados Indios de Reritigba, e os consolou com a sua presença, e com o pasto da sã doutrina. Gostosissimo andava o santo velho n'este laborioso officio, quando recebeo recado do Superior, que importava que Sua Reverencia viesse á Villa. A disposição era do Ceo, o Ceo lh'a tinha revelado. Vamos, disse elle, sem lhe dizerem o para que; vamos a ser Superior da casa do Espirito Santo: acceito, porque assim o ordena a obediencia.

O espirito lhe deo forças, e traças, para sustentar o peso dos trabalhos, com que o corpo debilitado e enfermo muito gemia. Estavam annexas ao seu cargo as aldêas de Reritigba, Guarapari, S. João, e Reis Magos; a todos acodia com a sua presença; não o intimidava nem a longitude, nem o fragoso dos caminhos: andava sempre a pé, só para o fim consentio, por poucas vezes, o uso de rede (costume do Brasil): apesar dos seus achaques, não affrouxava o rigor das austeras penitencias, das disciplinas continuas, dos asperos cilicios, e abstinencias. Não usava de lençóes, nem de manta; dormia vestido, qual soldado que está álerta á primeira necessidade: seu cubiculo era pobrissimo; não tinha nem arca, nem escriptorio, nem alguma alfaia, á excepção dos instrumentos dos seus rigores. Quando o Prelado he santo, não he de admirar que os subditos o sejam. Elias formou Eliseos semelhantes a si, e José formou tambem discipulos iguaes na fé, no zelo, e em todas as virtudes. O Padre Almeida, Varão prodigioso em obras, e palavras, discipulo de José, he, entre outros muitos, o maior testemunho d'esta verdade. Abalado já o corpo, proximo á ruina, não só com a força do tempo, mas com os achaques e enfermidades continuas, a que só podia resistir o grande espirito de José, depoz o tropel dos negocios do seu officio, e se retirou á sua amada aldêa de Reritigba: foi lá esperar a morte, por que tanto suspirava. Sabia muito bem o dia e a hora em que o Filho do homem lhe havia de tomar contas: elle a revelou a muitas pessoas, e com todas as suas circunstancias. Vieram chegando os correios e mensageiros da morte; cahio enfermo com dores e accidentes tão fortes, que o deixavam como fóra de si: abraçado com a Imagem de Christo, por quem, como Paulo, suspirava saudoso pelo Ceo, olhava com fastio a terra, tudo n'ella lhe parecia cisco, sonhos e enganos. Pedio os Sacramentos, que recebeo com a maior devoção e ternura; deo sabias instrucções aos filhos e discipulos que o assistiram; e com os sagrados Nomes de JESUS e MARIA na boca, deo o ultimo suspiro em Domingo 9 de Junho de 1597, com 44 annos de assistencia no Brasil, 47 de Religião, e 64 de idade.

A esta-noticia os Indios levantaram suspiros e vozes, e atroaram os montes com lastimosos prantos. Homens, mulheres, meninos, desampararam as casas, correram a beijar-lhe as mãos e os pés, e a despedir-se do seu bemfeitor: queixavam-se ao Ceo tristemente, e parece que com elle queriam tambem morrer; levaram o seu corpo á Villa, que distava 15 leguas: pelo caminho se repetiram muitos milagres semelhantes aos que fizera em vida. Aqui o povo lançando lagrimas de viva dor, clamava em altas vozes que morrêra o seu Apostolo e o seu Missionario santo. Suas reliquias, passados alguns annos, foram trasladadas para o Collegio da Bahia, aonde são respeitadas e veneradas como as de hum fiel servo e amigo de Deos.

Alem do Poema, de que já fallámos, e do livro *de rebus gestis Mem de Sá*, escreveo muitas cartas devotas e instructivas, das quaes algumas andam juntas ao livro que da sua vida compoz o Padre Simão de Vasconcellos. O mesmo Padre Simão diz que elle se servira no tomo 1.º da Chronica, que da Provincia fizera, dos manuscriptos, que tinha em seu poder, das Vidas dos Padres que morreram em opinião de santidade, escriptas pelo veneravel José d'Anchiéta.

He quanto sabemos ter elle escripto: algumas pessoas depois nos attestaram ter elle huma composição de Historia Natural, que foi impressa por ordem da Academia Real das Sciencias.

O seu retrato foi copiado fielmente do que vem no principio do livro da vida de José d'Anchiéta, do dito Padre Simão de Vasconcellos, que he bem assemelhado á pintura que d'elle faz no fim, aonde diz: « Que foi de estatura mediocre, diminuto de carnes, côr trigueira, olhos em parte asulados, testa larga, nariz comprido, barba rara, mas no semblante inteiro, alegre e amavel. »

Por Decreto do Santo Padre Urbano VIII se formaram no Brasil desde o anno de 1620 Processos para a Beatificação do Veneravel P. Anchiéta, que param na Curia Romana, e já mereceram algumas sentenças.

Escreveram a sua Vida o P. Vasconcellos, em Portuguez, folio, impressa em 1672; o P. Sebastião Beretario, em Latim, impressa em Leão de França em 1677, que foi traduzida em Hespanhol

pelo P. Estevão Paternina, e o P. Filippe Alegambe na sua Bibliotheca.

Como os nossos Biographos não façam menção das obras d'este Veneravel Padre, daremos accrescentado o que traz a Bibliotheca do P. Alegambe.

1 — Ars Grammaticæ Brasilicæ.

2 — Dictionarium ejusdem Linguh.

3 — Doctrina Christiana, pleniorque Catheeismus eadem Lingua explicatus.

4 — Dialogus de Religionis scitu dignis.

5 — Institutio ad interrogandos intra confessionem pœnitentes.

6 — Sintagma monitorum ad præparandos moribundos.

8 — Cantiones Sacræ Linguis Latina, Lusitanica, Hispanica, e Brasilica.

8 — Drama ad extirpanda Brasiliæ vitia.

9 — Poema de Beatæ Virginis vita: usque ad bis mille et octingenta disticha excurrit. *Impressos na Chronica do Brasil, e na Vida do mesmo Veneravel pelo P. Simão de Vasconcellos.*

10 — Brasilica Societates historia, et Vitæ clariorum Patrum, qui in Brasilia vixerunt.

11 — De Rebus gestis Mem de Sá. *Accusa esta obra o P. Vasconcellos.*

12 — Huma Dissertação Latina á maneira de Carta sobre as producções naturaes do Brasil. *Sahio impressa pela Real Academia das Sciencias, e notada pelo Doutor Diogo Ordonhes em 17....*

(Extrahido.)

A DESTRUIÇÃO DAS FLORESTAS.

BRASILIANA EM TRES CANTOS,

Pelo Sr. Manoel de Araujo Porto-alegre.

—

CANTO III.

MEDITAÇÃO.

Vinde commigo, Brasileiros sabios,
Ao lugar onde outr'ora se ostentava
Cheio de vida, de fragrancia e esmalte,
Monumento votado a infindos seres,
Odoroso theatro, onde mil scenas
A terra erguera ao som do hymno eterno
Das varias estações! Vinde commigo
Prantear d'esse templo viridante
As ruinas magestosas, convertidas
Em toros calcinados, e alva cinza!
De arte mesquinha, de alinhadas formas,
Do breve escantilhão, recta esquadria,
A misera influencia nem de leve
Seu porte amesquinhou, quando soberbo
Mencava nos ceos as grimpas floridas,
E da luz, do calor, do fresco orvalho,
O insuflo vital que recebia,
C'o proprio aroma grato perfumava.

Amavel Freire, companheiro errante
Sobre o cimo das serras de Petropolis,
Que adoras a natura, e lhe consagras,
Sabio e artista, culto tão sublime!
Vem, chronista de Flora, vem commigo
Mesclar teu pranto, teus gemidos graves,
Sobre os delubros do formoso bosque
Que o ceo da patria aviventou benigno.

Profundo e solitario Frei Custodio,
Que estudas a epopeia grandiosa
Das idades da terra, e que penetras
Co'a mente aguda nos vitaes mysterios
Da varia creação, lendo na crosta,
Que arredonda este globo, os hieroglyphos
De occulta historia, e na estructura saxea
C'o dedo mostras os annaes do mundo!
Archeologo profundo, que os sarcophagos
Dos priscos seres estudando attento,
Novos seres restauras, não mais vistos;
Novos só p'ra nós, ultimos incolas
Do globo em que habitamos, cujos fastos
Disse Deos a Moysés, e este nos disse!
Vem, chronista da terra, vem commigo
Mesclar teu pranto, teus gemidos graves,
Sobre os delubros do formoso bosque
Que o ceo da patria aviventou benigno.

Querido Magalhães, irmão d'esta alma,
Que vezes tantas no diteso exilio
Meu peito arrebataste co'a torrente
Que teu genio borbota quando altivo,
E abrasado na flamma do improviso,
Milhões d'idéas, mundos, o universo
Abraça, convertendo em nobres hymnos;
Vem, amigo saudoso, ao teu amigo
O pranto mitigar c'o lenitivo
Do augusto poderio da amizade!
Tu, a quem tantas vezes arroubado
Nas plagas escutei d'estranhas terras,
Sobre o mar, em cidades populosas,
Sobre os nevados craneos dos gigantes
Que a Italia escondem, que clausuram horridos
C'o seu throno hibernal o Eden da Europa
Ao Germano engenhoso, ao marcio Gallo;
Que unido a mim em carinhoso amplexo
Libaste nos sagrados cenotaphios
De Dante, e Galileo, de Buonaroti,
Os'los de hum nectar que desperta a gloria!.....
Que ausente agora tua fronte espelhas
No meu patrio Guaybá!..... vem commigo,
Gloria da patria, orgulho do meu peito,

Mesclar teu pranto, teus gemidos sacros,
Sobre os delubros do formoso bosque
Que o eco brasileo aviventou benigno.

Meu nobre Silva, meu patricio caro,
Que a passos graves triumphante marchas
Por entre legiões de augustas larvas!...
Silva que eu amo, e a quem meu canto offerto,
Deixa os sepulchros dos hellenos astros,
E do reino da morte a lousa fecha,
Os doutos soliloquios suspendendo.
Teus ouvidos affeitos á magia
Da voz de Homero, dos antigos vates,
Tua alma emmaranhada nos prodigios
Das creações archetypas de hum mundo
Onde do genio o diamantino escopro
Entalhou maravilhas, desprendendo
Suave melodia, aureo perfume,
Mal podem supportar meus debeis versos.
Commigo á erma campa, vem saudoso,
Da floresta, onde a prodiga natura
Do seio maternal brotára em copia
Sobre hum solo infeliz tantos prodigios,
Que a mão do homem c' o incansavel ferro
De dia em dia empobrecido torna!
O' filho de Linneo, vem, meu amigo,
Mesclar teu pranto, teus gemidos graves,
Sobre os delubros do frondoso bosque
Que o sol da patria aviventou benigno.

Eis o retrato dos sagrados bosques
Onde os Cimmerios, em sombrias furnas,
Do porvir os arcanos insondaveis
Com mystico artificio decifravam.
Eis de Carthago, e Babylonia, e Troia,
Da sacra Thebas, da purpurea Tyro,
D'essa antiga Albion, a triste imagem!!!

Supera o humano braço ao raio em ruinas!
Erostrato incansavel, dia e noite
Em padrão luctuoso estampa o homem
Novos triumphos, derrocando insano
Tantos thesouros que ás vindouras raças
Gritos de maldição, em desespero,
Aos ceos farão soltar inconsolaveis.
No solo onde soberba dominava
Gigantesca floresta, em cujos hombros
Entre perfumes repousavam evos,
Rasteira messe humilde arado pauta,
Que dobrada não paga hum só madeiro.

Nas mãos do bruto escravo, e da ignorancia,
Sega o ferro sacrilego, e profana
Dos virgens bosques a belleza, o preço;
E no barathro infindo da sevicia
O timbre americano se aprofunda!
Onde fetos, palmeiras graciosas
Nos ceos se espalmam, cadenceiam livres
Como em dia de amor, em aurea liça
Argenteo morrião florea as plumas.
Mudas leis que o porvir em trevas volvem,
Cavam abysmos, sorvedouros abrem
Ante o futuro d'este Imperio immenso!
D'este Imperio que abarca meio globo,
Que na urna amasonica, oceanica,
Frue com seus labios gigantescas ondas
N'esse atlantico doce, cujas margens
Beijam as orlas portuosas, ricas,
Dos verdes mantos, grandiosos, virgens,
De dois Imperios que a cobiça espertam
De fingidas amigas, que nos trahem!....

Eu não praguejo da lavoura provida
O braço creador, e infatigavel,
Que as artes alimenta, e que converte
Com magico poder hum grão em ouro.
Homem sou, e do fructo que a cultura
Da terra colhe meu sustento formo;
Conheço o medio termo, a sã balisa
Que os limites contêm ao siso humano:
Mas improvidas ruinas, sem proveito,
Sem plano, sem futuro!!!—sim, lastimo
A perda irreparavel de elementos
De invejavel grandeza! Vejo campos
Semeados de arbustos ociosos,
Vejo nos montes mil roçados aridos,
Largos valles de inuteis capoeiras,
De reptis e de feras povoados,
Sem que a mão do cultor, mão poderosa,
Em ferteis regiões destra converta
Tantos terrenos, do desleixo imperio.
Choro dos bosques a riqueza immensa,
Choro das fontes o benigno amparo,
Dos rios a riqueza, e o ar saudavel
Que as florestas expandem de seu seio.

Mananciaes fecundos, insondaveis,
De vitaes diascordios, santos balsamos,
Que na crosta, raiz, folhas, no fructo
Laborou a natura, e que algum dia
Em vão invocará no enfermo leito
Moribundo mortal, gemendo em ancias.
Do agro camará, da quina tonica
Extingue a raça o misero colono,
Junto á cabana em que deslisa a vida,
Sem na terra enxertar hum garfo ao menos!
Na humana lista do incansavel sabio,
Que Pison e Margrave começaram,
Que o justo Saint-Hilaire, o douto Martius,
A' culta Europa jubilosos mostram,
Vejo alistados cem Galenos patrios
Estudando, ensaiando os especificos
Que a vida escoram n'este amargo exilio.
Vejo de hum nobre impulso a marcha augusta
Benigna despontar; mas vejo o ferro
Talar-lhe em breve o glorioso esforço!

Hum dia chegará, incola insano,
Que o suor de teu filho a estrada banhe,
Que arquejando, cansado, em longos dias
Em vão busque hum esteio, que levante

O herdado casal curvado em ruina!
Hum dia chegará que a peso d'ouro
Compre o monarcha no seu vasto imperio
Estranhos lenhos, que mesquinhos teçam
Dos fastigios reaes a cumieira!
E os templos do Senhor o pinho invoquem
Para o altar amparar das tempestades!
Hum dia chegará, que imigas hostes
Intentem deshonrar-nos, leis impondo,
E nós, bradando em furia, sem podermos
Em grossas naves de canhões bordadas
A affronta repellir, rasgar-lhe em face
O ousado pavilhão, e conculcal-o!...

Ah! se a esperança de hum brasileo peito,
D'este peito ancioso, ardente e firme,
As azas multicores chamuscasse
No tição infernal que hum monstro empunha,
Se os meus delirios não se ungissem n'ella,
Se de alegres visões não a cercassem,
Estalava de dor.....
Se hum sombrio crepusc'lo no horisonte
Sinistro espectro debuxasse ao longe,
E a patria me envolvesse em negras trevas,....
Antes a morte que huma vida indigna.
Não he vida ante os olhos ter constante
De hum horrido esqueleto a imagem arida,
De hum quadro carcomido e lacerado
Pelo trado do verme do egoismo;
E ouvir ao longe foragida, erma,
Soluçar a virtude, e o heroismo
Ante o altar do escarneo definhando!.....
De hum antro onde a razão fallece em trevas,
Dubio reino onde imperam mil sophismas,
E a verdade estrebuxa entre torturas,
Fujamos para sempre, e alçando os olhos,
Pela patria, por ella a Deos roguemos.

Tu és, ó patria querida,
Hum mimo da Providencia!
Tu és da belleza a essencia,
Hum vaso de almo esplendor!

Nos teus rios diamantinos,
Nas tuas montanhas de ouro,
Se ajunta o maior thesouro
Que o mundo póde invejar!

Nas tuas florestas virgens
Tens mil esquadras, mil pontes,
E nas entranhas dos montes
Tudo p'ra hum mundo comprar!

És o Creso das nações,
O orgulho de toda a terra;
Tudo o que he grande se encerra
No teu seio creador!

Combate, supplanta, esmaga,
N'hum sec'lo de vandalismo,
O vil, sedento egoismo,
Que a gloria quer-te aviltar.

Não consintas a pigmeos
Traçar teu futuro e gloria;
Que no templo da memoria
Mesquinha mão não entrou.

Ainda teu solo esmalta
Da virtude a planta augusta,
Com tal germen nada custa
A nobre estrada trilhar.

Freire, Serrão, Magalhães,
Silva, vamos trabalhando;
Pouco importa se luctando
Huma ideia se plantar.

Essa ideia, ó Brasileiros,
He toda pura harmonia,
He diva como a poesia,
He da patria hum santo amor.

FIM DO CANTO 3.º E ULTIMO.

7 de Setembro de 1845.

JUVENTUDE PROGRESSISTA

DO RIO DE JANEIRO.

Pelo Sr. José Mármol.

I.

O progresso não he, como alguem crê, hum attributo inherente a todo o homem jovem: em huma geração nova encontra-se huma nimia fracção que progride, que segue as leis da natureza e do tempo; e outra fracção consideravel que não faz senão nascer, vegetar e morrer. Progredir he desenvolver-se com o successo e com o tempo, seguir o curso da revolução continua em que se agita a natureza moral, e não estacionar-se em idéa alguma, em principio algum, que não sejam a expressão das necessidades do momento. A mocidade que concebe e poem em pratica esta verdade com seus meios intelligentes he a que se chama *Juventude progressista*.

A outra, aquella que se apega e se entrincheira ás idéas velhas que a antecederam em philosophia, em politica, em legislação, em litteratura, etc., que devia mudar a apparição de novos homens em novos tempos, e que só se conservam pelo influxo reaccionario da tradição, não tem

hum nome proprio, porque não he mais que a nova edição de hum livro antigo.

A Juventude progressista, de que vamos occupar-nos, reconhece-se em todas as sociedades civilisadas por huma especie de poder despotico que exerce voluntariamente sobre o resto da sociedade a quem domina. Em sua mão a trombeta da propaganda prega com a energia de quem manda, e com a consciencia de sua superioridade, as novas doutrinas que devem germinar em campo sempre vasto e fecundo da multidão: o povo a ouve: o povo respeita-a: o povo revolta-se em seu favor, levanta-a, e defende-a; por que o bom senso, unica illustração, unico talento do povo, chega a comprehender cedo que as idéas da juventude são as suas, porque toda a mocidade he revolucionaria por essencia, e todo o povo he huma revolução que falla, que se move, e se transmitte.

A revolução, isto he, o movimento, a luta continua do quem *tem sido* com o que *quer ser*, he o que constitue a existencia normal de todo o povo.

Arrebatar-lhe o espirito de revolução he embrutecel-o.

Embrutecel-o he escravisal-o.

Escravisal-o he preparal-o para a batalha. A juventude pois que sympathisa com o povo, que falla em seu nome, que levanta a fronte pura como a aurora, radiante como a luz do meio dia, e convoca o poder e as instituições, a crença e a tradição a hum *vis-á-vis* de morte, he sustentada e defendida pelo povo.

Sobre estas bases de granito ella se estabelece, e domina, impondo ao mesmo povo as leis especiaes ao seu progresso.

Procurai essa juventude progressista em França, em Inglaterra, na Allemanha, na Peninsula, em toda a Europa emfim que não seja a Russia, a Austria e seus vassallos da Italia; procurai-a em toda a America Hespanhola, que não seja a escravisada Republica Argentina: na Europa, como na America, a encontrareis activa, compacta, dominante, achal-a-heis senhora da imprensa periodica.

Ouvis esse bater compassado e monotono que no silencio da noite suspende de repente o andar do que passeia a cidade? Tirai o chapéo, he huma prensa.

Com os primeiros raios do sol precipitam-se nas ruas centenares de homens apressurados, que de porta em porta vão deixando huma folha de papel impresso, que ainda humida passa logo ás mãos de hum, de dois, de hum milhão de homens; — os olhos a devoram, — o pensamento a estuda, — essa folha de papel he o *Periodico*.

O periodico he na epocha em que vivemos a alavanca moral que levanta e conduz ao progresso a sociedade christã, — he o exercito que defende e triumpha, — o thesouro poderoso, — a politica previdente, — a religião em sua essencia, — a civilisação em sua analyse e sua synthese.

Alli existe tudo, menos o mysterio. O periodico he o *Escossez de segunda vista* que advinha pelo gesto e olhar do poder o pensamento intuitivo para revelal-o ao povo, que tem o direito de saber o que d'elle se pensa, o que d'elle se exige, e o que d'elle se fará.

Pois bem; o periodico he propriedade exclusiva da juventude, — he sua arma. Com ella impoem e contêm o poder em seus limites, gritando todos os dias, como Deos ao mar: « D'aqui não passarás. » Com ella bate e destroe o fanatismo, a preoccupação, a superstição e o absolutismo da crença. Com ella ensina, e arroja o dardo de sua critica aos costumes retrogrados do povo.

Então o poder a teme, — o povo a respeita.

Sendo propriedade sua a historia de seus antepassados, estuda-a, julga-a, e deixa á geração vindoura a historia de sua epocha e de sua civilisação, consignando-a na litteratura em geral.

Dona do drama, do poema, do folheto, do livro, deixa escripto de sua epocha os homens, o espirito, o gosto e os acontecimentos prominentes.

Orgão da expressão geral, ella passa a dictar desde a abstracção filosophica até o vôo poetico da imaginação; da poesia ao calculo frio da politica, e d'esta eminencia social desce a dictar o *ton* e a elegancia do salão; e não deve equivocar-se esta *seria nimiedade*, tem huma importancia mais alta do que vulgarmente se crê. — A cultura de hum povo não he a civilisação, mas sim o elemento indispensavel d'ella.

Temos assentado apenas estas idéas geraes sobre o destino e as influencias da juventude progressista no mundo, para com mais exactidão manifestarmos nosso juiso sobre a juventude progressista do Rio de Janeiro. — He ella digna de estudar-se, e de tirar-se de seu estudo considerações tão importantes como o papel que deve representar no mundo futuro o imperio americano, cuja capital será sempre o nucleo de seu engrandecimento ou decadencia.

(Continúa.)



Heaton e Rensburg Rio de Jan.

CONVENTO DE S. ANTONIO

E IGREJA DOS TERCEIROS DE S. FRANCO DA PENITENCIA.

Rio de Janeiro.

ARTICO 4.º

(Continuado da pag. 343.)

A bellissima estampa que hoje damos aos nossos assignantes, com huma vista do Morro antigamente chamado do Carmo, e hoje de Santo Antonio, faz-nos retroceder hum pouco ao seculo 16.º para tratarmos mais extensamente da fundação do Convento e Igreja da Corporação Capucha, bem como da Igreja e Hospital da Ordem Terceira Franciscana, cujos edificios apparecem coroando o sobredito Morro.

« Tendo-se estabelecido a Corporação Capucha em differentes lugares do Brasil (*), e faltando-lhe só o Continente do Rio de Janeiro, em que firmasse huma Casa Claustral, tentou o Prelado d'essa Religião, fundada em Pernambuco, mandar alguns de seus individuos, á titulo da pobreza que professam, cuja presença incitasse a cobiça do povo, e abrisse a porta para o desejado ingresso. Vencido o projecto por esse passo assás discreto, e conseguida a doação da Ermida de Santa Luzia (junto á praia do mesmo nome) **, para se fundar n'esse lugar a residencia de taes hospedes, que a Camara realisou a 28 de Fevereiro de 1592; com principio tão feliz fomentaram as instancias do Capitão Mór Governador, Martim de Sá, e da Camara, para a fundação de hum Convento Regular, obtendo faculdade do P. Fr. Leonardo de Jesus, Custodio da Casa principal de Pernambuco, por quem foram logo mandados os Padres Fr. Antonio das Chagas, e Fr. Antonio dos Martyres, á dispor a nova obra, em quanto vinha o mesmo Prelado para começal-a. Chegados os dois Commissarios em 22 de Outubro de 1606, tomaram a residencia da sobredita Ermida, onde os achou o Custodio, e seus companheiros Fr. Vicente do Salvador, Fr. Estevão dos Anjos, Fr. Francisco de S. Braz, e Fr. Francisco da Cruz, em 20 de Fevereiro do anno seguinte. Não parecendo porem sufficiente áquelle Prelado nem os commodos do Hospicio, nem a situação a proposito, entretanto que a escolhia mais apta, passou á residir com seus Irmãos na Casa da Misericordia, d'onde se transferiram para outra Ermida dedicada a N. Senhora da Ajuda, situada (então) junto á propriedade de Fernando Affonso, cujo titulo pretenderam substituir com o de Santo Antonio. Seguros na boa vontade do Governador, e da Camara, que se congratulavam com taes hospedes á seu convite, indigitou o P. Custodio a fundação do Convento no monte chamado *do Carmo*, onde se lançaram os alicerces, doando-lhe a Camara o lugar (*) e a terra proxima, por Escriptura de 9 de Abril de 1607. Levantada então ao pé do monte huma Ermida proporcionada á pequenhez do Hospicio, que ahi erigiram para vivenda interina, n'ella celebraram acções de graças á 4 de Outubro do mesmo anno: e disposta a obra do novo Convento, e Igreja annexa, lançou-lhe a primeira Pedra Fundamental o Prelado Administrador Diocesano Matheus da Costa Aborim, assistindo a esse acto, celebrado no dia 4 de Junho de 1608, o Governador que acabava de ser Martim de Sá, seu successor Affonso de Albuquerque, o P. Reitor do Collegio da Companhia Pedro de Tolledo, o Vigario da Igreja Matriz de S. Sebastião Martim Fernandes, e outras pessoas distinctas da Cidade. Concluido o trabalho mais principal d'esse edificio, passaram os fundadores, no dia 7 de Fevereiro de 1615, a habitar a nova Casa, e no seguinte 8 celebraram a primeira Missa solemne na incompleta Igreja, cuja Capella Mór se finalisou no anno 1616, dando lugar a renderem ahi acções de graças com o Santo Sacrificio no dia 8 de Dezembro. O local do Convento, alem de agradavel por desfructar as vistas de mar, e da Cidade toda, he tambem benefico; e a mesma Casa, fabricada com duas ordens de accommodações superiores sob regular perspectiva, inculca respeito, pela sumptuosidade da obra. Dentro da sua cerca se conserva hum annel d'agua tirada dos aqueductos da Carioca, que concedido pelo Governador, e Camara da Cidade, foi-lhe confirmado por Ordem de 3 de Julho de 1742, com a condição de ser por hum registro, que se abra sómente quando for necessario: e como á toda a hora do dia he necessario esse liquido, tambem á toda hora está aberto o registro. Sob o titulo de Custodia de Santo Antonio do Brasil se conservou a Sociedade dos Frades Menores da Ordem de S. Francisco n'esta Pro-

(*) Pizarro, tomo 7.º

(**) Em 28 de Fevereiro de 1592 foi assignada a escriptura de doação que os Irmãos da Confraria de Santa Luzia fizeram aos Religiosos Capuchos de sua Igreja, para n'ella fundarem hum Convento; a esta escriptura assistiram o Prelado Revm.º Doutor Bartholomeu Simões Pereira, e não Matheus da Costa Aborim, e o Governador Salvador Corrêa de Sá.

(*) Como deixámos dito a pag. 49 d'este jornal, a doação foi feita ao Papa e á Igreja, e não aos Religiosos; não sabemos se estas doações eram assim expressas — pro forma —, coisa que seria bom averiguar-se por certas causas de utilidade publica: talvez que tenhamos de dizer alguma coisa sobre este objecto.

vincia, como parte da de Portugal, à que estava unida, até separal-a o Papa Alexandre 7.°, erigindo a Custodia em Provincia distincta, com a denominação de Provincia de Santo Antonio do Brasil. D'ella emanou a Custodia intitulada de N. S. da Conceição, que, por comprehender 7 Conventos, foi erecta em deliberação do Capitulo Provincial de 22 de Agosto de 1673: crescendo porem estes ao numero de 10, se elevou a Custodia em Provincia independente, que a Bulla de Clemente 7.° datada de 15 de Julho de 1675 confirmou. Comprehende hoje 13 Conventos. Por Alvará do anno 1693, mandado cumprir pela Resolução Regia de 11 de Novembro de 1749, foi facultada aos Religiosos da Provincia de Santo Antonio a graça de isenção de direitos de 100 arrobas de cacáu, e outras tantas de cravo, e assucar para sustento dos individuos residentes no Maranhão, e Grão Pará: mas a Casa Conventual d'esta Cidade, tendo o privilegio de não pagar direitos de vinte pipas de vinho annualmente, jurando que são para seu gasto, como lhe facultára a Ordem de 15 de Dezembro de 1729, gosa tambem da graça de não pagar direitos dos generos mandados vir de fóra para seu provimento, e de suas Igrejas, em conformidade do Decreto de 2 de Janeiro de 1807. Alem d'essas mercês, desfructa huma Ordinaria, que a inimitavel liberalidade e grande piedade dos nossos Augustos Soberanos lhe permittio da Sua R. F. Rêgulados os Estudos dos Religiosos da mesma Casa, e Provincia, com discrição mais methodica, foi o seu Plano approvado por Alvará de 11 de Junho de 1776.

« Referiram escriptos antigos de pessoas dignas de fé, e a tradição constante confirma, que formando hum Religioso Capucho o corpo da existente Imagem de Santo Antonio, nunca lhe pôde ajustar alguma das cabeças, que fizera, por sahirem ou maiores, ou menores da medida: e tocando em certa noite a campainha da portaria, se achára ahi a cabeça do Santo, que levada com grande admiração dos Religiosos, perfeitamente se unio ao Corpo, como obra fabricada por mãos sobre-naturaes. Por determinação do Governador Antonio de Albuquerque teve Santo Antonio a Praça de Capitão de Infantaria do 1.° *Regimento* da Cidade, que se dizia *Velho*; e confirmando-a a C. R. de 21 de Março de 1711, mandou applicar a importancia do respectivo soldo para a festa, e ornato da Capella do Santo. Por Despacho de 26 de Julho de 1814, subio ao posto de Tenente Coronel, e a 13 de Agosto do mesmo anno foi condecorado Grão Cruz da Ordem Militar de Christo. »

ORDEM TERCEIRA DE S. FRANCISCO.

« He a mais antiga das Confrarias, a que chamam Ordens Terceiras, a de S. Francisco (*), cujo principio se conta com o dia 20 de Março de 1619, em que Luiz de Figueiredo, e sua mumulher Anna Carneiro, tendo recebido em Lisboa o Habito de Confrade da Ordem Franciscana, o professou n'esta Cidade. Estimulando então a novidade o appetite geral dos habitantes da Provincia, facilmente os conciliou para em tempo breve concorrerem a formalisar huma Corporação, que instituida na sua origem com o fim de se dedicarem os seus socios aos exercicios espirituaes, não teve comtudo o mesmo principio nos animos dos que a fundaram. Não consta por documento algum, que para essa associação publica precedesse Authoridade Regia, e do Grão Mestre das Ordens Militares, parecendo sufficiente a do Prelado Regular, e por muito favor, a do Ordinario Local: apenas he certo, que no anno de 1621, ou no seguinte, procederam os fundadores á eleição Canonica dos Officiaes necessarios para occupar os Cargos da nova Ordem, de que ficou 1.° Ministro o sobredito Figueiredo. Sob a direcção dos Padres Capuchos, e a obediencia ao Prelado da Casa, se mantiveram os Terceiros, em quanto a boa harmonia entre huns e outros não motivou dissabores: mas, sendo mui difficil que se conserve inalteravel a paz, quando os individuos de qualquer sociedade arrogam a si direitos, privilegios, isenções, e justiça de causa, que não tem, d'ahi se originou a desunião, que Francisco de Seixas da Fonceca suscitou, reduzindo a Corporação á Scisma, por dividil-a em dois partidos. A parte mais sã, que não se moveo do lugar da sua creação, continuou a prestar a mesma obediencia ao Prelado da Ordem; mas a Scismatica, que acompanhou a Fonceca, seu Chefe, se estabeleceo na Capella de N. S. da Conceição (fundada por elle na Rua do Rozario) desde o dia 5 de Agosto de 1721, trazendo comsigo as Imagens Santas, e as alfaias da Casa. Em quanto durou a renhida disputa, residiram alli os Scismaticos, por quem foi eleito hum Sacerdote á titulo de Commissario, para exercer as funcções ecclesiasticas da Ordem: convencidos porem da sem razão de seus procedimentos indiscretos, voltaram a unir-se com os de melhor senso no dia 4 de Setembro de 1725, para celebrarem nova Eleição de Officiaes em 17 do mesmo mez. »

O Hospital d'esta Ordem foi começado a erigir

(*) Pizarro, tomo 7.°

sobre o mesmo Morro com Faculdade Regia, que concedeo a Provisão de 12 de Março de 1720, a requerimento do Irmão Ministro da mesma Ordem Francisco Cordovil de Siqueira e Mello, e Irmãos Mesarios, em 14 de Maio de 1748.

Findaram ha pouco as grandes obras, que esta Ordem mandou fazer, obras que consumiram muitos contos de réis, e que a saude publica dispensava; fallamos das Catacumbas. Em quanto as Authoridades não se resolverem a terminar por huma vez o abuso prejudicial á saude e anti-religioso de sepultar-se em armarios, as Ordens Religiosas hão de continuar com as suas sumptuosidades interesseiras, e d'ahi a opposição, e as manobras para que continue o mesmo estado de coisas, e que tem isso! quantos mais individuos morrerem tantos mais interesses!!

JUVENTUDE PROGRESSISTA

DO RIO DE JANEIRO,

Pelo Sr. José Mármol.

II.

A questão d'harmonia do caracter do homem com o clima em que naseeo, ha muitos seculos que foi resolvida pela experiencia, e pelo estudo do homem e das localidades. Porem a que attribuir os phenomenos que se observam em contrario ao principio conhecido? á inexactidão da regra? Dizemos que não,—attribuimol-os a causas moraes e anormaes.

O Rio de Janeiro, com hum sol que, semelhante a huma catarata de fogo derrama ondas de chammas sobre a terra, — com huma vegetação em eterna e bellissima primavera, com montanhas vestidas de esmeralda, perfumadas com hum ambiente de ambar sempiterno, e que apresenta a cada volver d'olhos hum panorama encantador, — com hum ceo d'onde as nuvens da alva e da tarde parecem as phantasias poeticas de Deos derramadas em fórmas visiveis sobre o Ether, d'onde a lua e as estrellas, com aureolas de purpura, assomam disputando ao dia o brilhantismo tropical: o Rio de Janeiro, não obstante ser a revelação do paraiso, não apresenta a sua juventude harmonisada a seu clima, nem á acção material que representa no mundo.

Que representa a imprensa periodica no Rio de Janeiro? Não representa huma revolução intelligente; tão pouco huma revolução politica; muito menos huma revolução litteraria. — Vamos explicar-nos.

Toda a revolução suppoem hum principio; ou antes, dois principios que se disputam o terreno.

Todo o principio suppoem huma associação que o representa e o sustem.

Toda a associação suppoem homens em acção, com interesses reciprocos e ligados a hum só tronco como os ramos de huma arvore.

Pois bem; no Rio de Janeiro não existe huma revolução politica, nem filosophica, nem litteraria: por conseguinte não existem principios estabelecidos n'estas grandes fontes do movimento social: por conseguinte não ha associações: por conseguinte não ha homens em acção.

Quem não estiver de accordo com nossas idéas, siga-nos no exame dos factos. Tomemos juntos os periodicos da capital; examinemol-os hum por hum; que achamos n'elles, primeiramente em politica? achamos hum cáhos de pequeninas idéas que são a expressão de outro cáhos de pequeninos circulos, que se chamam ministeriaes huns, com outros pequenos circulos dentro que chamam circulo do ministro X, do ministro Z, etc., etc.; — outros de opposição com outros circulos mais pequenos que se chamam circulos de eleições, circulo de Minas, da Bahia, do Rio Grande, etc., etc.; porem onde estão os partidos possantes com principios estabelecidos, com doutrinas e com homens seus? onde está a opposição sustentada? por outra, onde estão os chefes conhecidos d'essa opposição? pois que não ha hum partido sem hum cabeça; porque no phenomeno social que se chama politica, onde ha muitas cabeças não ha corpo.

O mais original n'isto he que em toda a America não ha um paiz, onde, como no Brasil, se fermente em suas entranhas huma revolução politica mais vigorosa, mais cheia de symptomas assustadores para o porvir. Existem dois partidos, dois immensos partidos, porem não se hão chocado todavia; — pode-se dizer mais: não se conhecem. — Não tem sido *representados*. A juventude, a quem pela ordem da natureza, pela epocha em que vivemos e pelo espirito mesmo do Brasil, pertence hum d'elles, não o tem comprehendido todavia, e dizemos isto porque a vemos inactiva em sua propaganda; — as revoluções, que são a propriedade das gerações jovens, nao são lentas e suaves em suas mãos.

Se o periodico fosse no Rio de Janeiro a expressão da juventude, dictada por ella mesma, teria outro caracter mais homogeneo, porque não

ha geração joven que se anarchise entre si mesma; a anarchia he o resultado de interesses encontrados, e a juventude não póde ter outros interesses alem da patria, da liberdade e da civilisação,—tres coisas que jamais se separam; porque, ou vivem juntas defendidas pelas instituições e pela intelligencia, ou morrem juntas sob a ferrea mão do despotismo.

Teria outra moral, porque o caracter immoral de hum periodico politico só provêm do interesse pecuniario que arrasta a penna de seu redactor a trazer essas lides torpes e pessoaes com que despedaça uma reputação, sem deixar outra coisa para o paiz mais que a vergonha de semelhante producção, e a dor de ter em seu seio homens que servem-se da imprensa com o mesmo fim com que o proletario poem hum *botiquim* em hnma esquina. E nenhum homem joven, cheio de aspirações nobres e de idéas avantajadas, he movido, nos primeiros passos de sua vida publica, pelo interesse do lucro; idéa tão subalterna em seu espirito, que as vezes passa desapercebida de si proprio.

Busquemos a juventude na acção litteraria, — não a achamos; — achamos o poeta; achamos o litterato; porem não o movimento litterario, — a revolução mais propriamente dita.

A litteratura tem seus meios de expressão conhecidos como a politica os tem (fallamos da bella litteratura). Esses meios sáo: o drama,—o poema, — o periodico, — a inspiração fugitiva.

Façamos a autopsia d'estes quatros corpos.

O theatro do Rio de Janeiro he huma propriedade do pensamento europeo.—O drama europeo; — a comedia europea; — e por ultimo o assumpto europeo quando a musa americana de hum Brasileiro leva á scena sua inspiração dramatica (*). Preoccupação contagiosa da intelligencia americana, sem exceptuar hum só povo, que não quer todavia encontrar n'este mundo de mysterio que se chama America, a fonte inexgotavel da mais rica poesia! Aqui, na America, onde nada mais he preciso do que repetir huma tradição, descrever hum costume, retratar huma paixão, fallar de hum rio, de hum deserto, de huma montanha, para ser hum poeta original e novo; por que a poesia não existe no homem, mas sim nas coisas; e o mundo americano não parece senão o ultimo embrião das maravilhas celestes. Aqui, dizemos, nasce o poeta para ir mendigar n'esse quadro anniquilado pelos seculos que se chama Europa huma tinta desbotada para traçar huma ruim copia. Fallamos com os factos; — diremos mais: fallamos com o sentimento de quem tem a consciencia de nossas forças, e as vê esgotar-se pelo quietismo, ou por hum emprego improductivo.

Temos huma historia *nossa*; huma historia que todavia não tem dado trabalho aos typos; que vem impor ao poeta o despotismo da verdade, se não apenas huma historia de tradição, de romance, onde a imaginação, como o trovador da idade media, inventa, embellece, e com hum só facto, com hum só homem, dilata-se, e se encadeia no mundo da idealisação.

Temos huma natureza *nossa*; huma natureza que não está consignada nem conhecida em carta alguma, como a planta de huma cidade, senão huma natureza que por qualquer parte fere a imaginação com seu mysterio e sua grandeza. — Vês sobre a America esse oceano incommensuravel com ondas de colar de esmeralda, ou de topasios, que se perdem a nossas olhos nos confins do horisonte? He hum deserto, hum deserto ainda virgem aos olhos do homem civilisado; e essa nuvem de pó, que divisais ao longe, he huma tribu errante que com a celeridade do raio hoje percorre-o, habita-o, sorprende seu silencio com seus canticos de guerra ou de alegria, e amanhã não achareis n'esse deserto senão as pisadas de seus potros, ou algum signal de hum traje, de hum costume de huma sociedade virgem n'huma palavra aos olhos do filosopho e do poeta.

Vês essa montanha que parece levantada pela mão do Creador para descer por ella do ceo a vigiar a terra por si caduca em seus cimentos, ou pelas mãos do demonio para escalar os ceos e invadir a Divindade? Vês esse rio que se precipita do alto d'essa montanha por mil catadupas, para derramar-se em mil canaes sobre este solo abrasado em suas entranhas pela febre da vegetação e do metal? Pois bem; tudo está virgem como no primeiro instante da creação. Nada vol-o diz? Temos huma sociedade nossa, original e estranha pelos dois elementos que a constituem: a civilisação e a barbaria; não ha termo medio, a Europa do seculo XIX e a America do seculo XV, he o que compoem a sociedade americana. Não ha que allucinar-se. Que achais de americano em nossas cidades? Nada; tudo he europeo desde o traje e a maneira até as concepções mais altas da vida social. Que achais nos confins de nossos povos interiores, de nossos campos, de nossos desertos? A barbaria, isto he, a America, porque a America não he senão a ultima palavra da

(*) Apesar d'isto, temos de fazer no fim d'este artigo algumas justas e consoladoras exsepções de jovens que se vão fazendo notar como *poetas brasileiros* na accepção classica d'esta phrase.

idade media introduzida pela Hespanha e Portugal em suas colonias; e a idade media he a idade barbara por excellencia. — Tres seculos custou á Europa para desfazer-se das reacções d'essa idade, e alçar o estandarte da idade moderna; — a revolução franceza foi o ultimo esforço d'essa luta, e a revolução americana o primeiro resultado da revolução franceza; porem essa revolução tinha seu alimento em huma elaboração prolixa das idéas de tres seculos; essa revolução filosophica em sua origem e em seus resultados, não podia revolucionar o mundo, mas sim as cabeças capazes de receber a influencia da civilisação, e tanto na America como na Europa não revolucionou com effeito senão a classe illustrada da sociedade; e em França, para que a classe barbara chegasse a comprehendel-a, teve de decorrer meio seculo para poder dizer no anno de 30 essa palavra tempestuosa que derribou com hum trovão de tres dias esse gigante que se chamava o throno plantado por Deos e defendido pelos seculos.

D'esses dois elementos oppostos que constituem nossa sociedade, resultam os quadros surprehendedores de nossa vida actual. Para onde quer que volteis os olhos encontral-os-heis em luta; em luta sempre de morte; e d'aqui as paixões, as resistencias, os instinctos, e os homens americanos. D'aqui esse mal estar que todos sentem, esse rumor surdo que se faz sentir em todas as partes dos novos estados, que annuncia hum não sei que de terrivel e estrepitoso na America, que todos conhecem e ninguem sabe definir, nem o caracter, nem a epocha do terremoto universal. Não he mais que o combate encarniçado do principio innovador representado pela sociedade civilisada com o principio barbaro representado pelo povo. — D'aqui essa duvida mortificante do espirito do filosopho sobre o futuro do novo mundo. Qual he? Ninguem sabe. Tudo o que hoje temos em politica, em instituições, em filosophia, tudo he hum cabedal a juros que nos tem emprestado a Europa: — nada temos nosso; — tel-o-hemos alguma vez? quem sabe!

Pois bem; por desesperado que seja este estado, he hum thesouro magnifico para o drama. Huma sociedade constituida d'este modo he o romantismo em acção.

Em cada classe hum principio.
Em cada homem huma idéa.
Em cada idéa huma paixão.
Em cada paixão hum sacrificio.
Em cada sacrificio hum drama.
Eis aqui o que temos. *(Continúa.)*

MEDITAÇÃO.

Negro e fechado era o ceo: e ruidoso bramia o furacão encapellando as ondas, que raivosas vinham esbarrar-se ante meus pés produzindo sinistro fragor.

Eu contemplava a sós este espectaculo formidavel, observando dentro em mim mesmo outro mar, cujas ondas confusamente lutando davam não estrondoso estampido; mas hum longinquo resoar, — hum suspiro doloroso, que de espaço a espaço escapando-se por meus labios se desprendia do intimo do peito, alternava com o estrepitoso embater das vagas na arenosa praia!...

Negro e fechado era o ceo; mas no meio da espessa negridão, que envolvia a abobada celeste, brilhava mysteriosa estrella, unica conteste de tão horrorosa scena!... E sua luz offuscante era, no meio das trevas, como o clarão de alampada, que pendesse de hum vastissimo salão forrado de luto: era como a luz, que illuminasse o merencorio asylo do solitario!....

E meus olhos se fitaram sobre o astro, e o sinistro contraste de seu fulgor com o pesado negrume, que submergia a natureza, era para o meu espirito como o desconcertado sorriso de moribundo em hora de agonia!...

E eu desviei minhas vistas d'essa flor do firmamento, e concentrando-me em mim mesmo absorvia-me de novo n'esse immenso mar de cogitações.

E percebia que em minha cabeça se representava exacta a scena que tinha ante meus olhos: e meu lutuoso imaginar era como hum espelho, onde se pintava fielmente o quadro que se desenvolvia ás minhas vistas.

Mas no meio do confuso turbilhão de idéas que me assoberbavam a mente, predominava hum pensamento cheio de fogo; era, entre os horrores do meu lugubre meditar, como essa estrella que luzia no meio da borrasca!!

E subito atravessou meu espirito huma idéa feliz; foi como o sopro de aura matinal, que vivifica e reanima as flores.

E eu pensei mais profundamente: e vi que essa estrella que rutilava unica durante a tempestade expressava hum designio de Deos!!

E esse pensamento cheio de brilhantismo e de fogo que despontara em minha alma era — a esperança de ser feliz —.

Mas o ceo se tornou mais medonho, e o vento redobrou sua furia, e as aguas balouçaram mais desordenadas.

E de repente eu vi surgir ante mim hum espectro hediondo, cuja cabeça tocava as altas regiões do espaço, e cujos pés eram firmes no movediço pavimento do oceano.

E logo após foi completa a escuridao; nem mais rutilava o astro que ha pouco resplandecia.

E esse phantasma, que da profundez do abysmo elevava-se até o ceo, era o genio das trevas!...

E a luz da estrella que desapparecêra tinha sido extincta pelo respirar sinistro do assombroso espectro.

Então gemi; e ao echo de meus ais só respondeo hum som surdo, como o que desferisse a tuba da morte!

Então chorei; e minhas lagrimas tepidas eram como o orvalho da derradeira aurora que raiasse para o mundo. Hum tremor convulsivo e hum suor frio percorreo todos os meus membros; eu me sentia desfallecer...

E minha cabeça, que até então era elevada para o ceo, cahio sobre meu peito, como huma flor que ao emmurchecer se curva sobre sua haste.

E o pensamento brilhante e lisongeiro, que despontou em minha alma, já se tinha desvanecido como a luz da estrella que velára sem companheira no meio da tormenta!

Eu tinha perdido a esperança de ser feliz, e buscando ainda allivio á minha dor, pronunciava como o agonisante para adoçar o fel da morte: — Deos!!...

Por *Antonio de Castro Lopes.*

A' SENTIDISSIMA MORTE

DO

SENHOR MAJOR CARLOS MIGUEL DE LIMA.

EPICEDIO

Offerecido a seu saudoso irmão, o Exm.º Sr. Marechal de Campo e Senador do Imperio Conde de Caxias.

No vôo da esperança sonhadora,
Nas ridentes visões da juventude,
No meio do espectaculo mais pomposo
Que o amor germinára e promettia
Bella natura, vigorosa, esplendida,
E hum peito magnanimo
Que encerrava as virtudes do heroismo,
Hum panno mortuario
Se ergue dos tum'los e afugenta as scenas
Onde ledos sorrisos se embalavam,
E em horrido esqueleto transfigura
Aquelle que nascêra para ornato
Da nossa juventude e seu orgulho!

Nunca mais te verei, honrado Carlos;
Nunca mais tua face radiante
Brilhará, como hum astro, entre os guerreiros.
Cem vezes affrontaste com denodo
A morte em cem maneiras disfarçada!
Venceste-a no talhar marouços horridos,
E n'essas regiões de neve e trevas;
Sobre o dorso pujante de corseis,
Sobre a crista hibernal de alpestres serras,
Nas fauces das crateras dos volcões,
E n'esses turbilhões de estrondo e morte
Onde duendes tetricos sibilam
Graniso de pelouros e a esmo talam
Centos de bravos que lastima a patria.
Cem vezes triumphaste como heróe,
Co'essa fronte serena, bella, amavel,
Com essa galhardia que igualava
Aos heróes que voavam, conquistando,
A' voz do Corso, no Thabor, nos Alpes.
Cem vezes triumphaste como heróe,
P'ra no leito da paz, inopinado,
Morreres como morre hum homem fraco!

A traita do teu genio parecia
Medir no vôo augusto o céo da gloria;
Ceifar na pugna a campeões ousados,
Arrancar estandartes encravados
Entre mil bayonetas, e tranquillo
Aos pés do teu Sob'rano ir offertal-os!
Sonhei ver-te marchar entre mil hymnos,
E os marcos d'este imperio transplantares
Nas margens que a natura lhe traçára!
Sonhei ouvir teu nome glorioso
De labio em labio percorrendo ufano,
Como de teu irmão percorre o nome!
Mas agra sorte derramou seu toxico
N'este alegre delirio; e n'aurea pagina
Da fallaz epopeia do meu peito
As lagrimas da dor correndo, subito,
Tudo desvaneceram para sempre!
Sombrio nevoeiro, cor da noite,
De meus olhos roubou teu porte augusto,
Teu porvir gigantesco, e em vez de louros
Triste cypreste se balança e geme
Sobre a gleba insensivel que acoberta
O teu corpo gentil, esse thesouro
Que tão breve encerrou de hum Anjo a imagem.

A Providencia quiz que do teu astro
A orbita incompleta se apagasse
N'esse berço de bravos e de heróes!
Que teus dias tão curtos, tão saudosos,
Se submergissem n'esse solo ovante,
N'essa terra invencivel, de altos fastos,
E p'ra mais avultar-te a joven gloria
Tuas cinzas mesclou na mesma terra

Onde dormem Abreus, Marques e Camaras,
Onde os Cantos, Manecos e Bandeiras
Os Barretos, Medeiros e Fontouras
Co'o insuperavel gladio ao mundo deram
Mais de vez rude prova da ousadia
Do braço brasileiro nos combates.

D'essas raças tu eras, brio avito
Em teus formosos membros circulava;
Em teus olhos hum fogo sacrosanto
O valor lampejava, e no teu peito
A candida modestia, a bizarria
Brilhavam como brilha hum sol sem nuvens.
Tão bello que tu eras, meu amigo,
Meu doce amigo Carlos, e tão moço,
Talhado como Deos talha hum heróe!
Qual esbelta uricana em virgem matta,
Que a plumagem floreia, e nardo entorna
Ao zephyro fagueiro que a balança;
Assim tu avultavas..... fouce barbara
O teu tronco gentil rompeo de hum golpe!

Da tua vida a estabil auriflamma
No mundo resplendeo só a virtude;
Corações conquistou, palmas, tropheos
De sincera amizade, amor sagrado.
Tu eras o ideal da mocidade,
O paradigma iconico, o prototypo
Do amor filial, do laço mutuo
Que as almas prende no materno seio.
Teu braço que era hum raio na peleja,
Como fagueiro lyrio se curvava
Ameigando o infeliz, caritativo;
Nas chagas da indigencia, do infortunio,
Tua mão generosa, hospitaleira,
Mais de vez entornou saudavel balsamo.
Nunca em teus labios deslisaram gabos,
Nunca a vaidade te fruio no peito,
Nem a altiva soberba o pé te ergueo,
O' filho de hum Regente, irmão de heróes,
Para hum homem pisar, para abatel-o!
Sereno, sempre igual, lhano, risonho
Entornavas no seio dos amigos
Celeste fluido, piedoso encanto.

Quantas vezes sonhando alegre ensejo,
Meus braços preparei para abraçar-te
Prelibando saudosos pensamentos!
Quantas vezes sonhando esperançoso
Em plena luz, no centro dos humanos,
Do borborinho sordido do mundo,
Aguardava esse dia venturoso
De a meu lado te ver, e reavivarmos
Os aureos quadros de hum passado grato,
As emoções sagradas, quando errantes,
Em soberbos emporios, em cidades,
Mil venturas colhemos delirantes
A par de hum genio, do fiel amigo,
Que junta a sua voz ao còro lugubre
Que te chora, meu Carlos, que saudoso
Sempre e sempre será, em quanta errarmos
N'este ergastulo escuro, n'este exilio!

A vida he ferrea cadeia
Que doura hum brilho illusorio;
Quem mais vive, mais padece,
Tudo n'ella he transitorio.

A vida he huma voragem
Que, ás mil, illusões devora,
E em cujas margens florecem
Illusões de hora em hora.

He a vida estrella anomala,
Que tem falso brilhantismo,
Que erra constantemente
Sobre as fauces de hum abysmo.

He a morte hum oceano
No furor de tempestade,
Onde naufraga e se some
Noite e dia a humanidade.

A morte he a sazão real
Que amadura toda a idade,
Hum triumpho sobre a terra,
A chave da eternidade.

Os degráos da escada santa
Que nos guia ao paraizo,
Hum repouso eterno e placido,
Alem do extremo juiso.

O homem virtuoso nada teme;
Que os juisos de Deos são infalliveis.
O seu olho esclarece o cahos e as trevas,
As montanhas aplana, e á flor suspende
C' hum *fiat* os profundos precipicios
Que forram do oceano o leito escuro.
De seus labios celestes, como effluvios
Voam mil astros reeamando o espaço;
Elle rege a missão do escaravelho,
O somno da serpente, e guia os passos
Do leão e do homem; hum só atomo
Não se move e se aggrega sem seu mando,
E do nosso incansavel pensamento
Elle archiva a voluvel romaria
Com eterna memoria, em arca eterna.
Eras joven p'ra nós, meu doce Carlos,
Mas Deos tua velhice, tua morte,
Havia decretado, libertando
Essa alma pura do terreno estadio,
D'esta arena em que as almas mais sensiveis
Em diurnos combates se definham.

Pena de ti não tenho, estás no ceo.
Percorreste da terra hum grande espaço.
Viste as obras de Deos, viste as dos homens,
Assás soffreste na tão curta mora,
Assás penaste no cruel exicio;
Deos te purificou mesmo na terra!

Mas quem minha saudade dolorosa
Poderá consolar; quem este vacuo
No throno do meu peito, onde eras cirio,
Poderá preencher? Amor de filhos,
De esposa, mãi, domestico sacrario,
De outras vestes se adornam no meu peito;
Tu não eras meu sangue, sim minha alma;
Eterno parentesco o ceo enlaça
Entre as almas na terra, e meigo forma
Esses vinculos sacros, perduraveis
Da mutua, da gratissima amizade.

O amor he a luz de hum facho, que outros fachos
Igualmente incendeia, a vida o nutre,
E após penada vida a morte o extingue;
Eu sempre te amarei, querido Carlos,
Assás no peito meu gravado estavas
Para eterna memoria consagrar-te.

Tu não morreste sobre o marcio campo,
Nem do imigo cruel a mão mortifera
No teu corpo gentil abrio as fendas
Por onde do guerreiro a alma se escapa
Envolvida de sangue: hum braço impuro
Teu corpo não lançou em pasto aos corvos!
Como christão morreste em berço amigo,
Teus ultimos suspiros recolheram
Hum sabio, hum genio, e o fraterno heróe!

Quantas batalhas e laureis tu deras,
Nobre Conde, se acaso tu podesses
A vida conquistar do nosso Carlos?!
Contra o braço da morte, disfarçada
Em volcanica febre, mil exercitos
Em vão pelejariam dia e noite:
He surda a tua voz, teu braço imbelle,
Sobre o leito da morte; nem teu mando,
Nem o genio do Corso poderiam
Transformar hum sudario em estandarte!
Nos conflictos da vida só combate
Os estragos da morte hum frio sabio;
Esse novo guerreiro que se abraça
Ante o leito co'a peste, c'os flagellos,
Que não póde fugir, que a vida oscilla
Entre a esperança e o contagio horrivel;
Que hum pé na sepultura, outro no mundo,
Com Deos no coração, amor no peito,
A palma do martyrio em vez de louro
Se apraz em receber! oh! que heroismo!!

Quem diria que hum funebre cypreste
Viria inda outra vez em tua fronte
A par dos louros confundir seus ramos!
E os arcos triumphaes da tua gloria
Cobrirem-se de dó pelo teu Carlos!
Pelo Carlos brasileo, o bravo, o bello,
O amigo sensivel?! Ah! meu Conde!
Na harpa victoriosa, em vez de hum hymno,
Grave nenia se entoa; a corda d'ouro
Que vibrava a harmonia da esperança
Hum dedo de esqueleto arrebentou-a,
E a melodica nota esvoaçando
Foi no ceo se occultar, d'onde descêra.
Tu perdeste hum irmão, a patria hum bravo,
E eu perdi hum amigo, hum bom amigo;
Choremos ambos com saudade eterna.

Rio de Janeiro, 18 de Fevereiro de 1846.

Manoel de Araujo Porto-alegre.

O traço do vôo das aves no ar, e o sulco dos navios nos mares, não se apaga mais depressa do que o pensamento da morte, no coração do homem. *(Young.)*

A experiencia dos velhos suppre a experiencia lenta dos seculos: reduzindo os exemplos a principios, ella faz conhecer os effeitos das paixões, e os meios de as reprimir. D'ahi nasce a favor da velhice essa estima que lhe assignava os primeiros lugares nas assembléas dos antigos Gregos, e que acordava apenas á mocidade a faculdade de interrogar áquella. *(Barthelemy.)*

Na roda das revoluções, aquelle que em vez de procurar ahi conservar se fixo em hum lugar, anda ora para hum, ora para outro lado, corre o risco quasi infallivel de ser n'este movimento arremessado fóra d'ella pela força da rotação.

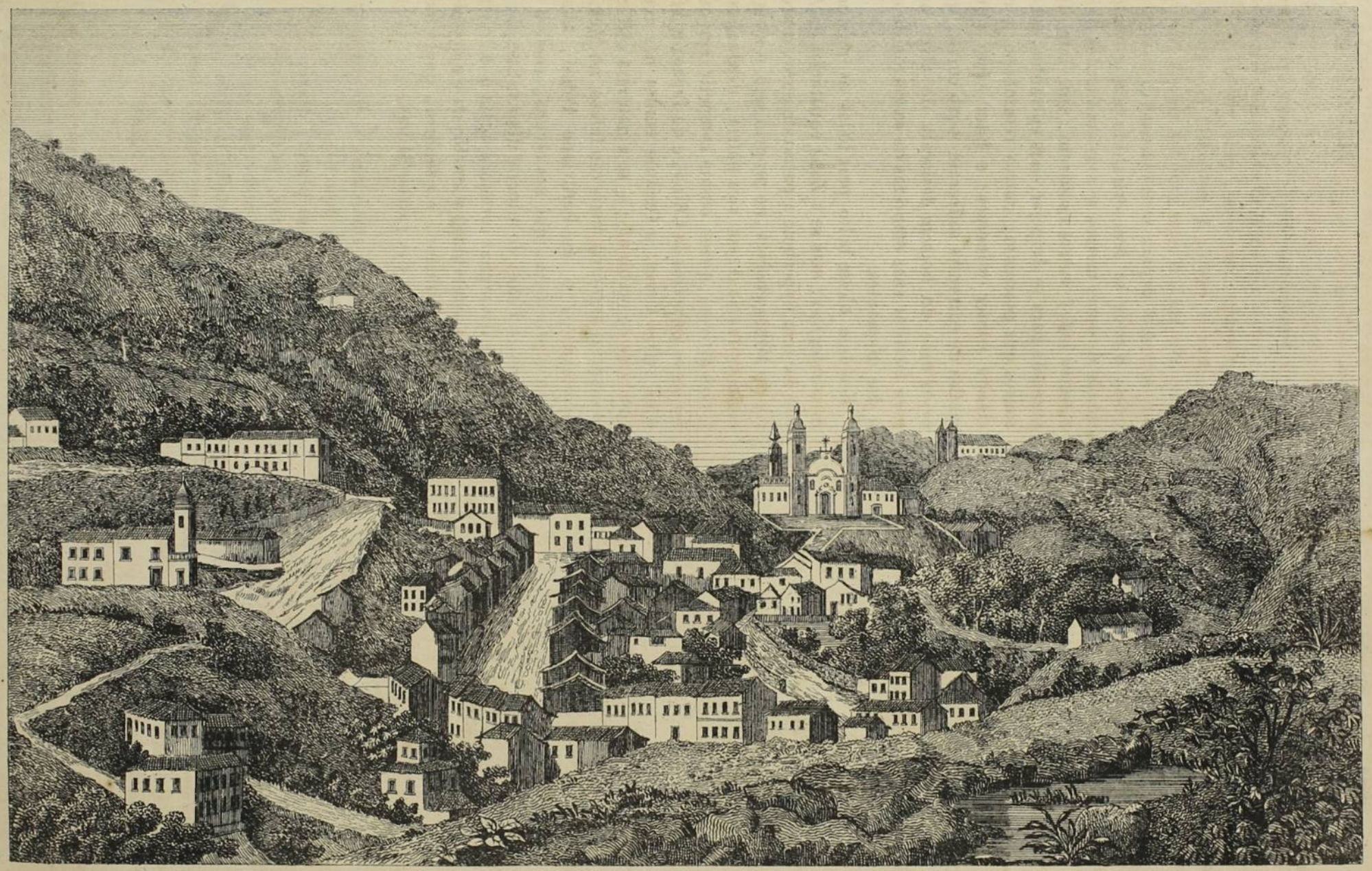
Fazer mal he do homem máu; fazer bem sem risco he do homem ordinario; fazer bem correndo grandes perigos he só proprio do homem de bem e verdadeiramente virtuoso. *(Metello.)*

O christianismo he o grande principio da civilisação moderna; porque estabelece a doutrina da caridade e fraternidade universal, e o imperio da intelligencia sobre a materia.

(Chateaubriand.)

Ao menos em factos de conhecimentos não são nossos avós que devemos respeitar; mas sim os nossos netos. Que luzes não terão elles em comparação de nós, si se aproveitarem das descobertas que lhes deixarmos! O mais que d'elles poderemos esperar, he que nos agradeçam o termos-lhe alimpado e preparado o terreno, de que hão de colher os fructos. *(Terrass.)*

Com este numero distribuimos as estampas dos numeros 41 e 43.



Lith.de Heaton e Rensburg.

IMPERIAL CIDADE DO OURO PRETO.

Minas Geraes.

MONUMENTO GEOGRAPHICO E HISTORICO QUE Á' ESTA PROVINCIA TRIBUTA, E CONSAGRA POR GRATA MEMORIA O — RECREADOR MINEIRO —.

A mão escrutadora do homem encontra o mais precioso de todos os metaes esparso e jacente no seio da terra; extremosa he comtudo a predilecção com que a natureza se apraz em decretar vastissima séde á agglomeração portentosa d'esse metal nas entranhas do mineiro solo, benigno, doce clima,

Onde nutre a perpetua primavera
As verdes folhas, que abrazar podéra
Em outros climas o chuvoso inverno: (*)

deliciosas plagas, região ditosa onde o habitador feliz,

Abertas as montanhas, rota a serra,
Vê converter-se em ouro a patria terra.

O riquissimo paiz, que commemoramos, tem a etymologia da sua denominação no proprio facto de se haver descoberto em todos os seus pontos mananciaes auriferos; e por isso

que se matisa
Com o loiro metal, geral o fructo,
O nome de Geraes por attributo
Estas Minas terão.

Em toda a superficie do Brasil não se offerece mais vasta scena montanhosa e hydraulica como no dilatado theatro de Minas onde se distingue

Huma extensão longuissima de montes,
Que cortam varios rios, lagos, fontes;
vem-se as serras
De escabrosos rochedos, novas guerras
Tentar, buscando os ceos, como tentára
Briarêo, quando aos Deoses escalára.

Porem, no systema das serranias d'esta vasta provincia apresenta-se como o mais alto ponto culminante o orgulhoso *Itacolomy*, de 5700 pés de altura, cujo collo se ergue jactante por hum excesso de 108 pés acima do systema geral de todas as montanhas do Brasil; e o magestoso rio de S. Francisco, pompeando soberbo com o numeroso cortejo de seus confluentes, offerece a massa fluvial mais caudalosa que se eleva na scena hydraulica da mesma provincia, cujos rios, serpeando em solo aurifero, correm da natalicia fonte lacrimosa a transportar alem da região mineira argenteas aguas, transmigrando pelo Rio Doce, e Jequitinhonha para leste; pelo rio de S. Francisco para o norte; e pelo Rio Grande para o oeste. No meio d'estas grandes scenas pittorescas o observador depara com extensas cavas subterraneas, d'onde se tem extrahido prodigiosa quantidade de ouro; morros se avistam furados de hum a outro lado; outros existiram, que tem desapparecido para se despojar suas entranhas dos thesouros que possuiam; outros retumbam, annunciando conter mineraes; e hum vasto numero emfim de correntes soffreram novo curso, que a ávida mão do homem deslocára do alveo nativo para facilitar suas emprezas na extracção do ouro, e dos diamantes.

Residem n'este bello paiz todas as producções mineralogicas; mas se a Zona equatorial da America he sem hyperbole a patria do ouro, a provincia de Minas encerra no proprio seio o mais precioso santuario d'essa rica patria, desdenhosa de rivaes altivos, quaes ousam competir em aureas fontes os imperios da China, e do Japão; a Africa, e os serros Uraes; a Oceania emfim nas regiões insulares do occidente; e se a natureza collocou o manancial argenteo mais caudaloso no Mexicano Guanaxuato, e no Peruviano Potosi, tambem creou a provincia, que nos occupa, como o Guanaxuato, e Potosi do mineral diamantino, a quem tributam triumphal cortejo a ágata e o cristal; o topasio e a esmeralda; a amethysta e o crysolitho; o rubim, finalmente, e a saphira, quaes habitadores indigenas das patrias Minas,

Onde as pedras amarellas, e encarnadas,
Produz o Itatiaia, aquelle rio,
Que vai buscar com placido desvio
Outro, que de Guará, purpurea ave
Na lingua patria o nome tem suave.
As saphiras asues produz a serra
Do Itambé, tem rubins aquella terra
Aonde em breves fontes a Ayuruoca
Vê o rio nascer, que as aguas toca
Do grosso Paraguay;

onde emfim se ostentam as verdes pedras, na linda côr tecendo a esperança, quaes translucidas

esmeraldas
Que servem de esmaltar essas grinaldas

que adornam n'estes rios formosas Náiades, e que outr'ora cingira a bella Eulina,

(*) Os ornatos poeticos, que animam o nosso artigo, são producções do illustre Arcade Ultramarino com o nome Glauceste Saturnio, o Sr. Dr. Claudio Manoel da Costa, saudoso Cysne Mineiro.

Eulina, que, nas graças não recêa
Competir co'a Deidade que o mar cria.

O clima de Minas, posto que se apresente variado em diversos pontos do paiz, comtudo he geralmente de moderada temperatura, cuja prova existe na producção abundante de muitas especies de fructos do Meio-Dia da Europa. Este estado de temperatura, bem como o de toda a America, comparado com os climas dos outros continentes, offerece hum resultado, que nos mostra ser o clima americano, com huma differença de 10 gráus de latitude, mais frio do que as massas continentaes do antigo mundo; queremos dizer, que tanto calor faz na Europa, Asia e Africa, a 20 gráus de latitude, como na America a 10 gráus. Será curioso expormos, que a causa d'esta differença está: 1.°, na pequena extensão transversal do solo americano; 2.°, na sua prolongação para os polos glaciaes do Oceano dominado por ventos geraes, e constantes; 3.°, nas correntes de agua frigidissima com direcção ao estreito de Magalhães, e avançando até ao Perú; 4.°, nas cordilheiras de montanhas, cujos vertices, cobertos de neve, elevam-se alem da região das nuvens; 5.°, no numero de extensissimos rios, que com multiplicadas sinuosidades, vão sempre procurar as costas mais longinquas; 6.°, nos desertos não arenosos, e por tanto menos susceptiveis da impregnação do calor; 7.°, emfim, nas florestas impenetraveis, que cobrem as planicies equinoxiaes, e que dão origem a enormes massas aquosas, que aspiraram, ou que se formaram pelo acto da vegetação.

A Flora Mineira, que se póde dividir em exotica e indigena, offerece quasi todas as arvores fructiferas da peninsula Hiberica, naturalisadas n'esta provincia; e alem d'ellas apresenta huma vegetação dilatada e pingue, rica dispensadora de interessantes productos na escala therapeutica, commercial e fabril. Differente da Myrica Cerifera, o arbusto, cujo tronco e ramos se acham sempre cobertos de cera; as arvores do verniz; a que suppre a verdadeira quina; a ipecacuanha; a jalapa; e todos os dons emfim de Ceres e Vertumano ostentam a procreação robusta de huma terra provida, e superabundante em vida e fecundidade.

A Zoologia peculiar de Minas he commum com a de suas provincias limitrophes, e encerra germinantes raizes, que tem brotado diversos ramos da industria provincial.

Taes são os magnificos productos classificados nas tres grandes divisões da natureza, que nascem n'huma extensão calculada em 33,400 leguas quadradas; em 209 na linha do norte a sul; e em 160 na de leste a oeste; contendo 1,000,000 de habitantes situados na zona torrida entre 13°, e 23°, 27' lat. S.; 43°, e 50°, 30' long Occ. do Observatorio astronomico de Paris.

Do Hélicon desce agora, ó Musa Historica, memorando d'estas plagas primitivas eras até á aurora venturosa da

fundação primeira
Da capital das Minas; onde inteira
Se guarda ainda, e vive ainda a memoria,
Q'enche d'applauso d'Albuquerqu' a historia.

O seculo 16.°, proximo á era do seu encerramento, apresenta-nos a animosa incursão executada em huma parte do territorio d'esta provincia pelo genio explorador de Sebastião Fernandes Tourinho, que subindo intrepido pelas aguas do Rio Doce em 1573, atravessou até ao Jequitinhonha; e por este regressou seguro da existencia de copiosas minas. Poucos annos depois sóbe Antonio Dias Adorno com 150 brancos, e 400 indigenas, pelo rio Cricaré, afim de verificar a producção das esmeraldas, que descobrira Sebastião Fernandes; e regressa por onde havia descido o seu precursor.

Decorrendo hum dilatado espaço de muitos annos, Marcos de Azevedo adianta-se até Vapabussú, termo indigena que significa Lago Grande; porem mais commummente conhecido com o nome de Lagoa Dourada.

Em 1693, 120 annos depois da primeira empreza de Sebastião Fernandes, o Taubateno Antonio Rodrigues Arzão penetra com 50 homens nos sertões de Cuiaté. De animo intrepido, e de alentados brios

Arzão he este; he este o temerario
Que da Casca os sertões tentou primeiro;
Vê, qual despresa o nobre aventureiro,
Os laços, e as traições, que lhe prepara
Do cruento gentio a fome avara.

Falleceo em Taubaté, para onde havia regressado do Rio de Janeiro, recommendando muito a Bartholomeu Bueno a continuação da empreza começada. O illustre Bueno, magnanimo, porem desfavorecido da fortuna, por quem havia sido d'antes afagado, dedica-se a executar as ultimas vontades de seu fallecido cunhado. Toma por conseguinte sobre si o grande projecto d'Arzão; e levando comsigo o capitão Miguel de Almeida, alem de outros muitos, entre parentes e amigos, sahe de S. Paulo em 1697, servindo-lhe de bus-

sola a descripção itineraria, que havia deixado o defunto Arzão.

Assim romperam pelas mattas geraes, e densissimas, governando-se pelos cabeços das serranias; e vieram finalmente estes generosos exploradores sahir á serra da Itaverava, que se interpreta — pedra luzente —.

No anno seguinte, 1698, o Capitão Mór Manoel Garcia Velho, acompanhado do Coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, e muitos outros emprehendedores de igual digressão, encontrou-se com Bueno em Itaverava; e regressando á patria com 12 oitavas de ouro sómente, mostrou que a falta de experiencia, e necessarios instrumentos, limitava estes descobridores ao pouco que podiam apurar. Comtudo, este facto deo motivo ao estabelecimento de huma casa de fundição em Taubaté, e accendeo fortemente os animos de grande numero de Paulistas para intentar differentes viagens no territorio de Minas, despresando a fadiga, o dispendio, e a morte,

Levados do fervor que o peito encerra.

Pelos sertões de Hyvituruhy, hoje com a denominação de Serro Frio, descobertos por Arzão, e Antonio Soares, que dá o nome a hum de seus morros, entranha-se Fernando Dias Paes; chega a Anhonhecanhuva, que significa — agua que se some —, hoje Sumidouro, e ahi se demora tres annos, penetrando por varias vezes no dilatadissimo sertão de Sabará Bussú, onde, na Serra Negra, encontrou pedras preciosas de differentes qualidades; e d'aqui retrocedeo á serra de Tucambira, que parece significar — papo de Tucano —. Passa ao depois ao rio Itamarindiba; que significa — pedra pequena e buliçosa —, onde se demorou; passando ao depois a visitar o lago Vapabussú já mencionado.

Como o ardor pela descoberta das Minas se tornou geral e irresistivel entre os Paulistas, estes por seu genio inquieto e emprehendedor, que os não deixava em repouso, formaram novas caravanas, e proseguiram para o oeste do Rio de Janeiro, atravessando a cordilheira de montanhas, que divide a costa dos terrenos auriferos. A cada passo entram elles em combate com a tribu feroz dos Boticudos, e lançaram por fim os fundamentos da povoação do Ouro Preto.

Dois partidos de Paulistas, em quem a descoberta das minas provocava toda a avidez de que he susceptivel o coracão humano, chocam-se em sanguinolenta luta; mas os antigos possuidores do paiz Mineiro triumpham dos novos invasores; e os mortos no conflicto foram sepultados nas margens do rio, que d'esta fatal catastrophe recebeo, e ainda hoje conserva, o nome do rio das Mortes.

A côrte de Portugal, em consequencia d'estes funestos acontecimentos, tragicamente renovados, envia Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, revestido do poder civil, e militar, com o titulo de Governador do districto das Minas. Chegando ao Rio de Janeiro com forças combatentes, recebe n'esta cidade nova força armada, marcha para S. Paulo, e d'alli a Ouro Preto, onde desenvolveo toda a sua energia para impôr a submissão, e diffundir a tranquillidade entre os sublevados; o que completamente conseguio á força de constancia, e consummada prudencia.

As riquissimas minas do Ouro Preto tiveram por seus primeiros descobridores a Antonio Dias, natural de Taubaté; ao padre João de Faria Fialho, natural da ilha de S. Sebastião, que viera como Capellão das Bandeiras de Taubaté; a Thomaz Lopes de Camargo, que se sitiou nas Lavras, que ao depois vieram a ser de Paschoal da Silva; e a Francisco Bueno da Silva, ambos Paulistas, e este, primo de Bartholomeu Bueno, primeiro descobridor de Itaverava. Alguns bairros do Ouro Preto ainda conservam a denominação derivada de seus exploradores; como por exemplo — Antonio Dias; — Padre Faria; — rua dos Paulistas —, por haverem n'ella residido Camargo, e Bueno, naturaes de S. Paulo, como temos referido.

Mas, já o velho Itamonte vaticina que

Desde o seio da terra a ver o dia
O marmore virá que aos ceos levante
Edificios soberbos, a elegante
Mão do artifice, a villa edificada
Fará que sobre as outras respeitada
De Rica tenha o nome, derivado
Dos Thesouros o epitheto presado.

De Phlegon e Pyrois as redeas de ouro
Batia o sol, e com feliz agouro
Em giros onze ao lusitanco fasto
Sobre mil sete centos, que tem gasto
Pelo ecliptico cerco emfim trazia
O mez que Roma do seu Julio fia.

Foi assim que aos 8 dias do mez de Julho de 1711 convocou o Governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho huma junta no arraial do Ouro Preto, afim de o erigir em villa. Servia de Secretario Manoel Pégádo; e no mesmo dia se elegeram os juizes e vereadores, sahindo por pluralidade de votos como juiz mais velho

Coronel José Gomes de Mello; juiz mais moço, Fernando da Fonseca e Sá; vereador mais velho, Manoel de Figueiredo Mascarenhas; segundo vereador, Felix de Gusmão e Mendonça; terceiro, Antonio de Faria Pimentel; procurador, o capitão Manoel de Almeida Costa: e assim se conferio a esta nova fundação o nome de — Villa Rica de Albuquerque —, reservando-se o dia seguinte, isto he, o dia 9, para n'elle se proceder á posse, que effectivamente tomaram os acima nomeados.

Foi aqui que o Governador Albuquerque lançou os fundamentos de huma cidade regular, situada a 20.° 24' 5" de latitude meridional; 0° 16' 54" de longitude occidental do meridiano do Rio de Janeiro tirado pelo vertice do Pão de assucar, com hum Palacio do Governo, hum erario, e huma casa de fundição. Na conformidade dos seus poderes e instrucções, deo hum codigo de leis relativas ás minas, e aos mineiros. Tornando-se o centro de grandes riquezas, abrio Villa Rica o seu commercio com o Rio de Janeiro, ainda que sempre sujeita a S. Paulo, até que em 1720 se desmembrou, formando com o immenso territorio, que lhe fôra adjudicado, a importante e illustre provincia de Minas Geraes, sendo o seu primeiro Governador e Capitão General D. Lourenço de Almeida, cuja posse lhe foi conferida com solemnidade e esplendor na matriz de Nossa Senhora do Pilar de Villa Rica, a 18 de Agosto do referido anno. Em 1745 foi esta provincia elevada á cathegoria episcopal, cuja Séde se acha fundada no antigo arraial do Carmo, a quem o Rei de Portugal D. João V deo o foral, e nome de — Villa Leal do Carmo —, hoje Cidade de Marianna, denominação que o mesmo Monarcha lhe conferia derivando-a da sua muito amada consorte. Villa Rica, que á imitação das que com o mesmo nome possuia então a Hespanha no Chile e Paraguay, conservára esta denominação, em 1823 recebeo a de — Imperial Cidade do Ouro Preto —, que hoje florece como digna capital d'esta inclyta provincia.

Tal he o resultado dos distinctos feitos, que eternisam

os Pires, Camargos e Pedrosos,
Alvarengas, Godóys, Cabraes, Cardosos,
Lemos, Toledos, Paes, Guerras, Furtados,
E os outros, que primeiro assignalados
Se fizeram no arrojo das conquistas;
O' grandes sempre, ó immortaes Paulistas!

E para que mais se perpetue a memoria do nosso transumpto Geographico e Historico, com elle dedicamos ao Publico a interessante copia d'esta capital, que o engenhoso buril gravára, e que saberá fixar no coração mineiro gratas impressões do patrio Solo.

(Do Recreador Mineiro.)

Julgando que depois do artigo que acabam de ver nossos leitores, desejariam ter algumas noticias mais especiaes sobre a cidade do Ouro Preto, aqui lhes damos as que se encontram no Diccionario de Milliet de Saint-Adolphe.

« A esterilidade da sumidade da serra, as gargantas e excavações, hum ceo quasi sempre ennevoado, casas edificadas sem symetria em outeiros desiguaes com quintaes estreitos mal cultivados, e separados huns dos outros por muros arruinados, eis o aspecto pouco lisongeiro que offerece a capital da provincia de Minas Geraes. As casas postas em cima dos outeiros são acompanhadas de ruas mal calçadas e mal alinhadas, sem exceptuar a mais mercantil e comprida, chamada a rua Direita, qualificação bem mal justificada, são de terra, chans e sem sobrado, cada huma com seu quintal por detraz, e poderão ser obra de 2,000. As que se vão fazendo de novo tem melhor apparencia. O palacio do governo acha-se a 3,780 pés francezes acima do nivel do mar, e consta de hum edificio quadrado que se parece mais com huma fortaleza que com hum palacio, mórmente olhado da banda de hum fortim hum pouco arruinado que fica a cavalleiro da cidade. Parte d'este edificio serve de alojamento das autoridades da provincia, tanto militares, como civis, o mais he a antiga fundição. Ao pé do palacio ha huma caserna, e á pequena distancia a casa da camara, com huma galaria romana no cimo, e em baixo a cadeia, e emfim o thesouro. Estes edificios são em geral mais notaveis por sua vastidão e grandeza que pelo bom gosto de sua architectura; exceptuaremos todavia a cadeia concluida em 1837, com officinas onde os presos trabalham, a qual póde dizer-se que he o mais bello edificio da provincia. Pessoas ha que lançam em rosto aos Mineiros de terem tratado de fazer antes huma cadeia, de que não se necessitava, do que estabelecimentos de beneficencia. Hum só existe d'este genero, e o bom estado do primeiro andar que serve de hospital militar se desencontra grandemente com o hospital civil, que se acha por baixo, o qual está sempre em decadencia. Tem esta cidade quinze igrejas, duas das

quaes tem o titulo de parochia, huma da invocação de N. S. do Pilar, e outra de N. S. da Conceição, ambas ricamente ornadas, e munidas de ricos paramentos sacerdotaes. Em cima de hum outeiro vê-se hum edificio de pouca apparencia, que vem a ser o theatro, com quatro ordens de camarotes, e platéa com bancos. Ha n'esta cidade quatro pontes que facilitam a circulação, quatorze fontes com excellente agua, huma bibliotheca publica, hum jardim botanico, duas escolas de primeiras lettras, hum collegio com cadeiras de grammatica latina e portugueza, de pharmacia e de anatomia. N'ella reside o presidente da provincia e o commandante das armas, e tem as suas sessões a assembléa provincial.

« Por lei de 1839, a assembléa legislativa d'esta provincia mandou fazer hum jardim botanico para o cultivo da arvore do chá, e no anno seguinte colheo-se oito arrobas que foram vendidas a razão de 1,000 réis e de 2,000 réis a libra; em 1840, outra lei da mesma assembléa de 31 de Março installou n'este jardim huma escola normal de agricultura em que deviam ser admittidos como discipulos internos e externos os orphãos das villas da provincia. »

JUVENTUDE PROGRESSISTA

DO RIO DE JANEIRO.

Pelo Sr. José Mármol.

II.

(Continuado da pag. 357.)

Passemos do drama ao romance. He hoje o genero de composição favorito para se escrever a historia de hum paiz com a penna da imaginação; he a segunda irmã da historia politica.

Walter Scott teve de ler a historia antiga, e o historiador futuro terá de ler Walter Scott.

A America do Norte produzio o primeiro homem d'este genero no novo mundo; porem o merito de Cooper não consiste no seu genero de invenção; não he elle emfim, senão o imitador do romancista inglez; seu merito indisputavel consiste na escolha do assumpto de suas obras. Porem este assumpto não he huma propriedade exclusiva da America do Norte; elle se encontra em todo o continente, tanto no Perú como no Chile, no Brasil como na Republica Argentina: tome-se huma por huma de suas personagens, huma por huma de suas scenas, huma por huma de suas localidades; nada ha que seja estranho ao Brasil, a Buenos-Ayres, etc.; não ha de original senão o plano da obra, — isto he o menos —. Tudo entre nós outros são romances e novellas andando, e não ha dez romances escriptos.

Não vês a vinte leguas de qualquer das nossas povoações civilisadas essa tribu de selvagens que ao despontar d'aurora estava a cincoenta leguas do arroyo a cuja margem se tem reunido agora em torno de huma fogueira? Não vês n'ella a antipoda de todo o humano, com o caracter da ferocidade em seu rosto, com o distinctivo da independencia nos musculos de seus braços, e com a desordem do sensualismo em suas acções, em seu traje, em suas maneiras? Pois essa tribu he hum romance.

Não vês do outro lado d'esse arroyo esse homem de côr branca, com a camisa e o gorro europeo, e com o resto de hum vestido allusivamente selvagem, representação symbolica de sua alma meia christã e meia barbara, apear-se de seu cavallo com huma tranquillidade insolente na immensidade deserta que o rodêa, afrouxar-lhe as cilhas, dependurar-lhe o freio no pescoço, dar-lhe huma *rebencada*, segurar-lhe pela cauda, e arrojar-se com elle ao arroyo, levando sua camisa na cabeça; chegar a outra margem, tornar a vestir-se tranquillamente, e de hum salto tornar a montar e continuar sua marcha pelo deserto, em meio da noite, guiado por huma estrella, ou pelas condições do terreno, ás vezes pelo cheiro ou sabor do pasto que pisa; sem mais armas que sua faca, tão confiado como se marchasse á frente de hum exercito, até chegar a hum rancho aonde o espera hum crime, ou huma mulher prompta a saltar sobre a garupa do cavallo e acompanhar em sua peregrinação indefinida a esse homem que recebeo o sal do baptismo, pertencente a huma sociedade civilisada, e que, sem embargo, não tem outra patria senão o deserto, outra lei que sua vontade, mais riqueza que o seu *laço* e suas *bolas*, nem outra moral ou christianismo que os seus desejos? Pois bem, esse homem he hum romance.

Quereis typos mais immediatos? Esse homem que chamais *fazendeiro*, que ao amanhecer o dia se levanta, e encontra duzentos ou trezentos homens, que da frente lhes cahem rios de suor, para que no fim do anno dê balanço ás suas riquezas; que a huma só voz todos lhe obedecem, porque são *seus escravos*, a quem elle accusa, julga, e sentenceia, porque alli não ha outra le-

gislação que a sua: que manda dar 200 ou 500 açoutes equivalentes á pena de morte; que quando quer não obedece á lei commum da nação, ou antes o governo não o chama á lei por temer que não faça caso d'ella; e que ás vezes dispoem da sorte de huma provincia; esse homem, comprehendei-o bem, esse homem he huma prolongação do feudalismo, e o feudalismo he por excellencia a origem do romance.

Essa mulher que atravessa nossas ruas nos hombros de seus escravos, envolvida no mysterio de huma cadeirinha, suspendida entre o ceo e a terra; que ninguem vê; e que ninguem sabe se he bella ou feia, moça ou velha, porem que a imaginação ferida pelo mysterio a imagina joven e bella; e que em seu mesmo mysterio traz o caracter de huma aventura: essa mulher he huma reminiscencia oriental, — he, aos olhos do estrangeiro, o que tem de mais bello o Rio de Janeiro —; passai essa mulher ao romance, embellezai-a, embellezai a *cadeirinha*, e conduzi-a a huma intriga; e tereis huma originalidade poetica. — Porem esta especie de composição muito menos revela o movimento litterario da juventude do Janeiro.

Passemos ao periodico litterario. Este escripto, que he em ponto menor que o folheto, se alimenta de duas fontes: da producção original e da critica. Faltando a producção, falta a critica em litteratura; porem existe outro quadro immenso, outro livro, onde cada pagina, cada linha he hum alvo de critica para o periodico. Este livro he a sociedade com suas preoccupações, suas tendencias, seus habitos e seus costumes. — Tudo isto he huma propriedade do critico, porem que só o periodico póde conter, porque todo o povo o lê e comprehende; no entanto que levada ao livro, a critica vem a ser huma dissertação pesada e inefficaz.

O artigo curto e *Figaresco*, picante pelo espirito e pela graça, com o fundo philosophico, e a vulgaridade na expressão, he a arma irresistivel da critica, quando se atacam as aberrações da epocha ou do bom senso da sociedade.

A Europa está semeada d'este genero de litteratura que não apresenta em sua analyse senão nimiedades sem fructo, porem que em rigorosa synthese apresenta o ariete irresistivel que ha de destruir em poucos annos o costume mais inveterado, a preoccupação mais arraigada.

Fundado seu poder em certas condições do espirito e da lingua, nem em todos os povos tem ella o mesmo poder e a mesma graça, e por isso se vê sobresahir n'elle a França e a Hespanha. A Inglaterra adoptou a caricatura, porque o espirito e a lingua ingleza não se casam com a critica escripta; porem sua critica não só destróe, mas edifica ao mesmo tempo.

Este genero de trabalho, que devêra ser notavel no Rio de Janeiro, porque a sociedade se presta a isso, e o caracter brasileiro he picante e critico por excellencia, e a lingua facil na phrase e rica de vocabulos; não se conhece ainda com a generalidade que devêra: — hum ou outro artigo, hum ou outro periodico que vive hum dia, ou que se vive hum anno tem por fim de alimentar-se de traducções ou de biographias, não he o que constitue n'hum povo sua *prensa critica*.

No entanto repetiremos: poucos povos ha no mundo que tenham em seu seio mais elementos de critica que o povo brasileiro; objectos que criticar em abundancia, — homens para criticar, todos por natureza; porem como a natureza não basta para a critica, mas he necessario alem d'isso a instrucção; vereis que a juventude progressista que reune os dois elementos, seria temivel e poderosa em sua critica.

Conversai com hum Brasileiro duas horas, excitai-o hum pouco, e vereis sahir centelhas, em vez de palavras, que se desprendem de hum foco, que arde e se agita em seu cerebro; porem attendei bem ao seu discurso; em cada periodo achareis dez epigrammas, em cada phrase huma ironia. Sua imaginação os conduz a isso, e a lingua os ajuda maravilhosamente; hum *Qual!* muitas vezes he n'elles hum compendio de inteira critica ou sarcasmo que equivale a huma estocada.

Para fechar o quadro dos meios de acção com que a bella litteratura se faz sentir na sociedade, toquemos por ultimo na — *inspiração fugitiva* —.

Depois que a revolução franceza destruio os ultimos muros do antigo edificio da civilisação anterior, e junto com as cabeças dos reis rolaram o solo, para jamais levantar-se, os principios em que se sustentava a civilisação vencida, e appareceo o primeiro dia da civilisação moderna; a sociedade em todas as suas ramificações ficou convulsiva e assustada, permitta-se-me a expressão, sobre hum terreno movediço e coberto de obstaculos á sua marcha: do grande combate das idéas não ficava sobre o campo senão a destruição universal. O dogma e o principio não se conheciam, quer em litteratura como em politica, quer em filosophia como em legislação, — tudo era tumultuario e atrevido, porque em tudo reinava a desordem, como huma consequencia necessaria do abalo social; e como na sociedade tudo he logico

quando o movimento revolucionario a agita, os escandalos politicos deviam ser acompanhados dos escandalos litterarios. O dramaturgo romantico he o irmão gemeo do *montagnard*.

Porem este, que não era o estado normal da sociedade, devia produzir immediatamente a excentricidade e o scepticismo; porque a alma se esconde em si mesma quando a sociedade a rechaça; e a alma do poeta, que não he outra coisa que a alma da sociedade mesma, recolhe-se no intimo de seu mysterio, desmaiada, por assim dizer, pela presença da conflagração geral, e do mais intimo da consciencia principiou a exhalar gemidos doces e melancolicos, que o povo acolheo como seus, porque o povo sentia o mal-estar geral sem comprehender a causa, não obstante a distracção que lhe offerecia o drama vivo e palpitante que se desenvolvia a seus olhos.

E d'aqui o nascimento d'esssa poesia elegiaca e christã, doce e melancolica como o canto da torcaz, que principiou a deslisar-se pela alma, como o sopro d'huma palavra divina. O poeta, com o coração em Deos e a esperança no porvir, deixava escapar as intuições de seu espirito, em cantos breves e sentidos, como as impressões de quem recebia as inspirações; e ao dizer: — DEOS, futuro, desgraça, amor —; o povo, a humanidade inteira respondia a essas palavras, cujo echo ia vibrando de coração em coração, como de bosque em bosque os sons mysteriosos de huma harpa Eoliana.

A revolução franceza foi hum golpe de diamante descarregado sobre o pedestal do mundo, a cujo choque deviam vibrar os cimentos do mundo inteiro; e a revolução americana não he, como o temos dito, senão hum episodio magnifico da revolução franceza. Sua epocha, pois, era a mesma para todo o mundo; a sociedadde participava de iguaes desgraças, de iguaes esperanças, de igual fé, e o canto doloroso, a inspiração fugitiva do poeta europeo, deviam encontrar echos no coração americano e lagrimas nos olhos: e com effeito, qual de nós não tem vertido huma lagrima de dôr com Lamartine, ou de desesperação com Byron?

A nova geração d'America nascida entre o echos da revolução, abrio seus olhos entre o fumo da polvora, entre huma atmosphera carregada com a electricidade das paixões, e aos gritos de hum estado de coisas que parecia o embrião pungente de outro estado de coisas que se levantava. Não podendo ser indifferente ás desgraças de sua epocha, levantou tambem o hymno elegiaco da dôr na inspiração fugitiva. E onde huma geração de mais poetas? onde poetas mais intimos e de consciencia? Assim devia ser, porque as desgraças poetisam o homem que tem recebido da natureza alguma imaginação e huma fibra de sensibilidade.

O Sr. D. J. G. de Magalhães foi o primeiro que importou no Brasil a entoação e a fórma da nova lyra europea; porque tambem a revolação litteraria havia dado hum molde ás inspirações poeticas; e este não era o resultado, nem da convenção de huma sorbona, nem da sancção do costume; era sómente a fórma que se accommodava ao gosto ou ao pensamento do poeta; fórma que se póde definir a *liberdade de fórmas*. Succedeo então, o que era de esperar, que o joven poeta com seus cantos individuaes, com seu hymno de dôr, com seus *Suspiros*, sublevou em seu favor a juventude brasileira, que participava, pelo influxo da epocha e da situação politica da patria, do romantismo em suas idéas, e da melancolia no sentimento; e o Sr. Magalhães he o poeta mais popular do Brasil, e o mais conhecido no estrangeiro como poeta brasileiro.

Este genero de litteratura tão facil como bello adquirio logo hum numero consideravel de proselytos; porem faltou a seus cantos a condição sem a qual não podiam insinuar-se no espirito do povo, unica academia que sancciona a reputação do poeta até conduzil-o á immortalidade. — Faltou finalmente o *colorido local*, o sentimento nacional, a *idéa* e a *expressão brasileira*; e a sociedade abandonou o bom poeta, porque não era o poeta brasileiro.

Sem o apoio da sociedade, lutando até com os inconvenientes materiaes, devia por conseguinte enfraquecer o animo do poeta, e conduzil-o a trabalhos menos de sua vocação, porem mais productivos e efficazes. E o Sr. Magalhães, como muitos outros que desde 1830 pulsaram a lyra sob a entoação europea, hoje apenas a pulsam para chorar sobre o tumulo de hum amigo, ou sobre alguma esperança extincta em seu coração.

Comtudo, hum poeta ha sobrevivido a todos elles; fallamos do Sr. Araujo Porto-alegre. Este poeta he incontestavelmente hum poeta brasileiro; e o povo mais tarde ou mais cedo fará justica ao primeiro que tem levantado o véo á fonte da poesia nacional, e bebido n'ella suas bellissimas inspirações.

Temos recorrido com a rapidez a que nos obriga a estreiteza de hum jornal todas as faces do quadro que nos propuzemos no principio; temos visto que a juventude progressista do Rio de Janeiro não representa hum movimento revolucio-

nario, nem em politica, nem em litteratura; que a causa não está na debilidade intelligente, nem nos elementos que tem sujeitos á sua escolha; vamos pois a descobrir as causas da inacção, determinando no fim de nosso discurso os caracteres que he chamada a desempenhar no grande drama dos destinos brasileiros.

O movimento litterario não he outra coisa, de qualquer modo que se examine, senão a expressão mais alta da organisação social: se huma sociedade está organisada e constituida em principios dados e approvados por ella mesma, sasonados pelo tempo e a conveniencia, a litteratura he então logica e desenvolta com a politica, a moral, a sciencia, etc., e campea em hum mundo trilhado e conhecido; — d'este modo os dois ultimos seculos nos quaes a sociedade europea repousava sobre as bases solidas da tradição não podiam dar menos que ao movimento litterario a marcha lenta e pesada do classissismo. Pelo contrario, se a sociedade rompeo com a tradição em politica, em filosophia, em moral, etc., etc., e se acha n'esse estado transitorio de desorganisação em que a deixa huma revolução que a precipita n'hum estado de coisas differente do que temia até então; o movimento litterario he tambem hum embrião brusco do pensamento novo, cujo caracter peculiar he a desordem: assim a revolução franceza rompia com huma mão a tradição politica, e com a outra a tradiçao litteraria, pondo a republica onde existia o throno, é o drama romantico onde existia a tragedia classica.

Assim pois, ou a litteratura de huma sociedade está vasada no molde de huma organisação tradicional e sustentada n'essa sociedade, ou rompe com a tradição, se a sociedade tem rompido com sua organisação anterior.

Logo huma sociedade que não rompeo com sua organisação tradicional e não encontra em seu passado huma litteratura propria, não póde em boa logica contar com hum movimento litterario que não póde operar-se sem o auxilio de todo o movimento social. E eis aqui o que se passa palpavelmente no Imperio.

O Brasil antes de sua independencia não tinha nem podia ter huma litteratura propria, porque a vida colonial de hum povo não he senão a expansão vital da existencia de sua metropole; creado, nutrido e educado por ella, não he senão sua propria reproducção; hum membro de seu corpo que recebe do mesmo sangue os principios de seu desenvolvimento compacto. Que expressão poderia reproduzir huma litteratura de colonia que não fosse a expressão identica do pensamento de sua metropole, transportada por ella em religião, em idioma, em instituições, em toda sua civilisação emfim, porque deixaria de ser colonia no momento em que fosse mais forte em civilisação que sua metropole? Porem este principio incontestavel e conhecido em geral, acha-se todavia mais incontroversivel nas colonias hespanholas e portuguezas da America.

O mundo americano destinado desde seu nascimento a ser parte da civilisação moderna da Europa, deo seu primeiro passo quando a Europa deo o primeiro golpe na civilisação da idade media. — A invasão sobre o novo mundo e a invasão sobre a civilisação antiga são gemeas, — a reforma e a America, — a guerra de religião ou de idéas e a guerra da conquista são obras da mesma epocha: e d'ahi data a filosophia de nossa historia (*).

A Hespanha e Portugal resistiram á invasão civilisadora do resto da Europa e entrincheiram-se em suas recordações e fóra da iniciativa que até então tinham levado nos destinos do mundo, ficaram na retaguarda do movimento europeo principiando a perder de dia em dia a grandeza de suas passadas glorias. — Vencidos com o pensamento e com a espada, huma só coisa preoccupava os dois reinos opulentos da idade media: a conquista do novo mundo, essa conquista que devia mais tarde ser a origem de sua decadencia completa, consolava-os então do pobre papel que representavam na Europa. A conservação de suas colonias era sua paixão e sua esperança, e nos *galeões* que deviam importar das entranhas da America o ouro que jamais satisfaria a cobiça do conquistador, enviavam como hum rico presente a sua civilisação retrograda.

(Continúa.)

Não se sabe sem se aprender; não se aprende sem se estudar.

Muitos estudam sem aprender coisa alguma; outros muitos, o que he ainda peior, presumem de saber, isto he, de ter aprendido sem nunca estudarem. *(F. F. de S. Luiz.)*

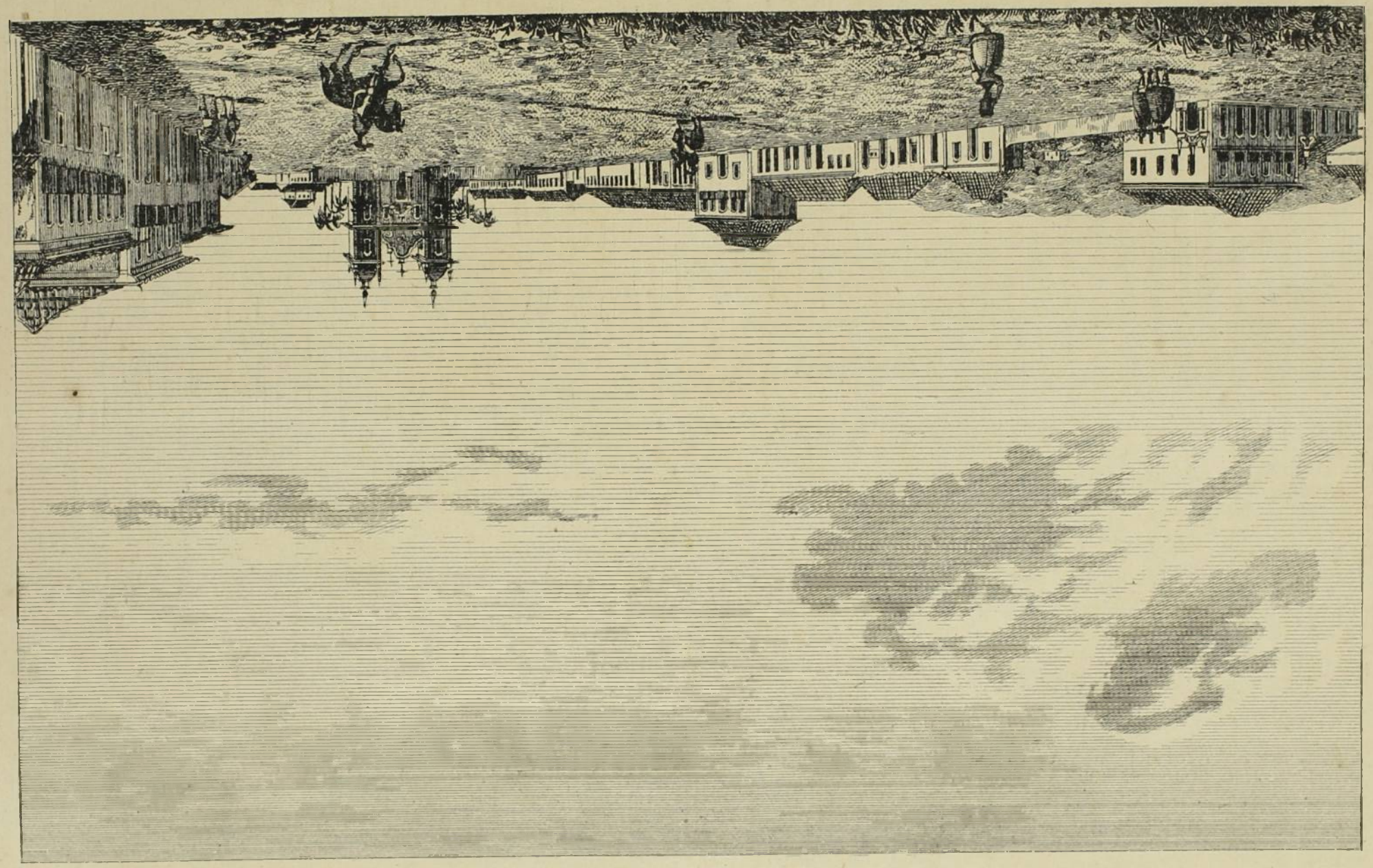
O amor que vem depois da amisade, he o mais duravel: o odio que vem depois do amor, he o mais vehemente, e as mais das vezes inextinguivel.

(*) A conquista da America não he senão hum episodio magnifico da historia de Carlos V.

(Roberston.)

PRAÇA DE BARBACENA.

Lith. de Heaton e Rensburg



Minas Geraes.

CIDADE DE BARBACENA.

Antiga villa e hoje nobre cidade de Minas G[illegible], 24 leguas ao sul da cidade d'Ouro Preto, e 59 ao nornoroeste da do Rio de Janeiro, em 21 gráus 21 minutos de latitude. Os Indios Paris viviam n'aquellas adjacencias, onde os jesuitas os doutrinaram, e fundaram para este effeito huma aldêa junto do nascente do rio das Mortes, a que deram o nome de Borda dos Campos, a qual assim se conservou até á extincção da ordem. Passado tempo, fundou-se á pequena distancia d'esta aldêa huma nova igreja dedicada a N. S. da Piedade. Em torno d'esta igreja se ergueram immediatamente algumas casas, que formaram huma pequena povoação com o nome de Igreja-Nova. Hum alvará de 16 de Janeiro de 1752, lhe conferio o titulo de parochia, ao mesmo tempo que a trinta e duas outras igrejas da mesma provincia. O visconde de Barbacena Luiz Antonio Furtado de Mendonça, visitando a provincia, no tempo em que d'ella era governador, ficou penhorado da magnifica vista d'aquelle sitio, e tomou aquella aldêa debaixo de sua protecção e alcançou d'el-Rei lhe conferisse o titulo e prerogativas de villa com o nome de Barbacena. Huma carta imperial de 17 de Março de 1823 a qualificou de nobre e leal villa, e huma lei provincial de 9 de Março de 1840 lhe concedeo afinal o titulo de cidade. Está assentada no cume de duas montanhas, 3530 pés acima do nivel do mar. Seus ares são saudaveis, as ruas largas e alinhadas; as duas principaes calçadas com passeio de cada lado, as casas baixas com seu quintal detraz. A igreja parochial se acha no meio d'huma grande praça, onde vão dar as duas ruas principaes. Ha ainda mais tres igrejas, a casa da camara, com huma cadeia construida por hum novo modelo, huma escola de primeiras lettras para os meninos e outra para as meninas. Avalia-se a população d'esta cidade em perto de 3000 habitantes. A passagem frequente dos almocreves augmenta de dia em dia a povoação. Tem muitas estalagens e armazens bem guarnecidos, casas de pasto e lojas de bebidas, e teria algumas fabricas, se não fôra a aversão natural que tem geralmente os habitantes dos paizes auriferos a tudo quanto he industria fabril. Seu districto abraça parte da serrania da Mantiqueira que se estende por todo o Brasil, e compõe-se das freguezias de Ibitipocá, Engenho dos Mattos, Simão-Pereira e Barbacena, nas quaes se contam pouco mais ou menos 12000 habitantes que se empregam na agricultura, extracção d'ouro, e exportam para o Rio de Janeiro grande quantidade de café e d'algodão.

Não deixará de ser interessante para os nossos leitores o seguinte trecho sobre a mesma cidade, da habil penna do brigadeiro Raymundo José da Cunha Mattos, extrahido do seu *Itinerario do Rio de Janeiro ao Pará*, por occasião de sua viagem em 1823.

« Esta villa, que antigamente foi conhecida pelo nome de Igreja Nova da Borda do Campo, e teve a sua actual cathegoria durante o governo do visconde de Barbacena, capitão general da provincia de Minas Geraes, acha-se collocada sobre hum extenso chapadão, e na encosta ou declive d'elle até o corrego das Cavairas, ou da Estalagem, onde existem mui grandes ranchos. Tem algumas ruas e praças com edificios elegantes: a rua maior he muito larga, junto á igreja matriz que fica inteiramente isolada no meio d'ella: esta igreja, dedicada á piedade de N. S., he espaçosa, tem dois campanarios e hum bom adro que precisa concerto. Achei-a aceiada, posto que não seja rica, e o seu vigario actual he o reverendo padre Antonio Marques Sampaio, individuo estimavel, caritativo e bemfeitor, tanto da igreja como dos seus parochianos. A rua vai estreitando á medida que se desce para o valle, e n'ella se encontra a casa da camara, cadeia e o pelourinho. Os lados da rua são calçados de pedra, e pelo meio d'ella ha travessões tambem de pedra que chegam de huma a outra parede, e formam especies de degráus que mostram terem originariamente sido as mestras para a calçada geral, a que se deo principio em alguns lugares. Estes travessões de pedra incommodam nas subidas e descidas: e por obrigarem as aguas da chuva a fazerem salto, causam excavações no barro de que he o chapatão formado. Alem d'esta grande rua ha outra mui elegante, por ser plana e recta, a qual vai tocar na bella igreja da Boa Morte, que se acha em construcção, segundo o desenho e debaixo da direcção de hum mestre pedreiro, a quem não falta habilidade: todavia, o templo, rico em pedraria, tem immensos erros nas dimensões dos seus ornatos. Está collocado na mais pittoresca posição, e junto d'elle se acha a velha igreja da Boa Morte da confraria dos homens pardos. Alem d'estes templos existem o de S. Francisco de Paula, e o do Rozario de N. S

« Hapresentemente na villa 325 fogos, e 2000 (*

(*) Comparada com a população já mencionada, se reconhece o progressivo desenvolvimento d'esta cidade.

habitantes: muitas casas estão fechadas por se acharem nas fazendas os seus moradores. A configuração geral da villa he aproximada a huma cruz grega, cujos braços são a rua que fica á entrada da villa, e a da Boa Morte, e o tronco he a que vai desde a igreja matriz até o valle em que corre o ribeirão das Caveiras, ou Estalagem. Existem poucas propriedades de casas com vidraças, e em todas as pequenas ha hum tecido de caniço nas janellas, e ainda mesmo nas portas, a que dão o nome de urupema. O Sr. alferes José Simpliciano, que serve de commandante da villa, e que me hospedou com a maior urbanidade e decencia, mostrou-me a casa em que habita no fim da rua larga, a qual, alem de ser espaçosa, tem hum bom jardim, bom no Brasil, por estar mui bem tratado. A senhora do meu patrão mostrou-me a maior affabilidade: appareceo mui bem vestida logo que eu entrei em sua casa, e desmentio perfeitamente o que dizem varios escriptores, que apresentaram mais romances mentirosos, do que historias exactas sobre o Brasil, acerca da selvajaria e falta de educação das senhoras mineiras, a quem elles desejariam ver a toda a hora. Tambem fui a outras casas, cujos habitantes me obsequiaram por hum modo tão decente, como eu não esperava. Verdade he que não assisti a bailes, mas deram-me chá, mui bem servido em louça finissima, e excellente prata. Vi grande numero de senhoras brancas, todas ellas vestidas com gentileza, e tinham huma conversação agradavel, ainda que pouco cultivada: o que achei n'ellas cheirando a matto ou aldèa, foi a enorme quantidade de cordões e relicarios de ouro, que trazem no pescoço e braços. Este era o antigo costume das portuguezas abastadas: todavia, a maior parte das senhoras que usam d'estes pesados enfeites, são as que já soffrem os estragos da idade; pois que nenhuma menina trazia sobre o seu elegante collo, e louros cabellos, mais do que algumas flores naturaes, e artificiaes.

« As casas de Barbacena, quasi todas, tem suas hortas abundantes de vegetaes culinarios, arvores fructiferas e parreiras de uvas: mas a extrema falta de agua em tão grande altura do terreno (3530 pés acima do nivel do mar, e talvez mais de 600 acima do corrego das Caveiras), obriga aos possuidores a grandes incommodos para conseguirem huma pequena irrigação a braço. Existem aqui varias lojas e vendas, bem sortidas de fazendas inglezas e do paiz, assim como de artigos de ferro, louça, mantimentos, etc, e ha huma boa fabrica de selins á ingleza pertencente ao Sr. José Simpliciano, o qual passa em luta continua contra a obra ingleza, a que elle excede em perfeição, e favorece no preço do mercado.

« He incomparavel o numero de moças galhofeiras que povoam os ranchos d'esta villa, sitiam, combatem, vencem e despojam os desgraçados tropeiros, arreadores, tocadores, e os mesmos passageiros. Esta milicia de Venus consta pela maior parte de raparigas pardas e pretas, que, durante a noite, em completa bacchanalia, não sahem dos infernaes batuques com que divertem e limpam as algibeiras dos desgraçados a quem pescaram. Não pára n'isto a desordem, pois que os ranchos do corrego de Barbacena, a Paphos de Minas Geraes, reunem hum tão grande numero de vadios, cujo capital não passa de hum machete, bandurra ou viola, que bem poucas pessoas deixam de lamentar a perda de alguma coisa, a que estes cavalleiros de industria podem lançar o olho e immediatamente a mão. O numero de bestas que aqui se furta he incrivel, e não se passam horas sem que o commandante do districto receba queixas e reclamações, não só dos moradores da villa, mas tambem dos viandantes que se accommodam nos sobreditos ranchos. »

JUVENTUDE PROGRESSISTA

DO RIO DE JANEIRO.

Pelo Sr. José Mármol.

II.

(Continuado da pag. 363.)

Por tres seculos se nutrio a America com as idéas emprestadas por huma civilisação caduca, pois se o sopro de sua civilisação moderna se deslisava alguma vez pelo cimo dos Pyrineos, ou pelas margens da Mancha, a Hespanha e Portugal eram bastante perspicazes para conhecer que atravessar o atlantico era purificar a atmosphera pestilenta em que respiravam suas colonias.

Chegado o momento de sua emancipação politica, como encontrou elle a America? Sentimos o pesar de confessal-o, porque somos americanos, e porque abrigamos, o que he mais, hum coraçao americano; *mostramo-nos ao mundo* em toda a *nudez da barbaria*. Algumas dezenas de homens das cidades littoraes, educados com os poucos livros francezes que se introduziram de contrabando, convocaram a multidão a desligar-se da

autoridade do *Rei Europeo*; e a multidão respondeo enthusiasta ao chamamento, não porque entendesse huma palavra de Independencia, mas porque se lhe fallava de subtrahir-se ao poder de huma *autoridade*; coisa que bem entende e abraça o homem, qualquer que seja sua condição ou sua origem.

Comtudo, o Brasil estava muito alem dos Estados Hespanhoes da America na epocha de sua Independencia. O trato mais immediato e frequente com a Europa, a importancia do vice-reinado que obrigava o governo de Portugal a enviar homens e elementos efficazes á sua conservação e engrandecimento, a vinda da côrte ao Rio de Janeiro, a livre communicação desde então com as idéas europeas, as viagens á Europa de jovens brasileiros, e outras circunstancias politicas, deram alimento ás luzes do seculo na capital do vice-reinado, e em algumas das provincias littoraes do norte, e nada mais; o resto do estado ficou submergido na ignorancia que havia recebido por herança de sua metropole.

Que litteratura, pois, podiam ter povos organisados d'este modo? Mais de huma vez temos tratado d'esta questão em outras partes da America; e pensavamos descer ao ridiculo quando nos viamos na necessidade de sustentar nossas opiniões combatidas pela vaidade nacional de alguns, que, pela leitura de huma ode ou de hum poema escripto na America, inventaram o nome de litteratura nacional.

Não a tem tido nenhuma colonia americana, nem podia tel-a, e não he isto o que deve admirar; o phenomeno seria que houvesse existido em hum povo que depois de 30 annos de independencia e movimento, não se podesse dizer que sabe ler; porque não se deve equivocar o litterato com a litteratura. Póde ter existido hum litterato, dois, dez, vinte; porem huma litteratura he a expressão do gosto, do espirito, do pensamento de huma sociedade; e isto, graças ás suas madrastas, não tem tido a America até agora.

Chegado o momento da revolução americana, completada em politica esta revolução, porque era a mais facil de completar-se, encontrou cada hum dos estados que haviam roto com a tradição colonial em politica, porem não com a tradição de seu atraso intelligente, porque com esta não se rompe a cutiladas, e sim á força da invasão especulativa das idéas, em huma revolução continua e possante contra todo o existente em materia de organisação social, que era o pensamento fundamental da revolução americana, que não era, como o havemos repetido, senão hum corollario da revolução franceza que tinha esse objecto.

Para que isto se completasse, era forçoso passar por huma historia bem quadrada de acontecimentos desgraçados para as gerações presentes, porem rica em felizes resultados para as gerações futuras, isto he, a Independencia devia apresentar a primeira frente d'esse quadro, a anarchia a segunda, a reacção do absolutismo a terceira, e a reorganisação a ultima, — tudo isto he logico, porque encerra o todo de huma revolução social, que he o que significa a revolução americana, e não simplesmente huma revolução politica, como equivocadamente creram os gloriosos executores de nossa independencia. N'esse quadro importante está trabalhando ha 35 annos a America Hespanhola; e não ha n'ella huma só desgraça, hum só acontecimento que não seja huma consequencia logica da marcha rapida e bizarra ao complemento de sua revolução.

Nunca povo algum desenvolveo em menos annos huma revolução mais completa, huma historia mais quadrada, que a Republica Argentina. Esse povo disseminado na aridez dos desertos, esse povo, *pastor* inculto, porem impetuoso, como os ventos de sua Pampa, he o mais bello monumento historico da America.

Braço a braço disputou 15 annos á Hespanha a terra que havia jurado libertar de seu jugo, e desde as margens do Prata até as fraldas do Chimborazo o canhão argentino foi despertando os povos americanos e escrevendo com suas balas a independencia de todos elles.

Feita em pedaços a tradição hespanhola em todas as fórmas, succedeo o que devia succeder: huma nação inteira se revolveo em hum cahos universal, e nasceo naturalmente a anarchia, que he o choque brusco dos interesses dos partidos que haviam nascido da divergencia de opiniões sobre os systemas politicos que requeria a Republica.

Desenvolvido o espirito d'anarchia na imprensa, na tribuna, na batalha, se delinearam bem os partidos, que he o mais vantajoso resultado da guerra civil; conheceo-se bem a tendencia de cada hum; vio-se emfim que a guerra era sustentada de huma parte pelo barbarismo representado pelos sertões, de outra pela civilisação representada pelas cidades.

Appareceo logo a reacção do velho absolutismo, apoiada, como era natural, no poder do barbaro dos sertões, e representada bem, maravilhosamente bem, na pessoa de D. João Manoel de Rosas. Este homem que tanto tem chamado a at-

tenção do mundo por seus escandalos de barbaria, nada tem feito senão constituir em hum todo os elementos dispersos de reacção que existiam na republica; fazer-se o representante dos instinctos selvagens de Gaucho revoltados contra as tendencias civilisadoras do homem da cidade, e dirigir esses instinctos contra todo aquelle que pudesse fructificar mais tarde huma idéa de civilisação. Eis aqui a origem de sua propaganda contra a Europa de seu *systema americano*, de sua *independencia americana*, e de tantas outras phrases vasias de sentido que repete até o fastio, para encobrir com esse véo especioso a odiosidade de hum systema que repousa sobre o barbarismo e a ignorancia. America! independencia! sim, Rosas; repeti essas palavras em meio de homens que nasceram abaixo do Equador, abaixo do cruzeiro; repeti-as, e hum trovão de applausos irá vibrar em teus ouvidos, porque os homens da America não sabem ainda senão *palavras*. Ainda ha homens que tanto na imprensa como na tribuna te chamam *o grande*, *o heroe*! Ainda ha governos que vão arrojar a dignidade de huma corôa e o lustre de hum nome sob tuas chilenas de gaucho; e tu, *grande* como teus crimes, desdenhas com a altivez do *heroe* a homenagem que te offerecem.

Grande, sim; eu tambem repetirei esta palavra para gloria de minha patria; mãi de prodigios desde o primeiro dia de sua revolução abortou primeiro a grandeza da gloria, e depois em ti a grandeza do despotismo e da barbaria!!!

. . . . . .

Systemada a reacção pelo absolutismo, e o absolutismo pelo Rosas, systemou-se então o partido de reorganisação social, que he o partido que combate ao Dictador gaucho; e principiou então essa guerra franca e ingenua entre o homem da cidade e o selvagem, que continua ainda. Não queremos dizer que a reorganisação seja huma coisa acabada e prompta a afiançar-se na republica pela queda do poder de Rosas; mas sim que cada principio, cada homem dos contrarios d'estes he hum elemento d'ella, que irá pouco a pouco elaborando e compactando o tempo, que he a vida de toda a reorganisação social.

N'esta parte da America pois, o golpe electrico da revolução vibrou em todo o corpo social, e pouco mais ou menos podemos dizer que em toda a America antes hespanhola se tem repetido o mesmo phenomeno, com as mesmas causas, com os mesmos meios, com o mesmo fim, e vai marchando com huma expansão de inteligencia admiravel pelo caminho de sua reorganisação. — No fim d'este caminho o que se encontrará em politica? Será a republica, a monarchia, o systema de centralisação unitaria, o systema federativo? Deos o sabe. Nós outros sabemos unicamente huma coisa: que atravez d'essa noite tenebrosa da revolução surgio d'hum oceano de sangue huma nova geração, em cujos hombros está assentado o porvir de sua America.

Porem este quadro historico, apresenta-o da mesma maneira o Imperio Brasileiro? Não; o Brasil não entrou inda na revolução americana; tem seguido, podemos dizel-o assim, o curso dos successos, arrastrado pelas influencias da epocha, porem não rompeo absolutamente com seu passado, nem tem pisado por nenhum d'esses degráus revolucionarios por onde sobem os povos ao apogeo de sua sociabilidade; não importa que soffram em seu transito esses annos frios que soem pesar sobre huma ou duas gerações, porem precursores sempre de outra epocha vivificadora por excellencia.

Temos dito que a revolução dos estados d'America não podia encerrar-se nos estreitos limites de huma revolução politica; porque o que a America exigia era o mesmo e identico cambio fundamental que expressou tão claro a revolução franceza. He certo que por hum cambio politico se devia principiar, isto he, pela independencia da metropole; e por ahi se principiou; porem isto não era senão o primeiro e mais essencial dos periodos da revolução a mais essencial, porque foi obra da epocha e não dos homens; os homens não fizeram senão responder a huma necessidade de seu tempo; porque no estado em que se encontrava a Europa, ja era impossivel, materialmente impossivel, a escravidão da America.

O dia de sua independencia havia chegado; o Rei D. João VI, apesar do pouco alcance de suas vistas politicas, comprehendeo perfeitamente que o dia da independencia brasileira se aproximava, e ao voltar para a Europa deixou o governo na pessoa de seu filho o Sr. D. Pedro, para que chegado esse dia encontrasse o povo hum Principe Brasileiro em quem collocar o diadema que improvisaria a revolução, perpetuando-se d'este modo a sua Dynastia de Reis.

Muita parte teve na magnanimidade do Imperador, que evitou rios de sangue, e sacrificios inauditos ao Brasil, o conhecimento exacto das exigencias de sua epocha que lhe descobrira seu genio.

Tudo conspirava para a independencia, e ella foi hum echo dado pela Europa, que os americanos não fizeram se não consummar gloriosa-

mente. Porem bem se podia ser independente sem continuar na revolução, assim como se póde avançar a terça parte d'hum caminho sem se chegar ao fim, demonstração esta que o Brasil a fez palpavel.

Fez menos do que romper com sua tradição politica, porque conservou a formula monarchica, separando-se unicamente da monarchia portugueza; e até n'isto, este ponto minimo de sua revolução foi suave, e sem o estrepito de armas. Porem se isto honra o nome dos que sacrificavam seu engrandecimento pessoal á paz do Brasil, não he menos certo que não se deduziram grandes bens ao movimento intelligente, porque quando o teque do alarma, que annuncia a mudança fundamental das sociedades civilisadas, tem soado no mundo alguma vez; o povo que não respondeo a seu chamado, pondo-se, se he possivel, na vanguarda do movimento, ficou logo bem atraz, na marcha do desenvolvimento geral: as nações europeas que resistiram com seu quietismo á iniciação do seculo XVI, nos offerecem hum exemplo palpitante ainda d'esta verdade consignada na historia pela experiencia dos successos.

Por pouco que se observe o Brasil em seu progresso moral depois de sua independencia politica, chega-se a comprehender que não tem rompido com suas tradições ao golpe de huma revolução: e que encadeado a ella o desenvolvimento moral ou intelligente, he por necessidade lento e sem vigor, porque o pensamento não entrou ainda n'essa vida de actividade e de forças, attributos que nascem sómente das revoluções.

Sem hum movimento moral anterior a independencia não podia continuar o que não existia, e sem huma revolução social que derribasse o antigo regimen em moral, em crenças, em habitos, em gosto, não se podia improvisar huma litteratura nacional, porque não se descobrio ainda, dando o povo o movimento da revolução os vasgos caracteristicos de sua physionomia moral.

Nascidos e educados entre o cahos de huma revolução eminentemente social, quiçá nossas idéas se resintam da preoccupação; porem cremos e o dizemos em consciencia, que a paz Octaviana para os povos que nascem na vida das nações, produz o sentido opposto a seu engrandecimento intelligente: jámais as instituições de hum povo podem ser sabias e ádequadas ás suas necessidades, se elle mesmo não tiver manifestado quaes sejam estas necessidades, desenvolvendo seu caracter no theatro dos successos; jamais sua moral será conhecida, se não se houver posto em prova suas paixões no choque violento das revoluções; jamais seu gosto e suas tendencias, se não se houver dado a eleger, nos panoramas moraes que a divergencia e a luta das idéas reproduzem; jamais emfim se poderá conhecer hum povo, se sómente apresentar a quem o estuda a face risonha da tranquillidade.

O egoismo individual faz ver com horror a epocha lugubre e desoladora de huma revolução; porem o sacrificio de huma epocha para a vida de hum povo equivale a hum dia de tribulação para a vida de hum homem; e quando se levanta a voz para fallar d'essa entidade imponente e magestosa que se chama — *Povo* —, não he sem duvida a sorte de huma geração a que mais deve occupar a penna do escriptor. E circunscrevendo-nos á nossa these, achamos bem averiguadas as causas d'esse movimento lento do pensamento litterario da juventude do Rio de Janeiro. Sobre que bases trabalhar quando lhe falta o apoio indispensavel do mesmo povo, que não dá valor, e que não sabe comprehender tudo aquillo que não seja huma disposição governativa, ou huma palavra mercantil? que no seu material, emfim, porque a revolução não lhe tem insinuado ainda que ha outro poder alem do poder de suas bayonetas e do poder do ouro.

Faltando a fé e o respeito pela intelligencia, faltando a protecção publica, o escriptor larga a penna, como o lavrador o arado quando trabalha em terreno infertil. Perguntai ao Sr. Magalhães porque suspendeo o vôo de sua musa dramatica, quando já despregava tão bella as azas de sua inspiração. Elle vos dirá estas palavras: *O povo não sabe ler.* Perguntai ao Sr. Penna, se, apesar do bom acolhimento que até agora tem tido suas obras, poderia sómente com ellas adquirir e conservar huma posição social que assegurasse pelo menos a independencia material de sua vida: elle vos dirá que não. Abri hum periodico do anno 40 ou 42; que se tem feito ao joven que escrevia então tão bello trecho litterario, cuja cabeça era hum foco de conhecimentos distinctos? Ide procural-o em alguma officina publica, onde foi sepultar seu talento no pó dos protocollos, porque seus bellissimos escriptos não lhe produziram senão desgostos; oxalá não fosse tudo isto huma verdade.

A causa pois de não encontrar á juventude na cathegoria litteraria que lhe está marcada por sua capacidade e pela epocha em que vivemos, acabamos de ver que não existe na juventude mesma, senão no resto da sociedade, isto he, em toda a organisação moral do Brasil; porque a juventude progressista, como acontece em toda a parte, não

he senão huma parte minima da mesma sociedade. Não he ella pois senão o povo: e apparece então huma segunda questão: que he necessario fazer? Esta questão he alguma coisa imperiosa, porque nada menos encerra que o cambio fundamental do destino de huma nação; não hum cambio improvisado pela inteligencia de hum individuo, isto seria hum absurdo; mas sim hum cambio que a mesma nação quererá dar-se, e que para chegar a elle nada mais pede senão que a chame a terreno.

Oh! se não tivessemos essa fé robusta e conscienciosa na grandeza do porvir americano, que nasce do exame dos elementos que constituem nosso presente, com quanto temor escreveriamos esta palavra *hum cambio* que no sentido em que a empregamos he synonima de revolução! Porem nada em nós outros destroe a esperança d'esse porvir, que parece revelado pela mão de Deos na grandeza mesma de nossa America. Acaso a Sabedoria Suprema escondeo entre o abysmo dos seculos hum mundo inteiro, mina inexgotavel de riqueza e poder, para que huma vez descoberto aos olhos do universo com toda a magnificencia, ficasse reduzido á mediocridade ou ao nada? Esta terra immensa, que em cada hum de seus valles póde dar hospedagem a huma nação europea, com rios como mares que se precipitam no oceano parecendo gritar ao velho mundo — *Por aqui* —, com homens cuja intelligencia parece predestinada ás mais altas concepções do genio, tudo isto teria sahido das mãos de Deos para não ostentar hum dia o predominio do mundo? Sim; o porvir humano virá a coroar hum dia as scenas puras da virgem do universo, e a liberdade sobre os braços da paz e do genio, nascida como a deosa do mar, do fluxo e refluxo de nossas primeiras oscillações, convidará a Europa a repousar tranquilla sob o alvor maduro de nossa civilisação. E a epopea lugubre de nosso tempo, o sangue e o cahos de nosso seculo será a historia fecunda dos longinquos bens, que nossos netos com lagrimas de orgulho e de respeito apresentem ao europeo para ensinar-lhe a venerar-nos; feliz d'aquelle d'entre nós outros cujo nome se repetir então dizendo-se: « Foi hum homem de seu tempo; e comprehendeo sua missão, disse: *adiante*, sem voltar os olhos para não assustar-se com as scenas de seu transito!! » . . . . . .

. . . . . .

Esse cambio, essa revolução, essa lei tremenda, porem inevitavel, que a America se impoz como a Europa em nosso seculo, essa desmembração, emfim, de seu passado, que o Brasil não effectuou senão em politica, he ao que a nação em massa se encaminha. Cumpre com a lei da humanidade, com seu seculo, comsigo mesma.

Não desafiais a que explique este phenomeno? Isto não se explica por nada individualmente se não com generalidades mais ou menos habeis; o phenomeno mesmo he quem se explica, e a consciencia de cada homem quem responde. Examinai a nação em corpo, e dizei se não ha alguma coisa em sua physionomia que indica huma relaxação interior em todos os orgãos, hum mal estar de vida que pede hum remedio prompto e efficaz. Examinai membro por membro, e direis se o principio vital se communica em todos da mesma maneira. Mais claro; percorrei provincia por provincia, e dizei-me de todas a que está em seu estado normal, sem notar se n'ella todos os symptomas de transição sómente desde o estado politico do paiz até o estado domestico da familia. Chamai o proletario de Minas ou o aristocrata da côrte (porem que seja homem de consciencia), e perguntai a cada hum se crê o paiz no estado que lhe convêm, e cada hum vos dirá em sua linguagem e em suas idéas que *não:* que ha hum mal estar, huma coisa que todos a comprehendem, porem que ninguem a define, que a todos inquieta, sem fazer mal directamente a ninguem.

Assim se estudam e se comprehendem os phenomenos sociaes; assim se comprehende que hum paiz leva em seu seio huma revolução e marcha com ella mais ou menos apressado ao lugar onde se desencadeia e estala, como a nuvem que se levanta no horisonte pouco a pouco, leva comsigo comprimido o trovão que no zenith ou no confim ha de abalar a terra com seu estrondo.

Porem qual he o fim d'esta revolução? Quem sabe! — O problema da revolução americana he o mesmo da revolução franceza; seu objecto he romper com sua organisação passada, e dar-se com huma civilisação nova huma nova organisação, — isto he tudo o que póde saber-se.

Pois bem; ajudar o povo a cumprir esta lei de seu destino, conduzil-o para que não pare no caminho, e não desencadeie suas paixões; para que se vá illustrando e moralisando em sua marcha, para substituir com o poder da intelligencia o poder da espada e do ouro; para que por sua vez apoie e defenda a juventude, he a missão de todo o homem joven e de espirito, qualquer que seja o tempo que houver passado por sua vida. Principios dados e opportunos conduzirão a juventude á sua missão.

Associação. He este o principio fundamental

de todos elles: associação politica, litteraria, dogmatica, de resistencia, de acção; associação em tudo quando se trate dos interesses communs, para converter em hum só, porem irresistivel, o pensamento de todos; para ser huma potencia iniciadora; o que em individualidades não são se não corpos sem resistencia.

Propaganda. Diffusão systemada de doutrinas, cuja essencia sejam o christianismo e a liberdade, — o christianismo como a mais pura e abundante fonte de todas as questões moraes e philosophicas, — a liberdade como a essencia da lei e da sociabilidade.

Conciliação ou tolerancia. He isto eminentemente necessario na America, e n'elle nos demoraremos mais que nos outros, porque assim he opportuno.

Existe na America hum espirito de repulsão ao europeo. A independencia despertou e deo liberdade á aversão natural que existia nas colonias americanas para com os governos europeos que as despotisavam. Conseguida a independencia, se aggregou outro sentimento não menos forte, e foi o sentimento do orgulho ao encontrar-se de frente com seus antigos senhores, tão livres, e quiçá tão poderosos como elles para assegurar sua independencia. O povo que não via no homem de Portugal e da Hespanha senão o homem europeo, pouco cuidou em fazer classificações nacionaes, e encarou como seus antigos inimigos a todo o homem nascido fóra da America. Foram sobrevindo com o tempo os justos motivos de queixa dados pelos governos europeos, e especialmente o de Inglaterra, á susceptibilidade dos americanos, que como mais deveis são mais zelosos de seus direitos; e os governos da America, necessitando a cada momento hum sentimento publico com que escudar seus erros politicos, ou sua incapacidade publica, ou seu despotismo, tem tido sempre em acção o sentimento de desconfiança contra os governos europeos, pintando com côres bem ostensivas, porem bem absurdas, projectos e olhares hostis a tão cara independencia nacional, e aos direitos do povo, fazendo-se olvidar d'este modo suas verdadeiras calamidades. Razões pois de tradição, de historia, de educação, tem originado o que hoje existe contra a Europa no espirito do povo americano.

E na verdade nada ha mais injusto. Não queremos entrar na averiguação d'esses motivos de queixa que tem dado os governos europeos á America, porque póde ser que em ultimo resultado viessemos a reconhecer em nossos governos a culpa e a responsabilidade das excessivas exigencias da politica europea entre nós outros. Queremos crer que a culpa esteja da parte dos governos europeos; porem seria huma consequencia bem absurda deduzir que o povo europeo deve tambem carregar com a animosidade que só merecem seus governos, seria mais que hum absurdo, seria huma anomalia extravagante; porque o povo europeo e o povo civilisado das cidades d'America, de qualquer modo que se encare, não são senão hum só povo.

Tudo quanto temos de civilisado he europeo, e se alguma coisa queremos encontrar de americano, teremos de ir ao fundo de nossos campos onde nos acharemos com a barbaria. — Esta he a verdade, se se quizer fallar com consciencia na presença dos factos.

Não conhecemos em toda a America hum só livro bom em materia de instrucção que seja escripto por hum americano; pois desde os principios politicos fundamentaes do Estado até o *Manual de Cozinha*, temos de ler em francez, em inglez, em allemão, ou escriptos em Portugal ou na Hespanha. Quanto temos he europeo, desde o traje até á idéa, e comtudo grita-se contra a Europa! Porque? Acaso porque em muitas cabeças tem entrado a utopia de Mr. De Pradt, de que a Europa não póde existir sem a America, e sim a America sem a Europa? Que occurrencia! Que seriamos nós outros sem a Europa? Poderiamos existir sem ella, he verdade, porem do modo por que tem existido o Paraguay.

Nós outros não achamos, em boa philosophia, que tenhamos motivos de queixa contra o povo europeo, mais ainda, nem contra os governos da Europa. Empregam o direito da força para impor-nos a miudo os principios de sua politica exterior? Pois bem; mas o direito da força he hum principio social de que se tem feito uso no mundo desde as idades primitivas, e pelo qual a familia humana se encontra hoje no estado de civilisação em que a vemos. Os maiores principios que constituem as bases da civilisação moderna foram desenvolvidos pelo direito da força. O christianismo mesmo, que não he outra coisa que a fonte de todas as doutrinas moraes e philosophicas que hoje nos regem, não foi imposto ás tres quartas partes dos povos christãos senão pelo direito da força; e onde ha huma cruz e huma Biblia, he preciso que haja tambem hum canhão. Toda a civilisação moderna que nasceo debaixo da iniciação da reforma religiosa, tem sido imposta de povo em povo pelo direito do canhão, commettendo demazias, assustando o direito individual, porem levando tudo para diante

até collocal o no grande circulo para onde devem gravitar todos; os fracos supportando aos fortes, e os fortes protegendo e illustrando os fracos, por que esta he a lei eterna da natureza do homem; *he o que deve ser porque assim he*, e não ha que alienar-se, com as theorias inchadas de vento e de palavras, d'esses homens geralmente sem a consciencia do que dizem, e que se chamam politicos; — nas altas questões sociaes, he com a historia e com a philosophia dos factos que deve discorrer-se, e não com as theorias do interesse de hum governo, ou de huma banidade injustificavel sobre huma preponderancia social que não se tem. Quando o canhão europeo se colloca diante de nossos portos, e nos impõe hum bloqueio, he o canhão do forte que vem obrigar-nos a entrar no grande circulo da civilisação actual, impondo-nos pela força os principios de seu direito publico, bom ou máu, odioso ao fraco, abusivo, intoleravel, mui bem, será tudo o que quizerem; porem elle existe, está convencionado, e sustentado pelos fortes, e os fracos não podem fazer outra coisa que submetter-se a elle, como outros mais fracos se lhes submetterão amanhã, quando tenham alguem que queira impor-lhes. — São estes os elos da grande cadeia moral da humanidade; eterna e invariavel como as leis physicas do universo que arrastam os corpos pequenos a seguir a rotação dos maiores no espaço; e pretender quebrar com estas leis he dizer ou escrever coisas mui bonitas, porem não dizer nem escrever coisas reaes e existentes.

America para a litteratura, he certo, já o temos dito; America para a industria de seu solo, he certo; porem em que mais somos americanos se não por haver nascido na America? O que quer dizer politica americana, systema americano, congresso americano? Não querem dizer ignorancia da parte dos que pronunciam essas palavras; querem dizer ambição e má fé, porque com ellas conduzem o espirito da multidão ao fim que se propoem. Não ha mais que ver que essas palavras são a invenção moderna de alguns governos americanos, e com especialidade de Rosas; e bastaria ver subscripto esse nome em frente d'ellas, para tel-as por venenosas á existencia americana.

Politica americana! diga-se politica europea, e ter-se-ha dito a verdade; porque tudo em nossa organisação politica he europeo, excepto nossos erros, que são certamente americanos.

Systema americano! por Deos, não usemos das palavras sem lhe averiguarmos o sentido, porque nos exporemos a burlarmos de nós mesmos. Hum systema he a combinação de principios dados e reconhecidos, e desafiamos a todos os que pronunciam essa palavra a que nos ensinem hum só principio fundamental na America, á excepção do principio religioso, e do principio de independencia, unicos que estão encadeados pelo sentimento publico em todos os estados do continente. Systema americano! confessamol-o ingenuamente; não entendemos o que querem dizer com isto, por mais que o tenhamos meditado; meditamos, e mais nos confundimos, porque vem-nos á memoria o congresso de Nicaragua prohibindo no anno de 45 o casamento dos europeos com as filhas do paiz, se antes não se fizessem cidadãos de Nicaragua; e o governo do Chile no mesmo anno consentindo o matrimonio entre as pessoas de differente religião sem nenhuma restricção civil ou canonica, para facilitar o enlace entre o europeo protestante e a chilena catholica; vem-nos tambem á memoria o governo de Buenos-Ayres excommungando a tudo o que não he Gaucho, e o Governo Imperial fazendo custosos sacrificios para a colonisação europea; repetimol-o que não entendemos huma palavra d'isto.

E que diremos do congresso americano! De que interesses communs se tratará n'elle? Que vinculo politico, industrial, ou commercial existe entre o equador e o Brasil, por exemplo, entre o Mexico e Buenos-Ayres, entre o Estado-Oriental e o Perú? Se se ha de tratar dos interesses americanos, não vemos razão para que não tenham assento n'esse congresso representantes da França e de Inglaterra, que tem valiosos e complicados interesses na America, e direitos positivos a tomar parte em tudo o que lhes he relativo. Se a confinação de territorio, porque não existem os interesses mutuos, he o que conduz os estados da America a reunir-se por meio de hum congresso, não vemos razão para não convidar-se aos governos da Asia a tomar parte na assembléa, pois que só estamos separados pelas sessenta milhas do Estreito de Bering. Se se for tratar de huma liga defensiva contra as ambições que para com a America possa desenvolver a Europa no futuro, não vemos que haja necessidade de tal congresso; basta para isso os ministros diplomaticos; e se de tal coisa se pretende tratar, a Europa faria mui bem no dia em que taes compromissos se protocollisassem em transtornar-nos como a inimigos em estado de guerra; porque nem mais nem menos que huma declaração de guerra importaria tal alliança aos olhos previsores da politica europea.

(Continúa.)

REFLEXÕES PHILOSOPHICAS.

Hum estudo ha do qual o homem não póde prescindir, he o estudo de si mesmo. Huma das epochas memoraveis da Philosophia, na antiga Grecia, he a em que se ouvio a Socrates recommendar como primeira lei da Philosophia moral o conhecimento de si mesmo — Nosce te ipsum—; com effeito bem pouco saberia aquelle que tendo estudado toda sua vida, não tivesse huma noção de seu proprio ser. O homem não saberá o que deve, e o que póde, se ignorar o que he. No homem se reunem os representantes dos dois grandes reinos, o espirito que pertence ao reino dos Ceos, e o corpo que pertence ao da terra. As leis physicas lutam constantemente com as forças organicas, pretendendo sua destruição. O espirito está sujeito á outras leis; subdito do Eterno, está subordinado ás leis do Ceo, que emanadas da intelligencia divina se acham escriptas em caracteres inextinguiveis no mais intimo d'elle; ellas ahi se manifestam logo que começam a ser promulgadas pela razão. A mais simples reflexão sobre os primeiros desenvolvimentos do espirito humano nos põe ao alcance d'esta verdade. Interrogai os Philosophos, diz Laromiguiere, consultai a Socrates, Platão, Descartes, e Malebranche; as respostas d'estes grandes homens vos abrirão hum novo universo. Vós não conheceis senão as necessidades e os prazeres dos sentidos, os da imaginação, e os attractivos de huma vã curiosidade; elles crearão novas necessidades para vos dar novos prazeres, reconcentrar-se-hão em si, e descobrirão hum mundo cheio de maravilhas, que os olhos não as vêem, mas cujas bellezas são mil vezes mais reaes que as do mundo visivel. Reconhecerão que o homem exterior não he todo homem, nem sua parte mais nobre. O espirito foi separado da materia: as molas occultas que dão jogo ao pensamento foram postas á luz do dia: a razão observada em suas causas e em seus effeitos foi submettida ás leis, e então de conhecimento em conhecimento ella elevou-se até o primeiro e unico regulador, sem o qual a ordem physica he impossivel, e a moral huma chimera. Eis aqui como o Philosopho francez resumio os trabalhos de tantos e tão illustres genios. Seja-nos licito penetrar n'esse mundo dos Philosophos, n'esse mundo intellectual, e notar alguns de seus phenomenos mais importantes. Ha longo tempo que os Philosophos emprehenderam enumerar as faculdades fundamentaes do espirito humano, e bem determinar seus dominios. Sem partilharmos a opinião do exclusivismo absoluto, admittimos como muito rasoavel e natural a opinião apresentada nas escolas modernas. A sensibilidade, intelligencia e actividade são as faculdades fundamentaes do espirito. A intelligencia constitue o homem intellectual. A actividade o homem moral. A sensibilidade he chamada em auxilio das duas faculdades precedentes. O homem intellectual vê por meio da reflexão suas mais puras concepções. O homem moral vê por meio da consciencia toda a bondade ou malicia de seus actos. Os sentimentos intellectuaes e moraes são hum resultado d'essas differentes operações. O homem considerado pelo lado moral sempre se apresenta debaixo de dois aspectos, he como justo ou injusto que se apresenta ao tribunal da consciencia, ao tribunal dos homens, ao tribunal do Eterno, elle sente-se innocente ou culpado, e este sentimento he huma fonte de prazeres ou de dores, que tarde ou nunca se dissipam; longe das vistas dos homens só ou acompanhado no deserto, ou nos festins da côrte, na miseria, no abatimento, ou na abundancia e na grandeza, huma dôr ou hum prazer real o acompanha, resultado do testemunho de sua consciencia. Mas que.... o homem, o rei da terra, a cujo poder tudo se sujeita e humilha; o homem poderoso e soberbo, que calca aos pés a terra que o alimenta, tem sobre si alguma lei, que não seja sua vontade? Ha algum poder que embarace e retenha seus passos? A quem dará elle conta de seus actos, aos homens seus iguaes? A si mesmo, proprio autor de suas acções? A Deos, cujas leis elle desconhece? Eis aqui como pensa o homem material. Não, o homem não he hum simples vaso de barro; não sendo elle mais que hum ponto na natureza, he maior que o universo, porque sabe que foi creado, porque sabe que vive, e que morre, porque o sabe distinguir no fundo de sua alma hum sentimento que deve ser o typo e norma de todos seus actos: este sentimento he o do justo. esta lei foi gravada pela propria mão do Creador n'alma do homem, e quando lhe faltasse outras provas, elle sentiria Deos em seu coração. Desgraçado o homem que cego á luz da razão, surdo á voz da consciencia, arrebatado pela torrente impetuosa de suas paixões, se lança na carreira do engano e do erro... impio, que não vê nos Ceos hum poder supremo, que não reconhece na terra huma Sabedoria Infinita, que não lê no fundo de sua alma as leis do Ceo escriptas com lettras de fogo! A este a verdade se manifesta no ultimo instante de sua vida, n'esse tempo em que hum abysmo se abre debaixo de seus pés, em que o fogo dos remorsos

o abrasa nas bordas do tumulo. O homem espiritual levanta hum padrão de gloria a sua natureza, porque a concebe como realmente he, porque a estuda como deve; elle observa que tudo em si he limitado, contingente, finito, e consequentemente admitte hum Ser que o limita, hum Ser que o ha creado, hum Deos. Reconhece seu poder, sua bondade e sabedoria, e o adora. Observa que em seus actos mais occultos huma testemunha o acompanha, hum juiz o segue a toda a parte, o accusa ou premeia, segundo tem observado ou transgredido a lei, que a razão constantemente lhe apresenta. Este juiz he o da consciencia, he o protector da lei, elle póde adormecer, distrahir-se hum pouco, mas nunca se deixará de ouvir sua voz terrivel; elle falla ao homem, e o castiga no que ha para elle de mais caro, com pezares e remorsos n'esta vida, e com a idéa de hum futuro tormentoso. Ha hum litigio constantemente entre os prazeres e os remorsos, ao qual a consciencia põe fim com a sentença, que absolve ou condemna. He hum facto indubitavel que o homem foi creado para ser feliz, que os meios de o ser estão comprehendidos n'elle, que aquelle que se estuda a si, que respeita ás leis do Ceo que o deve reger, e a ellas submette sua vontade, chega infallivelmente triumphante á eternidade, que pelo contrario a vida he hum flagello, he hum supplicio para aquelle que se persuade estar muito longe das vistas de Deos. Que se desengane o insensato e o impio: o homem não nasceo só para si, nada he realmente util e deleitavel quando deixa de ser justo; não ha repouso, não ha tranquillidade, não ha prazeres nem deleites que equivalam a hum instante de remorsos; huma idéa deve presidir a todos os nossos actos, seja na paz ou na guerra, seja no campo ou na cidade, como Magistrado Divino ou humano; a idéa do dever deve ser a norma de todos os nossos actos.

M. M. de Carvalho.

ORAÇÃO

Recitada pelo Professor de Philosophia Racional e Moral o Sr. M. M. de Carvalho, na abertura das aulas do Seminario de S. José, no dia 7 de Março de 1846.

Senhores Collegiaes: eis-nos novamente reunidos em huma mesma casa, e para hum mesmo fim. Tres mezes passados em folgança, no goso dos prazeres da vida do campo, não puderam extinguir em vós o nobre desejo de que ha muito vos achais possuidos. Essa constancia he muito louvavel em vós, he huma garantia segura do complemento dos vossos desejos. O amor pelo estudo se manifesta de tal sorte em vossos semblantes, que me dispensa hum discurso para esse fim.

Procuraremos pois affastar-vos de hum erro, no qual infelizmente tem cahido muitos dos nossos companheiros.

Entre o berço e o tumulo, ha hum espaço bem difficil de atravessar, he n'esse espaço que erramos continuadamente, até que a natureza nos indica o caminho da eternidade.

Huma successão de desejos, huma serie de tentativas, constitue a vida do homem.

He no meio da sociedade que se pintam esses bellos quadros de huma vida feliz: he na sociedade que hum lugubre pincel lança o perfil de hum quadro que o desgraçado tem de encher.

Senhores Collegiaes: vós vos exercitais no estudo das sciencias; fortificais vossos espiritos, e vos preparais para entrar n'essa sociedade de que vos fallo, com a pogança do guerreiro que atravessa o campo dos vencidos: ah! quanto vos illudis, julgando tão facil o passo talvez mais difficil da vossa vida. Quantas vezes pensareis terdes encontrado meios seguros de vida, e sereis repellido pela sociedade, bem como aquelle que tendo visto sumir-se debaixo de seus pés o lenho que o sustentava sobre as aguas, vinte vezes emprega esforços inauditos para salvar-se, e vinte vezes hum alcantilado rochedo o repellio ficando immovel. A Divina Natureza quer empregar convenientemente todos os homens. A Divina Natureza, que conhece o segredo da felicidade do homem, lhe ensina desde a mais tenra idade qual o caminho que deve seguir, e o chama para elle; mas quantas vezes o homem, possuido de hum vão orgulho, cede a indiscretos conselhos, e despresa a vocação d'essa Natureza tão sabia, tão previdente!! Esse celeste conselho que acompanha o homem desde os primeiros instantes de sua vida, que se manifesta no alto de hum throno, que se deixa ver na humilde choupana do pastor, não he impunemente contrariado. Hum povo em seus furores, no delirio de suas paixões, faz de hum artista hum rei: que empregará todos os seus cuidados em ornar os salões reaes com bellos quadros, com formosissimas estatuas; e terminará seu reinado, sendo sempre estatuario. A vocação, quando he seguida e respeitada, torna os espiritos grandes, e os enche de recursos; os embaraços lhe dão mais força, e

servem para lhe dar mais desenvolvimento: essa inclinação natural a todos os homens, que foi tida em tanto respeito pelos antigos, e adivinhada pelos oraculos, he opprimida por leis acanhadas e mesquinhas que garantem e animam entre nós aquelles que estudam a arte da guerra, a sciencia do direito e da medicina, sendo esquecidos os mais elementos da vida e civilisação de hum povo; e assim nos induzem ao erro de pensar que são essas as unicas carreiras abertas ao homem que quer ser hum cidadão distincto entre os seus. Por ventura não será digno de veneração e respeito aquelle que sentindo-se inclinado á cultura da terra, tiver excogitado as estações proprias de fazer as suas sementeiras? que tiver, não só fornecido os seus celleiros de cereaes e legumes, mas tambem saciado a fome do pobre e abastecido a casa do rico? Não será feliz aquelle que do alto do seu casal puder estender suas vistas sobre os pennachos de hum milharal immenso, que vir descer pela encosta de hum outeiro hum abundante rebanho, que ouvir o mugido do touro e da novilha que demandam seus curraes? Não será feliz aquelle, que longe das intrigas e corrupção da côrte, se vê rodeado de seus domesticos que cordialmente o amam e respeitam? Aquelle que faz a alegria de huma mesa frugal, onde o suave vapor dos legumes convida á refeição; onde o puro leite e o fresco queijo, os doces fructos sasonados, todos á porfia desafiam o appetite? O lavrador chefe de huma grande familia, vê com prazer que todos o amam; desconhece os torpes enredos da lisonja, os ardis da inveja, os planos da cobiça e do egoismo. Todos que o rodeam o consideram como seu pai e seu rei, e assim se fazem felizes reciprocamente. O lavrador que se occupa unicamente com seus trabalhos domesticos e ruraes, que apparece a seus concidadãos no tempo da fome e calamidades publicas, e que lhes franquea os seus celleiros, he hum cidadão feliz, digno de veneração e respeito. Tambem he digno de admiração e respeito aquelle que tendo estudado as leis da Natureza, tem descoberto o segredo de as accommodar convenientemente aos usos dos homens; elle parece senhor das aguas, dos ventos e do fogo; elle faz cahir de huma alta montanha huma crystalina corrente que vem pôr em movimento huma grande machina; elle faz com que hum grande lenho se deslise pelas aguas zombando dos ventos; elle faz com que o fogo em poucos instantes conclua hum processo de crystalisação, no qual a Natureza gastaria hum seculo; elle, á imitação da Natureza, faz chuveiros, relampagos e trovões. E não será respeitado entre nós esse homem que tem machinado meios para auxiliar os lavradores e os fabricantes! Esses homens que tem sido respeitados em todas as nações do mundo? Tambem não nos esqueceremos da felicidade d'aquelle que creando em suas imaginações novos entes, os sabe esculpir no marmore; d'aquelle que de hum pedaço de barro faz huma Divindade; d'aquelle que com o seu pincel reproduz o diluvio ou a transfiguração; d'aquelle que pinta em versos os mais ternos sentimentos da sua alma, ou as acções heroicas dos seus. Estes homens foram sempre tidos em respeito entre todas as nações; com os seus trabalhos, com as suas producções, elles refrescam, suavisam a vida dos seus concidadãos.

He respeitavel na sociedade o commerciante probo, que em suas transacções licitas tem agenciado meios para viver com abundancia; para remir a necessidade do pobre, e garantir a dignidade da sua nação. He respeitavel o fabricante, que procurando meios de viver honestamente, livra os seus concidadãos do perigo da ociosidade, e do gravame das mercadorias estrangeiras. Em todas essas differentes occupações, o homem se póde fazer illustre, grande; e merecer os louvores dos seus. Mas como conhecerá o homem a importancia que deve dar a essa voz da Natureza? Como conhecerá elle qual sua missão? Como conhecerá elle a vontade do Autor da Natureza, e os deveres que tem contrahido para com elle? A vós, Senhores Collegiaes, pertencerá hum dia essa tarefa: então direis aos vossos concidadãos, que o homem deve ser sobre a terra hum verdadeiro representante do Ceo; porque assim a vida não será para elles hum flagello, hum continuado supplicio; em sua alma não se apresentarão scenas de horror, seu coração não se consumirá no fogo dos remorsos, gosarão da paz celeste, da felicidade do justo. Senhores Collegiaes, ha na vida do homem huma epocha em que o espirito como que he chamado a viver, em que as forças intellectuas fazem seus primeiros ensaios, em que o homem principia a ser responsavel a Deos pelos seus actos; n'esta epocha a Natureza inspira ao homem o amor da verdade, e confia-lhe todos os seus thesouros, todos os seus mysterios. A Natureza que em tudo he grande e magestosa, desdobra seu immenso véo que he o theatro das conquistas da razão. A Natureza, sobre a qual se estende a razão até que chega a hum abysmo em que se perde, ou a hum Deos que tudo explica. Na escala do sentimento do homem ha huma especie que o conforta e o anima na desgraça, que diffunde huma tranquillidade, huma segurança,

hum prazer inextinguivel; o prazer e a dôr se succedem em huma alteração constante, bem difficil de extremar-se; o sentimento que nos inspira a grandeza e magestade do firmamento, em huma bella noite do outono, ou quando vemos em vulto em hum turbilhão de fumo e fogo que parece querer abrasar o mundo; o sentimento que experimentamos quando de huma alta montanha estendemos nossas vistas sobre hum immenso plano de crystal, ou sobre huma vasta planicie tapeçada de verdura, dividida por crystalinas correntes; o deleite e o encanto que nos inspira as notas d'ouro que soube coordenar o cantor do Gama: toda esta serie de sentimentos he de huma duração ephemera igual á presença dos objectos. He hum quadro bem tocante os transportes de hum pai, abraçando seu filho arrancado ás garras da morte, de huma mãi, que chora sobre o tumulo, sem nenhuma esperança, o unico filho que o Ceo lhe tinha dado: este sentimento, tão puro como o suspiro de hum anjo, se desvanece como o perfume das flores. Não acontece o mesmo com o sentimento religioso, com o sentimento que resulta do conhecimento de huma verdade, he hum raio de luz que desce da intelligencia divina á intelligencia humana, he hum vehiculo por onde recebemos todo o bem que nos póde vir do Ceo.

Santo amor da verdade e da religião, eu vos saudo..... que a vossa duração no fundo das vossas almas seja tão immortal como ellas. He esse amor quem vos inspira esse enthusiasmo pela instrucção religiosa; eu o respeito, não vendo n'elle senão huma dadiva do Ceo, huma vocação divina, que vos fará respeitavel entre os homens, e querido de Deos.

Eis aqui huma verdade que eu não temo repetir em vossa presença: já entre os primeiros Philosophos gregos Pythagoras tinha dito — que a perfeição do homem consistia na aproximação do seu centro que he Deos. Se não fosse huma verdade de simples intuição, o homem pensador acharia estudando-se a si e á Natureza, encontraria em seus variados quadros sempre a imagem do seu Creador: veria que o vegetal, logo que he aquecido pelo sol que o vivifica e fortalece, offerece ao Rei da Natureza em seu calis de esmeralda sua preciosa fragrancia. O cantor dos bosques entôa hymnos á Aurora que o surprehende na morada das flores: o primeiro balido da ovelha, o mugido do touro annuncia ao homem que he chegada a hora da adoração.

O homem prostrado com as mãos elevadas ao Ceo, não faz mais do que imitar a Natureza.

Quereis saber quando o homem he mais digno de respeito e veneração? He quando se prostra e humilha diante de Deos.

Esta verdade tão simples de comprehender, tão difficil de praticar, a Philosophia conhece que só o Evangelho a contêm em toda a sua pureza.

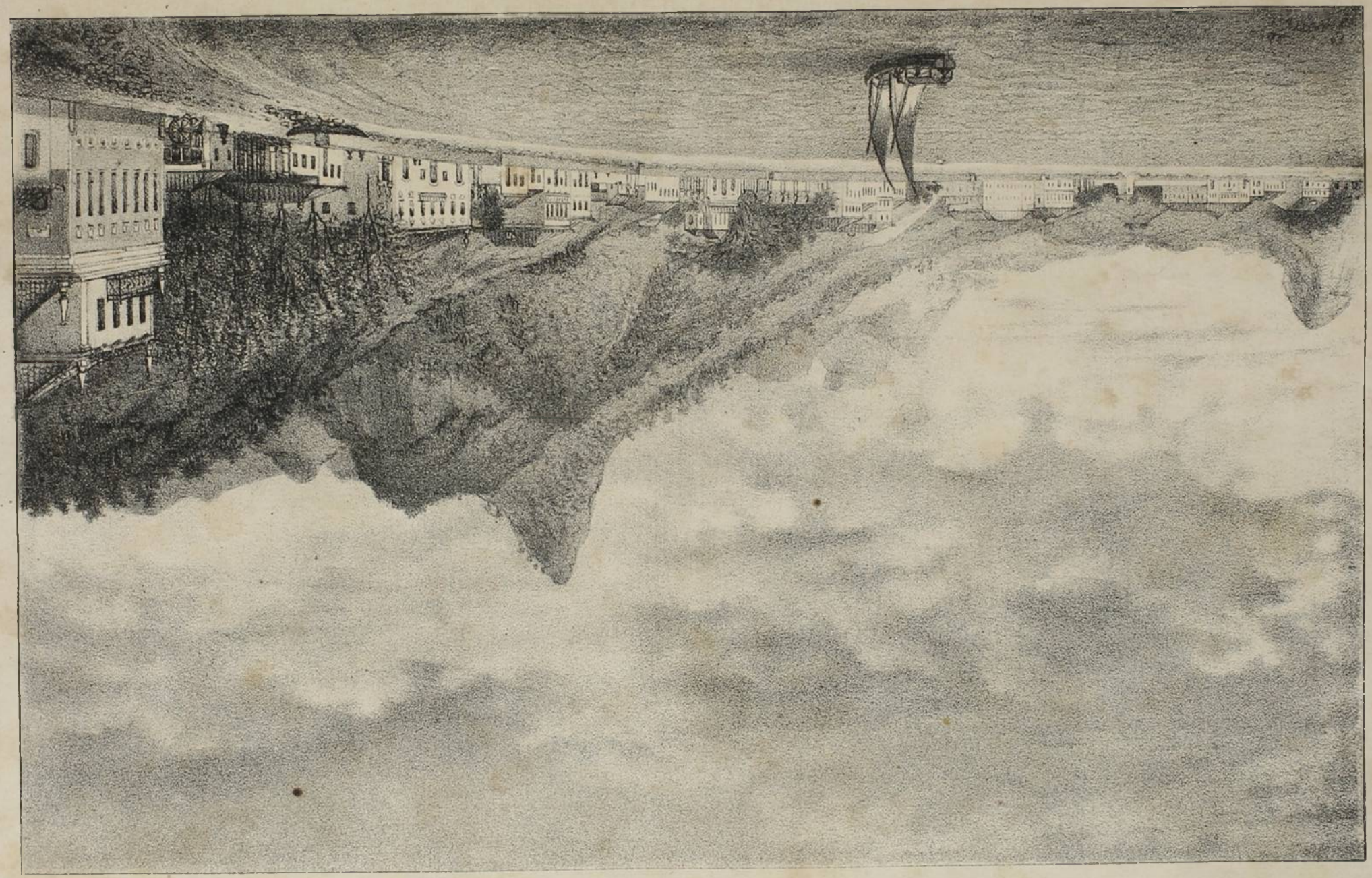
Qualquer que seja a vossa posição social, a instrucção religiosa vos será necessaria, só ella vos conduzirá pelo caminho da honra e da verdade, e vos fará felizes.

Ha hum tempo na vida do homem em que a espessa nuvem que o cerca se rompe, em que os idolos se despedaçam, em que as mais caras affeições se dissipam, em que os vãos caprichos do orgulho naufragam no immenso da eternidade, tempo no qual o homem se reduz a huma triste nullidade, no qual a verdade brilha como huma luz eterna, no qual só nos fica o arrependimento; esse tempo he o da partida para a eternidade, esse passo he para o tumulo: tempo bem curto para rever huma vida cheia de iniquidades, bem longo para o adeos do Philosopho christão, de huma alma justa que tem concluido seu noviciado: n'esse tempo terrivel em que tudo se perde e se inutilisa, só a luz que nos inspira a religião nos fica, só nos acompanha o sentimento religioso, que reteve no espirito o ministro do Evangelho, no momento de cerrarem-se as cortinas do universo.

Não são os poderosos da terra que acompanham ao tumulo o feretro d'aquelle que bem servio a patria e a religião. Não são elles os que entoam o Psalmo dos mortos, he a voz lugubre e piedosa do ministro da religião que se ouve; he essa mesma voz que se levanta no tempo da prosperidade por occasião dos regosijos publicos, que entôa hymnos ao Senhor em acção de graças por nos ter concedido hum grande bem.

D'aqui a pouco tempo, Senhores Collegiaes, a patria vos confiará essa sagrada missão, em cujo desempenho encontrareis não poucos obstaculos, por isso mesmo serão mais meritorios vossos actos. Permitti que concluindo esta pequena oração, vos falle hum pouco do presente e futuro.

Não he de certo huma epocha muito feliz esta em que vos entregais aos trabalhos de huma instrucção religiosa; o fogo de hum systema antisocial tem-se communicado a todas as classes, e crestado em todos os individuos os sentimentos de patria e de religião. Hoje o espirito da irreligião e licença escarnece de tudo que he puro e santo; por isso mesmo serão mais gloriosos vossos esforços e vossos triumphos. Tereis de reprimir as paixões dos homens; por isso elles zombarão de vós e vos despresarão. Tereis de fazer brilhar



a verdade na triste casa do pobre e nos palacios reaes. Tereis de combater em huns a inveja, em outros o orgulho e a soberba, n'estes a irreligião, a incredulidade, n'aquelles a má fé e o brutal atheismo; mas emfim quando tiverdes reunida huma nação inteira possuida de huma só convicção, de huma só crença, de huma só fé, quando tiverdes impresso no coração de todos os vossos concidadãos os sentimentos sagrados de patria e de religião, e os tiverdes feito justos e sabios, então elles vos olharão com respeito, então as bençãos do Ceo e da patria cahirão sobre vossa cabeça.

Rio de Janeiro.

BOTA-FOGO.

Da soberba e magestosa bahia de Nictheroy fallam com enthusiasmo e saudade quantos huma vez ao menos tiveram a felicidade de sulcar suas mansas aguas, apreciar-lhe a extensão, e admirar tantas formosuras; porem entre os admiradores, hum despresa tudo por mover-lhe a attenção o arrogante colosso, que lhe jaz na fóz; outro repara no afan da commerciante S. Sebastião, e nas riquezas da capital do Imperio; aquelle mais poeta perdem-se-lhe os olhos namorados na aldeã-fidalga Nictheroy; qual mede a altura das proximas e alongadas serras; qual deseja reunir todas as bellezas em huma só para devoral-as!

Porem a natureza que matizára tão magnifica as margens da formosa bahia, poz-lhe bem resguardada a preciosa pedra do rico annel de maravilhas; sim:

Ha na foz larga d'este equoreo Rio, (*)
Que o nome tem do Deos de dois semblantes,
Morto remanso em hum lugar sadio,
E defeso dos ventos sibilantes:
Alli não cala o Inverno, nem o Estio:
Babuja o mar co' as conchas mais galantes:
Do silencio palacio verdadeiro,
Que cerra o *Pão de Assucar* sobranceiro.

Dos arrebaldes da capital do Imperio nenhum poderá sequer disputar-lhe a primazia; os jardins e chacaras que essa longa fila de formosos edificios separam das praias d'esse quasi lago; o tapete de verdura que vai morrer nas cristas das serras, que ostentam mais robusto e frondente adorno, dão-lhe tudo quanto póde ambicionar do campo: a curva e graciosa fila de magnificos predios particulares, a larga rua macadamizada, o parapeito, as fontes, que poderão deixar-lhe desejar da cidade? As aguas, em que se espelham tantas grandezas..... Ah! tu és a pedra preciosa do magnifico annel que encerra a soberba Nictheroy!

Mas, porque tão aspero nome te puzeram, tu, lugar tão ameno, meu querido Bota-fogo? Eu o sei, soberba de homens que tudo querem debaixo de seu imperio; aqui pomos fielmente o que sobre tal objecto achamos escripto pela mão de hum Brasileiro (illustre pelo incansavel zelo e trabalho insano com que muitas leguas longe da patria tanto d'ella cuida). « Dobrando o pontal da fortaleza de S. João, encontra-se o ameno seio, que se engolfa pela terra, a formar huma praia circular, que vemos hoje toda guarnecida de casas habitadas. Chamou-se primeiro de Francisco Velho (*), nome do colono que ahi tinha sua vivenda, e depois mudou para praia de Bota-fogo, que igualmente era hum nome de familia talvez de algum outro sesmeiro, ou de herdeiro do mesmo Francisco Velho, ou quem sabe se d'elle mesmo, que poderia ter mais esse nome. »

Mas a historia como he secca e fria para a imaginação!! E quem sabe mesmo se não foste tu, — Pão d'Assucar —, que lhe destes esse nome tão feio?! Ouçamos a poesia tambem; tu, Pão d'Assucar, que pareces o eunucho espreitando a formosa Odalisca, tu, que pareces o tyranno arrogante de sobre o teu equoreo throno.....

Esta penha redonda, alta, e pontuda,
Soster parece a Capricornea Zona:
A pyramide Egypcia mais aguda
D'elle á vista se abate, e desabona.
Ou he da madre Terra a lingua muda,
Do Mundo antigo maravilha nona,
Ou foi, segundo os Gregos e Romanos,
Pão de Assucar do Chá dos Centimanos.

Tomando sim os monstruosos Brontes
De Baccho o Chá na Liparea cópa,
Bicaram contra o Ceo soberbas frontes:
E qualquer joga as armas com que tépa;
Com as chicaras lhe atiram de ôcos montes,
Cahe na Asia o Tauro, e os Pyrineos na Europa;
E o Pão de Assucar, como mais ligeiro,
Na foz cahio do Rio de Janeiro.

Seu cume excelso sempre fumegante
Apparece por vezes inflammado:

(*) João Pereira da Silva, do Rio de Janeiro, 2.º canto do poemo heroi-comico — *A Estolaida* —.

(*) E assim, o caminho, que chamamos—Velho—, não tem esta denominação em razão da nova estrada, e dizia-se d'antes caminho do Francisco Velho.

Raios trisulcos lança-lhe o Tonante,
Neptuno o tem bramindo rodeado.
E, ou por jazer debaixo algum gigante,
Qu' inda chammas vomita exasperado,
Ou dos relampos pelo assiduo jogo,
Chama-se a curva praia — *Bota-fogo* —.

JUVENTUDE PROGRESSISTA

DO RIO DE JANEIRO,

Pelo Sr. José Mármol.

II.

(Continuado da pag. 376.)

Depois de tal compromisso, quando contassem com o apoio dos outros, que fariam os governos do Mexico, de Nicaragua, de Buenos-Ayres e de todos esses caudilhos que para lisonjear a multidão barbara que os sustem, estão fulminando hum anathema diario contra a Europa? Que fariam? Improvisar huma questão e correr em seguida ao Brasil, ao Chile e a todos os estados da America, e com o tratado na mão fallar-lhes do *systema*, da *dignidade* e da *independencia americana*, e arrastal-os em seguida ao cumprimento do pacto? Não, por Deos; o Brasil, o Chile e Bolivia, que são hoje os estados mais fortes e florescentes da America Meridional, devem fugir, como de huma epidemia, de todo o compromisso publico que os ligue a governos cuja existencia depende exclusivamente do predominio da classe barbara sobre a classe civilisada; a governos, cuja constituição he o despotismo, e em quem não tendo a opinião publica acção alguma, não iriam a pedir desde a tribuna de hum congresso senão aquillo que mais afiançasse sua existencia publica e seu systema de oppressão.

Porem se o sentimento de justiça obriga á juventude propagadora das doutrinas sociaes a desvanecer do espirito publico essa idéa de repulsão á Europa, muito mais a obriga ainda o calculo de conveniencia.

Que he o que pretendemos? civilisar-nos? melhorar nossa condição social? E de que maneira poderemos conseguil-o senão acercando-nos de todos os modos ao centro da civilisação do mundo? Acercarmo-nos a ella, conquistal-a, compral-a, mais propriamente dito, com sacrificios de todo o genero, com abnegação muitas vezes do amor proprio, como faz com seu mestre o menino delicado.

Mais tarde, quando tivermos formado por huma elaboração prolixa de idéas a potencia de nossa propria civilisação, disputaremos quiçá á Europa a iniciativa não só do pensamento como a disputaremos em poder, em commercio e em tudo, porque a America tocará algum dia, como o havemos dito, a meta magnifica de seu destino no mundo. Porem nós outros estamos n'essa longa aprendisagem por que devemos passar, toca-nos a fusão mais completa com tudo aquillo que seja mais civilisado do que nós outros, isto he, com a Europa.

Desviar pois do povo americano esse espirito de repulsão ao europeo, he hum dos principios mais imperiosos da juventude progressista.

Sacrificio individual. Se huma necessidade existe de preparar os elementos de melhora social, o homem que se considere iniciado na reforma ou na *revolução*, tem de ir antes ao altar da patria offerecer em sacrificio seu individuo; e depois com a couraça da fé e da consciencia, entrar no combate que lhe preparam as resistencias dos homens e das coisas, a que he necessario fazer frente e destruir.

Se o Brasil ha de entrar no movimento intelligente a que he chamado, tem de passar por todas as vicissitudes das altas revoluções sociaes, tem que arrojar-se á arena, para contestar o desafio das idéas novas, os athletas em que se apoia a tradição, e terá de medir-se com reputações afiançadas por largos antecedentes, e pelo espirito de credulidade publica; fazem-se necessarias huma força e huma intrepidez inauditas para não perecer na luta; — fallar alto, porque se falla em nome da patria, aos que tem em suas mãos o poder; fallar alto e mui alto a essas Sorbonas de facto, que monopolisando os destinos da nação e os interesses do povo, se insinuam no povo a quem despotisam anonymamente; he hum dos principios que mais se deve marcar no codigo de toda a juventude revolucionaria. Estamos mui longe de querer pregar huma doutrina subversiva; porem, dizemol-o em consciencia, existem na America, depois da revolução politica, homens e coisas que foram mui boas em seu tempo, porem que havendo passado esse tempo sem fazer mal estorvam que se faça bem, — não podemos emittir hum pensamento nem mais verdadeiro, nem dito em palavras mais chãs para que todos o entendam.

Fraternidade americana em todo o relativo á revolução. Este principio deve ter o caracter de hum dogma religioso para a juventude do Brasil, pois he elle o complemento de todos os outros.

A revolução americana he indivisivel para toda

a America em seu objecto moral; e as fórmas politicas de governo para cada estado, monarchia ou republica, não são senão meios elegiveis para conseguir aquelle objecto, porem que nada lhe tira a virtude. Ha pois huma coisa commum entre as Republicas e o Imperio da America, e essa coisa he o cambio social a que se propuzeram com a revolução. Existindo essa communidade eminente, existem tambem pontos de contacto em certos meios.

O mais culminante para a realisação d'esse cambio he a liberdade civil e politica, porque sem ella não póde o pensamento desenvolver-se nas especulações a que o obrigam as exigencias da revolução. A liberdade, como hum principio pratico que póde ter existencia ou carecer d'ella, segundo as circunstancias politicas de huma sociedade, necessita para a sua conservação o apoio do maior numero que pugne contra aquelle em que se apoie o despotismo, que he tambem hum systema politico, e como tal com suas doutrinas e seus proselytos.

Fraternisar pois com toda a juventude progressista da America, seja d'esta ou d'outra latitude, he hum principio de conservação moral para a juventude de que nos occupamos.

Fraternisar com os que proclamam a liberdade, he fraternisar com elles em sua luta contra o despotismo, pois só se chama á liberdade quando o despotismo existe; e declarar-se contra o despotismo quando se tem convertido em systema, em paizes encadeados á existencia moral de outro estado, não he outra coisa que declarar-se em proveito proprio contra hum principio contagioso e corrosivo; porque no corpo social, como no corpo do individuo, ha epidemias que se transmittem lenta ou rapidamente, porem que se transmittem. Assim o principio da independencia americana se manifestou em hum ponto e se communicou a todos os outros, e não se póde nem presumir que hum só Estado se houvesse feito independente, deixando os outros em estado de colonias, e simplesmente na expectativa; e da mesma fórma que a liberdade, se communicará tambem o despotismo e a reacção.

Rosas injectou esta lepra social em sua patria, e prompto a communicou Oribe á sua; e promptamente haveria passado o Jaguarão, se quando Rosas fomentava a revolução do Rio Grande, essa revolução houvesse triumphado.

O despotismo tem tambem sua propaganda, por que tem tambem seus homens bem decididos, e não ha propaganda, por odiosa que seja, que não encontre proselytos em todas as partes.

Temos lido em periodicos de Pernambuco, isto he, a quinhentas leguas de Buenos-Ayres: — *asquerosos*, *selvagens*, *immundos*, e outras palavras assim, em discussões politicas, palavras que Rosas tem dado á luz com seu systema americano; e vimos na casca d'huma arvore do Jardim Botanico do Rio de Janeiro: « Morram os selvagens unitarios. » Isto parecerá huma nimiedade para alguns? Pois he huma grande coisa. He nada menos que a propaganda do despotismo, a doutrina da barbaria diffundida subtilmente entre huma sociedade que tem tambem visiveis symptomas para a reacção de seu passado; entre huma sociedade onde a liberdade não tem brotado raizes, onde se discutem surda, porem tenazmente, principios encerrados, huns na tradição, outros na innovação; n'huma sociedade emfim onde o *direito* he ainda hum assumpto que não tem chegado a seu ultimo desideratum.

Assim, por phrases, por palavras, por transumptos, se derramam em toda a America as primeiras sementes da independencia, e assim por phrases, por palavras, por transumptos, nos inundaria o despotismo se deixassemos que nos invadisse livremente.

Somos tão escrupulosos em materia de liberdade, e cremos conhecer tanto o povo americano em seus instinctos de deixar-se estar com o que querem impor-lhe os governos, e amamos tanto a liberdade em qualquer parte que a achamos, que cremos de boa fé que o direito de *deportação* deveria usar-se com frequencia em todos os Estados americanos, que, como o Brasil, marcham tão felizmente para o seu engrandecimento futuro, porem que abrigam em seu corpo orgãos tão susceptiveis de contagio; usal-o principalmente contra esse povo que está roçando os limites do Imperio, e no qual, segundo a recente expressão da primeira corôa do mundo, « se estão commettendo actos de barbaria desconhecidos até agora » (*). Escrevemos estas linhas, não por espirito de partido algum, mas pela fé robusta que nos anima, da necessidade que existe de uniformisar na America o espirito e os principios da juventude que sustem em cada Estado o estandarte da civilisação.

Quando vemos no santuario da Lei Brasileira alçar-se huma fronte joven e altaneira, e desde a tribuna do povo fallando em nome da liberdade chamar o poder para que abaixe a fronte perante a lei, — Bem, dizemos nós, he o emigrado ar-

(*) Discurso da Rainha Victoria, em 29 de Janeiro.

gentino que não reconhece outro poder alem da lei, nem lei cujo espirito não seja a liberdade.

Quando vemos o escriptor chilleno pôr na frente de seu periodico hum artigo da constituição, dizendo ao governo: « Não podereis queimar meu periodico, sem queimar este artigo: » Bem, dizemos nós, he o deputado brasileiro que não quer reconhecer outro direito no poder que o da constituição. D'este modo vemos a juventude progressista de toda a America animada de hum mesmo sentimento e affrontando iguaes inconvenientes para levar adiante a grande obra da revolução, comprehendemos então a necessidade que tem de fraternidade de acção, como está fraternisada pelo sentimento. Fraternidade de acção, dizemos, por que não bastam as sympathias moraes, quando os prejuisos materiaes são *communs*. Oh! não escrevemos esta palavra senão porque he o resultado da meditação e da experiencia em nós; porque he huma d'essas altas e philosophicas verdades que o pensamento não as comprehende senão depois de hum estudo profundo dos phenomenos sociaes.

Os povos da familia humana jamais tiveram limites ou bayonetas para resistir á invasão das idéas, quando de qualquer confim do mundo se desprendem com o caracter dos systemas nas revoluções moraes; e o despotismo por sua vez, como a liberdade, se hão burlado, tendo-se assenhoreado de tudo, porque as ideas não tem patria. A revolução americana fez de toda a America hum só povo para a liberdade, como antes era hum só povo para a escravidão; e a reacção do velho regimen, ou qualquer systema barbaro que tenha poder de propagar-se, encontrará hum só povo nos milhões de homens da America.

Passai os olhos sobre huma carta da America, e encontrareis, he verdade, os limites accidentaes que dividem hum territorio de outro; porem passai outra vista d'olhos sobre o mappa moral das idéas, e dizei-me onde estão os limites bem marcados dos povos americanos, especialmente de nossa America meridional? Não, não achareis se não duas immensas classes que se disputam vigorosamente o predominio: o povo tradicional da metropole, isto he, o povo barbaro, instrumento do despotismo, e o povo da revolução, isto he, o povo civilisado, garantia da liberdade.

E quando isto tem o caracter de huma verdade incontestavel, grande e lamentavel erro seria considerar *local* o despotismo quando chega a adquirir a cathegoria de systema.

Assim quando a miudo nos temos occupado n'esta ultima parte de nosso artigo da pessoa do General Rosas, não he porque tenhamos querido de proposito dar peso a opiniões politicas que seriam exoticas no assumpto de que nos occupamos, mas sim porque vemos n'esse homem alguma coisa mais do que tem acreditado ver os homens que se chamam de Estado no continente. Mui longe estamos de fazer a Rosas a injustiça de crel-o simplesmente hum caudilho militar, a quem a fortuna tenha protegido a seu capricho. Não; Rosas he a encarnação dos instinctos reaccionarios do povo barbaro d'America; e em qualquer parte que a casualidade nos houvesse feito nascer, não deixariamos de encarar n'elle o symbolo palpitante da relaxação moral, e do atraso em que deixaram a America seus antigos possuidores, e como tal hum symptoma de corrupção, prompto a dilatar-se e contaminar o resto são do corpo da America; e por conseguinte a quem he preciso exterminar pelo instincto de conservação, e não por essa palavra vasia de *Humanidade* de que se tem feito tanto uso.

Quando os agentes de Rosas foram pedir officialmente aos governos do Chile e da Bolivia o silencio da imprensa publica no que toca a seu governo, não temos visto n'isso senão o chefe de hum systema bem elaborado e sustentado ir convidar os governos visinhos a huma escandalosa federação d'esse systema; porque ir pedir o silencio da imprensa era convidar a hum acto de despotismo sobre a liberdade de escrever.

Quando em sua Gazeta Official Rosas ameaçou o Brasil de vir proclamar o *principio* americano no coração do Imperio, não vimos n'essa ameaça huma quichotada petulante, mas huma confiança cega na subtilidade de seu systema para introduzir-se nas entranhas de hum povo predisposto ao contagio das idéas de qualquer parte e em qualquer espirito que venham.

Estas relações, estes vinculos de existencia e de perigos são os que implicam as necessidades da fraternidade da juventude americana contra todo systema, contra toda idéa subversiva ao principio da revolução commum.

E se em vez d'esse congresso americano de que tanto se tem fallado, se fallasse de associações americanas, cujo objecto fosse propagar os principios da revolução e minar por sua base o despotismo, onde quer que se manifestasse na America, veriamos pela primeira vez estabelecer-se hum principio de eminentes e felizes resultados, e fallariamos em seu favor com a voz sempre poderosa da verdade.

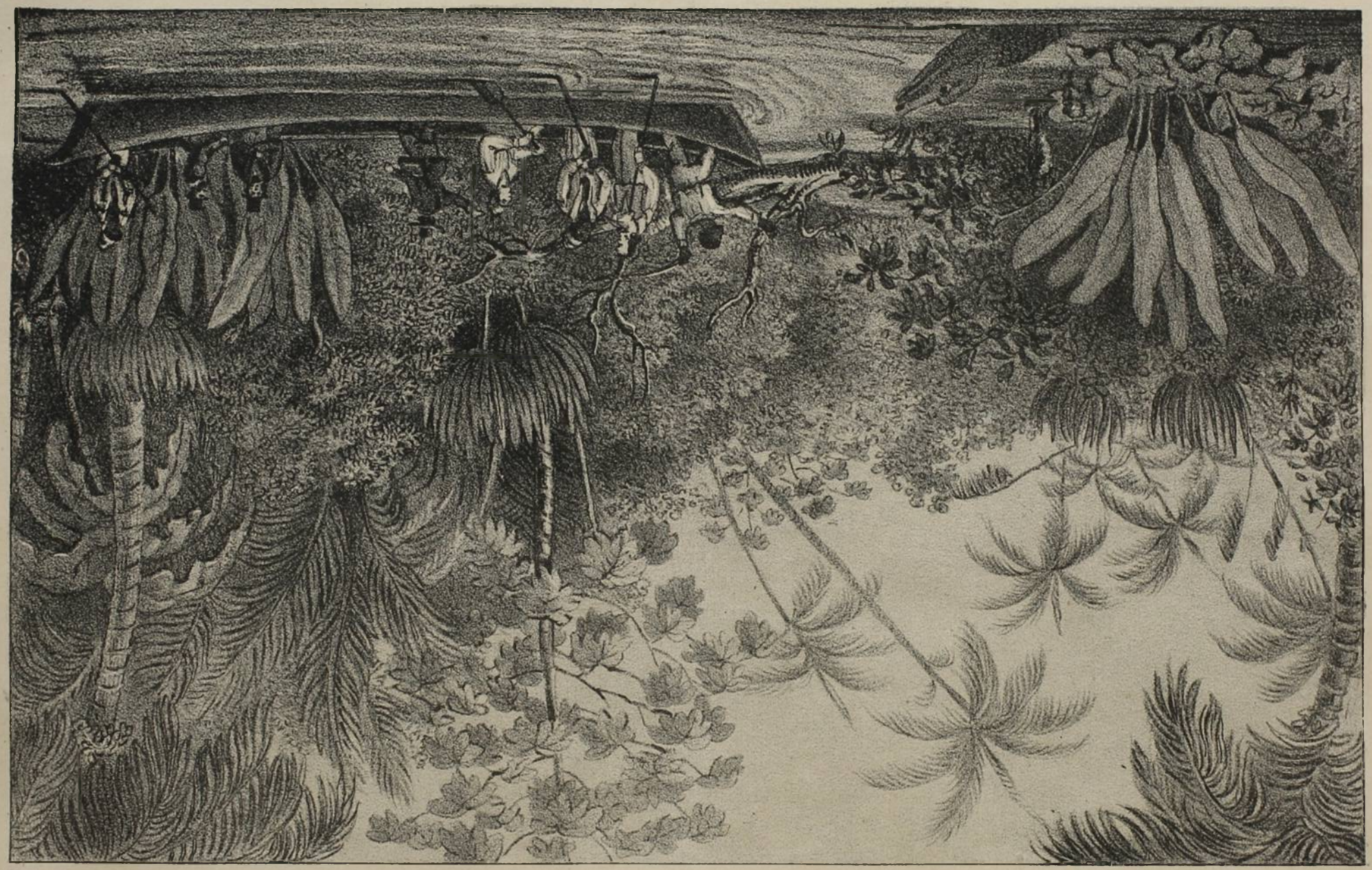
Temos fundado com a brevidade a que nos obriga o caracter d'este escripto o principio da fraternidade ou união da juventude americana. Conhecemos bem que não he esta huma idéa capaz de se insinuar em todos os animos pela razão mui simples de que produziria para muitos o resultado contrario a essa sordida especulação dos interesses geraes, com que engrandecem e afiançam suas ambições pessoaes; porem nós jamais fallamos no sentido dos interesses privados de nenhum partido, de nenhum circulo, de nenhum homem; senão sempre no sentido dos interesses altos e transcendentes da America.

Temos já completado o pensamento d'este artigo; temos procurado a juventude progressista no movimento politico e litterario; temos determinado as causas que a contêm n'esse movimento, e temos por ultimo bosquejado os principios fundamentaes com que podem derribar seus obstaculos, dando impulso á revolução moral que acabará por fixar os destinos d'essa juventude, tanto no Brasil como na America; deixamos agora em nosso coração a consoladora esperança nos esforços d'essa juventude, e deixamos nossa fronte, tão abatida pelo infortunio da patria, alegrar-se no florido sonho do porvir americano.

Rio de Janeiro, Março de 1846.

UMA VISTA DO RIO DOCE.

Lith. de Heaton e Rensburg



O RIO DOCE.

Tem este rio a sua origem na serra da Mantiqueira, provincia de Minas Geraes. Depois de correr por largo espaço contra o nordeste com o nome de *Chópótó*, recebe as aguas do Piranga, que nasce na serra do Oiro branco, e a pequena distancia as do Guallacho, formado de dois rios do mesmo nome, que vem da serra do Oiro preto. N'esta confluencia inclina-se para o nascente, e recolhe o tributo dos rios Bombaça e Percicába, que correm do poente, como os outros, e tem suas fontes na serra da Lapa. N'aquella confluencia, pois, o Chópótó toma o nome de rio Doce, que conserva até entrar no oceano. Hum pouco abaixo do Percicába junta-se-lhe o rio Santo Antonio, que vem do noroeste, formado de varios ramos, sahidos da serra da Lapa, e do Serro Frio. Tres leguas adiante une-se-lhe o rio Corrente, que tem a sua origem no mencionado Serro Frio, e corre a extensão de 30 leguas. D'ahi a coisa de oito leguas mistura-se com o rio Doce o consideravel Sassuhy, cujas fontes se acham n'aquelle serro, e na serra das Esmeraldas. Segue-se o Ribeirão das Larangeiras, que vem do mesmo lado, atravessando mattas povoadas de gentios barbaros, e de feras. O Cuyaté, o Manhuassú, que atravessa grandes bosques, e o Maquipòo, são os outros confluentes do rio Doce.

Ha n'este rio varias cachoeiras; as mais notaveis são as quatro seguintes: a *Escura*, que fica pouco abaixo da foz do Percicába; a dos *Magoaris*, hum pouco tambem para baixo da foz do Corrente; a dos *Ibiturúnas*, a pequena distancia, para cima, da do Sassuhy; e a do *Inferno*, que fica entre as confluencias do Cuyaté, e do Manhuassú. Depois que principia a separar a provincia de Minas Geraes da do Espirito Santo, faz tres cachoeiras, no espaço de huma legua, chamadas das *Escadinhas*, que só no verão impedem a navegação. As canoas sobem puxadas á sirga em quanto duram as cheias. D'esta passagem até o oceano he largo, tortuoso, e aprazivel, com muitas ilhas rasas: sua corrente he rapida, e suas aguas turvas no verão por causa das lavagens do rio. Desagua por entre duas pontas d'areia rasas, e de consideravel extensão; e leva agua doce grande distancia pelo mar dentro, circunstancia que deo origem ao seu nome.

A foz do rio Doce he larga, mas nem por isso he capaz de dar entrada a embarcações grandes, por causa dos bancos d'areia que a obstruem; as proprias canoas e outros barcos pequenos não podem entrar sem que a maré esteja cheia. Com tudo, apesar d'estes obstaculos, que se vencem com mais ou menos trabalho, este rio offerece extensa e util navegação. As suas margens são muito agradaveis: o territorio adjacente he, pela maior parte, extremamente fertil; em alguns sitios a mandioca cria raiz de prodigiosa grandeza.

Pois que a estampa junta he copiada do atlas da Viagem ao Brasil pelo principe de Wiêd-Neuwied, verteremos para aqui alguns pedaços da relação que o illustre viajante allemão faz da sua excursão por este rio:

« Estavamos impacientes por navegar pelo rio Doce, afim de conhecermos por nossos proprios olhos, a ser possivel, o theatro da guerra com os botocudos... Para navegar pelo rio acima, quando traz muita agua, he preciso pelo menos quatro homens para levarem a canoa á vara... Logo depois do romper da alva, estendia-se o rio diante de nossos olhos como hum vasto espelho, reflectindo os raios do sol nascente; suas margens longiquas estavam guarnecidas de tão espessos bosques, e tão continuados, que não pudemos descobrir em toda a nossa excursão hum pedaço de terreno desimpedido com sufficiente espaço para se construir huma casa. Erguem-se do seio das aguas muitas ilhas de fórmas e tamanhos diversos, povoadas de basto arvoredo... Quando o rio vem cheio, suas aguas são turvas e amarelladas, e, segundo o testemunho dos habitantes, causam facilmente febres (*). He abundante de peixes, e dizem que até acima de Linhares se pesca o peixe cão.

« Ouvem-se resoar os bosques com os gritos de immensa quantidade de macacos... Numerosos bandos de papagaios, aráras, e periquitos, voam gritando de huma para outra margem do rio. As margens do rio são unicamente habitadas por estes passaros silvestres, e pelos botocudos, que não são menos bravios que elles. Em dois lugares sómente se veem estabelecimentos de colonos, que ahi vivem porque têm muitas armas e mais petrechos para se defenderem... Os botocudos só de tempos a tempos apparecem de passagem na parte inferior do rio. Pela volta do meio dia chegámos a huma ilha, que da sua fórma tira o nome de Carapuça... Para estarmos com segurança contra a força da corrente, desembarcámos entre o continente e huma outra ilha, onde o rio

(*) Diz a Corographia Brasilica, (d'onde extractámos muitas das noticias que damos) « Suas aguas, para não causarem febres, devem ser guardadas por mais de vinte e quatro horas até clarificar, depondo o lodo que trazem das lavras dos mineiros. »

fórma hum pequeno canal, sobre o qual esvoaçavam muitas e mui formosas aves, principalmente papagaios, e araras, que se extremavam de todos os mais passaros pelo brilhantismo de suas pennas escarlates. Assim que a noite se avisinhou, houve conselho para resolvermos se era melhor passar a noite na ilha Comprida, ou em alguma outra; e porque n'esta, separada da terra firme por hum canal estreito e pouco fundo, ficavamos expostos a alguma visita dos gentios, escolhemos para pernoitar a ilha de Gambim, onde outr'ora passavam a noite os governadores, quando visitavam as colonias do rio Doce.

« .... Demadrugada deixámos a ilha, e passando por muitas outras, entrámos em hum canal situado entre a ilha Comprida e a margem septentrional do rio. Posto que a corrente não fosse tão forte n'este lugar, foi difficultosa a passagem por causa de algumas arvores cahidas. As arvores e arbustos que guarnecem este canal, são de especies mui varidas e formosas. Elevam-se d'entre a copada floresta differentes especies de coqueiros, principalmente o chamado — *de palmito*, ao qual em outras partes dão o nome de *jissara*... Proximo da superficie da agua ostentavam suas flores diversas plantas, para nós inteiramente novas e desconhecidas... N'este sitio vimos hum jacaré, que se aquecia tranquillamente ao sol; mas logo, atemorisado da bulha dos remos, mergulhou e desappareceo... »

He d'este lugar que o viajante desenhou a vista de que a nossa estampa he copia.

BIOGRAPHIA.

D. MARIA ROZA DE SIQUEIRA.

D Maria Roza de Siqueira foi huma d'essas mulheres illustres, que sobrepujando a debilidade e indole do seu sexo, se tornam honra e gloria d'elle; foi huma Brasileira famosa, propensa a grandes acções, a quem a educação e delicadeza do sexo impediram de seguir a nobre porem ardua carreira das armas, e que todavia aproveitando o feliz ensejo assignalou-se em porfiados combates, lutando por dois dias consecutivos com atrevidos corsarios argelinos, e ao cabo triumphando d'elles. Assim mostrou que havia nascido para as armas; que se houvera abraçado a profissão militar, teria sabido recommendar seu nome á posteridade por acções ainda mais preclaras e gloriosas.

D Roza Maria de Siqueira nascêra em 1690 na cidade de S. Paulo, onde habitavam seus ricos e nobres pais Francisco Luiz Castello Branco, e D. Isabel da Costa Siqueira, que bem cem cedo curaram de lhe dar huma não mediocre educação. Ligada por laços conjugaes ao Desembargador Antonio da Cunha Souto-Maior, cavalleiro professo da ordem de Christo, passou á cidade da Bahia, em companhia de seu consorte, e ahi em principios de Dezembro de 1713 embarcou-se em a náu N. S. do Carmo e Santo Elias, com destino a Lisboa.

Montava esta náu vinte e oito peças, era carregada de assucar, tabaco e coirama, e levava a seu bordo 119 pessoas entre homens, mulheres e crianças. Tendo feito boa viagem, achava-se na madrugada de 20 de Março de 1714 na costa de Lisboa, 15 leguas ao mar das berlengas, quando ao largo se avistaram tres velas. Eram corsarios argelinos, que então infestavam aquelles mares, aprisionando as náus christãas, e captivando aos que n'ellas encontravam. A capitania montava 52 peças, a almiranta 44, e a fiscal 36, perfazendo ao todo 132 bocas de fogo, e numerosamente tripuladas.

Reconhecidas as velas por corsarios argelinos, pedio o capitão Gaspar dos Santos Negreiros a Antonio d'Albuguerque Coelho de Carvalho, que regressava ao Reino depois de haver sido governador de Minas, que occupasse o seu posto, e elle combateria sob suas ordens, ao que se recusou Antonio d'Albuquerque, allegando que não tirava a gloria do vencimento á quem lhe dava tão illustre principio com aquella acção, e ainda mais, que da milicia do mar não tinha a necessaria experiencia; porem que estava prompto a obedecer-lhe, e a pelejar em serviço do rei e da religião. Acceitou o capitão tão modesta escusa, e dispoz tudo para o combate.

Eram sete horas da manhã quando retumbaram os mares com os trovões da guerra, e o ar se toldou de negro fumo. Começado o combate, D. Roza Maria de Siqueira começou tambem de assignalar-se por suas acções, como se houvera soado a hora do seu glorioso renome. Accesa de animo, cheia de coragem, quiz logo partilhar a gloria dos combatentes na defeza de tantas vidas; e era para ver como esta illustre Paulista no meio de tão encarniçado conflicto animava aos guerreiros, já ministrando armas a huns, já levando polvora a outros, e sempre repetindo — *Viva a fé de Christo.*

Alguns Judeos que iam presos remettidos ao Santo Officio, desejando o triumpho dos Arge-

linos, preferindo o captiveiro e o peso de seus grilhões aos tormentos infernaes dos carceres da Inquisição, e ao fogo de suas horrorosas fogueiras, accusavam o capitão de temerario e de imprudente, desanimando assim os que combatiam pela propria conservação, honra e liberdade; diziam pois que não era valor nem acerto acceitar batalha com desigual partido; que a defeza passava a temeridade, quando se não podia duvidar do vencimento; e que melhor era entregar a náu antes do estrago, que depois da victoria, porque os Mouros castigariam em todos a culpa de hum só, não dando quartel; que o capitão pelejava antes pela sua fazenda embarcada em a náu do que pela liberdade, honra da nação e defeza da fé. D. Roza os reprehendeo com energia, e persuadindo a todos que a morte em tal caso era preferivel á capitulação e captiveiro de tão barbara gente, segurou os animos dos combatentes, tomados de enthusiasmo e admiração por verem que huma senhora sabia pôr em pratica o que ensinava por suas palavras. Ella deixou as roupas do seu sexo, trajou á militar, e, confundida com elles, pelejou a batalha, affrontou perigos, sem que o espectaculo terrivel e sanguinoso de hum tal conflicto lhe quebrasse o animo. Amiudadas eram as descargas de artilharia e mosquetaria das náus infieis; nuvens de projectis chuviam de momento em momento sobre o convéz, e aos repetidos gritos das tripulações inimigas de—*amaina, amaina canalha*, -- respondia a nossa corajosa guerreira com altos brados de — *Viva a fé de Christo* —. Levando huma bala a cabeça do condestavel que dirigia huma peça, e na occasião em que ia fazel-a disparar, D. Roza lhe lançou o fogo, ficando no mesmo lugar até que hum artilheiro a substituisse.

A batalha ferida ao despontar do sol durou até o seu occaso, e só foi suspendida á chegada da noite. Os nossos, aproveitando o ensejo favoravel, amortalharam os mortos, curaram os feridos, e repararam a náu do melhor modo possivel; e porque se houvesse acabado o cartuxame, D. Roza com duas negras e com duas velhas Judias que pouco trabalhavam, apromptou para mais de 300 cartuxames, certa de que no dia seguinte maior seria o combate e coroado com a victoria.

Aos primeiros raios do sol encetou-se de novo o conflicto com maior valor e intrepidez da parte dos christãos. Cinco vezes os infieis abordaram á náu, e outras tantas foram rechaçados, mortos, ou arrojados ao mar. A nossa heroina appareceo em todo este dia de horrivel combate pelejando briosamente, acoroçoando os guerreiros com o brado de — *Viva a fé de Christo!* ora ajudando os marinheiros a arrear e recompor os cabos, ora cuidando dos feridos, e sempre olhada com admiração e respeito.

Huma granada argelina arrebentando junto da vela grande a incendiou; os combatentes despiram promptamente as suas roupas para com ellas abafar o incendio; D. Roza os imitou, e tão prompto remedio foi causa de não lavrar o fogo. Os Mouros, suppondo a náu ateada, trabalharam-se para rendel-a; mas eis que pelos esforços e actividade da nossa heroina a náu marcia com nova vela, evitando a nova abordagem. O inimigo desce de seu intento, dispara a ultima carga de artilharia e mosquetaria, e recua ja noite fechada.

D. Roza desenvolveo então a mesma actividade que na noite precedente, prestou-se a todo o serviço indispensavel a novo combate; mas no seguinte dia os Argelinos não ousaram aproximar-se de escarmentados que estavam. O capitão mandou marcar a náu como quem esperava novo conflicto; mas o vento refrescou, e os corsarios sumiram-se no horisonte. Todos os nossos deram graças ao Senhor por esta victoria assim alcançada, e a náu demandou a barra de Lisboa, que entrou no dia 22 de Março de 1714.

Eis o que a Historia nos relata de tão distincta Brasileira; qual fosse porem o seu fim ignoramos. He crivel que terminasse seus dias em Lisboa, admirada e louvada pelo seu valor e intrepidez. Todavia he para notar-se que os escriptores não façam menção de premio algum concedido a esta heroina brasileira.

Todas as circumstancias de tão porfiada batalha, em que teve grande parte D. Maria Roza de Siqueira, mereceram de ser transcriptas por huma testemunha ocular, que muito exalta o valor d'esta denodada Brasileira; e d'esse manuscripto que nunca foi publicado servio-se o chronista Damião de Frocs Perim, na composição da breve noticia que sobre ella nos deixou em seu *Theatro heroino*, no tomo 2.°, pag. 249 até 353.—*Joaquim Norberto de Souza Silva.* *(R. T. de H. e G.)*

D. MARIA URSULA DE ABREU LENCASTRE.

Os antigos chronistas portuguezes que se esqueceram de nos transmittir os nomes d'essas illustres guerreiras brasilicas, que no ataque de Protocalvo, ao mando de D. Clara Felippa Camarão, arrostraram os perigos da guerra, barateando a vida pela patria, pelejando contra as nu-

merosas tropas de João Mauricio de Nassau; os antigos chronistas que se esqueceram de nos transmittir os nomes d'essas illustres guerreiras brasilicas, que no ataque de Tejacupapo, na povoação de S. Lourenço, capitaneadas pelo bravo sargento mór Agostinho Nunes, derrotaram os batalhões dos invasores hollandezes, nos legaram todavia o nome de huma famosa Brasileira, que assás distinguio-se na carreira das armas, e que muito honra ao bello sexo brasileiro: — D. Maria Ursula de Abreu Lencastre.

Nascida no Rio de Janeiro, nos ultimos annos do XVII seculo, dotada de indole extremamente bellicosa, de coração varonil, contava D. Maria Ursula de Abreu Lencastre apenas 18 annos de idade, quando ardendo no desejo de assignalar-se nos campos da guerra, abandonou a casa paterna, fugio aos braços de seu velho pai João de Abreu de Oliveira, e embarcou-se para Lisboa, onde no dia 1 de Setembro de 1700, assentando praça de soldado sob o nome de Balthazar do Couto Cardoso, passou ao estado da India.

Foi n'essa celebrada parte do mundo, theatro de brilhantes feitos de tantos cabos portuguezes, que vasta carreira de gloria se abrio ao joven *Balthazar do Couto Cardoso*. Longo seria mencionar as proezas que obrára, os combates em que se achára, e o modo com que n'elles se portára; contentamo-nos pois com apontar que no assalto á fortaleza de Amboino foi hum dos soldados que primeiro ousaram de entral-a, e que havendo-se tornado digno de galardão pelo animo e valor que mostrára na tomada das ilhas de Corjuem e Panelem, que o vice-rei Caetano de Mello de Castro ganhou a Fondou Saunto Bransuló Sardersai das terras de Cuddale, foi nomeado cabo do baluarte da Madre de Deos na fortaleza de Chaul, onde prestou relevantes serviços.

Em 12 de Maio de 1714 obteve baixa de seu posto, e trocando a vida guerreira pela pacifica, esposou ao valente Affonso Teixeira Arraes de Mello, que annos antes havia sido governador do forte de S. João Baptista na ilha de Goa.

Tendo servido ao estado pelo espaço de treze annos, oito mezes e sete dias, assignalando-se sempre pelo seu valor, o rei D. João V não quiz deixar de remunerar os importantes serviços de tão briosa heroina, e por despacho de 8 de Março de 1718 lhe fez mercê do paço de Panguim pelo tempo de seis annos, e de hum xerafim por dia, pago na alfandega de Goa, com a faculdade de testar em seus descendentes, e, na falta d'esses, em quem bem lhe parecesse. Ahi expirou ella, coberta das abençãos de seus contemporaneos, rodeada de homenagens, conservando em toda a vida, como que para lembrança de seus feitos brilhantes, tanto o trajo varonil como a espada, testemunho de seu heroismo.

Tal foi D. Maria Ursula de Abreu Lencastre, distincta senhora fluminense, de quem fazem particular menção Damião de Froes Perim no *Theatro heroino*, tom. II., pag. 257; Francisco de Santa Maria no *Anno historico*, tom. I., pag. 415, e Balthazar da Silva Lisboa em suas noticias manuscriptas sobre os Brasileiros illustres; e d'essas obras nos servimos para a composição d'esta noticia biographica. — *Joaquim Norberto de Souza Silva.* *(R. T. de H. e G.)*

Sendo incontestavel o merecimento litterario de huma boa traducção, sobre tudo quando feita ella em versos, torna-se parte da litteratura para cuja lingua he traduzida; esperamos não desagradar a nossos leitores principiando hoje a dar-lhes a traducção da tragedia *Macbeth*, de Ducis, pelo Sr. José Amaro de Lemos Magalhães. Nenhum merito dá o nosso distincto poeta á sua traducção, porque, com a velocidade com que a verteo, não lhe deo, diz elle, aquelle retoque delicado que caracterisa as boas versões; ao publico porem que já conhece grande parte de suas composições deixamos avaliar o merecimento d'esta', sobre a qual nada diremos para não offender sua modestia.

Fallaremos agora da tragedia. Apesar da immensa critica que tem desfechado seus golpes contra o merito tragico do grande J. F. Ducis, he inegavel o apreço que os amadores da scena tem sempre dado ás suas tragedias. Nenhuma d'ellas apresenta os quadros mais terriveis do que esta. Ducis, admirador e reformador do grande Shakspeare, empregou n'esta tragedia por gráos sempre elevados o terror tragico de seu autor primitivo; mas força he confessal-o, e ao alcance estão de todos as suas traducções; que n'esta, mais do que n'outra, Ducis pouco aproveitou de Shakspeare. Sendo pela primeira vez posta em scena em 1784, pouca acceitação teve dos Francezes; porem com extraordinarias mudanças que lhe fez Ducis tornou-a em 1790 huma das tragedias mais acceitas.

A parte de Lady Macbeth foi representada por M.me Vestris, que era em França o mesmo que M. Sidons tão celebrada em Inglaterra no caracter de Fredegonda. Sentimos ter de dizer que o mesmo não aconteceo com a representação em Nic-

theroy: o actor João Caetano mui longe esteve do verdadeiro caracter de Macbeth; as suas posições eram fracas e sem aquelle apurado estudo que sempre apresenta nas suas bellas representações. Porem o devido merecimento do bom desempenho deveo-se sómente á actriz Estella, que n'esse tempo apesar de bastante doente desenvolveo o caracter de Lady Macbeth com os maiores applausos, e digamos em seu elogio que foi a unica que salvou a tragedia do fatal destino da pateada.

MACBETH.

TRADUZIDO DE DUCIS.

Offerecido ao seu amigo

O SR. JOÃO JOSÉ DA CUNHA BASTOS ESTRELLA,

pelo

SR. JOSÉ AMARO DE LEMOS MAGALHÃES.

Personagens.

MACBETH, *principe de sangue, cabo do exercito de Duncan.*
DUNCAN, *rei da Escocia.*
MALCOME, *filho de Duncan, herdeiro da coroa.*
GLAMIS, *primeiro principe de sangue.*
FREDEGONDA, *mulher de Macbeth.*
LOCLIN, SETON } *guerreiros ás ordens de Macbeth.*
SEVAR, *montanhez escocez tido por pai de Malcome.*
HUM SOLDADO.
GRANDES DA ESCOCIA.
POVO.

A scena he na Escocia, na provincia e no palacio de Inverness. O primeiro acto passa-se na floresta de Inverness.

ACTO PRIMEIRO.

O theatro representa o lugar o mais sinistro de huma antiga floresta, com rochedos, antros e precipicios: hum sitio espantoso. — O ceo ameaçador e escuro.

SCENA I.

DUNCAN E GLAMIS.

GLAMIS.

Onde estamos, Senhor? que ceo medonho
D'esta negra floresta engrossa as trevas?
Que antros! que rochas! — pallido de espanto
Vejo-lhe o escuro horror: n'este deserto
Só das torrentes vê-se livre o passo.

DUNCAN.

Paremos, amigo. Este horrivel sitio
Mais grato aos olhos me he, que o vulto odioso
De hum ingrato mortal.

GLAMIS.

Senhor, que intentas
Com tal mysterio a estes sitios vindo?

DUNCAN.

Ver hum velho: de nossa conferencia
Pende a dita da Escocia e mais a minha.

GLAMIS.

Que velho he esse em cuja alta prudencia
Seu rei tanto confia?

DUNCAN.

He d'esses homens,
Que supplantando o adverso fado, obscuros
Ao lado das consortes, junto aos filhos,
N'estas montanhas doces dias gosam.
Breve o verás: em ti seguros, livres
Nossos corações vão se abrir; preciso
N'este colloquio da presença tua.

GLAMIS.

A honra tanta, Senhor, dou nimio apreço:
Bem o sabes: chorei-te quando a morte
Do filho teu exacerbou-te as penas.
Donalbaim succumbio — tão joven que era!
Ao laço indigno de huma mão sacrilega.
Mas Malcome, Senhor, devias vel-o
Roubado aos olhos teus inda no berço?
Cador, autor cruel de tantos crimes,
Dizem, que os immolou. Audaz contava
Que atroz discordia lhe outorgasse o sceptro.
Elle aspiral-o ousou! Com que arte o arrojo
Recatou! ao jus falso que deslumbra
Quão bem os cegos, transviados animos
Após si arrastou! — Já seu partido
Investio do poder que elle ha disposto.
Ousa hoje disputar-te c'roa e sceptro:
Contra ti rebellou, Senhor, teus subditos,
Facil, por hum traidor levados. Toda
Tornou-se então a patria nossa, a Escocia
Hum campo só de horror, de morte e furias!
Dois partidos ahi, dois campos vê-se
Por Cador e Duncan contendão ambos.
Sem que hum só se anniquile, ambos sómente

Tristes restos da patria dilaceram.
Em vão entre o tumulto e horror ainda
Procura o povo o rei, o rei seu povo.

DUNCAN.

Quão longe estava de prever tal crime!
Julguei Cador magnanimo, e enganou-me!
Ha muito que em seu crime meditava.
Nunca pensei que o Ceo favorecesse-o:
Nem que victoria injusta coroando-o,
A gloria, e os louros seus prostituisse.
Entre nós indeciso eu vi o estado
Escravo aos crimes seus prestar apoio.
Grandes Deoses! de hum rei he esta a sorte
Agora que a constancia me abandona?
Em breve este oppressor victorioso
Verás de meus estados despojar-me!
Ah! mais huma victoria, ante esse perfido
Has de ver-me indefeso, e só a morte
D'elle aguardando, ou sob estes rochedos
N'estes desertos timido occultar-me.

GLAMIS.

Importuno terror, Senhor, dissipa,
Bem proprio em longos infortunios. Olha,
Já mais propicia sorte dá que vêle
Macbeth, e que por ti peleje. Insigne,
Cabo he; seu grandioso nome o esteia;
O exercito retendo, observa a Cador.
Valente aguarda com vagar o dia
Em que o estado sujeite as leis. Intrepido
Seu zelo Herfort adjuda a bem da patria.
Temes que hum d'elles infiel te seja?
Estes dois principes bastante te amam.

DUNCAN.

Tambem Menteth julguei fiel como elles.
Porem justa sentença, caro Glamis,
O réo ha de mostrar; tramavam, dizem,
Contra meus dias a Cador votados:
Traidor que assim nos cava fundo abysmo
Cahindo só reconhecel-o póde-se.
D'est'arte illusos nosso amor votamos
Ao monstro que hum dia odiar devemos.

GLAMIS.

Huma alma nobre desconhece insidias.
Julga por si; alheia a enganos vive
De enganos mil cercada. Tarde entrou-te
N'alma a desconfiança, com justiça
Após tantas traições, tamanhos crimes,
A' suspeitas crueis todo te entregas.
Porem Macbeth e Herford, heroes illustres
Pelos laços de sangue a ti unidos
Ambos depois de mim do throno herdeiros
Temes, Senhor, que desleaes te sejam?
Mas triste os olhos teus á terra volves?
Amargo morre ao borbulhar-te o pranto!
Todo submerso em dôr, Duncan succumbe?

DUNCAN.

Se não désse a virtude o Ceo ao homem,
Quando horriveis presagios o perturbam,
Se á dôr negasse hum balsamo suave,
Succumbindo ao presente, resistira
Ao torvo olhar do pallido futuro?
Meu peito, caro Glamis, vou abrir-te.
Dos longos annos meus tocando o termo,
Viajante cançado, ao fim do dia
Julgo a hora presentir de meu descanço.
Assás, Glamis, no mundo hei visto os homens.
Ao sinistro clarão de luz tão triste
Penso na sombra ver, tocar meu tumulo.
Córo d'este temor á que me entrego:
Nem refrear, nem resistir-lhe quero:
De que procede não indago: á sorte
Me entrego, e como rei morrer eu devo.
Quando ella huma só vez marcou a victima
Nada a sentença muda injusta ou boa;
Intrepidos a vemos, se a fugimos,
Veloz em toda parte nos alcança.

GLAMIS.

Tão sinistro presagio d'onde nasce?
Diverso a natureza observas hoje;
Tristes teus olhos erram n'estes ermos,
Como que ao mundo dão o adeos extremo.
Insensivel, Senhor, has de deixar-me?

DUNCAN.

Mais cedo do que esperas nos veremos.
Hum passo mais, e a morte nos aguarda:
Do tumulo sómente estamos longe.
Vivemos.... Que terror de mim se apossa!
Se a sorte der que a mim tu sobrevivas,
Se o exige, amigo, o inexoravel fado,
Quero....

GLAMIS.

Reina.

DUNCAN.

P'ra mim extincto he tudo.

GLAMIS.

Fallaz presentimento!

DUNCAN.

Assás constrange-me.

Direi mais? — Sim, outr'ora erros do vulgo
Em vão os despresei, minha alma demam.
Dizem (e não me espanto) que a terrivel
Iphyctone nas nossas margens vio-se,
Interprete dos deoses; muitas vezes
Surge aos mortaes, ligeira aos olhos some-se,
Prediz sua grandeza, e sua morte;
Conhece os crimes: torce horridos olhos
Agora como vendo entre cadaveres
Luzir, e borbulhar punhaes e sangue.
Irmãs tres execrandas, impias, dizem,
Que são do norte temeroso as furias.
Já de Odin excitando a tropa a guerra
Correndo em altos gritos fulminavam
Em meio do combate; presidiam
Atroz carnagem, respirando horrores,
A fuga e a morte; contam que abrigadas
Debaixo d'ermas rochas, onde o inverno
Troa, e estala o raio, ao fogo magico
Entre corpos ao tumulo arrancados
Aqui, alli disperso o resto, as cinzas
E os rotos membros, horrorosos crimes
Tecem, e ao som de atroz conjuro horrivel,
O ceo, a natureza, o inferno abalam.

GLAMIS.

Tremer me fazes. Mas hum velho chega.

SCENA II.

DUNCAN, GLAMIS, SEVAR.

DUNCAN.

Tu que a idade e a experiencia á virtude unes,
Honrado velho, á ti que hei confiado
O só bem que deixou-me o Ceo piedoso,
Vive meu filho?

GLAMIS, *com alegria.*

Que oiço?

DUNCAN.

Sim, Malcome,
Do sceptro meu e c'roa unico herdeiro.

GLAMIS.

A dita de meu rei tambem partilho.

DUNCAN.

Teu coração conheço: e tu responde-me.

SEVAR.

Eu concebi, Senhor, quaes teus designios:
Sim, cuidoso o velei, zelei-lhe a infancia.
Creo-se morto Malcome, e por meu filho
Sempre o tiveram: preservei-o aos golpes
Do tyranno Cador. Malcome ignora,
Assiduo socio meu nos infortunios,
Seu nobre sangue, e nascimento illustre:
O orgulho o corrompêra. Sabio a estirpe
Lhe occultaste, terá mais digno o throno.
Será emfim por nós propicia a sorte?
Dizem (se crer devemos) n'este instante
Guerrea já Macbeth contrarias hostes.
Cerca, força a Cador: talvez agora
O throno e o estado teu estejam sálvos.
Constrangeo-me o dever velar Malcome.
Com que ardor..... derramado outr'ora, o sangue
Não gelou-se, meu rei, em minhas veias.....
Contra Cador iria, contra o perfido....

DUNCAN.

Depende minha sorte d'este instante.
Talvez da guerra a lei inexoravel
Entre mim e Cador decida agora.
Vencido, amigo, exijo que meu filho
A nobre origem sua sempre ignore,
Sustentando seu jus, nova carnagem
Ha de a Escocia tornar n'hum vasto tumulo.
Em vez de hum sceptro legarei sómente
Fraco orgulho de hum rei descoroado.
Sem nome ao menos vivirá ditoso.
Ah! quem lhe invejará mesquinho estado?
Porem se vencedor Macbeth ficasse,
E meu filho feliz no throno fosse....
Que digo! se máu rei Malcome fosse....
Ah! se eu me engano... O' ceos!... Sevar, responde-me.

SEVAR.

Explica-te, Senhor: que tens?

DUNCAN.

Teus labios
A' verdade fieis devem abrir-se.

SEVAR.

Sim; has de ouvil-a.

DUNCAN, *a parte.*

O' ceos! que irá dizer-me?
(Alto.)
Falla-me, como se ante os deoses fosse.
Meu filho....

SEVAR.

Justo e bom, Senhor, formei-o,
E as sãas virtudes, simples, respeitoso.
Valentes montanhezes vio terriveis,

Affeitos aos trabalhos, á honra doceis,
Que mil vezes por ti a morte viram,
Soldados desde a infancia, nos combates
Encanecidos; findas longas guerras
Eu quiz que os visse, regressando aos lares,
Expor aos filhos seus as cicatrizes.
Fiz que d'estes heroes, seguindo os filhos,
Detestando o repouso, os imitasse,
Filhos d'estes rochedos, d'estas brenhas,
Nados junto ás torrentes, impetuoso
Qual suas ondas, povo emfim que nutre
De seu rei corajoso o amor sómente
De Malcome, Senhor, cercou a infancia.
Esta minha arte foi prudencia, estudo.
De vil lisonja isento eu eduquei-o.

DUNCAN.

Vê que tens-me a verdade promettido.

SEVAR.

Bem me lembro, Senhor.

DUNCAN.

Será intrepido?

SEVAR.

Os annos aguardei-lhe. Finalmente
Nos olhos seus notei contente a audacia
Brilhar do montanhez, notei o brio.
Domar o vi ousado as crespas ondas,
Transpor abysmos: arrostava as nevoas
No cume dos rochedos, vindo a noite
Avido amava ouvir guerreiros contos.
Ah! quanto de Cador odiava os crimes!
E as victimas chorava desgraçadas!
« Vamos, meu filho, vamos, disse hum dia,
Combater por teu rei, salvar a patria. »
Ouvindo-me, chorou, e prompto as armas
Em altas vozes exigio.

DUNCAN.

Meu filho!

GLAMIS.

Agradece, meu rei, ao Ceo, da Escocia
Hum monarcha legar tão precioso.
Sensivel ha de ser, benigno, affavel,
Amigo do infeliz, forte na guerra.

DUNCAN.

Quero que odeie o crime. — Será justo?

SEVAR.

Sim, Senhor, ha de ser.

DUNCAN.

Reinar pois deve.
Isto só basta a que eu lhe outorgue a c'roa.
Se Macbeth vence, e o Ceo consente, amigo,
Meu filho ao throno suba, has de jurar-me
Que junto d'elle ficarás. Seus dias
Sei que me deve, mas tu que o educaste,
Caro amigo, seu pai tu és sómente.
Vão da Escocia acabar-se os males todos!
Vejo-lhe a dita, só morrer me resta.
Que agro gemido!
(Ouve-se hum gemido doloroso.)

GLAMIS.

Todo me horrorisa.

DUNCAN.

Tão triste assim o moribundo exhala.

SEVAR.

Que terrivel presagio!

DUNCAN.

Separemo-nos,
Caro Sevar. Curvemo-nos aos deoses.

Fim do primeiro acto.

A ESPERANÇA.

Exulta, coração! saciar podes
Tua sêde de amor;
Finalmente encontraste hum peito ornado
De candura e pudor.

Se Ella não fosse, — vivirias tristes
Amargurados dias.
Exulta, coração! — se Ella não fosse,
Inda em vão gemerias.

P'ra a terra se inclinavam ha bem pouco
Os olhos seus ao ver-me,
Hoje buscam os meus, e aos ceos se elevam,
E sabem comprehender-me.

Que mais exiges d'ella?! amor, ternura?!
Terno amor te votou:
Querias que te désse huma esperança,
Huma flor te esperançou.

Osas — Itaborahyense.

MACBETH.

ACTO SEGUNDO.

O theatro representa hum vasto e antigo palacio encrusado por compridas e tenebrosas abobadas. — Será de hum caracter terrivel.

SCENA I.

FREDEGONDA, MALCOME, SEVAR; TROPA DE MONTANHEZES.

FREDEGONDA.

Macbeth venceo; sua victoria, amigos,
Dá o sceptro a Duncan, lhe augmenta a gloria.
Jámais o esposo meu, dizem, vibrara
Mais fortes golpes. — Quão grata a lembrança
Me he d'este dia! — Ao vel-o tudo treme,
E seu valor evita: heroe prosegue
Em seus brilhantes feitos; n'este instante
Ou já Cador não vive, ou foge timido.
Sua facção de subito sumio-se.
O atroz Magdonel, de hum traidor apoio,
Nas brenhas fugitivo, e seus soldados
Seguem-lhe os passos, demandando as grutas:
Novos crimes talvez elle inda intente
Na regia estirpe; escura noite póde
Favorecer-lhe horrendos attentados,
Temei-o, seus soldados espreitai-lhe;
Novo assalto talvez tentar se atrevam:
Preveni Macbeth: d'isto a sorte nossa
Pende talvez. Mas que guerreiro he esse?

SCENA II.

FREDEGONDA, MALCOME, SEVAR; TROPA DE MONTANHEZES; LOCLIN.

FREDEGONDA.

És tu, intrepido Loclin? ah! narra-me
De meu esposo a gloria e os altos feitos.

LOCLIN.

Custou-me, á mim que os vi, acreditai-os.
No imo dos bosques, entre grossos troncos,
De montes e rochedos rodeado,
Cador se entrincheirava, ahi ufano
Nosso valor o perfido insultava.
Amigos, diz Macbeth, c'o ferro em punho
Passagem procurais entre as trincheiras?
Ha quem tema o perigo? alfim a c'roa
Daremos a Duncan, salvando a patria.
Quando he bella a victoria, he força obtel-a.
Já não sois esses fortes Escocezes,
Amantes de seu rei, votados a elle.
Amigos de Macbeth, voando á guerra,
Como a Aguia audaz que nasce em nossos climas?
Mal disse, vôa, e já nossa coragem
Transpõe de cem rochedos a barreira.
Chammejando-lhe os olhos, a seu lado
Vê-nos pugnar, — « Viva Macbeth! » — bradando.
Tornou-se hum mar de sangue em breve a terra.
D'ambos os lados o valor iguala.
Confusos se accommettem; mil combates
Trava-se a hum tempo; a raiva nos transvia.
Ferindo as rochas em bocados voam
Nossas espadas. Aos punhaes recorre-se,
Sobre corpos que expiram ferem, matam-se;
Sobre a terra sanguenta assassinando
Ou em luta co'a morte a raiva vejo.
Já medonho terror Cador suscita:
Veloz Macbeth o alcança. « Vem, diz elle,
Teu rei te aguarda, vem pagar teus crimes. »
Indecisa a victoria breve esteve:
Hum golpe, e a fronte rola, sua dextra
Agonisante a agarra, e offrece aos olhos.
Cheio de susto o inimigo foge,
As armas e os tropheos depõem tremendo.
Do Valda o cume aos gritos nossos trôa
Do Loda e Malmor a torrente e os echos.
Debanda-os o terror, o medo os lança
D'altas rochas: — assim da catadupa
As ondas cahem. Do Molvida nos campos,
Nos antros d'Olberg, lá do Clyda em margens,
Guerreiros tantos a Cador affectos,
No pó revoltos succumbiram todos,
Ou curvos ante nós depõem as armas.

FREDEGONDA.

De Macbeth partilha Herfort a victoria?

LOCLIN.

Glorioso Herfort sahio dos marcios campos:
Moribundo, ferido, todo em furia
C'olhos e gestos guerreava ainda.
Só lhe custa o repouso: ao ver triumphante
Seu rei, Herfort bemdiz suas feridas.
Hum Escocez não ha, que ebrio de gloria,
Não queira assim pugnar, render a vida.

FREDEGONDA.

Macbeth venceo! a gloria sua he minha.
Fui eu quem despertei sua coragem.
Occulto houve hum tempo, em que á si, amigos,
E á mim hum tal heroe a paz roubava.
Hoje que nome a Escocia lhe offerece?
Mas dizem que do campo seu já parte
Pa' gloria lhe seduz a pompa augusta?

LOCLIN.

Tranquillo, e sem pasmar vê dos vencidos
As armas e os pendões. Em roda o cerca
O fausto marcial. Sua victoria
O porte seu revela e seu semblante.
Se tudo ao vel-o, admira, e após o segue,
Se altiva a fronte sua nos encanta,
A nobreza não he, nem são os dotes
Com que prodiga foi-lhe a natureza;
O que nossa homenage attrahe sómente,
He sua robustez, seu porte altivo
Prompto ao combate, o brilho de seus olhos,
O valor de hum heroe que mil perigos
Tranquillo affronta em troca da victoria.
Estas as graças são que nos enlevam.
Porem se nobre esposa altiva inveja,
Só pensando entre si, d'outra a ventura,
Que esposa não se honrára de hum consorte
Que ante ti vem depor louros e gloria?

FREDEGONDA.

Valeroso guerreiro, ao que me dizes,
Conheço que Macbeth he invencivel.
Adeos! Velozes ante elle, amigos, vamos.
(Loclin sahe por hum lado, Fredegonda e os montanhezes por outro.)

SCENA III.

MALCOME, SEVAR.

MALCOME.

Meu pai, agora os passos seus não segues?

SEVAR.

(A parte.)
Não, meu filho. (Este mysterio elle ignora.
Que Duncan he seu pai, inda lhe occulto.)

MALCOME.

Finalmente Macbeth victorioso
Punio Cador com vingadora dextra.
Depois de tantos crimes e desgraças,
A pugna de Inverness findou a guerra.
Venturoso Duncan!

SEVAR.

Sua ventura
Talvez meu filho a duvida a envenena.
Ah! talvez o temor ainda o cerca.
Macbeth na fronte a c'roa lhe assegura.
Intrepido seu braço prestou-lhe Herfort,
Mas sente que Menteth traidor lhe fosse.
Hoje mesmo quiçá rectos juizes
Sua justa sentença pronunciem.
Quantos boatos tristes me acabrunham!

MALCOME.

Hum, meu pai, mais que todos ha terrivel.
Quando a noite negreja, será certo
Que á luz dos astros duvidosa e frouxa
Ao tum'lo arrancam impias mãos sortilegas
Os mortos que ao viver de novo odeiam?
Negras furias iniquas embrenhar-se
Em nossas espessuras vio-se, e rapidas,
Do seio ás mãis os filhos arrancando,
Fugirem, trem'los de pavor os gados,
C'os os pastores seus passos fugitivos
Velozes levam aos confins do valle;
Ao vel-as os guerreiros cahem, tremendo.
Nas bandeiras de horror cheios se occultam.
Nuvens e vento o furacão vibraram
Sobre este paço; ao scintillar do raio,
Negros abutres no ar em crua guerra,
Vio-se de sangue borrifar-lhe as torres.
Que annunciam tão horridos presagios?

SEVAR.

Depõe, meu filho, tão crueis idéas.
Vê que excedendo as nossas esperanças
Hoje Macbeth revê este palacio.

MALCOME.

Com que prazer depois de tanta ausencia
Verá seu filho, ha de amimar-lhe a infancia?
Servir meu rei não pude: hoje me viras
Macbeth seguir! Deixar-te era preciso.
Ligado pela sorte ao teu destino
Doces ao lado teu correm meus dias.

SEVAR.

Crer devo? então cega avidez de gloria,
Anciosa cobiça de grandeza,
Roubar-te a meu amor terno não podem?

MALCOME.

Meu pai já velho abandonar podia?

SEVAR.

Perto de mim então vives ditoso?

MALCOME.

Meu pobre estado ao Ceo eu agradeço.

SEVAR.

De injusto e austero o fado não increpas?

MALCOME.

Ah! que monarcha invejarei na terra?

Dá-lhe meu arco, quero ver-lhe a dextra
Aos tiros seus prostrar do bosque as feras.
Minha alma he pura, obscuro e livre vivo,
Mais grata sorte a natureza outorga?

SEVAR.

Da Escocia o sceptro não te fascinára,
E os attractivos seus se te offertassem?

MALCOME.

Ah! não: graças ao Ceo meu nascimento
A coberto me põe de seus perigos.
Se n'estes sitios Donalbain nascesse
Feliz vivêra inda! — De ti procedo,
Sabio em tuas virtudes me educaste,
O Ceo me ouve, se, como aspiro, pende
Ao deixar-te a ventura minha, agora
Se após a c'roa os Deoses me offerecem
Por meu pai a Duncan, eu lhes diria:
O virtuoso pai que já me destes,
Restitui-me, e meus pobres desertos.

SEVAR, *a parte.*

Cruel dever, forçoso me he perdel-o!
(Ouve-se tocar instrumentos de guerra.)

MALCOME.

Meu pai, que sons são esses que eu escuto?

SEVAR.

He Macbeth que regressa victorioso.

MALCOME.

Ah! quanto exulto! — Eis os guerreiros seus.

SCENA IV.

MALCOME, SEVAR, MACBETH, FREDEGONDA, SEU FILHO DE QUATRO A CINCO ANNOS; OFFICIAES, SOLDADOS, MONTANHEZES.

Macbeth entra vencedor. Ante elle condusem-se as bandeiras ganhadas na batalha de Inverness.

MACBETH, *com ar distrahido, a hum de seus officiaes.*

Deponde esses tropheos. Saber preciso
Se a traição de Mentelh patenteou-se.
E quando o condemnar sua perfidia
Se o rei o entrega ás leis, ou o perdoa.
(A parte.) *(A' outro official.)*
He justa sua morte. Certifica-te
Se as feridas o mal de Herfort augmentam.
Para a patria talvez inda salvemos
Cuidadosos esse inclyto guerreiro.
(Aos montanhezes.)
E vós socios fieis de meus trabalhos
Aos vossos lares regressai contentes,
Ide: ahi desfructai, revendo os filhos,
Sorte menos brilhante, mas bem grata.
Retirai-vos.

SCENA V.

MACBETH, FREDEGONDA E SEU FILHO.

FREDEGONDA.

Sahindo dos combates
Do bravo ao peito a natureza he grata.
Eis teu filho, Macbeth.

MACBETH.

Sim: suas graças
Suas feições me encantam, vendo, exulto,
Sua meiga innocencia.

FREDEGONDA.

Porque tremes
Ao vel-o, Macbeth?

MACBETH.

Eu? eu não tremi.

FREDEGONDA.

Só comtigo hum instante estar preciso.
(A parte.) *(Chamando.)*
Elle perturba-se. Olá!
(A' huma de suas damas, que se apresenta, mostrando seu filho que ella levará.)
Leva-o: e deixa-nos.

SCENA VI.

MACBETH, FREDEGONDA.

FREDEGONDA.

Que incognito pesar, Macbeth, me occultas?
Temes que junto ao rei vil invejoso
Teus nobres feitos deslustre?

MACBETH.

Hum existe.
Nolfolk sciente fez-me que se intenta
No regio coração ennegrecer-me.

FREDEGONDA.

Ah! quem he? dize.

MACBETH.

Glamis.

FREDEGONDA.

Não me admiro.
Ha muito que o suspeito. O rei já velho
Não vês curvar-se a seus subtis dictames?
Sei que morto Duncan ao throno o eleva
Seu nobre sangue que lhe outorga a c'roa.
Sabe-o, e a esperança que lhe innunda o peito,
Mirra da inveja as garras. Sem a gloria
De Macbeth por combates tantos celebre
Contra elle trama. Na indolencia he barbaro,
Activo na molleza, assim inerte
Sua vil ambição se assanha. Fraco
Mal seu pesar supporta, nem tolera
Do illustre vencedor os nobres feitos.
Como em treva hão de os olhos seus submersos
Viva a luz encarar do dia? — Esqueço-me,
— Cruel lembrança! — que por estes sitios
Nocturnos salteadores derramaram
O incendio, o terror, a morte e o saque.
Despertando, ah! eu vi tão triste scena.
Sou mãi, Macbeth; voei, do leito ardente
Por entre as chammas arranquei meu filho.
Entre o ferro homicida, o fogo e os gritos,
Meu filho tremula apertei nos braços.
Inda era tempo. Quando os salteadores
Fugindo, a paz volveo a este palacio,
Eu duvidei, Macbeth, se mãi inda era.
Então a luz e o filho meu revendo,
Cri logo, ó ceos! a sua voz tão doce
Renascer-me, confusa d'alma oppressa
Subito Glamis occorreu-me á mente.

MACBETH.

Custa-me a crer que Glamis d'esses monstros
A dextra lhes armasse.

FREDEGONDA.

Esse mysterio
Nolfolk ha de explicar-me. Elle he sincero,
Ama-te, e tudo observa. Saberemos
Em breve quaes são nossos inimigos.
Porem teus olhos desvairados erram!
Vag'rosos estes muros cingem! Vejo
A tristeza na fronte tua impressa.
Macbeth, que dôr profunda te acabrunha?

MACBETH.

Qual seja a causa conhecer tu queres?
Nos bosques de Inverness, entre essas rochas,
Sombrias que estes paços entristecem,
Huma mulher vi, ante mim fugindo.
C'roada a fronte, ella empunhava hum sceptro.
Ao vel-a perturbei-me; era terrivel
Seu ar, seu porte, invicto horror calou-me.
Ah! quem será?

FREDEGONDA.

Que! não a conheceste?
O nome de Iphyctone nunca ouviste?
Patenteam-lhe os deoses seus arcanos:
Cahir vê dos imperios rotos restos,
Dignos de punição prevê os crimes,
Faceis seus olhos o futuro sondam.
Vem lá da Hibernia ouvil-a o peregrino
Das ilhas de Feró, da Scandinavia.
Hum sceptro augusto brilha-lhe na dextra,
Dos vaticinios seus caução sagrada:
Zunindo os ventos, sob pinheiros ermos
Seus mysterios pratica; sobre o throno
Os reis tremendo a voz lhe ouvem terrivel;
Em paz ás vezes sob estas abobadas
Colher a vem inspirações prophéticas,
Fitando em extase no ceo os olhos,
Dos decretos dos numes confidente.
Ah! ella existe aqui.

MACBETH.

O' ceos!

FREDEGONDA.

Que! a temes?
Certo a conduz aqui o teu destino.
Tua gloria e façanhas não predisse?
Regia vingança, alta victoria tua,
A audacia de Cador, discordias, guerras,
Donalbain que expirou á impios golpes?
Malcome eu calo de Duncan herdeiro,
Sua unica esperança, arrebatado,
Inda na infancia e que ao nascer apenas,
A morte succumbio, paternos olhos
Carpil-o vimos. Ah! se não me illudem
Gratos presagios, com mais jus á c'roa
Junto ao throno quem ha? — Mentelh que ao bando
Seu Cador seduzio, talvez esta hora
Rectos juizes seus o condemnaram.
Herfort, he vão todo o soccorro, morre,
Pois o confirma o campo, das feridas.
Morto o rei finalmente apenas Glamis
Se interpõe entre ti, Macbeth, e o throno.
Se não me engano... escuta esta fraqueza:
Conter não posso escrutador desejo:
Falla Iphyctone aos deoses e eu quizera...

Ah! quanto custo vel-a! sim, que o vel-a
He ventura.... Macbeth, sua presença
Nossa dita prefaz. Presentimento
Lisonjeiro concebo, e a ti confio.
Teu valor, tua gloria alto te elevam!
Adora-te o soldado, o povo, o nobre,
Foste feliz, fara mais inda a sorte.

MACBETH.

Tem-te, imprudente!

FREDEGONDA.

Que! meus olhos timidos
Aos decretos do Ceo cerral-os devo?
Por nós he o destino; elle promette....

MACBETH.

Roga antes que os arcanos seus te occultem.

FREDEGONDA.

Ah! porque demandou nossas florestas
Iphyctone, e ora n'este sitio existe?
Se a c'roa que aspiramos nos promette....

MACBETH.

Fujamos, infeliz!...

FREDEGONDA.

Convulso tremes!

MACBETH.

Sonho, erro vão gerado em noite asiaga,
Não creio em ti, minha razão destroe-te.

FREDEGONDA.

Tua alma então não queres patentear-me?
Amor que unio-nos de hymeneo aos laços,
De esposa o nome, hum filho, tit'los tantos
Sobre ti nada valem? Só concentras
E me occultas terror profundo; ignoro
De que provem-te a dôr. D'este palacio
Sempre os muros verás cheio de assombro?
Revela-me hoje tão horrivel sonho.

MACBETH.

Findo o combate assás de assombro encheo-me.
O terror que exitou-me justo pesa.
Julguei de hum bosque atravessar illuso
Mudo enganoso horror. Nas seccas folhas
Bramia o vento: era noite, hora horrivel
Que os corações de espanto inunda, e ao medo
Sempre fallaz convida. A' claridade
De incendiado carvalho ante mim surgem
Furias tres. Nunca olhos humanos viram
Tão sinistras feições, tão negro aspecto.
Seus rostos, que enrugou velhice austera,
Revelam torvo riso. A sorte sondam,
De tenro infante as mãos que o assassinaram
Cravando no entre-aberto ventre. Buscam
Sobre elle curvas a esperança, o indicio
De hum crime horrendo: e mal o viram, erguem
Jubilosos aos Deoses impios canticos.
Tremendo me aproximo. — Existis , digo-lhes,
Ou medonha illusão sómente observo? —
N'isto riso feroz lhes corre os labios
Após linguage estranha, a cujas vozes
Juntas, por entre applausos me designam.
Mysterioso dedo põem nos labios.
Fallo-lhes, mas na sombra fogem rapidas.
Huma tinha hum punhal, tinha outra hum sceptro,
Serpe enorme cingia d'outra o corpo:
Prestes para este paço o vôo ergueram
Longe de mim fugindo, estas palavras
Só proferiram — Serás rei —.

FREDEGONDA.

Ouvindo-as
Despertaste?

MACBETH.

Não: minha voz gelou-se.
Horrivel esperança n'alma entrou-me.
Quão remoto de mim eu via o throno!
Quão tremulo o porvir! Minha virtude
Inda ante os feitos meus, minha innocencia,
Timido esteio achou. Julguei-me eu mesmo;
E já dormia em paz: quando tremendo
Julguei co'as mãos tocar em hum cadaver,
Sanguento.... palpitante ainda!.... — ah! eu era
Quem da noite no horror, n'hum leito infausto
Desgraçado ancião assassinava.

SCENA VII.

MACBETH, FREDEGONDA, SETON.

SETON.

Senhor, sem fausto, só, agora mesmo
O rei a este palacio chega.

MACBETH, *empallidecendo.*

O' ceos!

SETON.

Aqui não tarda.

FREDEGONDA.

Ja!

SETON.

Glamis o segue.
Da noite a paz aqui gosar pretendem.

SCENA VIII.

MACBETH, FREDEGONDA.

FREDEGONDA.

Prestes urge ante o rei, senhor, volveres.

MACBETH, *perturbado.*

Vamos.

FREDEGONDA.

Macbeth, que engano te transvia?
Por onde segues?

MACBETH, *tornando em si.*

Meu dever conheço.
Respeitosos nos cumpre recebel-o.
Saiamos.

(Vão ambos receber o rei: Macbeth caminha adiante; segue-o Fredegonda, sempre observando-o.)

SCENA IX.

MACBETH, FREDEGONDA, DUNCAN, GLAMIS.

DUNCAN *(a Macbeth.)*

Eis o vencedor que a patria
N'este dia feliz salvou. Só Glamis
Me segue, espero pois n'este palacio
Dormir tranquillo.

MACBETH.

Acreditai que sempre
Meu sangue....

DUNCAN *(a Fredegonda.)*

Minha vista o surprehende.

FREDEGONDA.

Tanta honra lhe era inesperada. Prompto
Vosso aposento está, Macbeth vos guia.

DUNCAN.

Quanto de ti me queixo! finda a guerra,
Volvendo vencedor, quando á teus feitos
Meus dias, e os triumphos meus eu devo,
Grato cingir-te ao peito quiz, meu jubilo
Evitaste: já sei, á voz da fama
Tua victoria tròa; á gloria foges,
Regeitas. A ambição jámais tua alma
Poderá corromper.

MACBETH.

Senhor, servir-te
He só minha ventura, são meus votos.

DUNCAN.

Ah! deves ser feliz.

MACBETH.

Eu sou.

DUNCAN.

A's vezes
Os perversos tambem parecem sel-o.
Tu tens hum filho, certo o amas.

FREDEGONDA.

Proveio
De mim tal fructo; eu mesma quiz nutril-o.

MACBETH.

Tu suspiras, senhor?

DUNCAN.

Elle recorda-me....
Meu filho.... Donalbain, que mão cruenta....
Dize, concebes tanto horror? No berço
Tenro infante sem causa assassinar-se.

MACBETH.

O' ceos!

FREDEGONDA.

Ah! vem, senhor, suave somno
Ha de expellir-te idéas tão terriveis.
Junto a nós, n'estes muros....

DUNCAN.

Dormir quero.
A noite fatigado me convida.
(A parte.)
Já de longo somno a hora se avisinha.

MACBETH.

Grato a innocencia, horrenda he sempre ao crime.

DUNCAN.

Quem sem remorsos vive, não a teme.
(Parando.)
Eil-os! — ah! quanto sangue não custaram
Esses tropheos?....

GLAMIS.

Sua victoria attestam.

MACBETH.

Sou grato a Glamis; minha gloria he sua.

DUNCAN.

Tens-lhe o affecto.... Amanhã tenho importantes
Segredos que desejo revelar-te.

MACBETH.

Sempre em minha adhesão meu rei confie.

DUNCAN.

Grande he minha ventura. Que presagios?
Julguei, entrando aqui, fieis amigos,
Buscando-vos, senti mais brandos ares.
Prosperas aves, ante mim voando,
Me agouraram de paz propicia o encanto.
D'atroz presentimento o Ceo me isenta.

FREDEGONDA.

Agora imigos a temer não tendes,
Nem de hum traidor o embuste.

DUNCAN.

N'estes sitios
Não temo; mas o Ceo he quem domina.
(Macbeth e Fredegonda conduzem Duncan a seu aposento.)

Fim do segundo acto.

Bahia.

O RIO DA CACHOEIRA.

Obra de 32 leguas ao sul da Bahia de Todos os Santos está outra bahia, que, bem que seja incomparavelmente menor, não he menos formosa que a primeira. Tem defronte da sua barra, e em distancia de huma legua, para fóra, quatro ilhéos, tres formados de rochedos totalmente núa, e hum povoado de matto, dos quaes toma o nome a bahia, e toda a comarca. No lado septentrional d'esta bahia está situada a villa de S. Jorge, commummente chamada dos Ilhéos, fundada por ordem de Jorge de Figueiredo Corrêa, escrivão da fazenda d'el-rei D. João 3.º, a quem este monarcha fizera doação d'aquella capitania. As collinas, que cercam a bahia, são povoadas de arvoredos, que tornam a paizagem encantadora. Vem desaguar n'esta bahia varios rios navegaveis com a maré por maior ou menor espaço. O unico consideravel he o *rio da Cachoeira*, assim chamado por causa de huma vistosa cachoeira, que n'elle ha, e de que damos copia na estampa unta. Apesar de tão grande obstaculo á navegação d'este rio, acharam os habitantes modo de o vencer, fazendo passar sobre a cachoeira humas esguias canoas, que com tal pericia conduzem, que raros exemplos se apontam de accidentes funestos Comtudo, não se livram os passageiros de, algumas vezes, se molharem; e se fazem aquella viagem pela primeira vez, não deixam de sentir hum estremecimento de horror, causado pelo perigo que se lhes antolha, e augmentado pelo sussurro das aguas, que se despenham, e pelo fragor das que contra os rochedos quebram sua furia. A passagem d'esta cachoeira contra a corrente offerece mais difficuldades e mais perigo; porem se os conductores são experientes da navegação d'este rio, com trabalho e tempo fazem desapparecer as difficuldades e o perigo.

O volume das aguas d'esta cachoeira augmenta ou diminue conforme a estação. O rio traz pouca agua no verão, de sorte que em muitos lugares custa a fazer navegar as canoas por causa das pedras, que cobrem quasi inteiramente o leito do rio. Atravessando grandes mattas bem povoadas de arvoredo, o rio da Cachoeira tem as suas margens guarnecidas de arvores, de elegantes arbustos, e de infinita variedade de mimosas plantas. A nossa estampa dá huma perfeita idéa d'essas bellezas naturaes, melhor do que o pudera fazer a mais bem urdida e minuciosa descripção.

Ao longo do rio da Cachoeira corre, ora junto das suas margens, ora mais distante, huma estrada, que, partindo da villa de S. Jorge, conduz á comarca do Serro do Frio, na provincia de Minas Geraes.

A HARPA DO TROVADOR.

A multidão de peças musicaes que diariamente se publicam n'esta côrte, a maior parte despidas de nenhum merito, e as que o tem sendo devidas ás obras importadas no paiz, nos tem adormecido para com esta bella arte que tanto concorrendo á civilisação dos povos, credora se torna da nossa attenção; a *Harpa do Trovador*, Album de canto original, nos veio arrancar d'esta indifferença, e produzio em nós tal enthusiasmo, que resolvemos occupar algum espaço do nosso periodico com esta interessante obra.

A *Harpa do Trovador* dedicada a S. M. a Imperatriz com a approvação de seu Augusto Esposo, he huma publicação em que muito se esmeraram seus autores o Sr. José Amaro de Lemos

Magalhães, nas poesias, e Raphael Coelho Machado, na musica. A obra consta de dez romances, genero ainda pouco conhecido no Brasil, illustrados de scenas analogas a cada hum dos poemas; e alem da musica escripta para canto e piano, tem a vantagem de ter os poemas typographados na frente, innovação que facilita a leitura e torna a obra mais curiosa. As scenas ainda que não sejam muito apuradas são todavia dignas de attenção, e nos parece que melhor se não póde fazer no paiz. As bellas melodias que ornam a *Harpa do Trovador* são de hum merito pouco vulgar, e deixam no coração dos ouvintes huma melancolia doce e agradavel. Parabens ao poeta que com a belleza e sublimidade de seus versos inspirou ao musico cantos tão novos e tão cheios de suavidade.

O *Adeos* he hum romance já publicado outr'ora pelos autores, e que teve hum successo completo, mas acha-se agora ampliado pelo compositor que fez musica nova á 2.ª e 4.ª quadra; he indizivel a emoção que produzem estas palavras bem comprehendidas pelo musico:

E a ingrata, que o abandonava,
Leve adeos lhe disse apenas!

A *Sepultura*. — Se o *Adeos* produz hum effeito maravilhoso, a *Sepultura* parece disputar-lhe a primazia, mas já em hum tom mui diverso. He hum dos grandes merecimentos d'esta obra — a variedade — tão necessaria nas bellas artes, e para a qual he sem duvida preciso genio e natureza. Este romance sendo cantado com a devida expressão, arranca lagrimas, pela profunda dôr que exprime, sobre tudo n'estes versos:

Ninguem por ti chora, ó virgem,
N'essa morada de horror:
Apenas á tarde a brisa
Ao passar geme de dôr!

Julgamos este romance e o do *Adeos* a mais feliz inspiração que teve o compositor n'esta obra.

O *Desvalido* he hum canto triste e que se distingue muito pela supplica que contêm no meio do romance, tocante e de grande effeito; o merito d'esta poesia he alem do elogio n'este genero de composição. Em tres quadras ha huma historia completa, incluindo ainda quatro versos da supplica.

Lembrança do passado - recordação de hum amor que já não existe, poesia que por si só produz um effeito admiravel, mas que o compositor levou ao sublime, por meio de huma bem achada melodia de extrema simplicidade, tão agradavel que não he possivel descrever seu effeito, mórmente nos dois ultimos versos d'esta quadra:

Consolam-me teus queixumes,
Chora pois, meiga ave bella,
Que a hora em que gemes por ella
Eu tambem gemo por ella!

O *Retiro* he huma melodia muito original e graciosa que parece arremedar o estylo de polaca, mas que não sahe da maneira de romance. Estes dois versos:

Ah! minha alma assim ao ver-te
Suspira, mas he de amor!

produzem na musica huma sensação inexplicavel; emfim segue-se ainda o *Prisioneiro*, o *Poeta Torquato*, o *Desterrado*, *Huma victima da Especuladora*, e o *Soldado*. Todos estes romances são deliciosos; já o temos dito; a poesia por si só seria bastante para despertar em nós os sentimentos exprimidos pelo Trovador, mas a musica veio-lhe augmentar o effeito com as suas melodias tão novas, tão singelas e naturaes, e com hum não sei que, huma especie de delicadeza sem affectação, que repassa a alma e deleita como as flores que não brilham pelas côres, mas pelo perfume delicioso que exhalam.

Atrevemo-nos pois á vista do transcendente merito d'esta obra, a recommendal-a ás nossas patricias como credora de suas attenções: e na verdade qual será a senhora Brasileira que não queira possuir o bello *Album de canto* dedicado e acceito pela nossa amavel Imperatriz, e por cujo motivo tanto esmero empregaram seus autores, não olhando a despezas e sacrificios, para que a obra fosse digna do fim a que a tinham destinado? Animemos pois os artistas que o merecem, para que se não diga que o nosso clima he menos inspirador do que o ceo da Italia.

Aquelles que taxam de servilismo a humildade, e têem por baixeza o obedecer com acatamento aos seus superiores, são, estando em poder, os que mais altivamente tratam os seus inferiores, e julgam não exercer huma digna authoridade, se não tyrannisando-os.

O homem honesto, verdadeiramente amigo do seu principe, prefere a estima e a confiança d'este a todas as suas honras e thesouros: e procura merecer aquellas unicamente por acções nobres e pelo amor ao bem publico.

MACBETH.

ACTO TERCEIRO.

SCENA I.

FREDEGONDA.

Tudo n'esta mansão sombria dorme!
Sò, porque meu esposo em trevas vaga
Que sinistro furor, que causa occulta,
De esperança, e de horror lhe anceia o peito?
Dão-lhe rebate á ideia altos projectos,
E ao peso seu o acurvam.— Se ora aspira,
A's garras da ambição, como eu, ao throno!....
Ah! se ousasse Macbeth..... que digo?.. timido
Sempre, apparece audaz só nos conflictos.
Em vão de hum sceptro a gloria o seduzira,
Nada ousára, aguardando o tempo apenas.
Que serve as victimas, Macbeth, que poupas,
Se a rigidez não tens que he propria aos crimes!
Pouco ha que o vi: a vista d'huma carta
Hesitar, 'stremecer; aberta a tinha,
Prompto a lel-a, seus olhos desvairados
Erravam, sem que o ousassem! Ao dizerem-lhe
Do rei a vinda, sua fronte pallida
Tornou-se, seus joelhos se dobraram.
Alto projecto o anima, he certo: e d'alma
Esperança que brota-lhe, repelle.
Muitas vezes os sonhos nossos votos
Occultos denunciam: horroroso
Por mais que seja o crime, se a ventura
Nos outorga, suave o horror lhe mingua.
Ah! tremer de o intentar he commettel-o;
Réo disperto, ou sonhando, he tudo o mesmo.
Esp'remos. Saberei que arcano encerra
Tão tremendo essa carta. Sinto passos:
Ah! he elle; em sua alma atribulada
A verdade tranquilla prescrutemos.

SCENA II.

FREDEGONDA.

Caro Macbeth, és tu! que causa estranha,
Quando tudo repousa, te pertuba?
Que! tua dôr me occultas?

MACBETH.

Ah!

FREDEGONDA.

Suspiras?
Tudo sei. Junto a Duncan dorme o perfido.
Ah! por isso Macbeth afflicto véla.
Mal toleras que hum vil ambicioso,
Que os feitos teus tão nobres soffre a custo,
Cortezão lisonjeiro gose impune
Do rei que defendestes os favores.
Que ultraje....

MACBETH.

Elle está alli. Duncan benefico
Junto a si repousar consente o infame.
Eu devia....

FREDEGONDA.

Bem sei: elle he cioso.
Só teu sangue, Macbeth, fartal-o póde;
Sobre mim e teu filho hum dia em raiva.....

MACBETH.

P'ra tanto elle inda não he rei.

FREDEGONDA.

Em breve.....

MACBETH.

Fredegonda.... talvez. Nolfolk os tramas
D'esse traidor me expoz. Ja me informava
Por quaes subtis rodeios faz suspeito
Meu zelo ao rei; mas logo interrompido.....

FREDEGONDA.

Tudo quanto calou-te, revelar-te
Posso, sciente estou. Macbeth, perturbas-te?
Teu animo se acurva ao peso enorme
D'altos designios; dize, que meditas?
Responde-me.

MACBETH.

Eu? nada.

FREDEGONDA.

Talvez teu sonho
O afflicto coração te abale inquieto.

MACBETH.

Nos vaticinios seus as vezes penso.

FREDEGONDA.

Tens recebido acaso infaustas novas?

MACBETH.

Apenas huma carta

FREDEGONDA.

Ah! que diz? leste-a!

MACBETH.

Não.

FREDEGONDA.

Que razão, Senhor, occulta te insta
Assim pois a calcar teus interesses?

MACBETH.

Ha dias de pesar, de angustia extrema
Em que da vida ao peso succumbe o homem.
Durante o accesso de profundas magoas
Como o tempo veloz lento caminha!
D'agros presagios victima minha alma
Ao fardo horrivel da existencia verga.
Quanto he longa esta noite!

FREDEGONDA.

Ah! não attentas
No que por ti a sorte já tem feito?
Não vês mais perto a c'roa?

MACBETH.

P'r ora tudo
Minha esperança alenta. O mais me occulta.

FREDEGONDA.

Mas entre ti e o rei apenas vejo
Tres principes. Quem sabe se o destino.....

MACBETH.

Vago n'essa incerteza! Se o futuro
Meu sonho realisasse! — lisonjeira
Não sei que esp'rança o coração me alenta!

FREDEGONDA.

Sabe mais.

FREDEGONDA.

O que?

FREDEGONDA.

Errei, Macbeth, desculpa-me.
D'esta incerteza horrivel quiz livrar-me.
Iphyctone o provir prediz, e aclara.

MACBETH.

O' Ceos! e a consultas-te?

FREDEGONDA.

Porque tremes?
Deixei-a ha pouco. Sobre tua sorte
Exprimio-se a verdade por seus labios.
Julgava ver-te. Affirmára eu que os deoses
E altos destinos teus lhe eram patentes.
Seus olhos como que teus feitos viam,
Seguiam-te veloz da gloria ao cume.
Ouve; disse ella: — Nos guerreiros campos
Tua fronte, Macbeth, cingiram louros.
Só de teu rei te falta o gráu illustre:
Sobre elle que talvez te ha fascinado
Ouve o ceo que em meus labios te annunciam
Em breve darás leis á Escocia inteira.
Ah! meu sceptro não firma vil mentira.
A c'roa aguarda-te. Recorda o sonho.
Reina, Macbeth, reina.

MACBETH.

Confio agora.
Do destino o poder se manifesta.
« Lembra-te do teu sonho. » Ah! que potencia
Conhecer fez-lhe este espantoso sonho?

FREDEGONDA.

Huma carta te espera, não esqueças;
Talvez segredo proveitoso encerre.
Assás me inquieta.

MACBETH.

Basta; parto a lel-a.
E de tudo virei logo instruir-te.
(A parte, retirando-se.)
A coroa te espera.

SCENA III.

FREDEGONDA (*só*).

Seduzi-o.
Vôa ebrio da esperança que o transporta.
Já não me oppõe na voz humilde as fracas
Razões que a intrepidez abala. Em fogo
Lhe corre ardente o sangue pelas veias,
A c'rôa o instiga, fascinado o tenho.
Ah! se após justa morte, agro supplicio
Mentelh os crimes seus ja espiára!
Se o bravo Herfort ferido no conflicto
Aos golpes succumbisse..... então apenas,
Extincto o rei, ao throno succedêra
Primeiro que Macbeth sómente hum perfido.
Trague esse o horror da morte, nós o temos.
Glamis, Duncan, a este palacio infausto
Vos trouxe a sorte, não escapareis.
A sorte começou, findar eu devo.
Longo será seu somno. Aqui c' o sceptro
Leis dictando amanhã Macbeth veremos.
O sceptro..... unico bem que esta alma almeja.

Vem, nossos peitos mutuo ardor inflamma,
Vem, Macbeth. Fere, e o sangue que espargires,
Depressa apagarão breves cuidados.
He pouco: reina. Enlevo meu, ó throno,
Cega o esposo, requinta-me a prudencia.
Se indeciso hum instante elle me escuta,
Se o vergo ao crime, os votos meus completam-se.
Que esp'rança, meu filho, me ufana o peito!
Hum dia serás rei!

SCENA IV.

FREDEGONDA.

Ah! que mysterio
Sabes, Macbeth, se encerra n'essa carta?

MACBETH.

Mentelh já não existe.

FREDEGONDA.

Que oiço?

MACBETH.

O rei
Trahia por Cador; provou-se o crime.
A sentença cumprio, decapitaram-no.

FREDEGONDA.

Qual a sorte de Herfort?

MACBETH.

Na ultima guerra
Sabes que foi ferido; a gloria os dias
Lhe cortou.

FREDEGONDA.

Ambos, hoje?

MACBETH.

Sim.

FREDEGONDA.

He certo?
Quão perto estás do throno.

MACBETH.

Sinto o sangue
Meu gelar-se.... saiamos.

FREDEGONDA.

Ah! que temes?

MACBETH.

Elles dormem.

FREDEGONDA.

E nós velamos. Alta
He a noite. Teu sonho comprehendes?

MACBETH.

Sim.

FREDEGONDA.

Macbeth!

MACBETH.

Fredegonda!

FREDEGONDA.

Junto a Glamis
Duncan n'este palacio dorme agora.
Ah! quando acordarão?

MACBETH.

Ao vir do dia.

FREDEGONDA.

Nunca. He tempo, Macbeth; só vejo a c'rôa.
A sorte a prometteo, d'ella te apossa.
Certo presagio, ha muito, alma esperança
Do destino a vontade me annuncia.
Justos golpes previo-nos. Embala-lhes,
Imminente o punhal, que os reúna, o somno.
Veloz te attrahe, calcando a morte, ao throno
Mais do que aspiro. Macbeth, vôa o tempo.
Rei, em quanto Duncan mal dorme, apenas
Se Duncan despertar, és hum vassallo.
Nas azas da ambição teu vôo exalta.
Altivo de iguaes some-te á turba.
Cumpre-se a sorte: ah! tanta gloria alcanço.
De ti brilhante a luz em mim reflecte!
Quanto honra o filho meu, quanto me adita!
Em breve, eu mãi, serei de hum rei esposa!
Ah! tão nobre esperança assim langueço!
Urge...

MACBETH.

E a honra?... a gratidão?... esquecer devo,
Regio, amigo ancião, que me une ao sangue,
Que em mim seguro, em meu palacio dorme....
Se ousassem assassinos surprehendel-o
Bradaria: « Macbeth, Macbeth, defende-me. »

FREDEGONDA.

Ah! já remorsos.....

MACBETH.

Crê-me, Fredegonda:
De ti, do filho teu, de mim condôe-me.
Em vão o coração não nos palpita:
O ceo o horror lhe esparje que o sossobra.
Como me transviava!... Ousára agora,
Eu que a Duncan salvei, assassinal-o?
Bem caro obtinha a c'roa! Venturoso
Sem ella e o sceptro póde ser meu filho.
Gose Glamis em paz do somno o encanto,
Sagrado jus do asylo. Minha gloria
Detesta; sei quanto o cruel he perfido;
Mas sel-o tambem devo? — Fredegonda,
Tornemos á virtude: sem remorsos
O dia nos verá.

FREDEGONDA.

Reine então Glamis.

MACBETH.

Ceo! que farei? urge-me a morte sua.
Immolar a meu rei que val sem elle?
Que fructo após tamanho crime? Ha muito,
P'ra Glamis imputar tal regicidio
Convinha-me dispor as apparencias,
Ser calumniador, ser assassino.

FREDEGONDA.

Facil acreditar-te fôra, odeiam-no;
Unico herdeiro elle he do throno, á Glamis
Só capaz d'esse crime suspeitára-se.

MACBETH.

Quanto o throno te abala assas eu vejo.
Ah! sempre o tens presente?

FREDEGONDA.

Tenho hum filho,
Macbeth. Teu sonho os olhos e Iphyctone
Máu grado meu volveram para a c'roa;
Tambem queria, prevenindo a Glamis,
A ti, ao filho meu salvar-lhe aos golpes.
Sou-te franca, ouve, só, se em mim dissesse
« O diadema quero, exijo que hoje
Adorne minha fronte » — sexo fraco,
Destino humilde a natureza deo-me;
Quando intentasse-o, timida qual vês-me
De vinte Macbeths o animo tivera.
Embora me aguardassem mil horrores,
Ah! tudo consumára.

MACBETH.

O golpe horrivel
Vibrar ousáras sem terror?

FREDEGONDA.

Ousára.

MACBETH.

Sem remorsos, ó Céos?

FREDEGONDA.

Sim.

MACBETH.

Sem remorsos,
Sem remorsos.... N'esta hora horrenda observa
Se em torno d'elles tudo está tranquillo.
(Sahe Fredegonda.)

SCENA V.

MACBETH (*só*).

Que intento, ó Ceos! convulso tremo! Sinto,
Alheada a rasão, abandonar-me.
Fatal poder, conheço, que me arrasta
Ao crime a meu pesar. Talvez que a sorte,
Que o destino preside, em ferrea pagina
Gravou meu crime. — Incerto vago. Cegos,
Surdos, sem voz, permanecei, ó marmores,
Sem lembrança. Condensem mais, e cinja-me,
O escuro horror; despercebidos passos
Meus deslisem-se. Eis a hora.

FREDEGONDA.

Tudo dorme.

MACBETH.

Quem me falla?

FREDEGONDA.

Sou eu.

MACBETH.

Do rei á camara
Acaso foste?

FREDEGONDA.

Sim: tudo está prompto,
Aberta a porta: he-nos propicia a sorte,
Tudo he contra elles.

MACBETH.

Seu somno?...

FREDEGONDA.

He profundo.

MACBETH.

Ceo! sinto passos! Quem será que á noite
Para 'qui se encaminha?

SCENA VI.

MACBETH, FREDEGONDA, SETON.

SETON.

De Magdonel
E Cador desleaes amigos querem,
Senhor, d'este palacio se apossarem.
Com elles seus soldados penetraram.
D'aqui se os vê errar armados. Breve
Nos hão de surprehender; ardendo em raiva,
Pela noite e estes muros acolhidos,
A Glamis, a Duncan darão a morte.
Vem, insta o p'rigo.

MACBETH.

Basta; eu já te sigo.
Vai.

SCENA VII.

MACBETH, FREDEGONDA.

MACBTEH.

O crime por nós elles perpetram.

FREDEGONDA.

Sim, Macbeth, immolar vão nossas victimas.
Mas se falham seus golpes, se não podem,
A' ti toca ferir.

SCENA VIII.

MACBETH, FREDEGONDA; HUM SOLDADO QUE NAO SE VÊ.

O SOLDADO.

A's armas!

FREDEGONDA.

Eil-os!
Nem hum instante, vamos, cia.... hesitas!

MACBETH.

Não, eu corro a salval-o!

FREDEGONDA, *a parte.*

O' ceos! sigamol-o;
Arraste-o ao crime que c'roar nos deve.
(Ella o segue.)

Fim do terceiro acto.

A SUPPLICA DA NATUREZA.

POR BYRON.

(Traduzido do inglez.)

Supremo Pai da Luz! ó Rei dos Mundos!
Podem do desespero acaso as vozes
A teu throno chegar? Póde huma supplica
O perdão alcançar ás culpas do homem?
Supremo Pai da Luz! Teu nome invoco!
Ah! tu, que vês em mim a exacta copia
Da sombria Tristeza, Deos clemente,
Tu, que podes prever té mesmo a queda
Do subtil voador, que os ares corta,
Ah! não permittas que em peccado extinga
Esta vida infeliz!... Mostra-me, aponta
Da verdade a vereda; que imbuido
Em vão philosophismo não pretendo
Ignotas abraçar erroneas seitas:
Sim, que conheço a Omnipotencia tua!
Mas ah! perdôa á juventude as faltas,
Que inda se corrigir bem póde hum dia.
Embora sobre a terra ergam-se os templos,
Onde a superstição idolos adore,
Embora seus Antistites procurem
Seu dominio firmar co'o mysticismo;
A ti, ó Deos, que importa?! Circumscriptas
Serão do teu poder infindas raias
Em vastas móles de frangivel pedra?!
Não: que por templo tens do dia a face,
A terra, o mar, o Ceo, por vasto throno!
Mas ah! dize-me, ó Deos, si póde o homem
Sua raça votar do inferno ás chammas,
Quando desprese tão inuteis pompas?!
Dize-me, ó Deos, si acaso quanto existe,
Pela culpa de hum só, que degradou-se,
Na total extincção findar-se deve?!
Dize, dize-me, ó Deos, si insano, e cego
Contra o Ceo erguerá seu braço o homem,
E a morrer votará o irmão, cuja alma
Nutre opposta esperança, e sentimento?!
Si hum phantastico bem, ou mal ficticio,
Por crenças, que jamais explicar podem
Hão de homens inventar?! Dize-me, explica,
Si os reptis, que no immundo pó rastejam,
Hão de os designios teus saber hum dia?!
Si aquelles, a quem róe o egoismo,
Que sempre no peccado immersos vivem,
Pela Fé convertidos ao teu gremio,
Eternos vivirão alem do Tempo?!...
Porem não, ó meu Deos, buscar não devo
Tuas leis penetrar: nas obras tuas
A cada instante tuas leis ressumbram!
Pervertido mortal, debil, e fraco
Dirigir-te inda quero esta só supplica,
Que benigno ouvirás, ó Pai Celeste:
Tu, que podes guiar a errante estrella
Pelos lisos espaços do ether puro,

Que a concordia ordenando aos eementos,5
Revelas teu poder de hum pólo à outro;
Tu, a quem prouve me lançar no mundo,
Que a elle me rouhar, querendo, podes,
Ah! em quanto eu pizar terrena esphera,
Estende sobre mim teu certo amparo!
Só a ti, ó meo Deus, somente invoco!
Feliz ou desgraçado, só conheço
Que pelo teu querer me elevo, ou abato;
Só no alto amparo teu fiar-me devo!
Oh! e quando este pó em pó tornar-se,
E sobre os ares remontar minha alma,
Que doce inspiração teu nome santo
Em mim despertará!... mas ah! si o esp'rito
De envolta com a materia á morte cede,
E si da morte alem, o nada existe,
Em quanto a vida me alentar o corpo,
Serão em teu louvor meus hymnos sempre!
A' ti, pois, ó meo Deus, meu canto elevo,
E grato a teus passados beneficios
Espero, ó Pai Supremo, que de novo
Esta erratica vida a ti se volva.

Por *Antonio de Castro Lopes.*

A SAUDADE.

Tão distante de ti, terra querida,
Sem ter vida aprazivel
Ao turbilhão do mundo arremessado
Por dever impassivel;

Eu sinto como sente o desterrado
Da patria ao apartar-se
O pobre coração dentro do peito
Mais e mais apertar-se.

Não ouço sussurrar a fresca brisa
Nas folhas s'embalando
Da fragrante, copada larangeira
De fructos mil se ornando.

Já não ouço trinar gentil canario
Em cima d'aroeira
Ao assomar tão cheia de attractivos
A alvorada fagueira.

Já não desfructo mais os teus encantos,
Torrão abençoado,
E o bello painel da Natureza
De todo se ha trocado.

Ha bem pouco, ella só embellesava
Meus dias côr de rosa,
E meus dias agora são tão negros
Qual noite nebulosa.

Aqui na côrte á custo vegetando
Nem sequer sei sentir;
Fechei meu coração á todo o mundo,
Ninguem o póde abrir.

Oh! praza a Deos que chegue o almo dia
Por mim tão desejado,
Em que ha de respirar as auras tuas
Meu peito a ti votado.

Praza tambem á Deos que Ella não mude,
Que a mesma sempre seja,
Que a promettida fé conserve e guarde,
E que extremosa a veja.

Osas — Itaborahyense

A VIDA E A MORTE.

A' Amira.

Linda Virgem, como és bella
Na estação d'annos mimosa!
Cresce e vinga como a roza,
Porem não dures como ella.

Por ti hoje Zephyro brando
As asas move constante:
Rodeiam-te a todo o instante
De amores formoso bando.

Nos lindos vergeis de Flora
Ri-se a flor, folga a planta,
Solta a voz a ave, que encanta,
Nas manhães a linda Aurora.

Gosa, ó Virgem, terno amor
No regaço da innocencia;
Afortunada existencia
Dura apenas como a flor.

Chega o tempo, e sem piedade
Bate as asas incessantes;
E nos mais doces instantes
Ai da flor da mocidade.

Ainda hontem sobre o prado
Branco Lyrio se ostentava;
Branda aragem o affagava;
Hoje o tronco?... Eil-o mirrado.

Mais hum dia; e o tempo triste
Teus annos murchará:
Ah! de ti existirá
O que hoje do Lyrio existe.

J. A. de Lemos Magalhães.

OS JESUITAS NA AMERICA.

PARTE SEGUNDA.

PROVINCIA DO PERU'.

CAPITULO I.

La Ciudad de los Reys.

1585.

Frederico Lumnio, e Rutilo Bençonio disseram que a Companhia de Jesus fôra prophetisada por Isaias; porem esqueceram-se de nos dizer qual devia ser a *terra desgraçada cymbolo de azas, que ficava alem dos rios* (1); *aquella que deveria ser esmagada quando o estandarte fosse plantado no alto dos montes, e soasse a trombeta* (2); esqueceram-se de aclarar as palavras mysteriosas do Propheta com huma unica palavra — America! Esse *Povo arrancado e despedaçado, essa gente que estava esperando, esperando, e foi pisada aos pés* (3), quem seria senão a povoação primitiva do Novo Mundo?! *A Sião do Santo Israel* (Roma Jesuitica) *vio, e encheo-se de espanto, seu coração dilatou-se fóra de si mesmo* (4); porem as tributarias Median e Efa, Sabbá, Cedar e Nabaioth deviam trocar seus nomes em Perú, Mexico, Uruguay, Paraguay e Terra de Vera Cruz, para que os Justos da Sião tomassem posse do que era seu, herdassem a terra para sempre. As minas do Perú, as riquezas da Sabbá biblica promettidas pelo Propheta á Companhia, inundavam a Hespanha de cobiça, porque não fôra possivel occultar aos aventureiros a realisação da prophecia; o Anjo do Apocalypse, que tenia los pés semejantes a columnas de fuego (5), havia desapparecido de sobre a terra e de sobre o mar, em os ultimos dias de 1556, depois de ter gritado em alta vóz, como hum leão quando ruge; seu rugido tinha sido repetido por cinco échos, e não por sete trovões, como em S. João o Apostolo no capitulo decimo, e estes cinco échos tinham nome Francisco Chavier, Affonso Salmedou, Rodrigues d'Azevedo, Jaques Laynez e Pedro Fevre: antes de extinguir-se o fogo vindo de Deos (6), já eram tantos os échos que podiam repetir a vóz do Mestre Ignacio, que se o tentassem ensurdeciam meio mundo; mas, como dissemos algures, eram sons sem harmonia, porque não era de todos conhecido o segredo da Ordem. Em o anno de 1585 em que vamos, já a indiatica Rimac Malca, aquella cidade que surgira do nada á vóz poderosa do sanguinario Pizarro construida ao clarão do incendio de Pachacamac, la Ciudad de los Reys, ou Lima, tinha soffrido mil vexames de intrigas jesuiticas; no Concilio Provincial de 1567, presidido por D. Fr. Jeronimo de Loaisa, trataram-se muitas coisas alheias á disciplina, discutiram-se absurdos; porem no de 1582, que presidio S. Thoribio de Mongroviejo, n'esse as roupetas soffreram tão aberta opposição do Santo Arcebispo, que lhe votaram entranhavel odio: João Atiensa, Provincial da Companhia, de tal maneira se houve com sacrilegos embustes entre os Franciscos e Carmelitas, que o Concilio como que suspendeo suas sessões; porem como isto, por ser em annos anteriores á nossa historia, não póde ser por nós averiguado, deixamol-o para tratar da guerra de sciencia, que por esta epocha Lima presenciou entre os Jesuitas, Franciscos e Carmelitas, bem semelhante á que presentemente a França e a Suissa presenceiam.

A sorte dos Doutores Francisco Marin, e Antonio Marin, de Soldevilla, de Francisco Zapata, de Guilherme Posteli, a quem não valeo a protecção de Francisco I de França e de Margarida de Navarra para ser preso em Veneza, remettido para Roma, onde morreo na prisão com as pernas quebradas, de Francisco Mancilla, de Antonio Gomes, de Miguel Nobrega, de André Monteiro e de muitos outros, a sorte d'estes Jesuitas illudidos pelo Anjo do Apocalypse, e seus chegados, devia por certo fazer calar a consciencia dos outros, e tornal-os na mão de seus superiores como *uno cuerpo muerto que no tiene querer, ni entender, como uno pequeno Crucifixo, que se dexa baluer de una parte a otra sin difficultad alguna*; porem a mentira he tão amarga na boca do homem não reprobo; renegar a consciencia, coisa tão difficil ao brio; deixar de raciocinar, coisa tão impossivel ao ente dotado d'esta faculdade, que não sei mesmo como era possivel desfazerem esses corvos negros o que a mão de Deos fizera, se huma ou outra vez não sahissem abortados os monstruosos e horrendos projectos de taes homens; era preciso que a natureza imperasse mui-

(1) Isaias, cap. XVIII., verso 1.º

(2) Idem, idem, verso 3.º

(3) Idem, idem, verso 7.º

(4) Idem, cap. LX., verso 5.º

(5) São palavras do Concilio Tarraconense.

(6) O Ignis a Deo illatus, anagramma de Ignacio de Loyola.

tas vezes, para não renegarmos nossas crenças; e assim, se a desgraça de Posteli, de Marin, de Mancilla e Gomes fazia emmudecer milhões, alguns havia que ou abertamente deixavam a Ordem, e isto em perigo para a vida, ou se conservavam n'ella abjurando-lhe os fins, seguindo a estrada da honra, e desempenhando o magisterio segundo a lettra do Evangelho, e o espirito. D'estes taes era Francisco Angelo, Irmão Professo em tres votos, homem douto, a quem João Atiensa confiára huma cadeira de latinidade; seus desvelos para com os discipulos valeram-lhe mil elogios do Reitor do Collegio del Principe, elogios que originaram sua desgraça, e a guerra entre os Franciscos, e Jesuitas: a indifferença ou negação do Irmão Angelo na alliciação do espirito de seus educandos foi motivo para que o Provincial o removesse do encargo, e os Franciscos, ou por interesse proprio, ou por justo resentimento de tal injustiça, começaram a desacreditar o novo Professor João Villegas, e d'este passaram a Affonso Barsena, que ensinava theologia, sem perdoar ao Provincial, e a outros, que por se vingarem espalharam tambem mil verdades, e mil embustes, de sorte que sem a intervenção do Arcebispo, que em suas Pastoraes recommendou aos pais de familia o socego, devoção, saber e virtudes de alguns Carmelitas, que a esse tempo pregavam no Perú, as disputas não teriam derivação, calando-se os Franciscos em sua meia vingança, e os Jesuitas com medo de se comprometterem abertamente com o Prelado. Estavam n'este estado apparente de calma, quando chegaram do Tucuman os dois filiados Lopo Bintano e Ayres Boldega com huma carta do Bispo, ou antes de seu Secretario Sancho de Stalla, para o Provincial João Atiensa; esta carta era pouco mais ou menos como se segue:

« Pax Christi. Assim que esta chegar a vossas mãos, e sem perder tempo em consultas de quaesquer interesses, fareis partir com os portadores d'esta, ou sós, como fôr de mais brevidade, aquelles irmãos que puder dispensar o trabalho de maior monta d'esses collegios e casas professas; de Roma chegou hontem huma ordem para o Bispo d'esta Diocese D. Francisco Victoria, e em cumprimento d'esta ordem elle vos escreve, de sorte que os que vierem, a seu chamado vem, fazei-os certos d'isso. Escolhei para mandardes, que sejam perfeitos, ao menos que tenham as qualidades para isso; se os que vierem, não forem provados, venham menos, se provados, quantos puderem vir; aqui não ha quem cultive a vinha do Senhor, e máos obreiros nada fazem: dai-vos pressa, que toda a diligencia que puzerdes n'isto he pouca. D'esta terra inculta, no dia 1.° de Maio do anno 1584. — Minimus Societatis Jesu. — Sancho de Stalla. »

Esta carta vinha rarear a fileira dos combatentes, mas por outro lado era huma providencia, pois que havia hum motivo justificado de fazer sahir da Provincia os tres Jesuitas Affonso Barsena, Francisco Angelo e João Villegas, para que quando fosse possivel applicar hum remedio violento ao mal que fazia á Associação a teima dos Franciscos, e a bondade dos Carmelitas, não podessem tão facilmente atinar com a causa e origem; depois, mesmo que precisos fossem, outros não podiam ser dispensados, estes foram por tanto os designados para acompanharem os portadores da missiva: aprestos foram poucos, que não tinham bagagens os cinco Jesuitas, e dois dias depois já elles estavam bem longe de la Ciudad de los Reys, da indiatica Rimac Malca, ônde talvez não tornariam seus pés. O sol descahia rapidamente, e parecia meio submerso nas ondas calmas do Oceano; Francisco Angelo encostado á amurada do navio admirava o espectaculo sublime que tinha ante seus olhos; Barsena e Villegas conversavam entre si encostados á bitacola; de repente Angelo voltou-se para ver quem lhe tinha amigavelmente tocado no hombro:

— Conheceis vós o irmão Sancho de Stalla, secretario do Bispo de Tucuman? disseram os dois Jesuitas que conversavam, e que tinham vindo distrahir com sua pergunta quem não pensava por certo em coisas terrenhas.

— Não, meus irmãos; disse Francisco Angelo com voz cheia de amargura, e quasi reprehensão.

— Nem sabeis mesmo em que ordem o temos na Companhia? perguntou Barsena.

A tempo que o Jesuita abria a boca para responder negativamente, huma voz esganiçada cortou-lhe a palavra com estas:

— No devo hacer cuenta si mi superior es el mayor, o midiano, o el menor, mas tenir toda mi devocion a la obediencia, por estar em lugar de Dios nuestro Senor, porque a destinguir esto se pierde la fuerça de la obediencia.

Os dois voltaram-se ás primeiras palavras altivos e arrogantes, mas foram pouco e pouco abaixando a cabeça, e depois que o insolito interruptor acabou, cada hum tomou para seu lado com os braços cruzados sobre o peito, repetindo as mesmas palavras em modo de penitencia; só ficou no lugar de Francisco Angelo quem por elle respondêra aos dois socios, — Ayres Boldega.

(Continúa.)

MACBETH.

ACTO QUARTO.

SCENA I.

MACBETH, *só, julgando ver o corpo de Duncan.*

Sempre alli! sempre elle!—levai-o!—Entremos...
Inda o verei!—Eil-o... sanguento!... pallido!....
Em pé n'aquella porta!... — Como me olha!....
Frias me estende as mãos.... quer agarrar-me!...
Que horror! Que crime! —Onde ir? Onde esconder-me?
Oiço rumor! Eis... Que supplicio! O' ceos!
De meu crime hei de ver sempre os vestigios!
Quanto sangue..... se ao menos eu chorasse!
Sinto a razão p'ra sempre abandonar-me.
A dôr... Roguemos... - Meu Deos... cala, perfido...
Nem ousas!... balbucias?... — Morrer quero!
Duncan!... Ah! como ao Ceo escapar posso!
Temo a vida, temo a morte. — A' mim mesmo
Turbado flagellando, horrorisado
O ver-me he o maior de meus tormentos!
Quantos remorsos....

SCENA II.

MACBETH E FREDEGONDA.

MACBETH.

És tu, desgraçada?
Que he feito de Duncan?

FREDEGONDA.

Que olhar!

MACBETH.

Responde-me...
Não luz o dia! ah! n'esta escura abobada....
P'ra mim talvez mudou-se a natureza.

FREDEGONDA.

Volve á razão. Teme excitar suspeitas
Sobre a morte do rei com taes terrores.

MACBETH.

Não, não! eu quiz poupal-o. A piedade
Moveo-me, e fui vencido. Minha dextra
Foste tu que a tomaste, e no seu peito
Após horrivel golpe lhe a enterraste.
Mas Nolfolk vive: e revelar-me deve....

FREDEGONDA.

Dizer-te agora vim que já não vive.

MACBETH.

Comprehendo tudo. Assás hei visto quanto
Avido ao coração teu era o throno
Com tua morte....

FREDEGONDA.

Fere, extingue, barbaro!
Immola-me ao transporte que te agita!
Não me queixo; porem, se, em ti tornando....

MACBETH.

Pára esse sangue!... apaga horrivel crime!...
Tira este velho d'aqui.... Este leito!...
A dôr! o susto meu! o espanto! o assombro!
Livra-me d'estas mãos ensanguentadas,
Que me gelam de horror!...

SCENA III.

MACBETH, FREDEGONDA, SETON; GUERREIROS E MONTANHEZES.

SETON.

Lavra a desordem,
A dôr, os sustos, em tropel as armas,
Entre o terror e a fuga, corre o povo.
Do crime a enormidade turba os animos.
Huns de horror emmudecem, bradam outros.
De Glamis e Duncan, gemendo as sombras,
Julgam vel-os errar em negras nuvens;
Ao borbulhar do pranto, o braço admiram,
Que os monstros expellindo, os tem vingado.
Reconhece-vos já prestante o povo,
Loclin he quem os guia: eil-o que chega.

SCENA IV.

LOCLIN.

Macbeth, morreo Duncan: eu te apresento
O signal do poder, da lei o livro;
Se o throno te assegura, assás te ensina
Quaes teus deveres sejam. Off'recer-te
A gloria ou teu opprobrio inexoravel
Incessante o verás. — Brada vingança
A sombra de Duncan. — Embalde arrosta
Do Ceo o homem as iras, caiam ellas
Em seu vil assassino: os votos nossos
Do Ceo vingança alcancem. — Quaes os teus?

MACBETH.

Que morra! que pereça!

FREDEGONDA.

Seu supplicio
Em breve o Ceo nos dê.

LOCLIN.

Elle vos ouve;
Serão cumpridos. Irritados manes
Do infeliz Duncan lá da estancia triste
Terriveis se ouvirão! pedem vingança.
(Apresentando-lhe a coroa.)
Hão de tel-a. Tão fausto distinctivo,
Macbeth, acceita, os Deoses pois te acordam
Regio poder, prospere em tua fronte
A c'roa ás bençãos suas!

MACBETH (*a parte*).

Que eu não possa
Por mim fazer tal supplica!

LOCLIN.

Que dizes?
Attende que honra e fé na patria nossa
Enlaça a liberdade: só convem-te
Bellico fausto: hum rei n'estes rochedos
He só guerreiro cabo: n'este livro
Que á ti entrego perdoar aos crimes
Te he vedado: perdão não ha p'ra o perfido,
Que seu paiz trahio, p'ra o homicida.
Vê, que és hoje, e por mim confirma a Escocia,
O defensor das leis, não seu tyranno;
Curva-te ante ella, p'ra que á ti se curvem.
Amamos o valor, mais a justiça.

MACBETH.

De Duncan sobre o throno o cargo excelso
Cumprir como elle posso? Tão sensivel
Se alguem no mundo existe a sua morte,
A quem terrivel a lembrança seja.....
(Julgando ver a sombra de Duncan.)
Não foi Macbeth, não fui eu... — Que me queres?
Quem te ha tornado á habitação dos vivos?
Que vens buscar aqui, espectro horrivel?

LOCLIN.

Porque hum tal terror?

FREDEGONDA.

Turbado o excusa.
A morte de seu rei assás conturba-o.
Tão negro crime o coração lhe rasga.
(Baixo a Macbeth.)
A' hum tal prestigio tremes? he possivel!...
Hum guerreiro...

MACBETH.

Eil-o alli!... eil-o alli!... olha...

FREDEGONDA.

Doma a razão: o medo te allucina.

MACBETH.

Não viste escripto em sangue: morte!... morte!...
Ao traidor homicida!... ao assassino!...

FREDEGONDA.

(Baixo.) *(Alto.)*
Observam-te. Recobra teus sentidos!
Macbeth, caro Macbeth!... Loclin!... ah! deixa-nos:
Tu bem vês como estamos perturbados.
As fraquezas e a dôr chora dos homens.

MACBETH.

Ousasteis vel-o!...

FREDEGONDA.

Vamos.

MACBETH.

Não: já sinto
Renascer-me a razão, a paz volver-me.

LOCLIN.

Jura-nos sobre este terrivel livro,
Que ao bem do Estado só serás sensivel;
Primeiro cidadão que a lei sómente
Garante seu poder, sem ella és nada.
N'este paço que assombra o horror, sanguenta
Jura armar, de Duncan calmando a sombra,
A vingança do Ceo, das leis o gladio,
Contra seu assassino. Ordena aprestem
Já seu supplicio.

MACBETH.

Juro.... sua morte....
(Resoluto.)
Detem-te, espectro horrivel... Ah! detem-te!
Desde quando de andrajos vis cobertos
Irritados espectros sahem dos tumulos?
Do seio vens reinar inda da morte?
Manchar com tua fronte horrenda a c'roa?
Teus olhos scintillantes, teus cabellos
Brancos, e tua fronte ensanguentada....

LOCLIN (*com espanto*).

Ceos!

MACBETH.

Quantos crimes o universo ha visto!
O tumulo encerrava outr'ora as victimas,
Era fiel; rebeldes hoje os mortos,
D'este palacio entram por toda a parte.

FREDEGONDA.

Ide, fiel Loclin: tua presença
Póde augmentar-lhe seus crueis transportes;
Cede a meu rogo.

LOCLIN.

Amigos, retiremo-nos.
Manda a rainha.

SCENA V.

FREDEGONDA.

O' ceos! Macbeth! és tu?
Tanta perturbação conter não podes?
Em teus furores....

MACBETH.

Hei talvez fallado?

FREDEGONDA.

Sim.

MACBETH.

Trahi-me?

FREDEGONDA.

Macbeth, cuidosa tenho
A' todos desviado.

MACBETH.

Ninguem sabe
Que sou hum regicida?

FREDEGONDA.

Ninguem sabe.

MACBETH.

Huma palavra só, hum gesto perfido
Não me escapou?

FREDEGONDA.

Não.

MACBETH (*mostrando-lhe a coroa*).

Eu respiro! ahi tens
O alvo dos votos teus!

FREDEGONDA.

Sim, conservemol-a.

SCENA VI.

MACBETH, FREDEGONDA, MALCOME, SEVAR.

SEVAR.

No brio teu, Senhor, espero: a infancia
Duncan do filho seu me ha confiado.
Eil-o aqui. Esta Carta seus destinos,
Seu nascimento illustre te confirma.
O sceptro de seu pai has de tornar-lhe.
Elle o merece.

MACBETH (*a parte*).

O' ceos!

FREDEGONDA.

Por que mysterio!...

MACBETH.

Do proprio punho he de Duncan.

FREDEGONDA.

Sim, Velho,
Conhece-se a verdade quando ingenua.
Sim, de teu coração Macbeth he digno.
(*Baixo á um guarda que chega.*)
Guarda, junto de nós ambos retenham-se!
Ouves? (*O guarda retira-se.*)
(*A Sevar.*)
Macbeth he de ambição isento.
Cheio de encantos vio talvez a c'roa.
Alegre ao filho de Duncan a torna.

SEVAR.

De Macbeth a virtude não me assombra.
Este agreste orphão coroar não urge:
Commigo o tens. Apenas ensinei-lhe
D'estes desertos candidos costumes.
Foi quanto pude. A ti pertence agora
As paginas da lei, Macbeth, mostrar-lhe.
Seu jus, titulos seus, seu gráu e vida,
A' ti eu tudo entrego, á ti confio.
Conheço o preço d'almas generosas.

MACBETH.

Sim, não te enganas: preencherei teus votos.
Ah! Duncan infeliz já não existe,
Mas vive o filho: resolvido tenho,
Premio bem justo ás paternaes virtudes.

SEVAR.

Sim, c'os annos, Macbeth, hei conhecido
Que recompensa o Ceo o pai nos filhos;
Tão cruel p'ra Duncan, em premio ao filho
Visos de amor alfim o Ceo desprende.
(*A' Fredegonda.*)
Tu socia de hum heroe por elle n'alma
A honra mantem, e o amor que o inflamma. Pende
Só de ti sua dita, ou seus desastres.
Basta; o Ceo deo-te hum filho.
(*Sahe com Malcome.*)

SCENA VII.

FREDEGONDA.

Que faremos?
Apraz-te o sceptro? Quando á ti o deves,
Ah! quando o empunhas, restituil-o intentas?

MACBETH.

Já.

FREDEGONDA.

Insta o tempo, decidir nos cumpre.
Facil he conserval-o.

MACBETH.

Como! explica-te.

FREDEGONDA.

Essa carta seu gráu sómente abona:
Em teu poder a tens, d'elle dispões;
Reinar, Macbeth, podes em paz.

MACBETH.

He certo.

FREDEGONDA.

Ès rei. Destróe tal prova, e a c'roa he tua.
A noite o occulta: quem de ti suspeita?

MACBETH.

Ninguem: convenho.

FREDEGONDA.

Sem pesar, tranquillo,
Verás Malcome demandar seus bosques.
Após tão crua guerra e seus desastres,
Rei que tudo repare a patria deves.

MACBETH.

Bem quizera... Duncan e Glamis, dize-me,
Minha morte não tinham resolvido?

FREDEGONDA.

Nolfolk m'o asseverou; ella era certa.
Sempre então sentes n'alma alguns murmurios?

MACBETM.

Virão turbar-me ainda estas lembranças.

FREDEGONDA.

Sim.

MACBETH.

Eu creio. Não vez a mão tremer-me?
Esta Carta o terror de novo acorda-me.

FREDEGONDA.

Facil podem teus males renovar-se,
Se a subitos remorsos cedes inda!
Dá-me, caro Macbeth, dá-me essa carta.

MACBETH, *depois de hum instante duvidar.*

Não, eu mesmo guardal-a quero. Basta,
De noss'alma a tormenta hum pouco acalme-se.
Deliberar n'outro colloquio cumpre-nos.
(*Sahe Macbeth.*)

SCENA VIII.

FREDEGONDA.

Podes guardal-a: nada temo. Crê-me,
Quão funesta me for, hei de estorvar-lhe.
Resta-me inda hum punhal, he meu o sceptro.
Ao remorso que o punge, hoje, em silencio,
Salvar talvez Sevar Malcome intente.
Elles... — Eia! sobre ambos sem demora
Os golpes meus desfeche. A noite em breve
Este palacio ha de involver em trevas.
Que assassinos, que braço escolher devo?
Reinemos, que os previ! — Hei resolvido.
Que deliberar? Siga o pai na sorte.
Que horror, que tormento ha, que me contenha?
Hum só — o não reinar —. Ama-se a c'roa,
Mas devorado de ambição. Recorda-te,
Macbeth, de Duncan: sempre sou a mesma.
Se entre ti, se entre o throno escolher devo,
Quero o throno. Porem que ha proferido
Esse austero ancião de enfiado vulto?
Que vaticinio murmurou dos labios?
Deve o Ceo, disse elle, em meu filho, justa
Recompensa outorgar-me, ou meu castigo.
Ah! se meu filho... ó Deos! Que arcano he esse?
Que quer dizer: « Basta: o Ceo deo-te hum filho »?
Ignoro: eu tremo, e julgo horrorisada
Varar-me o coração occulto ferro.
Tregoas a vão terror! Ceder a c'roa!
Eia! o golpe, antes que o suspeitem, vibre-se.
Que vale hum crime mais se alcanço a c'roa!
A consummal-o até meu braço he prompto.

Fim do quarto acto.

O que he o amor?

Esta questão parecerá importuna áquelles que nunca amaram, ou que nunca se inquietaram por saber o que « *amar* » quer dizer; porem quem tem amado, quem ama, segundo o que

esta palavra encerra de duvidoso e de claro, de sonhadas grandezas, e de miserias soffridas; quem tem sentido, ainda que por huma hora, palpitar o coração; aquelle que emfim teve a felicidade ou a infelicidade de amar, conforme nos he dado amar n'este mundo, este, sem poder resolvel-a, poderá ao menos comprehendel-a.

O que he amor?

He huma questão que conviria fazer-se a Deos, porque só Deos poderia satisfazel-a.

O que nós entendemos por esta grande palavra — Amor — he quando muito o que poderiamos dizer; mas entre a nossa verdade humana e a verdade pura, que abysmos, sem duvida! Se não me engano, o amor não he nada ou quasi nada do que nós o fazemos, do que podemos fazel-o, nós outros pobres creaturas a quem a morte não tem ainda instruido. Do amor não temos se não o desejo, se não a inveja, se não a necessidade; nunca porem o poder.

Se o amor existisse na terra, se existisse entre nós, a terra e nós seriamos perfeitos: sobre a terra mesmo se acharia o bem sem o mal, o sol sem sombra e sem manchas, a vida sem a morte; porque o amor he a perfeição, e a perfeição não poderia ter limites.

Não sabemos o que he amor, não devemos, nem podemos sabel-o; he impossivel que, o que tem começo e fim, que nasce e morre, saiba o que possa ser o amor, que de sua essencia he eterno. O amor está a cima das nossas cabeças como os astros; não vemos d'elle se não alguma luz, mas não julgamos o que possa ser seu foco: o pouco calor que nos vem do alto e que basta ás vezes para nosso crescimento, anães que somos, ou para nos consumir, não he se não hum sopro tibio do amor divino.

O amor? He a vós, que amais na hora em que vos fallo, ou que amastes hontem, a quem eu pergunto, a vós, quaesquer que sejam vossas forças, qualquer que seja o objecto do vosso amor, quem quer que sejais; conheceis o amor? Será amar? e se he amar não he mais que isso? O que dais he tudo o que se póde pedir-vos? O que vos dão, he tudo o que precisais?

Oh! vós soffreis e repetis a phrase: *Eu amo.*

Oh! no ceo do vosso amor huma nuvem passou, e acreditais amar? Onde existe o amor não ha nuvens, nem dores.

Que! a paixão vos agita, vosso sangue ferve, vossa cabeça se desvaira, e vossa alma se ataranta, e dizeis: — he de amor?

O amor he forte, o amor he poderoso, e o que he poderoso he calmo.

Vós não amais.

Sois cego? logo não amais, porque só nas vossas fabulas he que o amor precisa de huma venda; o amor he a intelligencia, e a intelligencia não he cega.

Mas que digo? Sois ciumento, estais furioso, as suspeitas vos acabrunham, a desconfiança reside em vós, e bradais — he de amor! Não, não he de amor. O amor não clama, o amor se aquieta, seu silencio ouve-se e comprehende-se; he um canto interior que nada o interrompe, e que não acaba, o amor he a certeza, he a fé, e o ciume he a incredulidade e o odio, hum odio que espera, o peior dos odios: vêde bem, que não amais. He preciso ser tão pequeno como he o homem para que nos seja perdoado o trazermos associado o odio ao amor.

Desçamos hum pouco.

Vós vos occultais? O amor he bravo e glorioso, e não he se não n'elle que existe a liberdade.

Fugis, sois culpado, que digo? criminoso; porem onde existe uma culpa não ha verdadeiro amor; o amor não póde ser se não a innocencia.

Desçamos mais:

Vós vos separais, dizeis-vos adeos; vós viveis, e separais-vos?! logo, não amais! O amor he huma possessão absoluta, vós não sois possuido nem possuis, portanto não sois amorosos. Não sois todos se não hum rebanho de amantes de mulheres e de maridos enganados por sua vez. Orestes e Hermiones, heroes de theatro e de romance; tendes paixões de que se póde compor livros, que não servem se não para compor livros, e huma só d'ellas não se póde remontar a Deos. O amor não he huma paixão, o amor vem do alto, e toda a paixão he fructo da terra. Vós não sois se não homens e mulheres, e ousais fallar de amor!

Amor, comprehendei-o bem, não existe entre vós. Ah! não póde elle existir aqui! Para vos amar-vos esperai que cesseis de serdes perjuros, perfidos, egoistas, indignos, fracos emfim; esperai para depois de mortos; esperai em huma outra vida, porque tenho horror em dizel-o, não ha talvez de verdadeiro n'este mundo se não hum amor, o da morte, o qual não he outro em summa, se não o desejo d'huma perfeição desconhecida, a necessidade d'huma vida melhor.

E esperando, sejais humildes. Só a humil-

dade vos póde salvar, o homem não he talvez cousa algma se não sob a condição de apperceber-se do nada que he.

Não eleveis pois tão alto vossos idolos d'argila. Os deoses que fazeis, isto he, vossos amores, não são mais do que pó.

E, tanto que houver forçadamente entre vós, em prova de vossa enfermidade, contractos, juramentos, escripturas, precauções, laços alem d'aquelles de vossa consciencia, e de vossa vontade, em lugar de serdes entes que se amem, não sereis se não loucos, se não doentes, e inimigos constantemente em guarda huns contra os outros.

Ai de nós! O que somos, se nem a força temos para nos amar? *P. J. S.*

A' Ella.

A' toi, toujours à toi! que chanterait ma lyre?
A' toi l'hymne d'amour! à toi l'hymne d'hymen!
Quel autre nom pourrait évéiller mon délire?
Ai-je appris d'autres chants, sais-je un autre chemin?

Ode 12.ª — V. Hugo.

—Que ha mais bello na terra?!—hum seu sorriso
Faz-me esquecer do mundo, que me cerca,
Para pensar só n'Ella: de seu rosto
A imagem minha alma arrebatando,
De santo amor em extasis me enleva.—

Não sinto o corpo meu em febre ardendo,
Não deliro; minha alma não vaguêa,
Em loucos pensamentos embebida;
Não penso n'esse amor, que nos avilta,
Não respiro esse amor,—respiro o santo
Puro amor de poeta—. Ah! quanto eu déra
Para hum dia a seus pés ajoelhar-me,
E chamal-a..... mas ah! baldada esp'rança!
Talvez nem de meu nome se recorde!
E que fiz p'ra tanto merecer-lhe?!

Dizem que o coração não nos engana.....
Muitas vezes, e agora mesmo olhando
P'ra a Lua, eu julgo vel-a, e nos seus labios
Sorriso melancolico diviso.—
Oh! Lua, eu de joelhos te supplico,
Demores o teu curso.—Ah! se Ella agora
Fitasse sobre mim seus meigos olhos,
E prostrado a seus pés assim me visse,—
Só então saberia quanto a adoro,
Pois que até hoje timido não pude
Confessar-lhe o que sinto;—e se Ella em troco
Hum sorriso me désse,—assás me fôra;
D'Ella, e de Deos seria a minha vida
N'este mundo,—e a ambos adorando
Grata me fôra então a Eternidade.

Osas — Itaborahyense.

O sentimento da gloria suppõe a ausencia das paixões communs. Ou elle não existe, ou occupa a alma inteira Não a espereis d'hum povo entre o qual domina o interesse: a gloria he a moeda dos Estados, mas não representa nada onde o ouro tudo representa.

Desde que o merito appareceo, a inveja nasceo, e a perseguição se mostrou; mas no mesmo instante a natureza creou a gloria, e lhe ordenou servisse de contrapeso á desgraça.

Aos Leitores.

Termina, com este numero, o primeiro volume do jornal litterario pictorial Ostensor Brasileiro, aquelle que desde seu nascimento até hoje tantas e tão lugubres prophecias tem illudido, existindo contra a vontade de muitos e grande admiração de todos, porque em verdade o clima he nocivo a esta especie de entes, quer adultos, quer nos primeiros passos da mal segura infancia; 52 numeros, que mil embaraços não deixaram publicar em outras tantas semanas, forçando-nos muitas vezes a promptificação das estampas, e outras a difficuldade de obter o texto para ellas, a publicar hum numero por mez!! Porem, 52 numeros, que compõem o primeiro volume do *Ostensor*, entregamos aos nossos assignantes, e agora he tempo de fallarmos, porque da introducção a cá o não fizemos huma só vez, devorando no silencio as lamentações hypocritas de alguns mal-intencionados, e isto para que não houvesse quem se atrevesse a dizer-nos — Veremos —! Aqui tendes primeiro 52 numeros, que tantas vigilias e fadigas nos custaram; aqui tendes 52 (*) estampas gravadas ou lithographadas a peso de dinheiro, que se fizeram levantar a peso de dinheiro, porque ainda não temos, graças a Deos, artistas maniacos, d'estes que almoçam gloria, jantam renome, e ceiam triumpho, ainda bem que os não temos, sobra-lhes juizo, se bem que apesar de seu affincado interesse lhes falte sempre o dinheiro; porem, como iamos dizendo, aqui tendes primeiro quanto fizemos, e agora ouvi.

Quando em 1841 lemos a introducção do 5.º volume do *Panorama*, pelo Sr. A. F. de Castilho, fez-nos profunda impressão aquella poetica analyse do que seja o jornal popular; suas palavras, huma e huma, gravaram-se em nosso coracão e

(*) As duas estampas dos dois ultimos numeros, ainda que promptas, não puderam sahir n'elles por incompletas as noticias obtidas sobre ellas; dal-as-hemos no 2.º volume.

em nosso espirito, e dia e noite as repetiamos, ora machinalmente, e como por encanto, ora meditando-as.

« A imprensa politica he hoje huma rainha, dizia o illustre escriptor portuguez, a imprensa litteraria huma fada, a imprensa scientifica huma Minerva; mas a imprensa do genero da nossa não he menos do que boa ama e aia de huma grande criança moral, que he o povo; abaixa-se para o tomar nos braços; escolhe, do que sabe, o que elle lhe póde entender; mistura-lhe a doutrina com os brinquedos; resguarda-lhe o que he perigoso; nos passos difficeis dá-lhe a mão; estuda de dia e de noite as suas necessidades para as satisfazer, as suas boas inclinações para as ajudar, os seus vicios para os cohibir; he sempre mãi, he toda e sempre do seu alumno com quem se identificou, e para si não quer melhor paga do que poder dizer hum dia: Eis aqui este povo já varão; eil-o aqui: fomos nós (Deos e eu) quem principalmente o fizemos! »

Estas palavras, como temos dito, fizeram profunda impressão em nosso espirito, e, digamol-o outra vez, ora as repetiamos machinalmente e por encanto, ora as meditavamos profundamente; em meio d'este scismar vinha-nos hum desejo vago e alongado a que nossa imaginação dava fórmas, e o coração movimento, e depois corria, corria largas o pensamento, e a phantasia deixava-nos por fim hum arremedo da realisação de quanto dissera Castilho, e..... não podiamos passar mais longe, que tocava isso ao positivo, esmagando nosso devaneio a idéa de nossas poucas forças; a luta renovava-se muitas vezes, e assim corremos todo o anno de 1841, até que em 1842, esse mesmo jornal popular na introducção do 1.º volume da 2.ª serie veio dar mais força, mais corpo a nosso desejo, com aquellas palavras que seus RR. estamparam, não sei se para nossa vergonha, que me parecem ellas hoje mais huma amarga satyra, do que louvor não merecido: eil-as aqui.

« O Brasil, — esse novo e vigoroso tronco da antiga arvore portugueza, respondeo ao sincero convocar do *Panorama* para a propagação dos conhecimentos e boas idéas. Os nossos irmãos de alem mar acolheram com favor o trabalho de alguns homens, desconhecidos para elles, em proveito de todos que fallam a formosa lingua portugueza. »

Estas palavras alentaram nosso desejo, deram forças a nossa vontade, cegaram-nos, e começaram os preparativos para a publicação de hum jornal popular; estas palavras cegaram-nos, dizemos, porque julgámos que o povo lia, e mentira, illusão!! o povo não lia. Porem, essas palavras do *Panorama* encheram noss'alma de esperança e de força, e começaram os preparativos muitas vezes interrompidos por circunstancias de pouca monta para serem relatadas, mas que na vida do homem tem bastante força para o desviarem de objectos taes como este; gastou-se todo o anno de 1842, e parte do de 43: já o 1.º numero do *Ostensor* existia em mãos do impressor, quando nos chegou aos ouvidos que huma associação de litteratos emprehendêra a publicação de hum jornal, que pouco mais, pouco menos, seguiria o plano do *Penny Magazine*; logo e sem perda de tempo tratámos de verificar tal noticia, procurando huma das pessoas que se nos dizia ter activa parte em tão util empreza, e do Sr. Dr. Maia soubemos ser verdade quanto se nos havia dito, e que foi verificado em o 1.º de Novembro de 1843 com o primeiro numero da *Minerva Brasiliense*; nossos desejos estavam preenchidos, e como ubi est major cessat minimus, o primeiro numero do *Ostensor* voltou a nossas mãos, para que sua apparição não tirasse força alguma a seu irmão que gerado fôra depois, e tambem depois, bem podemos dizer, nascêra; o pobre e humilde que não tinha nomes pomposos, que o fizessem valer, teve de recolher-se e guardar silencio, mas nem por isso deixa de ufanar-se de sua antiguidade.

O primeiro numero da *Minerva Brasiliense* desagradou-nos; não gostamos de fallar dos mortos, porem assim he preciso: o primeiro numero desagradou-nos, por que mostrava clara e distinctamente não preencher a falta em que estavamos de hum jornal popular; seu plano foi mal pensado, ou mal executado, e essas trinta paginas deviam necessariamente aborrecer os leitores para quem foram escriptas, era muito alimento para estomagos fracos, e era muitissimo forte alimento. Esperámos o segundo e terceiro numeros, que sahiram á luz seguindo o mesmo plano em que fôra publicado o primeiro, e para o quarto escrevemos nós o artigo com o titulo — Jornalismo —, que vem inserto a paginas 122, artigo que apesar das mutilações e transformações que soffreo bem claro mostra nossa idéa dominante, artigo que faz o mais horrendo contraste com as paginas antecedentes e subsequentes da *Minerva*, e porque em tanta opposição estavam nossas idéas com o plano adoptado para a redacção d'esse jornal, esse foi o primeiro e fizemos tenção de ser o ultimo artigo que de nossa penna fosse inserido em suas columnas, em o que nada perdia a *Minerva*, que muitos e sabios collaboradores tinha, assim elles trabalhassem. Recomeçámos pois os

parados preparativos, e por hum exagerado nacionalismo e rancor para com o plano seguido pela *Minerva Brasiliense*, cahimos em opposto, se bem que louvavel erro, circunscrevendo de tal fórma o plano do *Ostensor*, que nos vimos no decurso do anno de sua publicação em apertados lances, e mais que muito crescidos trabalhos, o que pretendemos superar estendendo hum pouco mais para o segundo volume o plano de redacção, fazendo-o chegar até a litteratura, sciencias e costumes dos povos da America do Sul, que por sua posição geographica, sendo o clima mui influenciario sobre as idéas, possam, ou por outra qualquer razão ter analogia comnosco, promettando sermos mui parcos a tal respeito. Porem voltando ao assumpto, recomeçados os parados trabalhos, appareceo o primeiro numero do *Ostensor Brasileiro*, sobre o qual e os mais que o seguiram nada poderemos dizer, elles que fallem; tambem não havemos de fallar dos sacrificios e vigilias, porem as despezas não consentem nosso silencio, as despezas monstruosas que fizemos, contando com o pequeno contingente de cada hum dos nossos leitores, porque o povo lia, vós o ouvisteis..... porem o povo não lia, era huma illusão! As despezas succediam-se, e nós outros a quem acode esta mania de escrever, e escrever sobre litteratura, somos pobres de dinheiro, e eis-nos pois no fim da publicação alcançados, mas como vol-o havemos promettido, ahi tendes o 1.º volume do *Ostensor* humedecido com suores de sangue!! Oh! e como não devia ser assim, se o trabalho pesou só sobre dois homens?! He certo que quando mais desesperados nos achavamos, hum ou outro veio dar-nos a mão, e ajudar-nos, e por tanto os nomes dos Srs. Araujo Porto-alegre, J. J. Martins, Dr. J. M. de Macedo, José Mármol, J. A. de Lemos Magalhães, José Albano Cordeiro, Antonio de Castro Lopes; Gz., Dr. Maximiano Marques de Carvalho, Teixeira e Souza, e outros cujos artigos se acham n'este volume, serão lembrados por nós com agradavel reconhecimento; porem o povo, que lia, o povo que não acudio a nosso chamamento, o povo por quem nos sacrificamos, esse não veio, e nos faz hoje, para que seja possivel continuar a empreza começada, reduzir a menos de huma quarta parte o numero das estampas, offerecendo huma cada mez, as quaes serão gravadas ou lithographadas pelo Sr. Martinais, e levantadas a expensas nossas pelo Sr. A. B. P. Camara, na provincia de Minas Geraes, e do Rio de Janeiro, taes como huma vista da Cidade Episcopal de Marianna, o Largo do Arraial do Ouro Branco, a Villa de Queluz, Villa de Vassouras, Arraial das Dores, Igreja nova do Paty do Alferes, Ipyabas, fazenda do Sr. Faro, Ponte do Desengano no Parahyba, Freguezia de Sacra Familia, e outras. A diminuição nas estampas, consequencia do pequeno numero de assignantes, e que será alterada com o augmento logo que a redacção obtenha numero de assignaturas para cobrir as despezas, trará hum beneficio na regularidade e entrega da folha A redacção fará tambem troca de seu jornal com todos aquelles que se publicarem nas provincias, para o que convida os Srs. redactores a travar communicação directa, como já o fazem alguns, consentindo poderem extractar qualquer artigo das paginas de seu jornal, fazendo menção de donde o extrahem, e se tal lhe for consentido pelos redactores dos jornaes recebidos.

Agora que a publicação do 1.º volume do *Ostensor* serve de garantia a nossa palavra, e que o córte que fizemos em o numero das estampas mostra a boa fé, e desejo de proseguir, pois que de outra fórma era impossivel, esperamos, e sinceramente cremos que haverá hum pouco de amor proprio, se não interesse pelas coisas da patria, em acudir ao nosso chamado; algumas tem sido as publicações periodicas de mais ou menos interesse publico, e todas ellas baqueam por falta de quem lêa, ou mais claro, por falta de quem compre, e sua existencia de hum dia he bem desgraçado indicio; nós só pudemos fazer o sacrificio de nosso tempo, e n'elle vai, he verdade, o de nossos interesses materiaes; porem darmos ao impressor e ao lithographo aquellas mealhas que reservamos para buscar o necessario para os usos indispensaveis da vida, isso seria hum verdadeiro furto a nossas familias, e huma rematada loucura: o publico decidirá pois se o *Ostensor Brasileiro* deve continuar, ou não. As subscripções para o 2.º volume continuam a receber-se em casa dos Srs.: Agostinho de Freitas Guimarães, rua do Sabão n. 26; Agra e Comp., rua da Quitanda n. 70; Teixeira e Comp., rua dos Ourives n. 21; Passos, rua do Ouvidor n 152; e Paula Brito, praça da Constituição n. 64. Sahirá á luz sob as novas condições que levamos declaradas; se acaso o numero de assignaturas for tal que seja possivel dar a redacção duas estampas por mez, ou mesmo tres, assim será feito.

Resta-nos pois agradecer aos senhores, que nos coadjuvaram, e pedir-lhes que continuem.

(Da Redacção.)

00512